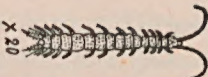
DICIONÁRIO
DOS
ANIMAIS DO BRASIL

RODOLPHO VON IHERING

SÃO PAULO
1 9 4 0

ERRATA

Na pg. 31, leia-se: *Platyhelmintos*

Na pg. 52, leia-se:

Synphylos . . . . x 20

Paurópodes x20

Na pg. 54, leia-se:

Isópodes
Baratinha da praia . . . .

Amphípodes
Saltão . . . .

——o——

RODOLPHO VON IHERING

Um grande golpe para a Directoria de Publicidade Agricola — o subito desapparecimento de Rodolpho von Ihering!

Scientista, escriptor, discipulo fiel da Natureza, elle foi, em vida, digno herdeiro de um nome illustre.

Em 1927, encontrando-o em vacancia, fóra do serviço publico, a Directoria de Publicidade Agricola teve a ventura de promover e conseguir a sua volta. E assim poude elle reencetar, no posto de Redactor Technico, a sua util e brilhante actividade de scientista e divulgador emerito. Dentre os seus primeiros trabalhos muito se destacaram os que versavam sobre piscicultura, materia que era então quasi uma novidade para o nosso meio. Poderiamos mesmo dizer, sem nenhum exagero, que Rodolpho von Ihering foi, em São Paulo, o verdadeiro precursor da moderna piscicultura — a que nos ensina os meios praticos e racionaes de obter a multiplicação artificial e scientifica na criação dos peixes. Nomeado, annos depois, para o Instituto Biologico e, em seguida, para outros importantes cargos e commissões, von Ihering, até o dia do seu passamento, fazia ainda parte do quadro dos collaboradores technicos da Directoria de Publicidade Agricola.

O illustre extincto alliava á sua solida cultura, adquirida em famosas Universidades européas, — um talento didactico *sui generis*, a que um estylo, agil e elegante, emprestava singular realce. Tinha personalidade e efficiencia.

Não será jamais esquecido, porque serviu e amou o Brasil, exemplarmente, como scientista e como patriota.

Editando e lançando agora o seu apreciado "Diccionario dos Animaes do Brasil", que durante longos annos abrilhantou o nosso Boletim de Agricultura, a Directoria de Publicidade Agricola se sente devéras commovida ao contemplar a sua ausencia neste dia que para elle e para todos nós seria um dia de festa e alegria!

Mas não importa. Rodolpho von Ihering era um desses espiritos que sobrevivem. As sementes que lançou, a mãos cheias, vão dar fructos e estes vão reverdecer indefinidamente, pelos annos afóra.

Si assim é, na realidade, porque consideral-o ausente e inanimado, si aqui mesmo, dentro destas paginas, elle ainda falla e ensina como outrora, si ainda vibra e vive com a mesma alma e com o mesmo fulgor?

MARIO DE SAMPAIO FERRAZ
Pela Directoria de Publicidade Agricola

São Paulo, Vespera do Natal, 1940.

—o—

INTRODUÇÃO

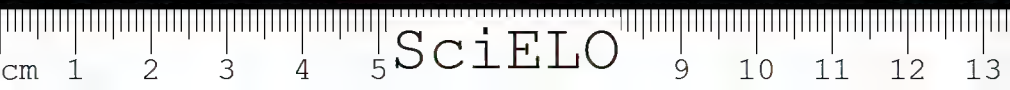
o

É uso bastante generalizado ser o autor de um livro o primeiro a desfazer-lhe os méritos — e deve haver pelo menos alguns que o façam por verdadeira modéstia. Nós, faremos justamente o contrário.

Demonstrada a necessidade da elaboração de um Vocabulário zoológico, mais facilmente encontraremos excusa para nosso arrôjo, dando à publicidade o que está longe de ser o que o título adotado deveria abranger. Já em 1914 havíamos permitido a impressão de uma edição preliminar, do que considerávamos apenas o esqueleto da obra planejada. Com tôdas as suas deficiências foi aquele esboço, ainda assim, bem recebido pelos interessados, tais como médicos, higienistas, professores e agricultores, aos quais convinha semelhante arranjo prático para consultas; também aos caçadores e amigos da natureza em geral, parece que agradou a explicação zoológica ou teórica do que já sabiam pela observação da nossa fauna ou do que procuravam conhecer mais detalhadamente a respeito da nossa "bicharada". Certos, pois, de que faríamos trabalho útil a uns, agradável a outros, tencionávamos prosseguir na elaboração final do manuscrito, quando a grande guerra, em uma das suas mais curiosas consequências, sob forma de guerrilha de intrigas e mentiras, nos obrigou a dar por finda nossa dedicação ao Museu Paulista.

Daí por diante só nas horas de lazer e a título de recreação intelectual pudemos, lentamente, avolumar e retocar o Dicionário. No entanto vai uma diferença sensível entre a edição preliminar e a que hoje apresentamos. Duplicámos o número de vocábulos coligidos e extendemos o texto, de forma a conter cada definição pelo menos o essencial, referente à biologia de cada espécie mais conhecida ou mais interessante.

Esta última afirmação requer desde logo uma explicação, que corresponderia ao enunciado da norma adotada para a elaboração do livro. A essas normas nos referire-

mos mais adiante, porque, antes de tudo mais, queremos desobrigar-nos de um dever de gratidão, o qual ao mesmo tempo nos proporciona o vivo prazer de saudar os muitos amigos que coadjuvaram, de vários modos, na elaboração do presente trabalho. Revendo o manuscrito, apontando lacunas e falhas, fornecendo-nos dados valiosos e franqueando-nos suas bibliotecas, auxiliaram-nos eficazmente os Snrs. dr. Arthur Neiva, Prof. Lauro Travassos, drs. Cesar Pinto, Jesuino Maciel, Prof. Franco da Rocha †, J. Carlos Macedo Soares, Alarico Silveira, Amadeu Amaral †, Benedicto Calixto † (S. Vicente), Francisco Dias da Rocha (Ceará), Diogenes Caldas (Baía), Wilson da Costa † (Maranhão), Cleómenes Campos, Aroaldo Azevedo.

Aos professores E. Marcus e P. Sawaya, da Faculdade de Ciências da Universidade de S. Paulo, somos gratos pela prestimosa cooperação.

Ao eminente embaixador Macedo Soares devemos renovar os agradecimentos pela generosa oferta dos desenhos, os quais, tendo ilustrado nosso "Atlas da Fauna do Brasil" (1916), agora figuram novamente no presente trabalho.

Ao prezado colega dr. Arthur Neiva, especialmente, devemos não só valioso auxílio material, como ainda paciente colaboração, que muito aumentou nossos conhecimentos a respeito da fauna e da nomenclatura baiana e do Nordeste. Nos "Boletins de Agricultura" de 1931 a 38, editados pela Diretoria de Publicidade Agrícola da Secretaria da Agricultura, o respectivo chefe, Dr. Mario de Sampaio Ferraz, nos deu acolhida, imprimindo parceladamente nosso trabalho e agora é ao mesmo amigo que devemos a reunião dêsses 8 fascículos em um só volume. Ao Dr. Paiva Castro, a princípio como funcionário da mesma Diretoria e ultimamente como diretor Geral e Secretário de Estado, interino, êste livro deve também bons serviços e assim a ambos, bem como a vários outros funcionários da mesma Secretaria exprimimos nossos melhores agradecimentos. E, mais do que tudo isto, nos foi precioso o constante interêsse com que todos êsses amigos acompanharam nosso trabalho, encorajando-nos a ponto de nos fazer crêr na utilidade do mesmo, quer como serviço aproveitável para quem se ocupa de brasileirismos, quer como elemento de propaganda entre os nossos patrícios, em prol da difusão do amor aos estudos biológicos.

Ao nosso assistente Alcides Lourenço Gomes, devemos não só a revisão do manuscrito com relação à orto-

grafia oficial, como a leitura das provas e a organização dos índices.

À dedicada colaboradora, Srta. Dora Azevedo von Ihering, que durante longos anos nos prestou seu auxílio, nossos agradecimentos pela trabalhosa assistência.

* * *

Ficámos por longo tempo indecisos quanto à feição que deveríamos dar ao texto explicativo dêste Vocabulário, cuja utilidade, no entanto, se nos afigurava evidente, dada a escassez de melhores fontes literárias para o estudo da nossa zoologia por parte do leigo interessado.

Não nos propúnhamos fazer trabalho zoológico que encerrasse todos os dados até hoje colhidos pelos cientistas, com relação a cada espécie descrita da nossa fauna. Nem queríamos ir ao outro extremo, que seria a transformação do livro em um simples manancial de informações curiosas, ainda assim interessantes para o amigo das coisas de biologia. Pareceu-nos mais útil escolhermos um meio têrmo, com o qual não deixaríamos de abranger as informações científicas essenciais, referentes à classificação e que, ao mesmo tempo, proporcionaria ao leitor, apenas curioso, um quadro bastante claro, para lhe permitir a identificação da espécie, já sua conhecida pela denominação vulgar.

Esta última, em todo caso, sempre deverá servir de ponto de partida para a consulta, pois que não é possível levar o leigo à identificação da espécie, nem pelo caminho das extensas monografias, nem obrigá-lo à consulta de tabelas ou chaves analíticas, áridas e sempre de uso difícil. Mas é justamente êsse o ponto mais fraco da nossa orientação seguida: o valor taxonômico da denominação vulgar das nossas espécies zoológicas.

Quem nunca saiu das cidades, quasi não conhece aquele vocabulário e assim, em se tratando de nomes menos correntes, dificilmente acertará com a espécie, a respeito da qual procura elucidação. O homem da roça em geral familiarizou-se com os nomes das plantas e dos animais que o cercam e nos casos não muito especializados, quasi sempre sabe aplicá-los bem; mas, em última análise, é êste sempre um vocabulário regional, isto é, certo quando aplicado à sua região, mas deficiente ou mesmo errado quando usado em outros Estados do nosso vastíssimo país. Expliquemo-lo à mão de alguns exemplos.

Tanto no Rio Grande do Sul como em São Paulo usa-se o mesmo vocábulo para designar certo passarinho; porém o zoólogo verifica que se trata, de fato, de duas espécies distintas do mesmo gênero e que diferem apenas por ligeiras nuances de colorido. Para o povo, efetivamente, trata-se da mesma ave e, portanto, é justo que também o nome seja o mesmo; mas o nome científico difere na designação específica. Claro está que neste vocabulário não é possível salientar sempre tais diferenças de somenos importância, pois assim nem mesmo uma série de volumes abrangeria a matéria tôda.

Mas, na Baía, outra espécie do mesmo gênero, também muito semelhante, e que portanto poderia ter o mesmo nome vulgar, é conhecida por nome muito diverso. Não vai nisto grande inconveniente, pois uma nota explicativa nos dois vocábulos põe o consulente ao par dessa diversidade de nomenclatura vulgar.

Acontece, porém, que na Amazônia o mesmo nome usado no Sul, é aplicado a um passarinho muito diverso e que não compartilha com aquele nem mesmo afinidades genéricas. Tais casos, aliás, são frequentes, e o peor é que para êles não há solução, porque o nome dado pelo povo não muda; no entanto, são êles a causa de muitos enganos e a origem de controvérsias pseudo-científicas, como já as registrámos repetidas vezes em nossa literatura zoológica e botânica.

Acresce, ainda, que certas espécies têm um elevado número de nomes locais, tornando-se difícil reconhecer qual dêles deve ser preferido como o mais generalizado; ou então, a pronúncia local deturpa de tal modo a forma original, que a muito custo se consegue estabelecer a identidade e, si a etimologia não fôr clara, também nestes casos é difícil optar por esta ou aquela pronúncia (Jaritataca - Maritataca), (Marandová - Mandorová).

Valor descritivo do nome vulgar

Qual é o valor descritivo do nome vulgar, ou por outra, até que ponto coincide esta determinação vulgar com a sistemática científica?

Pondo de parte o erro a que se está sujeito, ao consultar um caipira ou tabaréu, ora bom observador e inclinado à caça, ora bronco e indiferente a tudo, pode-se dizer que o verdadeiro matuto, digno descendente do índio, conhece bem a fauna e a flora de sua região, no que diz respeito

às espécies que o interessam mais de perto. Assim, a boa caça, de pêlo ou de plumas, êle a distingue, espécie, por espécie, perfeitamente; mas os ratos do mato ou os morcegos, dos quais há uma grande variedade, êle reune todos sob uma denominação genérica, por uma razão muito simples: trata-se de "bicho atôa". Os passarinhos, da mesma forma, só têm cada um o seu nome, quando são tipos característicos ou bons cantores, que mereçam ser engaiolados; os numerosos *Formicariideos* do mato, tão úteis como catadores de insetos, são englobados, às dezenas, como "Pichororés", simplesmente. As serpentes perigosas e as cobras maiores têm cada uma seu nome; mas sob "Cobra cipó" ficam reunidas tôdas as cobras tímidas, inofensivas, mais ou menos esverdeadas, entre as quais no entanto, o zoólogo reconheceu pelo menos uma dúzia de espécies. Os quelônios comestíveis são bem diferenciados na nomenclatura usada na Amazônia, onde êstes répteis fazem parte da boa caça. Entre os batráquios só a descomunal "Untanha" logrou nome especial; os demais, uma centena de espécies, mereceram apenas os coletivos "sapo" e "rã" (ou "cururú", "gia" e "perereca", que são puros sinônimos, de origem tupí). A nomenclatura ictiológica é assaz curiosa. Como o zoólogo, o pescador vê-se aturdido com a grande, imensa variedade de pescado e é aquí mais do que em qualquer outro grupo da nossa fauna, que observámos a diversidade de nomes empregados com relação à fauna fluvial na *Amazónia* (inclusive boa parte de Goiaz e Mato Grosso), no chamado *Nordeste* (Maranhão até a Baía) e no *Sul* ou Brasil meridional. Com menos rigor, a nomenclatura dos peixes do mar difere apenas entre o Norte e o Sul. Por outro lado não deixa de ser curioso que sob os três nomes: "Bagre", "Mandí" e "Jundiá", aliás confluentes na acepção, sem limites certos entre si, o pescador reuna seguramente mais de 50 espécies. Da mesma forma "Cará" (ou "Acará") é uma verdadeira "gaveta de sapateiro", pois o mesmo vocábulo, unido a qualquer outro qualificativo, quasi sempre referente à côr, ao tamanho ou ao feitio, designa um sem número de peixes do mar ou da água doce, pertencentes às mais variadas e heterogêneas famílias; assim, cada vez mais generalizado, tornou-se quasi sinônimo de *pirá* (peixe).

Tudo isto revela que o pescador é muito menos observador que o caçador, o que aliás coincide com os seus ardís no trabalho. O prolóquio: "Tudo que cai na rêde é peixe", define a pescaria; ao contrário, o verdadeiro ca-

çador mata o cão que se desvia do rasto, que lhe foi indicado, para ir levantar caça diferente.

Passando aos Evertebrados, os quais, numericamente, contribuem talvez com o décuplo para a lista das espécies da nossa fauna, verificámos, a ponto de parecer incrível, uma pobreza extrema do vocabulário usado pelo povo. Borboleta, besouro, gafanhoto, são denominações equivalentes aos nomes de ordens zoológicas e apenas uma ou outra espécie, pela sua nocividade ou extravagância, logrou fama tal, que o povo se viu na contingência de lhe aplicar nome especial. Abrem exceções apenas as formigas, abelhas e poucas outras ordens, cuja diferenciação específica se impoz. Com relação às abelhas, cumpre salientar a meticulosa classificação a que procederam os selvagens, de modo que pudemos enumerar cêrca de 70 vocábulos referentes aos *Meliponídeos;* isto devido ao fato de serem os nossos selvícolas, tanto o aborígene como o caboclo, seu descendente, grandes apaixonados pelo mel, aliás tão fácil de extorquir às nossas abelhas inermes.

Origem dos vocábulos

Como se verifica facilmente, pela simples inspeção da lista dos nossos vocábulos zoológicos, parte dêstes é de origem tupí. Nem podia deixar de ser assim. O português, entrando em contato com a nossa fauna, serviu-se do indígena para indagar da nocividade, da utilidade e dos hábitos em geral dos animais que aquí ia encontrando, quasi todos de aspeto extranho; e o índio, juntamente com a biologia, ensinava-lhe os nomes pelos quais diferenciava as espécies.

Um ou outro animal, pela sua tal qual semelhança com a espécie congênere européia, recebeu nome igual ao do seu representante transatlântico. Mas nestes casos, muitas vezes, a zoologia do povo armou ciladas ao cientista, dificultando-lhe a tarefa com homônimos, hoje aliás tão arraigados, que será inútil qualquer esfôrço para retificar, no vocabulário brasileiro, o êrro zoológico (Corvo = Urubú; Raposa = Gambá; Tigre = Onça, etc.).

Outra parte do nosso vocabulário é de origem cabocla, e não raro o mestiço utilizou-se, conjuntamente, dos dois idiomas de seus antepassados, para formar a denominação adequada (Iruçú-mineiro; Guanumbí da mata virgem; Anú branco, etc.).

Em muito menor número são os vocábulos de origem africana (Camondongo, Marimbondo, etc.).

E' frequente terem cabido dois nomes à mesma espécie, um de origem portuguesa, outro tupí, mas muitas vezes um dêles caiu em desuso. Assim ninguém mais conhece o "dourado" pelo seu nome indígena, "pirajú", que aliás se vê mencionado em escritos antigos.

Na Amazônia só os letrados empregam o termo português "vespa"; lá o povo conhece êsse inseto pelo nome indígena "caba", enquanto que no Sul êste radical sobreviveu somente nas palavras compostas: "cassununga" (caba cininga) ou "beijú-caba".

O estudo mais detido desta questão mostra que tais preferências evidenciam a diferenciação de zonas geográficas e neste sentido podemos reconhecer três grandes regiões: *a Amazônia, o Nordeste*, às vezes com extensão, ao sul, até o Est. do Espírito Santo incluindo às vezes também parte do litoral fluminense e o *Brasil meridional* a partir do Est. de São Paulo e incluindo Minas Gerais. Desde já devemos assinalar que a Baía poderia quasi figurar como uma subregião distinta, que ora apresenta peculiaridades, ora se liga ao Nordeste, ora ao Sul. Bem típica é neste sentido a nomenclatura do grande marsupial que o português apelidou erroneamente "raposa" e que é conhecido por: "mucura" (na Amazônia), "timbú" e "cassaco" (no Nordeste) "sariguê" (na Baía) e "gambá" (no Sul). Mas o baiano conhece por "curimã" (como o nordestino) o peixe que no Sul é "tainha" e também são "tainhas" na Baía, como no Nordeste, os mesmos *Mugil* não listrados, para os quais o Sul manteve o nome indígena "paratí". Confirmam ainda essa ligação da Baía ao Nordeste os nomes "camorim" (robalo do Sul), "cururú" (sapo no Sul) "carriça" (corruíra) e outros.

O estudo dos sinônimos de "zorrilho", "piolho de cobra", "camondongo" e os complicados grupos "jabirú" e "chopim" talvez esclareça ainda melhor essa distinção de regiões e as afinidades das subregiões, assunto êste que ultrapassa de longe as finalidades desta breve introdução (*).

Não nos animámos a incluir também, em nossa tarefa, a explicação etimológica de todos os vocábulos; é trabalho a parte, que antes compete ao filólogo. Contudo advertimos a quem o fizer, que é perigoso explicar o nome, sem conhecer bem as peculiaridades da respectiva espécie, pois, guiado apenas pelo som da sílaba, o etimólogo, ao decompôr a palavra, facilmente interpretará o sentido

(*) R. v. Ihering, Ensaio geográfico, etc., "Rev. Bras. de Geogr." Ano I - N. 3.

como referente a qualificativos contrários à ecologia, ao aspeto ou à côr da espécie em questão, quando o índio timbrava em salientar, na denominação, os traços característicos do animal designado. Neste sentido lembraremos que Barbosa Rodrigues, em sua análise dos nomes indígenas das plantas, recrimina ao seu "finado amigo Baptista Caetano" (Vocabulário guaraní, An. Bibl. Nac. Vol. VII, 1880), ter o mesmo interpretado o nome da "herva tostão", *tangarácaá* como "herva de pêlos ásperos", quando êsse vegetal absolutamente não tem pêlos... (a boa etimologia seria: herva fresca para o fígado). E nós, abrindo a mesma obra de Baptista Caetano, duas páginas adiante (pag. 480) secundámos a queixa, do ponto de vista zoológico, quando o nome da "formiga correição": "taóca", é explicado como: "to-og — a que tira folhas?" quando essa formiga absolutamente não corta folhas, por ser exclusivamente carnívora, o que sem dúvida era do conhecimento dos índios. Martius assinalou o rumo a seguir nestas investigações e seu digno sucessor, dr. Theodoro Sampaio, estabeleceu de vez o paradigma com seu precioso livro, "O Tupy na Geographia Nacional".

Como diz o próprio nome dado ao livro, preocupava o falecido mestre em especial a elucidação dos nomes geográficos; ainda assim, porém, ou por isto mesmo são abundantes os nomes referentes à nossa fauna. E êstes, como acabámos de dizer, requerem a colaboração do zoólogo.

Repassando neste sentido a obra de Th. Sampaio, tivemos a corrigir numerosos erros e sugerir que fosse procurada outra etimologia para tais palavras em que a interpretação dada não concorda com o significado(*). Como então o assinalámos, pudemos verificar que Rodolpho Garcia em "Nomes de Aves em língua Tupí" fôra mais criterioso na análise de etimologias dúbias, pois que em seu trabalho não encontrámos contradições como as que acima assinalámos.

Grafia dos nomes vulgares

E' tão variável a pronúncia de boa parte dos vocábulos aquí registrados, que muitas vezes nos vimos embaraçados na escolha da grafia sob a qual deveríamos dar a descrição da respectiva espécie.

Guiámo-nos, o quanto possível, pela etimologia do vocábulo e assim, entre "Arapuá" (Brasil sept.) e "Ira-

(*) R. v. Ihering — Bol. Mus. Nac., vol. XI, Nos. 3 e 4.

puã" (Brasil merid.) demos preferência à última forma, que é exatamente a reprodução da pronúncia guaraní: *Ira* (abelha ou ninho de abelha) *puan* (redondo, esférico); trata-se, de fato, da mais comum das poucas espécies de abelhas sociais que constroem ninhos não abrigados em cavidades, porém livres, em forma de grande bola. Entre "Aribú" e "Urubú", do mesmo modo, devíamos preferir a forma mais etimológica (*urú* — ave e *bú* — preta).

Às vezes, porém, é mais correntía uma pronúncia visivelmente deturpada, ouvindo-se muito mais raramente a pronúncia original. Assim, prevalece "Grachaim" em vez de "Guarachaim (isto é *Guará* — Canídeo, *chaim* — crespo); ou ainda se diz unicamente *Tatorana*, quando a etimologia não pode ser outra sinão: *tata* — fogo, *rana* — parecido, imitante (isto é, certas lagartas de mariposas que provocam ardor semelhante à queimadura de fogo). Montoya escreve, porém, *tataúra*, o que se intepreta como *tata-ura*, isto é "verme de fogo", si não fôr *tataurã(na)*. Frequentes são também as transposições de sílabas.

O maior inconveniente, porém, para quem busca a explicação de um determinado vocábulo, são as múltiplas variantes de pronúncia dadas à primeira sílaba. Em vez de "Inambú ouve-se também "Nhambú" e "Nambú". "Araçaripoca" diz-se também "Saripoca". "Içabitú" pronúncia-se ainda "Sabitú" ou mais geralmente diz-se apenas "Bitú" ou "Vitú".

Assinalamos a seguir mais uns tantos exemplos, afim de orientar os menos experientes nesta ginástica de prosódia. Diz-se Nimbúia ou Gimbúia; Miruim ou Maruim; Irussú ou Guirussú; Emboá ou Amboá; Enchú ou Inchú; Jurupoca ou Gerupoca; Jacundá ou Nhancundá; Guirapurú ou Uirapurú; Guirapassú, Uirapassú ou Arapassú; Guandira ou Andira; Mamamgaba ou Mangangá; Meruanha, Muruanha e Murinhanha; Moriçoca, Moroçoca, Mariçoca e Muriçoca, etc., etc.

Procurámos registrar também tôdas estas variantes, mais para facilitar a consulta, do que pelo interêsse linguístico que possa ter a coletânea de tôdas as deturpações, a que o povo costuma sujeitar os vocábulos menos correntios.

E' sempre difícil dizer quais dessas modalidades constituem efetivamente formas dialetais e só sob êste aspeto

elas merecem reparo — mas o que dizer de "Corrupião", nome de um bicho terrível, que desconhecíamos e que só lentamente, pela descrição, se transformou em Escorpião! Da mesma forma o nome do peixe "Armação" nada mais é do que uma deturpação da conhecida denominação indígena "*Aramaçá*".

E' portanto impossível organizar o vocabulário desta parte de nossa linguagem, de forma a permitir em todos os casos a consulta rápida e segura.

Si o leitor não encontrar desde logo o vocábulo sob a grafia correspondente, torna-se necessária a aplicação de tôda a sorte de substituições de letras ou sílabas, ou o acrescimo ou truncamento destas ou daquelas.

Mesmo a grafia de certas palavras, das mais usuais, como Coatí ou (Quatí), Cutia (ou Cotia) ainda é flutuante, assim como o emprêgo do *ss* ou *ç* (como em "guassú", "Sanhaço", "Jaçanã") ou outros vocábulos semelhantes, de origem indígena. Tivemos de optar por uma das modalidades, porém não compete a nós resolver tais questões.

Palavras que podem ser grafadas tanto com *X* como *Ch* inicial (Chechéu, Xerelete, etc.) devem ser procurados sob as duas rúbricas.

Com relação à ortografia simplificada, que aquí pretendemos seguir estritamente de acôrdo com as regras oficiais, devemos chamar atenção para um caso não bem esclarecido nas "Bases do acôrdo ortográfico".

Referimo-nos à grafia dos nomes aportuguesados da nomenclatura sistemática.

Conservámos a grafia original, latina ou latinizada das palavras que designam famílias, ordens ou outras categorias superiores ao gênero, ainda que tenhamos dado desinência portuguesa às mesmas. A tanto nos autoriza a "Nota" ao art. XV do Formulário, que manda conservar a grafia original dos nomes que não se prestam à adaptação portuguesa.

Os nomes de famílias zoológicas ou botânicas não devem ter sua ortografia alterada, pois ao contrário muitos dêles se tornariam homógrafos de outros, que só diferem daqueles pela grafia mais simples. Assim continuamos a obedecer às regras da nomenclatura zoológica neste e em outros escritos em que se torna necessária a clareza da sistemática, aportuguesando, porém, tôda a grafia em escritos de pura vulgarização.

Pobreza do nosso vocabulário zoológico

O presente vocabulário da nossa fauna inclue cêrca de 2.000 têrmos (contra 1090 da nossa primeira edição provisória). E' pouco, pouquíssimos, si tomarmos em consideração os limites da área imensa abrangida e a riqueza proverbial da nossa fauna. Bastará dizer que unicamente o número de espécies de aves atinge, no Brasil, um total superior a 1.567, afora 213 subespécies. Êstes algarismos constam do Catálogo das Aves do Brasil, publicado em 1917 por H. e R. von Ihering. No entanto, neste grupo, por todos os motivos tão digno da atenção dos caçadores e do povo em geral, só registrámos 568 nomes vulgares. Confrontem-se tais algarismos com os do Catálogo das Aves de Portugal, publicado por A. F. Seabra em 1911. Para as 312 espécies da avifauna portuguesa, pôde aquele naturalista registrar 648 nomes vulgares — incluidas muitas variantes apenas locais, mas bem poucas aves figuram alí desacompanhadas de apelido, dado pelo povo. Da mesma forma as 400 espécies de aves da Alemanha tôdas elas são conhecidas do povo, que as crismou.

É muito cêdo, ainda, para aventurar qualquer zoólogo a dizer, em números aproximados, o total das espécies da nossa fauna. No entanto, é natural que tenhamos todos nós certa curiosidade... comparável quasi ao "Quantos somos?" do Recenseamento Nacional.

Tentamos, pela seguinte forma, um cálculo: A fauna mundial foi orçada em 840.000 espécies (sendo calculado em 675.000 o número total de insetos descritos). Várias vezes temos tirado a prova, em pequenos conjuntos de famílias ou ordens restritas, de que a fauna brasileira corresponde a mais ou menos 1/10 ou 1/11 da fauna mundial. Obteríamos assim uma cifra aproximada para nosso cálculo: 63.600, fazendo abstração de 1/6, correspondentes certamente a microorganismos, que aquí não vem ao caso incluir. E, dando ainda de barato que metade dessas 60.000 espécies correspondam a subtilezas zoológicas, quasi subespécies, que o povo nem sempre distingue, mesmo assim restam 30.000 espécies a confrontar com os 2.000 vocábulos que aquí coligimos. Por mais intenso que seja o trabalho subsequente a esta edição, duvidamos muito que êsse total possa ser elevado a 3.000 (excluidas, naturalmente as simples variações de pronúncia); muito lentamente, nos últimos tempos da elaboração dêste trabalho, um a um apenas, temos inscrito os omissos e por êsse estalão imagina-

mos que o máximo atingível será de 2.500 nomes vulgares para tôda a nossa fauna — portanto 8% de nomes vulgares (de fato, aliás, apenas 4 %, si aplicássemos todo o rigor zoológico). Quer isto dizer que uma apenas, entre cada 12 espécies que examinássemos, seria portadora de um nome que lhe fôra dado pelo povo, o qual com isto lhe testemunhara sua atenção.

Muito mais fácil se torna obter a proporção correspondente com relação à fauna da Alemanha. Baseámo-nos, para tal fim, num pequeno Manual (Fauna von Deutschland, 1920, organizada pelo Prof. Brohmer) de 446 páginas, onde os amadores encontram todo o material analizado sob forma de "chaves de classificação", e com tais minúcias, que tanto os vertebrados como os insetos ou vermes ou protozoários livres do país podem ser classificados com auxílio dêsse precioso compêndio. Pois nas 25 páginas do índice dêsse livro, verifica-se que aos 5.000 nomes científicos correspondem 1.500 nomes vulgares, ou seja, na proporção de 30 %.

* * *

Sobrepuzemos o critério da boa escolha à ância de aumentar rapidamente e a todo transe, o número de vocábulos. Não foi nunca nosso escopo apresentar listas completas de regionalismos, mormente quando, neste caso particular da zoologia popular, facilmente se está sujeito a registrar expressões individuais (de pescadores e caçadores) e portanto sem interêsse geral.

As fontes literárias encarámos igualmente com muito cepticismo. Às vezes reconhecíamos que o colecionador de nomes havia registrado palavras puramente indígenas, não usadas pelo povo; outras vezes foi em Marcgrave ou Gabriel Soares que o literato buscou o têrmo, sem averiguar si hoje em dia êsse vocábulo ainda "vive". Citemos aquí também o caso especial do "Album das Aves Amazônicas", do dr. A. E. Goeldi, no qual, além dos nomes vulgares, correntios, o autor, incidentemente, também registrou, às vezes, a denominação correspondente dos dialetos de algumas tribus indígenas. Pois, apezar de ter o autor sempre assinalado tal restrição, alguns compiladores de brasileirismos ainda assim incluiram essas vozes bárbaras em suas listas.

Sistematicamente deixámos de registrar a classificação sugerida por alguns escritores, quando víamos claramente, através do nome científico exótico ou arcaico, que

a fonte não fôra pura ou das melhores. Outras vezes a localidade indicada não combina com a distribuição geográfica conhecida da espécie mencionada. Ou então o vocábulo, em sua formação, não condiz com a espécie sugerida. Assim, "Pato-pataca" fôra registrado como sinônimo de "Alma de gato", também conhecido por "Meia-pataca" — naturalmente puzemos "Pato" em quarentena. Da mesma forma, "Paquinha", designando "coleóptero", quando conhecemos o termo aplicado a certos ortópteros. Perigosas são as revistas agrícolas e pseudo-científicas, em que colaboram estrangeiros; êstes, inocentemente, traduzem mais ou menos fielmente os nomes vulgares da sua língua e assim no-los impingem, sem documentar tais neologismos. Dos autores, em cujos escritos pudemos verificar vários erros de classificação, dificilmente aceitámos vocábulos desconhecidos. Preferimos certa pobreza à promiscuidade, onde os entendidos possam lobrigar erros de zoologia (e êstes, apezar de toda a cautela, nos terão escapado ainda assim!). Em geral não registrámos, propositalmente, nomes para os quais obtivemos apenas as seguintes informações: "X — nome de um passarinho". — "Y — nome de um peixe"; as exceções que abrimos, baseiam-se em pequenas indicações contidas na etimologia ou no contexto, e que nos pareceram oferecer alguma garantia quanto à legitimidade do brasileirismo em questão.

Neste sentido esforçámo-nos por eliminar uns tantos vocábulos que, apezar de "mortos" — isto é fora de uso — ou que nunca existiram, vem sendo mantidos nos registros. Assim por exemplo "Pirajú" (dourado-peixe) ou "Beijuí" (andorinha), da língua indígena e ainda usado pela população brasileira nos tempos coloniais, hoje em dia não podem mais figurar no presente vocabulário, porque foram esquecidos, tendo sido substituidos por vocábulos equivalente, de origem portuguesa.

Natimortos poderiamos chamar os nomes que ainda hoje são registrados por quem copia textos antigos malgrafados e aos quais se procura emprestar vitalidade. Tais são: "Japuruca", copiado de Marcgrave, quando de fato o vocábulo na língua tupí era pronunciado "japuruçá"; mas, em tôda a obra de Marcgrave, o "ç" foi impresso simplesmente como "*c*" e nas mesmas condições: "Guaracapema" por "Guarassapema". Copiado da obra de A. Miranda Ribeiro (Peixes, Vol. XVII, Arq. Mus. Nac.) tornou-se conhecido "Guarambá", como nome de um peixe da família do Charéu. Mas no rótulo original,

como o afirma o autor, lia-se, "indistintamente" Guara*m*ba, quando de fato, em vez de *m* provavelmente fôra escrito *iu*, isto é pela grafia de R. Rathbun: "Guaráiuba" ou seja "Guarájuba" como o índio pronunciava a palavra. Quer-nos parecer que "Zunga", sempre recopiado, com a significação de "bicho de pé", nada mais representa do que um erro tipográfico inicial, por "Tunga", que é a única forma que se encontra nos bons vocabulários tupís.

Dificuldades e causas de erros

Para os fins que aquí tínhamos em vista, a nossa literatura zoológica, propriamente nacional, isto é, escrita em português por zoólogos brasileiros ou perfeitamente identificados com o nosso meio, reduz-se às publicações de pouco mais de uma dúzia de autores. Só nestes trabalhos encontrámos os nomes vulgares registrados com relativa precisão. Os cientistas estrangeiros, que coligiram o material durante sua estadia mais ou menos breve em nosso país, raramente se deram o trabalho de anotar os nomes vulgares das espécies que mais tarde crismaram com nomes científicos; e, si o fizeram, em geral grafaram os vocábulos de tal modo deturpados, que dificilmente se estabelece sua identidade, em se tratando de nomes conhecidos. Em se tratando de nomes desconhecidos, seria, portanto, contraproducente introduzí-los, certamente estropiados, em nossa lista. A contribuição nacional, que se encontra nos escritos de autores leigos em zoologia, apresenta dificuldades de outro gênero. José Verissimo, com a sua inigualada "Pesca na Amazônia", constitue exceção, diremos quasi única. Os demais literatos registram o nome desacompanhado de explicações precisas, que possibilitem a determinação da espécie, ou então o fazem acompanhar de um nome científico que, si não é puramente o de uma espécie européia, em todo caso não inspira confiança, por ser mais que duvidosa a classificação, baseada sabe Deus em que alfarrábio ou dicionário enciclopédico.

Não foi apenas pelo prazer de corrigir ou de dizer mal, que temos citado (*) alguns exemplos de definições zoológicas de todo erradas, contidas em obras de certo renome.

Quizemos, apenas, chamar para o caso a atenção dos que são responsáveis pelo aperfeiçoamento de nossos ma-

(*) R. von Ihering — "Contos... de um Naturalista", pag. 125.

nuais da língua brasileira. A paciência e a erudição de Amadeu Amaral deram-nos a prova, em "O Dialeto Caipira", de que, apezar das muitas dificuldades dêsse estudo, é possível realizar obra, si não completa, ao menos muito próxima da perfeita representação gráfica da evolução do nosso falar.

Já por outra ocasião (*) glosámos os "nomes zoológicos contidos nos Dicionários da língua portuguesa". Lastimável é que o "Novo Dicionário" de Candido Figueiredo não tenha sido expurgado neste sentido na terceira edição, de 1922, aumentando êle, pelo contrário, a lista dos erros aos quais então nos referimos.

A própria Academia Brasileira de Letras, em seus Anais, ao coligir os brasileirismos, não soube precaver-se contra deslizes, que não são apenas palmares do ponto de vista zoológico, mas sobremodo prejudiciais, pois que todo brasileiro vê nas publicações desse Instituto Nacional, o expoente do nosso puritanismo linguístico.

Um dicionário enciclopédico nacional, publicado anos atrás e por vários motivos digno dos maiores encômios, como empreendimento e como elaboração, infelizmente utilizou-se do nosso primeiro esboço do presente trabalho, copiando *ipsis verbis* o que nós mesmos reconhecíamos ser imperfeitíssimo como elaboração e que a composição tipográfica se incumbiu de tornar ainda mais errado; — o resultado dessa transcrição foi ainda um descalabro para as letras de vulgarização zoológica. Outra fonte de erros proporcionam aos estudiosos quasi todos os "Vocabulários de Brasileirismos", de autores antigos e modernos.

Copiando-lhes as informações e os nomes científicos, inçados de inverdades, disparates ou falsas explicações, os revisores da matéria, geralmente leigos em questões de ciências naturais, perpetuam, infelizmente, tais cincadas.

Os detalhes ecológicos mais facilmente se corrigem. Bastará afirmar, por exemplo, que a jequitiranaboia não é venenosa (o que se demonstra por *a* menos *b:* o inseto em questão não possue veneno) ou que o bôto e a iára não são peixes (porque seus filhotes se criam do mesmo modo como os de todos os mamíferos), para que, de vez, desapareçam tais disparates dos escritos modernos.

Bem mais difícil é obrigar os escritores a acatar a boa nomenclatura científica; para isto seria preciso:

(*) R. von Ihering — "Revista do Brasil", N.º 5, Maio de 1916, pag. 76 a 82.

— o autor enfronhar-se na índole dessa escrita latina, imaginada por Lineu e codificada pelas "Regras internacionais de nomenclatura", que permite definir em duas palavras *(gênero* e *espécie)* tôda e qualquer forma animal ou vegetal;

— ou, si a tanto não bastar a paciência dêsse escritor, deverá o mesmo submeter-se incondicionalmente à função de mero copista, transcrevendo, *ipsis literis*, a fórmula algébrica cujas partes componentes lhe são incógnitas. Assim como ao matemático *dói* a substituição descuidosa de um sinal da sua equação, assim ao zoólogo fere, como uma heresia, semelhante afirmação, escrita com a máxima serenidade por um literato "curioso" em biologia: "Tal *espécie* (nome de um animal europeu) também ocorre neste Estado, ainda que pertencente, talvez, a outra *família*"! "A espécie é a mesma, podendo, contudo tratar-se de outro gênero". Infelizmente não são raros tais disparates. Para facilitar a boa compreensão das regras da nomenclatura zoológica, daremos mais adiante um resumo das principais normas, cuja estrita observação se impõe a todos os escritores, que honestamente queiram utilizar-se dessa nomenclatura científica.

Dessa forma procurámos acrescer ao nosso trabalho, ao valor que possa ter como exposição zoológica, êste outro encargo de servir como subsídio ao trabalho dos dicionaristas da língua brasileira. Chegou a hora de ser empreendida a revisão final do grande livro básico da nossa língua, com o que se completará o esfôrço inicial de A. J. Macedo Soares (Dicionário brasileiro da língua portuguesa, 1889).

Somos os primeiros a reconhecer que não se pode chegar à conclusão de um trabalho enciclopédico, sem que destemidos precursores tenham desbravado o caminho, muito embora imperfeitamente.

Neste grande Dicionário da língua brasileira, que é de há longo tempo uma aspiração nacional, a parte do vocabulário referente à nossa fauna e flora (esta última ainda mais rica e também mais difícil ainda, quanto à sua complicada sinonímia vulgar) deverá ser confiada a especialistas, todavia sujeitos à crítica dos filólogos. Êstes evitarão os deslizes linguísticos, mas aqueles, por sua vez, garantirão que a obra saia escoimada de definições como a que dizem estar contida na 1.ª edição do grande Dicionário da Academia Francesa e na qual o literato, mais gastrônomo que zoólogo, definiu o caranguejo como sendo:

"*un petit poisson rouge, qui marche à reculons*". Talvez a maledicência dos detratores tenha aumentado, em parte, essa carga de erros zoológicos, com que foi cumulado o pequeno animal... Aleivosia apenas. Pessoalmente, porém, pudemos verificar que na 5.ª edição dêsse mesmo Dicionário (1814) ainda se lê: "*Ecrevisse - s. f.* Poisson qui, selon l'opinion vulgaire va presque toujours à reculons et qui est du genre des crustacées". Verifica-se assim, por êsse documento histórico, quanto é difícil desentranhar erros, quando êstes conseguiram deitar raiz na primeira edição de um dicionário.

Estamos certos, infelizmente, que também êste nosso trabalho contém seus "poissons rouges" ainda não assinalados. Nossa índole, porém, é diversa da de alguns dicionaristas e consideraremos grande favor e auxílio a comunicação de corrigendas, bem como lacunas ou omissões.

Quizéramos, porém, recomendar, a êsses nossos amáveis colaboradores, o máximo cuidado quanto à classificação zoológica da espécie, cujo nome fôr assinalado como novo.

Em se tratando de representantes dos mais característicos da nossa fauna, bastará uma descrição minuciosa ou um confronto com espécies aliadas. Mas para os animais de pequeno porte e principalmente de peixes, moluscos ou insetos, é preciso que espécimens autênticos tenham passado pelas mãos de zoólogos experimentados.

Isto com relação aos nomes colhidos da bôca do povo.

Quanto aos têrmos encontrados em escritos de autores antigos ou modernos, desejámos manter a norma até aquí adotada. Sempre sujeitámos êsses trabalhos a um exame que nos habilite a discernir si os vocábulos que nos são novos, têm ou não o cunho de verdadeiramente vulgares (triviais, no sentido de serem conhecidos do povo de uma região mais ou menos ampla) e si a indicação zoológica que os acompanha merece fé.

Assim, os nomes de tal origem devem ser acompanhados de citações precisas quanto à fonte ou da transcrição do respectivo trecho, em se tratando de obras menos vulgarizadas.

Nomenclatura e classificação

Qual é a classificação zoológica que V. adota? — perguntam-nos, não raro, pessôas de bela cultura geral e com alguma leitura de Buffon ou Darwin. — V. segue o sistema de Lamarck ou de Cuvier?

Si tantas vezes, por gentileza ou respeito social, tivemos de calar a nossa indignação, aquí podemos nos desabafar e responder: — V. não tem obrigação de saber que essa pergunta revela a mais completa ignorância do assunto.

Vejamos, pois, uma após outra, as várias idéias a que, vagamente, aludiu o interlocutor.

* * *

Estudando zoologia, nosso espírito procura aprofundar várias observações, que naturalmente se impõem à nossa curiosidade. Confrontando diversos animais, notamos facilmente que muitos dêles guardam entre si certa semelhança, que desde logo interpretamos como oriunda do parentesco mais ou menos próximo dos seus ancestrais. Ninguém duvida do parentesco do "cão policial" com o lobo selvagem. O gato doméstico indubitavelmente é aparentado com os felinos; dizemos então, sem que para isto seja preciso proceder a investigações zoológicas, que a espécie doméstica se originou da espécie selvagem e que, com o tempo, lentamente, se criaram, se formaram as várias raças de gatos, que hoje tanto diferem entre si, guardando, porém, sempre, boa soma de caracteres em comum.

Igual raciocínio aplicamos constantemente a todos os animais domésticos.

Quando, porém, o zoólogo externa idênticas reflexões acêrca de qualquer outro animal não domesticado, já não faltarão, por parte do leigo, objeções de toda a sorte.

No entanto, quais são os fatores com que intervém o homem para conseguir a formação de raças, às vezes tão diversas do tipo ancestral?

Única e exclusivamente os mesmos que a natureza também pode utilizar: cruzamentos, repetições dêstes, alimentação, afastamento do tipo ancestral, etc.

Por isso, não reconhecendo ao homem nenhuma superioridade neste particular, o cientista atribue à natureza igual competência criadora de raças.

E assim, em zoologia, fala-se com toda naturalidade no parentesco dos diversos animais entre si e, para pôr, desde logo, em evidência o grau dêsse parentesco, estabeleceram-se categorias, cuja amplitude dá a entender a maior ou menor soma de caracteres idênticos que revelam: Espécies do mesmo gênero; Gêneros diversos, pertencentes, porém, à mesma Ordem ou a Ordens diferentes.

Há, portanto, esta preocupação do naturalista, de verificar as afinidades naturais existentes entre as espécies, ora consanguíneas, por assim dizer, ora muito afastadas umas das outras, pela sua origem.

Para se poder discutir tais assuntos, para evitar mal entendidos (como os provocam os nomes vulgares), os naturalistas procuram catalogar todas as espécies e para tal fim adotaram um sistema, pelo qual se dá um nome a cada espécie. Preenche tal fim a *nomenclatura binária*, imaginada por Lineu e definitivamente aplicada por êste cientista sueco em 1758, na 10.ª edição de seu "Sistema Natural".

Da codificação a que foi sujeita essa "Nomenclatura binária", em virtude de resoluções tomadas em congressos internacionais de zoologia (1889, París; 1892, Moscou; 1913, Mônaco) resultaram as *Regras internacionais de nomenclatura zoológica*, e é de acôrdo com tais regras, respeitadas estritamente em todas as suas minúcias, que hoje os zoólogos adotam, usam ou criam os nomes científicos dos animais e rejeitam os que não condizem com as Regras.

E' lastimável que não tenha sido possível, até hoje, dar a necessária estabilidade à nomenclatura zoológica. O próprio respeito às regras internacionais exige que certos nomes, por mais difundidos que estejam, tenham de ser substituidos, desde que se verifique haver na literatura zoológica anterior outro nome ao qual caiba a prioridade. Exemplifiquemos, fazendo o histórico do nome de uma espécie.

Os higienistas de 40 anos atrás referiam-se ao mosquito transmissor da febre amarela, dando-lhe o nome *Culex fasciatus* Fabr., 1805.

Verificando Theobald, em 1901, que esta espécie deveria ser colocada em gênero separado de *Culex*, foi preciso que se adotasse a denominação *Stegomyia fasciata* (Fabr.).

Já estava êste nome em uso por longos anos, quando se verificou, que, em 1818, Meigen havia descrito o gênero *Aëdes*, no qual se enquadra *Stegomyia* como subgênero; portanto adotou-se o nome *Aëdes (Stegomyia) fasciatus*. Mais recentemente ainda, verificou-se que Lineu havia descrito a espécie em questão sob o nome *Culex ægypti* e portanto devemos denominá-la hoje *Aëdes (Stegomyia) ægypti* (L.)

Como se vê, é obrigatória a adoção do nome ao qual cabe a prioridade, mas às vezes é difícil reconhecer ao certo como melhor obedecer ao código. Justamente por isto, conquanto sejamos obedientes às decisões justas, não nos apressámos neste trabalho em adotar todas as modificações propostas, enquanto não as vemos generalizadas nos trabalhos monográficos sôbre nossa fauna.

Tal critério, no presente caso, oferece a vantagem de não desorientar quem, após a consulta a êste Dicionário, vá procurar informações suplementares em publicações nacionais de caráter geral. Assim mantivemos a nomenclatura ornitológica empregada em 1907 no "Catálogo das Aves do Brasil" por Ihering e Ihering (*); com relação aos Ofídios, Afranio do Amaral publicou um catálogo com nomenclatura mais moderna, que aquí adotámos; vários grupos de insetos foram revistos modernamente e às respectivas modificações aos nomes científicos aquí obedecemos.

Para a maior parte da nossa fauna faltam-nos tais revisões e no presente caso impunha-se, por isto, conservar os nomes de uso generalizado, pelo que nem sempre acompanhámos as alterações recentemente notificadas (**).

— Portanto, ao interlocutor, ao qual aludimos há pouco, devemos dar a seguinte resposta: "Si V. se refere à *Nomenclatura da Classificação*, está claro que respeito as "Regras internacionais".

— "Já sei, já sei", diz êle (De fato, nunca ouvira falar nisso). Referia-me, porém, ao agrupamento total da fauna, ao encadeiamento que os zoólogos imaginam existir entre todos os seres animais, à vista das respectivas afinidades".

Devemos voltar atrás, num ligeiro retrospecto histórico, para explicar como se originou a hodierna *Classificação do reino animal.*

(*) O Catálogo de Oliveira Pinto, publicado em 1938, não abrange ainda todas as famílias de aves e além disto utiliza os numerosos nomes genéricos de Brisson, apezar de terem sido os mesmos rejeitados pelo XI Congresso Intern. de Zoologia (vide página anterior). Finalmente esperamos que em suplemento ao novo catálogo do Museu Paulista sejam dadas as necessárias facilidades remissivas, para que se possa utilizar a literatura brasileira anterior, afim de consultar sua parte mais útil, descritiva.

(**) No que diz respeito aos *Myriapodes*, informa-nos recentemente o Dr. Otto Schubart, que, pelo conceito atual que se faz de suas famílias, os *Julideos*, assim como os *Polydesmideos*, não existem na América do Sul. Não querendo neste caso, como em outros, alterar em nada o original do Autor, damos aquí esta nota e, no texto, onde se encontra *Julideos*, deveriam êstes serem substituidos por *Spirobolideos* e *Spirostreptideos*, os *Polydesmideos* por *Leptodesmideos* e *Strongylosomideos*, principais famílias brasileiras e as mais ricas em espécies dêstes antigos grupos. *A. L. G.*

Antes de Lineu, já houve quem quizesse agrupar os animais, de modo a pôr em evidência as afinidades reveladas pelas suas formas e pelos seus hábitos. Tais tentativas hoje nos apresentam apenas ligeiro interêsse histórico; da mesma forma os escritos de Lineu, quando esboçam essas suas idéias, não raro nos parecem agora de uma infantilidade que faz sorrir... Foram, porém, êsses primeiros passos que encaminharam os prosseguidores.

A classificação de Aristóteles teve de ceder ao melhor arranjo sistemático proposto por Lineu, cuja tarefa, graças aos estudos de muitos investigadores, como Plinius, Gesner, Swammerdam, Harvey e tantos outros, já fôra bem mais fácil. John Ray, em 1693, soube aproveitar de tal modo os trabalhos de seus precursores, que depois Lineu, por assim dizer, já encontrou feito o que adotou em seu livro; o mérito dêste último está, porém, em ter aplicado, com todo o rigor, os melhores subsídios para uma classificação sistemática. Buffon quiz rejeitar essa classificação, que lhe parecia coisa artificial, imposta a um todo essencialmente natural. Lamarck sustentou o trabalho de Lineu, modificando-lhe porém o agrupamento dos Evertebrados e a respectiva subdivisão. Cuvier tentou a remodelação do sistema e estabeleceu quatro "embranchements", com um padrão típico para cada um. Discutia-se, pois, o sistema, modificaram-se detalhes; faltava porém uma interpretação básica, que permitisse encarar o problema de um ponto de vista geral e único. Apezar dos esforços de E. Geof. St. Hilaire (que reafirmava as idéias de Buffon) e de Goethe, Oken e Schelling, que por assim dizer entreviam a unidade da organização do reino animal, prevaleciam as teorias de Cuvier. Aos esforços de toda uma falange de investigadores seguiram-se as modificações do sistema: C. Th. von Siebold firmou o subdivisão dos Radiados de Cuvier e modificou a compreensão dos Articulados, pela definição do conjunto que denominou Artrópodes; Leuckart, por sua vez estabeleceu novos limites, pelos quais agrupou os Equinodermas e os Celenterados e definiu os Protozoários, aos quais mais tarde Haeckel contrapoz o têrmo Metazoários. Ray Lankester verificou que os metazoários abrangem dois tipos distintos: os Celenterados e os Celomados. Novos elementos para discussões trouxe a idéia defendida por Darwin e, estudando a filogenia e tendo esta de então por diante como guia, todos os investigadores dos últimos tempos

procuram adaptar o sistema à função de espelho das relações naturais de parentesco zoológico.

Quem é, à vista disso, o autor da classificação do reino animal, tal como hoje a adotamos?

Aristóteles, que primeiro a esboçou, já não a reconheceria e aos sucessivos aperfeiçoadores não se pode, sem injustiça, atribuir individualmente, o trabalho realizado lentamente, no decorrer de séculos, por inúmeros colaboradores.

Adotamos pois o Sistema natural, esboçado por Lineu e aperfeiçoado continuamente, de 1758 para cá e modernizado em sua nomenclatura, de acôrdo com as "Regras Internacionais".

Baseámo-nos em particular na exposição do nosso mestre, Prof. K. Grobben, autor do compêndio de *Zoologia-Claus-Grobben* e, enquanto não surgirem modificações seguramente comprovadas, cingimo-nos à coordenação a que já subordinámos nosso texto do *Atlas da Fauna do Brasil* (1916).

* * *

Não cabe em poucas linhas a apresentação das idéias, pelas quais procurámos, pessoalmente, guiar nossa apreciação dos fatos biológicos em que seja necessária a interpretação do ou dos agentes que determinam a inegável transformação dos seres.

Como e em consequência de que fatores se realiza a creação das espécies novas, semelhantes às preexistentes, mas diferenciáveis por caracteres que permitem distinguir uma das outras?

Não faremos aquí a enumeração das muitas escolas, defendidas pelos mais eminentes filósofos naturalistas. A mais conhecida delas, a de Darwin, invoca a "luta pela existência" e a "sobrevivência do mais apto". Hoje ainda se considera "moderna" a escola pela qual tôdas as modificações apresentadas pelo ser adulto são consequências das combinações realizadas pelos cromosomas, no momento da conjugação das duas células iniciais.

Na adoção de uma escola filosófica intervém também a propensão natural e assim, por ecletismo inato, sentimo-nos alistados naquela da qual Henry Fairfield Osborn é, si não creador, pelo menos o mais claro expositor.

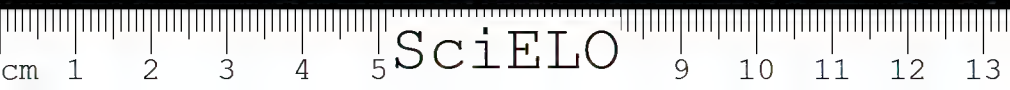
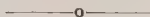
Tetraplasia denominou Osborn a concepção filosófica que atribue a evolução dos seres vivos à ação conjugada dos quatro fatores inseparáveis: *Hereditariedade, onto-*

genia, influência do ambiente e *seleção*. A interdependência dêstes fatores é contínua, ainda que de um dêles possa depender a iniciativa, sem impedir a ação colateral dos outros.

A nós, pessoalmente, essa influência de fatores diversos para a obtenção de um resultado harmônico afigura-se semelhante ao que ensina a mecânica, quando nos leva a construir o paralelogramo das forças, para conhecermos a resultante da ação conjugada de vários fatores.

Poliplasia denominaríamos o conjunto de fatores, uns endógenos, outros exógenos; subdivisões, é difícil estabelecer, pois se a interdependência de todos êles se nos afigura como idéia predominante, não podemos imaginar simultaneamente limites nítidos entre os mesmos.

E como os mestres das escolas mais antigas não cogitavam nem de raios ultravioletas nem de vitaminas, assim também para o futuro a ciência deverá tomar conhecimento de novos fatores, cuja colaboração na evolução dos seres pode ter feitio a não se enquadrar nas quatro diretrizes principais até agora averiguadas. O próprio ecletismo impede-nos de sermos intransigentes e com isto a *Poliplasia* se nos impõe.

———o———

QUADROS SINOTICOS DA FAUNA BRASILEIRA

Estava o "*Dicionário dos Animais do Brasil*" começando a ser impresso, quando, a 15 de Setembro, viu-se a Zoologia Brasileira privada da atividade do grande cientista e infatigável trabalhador que foi Rodolpho von Ihering.

Seguindo a orientação segura que lhe dera o largo convívio com Hermann von Ihering, na dupla qualidade de filho e de Assistente por longos anos no Museu Paulista, publicou o Dr. R. von Ihering uma centena de trabalhos, não só de sistemática como de biologia dos mais variados grupos de animais, especialmente sobre Peixes, a cujo estudo e criação racional se tinha dedicado por completo nestes últimos 10 anos.

Ao lado de sua grande obra científica, que não nos cabe aquí examinar, depois de publicar o "*Atlas da Fauna*", "*Contos... de um naturalista*", "*Da Vida dos Peixes*" e "*Da Vida de Nossos Animais*", culminava agora, com êste dicionário, sua grande obra de divulgação.

O "*Dicionário dos Animais do Brasil*", que vinha sendo publicado por fascículos nos Boletins da Secretaria de Agricultura de São Paulo, desde 1931, representa 16 anos de trabalho penoso, sendo de lamentar que seu Autor não lhe pudesse dar sua preciosa assistência até os últimos momentos e ter o prazer de vê-lo publicado.

Reunidos os 7 fascículos publicados nos Boletins de Agricultura (1931-1937) e os manuscritos da última parte agora publicada (Bol. Agric. 1938), procedeu o Autor a meticulosa revisão, verificando dúvidas, corrigindo lapsos, ampliando o texto e preenchendo lacunas, trabalho que só recentemente terminara, com a colaboração de sua filha, Sta. Dora de Azevedo von Ihering e a nossa própria. Para maior ilustração do texto, além dos clichés já publicados nos Boletins de Agricultura, orientava, quando a morte o colheu, a confecção de estampas coloridas e organizava quadros sinóticos de nossa fauna.

Êstes quadros teriam a finalidade de orientar o leitor mais leigo, entretanto curioso em coisas de zoologia, sobre a distribuição sistemática dos grandes grupos de ani-

mais, classes e ordens, da fauna brasileira, tratados esparsos neste Dicionário de acôrdo com a ordem alfabética dos nomes vulgares correspondentes.

Por estarmos perfeitamente ao par dos planos do Dr. R. von Ihering, que também nos incumbira da revisão de provas tipográficas e da organização dos índices, e a pedido de Dora von Ihering, tomámos o encargo de fazer com que esta obra saisse o mais possível de acôrdo com os desejos do Autor.

Assim dirigimos o trabalho do desenhista nos quadros de Mamíferos, Aves e Peixes, feitos de acôrdo com a orientação geral deixada em rascunho pelo Autor e finalmente organizámos e dirigimos os demais quadros assim como as estampas coloridas de peixes e insetos.

O quadro do Reino Animal foi organizado segundo o sistema do Prof. E. Marcus, feito ainda a pedido do Dr. R. von Ihering.

Era ainda intenção do Autor "em anexo, no fim dêste dicionário, arrolar os nomes vulgares que possivelmente deverão ser incorporados ao vocabulário, em ulterior edição, desde que venha a ser provada a legitimidade de seu uso", trabalho que deverá ser elaborado para o futuro.

Os grupos em geral pouco conhecidos vulgarmente e aos quais não correspondem nomes vulgares, assim como os grupos restritos que não compreendem mais de poucas ordens, foram omitidos nos quadros sinóticos, apenas figurando na chave geral. Estão neste caso os Espongiários, Rotíferos, Acantocéfalos, Nemertinos, Onicóforos, Tardígrados, Briozoários, Braquiópodes e Protocordados.

Entre parêntesis são encontrados os nomes correspondentes a grupos ou espécies entranhos à nossa fauna, da mesma forma que nos Índices e no texto do Dicionário; neste, também entre parêntesis, estão os vocábulos dos quais não há certeza do emprêgo vulgar.

Ao Dr. Clemente Pereira, com quem sempre nos aconselhámos sobre êste trabalho, deixamos registados aquí nossos sinceros agradecimentos.

S. Paulo, Novembro de 1939

A. Lourenço Gomes

ILUSTRAÇÕES DE PAULO C. FLORENÇANO

O REINO ANIMAL

Cordados

Cephalocordados (vertebrados)

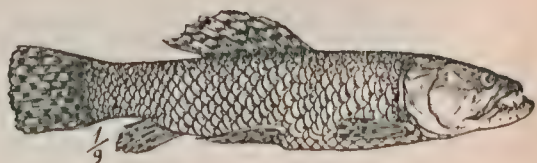
Mammíferos . . . .
QUADRO 1

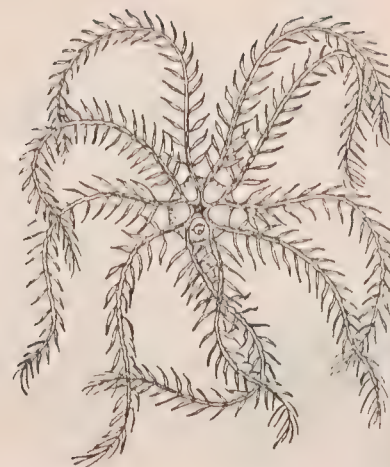
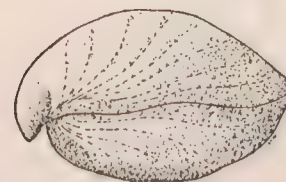
Aves .
QUADROS
2 a 5

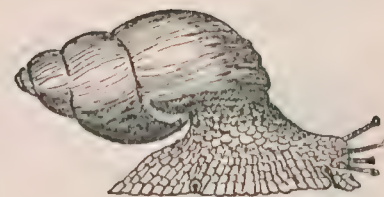
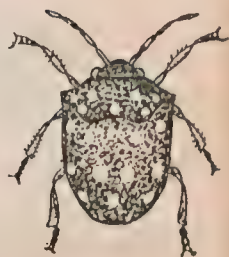
Répteis . . . .
QUADRO 6

Amphíbios
QUADRO 6

Peixes . . . .
QUADROS 7 a 10

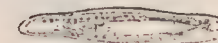
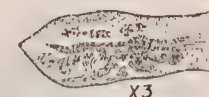
1/9

Protocortados . . . .

Echinodermos . . . .
QUADRO 11

Brachiópodes . . . .

Bryozoários . . . .

Molluscos . . . .
QUADRO 12

(Continúa)

O REINO ANIMAL

1 — MAMÍFEROS

Primatos
Coatá . . . .

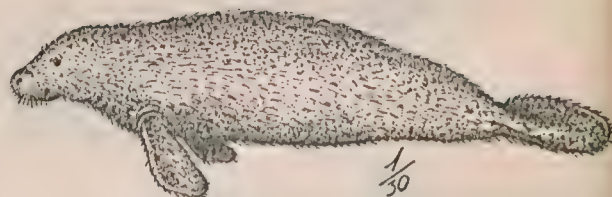
1/20

Sirênios
Peixe-boi . . .

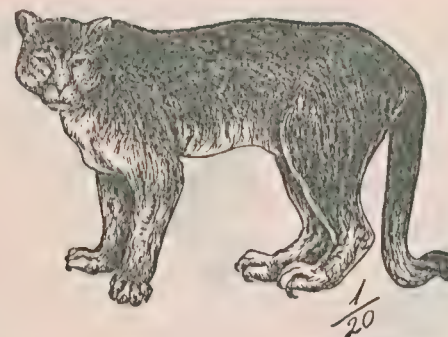
1/30

Ungulados
Veado . . . .

1/18

Cetáceos
Baleia . .

1/50

Carnívoros
Sussuarana .

1/20

Desdentados
Tamanduá-bandeira . . .

1/10

Chirópteros
Morcego .

1/2

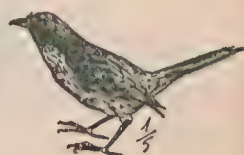
Marsupiais
Gambá . . .

1/8

Roedores
Paca . . . .

1/10

2 — A V E S - PASSERIFORMES

Passeriformes

Pássaros Canoros

Sabiá 1/5

Corruíra 1/5

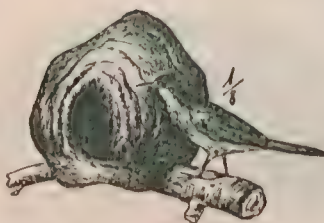
Tico-Tico 1/5

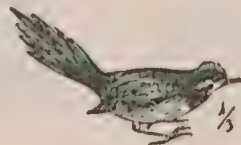
Gralha 1/6

Andorinha 1/5

Pássaros Gritadores

Bem-te-vi 1/5

João de barro 1/8

Tangará 1/4

Pichororé . . . 1/3

3 — A V E S - CORACIIFORMES

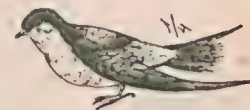
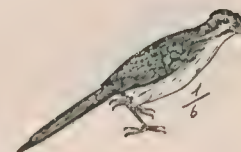
Coraciiformes

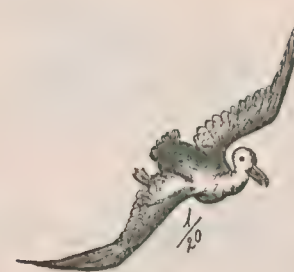
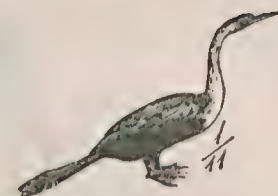
Taperá 1/2

Tucano 1/6

Juruva 1/8

Beija-flor 1/3

Sací 1/6

Papagaio 1/6

Martim pescador 1/6

4 — A S - AQUÁTICAS
Palamedeiformes
Anhuma
Raliformes
Saracura
Charadriiformes
Jaçanã
Gruiformes
Siriema
Ardeiformes
Garça
Podicepidiformes
Mergulhão
Procelariiformes
Albatroz
Lariformes
Gaivota
Phoenicopteriformes
Flamengo
Anseriformes
Marreca-irerê
Pelicaniformes
Biguá-tinga
Sphenisciformes
Pinguim

5 — AVES - RAPACES, COLUMBIFORMES GALINÁCEOS, RHEIFORMES

Aves de Rapina

Catartidiformes
Urubú . . . .

Strigiformes
Mocho . . . .

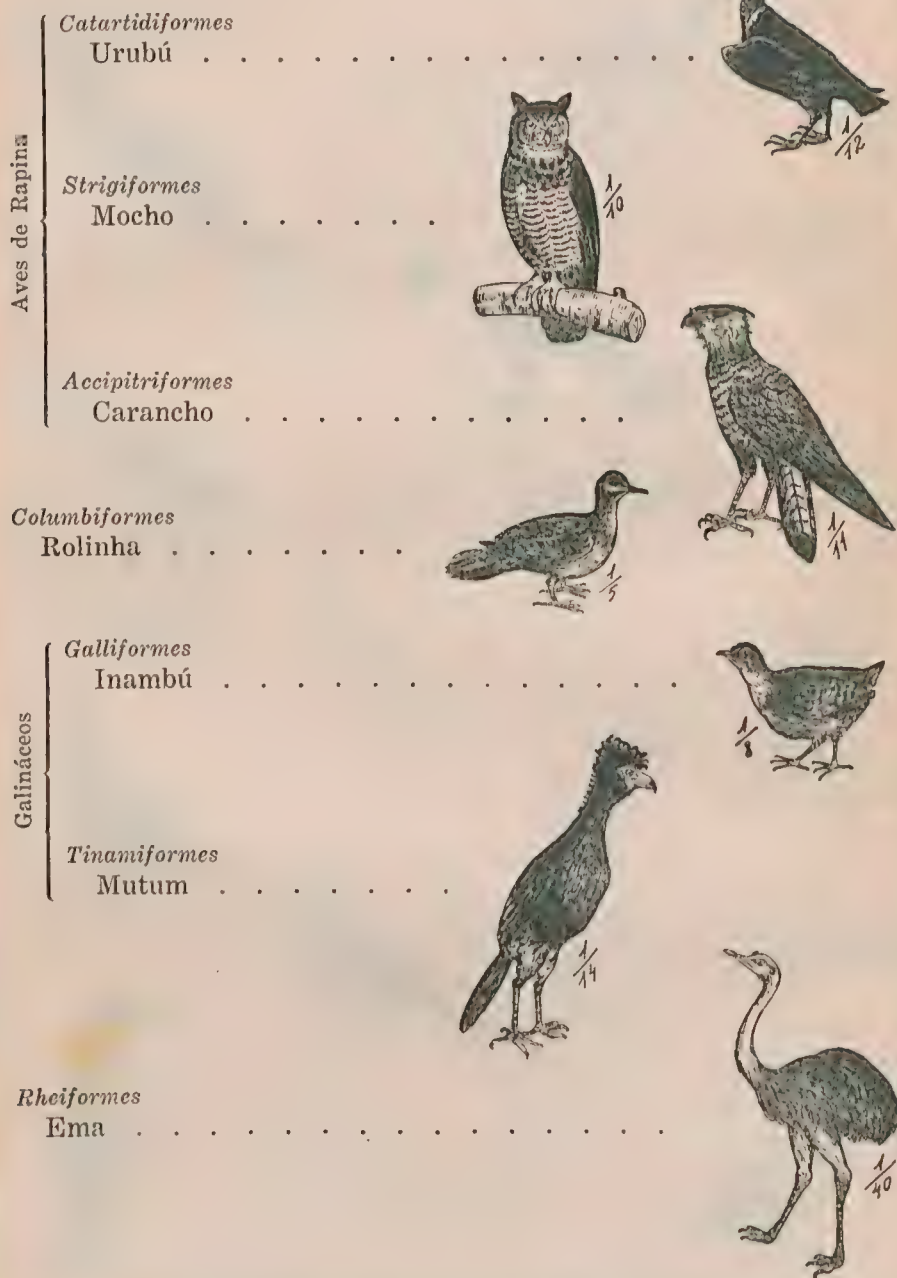
Accipitriformes
Carancho . . . .

Columbiformes
Rolinha . . . .

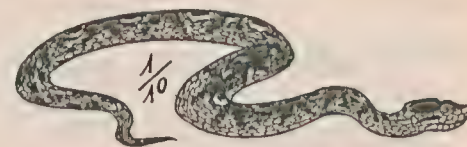
Galináceos

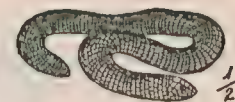
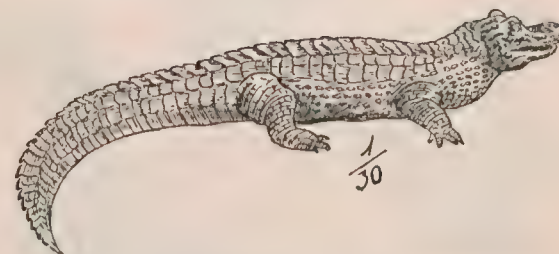
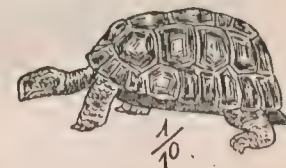
Galliformes
Inambú . . . .

Tinamiformes
Mutum . . . .

Rheiformes
Ema . . . .

6 — RÉPTEIS E AMPHÍBIOS

— Répteis

Ophídios
Jararaca . . . . . .

Lacertílios
Lagartixa . . . .

Cobra de 2 cabeças . . . .

Emydosáurios
Jacaré . . . .

Chelonios
Cágado . . . .

— Amphíbios

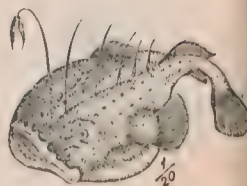
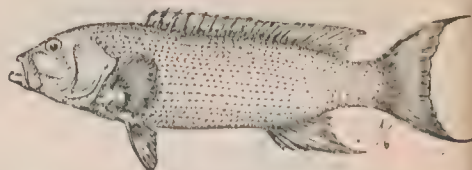
Anuros
Perereca . . . .

Gymnophionos
Cobra cega . . . .

7 — PEIXES

— TELEÓSTEOS — Peixes propriamente ditos

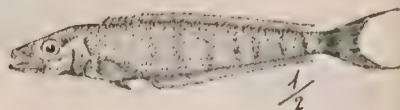
Acanthopterygios

Diabo marinho . . . .

Baúna . . . . . .

Acará — veja "Peixes de Água Doce"

Peixe-pedra . . . . . .

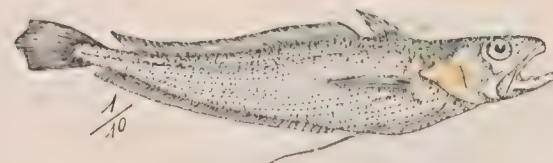
Aracanguira . .

Peixe-galo . . . .

Bom-nome . . . . . .

Rêmora . . . . . .

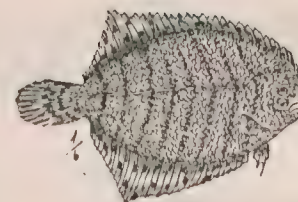
Anacanthinos

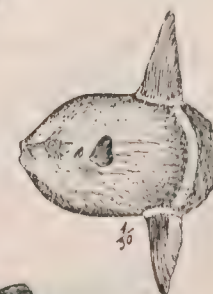
Brótea . . . . .

(Bacalhau)

Pediculatos

Peixe-morcego . . . .

Heterosômatos

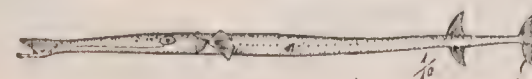
Linguado . . . . . .

Plectognathos

Peixe-lua . . . .

Baiacú . . . . . .

Synbrânchidos — *Synbranchídeos*
veja "Peixes de Água Doce"

Thoracósteos

Aulóstomos

Trombeta

Lophobrânchios

Cavalo-marinho . . . .

(Continúa)

8 — PEIXES *(Continuação)*

— TELEÓSTEOS — (cont.)

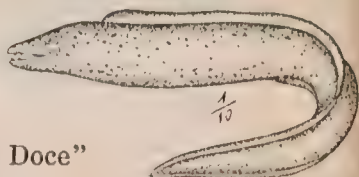
Synenthognathos

Peixe-agulha . . . .

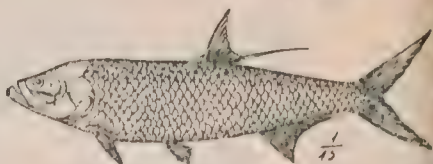
Cyprinodontes — *Cyprinodontídeos*
veja "Peixes de Água Doce"

(Haplomos)
(Traíra européia - "brochet")

Iniomos
Peixe-lagarto . . . .

Apodes
Moreia . . . .

Ostariophysos
- Nematognathos
- *(Cyprinídeos)*
- *Gymnotídeos*
- *Characídeos*

veja "Peixes de Água Doce"

Isospondylas
- *Osteoglossoides* — *Arapaimídeos* e *Osteoglossídeos*
  veja "Peixes de Água Doce"
- *(Salmonoides)*
  (Salmão)
- *Clupeoides*
  Sardinha . . . .
  Camurupim . . . . . .

— (GANOIDES)
(Esturjão)

— DIPNEOS — *Leptosirenídeos*
veja "Peixes de Água Doce"

— HOLOCÉPHALOS
Chymaera

— SELÁCHIOS:
Eusceláchios
Tubarão . . . .

Batoídeos
Raia . . . .

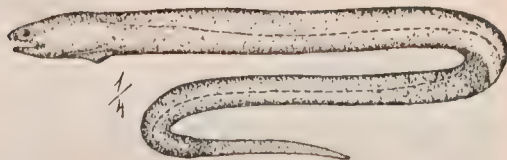
— (CYCLÓSTOMOS)
(Lampreia)

9 — PEIXES DE ÁGUA DOCE

Cichlídeos
Acará . . . .

1/3

Synbranchídeos
Mussum . . . . . .

1/4

Cyprinodontídeos
Guarú . . . .

1/4

(Cyprinídeos)
(Carpa) . . . .

1/10

Gymnotídeos
Tuvira . . . .

1/3

Characídeos
Tambicú . . . .

1/4

Traíra . . . . . .

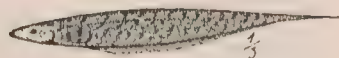
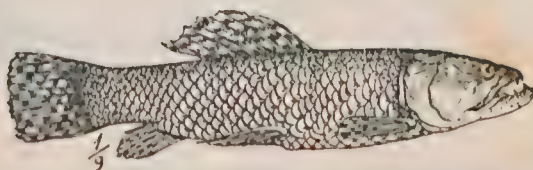
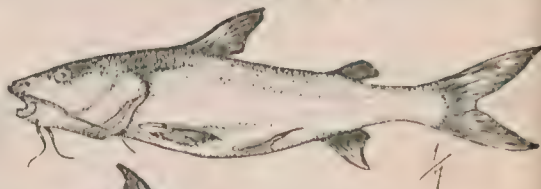
1/9

(Continúa)

10 — PEIXES DE ÁGUA DOCE

(Continuação)

Nematognathos

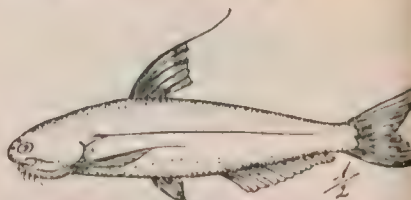
Peixes de couro

Ariídeos
Bagre do mar
penetra em água doce para a desova
1/1

Pimelodídeos
Mandí . .
1/4

Doradídeos
Cuiú-cuiú . . . .
1/5

Auchenipterídeos
Cambeva . . . .
1/4

Hypophtalmídeos
Mapará . . . .

Ageneiosídeos
Mandubé . . . .

Cetopsídeos
Candirú . . . .
1/2

Pygidídeos
Anduiá . . . .
1/5

Bunocephalídeos
Rabeca . . . .
1/1

Adaptaram-se à água doce diversas espécies de Raias, Pescadas, Sardinhas, Agulhas, Linguados e Baiacús.

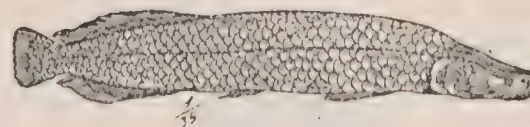
Nematognathos — (cont.)

Peixes cascudos

Callichthyídeos
Tamboatás . . . . .
2/3

Loricariídeos
Cascudo . . . . . .
1/5

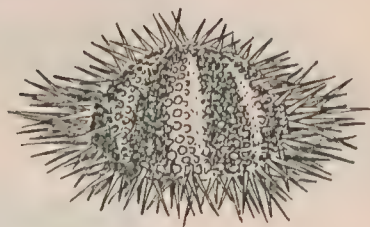
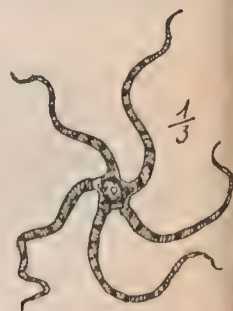
Leptosirenídeos
Pirambóia . . . . . .
1/6

Arapaimídeos
Pirarucú . . . . .
1/35

Osteoglossídeos
Aruaná . . . . .
1/10

Temporariamente, para a desova, penetram nos rios vários *Acanthopterygios*, Robalos, Tainhas e outros.

11 — ECHINODERMOS

Holothurioides . . . .

Echinoides
Ouriço do mar . .

Ophiuroides . . . .

Asteroides
Estrela do mar . . . .

Crinoides . . . .

12 — MOLLUSCOS

Cephalópodes
Lula . . . .

1/2

Lamellibrânchios
Marisco . . . . . .

1/2

Scaphópodes . . .

x2

Gasterópodes

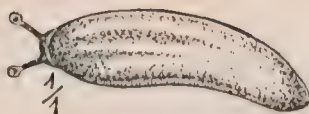
Pulmonados
Aruá . . . .

3/5

Lesma . .

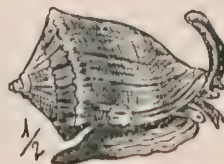
1/1

Opistobrânchios . . . .

1/2

Prosobrânchios
Caramujo do mar . . . .

1/2

Amphineuros . . . .

2/3

13 — INCTOS

Hymenópteros
Vespa

Strepsípteros

Coleópteros
Bezouro

Siphonápteros
Pulga

Dípteros
Mosca

Lepidópteros
Borboleta

Trichópteros

Parnópatos

Neurópteros

Homópteros
Cigarra

Hemípteros
Barbeiro

Thysanópteros
Queima

Anopluros
Piolho

Mallóphagos
Piolho de galinha

(Continúa)

14 — INSECTOS

(Continuação)

Corrodêncios x3

Zorápteros 1/1

Isópteros
Cupim 1/1 1/1

Mantoides
Louva-Deus 1/3

Blattários
Barata 1/1

Dermápteros
Lacrainha x2

Phasmidos
Bicho-pau 1/4

Orthópteros

Grillídeos
Grilo 1/2

Proscopídeos
Mané-magro . . 1/3

Acridiídeos
Gafanhoto 1/3

Embiidinos x18

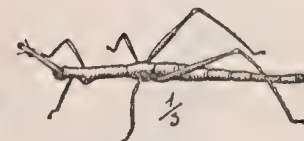
Perlários 1/2

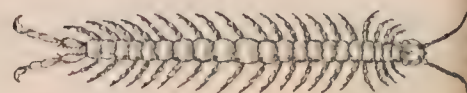
Odonatos
Lavandeira 1/2

Ephemeridos
Efemérida x2

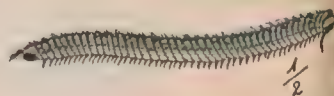
Collêmbolos x15

Thysanuros
Traça . . . .

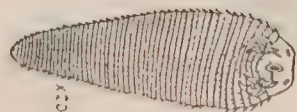
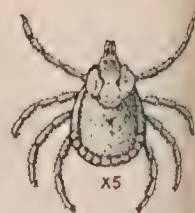
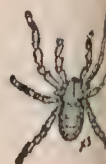
15 — MYRIÁPODES ARACHNOIDES

— Myriápodes

Chilópodes
Centopeia . . . .

Diplópodes
Gongolo 1/2

Paurópodes . . . . x 20

Synphylos x20

— Arachnoides

Pantópodes . . . .

Linguatulidos . . . . .

Acarinos
Carrapato X5

Ricinúleus . . . .

Opilionidos
Opilião 1/1

Pseudoscorpionidos . . . .

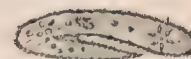
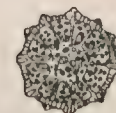
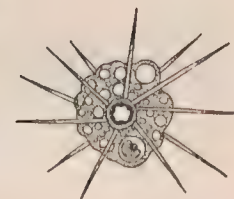
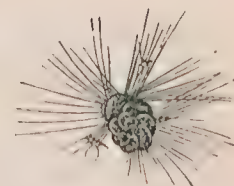
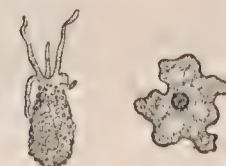
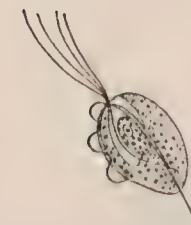
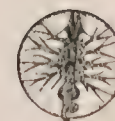
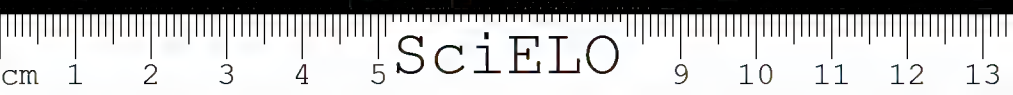
Solífugos 1/1

Araneidos
Aranha 1/1

Pedipalpos 1/1

Scorpionidos
Escorpião . . . .

16 — CRUSTÁCEOS
Malacostráceos
Arthrostáceos
Amphípodes
Baratinha da praia
Isópodes
Saltão
Stomatópodes
Tamburutaca
Decápodes
Brachyuros
Carangueijo
Anomuros
Tatuí
Macruros
Camarão
Entomostráceos
Cirrípedes
Craca
Copépodes
Branchiuros
Cladóceros
Ostracoides
Phyllópodes
17 — VERMES
Annelidas
Gephyrianos
Hirudíneos
Sangue-suga
Chaetópodes
Oligochaetos
Minhoca
Polychaetos
Nematoides
Gordianos
Cobra de cabelo
Eunematoides
Lombriga
ovo
Platyhelmintos
ovo e larva
Cestoides
Solitária
formas larvais
Trematoides
Turbellários
x2
x3

56
18 — COELENTÉREOS
Ctenóphoros
2/3
Anthozoários
Zoanthactiniários
Corais
1/4
Alcyonários
Anêmona
2/3
Scyphozoários
Água-viva
1/3
Hydrozoários
Siphonophoros
Caravela
Hydroides
57
19 — PROTOZOÁRIOS
(Seres Microscópicos)
Ciliados
Sporozoários
Rhyzópodes
Radiolários
Heliozoários
Foraminíferos
Amebianos
Flagellados

A

Abelha — No sentido amplo, esta denominação abrange todos os insetos *Hymenopteros* da superfamília *Apoidea*. E' difícil caracterizar exatamente êste vasto grupo de espécies, que abrange numerosas famílias, 13 das quais se acham representadas em nossa fauna. Na maior parte dos casos verifica-se, porém, que as patas traseiras das fêmeas e obreiras são providas de um aparelho destinado à coleta do pólen (sob forma de pubescência muito densa ou dilatação do metatarso), dispositivo êste que não se encontra nos outros himenóteros mais ou menos semelhantes, como sejam as vespas.

Subordinam-se as numerosas espécies a dois grupos: "Abelhas solitárias" e "Abelhas sociais", conforme seu modo de nidificar.

As abelhas sociais serão estudadas parceladamente, sob os vários títulos abaixo mencionados. Vejamos, aquí, por alto, quais as espécies mais interessantes entre as 11 famílias de "Abelhas solitárias", representadas em nossa fauna, seguramente, por 700 espécies.

Pelo tamanho, destacam-se as da família *Xylocopideos* algumas das quais alcançam 35 mms. de comprimento e que o povo, em geral, confunde com as verdadeiras "mamangabas", que aliás são abelhas sociais. Quasi à semelhança destas, aquelas abelhas solitárias simulam uma certa convivência, no tempo da procreação. Os casais de *Xylocopa* preferem em geral troncos de madeira já um tanto apodrecida, para alí excavarem longos canais sinuosos, nos quais preparam as células; estas são recheiadas com pólen e, quando do ovo aí depositado nasce a larva, esta assim se encontra rodeada do alimento necessário para seu desenvolvimento. As abelhas-mães habitam ainda durante algum tempo o mesmo ninho, a princípio em companhia dos machos; mas a êstes espera a mesma sorte dos zangões das abelhas sociais, pois em determinada época do ano, as fêmeas eliminam, a ferroadas, seus companheiros inermes, que, feridos de morte, são atirados para fora do ninho, agonizantes. Ao biólogo, êste proceder, como que copiado das abelhas sociais, obriga a um confronto com estas e, realmente, revela um paralelismo difícil de explicar sem a idéia de parentesco próximo.

Outras abelhas solitárias de grande porte são as do gênero *Centris*, ainda estas de feitio comparável ao das mamangabas verdadeiras, porém de colorido muito mais rico e variegado; seu corpo em geral é revestido de espesso veludo.

As espécies do gênero *Euglossa* são um pouco menores e predomina entre elas o tipo que diríamos de cavaleiro revestido de armadura brilhante; os próprios nomes científicos dizem quanto são belas as côres resplandescentes destas abelhas: *Euglossa purpurata*, *violacea*, *smaragdina*, *coerulescens*, *ignita*, *pulchra*, *elegans*, etc. Lembraremos, ainda, que são estas as abelhas que se encarregam da polinização de várias orquídeas (como *Catasetum*, *Stanhopea*): introduzindo a cabeça na flor, esbarram nas políneas, cujo pedúnculo pegajoso adere logo ao inseto, sendo assim o pólen transportado para outra flor, na qual, depositado logo em seguida, exerce sua ação fecundante.

Mencionaremos ainda o gênero *Megachile*, que abrange numerosíssimas espécies, médias e pequenas; pouca gente as conhece de vista, mas basta dizer qual o ofício, para que sejam logo identificadas: são estas as abelhas que recortam as folhas das roseiras, tirando-lhes do bordo um ou vários pedaços em forma de meia lua. Tais pedacinhos a abelha leva para um esconderijo, que lhe pareça adequado (lá fora no campo, ela se acomoda entre frestas ou em galhos ôcos; muitas vezes, porém, entra em casa e então se engraça por um buraco de fechadura, cano de espingarda ou tubo de flauta) e alí, enrolando talvez uma centena dêsses recortes de folhas, constróe mimosas células tubulares.

Claro está que não nos podemos deter na enumeração das muitas outras espécies que abundam sobre as flores, onde procuram o pólen, seu único alimento. Há entre elas pigmeus, que não atingem meio centímetro de comprimento. Várias delas são parasitas dos ninhos de outras abelhas, também solitárias. E' fácil reconhecer tais espécies parasitas, pois nenhuma delas tem aparelho adequado para a coleta do pólen, nem de tais dispositivos necessitam, pois é sempre em meio do alimento já armazenado por outras espécies, que o parasita põe seus ovos.

Abelha social – Mamangaba

As Abelhas sociais constituem sociedades, havendo nestas, além dos machos e das fêmeas, ainda as obreiras, que são fêmeas com aparelho genital atrofiado. São abelhas sociais: as mamangabas, a abelha do reino e os *Meliponideos.* (Veja sob "Abelhas sociais indígenas"). Só estas últimas (e as abelhas solitárias, quando parasitas de outras abelhas) não têm ferrão; todas as outras defendem-se com ferroadas dolorosas; os machos, porém nunca têm essa arma e são sempre inermes.

Lista das principais abelhas indígenas; os nomes das espécies mais interessantes estão grifados. Abelha mulata, Abreu, Amarela, Aramá, Arapuá (= Irapuã), Bôca de barro ou de sapo, Borá (= Vorá), Borá boi (= Aramá), Cabeça branca (= Rajada), *Caga-fogo,* Camuengo, Canudo, Cupiara, (= Bôca de sapo ou Cú de vaca), Curupira, Frecheira, Quaiquiquira, *Guarupú,* G. do miúdo (= mandurim), Guirussú (= Irussú mineiro), Irapuã, Iraxim, Irussú, I. mineiro, *Jandira,* Jatí, *Jataí,* J. mosquito, J. da terra, *Lambe olhos* (= Frecheira), Limão (= Iraxim), *Mandassaia,* Mandassaia do chão, *Mandurí,* Mandaguarí, Mel de anta, Mel de cachorro, Mirim, M. preguiçosa, M. rendeira (= Tujuvinha), Moça branca, Mosquito, Mumbuca, Papa terra, Pé de pau, Pimenta, *Rajada,* Sanharó, Sete portas (= Tubuna), Tapieira (= Mandurí), Tapissuá, Tataíra (= Caga-fogo), Tubí, Tubiba, Tubuna, *Tujuba,* Tujumirim, Tujuvinha, *Urussú, Vorá.*

Abelha de cachorro — Veja sob "Mel de cachorro" e "Cupira".

Abelha mirim — Como o nome indígena, que significa: "pequena", também seu nome científico, *Trigona minima* indica as pequenas dimensões desta abelha, que mede apenas 2½ mms. de comprimento. (Não é, contudo, a menor; veja-se "Lambe-olhos"). Assemelha-se bastante à "Abelha mosquito" e à "Mirim preguiça"; o modo de nidificar é, porém, muito característico: o ninho, abrigado em postes ou pequenas cavidades de árvores, não tem invólucro e as células de incubação não formam favos, porém cachos.

O tubo de entrada é pequeno, fino e feito de cera amarela; de noite as pequenas abelhas, tímidas, fecham-no com um delicado rendilhado de cera, que de manhã é removido, para que as abelhas obreiras tenham passagem livre.

Abelha mosquito — Abelha da fam. *Meliponideos, Trigona mosquito.* Espécie pequena como um mosquitinho e daí seu nome; mede apenas 3,75 mms. de comprimento. A côr é escura, com algum desenho amarelo. Nidifica em árvores ocas ou em buracos das rochas ou muros, com entrada pequena, mas sem porta saliente. O mel é saboroso, um tanto ácido, porém a quantidade sempre é pouca. A mesma espécie é também conhecida por "Jataí mosquito" ou simplesmente "Jatí", no Ceará.

Abelha mulata — Espécie idêntica à que mais geralmente recebe o nome "Irussú mineiro" ou "Guirussú" *(Tr. quadripunctata).*

Abelha do reino — Abelha da fam. *Apideos, Apis mellifica,* espécie importada da Europa (e por isto chamada "do reino", de Portugal). Aclimou-se perfeitamente aquí; entretanto, as colmeias só prosperam quando sujeitas ao tratamento racional, que lhes dá o apicultor. Acidentalmente algum enxame foge e vai se estabelecer no mato; mas não consta que assim esta espécie se tenha difundido e tomado hábitos de abelha silvestre.

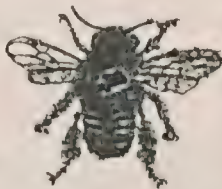
A apicultura é um ramo todo especial da agricultura, e no Brasil, conquanto haja atualmente apenas pequenos núcleos de apicultores, alemães e italianos, principalmente no Sul do país, esperamos que, em breve, esta fonte de renda atinja um grande desenvolvimento, dadas as ótimas condições naturais do clima e da flora.

Quando os apicultores falam em "abelha escura", "abelha italiana", "da Carnia" etc., referem-se êles às variedades de *Apis mellifica,* preferidas por estas ou aquelas vantagens que oferecem. A variedade mais geralmente cultivada é a escura, do Norte; a italiana tem roupagem mais amarela, avermelhada e os três últimos aneis são amarelos. Aquela enxameia mais; esta, porém é mais dócil e mansa.

Abelhas sociais indígenas — ("Mel de pau" ou apenas "Mel"). Pertencem à família dos *Meliponídeos,* que se distinguem dos *Apideos* (a que pertence a "abelha do reino", importada) pela falta do ferrão e pelo modo como se realiza a secreção da cera: esta é produzida por células que se encontram na parte dorsal dos segmentos abdominais nos *Meliponideos,* ao passo que nos *Apideos* essa mesma secreção se faz no lado ventral dêsses segmentos.

Alguns autores reunem tôdas essas abelhas sociais em um único gênero: *Melipona;* outros sustentam a subdivisão em *Melipona* e *Trigona.* O primeiro gênero encerra em geral as espécies maiores, cujas azas não excedem o comprimento do abdômen; são de belas côres e produzem excelente mel, em quantidade apreciável.

As espécies de *Trigona,* ao contrário, têm as azas mais compridas que o corpo e são, no máximo, do tamanho de uma mosca, porém algumas espécies são minúsculas, como os menores mosquitos ou quasi microscópicas, como a "L a m b e - o l h o s"; pela maior parte são mansas e tímidas, ao passo que só algumas, denominadas "T o r c e - c a b e l o s", são bravas e atacam o homem, entrando-lhe pelos cabelos, na vista, etc. e mordem. Uma espécie, a *Trigona cagafogo* segrega um líquido caústico, que arde como fogo. Parece que a natureza reconheceu ter cometido um erro, deixando atrofiar-se o ferrão, pelo que, mais tarde, se viu obrigada a munir a abelha de novos meios de defeza.

Os ninhos destas abelhas, ou cortiços, acham-se em geral bem abrigados, especialmente em árvores ôcas e fendas de pedras; mas há algumas abelhas que constroem ninhos subterrâneos e outras os erigem livres, apensos aos galhos de árvores ou arbustos, à semelhança dos cupins da mata.

Abelha social: Mandassaia e seu ninho

Tomando por tipo o ninho feito num ôco de pau, podemos dar a seguinte descrição geral. Uma chapa horizontal, de barro nas *Meliponas,* de cera e resina nas *Trigonas,* separa o ninho, tanto em cima como em baixo, da cavidade restante da árvore; essas paredes divisórias são chamadas "b a t u m e", pelos caipiras. A entrada do ninho é em geral um buraco pequeno, no meio de uma chapa de cera ou de argila. Em várias espécies de *Trigona,* a entrada prolonga-se num tubo de cera, que de noite é fechado na extremidade, isto é, as obreiras ajuntam cera nos bordos até êstes se unirem e tal membrana é sempre crivada de pequenos orifícios, que permitem a ventilação também de noite. Isto se verifica na jataí e outras

espécies mansas, ao passo que os tubos largos das valentes "torce-cabelos" se conservam sempre abertos. O centro do ninho é ocupado pela cria, acondicionada nas células dos favos que se superpõem horizontalmente (e não verticalmente juxtapostos como em *Apis)* e que por fora são circundados por delicadas membranas de cera, que formam o invólucro.

O resto da cavidade é ocupado pelos potes de cera, de forma irregular e que contêm mel e também samóra, isto é, o pólen armazenado para servir de alimento à cria. As células de que se compõem os favos são providas de pólen, misturado com um pouco de mel e, depois que a rainha nelas depositou um ovo, são fechadas por meio de tampinha de cera. Assim, a larva ao nascer do ovo, encontra-se presa na célula, juntamente com todo o alimento de que necessita para atingir o estado adulto; só depois de completar a metamorfose, abre ela a tampa de seu cubículo e entra em contato com a comunidade. Em cada cortiço há só uma abelha mestra ou rainha, que é uma fêmea fecundada, ao passo que as obreiras são fêmeas abortivas, não fecundáveis. A rainha madura tem o abdômen muito entumecido, cheio de ovos, de modo que não pode mais voar e assim fica presa no cortiço, do qual é a mãe até morrer. Os machos se criam só em certa época do ano, especialmente no verão; não trabalham, não recolhem mel nem pólen, vivendo unicamente para realizar a fecundação das rainhas novas, as quais, depois, levam consigo parte da população, indo constituir novo cortiço. Como por conseguinte os machos representam um elemento inútil, depois da partida dos enxames, são êles enxotados do cortiço em fins do verão; apenas os mais renitentes, que não querem obedecer à ordem de expulsão, são mortos a picadas.

Si, com relação à abelha do reino, a denominação "r a i n h a" se aplica em tôda extensão da palavra, à fêmea fecundada dos *Meliponideos* cabe apenas o título de "a b e l h a m e s t r a". De fato, os hábitos das nossas abelhas indígenas são muito democráticos. E' fácil comprová-lo por alguns exemplos. Onde quer que esteja a rainha de *Apis*, rodeiam-na várias obreiras, sempre solícitas e atenciosas, a espreitarem as oportunidades em que possam ser úteis à soberana. Nossa "a b e l h a m e s t r a", ao contrário, perambula solitária pelos favos da cria e em geral ninguém com ela se incomoda; um fato bem significativo, entre os poucos que até agora foram

cuidadosamente verificados com relação à vida intima das nossas abelhas, é relatado pelo dr. H. von Ihering, cientista que melhor estudou os hábitos destas abelhas indígenas: "A obesa e desageitada abelha mestra queria transpôr um corredor, porém não pôde prosseguir, pois algumas obreiras, que lá se achavam, não lhe davam passagem; a muito custo, conseguiu então seu intento, escolhendo outro caminho. Nunca uma tal grosseria e tamanha falta de respeito se verificam entre "*Apis*"!

Consideremos outro fato: a começar pela própria célula, em que se desenvolve uma jovem rainha de *Apis*, nota-se a diferenciação em castas; essa célula real é ampla, espaçosa, e portanto destaca-se desde logo dos berços comuns, em que nascem plebeus. Muito ao contrário, uma futura abelha-mestra de mandassaia ou guarupú é de origem humilde e sua célula em nada difere das que servem às pobres obreiras. Tal confronto só é verdadeiro com relação às espécies do gênero *Melipona*, pois as do gênero *Trigona* constroem células reais, um pouco mais amplas.

Quando está para nascer a princesa real de *Apis*, a soberana da colmeia demonstra incontida agitação: é o ciume, a rivalidade, o medo de perder o trono. Por fim, formam-se no cortiço dois partidos: os conservadores dispõem-se a acompanhar a rainha velha e com ela iniciarão algures nova família; os outros são adeptos da jovem soberana, que usurpará o poder. Em casa de nossos *Meliponideos* não há êsse ciume, nem motivos para briga: a abelha mestra sabe que "quem casa quer casa" e que, sem a mínima discussão, a recém-casada irá, a seu tempo, tentar fortuna e dar começo a novas instalações.

Não cabe nos moldes dêste ligeiro capítulo um confronto completo da ecologia destas duas famílias de abelhas sociais — estudo interessantíssimo, a tentar um Maetterlink brasileiro! Mencionaremos apenas ainda a diferença notável que a química revela, analisando o mel dos dois tipos de abelhas.

Como é natural, as várias espécies de *Meliponideos* fabricam cada uma seu tipo especial de mel, porém êste nunca encerra sacarose, como o de *Apis*, que sempre contém até 10% dêsse açúcar, semelhante ao da cana. Nas abelhas indígenas o mel compõe-se essencialmente de levulose, substância mais doce que a sacarose (30 a 70, em média 45 %); dextrose, menos doce que a sacarose (20 a 50, em média 25 %); pequena percentagem de outras

substâncias e muita água, ao contrário do mel maduro de *Apis*, que contém menos de 25 % de água. Por ser assim muito fluido, o mel de pau cristaliza muito mais lentamente e mesmo para conservá-lo em garrafa é preciso fervê-lo, dando-lhe o ponto conveniente

Até agora punha-se em dúvida a possibilidade de obter das abelhas indígenas mais do que um pouco de mel de pau, a título de curiosidade.

Porém, depois do que vimos em Pernambuco, temos certeza de que êste ramo da apicultura terá grande desenvolvimento. Basta dizer que um simples matuto póde organizar um colmeal de 250 caixas, das quais tirava anualmente em média 10 garrafas por caixa, com dispêndio quasi nulo e outro tanto de trabalho rotineiro. Os *Meliponideos* recomendam-se, pois, grandemente, à apicultura dos não especializados.

Abiquara — Em Pernambuco é esta a pronúncia por "B i q u a r a".

Abotoado ou "B o t o a d o" — Em Goiaz e Mato Grosso é o mesmo que "C u i ú - C u i ú" (peixe). A espécie *Pterodoras granulosus* atinge mais de 1 metro de comprimento (Mir. Ribeiro).

Abreu — No Ceará, (ou "M a n u e l d e A b r e u" no Maranhão) é, segundo Ducke, a mesma abelha social *Melipona* (Trigona) *varia*, conhecida em Pernambuco por "M o ç a b r a n c a".

Abrote ou "B r o t a" — E' no Sul do Brasil o nome de um peixe do mar, pertencente à família *Gadideos* (e de fato alguns pescadores, como o afirma o Capitão Boitaux, denominam êsse nosso peixe "B a c a l h a u", levados a essa comparação pela relativa semelhança de aspeto, forma e sabor). Pertence porém o "Abróte" a uma sub-família distinta, gênero *Urophycis*, alcança apenas 80 cms. de comprimento e no litoral catarinense aparece em pequenos cardumes nos mêses de Maio a Julho. Caracteriza-o o feitio alongado; dorsal composta de duas porções, a primeira com 11 raios, e a segunda com mais de 50 e um tanto mais longa que a anal.

No mento há um pequeno barbilhão. As escamas são miúdas, cicloides. Há várias espécies em todo o litoral brasileiro.

A denominação "A b r ó t e a" ou "A b r o t a" em Portugal é aplicada a duas espécies de peixes do gênero

Phycis, igualmente da família *Gadídeos*, a que pertence o bacalhau legítimo.

(Abutre) — Nome de aves de rapina em Portugal *(Vultur* e *Gyps)*, que correspondem em seus hábitos, mais ou menos ao nosso "U r u b ú"; erroneamente às vezes designam esta nossa ave com aquele nome.

Acaé — Denominação indígena das "g r a l h a s". Em certas regiões os caboclos ainda a empregam de preferência ao nome português.

Açanã — O mesmo que "J a ç a n ã" na Amazônia; lá, porém, designa as espécies do gênero *Creciscus*, que no Sul são conhecidas por "F r a n g o d'á g u a".

(Acanatic) — Esta denominação, mencionada por Goeldi (Album Aves Amaz.), como sinônimo de "T a i a s s ú u i r a", tem sido copiada dêsse original por vários outros autores. Não cremos, porém, ser êsse vocábulo usado pelo povo, pois foi evidentemente colhido de alguma tribu indígena. A grafia original, "A c a n a t i c", apesar de repetida por Goeldi três vezes da mesma forma em páginas diferentes, talvez não exclua erro tipográfico (Acauãtié). Em todo caso a palavra não pode por ora figurar no léxicon brasileiro.

(Acapitan) — Na Revista da Academia Bras. de Letras (XIII, de 22) foi registrado como brasileirismo e como documentação foi citado o estudo de Rod. Garcia: "Nomes de aves em língua tupí".
Êste autor, menciona, corretamente, "Missões e Paraguai" como área de distribuição dêsse pássaro *(Paroaria capitata)*, geralmente conhecido, no Brasil, por "C a r d e a l"; ocorre também em Mato Grosso, porém não nos consta que alí o povo lhe dê aquele nome tupí, que portanto não pode figurar entre os brasileirismos, enquanto não houver documentação segura.

Acará ou "A c a r a t i n g a" — é denominação dada à "G a r ç a r e a l" *(Herodias egretta)*, ao que parece só na Amazônia.

Acará — também "C a r á" ou "P a p a t e r r a". Peixes da fam. *Cichlídeos*, dos gêneros *Geophagus*, *Acara*, *Astronotus*, *Cichlasoma*, etc. A espécie mais comum no Brasil meridional, *G. brasiliensis*, atinge um palmo de comprimento, e como o corpo é alto e grosso, alguns pescadores o levam para casa; mas a carne não presta, pois

como o diz um dos seus nomes, êstes peixes vivem do alimento que encontram no lodo. Os exemplares grandes perdem quasi todo o colorido que os caracteriza enquanto pequenos, lindo desenho de faixas claras e escuras, que passam pelo corpo de alto a baixo e como o azul é metálico, irisado, esta espécie de há muito atraiu a atenção dos amadores de aquários. Além disto é peixe que facilmente procria, mesmo em pequenos recipientes, e assim qualquér negociante europeu, que tenha os "peixinhos vermelhos", originários da China, também tem êsses nossos patriciozinhos à venda.

Os três gêneros acima citados compreendem cêrca de 25 espécies, pela maior parte amazônicas e mato-grossenses. Seus parentes mais próximos são as "Joaninhas", "Guensas" e "Jacundás".

Acará(u)assú — "Acará" ou "Cará grande" é denominação que em várias regiões do país designa espécies diversas de peixes da fam. *Cichlideos* (gênero *Geophagus*, *Equidens* e outros). Na Amazônia aplica-se a *Astronotus ocellatus*, da mesma família; cabe-lhe especificamente o nome "Apaiarí", sob o qual o descrevemos.

Acará bandeira — E' uma das formas mais notáveis da fam. *Cichlideos*. Única espécie do gênero, *Pterophylum scalare*, de corpo ovalado como o "Morerê", tem a nadadeira Dorsal muito alta e a Anal e as Ventrais têm os primeiros raios prolongados em filamentos mais longos que o comprimento de todo o corpo. Afora êste ornamento, que lhe valeu o nome vulgar, ornam êste lindo peixe várias faixas verticais, 3 mais escuras, alternadas com outras menos sombrias, além do desenho das nadadeiras, também em linhas paralelas. Nada calmamente, poder-se-ia dizer consciente de sua beleza, sem utilizar outras nadadeiras a não ser as Peitorais e como estas são incolores, transparentes, tem-se a impressão de que o peixe se locomove sem o menor esforço. Entre os amadores de aquários, que em sua gíria adotaram o nome específico "Scalare" para êste peixe, é êle o mais famoso entre os favoritos.

Atinge no máximo 15 cm. de comprimento.

Acará-peva ou "Acará-tinga" e "Acará-una" — Compreende várias espécies de peixes do mesmo gênero dos precedentes. Como o dizem os nomes tupís, são mais chatos *(péva)*, brancos *(tinga)* ou pretos *(una)* que a espécie típica; mas zoologicamente, êstes nomes não

distinguem suficientemente as espécies, pois há diversas com os mesmos característicos. Aliás a palavra A c a r á ou C a r á não se aplica unicamente a êste grupo de peixes, parecendo ter acepção ampla, extensiva também a várias espécies marinhas. (Veja-se sob "C a r á").

Acará-topete — E' o macho do acará comum *(Geophagus brasiliensis)*, no qual se desenvolve uma protuberância na cabeça; esta parece que só lhe brota na época da reprodução, à guiza de gala nupcial.

Acarí — O mesmo que "G u a c a r í". (Não confundir, porém, com "C a r í").

Ácaro — Termo de origem científica (nome de um gênero) e que, na linguagem culta, em acepção mais ampla, designa a todos os *Arachnoides* da ordem *Acarinos* (caracterizados por terem cabeça confluente com o resto do corpo, sem segmentação). Zoologicamente aquí também fica compreendida a fam. *Ixodideos;* a êstes porém, coube a denominação vulgar "C a r r a p a t o s". Todos os outros ácaros são menores, em boa parte quasi microscópicos. Convém notar que as formas larvais desta ordem são hexápodes, como os insetos, e só na fase adulta passam a ter 4 pares de patas, como todos os Aracnoides. As espécies que têm nomes vulgares são "S a r n a", "M i c u i m", alguns dos chamados "P i o l h o s d e g a l i n h a" e os ácaros da fam. *Tyroglyphideos.* Êstes últimos medem apenas alguns milímetros e cada espécie tem seu habitat predileto, como sejam o queijo, a farinha embolorada, frutas sêcas. Um outro grupo de ácaros, de corpo alongado e provido apenas de 2 pares de pernas, vive nos vegetais, sobre cujas folhas as muitas espécies determinam galhas *(Eriophiideos)* e que pouco diferem do parasita do homem (gên. *Demodex)*, que produz o "C r a v o" (veja êste).

Acauã — também "C a u a n", "U a c a u ã" e "M a c a g u á". Ave de rapina da fam. *Falconideos, Herpetotheres cachinnans.* Belo gavião, que ocorre em todo o Brasil interior e na Amazônia. O costado é bruno-escuro, inclusive azas e cauda; esta tem algumas faixas transversais, claras. O lado inferior é branco-amarelado e de igual côr são o alto da cabeça e uma faixa ao redor do pescoço. O sr. João L. Lima informa que o grito forte e compassado diz: "maca-u-ã". Nas noites de luar êle grita até altas horas. Na Amazônia é tido como ave agoureira, cujo canto ou grito, parecido com uma gargalhada estrepitosa,

pressagia desgraça. Em outras localidades amazônicas dizem que esta ave é o terror das mulheres, porque o a c a u ã se apossa do espírito delas e as obriga a cantar, com êle, as três silabas do seu nome.

Claro está que é tudo pura superstição e a ave, muito pelo contrário, só merece elogios e efetiva proteção, pois as cobras venenosas constituem seu alimento de predileção, como aliás o indica o nome genérico.

Também nas lendas dos índios o A c a u ã figura como comedor de cobras. Durante as múltiplas peripécias da fuga de um moço índio, perseguido pela velha gulosa, sucede o seguinte: "O moço estava para ser moqueado por dois surucucús: ouvindo cantar o macauan, pediu o auxílio dêste que logo comeu os dois surucucús e o moço pôde fugir...". (Barb. Rodrigues).

Acuráua — O mesmo que "B a c u r a u", na Amazônia.

Acutimbóia — Veja-se sob "C u t i m b ó i a".

Acutipurú — Veja "A g u t i p u r ú" — Denominação amazônica do "S e r e l e p e".

Agachada — O mesmo que "N a r c e j a". Em Pernambuco diz-se "A g a c h a d e i r a".

Agarrador — O mesmo que "P e i x e - p i o l h o".

Água-fria — Peixe do mar.

Água-viva — Celenterados marinhos, da classe dos *Scyphozoarios*, também chamados "P o n o n", "C h o r a - V i n a g r e", "M ã e J o a n a", "A l f o r r e c a s" ou "C a n s a n ç ã o" na linguagem vulgar (veja-se também sob "C a r a v e l a s" e "M e d u s a s", sendo êste último nome de origem erudita). O corpo mole, gelatinoso e transparente não tem consistência e só quando mergulhado na água toma seu feitio natural, que lembra a forma dos cogumelos ou de um guarda-chuva aberto. A espécie mais comum do nosso litoral é do gênero *Rhizostoma* e alcança mais de um palmo de diâmetro; mas há muitas outras espécies bem maiores e muito mais lindas, tanto pelo feitio delicado, como pelo colorido. As espécies desta classe são urticantes, isto é, têm um aparelho de defesa, com o qual dão alfinetadas ardidas; porém só em algumas (C a r a v e l a s "c h o r a - v i n a g r e" e outras) êsse meio de defesa chega a ser tão violento, que seu contato com a pele humana provoca queimadura (dôr aguda e eritema). Seu alimento con-

siste em pequenos peixes, como sejam sardinhas e também camarões e, devido à transparência do corpo gelatinoso, pode ser observado como se realiza a digestão.

As medusas do feitio normal, como acima o descrevemos, locomovem-se contraindo a campânula; êste mesmo movimento também determina a circulação da água, que promove a respiração. Em outros celenterados, o naturalista observa uma complexa divisão de trabalho, a ponto de se poder encarar o conjunto como sendo uma reunião de muitos indivíduos, cada um de feitio especial, adequado à função que lhe compete; assim, um certo grupo de indivíduos promove a flutuação, outros funcionam como orgãos de sentido, que tateiam, outros seguram a presa e outros a digerem. São êstes *Siphonophoros* certamente os mais lindos seres do mar, tanto pela estrutura como pelo colorido maravilhoso; algumas espécies são fosforescentes, como aliás o são também algumas medusas dos *Scyphozoarios*.

Água viva

(Aguias) — As verdadeiras águias, do gên. *Aquila*, não ocorrem em nossa região faunística e os gêneros afins da mesma sub-família *Aquilineos* da América do Sul abrangem apenas espécies menores. Si, porém, tomarmos a denominação "Á g u i a" na acepção lata, designando possantes aves de rapina, podemos ufanar-nos de ser principalmente brasileiro o belíssimo "G a v i ã o r e a l" ou "H a r p i a" (veja êstes).

Aguia pescadora — Ave de rapina, da fam. *Falconideos (Pandion haliaetus carolinensis)* e que é apenas uma subespécie da forma européia. As aves americanas passam o verão aquí no Sul, mas, em chegando o inverno, emigram para o outro hemisfério. São aves atléticas, muito bem talhadas para o seu mistér, que é a grande pesca no mar. As azas são longas e, no repouso, suas pontas alcançam a cauda. O colorido é escuro em cima, branco no lado ventral; a cabeça em boa parte também é branca. A plumagem é compacta e oleosa. Como o

diz seu nome, esta águia vive da pesca e, tendo espreitado algum peixe que lhe convenha, atira-se à água e chega a desaparecer por alguns momentos. Às vezes reaparece com uma carga que equivale a um terço do seu próprio peso; vôa então para alguma árvore copada, afim de saborear o peixe, socegadamente. Seu ninho é um amontoado de paus e gravetos, de mais de um metro de diâmetro e, voltando anualmente a ocupá-lo, aumenta-lhe ainda as dimensões.

Agulha — Peixes do mar, da fam. *Belonideos*, gêneros *Belone* e *Tylosurus*, de corpo alongado e maxilares tranformados em longo bico, provido de grande número de dentes; os espécimens maiores, que alcançam mais de um metro de comprimento, tornam-se perigosos aos pescadores. Igual nome têm ainda outros peixes semelhantes, da fam. *Exocoetideos (Hemirhamphus brasiliensis)*, que, porém, são herbívoros, com dentes muito menores; de acôrdo com êste gênero de alimentação, a carne destas últimas espécies não é tão saborosa como a das "A g u l h a s" carnívoras. (Veja estampa da pg. 182).

O pescador de Pernambuco, quando vai às "agulhas", leva consigo na prôa da jangada um "bote", que aliás é apenas uma pequena balsa, de pouco mais de um metro quadrado, feita de toletes de pau de jangada. A rêde mede 25 braças de comprimento e 4½ de alto; as malhas são de 2 cms.; no copo, de fio grosso, a malha é de 1 cm. apenas. A melhor pescaria faz-se na "ponta d'água", na divisa entre a água suja do litoral e a limpa, do mar aberto; aí há quantidade de agulhas, o ano todo.

O bote é posto a flutuar com um tripulante e mais 100 braças de corda e a jangada, com os dois outros pescadores, segue, soltando a rêde; depois, tomando rumo perpendicular a esta, solta 90 braças de corda. Por fim encontram-se as duas embarcações e a rêde é puxada para a jangada. As agulhas pequenas fogem pela malha maior e no copo ficam os exemplares de mais de um palmo de comprimento. Em cada uma dessas pescarias são apanhadas às vezes algumas centenas déstes peixes, que em média pesam 5 quilos o cento, e rendem assim 6$000 ao pescador. No mercado é considerado peixe de 5.ª classe, ao preço de 1$800 por quilo. Os pescadores distinguem 3 espécies: agulha branca, preta e torta.

No Recôncavo da Baía as "a g u l h a s" são pescadas por meio de um aparelho denominado "r u p i c h e l". Compõe-se, segundo o Contra-Alm. Camara, de uma vara

tendo na extremidade um arco de ferro com um saco feito de rêde de malha miúda, nele cosida; é, portanto, um aparelho semelhante à conhecida rêde de apanhar borboleta. Em noites escuras, saem os pescadores em pequenas embarcações com um facho ou uma lanterna, para clarear a água e encandear o peixe, que nada à tona. A embarcação segue em direção contrária à maré e quando o pescador, colocado na prôa, avista as agulhas, bate com o rupichel na água em frente à direção em que vêm os peixes e, como êstes sempre saltam para a frente, assim entram no bolso da rêde.

Agulhão — Designa-se assim em especial a maior das quatro espécies do gênero *Tylosurus*, *T. raphidoma* e que se distingue anatomicamente das demais, por ter 22

Agulhão

a 23 raios dorsais e 20 a 21 anais, ao passo que as outras espécies têm respectivamente 13 a 15 dorsais e 14 a 18 anais.

Além da espécie acima citada, os pescadores abrangem outras sob os nomes de agulhão tum, lambáio, trombeta e roliço.

Agulhão bandeira — E' um peixe marinho muito singular — *Istiophorus americanus*, pertencente à mesma família do "E s p a d a r t e", dos *Xiphiideos*. Caracteriza-o o longo bico, verdadeira espada, acuminada; a nadadeira dorsal extende-se por grande parte do dorso, é muito alta, azul escura com máculas negras. Atinge mais de 2 metros de comprimento. Já Marcgrave, em seu compêndio de 1648, dá um desenho dêste "*Guebuçú*" e, conquanto confundido às vezes com o espadarte verdadeiro, tem sido mencionado como peixe feroz, que chega a encravar seu rostro no madeiramento das embarcações.

Agulhão trombeta — Veja sob "T r o m b e t a".

Agulhão de vela — Peixe do mar, registrado na lista oficial (Voz do Mar N. 47) como concorrendo com regular quantidade para o mercado do Rio Grande do Norte. Sendo porém o *Istiophorus* (Veja "Agulhão bandeira") sempre raro, aquele fornecimento em maior quantidade parece indicar que o peixe "de vela" pode ser referido ao gênero *Tylosurus* (veja "Agulhão").

Agulhão de vela

Agutí — O mesmo que "Cutia".

Agutipurú — Vários autores assim grafam a denominação amazônica dos "Caxinguelês" ou "Serelepes" (veja êste); também Barbosa Rodrigues emprega só esta grafia, cuja etimologia êle explica como "*cutia purú*", emprestada, isto é: que emprestou o feitio. Contudo a pronúncia mais generalizada é "Coatipurú" ou "Quatipurú".

Aquela forma lembraria parentesco com a Cutia (ou Agutí, na pronúncia indígena), ao passo que, por serem ambos arborícolas e providos de longa cauda, a comparação com o "Coatí" tem mais razão de ser. Também na geografia amazônica, a forma Quatipurú está consagrada.

(Aí) — Nome indígena da "Preguiça". "Aig" é grafia que imita melhor a pronúncia original; só entre a população tapuia do Amazonas essa denominação pode ainda estar em uso.

Aiassá ou "Aiussá" — E' termo amazônico, que parece abranger várias espécies de tartarugas da água doce, do gên. *Podocnemis*, aplicado, porém, (unicamente

ou de preferência?) aos espécimens novos. Contudo Goeldi, em sua monografia, o restringe a *Podocnemis sextuberculata* e também o Museu Paulista obteve, sob o nome "Pitiú aiassá", um exemplar dessa espécie, de 17 cm. de comprimento, colhido no alto Juruá. Os espécimens adultos desta última espécie parece que não ultrapassam 30 cm. de comprimento. Aliás, a significação original, tupí, deve ser genérica. Veja também "A r a p u s s á".

Aicreba — Raia da fam. *Dasyatideos*, *Dasyatis orbicularis*, de corpo um tanto oval e de cauda longa, provida de um acúleo, a pouca distância da base. Mais conhecida é a espécie congênere "R a i a l i x a".

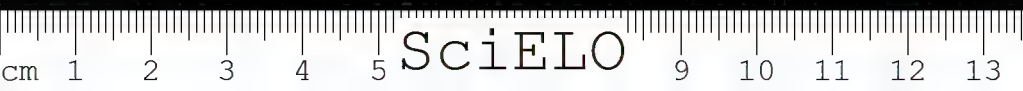
(Aig) — Denominação indígena e onomatopaica da "P r e g u i ç a"; é usado, talvez raramente, pelos sertanejos amazônicos.

Aimoré — Pronúncia pernambucana e talvez de todo litoral nordestino, por "emboré" ou também "amboré". A tribu de indíos aimorés nunca esteve no litoral sul (Santos) e assim não se pode dar a "mboré", que é a pronúncia original, aquela etimologia, que aliás também na região septentrional nordestina não tem cabimento. Os peixes conhecidos pelos dois nomes são idênticos genericamente e por tanto se lhes deve procurar uma etimologia comum. Veja sob "E m b o r é" e também sob "M u s s u r u n g o".

Aiussá — Veja "A i a s s á" e também "T a r t a r u g a d a A m a z ô n i a".

Ajurú — Na Amazônia, é denominação genérica de várias espécies de papagaios do gên. *Amazona*, ao qual pertence o "Papagaio verdadeiro". Veja também "M o l e i r o".

Albacora — Veja "A l v a c o r a".

Albatroz ou "G a i v o t ã o" — Ave oceânica da fam. *Diomedeideos*, *Diomedea melanophrys*. Bela ave branca, com dorso e azas escuras; a cauda é cinzenta, os pés e o bico são amarelos, êste com ponta mais escura. Mede 75 cm. de comprimento total e a envergadura é de mais de um metro. No litoral de S. Paulo já é raro, pois prefere as regiões frias do Sul. Lembraremos que o nome, nesta forma mais usada pelos ingleses, tem a mesma origem que "A l c a t r a z".

Alcaide — Espécie de "G a t u r a m o", *Euphonia pectoralis*, que se distingue das espécies congêneres por ter barriga de côr castanha, quando os outros gaturamos têm o lado ventral amarelo. E' do Brasil meridional, do Rio de Janeiro ao Rio Grande do Sul.

Alcatraz — ou "T e s o u r a" ou "G r a p i r a", ou, no Rio de Janeiro, "J o ã o G r a n d e". Ave oceânica da fam. *Fregatideos*, *Fregata aquila*. O macho tem plumagem inteiramente preta; só as partes nuas da garganta e dos pés são vermelhos; a fêmea tem pescoço e peito brancos. Coube-lhe o nome "tesoura" por ser a cauda muito comprida e bifurcada, como uma tesoura. E' ave marítima, que se extende do Paraná às regiões temperadas da América do Norte e gosta de frequentar os portos. E' um tirano das outras aves pescadoras, às quais obriga a regorgitar a preza já ingerida, apanhando no vôo o peixe vomitado, antes dêste atingir a água. Acompanha os navios em alto mar, a grande distância da costa e, assim, é uma das primeiras aves que indicam aos navegantes a proximidade de terra.

O nome é de origem árabe; veja "A l b a t r o z".

Alegrinho

Alecrim — Ouvimos designar assim algum seláquio. Talvez seja, porém, apenas corruptela de "A n e q u i m".

Alegrinho — Passarinho da fam. *Tyrannideos*, *Serpophaga subcristata*. O colorido é cinzento-azeitonado em cima, branco-amarelo em baixo; o vértice cinzento tem uma mancha branca e de igual côr são duas faixas onduladas sobre a aza. Habita todo o sul do país, até S. Paulo e Minas. Seus parentes mais próximos são as "G u a r a c a v a s".

Aleluia — São as formas aladas dos "C u p i n s" (Veja êste). Às centenas saem elas dos ninhos, quasi sempre à tardinha, após a chuva, nos mêses de Outubro e No-

vembro. Nesta ocasião, escolhem lugar apropriado para o início do novo cupim. E' geralmente conhecida a facilidade com que se desfazem das azas *(autotomia)*, logo que não as necessitem mais para o vôo. O povo às vezes confunde a denominação "aleluia" com a "S a r á - s a r á" (formigas) e também com as "S i r i r u i a s" (Efeméridas). Desconfia o dr. Neiva que "a l e l u i a", neste sentido, seja apenas corruptéla de "s i r i r u i a".

Aleluia do cupim

Alfaiate — O mesmo que "T i s i o".

Alforreca — Em Portugal e também entre nós alguns praieiros conhecem por êste nome as medusas ou "A g u a - v i v a".

Alincorne — Má pronúncia de "U n i c o r n e"; na Amazônia designam assim a "A n h u m a".

Alma de caboclo — ou "A l m a d e g a t o", ou "R a b o d e e s c r i v ã o", "R a b i l o n g a", ou "T i n g u a s s ú" ou "C h i n c o ã" na Amazônia, ou "M e i a - p a t a c a". (Porém, em certas zonas do Rio Grande do Sul, onde esta espécie não ocorre, o nome "A l m a d e g a t o" coube à ave conhecida em São Paulo por "A n ú b r a n c o"). Ave da fam. *Cuculideos*, *Piaya cayana*, cujo comprimento atinge 50 cms., cabendo dois terços à cauda. A côr do lado superior é castanho-parda, o lado inferior é cinzento-ardósia na barriga, mas o pescoço e o peito são vermelho-cinzentos. As penas caudais, gradativamente mais curtas, do meio para os lados, têm ponta branca. Pela variedade dos nomes com que foi crismada, vê-se que gosa de popularidade, devido em parte ao desembaraço com que se mostra ao redor das casas da roça; sua presença, aliás, é útil, pois sua faina diária consiste em dar caça aos carrapatos do gado e aos gafanhotos. Diz Goeldi que o "A l m a d e g a t o" é um compilador das obras musicais de seus companheiros, mas devemos acrescentar que é com bem pouca arte que êle o faz. Veja-se o que dizem os amazonenses dêste "C h i n c o ã".

Alma de mestre — Ave oceânica da fam. *Procelarideos*, *Oceanites oceanica*. Mede 17 cm. de comprimento; o colorido é escuro, um pouco mais claro no lado ventral; as coberteiras das azas são cinzentas, as da cauda são brancas.

Alvacora ou "A l b a c o r a b r a n c a" — Peixe do mar da fam. *Scombrideos*, *Germo alalonga*, um tanto semelhante à Cavala, Sororoca ou Bonito, da mesma família. (O "a t u m", que é do mesmo gênero, porém muito maior, não ocorre em nossas águas). A alvacora atinge mais de um metro de comprimento e, como o corpo é volumoso, chega a pesar mais de 20 quilos. Caracterizam-na as 3 carenas no extremo posterior do pedúnculo da nadadeira; esta é perfeitamente semilunar. O colorido do lado superior é azul de aço, escuro; a parte inferior é branca. No mercado alcança cotação superior à da cavala, por ser a carne mais tenra e solta. Procura de preferência as águas perfeitamente límpidas e no extremo Norte é pescada em grande quantidade nos mêses de estiagem (Outubro a Janeiro). Transcrevemos da "Voz do Mar", N.º 23, a seguinte descrição do processo da pesca "de corso", usado na Paraíba e no Rio Grande do Norte, onde aliás êsse sistema de pesca é conhecido pela denominação "de corrico".

"Da pôpa da embarcação, que não cessa de velejar em todos os sentidos, são lançadas duas linhas ("linhas de corso") munidas de anzois especiais, com iscas de sardinhas ou pirá. Cerca de 60 braças de cada linha são arrastadas pela embarcação, ficando disponíveis a bordo 40 ou 50 braças. Cada uma dessas linhas é manobrada por um pescador, que a prende à cintura com um laço falso, de modo a desfazer-se quando o peixe se ferra no anzol. Nesse momento o mestre faz panejar a embarcação, desenrolando-se durante a manobra a linha disponível no barco, isto para não forçar o peixe. Colhida a albacora, continúa a faina enquanto há luz solar, sendo possível uma só embarcação colhêr de 50 a 80 peixes por dia".

Alvacora lageira — Peixe semelhante ou idêntico ao precedente, porém um tanto maior.

Amanassaia — O mesmo que "M a n d a s s a i a".

Amassa-barro — E', segundo o Sr. João L. Lima, o nome dado em Mato Grosso ao "J o ã o d e b a r r o".

Ambira — Na região de Iguape (Estado de São Paulo) denominam assim, segundo A. Neiva, as lagartas urticantes. É, pois, sinônimo, ao que parece puramente local, de "T a t o r a n a".

Amboá — Em Mato Grosso é o mesmo que "E m b o á".

Amboré — Veja sob "A m o r é".

Amêija — ou "A m ê i j o a" (sendo esta a forma vernácula portuguesa). Designa no Brasil meridional as conchas bivalvas, da fam. *Lucinídeos*, *Phacoides pectinatus* (antigamente: *Lucina jamaicensis)* e *Lucina cryptella* (antes *L. brasiliensis)*, e provavelmente outras do mesmo grupo, que compreende, além destas, uma dezena de espécies mais ou menos semelhantes, inclusive os gêneros *Codakia* e *Divaricella*. As espécies primeiro mencionadas são comestíveis e muito apreciadas pelos praieiros; há ocasiões em que são colhidas em grande quantidade no lagamar.

Amêijoa branca — Concha bivalva comparável à precedente, mas de outro gênero. *Dosinia concentrica;* o nome vulgar foi registrado por H. v. Ihering em St.ª Catarina e talvez "S e r n a m b i t i n g a" seja seu sinônimo.

Amêjua — Na Amazônia designa vários lacertílios e parece que seu nome genérico latino, *Ameiva*, não é sinão corruptéla dêsse nome vulgar.

Amor de mulato — Peixe do mar em Pernambuco.

Amoré ou "A m b o r é" ou "A m o r e i a" — E' como se pronuncia no Nordeste, provavelmente de acôrdo com a dicção original, tupí, designando os pequenos peixes, que no Sul do país são conhecidos por "E m b o r é" (veja êste).

Anacã — Ave da fam. *Psittacídeos*, *Deroptyus accipitrinus*, sem dúvida o mais interessante dos nossos papagaios, mas que só ocorre na Amazônia. Tem uma gola de penas longas, bordadas de azul, ao redor do pescoço e, quando excitada, a ave levanta êste lindo ornato em forma de leque. A cabeça é bruna, o dorso e as azas são verdes; o ventre azul tem manchas vermelhas e verdes; a cauda é longa. Vive em bandos; também o grito dessa ave interessante difere do dos demais *Psitacídeos:* é um vigoroso "kiá-kiá-kiá-gui-gui-gui".

Anacã

No Sul do país dão o mesmo nome ao "M a r a c a n ã-g u a s s ú".

Anajá — É, no Maranhão, um pequeno caranguejo escarlate, que vive trepado nos mangues. Provavelmente são espécimens novos de *Goniopsis cruentata.* (Veja-se sob "A r a t ú").

Anambé ou "G u a i n a m b é" — Na Amazônia é êste o nome genérico dos pássaros da fam. *Cotingideos* (gêneros *Cotinga, Xipholena, Tityra, Jodopleura,* etc.; veja-se também sob "C o t i n g a") aos quais no Sul correspondem os "C o r o c o c h ó s". São em geral espécies de tamanho meão, como a "A r a p o n g a", seu representante mais conhecido no Brasil meridional. Há "A n a m b é s" de várias côres: "A. a z u l", que é dessa côr no dorso; o lado inferior é vermelho purpúreo e as azas e a cauda são pretas — gên. *Cotinga* (nome genérico êste derivado de igual denominação indígena). "A n a m b é p r e t o" *(Querula purpurata)* é pássaro preto, porém o macho tem garganta purpúrea. "A n a m b é b r a n c o" (gên. *Tityra)* tem plumagem em parte branca, em parte preta (azas e cauda). Veja-se ainda "B a c a c ú" e "C r i c r i ó".

Anambé-pitiú ou "A n a m b é - a s s ú" ou "P o m b o - a n a m b é" — E' pássaro que pertence de fato à fam. *Cotingideos*, a qual compreende os verdadeiros Anambés. A presente espécie, porém *(Gymnoderus foetidus)* difere sensivelmente daquelas e assim admira o tino zoológico demonstrado pelo indígena em sua terminologia. O porte é relativamente grande, a côr geral negra, com azas bem mais claras; caracteriza-o, principalmente o curioso colarinho de pele núa, rugada, de côr azul escura, ao redor do pescoço e também o bico é azul. Tanto o nome específico como o "p i t i ú", designam a ave como mal cheirosa. Vive só na Amazônia e no Mato Grosso.

Ananaí — Ave da fam. *Anatideos, Nettion brasiliensis.* E' a marreca mais comum do Brasil, da Amazônia ao Rio Grande do Sul. O colorido geral é pardo-cinzento, mais claro no lado inferior; a cabeça em cima e o pescoço superior são mais escuros; a face é castanha e a garganta alvacenta; no peito e na barriga notam-se faixas transversais; as azas têm colorido negro, verde e azul metálico e pontas brancas. A fêmea distingue-se pelas manchas brancas na região dos olhos.

Anato — O mesmo que "P i r a r u c ú".

Anchova — O mesmo que "E n c h o v a"; esta é a pronúncia brasileira, aquela a portuguesa.

Andira ou "G u a n d i r a" — Equivale em tupí a "morcego" em geral (Couto de Magalhães escreve *andirá).* Têrmo obsoleto ou em via de ser esquecido, mesmo pela população sertaneja.

Andira-guassú — Nome indígena que designa as espécies maiores de morcegos, tais como *Phyllostoma spectrum*, com 72 cms. de envergadura, e *Ph. hastatum*, com pouco menos. No Sul do Brasil as espécies maiores atingem apenas 50 cms. de envergadura.

Andorinhas — Pássaros da fam. *Hirundinideos,* ao todo 14 espécies brasileiras, de feitio muito característico, talhado para o vôo rápido e elegante. O colorido do lado superior é ou azul metálico ou pardacento; a parte ventral de muitas espécies é branca e algumas têm ornatos avermelhados. Há algumas espécies de andorinhas que nidificam na América do Norte e vêm passar o inverno aquí; mas a maior parte procria no Brasil, fazendo ainda assim as suas migrações. Muitas espécies excavam canais nos barrancos ou aproveitam os que encontram já feitos por outros animais; outras nidificam em troncos ôcos, ou então fazem ninhos, como os outros pássaros semi-domésticos, por baixo das telhas das casas. Nenhuma das nossas andorinhas constróe ninho de barro, como o fazem as espécies correspondentes européias.

Andorinha

Na lista dos pássaros úteis, as andorinhas figuram em primeiro plano e esta utilidade ressalta ainda melhor, tornando-se patente, mesmo a quem não costuma prestar atenção às coisas de biologia, quando se observa um centro de reunião dêstes pássaros, como o é a já célebre "Casa das andorinhas" de Campinas.

Repetidas vezes literatos de estilo brilhante procuraram descrever o belíssimo espetáculo que oferece essa casa, onde à noite se recolhem nuvens de milhares de andorinhas e lembraremos em especial o formoso quadro, de-

pintado por Ruy Barbosa, em uma de suas famosas orações.

No amplo barracão situado no centro da cidade de Campinas funcionava outrora um mercado; invadido pelas andorinhas, foi êle cedido a estas pela municipalidade. Demonstrando assim elevada compreensão dêsse curioso e utilíssimo fenômeno, Campinas encorporou a "Casa das Andorinhas" às suas mais atraentes curiosidades naturais.

Dedicámos certa noite à observação dêsse interessantissimo albergue. Passámos a noite tôda em claro e, hora por hora, voltavamos a vigiar as andorinhas. Acomodadas nas ripas do telhado e, pousadas corpo a corpo, enchiam elas literalmente todo o espaço disponível, forrando assim completamente as duas abas do telhado.

As primeiras horas da noite, algumas ainda voavam de um ponto para outro, rente com o telhado, porém poucas, pois dificilmente encontravam algures espaço suficiente entre as companheiras, para de novo se acomodarem. Chilreavam continuamente, ora um pouco menos, ora numa gritaria excitada ou raivosa, em que tôdas tomavam parte. Houve quem comparasse, com certa propriedade, todo aquele barulho a um remexer contínuo de uma grande montoeira de cacos de vidro e de louça. As horas passavam, mas o chilrear continuava incessante, sempre o mesmo.

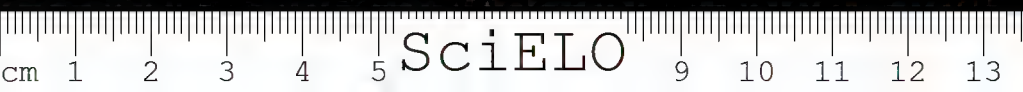
Hora por hora voltavamos a certificar-nos de que, como nós, as andorinhas não dormiam. Até a madrugada o rumor confuso continuou; positivamente tivemos a quasi certeza de que nenhuma das andorinhas conseguira dormir um momento siquer. E afirmaram-nos os moradores visinhos que tôdas as noites aquela mesma algazarra se repete.

Ainda no horizonte não se distinguiam os primeiros albores e um pequeno grupo de andorinhas, de algumas dezenas apenas, voou para fora, a dar ligeira volta pelo espaço. Em breve recolheram-se ao telheiro. Momentos depois novo bando, já acrescido de mais algumas dezenas de companheiras, descreveu o mesmo giro, talvez mais amplo e mais demorado. Recolheram-se também estas, novamente, ao pouso. Assim numerosas vezes se repetiram os ensaios e, sempre que o bando tornava a sair, novas companheiras se lhe agregavam. Por fim, quando o horizonte já clareava sensivelmente e as nuvens tomavam as lindas côres da aurora, quasi todas as andorinhas haviam renunciado ao repouso. Formando nuvens, milha-

res de pássaros volteavam no ar, mais ou menos aglomerados, de modo a constituirem enormes, extensas faixas, ora isoladas, ora reunidas em um único véu estirado, imenso, sinuoso, vivo. Gosando as delícias do vôo e como que correspondendo ao desejo do espectador maravilhado, prolongaram as andorinhas a encantadora visão, até resolverem partir, tôdas juntas, para o trabalho... E assim, após uma última evolução mais ampla, a coluna seguiu para o campo; até o horizonte pudemos acompanhar com a vista a faixa viva que, não sabemos a que distância, se desagregaria em milhares de auxiliares dos agricultores.

Fizemos um cálculo, aliás bastante simples, para avaliar o número dêsses hospedes do albergue campineiro. Medimos a extensão do telhado e contámos o número de ripas, multiplicando depois a metragem obtida pelo número de passarinhos que, bem unidos uns aos outros, se acomodavam em um metro de ripa. Por tal cálculo não podiamos errar sinão por pequena fração, porque não havia meio palmo de ripa sem locador. Obtivemos esta cifra: 30.000 andorinhas, todas da mesma espécie, *Progne chalybea domestica*, conhecida por "andorinha grande" ou também por "T a p e r á". Imagine-se agora a enorme quantidade de alimento reparador de que necessita cada um dêsses organismos, que por assim dizer não descansam o dia inteiro, sempre a voltijar rapidamente.

As andorinhas são única e exclusivamente entomófagas e como cada uma delas necessita no mínimo de 60 a 80 insetos para sua refeição diária, vemos que o benfazejo bando campineiro, todos os dias extermina para mais de 2 milhões de insetos. Pouca gente avalia ao certo o grande benefício que daí advem às condições da lavoura e da higiene de uma região. Iniciando sua ação justamente nos mêses em que os insetos cuidam de sua multiplicação, as andorinhas, desde logo, fazem baixar o número de fêmeas dispostas a desovar, evitando assim os males e as depredações que acarretaria a eclosão de uma infinidade de larvas e lagartas vorazes.

São confundidas com "Andorinhas" certas espécies menores da fam. *Cypselideos*, com mais propriedade conhecidas por "T a p e r u s s ú s". Apesar de terem, de facto, o aspeto de andorinhas grandes, pertencem a uma ordem diversa, *(Coraciiformes)*, e são antes aparentadas com os curiangos e beija-flores. Veja-se sob "A n d o r i n h õ e s".

Andorinha do mar — Ave da fam. *Larideos, Phaetusa magnirostris.* Espécie de gaivota do litoral e dos grandes rios. A cauda é curta; a côr geral, cinzenta; a cabeça em cima e a nuca são pretas, bem como as rêmiges; o lado inferior e as coberteiras das azas são brancas; bico e pés amarelos.

Andorinha do mato — O povo teima em comparar com as andorinhas um passarinho pertencente à fam. *Bucconideos, Chelidoptera tenebrosa*, e portanto, zoologicamente aparentado com o "J o ã o B ô b o". Dão-lhe também o nome "T a p e r á", igualmente alusivo às andorinhas. No entanto, êsse pássaro tem corpo grosso, bem do feitio do "D o r m i ã o", e a côr da plumagem é preta, apenas com uropígio e crisso brancos e parte posterior da barriga avermelhada, castanha. Pelo colorido assenta-lhe melhor a denominação amazónica "U r u b u z i n h o".

Andorinhões ou "T a p e r u s s ú s" — Aves da fam. *Cypselideos,* ao todo 14 espécies brasileiras (gêneros principais: *Chaetura, Cypseloides).* Amadeu Amaral registrou "C h a b ó" como sinônimo caipira. Veja-se também a espécie um tanto diferente conhecida pelo nome "P o r u t í". Impropriamente também lhes dão o nome de "G a i v o t a s". Mas há espécies que ao leigo é difícil distinguir das andorinhas. Nestas a cauda tem 12 retrizes, e apenas 10 nos *Cypselídeos;* diferem ainda pelo comprimento das coberteiras exteriores das azas, cobrindo elas mais da metade das rêmiges do braço; além disto o tarso é muito curto. Nas espécies do gênero *Chaetura*, as pontas das penas caudais sobresáem como espinhos. O ninho é muito curioso: representa um canudo de feltro, às vezes de um metro de comprimento, grudado a um tronco de árvore; a entrada está na abertura inferior e no terço superior há uma divisão interna, espécie de bolsa, onde se acham guardados os ovos. O feltro com o qual o andorinhão constróe seu ninho, é preparado da seguinte forma: catando as sementes aladas de uma planta *(Trixis divaricata)*, o andorinhão molha essa paina com sua saliva glutinosa, imitando mais ou menos o trabalho de um seu parente asiático, cujos ninhos são feitos de algas marinhas e também abundantemente ensalivadas. Constituem assim a passagem para um tipo mais curioso ainda, que é o ninho da *Salangana*, feito unicamente de saliva endurecida. Êsses são os famosos "ninhos de andorinhas",

que no mercado asiático são comprados por alto preço, pois constituem um petisco, mais saboroso, talvez, que os célebres ratinhos recém-nascidos, passados no mel, que dizem ser a delícia dos chineses...

Na Amazônia o povo atribue propriedades mágicas a pedacinhos que sejam, de ninhos de *Panyptila*, pelo que são vendidos por bom preço, mas com o nome de "ninho de cauré", quando lá êsse nome designa o pequeno gavião "T e n t e n z i n h o" (Veja êste e também Goeldi, Bol. Mus. Pará, Vol. II, pg. 430).

Algumas espécies de Andorinhões vivem em bandos numerosos, reunindo-se às vezes às centenas no interior de grandes árvores ôcas e também junto às grandes cachoeiras; conhecido é seu pouso no Salto de Itú, ao redor do qual revoam constantemente. (Veja-se também "T a - p e r á").

Andubé — O mesmo que "M a n d u bé"; veja-se também sob "P a l m i t o".

Anduiá — Em S. Paulo designa peixes de couro de pequeno porte, dos gêneros *Glanidium, Pygidium* e outros; pode ser simples variante de "A n u j á".

Anêmona — O mesmo que "F l o r d a s p e d r a s". (Veja esta). Aquele têrmo é erudito e deriva do nome genérico *Anemonia*. E' usado apenas pelos autores de compêndios zoológicos; o nosso povo emprega só a denominação mais descritiva, que cabe perfeitamente aos belos Celenterados.

Dentição do Anequim

Anequim — Tubarão da fam. *Lamnii-deos, Carcharodon carcharias*, uma das maiores espécies e certamente a mais voraz. Atinge a 12 metros de comprimento e seu peso pode ser comparado ao de três bois. E' extremamente veloz e qualquer preza lhe serve; não raro engole também panos, ferramentas e semelhantes coisas, que qualquer outro animal não tentaria digerir! Natu-

ralmente, é o maior perigo a que estão expostos os náufragos ou banhistas imprudentes; para acalmar os mais medrosos de entre êstes últimos, devemos acrescentar que os tubarões evitam as águas mais razas, porque temem ser arrastados pelas ondas para a praia. O nome corresponde à denominação francesa "r e q u i n", da qual os etimólogos derivam a palavra portuguesa. Por sua vez, *Requin* seria o *Requiem* latino, o repouso... final, que o seláquio proporciona a quem lhe chegar ao alcance dos dentes.

Anhá — Peixes cascudos da água doce, fam. *Loricariídeos*, compreendendo várias espécies do gênero *Plecostomus*, em geral conhecidos por "C a s c u d o s" ou "G u a c a r í s".

Anhinga — O mesmo que "B i g u á - t i n g a".

Anhuma ou "I n h u m a" e ainda "I n h a u m a" — Ave da fam. *Palamedeídeos*, *Palamedea cornuta*, que na

Anhuma

Amazônia é conhecida por "C a u i n t a u" ou "C a m e t a u" e "U n i c ó r n e o". E' ave grande, de 85 cms. de comprimento comparável ao perú, mas caracterizada por

várias singularidades. Os pés têm dedos enormes, o que lhe facilita a locomoção nos banhados, sobre as plantas aquáticas. Na cabeça um "chifre", ou antes um espinho recurvado, córneo, de 12 cms. de comprimento, está implantado sobre a pele; o bordo anterior da aza é provido de 2 esporões, dos quais a ave se utiliza como arma perigosa. O colorido geral é bruno denegrido e preto, exceto o ventre, que é branco. A parte anterior e a cabeça são chamaloteados.

Já o velho Marcgrave, ao descrever meticulosamente esta ave, procurou reproduzir-lhe a voz, grafando *vyhú-vyhú*, o que de fato dá uma idéia do seu grito retumbante. E' ave herbívora, ao que parece, pois vários naturalistas, ao lhe examinarem o conteúdo estomacal, aí só encontraram folhas de gramíneas, de plantas palustres e de azedinha. Vive sempre à beira dos rios e depois de passeiar pelas praias ou mesmo pela água, vai pousar na copa das árvores; seu vôo é fácil, lembrando o dos urubús.

O exquisito chifre frontal de tal modo impressionou os naturais, que há muito tempo lhe são atribuidas virtudes curativas; o historiador Baena registrou ser êle "especioso antídoto contra ataques de estupor e também preservativo".

Anhuma-poca ou "A n h u p o c a" — Em Mato Grosso é o mesmo que "T a c h ã". E' evidente, pela etimologia, a comparação que o índio estabeleceu entre esta espécie e a "A n h u m a", que de fato com aquela se parece pelo vulto.

Anicauera — Goeldi registra êsse nome amazônico para um "P e i x e c a c h o r r o" *(Xiphorhamphus falcirostris)*.

(Anicavara) — Sinônimo, provavelmente local, (Piracicaba) do pássaro *Cissopis major*, mais conhecido por "T i é t i n g a" ou "P r e b i x i m". Convém aguardar confirmação.

Aniquim — O mesmo que "N i q u i m".

Anjo — O mesmo que "C a ç ã o a n j o".

Anojado — Peixe de couro *(Nematognathos)* dos rios do Norte (Maranhão); provavelmente apenas corruptela de "A n u j á".

Anta ou "T a p i r" — Mamífero ungulado, perissodáctilo da fam. *Tapirideos*, *Tapirus americanus*. E' uma

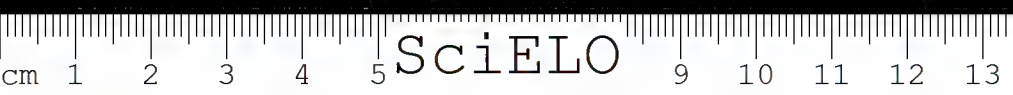
das nossas maiores caças, pois mede até 2 metros de comprimento e 1 m. de altura; tem 4 dedos na mão e 3 nos pés. Um exemplar de 1^m,82 de comprimento, examinado pelo dr. A. Neiva, pesava mais ou menos 170 quilos.

O pêlo é uniforme, bruno pardo, mas os filhotes são malhados, isto é, ornados com 4 ou 5 linhas longitudinais, paralelas, um pouco tremidas, além de vários traços intermediários e manchinhas irregulares nas pernas e na cabeça. Só depois do sexto mês, quando a anta nova já tem mais de um metro de comprimento, o colorido se torna uniforme; no entanto essa roupagem, como também a dos veadinhos malhados, é muito útil ao animal, quando êle busca esconder-se no lusco-fusco da mata. Característico é o focinho, que termina em uma espécie de tromba móvel. A cauda é curta; as orelhas são móveis como as do cavalo. Habita as matas cerradas, nas proximidades dos rios, nada e mergulha perfeitamente e é sempre em direção à água que foge, quando acossada. E' animal de força extraordinária, podendo, na corrida, atravessar o mato mais trançado. Pasta e come frutas do mato; também invade as roças. E' caça das mais apreciadas, mas aos poucos vai sendo exterminada.

Anta "gamelleira", anta "xuré", "batupeva" e "batuvira" são nomes que os caçadores dão ao que supõem ser variedades; mas a nossa espécie é uma só, da Argentina à Venezuela. Mais para o norte, até o México, há duas espécies diferentes e na Índia e Sul da China também existe uma espécie bastante semelhante à nossa, mas cujo colorido é bem diverso, por ter como que uma manta branca nas costas.

A palavra *anta* parece ser de origem árabe (designando um Cervídeo sem galhada). *Tapir* é seu nome tupí e *Mborebi* em guaraní; *mborepirape* é a vereda aberta pela anta na mata e assim também denominavam os índios a Via Láctea.

Transcrevemos, abreviadamente, a descrição de uma caçada de anta por Varnhagem (Manual do Caçador). "A existência das antas, que de ordinário andam juntas, acasaladas, é manifesta pelas picadas que abre o animal pelo mato e principalmente pela enorme pista que deixam suas patas. Bem estudados os rastos, por um bom batedor de mato, passam os caçadores de manhã cedo ao local e se distribuem pelas tocaias ou esperas, isto é, pelas paragens de suas picadas costumadas, que ela terá instintivamente de tomar quando acossada pelos cães. Logo são

ANTAS

êstes, ainda em trelas, levados pelos batedores, ao sítio donde deve começar a batida, e os metem no rasto, desajoujados.

Sendo o terreno de morro, a batida faz-se do cimo para os vales; os caçadores devem ter todo o cuidado de se desviar de diante do caminho da anta, pois vai com tal força, que com a tromba derriba árvores e rompe grossos taquarassús, com o que vai fazendo grande ruido.

A anta prefere, como o veado, refugiar-se na água, da perseguição dos cachorros. Querendo-se a anta viva, nada mais fácil do que laçá-la, quando ela se acha empoçada e prendê-la depois pelos pés e pelas mãos.

Anta

Si há poucos cachorros seguindo a anta, ou si ela não encontra saida, às vezes senta-se ou acua, fazendo-lhes frente e não poucas vezes os destroça. O nosso monteiro havia desatrelado os cães na bocaina de uma pequena serra visinha, no rasto de um casal de antas. Acossadas pelos cães, separou-se uma da outra e os batedores preferiram encaminhar os cães contra a que devia ir parar no poço; era a fêmea. Montámos a cavalo e nos lançámos a correr para o sítio onde se nos chamava.

Chegámos perto do poço em que se achava o animal nadando na água. Era uma anta das grandes, mas afigurava ser muito maior, como sempre sucede quando estão n'água. Os cabelos pareciam retesados e eriçados. A

fera, ao ver-nos com as nossas espingardas, fixou os olhos sobre nós e como que se horrorisou: franziu a tromba, mostrou os dentes e resfolgou. A impressão que me fez esta cena me ficará para sempre presente. Do tempo que levaram os cumprimentos, para que se decidisse a quem tocariam as honras do primeiro tiro, se aproveitou a anta para seguir pelo córrego acima, a procurar outro poço. Alcançámos a margem do poço superior, onde a anta estava mergulhada. O susto que havíamos passado de a haver perdido, fez pôr de parte as cerimônias. O dr. J. apenas viu a anta com a cabeça de fora, descarregou nela os dois canos de sua espingarda, entrando a carga dois dedos por detrás da orelha (que é o melhor tiro de morte) com que a rês curvou a cabeça e foi morrendo, exalando uma catinga enjoativa.

Logo se começou a operação do esfolamento. Cortaram-se as quatro patas ou mocotós, que se distribuiram pelos caçadores como troféu da caçada. As patas dianteiras são preferidas por terem quatro unhas, quando as trazeiras só têm três. O cacho, cuja gordura dizem ser mui própria para fomentações em dôres reumáticas, e o lombo, cuja carne é menos áspera, seriam talvez depois aproveitados pelos batedores; e provavelmente toda a carne seria também comida, depois de haver estado de molho no córrego vinte e quatro horas, com o que, dizem, fica branca e sem catinga, e não dá lepra a quem a come (falsa suposição, que o povo também atribue a várias outras caças, ditas "de carne quente")".

Anú ou "A n u m" — Ave da fam. *Cuculideos, Crotophaga ani.* E' bem conhecida esta ave, que se caracteriza pela crista mediana do bico; o colorido é uniforme, preto, com brilho metálico. Habita toda a América do Sul, do Norte da Argentina até a América Central e mesmo a Flórida.

Para diferenciar esta espécie das congêneres, chamam-na "A n ú p r e t o" ou, na Amazônia, "A n u a í".

E' ave essencialmente gregária; nos pastos ou nos carrascais sempre que vôa um anú, logo o resto do bandinho de 10 ou 20 aves o segue, repetindo o grito aflautado. Ainda durante a procreação a ave manifesta bem o seu instinto social. O ninho, grosseiramente construido de talos e gravetos, acha-se sempre a certa altura entre a folhagem de arbustos e parece estar averiguado que várias fêmeas põem seus ovos no mesmo ninho; consiste assim a ninhada em 10, 15 ou mesmo 20 ovos, de

côr verde azul, cuja casca é coberta por uma camada branca, calcárea. Não pôde ainda ser verificado si as fêmeas se revesam no chôco, mas são muitas as que contribuem para catar os inúmeros insetos, necessários para cevar os pintainhos.

E' ave dos campos, que gosta de pousar sobre o gado, para lhe catar os carrapatos, e não é pequeno o serviço que presta, pois houve quem contasse nada menos de 74 carrapatos, que formavam o conteúdo do estômago de

Anú

uma só ave. Mais geralmente seu alimento consiste em toda sorte de insetos, gafanhotos principalmente; para os encontrar, em vez de procurá-los no capim, êle acompanha a rês que está pastando, porque esta faz com que apareçam os insétos escondidos.

Anú branco ou "do campo" — Ave da mesma família do Anú, mas de outro gênero, *Guira guira*.

Na Amazônia também é conhecido por "Quirirú" e "Piririguá".

O colorido predominante é branco, mas nas costas, principalmente, há abundante desenho preto, ao passo que êste no pescoço e no peito só aparece como linhas ao longo das hastes das penas; as azas e boa parte das penas caudais são bruno-escuras. O alto da cabeça é ruivo e as penas formam uma sorte de crista.

Tem como a espécie precedente, vasta distribuição na América.

Nas zonas rio-grandenses, em que não ocorre a *Piaya cayana*, a êste anú cabe o nome de "Alma de gato".

Anú coroca — No Pará é o mesmo que "A n ú - g u a s s ú".

Anú-guassú ou "A n u m - p e i x e" — Espécie de anú, *Crotophaga major*, mede 45 cms. de comprimento; é portanto uns 12 cms. maior que a precedente. E' espécie bem mais rara que aquela, que de resto em tudo se lhe assemelha. Quando os peixes sobem o rio, nas vésperas da piracema, o *anú-peixe*, como também é chamado, acompanha esta migração, porque assim se alimenta pescando.

Na Amazônia é conhecido por "A n ú c o r o c a" e mais para o sul por "A n ú g a l e g o" ou "d a s e r r a". E' considerado ave agoureira.

Anujá — também chamado "C u m b a c a", "P e i - x e c a c h o r r o" ou "C a b e ç a d e f e r r o" na Amazónia. Talvez "A n d u i á" (Brasil meridional) e "A n o - j a d o" (Maranhão) sejam apenas corruptelas. E' peixe de couro da fam. *Trachycorystideos*, conhecido do rio S. Francisco, Amazônia e Mato Grosso, *Trachycorystes galeatus*, um tanto semelhante à "B u r é v a", porém com nadadeira caudal redonda e não furcada. A cabeça, na parte superior, não é revestida de pele, mas tem placas ósseas granulosas; daí o nome " C a b e ç a d e f e r r o ". Geralmente, o corpo quasi todo mostra desenho branco sobre fundo escuro e manchas irregulares. Atinge 20 cms. de comprimento (os espécimens menores são chamados "C a c h o r r i n h o s").

Pertence ao mesmo gênero o "C a n g a t í" do Nordeste.

Apacanim — Aves de rapina da fam. *Falconideos*, *Spizaetus ornatus* e *tyrannus*.

São belas águias com pequeno penacho (veja sob "H a r p i a"), de colorido bruno-escuro, com abundante enfeite de faixas tranversais brancas, na cauda e nas azas (nestas mais nitidamente no lado interno), nas pernas e também na base do penacho.

Como o registrou Barbosa Rodrigues (Poranduba pg. 287), o "Y a p a c a n i m" pelo verão sempre vôa muito alto, subindo às nuvens verticalmente e descendo da mesma forma; seu grito pronuncia o nome pelo qual é conhecido.

Uma cantiga dos índios do rio Solimões, colhida pelo mesmo cientista, diz: "Quando eu morrer, me ponham no meio do mato, que alí está o tatú-canastra para meu coveiro, o urubutinga para padre e o *yapacanim* para

guia de minha alma". O belo gavião é, pois, o "correio das almas", ao qual se referiu S. Rita Durão, no poema Caramurú, estr. 36.

Apaiarí — Peixe d'água doce da fam. *Cichlideos*, *Astronotus ocellatus;* também chamado "A c a r á a s s ú" porque, de fato é dos maiores de entre os acarás. E' da Amazônia e distingue-se das formas semelhantes por ter muitas escamas nas nadadeiras. Seu colorido geral, verde escuro, é ornado com orlas de côr rubra na região opercular e de igual côr são as manchas esparsas no flanco; na cauda há um grande ocelo escuro, com orla clara, ampliada por outra sanguínea.

Na fase juvenil a roupagem dêstes peixes é ainda mais interessante, por haver várias faixas escuras, verticais.

Êste belo peixe atinge 30 cms. de comprimento e sua carne é bastante apreciada. Eventualmente poderá o apaiarí prestar-se à criação artificial em grande escala, sem contudo ser das espécies mais recomendáveis.

Diz J. Verissimo que os tapuios creem poder atrair o acará-assú para a superfície, dando à flor d'água, estalidos com a língua no céu da bôca, como fazemos instigando um cavalo; avistando o peixe, varam-no com a flecha, certeiramente disparada.

Apapá — Denominação amazônica de várias sardinhas d'água doce e que diferem das do mar só pelo número mais elevado de raios da nadadeira anal; nas espécies marinhas êstes são sempre menos de 25. O maior dos "A p a p á s", também conhecido por "S a r d a", *Ilisha castelneana*, é do Amazônas inferior e cresce até 40 cms.; a espécie congenere, *I. altamazônica* é um tanto menor e mais amarela. Ambas têm até 40 raios na nadadeira anal. Êstes raios são em número de 50 no gênero *Pristigaster*, cuja espécie, *P. martii*, caracterizada pela ausência de nadadeiras ventrais e que não ultrapassa de 14 cms. de comprimento, também vive nas embocaduras dos grandes rios da África ocidental; chega a formar grandes cardumes no ambiente em que se dá bem.

Com relação à pesca do "Apapá" informa José Verissimo, que o índio usa anzois cobertos com plumas encarnadas, portanto do tipo das "moscas" dos pescadores europeus. O manejo dêsse "pindá-siririca" é aquí descrito sob "T u c u n a r é".

E' possível que, do ponto de vista sistemático haja certa confusão no emprêgo dêste nome e do que designa as espécies ainda menores, conhecidas por "A r a v a r í" ou "A v a r í" *(Tetragonopterineos)*.

Apeguava — O mesmo que "P e g u a b a".

Aperema — Veja sob "J a b o t í a p e r e m a".

Apiacá — Maribondo, isto é, vespa social do Norte do Mato Grosso, muito temida pelas suas ferroadas. Não conhecemos a espécie, nem o feitio da "caixa" ou ninho, da qual, pelo que dizem os viajantes, ninguém se aproxima impunemente.

Apiarí — Veja-se "A p a i a r í".

(Apitan) — Goeldi registrou essa denominação, dada pelos índios Tembés, ao urubú comum; outros autores o têm copiado, omitindo, porém, a restrição, quanto à origem. De fato, nunca vimos êsse nome em outros escritos, baseados em observação direta.

Arabaiana — Peixe do mar assim chamado no Nordeste, de Pernambuco ao Rio Grande do Norte. E' idêntico ao "O l h o d e b o i" do Sul, *Seriola lalandi*, da fa-

Arabaiana

mília *Carangídeos*. Como qualidade de carne equivale ao "Charéu". Examinámos na Paraíba exemplares de 1,10 a 1,25 metros, pesando até 30 quilos. Tinha um dêles, no estômago, uma alvacora de 2 palmos de comprimento. Em março os exemplares fêmeas estavam com ovas ainda mal desenvolvidas, mas os pescadores informaram que já se encontravam ovas grandes, atingindo 2 palmos de comprimento. Diz o povo que "quem come o figado da arabaiana pintada fica careca"! Veja-se também sob "O l h e t e", a outra espécie do mesmo gênero, que também é uma "A r a b a i a n a" no Nordeste.

Arabebéu ou "P a m p o a r a b e b é u" — Veja-se sob "P a m p o".

Aracambé — Pronúncia paulista (caipira), por "J a-g u a r a c a m b é".

Em tamanho rivaliza com o "P e i x e g a l o" (30 cms.) com o qual se parece nas linhas gerais e, como nessa espécie, os exemplares juvenís de 5 cms. têm as nadadeiras dorsal e anal prolongadas em fios três ou quatro vezes mais compridos que o corpo e as 5 faixas ainda são bem visíveis.

Aracanguira — Designa na Baía um peixe do mar da fam. *Carangideos, Alectris crinitus* do grupo do "P e i-x e g a l o". Suas nadadeiras ventrais, anal e dorsal posterior, têm os raios anteriores muito compridos, maiores que o próprio corpo e denegridos. O colorido é azulado em cima, prateado inferiormente. Veja-se também sob "P a m p o".

Araçarí — E' a denominação das aves da fam. *Rhamphastideos*, menores que os "T u c a n o s" e com plumagem geralmente verde no lado dorsal e amarelada e bruno-avermelhada no lado ventral e com várias outras combinações (ao passo que nos "T u c a n os" a côr fundamental é preta). A nomenclatura popular distingue apenas mais duas formas adiante mencionadas, que aliás correspondem a dois gêneros distintos *(Selenidera* e *Andigena)*; o gênero *Pteroglossus* compreende os "A r a ç a r í s" comuns (10 espécies). Não deixaremos de salientar uma espécie muito curiosa *(Pt. beauharnaisi)*, da Amazônia, cujas penas da cabeça são transformadas em curiosas lâminas córneas, finas e em parte enroladas ou encrespadas.

Araçarí-banana ou "T u c a n i n h o" — *Andigena bailloni*, é do Sul do Brasil. O colorido do dorso é bruno-azeitona, a rabadilha vermelha e o lado anterior amarelo-ouro; o bico tem ponta verde, a parte alta é azulada e uma malha côr de sangue guarnece sua parte posterior.

Araçarí-poca — Compreende as 5 espécies do gên. *Selenidera;* o bico, ornado de linhas pretas, tem entalhes na margem, formando cinco dentes de serra. A nuca é enfeitada por uma fita amarela. Frequentemente o povo pronuncia: "S a r í - p o c a", esquecido, às vezes, da forma original da palavra.

Aracaroba — Peixe do mar da Baía; é um *Carangídeo.* (Veja-se sob "G u a r a c e m a").

Aracimbora — Veja-se sob "G u a r a c i m b o r a".

Araci-uíra — Sinônimo de "U i r a t a t á".

Aracorana — Em Pernambuco é o nome de um peixe do grupo do "C h a r é u", fam. *Carangideos*. A forma "G u a r a c o r a n a", que deverá ser a mais etimológica, nunca ouvimos.

Aracú — Na Amazônia são peixes d'água doce da fam. *Characídeos*, principalmente do gênero *Leporinus* e outros, que correspondem às "P i a v a s" do Sul.

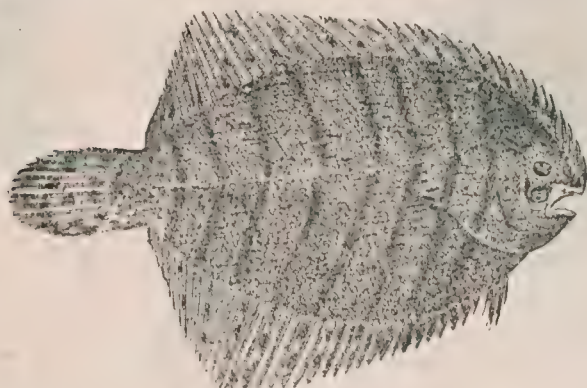
Há um maior número de espécies da subfamília *Anostomatineos*, às quais cabe êste nome. São em geral peixes de tamanho médio, de um palmo de comprimento ou pouco mais, pesando três um kilo; a carne não é das melhores, mas como sua pesca é muito rendosa, o aracú contribue bastante para o abastecimento do mercado de Belém. E' principalmente dos lagos da ilha de Marajó que provém os grandes carregamentos dêste peixe, juntamente com a pequena "Pescada". O aracú alimenta-se unicamente das raizes adventícias da canarana, e como esta é muito abundante naqueles lagos, a quantidade de aracús aí chega a ser fantástica. Em poucas horas as grandes rêdes pegam milhares dêsses peixes. *(Schizodon fasciatus)*.

Aracuã — Aves da fam. *Cracídeos*, gênero *Ortalis*. Há várias espécies na Amazônia, mas no Sul apenas *O. squamata*. Semelhantes aos "J a c ú s", diferem dêles por terem uma linha de penas na garganta, a qual nos jacús é inteiramente núa.

Araguaí — ou "A r a g u a r í" ou "A r u a í" (corruptela, registrada por Goeldi). Ave da fam. *Psittacídeos*, *Conurus leucophthalmus* do mesmo gênero da "J a n d a i a"; a plumagem é verde uniforme, só os encontros das azas são vermelhos e as coberteiras internas amarelas. O bico e a zona núa ao redor dos olhos são côr de carne. Ocorre em todo o Brasil.

Aramá — E' uma das abelhas sociais mais comuns em toda a Amazônia: *Trigona heideri;* no noroeste de Mato Grosso é conhecida pelo nome "V o r á b o i" ou "V o r á c a v a l o". Mais para o Sul não ocorre, e a denominação sulista "Vorá" ou "Borá" corresponde a outra espécie, efetivamente correlata, *T. clavipes*. A "A r a m á" nidifica em ôcos de árvores grandes; o tubo de entrada é largo e às vezes bem comprido, feito de resina escura. A disposição interna é a normal. As abelhas são muito agressivas e têm um forte odor resinoso, desa-

gradável. O mel é azêdo e enjoativo. O abdômen é comprimido, o ápice das tíbias posteriores alarga-se bruscamente; comprimento do corpo 7 a 10 mm. A côr é preta, às vezes passando ao ferrugíneo; azas amareladas, enfumaçadas no ápice.

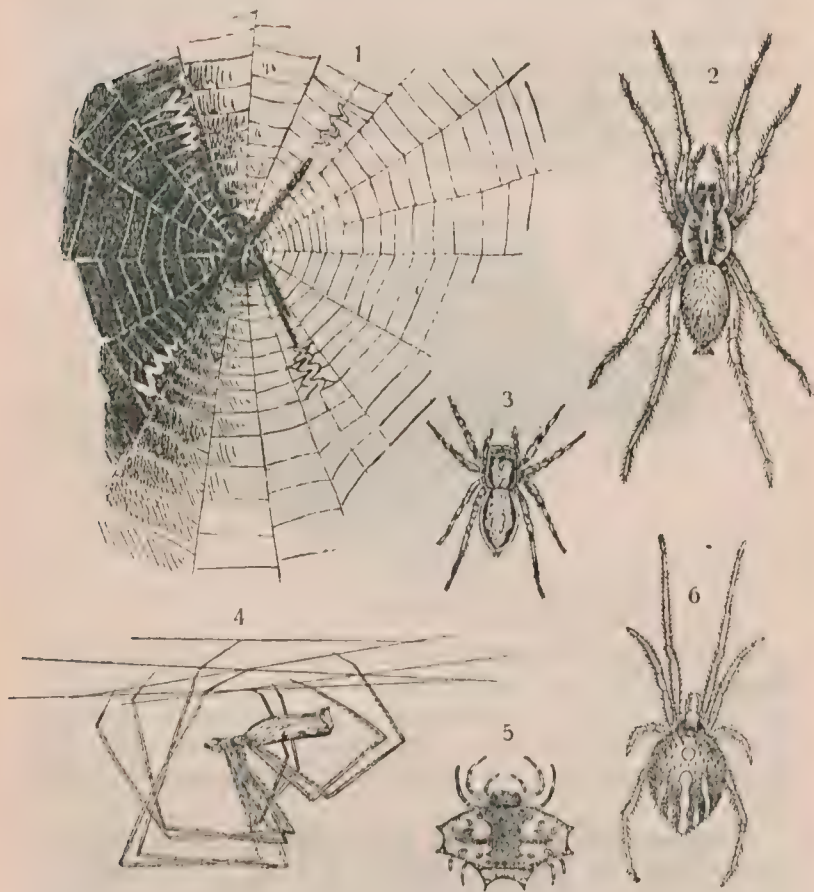
Aramaçá ou "A r a m a ç ã" — Peixes da fam. *Soleideos;* são em tudo semelhantes aos "L i n g u a d o s" do mar, mas vivem na água doce — ou apenas temporariamente, como o gênero *Achirus* na Amazônia, ou adaptados definitivamente à vida fluvial, como *Achiropsis* do rio Negro e dos rios de Goiaz. Mas o mesmo nome cabe também aos linguados do mar, como

Aramaçá

o demonstra a seguinte lenda: Diz o povo que Nossa Senhora perguntara certa vez ao peixe si a maré subia ou descia; o peixe arremedou grotescamente e com voz fanhosa, essa pergunta: "Aramaçá, a maré sobe ou desce?", "pelo que foi castigado, ficando com a bôca torta."

Aramandaia — E' em Pernambuco e na Paraíba a denominação do grande besouro da fam. *Curculionideos, Rhynchophorus palmarum,* que atinge 45 mm. de comprimento; o colorido é inteiramente negro e os elitros são estriados longitudinalmente. E' um dos vários coleópteros que danificam as palmeiras e assim causam sérios prejuizos nos coqueiros do Nordeste. A planta sofre não só os estragos causados pelas larvas, como ainda os que determina a água das chuvas, que penetra pelos canais abertos,.e em volta dos quais o tronco apodrece.

Veja também "M o l e q u e".

Arancuã — Parece ser, em Mato Grosso, a pronúncia mais corrente, em vez de "A r a c u ã" (Severiano da Fonseca, Viagem).

Aranha — Compreende, como denominação genérica, os artrópodes Araneidas da classe dos *Arachnoides* (e

Diversas aranhas

portanto as aranhas não são insetos, como muitas vezes diz o povo). A essa mesma classe pertencem também os escorpiões, carrapatos, etc. que todos têm 4 pares de pernas e cabeça não destacada por pescoço. As aranhas (ordem *Araneidos)* distinguem-se pelas 4 ou 6 verrugas abdominais ou "fiandeiras", das quais brotam outros

tantos fios, que a aranha reune em um só. Existe em nossa fauna, certamente, ainda muito maior número de espécies do que as 3.000 que até hoje foram assinaladas nas 35 famílias. Pelo modo como elas realizam suas caçadas distinguem-se dois grandes grupos de aranhas: as "sedentárias" e as "vagabundas". As primeiras, que têm por tipo a aranha comum das casas (fam. *Phlocideos*, gên. *Blechroscelis* — fig. 4) constroem teias; cada espécie adota um padrão típico e assim, só pelo aspeto da teia, muitas vezes é possivel classificar a aranha.

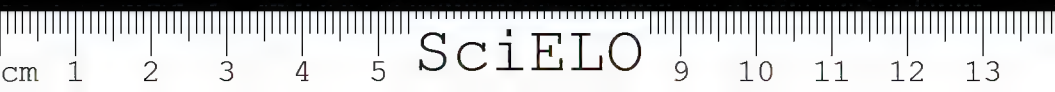
As aranhas "vagabundas" (fig. 3) servem-se das fiandeiras apenas para envolver os ovos em sacos ou bolas, que em geral a fêmea carrega consigo; não constroem teias e, ao envés de esperarem a caça na armadilha, apanham-na de surpreza, aos pulos; tais são as grandes "caranguejeiras" e os pequenos "meirinhos".

Muitas são as espécies de aranhas venenosas, algumas notoriamente perigosas; assim, de tôdas convém desconfiar.

Devemos desde logo acrescentar que a opinião popular, de que as nossas aranhas mais temíveis sejam as grandes "Caranguejeiras", é errônea, pois entre os 30 acidentes devidos a aranhas, observados pelos autores abaixo citados, nem um só foi atribuido à caranguejeira e quasi todas às duas espécies que descrevemos a seguir.

Graças aos estudos meticulosos dos drs. Vital Brasil e J. Vellard, sabemos que no Est. de S. Paulo, pelo menos, as duas espécies, que mais frequentemente determinam acidentes, são *Lycosa raptoria* e *Ctenus nigriventer* (veja-se Memorias Inst. Butantan, Vol. II, 1925 e Vol. III, 1926).

Lycosa raptoria (fig. 2) mede 30 mm. de corpo ou 70 mm. de ponta a ponta das extremidades; o macho é um pouco menor. O colorido é pardacento e às vezes o desenho do cefalotórax e do abdômen é bastante nítido. A fórmula ocular é: $4 \times 2 \times 2$. Habita as casas velhas e jardins, ocultando-se debaixo de pedras, paus podres, etc. A fêmea carrega o casulo de ovos colado às fiandeiras.

Os acidentes determinados por esta espécie caracterizam-se pela ação necrosante do veneno, de efeito apenas local e cutâneo, sem alteração notável da pulsação e da temperatura. Num acidente muito grave determinado por esta espécie, um menino sofreu larga ulceração na barriga e que pôs a nú os músculos subventrais, deixando temer uma eventração. Depois de duas aplicações de sôro, a ferida cicatrizou.

Ctenus nigriventer mede 35 mm. de comprimento (110 mm. de ponta a ponta das extremidades); a fórmula ocular é: 2 × 4 × 2, as patas mostram séries de espinhos, implantados em pontos brancos. Quando é atacada, assume atitude ameaçadora, levantando as patas anteriores, pronta para pular. E' bastante frequente em S. Paulo e vários outros Estados. O veneno desta espécie possue uma ação muito enérgica sobre o sistema nervoso, caracterizada por dôres intoleráveis com paroxismos, caimbras, tremores, suores, pulsação rápida e irregular. Não há medicamento eficaz a não ser o sôro específico.

Impossível é dizer qualquer cousa, em resumo, sobre as inumeras espécies de aranhas da nossa fauna. Citaremos, apenas, ao acaso, alguns exemplos, dos mais típicos.

Heteropoda venatoria é grande, chata, e gosta de morar nas casas, aparecendo à noite para caçar insetos; mas não faz teia; é espécie cosmopolita. Sujam os ângulos das paredes com suas teias os *Phlocideos* do gên. *Blechroscelis* (fig. 4), de pernas longas; pernas não tão compridas têm as do gên. *Theridium*, cuja teia é armada horizontalmente. No jardim vê-se frequentemente a teia muito característica da *Argiope argentata;* no meio da tela pousa a aranha, que junta os pés de tal forma (o 1.º com o 2.º, o 3.º com o 4.º) que parece ter ela apenas 4 extremidades ao todo; e em continuação a estas prossegue na teia um enfeite de fios prateados, em zig-zag, que caracterizam a tela (fig. 1). Ao gênero *Nephila* pertencem outras espécies conhecidas, de abdômen grosso e ornado de côres vivas; suas grandes teias aglomeram-se às vezes nos beirais das casas e caracterizam-se por serem providas, na parte superior, de um grande tubo sedoso, onde em geral a aranha *(Nephila cruentata)* permanece, à espera da caça.

Mas nenhuma outra aranha enfeia tanto as casas como as pequenas espécies de *Dictyra,* tão frequentes no interior do Estado de S. Paulo, onde borram as paredes fazendo teias do tamanho de uma moeda e na qual se junta a poeira, de modo a parecer que a parede fôra borrifada com pequenos pelotes de barro. Lindo colorido têm algumas aranhas do grupo dos *Laterigrados* (fig. 5) (andam para o lado e para trás, como os caranguejos); não fazem teias e caçam pulando; vivem de preferência junto às flores e assim se explica terem colorido adaptado a estas.

Aranha do mar — Crustáceo marinho, *Decapode brachyuro* da fam. *Inachideos (Leptopodia sagittaria)*, de longas pernas e carapaça angulosa, triangular, alongada na frente em forma de rostro pontudo.

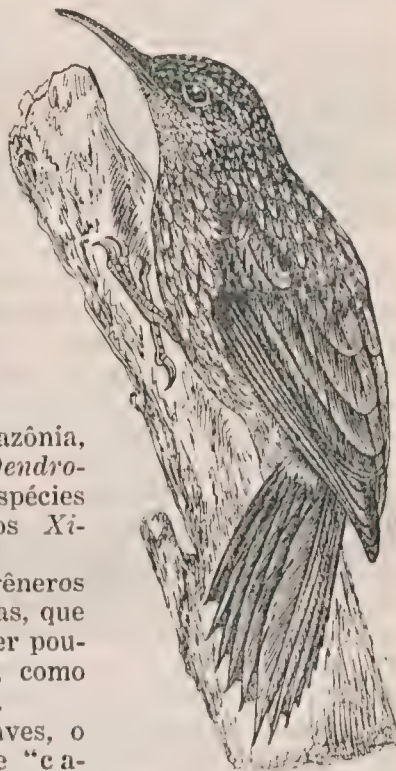
Arapapá — ou "A r a t a i á", "T a m a t i á", "S o c ó d e b i c o l a r g o" (ou "S a v a c ú" no Araguaia) ou impropriamente "C o l h e r e i r o" (nome êste pelo qual todos conhecem a outra ave, de bico realmente alargado em forma de colhér) da fam. *Ardeídeos, Cancroma cochlearia.* O bico é grande, largo, convexo em cima, plano em baixo, comparável talvez, a uma canôa virada. A côr é cinzenta, com barriga castanha no meio, preta nos lados; o vértice é preto, a fronte, a face, garganta e pescoço anterior são brancos; o peito é bruno amarelado.

Arapassú

Arapassú — ou "U i r a p a s s ú" e "P i c a - p á u v e r m e l h o" na Amazônia, são passarinhos da fam. *Dendrocolaptideos*, tais como as espécies compreendidas nos gêneros *Xiphocolaptes* e *Picolaptes.*

Caracterizam êsses gêneros as penas caudais muito duras, que auxiliam o corpo a se manter pousado nos troncos verticais, como o faz o verdadeiro pica-pau.

Tal qual como essas aves, o "a r a p a s s ú" trabalha de "c a r a p i n a", martelando com o bico duro nas cascas das árvores, em procura de insétos.

Na Amazônia, segundo J. Coutinho de Oliveira (Lendas Amazônicas), conta-se o seguinte da famosa "raiz do U i r a p a s s ú": O pássaro conhece uma raiz, que abre todas as coisas; quem quizer possuí-la tapa o ninho da ave e o uirapassú vai logo buscar a tal raiz para salvar os filhotes; então espanta-se a ave, que deixa cair a

raiz mágica. Com auxílio desta pode-se sair da cadeia, ou apoderar-se de tesouros, sem ser percebido.

Como se vê, o pássaro, por ser "quasi" pica-pau, entra no ciclo das aves que atráem a felicidade. Comtudo não foi feliz a quasi associação destas aves com a lenda do "U i r a p u r ú" como a expôs João Ribeiro (Lingua Nacional, pag. 154); esta última é lenda genuinamente amazônica, ao passo que a do pica-pau, na própria opinião do douto filólogo patrício, é certamente de origem européia.

Talvez, porém, o caso se explique com uma simples retificação: leia-se "u i r a p a s s ú" em vez de "u i r a p u r ú"; desta forma não há necessidade de associar lendas tão heterogêneas.

Arapassú de bico curvo — Pássaros da mesma família que os precedentes e semelhantes a êles, mas de bico muito longo e curvo (gên. *Xiphorhynchus*).

Araponga ou "F e r r e i r o" — Pássaros da fam. *Cotingideos*, *Chasmorhynchus nudicolis* no Brasil meridional, e *Ch. niveus* na Amazônia. O macho tem plumagem inteiramente branca e só a zona núa da cabeça, isto é, fronte, face e garganta, são de côr verde. A fêmea é verde azeitonada em cima e amarelada com manchas escuras no lado ventral; o vértice e a garganta são pretos.

Quem conhece o nosso sertão, dirá conosco que é a araponga que completa o quadro dos dias de canícula, quando tudo repousa; só do alto da perobeira ressoam as notas metálicas que tão bem imitam o trabalho do ferreiro na bigorna: a princípio ouvem-se as pancadas espaçadas, bem claras, e por fim algumas mais apressadas e arrastadas correspondem ao ranger da lima sobre ferro. E' tal a poesia que nos evocam estas notas, que ao ouvir o "ferreiro", logo nos sentimos transportados às paragens longínquas da roça. Mas, com franqueza, é de arrepiar os nervos, quando o vizinho, na cidade, teima em manter na gaiola uma araponga, que neste caso só aumenta o barulho, que nos cança os ouvidos e nos torna neurastênicos.

Interessante é o seguinte conto, muito conhecido, graças à vulgarização que lhe deu o Visc. Taunay (Silvio Dinarte, 1879) e, ao que parece, baseado em nosso folclore: "Certa vez, por uma dúvida qualquer, a araponga desafiou a onça para um duelo singular: venceria quem gritasse mais forte e assim assustasse o outro. A onça

começou e, com urros retumbantes e medonhos, fez tremer as arvores e afugentou tôda a bicharada — só a araponga, fingindo valentia, nem piscou. Por sua vez o pássaro teve de se exibir. Mas começou êle muito calmamente a fazer soar notas plangentes, semelhantes à do aço tangido de leve pelo martelo e tão suaves pareceram à onça aqueles sons harmoniosos, que ela baixou a cabeça, fechou os olhos e cochilou. Era o que a araponga queria — bruscamente sua voz mudou e um guincho estridente fez a onça acordar, sobressaltada. Foi assim que a araponga venceu".

Araponguinha — Pássaro da fam. *Oxyrhamphideos*, *Oxyrhamphus flammiceps;* verde com topete escarlate, em baixo amarelo com manchas pretas. Têm igual nome ainda várias outras espécies de pássaros da fam. *Cotingideos*, e com mais propriedade, porque se assemelham muito à verdadeira "A r a p o n g a"; tais são as espécies do gên. *Tityra*, também chamados "C a n g i c a" ou "A r a p o n g u i r a", cujo macho é branco cinzento, com cabeça, azas e cauda pretas.

Arapuá — O mesmo que "I r a p u ã".

Arapurú — O mesmo que "U i r a p u r ú".

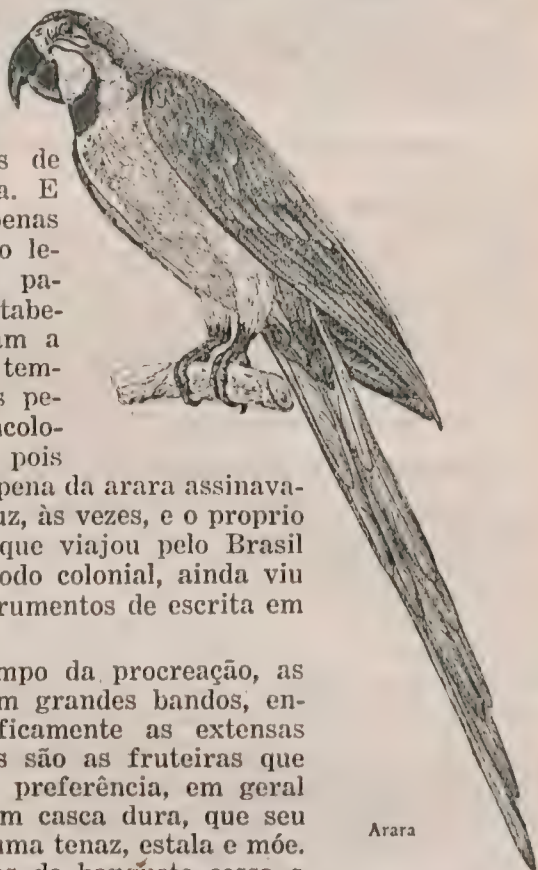
Arapussá — Registramos o termo com certa dúvida, temendo haver confusão com "A i a s s á". Como "A r a p u s s á" nos foi designada a tartaruga *Podocnemys lewyana*, do mesmo gênero que a "T r a c a j á", porém menor; talvez a denominação se aplique às várias espécies de *Podocnemys* enquanto pequenas. Insistimos, porém, na possibilidade de se tratar apenas de má grafia por "A i u s s á". Veja também "P i t i ú".

Arara — Aves da fam. *Psittacideos*, gênero *Anodorhynchus* e as espécies maiores do gên. *Ara* (as espécies menores dêsse último gênero são "M a r a c a n ã s"); veja-se também "C a n i n d é".

Si os papagaios em geral, em todo o mundo, atraem a atenção de todos — mesmo daqueles que não costumam "perder tempo" com bichos de nenhuma utilidade — com razão os maiores representantes desta família previlegiada têm renome especial. São notáveis as dimensões do corpo e em especial do bico, bem como o comprimento da cauda, cujas penas mais longas medem pouco mais de meio metro, perfazendo assim mais da metade do comprimento total dos espécimens maiores; distingue-os tam-

bém o colorido, em que só prevalecem as côres mais vivas e estridentes: vermelho, amarelo e azul, e, aliando a tudo isto uma vivacidade estrepitosa, estas aves desde os primeiros dias da vinda dos europeus ao nosso continente, foram assinaladas como particularmente características do país. Já antes disso os índios lhe testemunhavam sua admiração, arrancando-lhes as enormes penas, para usá-las como supremo adôrno, entre as variadas plumas de sua indumentária. E ainda essas penas vistosas — como levá-lo a mal ao patriarca recém-estabelecido? — vieram a substituir, nos tempos coloniais, as penas de ganso, incolores, sem realce; pois com a rutilante pena da arara assinava-se então... de cruz, às vezes, e o proprio principe Wied, que viajou pelo Brasil em fins do periodo colonial, ainda viu êsses lindos instrumentos de escrita em uso comum.

Arara

Fora do tempo da procreação, as araras vivem em grandes bandos, enfeitando magnificamente as extensas florestas; várias são as fruteiras que visitam, dando preferência, em geral às de frutos com casca dura, que seu bico, rijo como uma tenaz, estala e móe. Só a essas horas de banquete cessa a algazarra estridente e ensurdecedora que, durante o vôo e o repouso, de longe, trai o bando. Hoje em dia, porém, já não é espectáculo que qualquér viajante possa presenciar, pois é preciso buscar o sertão bravo, as longínquas florestas, distantes dos povoados e das estradas de ferro. Em quasi toda a Serra do Mar já agora não há mais araras — quando em 1818 Natterer ainda obteve "C a n i n d é s" no próprio recôncavo do Rio de Janeiro.

Seus ninhos fazem-nos as araras, de preferência, em ôcos cavados no alto do tronco de palmeiras; como, porém, a ave só excava um espaço que dê abrigo ao corpo propriamente dito, a longa cauda fica pendendo para fora, como fita de côr a assinalar o ninho a quem o queira procurar. Os índios, por este indício, facilmente encontram a ninhada (e assim o vemos relatado na lenda que transcrevemos sob "Cunauarú"). A. Miranda Ribeiro figurou, porém, um ninho de arara Canindé, que mostra a ave no fundo de uma grande excavação vertical, feita no tronco de um burití. Como a ave consegue sair, sem dobrar as penas caudais?

Todas as espécies de araras grandes aprendem a falar; mas, em comparação com os papagaios legítimos (do gên. *Amazôna)*, imitam com mais dificuldade a voz humana; sua pronúncia é muito mais "carregada", menos clara e também raramente chegam a formar frases longas; em compensação, faltando-lhes palavras nossas, recorrem logo ao estridente *a-rá-ra*, origem de seu nome onomatopáico, que, porém, nem todas as espécies pronunciam com igual clareza.

Arara-azul ou "Arara-una — *Anodorhynchus hyacintinus*, distingue-se pela plumagem inteiramente azul-intenso; só as regiões nuas da face são amarelas. E' o maior dos nossos *Psíttacídeos*, pois chega a medir 1m,15 de comprimento. Lembraremos que na nomenclatura científica a mesma palavra *ararauna* foi empregada, erradamente, para designar uma espécie muito diferente, conhecida por "Canindé".

Arara-canga, "Arara-piranga ou Arara-vermelha". — São as espécies de araras nas quais predomina a côr vermelha: *Ara macau* e *A. chloroptera;* esta última tem, na parte núa da cara, várias linhas de penas, enquanto que *A. macau* tem apenas cerdas esparsas.

Ararambóia — Cobras da fam. *Boideos*, *Boa canina* (e provavelmente também *B. hortulana*, que pouco difere; veja sob "Salamantra). Convém notar que até há pouco estas espécies tinham o nome genérico *Corallus*, enquanto que a "Jibóia" (antigamente *Boa)* é hoje *Constrictor*. As ararambóias distinguem-se facilmente das outras cobras da mesma família (jibóia e sucurí), por terem sulcos labiais muito evidentes, tanto no maxilar superior como no inferior; o sulco começa um pouco antes da orbita e vai terminar no ângulo da bôca, passando por

sobre o meio das placas labiais. Atingem dois metros e meio de comprimento e parecem viver de preferência trepadas nas árvores. São espécies do Norte do Brasil, conquanto cheguem até o Est. de S. Paulo, no litoral.

Araripirá — Peixe do Amazonas ("tem olhos muito abertos" — Alb. Rangel).

Araruá — Peixe da Amazônia (citado por Alberto Rangel, sem classificação). Talvez má grafia de "A r a u a n á"?

Arataia ou " A r a t a i a s s ú " — O mesmo que "A r a p a p á".

Aratanha — E' em Sergipe, um camarão da água doce, que aparece em cardumes. Falta ainda comprovar zoologicamente essa informação, registrada na Rev. do Museu Paulista, Vol. II, pag. 427.

Aratauá — O mesmo que "I r a t a u á".

Aratinga — Diz Goeldi que na Amazônia o povo dá êsse nome genérico aos periquitos "que apresentam preponderância de côr verde para o amarelo". (Talvez os espécimens que os amadores designam como "contrafeitos"; veja-se estas sob "P a p a g a i o s").

Aratú — Compreende vários crustáceos marinhos, *Decapodes Brachyuros*, da fam. *Grapsideos* (gêneros *Grapsus, Sesarma, Goniopsis - G. cruentata)*. Mais geralmente é conhecido por êsse nome, ou por "M a r i n h e i r o" o *Aratus pisoni* pequeno, de carapaça quadrada, trapezoidal de côr acinzentada. E' muito ágil e vive no mangue, onde trepa com facilidade até os últimos ramos das plantas. Em algumas regiões é procurado como alimento, segundo nô-lo informou também o dr. A. Neiva: "No recôncavo baiano o "a r a t ú" é apanhado em grande quantidade para a alimentação. Procede o pescador da seguinte forma: depois de ter juncado o solo com folhas de mangue, que são excelente chamariz,

Aratú

de cima de um tronco do mangue, armado de um barbante tendo na extremidade uma isca de carne, passa a pescalos, lançando-os em seguida dentro de uma lata de querosene, a qual facilmente se enche".

Aratubáia — Peixe do mar da Baía; em Itaparica alistam-no como "Pampo", diverso do de espinha mole. O. Monte (Alm. Agr. Bras. 1926) registra-o como "peixe de costas cinzentas e barriga branca, não tem dentes e vive no fundo".

Araú — E' o nome tupí da "T a r t a r u g a d a A m a z ô n i a".

Araúna — Pronúncia amazônica por "G r a ú n a". Etimologicamente também está certo (*ara* ave, *una* preta; mas o povo consagrou, em quasi todo o país, "G r a ú n a": *guira* (ave) *una*.

Aravarí ou "A r a u a r í" — Também conhecido por "S a r d i n h a", do Amazônas. Veja-se "A v a r í".

Ardentia — E' como no Rio Grande do Sul os praieiros denominam a "fosforescência" do mar; veja esta.

Areiacó — Pronúncia baiana por "A r i o c ó". Em Pernambuco: "A r e o c ó".

(Arenque) — Nome dado impropriamente a várias sardinhas brasileiras (veja-se "S a r d i n h a s", quando de fato designa *Clupea harengus* do Atlântico septentrional. O "a r e n q u e" de Pernambuco é também chamado "M a n j u b ã o" (gênero *Anchovia).*

Arerê — O mesmo que "I r e r ê".

Ariassú — Veja "B a g r e a r i a s s ú".

Aribú — Deturpação, ou pronúncia dos negros, por "U r u b ú".

Ariocó ou "A r e o c ó" — Não podemos de momento classificar ao certo esta espécie, provavelmente da família *Lutfanideos*. Teremos porém, em breve o exemplar, do qual só obtivemos a descrição do colorido: côr róseo-azulada; carmim no focinho e na cauda; sobre o corpo 7 listas longitudinais amarelas; mancha preta no dorso posterior. O tamanho máximo é de 30 a 35 centímetros, pesando então 2 quilos. E' arrolado entre os bons peixes de 2.ª classe em Recife. No suplemento daremos a classificação exata.

Ariramba — Na Amazônia é o nome das diversas espécies de "M a r t i m - p e s c a d o r".

Ariramba da mata virgem — Designa na Amazônia as diversas espécies de "Beija-flores da mata virgem", como são conhecidos no Sul, ou "Cuitelão".

Ariranha — Carnívoro da fam. *Mustelídeos, Pteronura brasiliensis*, semelhante à "lontra", porém maior, alcançando alguns espécimens 2^{m},40 de comprimento total (a cauda mede quasi um metro). A côr é igual à da lontra, porém a barriga é menos clara e o focinho não é nú, mas coberto de pêlos e a cauda é achatada em tôda extensão, quando na lontra ela só o é na ponta. A ariranha habita os grandes rios de todo o país, inclusive a Amazônia, ao passo que a lontra vive no Brasil meridional. Aquela difere também desta, por levar vida diurna, enquanto que a lontra é animal noturno. A pele da ariranha é, como a da lontra, muito apreciada como tapete ou agasalho, principalmente quando caçada no inverno, porque então lhe cresce um reforço de pêlos curtos e densos, que a torna macia, e, ao ser beneficiada, ainda se lhe arrancam os pêlos mais grossos. As ariranhas gostam de viver em bandos e nadam pelo rio, não raro fazendo uma grande barulheira, semelhante à dos gatos, cuja voz imitam. Nadam otimamente e, mergulhando, caçam peixes, que vão devorar em terra. Os peixes menores são devorados inteiros, ao passo que dos maiores rejeitam a cabeça e a espinha.

E' preciso ser bom atirador, para poder com algum sucesso ir à caça das ariranhas. De longe aproxima-se, vindo rio abaixo, um ponto negro, que fende as águas como a quilha de um barco invisível. Bastaria êsse alvo ao caçador; mas, antes de poder êle disparar o tiro, a ariranha sumiu-se de todo nas profundezas e quando, algum tempo depois, reaparece, por um instante apenas, para respirar rapidamente, ainda uma vez o tiro resvala na água. Si ainda assim, por muita sorte do caçador, o animal é ferido, êste naturalmente afunda e quasi sempre se perde.

Arlequim — Na literatura entomológica alguns autores usam esta denominação, copiada do francês, para designar o grande coleóptero da fam. *Cerambycideos, Acrocinus longimanus*. Não sabemos se o nome também já é empregado pelo povo.

Trata-se de uma das espécies de besouros mais característicos da nossa fauna. Suas dimensões (da fêmea,

sempre maior) alcançam 9 cms. de corpo e 30 cms. medindo as grandes pernas anteriores, extendidas; as antenas são ainda um pouco mais longas. O colorido fundamental é preto, entrecortado por um mosaico irregular, de faixas cinzento-prateadas e em parte recobertas por vermelho-tijolo, quasi encarnado. A enorme larva cria-se em figueiras, jaqueiras, paineiras, etc. Há uma espécie um tanto semelhante, menor, *Macrophora accentifer*, cuja larva broca as laranjeiras. (Veja "Serra-páu").

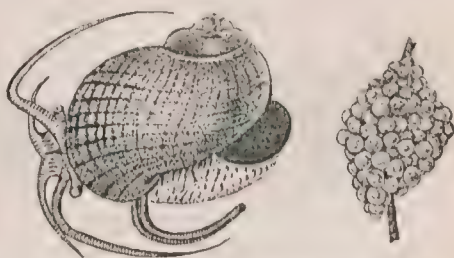
Arlequim — Os criadores de canários assim denominam o híbrido obtido pelo cruzamento do "canário da terra" com o "do reino" (Inf. Fausto Lex).

Arraia — O mesmo que "Raia".

Arranca-milho — Veja sob "Graúna".

Arú — Segundo Teschauer (Novo Vocab. Nac.) designa uma espécie de sapo em Minas Gerais. Não temos confirmação zoológica.

Aruá — No Brasil Central é este o nome do "Jacaré grande". Veja-se também "Arurá".

Aruá — ou "Fuá" ou em Sergipe: "Arauá". No Norte do Brasil é o nome de vários moluscos, caracois da água doce. Assim Arthur Neiva (Viagem científica, pág. 15), cita a pequena *Paludina* com esta designação vulgar, mas em todo o Nordeste o povo conhece por aruá principalmente as espécies do gên. *Ampularia*, que chegam a atingir quasi o tamanho de um punho. Vive na água, onde se alimenta de substâncias vegetais, mas pode viver longo tempo em sêco, retraindo-se então o animal para o interior da casca, cuja abertura é hermeticamente fechada pelo opérculo ligado à parte inferior do corpo. São conhecidas cerca de 30 espécies brasileiras deste gênero.

Aruá do brejo *(Ampularia)* e conglomerado de ovos

Põem pequenos ovos róseos ou vermelhos que, formando um aglomerado de contas, envolvem em forma de bola os caules das plantas aquáticas ou então são deposi-

tados sobre pedras; de cada ovinho nasce um caramujinho já perfeito, que logo procura alimentação adequada.

O aruá não desempenha papel de qualquer forma interessante no ambiente em que vive; poucos são os animais que dêle se nutrem; êle próprio, porém, nos aquários por exemplo, estraga a folhagem e os brotos das plantas aquáticas. Na Amazônia sua casca é às vezes aproveitada, como "caneca", para a coleta do latex da borracha.

Aruá do mato *(Bulimus)*

V. Chermont de Miranda dá o nome de "U r u á" (aliás apenas uma variante fonética) a "um caracol abundante nos campos baixos do Marajó". O gavião conhecido por "C a r a m u j e i r o" chama-se no Norte "G a v i ã o d e u r u á". Leonardo Motta (no elucidário dos "Cantadores" p. 367) registra: besta como aruá = muito tolo. O. Monte diz ser o Aruá "muito apreciado, no Norte, como excelente prato", o que aliás não vimos confirmado no Nordeste.

Aruá do mato — Veja sob "C a r a m u j o d o m a t o".

Aruaná ou "A r a u a n á" ou "C a r a p a n á" (?) em Goiaz, como escreveu Henrique Silva — Peixe de escama da água doce, da fam. *Osteoglossideos*, com a única espécie amazônica *Osteoglossum bicirrhosum*. E', sob vários aspetos, êmulo do "P i r a r u c ú" — representantes únicos de famílias aberrantes e que, em meio da fauna hodierna, representam tipos remanescentes de outras éras.

Contudo o "A r u a n á" não tem a importância econômica do pirarucú. Caracterizam-no o feitio das extensas nadadeiras dorsal e ventral, que, começando no meio do dorso e da barriga, vão atingir a base da caudal. O colorido predominante é branco-prateado, com reflexos vermelhos e o disco das grandes escamas laterais é verde, margeado por tons dourados. E' notável a presença de barbilhões (pois não os tem nenhum outro peixe de escama, da água doce, em nossa fauna). Atinge mais de 1 metro de comprimento e a carne é muito saborosa. Os ovos do aruanã, comparados aos dos demais peixes, são

enormes, medindo 1 cm. de diâmetro ou seja 4 ou mesmo 10 vezes maiores que os da generalidade dos outros peixes. As formas larvais, já com 30 mm. de comprimento, ainda têm saco vitelino grande e em caso de perigo refugiam-se na bôca dos pais como o fazem também os filhotes do pirarucú e dos acarás. De acôrdo com tal proteção, o número de ovos anualmente produzidos é limitado (veja-se sob "C a s c u d o"); Miranda Ribeiro constatou ao todo 120 nos ovários de uma fêmea prestes a desovar.

O aruaná, diz J. Verissimo, é um peixe, por assim dizer, de superfície. Anda pelas primeiras camadas d'água e em bandos aparece nas beiradas quasi à tona, oferecendo assim fácil presa à frecha, à fisga e até à espingarda, pois que o matam também a tiro. De anzol, porém, para pegá-lo é preciso que o anzol não afunde.

Isto conseguem os pescadores com o caramurí — uma boia cilíndrica de uns 10 cms. de comprimento por 3 ou 4 de diâmetro feita da madeira leve "caramurí", que dá o nome ao instrumento; êste retém o anzol iscado em altura alcançável pelo peixe. Ou lançam toda a linha para o meio do sítio em que pescam ou a enrolam no caramurí e o atiram ao longe, esperando da canôa, já pronta, que o peixe "pegue", o que a boia mostra, sumindo-se de repente ou correndo pela superfície.

Atiram-se então a ela com a canôa ligeiramente remada e, agarrando-a, colhem o peixe preso pelo anzol.

Arumará — Em Alagôas e em Pernambuco é o mesmo que "G r a ú n a". Diz-se também "G r u m a r á". Corresponde ao "V i r a" do Sul.

Arurá — No sertão paulista também é usada esta denominação (como já assinalámos sob "A r u á" para o Brasil central) aplicada ao "J a c a r é - a s s ú".

Assanhasso — Veja-se sob "S a n h a s s o".

Assobiadeira — Marreca, *Nettion flavirostre*, do Rio Grande do Sul, pertencente ao mesmo gênero da "A n a - n a í". E' bruno-cinzenta em cima, com faixas pretas transversais na cabeça, o lado inferior é esbranquiçado, com grandes manchas pretas no peito. Sobre a aza passam duas faixas amarelas.

Segundo informação do Sr. João Leonardo Lima, em Mato Grosso êste mesmo nome cabe à marreca *Dendrocygna viduata*, a "i r e r ê", que vive aos bandos em Miranda e cujo assobio forte se ouve de longe.

Assobiador — Goeldi conheceu por êste nome, na Serra dos Orgãos, o grande pássaro da fam. *Cotingideos*, *Tijuca nigra*, de 27 cms. de comprimento, cujo macho é todo preto, com excepção de uma mancha amarela nas azas e do bico alaranjado; a fêmea é uniformemente verde-escura.

Seu assobio tem certa semelhança com o do "S a c í"; compõem-se, porém, de três sílabas em tons ascendentes. Vive nas matas da Serra do Mar. São da mesma família a "A r a p o n g a" e os "A n a m b é s".

Assoprador — Em Mato Grosso é o mesmo que "B ô t o d a A m a z ô n i a".

Atá — "A n d a r a o a t á" — Modismo brasileiro, que aquí registramos, unicamente para chamar a atenção do leitor à origem da expressão, que se refere, na acepção primitiva, a um hábito curioso dos caranguejos (veja sob êste vocábulo). "Atá", em guaraní significa, aliás, simplesmente: andar, caminhar.

Atangará — Na Amazônia, por "T a n g a r á". Aplicam essa denominação a várias espécies de pássaros da fam. *Pipridcos*, gêneros *Pipra*, *Manacus*, etc., quando no sul "T a n g a r á" designa apenas as espécies propriamente dansarinas.

Atapú ou "I t a p ú", "U a t a p ú" ou "G u a t a p í" — No Norte do Brasil é um grande caramujo marinho, do qual os jangadeiros se servem como buzina *(Voluta)*. O nome primitivo em guaraní é "g u a t a p í". No litoral nordestino: "b u s o".

Aterroadas — Nome dado na Amazônia aos montículos de argila, que certas minhocas acumulam ao redor dos buracos em que vivem, nas terras alagadas. Com a sêca êsses montículos endurecem e não só incomodam e dificultam a marcha, como também estragam as pastagens. Em sentido mais amplo, o termo abrange também os montículos levantados por cupins ou por formigas.

Atobá — O mesmo que " M e r g u l h ã o".

(Atum) — Designa, na grande pesca marítima do hemisfério septentrional, o precioso peixe *(Thunnus thynus)* conhecido entre nós só como conserva.

Por ser semelhante às outras espécies da fam. *Scombrídeos*, (cavala, charéu), às vezes aquele nome familiar aos pescadores portugueses, se infiltra em nosso vocabulário, determinando confusão.

Avarí ou "A u a r í" — Pequenos peixes do rio Madeira, da fam. *Characideos*, e ao que parece, pertencentes a vários gêneros: *Creagrutus*, *Aphiocharax*, etc.

Aves e Pássaros — Pouca gente costuma fazer distinção, com valor classificativo, no emprêgo dêstes vocábulos, peculiares à nossa língua e à hespanhola. O francês emprega indiferentemente *oiseau*, tanto ao designar o avestruz como o pardal e da mesma forma *Vogel* em alemão e *bird* em inglês, aplicam-se a qualquer vertebrado plumado. Ninguém, falando corretamente nossa língua, dirá que a ema, o gavião e o papagaio sejam pássaros. "Pássaros são as aves pequenas", temos ouvido definir. Estará certa? O benteví é um pássaro, mas a rôlinha, muito menor, pode ser designada assim?

Certamente que não, pois a rôla é uma pomba e os representantes desta ordem não são pássaros, porém aves, como as galinhas. Verificamos, pois, que há, como acima dissemos, valor classificativo nestes dois vocábulos, ou, mais exatamente, em um dêstes vocábulos. Aves são todos os vertebrados plumados, inclusive os pássaros; êstes, porém, constituem um determinado grupo zoológico das aves, conhecido na nomenclatura científica como constituindo a Ordem dos *Passeriformes* (e que o alemão conhece por "S c h r e i u. S i n g v ö g e l" e o inglês por "P e r s h i n g - b i r d s").

Só por esta forma podemos regular o emprêgo exato dos dois vocábulos, devendo-se deixar de lado a noção do tamanho, pois que nos induzirá em muitos erros. Além do exemplo já citado, lembraremos ainda os pequenos "T u i n s", do grupo dos papagáios e de dimensões bem menores do que muitos pássaros, como os sabiás, a araponga ou os grandes japús.

Pelo mesmo critério também não são pássaros os minúsculos beija-flores, cujos caracteres zoológicos os fazem enquadrar na ordem dos *Coraciformes*, juntamente com o "M a r t i m - p e s c a d o r", as "J u r u v a s", os "C u r i a n g o s" e os "T a p e r u s s ú s" considerados, pois, seus parentes mais próximos.

Os dois exemplos acima frizam bem a questão: ninguém dirá que o pequeno parente dos papagáios seja pássaro — mas quanto aos pequenos beija-flores ficarão em dúvida aqueles que não se desprenderam ainda, de todo, do critério das relativas dimensões. Constatemos, porém, que é uso generalizado dizer-se que os beija-flores são graciosas "avezitas" ou "avezinhas" e não passarinhos.

O emprêgo dos vocábulos *ave* e *pássaro* deve, pois, ser regulado única e estritamente pelo critério da classificação.

A definição zoológica da ordem dos Passeriformes é infelizmente, bastante complicada, devido às naturais afinidades dos variadíssimos gêneros aquí compreendidos (das 1.600 aves brasileiras, quasi 900 são pássaros). Em resumo, caracterizamos os Passeriformes como: "Aves cujo bico, de forma variável, não tem membrana (cêra) na base; o tarso é desprovido de penas; os pés têm 3 dedos dirigidos para a frente e 1 para trás; a unha do dedo posterior é mais forte que a dos dedos anteriores, dos quais os dois interiores se acham ligados entre si, na base". Por ser difícil ao leigo orientar-se, com segurança, baseado em tal definição, mencionaremos, a seguir, os tipos característicos das aves pertencentes às demais ordens (e que, portanto, *não são pássaros)*: Avestruz, Galináceos, Inambús, Pombos, Aves aquáticas, marinhas e praieiras, Pernaltas, Palmípedes, Aves de Rapina, Coraciformes: Martim-pescador, Juruva, Curiangos, Taperussús, Beija-flores, Surucuás, Cucos (Alma de gato, Sací, Anú), Tucanos, Picapaus, João bôbo, Beija-flor da mata, Bico-redondos (papagáios etc.).

(Avestruz) — Designa propriamente a grande ave africana *Struthio camelus*, mas entre nós é vulgarmente aplicado à espécie correspondente da nossa fauna, a "E m a".

Avinhado ou "C u r i ó" — Pássaro da fam. *Fringillideos, Oryzoborus angolensis*, de corpo cheio e bico grosso, sendo o macho preto em cima e de côr castanha no lado inferior, ao passo que a fêmea é mais bruna no lado dorsal e mais amarelada em baixo. E' um dos melhores cantores da família e sua distribuição natural se extende por todo o Brasil. Faz parte do mesmo gênero o "B i c u d o".

Aviú — Na Amazônia designa um pequeno crustáceo, um camarãozinho (fam. *Sergestideos, Acetes americanus)* da foz do Tocantins e ao que parece de Santarém. No mercado é conhecido por "Aviú de Cametá", pois que só nos arredores dessa cidade se faz sua pesca em maior escala.

O corpo mede quando muito 3 cms. de comprimento e a grossura apenas ultrapassa a de um palito de fósforo. Não conheciamos êste curioso crustáceo e assim, logo ao chegarmos em Cametá, encarregámos um rapazinho de

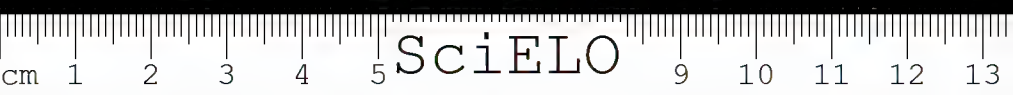
nos procurar uma amostra; momentos depois êle trazia-nos uma cuia cheia de aviús, facilmente apanhados com um saco na água rasa. Sem ser preciso qualquer outro preparo, além da lavagem, simplesmente cozido, frito como bolinhos ou sêco e reduzido a quasi farinha, o aviú é saborosíssimo. Mas é uma riqueza que só abunda durante poucas semanas, depois das primeiras enchentes do rio em Julho ou Agosto. Todos os peixes, com exceção apenas dos iliófagos ou comedores de lodo, àquele tempo se locupletavam com o aviú tão nutritivo e fácil de pegar.

Em raras localidades, na foz do Mississippi e no Japão há espécies semelhantes do mesmo gênero, onde também são muito apreciados. Mas sua biologia é difícil de estudar e talvez não seja possível aproveitá-lo melhor, pela criação, como seria de desejar.

Avoante — O mesmo que "Pomba de bando".

Aza branca — No Norte do Brasil é o nome da pomba *Columba picazuro;* veja "Pomba torcaz". Goeldi registra o mesmo nome também para uma espécie de "Anambé" *(Xipholena lamellipennis)*, mas a acepção mais generalizada é a referente à pomba.

Aza de telha — Denominação riograndense do "Vira", de azas castanhas, *Molothrus badius.*

Azulão — Como é natural, há várias espécies de pássaros azues, aos quais cabe êste nome. No Norte chamam assim ao "Vira", de fato azul escuro, mas cuja fêmea é parda, *Molothrus bonariensis atronitens;* um "Sanhasso", *Stephanophorus leucocephalus* (veja sob "Sanhasso frade"), é todo azul, mas a cabeça, em cima, na frente, é preta, em seguida, no vértice, vermelha e mais atrás azul-clara. Mais geralmente conhecido por "Azulão" é o pássaro da família *Fringillideos, Cyanocompsa cyanea,* também chamado "Guarundí azul", do grupo dos "Papa-arroz", azul, com fronte e encontro das azas mais claros; a fêmea é pardo-amarelada.

B

Baba de boi — No Rio Grande do Sul são assim chamados os fios das aranhas aeronáuticas, do gênero *Thomisius*, do grupo dos *Laterigrados*. Nas tardes calmas de Outubro voam fios de seda pelo ar e, presas a êles, acompanham essa viagem as pequenas aranhas que, por meio de tal locomoção aérea, demandam novas paragens, onde esperam encontrar caça mais abundante. A aranha arma seu aparelho colocando-se sobre qualquer ponto um pouco mais elevado e, dirigindo a extremidade do abdômen para cima, faz esguichar seu fio de seda, que qualquer brisa leva consigo e, sendo bastante longo, também carrega por fim a aranha. Como Darwin certa vez observou em alto mar, as aranhas, nestes seus vôos, chegam a afastar-se 60 milhas da terra. Querendo dar por finda a migração, a aranha sabe transformar seu aparelho em paraqueda, simplesmente pelo encurtamento do fio, que ao ser enrolado numa bolinha, tende a cair e, por fim, o passageiro vai pousar em lugar distante, atingido a esmo, bem se vê.

Babosa — O mesmo que "M u s s u r u n g o".

Bacacú — Goeldi registra êste nome amazônico, aplicado a várias espécies de pássaros da fam. *Cotingideos*, ou "A n a m b é s", como são conhecidos genericamente. Pertencem ao gênero *Xipholena*, caracterizado pelas longas penas coberteiras das azas. *X. lamellipennis* da Amazônia inferior é de côr mais escura, com brilho purpúreo e azas e cauda brancas; *X. punicea*, do alto Amazonas, é de colorido semelhante, porém muito mais brilhante, de belíssima côr de púrpura intensa e que a torna digna de ser registrada entre os mais belos representantes da família, que aliás prima pela formosura de suas côres vivas.

(Bacalhau) — Designa propriamente o peixe dos mares frios do hemisfério septentrional, *Gadus callarias* (antigamente *G. morrhua*) e que no Brasil é importado em larga escala, como peixe sêco. Há em nossos mares

algumas espécies da fam. *Gadideos*, tais como o "A b r o t e" (vide êste), aos quais impropriamente se dá o nome de bacalhau; nenhum dêles, porém, oferece pesca em maior escala, pelo que não tem valor para a indústria.

Bacoral — ou antes — "B a c o r á", como o pronunciam os caipiras, é a "C o b r a c o r a l". Afranio do Amaral tenta a explicação etimológica: *mboi* (cobra) *corá* ou *cará* (com circulos, as faixas anulares).

Bacú — Na Amazônia, designa várias espécies de peixes da água doce do gênero *Prochilodus*, ao qual aliás pertencem os "C o r u m b a t á s" do Sul. Às vezes o mesmo nome é aplicado às espécies do gên. *Doras*, o que, porém, parece provir da confusão com "V a c ú" (vide êste).

Bacucú — Molusco lamelibrânquio marinho da fam. *Mytilideos (Modiolus guyanensis* e *M. tulipa)*, semelhante ao "S u r u r ú" e, como êste, comestível. Têm duas conchas iguais, de forma um tanto oval, alargadas na parte posterior e por isto, às vezes, de configuração quasi triangular; por fora a côr é escura nos exemplares do Brasil meridional, amarelo-castanha, com parte posterior esverdeada, nos do Norte (Baía) ; o interior é azul ou verde, nacarado; atinge 8 cms. de comprimento. Confronte-se a explicação sob "S u r u r ú".

Bacurau e "C u r i a n g o" — Parecem aplicar-se a quasi todas as espécies de aves da fam. *Caprimulgideos*, à exceção do gên. *Nyctibius*, que abrange os "U r u t a u s". Assim o constatámos tanto no Sul como na Amazônia. Acrescem ainda os nomes "J o ã o c o r t a p a u" *(Caprimulgus rufus)*, que é onomatopaico e "M e d e - l é g u a s" *(Nyctidromus albicollis)*. Vide sob êstes nomes e a parte geral sob "C u r i a n g o". Em Pernambuco diz-se também "I b i j a u".

Bacurau-tesoura — Vide "C u r i a n g o - t e s o u r a".

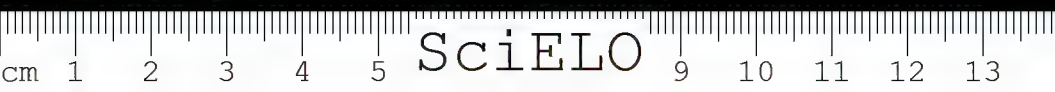
Badejete — "B a d e j o m i r a" *(Parepinephelus acutirostris)* ou simplesmente "M i r a" (não confundir com "M i r a g u a i a"), é conhecido em geral por exemplares de tamanho mediano, menos de 50 cms., podendo, porém, atingir 90 cms. de comprimento; é de côr chocolate no mercado, mas em vida é esverdeado, com largas

faixas transversais, de côr sépia e com finas estrias longitudinais, ondeadas nos lados. Vive nos lugares de pedras, onde é pescado em boa quantidade.

Badejo — Várias espécies de peixes do mar da fam. *Serranideos* têm êste nome; distinguem-se do "C h e r n e" e das "G a r o u p a s" por terem caninos distintos na parte anterior da maxila. No Nordeste são conhecidos por "S e r i g a d o". (O Badejo de Portugal pertence a outra família muito diversa e é do gênero do bacalhau). São todos de carne excelente, tanto os pretos como o "b r a n c o". Êste *(Trisotropis microlepis)* é côr de pérola ou cinzento, com manchas escuras e atinge 1m,50 de comprimento. "B a d e j o f e r r o" *(T. bonaci)* é coberto de máculas escuras, separadas entre si por linhas brancas, sinuosas, que formam uma verdadeira rêde; uma fina orla branca guarnece as nadadeiras. E' a espécie que atinge maior desenvolvimento entre as congêneres, isto é, 1m,80 de comprimento. Com as marés calmas gosta de tomar sol à flor d'água, nos lugares pedregosos, e então pode ser colhido com a fisga. A carne, mesmo dos grandes exemplares, é bôa, sendo geralmente vendida em postas, o que então dá lugar a falsificações, porque também o cação pode assim "virar" em badejo...

Em Pernambuco êste peixe é negociado em primeira mão como si fosse de 5.ª classe, quando de fato é de ótima carne; mas essa depreciação do peixe inteiro tem por fim contrabalançar a "quebra", que é grande, quando o peixe, depois, é eviscerado e retalhado pelo vendedor ambulante, lá apelidado "pombeiro".

Badejo-fogo ou "B. s a n g u e" — *Pterometcpon cruentatus*, faz jús ao nome por ser de lindíssima coloração rubra, às vezes com algumas máculas pretas. Não alcança bem um metro de comprimento. Difere genéricamente dos outros badejos por ter apenas 9 acúleos na dorsal e não 10 ou 11, como as espécies dos outros gêneros. No Nordeste é conhecido por "P i r a ú n a".

Badejo-sabão — Peixe do mar da família dos precedentes, *Rypticus saponaceus;* difere dos outros badejos por não ter acúleos na nadadeira anal. E' de côr chocolate escura e, como o corpo é revestido por abundante mucosidade, isto lhe valeu os nomes tanto vulgar como científico. No Nordeste diz-se "S e r i g a d o s a b ã o".

Bagageiro — Passarinho da fam. *Tyrannideos*, do grupo dos "C a g a - s e b o". Pardo esverdeado em cima, branco no lado ventral e desta mesma côr são as margens das penas das azas e um traço superciliar. *Phaeomyias murina*. Seu nome vulgar "B a g a g e i r o" é da Amazônia; não lhe conhecemos a denominação usada mais ao Sul, onde também ocorre até o Est. de S. Paulo.

Bagre — Vocábulo introduzido pelos portuguesês e espanhois na América do Sul. De acôrdo com as informações de Bluteau, João de Barros se refere nas "Décadas" a peixes dêste nome, que conheceu em Sumatra e assim parece que a origem do vocábulo é asiática e não antilhana como sugerem R. Lenz e outros autores.

Já em 1640 o têrmo era de uso corrente em Pernambuco, como o atesta Marcgrave *("Nhamdia Brasiliensis*, "bagre do rio" *vocatur á Lusitanis")*; nos modernos catálogos dos peixes de Portugal não o encontrámos registrado e as espécies correspondentes, do gên. *Cobitis* são conhecidas vulgarmente por "Verdeman". Em acepção restrita, no Brasil, "bagre" na zona litorânea designa as espécies da fam. *Ariideos* (veja-se a seguir) e nos rios do interior é sinônimo de "J u n d i á".

Bagre (do mar) — Como acima ficou dito, abrange êste nome as várias espécies de peixes de couro da fam. *Ariideos*, que são propriamente marinhos, mas que ao tempo da reprodução procuram a água salobra e sobem os cursos dos rios. Ao contrário dos outros *Nematognathos*, têm as 2 narinas de cada lado distanciadas entre si; os três gêneros *Tachysurus, Genidens* e *Felichthys* abrangem cêrca de 17 espécies ocorrentes em nossas costas. (Veja-se abaixo os vários nomes específicos).

No vocabulário indígena os bagres do mar eram conhecidos por "G u r í" (Norte e Sul) ou "U r í" (Norte), formas estas ainda usuais.

Economicamente, são peixes de muito valor para a alimentação do povo, visto como por ocasião da reprodução abundam em todas as embocaduras dos rios da zona costeira e são fáceis de pescar; pelo sabor, porém, são em geral de qualidade inferior, devido ao gosto de lodo e quasi sempre também de óleo, que caracteriza sua carne. Como todos os *Nematognathos*, não têm dentes, mas apenas placas ósseas, às vezes espalhadas por toda a cavidade bucal

e providas de pequenos espinhos muito unidos, que funcionam como limas ou grozas. Daí o regímen dêsses peixes, restrito muitas vezes a detritos orgânicos que encontram no fundo, juntamente com vermes, que por sua vez vivem do lodo; outros contudo, são carnívoros.

Como já ficou dito, o bagre do mar vem para as embocaduras dos rios, afim de cuidar da multiplicação. Os óvulos são provavelmente depostos e fecundados em um remanso; para garantir a evolução dos mesmos, os pais, principalmente os machos recolhem-nos à bôca e aí os mantém até a eclosão. E' curioso examinar essas bolas de quasi 2 cms. de diâmetro, consistentes, amarelas, no

Bagre do rio

meio das quais se move o embrião. Veja-se o respectivo estudo do Prof. H. von Ihering, transcrito no *Boletim Biologico*, S. Paulo, 1928, n.º 14, pag. 98.

Por ocasião da desova os pescadores apanham enorme quantidade de bagres (que, depois de preparados, salgados e sêcos, são conhecidos por "M u l a t o v e l h o" no mercado do Rio Grande do Sul). O dr. H. von Ihering descreve a destruição desta riqueza natural na época da desova do *Tachysurus barbus* na Lagôa dos Patos, narrando o caso de um pescador que apanhara 16.000 bagres em um só dia e, como possuisse apenas um caldeirão, que comportava 800 peixes para a extração do azeite, só pôde ferver 7.200 peixes em três dias. Computados também os peixes que salgára no primeiro dia, pôde aproveitar ao todo apenas 8.000 bagres, deixando apodrecer outro tanto, ou sejam 15.000 kilos de peixe exterminado sem proveito, no tempo da desova. Claro está que não há abundância que resista a tal faina de extermínio, principalmente quando praticada na época da procreação. Vide " G u r i j u b a".

Bagre d'água doce — A rigor, a denominação portuguêsa, bagre (gên. *Silurus*, da Europa), aplicada a espécies nossas, d'água doce, deveria ser puro sinônimo de "j u n d i á" (veja êste) restrito portanto às espécies do gênero *Rhamdia* (sensu stricto). Mas aos poucos o termo foi abrangendo várias outras formas e como "B a g r i n h o" designa-se hoje qualquer peixe de couro, de corpo não muito delgado, antes roliço e mesmo as "C a m b e v a s", "A n u n j á" ou "B u r e v a" são "bagres pequenos", para o pescador menos versado no conhecimento dessa fauna.

Bagre amarelo — Bagre marinho, *Tachysurus spixii*, dos mais comuns no mercado, onde é vendido a baixo preço. A côr amarela aparece mais no lado inferior; a parte dorsal é prateada e azulada.

Bagre ariassú — *Tachysurus parkeri*, que anatomicamente se caracteriza por ter entre o processo occipital e a base do 1.º raio dorsal uma placa óssea, trapezoidal, com recorte côncavo nas margens anterior e posterior. E' peixe grande, de mais de 1 metro de comprimento e 30 quilos de peso, que no verão proporciona boa pesca no litoral da Paraíba.

Bagre bandeira ou "B a g r e f i t a" ou "B a n d e i r a d o" — Bagres do mar do gên. *Felichthys*, que se

Bagre bandeira

caracterizam pelos filamentos que enfeitam as nadadeiras dorsal e peitorais. Atingem 50 cms. de comprimento e 4 quilos de peso.

Bagre beiçudo — Na Paraíba é o *T. grandicassis;* vide "b a g r e u r u t ú".

Bagre caiacôco — Em Pernambuco e na Paraíba é conhecido por êste nome um grande bagre amarelo, do mar, *Tachysurus luniscutis;* vide "c a n g a t ã".

Bagre mandim ou "B a n d i m" — E' no litoral nordestino, o nome do "b a g r e b a n d e i r a", *F. marinus,* que tem 20 a 24 raios na nadadeira anal.

Bagre sapo — O mesmo que "P a c a m ã o".

Bagre sarí ou "S a r g e n t o" — *Felichthys bagre,* pertence ao mesmo gênero do "B a g r e m a n d i m" e difere dêste apenas pelo maior número de raios anais (32 a 35 e não apenas 20 a 24).

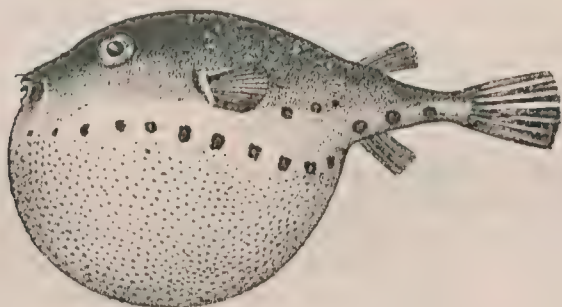
Bagre urutú — Espécie marinha *Tachysurus grandicassis,* que difere do bagre congênere *T. luniscutis* "C a n g a t ã" por ter dentes palatinos viliformes e não granulosos. O lado dorsal é pardacento e o lado ventral um tanto manchado com máculas esparsas. Atinge 1 metro de comprimento.

Igual nome é dado, segundo A. M. Ribeiro, ao bagre do gên. *Genidens,* que difere do precedente por não possuir dentes vomerinos; na Paraíba *G. genidens* tem o nome "b a g r e m a n d í".

Baguarí — O mesmo que "J a b i r ú - m o l e q u e".

Baiacú — Compreende os peixes marinhos da ordem *Plectognatos, Gymnodontes,* isto é, que em vez de dentes isolados tem os maxilares guarnecidos de placas, de modo a lembrarem o feitio do "bico" das tartarugas. Há três grupos: *Triodontideos* (que têm uma placa inteiriça no maxilar superior e duas no maxilar inferior, isto é, essa placa é dividida no meio), *Tetraodontideos* (com as placas de ambos os maxilares divididas no meio; portanto, como si fossem quatro dentes) e *Diodontideos* (as duas placas são inteiriças), sendo êstes os chamados "B a i a c ú d e e s p i n h o", porque o corpo é todo coberto de espinhos grandes, grossos e triangulares. Todos êles, quando

assustados ou irritados, estufam o corpo, como se fôra uma bola de borracha. Atirando-o, então, assim, na água, o peixe, transformado em boia, nada por algum tempo de barriga para cima, até que se resolva a expelir o ar, para poder mergulhar.

Diz o povo que, fazendo-se cócega na barriga do baiacú, êste continúa a estufar, até arrebentar. Algumas espécies atingem três palmos de comprimento e há espécies que se deixam apanhar em grande quantidade nas rêdes; mas ninguém os quer, porque todos sabem que são

Baiacú

peixes venenosos. E' a bile que encerra o veneno, dizem alguns pescadores, que sabem tirar as visceras e comem a carne sem inconveniente.

Afirma-se também que o baiacú só é venenoso na época da reprodução.

Em Recife tomámos nota das seguintes denominações específicas: baiacú caixão, franguinho, guarajuba que os pescadores comem, ao passo que são conhecidos como venenosos: baiacú de espinho, bubú e panela. Outro nome, talvez local, é baiacú "b e i j a - t ô c o", que pode sêr sinônimo de um dos precedentes.

Baiacú da água doce — E' o chamado "M a - m a i a c ú" do Amazonas.

Baiacú-ará — Da fam. *Tetraodontideos* (vide supra), *Lagocephalus laevigatus*, de pele aparentemente lisa, porém áspera como lixa; a côr em cima é azul ultramarina, em baixo alva. E' uma das espécies mais comuns

nos nossos mares, bem como em outras zonas quentes do Atlântico.

Os pescadores detestam-no, porque não só come os peixes pequenos que estão na rêde, como estraga os grandes.

Baiacú de espinho — Da fam. *Diodontideos* (vide supra); há dois gêneros principais: *Diodon*, com os espinhos anteriores móveis e *Chilomycterus*, com espinhos curtos, largos e triangulares na base (veja "Baiacú-guima"); *Diodon histrix*, que atinge 90 cms. de comprimento, encontra-se também em outros mares.

Baiacú feiticeiro — Na Baía é assim chamado um baiacú que só alcança 10 cms. de comprimento; seu colorido é escuro nas costas, manchadas de amarelo escuro, e a barriga é branca.

Baiacú-guima — Registrado pelo almirante Camara entre as espécies da Baía, talvez seja *Chilomycterus* que mencionamos sob "Baiacú de espinho".

Baiacú-mirim — *Spheroides testudineus*, atinge quando muito um palmo de comprimento.

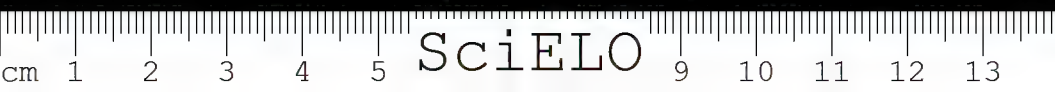
Baiacú-pinima — *Spheroides spengleri*, também liso como o "B. ará" e de colorido semelhante, porém com algumas manchas arredondadas na linha mediana.

Baiagú — Ave da fam. *Charadriideos*, *Haematopus palliatus*, assim chamada em S. Paulo e "Bejaguí" no Rio Grande do Sul; também "Pirú-pirú" na Amazônia ou "Batuíra do mar grosso". Ave forte, de 40 cms. de comprimento, bico comprido, sendo êste e as pernas de côr laranja. A cabeça e o pescoço são pretos, o dorso cinzento escuro, o lado inferior branco. Vive nas costas do mar, da Patagônia à América do Norte.

Bairarí — (Por "Pairarí"). O mesmo que "Pomba de bando".

Baitaca — O mesmo que "Maitaca"; esta última é a forma mais corrente. A pronúncia original indígena é "Mbaetaca".

Baleia — Denominação genérica, que compreende todos os mamíferos *Cetáceos* da subordem *Mystacocetos*, fam. *Balaenideos*. São todos êles animais marinhos, ca-

racterizados pela falta de extremidades posteriores (no esqueleto, porém, encontram-se rudimentos das mesmas) enquanto que as anteriores são transformadas em nadadeiras. Não têm dentes (os quais, porém, no embrião se acham esboçados) e, para substituí-los em sua função, desenvolveram-se placas córneas no céu da bôca, constituindo as barbatanas, tão conhecidas pelo uso que delas fazemos. Êsse conjunto de placas, finamente franjadas nos bordos, em número de algumas centenas ou mesmo até mil, enche a bôca do animal, cuja língua não é móvel. Todos sabem que as baleias são os maiores animais hoje existentes; no entanto, sua alimentação consiste unicamente em organismos pequenos, o que, porém, não quer dizer que seja pouca cousa que lhes vai diariamente ao buxo. Com a fauce enorme aberta, toca a baleia a percorrer grandes distâncias e toda a bicharia miuda, que não sabe fugir depressa, vai se acumulando no salão bucal: medusas, sibas, vermes, algumas algas e milhões de bichinhos miudos ou quasi microscópicos; repentinamente fecha-se a bôca e, graças às barbatanas, a água vai sendo filtrada e o que permanece, é considerado alimento. Bocados maiores, as baleias não podem engulir, porque a garganta é muito estreita.

Mas as baleias não são peixes; são mamíferos e, como tais, respiram por meio de pulmões. Podem mergulhar por algum tempo, porém depois de terem gasto o ar armazenado, precisam voltar à tona e respirar novamente. Em geral a baleia mantém-se na superfície das águas e assim se pode ver bôa parte do costado emergindo; si ela prefere caçar no fundo, cada 15 ou 20 minutos tem de vir à tona. Sentindo-se fisgada pelo harpão, pode permanecer mesmo uma hora e vinte minutos sem respirar. Quem viajou em alto mar, já viu o mui falado repuxo, que de longe assinala a presença do cetáceo; mas não é água que êle expele pelo nariz, porém, simplesmente o vapor d'água, de que vem saturado o ar expirado.

Apesar do seu feitio abrutalhado e do peso, que é de cem ou cento e tantas toneladas, as baleias são ágeis e mesmo tão velozes, que talvez só os mais rápidos dos paquetes modernos as podem acompanhar.

Nas águas brasileiras até agora foram assinaladas 7 espécies. *Balaena australis* tem barriga lisa e é o

"peixe verdadeiro" dos pescadores ou "baleia dos pòlos", ao passo que a barriga é sulcada longitudinalmente, como enorme tábua de lavar roupa, em *Megaptera*, que tem mão proporcionalmente muito comprida, igual a ¼ do comprimento do corpo e em *Balaenoptera*, de mãos curtas. Os maiores exemplares destas atingem 18 a 22 metros; mas há espécies, que, porém, não ocorrem em nossos mares, de 36 metros de comprimento e cêrca de 150.000 klgs. de peso bruto.

O filhote mama na mãe debaixo d'água e, enquanto é mamão, chamam-no "b a l e a t o" ou "s e g u i l h o t e".

Nos tempos coloniais, a pesca da baleia teve grande desenvolvimento, principalmente nas costas septentrionais do Brasil e ainda em 1817 uma estatística assinalou

Baleia

que foram pescadas nesse ano 232 baleias, cujo produto foi avaliado em 440:800$000. Nos "Contratos" e nas "Armações" extraía-se o azeite, rendendo os espécimens maiores, de 20 metros, até 10.000 litros.

Talvez ainda hoje a carne apareça à venda nos taboleiros do mercado da Baía; há não muitos anos era aí apregoada como "moqueada", por ser oferecida já assada e envolvida em folhas de bananeira. O preço é baixo, correspondendo ao sabor, enjoativo, por ser muito gordurosa.

Transcrevemos da "Liga Maritima", n.º 226, a seguinte descrição da moderna pesca da baleia: "Avistada a baleia, logo as canôas são descidas ao mar e lançadas em perseguição, em silêncio. Cada uma leva a bordo equipagem de arpoadores.

O arpéu é uma espécie de dardo de ferro com anzol, do comprimento de um metro, preso a uma sólida corda, de 250 a 300 metros.

Antigamente eram os arpéus lançados a mão, hoje lançam-se com armas de fogo. Na prôa do barco há uma espécie de pequeno canhão, cujo projetil é o arpéu

munido de pequena granada. Chegando a alcance de tiro, o baleeiro faz fogo, o arpéu penetra nas costas do animal e a granada explode e ao mesmo tempo armam-se as farpas, de 25 cms. de comprimento, que estavam dobradas junto à haste do arpéu. Abrindo como um guarda-sol, êles impedem que a arma saia do corpo da vítima.

Apenas lançado o arpéu, o barco aproxima-se a remo; depois a baleia mergulha e foge com tal velocidade, que a corda, enrolada no carretel, pegaria fogo ao se desenrolar, si não fosse imediatamente molhada. A menos de não ser ferido de morte, o cetáceo arrasta a embarcação durante horas, até que se gastem suas forças. Então a pesca é rebocada até o navio e corta-se-lhe logo a cabeça, para retirar as barbatanas e o corpo é içado a bordo. Cortam-se compridas tiras de gordura, que são picadas em pedaços e postas para derreter em caldeiras especiais. O líquido assim obtido é levado depois aos aparelhos refrigerantes e metido em seguida em barrís".

Bandeira ou "Bandeirado" — O mesmo que "Bagre-bandeira".

Baquiquí — Talvez seja apenas corruptela ou variante de "Bacucú", mas foi-nos indicado como tendo tal nome a espécie geralmente conhecida em todo o Brasil por "Sernambí".

Bararuá — Na Amazônia é o nome de um Acará (peixe da água doce da fam. *Cichlideos)* e que, segundo Barbosa Rodrigues, se distingue por ter os olhos pretos, orlados de amarelo e encarnado e o corpo é bronzeado com uma linha preta, horizontal, no meio.

Barata — Compreende em geral todos os insetos *Orthopteros* da fam. *Blattideos*, dos quais há mais de 100 espécies indígenas. Há delas de várias côres e tamanho, algumas até bem bonitas (si fôr permitida tal expressão!), verde-gaio ou pintadas. Mas na acepção mais restrita "Barata" designa as espécies caseiras, que aliás são pragas importadas e hoje cosmopolitas. A espécie caseira maior é *Periplaneta americana*, de 35 a 40 mms., com duas faixas amarelas no protórax; *Blatta orientalis*, de 22 a 26 mms., com protórax unicolor; *Blatella germanica*, de 11 a 13 mms., tem cabeça amarela, com duas listras pretas. Além destas há ainda outras es-

pécies caseiras. Os ovos são postos em uma cápsula, em forma de maleta de mão (sem alça); cada cápsula destas contém 30 a 40 ovos. Passando pela metamorfose, as baratas nascem sem azas, que aos poucos vão crescendo, cada vez que o inseto muda de quitina (vide "B a r a t a d e s c a s c a d a"); levam, porém, muito tempo até atingir desenvolvimento completo (12 a 18 meses). As baratas, além de imundas, causam prejuizos, roendo e estragando tecidos, capas de livros, etc. E' difícil exterminar a praga e só a custo de muita perseverança no asseio e na perseguição dos indivíduos mais novos e menos esquivos, se consegue eliminar de casa êsse flagelo. Pouco valem os pós baraticidas; o mais eficaz é a matança direta, assídua. Onde fôr possível, persigam-se as multidões com água fervente ou com querozene, aplicado com pulverizador; os lugares suspeitos devem ser tratados repetidas vezes, para que sejam atingidos os ovos.

Barata

Barata d'água — Não é barata (Ortóptero), porém, *Hemiptero* do grupo dos *Hydrocores* (aquáticos). As maiores espécies pertencem ao gên. *Lethocerus*, (antigamente designado *Belostoma grande)*, que atingem 10 cms. de comprimento; dobrado sobre o peito, trazem escondido o grande ferrão, com o qual sugam suas vítimas, isto é outros insetos e suas larvas e alevinos de peixes até 8,5 cms. de comprimento. A mesma arma é também sua defesa e quem já experimentou tal picada, sabe dizer quanto é dolorosa. Seus ovos são postos sobre as hervas aquáticas. Nos machos de espécies um pouco menores, do gênero *Belostoma*, vêm-se, às vezes, as azas cobertas por uma placa de ovos; foi o meio mais seguro que a mãe imaginou, para que a postura não se perdesse e fosse vigiada até a eclosão. O naturalista que observou esta cena, afirma que o macho só a viva força aceita êste encargo, que lhe é imposto pela fêmea. Em noites cálidas, os grandes fócos de luz atraem, às vezes, grande número dêsses insetos. Foi o que sucedeu no Rio de Janeiro, ao ser inaugurada a iluminação elétrica da Avenida Beira Mar; aos milhares essas baratas se acumulam de baixo dos lampeões, incomodando os transeuntes e dificultando a varredura.

Baratá dos coqueiros — E' o nome impropriamente dado às larvas dos besouros da fam. *Chrysomelideos* do gên. *Mecistomela* (antigamente *Alurnus)*. De fato, as larvas têm alguma semelhança com baratas novas (ainda ápteras). O coleóptero adulto de *M. marginatus* mede 32 mms. de comprimento; a cabeça é amarela, o tórax verde, com orla amarela, e da mesma forma os elitros (e uma outra variedade tem, ainda, listras oblíquas sobre as azas). *M. corallinus* é vermelho escuro, com linhas pretas sobre o corpo. Em Pernambuco seu nome é "Lesma de coqueiro".

Barata descascada — ou "B. noiva" em Pernambuco. As baratas, quando mudam de pele, não adquirem logo seu colorido natural, escuro; assim nos primeiros dias, são claras, desbotadas, pelo que se lhes comparam as pessoas amareladas ou albinas.

Barata do mato — São as espécies de *Blattideos* que não habitam as nossas casas e que só acidentalmente penetram nelas, atraidas pela luz; não há, portanto, perigo que constituam praga, pois que só as espécies acima indicadas se adaptaram a esta vida de intrusos.

Baratinha — Crustáceos da ordem *Isopodes*, fam. *Oniscídeos;* êstes vivem nos porões úmidos e junto aos muros cobertos de musgo; outros, "Baratinha d'água" da fam. *Sphaeromideos*, vivem entre as pedras batidas pelas ondas do mar. O povo também dá o nome de "Tatúzinhos" às espécies que se enrolam, ou melhor, dobram o corpo, formando uma bola, quando se lhes toca. No Maranhão têm o nome de "Papa-breu"; são das melhores iscas para quasi todos os peixes, porque continuam a mover-se quando espetados no anzol. Em Portugal são conhecidos por "Bicho de conta".

Baratinha

Barbadinho — Peixes cascudos de água doce, *Nematognathos* da fam. *Loricariideos*, gênero *Ancistrus*. O nome vulgar refere-se às espécies de cascudinhos que se caracterizam pelos numerosos tentáculos carnudos, que revestem a parte anterior da cabeça, às vezes também divididos em *Y*.

Barbado — Vide "Bugio".

Barbado ou "B a r b u d o" — Peixe do mar da fam. *Polynemideos, Polydactylus virginicus*, caracterizado por ter os raios das nadadeiras peitorais dissociados, separados em filamentos (que seriam, pois, a barba a que alude o nome vulgar). Nadadeira dorsal dupla, VIII - 1,13; anal com 3 acúleos. Linha lateral reta, bifurcada na base da cauda. Vive em fundos de areia, aos cardumes; atinge 35 cms. de comprimento. Em Recife tem cotação de penúltima classe. Seu sinônimo de origem tupí é "P i r a c u a b á".

Barbeiro — Inseto *Hemiptero*, percevejos da fam. *Reduviideos, Triatoma megistus* e outros, também chamados "C h u p a n ç a" ou "C h u p ã o", "F i n c ã o" (no Rio Grande do Sul), "P e r c e v e j o g u d é r i o" (em Goiaz), "P r o c o t ó" (na Baía) e "B i c h o d e p a r e d e" (no Norte); as larvas são conhecidas por "C a s c u d o s" ou "B o r r a c h u d o s". São percevejos grandes (até 25 mms.). O mais típico *T. megistus* é preto, com seis manchas vermelhas, alongadas, sobre o protórax, algumas linhas de igual côr sobre as azas e outras bordando os segmentos abdominais, mais largas nos lados. Só os adultos têm azas, mas ainda assim pouco voam. A evolução completa do inseto dura mais ou menos um ano; sua biologia foi estudada pelo dr. A. Neiva (Mem. Inst. Oswaldo Cruz, 1910). Encontram-se em quasi todo o Brasil central, tendo sido primeiro assinalados pelo dr. Carlos Chagas, em Minas, como insetos caseiros, responsáveis pela propagação de uma moléstia até então desconhecida. E' recente a adaptação dêsses insetos à vida domiciliar e é principalmente nos casebres de taipa, não rebocados, que encontram bons esconderijos, entre as frinchas. A picada é quasi indolôr, mas o grande mal que acarretam é a transmissão da "moléstia de Chagas", tripanozomíase humana *(Trypanosoma cruzi)*, desgraçadamente muito disseminada em certas regiões do interior. A infecção dá-se, não em consequência da picada, mas pelas fezes do barbeiro, o qual costuma defecar logo em seguida à sucção; os germens estão contidos nessas fezes, que, atingindo as mucosas, podem aí penetrar no orga-

Barbeiro

nismo. Há outras espécies, ainda, do mesmo gênero, que igualmente se prestam a êste papel de transmissores da moléstia *(T. infestans, sordida,* etc.); *T. rubrofasciata,* também domiciliária, tornou-se cosmopolita, das regiões quentes: Índia, Java, Madagascar. Nos países hispano-americanos, êstes percevejos são conhecidos por "V i n - c h u c a s".

A última revisão sistemática dos *Reduviideos* hematófagos da nossa fauna (Cesar Pinto, 1931) registra ao todo 24 espécies brasileiras, 16 das quais já foram assinaladas como frequentando domicílios. As espécies pertencentes ao gên. *Rhodnius,* caracterizam-se por terem o artículo mediano do rostro bem mais longo que o primeiro, ao passo que nas espécies do gên. *Triatoma* o artículo mediano do rostro é apenas um pouco maior que o primeiro. Há muitos *Reduviideos* não hematófagos, que também o leigo facilmente distinguirá, reparando no feitio do rostro, que é curvo (e não retilíneo como nos hematófagos, nos quais o rostro se dobra sobre o peito sem apresentar curvatura). É preciso atender a esta particularidade, pois há *Reduviideos* não hematófagos como *Spiniger domesticus* Pinto, que também penetram nos domicílios à procura de *Triatomas* e outros insetos de que se alimentam; e também êles, quando agarrados, picam, defesa esta aliás muito dolorosa, quando, ao contrário, a sucção pelos verdadeiros "B a r b e i r o s" é quasi indolor. Há ainda outros *Reduviideos* que sugam insetos (e não sangue de vertebrados), como *Apiomerus,* mas êstes se destinguem dos verdadeiros barbeiros por serem muito peludos.

Barbeiro — Peixes do mar da fam. *Acanthurideos,* gên. *Acanthurus,* caracterizados pelas escamas ciliadas e pela presença de um espinho móvel, de cada lado na base da cauda, em forma de lâmina de navalha e daí o nome "B a r b e i r o" ou "d o c t o r f i s h", isto é cirurgião, em inglês. Essa navalha, que de fato é uma arma perigosa, em condições normais fica escondida nas dobras da pele; mas em se sentindo ameaçado, o peixe levanta as lâminas, de modo a ficarem quasi em ângulo reto com o corpo e assim podem infligir ferimentos graves. *A. bahianus* é a espécie mais comum; de côr pardo-amarela, com linhas azuis. *A. hepatus,* com 12 faixas transversais e nadadeiras azuis, mas o peixe pode variar a tonalidade das cores do corpo, o que o torna sobremodo

interessante nos aquários. Vivem nos recifes e diz-se que sua carne é venenosa.

Barbudinho "M o n o", "M o n g e" ou "R e n d e i - r a" — Passarinho da fam. *Piprideos, Chiromacheris gutturosus* que, da Baía para o Sul, corresponde à espécie amazônica *Ch. manacus,* lá conhecida por "R e n d e i- r a" ou "B i l r e i r a". A espécie do Sul é preta, tendo a garganta, o pescoço e a nuca brancos e barriga cinzenta; a fêmea, porém, é verde. Como parente próximo que é do "T a n g a r á", também gosta de dansar, mas é um só passarinho, de cada vez, que, cantando e pulando, se exibe e volta ao seu lugar.

Barbudo — Peixe do mar, assim conhecido em Pernambuco; vide "B a r b a d o".

Barra fogo — Nome de uma abelha social *(Meliponideo)* no Rio Paraná. Talvez sinônimo de "C a g a f o g o".

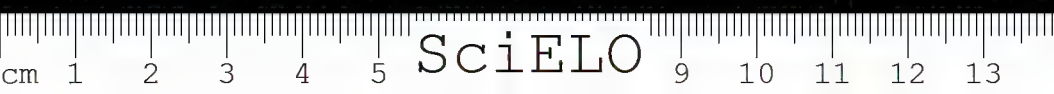
Barriga tin-tin — Na Paraíba e em Pernambuco é êste o nome dos "B a r r i g u d i n h o s" ou "G u a r ú s".

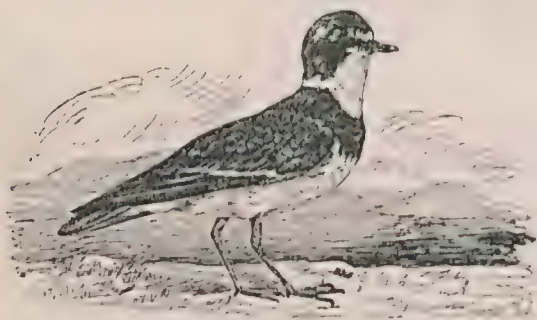
Barrigudinho — O mesmo que "G u a r ú - g u a r ú".

Barrigudo — Símios da Amazônia, do gên. *Lagothrix,* obeso, de cêrca de 60 cms. de altura, com pêlo curto, lanudo. *L. lagotricha* é de côr cinzento-amarelada ou avermelhada, mas a cabeça e as extremidades são quasi pretas; *L. infumata,* do Alto Amazonas, é mais escuro. Domesticam-se facilmente e tornam-se então sérios e brandos, quando na mata sua índole é, ao contrário, atrevida e má. Vide também "C a r i d a g u e r e s" e "C a - p a r ú". A. Miranda afirma, ao contrário de outros escritores, que os "barrigudos" sempre são de índole mansa.

Batará — ou também "M b a t a r á" (que é a pronúncia original, em guaraní). Pássaros da fam. *Formicariideos* (gên. *Thamnophilus,* e também "P a p a - f o r - m i g a" e "B o r r a l h a r a"), Goeldi diz ser sinônimo de "C h o c a". O colorido do macho é preto, com manchas ou estrias brancas; a fêmea tem o mesmo desenho, mas em côres mais amareladas.

Batata — também "B o d i ã o - b a t a t a" (vide "B o d i ã o"), peixes da fam. *Scarídeos* gên. *Cryptotomus,* com os dentes mandibulares não concrescidos; colorido lilás ou esverdeado, com manchas ou zebruras.

Bate-cú — No Est. do Rio de Janeiro é assim que denominam o "T u i m", ao qual em outros Estados cabe outro nome, igualmente pouco airoso.

Batráquios — São os anfíbios providos de extremidades. (Há um pequeno grupo de anfíbios, os *Gymnophionos*, cujo corpo é perfeitamente vermiforme; são as "cobra-cegas", que, porém, constituem ordem à parte). A ordem dos *Batrachios* ou *Anuros* compreende cêrca de 180 espécies da nossa fauna. Quanto às poucas denominações vulgares que designam as espécies, vide o que fica dito sôbre o "S a p o". A metamorfose realiza-se sempre na água. Geralmente os ovos são depositados em montículos de espuma alva ou em fios semelhantes a rosários, em um remanso dos córregos ou de preferência nos brejos. Os girinos ou os cabeçotes, ao sairem do ovo, não têm extremidades; estas crescem-lhes depois, primeiro as posteriores e mais tarde as anteriores; seus órgãos respiratórios são a princípio dois pares de brânquias externas e só mais tarde adquirem pulmões. A cauda ainda subsiste por algum tempo, atrofiando-se depois, aos poucos. Os grandes sapos só no 5.º ano têm todos os caracteres dos adultos, mas continuam a crescer até o 10.º ano. Diz-se que o sapo cresce tão de vagar, porque não bebe água, e, de fato, êle dispensa o líquido como bebida; mas em compensação a pele absorve grande quantidade. Privando um batráquio de água, mas envolvendo-lhe o corpo em panos úmidos, êle vive perfeitamente.

Batuíra — Parece designar, da mesma forma como "M a s s a r i c o", a maior parte das espécies de aves da

Batuira

fam. *Charadriideos*, que em sua generalidade habitam as praias; efetivamente, das espécies brasileiras desta família, em número de 37, muito poucas têm nome especial, tais como "Q u e r o - q u e r o", as "N a r c e j a s" e as "G a l i n h o l a s". "T a r a m b o l a" é pouco usado;

é palavra de origem portuguêsa, referente a aves semelhantes *(Charadrius)*. Uma das espécies mais comuns é *Aegialitis collaris*, de dorso côr de areia e lado ventral branco; o macho distingue-se por ter guardanapo preto e vértice também preto, precedido de fronte branca. Vive juntamente com outras espécies semelhantes nas praias e, às vezes em tal número, que Goeldi, com 7 tiros abateu 182 espécimens; mas o naturalista assim agiu não como colecionador, porém como caçador que estava com fome e que precisava aproveitar a boa carne para cozinhá-la no arroz, seu único alimento durante muitos dias. E êsse prato tem fama bem merecida.

Batuíra do campo — E' da mesma família *Charadriideos (Bartramia longicauda)*; ave pequena de 28 cms. de comprimento, de bico curto. O colorido é escuro em cima com as penas orladas de amarelo; o uropígio é preto; o lado inferior é branco, mas o peito amarelado tem manchas e faixas pretas e também as coberteiras das azas, brunas, tem igual desenho, bem como a cauda, cujas faixas são transversais. As pernas e o bico são amarelos, êste com ponta preta. E' ave de migração anual, que procria nos Estados Unidos e vem para a América do Sul nos meses de calor, extendendo-se então até os pampas.

Batuíra do mar grosso — O mesmo que "B a i a g ú".

Batuqueiro — Segundo Severiano da Fonseca é, no Mamoré, a melhor espécie de "P a c ú".

Batuquira — Denominação amazônica do "J a p a c a n i m".

Batuvira — Pretensa sub-espécie ou variedade de "A n t a" em Goiaz.

Baú — Crustáceo marinho, Decápode braquiuro da fam. *Calappideos, Hepatus princeps*, com carapaça oval, de côr cinzenta com pequenas manchas avermelhadas, mais ou menos confluentes. As pinças são achatadas e adaptam-se ao corpo quando o crustáceo está em repouso, de modo que assim permitiu a comparação com um baú fechado. Também conhecido por "S i r i - b a ú".

Bauá — ou também "X e x é u - b a u á", em Pernambuco e na Paraíba, é o nome de um pássaro da fam. *Icterideos*. Seu ninho, como de regra entre os Japús, é uma bolsa pendente; mede 70 cms. de comprimento e é feita da casca do mororó, e entretecido com fios longos.

Baúna — Peixe do mar, em Pernambuco; tem baixa cotação, mas a "B a ú n a d e f o g o" é tida pelos pescadores como ótima. Além destas, há outras espécies dos gêneros *Bodianus* e *Serranus* de côres interessantes, mas de porte em geral pequeno, de 20 a 30 cms. Veja-se também sob "C a r a ú n a" e "M a r i q u i t a".

Beatinha ou "B e a t r i z" — Em Recife, como a precedente é sinônimo de "M a n g a n g á".

Beguaba — Vide "P e g u a b a".

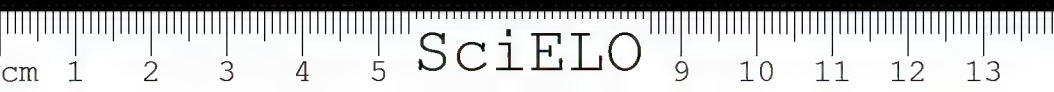
Beija-flor — E' usado na linguagem culta, brasileira; "C u i t e l o" dizem os caipiras (derivado de cutelo, segundo Amadeu Amaral, em alusão ao bico), "g u a n u m b í" na língua tupí (vide êste e seus derivados); "C o l i b r í" é termo de origem americana, porém hoje usada só pelos europeus e pelos poetas. São as minúsculas aves da fam. *Trochilideos*, a qual encerra cêrca de 500 espécies, todas elas só da América do Sul e Central. (Na África há uma família de aves cujo colorido rivaliza, até certo ponto, com o dos beija-flores; são os *Nectariniideos*, aliás bem diferentes no feitio). Mas no Brasil só ocorrem 80 espécies de *Trochilideos;* a região mais rica em beija-flores é a subandina, da Bolívia, Perú e Equador. Não nos auxiliaria a pena, si quizessemos descrever a beleza do colorido destas creaturas, que parecem antes jóias vivas, nem bastariam os nomes de todas as pedras preciosas e dos metais brilhantes, para dar uma idéia da variedade dos matizes, sempre cintilantes. — E' preciso vêr uma coleção completa em um museu — ou, então, mil vezes melhor, espreitar os lindos amigos das flores no seu ambiente natural. Mas essa mesma beleza os torna vítimas de atroz perseguição; aos milhares eram mortos e embalsamados, para servirem de adorno nos chapéus das senhoras e era da Baía que seguiam as maiores remessas para a Europa.

Beija-flor

E' entre os beija-flores que se encontra o menor representante de toda a classe das aves. Êsses anões medem apenas 65 mms. de comprimento total; descontando porém a cauda e o bico, restam só 35 mms. como dimensão do corpo propriamente dito e portanto há muitas moscas que são mais volumosas do que tais avesitas. (Veja-se sob "Moscardo")...

Há também beija-flores gigantes, que medem até 20 cms. *(Topaza pella,* da Amazônia); tais dimensões avantajadas são, no entanto, atingidas, em boa parte, à custa do bico, que se tornou tão ou mais comprido que o corpo todo, ou então as penas caudais alongam-se outro tanto.

Muitos naturalistas, depois de descreverem a mimosa estrutura dos beija-flores, salientam, em contraste, o gênio irrascível, briguento e mesmo violento dessas creaturas. Pequenas escaramuças, entre dois beija-flores que se encontram, são acontecimentos frequentes; não raro um dêsses pigmeus se atraca a pássaros bem maiores e certa vez o zoólogo assistiu a uma luta que parecia não ter fim. Dois beija-flores haviam iniciado um duelo no estilo usual; em breve um dos contendores fugiu e o outro, satisfeito, pousou num galho, julgando-se vencedor; mas, passados poucos minutos, surgiu de novo o mesmo contendor e a luta recomeçou, mais porfiada e mais demorada; outros intervalos e novas escaramuças se sucederam, afirmando o observador que poude acompanhar tão interessante espetáculo durante o espaço de uma hora.

O alimento dos beija-flores consiste quasi unicamente em pequenos insetos. E' em procura dêles que os vemos "sugar" nas flores; o mel que acidentalmente ingerem, não lhes basta e tanto é assim que nunca dão resultado as provas de carinho, testemunhadas por meio de melado, oferecido a um beija-flor cativo. Os ninhos são lindos e delicados, como seus habitantes adultos; os míseros pintinhos são, ao contrário, talvez as mais feias criaturas; quasi nús, representam um enorme bico ao qual está apenso um corpo tão horrendo e desageitado quanto se possa imaginar. Também a descrição do modo como a ave-mãe os alimenta, inspira comiseração: ela enfia o longo bico juntamente com o alimento já digerido, quasi até o fundo do estômago do pintinho e assim o faz repetidas vezes, parecendo antes querer matar o filho do que cuidar dêle. Os ovos são sempre alvíssimos, variando o tamanho entre 1 cm. e centímetro

e meio; são chocados em duas semanas, mais ou menos (12 a 16 dias).

Os beija-flores vôam só durante o dia e, de preferência, quando há sol; parece que fazem migrações no inverno, mas não se tem coligido ainda dados positivos a respeito. O povo acredita que as mariposas crepusculares *Sphyngideos* sejam beija-flores que viraram insetos; realmente, no lusco-fusco, tal confusão se explica facilmente pela semelhança dos dous bichinhos, de igual tamanho.

O ninho do beija-flor corresponde à delicadeza do seu corpo. O material empregado é a mais fina paina, branca ou amarela, disposta em forma de taça ou de cadinho e do tamanho de um pêcego, quando muito; por fora o ninho é enfeitado com líquens de côres variadas e escamas de samambaias. Para não empregar sinão material do mais mimoso, a avezita serve-se de teias de aranha como amarrilhos e, de fato, assim consegue aliar a máxima delicadeza à necessária solidez. Há dois tipos de arquitetura: os beija-flores de bico reto constroem tigelas ou taças, ao passo que os de bico curvo adotaram a forma de maçã, ornada de apêndices mais ou menos compridos em que termina o ninho propriamente dito.

Conta Euler que viu certa vez um beija-flor *(Phaetornis)* trabalhar no ninho, pelo que só três dias depois foi espreitar, a vêr si já continha ovos. Qual não foi a sua surpresa ao encontrar, em lugar do ovo esperado, dois filhotes da idade presumível de 8 dias. Por outra ocasião teve a prova de que o beija-flor continúa a aformosear o ninho depois da postura e mesmo depois do nascimento dos pintinhos. Burmeister já relatara o curioso fato, atribuindo-o à necessidade de serem os bordos do ninho alteados à medida que o conteúdo se avoluma. Euler soube depois que o proveto naturalista Burmeister ajustava rapazes como auxiliares, que lhe deviam descobrir ninhos de beija-flores, que queria estudar e descrever. E, como pagasse melhor preço pelos ninhos mais perfeitos, os espertalhões esperavam por que o beija-flor levasse a termo a sua ninhada, para depois introduzirem fraudulentamente ovos de outras posturas nesse ninho bem acabado, fazendo jús, assim, a melhor remuneração!

O cientista, além de ser roubado, ainda faltava à verdade, como tem acontecido também a outros observadores de ninhos de aves, que não se acautelaram suficientemente nessa tarefa realmente bem difícil.

Beija-flor do mato virgem — Vide "C u i t e l ã o".

Beijo-pirá — Registramos esta pronúncia riograndense do norte, mas é evidente que se trata apenas de uma corruptela de "B e i j ú - p i r á".

Beijú-caba ou "M a r i m b o n d o d e c h a p é u" ou "C a b a d e l a d r ã o" — Vespas sociais do gên. *Apoica*. *A. pallida* é a mais comum, de côr amarela que, como o dizem seus nomes, faz grandes ninhos em forma de beijú ou de chapéu, comparáveis a um grande prato fundo, formado pela juxtaposição das células. Ás vezes, medem meio metro de diâmetro; a parte plana, com a abertura das células, se acha virada para baixo; o meio do ninho é atravessado pelo galho que serve de suporte. Estas vespas não vôam de dia (o povo diz que são cegas, e daí o nome vulgar "C a b a c e g a", usado no Maranhão); são insetos noturnos, o que aliás é comprovado pelas dimensões pouco vulgares dos ocelos. De acôrdo com as informações do sr. Wilson Costa, referentes ao Maranhão, "qualquer pancada que se dê no galho em que se acha o ninho, faz com que todas as vespas, à uma, caiam do alto, perseguindo tenazmente o inimigo. O macaco, conhecendo os hábitos destas cabas, trepa na árvore em que avistou um ninho e com ambas as mãos abala fortemente o galho. Quando as vespas cáem, "cegas" em busca do inimigo, o macaco arrebata o ninho e vai descansadamente comer larva por larva, no mais alto da árvore".

Bejaguí — No Rio Grande do Sul, o mesmo que "B a i a g ú".

Bembé — Inseto díptero da fam. *Chironomideos (Culicoides)* na Amazônia. Vide "M a r u i m" e "M o s q u i t o p ó l v o r a".

Bem-te-ví — Passáro da fam. *Tyrannideos, (Pitangus sulphuratus*, com várias subespécies), pardo em cima, amarelo em baixo; vértice amarelo, orlado de preto, garganta, cílios e nuca alvos; o bico é forte, um tanto achatado e na ponta um pouco encurvado; o tamanho do pássaro é pouco inferior ao do sabiá.

E' um dos nossos pássaros mais populares; não se chega muito às casas, mas por toda parte, na roça e nos parques da cidade, o encontrámos, pousado sobre uma árvore, espiando o que se passa pela redondeza. E, logo depois, tão claro êle pronuncia a frase que lhe deu o nome e, por vezes ela nos chega ao ouvido em momentos tão

inesperados ou oportunos, que não contemos uma resposta galhofeira ao indiscreto mentiroso. O naturalista que impoz o nome *Tyrannus* a êstes pássaros, fê-lo com conhecimento do gênio despótico que por vezes se revela no bem-te-vi. Não se sabe porque, lá uma vez ou outra, lhe dá para maltratar outras aves, em geral de porte bem maior, mesmo aves de rapina e garças, corujas ou urubús; investe contra quem estava quieto, dá-lhe bicadas, tanto o atormenta, que o faz fugir e então o persegue no vôo, as vezes a longa distância. Curioso é que a vítima não se defende, sabendo embora que tem mais força e melhores armas: durante a fuga o gavião, uma vez ou outra tenta revoltar-se, mas logo apressa o vôo, para se livrar quanto antes do importuno.

Bem-te-vi

Relatou-nos o sr. Cleómenes Campos que em Sergipe a criançada detesta êste pássaro e o persegue a pedradas pois, segundo a lenda, foi êle quem denúnciou Jesus Cristo, quando os judeus o procuravam: "bem-te-vi". Mas o "Bem-te-vi" não é apenas interessante; é também um incansável perseguidor de insetos e, como o "Tesoura" e tantos outros da família, não dá tréguas às içás, quando estas se dispõem a iniciar um novo formigueiro. O nome indígena "Pitanguá" é pouco conhecido. Segundo o dr. A. Neiva, o povo na Baía designa certa espécie do gên. *Pitangus* pelo nome "Bentevícarrapateiro" e, de fato, tal qualificativo lhe cabe bem, pois êste pássaro, da mesma forma como o "Anú" e o "Carácará", é bom amigo do gado, aliviando-o dos carrapatos. Admira, apenas, que não seja maior o número dêsses bemfeitores dos bovinos, pois sem dúvida o gordo bocado, repleto de sangue, deve ser um ótimo pitéu, para o paladar de um insectívoro.

Além disto, o "Bem-te-vi" na beira dos rios imita o "Martim-pescador", pois não é raro vê-lo apanhar um peixinho, que depois saboreia com prazer.

Em vários Estados, o nome dêste passarinho tem servido para designar partidos políticos.

Bendito — Em certas zonas do sul de Minas Gerais, o povo da roça só conhece por êste nome o "Louva-Deus".

Benedito — E' denominação paulista e mineira de um pica-pau: *Melanerpes flavifrons*, preto, com uropígio e coberteiras das azas de côr branca. A fronte e a garganta são amarelas, a face preta, o vértice, a nuca e o peito vermelhos; a barriga é amarelada com faixas transversais pretas. Na fêmea o colorido vermelho é mais restrito, predominando os ornatos amarelos.

Bengo — E' sinônimo de "preá", em Sergipe, como nos informou o poeta Cleómenes Campos.

Benjuim — Vide "Bijurí".

Bentererê — O mesmo que "Pichororé".

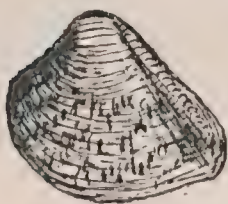
Bentererê

Benteví do bico chato — Parente próximo dos precedentes *(Megarhynchus pitangua)*, mas, como o diz o nome, de bico mais largo e muito chato; o amarelo do vértice está mais escondido. O nome indígena é "Pitanguá-assú" e "Nei-nei".

Benteví-gamela — no Ceará, ou

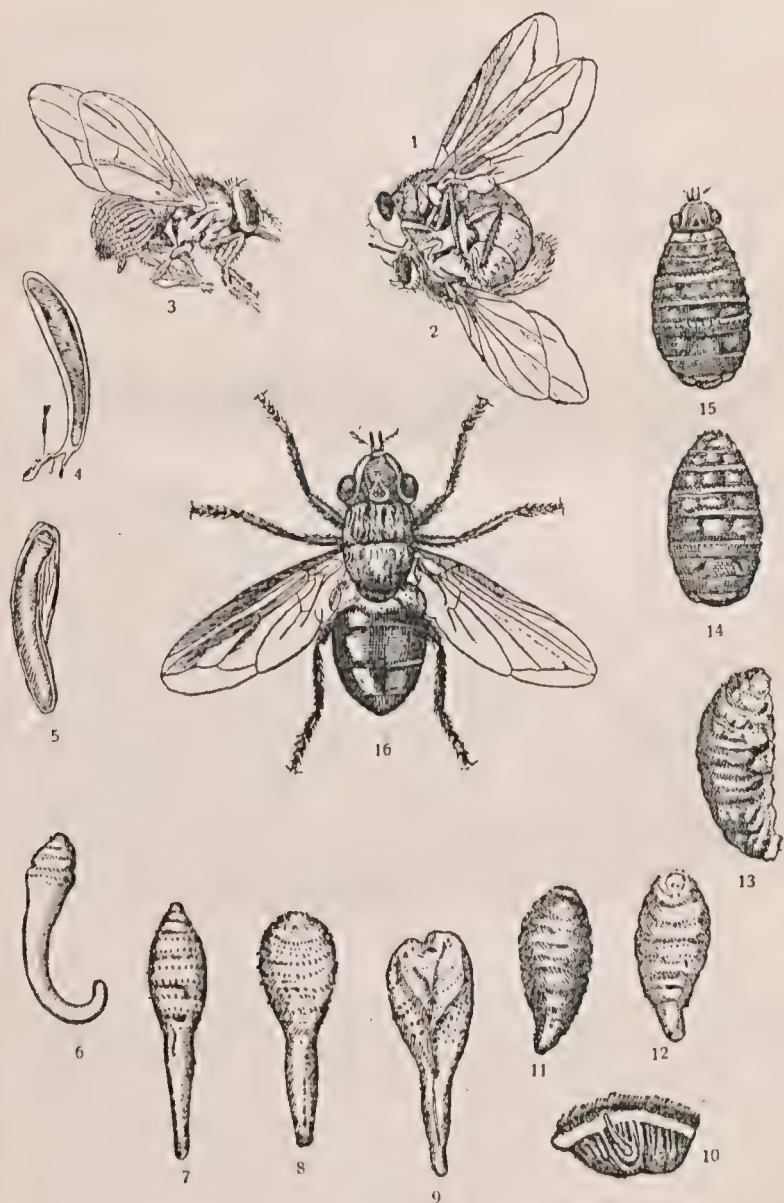
Benteví pequeno — Designa várias espécies afins ao Benteví comum, porém menores e com ligeiras diferenças no colorido. *(Legatus albicollis*, com peito mais claro e manchado).

Bentevizinho — Passarinho da mesma família que o "B e m - t e - v i", porém menor e com crista alaranjada *(Myiozetetes similis)*.

Berbigão — (Em Portugal dão êste nome à concha que aquí mencionámos sob "M i j a - m i j a"). Em nossa fauna é o molusco marinho lamelibrânquio da fam. *Venerídeos (Anomalocardia brasiliana)*, comestível; vive na areia. Sua classificação antiga era *Cryptogramma flexuosa* e talvez "S i m o n g o i á" seja apenas o equivalente em tupí. As duas metades iguais formam um quadrante um pouco simétrico e sulcado. O desenho, como que rabiscado a pena, consiste em linhas curtas e densas em zig-zag. Na região litoral de Iguape é conhecido por "S a r r o d e p i t o" e o nome "B e r b i g ã o" cabe aí à *Chione pectorina*.

Berbigão

Bererê — Registrámos esta denominação em Araraquara (Estado de S. Paulo) e também ao Dr. Alex. Pedroso assim foi designado em Baurú um mosquitinho hematófago da mata. Será sinônimo de "B i r i g u í".

Berne — E' a larva da mosca da fam. *Oestrídeos, Dermatobia hominis* (antigamente *Derm. cyaniventris)*, cuja larva se desenvolve debaixo da pele da vítima (homem, gado, cão, etc.) para depois sair espontaneamente e enterrar-se, afim de se transformar em mosca. Esta mede 15 mms. de comprimento; o tórax é cinzento, com reflexos azuis e brancos e o abdômen é azul ferrete.

Muito curioso é o modo como a mosca faz chegar as larvas ao corpo do hospedeiro; em vez de depositá-las diretamente, procede da seguinte forma: subjugando e cavalgando certas moscas ou mosquitos diurnos, ela lhes deposita de 15 a 50 ovos sobre o abdômen; aí êstes ovos colam fortemente e, dentro de poucos dias, transformam-se em larvas, que espreitam a ocasião oportuna para se passarem da mosca para o mamífero, em cuja pele vão permanecer um a dois meses. Esta manobra, aliás caso único entre todos os insetos, dificultou durante longo tempo o estudo da biologia completa do berne, de modo que só há poucos anos ela foi elucidada, em parte confirmando anteriores observações, em parte desfazendo por completo a interpretação de outros cientístas. Vários pes-

Ciclo evolutivo do berne

1 — A mosca do berne depositando os ovos sobre outra espécie de mosca (2 e 3); 4-5 — Ovos; 6-13 — Larvas em várias fases; 14-15 — Pupas; 16 — Adulto (figuras do livro de Cesar Pinto «Arthropodes Parasitos», 1930)

quizadores tentaram resolver o problema, porém só em 1917, quando o dr. A. Neiva, concluindo os seus estudos, de colaboração com o dr. Florencio Gomes, publicou "A Biologia da mosca do berne", ficou desvendado de todo o mistério. A mosca do berne nunca desova diretamente sobre o vertebrado. Às vezes, é sobre mosquitos que a mosca desova; porém é mais frequente ser a vítima, escolhida como intermediária, um dos muitos muscídeos que costumam pousar sobre os animais no pasto, especialmente *Stomoxys* (a mosca dos estábulos). A mosca do berne vive de preferência nos bosques e capões; nos campos desprovidos de vegetação arbórea, a criação não está sujeita ao berne.

E' praga da maior parte dos mamíferos maiores; só no burro e no cavalo é raro. Nas aves não se cria, devido à temperatura elevada do sangue (vide "B e r r o"). O berne, a princípio, quando pequeno, tem corpo oval, com pescoço comprido, em cuja extremidade se acham os estigmas respiratórios; quando maior, êle torna-se ovoide; os aneis que correspondem aos segmentos são providos de numerosos acúleos.

A esta fase parasitária, segue-se a fase ninfal, na terra, para onde o berne se passa, abandonando voluntariamente seu hospedeiro. Envolvendo-se em uma cápsula, forma a pupa; só depois de 30 ou mesmo 70 dias nasce a mosca, de modo que a evolução completa, de ovo a adulto, demanda 120 a 140 dias.

Convém advertir que em muitos escritos de compilação, êste ciclo evolutivo tem sido deturpado, por confusão com a biologia da mosca européia e norteamericana, *Hypoderma bovis*, que nunca foi assinalada no Brasil.

Ao homem o berne torna-se apenas incômodo, provocando um tumor cutâneo. Costuma-se colocar uma fatia de toucinho crú sobre a abertura e o berne, não podendo mais respirar, procura em breve atravessar o toucinho e assim sai espontaneamente. Sério prejuizo causa o berne aos criadores de gado, desvalorizando completamente o couro, tal o número de furos que, às centenas, às vezes, se aglomeram por todo o corpo da rez.

A denominação indígena, "U r a" (vide esta) ainda se conserva em algumas regiões; "B e r n e", é o vocábulo Verme deturpado, ou, como o lembrou o dr. A. Neiva, "B e r r o", que em Portugal designa a larva de *Hypoderma bovis* e de outras moscas parasitas.

Berro — No Nordeste do Brasil é conhecido por êste nome o díptero Muscídeo *Mydaea pici*, parasita dos filhotes de vários pássaros. A. Neiva (Mem. Inst. O. Cruz, VIII, pág. 111) lembra que esta palavra (aliás oriunda de Portugal, onde designa as moscas dos gên. *Hypoderma* e *Gasterophilus* e as respectivas larvas que se desenvolvem como parasitas dos animais), tenha dado origem, entre nós, ao vocábulo "B e r n e"; efetivamente, pelo aspeto zoológico da questão, há afinidades suficientes, para que a explicação seja pelo menos plausível. Ao etimólogo esta derivação talvez agrade menos do que a mais simples filiação ao vocábulo - *verme* - (com a pronúncia portuguesa "b e r m e").

Beruanha — A verdadeira grafia deveria ser *Mberuanha*. Marcgrave registra *Mberu-obí* como nome de outra mosca de côr verde - "o b í". Vide "M u r u a n h a".

Besouro — Denominação vulgar, que corresponde exatamente à ordem zoológica dos *Coleopteros*, ou insetos com partes bucais mordentes (mandíbulas) e azas ante-

Besouros

riores transformadas em elitros, sempre grossos, coriáceos e que no repouso recobrem o segundo par, dobrado por baixo. As larvas dos besouros são ápodes em algumas famílias e assim se locomovem à moda das larvas das moscas, ou tem nos segmentos torácicos três pares de extremidades articuladas, como os "bichos de pau pôdre" ou "bicho gordo". Pela maior parte vivem escondidas na terra ou em vegetais em decomposição ou em plantas sadías: "cóleobrocas" quando perfuram galhos ou madeira e outros se desenvolvem nas sementes: "c a r u n c h o s". Poucas são as que carcomem as folhas e assim constituem pragas como os *Chrysomelideos*: "v a q u i n h a s". Para

se transformar em ninfa, quasi sempre se ocultam e entram em metamorfose, raras vezes protegidos por casulo. A sub-divisão desta ordem, em grupos de famílias e a delimitação destas, é trabalho deveras ingrato. Há em nossa fauna representantes de aproximadamente 100 famílias distintas de coleópteros, algumas de somenos importância, mas certamente 25 delas abrangem muitas centenas de espécies cada uma. Pode-se avaliar em perto de 5 a 6 mil o número de espécies brasileiras de besouros. E, no entanto, é reduzidíssimo o vocabulário nacional, referente a êstes insetos: Serra-pau, Vaquinha, Joaninha, Escaravelho, Gorgulho, Visita, Vagalume, Salta-martim, Potó, e poucos mais.

Besouros

Uma boa coleção de besouros pouco fica a dever à de borboletas, quanto à beleza, pois também nestes insetos varia ao infinito a bizarra conformação do corpo e a originalidade do desenho e do colorido. Tôdas as côres aí aparecem, frequentemente realçadas pelo brilho metálico intenso ou delicadíssimo. E para o colecionador apresentam êstes insetos a vantagem de serem menos frágeis e, portanto, de captura, preparação e conservação mais fáceis. (Veja estampa da pg. 398).

Besouro

Besouro d'água — Coleópteros das fam. *Hydrophilideos, Gyrinideos* e *Dytiscideos*, que frequentemente se vêm "caminhar" ou girar na superfície das águas paradas. Tanto os adultos, como as larvas, alimentam-se de pequenas larvas e ovos de outros insetos. Também a piscicultura reconhece, em várias espécies dêste grupo, inimigos muito prejudiciais à multiplicação dos peixes.

Betara — Pronúncia equivalente a "mbetara" ou por extenso: "Tembetara", forma esta que porém nunca ouvimos. Mas o radical "tambetá" se impõe, pois o peixe a que se refere a denominação, o "P a p a - t e r r a" marinho *(Menticirrhus americanus)* tem no mento um barbilhão, que o índio deveria, sem dúvida, comparar a um tembetá. Alguns pescadores de Recife pronunciam "T r e m e - t a r a".

Betú — Vide "P a v a c a r é".

Bicha cadela — Denominação portuguesa, pouco usada no Brasil como sinônima de "L a c r a i n h a" ou "T e s o u r a" *(Forficulídeos).*

Bichas — O mesmo que "S a n g u e - s u g a", mas especialmente *Hirudo medicinalis,* da fauna européia. E' significativo como documento zoogeográfico que essa espécie, conquanto tenha sido usada por longo tempo nas farmácias no Brasil, tendo provavelmente tido repetidas oportunidades para se aclimatar aquí, não conseguiu multiplicar-se em plena liberdade. Compare-se o mesmo fato verificado com *Apis melifica.*

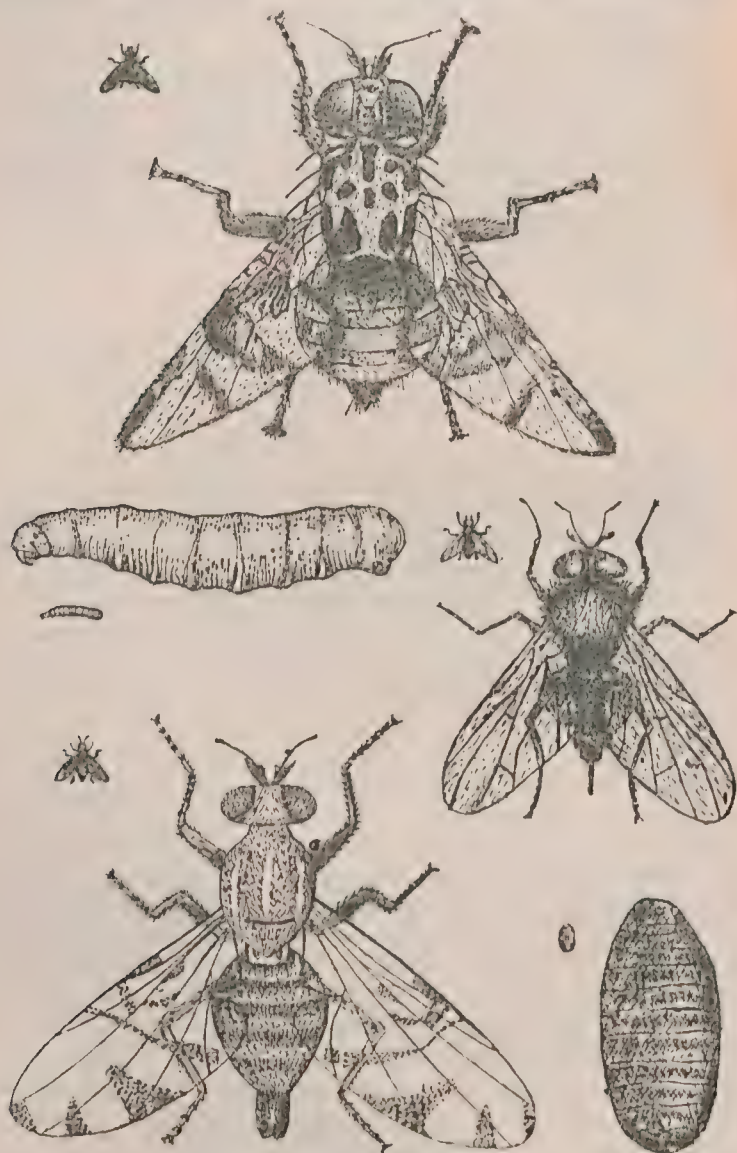
Bicheira — Designa, com mais propriedade, a ferida invadida por larvas de moscas "V a r e j e i r a s"; mas o mesmo nome é aplicado também às proprias larvas, que na nomenclatura indígena são conhecidas por "t a p u r ú" ou "c o r ó"; (veja também "M o r o t ó").

Bicho de cesto — E' têrmo argentino, que porém, pela propriedade com que descreve o inseto-praga em questão, certamente logrará difusão entre nós, como aliás já parece tê-la alcançado no Rio Grande do Sul. Trata-se da lagarta polífaga de uma mariposa, da fam. *Psychideos, Oiketicos kirbyi,* que constróe seu casulo de gravetos, armados em forma de cesta, revestida de fios de seda. A mariposa fêmea é áptera; só o macho é alado. E' na Argentina, principalmente, que estas lagartas constituem praga dos vegetais.

Bicho de côco — E', na Baía, a larva do coleóptero *Pachymerus nucleorum,* da fam. *Bruchideos,* que se desenvolve dentro do fruto das palmeiras baguassú, uricurí e dendê. O povo, em expressão muito bem achada, designa do mesmo modo uma pessôa sumamente experta. O *tertius comparationis* está em parecer muitíssimo difícil um bicho tão grande, como o é a larva depois de crescida, poder entrar na noz do côco, sem deixar vestígio do buraco de penetração. (Claro está que a larva, em pequena, penetra no fruto ainda mole e, com o crescimento dêste, o furo desaparece completamente).

Bicho colorado — No Rio Grande do Sul êste nome argentino designa o que nos demais Estados chamamos "M i c u i m" ou "M u c u i m".

Bicho de conta — Denominação portuguesa dos pequenos crustáceos *Isópodes,* mais conhecidos no Brasil por "B a r a t i n h a s".

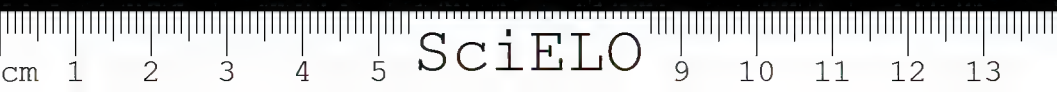
Bicho das frutas — Larvas das moscas da fam. *Trypaneideos; Ceratitis capitata* e *Anastrepha fratercula,*

Bicho das frutas

A. serpentina e várias outras dêste último gênero. A fêmea põe os ovos na fruta ainda em desenvolvimento (pêcego,

goiaba, laranja, ameixa, etc.) e as larvas, à medida que se desenvolvem, vão carcomendo toda a polpa. Quando a fruta cai ao chão, as larvas enterram-se em pequena profundidade e formam seu casulo, que é pardo-avermelhado. As duas espécies de moscas, acima mencionadas, assemelham-se um tanto; ambas são amarelo-pardas com azas desenhadas, mas *C. capitata* (aliás espécie importada da África e que é flagelo também dos pomares dos países do Mediterrâneo) distingue-se facilmente por ter no tórax e na aza diversas manchas e linhas pretas. Há vários parasitas himenópteros que põem seus ovos nas larvas da mosca e desta forma limitam, até certo ponto, a excessiva proliferação da praga. Contudo, não é eficaz a atuação dêsses nossos auxiliares, devido à sua pouca difusão, e tanto é assim que hoje, por todo o Brasil, é raro o pêcego ou a goiaba sem bichos. Quem quizer cuidar do seu pomar, deve juntar diariamente as frutas caidas, para não deixar as larvas completar sua metamorfose. E, em vez de destruir estas frutas (com o que se mata a larva da mosca e a do parasita útil também) deve-se deitar tudo em caixas com téla, cujos fios distem apenas 2 mms. um do outro, para que os parasitas que se desenvolvem, possam fugir pelas malhas, ao passo que as moscas muito maiores, morrem na prisão. Também na cereja do café o "b i c h o d a s f r u t a s" se desenvolve bem; aí, porém, não causa dano à semente, pois a larva só se alimenta da polpa; ainda, assim, o fazendeiro é lesado, pois que em geral várias larvas vivem na mesma cereja, carcomendo a polpa e desvalorizando assim a palha, que chega a perder metade do peso. A praga que tende a intensificar-se cada vez mais, deve, pois, ser combatida, para valorizar a palha como adubo.

Bicho gordo — E' o nome dado pelo povo da roça às larvas dos coleópteros Lamelicórneos e de outros besouros, sempre que estas larvas sejam gordas, roliças e brancas; algumas vivem na terra, outras em paus podres e são procuradas pelos pescadores como isca. (Vide também sob "C o r ó", "J o ã o t o r r e s m o" e "P ã o d e g a l i n h a").

Bicho de ouvido — O mesmo que "G o n g ô l o". Veja "E m b u á".

Bicho de parede — No Nordéste do Brasil, o mesmo que "B a r b e i r o".

Bicho-pau ou "C i p ó s ê c o" ou "T a q u a r i n h a" ou "T r e m e - t r e m e" — no Nordeste: veja "M a n u e l - m a g r o" ou em Portugal, também "Cavalinho do diabo". Ortópteros da fam. *Phasmideos*, cujo corpo se parece com gravetos de taquara; por isto e pela imobilidade em que se mantêm durante longo tempo, são exemplos notáveis de mimetismo. As espécies mais comuns são dos gêneros *Phasma* e *Bacilus;* os maiores espécimens (até 26 cms. de comprimento) são dos gêneros *Bacteridium*, *Otocrania* e *Phibalosoma.* Em algumas regiões do Nordeste do Brasil são muito abundantes, a ponto de incomodar a quem se abriga sob algum vegetal onde, pousados às centenas, deixam cair as dejeções em gotas, o que constitue um chovisco bastante desagradável. Algumas espécies ficam imobilizadas por longo tempo na mesma posição, imersas em verdadeiro sono cataléptico, do qual nem mesmo amputações de segmentos conseguem despertá-las (A. Neiva).

As poucas espécies aladas voam mal; às vezes só o macho tem azas. Os Fasmídeos alimentam-se unicamente de folhas e brotos; nunca, porém chegam a causar dano nas plantações. Os ovos são postos isoladamente e parecem-se com sementes, com opérculo em um dos polos.

"M a n é - m a g r o", no Nordéste, parece que se refere em particular ao conjunto que forma a família dos *Proscopiideos* e que se distingue facilmente dos *Phasmideos*, por terem aqueles a cabeça muito longa e antenas curtas, ao passo que nos verdadeiros bicho-paus se verifica justamente o contrário.

Bicho do pé ou "B i c h o d e p o r c o" — Inseto da ordem *Siphonapteros* (pulgas), *Tunga penetrans.* (Antigamente gên. *Sarcopsilla).* Vive principalmente nos chiqueiros e nas casas de pouco asseio; a fêmea fecundada penetra na pele da vítima (porco e homem) e em poucos dias o abdômen estufa, repleto de ovos. Por fim rompe-se o abcesso, os ovos caem na terra e aí as larvas se transformam, nascendo os adultos ao cabo de 3 semanas. Vide a significação de "c a m b a d o".

Bicho do pé

Parece que esta praga é de origem sulamericana e daquí foi levada para a África. Já Hans Staden em 1557 se referiu ao bicho do pé, já então generalizado no litoral paulista e também Oviedo a registrou em 1547. Quando

se permanece junto dos chiqueiros, é quasi certo voltar com uma ou algumas destas pulgas no pé ou na mão, principalmente junto das unhas; nos primeiros dias provoca uma cócega característica.

Cuidados: desinfetar a agulha com que se tira o bicho do pé e fazer penetrar iodo ou álcool na ferida.

A tunga da orelha do rato é outra espécie *(Tunga coecata)* bem como a que parasita a região abdominal do tatú *(Tunga travassosi)*; essas duas espécies não atacam o homem.

Bicho de seda — Designa tanto a lagarta como o inseto adulto, *Lepidóptero Heterócero,* (portanto, mariposa) da fam. *Bombicideos, Bombyx mori.* E' espécie importada. Ainda é muito insignificante a indústria da criação do bicho de seda no Brasil, não obstante a região meridional do país oferecer condições de todo favoráveis, como vários ensáios, alguns já em maior escala, estão demonstrando. Há várias espécies indígenas do gên. *Attacus* (grandes mariposas de côr chocolate ou avermelhadas, com quatro triângulos transparentes nas azas) hoje *Rothschildia,* que também tem sido apontadas como bichos de seda, mas ainda não foram sujeitas a provas decisivas. Parece certo, contudo, que estas espécies nunca terão a importância econômica do *Bombyx.*

Já em 1810 um certo Vieira, de Vitória, Est. de Esp. Santo, ofereceu uma meada de seda nacional ao soberano, requerendo ao mesmo tempo sua nomeação para o cargo de inspetor da indústria de seda. D. João VI mandou proceder a um inquérito, ficando então patente que tal bicho de seda em questão se alimentava principalmente da mamona, bem como de muitas outras plantas, o que aliás confere com os hábitos das *Rothschildias* e mais não soube relatar a respeito C. A. Marques em seu "Dicionário da prov. do Espírito Santo".

Bichos de taquara — Designa as larvas de insetos, que se desenvolvem no ôco das taquaras. Certas tribus indígenas as comem fritas ou derretem a gordura, que serve de manteiga. Mas dizem que é indispensável tirar a cabeça e os intestinos, porque, ingerindo-os, sobrevem uma embriaguez semelhante à do opio. Haverá várias espécies dessas lagartas, mas predomina entre elas a da mariposa *Myelobia,* cujos insetos adultos em certos anos, à noite invadem as cidades aos milhões, atraidos pela iluminação. A larva da mariposa, logo ao sair do ovo, faz um minúsculo furo na taquara e assim passa a habitar

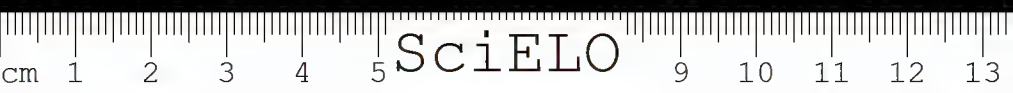
um internódio, cuja parede interna lhe fornece também o alimento. Cresce então até 10 cms. de comprimento, e, antes de tecer seu cásulo, roe uma janelinha oval, deixando-a, porém, ainda fechada, isto é, não rompe a parede externa. Continuando, pois, bem oculta, está contudo, com a saida de tal forma preparada, que mais tarde, depois da fase de ninfa, e já transformada em mariposa e, portanto, desprovida de maxilares, o inseto quando quizer sair, sem mais trabalho, empurra a porta com a cabeça.

Si hoje, nas cidades, nos queixamos dessa praga, que aos milhões se aglomera e esvoaça em redor dos focos da iluminação, ao contrário o índio, antigamente, bem dizia os anos de grande abundância de tais insetos. Já o dizia o Padre J. de Anchieta (1560) em sua *Epistola rerum naturalium*, ao descrever o inseto, que os índios chamam *Rahu:* "costumam comê-los assados e torrados ao fogo; tamanho, porém, é o seu número, juntado em montes, que dêles se faz uma banha, que é diferente da que se obtém do porco e da qual se usa para comer e para engraxar couros". Não pode, naturalmente, o naturalista concordar com o seguinte trecho do Apóstolo dos Brasís: "Dêstes uns se transformam em borboletas, outros viram ratos..." E' fácil verificar a razão pela qual o inexperiente observador foi levado a tal associação de idéias. Em geral, a praga de lagartas nos taquarais determina o subsequente florescimento dos colmos e, como fica dito sob "R a t o d a t a q u a r a", tal abundância de sementes, por sua vez, favorece a proliferação de certas espécies de ratos. O bom jesuita, ignorando tão complicada concatenação de fatores biológicos, quiz simplificar, fazendo intervir uma transformação muito mais emaranhada (porém admitida pelos coetâneos como sendo possível).

Bico de braza — Sinônimo de "T a n g u r ú - p a r á".

Bico pimenta — Vários passarinhos de bico avermelhado. (Não confundir com o "B i c o d e l a c r e", que é pássaro de gaiola importado). Mais geralmente tem êste nome a espécie de *Fringilídeos, Pitylus fuliginosus*, do tamanho de sabiás, côr de rato, com garganta e peito pretos e bico côr de laranja, ou tonalidade um pouco mais carregada.

Bico rasteiro — O mesmo que "T a l h a m a r". Também designa uma espécie de pequeno "M a s s a-

r i c o", *Helodromas solitarius*, de pernas curtas; a côr é pardacenta, com manchinhas escuras e alvacentas nas orlas das penas; o lado inferior é branco, com estrias cinzentas no peito. Em sua vasta distribuição extende-se da América do Norte à Argentina. Tem o mesmo nome, ainda uma "N a r c e j a", *Gallinago paraguayae*.

Bico redondo — Denominação genérica, popular, dada ao conjunto de aves que em zoologia constitue a família dos *Psittacideos*. Veja-se sob "P a p a g a i o s".

Bicuda — Peixes do mar da fam. *Sphyraenideos*, *Sphyraena picudilla* e *barracuda*, algum tanto semelhantes à "A g u l h a", mas com duas nadadeiras dorsais e e focinho não muito alongado; são voracíssimos e muito audazes; os exemplares maiores, que atingem mais de dois metros de comprimento, chegam a atacar pessôas que nadam. A carne é saborosa, mas diz-se que às vezes é venenosa. Em Pernambuco os pescadores distinguem 3 variedades (espécies?): "g a v i a n a" ou "c a r a n a" ou "g o i r a n a" e bicuda "d a l a m a", além da "d e c o r s o", cuja cotação é superior à daquelas.

Bicuda de corso — Em Recife vimos exemplares juvenís do peixe dêste nome, que alcança até 2 metros de comprimento, com 40 a 50 quilos de peso; seu nome provém do fato de só se poder pescar esta espécie pelo sistema conhecido por pesca de corso ou corrico (e ao qual nos referimos sob "A l v a c o r a"). Tomámos nota do seguinte colorido dos exemplares pequenos: Côr geral cinza-perola, mais clara no ventre; 10 manchas difusas, mais escuras acima da linha lateral; nadadeiras, exceto as peitorais, com manchas pretas.

Parece tratar-se de *Sphyraena barracuda;* mas a respeito desta espécie a literatura da pesca nas Antilhas registra numerosos casos de envenenamento, que aí são conhecidos pelo nome "Ciguatera". Sabemos porém que os pescadores de Recife atribuem a esta espécie alta cotação, isto é de 2.ª classe (igual à do badejo) superior pois à classificação das outras bicudas, que são de 3.ª.

Bicudo — Na Amazônia designam assim diversas espécies de pássaros do gên. *Sporophila*, conhecidas no Sul por "P a p a - c a p i m".

Bicudo — Há várias espécies de passarinhos a que o povo, às vezes impropriamente, dá êste nome. No Brasil meridional o verdadeiro "B i c u d o", muitíssimo apreciado pelos amadores de passarinhos de gaiola, é o

Oryzoborus maximiliani, congenere do "A v i n h a d o", que também é um "B i c u d o". Para melhor o definir, em São Paulo diz-se "B i c u d o d o N o r t e" (norte do Estado de S. Paulo até a Baía). O macho é preto, tendo apenas uma malha branca na aza e bico claro. Na Amazônia uma espécie muito semelhante, *O. crassirostris*, tem igual nome vulgar. As fêmeas são pardas e o bico é escuro; igual colorido têm os machos enquanto novos. Êstes "cantores de gaiola" alcançam, às vezes, preços elevados entre os amadores e há dêstes que reputam seus bicudos como émulos dos canários.

Bicudo encarnado — Pássaro da mesma família dos "B i c u d o s", porém de outro gênero, *Periporphyrus erythromelas*, da Amazônia. E' lindo o colorido, vermelho, um pouco vináceo no lado dorsal, mais vivo no lado inferior; a cabeça e a garganta são pretas.

Biguá — Ave da fam. *Carbonideos, Carbo vigua*, de cauda, pescoço e bico enormemente alongados, êste encurvado na ponta. O colorido é inteiramente preto; só o bico e as partes núas da cara e garganta são amarelos. Vive tanto no litoral como nas lagôas e rios do interior do país. E' ave essencialmente aquática e vive só da pesca. Persegue os peixes debaixo d'água e tão bem o faz, que na Amazônia seu nome vulgar é "M e r g u l h ã o" (denominação esta que, mais para o Sul, cabe a outra espécie). Não é, porém, afundando e nadando debaixo d'água que o biguá foge do caçador; êle se afasta voando, porém de um modo característico e curioso: batendo as azas, prossegue durante algum tempo rente com a água e a tão pouca altura, que os pés e a cauda, às vezes arrastam de leve e assim traçam um sulco, que indica a sua passagem; só mais adeante a ave firma o vôo e se eleva a boa altura. (Impõe-se, mesmo, a moderna comparação com a decolagem de um hidroplano). Característica é a ordem que o bando de biguás observa quando em viagem; alinhados, formam um ângulo obtuso, indo, porém, adeante não o vértice do ângulo, mas uma das linhas retas. (H. v. Ihering, apud. Goeldi).

Biguá-tinga ou "A n h i n g a", "M e u á" ou "M i u á" (Maranhão), e na Amazônia "C a r a r á" — *Plotus anhinga* é um verdadeiro biguá pela forma, diferindo principalmente pelo colorido e pelo bico, que é direito, sem curva na ponta, porém serrilhado nas margens. Biguá *tinga* (branco) êle é realmente só em parte,

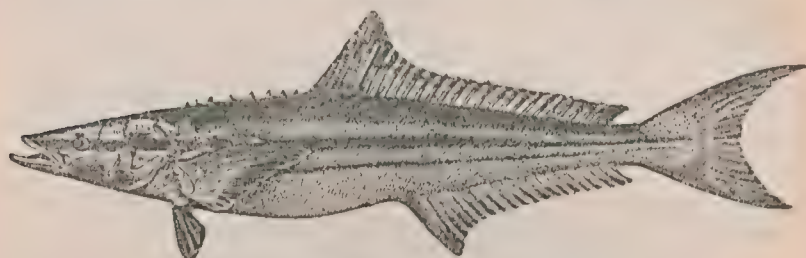
pois o pescoço, o dorso e as azas são brancos, ou ao menos riscados. E' também de vasta distribuição. Quieto, está êle pousado sobre um tronco à beira do rio e uma canôa que passa não o assusta; mas, si tem razões para desconfiar das intenções dos tripulantes, repentinamente êle se atira à água e some-se por longo tempo; passados uns três ou quatro minutos, lá longe surge qualquer cousa — a ponta de um galho? Não; é o bico e junto dele também afloram os olhos, que espreitam, cautelosos. Mas não foi só para se ocultar, que o biguá aprendeu a mergulhar tão bem; os peixes que o digam! Como si estivesse em seu ambiente habitual, êle persegue a vítima debaixo d'água, durante longo tempo e com extrema destreza. E, si o seu pescoço parece uma cobra, essa seme-

Biguá-tinga

lhança se extende também à facil dilatação de que é capaz uma tal tripa; parece incrível como, à força de boa vontade, arranja geito para que caibam lá dentro peixes tão grandes! E' curioso o seu modo de pescar, comparável ao cerco do peixe, usado pelos pescadores e denominado "cambôa": Os pescadores, reunidos fecham um círculo de canôas e tarrafeiam simultaneamente. Os "M e u á s" também, reunidos em círculo, procuram concentrar os peixes num espaço restrito e então precipitam-se sobre êles, fisgando-os com os bicos fortes. (cf. Raymundo Lopes, Torrão Maranhense, 1916, pág. 163).

Bijuí — Nome de Abelha do gên. *Trigona* em Minas. Vide "B i j u r í".

Bijú-pirá — Peixe do mar da fam. *Rachycentrideos; Rachycentron canadus*, afim às espécies da fam. *Scombrideos* ("B o n i t o"), mas com uma só nadadeira

dorsal, comprida, precedida de 8 pequenos acúleos separados, e o primeiro dos quais se acha na altura da peitoral; no ventre também há uma nadadeira (anal) longa, pouco mais curta do que a dorsal; uma linha escura, mediana, vai do focinho à cauda e outra mais fina se extende por baixo. Atinge 1m,90 cms. de comprimento e quasi 40 kls. de peso. A carne é muito saborosa e pode se dizer, mesmo, que é das melhores espécies brasileiras. E' pescado à linha, como as cavalas. Não ocorre no Sul do Brasil, mas só do Rio de Janeiro para o Norte. Vive em

Bijú-pirá

pequenos grupos e afirma Miranda Ribeiro que "é comumente encontrado nadando sobre as grandes raias, especialmente as jamantas".

Em Pernambuco, onde aliás é raro, também é conhecido por "p e i x e r e i".

Devemos observar que na estatística do pescado de Paranaguá figura, às vezes, um peixe "P a r a m - b e j ú", nome êste que poderia equivaler ao da presente espécie; mas o verdadeiro *Rachycentron* não alcança, ao Sul, nem mesmo a região de Santos.

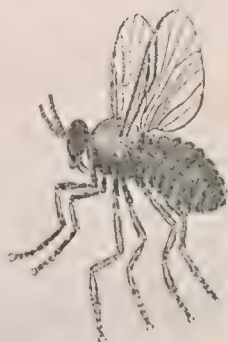
Bijurí ou "B e n j u i m" ou "B i j u í" — Sob êstes nomes o Sr. Pio L. Corrêa conheceu, em Araraquara, uma abelha social do gên. *Trigona*, preta, menor que a irapuã, que faz ninho em ôco de páu e cujo mel costuma ser muito aromático. (A única vez, porém, que o provámos, não lhe achamos sabor nenhum, parecendo até ser apenas calda puríssima de açúcar branco; tratava-se de um cortiço artificial, o que talvez influisse sobre o aroma). Vide "B o j u í", que provavelmente é a variante matogrossense do mesmo nome.

Bilreira — Vide "R e n d e i r a".

Biquara — Peixe do mar da Baía para o Norte. Parece que é palavra incompleta, faltando uma ou mais

sílabas iniciais (a semelhança de Sernambiquara). O Almirante Camara diz que êste peixe é "pequeno, grosso; tem dentes miudos, costas escuras, barriga amarela, com queixo amarelado e com listras azuis curvas, partindo dos olhos; interior da bôca, vermelho. Vive só nos fundos de tócas. Sua carne não tem sabor". Abrange várias espécies da fam. *Haemulideos* como as "C o r c o r o c a s". Seu comprimento, é de 30 cms., pesando em média ½ quilo. Segundo a estatística do pescado no Rio Grande do Norte, certa espécie, em Janeiro e Março contribue com mais de 1/10 para o total dos peixes pescados, ou seja com 5.000 quilos.

Em Pernambuco pronuncia-se também "A b i q u a r a" e informam-nos que é peixe roxo, de escama, que se cria nos rios, para depois se passar para o mar.

Biriquí, "B a r i g u í", "M a r i g u í" ou "B e r e r ê" e também "M o s q u i t o p a l h a" — Mosquitos hematófagos *Nematoceros*, da fam. *Psychodideos*, gên. *Phlebotumus*. (Para a distinção dos diversos outros mosquitos sugadores de sangue, vide "M o s q u i t o s"). Há várias espécies brasileiras minúsculas, de 2 mms. de comprimento, com abundantes franjas e pêlos nas azas e pelo corpo todo. São crepusculares ou noturnos e às vezes entram nas casas, atraidos pela luz. Ainda não se conhece bem sua biologia. B. Aragão verificou, experimentalmente, que a espécie *Ph. intermedius* pode transmitir a úlcera de Baurú (leishmaniose). Vide "T a t u q u i r a", que é o nome da espécie de *Phlebotomus* da Amazônia *(Ph. squamiventris)*.

Biriguí

Bironha — O mesmo que "B e r u a n h a", isto é "M u r u a n h a".

Birro — Em Minas Gerais é o passarinho da fam. *Tyrannideos*, *Hirundinea bellicosa* e que, segundo Wied, tem os nomes "G i b ã o d e c o u r o" ou "C a s a c o d e c o u r o", na Baía. De fato o colorido é bruno escuro, mais claro no uropígio e na cauda, esta com pontas pretas. Também o "P i c a p a u b r a n c o" *Leuconerpes candidus* tem igual nome em S. Paulo e em Mato Grosso. Informa-nos a respeito o Sr. João L. Lima que êsse pi-

ca-pau frequenta os pomares, causando estragos nas laranjas; além disto, destróe ninhos de vespas *(Polybia)*.

Birú — Provavelmente por "m b o i r ú", vide "b o i r ú". Afr. do Amaral registra o nome como equivalente a "C o b r a n o v a", *Drymobius bifossatus*, ou seja *Erodryas*, pela recente substituição.

Birú — Designa, na linguagem caipira, certas moscas (hematófagas ou varejeiras?). E' a mesma palavra tupí "m b e r ú", que compreende as moscas em geral. "B i r u a n h a" (vide "B i r o n h a") aplica-se em Mato Grosso especialmente à "M o s c a d o s e s t á b u l o s".

Birú — No Rio Grande do Sul equivale a "S a g u i r ú", em S. Paulo. A palavra, provavelmente é apenas uma simplificação de "S a b i r ú" (pronúncia nordestina, aliás "S a b u r ú"), mas a espécie é diferente das que se encontram ao norte do Rio Grande do Sul. Seu feitio é bem o mesmo dos *Curimatíneos* em geral, mas as dimensões são bem mais avantajadas, pois vimos exemplares no mercado de Pôrto Alegre, com 18 cms. de comprimento, quando as outras espécies mal ultrapassam 10 ou 12 cms. Daqueles exemplares grandes 3 pesam 1 quilo.

Bituva — Peixe cascudo, da água doce, Nematognata, da fam. *Loricariídeos (Harttia kronei)* da Ribeira do Iporanga.

Bóbó — Na Baía chamam assim o "G u a r ú g u a r ú".

Bôca d'água — No Pará é frequentemente empregado como sinônimo de "J a p u s s á" (símio).

Bôca de barro — O mesmo que "B ô c a d e s a p o".

Bôca de colhér ou "J u r u p e n s e m" — E' o mesmo que "J u r u p o c a".

Bôca mole — No Rio Grande do Norte e em Pernambuco o peixe conhecido por êste nome contribue, em certos meses, com mais de 3 mil quilos para um total de 40 mil quilos de pescado. Certamente, êste nome deve corresponder a outro de algum peixe bem conhecido, identificação esta que ainda não conseguimos.

Bôca preta — O mesmo que "M a c a c o d e c h e i r o".

Bôca de sapo — No Sul; no Norte é conhecido por "C ú d e v a c a". Designa várias espécies de abelhas

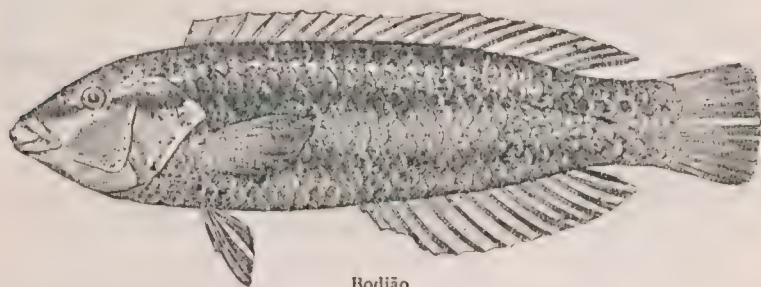
sociais, da fam. *Meliponideos*, gên. *Trigona*. As espécies aquí compreendidas são as que constroem ampla entrada ou porta do ninho, de forma extravagante, de modo que provocou, da parte do povo, nomes não menos curiosos.

Bôca torta — Sardinhas do gên. *Anchovia* e outros afins, cuja fenda bucal é oblíqua e se extende muito para trás; são, pois, propriamente anchovas ou manjubas, estas ornadas com faixa longitudinal prateada.

Bôca torta — No Ceará dá-se êste nome à vespa social, que no Sul é conhecida por "Camoatim". Refere-se aquela denominação ao feitio da entrada do ninho, bôca essa que em geral, de fato, não é simétrica.

Bocarra — Em Minas tem êste nome um peixe de escama, certamente da fam. *Characídeos*. Supomos tratar-se do mesmo "Saguirú" a que nos referimos sob "Lambarí bocarra". Mas póde também ser um *Cichlideo*, dos quais há um denominado "Bôca de patrona".

Bodeco — E' segundo José Verissimo, o nome que se dá na Amazônia ao filhote do "Pirarucú".

Bodião ou "Budião" e "Gudião" — Tanto em Portugal como aquí, designa várias espécies de peixes

Bodião

do mar da sub-ordem *Pharingognathos*, fam. *Labrideos* (em Portugal ocorre só esta) e *Scarídeos*, êstes especialmente. São peixes que por vários motivos se caracterizam bem: as escamas são grandes, redondas; a nadadeira dorsal é longa; os dentes fundem-se uns com os outros, de modo a formarem uma dentadura inteiriça e portanto muito forte; finalmente o colorido de quasi todos êles é vivo e variegado, tendo motivado em alguns países a denominação — "peixe-papagaio". Vivem junto às pedras e recifes e alimentam-se de preferência de algas.

Algumas espécies, cuja dentição é ainda mais reforçada, habituaram-se a trincar as conchas dos moluscos, cuja carne assim conseguem saborear. Os pescadores conhecem várias espécies: Bodião vermelho, azul, B. verde, dourado, tucano, B. sabonete, B. batata, etc. Mas, gozam fama de serem venenosos, o que de fato tem sido comprovado. Em Pernambuco há mais os seguintes: B. cachorro, curuá, bindalo, papagaio, rabo de forquilha, trombeta.

(Bodó) — Vimos tal nome registrado como sendo o de um dos muitos peixes que vivem no grande açude de Quixadá (Ceará). Em seguida a vários outros, o autor da lista menciona... Cará, Cascudo, Bodó, Tartaruga, Taracajá. Como se vê, a inquirição a fazer não é simples, caso não se trate da mesma espécie registrada sob "B o z ó".

(Boga) — Queremos somente fazer lembrada esta pronúncia, aliás a original em Portugal e que assim também se manteve nas repúblicas platinas, ao passo que no Rio Grande do Sul só se diz "V o g a" (veja esta). Em Portugal "boga" designa as três espécies de peixes do gên. *Chondrostoma*, do grupo das "tincas", que na América do Sul não tem representantes.

Boi-de-Guará — Segundo informação do dr. Viriato Correia, no Maranhão dá-se êste nome ao peixe cascudo comum.

Boicininga — Nome tupí da cobra "C a s c a v e l" (literalmente: cobra que faz rumor, isto é, que tem chocalho). Lembraremos, como tendo etimologia semelhante, "C a s s u n u n g a", isto é, Caba-cininga, "que faz rumor".

Boicoatiara — Menos usado que "C o a t i a r a".

Boicorá — Provavelmente palavra híbrida: mboicoral por "c o b r a c o r a l", de onde parece derivar outra pronúncia: "b a c o r á". Veja-se porém a etimologia lembrada sob esta última grafia.

(Boiobí) — ou seja "cobra verde" em tupí; nome equivalente a "C o b r a - c i p ó", e portanto igualmente com acepção ampla; não sabemos, porém, se ainda está em uso corrente.

Boi-peva — ou "mboi-peva" (ou peba), que em tupí significa — cobra chata — também "J a r a r á c a m - b e v a". Compreende duas espécies semelhantes, *Xeno-*

don merremii, da fam. *Colubrideos*, aglifos. O colorido é preto, ornado por desenhos geométricos indistintos, formados por escamas amarelas e que lhe dão certa semelhança com as jararacas. O nome indígena, de fato, lhes cabe bem, porque esta cobra se achata. Não é propriamente venenosa, visto como não tem dentes inoculadores de veneno; mas, por causa das suas dimensões, de dois metros de comprimento, torna-se respeitável. Na Amazônia lhe cabe o nome "P e p é u a" e no Rio Grande do Sul e em Mato Grosso "C a p i t ã o d o c a m p o". Outra cobra que bem merece o mesmo nome indígena, por se achatar quando irritada, é *Lystrophis dorbignyi*, do Brasil meridional. A parte dorsal mostra desenho variado de manchas castanhas com orlas claras sobre fundo pardo-amarelado; o ventre é rubro-coralino, com linhas transversais azuladas, mais fracas na parte mediana. O que, porém, caracteriza notavelmente esta espécie é a feição do focinho bicudo e quasi arrebitado. Alimenta-se de batráquios.

Boipevassú — E' espécie de gênero afím ao precedente *(Cyclagras gigas)*. Também conhecida por "S u r u c u c ú d o p a n t a n a l" porque vive nos brejos.

Boiquira — Denominação registrada por Afr. do Amaral (Nom. vulg. ofid.) como usada no Centro e no Sul, para designar a "C a s c a v e l". Não temos documentação própria.

Boirú — Segundo Afr. do Amaral, sinônimo de "M u s s u r a n a" *(Pseudoboa cloelia): mboi-rú*, que come cobra.

(Boiúna) — Parece que não deveriamos dar acolhida, aquí, a êste vocábulo que, na Amazônia, designa um ser fantástico, mais terrivel que a famigerada "D o r m i d e i r a" e comparável, talvez, ao "M i n h o c ã o". Zoologicamente Afranio do Amaral atribue o nome à maior das serpentes, a sucurí.

Boiussú — Denominação indígena, que significa: cobra grande, aplicada à "S u c u r í".

Bojuí — Abelha da fam. *Meliponídeos*, citada por Roquette Pinto como uma das muitas espécies que em Mato Grosso fornecem mel delicioso. Vide "B i j u r í".

Bolacha — Na Baía dá-se êste nome, aliás bastante sugestivo, aos *Echinodermos Echinoides* irregulares (tais como *Encope emarginata)*. Vide "C o r r u p i o d o m a r".

Bom-dia-seu-chico — Nome que o Sr. João L. Lima registrou, na região noroeste de S. Paulo, como onomatopéia, aliás muito adequada ao cantar do passarinho mais conhecido por "T r i n c a - f e r r o" *(Saltator similis)*.

Bom-é — No Ceará, segundo Th. Pompeu, é o nome do "J a p i m" ou "C h e c h é u" *(Cacicus cela)*.

Bom-nome — Peixe de escama do mar, ao qual na Baía assim chamam "por eufemismo, para não compará-lo diretamente a um falus". Segundo outras informações, é espécie semelhante à "U b a r a n a". No Rio de Janeiro também tem êste nome *Malacanthus plumieri*. Veja sob "P i r á".

Bonito — Peixe do mar da fam. *Scombrideos*, *Euthynnus alletteratus* que realmente merece tal nome, alusivo ao colorido e desenho variado. Pelo feitio é um

Bonito

meio termo entre as "C a v a l a s" e a "S e r r a". A metade posterior do dorso mostra um desenho de linhas irregularmente ondeadas e paralelas entre si; abaixo das peitorais há várias máculas negras, redondas. Seu peso, em média, é de 3 a 6 quilos.

Borá — O mesmo que "V o r á".

Borá-boi ou "B o r á - c a v a l o — E' sinônimo matogrossense de "A r a m á", nome pelo qual é conhecida na Amazônia uma das abelhas mais comuns aí, *Trigona heideri*.

Borboleta — Na Baía designa um lindo peixe pequeno, também chamado "C a s t a n h o l a" e que entre os praieiros ainda é conhecido pelo nome indígena "C a r a - p i a s s a b a".

De acôrdo com Alipio M. Ribeiro cabe êste nome, aliás muito apropriadamente, ao *Chaetodon striatus*, parente próximo do "P a r ú d a p e d r a". O corpo é ovalado, muito comprido e de viva côr amarela; sôbre êste fundo claro destacam-se 5 faixas negras, além de outros ornatos na cabeça e nas nadadeiras.

Borboleta ou "R a i a m a n t e i g a" — Seláquios do grupo das raias, *Pteroplatea altavela* e *P. micrura*. São do Atlântico e a primeira também do Mediterrâneo. São peixes muito largos, com $1^m,20$ de envergadura, o que corresponde a mais do dobro do comprimento do corpo; êste termina em cauda curta, provida de dardo serrilhado. A côr é parda em cima, vermiculada e mais clara em baixo.

Borboletas — Denominação vulgar dos *Lepidopteros Ropaloceros*, isto é, de hábitos diurnos e com antena clavada (terminada em bolinha oval); na posição de repouso juntam as azas, de modo que só se vê a face inferior das mesmas; as lagartas não tecem casulos de fios de seda, porém ficam abrigadas em uma casquinha que, por ser em algumas espécies reluzente e dourada, teve o nome de origem grega "crisálida" (de ouro). E' característico, para cada grupo, o modo como fica suspensa esta crisálida: com a cabeça para cima *(Papilionideos)* ou para baixo *(Nymphalideos)* e amarrada por um fio pela cintura *(Pierideos)*. E' impossível dizer qualquer coisa em resumo a respeito das inúmeras espécies de borboletas da nossa fauna. Citaremos apenas, ao acaso, algumas formas típicas. Bastante comuns são algumas espécies de *Papilio*, nome genérico geralmente conhecido (devido à fantasia do Visconde de Taunay, que no romance "Inocência" fez o naturalista batizar *Papilio innocenciae* a uma espécie imaginária). Caracteriza-se êste gênero por ter as azas anteriores alongadas em ponta oval no angulo anterior, ao passo que o bordo posterior do segundo par é recortado, de modo a formar várias pontas arredondadas, uma das quais, porém, é estirada, formando às vezes longa fita ou "rabinho". O colorido predominante é preto, com manchas amarelas ou vermelhas, havendo outro grupo de *Papilios* de côr clara, amarela ou mesmo branca, com pouco desenho.

As conhecidas "borboletas azuis", grandes, belíssimas, que vôam vagarosamente pelas clareiras da mata, pertencem ao gên. *Morpho;* algumas são de côr azul intensa, com reflexo de seda e bordos pretos; outras são

de um branco anilado, com pontos pretos submarginais. As borboletas mais comuns, brancas ou amarelas, de dimensões médias, em geral com a parte apical anterior preta, pertencem ao gên. *Pieris* (vide "P a n á - p a n á"). Os *Nymphalideos* encerram uma enorme variedade de

Borboletas

espécies, e das mais bizarras quanto à forma e ao colorido. Dentre elas mencionaremos as conhecidas borboletinhas que no lado inferior da aza posterior têm um desenho semelhante a dois algarismos: 80 ou 88 *(Calicore* e *Catagramma)*; certas *Ageronias* produzem um estalido quando batem as azas e justamente estas espécies, constituindo exceção da regra geral, mantêm as azas disten-

didas ao pousarem, quando todos os outros *Ropaloceros*, na posição de repouso, juntam as azas a prumo sôbre o dorso. Essa exceção tem sua razão de ser: a face superior das azas das borboletas em geral mostra colorido brilhante, que o inseto esconde quando pousa; ao contrário, nas *Ageronias*, essa face das azas imita bem o colorido das cascas das árvores e dos líquenes e assim, pousando com as azas distendidas, confunde-se com o ambiente (Mimetismo). (Veja estampa da pg. 398).

Poucas são as lagartas de borboletas que constituem praga propriamente dita; as de certos *Pierideos*, às vezes, danificam as hortaliças; as de *Papilio* preferem as folhas das laranjeiras, sem contudo prejudicarem grandemente a lavoura. As lagartas mais daninhas são as dos *Lepidópteros heteróceros*, (vide "M a r i p o s a s").

Borboleta de bando — Interessante fenômeno de migração de *Lepidopteros*, conhecida na Amazônia pela expressão indígena "P a n á - p a n á", (vide esta).

Borô — O mesmo que "M o t o r ô".

Bororó — Veado de armação simples, *Mazana rufina* que é a menor das nossas espécies; mede 49 cms. nos traseiros; da ponta do focinho à cauda mede 73 cms. Os chifres, simples pontas direitas, medem apenas 6 cms. Veja-se também "G a p o r o r o c a" e sob "V e a d o s" em geral.

Bororó — Peixe do mar da fam. *Sciaenideos, Bairdiella ronchus;* veja-se sob "C a n g o á".

Borrachudo — Em certas regiões do Nordeste e na Baía é a denominação dada às larvas dos *Triatomas*, "B a r b e i r o s".

Borrachudo — ou "P i u m" no Norte do Brasil. Dípteros *Nematoceros* da fam. *Simuliideos*. E' um grupo de insetos hematófagos bastante homogêneo no aspeto, com um só gênero, *Simulium*, representado no Brasil por talvez 30 espécies. As dimensões variam, conforme a espécie, de 2 a 4 mms. de comprimento; o corpo é sempre grosso, principalmente o tórax, caracterizado por uma bossa, como que de aleijado. As azas são hialinas. O colorido é pouco variado e na maior parte das espécies é preto ou pelo menos escuro; nas pernas é que se nota a maior variedade de desenho branco ou amarelo. Os machos não picam; em compensação as fêmeas são bem conhecidas como hematófagos bastante importunos. A

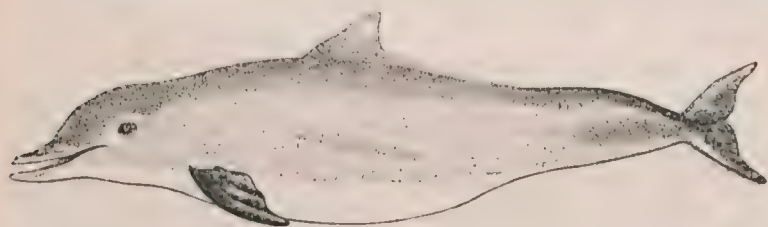
princípio não se percebe a picada, mas logo se segue um prurido muito característico e que persiste, às vezes, durante alguns dias, ficando o ponto da punção marcado por um sinal de sangue, do qual ao ser expremido sai líquido seroso. E' sabido que na Raiz da Serra entre Santos e S. Paulo, os borrachudos invadem os vagões, e sorrateiramente reclamam tributo dos passageiros incautos. Espécies do mesmo gênero existem também na Europa, sendo notória a praga que constituem na Hungria, para a criação do gado, desesperando os animaïs com suas picadas, quando atacam em nuvens.

As larvas desenvolvem-se unicamente na água corrente ou encachoeirada, fixando-se às pedras ou à vegetação, por meio de fios de seda; contudo sabem locomoverse na mais forte correnteza, usando de ventosas e dobrando o corpo como os "m e d e - p a l m o s". Naturalmente é pouco o alimento que encontram nas águas límpidas, e assim lhes servem quaisquer detritos, bem como protozoários, diatomáceas e algas microscópicas. Para se transformarem em ninfas, tecem casulos em forma de cartuchos de papel, abertos em cima e dos quais emergem apenas os filamentos traqueais, que servem para a respiração. Finalmente, os borrachudos adultos nascem debaixo da água e vêm à tona, sem se molharem. Logo vôam, e às vezes afastam-se bastante dos criadouros; mas, como é natural, os lugares em que mais se está exposto às picadas, são as proximidades de águas correntes. Na zona do litoral de S. Paulo e Rio de Janeiro a espécie mais comum é *S. pertinax, de* 2,5 mms. de côr geral enegrecida, com pernas coloridas de ocráceo e com escamas brancas. No interior prepondera *S. perflavum* que é todo amarelo alaranjado, de 2 a 3 mms.; *S. exiguum* mede apenas 1 a 1,5 mms.

Borralhara ou "M a t r a c a" — Pássaros da fam. *Formicariideos*, do gên. *Thamnophilus*, ao qual também pertencem "B r u j a r a r a", "C h o c a" e "M b a t a r á" da Amazônia. A espécie maior, é *T. cinerea*, de 35 cms. de comprimento; o macho é cinzento, com topete preto; a fêmea é pardo-amarelenta. Há ainda umas 35 espécies brasileiras, do mesmo grupo, em geral bem menores e que todas vivem no mato, prestando os mesmos serviços como os "p a p a - f o r m i g a s".

Bota-mesa — Curioso nome dado no Norte a certos insetos aquáticos, incluindo talvez a grande "B a r a t a d ' á g u a" *(Belostoma)* e outros *Hemípteros* da fam. *Ne-*

pídeos. De Pernambuco, porém, registrámos "P õ e-m e-s a" como sinônimo de "L o u v a - D e u s"; a significação do apelido parece referir-se à voracidade dos insetos predatórios a que o nome é aplicado e, entre êstes os *Mantídeos* são de fato os mais gulosos.

Bôto — Mamíferos da ordem dos *Cetáceos Odontocetos*, marinhos (fam. *Delphinideos)* ou da água doce (fam. *Platanistideos*, vide "B. b r a n c o"). Há ainda duas denominações, "G o l f i n h o" e "T o n i n h a", que, tanto aquí como em Portugal, designam espécies da mesma família. (O têrmo português "Roaz", aplicado a espécies afins, parece que não entrou para o nosso vocabulário; propriamente generalizado, só temos o termo "B ô t o"). De entre os bôtos marinhos, o mais conhecido é o da baía do Rio de Janeiro *(Steno brasiliensis)*, que aliás

Bôto

vive unicamente nessas águas; difere, desde logo, das demais espécies pelo colorido alaranjado nos lados e o tamanho raramente excede a 2 metros. Ao nadar despreocupadamente à tona d'água, o bôto descreve linhas verticalmente onduladas, aparecendo só parte do seu corpo fora d'água: primeiro a cabeça, depois o dorso, mas a cauda nunca emerge. O rostro é curto e a cabeça um tanto avolumada, dos olhos para trás; a nadadeira dorsal se extende até perto da região caudal, cuja nadadeira é achatada, contrastando com o tronco roliço.

As espécies brasileiras de bôtos do mar aberto ainda não foram bem estudadas e, como nos mares da Argentina já foram assinaladas 15 espécies, é de crer que a nossa lista definitiva também venha a acusar um número elevado. Pela simples inspeção, à distância, quando momentaneamente emergem, não é possível classificar as espécies. Certo é que qualquer delas distrai os viajantes em alto mar e a todos parece que é apenas por brincadeira ou como exercício, que o bando, às vezes numeroso,

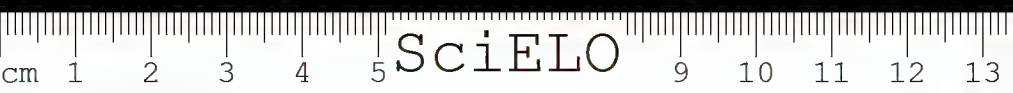
vem à tona, quando de fato todos êles vêm respirar o ar, de que necessitam, como verdadeiros mamíferos que são. "Caldeirão" chamam-lhes os pescadores de Torres (R. Grande do Sul), onde aparecem em grandes bandos. Em Mato Grosso e no Alto Amazonas os bôtos são conhecidos pelo nome "Peixe porco".

Bôto branco — ou "Uiara" dos indígenas. Vide supra, fam. *Platanistideos;* com 66 a 68 dentes em cada ramo maxilar; a mão é larga e truncada na ponta. Ao contrário do que se observa nos outros cetáceos, êste bôto tem uma constrição atrás da cabeça, dando uma idéia de pescoço. À semelhança das espécies do Ganges, a nossa "Uiara", *Inia geoffroyensis,* vive só na água doce do Amazonas; atinge 2 a 3 metros de comprimento. Um exemplar de 2^m,80 pesa 125 klgs. (como o verificou Castelnau). A côr geral é ardósia, clara em cima, branca em baixo.

Ainda que não seja de todo inofensivo, mormente quando atacado, contudo lhe são atribuidas muitas façanhas e mesmo tais estrepolias, como só as sabe inventar e aceitar a crendice do povo. Assim dizem que o bôto, qual Don João originalíssimo, sai das águas em procura de donzelas e também muita quebra de fidelidade encontra nele a sua excusa. "Uiara" é ainda o nome de uma moléstia nervosa, atribuida à influência dêsse cetáceo (J. Verissimo, *Cenas da Vida Amazônica,* pg. 59). Com relação à outra espécie amazônica, veja-se sob "Tucuxí".

Botoado — Goeldi registra assim, no Pará, o nome dos peixes do gên. *Doras,* aliás "Abotoado", ou "Cuiú-cuiú" mais ao Sul. Da mesma forma o vimos grafado em uma lista de peixes mato-grossenses.

Bozó — Peixe de couro da fam. *Doradideos* (geralmente conhecido por "Cuiú-cuiú"), do rio S. Francisco, *Franciscodoras marmoratus;* alcança apenas um palmo de comprimento e não tem valor comercial. Distingue-se por ter nadadeira adiposa alta e longa, sem prolongamento anterior em crista.

Bragado — O. Monte (Alm. Agr. Bras. 1926) descreve sob êste nome um peixe, ao que parece, semelhante à "Tuvira" (fam. *Gymnotídeos)* e cujo dorso é escuro, com malhas miudas, escuras, em forma de vírgulas. Veja-se sob "Sarapó".

Branquinho — Denominação provavelmente local dada no Pará a um peixe do mato (da água doce) e que certamente se aplica a uma variante, apenas, de outra espécie bem conhecida. Tal identificação ainda está por fazer.

Brecumbucú — O mesmo que "P a c a m ã o".

Brejal — Passarinho de Alagôas e Baía, muito apreciado pelo seu canto.

Brejereba — O mesmo que "P r e j e r e b a".

Brió — Denominação dada em Sergipe ao "V i r a".

Broca — Abrange as larvas de insetos que carcomem ou "brocam" os galhos das árvores. São "l é p i d o b r o c a s" quando os adultos são *Lepidópteros* e "c o l e o b r o c a s" quando se trata de larvas de *Coleópteros.* Algumas espécies são muito conhecidas, por causa dos danos que fazem nos pomares; tais são: "B r o c a d o f i g o", de uma mariposa da fam. *Pyralideos, (Azochis gripusalis)* de 34 mms. de envergadura, de côr pardo-amarelada, com faixas de manchas pardas; às vezes a mesma planta é perfurada também por cóleobrocas *(Cerambycídeos, Trachyderes thoracicus).* As laranjeiras, goiabeiras e outras árvores frutíferas são atacadas por várias espécies diferentes. Por hora não há ainda melhor recurso sinão a poda, devendo-se queimar êsses galhos, para destruir os insetos que, do contrário, ainda assim se desenvolveriam. Parece ser aconselhável, para combater as brocas dos arvoredos, o seguinte tratamento: introduzem-se algumas pedrinhas de carbureto no canal excavado pela larva e em seguida fecha-se a abertura com cêra, bem apertada. Com a própria humidade do vegetal, o carbureto desprende seu gás, que asfixia a broca, sem prejudicar a planta. Outras receitas aconselham o emprêgo de sulfureto ou creolina, aplicada da mesma forma, se não fôr possível matar a lagarta diretamente, introduzindo-se um arame no canal aberto pela larva.

Broca do café — Denominação dada recentemente ao minúsculo besourinho, da fam. *Ipídeos* importado de outros países cafeeiros e que também entre nós prejudica seriamente a grande lavoura paulista. Seu nome científico que alcançou larga popularidade *(Stephanoderes coffeae)*, deve, segundo Costa Lima, ser alterado para *Hypo-*

thenemus hampei. Ao mesmo gênero pertencem mais 8 espécies, da nossa fauna, que às vezes penetram em bagos de café, mas o dano causado é insignificante; algumas destas espécies são muito semelhantes à verdadeira broca do café, tendo por isto causado confusão. A verdadeira "b r o c a d o c a f é" mede apenas 1,7 mms. de comprimento e, portanto, sob grande augmento somente, os detalhes característicos podem ser vistos. A côr é castanho-escura, reluzente; as pernas são mais claras. E' porém, inconfundível, quando visto em seu trabalho destruidor no grão de café. Ataca o grão verde, de preferência pela corôa (o vestígio floral, oposto ao pedúnculo) e depois de excavar um túnel, aí deposita os ovos. Em um só fruto podem nascer até 160 besourinhos, dos quais apenas 8 % são machos. O ciclo evolutivo, de ovo a adulto, realiza-se em vinte dias, si as condições forem favoráveis e, duas semanas depois de nascidas, as fêmeas dessa geração já põem ovos. Daí a rapidez e a intensidade com que a praga alastra e se intensifica no cafezal. De uma fazenda a outra, porém, ou mesmo de talhão em talhão, a broca só lentamente consegue passar, pois o seu vôo é curto e assim a disseminação pelas grandes áreas tem se realizado com o auxílio indireto do homem, pelo transporte das fêmeas vivas nas amostras e na palha do café, nos apetrechos agrícolas, nas sacarias, etc. A broca não só reduz grandemente a colheita, deteriorando parcial ou inteiramente as sementes e chegando a causar prejuizos de 80 %, ou totais quando a praga atinge a intensidade máxima, como também desvaloriza os grãos pouco atacados, dando-lhes máu gosto.

O combate à broca, conforme a solução iniciada em S. Paulo pelo dr. Arthur Neiva, consiste no "repasse" do cafezal, logo após a colheita. Devem ser catados todos os grãos de café remanescentes, quer pendentes da árvore, quer caídos ao chão, para que desta forma o besourinho não encontre o único alimento capaz de permitir o desenvolvimento das larvas. Ficou demonstrado em talhões de experiência, que os cafezais repassados escrupulosamente, no ano seguinte são infestados em proporções mínimas. A despesa do repasse é quasi compensada pelo café assim colhido após a safra e o excedente deve ser considerado como "imposto" pago à broca. A lei, que obriga o fazendeiro a combater a broca, aconselha ainda várias outras medidas de desinfecção da safra, porém a base é o repasse meticuloso. Este processo, aliás,

só é aplicável em nosso meio, onde o café floresce e amadurece em determinados meses, condição essa essencial para o êxito do combate à broca. Ao contrário, em Java e outros países, nos quais o cafezal não passa por um período de hibernação, tal processo é inexequível e, por isso, em tais países de clima tropical grandes fazendas já abandonaram a cultura, desvalorizada pela broca.

Na prática, porém, o resultado não tem sido tão favorável como teoricamente deveria ser. E' certo que o mal póde ser restringido, porém dentro de alguns anos ou decênios terá invadido toda a nossa cultura cafeeira e nada faz prever que possa êsse inseto ser definitivamente subjugado.

Adotando o método de combate das pragas por meio de seus inimigos naturais, o Instituto Biológico de São Paulo importou da África a "V e s p i n h a d e U g a n d a" (veja esta); desta forma se conseguiu resultados bastante satisfatórios, no sentido de prejudicar a proliferação da broca, beneficiando assim consideravelmente a colheita.

Broca da raiz do algodoeiro — Trata-se de um coleóptero, *Gasterocercodes gossypii* Pierce, da fam. *Curculionideos*, assinalado em quasi todas as regiões algodoeiras (de S. Paulo ao Maranhão) e que ataca a planta, principalmente na região do colo. Excavando galerias, as várias larvas por fim determinam a queda do tronco. Por causa da sua localização, que dificulta o combate, esta praga é de caráter grave, quando invade uma plantação. Recomenda-se então o afolhamento, deixando de plantar algodão durante 2 anos nos terrenos em que foi notificada esta espécie.

Foi registrada também a denominação "R ó l a", talvez local ainda, no Norte. E' possível que haja mais de uma espécie, cujos estragos sejam semelhantes.

Brôco — Um veado está "brôco", no dizer dos caçadores, quando, por ocasião de mudar a armação, a cabeça fica desguarnecida de pontas ou galhadas.

Brota ou "B r o t e a" — Vide "A b r o t e".

Brugelo — Em Sergipe chama-se assim os pintainhos implumes das aves de biscato. Informação do sr. Aroaldo Azevedo.

Brujarara — Pássaro da fam. *Formicariideos*, *Thamnophilus leachi*, do mesmo gênero das "b o r r a-

lharas". E' espécie média, de 26 cms. de comprimento, de côr preta com manchas redondas, brancas no lado dorsal e estrias transversais, brancas, no lado ventral; na fêmea êstes desenhos são de côr amarelenta. Habita o Brasil meridional, de Minas Gerais para o Sul. Outra grafia? "Brijara".

Bruxa — Vide "Mariposa". O povo não adota critério certo para a diferenciação. Nem todas as mariposas são bruxas; estas, em geral, são as espécies de tamanho médio ou mesmo grande e o essencial é serem de côr sombria, para serem "lúgubres e agoureiras". Há superstições, que obrigam a enxotar sem matar as bruxas, que porventura entrarem em casa.

Bruxa-beija-flor — Mariposa da fam. *Sphyngideos*, cujo corpo fusiforme, com azas talhadas como as das aves, lhe dá um aspeto muito característico. São crepusculares e, como seu vôo e aspeto geral tem realmente alguma semelhança com os beija-flores, o povo teima em afirmar que são avesitas que "viraram" mariposas. Vide neste sentido, a curiosa explicação dada pelo padre Anchieta, que achava muito natural semelhante metamorfose. (Vide "Bicho de taquara").

Buara — Nome de um peixe, do Sul da Baía, (Taunay, Voc. Omissões). Falta melhor informação.

Budião — Vide "Bodião".

Bugiguara — Sapinhos amarelos, que cantam muito forte, quasi sempre aos bandos, nas matas do Apiaí, Est. de S. Paulo (por informação do Dr. Jesuino Maciel).

Bugio ou "Barbado" ou "Guariba" — Veja-se também sob "Carajá". Compreende às 5 espécies brasileiras do gên. *Alouatta* (antigamente conhecido por *Mycetes)*, havendo ainda várias outras espécies no continente, do Norte da Argentina até a América Central. O gênero caracteriza-se anatomicamente pelo grande desenvolvimento do osso hioide, que funciona como caixa de ressonância. São animais corpulentos, mas ainda assim lestos e ágeis quando querem; a cabeça é massiça, o queixo barbado, principalmente nos machos velhos, cujo pescoço se avoluma em demasía, pelo grande desenvolvimento, já mencionado, do osso hioide. Em algumas espécies o macho é preto e a fêmea amarelo-escura; em outras os machos são ruivos e as fêmeas quasi pretas. Vivem em bandos de mais ou menos uma duzia de indi-

víduos, guiados pelo macho mais velho, que é chamado o "capelão". De manhã e à tardinha, principalmente quando o tempo está para mudar, põem-se a uivar (ou a "roncar", como diz o povo), todos juntos, no tôpo de uma grande árvore; nessas ocasiões se ouve sua voz a mais de meia légua. Alimentam-se de brotos, folhas e frutos; quando perseguidos, muitas vezes, em vez de fugir, pro-

Bugio

curam esconder-se entre a folhagem dos galhos mais altos. Sabem utilizar-se, melhor talvez que os demais quadrumanos, de sua quinta mão e fazem-no constantemente, pois confiam mais na fôrça que têm na ponta do rabo, do que na segurança das mãos. Logo que a passagem de um galho para outro exige mais cautela, o rabo enrosca-se e assim nunca lhes acontece cair. Querendo, podem até fazer seu repasto dependurados. Mesmo depois de gravemente ferido, o bugio continúa suspenso na árvore, o corpo todo caido, dependurado pela cauda; dizem até que êle pode permanecer assim durante alguns dias e só vem a cair, quando já em decomposição.

As mães são extremamente carinhosas para com os filhos, que elas trazem ao colo ou às costas, enquanto novinhos. Há caçadores que apreciam sua carne — mas ninguém tem coragem de serví-lo assado, sem trinchar, pois representaria, perfeitamente, uma criança sôbre uma travessa.

Não deixaremos de registrar também, aquí, a rima popular: "Guariba na serra — chuva na terra", com que o símio foi confirmado no posto de meteorologista, cujo "roncar" insistente anuncia chuva. Contou-nos o dr. A. Neiva a seguinte crendice bem curiosa: em certas localidades flageladas pelo bócio, os curandeiros pretendem fazer desaparecer o papo do cliente, aplicando água que tenha permanecido na vasilha formada pelo grande osso hioide dos bugios machos, osso êste que é a causa anatômica do grande papo dêsses símios.

Como já dissemos, o povo denomina "capelão" o macho velho e ao qual entre outras atribuições, como patriarca, cabe também a vigilância, em ocasião de perigo iminente, como, por exemplo, quando os membros restantes da família estão saqueando uma roça de milho. Do seu posto de atalaia, é êle quem dá sinal para a fuga; e, diz o povo, o "capelão" é castigado a vergastadas quando, descuidado, não preveniu em tempo a aproximação do inimigo e assim expoz os seus a maiores atribulações.

(Bujuí) — Em seu roteiro de viagem (1780) J. Lacerda de Almeida menciona sob êste nome "uma espécie de andorinha, que faz seu ninho pelas pedras das cachoeiras". O vocábulo, colhido há tanto tempo no curso inferior do rio Tietê, é puramente indígena, pois Montoya registra *Mbiyui* como denominação guaraní das andorinhas. Hoje ao que nos consta não é mais usado, designando-se tais aves pelos nomes "T a p e r á" e "C h a b ó", sendo êste último menos correntio. Além disto veja-se "T a p e r u s s ú", sob "A n d o r i n h ã o".

Buraqueira — Vide "C o d o r n a b u r a q u e i r a".

Bureva — Peixe de couro, *Nematognathos* da água doce, fam. *Trachycoristideos, Glanidium albescens.* Bagrinho algum tanto semelhante à "C a m b é v a", mas de outra família, sem os acículos no opérculo; êste tem abertura muito reduzida acima das nadadeiras peitorais. E' do Brasil meridional (Minas, S. Paulo) e atin-

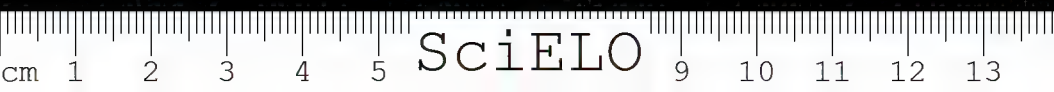
ge 25 cms. de comprimento. Veja-se também "A n- d u i á".

Buriquí — Aliás "M b u r i q u í"; vide "M o n o".

Burrico — Em Mato Grosso (Porto Murtinho) são conhecidos por êste nome certos insetos vesicantes que, em noites de primavera, se tornam extremamente molestos. São as seguintes as informações, ainda imprecisas, que a respeito pudemos colher.

Pereira da Cunha, em "Viagens e Caçadas" pg. 17, assim relata o seu primeiro encontro com esta praga, em Porto Murtinho: "X. estava próximo a uma lâmpada, admirando o turbilhão de insetos, quando se queixou de alguma cousa que lhe havia produzido sensação de ardor ou de queimadura; pessôas conhecedoras da região explicaram a origem, para nós misteriosa daquela queimadura — cousa muito frequente em Mato Grosso e devida ao contato de um inseto conhecido pelo nome de "b u r r i- c o". "Hoje há nuvem de burricos" é a frase usual que bem exprime a quantidade dêsses infernais insetos, que invadem também as casas".

Como vaga elucidação podemos apenas acrescentar o seguinte, baseado em uma carta do Sr. Rufino Theodoro, de Porto Murtinho, o qual, a nosso pedido, nos informou que o "B u r r i c o" "é um inseto preto lustroso de tamanho médio entre os cascudos que à noite costumam voltigear em redor das lâmpadas. Tem um bico ponteagudo; não ferrôa e quando assenta sobre a pele, queima como se fôra uma braza e aí logo se forma uma bolha d'água, brancacenta, idêntica à de uma queimadura de braza e, é curada da mesma fòrma que esta. Não é inseto comum; aparece algumas vezes na primavera, juntamente com os cascudos comuns, atraidos pelas lâmpadas e principalmente nas noites que ameaçam chuvas. Ao matá-lo, esmagando, o "B u r r i c o" deixa um mau cheiro característico". A esta amável informação acrescenta o Sr. Rufìno Theodoro, que pretende enviar-nos alguns espécimens, tão logo os possa encontrar e só então poderemos classificá-lo.

Interessante é também a seguinte informação que nos foi prestada pelo Sr. Regnier (Porto Murtinho) "Depois da noite fechada, com a mudança do tempo, surgiram muitos "Burricos". Atraidos pela luz cairam alguns sôbre a mesa e o Sr. R. matou alguns com a faca, esmagando-os; depois limpou a lâmina com a mão, mas

logo sentiu a carne em brazas e só ao cabo de uma semana a dor cessou de todo". (Ver também "P o t ó").

Burrinho — No sul do Brasil dá-se êste nome às "V a q u i n h a s" (vide estas) da fam. *Meloideos* da qual fazem parte as "C a n t á r i d a s" gênero *Epicauta)* que atacam a folhagem das Solanáceas (batata ingleza e pimenteira).

Burriquete — Filhote de "M i r a g u a i a"; esta denominação é correntia no Rio Grande do Sul e ainda em Sta. Catarina.

Butuca — O mesmo que "M u t u c a".

Buxiquí — Protozoários fosforescentes que, formando plâncton espêsso, cobrem grande área do mar nos meses quentes (Novembro), quando faz bom tempo, pois não aparecem com "águas do monte". Para os pescadores, o "B u x i q u í" é uma calamidade, porque lhes impede a pescaria com rêde; os protozoários colam nos fios, sendo quasi impossível tirá-los por mais que se lave a rêde e assim determinam o apodrecimento destas, que, valendo alguns contos de réis cada uma, representam a fortuna dos pescadores. Gabriel Soares grafou o vocábulo "M u c i q u í" e dá-lhe a acepção de "a l f o r r e c a s" ou "c o r ô a s d e f r a d e"; conta o precursor dos nossos naturalistas que em certas ocasiões êstes celenterados dão à praia aos milhares e é bem o que hoje ainda se observa, às vezes, com relação às "C a r a v e l a s".

Búzio

Búzio — ("B u z o" na Baía). Molusco do mar, de concha retorcida em forma de corneta e da qual os pescadores do mar se utilizam para dar sinais, (buzina; *buccinum* do latim). São *Gasteropodes* prosobrânquios da fam. *Strombideos* (gên. *Strombus)*. A denominação indígena, correspondente é "A t a p ú".

C

Caba — E' palavra indígena, que designa as vespas em geral. Com o acréscimo de vários qualificativos, a êste radical, formaram-se as denominações de determinadas espécies: Caba-ussú ou "C a p u x ú", Caba-cininga ou "C a s s u n u n g a"; Caba-moatí ou "C a m o a t i m; Caba piranga ou Caba-pitã, que deu "C a v a p i t ã". Nos Estados do Sul o qualificativo é anteposto: beijú-caba, tatú-caba, tatú-cava, tapiú-caua (repare-se nas variantes *b*, *v*, *u*, na palavra "c a b a"), ao passo que nos brasileirismos do Norte "c a b a" funciona como palavra brasileira, equivalente a vespa ou marimbondo: caba (ou vespa) tatú, caba-cega, etc.

A mais rica coleção de nomes específicos de vespas em tupí encontramos na lenda relatada por Barbosa Rodrigues ("M u y r a k i t a n", Vol. I, pág. 36 e "P o r a n d u b a A m a z o n e n s e", pág. 308): Tapiúcaua, Tambatiácaua, Taconhacaua, Meiúcaua, Tatúcaua, Urubúcaua, Aturácaua, Iaurácaua, Mbeiúcaua, (beijúcaba), Iatícaua. Na mesma lista figura, e em primeiro lugar, a "M a m a n g a u a" (ou será maman-caua?), étimo interessante para documentar a origem da palavra "m a m a n g a b a" (veja esta).

Caba caçadeira — As vespas grandes da fam. *Pompilídeos;* veja "V e s p ã o".

Caba camaleão — Vespa social da Amazônia *(Clypearia apicipennis)*, cujo ninho é mais ou menos como o da vespa-tatú, porém mais delgado e comprido e, portanto, compáravel a um lacertílio.

Caba cega — No Norte, o mesmo que "B e i j ú c a b a".

Caba de ladrão — No alto Amazonas, o mesmo que "B e i j ú - c a b a". "L a d r ã o", neste caso, alude somente aos hábitos da vespa.

Caba mirim — Pequenas vespas sociais *(Polybia sedula)*, que, na face inferior de folhas grandes, constroem mimosos ninhos comparáveis a uma fatia de pão, até

10 cms. de comprimento, com as células recobertas por um delicado teto, de uma sorte de mata-borrão. As vespinhas são tímidas e assim é fácil tirar o pouco mel que às vezes fabricam (mas, como se vê sob "V e s p a", o mel pode ser venenoso). Veja também sob "E n c h u í" e "S i s s u í r a".

Caba mutuca — Vespa social, *(Parachartergus apicalis)*, que na Amazônia tem tal nome; constróe o ninho em forma de garrafa, com o gargalo virado para baixo. A parede externa é áspera, enrugada. Os favos estão dispostos de modo a simularem prateleiras, estando cada favo preso por um pedúnculo lateral ao galho-mestre, ao qual também se fixa o ninho todo. A vespa é preta, só as azas têm pontas brancas; é assaz agressiva e a picada muito dolorosa.

Caba de peixe — Vespa social, *(Stelopolybia vulgaris)*, assim chamada na Amazônia, porque gosta de lamber o peixe e as carnes que estão para secar; faz seu ninho em árvores ôcas ou em cupins abandonados.

Caba piranga — Vespas vermelhas (como *Polistes canadensis*, que em S. Paulo conhecemos por "C a b o c l o").

Caba tatú ou "V e s p a t a t ú" ou simplesmente "T a t ú" — Vespa social *(Synoeca cyanea)* de 24 mms. de comprimento, azul-metálica, com azas brunas e algum desenho avermelhado na cabeça. A construção do ninho tem forma de casco de tatú, preso ao tronco de uma árvore; essa casca, semelhante a papelão grosseiro, é tôda ondulada, rugosa. No interior ficam resguardadas as células, presas diretamente ao tronco. São vespas temidas pela dôr que ocasiona a ferroada e pela braveza com que atacam. Veja-se também "I r i n a".

Cabatã — Nome indígena do himenoptero social registrado no Dic. Apícola de D. Amaro van Emelen como "vespa, que os caboclos dizem ser nação valente".

Cabeça de côco — Peixe do mar, em Pernambuco, de penúltima classe no mercado.

Cabeça de ferro — Veja sob "**A n u j á**".

Cabeça de pedra — Grandes aves assim denominadas na Amazônia e "C a b e ç a s ê c a" em Mato Grosso.

Cabeça de prego — São assim conhecidas, em várias regiões, as larvas dos mosquitos.

Cabeça sêca — Em Mato Grosso é denominação regional, dada à grande ave, mais geralmente conhecida no Sul por "T u i u i ú *(Tantalus americanus)* e na Amazônia por "C a b e ç a d e p e d r a".

Cabeça torta — Segundo Henrique Silva e, ao que parece, em Goiaz, designa uma tartaruga que difere da "T r a c a j á" por ter o pescoço listado de preto e casco inferior vermelho. Os ovos são esféricos. O macho não difere da fêmea. A denominação "c a b e ç a t o r t a" indica que o pescoço é dobrado para o lado, característico da subordem *Pleurodira*, que abrange o maior número de espécies dos nossos quelônios conhecidos por "C á g a d o s".

Cabeçote — Segundo A. Neiva (Viagem Cient. pág. 115) designam assim, em certas regiões do Nordeste, determinada espécie de *Termitídeo* (cupim), muito abundante onde existe e que ocasiona grandes devastações e prejuizos, invade as habitações e aí corróe os arreios e outros utensílios; produz então um ruido perfeitamente perceptível e que trai sua presença (Veja sob "C u p i m").

Cabeçote ou "C a b e ç u d o" — Conquanto pouco vulgarizada, esta denominação, dada pelo povo, tanto em Portugal como também aquí em parte, às larvas dos batráquios, merece ampla divulgação, pois é, de fato, muito expressiva: a larva, em sua fase mais típica, parece, essencialmente, uma grande cabeça com uma pequena cauda anexa. Assim substitue com vantagem o sinônimo de origem erudita ou francesa, "G i r i n o", aliás só usado pelos letrados. (Segundo Aug. Vasconcelos, em "Museus Escolares", 1918, o povo, em Portugal, conhece essas larvas também por: "Peixe cabeçudo", "Cagarralo", "Colherudo", "Rapa colhér", "Colhér", "Caganato" e "Cartaxo"). O nosso vocábulo "C a b e ç u d o" corresponde literalmente ao "têtard" do francês.

Cabeçuda — E' na Amazônia, o nome de uma tartaruga da água dôce, *Podocnemis dumeriliana* que, de fato, se distingue por ter a cabeça relativamente grande, com bico de gavião respeitável, queixos exquisitamente torcidos e 6 fortes placas córneas em cima e nos lados; a couraça dorsal é forte, com as faces laterais decaindo abrutamente.

Cabeçudo — Veja sob "C h a r é u".

Cabeludo ou "M a c a c o c a b e l u d o" — E' o mesmo que "P a r a u a c ú.

Caboclo — Vespa social, *Polistes canadensis* (veja-se também sob "C a v a p i t a"), de côr vermelho-queimado, medindo até 28 mms. de comprimento, mas no mesmo ninho há também espécimens bem menores. As azas são brunas ou mesmo negras; articulações dos pés amareladas; antenas pretas no meio, o resto mais claro. O ninho é um favo sem invólucro, medindo às vezes até 15 cms. de diâmetro, preso por um pedúnculo curto a um galho ou a uma pedra. Gostam de se abrigar debaixo de telheiros e do beiral das casas. São mansas e só em último caso se desprendem do ninho, para atacar quem vier molestá-las. Em começo do inverno abandonam o ninho, dissolvendo a sociedade e as fêmeas fecundadas procuram um abrigo contra o frio; por isto, às vezes, encontramo-las no inverno dentro de casa, lerdas e desorientadas. Na primavera seguinte dão início a um novo ninho, sozinhas, até que a nova prole as auxilie no trabalho. Há espécies um tanto semelhantes, mas de outro gênero *(Mischocyttarus)*, que se distinguem por terem pedúnculo abdominal muito mais comprido, formado pelos dois primeiros segmentos abdominais.

Caboclinho — Várias espécies de passarinhos da fam. *Fringillideos*, do gên. *Sporophila* (veja "P a p a - c a - p i m"); em especial *S. nigroaurantia*, de côr castanho-parda, com vértice, cauda e azas pretas, estas com um espelho branco; a fêmea é de côr parda mais clara e amarelada no lado ventral. Encontra-se desde S. Paulo até a Amazônia.

Caboré ou "C a b u r é" — Corujas minúsculas do gên. *Glaucidium*. (Veja-se também "C a u r é", que etimologicamente deverá ter outra interpretação, porém na Amazônia designam assim, ou melhor: "C a u a r é", o pequeno gavião "T e n t e n z i n h o"). Ao contrário do hábito geral entre as corujas, os caburés são aves diurnas, que voam e caçam à luz do sol, como a "C o r u j a d o c a m - p o"; porém, diversamente desta, vivem só entre o arvoredo. A espécie mais vulgar em todo o Brasil é *Glaucidium brasilianum*, que mede apenas 13 cms. de comprimento. A côr em cima é bruna, com manchas claras, amareladas e brancas; o lado ventral é claro com estrias longitudinais; a cauda, quasi preta, tem manchas brancas São habitantes das matas e, apesar de serem os pigmeus da

família, são caçadores valentes. Assim, entre as poucas observações autênticas registradas, foi presenciada a luta de um caboré com um macuco, sendo êste vencido pela pequena coruja, após breve, mas encarniçada peleja.

Caboré do campo — O mesmo que "C o r u j a d o c a m p o".

Caboré do sol — Denominação amazônica, registrada por Goeldi no "Album das Aves Amazônicas" e aplicada aí ao *Glaucidium pumilum*. Êste nome caberia melhor à espécie do outro gênero, *Speotito*, a "C o r u j a do c a m p o" do Sul, pois que os caborés vivem de preferência na mata; aquela, porém, não existe na Amazônia e "sol", portanto, tem apenas a significação de "luz", porque esta coruja não é noturna.

Caborge — Peixe do rio Paraíba (Alagôas). O Dr. A. Lutz classifica, sob êste nome, o peixe do rio S. Francisco, *Doras marmoratus*, da mesma família do "C u i ú - c u i ú" ou "A b o t o a d o".

Cabo-verde — Nome bastante generalizado de uma mutuca de vasta distribuição por quasi toda a América do Sul, *Lepidoselaga crassipes*, muito característica, de colorido inteiramente verde, uniforme; os tarsos são brancos e as azas, brunas, têm triângulo apical e bordo interno claros. Antes de sugar é arisca, mas, quando repleta, torna-se muito lerda; é mais frequente à beira dos rios. A espécie *L. lepidota* é mais escura. Veja-se a parte geral sob "M u t u c a".

Cabrinha — Peixes do mar da fam. *Triglídeos*, gên. *Prionotus*, de cabeça óssea, estriada, granulosa e com

Cabrinha

acúleos; caracteriza-os bem a transformação que sofreram os três primeiros raios da peitoral, que são como que pernas, com que o peixe caminha sôbre o fundo arenoso

e, mais do que isso, servem-lhe de verdadeiros dedos, com os quais êsses peixes reviram pequenas pedras, em procura de alimento que alí encontram escondido, como sejam vermes e crustáceos. Também *Peristedion* merece o mesmo nome vulgar, mas êste é peixe do mar fundo.

Cabuçú — Talvez "C a p u x ú" seja a mesma coisa ("grande vespa social") em tupí.

Cação — Designa os seláquios pequenos e médios, que têm aberturas branquiais laterais e corpo de feitio pisciforme (ao contrário das "R a i a s", com aberturas branquiais inferiores e corpo chato); aplica-se, pois, aos *Pleurotremados* em geral, que não tenham nomes especiais. Parece ser têrmo quasi equivalente a "E s q u a l o" (palavra erudita e não do povo); "Tubarão", em Portugal, designa apenas a espécie aquí conhecida por "A n e q u i m"; hoje, o povo em todo o Brasil tende a dar acepção

Cação

mais ampla ao vocábulo e assim um cação grande é um pequeno tubarão e com êste último nome são designados apenas os seláquios máximos e antropófagos.

Esta acepção ressalta bem do seguinte emprêgo dado ao termo por Vicente de Carvalho, que era não só o "poeta do mar", mas também emérito pescador. Em "Páginas soltas", I, pag. 25 lê-se: "um cambeva, grande como um pau de canôa. Era um cação que era um bicho".

Na Baía chamam "M ã e c a ç ã o" à mãe que é sempre má para com seus filhos. Em Pernambuco tomámos nota das seguintes denominações especificas: "C a ç ã o j a g u a r a" (talvez sinônimo de "t i n t u r e i r a"), "a n g a l i s t a", "s i c u r í", "f i d a l g o" ou "f l a m e n g o", "c a v a l a", "v i o l a", "p a n ã", "l i x a de e s c a m a", "d e e s p i n h o". A carne de todas as espécies é de ínfima qualidade.

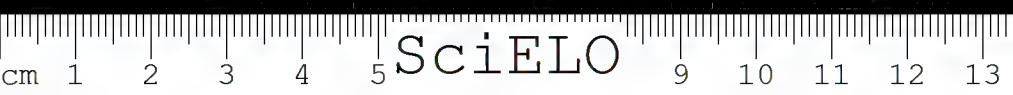
Cação anjo — Seláquio *(Squatina squatina)*. E' em nossos mares o único esqualo de corpo achatado, que tem

PEIXES DO MAR

Agulha

Cação

Namorado

Sardinhas

o lóbulo inferior da cauda maior que o superior; a base anterior da nadadeira peitoral é livre e a cabeça tem vários tubérculos. Atinge no máximo 1m,70 de comprimento. E' vivíparo e bastante comum, sendo aliás espécie cosmopolita.

Cação bagre — Seláquio *(Squalus blainvillei)*. Além do "C a ç ã o a n j o", só êste e uma espécie afim *(Isistius brasiliensis)* são desprovidos de nadadeira anal. *Squalus* tem um acúleo em cada uma das duas nadadeiras dorsais, acúleos êstes que faltam ao *Isistius*. A côr é pardacenta em cima, branco-amarelada inferiormente; não chega a medir 2 palmos e habita águas pouco profundas.

No entanto são muito prejudiciais à pesca, não só porque devoram grande quantidade de peixe, como porque danificam as rêdes. Sua carne é de qualidade inferior.

Cação do fundo ou "C a ç ã o p e r ú" ou "S e r r a g a r o u p a" — E' o seláquio *Carcharias limbatus*, que não só atinge grande desenvolvimento, como também é muito bem servido de dentes, pelo que fica incluido na lista dos antropófagos. Ao mesmo gênero pertencem mais duas espécies, *C. henlei* e *commersonii*, aliás também pouco conhecidas; são comparáveis à "T i n t u r e i r a", porém menores, com 3 a 4 metros de comprimento.

Cação-lixa — Seláquio *(Ginglymostoma cirratum)*. Nos outros esqualos as 5 aberturas branquiais acham-se todas igualmente afastadas entre si; nesta espécie as duas últimas são contíguas e é quanto basta para reconhecê-la; seu nome provém da aspereza da pele, aliás das mais adequadas para a fabricação do couro-lixa.

Cação panã — E' em Pernambuco o nome de uma espécie, para cuja classificação não obtivemos material.

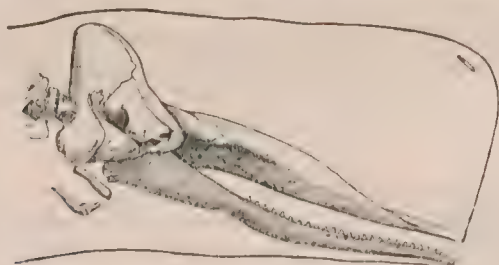
Cação perú — O mesmo que "C a ç ã o d o f u n d o".

Caçarema — Formiga da sub-fam. *Dolichoderineos (Azteca chartifex* var. *spiriti)*, que na Baía se encontra com certa frequência nos cacaueiros. Seu ninho assemelha-se ao dos cupins arbóreos; além da casa central, têm sempre guaridas menores, frequentadas só pelas obreiras. Dizem uns que a formiga é útil à planta; outros têm-na como nociva. Porém o que se dá é o seguinte: as Caçaremas percorrem as árvores em procura dos coccídeos e tripsídeos, para sugar-lhes as secreções, como aliás o fazem muitas outras formigas. Elas assim, diretamente, não têm influência sobre o vegetal; todo o mal provém

dos parasitas, às vezes extremamente prejudiciais às plantas. Resta averiguar, ao certo, até que ponto as formigas são responsáveis pela proliferação de tais parasitas e quais os cuidados e a proteção que dispensam a êste seu gado leiteiro. Confronte-se também "Pichichica".

Caçarema grande — Por êste nome ou também como "Formiga mole" é conhecida na Baía uma outra espécie *(Dolichoderes bidens)*, à qual são igualmente atribuidos certos malefícios causados ao cacaueiro. (Veja-se a precedente).

Caçaroba ou "Piçuroba" — O mesmo que "Pomba amargosa".

Cachalote — Cetáceo da subordem *Odontocetos*, fam. *Physeterideos, Physeter macrocephalus.* Monstruoso mamífero marinho, de 24 metros de comprimento e que às

Cachalote

vezes aparece em nossas costas, como em quasi todos os mares quentes e temperados. A cabeça é quadrada, truncada na frente e perfaz quasi um terço do comprimento total. Ao contrário das baleias, que até certo ponto são tímidas, o cachalote é valente e atrevido, pelo que sua caça é perigosa. Só o maxilar inferior é provido de dentes, aliás grossos, cônicos, de 10 cms. de comprimento.

Quando o animal quer atacar inimigos maiores, um homem ou um bote, êle precisa virar-se de costas, como os tubarões, para poder valer-se dos dentes. Vive quasi exclusivamente de polvos. Rende espermacete, óleo e o âmbar cinzento, tão apreciado em perfumaria.

Cacharréu — Na Baía o mesmo que "Cachalote" (Segundo o Almirante Camara é "baleia-macho adulto"; mas parece que há engano).

Cacheta — Registrado no "Dic. Apícola" de D. Amaro van Emelen, baseado em Escragnolle Taunay, como sendo "abelha cujo mel é preferido a qualquer outro pelos mato-grossenses". Não lhe conhecemos a classificação científica.

Cachimbo — No Estado do Espírito Santo é uma espécie de coral que dá nas praias *(Mussa hartti)* e que é utilizado para a fabricação de cal.

Cachimbó — O mesmo que "T i c o - t i c o d o b i r í".

Cachinche — Denominação local, em Saquarema (Est. do Rio de Janeiro), do "C a x i n g u e l ê". A corruptela não só abreviou a palavra, como deu feição brasileira ao vocábulo africano.

Cachinguí — Segundo J. Gonçalves é denominação dada ao "R a t ã o d' á g u a".

Cachorrinho — Em Minas Gerais, segundo Alvares Rubião, é o nome de um pequeno peixe de couro, provavelmente pertencente ao grupo das "C a m b e v a s". No Pará, Belém, êsse mesmo nome cabe à espécie mais conhecida por "A n u j á" (Veja-se êste e também "C u m b a c a".

Cachorro-aô — No litoral do Sul do Estado de São Paulo designa um pequeno mamífero, talvez *Grison vittatus;* veja-se "F u r ã o". Esta é a opinião de A. Neiva, que coligiu o vocábulo. Si "aô" for onomatopaico, deve referir-se a um verdadeiro canídeo.

Cachorro da areia — Denominação cearense dos grilos-toupeiras, conhecidos no Sul por "p a q u i n h a s" e também "C a c h o r r i n h o d' á g u a".

Cachorro do mato — Compreende genericamente, as várias espécies de carnívoros da fam. *Canideos* do gên. *Canis.* Como designação específica, o nome refere-se a *Canis thous*, que efetivamente vive de preferência na mata. A côr predominante desta espécie é pardo-cinzenta ou cinzento-amarelada; no dorso e na cauda prevalece a côr preta, assim como no focinho e na garganta. Alimenta-se de pequenos mamíferos, aves e às vezes, também, de quaisquer outros bichos menores.

Têm o mesmo nome vulgar as duas espécies do gên. *Speothos*, o qual difere do gên. *Canis* por terem essas espécies só 1 dente molar superior e 2 molares inferiores (*Canis* tem ao todo 42 dentes, segundo a fórmula se-

guinte: $\frac{3\ 1\ 4\ 2}{3\ 1\ 4\ 3}$, ao passo que em *Speothos* a dentadura compreende 38 dentes); a cauda é antes achatada. *Sp. venaticus* é ruivo, com barriga, cauda e pernas denegridas; *S. wingei* é um pouco maior, do tamanho do "g u a r a c h a i m" e de côr mais clara, ruivo-amarelada. Mas estas duas últimas espécies são bastante raras e por isto

Cachorro do mato

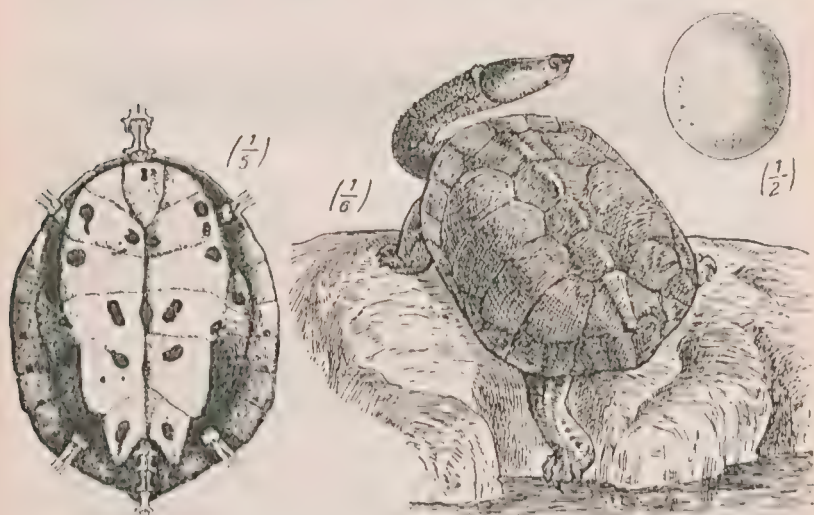
pouco conhecidas. Na Amazônia, onde tem o nome "J a n a u í" ou "J a n a u a í r a", vivem em bandos numerosos e, como são valentes, tornam-se perigosos para os cães de caça, quando êstes os vão descobrir nas tocas, cavadas nos barrancos. Veja-se também sob "J a g u a r á - c a m b é".

Caçote — De Pernambuco ao Ceará, designa os batráquios menores, equivalendo mais ou menos à "r ã" da nomenclatura sulina. Esta, porém, inclue espécies maiores, que no Nordeste são as "g i a s".

Caçuirova — Pomba, aliás mais conhecida por "P o m b a a m a r g o s a" (veja esta). O nome indígena, também pronunciado "C a ç a r o b a" e "S a r o b a", traduz-se igualmente como: pomba grande amarga *(picuí* é o nome genérico das pombas; picuí-assú ou picassú é a pomba legítima; *rob* — significa amargo).

Cafife — Veja sob "N e n e m d e g a l i n h a".

Cágado — são os répteis da ordem dos *Quelônios*, em especial os do gên. *Hydraspis*, *Hydromedusa* e *Platemys*, da água doce, abrangendo ao todo umas 12 espécies da fam. *Chelyideos*. As espécies marinhas da mesma ordem são "t a r t a r u g a s" (veja-se aí a parte geral).

No Brasil meridional os quelônios não têm valor econômico comparável ao das várias espécies da Amazônia, tão apreciadas como fino manjar. E' interessante observar como os cágados engolem bocados menores, quando estão nadando; fazem-no como nós, que ingerimos um

Cágado

grande gole d'água, para fazer passar uma cápsula ou drágea maior pelo esôfago. Mas o cágado tem a faculdade de regorgitar a água desnecessária, depois de tê-la utilizado como veículo. Em Mato Grosso, "C á g a d o" designa unicamente a espécie que nos demais Estados do Brasil é conhecida por "J a b o t í". Em Portugal, o povo emprega também a denominação "Sapo concho" como sinônimo de cágado; entre nós aquele nome é inteiramente desconhecido.

Caga-fogo ou "B a r r a - f o g o" — Abelha social da fam. *Meliponideos*, *Trigona cagafogo*, de 5 a 5,5 mms. de comprimento, cabeça e abdômen ferrugíneos e o resto do corpo preto. O ninho acha-se em troncos ôcos e a entrada é uma simples fenda, o que está de acôrdo com

a índole agressiva desta espécie. As abelhas tímidas, indefesas, fazem portais grandes, com várias entradas pequenas, que podem ser fechadas. A presente abelha faz uma entrada simples e ampla, porque é bravía e, quando morde, segrega um líquido cáustico, que arde como fogo (daí o seu nome); dizem que ataca também as colméias das abelhas do reino, para roubar o mel, como aliás o fazem algumas outras espécies, igualmente valentes.

Caga-fogo — Em Pernambuco e no Ceará, como também em Portugal, designa os "Vagalumes".

Caga-fogo — Formiga conhecida também por "Lavapés.

Caga-sebo — Vários passarinhos da fam. *Tyrannideos*, pequenos, de colorido pouco vistoso e que facilmente se confunde com a vegetação: bruno, cinzento, esverdeado ou amarelado. A espécie que em S. Paulo mais geralmente tem êsse nome é *Myiobius fasciatus* e também várias espécies de *Euscarthmus*. A denominação correspondente indígena é "*Tacuri*". Impropriamente também chamam assim a "Cambacica". Grupo aliado a êste é o das "Guaracavas".

Cagassebinho — Passarinhos da fam. *Tyrannideos*, semelhantes às espécies acima mencionadas, porém menores, tais como as do gên. *Phyllomyias*.

Caiacôco — Veja sob "Bagre caiacôco".

Caiacú — Peixe do mar, que vimos no mercado de Recife, mas que no momento não pudemos identificar.

Caiarara — Símios do gên. *Cebus*, da Amazônia, correspondendo, pois, aos "Micos" do Sul. *C. capucinus* tem mãos brunas, *C. albifrons*, mãos claras e em ambos a barba também é clara. Goeldi grafou "Saiarara"; uma espécie congénere chama-se "Saitauá"; "Saá" é em tupí a raiz de vários outros nomes de símios, bem como "Caí", como aliás grafou Montoya.

Caiçaca — Denominação tupí dada, segundo Afranio do Amaral, à "Jararaca" *Lachesis atrox*, no Sul da Baía, Espírito Santo e Rio de Janeiro.

Caicanha ou "Carcanha" — Peixe do mar, *Genyatremus luteus*, da fam. *Haemulideos* (veja-se "Corcoroca"). Caracteriza-o a feição da região occípito-cervical em quilha, de perfil convexo até o alto da cabeça, região frontal quasi quadrangular e daí descendo abruptamente até os lábios. A côr do dorso é azulada, a da

parte inferior argênteo-amarelada; as manchas escuras do centro das escamas formam estrias longitudinais difusas. E' peixe comum, porém de pouco valor comercial; atinge 30 cms. de comprimento ou pouco mais.

Caiçara — Veja sob "S a r d i n h a d e g a t o".

Caíco — Segundo Rodolfo Garcia (Dic. Brasileirismos): "peixe pequeno, sêco e salgado. Sertões de Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte". Por essa definição parece que o vocábulo não tem valor classificativo, mas é usado em acepção semelhante a "M u l a t o v e l h o", (veja-se êste) do Rio Grande do Sul. Mas informaram-nos que no sertão da Paraíba o "C a í c o" é um peixe pequeno, com ferrão.

Caitetú ou "**C a e t e t ú**", "**C a t ê t o**", "**T a t ê t o**" — Porco do mato (veja-se êste). E' a espécie menor, *Tayassu tayassu*, de 90 cms. de comprimento, caracterizado pelo colar branco que envolve o pescoço, do peito às costas; o resto do corpo é pardacento, abundantemente salpicado de branco. Nos seus hábitos pouco difere da espécie congênere, maior, "Q u e i x a d a" *(Tayassu albirostris)*. Registramos aquí, copiando de João Ribeiro (Língua Nacional, pág. 235), o provérbio mineiro, muito expressivo e a cujo fundamento nos referimos sob "P o r c o d o m a t o": "Caitetú fora da manada cai no papo da onça".

Caixa de marimbondo — São os ninhos das vespas sociais em geral, mas especialmente os que são revestidos de coberta *(phragmocytharos)*. Têm nomes especiais apenas algumas, como as vespas "t a t ú" ou "d e c h a p é u s" ou "b e i j ú", nomes escolhidos de acôrdo com o feitio dos ninhos. A "caixa" mais comum e que frequentemente se vê nos beirais das casas ou nas janelas, habitada por vespinhas pretas com duas manchas amarelas nas costas, é a "c a m o a t i m". São poucos os ninhos de vespa que contém mel; êste, porém, muitas vezes é venenoso, produzindo uma sorte de embriaguez ou alienação passageira. Muito conhecido é o ditado roceiro, que exprime bem o receio do caipira de se aproximar dos vespeiros: "laranja madura na beira de estrada, ou é azêda ou tem caixa de marimbondo no pé" (o que é bom e fácil de alcançar, já tem dono).

E' sabido quanto é desagradável, para não dizer perigoso, esbarrar inopinadamente em um vespeiro dissimulado entre a folhagem. Quando o mato o permite, basta dar de pernas, procurando correr por entre a ramagem, de

modo a dificultar aos insetos a perseguição, às vezes prolongada. Outro estratagema aconselha P. le Cointe e só o repetimos, porque êsse autor do belo livro "L'Amazonie bresilienne" (1922) é emérito conhecedor do assunto. Diz êle: "No mato o melhor que se tem a fazer, é dar um pulo para o lado e atirar-se ao chão, abrigando a cara entre os braços e ficar imóvel, até que o bando dos inimigos se tenha dispersado; as vespas nunca atacam quem se finge de morto".

Ao contrário de todos os outros seres, que sempre evitam, o quanto possível, a perigosa vizinhança dos vespeiros, há certos pássaros que, muito de propósito, dêles se aproximam. E' junto às caixas de marimbondo, do gên. *Chartergus*, (vespas sociais bastante irritadiças) que algumas espécies de *Tyrannideos* do gên. *Rhynchocyclus* (veja "F e r r e i r i n h o") gostam de construir seus ninhos. Como o fato já foi observado repetidas vezes, parece que se pode concluir que êsse hábito tem por fim garantir a postura do passarinho, graças à defesa que assim, indiretamente, lhe dispensarão as vespas, por todos temidas. Igual fato registrámos também com relação aos "J a p i n s" (veja êstes). Diga-se, embora, que é por mero instinto que a ave assim procede, mas o caso dá que pensar... Talvez haja quem discorde, citando-nos o trecho desconcertante de A. Ducke (Bol. Mus. Goeldi, vol. IV pág. 679): Certa vespa constróe ninho alongado na vizinhança dos ninhos de japins, mas dá forma arredondada à sua construção, quando se acha perto de formigueiros cujos ninhos são esféricos.

Calafate — Peixe do mar, registrado em pequena quantidade na lista do pescado de Paranaguá (em quantidade igual à do linguado e da solteira).

Calamar — (Em italiano: calamaio, isto é, tinteiro, em alusão à sépia). Os moluscos *Cephalopodes*, da fam. *Loliginideos*. São os polvos comestíveis com 8 braços. As espécies mais frequentes nos nossos mares são *Loligo brasiliensis* e *Loligunculu brevis*, que se caracterizam pela feição da siba, parecida com uma pena de galinha, transparente.

No sul do Brasil ocorre também e espécie argentina *Ommastrephes bartrami*.

O corpo é alongado (ao passo que nos verdadeiros polvos tem feitio de um saco) e, além dos 4 pares de tentáculos regulares, possue ainda um par mais fino e mais

longo. A verdadeira *Sepia*, parecida com estas espécies e da qual provem a "s i b a" que se dá aos canários, é de família afim, que não ocorre em nossos mares *(Sepia officinalis*, denominada "C h ô c o" em Portugal). (Veja-se também "L u l a").

Calamar. Ao lado a pluma

Calango — Na Baía é o mesmo que "T a r a g u i r a". No Maranhão, conforme descrição de Wilson da Costa, é um *Iguanideo* do mato, que vive só no chão e cujo colorido, adeante azul, atrás verde, com linhas negras, o distingue dos demais. Goeldi e P. le C o i n t e identificam o "C a l a n g o" da Amazônia com *Tropidurus torquatus* (que é a típica "T a r a g u i r a").

Também Rod. Garcia (Dic. Brasileirismos, Pernambuco), como Wilson Costa, não concorda com tal classificação do calango. E', pois, evidente que nessas duas regiões do Norte a palavra tem aplicação zoológica diferente e, portanto, só à vista de espécimens autênticos a questão poderá ser elucidada. Na Paraíba a graduação por tamanho é a seguinte: tejú, lagarto, tigibú, calango e víbora (aliás pronúnciado: "b r i b a"), que é o menor lacertílio. "C a l a n g o b i c o d o c e" é da região do brejo, maior que o do sertão.

J. de Alencar e Macedo Soares (Dicionário) grafaram "C a l a n g r o", aliás vício de pronúncia.

Calango — Peixe do mar, em Pernambuco, aliás sem cotação no mercado; o nome foi bem escolhido, pois o peixe tem muita semelhança com um réptil. Talvez seja sinônimo de "L a g a r t o d o m a r" (veja êste).

Caldeirão — Mencionado como sinônimo de "B ô t o" no Rio Grande do Sul.

Calhandra — Nome de pássaro europeu, também chamado "c o t o v i a". Entre nós há quem designe assim o "S a b i á p o c a" *(Mimus saturninus)*.

Calorim — Veja sob "P a v a c a r é".

Calunga — Na Baía equivale a "C a m o n d o n g o".

Calunga — Denominação regional, no nordeste brasileiro, das lavandeiras (Libélulas).

Camaleão — (Palavra de origem grega) ou antes "C a m a l e ã o g r a n d e", "P a p a v e n t o" ou "S i n i m b ú", no Brasil central, ou ainda "P r e g u i ç a". Abrange vários réptis um tanto semelhantes aos lagartos, Lacertílios da fam. *Iguanideos*. A maior das nossas es-

Camaleão

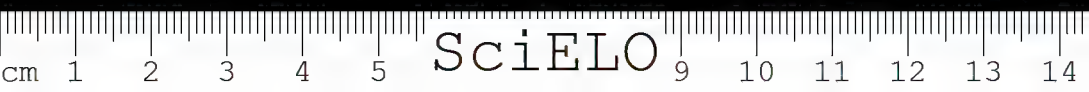
pécies é *Iguana tuberculata*, que atinge quasi 2 metros de comprimento (190 cms.) ; a cabeça é grande, triangular e tem um saco gular, que o animal estufa quando irritado, assim como levanta as pontas da crista, que lhe vai da nuca até a cauda, onde os dentes dêsse longo pente se tornam sucessivamente menores. Os dedos, tanto da mão como do pé, são enormes; a cauda excede o comprimento do corpo. A côr predominante é verde, manchada de azul, verde-escuro e pardo; a cauda tem faixas transversais. Em certas regiões do nordeste brasileiro, dão-lhe o nome de "p r e g u i ç a", pelo fato do animal não fugir, mas pretender, imobilizado, fazer-se confundir com a folhagem. Mas são lestos e ágeis, tanto nos galhos das árvores como na água, nadando e mergulhando com perfeição. Alimentam-se não só de vegetais e insetos, como também de outros pequenos animais que possam subjugar. Quando atacados pelo homem sem poder fugir,

avançam com coragem e, si conseguem fincar os dentes, cerram a bôca e não largam mais. Mas quem os caça, leva para casa mais do que uma galinha, no peso e na qualidade da carne, que é das mais delicadas. Também os ovos são apreciados; regulando em tamanho com os de pomba, são porém elásticos e inquebráveis e encontram-se em número de 15 a 30 em cada postura, depositada simplesmente na areia; contêm quasi só gema, que não endurece ao ferver.

Têm ainda o mesmo nome as espécies do gênero *Polychrus*, um tanto semelhantes, mas que não têm crista. Outros papaventos são bem menores.

O nome "Camaleão" (do grego, que em latím deu *Chamaeleon)* ou "Cameleão" como se diz também em Portugal, designa propriamente as espécies de uma família de saurios estranhos à nossa fauna e que habitam o sul da Europa, o Norte da África e a Índia. Caracterizam-nos, além de vários outros dados anatômicos, o feitio da língua muito longa (15 a 20 cms.) e terminada em uma porção glandiforme, que efetua a apreensão dos insetos de que se alimentam. Foi nessas espécies que primeiro se observou a curiosa faculdade que tem sua pele, de mudar de côr, de acôrdo com o colorido do ambiente. Aplicando, pois, tal denominação às espécies da nossa fauna, muito diversas daquelas, cometeram os primeiros observadores o mesmo erro, que também em tantos outros casos ocasionou confusões de nomenclatura, quando empregada por vaga analogia. Nossos "Sinimbús", como em tupí foram denominados os grandes lacertílios da fam. *Iguanideos*, têm, como os verdadeiros *Chamaeleontideos*, a mesma propriedade de mudar de côr, adaptando-a ao ambiente.

Camaleão comum — Espécies um tanto semelhantes à precedente, porém menores, atingindo apenas 50 ou 60 cms., sem crista dorsal e saco gular muito reduzido. A côr é verde. Vivem sôbre as árvores, de preferência nos galhos recurvados sôbre os rios e, ao menor ruido suspeito, deixam-se cair, para mergulhar e reaparecer mais longe. Usurpam ainda o mesmo nome as várias espécies de *Enyalius* e *Ophryoessa*, que alcançam apenas 30 ou 40 cms. Veja-se também sob "Tigibú".

Camarão — As muitas espécies de crustáceos, a que se dá êste nome, são *Decapodes Macruros;* tais denominações gregas lhes cabem por terem 10 pernas a contar

da primeira unha provida de pinça e por ser o abdômen estirado e não dobrado por baixo da carapaça, como nos caranguejos. Os verdadeiros camarões, que se compram no mercado, pertencem a três espécies marinhas, da fam. *Penaeideos.* Há duas espécies que atingem 20 cms. de comprimento, ambas com o rostro reto e serrilhado em cima com 8-11 farpas, em baixo só com 2. Um dêles o "camarão rosa", *Penaeus brasiliensis,* tem a crista mediana do cefalotórax ladeada por dois sulcos, que atingem quasi o bordo posterior, ao passo que o "camarão branco", "do lixo" ou "legítimo", *Penaeus setiferus,* tem a crista mediana mais curta e não há sulco lateral. Em Pernambuco estas duas espécies são conhecidas por "vilafranca" e "caboclo". Uma terceira espécie, *P. (Xiphopenaeus) kroyeri,* o "camarão de

Camarão

areia" ou "ferro" ou "sete barbas", é bem menor, atingindo apenas 7 a 8 cms. de comprimento; seu rostro é encurvado para cima na ponta e tem 6 a 7 farpas em cima e nenhuma em baixo; esta espécie tem muito menor valor no mercado. Dos camarões grandes, 25 pesam um quilo; mas fervidos e descascados, perdem metade do peso.

Na estatística do pescado brasileiro, os camarões figuram quasi sempre com quantidade igual ou superior à do peixe mais abundante. Também a indústria da conserva aproveita largamente esta riqueza natural; mas, infelizmente, são enlatados os exemplares mínimos, dos quais 600 são necessários para perfazer um quilo de mercadoria. Além disto, o camarão sêco constitue artigo de vultuoso comércio. Cozinha-se em água do mar, adicionada de 150 grs. de sal por quilo de camarão; tendo fervido por espaço de 20 minutos, escorre-se e põe-se a secar durante 2 ou 3 dias. Da boa secagem depende a qualidade da mercadoria e sua boa conservação. Afamados são os camarões

sêcos do Maranhão e do Paraná. No Sul do país estão localizadas as principais fábricas de conserva enlatada e durante a safra, que se restringe aos primeiros meses do ano, são manipuladas muitas toneladas dêstes crustáceos.

A evolução dos camarões do mar é diferente da das espécies da água doce *(Palaemonideos)* e das lagostas *(Palinurideos)*. Ao passo que as fêmeas dêstes mantêm os ovos presos aos pêlos dos pés abdominais, durante o tempo suficiente para que a larva saia da casca em estado de metamorfose mais adeantada, nos camarões *(Penaeideos)* a eclosão se dá numa fase muito rudimentar e o minúsculo e frágil "n a u p l i u s" ainda deve passar pela fase de "z o é a" e " m i s i s", para só então adquirir semelhança com os adultos.

Afirmou um biólogo norteamericano que os camarões morrem depois da primeira desova, atingindo todos, portanto, no máximo, 12 meses de idade; mas por ora não foram feitos estudos concludentes, o que dificulta a boa regulamentação de tão valiosa pescaria.

Nos Estados Unidos as boas espécies conhecidas por "s h r i m p" são as mesmas acima descritas; na Europa, porém, elas não existem, correspondendo-lhes a "c r e v e t t e" dos franceses *(Palaemon serratus)* e *Cangron vulgaris*, que não fica vermelho depois de cozido; ambos não atingem dimensões maiores que as do nosso pequeno "c a m a r ã o d e a r e i a". Só no Mediterrâneo há espécies maiores.

Camarão da água doce — Mais conhecido por "P i t ú" (ou "Potiassú" do índio nordestino). Pertence à fam. *Palaemonideos* e as 6 espécies brasileiras são do gên. *Bithynis*. Seu colorido varia conforme a côr do fundo do riacho ou da vegetação aquática onde se abrigam. Veja-se também sob "L a g o s t a d a á g u a d o c e", nome êste com que os pescadores apregoam os espécimens maiores de *Bithynis jamaicensis*, aliás a espécie de mais vasta distribuição por toda a América do Sul e que chega a medir 20 cms. de comprimento, exclusive as grandes tenazes. Veja-se também sob "A v i ú".

Camarupim ou "C a m u r u p í" — ou também "C a n - j u r u p i m", "C â n g u r u p í" e "C a m u r i - p i m" do Ceará ao Maranhão e "P i r a p e m a" no Pará, é um grande peixe das águas tropicais do Atlântico, *Tarpon atlanticus*, gigante entre os *Clupeoides*, a que também

pertencem as sardinhas, pois cresce até pouco mais de 2 metros de comprimento, pesando então 160 quilos. (Hornaday, 383 lib.) Tais medidas extremas ainda não vimos assinaladas com relação a espécimens brasileiros; consta-nos, ao contrário, que o seu peso médio, no Atlântico Sul é apenas de 20 quilos. Suas feições são bem as das sardinhas comuns, fugindo, porém, à delicadeza da estrutura destas. O maxilar inferior, ainda que enorme, tem o feitio característico e da mesma forma o colorido é o usual entre as sardinhas: o dorso é azul intenso, os flancos são de prata brunida. A nadadeira dorsal tem os últimos ráios prolongados em flâmula comprida. Notável é a dimensão das escamas, que, medidas no espécimen "record", são de 8,5 por 10 cms. (Hornaday). Tais escamas no Norte (Maranhão e Rio Grande do Norte) são aproveitadas para confecção de lindas flores artificiais, como aliás em Santa Catarina as senhoras o fazem, empregando outras escamas alvas, porém menores e que são montadas sôbre fios de prata, imitando flores.

Do ponto de vista prático, culinário, o Camarupim é peixe discutível. Sem dúvida os exemplares ainda pequenos, os "pemas", têm carne flácida com muitas espinhas; nos muitos velhos, ela é grosseira, mas o fato é que o nordestino, principalmente, o aprecia imenso. Também nos Est. Unidos as opiniões divergem bastante, o que não impede que os veranistas, nas praias do Golfo do México tenham elevado a captura do "tarpon" ou "rei de prata" como lá o chamam, a um esporte todo especial, regulamentado e com prêmio de campeonato. O camarupim prefere as águas rasas, mornas e, rente com o nível, êle gosa o calor do sol. Gosta também de imitar o bôto, pulando como êste e mostrando às vezes todo o corpo fora d'água. Mas do avistar o peixe ao pegá-lo, quasi sempre decorrem horas tão longas, que é preciso ser pescador deveras, para não perder a paciência, antes que o camarupim se resolva a abocanhar a isca, em geral uma tainha inteira.

Com a ferramenta regulamentar, isto é vara leve, de 2 metros, carretilha e linha n.º 24 com quasi 200 metros de comprimento, é bem trabalhoso e difícil dominar êsse peixe, que pula muito e assim escapa facilmente. Como nos outros concursos de pesca, são levados em conta não só a habilidade, como o tempo empregado, do momento de "ferrar" até tirar o peixe d'água.

O camarupim passa por uma fase larval muito interessante, mudando de feitio e até diminuindo de com-

primento. Cria-se bem nos viveiros, de água salobra ou mesmo doce, mas nunca se multiplica nesse ambiente.

Na Paraíba os exemplares menores, com menos de 3 palmos de comprimento, são conhecidos por "P e m a", o que aliás é interessante do ponto de vista linguístico.

Cambacica ou "M a r i q u i t a" — Passarinho da fam. *Coerebideos*, *Coereba chloropyga*, afim aos "S a í s". A côr é cinzenta em cima, o vértice mais escuro e o dorso posterior verde-amarelo. A garganta e uma estria sôbre os olhos e as pontas da cauda são brancas; a barriga é amarela. Habita todo o Brasil, de Norte a Sul. Impropriamente, atribuem-lhe às vezes também o nome de "C a g a - s e b o". Para não dormir ao relento, sempre tem um ninho preparado, mesmo fora do tempo da incubação.

Cambado — Adjetivo, que em Pernambuco significa "atacado de bicho de pé".

Cambaxirra — O mesmo que "C o r r u i r a".

Cambeva — Cação que parece ser o mesmo "C h a p é u a r m a d o". Vicente de Carvalho, referindo-se a um cambeva, diz que "era um cação grande como um pau de canôa".

Cambeva — Peixe de couro, Nematognata da fam. *Trichomycterideos (Trichomycterus brasiliensis)*. Caracteriza-se, como todos os representantes desta pequena

Cambeva

família, pelos numerosos espículos que tem no opérculo e no preopérculo. A nadadeira dorsal acha-se situada muito atrás e é curta de base. O desenho característico consiste em numerosos pontinhos violáceos, escuros, por todo o corpo. Os maiores exemplares não ultrapassam 20 cms. de comprimento.

Além da denominação "P e i x e g a t o", que parece ser sinônimo de cambeva, só conhecemos o nome "C a n d i r ú" para espécies de outros gêneros desta família.

Cambito — Denominação regional, no Nordeste brasileiro, das "L a v a n d e i r a s" (Libélulas).

Camboatá — O mesmo que "T a m b o a t á".

Cambuba ou "C a m b u m b a" — Denominação nordestina do peixe do mar, semelhante, pela forma, ao "B i q u a r a". E', pois, da fam. *Haemulideos*, do grupo das "C o r c o r o c a s" do Sul. Tanto o Almirante Alves Camara (Peixes da Baía), como O. Monte (Alm. Agr. Bras. 1926) dizem ser êste um "peixe com grandes escamas; as costas são pardas, escuras e a barriga é branca. Vive em pequenos cardumes". O tamanho mínimo admitido no mercado, pela lista oficial, é de 20 cms. Em Recife é considerado de penúltima categoria.

Cambucú — Veja-se "P i r a c a m b u c ú" e também sob "P e s c a d a".

Cametau — Nome amazonense da "A n h u m a".

Caminheiro ou "P e r u i n h o d o c a m p o" ou "C o t o v i a" — Pássaro da fam. *Motacillideos*, gên. *Anthus*, de bico fino, azas longas, pernas altas com dedos muito finos e longos, e com unha posterior muito comprida e curva. E' mais ou menos do tamanho do tico-tico; o colorido é bruno-avermelhado, entremeiado de amarelento; no peito e nos lados predominam esta côr, com desenho de escamas brunas. As quatro espécies brasileiras vivem no chão, entre o capim e nas estradas.

Camiranga — Veja sob "U r u b ú c a ç a d o r".

Camoatim ou "C a n g u a x í" — Genericamente é abrangido pela denominação "E n c h ú" e por isto também chamado: "E n c h ú d a b e i r a d o t e l h a d o. E' vespa social, fam, *Vespideos, Polybia scutellaris*, pequena, de 11 mms. de comprimento, preta, com dois traços transversais, quasi unidos, amarelos, no meio do dorso. Gosta de fazer seu ninho nos beirais das casas ou nas janelas. E' uma construção quasi esférica, que atinge dois palmos de diâmetro e caracteriza-lhe o revestimento um grande número de pequenas saliências pontuadas (estas, porém, às vezes faltam, sendo substituidas por um desenho de linhas curvas). A entrada acha-se no bordo inferior, formando "bôca de sapo". Em certas ocasiões vê-se estas vespinhas perseguindo moscas domésticas, mas, infelizmente, são pouco ágeis em tal mistér. No Ceará é conhecida por "B ô c a t o r t a".

Camocica — ou "V e a d o b o r o r ó" ou, na língua indígena, "N h a m b í". Veja-se sob "V e a d o s". E'

Mazama nana, o menor dos nossos veados e habita o Brasil central.

Camondongo ou também "C a t i t a", "C a l u n g o", ou "M o r g a n h o" — E' o menor dos ratos caseiros, *Mus musculus*, por demais conhecido para que deva aquí ser descrito nos seus hábitos. E' espécie importada, cosmopolita, veja-se também sob "R a t o s c a s e i r o s".

Camorim — No Norte do Brasil é o nome genérico dos peixes conhecidos por "R o b a l o s" no Sul. Registrámos em Recife os seguintes nomes específicos: "C a - m o r i m - a s s ú", "c a b o d e m a c h a d o" ou "s o - v e l a", "c o r c u n d a", "t a b a" e "t i c u p á"; na Paraíba, além dêsses nomes, mais: "C. e s t o q u e" (de 3 palmos de comprimento, com mau cheiro característico), "b r a n c o", que é o melhor, "d e g a l h a"; o menor é "c a m o r i m r o b a r d o" ou "r o b a l o"; a um dêstes também cabe o nome "p a p a - m o r c e g o".

Campineiro ou "C a p i n e i r o" — Sinônimo de "C h i m b o r é", ao que nos parece, mais usado no Sul de Minas Gerais. Pode ser também que designe espécie um pouco diferente entre as muitas dos gêneros *Schizodon* e *Anostomus* a que pertencem os "C h i m b o r é s".

Camuengo — Assim chamam no Ceará a uma abelha social da fam. *Meliponideos, Melipona (Trigona) testaceicornis*, no Sul conhecida por "J a t a í p r e t o" ou "J. m o s q u i t o". A abelha mede apenas 4 mms. de comprimento; a côr é preta com pilosidade grisalha e azas muito enfumaçadas no terço apical. E' tímida e produz mel de boa qualidade.

Camuripí — Veja "C a m a r u p i m".

Camuripeba — Veja sob "R o b a l o".

Camuripema ou "P e m a" simplesmente, designa na Paraíba os exemplares novos do "C a m a r u p i m", com menos de 3 palmos de comprimento; seu valor é ínfimo.

(Camutanga) — Vimos registrado como "a b e l h a" quando a etimologia (caba-mutanga?) parece indicar que se trata de vespa.

Canário do Ceará — Denominação dada na Amazônia ao "C a n á r i o d a t e r r a" *(Sicalis flaveola)*.

Canário pardo — Nome dado na Amazônia ao mesmo "T i c o - t i c o d o c a m p o" do Sul.

Canário do reino ou "C. l e g í t i m o — E' pássaro de gaiola, importado, fam. *Fringillideos, Fringilla canariensis,* originário das ilhas Canárias e hoje espalhado por todo o mundo, mas unicamente como pássaro de gaiola.

Canário da terra — Há várias espécies de pássaros pertencentes à mesma família que a espécie importada e mais ou menos semelhantes a esta. São ao todo 5 as espécies do gên. *Sicalis,* das quais no Brasil meridional só ocorrem *S. pelzelni* e *S. flaveola.* Êste tem fronte côr de laranja e lado ventral amarelo e não é riscado de preto como *S. pelzelni.* Vivem no campo, na borda do mato ou das capoeiras, aos bandinhos e gostam de aproximar-se das casas da roça; sua voz, ainda que menos brilhante que a de seu primo importado, é agradável e, por isto, também êste canário é apreciado pelos amadores de passarinhos engaiolados. Não revela muita arte quando constróe seu ninho, nem o faz com cuidado; contenta-se com uma cavidade em ôco de pau, que forra com palha mal escolhida e com plumas. Reconhecendo a sua pouca habilidade, prefere, quando o pode, tomar conta dos ninhos abandonados por outros pássaros, principalmente o do "P i c h o r o r é". Veja-se, sob "C h o p i m", a predileção que tem êste parasita pelos ninhos do nosso tico-tico e também dos canários, para neles introduzir clandestinamente seus ovos.

Cancã — Na Amazônia é o mesmo que "C a r a - c a r á p r e t o" no Sul. O gavião conhecido no Sul por "C a n c ã" é *Urubitinga urubitinga,* que, por sua vez, na Amazônia, é conhecido por "G a v i ã o c a i p i r a". E' de porte acima de mediano; o macho é todo preto, tendo só uma faixa transversal branca na base da cauda e a fêmea (bem como o macho novo) tem plumagem malhada de bruno escuro e branco, com exclusão do lado dorsal.

Cancã — Veja "P a t u r í".

Cancã — Em todo o Nordeste é o nome das "gralhas". Às vezes é por assim dizer a voz do Cancã o único canto de ave que se faz ouvir na caatinga ressêca. As duas sílabas de seu nome onomatopaico soam metálicas e o pássaro as repete frequentemente. Seja por que fôr, o cancã goza de maior popularidade no norte que seus parentes sulinos, as gralhas. "Tem carne de cancã" diz-se em Sergipe, aludindo a pessoas magras, fortes, que não envelhecem. (Informação do Sr. Aroaldo Azevedo).

Candeia — Veja-se "S i r í c a n d e i a".

Candimba — Palavra muito poucas vezes citada em livros e que Amadeu Amaral, em seu "Dialeto caipira", diz significar "l e b r e" e, portanto, é sinônimo de "t a p i t í". Ouvimos o mesmo têrmo também da bôca dos roceiros do Sul de Minas Gerais.

Candirú — Esta denominação vulgar, amazônica, compreende dois gêneros de pequenos peixes de couro, uns da fam. *Trichomycterideos*, gên. *Vandellia* e *Stegophilus*, que, como as "C a m b e v a s" da mesma família, têm o opérculo e o preopérculo providos de acículos; outros, da fam. *Cetopsídeos*, não têm êsses acúleos; os barbilhões, pequenos, são em número de 6. Êstes últimos peixes (gên. *Cetopsis* e *Hemicetopsis)* atingem 30 cms. de comprimento e daí o nome mais adequado "C a n d i r ú - a s s ú". (Veja a seguir). Aos representantes da primeira família mencionada, *Vandellia cirrhosa* e *Stegophilus intermedius* e *insidiosus* (êste último do rio S. Francisco) são de há muito imputados vários malefícios, os quais, porém, sempre haviam sido postos em dúvida. Podemos, porém, transcrever a êste respeito as observações do provecto conhecedor da natureza amazônica, P. le Cointe.

Das espécies de um gênero da mesma família, e também conhecidas por "C a n d i r ú s", constam iguais façanhas. Já Castelnau relatara, do Araguaia, que *Pareiodon pusillus* é temido pelos pescadores, a ponto de êstes não se atreverem a urinar diretamente na água, porque receiam que o pequeno peixe, subindo o curso da coluna líquida, penetre na uretra. Miranda Ribeiro, em Manaus, verificou que *Pareiodon microps* é peixe carnívoro, que arranca pedaços circulares da pele de bagres vivos. A tanto de fato o habilita a dentição, que fica escondida numa prega da mucosa; mas, desnudando os maxilares, tem-se a impressão de uma miniatura dos dentes de tubarão *(Galeocerdus maculatus)*, simplificados e com a ponta maior muito curvada para fora.

Reunidos em legião, como se fossem pequenas piranhas, descarnam não só os animais mortos, como também a caça ferida, que venha procurar refúgio na água.

Muito mais perigosa é a mania do candirú *Vandellia cirrhosa* que procura penetrar na abertura urogenital dos banhistas. O tamanho máximo que êste peixinho atinge é 70-80 mms. mas os exemplares de 40 mms. têm apenas 4 mms. de diâmetro e dêste modo lhes é fácil insinuar-se, de forma a penetrar completamente na cavidade. E o

pior é que os peixes desta família, como também se nota nas "Cambevas", seus parentes próximos, têm numerosos espinhos na região opercular e êstes, ao se tentar a extração, cada vez mais se encravam nas carnes, provocando grande hemorragia. Não só êste fato foi várias vezes testemunhado por médicos amazonenses, chamados para proceder à difícil extração, como também a população ribeirinha, temendo o candirú, toma providências para evitar acidentes desta natureza, aos quais principalmente as mulheres estão mais sujeitas. Com evidente exagero os homens temem, até, verter água em jato direto nos rios habitados por candirús, porque êstes, dizem êles, poderiam mesmo dêste modo subir e penetrar.

O fato é que os etnógrafos têm assinalado que em várias regiões amazônicas e das Guianas, os índios protegem as partes pudendas, de forma a evitar acidentes, entre os quais os mais temidos são os provocados pelas piranhas e pelos candirús.

Ultimamente o emérito conhecedor da literatura ictiológica, Dr. E. W. Gudger, do Museu de Nova York publicou um livrinho, no qual vem relatadas todas as informações fidedignas que os naturalistas registraram a respeito do famigerado "Candirú", *Vandellia cirrhosa*. Estudada a biologia dos vários peixes que têm hábitos semelhantes, fica patente que todos êles são hematófagos e para tal fim têm não só a dentição adequada, isto é uma série de dentes muito aguçados e curvos, com os quais provocam o fluxo do sangue, como também o estômago e o intestino só se prestam a êste gênero de alimentação.

Algumas espécies penetram nas guelras dos grandes peixes, como o sorubim e aí facilmente obtêm sangue em abundância; outras espécies atacam a região anal de vários peixes maiores e, lanhando as carnes, chegam a produzir grandes chagas, como o verificámos em dourados e piracanjubas, que haviam sido amarrados na água, para serem vendidos no dia seguinte.

Certa analogia, sob êste ponto de vista, apresenta a espécie *Pseudostegophilus scarificator*, descrita por nós do rio Mogí Guassú, Est. S. Paulo e que maltrata muito os peixes, que os pescadores deixam amarrados, de um dia para outro.

Em tais ocasiões juntam-se às vezes pequenos bandos dêsses malfeitores que, naturalmente, podem agir com maior facilidade, estando as vítimas amarradas, sem poder fugir ou melhor se defender.

Candirú de cavalo — Assim chamam no Pará aos "c a n d i r ú s" maiores *(Vandellia cirrhosa* e *V. plazai)* e a seu respeito o Dr. Jobert relata o seguinte: O povo teme êstes peixes por causarem êles escarificações na pele dos banhistas, assim como dos cavalos e de outros animais que penetram no rio. Certa vez, o Dr. Jobert foi banhar-se uma milha à juzante da cidade e logo teve de sair da água, pois o seu corpo fôra todo lanhado por escarificações formadas por grupos de 5 ou 6 linhas paralelas, de 1 cm. de comprimento; tais feridas sangram abundantemente.

Canela ruiva — Nome dado pelos caçadores ao porco do mato menor ou "C a i t e t ú" ou, como afirma Henrique Silva, ao "Q u e i x a d a", também conhecido por "T i r i r i c a".

Caneleira — Pássaros da fam. *Cotingideos*, gên. *Hadrostomus* e *Pachyrhamphus;* tem afinidades naturais com a araponga; o seu aspeto lembra, porém, os pequenos bentevís. O nome vulgar refere-se às espécies de côr castanha, ainda que várias congêneres tenham outras côres; nas fêmeas é que predomina a côr canela. *Pachyrhamphus* parece que se compraz em procurar a vizinhança das casas e também constróe seus ninhos nos jardins e pomares. E que ninhos! Verdadeira montoeira de talos, folhas, lã, cortiças, tudo reunido sem arte, mas com muita solidez; até pedaços de morim foram encontrados no interior da grande bola, de palmo e meio de diâmetro. Em 12 dias o casal conclue o edifício, mas para isto trabalham juntos e, muitas vezes, carregam molhos de material que excedem o seu próprio tamanho.

Cangambá — O mesmo que "M a r i t a c a c a", "I r i t a t a c a", "J a r i t a t a c a", "J a g u a r i t a c a" ou "J e r i t a c a c a" ou simplesmente "T a c a c a". No Rio Grande do Sul lhe corresponde a espécie muito parecida, à qual nos referimos sob "Z o r r i l h o". O corpo do cangambá, *Conepatus chilensis*, mede 45 cms., além de 30 cms. de cauda. A côr predominante é preta; o pêlo é longo e denso; sôbre o vértice passa uma faixa branca, que se extende também pelo lombo (em regra dividida em duas por uma nesga preta, mediana) e chega quasi até à cauda, que é branca, pelo menos na parte terminal.

Vive nos grandes campos do interior do Brasil, desde a região serrana do Rio Grande do Sul até o Amazonas. Em S. Paulo, só ocorre na região de Franca, sempre em

zonas de campo aberto. E' animal noturno, que, segundo Hensel, só se alimenta de besouros e larvas; outros tem-no em conta de matador de galinhas; o certo é que mata passarinhos e não rejeita carne. Houve quem apregoasse esta espécie como ótimo elemento da nossa fauna para diminuir o número das cobras venenosas, as quais caça impunemente, pois o violento veneno das serpentes não lhe faz mal. Porém o inconveniente já apontado e outro, que, seguramente, pouco o recomenda, excluem-no em absoluto do rol dos nossos amigos. E' que o Cangambá tem uma glândula da qual faz esguichar, com pontaria certeira, um jato de líquido que é a essência mais fétida que se possa imaginar. O que fôr atingido por algumas dessas gotas, animal, roupa ou qualquer objeto, conserva a catinga nauseabunda por longo tempo. Transcrevemos da "Viagem Científica" do Dr. A. Neiva o seguinte trecho, muito descritivo: "O animal foi surpreendido durante o dia, o que é raro, por ser de preferência noturno; ocultou-se no ôco de uma umburana, donde foi retirado à viva força, defendendo-se terrivelmente com as ejaculações esverdinhadas, lançadas a distância, o que afastava os cães e obrigava a mais de uma pessôa a abandonar a luta. Um camarada, que mais se afanara em arrancar o animal do abrigo, teve de deitar-se, completamente nauseado. Da glândula retal foi retirada grande quantidade de líquido oleoso, de côr amarelo-escura. A substância, que dá à secreção o repelente cheiro característico, é o sulfidrato de etila, mais conhecido pelo nome de mercaptã. Quando as ejaculações são repetidas, chega-se a perceber a formação de vapores. Já Ayres de Casal se referia do seguinte modo ao fato: "Algumas pessôas dizem ter observado uma pequena fumaça averdeada na parte posterior do canhoneiro, quando êle dispara a peça".

O Dr. Vital Brasil descreveu a anatomia do aparelho defensivo do "C a n g a m b á". Consta o mesmo de duas vesículas ovais, um pouco maiores do que um ovo de galinha e que se acham situadas na região perineal. Cada uma das vesículas termina no reto, próximo ao anus, formando aí, de cada lado, um pequeno tubérculo dotado de um orifício muito fino. As vesículas são envolvidas por forte camada muscular, cuja compressão faz o líquido esguichar sob pressão.

A pele unicolor da espécie congênere, norte-americana, é o afamado "skunk". ("C a n g a m b á" é também o nome do "Mercúrio vegetal" ou "Manacá", *Brunfelsia*).

Canganguá — O mesmo que "C a n g o á".

Cangapara — Tartaruga dos campos do Maranhão, maior e mais grosseira que a "C a p i n i m a", com manchas vermelhas nos bordos. Faltam-nos referências mais detalhadas.

Cangatã ou "C a n g a t á" — No Norte, do Pará ao Ceará, é sinônimo de "G u r i j u b a", com alguma aplicação especial, conforme a idade e o desenvolvimento do peixe. Em Pernambuco e na Paraíba é conhecido por "b a g r e c a i a c ô c o".

Cangatí — Peixe de couro d'água doce, *Trachycoristes striatulus*, do Nordeste, onde é frequente e também da Amazônia. E' um bagrinho, de pouco mais de um palmo de comprimento, de corpo abrutalhado, todo êle manchado de traços escuros sobre fundo pardo amarelado. Por ser, em certas regiões, o único representante maior dos peixes de couro nos açudes, é muito apreciado; de fato, porém, sua carne não é melhor que a de tantas outras espécies do grande grupo. Muito curiosos são uns tantos detalhes de sua biologia, estudada pela Com. Técnica de Piscicultura do Nordeste, para fins de experiência da criação em larga escala. A fêmea é fecundada muito antes da piracema, mas os óvulos são retidos no ovário até a época das enchentes; só então dá-se a penetração do espermatozoide. O ovo também apresenta peculiaridades que diferenciam muito sua evolução da dos outros peixes; observa-se uma curiosa rotação na massa ovular, como só poucas espécies a apresentam. Os alevinos crescem rapidamente e ao cabo de 4 meses, os peixes já medem 18 cms. de comprimento.

Há também raros representantes desta sub-família *Trachycoristincos* no Brasil meridional, onde a espécie, que mais se assemelha ao cangatí, é a pequena "B u r e v a".

Cangica — O mesmo que "A r a p o n g u i n h a".

Cangica ou "C a n g i q u i n h a" ou "P i p o c a" — Nome dado pelo povo ao cisticerco, forma larval de *Taenia solium*, a "S o l i t á r i a". O porco, ingerindo matérias fecais de indivíduos portadores dêstes parasitas intestinais, infecciona-se com numerosos ovos, que êstes soltam continuamente. Os ovos desenvolvem-se e as respectivas larvas são levadas pela circulação do sangue a todas as regiões do corpo do hospedeiro e aí encapsulam-se sob forma de "C a n g i c a". Nos casos de ampla infecção, encontram-se as pequenas cápsulas brancas em todas as

carnes e orgãos do corpo; aparecem primeiro na língua, onde podem ser constatadas pela inspeção da face inferior no animal vivo. Também o boi tem "cangica", ainda que raramente. Ingerindo tais carnes, o homem contrai a "Solitária" e dois ou três meses depois começa a deitar os segmentos portadores de ovos. Profilaxia: Só comer carnes bem cozidas.

Cangoá ou "C a n g a n g o á" — Peixes do mar, pertencentes à mesma família das "P e s c a d a s", isto é *Sciaenideos;* trata-se, porém, de espécies de menor valor econômico, dos gêneros *Stellifer* e *Bairdiella,* que no máximo atingem 20 cms. de comprimento. Figuram às vezes em grande quantidade nas estatísticas. Veja-se também sob "B o r o r ó", "P i r u c a i a" ou "M a r u c a i a".

Cangoropeba — Corruptela de "C a n j u r u p e b a", que é o mesmo que "C a m u r i m p e b a".

Canguaxí — O mesmo que "C a m o a t i m".

Canguira — Peixe do mar, do Maranhão, semelhante ao "P a r ú" ou "F r a d e". Tem bôca muito pequena, pelo que não pode ser pescado com azois grandes e os pequenos êle parte facilmente, com a sua dentadura extremamente forte.

Cangulo ou "C a n g u r r o" — Denominação de origem portuguesa, que também no Brasil designa vários peixes marinhos *Plectognatos,* da subordem *Scleroderma* e, em sentido mais restrito, as várias espécies do gênero *Balistes,* cujo corpo é revestido de escamas placoides, em losangos regularmente alinhados e com mais de um acúleo dorsal. E' mencionado às vezes como peixe venenoso; no entanto, na estatística do pescado levado ao mercado do Nordeste, o "C a n g u l o" figura em número tão elevado como qualquer outro peixe de qualidade.

"C a n g u i r a", no Maranhão, deve ser espécie afim. Às espécies do gên. *Balistes,* que podem atingir quasi meio metro de comprimento, atribue-se também o nome indígena "A c a r á - m o c ó". Não sabemos a que espécie se refere o sr. A. Guedes quando, ao descrever a eclosão das tartarugas do mar, na ilha da Trindade, diz que "no mar aguardam as tartaruguinhas os vorazes peixes "c a n g u l o s", de paladar destestável, que por serem assaz numerosos, mereceram o nome de "por-favor-me-pegue". A literatura antiga registra o nome indígena "P i r á - a c a".

Em Pernambuco distinguem-se 3 variedades ou espécies, todas elas de ínfima categoria no mercado: o Cangulo "comum", o "de pedra" e o "de Fernando"; êste último, isto é da ilha Fernando Noronha, é o *Monacanthus ciliatus*, ao qual nos referimos sob "P e i x e p o r c o".

No Ceará *Balistes vetula* é o peixe mais abundante e barato; quem não pode adquirir outras carnes, come cangulo, cuja sopa aliás é muito nutritiva, sendo aconselhada como fortificante para quem sofre do peito (e principalmente de falta de alimentação).

Cangurupí — Sinônimo paraense de "C a m a r u p i m".

Cangussú — O mesmo que "O n ç a p i n t a d a"; refere-se às formas menores, de cabeça mais grossa e cujo pêlo tem manchas menores e mais numerosas.

Caninana — Cobra da fam. *Colubrideos agliphos*, *Spilotes pulatus*, que atinge mais de 2 metros de comprimento; o colorido é pardo-amarelado, com desenho transversal escuro, curvado para a frente nos cantos; dos olhos parte uma faixa denegrida, que se extende pelo pescoço. E' ágil tanto no chão como na ramagem das árvores, onde busca ovos nos ninhos e em certas ocasiões também apanha algum passarinho. Pega e devora também roedores até do tamanho de preás. Apesar de ser cobra inofensiva, por não ter veneno, o povo a teme; de fato, é agressiva, mas claro está que não "vôa", nem pode ficar em pé na ponta da cauda, como a crendice dos mais medrosos o imagina. Veja-se, também, "L i m p a - c a m p o" e "P a p a - o v o" e "P a p a - p i n t o".

Canindé — Arara (veja-se estas) de colorido azul em cima, amarelo no lado inferior e sem ornatos vermelhos; *Ara ararauna* é seu nome científico, que aliás não corresponde à nomenclatura indígena, pois a "a r a r a ú n a" é outra espécie. A arara "c a n i n d é" habita tôda a zona compreendida entre S. Paulo e a Amazônia.

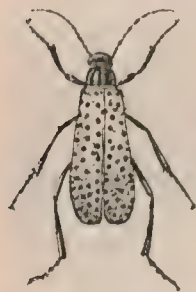
Canivete — Pequenos peixes de escama, da água doce, da fam. *Characideos*, com corpo alongado, sem a curvatura característica do perfil dos lambarís. *Characidium fasciatum*, de apenas 5 cms. de comprimento, tem cêrca de dez faixas transversais indistintas ou pouco regulares sôbre o corpo e um ponto negro na base da caudal. Tem o mesmo nome as espécies da subfam. *Hemiodontineos*, sem dentes no maxilar inferior; a alguns dêstes pei-

xinhos cabe também o nome "C h a r u t o" (veja-se êste). Vivem nos remansos e são procurados por serem boa isca.

Canjarana — Em Goiaz, segundo Henrique Silva (pág. 141), é êste o nome de um felino. Certamente é denominação local de espécie mais conhecida por outro nome.

Canjurupí — O mesmo que "C a m a r u p i m".

Cansanção — Na Baía, algumas das espécies mais urticantes das "A g u a v i v a s" são conhecidas por êste nome, que aliás é o do vegetal terrivelmente urticante *(Loasa)*, cujos espinhos provocam ardor muito mais intenso que as urtigas comuns.

Cantárida — As espécies de besouros da fam. *Meloideos*, (antigos *Canthariđeos)*, cujas propriedades epispásticas e afrodisíacas foram primeiro reconhecidas na espécie européia, *Lyta vesicatoria;* a espécie brasileira *Epicauta adspersa*, segundo as análises feitas, contém 2,5 % de cantaridina, quando as espécies européias contêm apenas 0,5%. Trata-se de substância muito ativa, pois bastam 0,2 mg. para provocar albuminúria. Veja-se, também, sob "P o t ó - p i m e n t a" e "B u r r i n h o".

Cantárida

Canudo — Abelha indígena da fam. *Meliponideos*, assim chamada no Nordeste (Ceará), provavelmente por ter porta de entrada em forma de canudo, o que aliás não é raro. Êste tubo, conforme a espécie, pode ser da grossura de um lapis, como na "J a t a í" ou "M a n d a g u a r í" ou grande e largo, como na "T u b u n a" ou no "I r a x i m".

Capararí — Peixe de couro da Amazônia e que, pela sinônimia de Spix, parece ser o mesmo "S o r u b i m".

(Caparos) — O Dr. A. E. Goeldi grafou dêste modo o nome de certa espécie de símio do gên. *Lagothrix*. Veja-se sob "B a r r i g u d o". No vocabulário de Tastevin acha-se grafado "C a p a r ú", forma esta que mais facilmente pode corresponder à pronúncia original indígena. (Confronte-se também "C a r i d a g u e r e s").

Caparú — Veja-se acima (Caparos).

Capelão — E' o macho mais velho e mais perspicaz do bando de macacos "b u g i o s" (veja-se êste).

Capijuba — No Maranhão, é "um macaquinho pardo, amarelado de cara pelada; a cauda longa tem manchas transversais em forma de aneis". Não bastam estas informações para a identificação da espécie, a respeito da qual o Sr. Wilson da Costa ainda informa que é a mais abundante na ilha do Maranhão. No tempo de sêca, quando faltam nas matas as frutas de que se nutrem, invadem os pomares e as hortas.

Capincho — No Rio Grande do Sul esta denominação platina da "C a p i v a r a" é aplicada aos machos.

Capineiro — O mesmo que "C h i m b u r é t i n g a".

Capinima ou "C a p i n i n g a" — No Maranhão é uma tartaruga semelhante à "t a r t a r u g a d a A m a z ô n i a", porém menor, com pescoço muito mais longo; vive nos campos que alagam no inverno. Será provavelmente uma espécie do gên. *Podocnemis*, semelhante à "T r a c a j á", si não fôr sinônimo desta.

Capiranga — Molusco da fam. *Venerideos*. A concha bivalva, de côr vermelha coralina, dá muito na praia; também é chamada "C o n c h a d e r a p a r m a n d i o c a", porque, de fato, serve para tal fim, porém só a valva mais plana é assim utilizada. A forma primitiva talvez seja "T a p i r a n g a".

Capitão do campo — No Rio Grande do Sul e em Mato Grosso é sinônimo de "B o i p e v a".

Capitão do mato ou "J o ã o d o m a t o" — Pássaros do gên. *Morpho*, grandes, com 15 cms. de envergadura, tão características das clareiras das grandes matas. Não sabemos si é nome dado pelo povo ou si é apenas da giria dos colecionadores de borboletas.

Capitão do mato ou "J o ã o d o m a t o" — Pássaros da fam. *Bucconideos*, gên. *Bucco* (12 espécies, pela maior parte do Norte da Amazônia, sendo aí conhecido por "R a p a z i n h o d o s v e l h o s"). Alguns tem plumagem meio preta, meio branca; outros são castanhos, com coleira, peito branco e vários desenhos. A única espécie verdadeiramente meridional é *B. chacuru*. (Veja-se "J a c u r ú" sob "J o ã o b ô b o").

Capitão de saíra ou "T i n g u a s s ú" — Pássaro da fam. *Cotingideos*, *Attila cinereus*, de 22 cms. de comprimento, côr pardo-bruna em cima, cauda e barriga castanhas e cabeça, pescoço e garganta cinzentos. O bico é comprido e tem a ponta do maxilar superior curvada.

Capitarí — São as tartarugas que não põe ovos, isto é, os machos de *Podocnemis expansa* (Veja "T a r t a r u g a d a A m a z ô n i a"). Igual nome cabe também a uma árvore amazônica, abundante nos igapós; diz-se também capitarizeiro.

Capiúna — Peixe do mar (gên. *Haemulon?*).

Capivara — E' o maior de todos os roedores, *Hydrochoerus hydrochoerus*. Atinge 1 metro de comprimento; a côr é uniforme, parda, nem muito avermelhada nem muito amarelenta. Não tem rabo; as orelhas são pequenas. Vive sempre à beira d'água, que é seu

Capivara

refúgio, quando perseguida; nada e mergulha bem. Forma sempre pequenas varas, que, não raro, contam até 20 indivíduos. Alimenta-se como perfeito herbívoro e naturalmente dá preferência ao arroz ou milho novo, pelo que nas regiões ribeirinhas causa, às vezes, muito dano. Passa o dia escondida, perto da água e só à noitinha vem pastar. Assim, só a espingarda pode valer ao lavrador. A carne não agrada a todos os paladares, mas o óleo extraido pela fervura e que depois foi exposto ao sereno, é considerado medicamento valioso. O couro tem boa aplicação para certos fins, laços principalmente. E' característica sua posição de repouso, sentada como um cão. Alguns caçadores distinguem uma espécie branca, "C a p i v a r a t i n g a", mas trata-se apenas de indivíduos velhos, que ficam grisalhos. Veja-se também "C a p i n c h o". Na Amazônia, às vezes vêem-se capivaras domesticadas, que então acompanham as crianças mesmo durante o banho.

Êstes animais são atacados, como o cavalo, pelo "m a l-d e - c a d e i r a s", pelo que alguns cientistas desconfiam que sejam êstes grandes roedores os depositários do flagelado *Trypanosoma equinum*. De fato, é sabido que, de tempos em tempos, a epizootia determina grande mortandade entre as capivaras.

O distinto pintor Theodoro Braga afirmou-nos que os marajoáras criadores de gado incluem as capivaras entre os mais perniciosos inimigos da criação, "porque elas envenenam a água e fazem morrer o gado". Ainda uma vez devemos dar razão à intuição do povo que assim, sem o saber, atinou, antes dos cientistas, com os depositários do causador do "m a l - d e - c a d e i r a s" (ou "q u e b r a b u n d a", como lá diz o povo).

Capoeira — O mesmo que "U r ú".

Capororoca — Nome onomatopaico da ave da fam. *Anatideos*, *Coscoroba coscoroba*, verdadeiro tipo de cisne do sul do Brasil, inteiramente branco no corpo e só as remiges da mão têm ponta preta. Em nosso país habita apenas o Rio Grande do Sul, extendendo-se daí até a Patagônia. Seu ninho, a Capororoca o faz nas praias desertas dos rios e dos lagos: uma construção de junco e folhas, de ½ metro de altura e forrado com espêssa camada de finas plumas brancas, com as quais a ave cobre os 6 ou 8 ovos, quando se afasta temporariamente. Os ovos são brancos e medem 6 por 9 cms. Veja-se, também, a espécie congênere, "P a t o a r m i n h o".

Mencionaremos, de passagem, que igual nome, capororoca, designa várias árvores da fam. *Myrsinaceas*, sendo que no Rio Grande do Sul se aplica especialmente a *Myrsine rapanea*.

Capote — No Ceará e Estados vizinhos cabe êste nome à "g a l i n h a d'A n g o l a". Registrámos, também, "C o c a r" com igual acepção no Piauí.

Capuxú — Vespa social, *Mischocytarus ater*, de côr preta, que nidifica em cavidades de árvores, de cupins ou em buracos de tatú. Armazena algum mel nas mesmas células destinadas à criação das larvas. Não cremos seja essa denominação uma corruptela de *caba ussú*, pois a espécie em questão é apenas de tamanho médio (12 mms.), o que não justificaria o aumentativo.

Cará — O mesmo que "A c a r á" (peixe).

Caraca — O mesmo que "C r a c a". V. Chermont de Miranda assinala esta forma como vício de pronúncia no Pará.

Caracará ou "C a r r a p a t e i r o" — Ave de rapina da fam. *Falconideos, Milvago chimachima.* O corpo é quasi todo branco (propriamente branco-sujo e nos indivíduos novos muito mesclado de penas escuras); o dorso e as azas são de côr escura, quasi preta; a cauda tem algumas faixas transversais e a ponta preta. Não é êle um gavião no sentido próprio da palavra. E', ao con-

Caracará

trário, bom amigo nosso, pois gosta de viver perto das casas, onde às vezes apanha migalhas que lhe convém, ou então está junto ao gado, montado sobre as rezes, catando os carrapatos e daí lhe proveiu a denominação "C a r r a p a t e i r o".

Também na perseguição de outras pragas o prestimoso gavião nos é útil. O sr. A. Hempel observou, certa vez, que um bando, formado por centenas dessas aves, havia "empreitado" o serviço de limpar um alfafal invadido pela "l a g a r t a d o m i l h a r a l". Não aconselhamos a ninguém que espere pelo auxílio do "C a r á c a r á", quando sua plantação estiver atacada; porém o fato observado demonstra que a ave se alimenta em larga escala de insetos daninhos. Não merece êle, pois, toda nossa proteção? Veja-se, também, sob "C a r a n c h o".

Caracará preto ou "C a n c ã" na Amazônia — Ave de rapina, *Ibycter americanus*, que se extende de S. Paulo à Amazônia. Tem certa feição de urubú, quasi todo preto, barriga e coxas brancas, papo e pés vermelhos; na cabeça as penas agrupam-se formando uma sorte de carapuça. Veja-se também sob "G e r e b a".

Caracaraí — Não sabemos ao certo a qual das aves da sub-fam. *Polyborincos* se aplica esta denominação. Goeldi, em "Aves do Brasil", destrocou os nomes vulgares "C a r a n c h o", "C h i m a n g o" e "C a r a c a r á", no que foi imitado por vários escritores, zoólogos e leigos. Em nosso "Catálogo das Aves do Brasil" (H. e R. von Ihering) tais nomes foram aplicados como aquí o fazemos; lá, porém, não figura o "C a r a c a r a í", nome êste que em S. Paulo só pode caber ao próprio "C a r a c a r á" *(Milvago chimachima)*, pois o "C h i m a n g o" é espécie mais meridional; ao "C a r a c a r á p r e t o" o nome não cabe, por ser esta espécie maior e não menor, ao contrário do que indica o *í* final (î = pequeno).

Assim, a nomenclatura: Carancho *(Polyborus)*, Caracará *(M. chimachima)*, Caracaraí *(M. chimango)*, está certa para o Rio Grande do Sul, onde as três espécies são frequentes; em S. Paulo, falta a terceira delas e, designando-se *P. tharus* como "C a r a c a r á", a denominação "C a r a c a r a í" deve caber a *M. chimachima*. Esta espécie tem o lado ventral uniforme, amarelento, ao passo que *M. chimango* a tem bruno-amarelada, com estrias longitudinais escuras.

Carachué ou "G u a r a c h u é" — Na Amazônia designa os "S a b i á s"; três espécies: *Turdus phaepygus, fumigatus* e *gymnophthalmus*. "Uirachué" é a forma original, indígena. Parece-nos que Gonçalves Dias, como maranhense, deve ter conhecido êste vocábulo, mas felizmente o mavioso poeta recorreu, em sua poesia, ao sinônimo sulista.

Carachué da capoeira — Sabiá da Amazônia, também da Baía, Norte de Minas e Mato Grosso *(Turdus fumigatus)*, de côr canela, mais carregada nas azas, quasi amarelada no ventre, garganta branca com desenho de escamas da côr geral. E' o sabiá, aliás carachué mais gabado no mercado paraense, como cantor por excelência.

Caracol — São os moluscos gasterópodes, que têm concha enrolada em espiral (veja-se, também, "C a r a -

m u j o"). Caracol designa as espécies terrestres ou da água doce; mas o *Bulimus (Strophocheilus)* que habita a mata, e a espécie que vive sobre o café, são "c a r a m u - j o s". A espécie muito comum em nossas hortas e jardins *(Helix similaris)* é importada, da Europa. Há espécies dextrorsas e sinistrorsas, sendo estas bem mais raras. Para designar qual a direção das voltas, coloca-se o ca-

Caracóis

racol com o ápice virado para cima e a abertura dirigida para o observador; ficando esta para a direita da linha mediana, a concha é dextrorsa e sinistrorsa no caso contrário. Alguns têm tampa (opérculo) de natureza córnea ou calcárea.

Carainha — Peixe do mar, segundo o registro de pesca de Paranaguá; há pequena quantidade e por isto não deverá ser da sinonimia da "c a r a n h a".

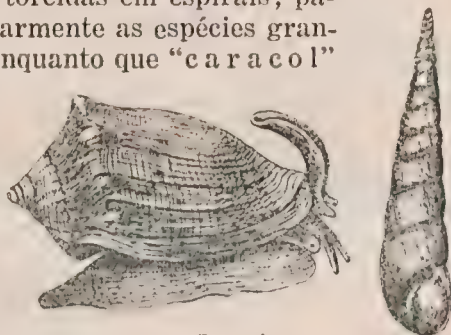
Carajá ou "B u g i o p r e t o" — Macaco do gên. *Allouata* (veja "B u g i o") *A. caraya* do Brasil central e países visinhos; os machos velhos são bruno-escuros, quasi pretos, os novos e as fêmeas são de côr pardo-amarelada.

Caramugí — Denominação baiana dada aos miriápodes *Julideos*, do gên. *Rhinocricus;* veja-se "P i o l h o d e c o b r a".

Caramujeiro ou "G a v i ã o d e u r u á" (no Norte e Amazônia) — *Rostrhamus hamatus* e *sociabilis*. Belo gavião preto, que apenas tem a base da cauda branca; parece-se muito com o "C a n c ã" *(Urubitinga)*, o qual, porém, tem pernas muito mais compridas. O caramujeiro vive em bandos, às vezes numerosos, nos campos alagadiços e junto aos rios.

Seu alimento predileto são os moluscos, conhecidos no Norte por "a r u á s" Certamente, sabe empregar meios adequados para tirar a carne do molusco de dentro

da casca, pois é ave astuciosa, como o observou o Dr. H. von Ihering. Um dêstes gaviões havia deitado as garras a um peixe "C a s c u d o" *(Loricariideo)*, porém seu bico não conseguiu virar as grossas placas ósseas que recobrem a carne. Por isto voou para um poste e, malhando repetidas vezes a presa contra o pau, aos poucos pôde desagregar a couraça do cascudo.

Caramujo — São os moluscos gasterópodes, caracterizados pelas conchas torcidas em espirais; parece designar particularmente as espécies grandes, de casca grossa, enquanto que "c a r a c o l" é aplicado aos moluscos da mesma ordem, porém de casca fina e de dimensões menores. Aqueles abrangem as formas marinhas, inclusive as espécies miúdas, que então são "c a r a m u j i n h o s".

Caramujos

Caramujo do café — Molusco *Gasterópode*, pulmonado, *Oxystila phlogera*, de 4 cms. de comprimento, de côr córnea, com desenho preto e bruno, disposto irregularmente em zig-zag nas primeiras voltas, mais direito nas últimas circunvoluções. Vive nos pés de café, e como às vezes prolifera muito, causa algum dano ao vegetal, devendo, por isto, ser catado e esmagado.

Caramujo do café

Caramujo do mato ou "A r u á d o m a t o" (ou "C u m b é"?) — Designa em especial o gênero *Strophocheilus* (antigamente *Bulimus)*, do qual há aproximadamente 40 espécies na fauna brasileira. As dimensões variam de 5 a 10 cms. de comprimento e em alguns casos atinge 13 cms. Em vida, a epiderme que reveste a casca é em geral de côr pardo-bruna, as vezes com algum desenho; morrendo o molusco, o caramujo perde a epiderme e então fica branco, permanecendo, porém o lindo colorido róseo ou vermelho do lábio da concha. E'

neste estado que mais frequentemente se encontram os *Strophocheilus* na mata.

O Dr. H. von Ihering registrou a denominação vulgar "C u m b é" (veja-se êste vocábulo) que se refere às lesmas em geral e assim é provável que o caipira designe também com o mesmo nome a casca do molusco.

Caramurú — Peixe do mar da fam. *Muraenideos*, a que pertencem as "Moreias" em geral e portanto, pode êste nome ser considerado mais ou menos como sinônimo da denominação indígena. Trata-se de várias espécies, pertencentes a diversos gêneros, principalmente *Gymnothorax*. São peixes do feitio da enguia (que aliás não existe no Brasil), mas desprovidos de nadadeira peitoral;

Caramurú

a dorsal extende-se da cabeça à cauda; não tem escamas; a dentição é forte e parece que há células produtoras de veneno, ao redor. Trata-se de um conjunto de espécies pouco diferentes no feitio, porém com colorido muito variado. Assim a classificação se torna difícil, pois também para a mesma espécie o colorido não é constante, tanto que à mais comum delas, *Gymnothorax moringa*, foram dados nada menos de dez nomes específicos, depois reconhecidos como sinônimos; além disto há mais uma dezena de espécies: *G. funebris, vicinus, ocellatus*, espécies dos gêneros *Echidna*, *Muraena*, e outros.

O. Monte (Alm. Agr. Bras., 1929) registra os nomes dados no Norte (Ceará?) às múltiplas variedades de colorido diverso: "C a r a m u r ú b a n a n a" é amarelo; "C. b o m b ó i a" preto com pintas côr de ouro; "C. c a c h o r r o" pardacento e manchado de preto; "C. j i b ó i a", a menor, amarelada e manchada de preto; "C.

m u l a t o", "C. v e r d e", "C. p i n i m a", preto e pintado de amarelo. E' de crer que muitos dêstes nomes, baseados somente no colorido, se refiram apenas a variantes. Veja-se também sob "M i r o r ó".

Há espécies que atingem grandes dimensões, chegando a medir 3,5 metros de comprimento e grossura superior à da coxa de um homem. Vivem sómente no mar, escondendo-se entre as rochas ou nos arrecifes; são puramente carnívoros.

A carne do "C a r a m u r ú" em certas zonas do recôncavo baiano é muito apreciada e, como a grande moreia é relativamente frequente, sua pescaria especializou-se de modo muito original. Devemos ao Dr. Arthur Neiva a seguinte descrição da mesma:

"O pescador, armado de uma haste flexível e longa, em cuja extremidade se acha encastoado grande anzol (conjunto êste a que se chama "bicheiro"), sonda, quando a maré baixa, as cavidades das pedras que ainda se encontram cobertas pelo mar. Logo que sente sua preza, procura fisgá-la e, conforme as dimensões do caramurú, encrava-lhe um, dois ou três "bicheiros", os quais o pescador tem enfeixados nas mãos; em seguida arranca o peixe violentamente, lançando-o então em terra firme. Não é raro encontrarem-se caramurús maiores que um homem, e êstes oferecem desesperada resistência ao pescador, mesmo quando já fora da água, pois suportam bem as condições do ar livre.

Dadas as proporções do animal, suas dentadas podem vulnerar gravemente. O caramurú tem o corpo revestido de uma mucilagem, que o povo chama de "limo"; ao preparar o peixe para uso culinário, é preciso esfregar-lhe o corpo com cinza."

Afirma o Contra-Almirante Camara que um caramurú grande, de 15 palmos de comprimento, rende até 12 garrafas de azeite.

A célebre personagem da história, Diogo Alvares Corrêa, o *Caramurú*, foi alcunhado dêste modo pelos indígenas da Baía, por ter sido encontrado entre as pedras junto ao mar. A interpretação adotada pelos nossos historiadores, quando traduzem o vocábulo como o "homem do fogo ou do trovão", é completamente errônea e fantástica. Admira, aliás, não ter de há muito prevalecido esta explicação, já fundamentada pelo P.e Jaboatão, no "Orbe Seráfico", que insiste na afirmação de ter sido o naúfrago encontrado entre as pederneiras,

habitações das moreias, e, como se fosse alguma delas e das grandes, lhe foi posto o nome *Caramurú-guassú*".

Ao partido político restaurador, que pretendia restituir o trono a D. Pedro I, foi dado o nome "C a r a m u r ú" (de 1831, desde a abdicação, até 1834, quando faleceu o ex-monarca). Veja também "M u t u t u c a".

Carancho — Ave de rapina da fam. *Falconídeos, Polyborus tharus*. Belo tipo de gavião, do corpo bruno; a parte superior do dorso e o peito mostram linhas trans-

Carancho

versais, interrompidas; a cabeça é branca com largo chapéu preto; a cauda é branca, com linhas tremidas pretas e ponta larga, também preta.

E' difícil definir em poucas palavras o modo de vida dessa ave de rapina, que nem sempre merece tal qualificativo. Às vezes, é bem um gavião, ávido por boas presas, como sejam galinhas e mesmo cordeirinhos novos, que ataca e vence em luta rápida; outras vezes, contenta-se com restos de carne que encontra, mesmo que seja preciso beliscar ossadas velhas; e até larvas, vermes e insetos, como besouros e gafanhotos, para variar também lhe apetecem. Em certas ocasiões, observa-se o carancho molestando tanto um pernalta, até que êste, no vôo, regorgite o bocado que havia ingerido, e só assim se

livrará do importuno que, aliás, só tinha êste resultado em vista; não se trata, contudo, de nenhuma novidade, pois êsse é o sistema frequentemente empregado pelas águias marinhas. O carancho prefere as regiões de campo e de pouco mato; seu andar é um tanto solene e quando levanta o topete não lhe falta certa imponência que, no entanto, não condiz com o seu modo de vida de verdadeiro plebeu.

Veja-se também sob "C a r á - c a r á" e "C h i m a n g o", dois outros gaviões um tanto semelhantes, porém menores e cujos nomes, conforme a região, são às vezes confundidos com o da presente espécie. Assim, Goeldi, em seu "Album das Aves", denomina "c a r á - c a r á" o nosso "c a r a n c h o".

Carangonço — Em Minas é sinônimo de escorpião. Denominação local.

Caranguejeira — Ordem *Araneidas*, subordem *Mygalomorphos*, subdividida em 4 famílias. Em sua generalidade são grandes, de corpo grosso, escuro, cabeludo, em especial os gêneros *Eurypelma* e *Homocomma*, cujos maiores especimens atingem até 25 cms. de comprimento, medido entre as extremidades das patas distendidas.

Em tupi seu nome é "N h a n d u a s s ú".

Distingue-se facilmente das outras aranhas pelo modo de mover as mandíbulas (quelíceros), em sentido vertical e não horizontal, como o fazem todas as outras aranhas. A caranguejeira é por todos muito temida como bicho dos mais venenosos e com justa razão, pois sua mordedura acarreta dôres violentíssimas. Contudo, a ferida sara logo, ao passo que a mordida das outras aranhas determina chagas ulcerosas, rebeldes a qualquer tratamento, que não seja o do sôro específico.

Os hábitos destas aranhas são bastante variáveis; sendo a maior parte delas terrestres, possuem, não raro, um aparelho especial, formado de espinhos muito duros, colocados na face anterior dos quelíceros e que lhes permite cavar a terra e preparar assim seu abrigo; outras caranguejeiras, desprovidas de tal aparelho, vivem simplesmente debaixo das pedras ou em fendas naturais do solo ou dos troncos; algumas fecham a entrada com um tecido sedoso. Em geral, têm hábitos noturnos.

Os Drs. Vital Brasil e J. Vellard realizaram interessantes estudos com relação às várias espécies de "C a r a n g u e j e i r a s". O gênero *Grammostola* encerra várias espécies, de quasi 8 cms. de comprimento. Alimentam-se

de pequenos vertebrados de sangue frio, como sejam rãs, lagartixas e cobras. A estas tentam apanhar pela cabeça e, si o conseguem, mantém-nas firmes, durante um ou dois minutos, que é o tempo suficiente para que o veneno injetado paralise a vítima. Começa, então, a aranha a triturar com os quelíceros a cabeça do ofídio; em seguida, também o resto do corpo, até reduzir tudo a uma massa uniforme, que depois é sugada aos poucos, ou seja durante 24 ou 48 horas, segundo o apetite. Depois de um farto repasto, a aranha deixa passar até duas semanas sem procurar novo alimento. Os autores desta observação têm tais caranguejeiras na conta de ofiófagos preciosos, por darem caça às serpentes novas.

Caranguejeira

Outra espécie estudada pelos mesmos autores é *Lasiodora curtior*. Alimenta-se principalmente de pequenos vertebrados: rãs, lagartixas, ofídios, porém nunca aceita, nas experiências de laboratório, nem camondongos nem insetos. O efeito do veneno sobre a vítima é curioso: depois de um período de agitação, sobrevém uma sorte de alucinação e movimentos desordenados (como por embriaguez). Muito sensíveis a êsse veneno são os lacertílios, que constituem o principal alimento desta aranha. Do gên. *Acanthoscuria* foi estudada a espécie *A. sternalis*, de dimensões menos avantajadas. À noite caça diversos animais pequenos, batráquios e vários insetos. O animal picado entra logo em estado de embriaguez, perde o equilíbrio e, por fim, cai em torpor. Si não morre, as perturbações nervosas permanecem durante meses.

O único caso de acidente referente ao homem, do qual os autores tiveram notícia segura, não revelou sintomas de envenenamento, a despeito dos sinais evidentes deixados pelos dois ferrões da caranguejeira, que ficara agarrada ao dedo do paciente.

Como já foi dito sob "A r a n h a", as "C a r a n g u e-j e i r a s" não tecem fios, nem armam teias. Sua vida é a dos salteadores destemidos, que lutam corpo a corpo com a vítima, arriscando a vida, por vezes, mas desprezando sempre o embuste vil; assassina, sim, mas ninguém a chamará de covarde. Os literatos não conhecem estas particularidades biológicas dos nossos animais e, assim, um dos poetas mais festejados da Academia descreveu, em lindos versos, os cuidados de uma caranguejeira, que armou sua teia para caçar um besouro dourado... E o besouro, de fato, enroscou-se na teia... imaginada pelo poeta, que empregou a denominação vulgar "c a r a n g u e j e i-r a", referente a determinado grupo de espécies, como se fosse apenas um sinônimo de "aranha desmesuradamente grande". Ao zoólogo, porém, tais deslises doem... a ponto de lhe estragarem toda a poesia!

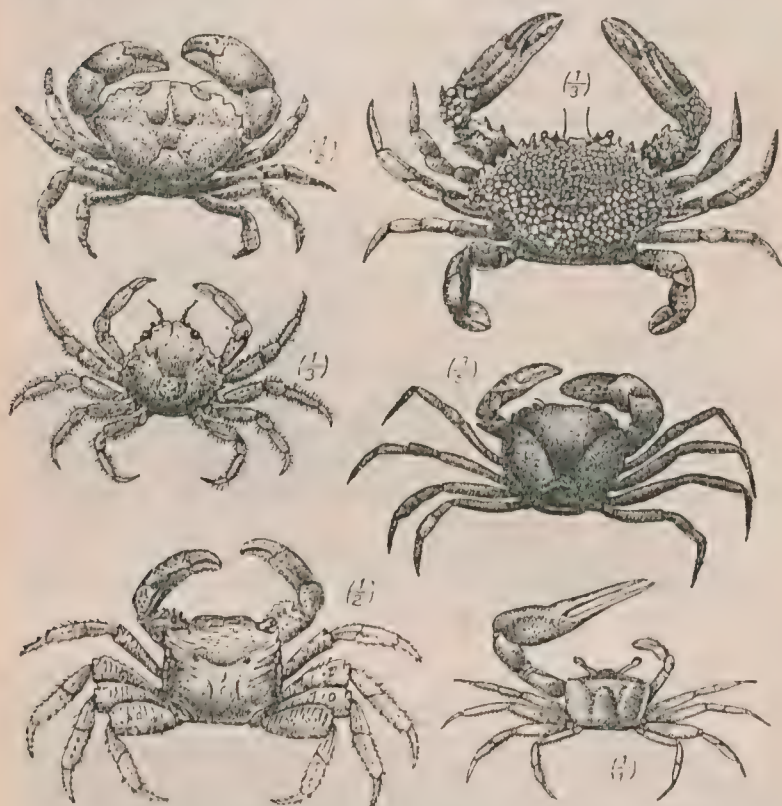
Caranguejo — Na acepção ampla designa todos os Crustáceos *Decapodes brachyuros*, isto é, crustáceos com 5 pares de pernas e abdômen completamente dobrado por baixo do cefalotórax, que é a parte central do corpo, revestida em cima por uma carapuça redonda, oval ou quadrada. São pela maior parte marinhos; poucos gêneros vivem também na água doce.

Camarões e lagostas não são caranguejos; e a zoologia popular menos rigorosa, numa quadrinha muito conhecida amplia ainda esta dúvida:

Carangueijo não é peixe - Carangueijo peixe é;
Si carangueijo não fosse peixe - Não nadava na maré!

Os carangueijos alimentam-se em parte de caça, e bastante ágeis e astuciosos são êles para poderem pegar muita caça viva; mas predileção maior têm êles pelas carniças e por toda sorte de detritos, pelo que podem ser considerados como sendo pequenos "urubús" do mar.

Segundo nos informa o Dr. A. Neiva, no recôncavo baiano o povo vai fachear os carangueijos quando êstes andam "ao atá". Dá-se isto em certas ocasiões, quando vários crustáceos, como também o guiamú, saem à noite dos seus buracos e andam pelas praias, inteiramente esquecidos do seu instinto de se conservarem nas proximidades das tócas, e então facilmente são capturados à luz de fachos, feitos com as folhas da palmeira "uricurí" (*Cocus schyzolobium*).

O modismo brasileiro, ou propriamente nortista, "andar ao atá", foi extensa e meticulosamente estudado por João Ribeiro (*A Lingua Nacional*, 1921, pag. 163). A expressão corresponde mais ou menos às formas portuguesas: andar à tôa ou às tontas. (Veja-se também sob "A t á").

Carangueijos diversos; à esquerda, em baixo, o «aratú» $(^1/_2)$; à direita: «sirí» $(^1/_3)$; «carangueijo do rio» $(^3/_5)$ e o «chama-maré» $(^1/_1)$

Denominações genéricas são: Guaiamú, Guaiá, Grauçá, Santola, Espia-maré, Sirí, etc.

Carangueijo no sentido mais restrito, como é empregado principalmente no litoral nordestino, designa a espécie *Uca cordata*, de grandes dimensões, inferior em tamanho apenas ao guaiamú. Em enorme quantidade os praieiros pegam êstes carangueijos, arrancando-os da sua tóca, no lodo do manguezal, para vendê-los às feiras, por pouco preço — mas também não é muito o que se aproveita

ao descascá-los. Podem ser mantidos, durante longo tempo, em chiqueiros, e, sendo bem alimentados, engordam.

Caranguejo do rio — Crustáceos da fam. *Trichodactylideos*, muito semelhantes aos caranguejos do mar; aqueles, porém, vivem unicamente na água doce. As várias espécies do único gênero *Trichodactylus* pouco diferem entre si e habitam em geral as águas pouco correntosas.

O nome indígena correspondente, "Guaiaúna", ainda é empregado correntemente.

Caranha — Peixe do mar, *Salema rhomboidalis*, da fam. *Sparideos*, a que pertence também o "Pargo". Corpo normal; à frente do primeiro raio da dorsal há um espinho, dirigido para frente, escondido entre as escamas. Dorsal XIII-11, Anal. III-10. A côr é esverdeada no dorso, prateada no ventre; algumas estrias douradas no lombo e uma placa negra, circular, no flanco anterior. Pertence ao mesmo gênero o "Sargo de dente".

Caranha ou "Caranho" — Vários peixes da fam. *Lutjanideos*, gên. *Neomaenis*, ao qual também pertencem os "Vermelhos". Caracteriza-os o forte desenvolvimento dos dentes caninos e as escamas, logo junto à cabeça, são grandes. A nadadeira dorsal tem 10 espinhos e 14 raios; na anal a contagem respectiva é III-8. Quasi sempre, além do colorido róseo ou vermelho, há outros tons vivos, tais como um tom esverdeado no dorso e faixas transversais ou longitudinais douradas. São frequentes nos mercados e a carne é apreciável, conquanto classificados, em geral, na 2.ª categoria.

Certa espécie, conhecida pelos pescadores por "Vermelho caranha", atinge 1^{m},50 de comprimento, com mais de 50 quilos de peso e o almirante Camara admite até 2 metros. Em Recife distingue-se como espécie diferente a "caranha de tôco" ou "dorminhoco".

Julga Miranda Ribeiro que o nome provenha da obliteração de "acará-aia" ou "cará-aia", como os indígenas denominavam esta espécie.

Caranha — Em Goiaz e Mato Grosso são peixes da água doce, que correspondem ao que na Amazônia são os "Tambaquís", e os "Pacús" nas outras regiões. ("Saranha" é peixe muito diverso).

Carão — Grande ave da fam. *Aramideos*, *Aramus scolopaceus*. O nome é onomatopaico, pronunciado pela ave "à nortista". Mede quasi 70 cms. de comprimento; o bico é forte e um pouco curvado. A côr geral é pardo-

denegrida; a fronte e a garganta são esbranquiçadas e a nuca e o pescoço posterior estriados de branco. Vive à margem dos rios e açudes, procurando à noite os moluscos aquáticos, de que se alimenta.

E' ave bastante arisca e para isto tem sua razão, pois há caçadores que a perseguem, para aproveitar sua carne.

Às vezes juntam-se em bandos de algumas dezenas e então seu vôo é o de tropa disposta em fila, um atrás do outro.

Carapá — Registrado como sendo nome de um peixe do mar, no Ceará.

Carapanã — Na Amazônia é o mesmo que "Pernilongo".

Carapanã-ôra — Denominação dada no Acre, segundo nos comunica o Dr. A. Neiva, a alguns *Ichneumonideos* (insetos himenópteros, de corpo leve e pernas longas, confundidos, provavelmente, com os *Tipulideos*), que os índios julgam ser os causadores do berne. *Ôra* é o mesmo que "*ura*", o nome indígena do berne, e, portanto, a denominação é bem o sinônimo de "Mosquito berne" (veja-se êste nome, dado a uma mosca de pernas longas e à qual o povo também atribue a origem do berne).

Carapanã-pinima — Na Amazônia é êste o nome específico de *Aedes egypti*, vetor da febre amarela.

Carapau — ou "Garapau" na Baía, como também em Portugal, designa os exemplares juvenís do "Chicharro".

Carapeba — Peixes do mar, da fam. *Gerrideos;* esta se caracteriza por ser a bôca extremamente protrátil, formando assim um curioso bico curvado para baixo, com abertura bucal muito pequena e desguarnecida de dentes. Corpo ovalado, comprimido. A "Carapeba" *(Moharra rhombea)* tem apenas 2 raios ósseos na nadadeira anal, ao passo que a "Caratinga" e o "Carapicú", pertencentes à mesma família, têm 3 dêsses raios. Todas as espécies criam-se otimamente nos viveiros do litoral nordestino, tendo a "Carapeba" a maior, até 30 cms. e a mais apreciada.

Carapeba listada — Em Pernambuco dá-se êste nome a uma outra espécie (*Eugerres brasilianus*), semelhante à precedente, mas cuja nadadeira anal tem 3 raios ósseos e que é "listada" por ter linhas oliváceas sobre todas as séries longitudinais de escamas nos flancos. Ao mesmo

gênero pertence *E. plumieri*, cujo 2.º raio dorsal é maior que o 2.º anal.

Carapiassaba — E' na Baía, o nome do lindo peixe do mar, a que nos referimos sob "B o r b o l e t a". O nome indígena foi também registrado pelo Alm. Camara, sem classificação; parece que é ainda hoje o que predomina entre os praieiros, mas Alipio M. Ribeiro só anotou "B o r b o l e t a".

Carapicú — Peixes do mar, da fam. *Gerrideos*, gênero *Eucinostomus*, que difere dos outros da mesma família (veja "C a r a p e b a" e "C a r a t i n g a"), por ter o 2.º espinho da nadadeira anal mais ou menos igual aos dois outros. As duas espécies, *E. gula* e *pseudogula* pouco diferem entre si, a segunda desprovida de escamas no sulco premaxilar.

"C a r a p i c ú s e m d e n t e" da linguagem familiar é pleonasmo, porque os carapicús, como também os corumbatás, são desprovidos de dentes bem desenvolvidos, tendo apenas pequenos dentes viliformes. Veja-se, também, "C a r a t i n g a", da mesma família. Segundo F. Villar, parece que "P r i m i t u m a" é sinônimo de "C a r a p i c ú". Em Recife distinguem-se: o assú, o branco e o pena. Tem pouco valor enquanto pequenos; os exemplares bem grandes são vendidos como peixe de primeira qualidade.

Carapina — O mesmo que "P i c a - p a u", isto é, carpinteiro.

Carapinhé — Nome onomatopaico do gavião que tem esta voz, isto é, o "C a r a c a r a í" ou "C h i m a n g o".

Carapirá — ou também "G r a p i r a", como mais geralmente se pronuncia o nome desta ave marinha.

A grafia "C a r a p i rá", que parece ser a mais etimológica, só a vimos na "Poranduba Maranhense", de Frei Prazeres.

Carapitanga — No Norte (Ceará, Maranhão), é um peixe marinho, de escamas côr de rosa, com riscas transversais esverdeadas; o vocábulo indígena significa *peixe vermelho* e, de fato, no Norte do Brasil é sinônimo do "V e r m e l h o", *Rhomboplites aurorubens*, que difere dos outros "V e r m e l h o s" (gên. *Neomaenis)* por ter pterigoides dentados e, além disto, 13 acúleos dorsais (e não 10 ou 11 como os *Neomaenis)*. E' de sua sinônimia também o "D e n t ã o". O colorido da "C a r a p i t a n g a" é vermelho vivo, mais claro inferiormente; dorso e flancos le-

vemente estriados por linhas irregulares, escuras e douradas. No Norte tem sido assinalado como alcançando um metro de comprimento e em certos meses sua pesca rende tanto como a da "C a v a l a".

Carapó — Vimos registrado em uma lista de peixes do mar da Baía, parecendo tratar-se de um *Haemulon* ("C o r c o r o c a").

(Carapopeba) — E' nome indígena, registrado por Marcgrave em Pernambuco, designando um lacertílio de três a cinco dedos de comprimento e talvez seja a espécie africana importada (a "l a g a r t i x a" *Hemidactylus);* acrescenta, porém, o naturalista do principe de Nassau, que é venenosa (!), quando, de fato, não há lacertílio algum capaz de nos fazer o menor mal. Não sabemos si hoje em dia ainda é usada tal denominação indígena, que nunca lemos em outros autores. O radical talvez seja "C a r u á".

Carará — Nome que se dá ao "B i g u á - t i n g a" na Amazônia e em Mato Grosso.

Carará - pirá — Na Amazônia parece designar uma grande ave oceânica. (A indicação *Diomedea,* portanto "A l b a t r o z", certamente é errônea, pois esta ave não chega às regiões equatoriais). Talvez pela forma "C a-r a p i r á" se ligue a "G r a p i r a".

Carataí — Peixe de couro, da água doce, da fam. *Trachycorystideos, Pseudauchenipterus nodosus,* assim denominado em Marajó (seu *habitat* extende-se, porém, até a Baía). Difere da "B u r e v a" por ter 20 raios na região anal e não apenas 10. O colorido é bruno no lado dorsal, passando abruptamente para o branco nos flancos; região umeral maculada. Não alcança um palmo de comprimento. Goeldi atribue o mesmo nome a espécies do grupo do "C u i ú - c u i ú"; "C a r a v a t í" é, segundo Kner, um bagre verdadeiro do rio Guaporé.

Caratinga — E' denominação sulina, dadas às várias espécies da fam. *Gerrideos,* que os pescadores nordestinos conhecem por "C a r a p e b a s" (gêneros *Diapterus e Eugerres).* Veja-se também "C a r a p i c ú", que pertence à mesma família.

Carauassú — E' no Maranhão uma espécie de peixe semelhante ao "C h a r é u".

Caraúna — Em Recife é peixe do mar de ínfima qualidade; há três variedades, a preta, a azul e a verde (tal-

vez apenas variante, conforme a proveniência). Mas também à *Cephalopholis fulvus ruber*, de côr vermelho-rubra com pintas claras, se dá êste nome, que aliás lhe cabe mal, pois *una* significa preto em tupí, e sendo vermelho, o qualificativo deveria ser "piranga". Veja-se também sob "P i r a ú n a".

Caraúna — No Norte o mesmo que "G u a r a ú n a" (Veja-se sob êste nome, *Plegadis guarauna)*. A etimologia indica a côr preta dêste "g u a r á", para diferenciá-lo da ave semelhante, vermelha, que é simplesmente "g u a - r á" *(Eudocimus ruber)*. Na Amazônia também pronunciam assim o nome da "g r a ú n a" (Barb. Rodr.).

Caravelas — Celenterados do mar, medusas do grupo dos *Syphonophoros;* cada espécimen representa uma verdadeira colônia, isto é, uma reunião de várias categorias de indivíduos, estando cada uma encarregada de determinado serviço em benefício da comunidade: certo número de indivíduos promove a natação do conjunto todo; outros caçam o alimento; outros defendem a colônia e outros ainda cuidam só da reprodução. São estas, de todas as medusas, as mais belas e interessantes, não só pela delicadeza do colorido e transparência de todos seus orgãos, como pela feição bizarra dos múltiplos braços e filamentos; algumas manifestam fosforescência bastante intensa. *Physalia caravella* é a espécie mais típica; aparece em algumas ocasiões aos bandos, nadando na superfície do mar tranquilo e, dando na praia, seus corpos gelatinosos são apreciados pelas tartarugas, as quais, porém, as comem de olhos fechados (Almirante Camara) "para não serem ofendidas pelas cápsulas urticantes com que estas medusas se defendem".

Caravela

Carcanha — O mesmo que "C a i c a n h a".

Cardeal — Pássaros da fam. *Fringillideos*, gên. *Paroaria*, em geral; abrange 5 espécies, de colorido preto ou cinzento em cima, branco em baixo; caracteriza-os principalmente a côr vermelho-escarlate da cabeça, aliás com penas alongadas em penacho. Como se vê, são lin-

dos ornamentos dos viveiros, onde se dão bem. Da Baía ao Ceará, em várias zonas, o cardeal (talvez *P. larvata)* é um dos pássaros mais comuns e nas ruas de certas cidades faz as vezes do tico-tico do Sul ou da "L a v a d e i r a" nordestina. (Veja-se a respeito sob "G a l o d e c a m p i n a").

Cardeal amarelo — Pássaro da mesma família do precedente, *Gubernatrix cristata*, do tamanho dos outros cardeais, tendo também, como êste, as penas do vértice alongadas em penacho. Porém a côr é verde-azeitona em cima, amarela em baixo. A garganta e o vértice são pretos; o macho distingue-se da fêmea por ter supercílio e bochechas de côr amarela, que na fêmea são brancos. E' espécie argentina, que só chega até o Rio Grande do Sul.

Cardigueira — ou, em Sergipe: "C a r d i n h e i r a". O mesmo que "P o m b a d e b a n d o".

(Cardóza) — Em Santa Catarina, como nos informou o Dr. A. Neiva, é o nome de um peixe do mar, semelhante à sardinha. Em Portugal, o mesmo nome (talvez apenas corruptela de "C a b ó z"), mais usado, designa os *Gobiideos*. Veja sob "M u s s u r u n g o".

Carí — Veja sob "C u i ú - c u i ú" e parece que só como sinônimo dos peixes *Doradideos* êste vocábulo indígena ainda se conserva em uso. Outrora, porém, na significação mais ampla, abrangia todos aqueles peixes Nematognatas que têm placas ósseas sobre o corpo, tais como os "C a s c u d o s" ou "G u a c a r í s" e assim, segundo Th. Pompeu, no Ceará às vezes ainda é aplicado. Os etimologistas parece que não concordam todos com a interpretação dada à palavra "cari-oca": "moradia dos cascudos".

Cariaponga — Segundo Rod. Garcia, designa em Pernambuco a ave da fam. *Caprimulgideos, Caprimulgus occellatus*, mais conhecida por "C u r i a n g o".

(Caricho) — Em Minas Gerais é denominação local do "V i r a" *(Molothrus)*; registrámos, porém, com dúvida, esperando confirmação.

(Caridagueres) — Segundo Goeldi êste nome, que aliás nunca vimos registrado por outros autores, parece designar certa espécie de símio, do gên. *Lagothrix*, conhecido, geralmente, por "B a r r i g u d o". (Veja-se também: "C a p a r o s").

Carimbamba — Veja sob "C h a r é u", que assim é designado na Baía, quando magro, depois da desova.

Carmim — Corresponde à "C o c h o n i l h a" (Coccídeo que fornece o corante dêsse nome) ; mas no Rio Grande do Sul parece que é aplicado ao "p u l g ã o l a n í g e r o" da macieira *(Eriosoma lanigerum)*.

(Carneiro) — Denominação portuguesa, que, designando restritamente os carunchos dos cereais, do gênero *Bruchus*, infelizmente não logrou divulgação no Brasil. Aquí confundimos essas espécies com os demais insetos que caruncham os cereais; o nome "gorgulho" não lhes cabe, pois não são *Curculionidoes*. Trata-se de espécies cosmopolitas, das quais as mais difundidas são *Bruchus obsoletus, pisorum, rufimanus*, e outros medindo cêrca de 3 mms., de corpo ovalado, pubescente, alguns com manchas coloridas; são bastante nocivos.

Carocha — Vocábulo português que primitivamente se referia aos besouros da fam. *Carabideos*. Mas o povo confunde espécies de vários feitios sob êste nome. Da mesma forma no Brasil esta designação não se refere a espécies bem determinadas. Veja-se, também, sob "V a q u e i r o". A. Neiva ouviu chamar assim no norte o que aquí denominamos caruncho e foi o que nos confirmou o Sr. E. Avila, de Tigipió. Ninguém, no Brasil, imagina que os populares "Contos da Carochinha" tenham qualquer coisa em comum com besouros.

Carqueja — Ave da fam. *Rallideos, Fulica armillata;* é o maior dos nossos "frangos d'água", medindo 45 cms. de comprimento. O colorido é cinzento escuro, com cabeça e pescoço pretos e as coberteiras inferiores da cauda são brancas. As pernas são verdes e o bico amarelo, com uma grande mancha vermelha no meio do maxilar superior.

(Carraça) — Denominação portuguesa dos *Ixodideos*, conhecidos no Brasil por "c a r r a p a t o s". Aquele nome também cabe, em Portugal, aos carangueijos do gên. *Polybius (Portunus)*.

Carrapateiro — isto é, "G a v i ã o c a r r a p a t e i r o"; o mesmo que "C a r a c a r á".

Carrapato — Aracnóides da ordem Acarinos, da fam. *Ixodideos*. Têm quatro pares de extremidades, não têm antenas e não só o abdômen não é segmentado (o que, aliás, também caracteriza as aranhas), mas ainda êste abdômen conflue com a cabeça (de modo que todo o corpo forma uma só peça arredondada, enquanto que nas

aranhas o "cephalotórax" fica separado do abdômen por uma cintura). Por êstes caracteres confundem-se os verdadeiros carrapatos com os "C. das galinhas", subfam. *Argasineos*. Para diferenciá-los basta observar o escudo dorsal, presente nos *Ixodineos* e ausente nos *Argasineos* e a cabeça que nos *Argasineos* fica escondida na face ventral. Em Portugal, os carrapatos têm o nome de "carraças". Seus hábitos são bastante uniformes, como adeante veremos (excepto o "C. do chão").

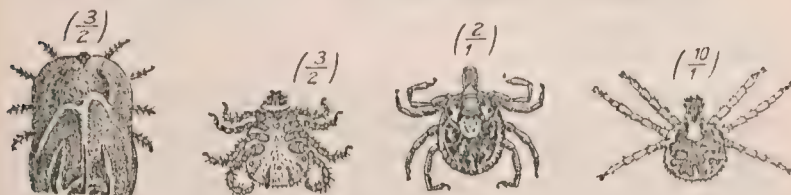
Certas espécies vivem só sôbre determinados hospedeiros; outras agarram-se ao homem como a quasi todos os quadrúpedes; há várias espécies que parasitam aves e répteis. A espécie mais comum nos nossos campos é *Amblyomma cayennense*. Como é sabido, o "Carrapato do boi" transmite a moléstia do gado chamada "Tristeza" ou "febre do Texas".

A evolução dos carrapatos é bastante curiosa: a fêmea, ao pôr os ovos, sobre os vegetais, junta-lhes uma saliva, que os cola e, marchando para trás, a mãe deixa estirada uma faixa com muitos milhares de ovos. Finda esta sua missão, a fêmea morre, ao passo que dos ovos, dentro de alguns dias ou de algumas semanas, nascem as larvas hexápodes. Estas ficam à espera do hospedeiro que lhes convenha, para realizarem a primeira sucção de sangue; conforme a espécie, as larvas, depois desta refeição, deixam-se cair ao chão ou permanecem imóveis sôbre o hospedeiro, mudam de pele e sugam, então, como ninfas octópodes, em tudo semelhantes aos adultos, porém ainda sem orifício genital. Segue-se nova sucção e nova muda, para então aparecer o carrapato adulto. São principalmente as larvas hexápodes do "Carrapato estrela" que nos molestam extraordinariamente, quando, no tempo da sêca, ao roçarmos nos arbustos das pastagens do gado, êste minúsculo "Carrapato pólvora" se apega às nossas vestes, aos milhares e logo após procura encravar sua tromba na pele, para sugar. Convém não arrancar os carrapatos, arranhando a pele com a unha, porém antes matá-los esfregando petróleo ou gazolina, pois assim se evita as "feridinhas".

Carrapato do boi — O grande carrapato *Boophilus microplus*, que pode atingir 13 mms. de comprimento. E' o transmissor da moléstia "tristeza", do gado.

Carrapato do chão — São carrapatos que, como os das galinhas, pertencem à subfamília *Argasineos* e, por-

tanto, têm a cabeça escondida na face ventral do corpo, pelo que não tem o escudo na frente do dorso. São do gênero *Ornithodorus*, que se distingue de *Argas*, no qual o dorso é delimitado lateralmente, formando um bordo saliente, ao passo que em *Ornithodorus* as faces dorsal e ventral confluem sem que haja separação. *O. rostratus* em Mato Grosso e *O. talaje* em Minas Gerais vivem, de fato, no chão e, quando precisam de sangue para se alimentar, procuram a vítima.

Carrapato-estrela — Devido ao desenho do corpo, tem êste nome os indivíduos adultos de *Amblyomma cayennense*, a nossa espécie mais comum. No Norte do Brasil, a mesma espécie tem o nome de "R o d e l e i r o" ou "R o d o l e i r o"; no Sul de Minas, "P i c a ç o" ou, em Sergipe: "C a r r a p a t o r o d o l ê g o".

Carrapato do boi, fêmea e o macho visto do lado ventral; carrapato-estrela e a forma larval, só com 3 pares de pernas

Carrapato das galinhas — Já foi mencionado mais acima; é da subfam. *Argasineos*, *Argas persicus;* vivem sobre as galinhas e outras aves e são os transmissores da moléstia "E s p i r o q u e t o s e". Não confundir com os "P i o l h o s d a s g a l i n h a s", muitíssimo menores.

Carrapato de passarinho — E' a ninfa de *Amblyomma longirostre*, que é comumente encontrada parasitando várias espécies de aves: sabiás, anús, jacús, etc. E' também conhecido por "Brinco de passarinho". A forma adulta parasita o porco espinho.

Carrapato de peixe — Em alguns peixes d'água doce, dourado, piranha e sorubim, encontram-se nas cavidades branquiais certos crustáceos da ordem dos *Branchiuros*, os quais os pescadores comparam a carrapatos. Pertencem à fam. *Argulideos;* o corpo é em geral, discoidal, muito achatado e a cauda é representada por dois apêndices vascularizados. Carlos Moreira catalogou 7 espécies da fauna brasileira, 3 do gên. *Argulus*, 3 de *Dolops* e 1 *Talaus*.

Carrapato pólvora ou "C. fogo" ou "Carrapatinho" ou "Meio-chumbo" — São as larvas e ninfas do *Amblyomma cayennense*, (veja "C. estrela"), que vivem principalmente nos pastos, no tempo das sêcas, agarrados aos galhos e de baixo das folhas, algumas vezes em enorme quantidade e que aí esperam a primeira ocasião para se passar para o corpo do animal que vão molestar como ectoparasita. "Micuim", em certos casos considerado sinônimo de carrapatinho, é cousa diferente. Mas essa confusão é tão generalizada, que o Dr. Aragão chegou a adoptar o têrmo "Mucuim escuro" para a presente espécie.

Divergimos do modo de pensar do ilustre especialista, pois não nos fica bem contribuir para que se oficialize um erro, que só acarreta confusão.

Carrapato vermelho do cão — *Rhipicephalus sanguineus*. Espécie cosmopolita; vive também sobre outros animais, além do cão.

Carriça — Em Portugal designa o pássaro *Anorthura troglodytes* e aquí, especialmente no Norte (Baía), é aplicado à espécie semelhante, que no Sul conhecemos por "Corruíra". Na Baía pronúncia-se "Garriço" e em Sergipe "Garrincha".

Caruara — Formiga assim chamada pelos índios, porque sua mordida coça como sarna e é esta a significação primitiva do vocábulo em tupí.

Caruarú — No Maranhão denominam assim os lacertílios conhecidos na Amazônia por "Jacuruarú". Veja sob "Teiú".

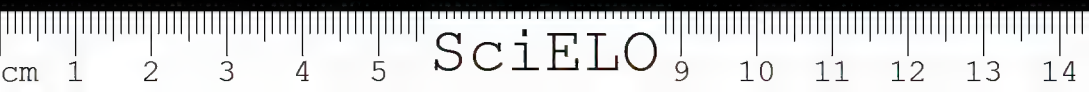
Carumbé — Quelônio às vezes considerado como espécie distinta, mas que efetivamente parece ser apenas o macho velho do "Jabotí" e cuja couraça dorsal se torna com o tempo muito mais abaulada. E' o mesmo que se dá com os machos da "tartaruga da Amazônia", que têm o nome especial de "Capitarí". Assim parece não ter razão Chermont Miranda, quando diz que se trata de uma variedade do jabotí, cujas escamas dos pés são amarelas.

Caruncho — Na acepção mais ampla abrange todos os insetos ou suas larvas, que perfuram madeira, livros, cereais etc., excluidos porém os que atacam vegetais vivos, cavando aí suas galerias, as chamadas "Brocas". (A separação, porém, não é nítida, pois a semente do mi-

lho pode estar "carunchada", mas com relação ao café diz-se que "tem broca"). Assim o caruncho pode ser Coleóptero (por exemplo, o gorgulho) e pode ser também um Microlepidóptero (traça dos cereais, *Tinea granella)*; também o entomologista não consegue estabelecer limites, pois na grande família dos *Ipideos* abundam as espécies que carunch†am a madeira e a ela pertence também a "B r o c a d o c a f é".

E' impossível enumerar aquí a enorme lista de coleópteros que perfuram os materiais acima mencionados; há espécies indígenas e muitas são importadas, cosmopolitas em geral.

Tanto o inseto adulto como as suas larvas excavam canais, alimentando-se da fina serragem ou do papelão ou couro das encadernações ou da pimenta ou do chocolate ou fumo que, segundo sua predileção, escolheram como moradia. Um dos maiores carunchos é o "das tulhas", a que adiante nos referiremos e que só se alimenta de grãos velhos, armazenados, ao passo que entre as espécies menores há algumas que mal atingem 1 milímetro de comprimento. Há madeiras que nunca são atacadas pelo caruncho, especialmente as mais duras e mais pesadas, ao passo que outras, moles como a grumixaba, são preferidas; mas o lenhador sabe que o pau, derrubado em certos meses ou fases da lua, é mais facilmente atacado e isto deve corresponder à maior abundância de seiva que atrai ou alimenta o caruncho. *Calandra granaria* é a espécie mais frequente no milho; *C. oryzae* no arroz; ambos são "G o r g u l h o s". *Bruchus obtectus, chinensis* e *4-maculatus*, redondinhos, vivem no feijão, etc. Na madeira há uma grande variedade de espécies pertencentes a diversas famílias. Para o ensino, querendo-se demonstrar o papel que desempenham as vespinhas minúsculas *(Microhymenopteros)* que parasitam os insetos, os carunchos dos cereais fornecem ótimo material de demonstração. Basta recolher, em vários frascos, algumas amostras de milho ou feijão carunchado e poucos dias depois se verá que nasceram diversas vespinhas de 2-3 mms. de comprimento, criadas à custa das larvas dos carunchos. Contudo a eficiência dêsses parasitas não é tal que se possa esperar diminuição sensível dos besourinhos, em tempo útil.

Caruncho do café — ou antes "das tulhas", é um pequeno besouro da fam. *Anthribiideos, Araeocerus fasciculatus*, de 4 mms. de comprimento, oval alongado, de antenas longas, com os três últimos artículos um tanto mais

grossos; o colorido é pardo escuro, irregularmente manchado de pontos claros e escuros, devido à pubescência dessas côres, que lhe reveste o corpo. Há muito tempo, já foi assinalado entre nós, não só como carunchador do café, como também do milho e de outros cereais. Não faz, porém, estragos consideráveis e não deve ser confundido com a "Broca do café", recentemente importada da África.

Casa de marimbondo — Veja sob "Caixa de marimbondo".

Casaco de couro — Pássaro da fam. *Dendrocolaptideos, Pseudoseisura cristata*, de aspeto de um pica-pau, com crista de penas longas e todo êle côr de couro; daí e por viver de preferência entre a vegetação de espinhos, lhe vem o nome. Faz um ninho imenso, às vezes de um metro de diâmetro, um verdadeiro amontoado de gravetos e espinhos, enfeitados com toda sorte de coisas que pareçam vistosas ao construtor: papel, pedaços de latas, casca de cobra, etc. O ninho abandonado é de novo ocupado por outros pássaros e mesmo por pombas. Segundo Goeldi o mesmo nome é dado a um pássaro da fam. *Mimideos, Donacobius atricapillus*, também chamado "Japacanim" (como aquí o registrámos). Parece-nos pouco apropriado, pois a côr da plumagem não confere com o nome. Também o "Birro" *(Hirundinea)* tem êsse nome em Mato Grosso, devido à côr da plumagem

Casaco de couro — Na Amazônia designa duas espécies de gaviões de plumagem côr de couro, como o usam os vaqueiros do norte. Um dêles é o "Gavião belo", ao qual nos referimos sob essa rubrica; o outro é *Heterospizias meridionalis*, que no Sul é chamado "Gavião caboclo".

Cascavel ou "Boicininga" do guaraní (e ainda "Mboiquira") — Cobra da fam. *Viperideos, Crotalus terrificus*, bem caracterizada por ser a única das nossas espécies que tem a cauda terminada em "guizo" (são 8 a 14 ou mesmo 20 aneis córneos, móveis, que produzem um som de chocalho, quando a serpente, irritada, os faz vibrar). Atinge no máximo 1^{m},80 de comprimento. O desenho consiste em uma série mediana de losangos, com os quais alternam outros, dispostos de cada lado nos flancos. A peçonha é a mais violenta; o soro curativo, que serve para as várias espécies de outros viperídeos (veja "Jararaca"), designado como "anti-

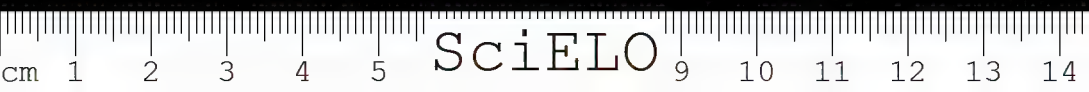
botrópico", não atua quando aplicado em acidentes de cascavel. Pode ser utilizado o soro polivalente, em dose elevada, mas o acertado é ter o "anti-crotálico" à mão. Diversamente do que sucede nas curas de outras mordeduras de cobras, no caso da cascavel há a temer recaidas e, portanto, o tratamento deve ser renovado.

A cascavel vive nos campos sêcos e evita as florestas; por isto não ocorre na zona do litoral, devido às matas da Serra do Mar bem como na Amazônia.

Cascudo — Em Portugal é têrmo de uso corrente, abrangendo todos os Coleópteros de elitros bem duros, especialmente os maiores, do tipo dos escarabeus. No Brasil, porém, esta significação não é muito conhecida, preferindo-se o termo mais geral: "B e s o u r o". Contudo no interior do país, Mato Grosso e algumas regiões do Nordeste, é têrmo usual.

Cascudo — Peixes da água doce, *Nematognathas*, da fam. *Loricariideos*, cujo corpo é revestido de placas ósseas, ásperas, às vezes com pequenos espinhos. Só aparece a pele núa no lado ventral, na barriga. Curiosa é a bôca, tôda ela situada no lado inferior, com beiço largo, arredondado e dentes com feitio de "ff". Não pegam em anzol e só são pescados com tarrafa; a carne não é de qualidade, mas ainda assim, quando o peixe é bem preparado, assado na própria casca, não é má; a sopa de cascudo é excelente. Há uma grande variedade de espécies; são "cascudos" propriamente ditos, os da subfamília *Plecostomineos*, cujo pedúnculo caudal é comprimido (mais alto que largo), ao passo que são "C a s c u d o s - e s p a d a", os da subfam. *Loricariineos*, nos quais o pedúnculo caudal é deprimido (achatado); no Rio Grande do Sul são chamados: "C a s c u d o v i o l a".

Trata-se de um conjunto de talvez 260 espécies, que às vezes diferem muito pouco umas das outras. Além disto são "C a s c u d i n h o s" as numerosas espécies do grupo *Otocinclus* e *Microlepidogaster*, miudos, de 5 cms. de comprimento no máximo, com placa temporal crivada, marginada atrás por curtos acúleos; adiposa ausente. Vivem só em pequenas águas ou entre as pedras e locas marginais dos rios maiores. (Veja também "T a m o a t á").

Há cascudos de mais de meio metro de comprimento, alguns horrivelmente guarnecidos de espinhos por todo o corpo, principalmente junto à cabeça, onde atingem alguns centímetros de comprimento.

O cascudo comum deita ovos em tócas dos barrancos; o cascudo-espada, porém, fixa-os ao ventre, de forma a protegê-los eficazmente. Por êste motivo o cascudo-espada pode limitar o número dos ovos a uma centena apenas, pois a evolução da quasi totalidade dêles está garantida; ao contrário disto, aqueles peixes que soltam os óvulos na correnteza, onde a maior parte se perde, precisam compensar essa falta de cuidado, o que fazem produzindo imensa quantidade de óvulos, como por exemplo no caso do dourado e do jaú, que dispõem de alguns milhões de óvulos. Veja estampa da pg. 582.

Cassaco — No Nordeste (Pernambuco ao Ceará) o mesmo que "G a m b á".

Cassununga — Vespa social, *Polybia vicina*, relativamente pequena (11 mms. de comprimento) de côr bruna, com pouco desenho apagado, amarelo. E' uma das espécies mais temidas pelo povo e com justa razão, não só porque suas picadas são muito doloridas, mas também devido ao grande número delas, que saem do ninho para atacar quem lhes perturba o socego. O ninho é constituido por enormes camadas de células sobrepostas, sem invólucro e sempre são construidos dentro de um abrigo, como sejam ôcos de árvores, latas, casas abandonadas, etc. Um ninho encontrado dentro de uma barrica vasia, portanto pequeno, (pois os ninhos grandes podem medir até metro e meio de diâmetro) contava cêrca de 500.000 células e abrigava talvez 100.000 indivíduos.

Tem razão, o povo, quando afirma que está sujeito a ficar morto no chão quem fôr seriamente atacado por um enchame de cassunungas. Soubemos de vários casos autênticos e, por experiência própria, podemos assegurar que é temeridade aproximar-se em dias quentes a 50 metros do ninho desta espécie. Ao contrário, com o frio, não há perigo e assim, certa madrugada de inverno fotografámos à magnesio, o teto de uma capela abandonada da roça, cujo forro estava revestido por um enorme ninho de cassununga. Há benzedores que dizem saber afugentar tais ninhos, mas no caso da capela a que acima nos referimos, tudo falhou e, por fim, só o fogo conseguiu vencer as vespas, destruindo o ninho... e a capela também!

A etimologia do nome indígena parece ser clara: "*caba cynynga*" — a vespa que zumbe; de fato é bastante intenso o ruido que êstes insetos fazem no interior do ninho.

Castanheta ou "S a l e m a f e i t i c e i r a" — Nome que registrámos em Olinda-Pernambuco, para os pequenos peixes do mar da fam. *Pomacentrideos*, semelhantes aos "acarás" d'água doce (ordem *Chromides)*, com 12 a 14 acúleos na Dorsal e 2 na Anal. Mal atingem 20 cms. de comprimento e por isto não têm valor no mercado, mas são em geral lindamente coloridos e por isto apreciados como enfeites de aquário. Nas Antilhas são conhecidos pelo nome de "demoiselles". No cativeiro perdem com o tempo as côres vivas, mas se por acaso se irritam, o amarelo ou azul reaparecem. O gênero *Eupomacentrus* abrange várias espécies; à mesma família pertence *Abudefduf marginatus*, caracterizado pelas 5 ou 6 faixas negras verticais. Esta espécie foi registrada por Marcgrave (1648) sob o nome indígena ("Iagvacagvare"), com a observação de que os lusitanos o conheciam por "Jaqueta", nomes êstes que hoje estão esquecidos. Mas nas ilhas Canárias ainda subsiste para esta família a denominação "Castanhetas", idêntica, portanto, à nordestina. Miranda Ribeiro registrou "Q u e r ê - q u e r ê" e "M a r i a m o l e".

Castanhola — Na Baía, um peixinho também chamado "B o r b o l e t a", talvez idêntico aos precedentes.

Catasol — Na Baía, os pequenos caracois do grupo dos *Helicideos* (terrestres); talvez também sejam incluidas as formas aquáticas *(Limnaea*, veja "C a r a c o l").

Cateto — O mesmo que "C a i t e t ú".

Catingueiro — Apelido dado à "C i g a n a", por causa de seu mau cheiro.

Catingueiro — Veja-se sob "V e a d o c a t i n g u e i r o".

Catita — No Rio de Janeiro é um peixe do mar, talvez sinônimo de "E n c h o v i n h a".

Catita — (subst. masc. "rato catita"), no Nordeste (Pernambuco ao Rio Grande do Norte) é sinônimo de "C a m o n d o n g o",

Catorra — Veja "P a p a g a i o", *Myiopsitta monachus*, semelhante aos "P e r i q u i t o s", mas de bico bojudo nos lados; verde, com fronte e lado ventral pardacento, ondulado e remígios azuis. E' do Rio Grande do Sul e Mato Grosso e também da Argentina; frequentemente é mantido como papagaio doméstico.

A "C a t i t a", como a ave é conhecida nas repúblicas platinas, chega a ser praga muito aborrecida dos milha-

rais e já Darwin, em 1832, soube que na Colônia do Sacramento foram mortos pelos lavradores 2.500 dêsses "bico-redondos" daninhos. Quanto ao modo de nidificar, diferencia-se esta espécie de todos os papagaios, pois ao contrário dêstes, que todos se alojam em ôcos de pau, a "Catorra" constrói ninho como a generalidade das aves, entre as forquilhas de uma árvore. E' um grande monte de gravetos, medindo até dois metros de diâmetro e com beiral, que resguarda a entrada; esta dá para um corredor, que conduz ao centro do ninho; tantas são as entradas e as respectivas câmaras, quantos forem os casais que cooperam para construir a grande "casa de apartamentos". Não são frequentes, em ornitologia, tais casos de tão íntima convivência durante o período da incubação.

Catorrita — O mesmo que "C a t o r r a", talvez mais usado.

Catraio — Veja sob "L i n g u a d o".

Catuquim — Inseto (?) da Amazònia ("Inferno Verde" de Alberto Rangel). Falta-nos qualquer outra informação, para melhor identificarmos êste vocábulo, que nunca vimos empregado por outro autor.

Caturra — Na ilha Marajó designa "diversos pequenos coleópteros", sem melhor identificação, segundo o glossário de V. Chermont de Miranda.

Cauã — Na Amazônia e também em Sergipe (como nos informou Cleómenes Campos) e portanto talvez no Norte em geral, é o mesmo que "A c a u ã".

Cauauã — No Norte é êste o nome da ave pernalta, que no Sul é conhecida por "J a b i r ú m o l e q u e"; veja êste.

Cauí — O mesmo que "C a u i c h í".

Cauichí ou "C a u í" ou "C a b i x í" — Pequenos espongiários da água doce, *(Tubella reticulata* e *Parmula batesii)*, que crescem sobre a parte submersa dos troncos dos vegetais, formando camada áspera, de côr terrosa. As espículas desprendem-se na água agitada e assim provocam forte irritação da pele dos banhistas inexperientes. Os índios às vezes misturam êste cauichí na argila com que fazem seus utensílios de cerâmica. (Informações do Sr. Paul le Cointe). No rio Madeira dão-lhe o nome "P a r a c u t a c a".

Cauintã — Na Amazônia, também "C a m e t a u" ou "U n i c ó r n e o" e "A n h u m a" do Sul.

Cauré — Na Amazônia é êste o nome do gaviãozinho que no Brasil meridional é conhecido por "T e n t e n z i n h o", denominação sob a qual descrevemos a espécie e onde aludimos à confusão que o povo faz, atribuindo a esta ave o ninho, que de fato é dos "A n d o r i n h õ e s".

Dissemos então que o Cauré, ágil no vôo como bem poucas aves, chega a perseguir até andorinhas, taperás e taperussús; êstes últimos são os "A n d o r i n h õ e s", cuja curiosa construção, semelhante aos famosos "ninhos de andorinhas", também aquí foi descrita e à qual o povo atribue predicados maravilhosos, pelo que usam como amuleto, um retalho apenas, daquele quasi feltro de semente e saliva! Mas porque atribuem ao cauré o ninho, que de fato foi construido pelo andorinhão? Êste, fugindo do feroz perseguidor, abriga-se logo em seu ninho e assim vê-se às vezes o pequeno gavião montando guarda diante da sólida construção, esperando poder mais cedo ou mais tarde, deitar as garras à ave sitiàda.

O povo, não compreendendo a verdadeira situação, julga por isto serem tais ninhos do Cauré. E' esta, pelo menos, a explicação aventada por Goeldi, quando o naturalista verificou que os ninhos de andorinhões eram apregoados no mercado de Belém como sendo "ninhos de Caurés". E para que comprariam os negros e tapuios tais ninhos, retalhados em pedacinhos de alguns centímetros quadrados? Sem muito regatear, a negra velha adquire o precioso talismã, pois sem dúvida assim lhe advirão a fortuna e a felicidade tão desejadas. Outros têm mais fé nos uirapurús; ela prefere o "ninho do Cauré" — é simples questão de palpite... ou melhor, de tradição.

Cavaco — Na Baía chamam assim as "S o l t e i r a s" grandes (Almirante Alves Camara).

Cavadeira — Denominação, talvez não muito generalizada, que no Est. do Rio de Janeiro se dá às aves mais conhecidas por "C u i t e l ã o".

Cavala branca — E' semelhante à "C. v e r d a d e i r a", porém atinge apenas metade do desenvolvimento desta e tem pintas como a Sororoca e além disto uma estria bronzeada entre as mesmas; além disto, a parte superior de toda a nadadeira dorsal anterior é negra *(Scomberomorus regalis)*. Em Pernambuco distinguem ainda duas espécies: a "b ô c a - l a r g a" e a "c a v a l a s a r d i n h e i r a".

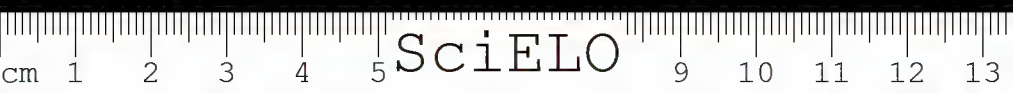
Cavala do reino — Peixe do mar da fam. *Scombrideos, Scomber colias* (corresponde ao "Maquereau" dos franceses e "Mackerel" dos ingleses). Não tem carena no pedúnculo caudal; o desenho consiste em zebruras oblíquas, subparalelas, no dorso.

Cavala verdadeira ou "C. p r e t a" ou "p e r n a d e m o ç a" — Peixe do mar da fam. *Scombrideos, Scomberomorus cavalla;* é o tipo principal do grupo, ao qual pertencem também a "S o r o r o c a", "A l b a c o r a", "B o n i t o" e "S e r r a". A côr é azul-aço em cima, branca em baixo e não tem manchas nem desenhos. Atinge $1^{m},50$ de comprimento com 20 quilos de peso; a carne é muito apreciada. Pescam-na de anzol ou de "corrico", dando toda velocidade à embarcação e a linha bem como o anzol são arrastados à tona; a cavala persegue a isca e pega de um bote. A pesca de rêde é um tanto perigosa; cerca-se o bando com a rêde e vai-se estreitando o cerco; os peixes, então, tentam escapar saltando e assim podem atingir o pescador e ferí-lo no rosto.

Cavalinho de judeu — E' o nome dado na Baía às "L i b é l u l a s". O pejorativo da denominação torna-se evidente, confrontando-a com o nome que, mais para o Norte se dá aos mesmos insetos (veja-se a seguir).

Cavalo de cão — De Pernambuco à Amazônia é êste o nome dos insetos da ordem *Odonatos*, fam. *Libellulideos*, a que no Sul chamamos "L a v a n d e i r a s". Parece que são incluidos também em tal denominação os Neurópteros da fam. *Myrmeleonideos;* êstes vivem nas terras arenosas, onde as larvas cavam um funil, em cujo fundo ficam à espera dos insetos que venham a cair na armadilha. Ainda no Norte, dá-se o mesmo nome às grandes vespas *Pepsis*. Desde logo é preciso explicar que "cão", neste caso, se refere ao "tinhoso", o diabo (palavra esta que não se deve pronunciar!). Resta saber porque as elegantes e para nós inofensivas libélulas, tem ligação com o "coisa ruim".

Cavalo marinho — Peixes marinhos da subordem *Lophobranchios*, do gên. *Hippocampus*, dos mares tropicais, representado entre nós por *H. punctulatus* e mais 4 outros. A cabeça é perfeitamente a de um cavalo fantástico; a cauda é preensil, como a do gambá e assim faculta ao peixe segurar-se às algas ou outros vegetais submersos. Os machos têm um saco abdominal, ao qual são recolhidos os ovos, até concluirem a evolução. São muito interes-

santes e por isto constituem grande atrativo nos aquários marinhos. Não têm valor econômico algum. Há outras espécies, com nadadeira caudal *(Siphostoma)* e que não têm o pescoço curvado.

Cavapita — E' a pronúncia paraguaia por "cabapitanga", isto é "vespa vermelha" ou sejam as espécies grandes do gênero *Polistes;* aquela denominação é usada também em Mato Grosso, ao passo que no Brasil meridional se diz "V e s p a c a b o c l o".

Caxinguelê — Nome provavelmente de origem africana, dado ao "S e r e l e p e", da Baía ao Rio de Janeiro.

Cazuza e "C a z u z i n h a" — E', em Pernambuco, segundo Rod. Garcia, uma espécie de vespídeo solitário, temido pela sua terrível ferroada. Parece que designa particularmente as espécies dos gên. *Bembex* e *Monedula,* em geral de côr amarela com desenhos pretos e que, reunidos às vezes às centenas, fazem cada uma seu ninho separado na areia. Sua caça predileta são as mutucas; levam-nas para o ninho, afim de servirem de alimento às larvas, as quais, ao se desenvolverem mais tarde, encontrarão essas mutucas ainda com vida latente, porém paralizadas e portanto impossibilitadas de se defender. Em Joazeiro o Dr. A. Neiva registrou a denominação "P i o l h o d e u r u b ú" para estas espécies.

(Cegonha) — Denominação portuguesa do grande pernalta *Ciconia ciconia* e que pelos colonizadores foi aplicada à espécie semelhante da nossa fauna, *Euxenura maguari,* mais conhecida entre nós por "J a b i r ú m o l e q u e" (veja êste) ou "C a u a u ã" na Amazônia. Em nosso vocabulário, "Cegonha" não tem acepção restrita.

Ceguinho — Peixe de couro Nematognata, da fam. *Pimelodideos, Typhlobagrus kronei* (que segundo alguns autores é sinônimo de *Pimelodella lateristriga),* o qual representa uma evidente adaptação ao ambiente inteiramente escuro em que sempre vive. Êste mandí encontra-se unicamente nos riachos que atravessam as grutas calcáreas do vale da Ribeira, Est. de S. Paulo, onde as trevas são absolutas; dêste modo a visão tornou-se impossível e os olhos, conquanto presentes, não aparecem, devido à pele que os cobre.

Centopéia — Na acepção mais ampla, abrange todos os artrópodes cujo corpo longo, vermiforme, seja provido de pernas em todos os segmentos; os *Diplopodes* têm 2 pares em cada segmento (veja "P i o l h o d e c o b r a");

os *Chilopodes*, um só par em cada um. Pertencem a êste último grupo as espécies mais propriamente conhecidas pelo nome de "Centopeias". Há numerosas espécies brasileiras (cêrca de 50), distinguindo-se entre elas as do gên. *Scolopendra*, algumas das quais são cosmopolitas. As maiores atingem 30 cms. de comprimento; sua mordedura é extremamente venenosa e dolorosa. E' o primeiro par de patas, ou sejam os maxilipédios que funcionam como arma de defesa; as unhas, que estão em comunicação com as glândulas produtoras de veneno, encravam-se na carne da vítima e assim injetam o líquido venenoso. Dá-lhes o povo também o nome de "Lacraias" (contudo, "Lacrau" é sinônimo de "Escorpião"). A denominação indígena "Japeussá" ou "Japurussá" parece que em parte alguma do país foi conservada em uso. E' fácil distinguir as duas famílias abrangidas na ordem dos *Chilopodos:* os *Geophilideos* têm corpo antes roliço e o último par de patas é curto; na fam. *Scolopendrideos* o último par de patas é muito desenvolvido *(Scolopendra morsitans*, aliás de vasta distribuição, por tôdas as regiões tropicais). Há ainda uma terceira família, da qual ocorre entre nós uma espécie gênero *Scutigera*, com pés muito longos, principalmente os últimos pares, parecendo-se os derradeiros com as longas antenas da extremidade oposta; vive em lugares úmidos e sombrios, dando caça a insetos caseiros.

Centopéia

Cericóia — Veja "Sericora", que é no Norte o mesmo que "Saracura" do Sul.

Cervo — Veja "Veado Galheiro".

Chabó — Amadeu Amaral, em seu "Dialecto Caipira", identifica esta andorinha grande sob "Taperáguassú". Deve, pois, ser sinônimo de "Taperussú". *(Chaetura zonaria)*. Por enquanto, só conhecemos o termo como paulistanismo.

Chaiá — O mesmo que "Tachã", sendo aquele nome de origem argentina, também com base onomato-

paica; parece-nos, porém, ser a denominação brasileira "t a c h ã", cópia mais fiel do grito da ave.

Chama-maré — Crustáceo da fam. *Ocypodideos, Uca vocator*, pequeno, pois o corpo mede apenas 3 cms. de largura e de côr azeitona ou parda, com manchinhas claras. E' um carangueijinho original, cuja tenaz, de um dos braços, é excessivamente grande, ao passo que a do outro lado é muito mais franzina. Quando está despreocupado, o pequeno crustáceo costuma brandir esta arma e, assim, parece estar chamando alguém, pois os repetidos movimentos das tenazes como que acenam, sempre na mesma direção. Daí a interpretação dada pelo povo: "si o pequeno crustáceo não insiste, a maré se esquece de voltar". A isto também alude a denominação específica, latina, ao passo que o nome genérico é o mesmo vocábulo indígena "u ç á", escrito sem cedilha, como, aliás, se acha grafado na obra de Marcgrave, em que se baseou Lineu. Veja-se, também, sob "E s p i a - m a r é". Na Amazônia, Pará, seu nome indígena é "M a r a c u a i m"; veja-se sob "T e s o u r a".

Chamichunga — No Rio Grande do Sul é corruptela, aliás mais usada pelo povo do que "S a n g u e - s u g a"; em Sergipe diz-se "C h a m i c h u g a".

Chancarona — Denominação portuguesa de um peixe do mar, que no Dicionário de Moraes é explicado como: "Pargo salgado". Marcgrave (1648) escreve "Chayquarona", como sinônimo da denominação "P i r a m b ú" da língua indígena. Tanto a descrição como a figura de Marcgrave condizem mais ou menos com alguma espécie do gên. *Cynoscion* ("P e s c a d a s"). Ainda hoje figura êste nome ou "X a n c a r o n a" na lista do pescado do Ceará, pesando os peixes 2 quilos em média; não tivemos, porém oportunidade para identificá-lo.

Chanchã ou "P i c a - p a u d o c a m p o" — Ave trepadora da fam. *Picideos, Colaptes campestris;* é uma das espécies maiores, que mede 30 cms. de comprimento; tem a fronte, o vértice e a garganta pretos; a nuca, o pescoço e parte do peito são amarelos; o dorso e a barriga são esbranquiçados, com faixas pretas transversais e as hastes das rêmiges são amarelas. E' ave dos campos e muito arisca; pousada sobre um tronco, de longe avista as pessoas que se aproximam e logo levanta vôo, gritando com voz metálica as duas sílabas que lhe deram o nome. Em geral, vive aos casais, raramente em pequenos ban-

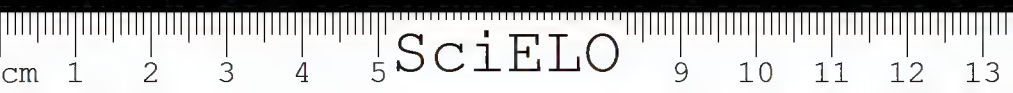
dos; sua atividade, como perseguidor de formigas, merece registro.

Changó — Na Baía dá-se êste nome (ao que parece regionalismo restrito?) aos *Engraulideos;* veja-se sob "Manjuba".

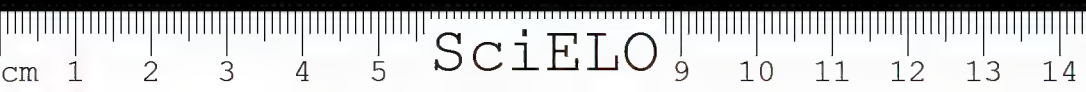
Chapéu armado ou "Cambeva" — Veja-se sob "Peixe martelo".

Chapéu armado — Denominação local de certas espécies de lagartas de mariposas da fam. *Megalopygideos*, "tatoranas", cujos pêlos estão dispostos de forma a imitarem o feitio do antigo chapéu de gala. São, em especial, as do gên. *Podalia* e algumas do gên. *Megalopyge.*

Charéu — Peixe do mar da fam. *Carangideos, Caranx hippos.* E' o tipo mais característico do seu grupo (Veja "Cherelete" e também "Chicharro"). Em Portugal designa-se como "Charréu" ou "Churréu" uma espécie congênere do "Chicharro" (veja êste); o nosso "Charéu" não foi assinalado na fauna portuguesa. Na presente espécie os escudos ósseos aparecem só na metade posterior da linha lateral, que é curva na metade anterior. A côr é azul-escura em cima, amarelada inferiormente; tem uma mancha preta no opérculo e outra na axila. Atinge quasi um metro de comprimento.

O Sr. J. Teixeira Barros descreve a "Pesca do charéu na Baía" em um interessante artigo da *Illustração Brasileira* (Junho de 1923) e daí extraímos os seguintes dados. A rêde de charéus mede, de ordinário, 800 m. de comprimento por 30 m. na parte mais larga; compõe-se de 5 partes, de feitio original e, ao todo, os 76 panos que a compõem, pesam mais de 650 quilos, só o barbante, afora 1.500 cortiças e 700 chumbadas, pesando um quilo cada uma destas. Está claro que a pescaria só póde ser praticada por um conjunto de perto de 70 homens, contratados pelo "armador" ou dono da "armação". A pesca começa nos últimos dias de Novembro de cada ano, prolongando-se até a quaresma seguinte. Prepara o lanço a jangada grande, que leva para o mar 20 blocos de pedra, onde são afundados como âncoras, presas cada uma a duas cordas, por sua vez ligadas a uma bóia de cortiça e à "passadeira"; esta é um cabo grosso que flutua, suspenso de espaço em espaço por "jangadinhas". À passadeira liga-se então a grande rêde e os amarrilhos ou "bêtas" distam 2 metros uma da outra. Formado o lanço, a parte

mais larga da rêde não toca no fundo do mar, nem tal seria necessário, pois o charéu em suas migrações anuais, de sul para norte, nada próximo da terra e na profundidade de 1 a 2 metros apenas. O peixe locomove-se sempre contra a correnteza e assim não retrocede, à procura da saida franca; acontece, porém, perder-se todo o peixe, quando um grande seláquio, também enredado, abre passagem, cortando as malhas com seus dentes aguçados. No dia seguinte ao lanço e si a maré o permite, procede-se ao arrasto da rêde. Em três jangadas seguem para o mar os cortadores de bêtas e os mergulhadores, que devem desembaraçar a rêde, si esta ficar presa no fundo. Em terra 40 arrastadores, auxiliados às vezes por juntas de bois, recolhem a rêde e, si o peixe é muito, levam 3 a 4 horas a puxar.

Para avaliar a quantidade e a qualidade do peixe, os mergulhadores "correm a rêde" de baixo da água, ao ser cortada a última bêta; em certas ocasiões não é o charéu, porém a cavala que predomina. Uma das maiores pescarias, que se fizeram nestes últimos trinta anos, rendeu, de um só lanço 1.517 charéus. O peixe chega à terra ainda vivo e antes de expirar "sapateia", dando saltos. Antigamente, o charéu era alimento só de escravos e da gente pobre; hoje, a população da capital baiana faz largo consumo dêste peixe que, simplesmente cozido ou escaldado e ainda sob forma de moquecas, é refeição saborosa. O Sr. Teixeira Barros refere-se a uns vermes brancos de 1 a 1 ½ cm. de comprimento, "que se criam no lombo e dentro dos ossos da cabeça do peixe e que é preciso retirar, pois que comunicam à carne um sabor adocicado, porém sem outro inconveniente". E' assunto que ainda precisa ser esclarecido pelos nossos helmintólogos, pelo estudo do ciclo evolutivo da larva.

Durante sua migração para o norte, os charéus estão gordos e as fêmeas fornecem ovas apreciáveis, tanto frescas como, no dizer do historiador Rocha Pitta, "salprezadas, em uma forma de prensa, onde são espremidas e depois postas a secar, com o que de amarelo se tornam rubicundas; e com êste benefício permanecem longo tempo". Depois da desova, os peixes voltam para o sul, porém magros e então são chamados "C a r i m b a m b a s". Os pescadores distinguem o "C a b e ç u d o", que, segundo alguns, é o próprio charéu, enquanto novo, ao passo que o argumento de ser êle pescado durante o ano todo, poderá confirmar a informação do Dr. A. Neiva, de que talvez se

trate de espécie diferente, congênere da "G u a r i c e m a". E', porém possível que os peixes, enquanto novos, não tomem parte na migração.

Em Recife designam os pescadores, às vezes, como "Charéu branco" a espécie congênere, aliás lá mesmo mais conhecida como "A r a c i m b o r a" ou "G u a r a c i m b o r a".

Charol — Peixe do mar, registrado na lista do pescado do Rio de Janeiro. Não temos informação a respeito; parece, apenas, pela formação da palavra, ter ligação com o "C h a r é u".

Charuto — Na Baía os pescadores designam assim as tainhas pequenas.

Chato — Inseto pertencente à mesma família *Pediculideos* como os piolhos (veja êstes). *Phthirius pubis* é parasita do homem, que se localiza a princípio nos pêlos das partes genitais; não havendo o necessário cuidado, extende-se também às axilas e mesmo ao rosto. Usam-se pomadas mercuriais, mas bastam também as lavagens repetidas com álcool ou petróleo. As lêndias ou ovos desenvolvem-se em uma semana e em 15 dias pode completar-se o ciclo de ovo a ovo. O "C h a t o" distingue-se facilmente dos piolhos, por não ter cintura entre o tórax e o abdômen; além disto, não excede 1 a 1,6 mm. de comprimento e o corpo é relativamente mais curto e mais largo.

Chauim — Na Amazônia é o mesmo que "S a g u i m".

Chave — Molusco marinho, caramujo da fam. *Cypraeideos;* a espécie mais vulgar é *Cypraea exanthema.*

Chechéu — O mesmo que "J a p i m".

Chega e vira — Denominação local dada, no Maranhão, à marreca "I r ê r ê".

Cherelete ou "C h e r e r e t e" — Peixe do mar da fam. *Carangideos, Paratractus chrysos.* E' parente próximo do "C h a r é u" e não do "C h e r n e", como o nome parece indicar. Às vezes os pescadores também dão o nome de "C h e r e l e t e" ao verdadeiro "C h a r é u" enquanto pequeno. O cherelete velho, bem grande, é conhecido por "G u a r a s s ú". O corpo é comprido, alto; o primeiro acúleo da dorsal anterior póde ser deitado para a frente, de modo a se encaixar na pele; nadadeiras dorsal e anal com os ráios anteriores formando lóbulo falcado. Caracterizam esta espécie uma nódoa preta no opérculo e

outra na axila. No mercado não alcançam o preço dos peixes de primeira qualidade.

Cherne ou "Chernete" e "Chernote" no Sul e "Serigado cherne" no Nordeste — Peixe do mar da fam. *Serranideos, Garupa nigrita;* distingue-se dos outros gêneros da família à que pertencem também a "Garoupa" e o "Mero", por ter a nadadeira dorsal dividida em duas secções. O colorido é um tanto variável nos espécimens menores, que podem ter várias séries de manchas pelo corpo; os adultos são de côr chocolate uniforme e, como o "Méro", ultrapassam 2 metros de comprimento, pesando até 400 quilos (A. Miranda Ribeiro sob *Garupa niveata).* Sabemos que um exemplar de 1^m,70 de comprimento pesou 100 quilos.

Cherne vermelho — Peixe do mar da fam. *Lutjanideos, Neomaenis aya;* veja-se "Vermelho". E' evidentemente um nome "comercial", para dar maior valor ao peixe.

Chibante — Registrámos sob êste nome dois passarinhos, um da fam. *Oxyrhamphideos, Oxyrhamphus flammiceps,* outro da fam. *Piprideos, Ptilochloris squamata.* Ambos são pássaros verdes, porém bem diversos, pois o primeiro tem topete vermelho-fogo e lado inferior amarelo com manchas pretas, ao passo que *Pt. squamata* tem vértice preto, azas e cauda denegridas, mas o lado inferior também é amarelo com linhas transversais pretas. Talvez sejam tais ornatos a razão pela qual o povo tem êstes pássaros em conta de muito janotas ou chibantes.

Chicharro — Peixe do mar da fam. *Carangideos, Trachurus trachurus;* igual nome lhe é dado em Portugal. Seu nome indígena, ainda em uso em Recife, é "Guaraçuma" ou "Garaçuma". Pertence ao grupo do "Charéu", mas tem placas ósseas em toda a extensão da linha lateral, as quais, porém, só da metade do corpo para trás possuem acúleos. Enquanto novo, chama-se "Carapau".

Têm igual nome as duas espécies do gênero afim *Decapterus,* que se distinguem pela presença de uma pínula em seguida às nadadeiras dorsal e anal. "Chicharro pintado" é o *D. punctatus,* distinguido por 10 pontos negros no tórax.

Chichica e "Chichica d'água" — Veja sob "Mucura" e "Quica".

Chico preto — Nome que no Norte do Brasil também se dá à "G r a ú n a".

Chimango — Ave de rapina da fam. *Falconideos, Milvago chimango*, do Rio Grande do Sul, que é do mesmo gênero que o "C a r a c a r á", com o qual se parece; porém o lado ventral não é claro, uniforme, mas bruno-amarelado, com estrias longitudinais escuras. Não sabemos ao certo a qual das duas espécies se aplica o nome de "C a r á - c a r a í".

Chimburé "A m b o r é" ou "T i m b o r é" — Peixe de escama de água doce, da fam. *Characideos;* abrange várias espécies da subfam. *Anostomatineos* à qual pertencem as "P i a b a s" (da nomenclatura sulina) ou "P i a u s" (do Nordeste) e com os quais muito se parecem, nunca atingindo porém maiores dimensões e o corpo é sempre mais esguio. Por êste motivo não têm melhor cotação entre os pescadores, que só dão valor aos Chimborés como isca para o dourado. Além do gênero *Anostomus* que encerra uma dezena de espécies, são abrangidos também vários outros gêneros com algumas espécies; torna-se pois impossível caracterizar resumidamente um grupo tão variado e de difícil classificação.

Chimburé

Lembraremos ainda que em 1922 foi denominada *Leporellus timbore*, por Eigenmann, uma espécie do Rio das Velhas que faz parte, agora, de uma subfamília distinta e, no entanto foi por longo tempo confundida com as demais espécies do gên. *Leporinus*. Veja-se também "S o l t e i r a".

Chimburétinga — ou, em Minas Gerais, "C a p i n e i r o" ou "P i a b a t o r t a". E' um "C h i m b o r é" grande, que alcança 40 cms. de comprimento e cujo perfil superior da cabeça é visivelmente côncavo.

Chincoã — Na Amazônia é o mesmo que "A l m a-d e-g a t o". E' tido como ave que pressagia a morte: "Um belo chincoan costumava pousar nos galhos em frente à casa e alí ficava horas inteiras a cantar alegremente o seu te.. te.. te.. te.. Aconteceu, porém, que no dia em que o Polydoro adoeceu, o pássaro deixou de trinar o seu canto de alegria, para entoar o fatídico Xin-cu-an. Vimos logo que o Polydoro não levantava desta; o malvado veio avisar-nos que meu irmão estava para morrer". (Lendas Amazônicas, J. Coutinho Oliveira). Mas também outra ave, *(Coccyzus)*, um pouco menor, de colorido pardo-bruno em cima e ocráceo em baixo, de resto semelhante ao "A l m a-d e-g a t o", é conhecido por "C h i n-c u ã" na Amazônia. Resta elucidar qual dos dois tem o "canto fatídico". Seja, porém, qual fôr o resultado desta investigação curiosa, nenhum mal deverá advir a qualquer destas duas espécies, pois ambas são utilíssimas ao agricultor. E o povo sabe disto, pois o *Coccyzus melacoryphus* é cognominado também "P a p a-l a g a r t a", e, de fato, o seu principal alimento consiste em lagartas de lepidópteros. Nos Estados Unidos, onde tais investigações são talvez a preocupação primordial dos ornitólogos, as espécies dêsse mesmo gênero de aves foram avaliadas em 10 dolares anuais, por cabeça, quando se lhes concede livre estadia na lavoura. E, efetivamente, o exame de 155 estômagos evidenciou que êstes cucos são puramente insetívoros e que 50% dêsse alimento consiste em lagartas; não é raro encontrar até 100 lagartas como resto de almoço de uma só ave. Durante a colheita, quantos inimigos da plantação um bandinho de chincoãs eliminará, sem despesa de inseticidas para o lavrador?

Chiova — O mesmo que "C i o b a" (peixe).

Choca — Designa as espécies menores de "B o r r a-l h a r a s" e na Amazônia equivale em português à denominação indígena "M b a t a r a". Abrange as várias espécies de *Thamnophilus* da fam. *Formicariideos*. São passarinhos das matas e capoeiras, cujo colorido é preto ou cinzento escuro, com variado desenho de linhas, manchas ou orlas brancas; as fêmeas facilmente se distinguem, porque o desenho, em tudo semelhante ao do macho, é, contudo, de colorido avermelhado ou amarelento.

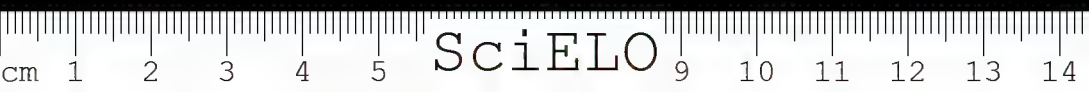
Chocão — Pássaro da fam. *Formicariideos*, *Hypoedaleus guttatus*, que é afim aos *Thamnophilus*, como aliás exprime o nome, aumentativo de "C h o c a". O macho

é preto, com manchas redondas, brancas, nas costas e no peito; o lado ventral é branco-cinzento; sobre as azas e a cauda correm estrias brancas. Na fêmea estas estrias e manchas redondas são amareladas.

(Chôco) — Denominação portuguesa, dada a certos gêneros de *Cephalopodes*, mas que não conseguiu vulgarização no Brasil. Aquí incluimos tais espécies entre as "Lulas" ou "Calamar"; em Portugal "Chôco" designa particularmente a *Sepia officinalis*, que também fornece a melhor "siba".

Chopim — Muito provavelmente esta denominação, aplicada a vários pássaros pretos da fam. *Icterideos*, deriva-se da forma primitiva "Japú" e suas alterações: Japuí, Jupuira, Japim, de onde (Jopim) Chopim. Quem procurou a origem dessa denominação no nome "Chapim", dado em Portugal a vários pássaros, evidentemente ignorava que êstes, nem pelo aspeto nem zoologicamente, podem ser aproximados aos nossos Chopins, por serem aqueles muito menores (fam. *Parideos*, extranha à nossa fauna) e, quando muito, comparáveis às corruíras. Há até, o nome "Chopim", em Portugal, designando porém um pássaro da família do pardal. A etimologia do nosso "Chopim" liga-se portanto melhor a "Japim". No Rio Grande do Sul e daí para o Norte, até Iguape, designa o *Aaptus chopi* (e é evidente que a denominação científica se baseia no nome vulgar), ficando reservado para *Molothrus bonariensis* o nome "Vira" (ou por extenso "Vira-bosta"). No Estado de São Paulo, porém, o povo destrocou a significação dêstes dois nomes e assim *Aaptus chopi* = "Vira" e *Molothrus bonariensis* = "Chopim". Já no Estado do Rio de Janeiro o povo adota a significação riograndense das duas denominações. Acrescem, porém, mais os seguintes nomes: "Pássaro preto", "Graúna", "Anum" aplicados, conforme a região, a um ou outro dêstes dois pássaros e ainda a vários outros, de colorido inteiramente preto. Como não é possível remediar tal confusão, limitamo-nos à enumeração das espécies envolvidas nesta embrulhada. a) *Molothrus bonariensis* (pequeno, comprimento da aza 12 cms., macho preto com brilho azul de aço e fêmea negro-fusca; não cria os filhos, mas põe seus ovos nos ninhos dos tico-ticos e de outros passarinhos) : é o "Vira" do Rio Grande do Sul e no Rio de Janeiro, e o "Chopim" no Estado de São Paulo. Na Amazônia é "Papa-arroz". b) *Aaptus chopi* (um pouco maior, com as penas da cabeça

estreitadas para o fim, onde terminam em ponta): é o "Chopim" no Rio Grande do Sul e no Rio de Janeiro e o "Vira" no Estado de S. Paulo. c) *Cassidix oryzivora* (grande, 18 cms. de comprimento alar, preto violáceo, com uma sorte de coleira formada por penas alongadas no pescoço): é a "Graúna" ou "Chico Preto", "Melro" e "Rexenchão". d) *Amblycercus solitarius* (aza 13 cms., preto, só o bico é branco): é a "Graúna de bico branco". e) *Crotophaga ani* (preto, dorso com brilho violáceo, comprimento alar 15 cms., o bico tem uma crista mediana alta): é o "Anú", que ninguém confunde com os precedentes; mas, em certas regiões do Rio Grande do Sul, é conhecido por "Anú" também o *Aaptus chopi*, tanto que há uma quadrinha popular: "Anú é pássaro preto — Quando canta à meia noite..." e certamente o trovador não se refere aos gritos lastimosos do Anú, catador de carrapato. "Pássaro preto" ou "Maria preta" e "Graúna" (aliás perfeitos sinônimos: *guira*-pássaro, *una*-preto), não tem aplicação bem certa, sendo usados ora para esta, ora para aquela das 4 primeiras espécies acima referidas. Mais generalizada é, porém, a acepção "Graúna" = *Cassidix*. "Gaudério" é ainda um nome vulgar que se presta a confusões. Escandalosamente gaudério (isto é, vivedor, que não cria a sua prole) é o *Molothrus*: mas êsse hábito é mal de família, pois ainda outras espécies de Icterídeos assim procedem, tendo sido observado que *Cassidix oryzivora* põe seus ovos no meio da ninhada do "Guaxe" e do "Japú".

O Chopim, na acepção paulista *(Molothrus bonariensis)*, como já dissemos, não constróe ninho próprio; aproveita-se do trabalho já feito por outros pássaros, principalmente do tico-tico, mas também vai ao ninho da Pombinha das Almas, dos Sanhaços, dos Papa-capins e dos Canários da terra. Clandestinamente aí põe seus ovos na postura já começada. Sua maldade ou astúcia vai a ponto de eliminar os ovos legítimos ou, pelo menos, inutilizá-los por meio de bicadas. E o pobre tico-tico, sem dar pela coisa, consagra todo seu carinho a êstes ovos alheios e, mais tarde, ao sairem os filhotinhos, dispensa-lhes os mesmos desvêlos como aos próprios filhos. Tendo de crescer mais, êste filho intruso também precisa comer mais e o paciente tico-tico dá-lhe as rações dobradas, algumas vezes preterindo os filhos legitimos, que não conseguem erguer-se tanto no ninho, para disputar os biscatos. Engraçadíssimo é ver-se, mais tarde, a mãe dando os primeiros

passeios com os filhinhos; si entre êles um é bem mais taludo e de outro feitio, êste é o filho do gaudério. Os naturalistas ainda não chegaram a conclusão segura quanto a um ponto assaz interessante da biologia dêste pássaro: ora seus ovos são salpicados e manchados sobre campo esverdeado ou avermelhado; ora encontram-se ovos inteiramente brancos. Diz-se que êstes são os que foram postos em ninhos fechados, ao passo que nos ninhos abertos, onde o proprietário vê a côr dos ovos, o gaudério imita a côr dos já existentes. Então, o pássaro tem influência sobre a côr dos ovos que vai pôr? Seria muito interessante adquirir certeza a respeito de tão curioso fenômeno, ligado, simultaneamente à perspicácia e à fisiologia do pássaro. (Além dos vários *Icterideos*, também alguns *Cuculideos* são gaudérios, notadamente em nossa fauna, o "S a c í"; na Europa, o Cuco). Tão conhecido é o hábito de parasita ou gaudério do *Molothrus*, que o povo já alcunha, correntemente, de "c h o p i m" os maridos malandros e preguiçosos, que vivem à custa do trabalho da mulher.

Chora lua — Denominação local do "U r u t a u".

Chora-vinagre — Certos *Celenterados* do mar, assim chamados, provavelmente, por esguicharem um líquido, comparável a vinagre. Talvez seja sinônimo de "Á g u a v i v a".

Chorão — O mesmo que "M a n d í - c h o r ã o". Várias espécies de pequenos peixes de couro, do gên. *Glanidium*. Têm êles tal nome, porque, de fato "choram" quando são pescados, imitando a voz de criança manhosa. Também entre os verdadeiros "M a n d í s" há espécies que emitem voz, quando são tirados da água, no anzol. Confirma-se, pois, mais uma vez que não há regra sem exceção: nem mesmo todos os peixes são mudos. (Lembraremos ainda, a propósito, os *Sciaenideos* do mar, como a "M i r a g u a i a", que roncam e certos "C a s c u d o s" que emitem vozes bastante intensas). Veja-se também "C h o r o l a m b r e".

Choró — Veja sob "C o r r ó",

Choró-choró — Segundo Paulino Nogueira, no Ceará é êste o nome de uma "ave pequena, cocurutada, de papo branco, costas pretas, malhadas de branco; a fêmea tem costas vermelhas".

Chorolambre — Pequeno peixe de couro da fam. *Pimelodideos, Rhamdia vittata* e, provavelmente, também

a espécie congênere *R. lateristriga*, de mais ampla distribuição no Brasil. Caracteriza-os a linha escura que vai, pelo meio do flanco, do focinho à cauda. Mas também lhe cabem as denominações genéricas "J u n d i á" e "B a g r i n h o".

Choupa ou "X o p a" — Denominação portuguesa de vários peixes do mar, aplicada na Europa a espécies da fam. *Sparideos*. Por analogia são assim chamadas, em Itaparica, as espécies correspondentes da nossa fauna, do grupo dos "P a r g o s", "S a l e m a" e "S a r g o s".

Chumberga — Nome de um peixe, conforme registrou "A Voz do Mar" n. 78, segundo informação de Gambôa do Morro de S. Paulo, Estado da Baía. Curiosa é a etimologia dêste vocábulo, explicada por João Ribeiro como sendo derivada do nome de um oficial dos tempos da invasão holandesa e que vivia embriagado; daí a locução: "estar na chumberga".

Chupa-ovo — O mesmo que "P a p a - o v o", cobra.

Chupador — Veja sob "P u l g a d'a n t a".

Chupança ou "C h u p ã o" — Veja-se sob "B a r b e i r o" e "P u l g a d'a n t a".

Chupança do cacau — O percevejo *Monalonion xanthophyllum*, da fam. *Mirideos (Capsideos)*, responsável, em parte, pela doença do cacau chamada "Q u e i m a" (veja esta).

Chupita — No Norte do Brasil, segundo O. Monte, é assim chamada a "P i r a n h a" *(Pygocentrus piraya)* quando é preta com pescoço avermelhado.

Churí — Veja sob "X u r í", sinônimo de "N h a n d ú" ou "E m a" no Rio Grande do Sul.

Ciecié — As referências que encontrámos em alguns escritos não evidenciam si essa denominação indígena ainda hoje é usada em Pernambuco. Registrou-a Marcgrave, em 1648, para designar o pequeno carangueijo do mangue, *Gelasimus maracoani*. Obtivemos, porém, um apontamento do Dr. José Gonçalves, pelo qual "C i é" designa um sirí pequeno no Norte (ubí?). Quanto ao nome da espécie, acima citado, veja sob "M a r a c u a i m".

Cigana — Denominação local da formiga açucareira *(Iridomyrmex humilis)*.

Cigana — Ave da fam. *Opisthocomideos, Opisthocomus cristatus,* espécie amazônica, comparável aos "J a c ú s". Seu colorido é amarelo e vermelho ferrugíneo, com dorso mais bruno e peito branco; a cabeça é ornada por uma touca de penas longas e acuminadas. Vive em bandos consideráveis nos terrenos alagadiços que margeiam os grandes rios da Amazônia, especialmente sobre as "aningas" *(Aracea)*. O povo também lhe dá o nome de "C a t i n g u e i r o", devido ao seu cheiro penetrante e característico, comparável, segundo uns, a esterco fresco de cavalo ou semelhante à catinga do urubú.

Cigarra — Tem êste nome na Amazônia um "P a p a - c a p i m" *(Sporophila leucoptera hypoleuca)*, que se extende também para o Sul até o Rio de Janeiro. Seu colorido no lado inferior é branco, em cima côr de rato; a cauda e as azas são pretas, estas com um espelho branco. Por ser o bico avermelhado, no Sul a mesma espécie é conhecida por "Papa-capim de bico vermelho".

(Cigarra) — Erroneamente, entre nós, os portugueses designam por êste nome os insetos aquí conhecidos por "E s p e r a n ç a s" *(Locustideos)*. Explica-se facilmente tal substituição, sabendo-se que no Norte de Portugal não ocorrem as verdadeiras cigarras *(Cicada)* e que os *Locustideos* também "cantam" mais ou menos como aquelas.

Cigarra — Os pescadores, maus entomologistas, comparam ao inseto estridulador os crustáceos da ordem *Isopodes* (portanto, afins aos *Oniscus,* "t a t u z i n h o s") da fam. *Cymothoideos,* parasitas de muitos peixes do mar e também da água doce. O corpo, em geral alongado, medindo 2 a 3 cms. de comprimento, consta do cefalotórax, de 7 segmentos abdominais e do disco terminal ou telson; na face ventral há 7 pares de pernas grossas, que terminam em garras. Algumas espécies invaginam-se na pele, como bernes; a maioria, porém, abriga-se na bôca do peixe, agarrando-se à língua.

Curiosa é a evolução destas últimas espécies. Havendo sempre um só dêstes parasitas na bôca do peixe e não podendo êle aí entrar em contato com exemplares da mesma espécie, do sexo oposto, a natureza concedeu-lhe a seguinte faculdade, deveras original: a princípio todos os *Cymothoideos* são machos; após a maturação dos orgãos sexuais, dá-se a transformação, tomando o mesmo

exemplar caracteres femininos, cujos ovos são fecundados pelo órgão remanescente, masculino.

Afirmam os pescadores de Piracicaba e de Pirassununga, com relação ao "Peixe cachorro" ou "Saicanga", em cuja bôca quasi sempre se encontra êste parasita agarrado à lingua, que o peixe morre se lhe tirarem a "cigarra". O fato é explicável, pois não é fácil retirar o crustáceo, devido aos dentes muito aguçados do peixe e como êste é muito sensível, morre logo quando fica algum tempo fora d'água.

Cigarra — Como denominação geral, abrange um grande número de insetos *Hemipteros*, da subordem *Homopteros*. Tais são, em parte, as espécies maiores das fam. *Membracideos* e *Cercopideos*, algumas da fam. *Fulgorideos* (porém com exclusão das espécies maiores ou a "Jequitiranabóia") e, finalmente, com mais propriedade, as da fam. *Cicadideos*. Todas estas formas, bastante diferentes entre si no aspeto geral, têm em comum ser a aza anterior de consistência igual em toda extensão (e não com uma parte basal mais dura, como nos percevejos); os tarsos são 3-articulados e a tromba, inserida no lado inferior da cabeça, na posição de repouso fica dobrada sobre o peito; a cabeça tem feitio especial, como que truncada na fronte, com uma parte mediana, anterior, entumecida.

Cigarra

As cigarras propriamente ditas *(Cicadideos)* têm azas transparentes, com nervuras bem salientes; há 3 ocelos no alto da cabeça. Só os machos "cantam", isto é, produzem um som estridente, não por meio de fricção, como o fazem os grilos e gafanhotos, mas servindo-se de um aparelho todo especial, situado na face ventral da base do abdômen. Duas cavidades com membranas distendidas funcionam com tímbalos, que vibram em consequência da contração brusca dos músculos.

Cada espécie tem seu canto peculiar e algumas, das maiores, fazem um barulho infernal, principalmente em dias de muito calor. Muito mais importante do que esta parte quasi poética, é a que diz respeito à sua má reputação como inseto nocivo à agricultura. As ninfas das cigarras levam às vezes vários anos para completar sua

evolução e a espécie norte-americana *Cicada septemdecim* emprega 17 anos para atingir a fase adulta. Vivem debaixo da terra, sugando raizes e é justamente para abrirem caminho subterrâneo ao longo destas, que as larvas têm as patas anteriores providas de curiosas cavadeiras; a final, emergem, fincam as unhas na casca da árvore de cuja seiva se alimentaram e saem da pele, a qual apenas se fende nas costas e permanece intacta, representando perfeitamente o corpo do inseto. E' êste o documento invocado pelo povo, quando afirma que as cigarras, às vezes, cantando em desafio, se esforçam tanto para vencer que até racham e morrem! (Veja estampa da pg. 398).

Cigarra do cafezal — Há duas espécies que foram assinaladas como bastante nocivas aos cafeeiros: *Carinetta fasciculata*, com linhas em zig-zag no tórax e *Fiducina pullata*, um pouco maior (45 mms.) pardo-escura em cima, mais clara em baixo, além de mais 2 espécies do mesmo gênero e *Quesada sodalis*. A. Hempel e ultimamente M. Lopes Oliveira F.º estudaram sua biologia e dêste último transcrevemos em resumo o seguinte:

De Novembro a Janeiro é que aparecem. Desovam nos galhos sêcos, fazendo neles com a "espada" uma incisão ao correr das fibras da madeira e largando na fenda pequenos ovos enfileirados. Passados dez a vinte dias, nasce uma pequenina larva, em forma de charuto, ainda envolvida no amnion; nessa fase (intermediária entre ovo e larva) fica pendurada a um fio, para depois se deixar cair e se enterrar, indo logo à procura das raizes, das quais suga quanto precisa para se alimentar.

De três e meio a quatro anos, a larva vive na terra, num fura-fura sem parar, de raiz em raiz; à proporção que vai crescendo, vai dando preferência às mais grossas e ao pião. A larva em nada se parece com a cigarra; é amarelada, tem a aparência de enorme pulga, com duas valentes pernas deanteiras, apropriadas para cavocar.

Como vive numa profundidade de vinte centímetros a um metro, não põe a terra, do furo que faz, para fora: empurra para os lados a terra que vai cavando, tendo o cuidado de molhar bem esta, secretando urina aos jatos. Esgotada a provisão, volta para o ponto onde formou ao redor de uma raiz uma espécie de câmara e com o rígido ferrão suga seiva até se empaturrar, indo, depois, continuar a perfuração até encontrar outra raiz em boas condições.

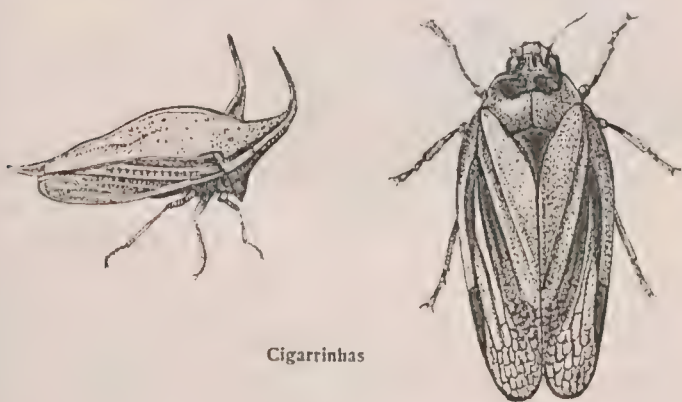
Calculem-se quantas picadas dá uma larva em centenas de raizes durante a sua longa existência subterrânea, milhares talvez. A quantidade de seiva que rouba às árvores é enorme.

Conseguimos medir uma distância de onze metros, caprichosamente percorridos, tendo verificado 23 câmaras em muitas das raizes. Esta distância, entretanto, pode ser muitíssimo maior.

Ao sair, deixa um buraco limpo, sem pôr terra para fora; a larva sobe nos troncos, agarra-se fortemente com as unhas, fica imóvel, espera a pele partir-se nas costas e dela emerge a cigarra perfeita; as azas não demoram a endurecer e então o inseto pode voar.

A cigarra dos cafezais não "canta" comprido, mas "tosse".

São, em certas ocasiões, tantas as ninfas que sugam nas raizes de um mesmo pé, que êste definha e morre. Assinalado o mal, denunciado, não raro, pelos tatús que escavam buracos junto ao cafeeiro, em procura das larvas, o único remédio aconselhável é a aplicação de formicida, cêrca de 200 cc. por árvore em vários buracos, de apenas 10 cms. de profundidade.

Cigarrinhas — Insetos prejudiciais às plantas cultivadas. Da mesma forma que o têrmo "P e r c e v e j o",

Cigarrinhas

aplicado aos Hemípteros, também "C i g a r r i n h a", abrangendo variadas famílias de Homópteros, não permite classificação compatível com o caráter resumido destas notas. Mencionaremos apenas as seguintes famílias, aquí compreendidas: *Membracideos* (cabeça abau-

lada, pernas saltígradas; as larvas envolvem-se em uma secreção, que forma espuma); tais são as espécies do gên. *Tomaspis*, muito prejudiciais à cana de açucar. Os *Psyllideos* (aza anterior coriácea, antenas longas, 10-articuladas, pernas traseiras saltígradas) determinam galhas nas folhas de várias plantas.

Cioba ou ("S i o b a") ou "C h i o v a" — Peixe do mar da fam. *Lutjanideos*, do mesmo gênero da "C a r a n h a" e do "V e r m e l h o". *Neomaenis jocu* é uma das espécies assim denominadas na Baía; o colorido é oliváceo no lado dorsal e vermelho-cúpreo nos lados; várias faixas transversais escuras ornam os flancos. No Ceará, segundo Paulino Nogueira, o mesmo nome designa uma espécie semelhante ou "C a r a p i t a n g a", porém de côr mais roxa; a carne é excelente. *Neomaenis synagris*, cuja dorsal tem apenas 12 (e não 14) ráios moles, é semelhante e tem uma grande mancha negra no meio do flanco. (Veja sob "V e r m e l h o" e também "C i o q u i r a").

Cioquira — Em Pernambuco dá-se êste nome às "C i o b a s" enquanto novas e também às espécies de *Neomaenis* de porte mínimo. Da mesma forma: "S i o b i n h a", "S i r i r i c a" ou "P i r á - s i r i r i c a".

Cipó sêco — O mesmo que "B i c h o - p a u" *(Phasmideos)*.

Cisne — Nome de ave européia, às vezes aplicado às duas espécies da nossa fauna, conhecidas por "P a t o a r m i n h o" e "C a p o r o r o c a".

Coandú ou "Q u a n d ú" — Em Mato Grosso, na Amazônia e no Ceará é a denominação corrente, do roedor conhecido no Sul só por "O u r i ç o c a c h e i r o". Também se pronúncia "C u a n d ú". Às vezes, também os "R a t o s d e e s p i n h o" ou "T o r ó" (gên. *Loncheres)* são confundidos sob o mesmo nome. Digna de registro é a seguinte frase cearense, que efetivamente exprime grande heroismo: "Tem coragem de matar coandú com a bunda" (Leonardo Motta). Ainda no Ceará dá-se o nome de "coandú" aos pés novos da palmeira Carnauba, muito espinhentos.

Coatá — Macacos da Amazônia, do gên. *Ateles*, grandes, de 1,35 cms. de comprimento, e que se caracterizam pelas extremidades e cauda desproporcionadamente longas, (esta última perfazendo mais da metade do comprimento

total). *A. paniscus* é preto; *A. variegatus*, também chamado "M a q u i ç a p a", tem o lado ventral brancacento; uma terceira espécie, *A. marginatus*, é semelhante à primeira, distinguindo-se por ter a cabeça em cima clara. Deixam-se domesticar facilmente e, apezar de terem caras de velho, muito rugada, são joviais e cômicos, o que condiz bem com o físico desengonçado. Gabam os caçadores sua carne como sendo a melhor caça da Amazônia.

Coatá

Coatí ou "C u a t í" — Carnívoro da fam. *Procyonideos, Nasua narica.* As dimensões dêste animal são as seguintes: comprimento do corpo, 70 cms. e da cauda 55 cms. A côr geral é cinzento-amarelada, mais clara nos lados e um tanto ruiva na barriga. Na cara destacam-se duas riscas brancacentas e algumas manchas arredondadas ao redor dos olhos; as orelhas têm margem amarelada; o focinho e os pés são pretos. Característicos são os 7 ou 8 aneis claros, alternados com outros, pretos, ao longo de toda a cauda. Mas há muita variação neste colorido, conforme a idade e, talvez, de acôrdo com a região em que vivem, de modo que poderá haver subespécies a distinguir. Os caçadores distinguem o "C o a t í   m o n d é u" dos "C o a t í s   d e   v a r a", mas aquele não é sinão o macho velho da mesma espécie, que vive desgarrado da vara. Reunidos em número de 10 a 20, percorrem a mata de dia, em geral trepados nas árvores, em procura de alimento, que consiste tanto em pássaros, ovos e insetos, como em frutas; também foçam o humus a

procura de vermes e larvas; de quando em quando invadem o milharal, causando grandes estragos. Perseguidos pelos caçadores, procuram salvar-se trepando nas árvores; mas, si desta forma não conseguem fugir, ao primeiro tiro todos êles se deixam cair ao chão, o corpo embolado, com o focinho abrigado entre os braços, porque essa sua tromba é extremamente sensível. Atacado sem poder fugir, o

Coatí

coatí defende-se com valentia e seus dentes, muito fortes, são armas perigosas. Acostuma-se ao cativeiro, mas é menos interessante do que seria de esperar e, além disto, tem forte catinga. Gosta de lavar-se com sabão e aprecia ainda mais uma outra invenção do homem: o galinheiro, onde gosta de procurar ovos e comer as aves.

Coatí-mondéu — Veja supra; são os coatís velhos, que levam vida solitária, provavelmente destronados da chefia da vara.

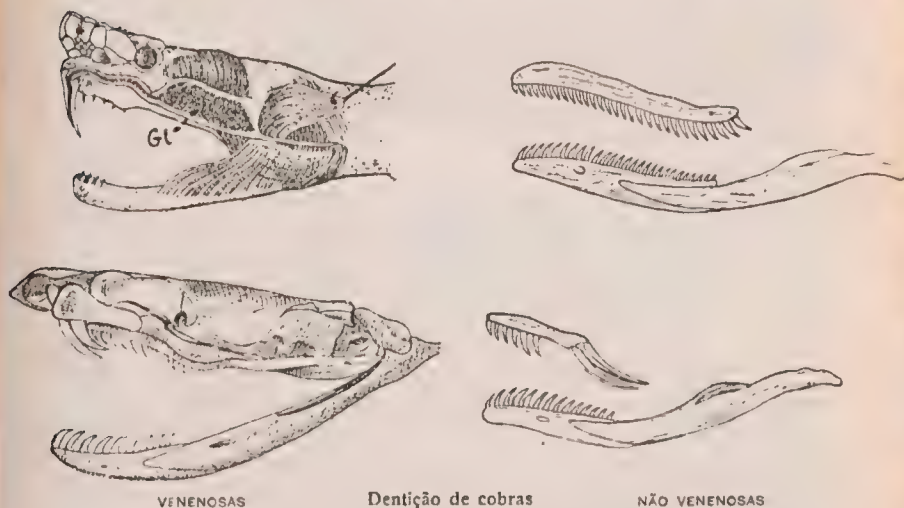
Coatí de vara — São os que vivem em bando; essa nomenclatura dos caçadores não se baseia, porém, em distinção específica, como alguns pretendem.

Coatíaipê ou "C o a t i m i r i m" — Em Pernambuco é o mesmo que "S e r e l e p e".

Coatiara ou "B o i c o a t i a r a" — Serpente da fam. *Viperideos, Bothrops coatiara;* é mais ou menos igual à "U r u t ú", distinguindo-se, porém, por ter o desenho em forma de ferradura menos acabado que esta; também o desenho da cabeça não é tão completo. O número de escamas ventrais é menor (155 a 161) e o das subcaudais maior (47 a 52) do que em *B. alternatus*, "U r u t ú" (180 e 40 respectivamente). Pode-se dizer que representa um meio têrmo entre urutú e jararaca. Algumas vezes o nome "C o a t i a r a" é atribuido à própria urutú.

Coatípurú — Na Amazônia é o mesmo que "Serelepe".

Cobra — Abrange todos os Répteis da ordem dos *Ophidios*, representada no Brasil por 7 famílias, que compreendem, ao todo, cêrca de 210 espécies, de acôrdo com o Catálogo de Afranio do Amaral, 1936. E' fácil a caracterização da ordem; contudo, há representantes de outros grupos, que são confundidos com as cobras. Assim, há as "cobras de duas cabeças" (veja estas), certos lacertílios ápodes ou apenas com minúsculos rudimentos de extremidades, chamados "Cobras de vi-

VENENOSAS — Dentição de cobras — NÃO VENENOSAS

dro", e mesmo o pequeno grupo de anfíbios ápodes, "Cobras-cegas". Mas basta um exame mais atento, para desfazer tais enganos. De resto, os ofídeos constituem um grupo bastante homogêneo e, apenas a título de descrição anatômica, mencionaremos que os grandes *Boideos* (jibóia e sucurí) mostram vestígios de extremidades posteriores. A subdivisão em 7 famílias é a seguinte: *Typhlopideos* e *Leptotyphlopideos* (outrora *Glauconideos*) compreendem espécies sem maior interêsse e quasi podem ser confundidos com vermes; *Ilysiideos*, apenas com uma espécie brasileira da Amazônia; *Amblycephalideos* com uma duzia de espécies na nossa fauna e que, ao que parece, se alimentam unicamente de lesmas *(Vaginulus)*. Estas duas últimas famílias diferenciam-se das seguintes por não terem o sulco mediano, tão característico, que

nas outras famílias separa simetricamente as escamas do maxilar inferior. *Boideos* são as cobras gigantescas: Sucurí, Jibóia, Ararambóia. *Viperideos* são as verdadeiras serpentes venenosas que, em vez de grandes escudos simétricos, têm escamas miudas na cabeça; abrindo-se-lhe a bôca, vêm-se no maxilar superior as grandes presas, por meio das quais injetam o veneno na carne das vítimas. Trataremos destas espécies sob "C o b r a s v e n e n o - s a s". Finalmente, a fam. *Colubrideos* compreende as espécies restantes e subdivide-se em: a) *Proteroglyphos*, com o primeiro dente do maxilar superior desenvolvido em pequena dentuça (veja "C o b r a c o r a l"); b) *Opistoglyphos*, com um ou mais dentes posteriores do maxilar superior mais desenvolvidos e sulcados e *c) Aglyphos*, com todos os dentes mais ou menos iguais e nenhum dêles é sulcado.

As cobras, em sua grande maioria, são ovíparas ou ovovivíparas, isto é, pôem ovos em estado de desenvolvimento já bastante adiantado, de modo que não precisam ser chocados, pois dentro de poucos dias ou mesmo logo ao serem postos, nascem as cobrinhas, já perfeitamente constituidas. Algumas são vivíparas, como as serpentes. Alimentam-se unicamente de animais vivos, vertebrados ou também insetos, vermes, etc. De acôrdo com uma crendice popular, muito difundida as cobras gostam de leite, pelo que vão mamar nas vacas ou mesmo no seio das mulheres (e, para que o bêbê não acorde, a bicha esperta põe-lhe a ponta do rabo na bôca!). Explica-se, porém, facilmente a origem dessa crença: esmagando o corpo de uma cobra fêmea, a albumina dos ovos escorre, como si fosse leite coalhado.

Cobra d'água — Nome dado indistintamente a várias espécies de cobras da fam. *Colubrideos*, que vivem de preferência na água: *Liophis miliaris*, a maior, verde-escura, reticulada, devido a serem os bordos das escamas mais escuros; atinge 1 metro de comprimento. São cobras muito mordedeiras e mesmo os espécimens recém-nascidos já ameaçam com a bôca quando se lhes aproxima o dedo. Contudo, nem mesmo os adultos, de bom tamanho, conseguem varar nossa pele com seus dentes curtos e fracos.

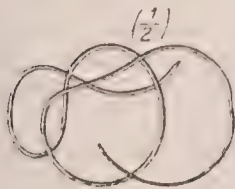
Helicops, com diversas espécies adaptadas à vida aquática, caracteriza-se pela feição peculiar da cabeça, com narinas e olhos colocados em nível muito mais alto do que nas outras cobras e à semelhanca dos jacarés. São tôdas inofensivas e tímidas. No Rio Grande do Sul é conhecida, também, por "C o b r a l i s a". Alimenta-se do

que consegue caçar na água, tanto larvas de insetos, como sapos e até peixes, que procura debaixo da água, mergulhando durante longo tempo e perseguindo a caça com a bôca aberta. E' muito mansa e não tenta morder, nem mesmo quando agarrada com a mão.

Cobra do ar ou "Cobra de aza" — No nordeste do Brasil designam assim o inseto "Jequitirana-bóia".

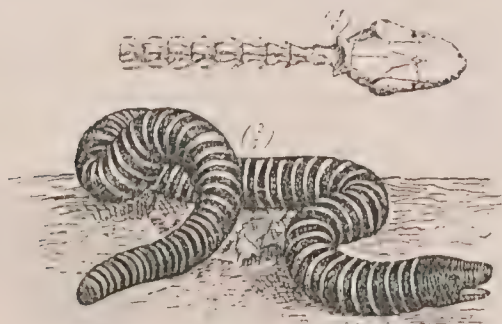
Cobra de duas cabeças — ou, na Amazônia, "Mãe-de-saúva" e em tupí "Ibijára". São répteis lacertílios da fam. *Amphisbaenideos.* O naturalista distingue umas 24 espécies, pertencentes aos gêneros *Amphisbaena* e *Lepidosternon;* mas, à primeira vista, parecem ser tôdas iguais, simples minhocas grandes, de cauda grossa e romba como a cabeça (e foi isto que determinou a escolha do nome). São de côr pálida amarelada, em consequência da vida subterrânea que levam e foi também esta a causa da atrofia quasi completa dos olhos, bem como da perda total das extremidades. Encontram-se frequentemente nos formigueiros (daí "Mãe-de-saúva").

Cobra de duas cabeças e mais uma cabeça de uma espécie diferente

Ainda não está, ao que parece, de todo bem elucidado qual o alimento principal dêsses lacertílios. Dizem alguns autores que a "mãe-de-saúva" come os seus hospedeiros, ao passo que outros lhe atribuem predileção por aranhas. São de todo inofensivas, mas o povo lhes tem medo, porque "dizem que picam com a cauda". Não se confunda êste réptil com o anfíbio semelhante "Cobra cega".

Cobra de cabelo

Cobra de cabelo — Nome que impropriamente foi dado aos vermes da fam. *Gordiideos*, semelhantes a fios de cabelo; efetivamente, medindo apenas 1 a 2 mms. de diâmetro, alcançam 1 a 2 metros de comprimento; a côr, em geral, é bruna. As formas larvais são parasitas de larvas aquáticas de insetos, em cujo corpo per-

manecem, até o hospedeiro ser ingerido por outros insetos carnívoros, para só então chegaram à maturação. Em seguida abandonam êste segundo hospedeiro, passando a viver livremente na água doce. E' a êstes vermes que se refere a afirmação do leigo, quando diz ter visto "cabelo de mulher, vivo" na água.

Cobra cega — Anfíbios da ordem *Gymnophionos*, fam. *Caeciliideos*. A única coisa que as poucas espécies desta família têm de interessante, é serem verdadeiros anfíbios, quando à primeira vista se julgaria serem ver-

Cobra cega

mes ou, então, facilmente podem ser confundidos com os répteis chamados "Cobras de duas cabeças" (veja estas).

Além das diferenças anatômicas que separam os anfíbios dos répteis, há um caráter que permite distinguir de pronto as duas formas; a pele da "Cobra de duas cabeças" é sulcada tanto em sentido transversal como longitudinalmente, formando uma sorte de reticulação, ao passo que a "Cobra cega" (anfíbios) tem só um determinado número de aneis largos e os segmentos assim formados são lisos, reluzentes. Vivem na terra como as minhocas, alimentando-se de larvas, vermes e outros bichinhos.

A classificação baseia-se em minúcias da anatomia, o que não nos permite dar aquí a diferenciação dos vários gêneros (pelo menos 4), dos quais o mais frequente é *Siphonops*.

Devemos agora mencionar outro grupo de animais vermiformes, que o povo ora confunde com as "cobras cegas", ora com minhocas. São os pequenos répteis das

famílias *Typhlopideos* e *Leptotyphlopideos* (outrora *Glauconideos)* que, zoologicamente, fazem parte da ordem dos *Ophidios*, mas de aspeto tal, que a desorientação do leigo se justifica. Anatomicamente as 10 espécies de um palmo ou pouco mais de comprimento, brancacentas ou pardas, são cobras, providas de escamas regulares como as demais, porém a dentição é incompleta, faltando ou no maxilar inferior *(Typhlopideos)* ou no maxilar superior *(Leptotyphlopideos*, com grande escama preanal). Pouco se sabe de sua biologia, porque vivem escondidas na terra e raras vezes atravessam a estrada ou o campo limpo.

Recapitulemos os caracteres que distinguem os 3 grupos de "cobras vermiformes": 1) Anfíbios, com tegumento sulcado transversalmente ou seja com aneis largos: "Cobra cega"; 2) Répteis, sendo a) com tegumento reticulado, com sulcos transversais e entre êstes com numerosas linhas perpendiculares aos sulcos: "Cobra de duas cabeças"; b) com revestimento de verdadeiras escamas em séries oblíquas *(Typhlopideos* e *Leptotyphlopideos)*.

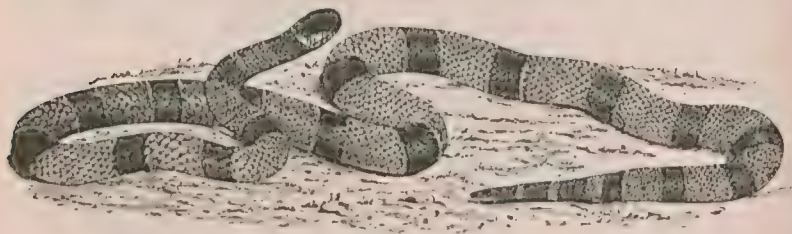
Cobra chupa-ovo — Veja-se "Papa-ovo".

Cobra cipó — E' denominação genérica, que designa muitas espécies de cobras da fam. *Colubrideos*, de côr verde ou com esta côr predominante: são compridas e delgadas, muito ágeis, tanto sobre a terra, como trepadas nas árvores. Mas são tímidas e inofensivas.

Cobra cipó

A definição contida no nome vulgar permite a inclusão de variados tipos de cobras, pertencentes não só a gêneros diferentes, mas até as duas subdivisões da fam. *Colubrideos*, "aglifas" e "opistoglifas" (veja sob "Cobras" em geral). Assim, são cobras-cipó as *Drymobius* (anteriormente *Herpetodryas)* das aglifas, de mais de um metro de comprimento, com cauda muito longa e fina e espinha

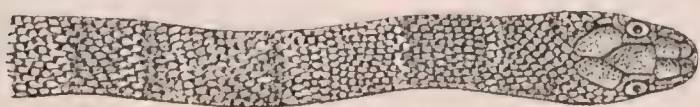
dorsal formando quilha no dorso. As espécies do gên. *Philodryas*, do grupo das opistoglifas, também são arborícolas e por causa da côr verde são identificadas com as "C i p ó s". Vê-se por aí que o termo não tem valor classificativo e que abrange qualquer cobra fina, ágil, de côr mais ou menos verde e que saiba trepar em árvores. Na Amazônia parece que o povo não conhece esta denominação, correspondendo-lhe os nomes "B o i o b í", "A c u t i m b ó i a", "S a c a i b ó i a", "A r a b ó i a".

Cobra coral — "B a c o r a l" ou "B o i c o r á" e que o índio conhecia por "I b i b o b o c a". Cobras da fam. *Colubrideos*, do grupo das *Proteroglyphas* (veja sob "C o b r a"). O único gênero brasileiro, *Micrurus (Elaps*, antigamente), abrange 11 espécies, nas quais sempre predomina o vermelho-coral, com aneis pretos e que em

Cobra coral

algumas espécies são alternados com outros de côr amarela. São cobras venenosas, cuja glândula produz uma secreção tanto ou mais ativa que a dos *Viperideos*. Porém são raros os acidentes ocasionados por estas espécies, porque a cabeça, mesmo de exemplares de $1^{m},50$ de comprimento, é relativamente pequena e a dentuça não é suficientemente grande para poder encravar-se nas carnes.

As mais comuns no Brasil meridional são *M. corallinus* (aneis vermelhos e pretos, alternados em igual distância), *M. frontalis* e *lemniscatus* (aneis pretos de 3 em 3, com dois aneis amarelos entre si, sendo êstes grupos mais largos que os aneis vermelhos que os separam), a primeira com a cabeça quasi toda preta, a segunda com desenho mais aberto. Todas as espécies vivem escondidas na terra ou em cupins e alimentam-se principalmente dos répteis chamados "C o b r a s d e d u a s c a b e ç a s".

Cobra coral falsa — Há várias espécies de cobras que, pelo colorido, se assemelham às corais verdadeiras, venenosas. Há Opistoglifos, como *Erythrolampus* (com

2 dentes sulcados posteriores) e Aglifos, tais como *Pseudoboa trigemina, Elapomorphus tricolor* e principalmente várias espécies do gên. *Atractus*, que, além de se parecerem com *Micrurus*, também têm hábitos subterrâneos.

Cobra coral falsa

Para diferenciar estas, não venenosas, da "C o r a l" verdadeira, é preciso examinar a dentadura: em geral, as não venenosas têm olhos grandes, uma constrição atrás da cabeça formando pescoço e a cauda é fina e alongada.

Cobra corre-campo — No Ceará é *Chlorosoma nattereri* (veja "C o r r e - c a m p o").

Cobra corredeira — Veja sob "C o r r e - c a m p o".

Cobra-lisa — No Rio Grande do Sul dá-se êste nome à "C o b r a d' á g u a" do gên. *Rhadinaea*.

Cobra nova ou "J a r a r a c a d o b a n h a d o" — Da fam. *Colubrídeos* aglifos, *Drymobius bifossatus*. Atinge 2 metros de comprimento; a côr geral é pardo-avermelhada, com aneis mais escuros e bordos de forma irregular, em losângulos. Êste desenho é precedido no terço anterior do corpo por linhas amareladas, longitudinais. Vive em lugares úmidos, junto aos rios e brejos, porque prefere os sapos a qualquer outro alimento. Daí seu nome "j a r a r a c a d o b a n h a d o" no Rio Grande do Sul. E' ágil e de movimentos bruscos e temperamento agressivo; porém, ainda que chegue a morder, não causa nenhum mal, pois os dentes são curtos e apenas podem arranhar a pele.

Cobra-papagaio — Na Amazônia é usado no mesmo sentido como "S u r u c u c ú - p a t i o b a", aliás lá também empregado. Veja "J a r a r a c a v e r d e". Segundo Afranio do Amaral, seria a "A r a r a m b ó i a", isto é, *Boa canina*.

Cobra preta — Por ser semelhante à "M u s s u r a n a", a presente espécie, *Rhachidelus brazili*, de gênero afim àquele, foi durante algum tempo confundida com a verdadeira espécie ofiófaga, que dá combate às serpentes. A "C o b r a - p r e t a", porém, alimenta-se principalmente

de pássaros e portanto é antes nociva, ainda que inofensiva ao homem. Diferencia-se do gên. *Pseudoboa* por ter 25 séries de escamas.

Cobra-rainha — De côr coral, com uma espécie de corôa na cabeça (?).

Cobra S. João — De côr verde esmeralda (?).

Cobra-tapete ou "Surucucú tapete" — E' como no Estado do Rio de Janeiro se designa a "Jararacussú".

Cobra de veado — Segundo certas informações, ainda que vagas, parece ser sinônimo de "Jibóia", no Norte. Afranio do Amaral identifica-a como *Boa hortulana*. (Veja "Arambóia").

Ao contrário, um nosso amigo, que fôra juiz durante alguns anos no Acre, trouxe de lá uma pele de "Sucurí" e que, naquela região pelo menos, é a "cobra-de-veado", que vive na água e onde apanha os veadinhos quando êstes vêm beber.

Cobras venenosas — Em nossa fauna há dois grupos distintos de cobras venenosas: a fam. *Crotalideos* com os gêneros, *Lachesis*, cuja única espécie é a "Surucucú, *Bothrops*, êste com numerosas, cêrca de 24 espécies e subespécies, que o índio distinguia como "Coatiara", "Jararaca" e "Urutú" e o gênero *Crotalus*, com uma só espécie, a "Cascavel". A outra família, *Elapideos*, com o gênero *Micrurus* (antigamente *Elaps)* abrange cêrca de 15 espécies, todas elas conhecidas por "Cobras coral".

A nomenclatura científica distingue cobras "aglifas" (sem dentuças) e "opistoglifas" (com dentuças na extremidade posterior do maxilar superior); todas as cobras dêstes dois tipos não possuem veneno. Ao contrário são providas de glândula produtora de veneno as cobras cuja dentição é "proteroglifa" (com dentuça pequena, caniculada, na extremidade anterior do maxilar superior = *Elapideos)* ou com dentição "solenoglifa" (dentuças grandes, canaliculadas, anteriores = *Crotalideos)*, já mencionados, linhas acima.

Praticamente distingue-se os *Elapideos* pelo colorido característico e, para reconhecer si a "Coral" é falsa ou verdadeira, examina-se a dentição, que na coral falsa pode ser do tipo aglifo ou opistoglifo; só as espécies do gênero *Micrurus* são proteroglifos. Os *Crotalideos* têm todos o seguinte caráter, que compartilham somente com

os *Boideos* (êstes porém desprovidos de dentuças e de veneno) : a cabeça não apresenta, na parte superior, suturas simétricas de um reduzido número de placas e escudos, como se verifica nos demais ofídeos, mas é toda revestida de escamas pequenas, alinhadas em séries oblíquas; além disto há, entre a narina e o olho, uma covinha, como a não tem nenhuma outra cobra não venenosa.

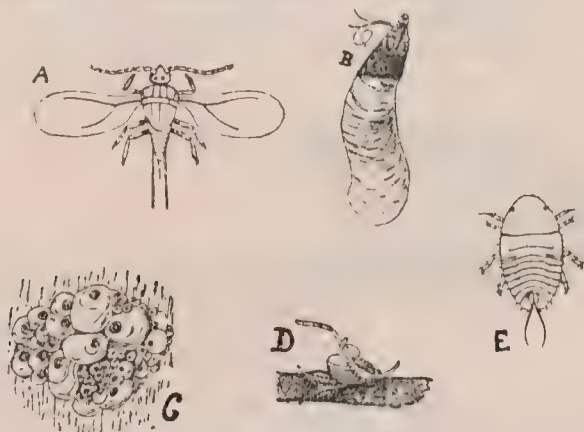
Cobra de vidro ou "Licranço" — Réptil lacertílio da fam. *Anguideos, Ophiodes striatus,* de tom azulado, principalmente na barriga e com numerosas linhas finas e muito unidas, que se extendem da cabeça à cauda. Parece-se com cobra, porque das extremidades só restam vestígios das posteriores e dizem ser de vidro, porque

Cobra de vidro

quebra tão facilmente, que é raro apanhar-se um exemplar completo; a cauda partida regenera-se, mas sempre fica aparecendo o defeito. Também em Portugal a espécie correspondente *(Anguis fragilis),* tem aqueles dois nomes vulgares. E tanto lá como cá o povo jura que tais "cobras", depois de partidas em vários pedaços, facilmente se refazem, juntando os pedaços, que grudam tão bem uns aos outros, que ninguém percebe o desastre. Tal fantasia demonstra apenas que ao povo não basta o milagre da regeneração da cauda — e, no entanto, ao zoólogo só isto dá que pensar, a ponto de ser êsse exemplo citado como uma das mais singulares manifestações da vitalidade de um vertebrado adulto.

Cocar — (Subst. masculino). No Piauí chamam assim à galinha d'Angola, que lá é muito comum. Veja-se também "Capote".

Coccídeos ou "Piolhos dos vegetais" — São insetos *Hemipteros,* subordem *Homopteros;* aplica-se esta denominação a todas as espécies da fam. *Coccideos,* pequenos parasitas dos vegetais, cujas fêmeas se fixam aos galhos ou às folhas e sugam a seiva, enfraquecendo assim

a planta. O inseto, propriamente, não se vê, pois fica escondido por baixo de um escudo de cêra, cuja forma, feição e tamanho são característicos para cada espécie. Alguns dêstes invólucros protetores têm feitio de pequenas escamas; outros parecem ostras ou outras conchas de moluscos em miniatura; outros, ainda, são como que sementes de cêra; alguns medem apenas poucos milímetros de comprimento, outros são do tamanho de uma fava. Só o macho é alado; a fêmea finca sua tromba no tecido vegetal e alí permanece, põe os ovos debaixo do próprio

Coccídeos diversos
A - macho; B, C, D - tres espécies perniciosas aos vegetais cultivados; E - larvas

escudo protetor, de onde surge mais tarde a cria, que se vai fixar em outro ponto. Só os machos sofrem metamorfose completa; ocorre às vezes a partenogênese. Há uma espécie útil, aliás exótica, que fornece a cochonilha. As demais espécies e cujo número, de acôrdo com o "Catálogo" de F. Lepage (1939), em nossa fauna se eleva a 336, são todas nocivas às plantas em geral e particularmente aos vegetais cultivados; muitas, e das mais prejudiciais, foram importadas. Algumas vivem unicamente sobre determinada planta, enquanto as espécies mais generalizadas atacam grande variedade de plantas cultivadas. Para combater essa praga, aplica-se uma emulsão de sabão picado em 4 litros d'água e despeja-se a solução quente no petróleo, agitando. Essa massa conserva-se bem. Aplica-se diluida em 60 litros d'água, para matar coccídeos ou em 200 litros contra pulgões. Veja-se também sob "V e r m e l h o".

Cochonilha — Por êste nome são conhecidos, na literatura entomológica de divulgação, os insetos da fam. *Coccídeos* (Veja êstes). Como ambos os nomes não são propriamente usados pelo povo, preferimos o último, pois tem todo o rigor zoológico. O nome "Cochonilha", tem além disto, o inconveniente de lembrar, desde logo, a única espécie útil, fornecedora da substância colorante *(Coccus cacti* do México, que vive sobre o cactus), quando todas as outras espécies são perniciosas à agricultura.

Codorna ou "Codorniz" ou "Inambú-í" — Ave da fam. *Tinamídeos, Nothura maculosa* (Aplica-se a esta ave a mesma observação feita sob "Perdiz" quanto à diversidade da espécie européia de igual nome). A côr é pardo amarelenta em cima, com manchas e faixas transversais pretas no dorso, ocupando o meio da pena e com estrias amareladas nos lados das mesmas. As rêmiges são cinzento-denegridas, com faixas transversais amarelentas. A garganta é branca; o pescoço e o peito são bruno-amarelados, com largas estrias pretas; a barriga é uniforme, amarelada. A fêmea é um pouco maior que o macho, medindo 27 cms. de comprimento. Esta caça, tão apreciada, extende-se em sua distribuição do Rio Grande do Sul à Baía; leva vida solitária nos campos e vôa pouco e só a pequena distância.

Codorna

Codorna buraqueira — Na Baía designa a *Nothura buraquira*, congênere da "Codorniz" e da "Codorna mineira"; em S. Paulo e mais para o Sul é *Taoniscus nanus*. E' esta a menor das nossas codornas, medindo 15 cms. de comprimento. O dorso é preto, com estreitas faixas transversais; a cabeça e o pescoço são pardo-amarelados, tendo as penas do vértice uma parte central escura. A garganta e a barriga são brancas; o peito e os lados amarelados, com largas faixas pretas transversais. E' dos grandes campos do Brasil meridional; quando perseguida, esconde-se em buracos do chão, o que explica o nome vulgar que lhe foi dado.

Codorna mineira — Espécie de codorna, *Nothura minor*. De fato um tanto menor que a codorna *N. macu-*

losa (19 cms.), é semelhante a esta no colorido, mas a cabeça e o dorso são castanhos, com numerosas faixas e salpicos pretos. Sobre as coberteiras exteriores das azas alinham-se faixas pretas, transversais, estreitas. E' dos campos do interior de S. Paulo, Minas e Mato Grosso.

Coelho do mato — O mesmo que "T a p i t í".

Cogumelo do mar — Celenterados da classe dos *Anthozoarios*, ordem *Alcyonarios*, fam. *Pennatulideos*. A espécie mais comum, *Renilla reniformis*, conhecida também por "O r e l h a d e m a c a c o", é como que um rim sobre um pedúnculo, de côr violeta, com delicado desenho branco. Cada um dos pequenos tubérculos brancos, terminados por 8 franjas, é um polipo e são êstes organismos que, reunidos, constituem a colônia, em forma de rim. Vivem só no mar, nas pedras da ressaca.

Coió ou "P e i x e v o a d o r" — (não confundir com a "T a i n h o t a"). Peixe do mar da fam. *Cephalacanthideos, Cephalacanthus volitans*. Tem cabeça quadrangular, óssea, que na região temporal termina em longos espinhos. Além disto, distingue-se facilmente do outro peixe voador (veja "T a i n h o t a"), porque tem azas (aliás as nadadeiras peitorais) maculadas e pontilhadas. Aparece também em bandos numerosos, porém não vôa tanto; depois de certa distância transposta no ar, mergulha e daí a pouco vôa novamente e assim o repete diversas vezes, emergindo os vários membros da esquadrilha alternadamente. Em certas ocasiões, porém, nota-se que não é por diversão que assim emergem, mas que procuram escapar a algum voraz inimigo que, com igual velocidade, os persegue debaixo d'água.

Coleirinha

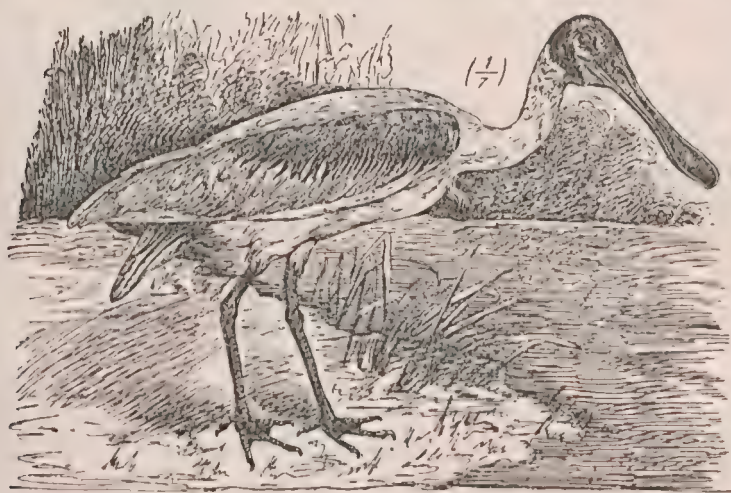
Coleirinha — O mesmo que "T e n t e n z i n h o".

Coleirinha — Veja-se "P a p a - c a p i m". São as várias espécies de pássaros da fam. *Fringillideos*, gên. *Sporophila*, quando têm coleira preta. Em especial *S. coerulescens*, de côr cinzenta em cima, branca em baixo, com a fronte, garganta e uma faixa sobre o peito pretas; a fêmea tem o mesmo colorido, mais pálido. Também a

S. lineola, por ter garganta preta, em certas regiões é conhecida por "c o l e i r a"; o macho é preto em cima e branco em baixo, tendo uma larga estria branca no vértice e outra por baixo do olho. Há, porém, um bom número de outras espécies do mesmo gênero, às quais também não vai mal êste nome vulgar, de modo que só pela classificação científica se podem identificar as 25 espécies do gênero *Sporophila*.

Coleirinha do brejo — Como acima, e de acôrdo com o nome, as espécies que vivem de preferência entre os juncos do brejo, tais como *S. pileata* e *melanocephala*. A primeira destas é castanho-parda, com vértice, aza e cauda de côr preta e com o lado ventral branco; *S. melanocephala ochrascens* é fusca em cima, com cabeça e coleira preta e lado ventral amarelento.

Colete — No Norte dão esta denominação (aliás, "T a m a n d u á - c o l e t e") ao "T a m a n d u á - m i r i m".

Colhereiro — Ave da fam. *Plataleideos*, *Ajaja ajaja*. (Há na Europa uma espécie semelhante, da mesma fa-

Colhereiro

mília e em Portugal o nome vulgar é o mesmo). Curioso é o feitio do bico, grande, achatado, e alargado na ponta em forma de colhér; é com êste instrumento que o pernalta examina o lôdo, afim de colher o alimento que lá

encontra, sob forma de pequenos bichinhos. Sem dúvida é, pelo menos, curiosa a cabeça; com mais sinceridade dir-se-á que é horrivelmente feia. A plumagem geral é porém, de côr lindíssima, de um branco róseo, enfeitado com carmim nas azas e nas coberteiras; uma curiosa mecha de penas torcidas forma um berloque no peito. Erroneamente dão às vezes o mesmo nome à ave que registrámos sob "A r a p a p á".

Os colhereiros reunem-se em pequenos bandos, por ocasião da incubação. Seus "ninhais" encontram-se de preferência à beira do mangue; o ninho, grande e rústico, uma bacia feita de galhos e ramos, entretecidos e como que amarrados com fibras ou cascas de árvores, balouça sobre os arbustos do mangue, a 2 ou 3 metros de altura. Os 3 ovos da postura medem 7 por 4,5 cms. e são brancacentos, com manchas brunas. E' evidente que esta curiosa ave, tão bela pelo menos no colorido e de incomparável efeito decorativo, aos poucos vai sendo exterminada, sem que se possa dizer por que razão confessável. O Colhereiro não tem valor algum como "assado", nem tão pouco alcançam preço vantajoso suas plumas — que, aliás, seriam muito mais facilmente obtidas passando-se penas de ganso pelo carmim, caso fossem requisitadas pela moda. Por que, então, são mortos? "E' um lindo tiro" responde o caçador, como única desculpa! Nos Estados Unidos, onde o Guará vermelho já foi exterminado, estavam também perigando os últimos representantes desta espécie, refugiados nos impenetráveis alagadiços da Flórida; uma lei severa garantiu-lhes a existência e, assim, a ave rosada continuará a embelezar a paizagem com seu colorido de flor magnífica. Fernão Cardim registra a denominação indígena "A í a í a", hoje desusada, apenas conservada na nomenclatura científica.

Colibrí — Denominação usada pelos europeus e, daí, também na linguagem poética no Brasil, para os "B e i j a - f l o r e s"; a palavra, porém, nos vem de tornaviagem, pois é de origem americana, caraíbe.

Combé — Veja "C u m b é".

Comboeiro — Peixe da água doce do Ceará.

Comedia — Na Paraíba são pequenos peixes marinhos, que vivem em cardumes e que se vêm frequentemente pelos currais de pesca; são assim chamados, talvez, porque constituem o alimento dos peixes maiores. Vimolos em Abril (peixinhos prateados, de poucos centímetros

de comprimento), mas não conseguimos apanhar exemplares para a identificação. Sardinha? Alevinos?

Em linguagem de caçadores designa as fruteiras do mato, quando carregadas e que atraem as aves e outra caça.

Concha — Refere-se propriamente à "casa" ou casca calcárea dos moluscos. Mas, no sentido mais restrito,

Conchas
A espécie fluvial gênero *Micetopoda* com o pé em extensão; a outra, do gênero *Pecten*, é marinha

esta denominação refere-se particularmente aos moluscos da ordem *Lamellibranchios* (veja "Moluscos"), pela maior parte marinhos e alguns fluviais ou lacustres (veja "Itã"), porém nunca terrestres. As duas metades, nem sempre simétricas, são unidas entre si, em cima, por um "ligamento", que funciona como mola; esta tende a abrir a concha, mas os músculos adutores fecham-na, auxiliados pelos encaixes de macho e fêmea, da charneira, que às vezes tem feitio todo especial. A face interna da concha é lisa e revestida de madrepérola.

Concriz — Em Pernambuco é êste o nome do pássaro que registrámos sob "S o f r é".

Coral — Veja "C o b r a - c o r a l".

Coral — São os organismos marinhos *Celenterados, Anthozoarios,* que vivem em colônias, formando um esqueleto calcáreo, ramificado, que constitue, justamente,

Corais de varias qualidades; no centro 2 polipos

o "c o r a l". (A espécie que serve para a confecção dos adereços, *Corallium rubrum,* do Mediterrâneo, não ocorre nos nossos mares). Em sua generalidade, os corais não têm a chamada côr "c o r a l"; algumas espécies são avermelhadas ou violetas, mas a grande maioria é branca. Os corais só se tornam propriamente brancos, alvíssimos, quando o esqueleto foi descarnado do revestimento vivo, formado pelos minúsculos polipos, que são os construtores do coral. Há muitos recifes na costa do Brasil (do Est. do Espírito Santo para o Norte) que são constituidos

unicamente por massiços de coral; note-se, porém, que o "arrecife" da capital de Pernambuco não é de tal origem e, sim, formado por sedimento. Cada espécie tem feitio peculiar, quer no aspeto geral do tronco, quer no detalhe mínimo, representado pelo esqueleto calcáreo de cada um

Recifes formados por corais (Itaparica)

dos pequenos polipos; às vezes são de aspeto lindíssimo, representando como que flores ou galhos ou então formam uma simples bola, com desenhos e sulcos, lembrando algumas as circunvoluções cerebrais.

Coratí — Peixe (?) do Amazonas (Alberto Rangel). Parece-nos corruptela ou sinônimo de outro nome mais usado.

Corcoroca — ou "C o r o c o r o c a" no Brasil meridional; no Nordeste corresponde-lhe a denominação "B i q u a r a". Peixes do mar da fam. *Haemulideos,* não só do gênero *Haemulon*, que abrange 8 espécies, como de outros afins *(Orthopristis).* O colorido é variado e quasi sempre consta de estrias de côr viva ao longo do corpo. A cavidade bucal é amarela ou avermelhada ou mesmo rubra, "b ô c a d e f o g o". A parte ramosa das nadadeiras dorsal e anal é fortemente revestida de escamas.

E' evidente que o nome onomatopaico pretende reproduzir o ronco do peixe, que em certas ocasiões se ouve com alguma intensidade. Também os norteamericanos conhecem as espécies de *Haemulideos* pelo nome de "grunts", isto é, "grunhidores" e chegam a afirmar que o ruido é tão intenso, que a tripulação de um barco anco-

rado chega a acordar, quando à noite um cardume de corcorocas passa por baixo da embarcação.

As Corcorocas têm valor no mercado mais pela quantidade do que pela qualidade. Pertencem à mesma família o "R o n c a d o r" e as "S a l e m a s".

Corcoroca

Corcoroca-mulata — E' a espécie mais comum do gênero, *Haemulon plumieri*, com listras azuis pela cabeça e parte anterior do corpo.

Corimbatá — O mesmo que "C o r u m b a t á".

Cornuda — O mesmo que "P e i x e - m a r t e l o".

Coró — Bicho de pau podre, isto é, as larvas de besouros lamelicórneos e outros. Veja-se sob "B i c h o g o r d o". A esta acepção primitiva acresce outra, mais ampla, que abrange também as larvas de dípteros, como as da "b i c h e i r a".

Coró — Peixe do mar, muito abundante em todo o litoral nordestino, do grupo das "C o r o c o r o c a s", fam. *Haemulideos*. O nome designa em especial *Conodon nobilis*, que no Sul é mais conhecido por "R o n c a d o r". Êste é o "C o r ó a m a r e l o"; distinguem os pescadores, além disto, o coró "branco" e o "vianês". Seu tamanho em geral não ultrapassa um palmo e a carne é de categoria inferior.

Coró-coró — Na Amazônia tem êste nome onomatopaico a ave *Phimosus nudifrons*, que no Brasil meridional é um dos vários "T a p i c u r ú s". Erroneamente, aplicam-lhe também o nome "C a r ã o". Seu colorido é

bruno-denegrido, com reflexos verdes e roxos. A cara é encarnada e o bico de igual côr, mais clara.

A mesma denominação designa a espécie aliada, *Harpiprion cayennensis*, igualmente conhecido por "Tapicurú" no Sul, ou por "Graúna" ou "Guaraúna" da Baía ao Ceará.

Corocochó — Pássaro da fam. *Cotingideos*, gênero *Ampelion*. A espécie *A. cuculatus* é de côr bruno-verde, com cabeça e pescoço pretos; o lado inferior e a nuca são brancos. *A. melanocephalus* é semelhante, com várias faixas transversais, escuras em baixo. A denominação correspondente na Amazônia é "Anambé".

Corocoroca — O mesmo que "Corcoroca".

Corondó — Caracol pequeno, do gênero *Planorbis*, fam. *Limnaeideos*. O feitio é muito característico, parecendo uma mola de relógio enrolada, em forma de botão, bicôncavo.

Vivem na água doce, em riachos ou banhados. Ultimamente, êstes caracois têm atraído a atenção dos cientistas, pois que o Dr. A. Lutz verificou ser nestes moluscos *(Planorbis olivaceus* e *centimetralis)*, que se desenvolvem as larvas (miracídios) do verme *Schistozomum mansoni*, causador da moléstia chistozomose, do Rio de Janeiro para o Norte. Precaução: não tomar banho nas águas em que haja "Corondós".

Conquanto a chistozomose seja uma das verminoses mais traiçoeiras, porque pode localizar-se e causar danos em orgãos e tecidos os mais diversos, ainda assim o perigo que ela representa para a população nordestina tem sido exagerado. Propalou-se mesmo que nas regiões em que o verme e seu hospedeiro intermediário abundam, a maioria dos moradores sofre as consequências dêste parasitismo.

Tivemos, porém, ocasião de verificar que mesmo trabalhando, como nós e vários companheiros o fazíamos, constantemente nos expondo à infecção, por que estavamos diariamente, durante longas horas, em contato com águas de açudes, onde os *Planorbis* abundavam, ainda assim ninguém do nosso grupo veio a padecer do mal.

Corre-campo — Cobra da fam. *Colubrideos*, opistoglifa, talvez *Chlorosoma nattereri* e outras congêneres, do grupo das cobras conhecidas genericamente por "Cobra cipó". Denominam-na também "Corredeira",

e com isto começa a confusão com a chamada "P a r e l h e i r a", do gênero *Liophis* e outras aglifas, aparentadas com as cobras cipós do gên. *Drymobius*.

Corredeira — Veja sob "C o r r e - c a m p o".

Correição ou "M o r u p e t e c a" ou "T a ó c a", ou "G u a j ú - g u a j ú", ou "S a c a - s a i a" — Formiga da fam. *Dorylideos*, gênero principal *Eciton*. Os machos são alados; tem sido difícil conhecer ao certo a identidade das espécies, pois as respectivas fêmeas poucas vezes foram observadas. Em sua organização, os ninhos desta formiga se assemelham um tanto ao das abelhas do gên. *Melipona*, pois a rainha, áptera e com abdômen enormemente desenvolvido, quasi não se locomove e, por isto, nunca mais abandona o ninho. Haverá, portanto, enxameação organizada pela rainha nova, cujo abdômen ainda não está entumecido. O que se encontra comumente são os bandos de obreiras, cujo desfilar pode, em certas ocasiões, durar horas e que talvez estejam enxameando ou caçando e então levam de vencida tudo que fôr larvas e lagartas, lesmas, grilos, baratas e outra bicharia miuda. Assim os bandos de formiga-correição, conquanto às vezes incômodos, fazem certa limpeza, tornando-se, pois, úteis.

O viajante e pintor francês Biarde descreveu a passagem de uma coluna de *Eciton*, a que assistiu no Espírito Santo; diz êle, em resumo: "Estava esboçando um quadro na floresta, quando subitamente foi acometido por uma legião de formigas; mal teve tempo de correr e sacudir de si os inimigos. Seria temeridade querer buscar seus apetrechos, que já estavam cobertos por milhões de formigas. A onda extendia-se por uma faixa de mais de 10 metros de largura e rapidamente a coluna avançava, sem se desviar, qualquer que fosse o obstáculo. A muito custo conseguiu o pintor alcançar sua espingarda e começou a atirar aos pássaros que, em grande número, perseguiam as formigas e com elas enchiam o papo. Mas logo verificou ser inútil continuar a caçada, pois mal os pássaros caiam ao chão, logo estavam cobertos por formigas que, em breve, os deixavam reduzidos a esqueletos e penas esparsas. O naturalista Bates também se refere a enormes colunas de tais formigas, atribuindo-lhes mais de 300 metros de extesão.

O quanto é temida, na Amazônia, esta formiga, principalmente quando se aproxima das habitações, nô-lo diz Raymundo de Morais (Na Planicie Amazônica, pág. 159):

"E' o pavor do tapuio, do seringueiro e até do selvagem. Si, por qualquer circunstância, a "S a c a - s a i a" não se deixa pressentir dentro de casa e assalta de surpresa a moradia, a medida defensiva resume-se na imobilidade. As mulheres tiram a saia, donde vem o nome dado à formiga, e núas, impassíveis, esperam que a onda viva lhes passe sobre os corpos. Qualquer movimento resulta em mil dentadas. E o multifário animal sobe aos esteios, aos móveis, às paredes, à cumieira, cobre a vivenda, devasta, devora os alimentos e vai-se, desaparecendo no interior da selva, desorientador e sinistro".

Corricho — Abrange vários pássaros da fam. *Icterideos*, tais como "C h o p i m", "S o l d a d o", etc. E' denominação nortista, referente a pássaros que facilmente imitam o canto de outras aves.

Corró — (ou como o povo o pronuncia, dando antes som de *ch* gutural aos *rr:* "c o c h ó"), são pequenos peixes sem valor, dos açudes e rios do Nordeste da vertente cearense. Às vezes aplicado aos " a c a r á s" e às "j o a n i n h a s" ou então a pequenos peixes de couro.

Corruíra — ou "C a m b a x i r r a" ou, na Amazônia, "C u t i p u r u í" e "C a r r i ç a" (de origem portuguesa, devido à semelhança do pássaro europeu correspondente). Veja-se "G a r r i n c h a" em Sergipe ou "G a r r i ç o" na Baía. Na Argentina: "l a r a t o n a" ou " t a c u a r i t a". Passarinho da fam. *Troglodytideos*, com vários gêneros e espécies; (veja-se, também, sob "M ú s i c o"); porém o mais conhecido, mais frequente e também mais nosso amigo é *Troglodytes musculus*, todo êle pardo-ferrugíneo, mais claro em baixo e com azas e cauda atravessadas por linhas escuras, um pouco onduladas. Muito gracioso e irrequieto, êste nosso amiguinho vive a saltitar pelos muros ou, então, da cumieira ou qualquer ponto mais elevado, faz ouvir sua melodia chistosa e alegre, interrompida, não raro, por uma conversa em tom gutural: krét-krét-krét. Seu ninho fá-lo quasi sempre escondido entre as telhas ou em algum outro abrigo seguro. Oferecendo-se-lhe uma caixinha, apenas com um buraco, abrigada da chuva e colocada em lugar conveniente, a corruíra não demora em aceitá-la para esconderijo do seu ninho. Uma vez afeita ao local, toda a parentela considera-se hóspede da casa — o aluguel será pago com melodias e com o serviço da limpeza da horta e do pomar, onde, conscienciosamente, catam os insetos.

Euler, o apaixonado amigo das aves de Cantagalo (Rio de Janeiro), relata em seu meticuloso estudo dos ninhos das aves (Rev. Mus. Paul. IV) o seguinte fato bem expressivo: "Um casal de corruíras escolhera a pequena caixa de correspondência, pregada ao portão, para aí instalar seu ninho. Corria o mês de Dezembro e todos

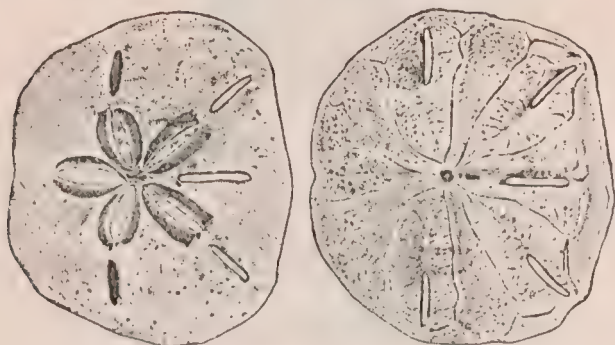
Corruíra

os dias o empregado, que revistava a caixa, tirava dela uma montoeira de "cisco", que outra coisa não era, sinão o alicerce do ninho das corruíras. E até o fim de Janeiro teimaram, quem punha os gravetos e quem os jogava fora. Por fim, sabendo do caso, Euler providenciou para que o passarinho não fosse mais molestado e, então, em poucos dias a construção do ninho foi concluida. Enchendo o fundo da caixa com quatro dedos de material grosseiro, raminhos sêcos principalmente, sobre esta base edificou o ninho propriamente dito, mais fôfo na parte

interna. De cada vez põe 3 a 4 ovos e durante o ano cuida de, pelo menos, 3 posturas, estando assim sempre preocupado, de Agosto até Maio do ano seguinte".

Corruírassú — Vários passarinhos da fam. *Troglodytideos*, parecidos com a corruíra comum, porém maiores; são habitantes das matas (gên. *Thryophilus*).

Corrupião — O mesmo que "S o f r é".

Corrupio do mar — *Echinoderma*, da ordem dos *Echinoides*, irregulares, fam. *Scutellideos*. São discos chatos, um pouco convexos, com uma estrela pentagonal no meio

Corrupio do mar

(crivos), cinco furos alongados, correspondentes aos raios e, além disto, um furo interradial; no lado ventral o desenho é menos regular e a superfície é mais áspera. Há exemplares que medem até 25 cms. de diâmetro. *Encope emarginata* e *Mellita testudinea* são as espécies mais comuns. (Veja, também, "B o l a c h a").

Cortadeira — Por " F o r m i g a c o r t a d e i r a ", é a mesma "S a ú v a".

Cortamar — O mesmo que "T a l h a - m a r".

Corucão — Veja sob "T a b a c o b o m".

Coruja — Compreende genericamente todas as aves rapineiras noturnas da ordem *Strigiformes*. O povo distingue ainda entre as 24 espécies: os "M ô c h o s" e os "C a b u r é s". Propriamente corujas são a "S u i n d a r a", as várias espécies do gênero *Pisorhina* e os "J u c u r u t ú s", que têm o ouvido menor que os olhos, sem opérculo e os olhos chegados à margem superior da corôa

facial. As corujas são consideradas pelo povo, em geral, como aves agoureiras, malquistas; em realidade, porém, todas elas devem ser incluidas na lista das aves úteis, dignas de proteção, pois nas suas caçadas noturnas destroem quasi sómente bichos daninhos, principalmente roe-

Coruja (macho)

dores e só raramente apanham também algum passarinho. A prevenção gratuita baseia-se na vida misteriosa destas aves de rapina, de vôo silencioso e vista afeita à escuridão.

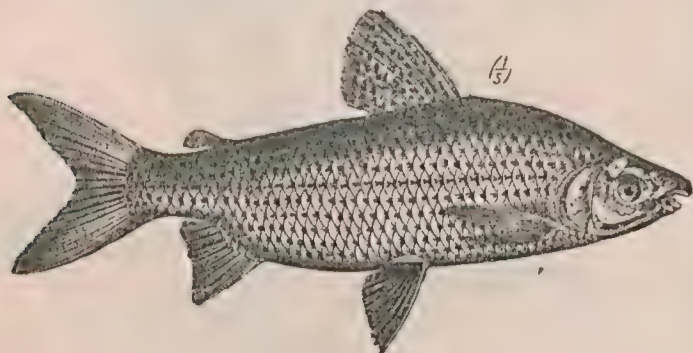
Coruja-do-campo ou "Coruja buraqueira" ou "Caboré do campo" — Ave da fam. *Strigideos, Speotito cunicularia grallaria,* de 22 cms. de comprimento. O lado dorsal é pardo-cinzento, com grandes manchas avermelhadas transversais. Na aza e na cauda notam-se manchas alvacentas, transversais. A garganta é branca. E' espécie comum dos nossos campos, onde faz seu ninho no chão, num buraco, que ela forra com excremento de vaca. Êstes ninhos, que às vezes são buracos de tatú abandonados, ou então cavados pelas próprias corujas, formam túneis de alguns metros de extensão e as aves os habitam o ano todo mesmo depois de criada a prole. Exceção única em tôda a família: os caborés (veja êstes) são aves diurnas, que enxergam muito bem à luz do dia; a presente espécie evita a mata e mesmo as capoeiras e

só nos campos abertos sente-se à vontade. Ou sentada diante de entrada do ninho ou pousada sobre um cupim, não foge à aproximação do importuno e, si fôr preciso, a cabeça vai girando até descrever meia volta completa, para assim, comodamente, ver o que se passa em redor. Só em último caso levanta vôo, gritando um *qui-qui-quii* (com a última sílaba bem prolongada e um pouco modulada) e, seguindo quasi rente com o chão, a uns 20 ou 30 metros pousa de novo. Perseguida a cavalo, em breve cansa e então procura salvar-se correndo e escondendo-se no capim. Alimenta-se principalmente de insetos, tais como lagartas, gafanhotos e escaravêlhos, que pega no vôo, com agilidade. Também no escuro enxerga bem e assim, no tempo da procreação, o casal trabalha dia e noite, para dar de comer à prole numerosa, que pode ser até de 7 filhotes em uma só postura.

Coruja do campo

Coruja-de-igreja — Nome popular da "S u i n d a r a", conhecida em Portugal, também, por "C o r u j a d a s t o r r e s".

Corumbatá ou " G r u m a t ã " no Sul e " C u r i m a t ã" no Nordeste — Peixes de escama da água doce, da fam. *Characideos*, gênero *Prochilodus*, com variado número de espécies, entre as quais se incluem os "J a r a q u í s" da Amazônia. À semelhança dos "S a g u i r ú s", que são de menores dimensões, os corumbatás caracterizam-se pela dentição atrofiada, nestes reduzida a vilosidades. Por isto mesmo, devido a consistir sua alimentação em algas contidas no lôdo, a carne dêstes peixes facilmente toma mau sabor, quando criados na vasa. Mas os corumbatás dos grandes rios são bem saborosos e, como em certas ocasiões são apanhados em enorme quantidade, não deixam de ter valor econômico. E' o corumbatá o principal rendimento da interessantíssima pescaria chamada "promombó", a qual sob êsse vocábulo descrevemos detalhadamente. Além disto prepondera nos rios, en-

tre os peixes de tamanho médio, que se pescam de tarrafa, ou nas rêdes de espera. Por causa das espinhas, êste peixe deve ser "lanhado", isto é, a carne deve ser talhada profundamente, com cortes transversais muito juntos, para que, ao ser frita em postas, as espinhas finas sejam destruidas. Bem preparado desta forma, o corumbatá é bem gostoso e ao nosso paladar sabe muito melhor que a carpa, cuja carne é excessivamente flácida. Nos inúmeros açudes das regiões áridas do Nordeste, a curimatã proporciona grandes pescarias, que rendem, às vezes, 20 a 30 mil dêstes peixes de bom tamanho.

Corumbatá

Também pelas facilidades que o corumbatá oferece à piscicultura, pois os ovos podem ser fecundados artificialmente e criados em jarra, certas espécies dêste gênero se nos afiguram como muito promissoras e destinadas a larga exploração econômica. Há espécies que atingem 50 a 60 cms. de comprimento e 4 quilos de peso; outras não ultrapassam 20 cms., como o corumbatá de lagôa, que aliás é o de pior sabor. A melhor espécie e também a maior, no Sul é o "Corumbatá-uvú"; no rio São Francisco a "Curimatã-pacú" atinge 8 quilos de peso.

Corumbeba — Peixe do mar, de Pernambuco; ainda não identificado.

Corvina ou "Murucaia" na Baía e "Cururuca" em Pernambuco — Peixes do mar da fam. *Sciaenideos*, do gênero *Micropogon*. O nome português, na Europa designa a espécie que os colonizadores julgaram correspondente à da fauna sul-americana. A denominação tupí, na forma original, deve ter sido "mirocaia", como Gabriel Soares ainda escreveu. Veja também "Cururuca".

A corvina e outros gêneros aliados não têm caninos grandes na parte anterior do maxilar superior (intermaxilar), como o têm as tão apreciadas "P e s c a d a s", pertencentes a outra subfamília dos *Sciaenideos*. Insistimos nesta diferença, porque aos compradores inexperientes os vendedores pouco escrupulosos impingem a corvina como sendo "pescada listrada" e a diferença do sabor da carne e portanto do preço é deveras grande! As corvinas frequentemente, pelo menos no Brasil meridional, têm detestável cheiro de ácido fênico ou iodofórmio o que talvez deva ser atribuido à alimentação ou então a certa fase da reprodução dêste peixe; Alipio M. Ribeiro notou que tal cheiro predomina, em certas épocas, nos exemplares de desenvolvimento meião e só o atribue à espécie *M. opercularis*.

Os pescadores diferenciam as duas espécies pelos nomes "C o r v i n a m a r i s q u e i r a" *(M. opercularis)* e "C o r v i n a d e l i n h a" *(M. undulatus)*; esta atinge maior desenvolvimento, até 80 cms. de comprimento, tem olhos um pouco maiores e também o 2.º acúleo da nadadeira anal é um pouco mais longo do que em *M. opercularis*, cujo 2.º ráio anal equivale apenas a um quinto do comprimento da cabeça (contra um terço, na outra espécie).

São peixes que contribuem com elevada quantidade para o total das pescarias de rêde (marisqueira), mas sua cotação no mercado sempre é baixa. "Pescadas listradas" elas são, porque têm estrias escuras, paralelas, a princípio longitudinais, depois oblíquas, mas apesar de seu longínquo parentesco com as "pescadas" verdadeiras, não podem ser comparadas com estas.

Corvina d'água doce — Há diversos gêneros de peixes da fam. *Sciaenideos*, que se adaptaram definitivamente à vida fluvial e lacustre; tais são: *Plagioscion*, *Pachypops* e *Pachyurus*, do Amazonas, São Francisco e rio da Prata. Referimo-nos detalhadamente a uma delas, sob o nome "S o f i a".

(Corvo) — E', em Portugal, o nome de uma ave, ou antes do pássaro da família das gralhas, *Corvus corax*. Por isso é de todo imprópria a aplicação dêste nome ao nosso urubú, como o povo o faz, por influência portuguesa. As duas aves só tem em comum a uniformidade da plumagem preta; de resto, tanto no feitio, no porte, como no modo de viver, são totalmente diversas.

Cotinga — Na Amazônia é êste o nome indígena de certas espécies de pássaros da fam. *Cotingideos,* mais conhecidos por "A n a m b é s". Como se vê, foi aquele nome que deu origem à denominação científica da família.

Cotovia ou "C a l h a n d r a" — Pela tal qual semelhança com os pássaros europeus dêste nome *(Alauda).* são assim chamadas entre nós as espécies da fam. *Motacillideos,* do gênero *Anthus,* mais geralmente conhecidas por "C a m i n h e i r o s".

(Cotunga) — Em següida a uma publicação do Dr. Alex. Pedroso (Ann. Paul. Med. e Circ. Vol. I, pág. 100), êste nome tornou-se conhecido na parasitologia brasileira, por ser atribuido a uma mosca hematófaga, talvez vetora da leishmaniose ou "úlcera de Baurú". Verificámos que na primeira e única referência original que se fez a esta mosca, o cientista italiano Franchini (Bull. Soc. Pat. Exot. 1913, pág. 219) diz apenas que um paciente, vindo do Brasil (onde?), o informou da existência de uma mosca esverdeada — a tal *Cotunga* — que pica o homem, através da roupa. Como nunca encontrámos, em nossa literatura, vocábulo mais ou menos parecido com êsse, referente a dípteros hematófagos, é possível que se trate apenas de uma deturpação radical ou cacografia de qualquer outro nome vulgar. (Mutuca?) Não se pode negar, no entanto, que a palavra sôa à brasileira (ou como de origem africana).

Craca ou "C a r a c a", na Baía — Crustáceos *Entomostráceos* da ordem *Cirripedios,* família *Balanideos* (em Portugal: bolotas do mar). E' preciso abrir a casca, para se certificar que realmente se trata de um crustáceo; de fato, dentro da casca e preso à base, encontra-se um corpo mal segmentado e provido de 6 pares de patas, que mais se parecem com fios enrolados nas pontas. E' êste o único meio de que dispõem as cracas para se comunicar com o mundo exterior. Presos às pedras, ao nível das marés, elas abrem sua concha debaixo da água e fecham a tampinha quando a maré baixa. A casca é de feitio variável, e em geral em forma de tulipa, composta de diversas peças concrescidas. A espécie mais comum no nosso litoral é *Balanus tintinabulum.* Outras espécies da mesma fam. *Balanideos* fixam-se sobre as tartarugas, baleias, etc. São as cracas, juntamente com as ostras, que sujam o casco dos navios parados nos pôrtos. Em alto mar não há larvas dêsses mariscos, que vivem somente

nas águas do litoral e, portanto, só aí, durante a fase livre, aderem à base que escolhem para formar a casca ou concha. Uma vez fixados, continuam a se desenvolver, ainda que a embarcação viaje e como a aspereza, assim formada, impede a boa marcha do navio, é necessário levar êste de tempos em tempos para os estaleiros, a fim de se proceder à raspagem do casco.

Cracas — *Lepas*, com a concha aberta, mostrando o crustáceo. *Balanus*, à esquerda, é a espécie mais comum

Hábito de vida semelhante têm as espécies da mesma ordem, da fam. *Lepadideos*, que mais se parecem com conchas brancacentas, fixadas por meio de um pedúnculo alongado; em Portugal e às vezes também aquí, são chamados" "P e r c ê v e s".

Craúçanga — No Ceará é conhecida por êste nome uma espécie de formiga vermelha, de cabeça grande, que faz ninho em buracos fundos na terra; a picada é terrível, chegando a produzir empolas e febre. Veja-se sob "T r a ç a n g a", que parece ser variante do mesmo vocábulo.

Craúna — Veja-se sob "G u a r a ú n a".

Cravo — Ácaros, que se encontram no "cravo" da face e são parasitos dos folículos pilosos e sebáceos dos mamíferos, produzindo a "sarna demodécida" do cão e dos suinos; são ácaros vermiformes, do gênero *Demodex*, de 1 terço de milímetro de comprimento.

Cricrió — Pássaro da Amazônia, *Lathria cinerea*, do mesmo gênero do "V i r u s s ú" e do "T r o p e i r o" do Brasil meridional. A denominação parece ser onomatopaica; no entanto, Goeldi procurou grafar o canto dessa ave como: "hu-hu-qui-quiú". Seu colorido é todo cinzento, mais pardacento no lado superior. A seu respeito a Dra. Snethlage (Catálogo das Aves Amazônicas, pág. 346) diz que é êle um dos membros mais conhecidos da família, por se fazer notar pela sua voz singular e forte.

Crispim — Veja "S a c í".

Crumatá — O mesmo que "C o r u m b a t á".

Cruvina — Má pronúncia, aliás bastante generalizada, por "C o r v i n a".

Cruzeiro — Nome dado em algumas zonas à "U r u t ú"; refere-se a denominação ao desenho que a serpente tem na cabeça, em forma de cruz, aliás de braços curvados para baixo.

Cú-cosido ou "C ú - t a p a d o" — E' o mesmo que "T u i m".

Cú de galinha — Veja sob "R o s q u i n h a".

Cuandú — Veja sob "C o a n d ú"; é o mesmo que "O u r i ç o c a c h e i r o".

Cuatí — Veja "C o a t í".

(Cuco) — Nome de ave européia, à qual em nossa fauna correspondem várias espécies da mesma família, como por exemplo o "S a c í", com iguais hábitos de parasita dos ninhos de outras aves. Êsse nome entre nós, porém, não é empregado pelo povo.

Cuí ou "C u i m" — Denominação amazônica do "O u r i ç o c a c h e i r o".

Cuiabana — Formiga da fam. *Camponotideos, Prenolepis fulva,* que teve o seu período de celebridade, pois lhe eram atribuidos, com muito exagero, todos os predicados de eficaz exterminadora da terrível praga saúva. Hoje subsistem apenas, como realidade, êstes dois fatos: as duas formigas vivem muito bem na mesma região, sem que uma extermine a outra; mas, quando a cuiabana assim o entende, talvez em tempos de penúria de melhor alimento, ela pode aniquilar o saúveiro, roubando-lhe tôda a criação. Porém essa mesma cuiabana é também uma das principais "formigas açucareiras"... e para bom entendedor é quanto basta. Ela mede apenas dois e meio milímetros; é de côr pardo-amarelada e caracteriza-se pelas antenas muito longas.

Contudo, é preciso lembrar que a boa identificação destas formigas miudinhas não é fácil e, assim, várias afirmações referentes à biologia de pretensas "C u i a b a n a s", basearam-se, de fato, na observação de outras espécies que não *Prenolepis*.

Finalmente, como argumento máximo contra a possível utilização das cuiabanas na extinção das saúvas, re-

lataremos, em resumo, o que vimos na zona norte do Est. de Pernambuco. Anos atrás, alguém importou as cuiabanas e estas, multiplicando-se extraordinariamente, foram tomando conta de toda a região, tornando-se verdadeiro flagelo. Hoje, não só as formiguinhas danificam todos os comestíveis, como molestam a pequena criação, pintos e bacorinhos, e até as crianças recém-nascidas correm perigo e precisam ser vigiadas dia e noite. Tão prejudicial se tornou esta praga, por toda parte, nas casas, nos quintais e nas plantações, que certas propriedades estão sendo abandonadas e não encontram comprador.

Cuiara — Veja "C u j a r a".

Cuica — Veja "Q u i c a".

Cuitelão — O mesmo que "G u a n u m b í - g u a s - s ú" ou "B e i j a - f l o r d o m a t o v i r g e m" ou, na Amazônia "A r i r a m b a d a m a t a v i r g e m", ou

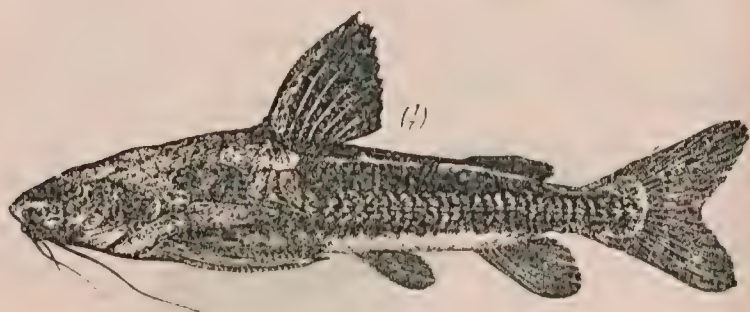
Cuitelão

"F u ra - b a r r i g a" em Pernambuco. Veja, também, "J a - c a m a c i r a". Vê-se por êstes nomes, que tanto o índio como o caipira e o português acharam grande semelhança entre estas aves da família *Galbulideos* e os verdadeiros beija-flores, semelhança aparente apenas, mas inegável. Só o povo da Amazônia preferiu compará-los às ariram- bas (ou seja o nosso "M a r t i m - p e s c a d o r" do Sul) e ainda aquí o confronto tem sua razão de ser.

De fato, êstes *Galbulideos* são, pelo aspeto, como que beija-flores mais reforçadas e maiores (22 cms.), com bico longo, porém bastante grosso na base; o colorido é verde metálico, com ornatos cúpreos e lado ventral fer-

rugíneo ou branco e azulado. As 15 espécies brasileiras pertencem a vários gêneros: *Galbula, Brachygalba, Jacamaralcyon* e *Jacamerops*. Como o indicam os nomes vulgares, são habitantes da mata virgem. São conhecidos ainda no Estado do Rio de Janeiro por "C a v a d e i r a s", nome adequado, pois costumam cavar galerias nos barrancos dos rios e lá constroem seu ninho.

Cuitelo — O mesmo que "B e i j a - f l o r"; nome usado pelo povo da roça.

Cuiú-cuiú ou "V a c ú", "T u i ú", "A b o t o a d o" ou "C a r í" — Peixes de couro *Nematognatha*, da fam. *Doradideos*, espécies que se caracterizam por terem, ao

Cuiú-cuiú

longo da linha lateral, uma série de placas ósseas, armadas cada uma de vários acúleos, dos quais o mediano é o maior e o mais recurvado. Como os "T a m b o a t á s", andam por terra, às vezes transpondo grande distância, quando querem passar-se de um rio ou lago para outro.

Não sabemos dizer ao certo quantas das quasi 40 espécies desta família já foram efetivamente encontradas perambulando em terra; talvez nem tôdas o possam fazer.

Há espécies do gên. *Doras* que atingem quasi um metro de comprimento e tais exemplares adultos têm todo o corpo revestido de placas ósseas, ao passo que nos jovens boa parte do corpo tem pele lisa. Outras espécies do gên. *Oxydoras* são menores e as do gên. *Hemidoras* mal atingem um palmo de comprimento. A espécie mais comum desta família, no rio S. Francisco *(Franciscodoras marmoratus)*, é denominada "B o z ó" em Jabotá; o Dr. A. Lutz a menciona como "C a b o r g e".

Na Venezuela a espécie correspondente, *Doras crocodili*, tem o nome de "Mata-caiman", porque, segundo

afirmam os pescadores, ao tentar o jacaré engolir tão perigoso bocado, êste lhe retalha o esôfago de tal modo, que o atacante passa a ser vítima e quasi sempre morre em consequência da imprudência. O prof. Eigenmann endossa a observação dos índios, confirmando assim a respectiva notícia dada por Humbolt.

Cuiú-cuiú — Papagaio ou antes maitaca, *Pionopsitta pileata*, do Brasil meridional, da Baía ao Rio Grande do Sul. A plumagem geral é verde-azeitona; nas azas predomina o azul-cobalto; a fronte do macho adulto é sanguínea, ao passo que o macho novo e a fêmea a tem azul. Na Amazônia a espécie correspondente é o "C u r i c a".

Cujara ou "C u i a r a" — No Sul do Estado de S. Paulo é um rato do mato *(Oryzomys leucogaster)*.

Cajubí ou "C r i j u b i m" — Ave da fam. *Cracídeos, Cumana cujubi*, da Amazônia inferior; pertence ao mesmo gênero que a "J a c u t i n g a" do Brasil meridional. A côr preta geral tem intenso brilho esverdeado; a crista é branca, bem como a grande mancha da garganta; as coberteiras das azas são orladas de branco, principalmente na barba exterior (e é êste o caráter que melhor a distingue da espécie afim, do alto Amazonas, *C. cumanensis*, na qual essas mesmas penas têm ambas as barbas orladas ou são inteiramente brancas).

Cumbaca ou "A n u j á" (veja êste) — Peixes de couro da fam. *Trachycoristideos*, mais ou menos semelhantes ao "B u r e v a", porém com a cauda não furcada como neste, mas truncada e nos machos, às vezes, os raios superiores são prolongados. Alcançam mais de um palmo de comprimento. Segundo Carlos Moreira, o nome se aplica a *Tr. striatulus*. Th. Sampaio diz que "C u m b a c a" designa, no Sul, uma rã, sendo sinônimo de "C a ç o t e" do Norte. Veja-se também a espécie congênere sob "C a n g a t í".

Cumbé — Na acepção mais restrita, parece referir-se às lesmas; mas o caipira ampliou a significação, abrangendo assim qualquer bicho mole, como as sangue-sugas, (Amadeu Amaral, Dialeto Caipira) e os próprios moluscos, caramujos.

Cunauarú — Na Amazônia é o nome de um pequeno batráquio (rã?), de côr bruna, olhos vermelhos e cujo grito diz as duas sílabas "cu-nau", repetidas em voz tristonha. Prepara seu ninho em forma de panela, no ôco

da almecegueira *(Protium)*. A resina, que aí se acumula, é muito procurada, pois à sua fumaça aromática são atribuidas propriedades medicamentosas.

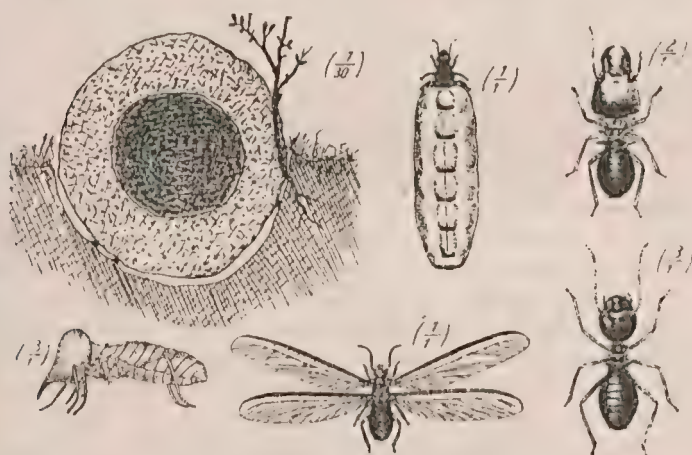
A respeito dêste batráquio escreve Barbosa Rodrigues (Porunduba pág. 197). Para se aninhar, o cunauarú ajunta a resina do breu branco *(Protium heptaphyllum,* da fam. *Brusceraceas)* e com ela faz uns cilindros, que dentro são infundibuliformes, nos quais deposita os ovos. Pelo furo que fica no centro sobe a água e nela êles se conservam.

A lenda, relatada pelo mesmo autor, é interessante, por vários motivos, pelo que a transcrevemos: "Havia outrora dois homens, um casado e outro que se enfaceirava com a mulher do irmão. Dizem que era pagé o irmão, que pegou no rabo de uma arara e meteu-o no buraco do pau. Disse depois à mulher: — Dize a meu irmão para tirar o filho da arara para que tu o cries. Logo, então, êle subiu e a cousa má o pegou no buraco do pau, começou a gritar: *Ce mu! Ce mu!* (meu irmão! meu irmão! frase que arremeda o coaxar do cunauarú) e depois disso virou sapo!".

O Cunauarú figura ainda em uma lenda indígena como tendo salvo uma mulher perseguida pelo Corupira. "A mulher correu para um grosso tronco de árvore, que no alto tinha um grande buraco, em que morava o Cunauarú. A mulher pediu ao sapo que a salvasse. O Cunauarú a fez subir e depois esfregou sua resina no tronco da árvore e quando o Curupira quiz subir, ficou grudado e aí morreu".

Cundunda — Em Pernambuco dá-se êste nome ao peixinho registrado sob "M u s s u r u n g o"; veja êste.

Cupim — A palavra designa tão corrente como ambiguamente não só o inseto da ordem *Isopteros*, fam. *Termitideos*, como o ninho que os mesmos constroem. Assim diz-se: "O cupim corrói o madeiramento"; o "cupim enfeia os prados". Êstes ninhos são ainda denominados "Itapecuim" ou "Tapecuim", na Amazônia, e "I t a c u r ú" ou "Tacurú" em Mato Grosso e no Rio Grande do Sul; (na Argentina: *los itacurues)*. Para esta última palavra Beaurepaire Rhoan indica como forma original a palavra "itacurubá". Na campanha riograndense os tacurús são temidos, porque, meio destruidos e ocultos entre o capim, provocam a queda do animal, que assim facilmente quebra a perna, quando no galope afunda em tais buracos.

Os cupins são insetos sociais, isto é, além dos indivíduos dos dois sexos, há castas de asexuados, os quais, conforme o ofício a que são destinados, têm o organismo adaptado a tal fim, como seja para o trabalho externo ou interno ou para a defesa (*nasuti* da terminologia científica ou guerreiros). Seus ninhos, característicos para cada espécie, têm a parte central feita de madeira mastigada, verdadeiro "papier maché" e por fora são protegidos por um invólucro de barro amassado com saliva.

Cupim: O ninho, a rainha na forma alada e com o abdômen cheio de ovos, operários e soldado

Esta parte externa do ninho, em certas espécies, é tão resistente como o melhor tijolo e suas dimensões algumas vezes atingem mais de 2 e até 4 mts. de altura. Outras espécies habitam em troncos de árvores ou no madeiramento das construções. Em certa época do ano os indivíduos novos dos dois sexos, alados, vôam, (veja "Aleluia"), à tarde, depois da chuva e quando baixam à terra, amputam suas longas azas, para dar início ao novo ninho. Logo nascem os seus auxiliares e daí por diante a rainha tem por único trabalho a postura de ovos; seu abdômen desenvolve-se de tal forma que, em algumas espécies, pode atingir o tamanho de um dedo polegar.

Descreve Severiano da Fonseca (Viagem, pág. 353) a seguinte observação: "Nas cabeceiras do Rio Verde (Mato Grosso) vimos certa noite um espetáculo surpreendente. Um dêsses cupinzeiros, que os índios chamam tacurús, apresentava-se todo coberto de pequenas luzes,

quais minúsculas estrelas, semelhando uma torre em miniatura, brilhantemente iluminada. Vieram convidar-nos para partilharmos da surpresa e prazer. Golpeando-se o edifício, apagavam-se as luzezinhas, como por encanto, para virem surgindo, pouco a pouco, a começar dos lugares donde o golpe repercutira com menos intensidade". Certamente o fenômeno deve ser atribuido, não aos termitídeos, mas a microorganismos fosforescentes, incrustados nas rugosidades da camada externa do cupim. E tanto é coisa acidental, que aquele autor só verificou o fato em um dêsses cupinzeiros, quando descreve e evidencia no desenho a enorme quantidade de cupins, que "são os donos do terreno", como êle mesmo o diz.

No litoral, Rio de Janeiro e Santos, é *Coptotermes vastator* (cf. Costa Lima) a espécie que causa grandes danos nos madeiramentos das casas. De tal forma êsses insetos corroem especialmente as vigas do telhado, que chegam a desvalorizar a casa; há algumas madeiras brasileiras das quais se diz não serem atacadas pelo cupim. O combate à praga é difícil, devendo ser utilizados de preferência insecticidas arsenicais; o verde París é menos tóxico para êstes insetos; fluorsilicatos de sódio e de bário são eficientes e praticamente inócuos para o homem.

Para exterminar o cupim nessas condições, é preciso descobrir primeiro a localização do ninho central; isto quasi sempre se consegue, acompanhando a marcha dos insetos nos túneis que os mesmos constroem sobre a madeira. Êstes túneis, é inútil destruí-los, pois que servem apenas de passagem abrigada e, ainda que se os elimine, no dia seguinte estarão reconstruidos. Limpando o ninho central e juntando os insetos numa vasilha com água e petróleo, é preciso verificar si também a rainha, muito grande e gorda, foi apanhada. Si esta sobreviver, ela continuará seu trabalho de máquina poedeira e a praga se refaz. Outras espécies se dão a conhecer apenas pelo trabalho de destruição a que se dedicam no solo, atacando as raizes de um variado número de plantas ou mudas, capim, milho, cana, batata, algodão, árvores frutíferas e café. Exteriormente, à flor da terra, nada se percebe, pois os cupins cavam pequenos túneis no solo a pouca profundidade. Nos casos em que é possível fazê-lo, em geral basta arar bem, para exterminar a praga. O maior mal, porém, êstes insetos causam nos viveiros de mudas e, nestas, ainda depois de transplantadas. Roendo a

casca da raiz, como sempre o fazem, matam infalivelmente a plantinha.

Em Portugal generalizou-se a denominação "F o r m i g a b r a n c a" (à semelhança do inglês: "w h i t e a n t") e alguns escritores nossos também tentam introduzir a palavra, ao que parece por ignorarem que o conhecido "C u p i m" é sinônimo de *Termitideo* e que êsses insetos não são formigas. (Veja estampa da pg. 398).

Cupira — Esta denominação, dada às abelhas sociais que constroem seu ninho em cupins (abandonados ou em simbiose como os Termitídeos), demanda ainda um estudo mais acurado da biologia das várias espécies em questão, para que se possa fixar o valor taxonômico do vocábulo indígena, de larga divulgação entre os meladores. A. Ducke, em sua meticulosa "Revisão das Abelhas" (1916) menciona *Melipona kohli, M. pallida* e as subespécies desta, *cupira* e *helleri*, como nidificadoras em cupins; o mesmo autor mostra-se inclinado a reunir *M. kohli* à espécie semelhante *M. argentata*, e esta, sob a denominação *pulviventris* (aberr.), também já foi assinalada como "C u p i r a". *M. pallida* é por sua vez, uma espécie muito variável, a ponto de Ducke incluir aí várias formas que julga serem de transição e que, biologicamente, também variam quanto ao modo de nidificar, pois foram assinaladas colméias construidas em ôcos de árvores, em interstícios de muros, em cavidades do solo, em cupim e também como ninhos livres, dissimulados entre bromélias epífitas. (A êste tipo de ninho cabe a denominação "I r a x i m"). De tal modo discorda esta grande variabilidade da habitual restrição, de cada espécie, a um padrão único, que, prejulgando a questão, nos parece haver, além da evidente transição morfológica e ecológica, também alguma confusão toxonômica, ainda por corrigir. Aos investigadores oferece, pois, esta espécie interessantes problemas biológicos, acrescidos ainda da curiosa simbiose da abelha com os cupins e ainda com outros insetos sociais, como, por exemplo, com as formigas "S a r á - s a r á", *Camponotus rufipes*.

O fato é que o Dr. H. von Ihering examinou uma série de ninhos nestas condições; a habitação das abelhas achava-se envolvida pela dos cupins ou da formiga; e o conjunto todo estava abrigado no interior de árvores ôcas. Para que a economia interna das abelhas não seja molestada pelos vizinhos, elas mantêm seu ninho rigorosamente apartado por uma camada envolvente e a porta

de entrada consiste em longo tubo, que desemboca fora do tronco que agasalha as duas colônias.

Aos meros apreciadores de mel, as "Cupiras" não proporcionam iguais atrativos, como aos estudiosos. O mel destas abelhas não tem aroma; é, antes, ácido e ruim, a ponto de ter merecido o qualificativo "mel de cachorro", que abrange tanto esta espécie como outras de pouco aprêço.

Curiango ou "Curiavo", em Pernambuco ou, "Cariaponga" — Aves noturnas, de plumagem mole

Curiango tesoura

e, por isto, como as corujas, de vôo silencioso. Pertencem à fam. *Caprimulgideos* e os vários gêneros caracterizam-se por ser a unha do dedo médio provida de um verdadeiro pente em miniatura. O colorido é semelhante ao das corujas, predominando o ferrugíneo e côr de canela,

sobre fundo cinzento e com ondulações e desenhos de escamas escuras. Muitas espécies têm uma grande mancha semi-lunar, branca na garganta ("B a c u r a u", *Nyctidromus albicollis*). Contudo, há várias espécies que também são incluidas na denominação "b a c u r a u", — têrmo êste que, aliás, é puro sinônimo de "curiango", no Nordeste. Veja também "N o i t i b ó" e "M e d e - l e - g u a s".

Parece que tôdas as aves pertencentes a esta família obedecem a um mesmo plano, quanto ao modo de nidificar. Os ovos, em número de dois, sempre brancos e com alguns salpicos de côr violeta, são postos, sem mais cuidado, no chão, quando muito sob o abrigo de uma moita ou de um pé de café. Euler desconfia que a ave, de qualquer geito, sabe transportar os ovos para outro sítio, si percebe que alguém os descobriu ou lhes tocou.

Curiango tesoura — São as espécies de curiangos que têm longas penas caudais, às vezes com quasi o duplo do comprimento do corpo; pertencem a dois gêneros: *Macropsalis* e *Hydropsalis*. O primeiro tem verdadeira tesoura, sendo as penas exteriores mais longas e as internas sucessivamente mais curtas. *M. creagra* é a única espécie dêsse gênero e suas penas caudais mais longas medem até 60 cms. e têm a barba interna branca; ocorre só nos Estados de S. Paulo e Rio de Janeiro. No gênero *Hydropsalis* as retrizes exteriores formam tesoura mais curta (30 cms.) e além disto, as penas medianas são também longas; *H. torquatus* é do Brasil médio e *H. climacocercus* da Amazônia; aliás, estas três espécies diferem pouco umas das outras.

Curiantã — O mesmo que "G u r i a n t ã".

Curiavo — O mesmo que "C u r i a n g o". Onomatopaicamente *Curiá-vô* é a denominação que melhor repete a voz dessa ave noturna; mas a pronúncia consagrada é "C u r i a n g o".

Curica ou "C u r u c a" — Designa na Amazônia algumas espécies de papagaios do gên. *Amazona* e também a curiosa espécie *Pionopsitta barrabandi*, de cabeça preta, congênere do "C u i ú - c u i ú", do Sul. Ao contrário dêste último, que tem cabeça vermelha, o "C u r i c a" tem cabeça preta e apenas uma grande mancha amarela de cada lado do bico.

Curicaca — Ave da fam. *Ibidideos*, *Theristicus caudatus*, caracterizada pelo colorido pardo-cinzento, com

azas quasi brancas, pescoço branco-amarelado, peito e vértice pardo-castanho. A garganta é núa, preta, bem como uma zona ao redor dos olhos. O bico, longo e curvo, é preto na base, verde na ponta.

Curimã — E' a denominação indígena, em uso corrente no litoral nordestino e que corresponde à de origem portuguesa "Tainha"; abrange as espécies do gên. *Mugil*, que têm listras escuras longitudinais sobre o flanco e cujas nadadeiras dorsal e anal não são revestidas de escamas. (Veja-se sob "T a i n h a"). As outras espécies de *Mugil* sem listras e com nadadeiras escamosas, o indígena distinguia como "P a r a t í". Hoje, a nomenclatura usual entre os pescadores é a seguinte:

Da Baía para o Norte:

"C u r i m ã": espécies listradas; "T a i n h a", espécies não listradas.

Do Rio de Janeiro para o Sul:

"T a i n h a": espécies listradas; "P a r a t í", espécies não listradas.

A curimã, no litoral nordestino, é um dos peixes mais apreciados, a ponto de ter incentivado, em Recife principalmente, o desenvolvimento da piscicultura sob forma dos "viveiros". Êstes são despescados na Semana Santa, alcançando então a curimã o preço máximo, de 8 e 10$000 por quilo e tendo por competidor apenas a "C a v a l a".

Certificamo-nos, lá, que de fato o sabor dêstes peixes justifica tal preferência, que no Sul não teria razão de ser. As curimãs máximas atingem 1m,20 de comprimento e 7 quilos de peso. Estão ovadas em Junho, desaparecendo depois, em migração, cujo rumo ainda não foi verificado.

Curimaí — No Nordeste designa-se assim os filhotes de curimã, quando estão no ponto de serem levados para os viveiros; os proprietários dêstes compram-nos aos pescadores a 20 ou 40$000 o cento.

Curimatã — Pronúncia amazônica e nortista em geral, por "C o r u m b a t á" do Brasil meridional. A pronúncia sergipana é "C r u m a t á". Os dois nomes designam peixes do mesmo gênero, mas que diferem especificamente. E' evidente que a denominação encerra o radical *curimã;* dêste modo a etimologia de "corimbatá" está ligada ao nome indígena da tainha, peixe marinho até certo ponto semelhante. (Veja estampa da pg. 582).

Curió — O mesmo que "A v i n h a d o".

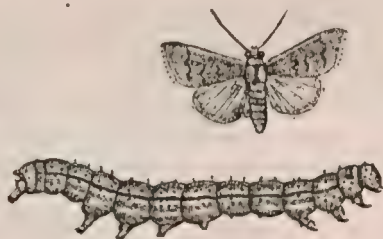
Curuá — Nome indígena dos ratos em geral e que às vezes figura também na nomenclatura usada pelo povo, em combinação com outros vocábulos. Também "Cururuá". Montoya menciona a forma guaraní "arurú". H. von Ihering registrou o nome como sendo aplicado em especial aos ratos de espinho *(Loncheres)*.

Curuaca — Peixe que em Belém do Pará, por lei, só deve ser admitido no mercado com 18 cms. de dimensão mínima. Não obtivemos outra informação mais positiva a respeito dêste peixe, que certamente alcançará quasi 50 cms. de comprimento.

Curubixá — O mesmo que "Grumixá".

Curucucica — Segundo Frei Prazeres, é no Maranhão "um sapo cuja baba se converte em resina medicinal". Certamente se trata do mesmo "Cunauarú", que também Barbosa Rodrigues menciona como "Cunauarú-icica" *(icica* — resina).

Curupetê — Êste nome cabe à espécie de "Pacú", figurada por Spix sob *Myletes bidens.* E' o que se depreende de uma anotação autógrafa, a lapis, no exemplar do famoso livro de L. Agassiz (1829), revisto e anotado pelo autor d'"O Selvagem", general Couto de Magalhães.

Curuquerê — Lagarta da mariposa da fam. *Noctuideos, Alabama argilacea.* E' praga muito nociva ao algodoeiro e que frequentemente chega a danificar a plantação, a ponto de diminuir em 50 % a colheita esperada. A lagarta, verde ou quasi preta, com desenho de linhas longitudinais e numerosos pontos redondos, atinge até 37 mms. de comprimento, alimentando-se vorazmente das folhas do algodoeiro. Destas lagartas ou, melhor, das ninfas em que estas se transformam, nasce a mariposa, que por sua vez, renova o ciclo, pondo ovos na página inferior das folhas. Êstes lepidópteros medem 3 a 4 cms. de envergadura e são de côr azeitonado-cinzenta, com linhas em pequeno zig-zag e uma mancha oval escura e três outras brancas nas azas anteriores; as posteriores

Curuquerê
A mariposa e a respectiva lagarta

são mais claras, com orla pontilhada, escura. Mas tanto na lagarta como na mariposa o desenho é muito variável.

O tratamento aconselhado é a pulverização das plantas com verde-París, que envenena os curuquerês, quando êstes comem as folhas tenras. Antigamente procedia-se da seguinte forma: misturava-se verde-París (não falsificado!) com farinha de trigo na proporção de 1 para 20; aplicava-se de manhã sobre as plantas ainda orvalhadas, a fim de obter boa adesão do pó. Usa-se para esta pulverização uma vara de comprimento igual à distância que vai de cova a cova; nas extremidades da vara colocam-se saquinhos de entretela um pouco aberta. Ou a pé ou a cavalo, o operário passa pela carreira, sacudindo a vara com os saquinhos que contêm o ingrediente, pulverizando assim todos os pés uniformemente. As lagartas ingerem o veneno ao comerem as folhas e só desta forma, prevenindo em tempo, conseguia-se salvar a colheita. Hoje o trabalho tornou-se menos penoso para o operador, aplicando-se com pulverizador o mesmo insecticida, dissolvido em água, na proporção de 250 gr. de veneno para 100 litros de água.

Cururú — Nome genérico dos sapos em tupí-guaraní. De Pernambuco ao Ceará designa especialmente o gênero *Bufo*. No Pará, ao que nos consta, designa a gia comum; "Cururú pé de pato" é a *Pipa americana*.

Curiosa, porém explicável, é a denominação "Sapo-cururú", usada pelos mestiços; deixa de haver tautonomia, devido ao sentido amplo da palavra sapo, como em geral a empregamos no Brasil. Nem por isso aconselhamos a difusão dêsse regionalismo curioso, como, por exemplo, o emprega G. Cruls na "Amazônia Mysteriosa", pág. 25: "a inflamação cederia mais depressa si fosse aplicado sobre a ferida um sapo-cururú aberto pelo meio". Lembraremos ainda a canção, talvez alagoana, que diz:

"Sapo cururú, da beira do rio,
Quando sapo canta, cururú tem frio".

É essa quasi a confirmação de que "sapo" determina apenas a ordem — Batráquios — e "cururú" assinala o gênero — *Bufo*.

Cururú — Mamífero roedor da fam. *Octodontideos*, *Ctenomys brasiliensis*, do Brasil central e do Rio Grande do Sul (sendo aí denominado "Tuco-tuco", como na Argentina). Assemelha-se ao arganaz da Europa; mede

25 cms. de comprimento, cabendo um terço à cauda, que é grossa e provida de poucos pêlos, brancos. A côr geral é castanho-amarelada, salpicada de preto. Vive nos campos arenosos, onde excava tócas com galerias ramificadas, a 5 ou 10 cms. de profundidade e, como frequentemente muda de habitação, vai minando a terra, de forma a torná-la perigosa para quem anda a cavalo, porque o animal facilmente tomba, ao enfiar os pés nestes buracos. Sua voz diz mais ou menos as sílabas de seu nome, "tuco-tuco", repetidas, do fundo da terra. Veja-se, também, sob "P u n a r é".

Cururú-bóia — No Ceará designa uma cobra também chamada "C o b r a - v e r d e"; mas A. do Amaral a identifica com *Xenodon severus*, portanto congênere da "B o i p e v a".

Cururú-xoré — Entre os índios do Rio Negro designa o rato de espinhos *Loncheres armatus*, ao qual nos referimos sob "G u a b i r ú".

Cururuá — Veja-se sob "C u r u á", esta talvez sempre com significação genérica, ao passo que aquela denominação se restringia aos ratos *Loncheres*.

Cururuca — De Pernambuco ao Pará dá-se êste nome aos peixes que da Baía (inclusive) para o Sul são conhecidos por "C o r v i n a s". Em Pernambuco distingue-se a Cururuca "branca" da "lavrada".

Curutié — O mesmo que "P i c h o r o r é".

Cutia — Roedores da fam. *Caviideos, Dasyprocta aguti* e *D. azarae* são as espécies mais comuns no Brasil

Cutia

meridional. Atingem 50 cms. de comprimento; o pêlo é áspero e de côr meio-parda, meio-amarelada, misturada

nos pêlos, tornando-se, porém, mais avermelhada no traseiro. O corpo é grosso e as pernas, finas, são relativamente altas para um roedor. Os principais distintivos da ordem a que pertencem, os dois dentes roedores, longos e curvos, são vermelhos. A cauda é tão rudimentar, que quasi não aparece. Vive só nas matas, onde faz sua tóca e o caçador facilmente a descobre, seguindo o trilho que conduz a ela. E' animal de hábitos quasi noturnos, pois, tendo passado a maior parte do dia no esconderijo, somente à tarde sai em busca de alimento, que consiste em tôda sorte de vegetais, tanto sob forma de frutos, como de raizes e, podendo ser, o milho, a cana e a mandioca lhe sabem bem. E' muito apreciada, não só pelo prazer venatório que proporciona, como pelo excelente sabor de sua carne. Quasi sempre a cutia se entoca quando perseguida pelos cães e o caçador a obriga facilmente a sair, fazendo entrar fumaça no buraco.

Cutia de rabo — No Norte e Nordeste é o mesmo que:

Cutiaiá — Na Amazônia designa a espécie de cutia muito menor, *Dasyprocta acouchy*, que tem rabo mais desenvolvido, com cêrca de 8 cms. de comprimento e um pincelzinho na ponta. Sai em busca de alimento à noitinha, mais tarde do que a cutia grande. Barbosa Rodrigues grafou em Luccok: "C u t i u á i a".

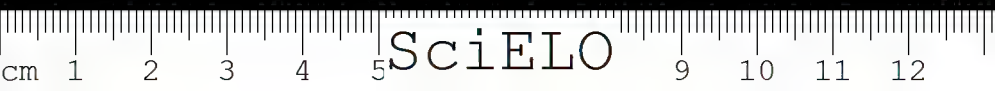
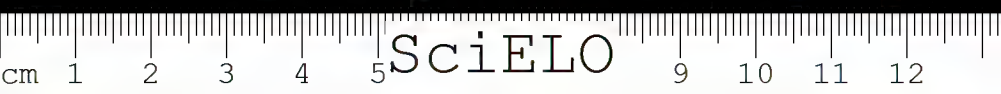
Cutimbóia — Na Amazônia êste nome é dado a um *Colubrideo, Drymobius carinatus*, que no Brasil meridional é uma das muitas "C o b r a s - c i p ó" ou "P a p a - p i n t o", como lhe chamam no Rio Grande do Sul. Não sabemos si só a esta grande espécie, que atinge quasi 3 metros de comprimento, cabe tal denominação, ou si "C u t i m b ó i a" ou, como também se diz na Amazônia, "A c u t i m b ó i a" abrange, ainda mais, várias outras cobras arborícolas. Frei Prazeres do Maranhão menciona "C u t i m b o i a p a p a - o v o s". Afranio do Amaral (Nom. vulgares ofid.) diz que na Amazônia o povo crê que esta cobra enterre a cabeça no solo, para açoitar os inimigos com a cauda.

Cutipaca — Denominação, ao que parece local, em São Sebastião (Est. S. Paulo), do "C a m a r ã o" *Palaemon jamaicensis*, aliás o "P i t ú".

Cutipuruí — Na Amazônia designa a "C o r r u í r a" do Sul.

Cutucurim — Nome indígena, aliás pouco vulgarizado, da "H a r p i a".

Cuxiú — Macaco amazônico *Pithecia satanas*, reforçado de corpo, que mede 60 cms. de altura; é preto com topete em forma de boné bipartido; também cabe o mesmo nome à espécie semelhante *P. chiropotes*, que difere por ter cauda mais curta. Vivem em bandos, mas só aparecem de manhã e de tarde; durante o dia estão quietos, escondidos na mata.

Cuxuíra — Abelha social da fam. *Meliponideos*, mencionada no "Apicultor brasileiro" por E. Schenk, apenas com a seguinte explicação: "Preta, dá muito mél; constrói uma porta de cêra, de forma tuberosa e saliente".

———o———

D

Dansador — O mesmo que "Tangará".

Dentão — Peixe do mar, sinônimo de "Carápitanga"; por ser, entre as espécies do mesmo gênero, a maior, de colorido vermelho vivo e com dentes grandes, parece que se trata de *Neomaenis jocu.*

Desdentados — Ordem de mamíferos, que no Brasil compreende três famílias, às quais pertencem respectivamente: os "tatús" *(Dasypodideos)*, as "preguiças", *(Bradypodideos)* e os "tamanduás" *(Myrmecophagideos)*. Propriamente de todo desprovidos de dentes são apenas êstes últimos; as espécies das duas outras famílias têm dentes, porém apenas do tipo dos molares e em número variável (até 100 ao todo, no "tatú canastra"). Mas êstes dentes não têm nem raiz nem esmalte. Formam o grupo dos desdentados *Xenarthros* (cujas vértebras têm apófises accessórias) e ocorrem só na América do Sul; ao mesmo grupo pertencem as célebres formas gigantescas extintas: *Glyptodonte, Megatherio, Mylondon*, etc. Na África e na Índia encontram-se também certos desdentados, porém do grupo dos *Nomarthros* (cujas vértebras têm articulações normais), tais como *Orycteropus* e *Manus.*

Diabo marinho — Peixe do mar, da fam. *Lophiideos, Lophius piscatorius* (mais ou menos semelhante aos peixes "morcego" e "sapo"); a bôca é larga, com mandíbula prognata, a dorsal só atrás forma verdadeira nadadeira, ao passo que os respectivos raios anteriores são acúleos isolados, distanciados uns dos outros. O primeiro dêstes raios acha-se implantado quasi no bordo anterior da cabeça, é o mais longo de todos e termina em uma sorte de flâmula. Com êste aparelho o "diabo" pesca: enterrando o corpo na areia ou no lôdo, deixa aparecer apenas a flâmula, que êle agita para atrair a curiosidade dos peixes que passam; é a isca que faz a vítima se aproximar. No momento oportuno, repentinamente, surge do lôdo a gran-

de bôca escancarada, na qual se some a preza, às vezes de dimensões consideráveis. Êle próprio não tem valor algum no mercado e, voraz como é, destrói grande núme-

Diabo marinho

ro de peixes bons; por isso o "Diabo marinho" é, com justa razão, considerado péssimo elemento nas zonas de boa pescaria.

Dirirí — Na Amazônia, segundo Alb. Rangel, parece ser um peixe grande (?): "algum "Dirirí" monstro ou tarirabóia de respeito" (Liv. de Figuras, pág. 211).

Doninha — Mamífero carnívoro da fam. *Mustelídeos, Putorius frenatus paraensis*, da Amazônia, aliás muito raro. Assemelha-se ao "Furão" e, como êste, o nome "Doninha" é de origem portuguesa, sendo as espécies européias correspondentes bastante semelhantes.

(Donzelo) — Têrmo português, que não é usado entre nós; aquí dizemos "Lavandeira" ou "Libélula".

Dormião — O mesmo que "João Bôbo".

Dormideira — Sob esta denominação o povo procura caracterizar um conjunto de cobras que também aos zoólogos tem causado dificuldade, na verificação de suas afinidades naturais. O nome vulgar provém do fato de serem cobras de hábitos noturnos, que portanto de dia parecem estar sempre dormindo; anatomicamente corresponde, a tal fato, a grande dimensão dos olhos, com pupila vertical; as escamas mentais são largas, isto é, não alongadas como em geral nas outras cobras.

São dendrícolas e alimentam-se de lesmas. Formam estas cobras um grupo a parte, na fam. *Colubrideos*, como subfamília *Dipsadineos*, com 24 espécies brasileiras, nas quais predomina o colorido branco-amarelado, com manchas pardacentas; o comprimento pouco excede de meio metro. De todo inofensivas, interessam particularmente ao biólogo, por seus hábitos e sua posição sistemática.

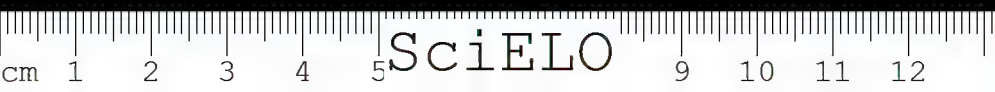
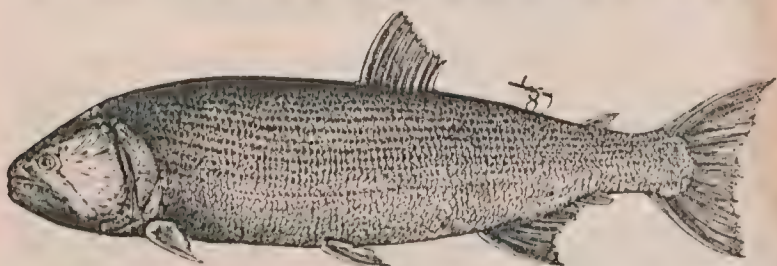
Dorminhoco — O mesmo que "Caranha de tôco".

Dourada — Peixe de couro Nematognata, da água doce, da fam. *Pimelodideos, Brachyplatystoma flavicans*, congênere da "Piraíba", "Piratinga" e "Piramutaba", da Amazônia; atinge 1m,50 de comprimento. Distingue-se da "Piraíba", por ter barbilhões maxilares muito mais curtos, ultrapassando apenas um pouco o comprimento da cabeça.

Na bacia amazônica não ocorre o peixe de escamas "Dourado" *(Salminus)*; no entanto vários escritores têm afirmado o contrário, equivocados pela quasi sinonímia da presente espécie, que também é grande e côr de ouro, porém do grupo dos peixes de couro.

Dourado — Peixe de escama da água doce, da fam. *Characideos*, gênero *Salminus*. E' o mais popular, por ser o mais belo e o mais apreciado de todos os peixes de água doce. Realmente merece tal fama, pois além de atingir 1m,40 de comprimento, e talvez 30 quilos de peso, a carne é das mais saborosas. Além disto é de lindo aspeto, pois, como o diz seu nome, todo êle é côr de ouro claro; cada escama é atravessada, no meio, por um pequeno traço preto e assim forma-se um leve desenho de numerosas linhas pretas paralelas, que percorrem o corpo da cabeça à cauda. No centro desta expande-se uma larga faixa preta, ladeada, nas abas, de vermelho-sangue, com reflexos dourados. (Veja estampa da pg. 582).

Trata-se de fato de duas espécies, muito semelhantes entre si: *Salminus maxillosus*, da bacia do rio da Prata (com 90 a 105 escamas na linha lateral) e *S. brevidens* do rio São Francisco (com 77 a 79 escamas na linha lateral). A terceira espécie dêste gênero é a "Tabarana", de dimensões menores. No tempo da desova, o dourado sobe às cabeceiras dos afluentes e, junto aos grandes saltos, que encontra em caminho, demora-se algum tempo, antes de vencer êsses obstáculos. E' um belo espetáculo, vê-lo, de um salto, galgar vários metros de al-

tura, irrompendo violentamente das águas e é fácil imaginar que força incrível o peixe deve empregar, pois que para tal façanha lhe cumpre não só resistir à impetuosidade das águas revoltas, como ainda imprimir ao corpo um impulso suficiente afim de transpôr a barreira. A respeito da pesca do "D o u r a d o", Fausto Lex informa o seguinte, em seu excelente guia do pescador, "A Pesca": "As melhores iscas são pequenos peixes (lambarís, pequenas piavas, etc.); também se pode iscar com rãs ou pedaços de carne. O dourado costuma frequentar as corredeiras e cachoeiras, mas passeia pelo rio todo. Não é nada arisco. Em percebendo a isca e estando com fome, atira-se a ela sem medir o perigo, abocanhando-a e procurando em seguida o fundo do rio. Sentindo-se ferrado, vem incontinenti à tona d'água, saltando mesmo para fo-

Dourado

ra, até um metro de altura e, com movimentos rápidos da bôca, procura livrar-se do anzol. Nesse momento é preciso não deixar bambear a linha, pois do contrário conseguirá escapar".

O nome indígena dêste peixe: "P i r a j ú" ou "P i r a j u b a", isto é, "peixe amarelo", foi de todo esquecido pelo caboclo e só nos é lembrado pelas denominações geográficas que o perpetuam. Veja-se também sob "S a i p é", denominação pela qual, nos afluentes do alto rio S. Francisco, é conhecida uma "variedade" do Dourado. Outra denominação, cuja identificação ainda está por esclarecer, é "D o u r a d o l í n g u a r o x a".

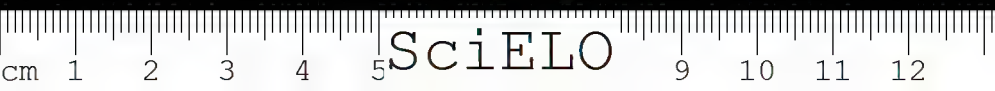
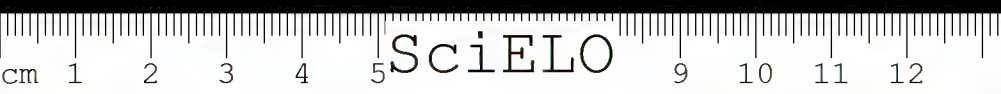
As enormes ovas dêste peixe, que em exemplares de 18 quilos chegam a pesar 2 quilos, contém para mais de 2,6 milhões de óvulos.

Na Amazônia não existe o Dourado (peixe de escamas, do gên. *Salminus*) e a espécie que lá é conhecida por "D o u r a d a", é um peixe de couro, portanto muitíssimo diverso.

Frequentemente os escritores aludem ao dourado, dando-lhe classificação entre os "*Salmonideos*"; o erro é manifesto, pois que não há no Brasil representante dessa família, à qual pertencem o verdadeiro "salmão" e a "truta". E' evidente que o nome genérico não indica parentesco.

Dourado (do mar) — Peixe do mar da fam. *Coryphaenideos, Coryphaena hippurus*, de todos os mares tropicais e sub-tropicais. A grande nadadeira dorsal extende-se da cabeça até quasi a cauda e a ventral é pouco menos longa.

Atingem 2 mts. de comprimento e vivem em bandos. Quem esteve embarcado, já os viu, à flor da água, dando caça aos peixes voadores, que êles perseguem com tenacidade. A carne é saborosa. O nome lhe cabe perfeitamente; seu colorido é não só dourado mas cerúleo no dorso e com linda iridescência; a parte inferior dos flancos é bem amarela-ouro.

Com relação a seu nome indígena, veja-se sob "G u a r a ç a p e m a".

———o

E

Eclipse — O mesmo que "S e c a"; veja êste e "L a g a r t a r o s a d a".

Efemérida — Insetos da ordem *Ephemerida*. Têm às vezes um par, mas geralmente dois pares de azas densamente reticuladas; o abdômen termina em 2 ou 3 longos fios multiarticulados; o corpo raro excede 1 cm. de comprimento, de modo que os longos fios são duas, três ou quatro vezes mais longos que o corpo. O inseto adulto vive só um dia ou dois, ou mesmo algumas horas apenas (daí a acepção vulgar da palavra), enquanto que a larva aquática leva muito tempo até completar tôdas as mudas de pele (cêrca de vinte vezes ao todo) e assim emprega de 1 a 3 anos para atingir a forma de inseto adulto. Essas larvas já têm os fios abdominais, porém mais curtos e a respiração se faz por meio das guerlas abdominais, que enfeitam cada segmento como franjas, no lugar dos futuros estigmas. Transformada em ninfa, sua pele depois se fende no dorso e em 10 segundos surge o inseto adulto, que sai voando; mas ainda uma vez dá-se uma muda de pele (caso êste de muda post-ninfal que só se observa nas *Ephemeridas)*. O inseto pousa sobre qualquer objeto, aí se fixa e sai do invólucro, que então representa o molde exato do seu corpo; é apenas uma casquinha transparente — porém uma maravilha!

Efemérida

Os adultos, durante o pouco tempo que vivem, não se alimentam e por isso nem têm aparelho bucal, nem intestino. Os machos distinguem-se facilmente por terem olhos muito grandes. O casamento se faz às pressas, momentos antes da morte.

Algumas espécies, em certas circunstâncias, desenvolvem-se em tão grande número, que chegam a formar verdadeiras nuvens. O curioso é que todos nascem no mesmo dia — quando a evolução durou alguns anos. Os pescadores bem sabem disto, porque a "S i r i r u i a", como êles chamam as efeméridas, voando em bandos compactos sobre o rio, chamam logo a atenção dos peixes. "Hoje os peixes não pegam", dizem êles, "estão cevados"; é dia de "S i r i r u i a". O Sr. Fausto Lex relatou-nos ter visto à margem do Mogí, em Novembro, extensas camadas de efeméridas mortas, formando lençois de alguns metros de extensão e até 5 cms. de espessura.

Ei-ã — No alto Amazonas é o nome (talvez só usado pelos indígenas?) dos "M a c a c o s d a n o i t e".

Eira — Carnívoro da fam. *Felideos, Felis eira,* gato do mato pouco conhecido, do sertão do Brasil e também do norte da Argentina e do Paraguai. E' do tamanho do "G a t o m o u r i s c o", de côr ruiva, amarelo-claro; em cima do beiço superior nota-se, de cada lado, uma manchinha esbranquiçada, da qual nascem as cerdas do bigode de igual côr. Vive de preferência nas bordas da mata e nos capões e sobe em árvores, o que não é dos hábitos do gato mourisco.

Ema — E' esta a verdadeira denominação da grande ave sul-americana, único representante, na América, da sub-classe dos *Ratitae* (aves cujo osso esternal não possue crista lamelar mediana) e à qual também pertence o avestruz africano, *Struthio camelus.* À nossa "E m a", que o índio denominava "N h a n d ú", o povo também dá, impropriamente o nome "A v e s t r u z"; mas zoologicamente os dois tipos distinguem-se a ponto de serem colocados em famílias distintas, caracterizando-se o avestruz por ter o pé apenas 2 dedos, ao passo que nas duas espécies sul-americanas da fam. *Rheideos* o pé tem 3 dedos.

Quanto ao seu valor econômico, também há grande diferença entre as duas espécies: as plumas do avestruz, muito delicadas e artísticas, são altamente cotadas no comércio, ao passo que a "E m a" fornece apenas material para a fabricação de espanadores.

Como já dissemos, há duas espécies sul-americanas, *Rhea darwini* da Patagônia e a *Rhea americana,* que habita a Argentina septentrional e, daí para o Norte, todos os campos maiores, até o Maranhão. Bem menor que o avestruz, ainda assim a "E m a" mede 1^{m},30 de altura;

seu colorido predominante é bruno-cinzento em cima, alvacento em baixo; bruno-denegridos são, em parte, a cabeça e o dorso. E' ave gregária, que vive em bandos de algumas dezenas e até de 50 ou mais indivíduos. Sua alimentação consiste em vegetais, que a ave pasta como qual-

Ema

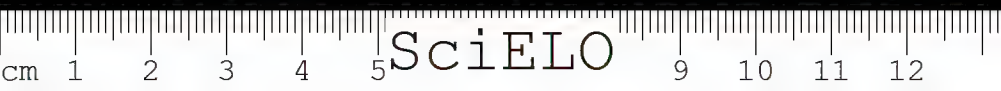
quer herbívoro e também em insetos e vermes e, fortuitamente, outros pequenos animais são devorados com prazer. Além disto vão ao estômago da ave muitas pedrinhas, como aliás é hábito de tantos outros granívoros, que assim procuram facilitar a trituração do alimento e, ampliando êsse hábito, a ema, por extravagância, não resiste à tentação de engolir também quanto objeto miúdo lhe desperte a atenção, pelo brilho ou pela côr: botões, fivelas, moedas, pregos, etc.

Ao tempo da procreação, cada macho procura arrebanhar várias fêmeas, o que naturalmente dá lugar a violentos duelos e certamente tem razão o escritor que, depois de ter assistido a êsse empolgante espetáculo, poz ao ridículo tudo quanto diz respeito às "brigas de galos" dos amadores da rinha comum.

Depois de ter preparado uma cova ampla no chão, o galo vai arrecadando os ovos de suas companheiras, para chocá-los e tal é sua dedicação ou ciume, que nem permite à galinha sentar-se no ninho; extendendo o pescoço, busca o ovo posto no chão e fá-lo rolar para a cova. Mede cada ovo cêrca de 138 por 97 mms. e uma boa ninhada pode conter de 40 a 60 ovos; êstes são chocados durante seis semanas. O povo afirma que, muito de propósito, a ema deixa gorar alguns ovos, para com êles alimentar os pintos recém-nascidos; o caso é verdadeiro, apenas com a seguinte explicação. Em todas as ninhadas um ou outro ovo não vinga e, posto para fora da cova, logo sucede quebrar. Serve então ao desenvolvimento de muitas larvas de moscas que, a seu tempo, naturalmente não são desprezadas pelos pintos. Ao cabo de duas semanas o "pintinho" mede ½ metro de altura e já então ninguém mais o alcança a pé; os adultos nem mesmo bons cavalos de corrida acompanham e a caçada torna-se ainda mais difícil porque, vendo-se em apuros, a ema sabe desviar e enganar o perseguidor. Ao trote, cada passo lhe rende mais de um metro e no galope, de azas abertas, cada pulo é de $1^{m},70$. Infelizmente a ema vai sendo exterminada por toda a parte, tanto no Brasil como na Argentina e hoje já são raros os bandos maiores. Sua carne é grosseira e não se aproveita; porém os ovos são apreciados por causa da gema, que equivale a 15 das de galinhas; esvasiada a clara que, por ser grosseira, não se aproveita, tempera-se e cozinha-se o conteúdo dentro da própria casca. Como já dissémos, as plumas têm alguma aplicação industrial, porém nem dez libras valem uma das de avestruz.

Embetara — Veja "B e t a r a".

Embiara — Termo amazônico; significa a presa ou tudo que se caça ou pesca.

Emboré ou "A m b o r é" — Peixinhos do litoral, da fam. *Gobiideos*, aos quais nos referimos mais detalhadamente sob "M u s s u r u n g o". No Nordeste a mesma denominação é conhecida nas variantes "A m o r é" (veja

êste) e outras. A família em apreço, caracterizada pela transformação das nadadeiras ventrais em disco adesivo. abrange para mais de 20 espécies e desta forma é provável que as duas denominações (Amboré e Mussurango) devam definir subdivisões, como também foram estabelecidas em sistemática.

As espécies da subfam. *Eleotrineos* (gên. *Dormitator* e *Eleotris)* encontram-se em qualquer água do litoral, salobra ou mesmo doce, ao passo que os da subfam. *Gobiineos* preferem a água mais batida do mar; ao baixar a maré, muitos dêsses peixinhos ficam presos nas pequenas poças, mas podem viver durante algum tempo mesmo em sêco, nada sofrendo com isto. Não têm valor econômico, a não ser como isca. O maior dêles "Emboré-guassú" *(Chonophorus tajacica)* atinge 17 cms. de comprimento; os demais mal alcançam 10 cms.

Embuá ou "Amboá" — Veja sob "Piolho de cobra".

Encerra — No Vocabulário gaucho de R. Calage, êste têrmo de caça é assim explicado: "Certa armadilha, de apanhar avestruzes, veados, animais alçados, etc. e que consiste em estreito e longo corredor, que vai desembocar em um curral próximo ou dentro do mato, onde ficam presos". (Romaguera).

Enchó — Peixe do mar *(Neomaenis* ou *Seriola?).*

Enchova — Peixe do tipo da sardinha; mais geralmente, no Brasil, êstes peixes da subfam. *Engraulineos* são conhecidos pelo nome de "Manjubas". Veja-se também "Anchova". E' fácil imaginar a confusão que resulta desta ambiguidade, tratando-se de espécies tão diferentes; felizmente, porém, não triplicámos aquí, a acepção, como acontece em Portugal, onde o mesmo nome "Anchova" designa ainda o peixe *Seriola lalandi,* que no Brasil é conhecido por "Olho de boi" ou "Arabaiana".

Enchova — Peixe do mar, *Pomatomus saltatrix,* conhecido pelo mesmo nome vulgar também em Portugal. O corpo fusiforme é revestido de escamas cicloides; a nadadeira dorsal dupla tem a parte espinhosa baixa e fraca; a bôca é ampla e a mandíbula prognata; os dentes são fortes, comprimidos e desiguais. O colorido é verde-oliva no dorso, branco no lado ventral; o mento é preto, bem como uma nódoa na base das peitorais. As nadadeiras dorsais e

caudal e uma linha ao longo do dorso são escuras; as nadadeiras inferiores são brancas. Há exemplares de 1 metro de comprimento e 12 quilos de peso, mas em geral só chegam ao mercado peças de ½ a 2 quilos. Como aparece regularmente em cardumes, é objeto de grande pesca, ainda que, por não ser de "1.ª qualidade", não alcance maior preço no mercado. (Não confundir com Anchova do tipo das sardinhas, subfam. *Engraulineos)*.

Da minuciosa descrição que Virgilio Varzea (Sta. Catarina, vol. I, Ilha) traçou, relatando o modo como se pescam as enchovas, extraímos o seguinte resumo. A baleeira que segue para o costão ou para o mar aberto, conforme o aconselha, no momento, a prática do pescador, é tripulada, em regra, por um patrão e quatro remadores. Fundeada a pequena embarcação, atiram-se ao mar as linhas, que aliás são um meio têrmo entre a linha larga comum e o espinhel, pois além do anzol preso à extremidade, pendem da linha mestra 10 a 12 linhas secundárias, de um metro de comprimento cada uma. Quando o lugar é bom ou há um cardume reunido, bastam algumas horas apenas, para que a baleeira possa regressar completamente carregada. Às vezes sucede jogar o pescador a linha e poder logo recolhê-la, com o peixe pegado.

Como se depreende desta descrição, a enchova é voracíssima e como prefere ter pouco trabalho, costuma atacar os cardumes de sardinhas, savelhas e outros peixes pequenos dêsse grupo. Foi observado que a enchova pode ingerir, diariamente, quantidade de peixe igual à metade de seu próprio peso.

Enchú ou "I n c h ú" — Pequenas vespas sociais, que produzem algum mel, tais como *Polybia sylveirae* e outras, cujos ninhos os índios, e ainda hoje seus sucessores, os caipiras, não deixam de revistar em procura do pouco mel, pelo qual sempre foram ávidos. A pronúncia original guaraní é "e i j ú", isto é, *eir-jú*, abelha (mel) de ferrão; hoje diz-se "e i c h ú" e "i n c h ú". Advertiu-nos o Dr. Barros Penteado de que a significação de "i c h ú", entre os caipiras, se extende antes aos enxames embolados dos himenópteros melíferos, abelhas ou vespas, sem distinção; não se aplica, porém, às espécies que enxameiam voando em nuvens menos compactas.

Enchú da beira do telhado — E' a *Polybia scutellaris* (que já registrámos sob "C a m o a t i m").

Enchuí — Abrange várias abelhas sociais; porém o sufixo diminutivo indica que se trata das espécies ainda menores, que as precedentes, tais como *Polybia sedula* ("Caba mirim").

Encontro ou "Soldado do bico preto" — Pássaro da fam. *Icterideos, Xanthornus pyrrhopterus,* preto, com encontros das azas de côr laranja-escuro e bico preto. Torna-se muito manso e pode ser mantido solto em casa.

Enguia — Veja-se "Moreia". As verdadeiras enguias da Europa e da América do Norte *(Anguilla anguilla e A. rostrata),* que vivem no mar e cujos filhotes sobem os rios, não existem entre nós. Veja-se também "Mussum" e "Caramurú".

Várias vezes tem sido proposto pelos "novidadeiros", que a enguia européia deveria ser aclimatada em nossas águas e o argumento apresentado em seu favor, de fato parece sedutor: — para muitos gastrônomos, a enguia não tem rival. Encaremos, porém, a questão pelo seu outro aspeto, de muito maior importância econômica. Nos rios em que se criam as enguias, é inútil estender rêdes, pois que durante a noite os peixes emalhados são devorados pelas enguias e o pescador que se contente com as cabeças e as espinhas! A pesca de espinhel provavelmente sofreria consequências idênticas. Valerá a pena, por êste preço, contentar alguns gastrônomos?

Enrola-cabelo — Veja-se "Torce-cabelo".

Enxada — O peixe marinho, ao qual cabe êste nome, pertence à fam. *Ephippideos,* representada entre nós por uma só espécie, *Chaetodipterus faber,* de vasta distribuição e que atinge quasi um metro de comprimento. O colorido é prateado, ornado com 5 faixas escuras, a primeira das quais passa sobre o olho; nos exemplares grandes, êste desenho se confunde com a côr geral.

A nadadeira dorsal é dividida em duas porções, a 1.ª com 8 raios ósseos e a segunda com os raios anteriores mais longos.

Por terem feitio geral mais ou menos semelhante, isto é ovalado e comprimido, são às vezes confundidos com esta espécie, duas outras, aliás bem distintas: o "Parú" e o "Parú da pedra", nomes êstes que já indicam a aproximação que os pescadores querem sugerir. Mas o verdadeiro "Parú" não possue nadadeiras ventrais desenvolvidas, como as duas outras espécies; estas

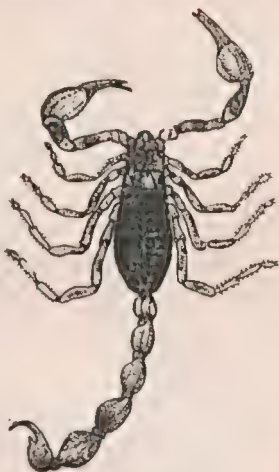
diferenciam-se bem pelo feitio da nadadeira dorsal, entalhada, isto é dividida em duas na "E n x a d a" e contínua no "P a r ú d a p e d r a"; de resto o colorido é bem diferente, pelo menos nos exemplares pequenos ou de tamanho médio.

Eratí — Grafia riograndense de "I r a x i m" (abelha social).

Ervacora — Lemos assim, na lista oficial da capitania do porto da Paraíba, por "A l v a c o r a".

Escaravelho ou "E s c a r a b e u" — Êste último têrmo não tem, na bôca do povo, valor descritivo, a não ser: besouro, de preferência os de côres metálicas. "E s c a r a b e u", como têrmo erudito refere-se aos besouros Lamelicórneos da fam. *Scarabaeideos*. Há dêstes coleópteros um grande número de espécies brasileiras, de feição característica, com chifres no tórax. A côr é preta, com reflexos metálicos, outros são inteiramente esmeraldinos ou cúpreos. A maior das nossas espécies, *Phanaeus lancifer*, verde esmeralda, atinge 5 cms. de comprimento; o gênero mais comum é *Pinotus*. Vivem nos excrementos, isto é, por baixo dêles abrem canais na terra e para aí transportam seu alimento fétido, afim de comê-lo socegadamente. Por esta forma tornam-se úteis, auxiliando a boa adubação do terreno. Seus ovos criam-se em bolas de excremento, roladas com especial cuidado pela mãe; a pequena larvinha, ao nascer do ovo, encontra-se desde logo rodeada pelo seu alimento predileto e exclusivo.

Escorpião — Artrópodes da classe *Arachnoides*, ordem *Scorpionida*. O corpo caracteriza-se bem por ser o cefalotórax provido de 5 pares de extremidades, isto é, 4 pares de patas e um par anterior de mãos, providas de fortes tenazes; o abdômen é representado por uma longa cauda composta de 6 segmentos muito bem destacados uns dos outros e o último dêles termina em forte espinho curvo e agudo, que é a arma do escorpião. O veneno, que êle injeta por meio dêste ferrão, causa dôres violentíssimas, podendo mesmo determinar a morte, principalmente si a vítima fôr uma criança e si a espécie de escorpião fôr das de maiores dimensões. Há no Brasil, ao todo cêrca de 50 espécies, repartidas por 10 gêneros. A classificação torna-se muito difícil, devido à grande uniformidade desta ordem, de modo que os especialistas tiveram de recorrer a caracteres de somenos im-

portância e que só podem ser reconhecidos pelo exame através da lente. Não ocorrem na nossa fauna espécies tão grandes como as africanas, algumas das quais atingem 20 cms. de comprimento; os nossos maiores escorpiões (*Rhopalurus*, do Nordeste árido) alcançam no máximo 10 cms. No Brasil meridional há apenas uma meia duzia de espécies. *Tytius bahiensis* é a mais comum em S. Paulo; tem um espinho por baixo do ferrão grande e uma mancha preta, alongada, no meio do antebraço. *Isometrus maculatus*, mais comum no litoral, de côr amarelada e com inúmeras manchinhas brunas, irregulares, sobre todo o corpo, é espécie importada, hoje aliás cosmopolita. Os escorpiões vivem escondidos debaixo das pedras e em cupins e alimentam-se de insetos, que, após rápida luta, por assim dizer fulminam com o veneno.

Escorpião

São vivíparos e os minúsculos filhotes, em número de 30 ou 50, passam os primeiros dias trepados nas costas da mãe. Veja-se também "L a c r a u". No Maranhão diz-se "R a b o t o r t o".

Escrivão — Em Paranaguá dá-se êste nome a um peixe do mar, que aparece em pequena quantidade no mercado.

Escumana — Segundo Wald. Silveira é, em dialeto caipira de certas regiões, o mesmo que "V i t ú".

Esfalfado — Na Baía, parece ser o "P e i x e - p o r c o".

Espada ou "P e i x e e s p a d a" — Veja sob "S a - r a p ó".

Espadarte — Peixe do mar da fam. *Xiphiideos*, *Xiphias gladius*, de todos os mares tropicais. Atinge cêrca de 4 metros de comprimento; seu corpo é fusiforme e o que melhor caracteriza a espécie, é o enorme bico, achatado, que faz lembrar um longo punhal, de bordos cortantes e percorrido, tanto em cima como em baixo, por um sulco mediano; essa "espada" perfaz quasi 1/3 do comprimento total. E' conhecido como devastador dos ban-

dos de cavalas e sardas; enfurecido, ataca os maiores peixes e mesmo as baleias. Às vezes encontra-se também o seu bico, quebrado, encravado no casco dos navios. E', sem dúvida, animal possante; porém há façanhas extraordinárias que lhe são atribuidas e que certamente são exageradas.

Espanta-boiada — Em Mato Grosso, Sergipe e Pernambuco, é o mesmo que "Quero-quero", mas nas mesmas regiões também é conhecido por "Téu-téu".

Espanta-porco — Também são conhecidas por êste nome as "Tovacas".

Esperança — Ortópteros da fam. *Tettigoniideos* (Veja-se os caracteres dêstes sob "Gafanhoto"), assim chamados por serem quasi sempre "verdes como a esperança". Há porém muitas espécies da mesma família, que não são verdes, mas diferentemente coloridos. Os *Tettigoniideos* produzem sons variados e muitas vezes, quando nos parece ouvir um grilo com voz diferente da comum, é a "Esperança" que está tocando sua gaitinha. Haja vista o que Bates conta do "Tananá" da Amazônia.

Esperança

As "Esperanças", em sua maioria, têm hábitos noturnos. Algumas espécies são insectívoras, outras, talvez em maior número, fitófagas. Não foram até agora assinaladas espécies prejudiciais à lavoura, como já se verificou nos Estados Unidos. Somente Bondar menciona estragos nos cacaueiros, causados por um *Tettigoniideo*, ao qual na Baía se dá o nome de "grilo" (veja êste).

A quem procure estudar o complicado capítulo do "Mimetismo" dos insetos, oferecem os *Tettigoniideos* numerosos exemplos e dos mais típicos. Verifica-se nestes insetos sempre o mimetismo (ofensivo ou defensivo?) por adaptação homocrômica ao meio em que costumam viver — em outras palavras: as "Esperanças" procuram dissimular-se no meio da folhagem, tomando o feitio e a côr desta. Há espécies cujas azas, no repouso, imitam maravilhosamente as folhas do galho sobre o qual pousam; o feitio e a côr são idênticos e mesmo as nervuras da aza simulam as da folha. Mais curiosa, ainda, é a perfeita imitação de folhas sêcas, carcomidas e mesmo atacadas de

fungos, com que outras espécies do mesmo grupo conseguem mascarar-se. Trata-se de insetos predatórios (como o "Louva-Deus") e portanto resta esclarecer si o mimetismo é defensivo ou si deve facilitar a caça aos insetos assim iludidos. (Veja estampa da pg. 398).

Espia maré — Crustáceo da fam. *Ocypodideos*, *Ocypoda arenaria* de carapaça quadrada; o colorido é branco-amarelado. Vive em buracos, que excava nas praias arenosas. Pertence à mesma família do "Chama-maré".

Esponja — No sentido restrito, êsse nome cabe somente à substância (queratina) que forma o esqueleto

Esponjas d'água doce

de *Euspongia officinalis*, esponjiário marinho estranho à nossa fauna.

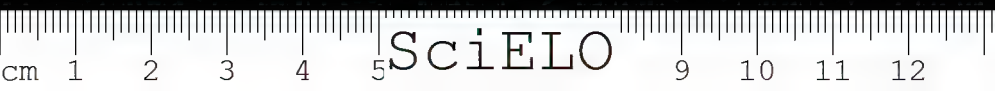
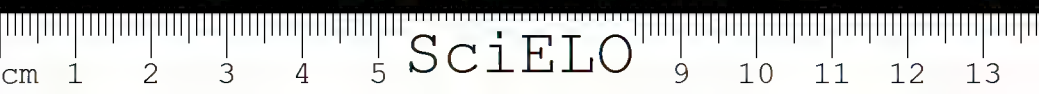
Têm o mesmo nome todos os esponjiários, quasi todos providos de esqueleto, que pode ser calcáreo *(Calcispongia)*, silicoso *(Silicospongia)* ou queratinoso *(Ceraospongia)*. Além das numerosas espécies marinhas, há também pequenos esponjiários d'água doce, que recobrem troncos submersos e entre êstes só tem nome vulgar o "Cauixí".

Esqualo — Veja sob "Tubarão".

Esquilo — Veja "Caxinguelê".

Estrela do mar — Equinodermas, marinhos, da ordem *Asteroides*. O corpo dêstes curiosos habitantes do mar tem forma de estrelas, com braços mais ou menos grossos ou longos. Em geral a forma é pentagonal, mas

Equinodermos

conforme o tipo da família, o número de braços é muito maior, podendo elevar-se, em certas espécies, até 25. As formas geométricas ou bizarras e o revestimento de tubérculos e espinhos já as tornam interessantes, quando apanhadas mortas na praia, arrastadas do fundo do mar pelas ondas. Porém muito mais curiosos são êstes seres, quando se os pode estudar vivos, para assim se observar seus movimentos. Si não houver melhor facilidade para obtê-los, basta esperar que os pescadores tirem suas redes de arrastão, as quais sempre trazem Equinodermas. O modo de locomoção das "Estrelas do mar" e em parte também dos pindás, é o seguinte, assaz curioso. Por uma placa *(madrépora)* do dorso, que está em comunicação com um canal que atravessa o corpo, o equinoderma faz penetrar água nos vasos ambulacrais da face ventral, cujas ramificações terminam em numerosíssimos pedúnculos, providos de ventosas. Quando o animal quer andar, êle injeta água nos pedúnculos, que assim se distendem e logo se fixam por meio das ventosas; em seguida os músculos dos pedúnculos se contraem, arrastando o corpo na direção desejada. É ainda com êstes pedúnculos que êles seguram suas prezas, às vezes consideráveis. Aos equinoides as creanças costumam quebrar o esqueleto adjacente à bôca, para tirar uma linda e complicada jóia calcárea, a chamada "*lanterna de Aristóteles*" dos compêndios zoológicos, que constitue o aparelho mastigatório dêsses animais.

———o———

F

(Fataça) — Sinônimo de "T a i n h a", porém usado só em Portugal, da mesma forma que "M u g e m". Em rigor, o têrmo não deveria figurar no presente vocabulário e só o mencionámos para assinalar o fato, que não deixa de ser curioso: pois se existe no Brasil a espécie perfeitamente correspondente à de Portugal, porque não se generalizou entre nós o nome?

Fava ou "F a v i n h a" — No Maranhão, segundo W. da Costa, é um peixe miúdo, do alto mar, menor que a sardinha e semelhante ao lambarí. E' muito abundante, mas não tem valor no mercado.

Feixe fradinho — O mesmo que "P o m b a d o c a b o".

Fem-fem — O mesmo que "S a c í".

Ferreirinha — Nome bastante impreciso, que no Brasil meridional designa certos peixes da fam. *Characideos*, subfam. *Anostomatineos*, semelhantes às "P i a v a s", porém menores, ornadas por um maior número de faixas transversais e em geral com nadadeiras inferiores de viva côr rubra ou coralina. Pertencem ao gênero *Leporinus* e as espécies variam de acôrdo com as bacias hidrográficas. Não têm verdadeiro valor mercantil, devido as suas proporções, que raro ultrapassam um palmo de comprimento.

E' preciso ter em mente que os exemplares juvenís das Piavas grandes, têm, inicialmente, colorido mais abundante, que se torna difuso com a idade e assim a Piava enquanto nova se parece com a Ferreirinha; nesta, porém, o colorido sanguíneo das nadadeiras é característico.

Ferreirinho — Denominação amazônica, dada aos passarinhos da fam. *Tyrannideos*, do gên. *Todirostrum*, semelhantes aos "P a p a - s e b o s", porém com bico mais desenvolvido. O colorido é verde-azeitona no dorso e amarelo vivo no lado inferior; a cabeça em geral é preta ou pelo menos escura, o que distingue as várias espécies. Seu nome parece que alude à voz dêstes passarinhos, cujos

representantes no Brasil meridional são conhecidos em algumas regiões do Estado de São Paulo por "T é q u e - t é q u e".

Ferreiro — Batráquio da fam. *Hylideos*, talvez *Hyla faber* ou *H. langsdorffi*, que são as espécies mais comuns no Brasil meridional. A primeira delas atinge 8 a 9 cms. de comprimento; sua côr é amarelo-suja, com uma lista escura ao longo do dorso e algum outro desenho irregular e faixas pretas nas pernas traseiras. Sua voz corresponde bem ao nome que lhe foi dado e à noite são as suas hordas que muito contribuem para a intensidade do concêrto vocal nas lagôas e nos brejos. Goeldi observou minuciosamente como êste batráquio apronta o aposento dentro do qual criará seus filhos. "A margem de uma grande poça d'água, o "f e r r e i r o" juntou aos poucos um montículo de lama, ao qual ia dando feitio de cratera, com 30 cms. de diâmetro. Utilizando-se habilmente das mãos como colhér de pedreiro, alisava a parede interna da bacia e também a barriga e o papo lhe serviam para igual mistér. Na água tranquila dessa incubadeira foram postos os ovos, dos quais 4 dias depois nasceram os girinos; êstes só depois de terem atingido 3 cms. de comprimento perdem a cauda".

Ferreiro — O mesmo que "A r a p o n g a".

Fidalgo — Denominação matogrossense (foz do Jaurú) de um bagre, *Luciopimelodus platanus*, cujos acúleos das nadadeiras dorsal e peitorais não têm serrilha. E' espécie de vasta distribuição no sistema fluvial do Paraná, porém não lhe conhecemos nome especial no Est. de S. Paulo.

Igual nome foi registrado por Natterer, também em Mato Grosso, para um outro bagre, *Callophysus macropterus*, que na Amazônia é chamado "P i r a n a m b ú a m a r e l o". No Piauí o "F i d a l g o" é, com justa razão, considerado um dos peixes mais saborosos.

Filhote — Designam assim, no Pará, os espécimens novos, semiadultos, da "P i r a í b a".

Filoxera — Inseto da ordem dos *Homópteros*, subordem *Phytophthireos*, fam. *Aphideos*, à qual também pertencem os "pulgões das roseiras". Pelo nome genérico designa-se vulgarmente o parasita da raiz da videira, mais conhecida por *Phylloxera vastatrix* Plan., 1868 (cujo nome específico foi alterado para *Ph. vitifoliae* Fit., 1855)

espécie de tal modo nociva a estas plantas, que chegou a aniquilar a viticultura de zonas extensas de Portugal e da França. Importada para o Brasil, também aquí já tem causado sérios danos. Sua pátria de origem é o sul da América do Norte. O ciclo evolutivo dêstes insetos é bastante complicado. A fêmea alada é partenogenética, isto é, põe ovos sem que tenha sido fecundada; dêstes ovos, que são depositados na face inferior das folhas da videira, nascem machos e fêmeas, que porém, não só são ápteros, como também não têm aparelho bucal ou tromba suctória; tais fêmeas, depois de fecundadas, põem um único ovo, grande, do qual na primavera seguinte nasce a geração áptera, propriamente nociva à planta. São como que formas larvais, que vivem na raiz da planta e aí provocam a formação das nodosidades características da moléstia. Cada um dêstes insetos põe 30 a 40 ovos e durante o verão sucedem-se várias gerações, sempre partenogeneticamente, até que surja outra vez uma geração alada, a qual recomeça o ciclo aquí descrito e é por esta ocasião que o mal se propaga de um vinhedo a outro. Para evitar a importação do mal, é preciso examinar as raizes e inutilizar as plantas que apresentam as nodosidades doentias. A melhor defesa contra êste mal é formar todo o vinhedo utilizando "cavalos" rústicos, que sejam refratários ao ataque da filoxera.

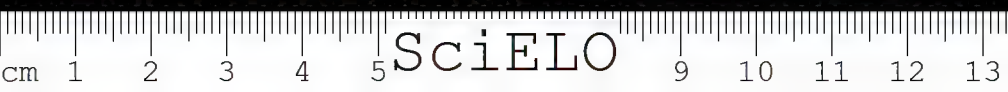
Fincão (no Rio Grande do Sul) ou "Fincudo" — O mesmo que "Barbeiro" (percevejo). Porém no litoral, do Espírito Santo ao Sul da Baía, designa somente os "Mosquitos pernilongos". Contou-nos o Dr. Florence que, viajando pelo sertão dessa zona e queixando-se de ter sido molestado por inúmeros pernilongos, não foi compreendido pelos habitantes da região, que acharam muita graça no vocábulo, quando lhes foi explicado como sinônimo de "Fincudo", único nome dado aos *Culicideos* nessa região.

Flamengo — Aves da fam. *Phoenicopterideos*, do gên. *Phoenicopterus*, que na Amazônia são conhecidas também por "Ganso côr de rosa" ou "G. do Norte" e "Maranhão". Ave curiosíssima, não é ela contudo tipo peculiar à nossa fauna, nem mesmo à América. Existem ao todo 8 espécies dêste gênero, espalhadas pelo mundo, diferindo as espécies da Europa ou da África apenas por alguns detalhes de colorido. Em Portugal diz-se "Flamingo". Os nossos "Flamengos" perten-

cem a duas espécies, *Ph. ruber*, que habita a Amazônia e daí se extende para o Norte até a Flórida, e *Ph. chilensis* que é do Sul, estendendo-se à Argentina e ao Paraguai; em nosso país parece que até agora só foi assinalado no Rio Grande do Sul, onde aliás lhe coube o nome vulgar de "G u a r á". (Note-se que no Rio Grande do Sul não ocorre a outra ave vermelha, o "G u a r á" — *Eudocimus ruber* que, ao Sul, só alcança o Paraná — e assim, do ponto de vista local, a confusão cá e lá limita-se a ter cada região apenas dois Guarás: um lobo e uma ave. Ainda bem!). Quanto ao feitio destas aves, para quem não as conhece, a melhor descrição é a seguinte: um enorme corpo de ganso ou de cisne, montado sobre pernas de pau, imensamente longas e com um pescoço muito fino, quasi tão comprido como as pernas. Como a ave gosta de andar com a cabeça erguida, talvez para pôr em melhor evidência sua altura de 130 cms., êste esguio rival do avestruz é o que se possa imaginar de grotesco no mundo aviário. Esquecíamos ainda que o bico é abrutalhado e curvado para baixo, como um formidável "nariz de papagaio". Apenas o colorido faz por atenuar a má impressão: a plumagem de *Ph. ruber* é de linda côr vermelha, rutilante; somente as rêmiges são pretas. *Ph. chilensis* lhe é em tudo semelhante, mas o colorido geral não é tão vivo, porém encarnado pálido ou róseo e as azas não são pretas, mas de um lindo vermelho-carmim.

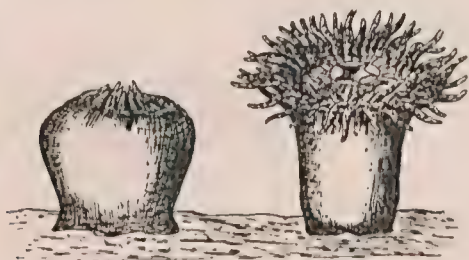
Gostam de andar aos bandos, às vezes tão numerosos, que Chapman avistou uma tropa de mais ou menos 700 indivíduos em uma ilha das Baamas e lá mesmo contou perto de 2.000 ninhos em uma várzea. Mas o ninho de uma ave tão singular não pode deixar de ser curioso também; e, de fato, é um grande monte de barro, que a ave juntou com os pés e depois, sentando-se em cima, conseguiu dar-lhe a necessária concavidade em que coubessem os ovos. A idéia foi engenhosa, pois desta forma a ave, a cavaleiro sobre o montículo, sempre encontrou geito para acomodar as longas pernas que, meio estiradas, meio bamboleantes, lhe pendem para um e outro lado. Os ovos, em número de dois, são azulados, mas cobertos de uma camada branca, calcárea; medem 85 por 55 mms.

Depois de citar igual descrição do curioso ninho, como primeiro o observou Ferreira Penna, Goeldi declara errônea "tal lenda, em voga entre o povo". Baseia-se o autor da Monografia das Aves, pág. 558, em fotografias tiradas nas regiões pantanosas da Hespanha, e aí a po-

sição da ave no ninho é a normal. Contudo o autor se esqueceu que as duas espécies são diferentes e que, portanto, a diversidade assinalada tem cabimento. O velho naturalista brasileiro A. Ferreira Penna sempre foi um observador conciencioso e, além disto, temos hoje a confirmá-lo o proveto ornitólogo americano Chapman, em cuja descrição, referente à nossa espécie, nos baseámos.

Flamengo

E' característica a posição em que essa ave dorme: curvando o pescoço, disposto em laço sobre o dorso, esconde a cabeça entre as penas umerais; além disto encolhe uma das pernas, à moda dos gansos e assim o volumoso corpo, embolado, equilibra-se apenas sobre a outra perna, tão delgada e comprida, que parece ser de aço, para não vergar. Voando, o Flamengo apresenta exatamente a configuração de uma cruz e o bando todo, ao empreender vôos prolongados, costuma dispôr-se em linha oblíqua ou em cunha, cujos lados mudam de contínuo, pois a ave da frente é a cada momento substituida por outra.

Sua alimentação é adequada ao meio em que vive; andando pelos brejos e banhados, seu bico procura tôda sorte de pequenos animalejos do lôdo, tais como vermes, crustáceos e mesmo algum peixinho e ainda alguns vegetais. No cativeiro contentam-se com restos de cozinha, mas com isto perdem o lindo colorido da plumagem; porém, ao que se diz, êste volta ao seu natural, desde que a alimentação seja adequada. Aliás o fato em si, quanto ao desbotar das penas, também é conhecido com relação ao "G u a r á" e ao "C o l h e r e i r o". Apezar de todos os cuidados que lhes tem dispensado, inclusive a alimentação possivelmente natural, o Dr. Sergio Meira F.º não conseguiu, em seu aviário, manter tais aves em seu lindo colorido original.

Flor das pedras — Celenterados *Anthozoarios*, da fam. *Actiniideos* (também conhecidos por "a n ê m o n a s", têr-

Flor das pedras

mo êste que porém é só dos compêndios). Assemelham-se em sua organisação ao polipo dos corais, mas, além de serem incomparavelmente maiores — aqueles são quasi microscópicos e êstes atingem o tamanho de um grande cravo, com que vagamente se parecem, — vivem isolados e são desprovidos de esqueleto. E' facil encontrá-los nas pedras onde as marés não sejam muito fortes; debaixo da água o animal expande os numerosos tentáculos, e assim bem lhe cabe o nome de "flor", de belíssimas côres: vermelha, amarela, esverdeada, purpúrea ou rajada, conforme a espécie. Mas basta tocar-lhe para que se encolha, ficando tudo reduzido a uma bola de gelatina; ao mesmo tempo, para se defender, o animal esguicha um líquido cáustico e só muito mais tarde expande de novo a corola, por onde devem penetrar as substâncias orgânicas de que se alimenta.

Florete ou "Peixe flor" — Veja-se sob "Mussurungo".

Foboca — Denominação paraense do pequeno veado *Mazama rondoni.* Veja-se sob "Veado bororó."

Fogo-apagou (nome onomatopaico) ou "Pomba cascavel" — Pomba rôla da fam. *Peristerideos, Scardafella squamosa.* E' de côr pardo-cinzenta em cima, branca em baixo; todas as penas são orladas de preto, formando um mosaico de desenhos semilunares, o que aparenta uma belíssima couraça de escamas. Extende-se em sua distribuição de S. Paulo para o Norte e, nas regiões que lhe agradam, torna-se bastante comum.

Gosta dos descampados e, andando garbosamente pelo chão, abana de contínuo com a cauda. Ao voar, produz um som chocalhante, que sugeriu ao povo seu nome "Pombinha cascavel"; é entretanto mais conhecida pelo nome onomatopaico e as quatro notas de sua voz parecem realmente dizer as sílabas "Fogo-a pagou" (fogo — pa-gou) ou "Fogo pagou", como o povo diz em Sergipe.

Fogo selvagem — O mesmo que "Potó", inseto vesicante.

Fogueira — Peixe da fam. *Holocentrideos, Myripristis jacobus,* semelhante ao "Jaguaressá", em companhia do qual é pescado; mas não tem os grandes acúleos no preopérculo. A côr é carmim-rubro no dorso, mais pálida nos lados e com estrias longitudinais; ornam-no ainda uma faixa do opérculo à base da peitoral e manchas negras, que parecem sangue coagulado. A dorsal é rubra, com base branca; as outras têm orlas externas brancas.

Folha de mangue — O mesmo que "Juva".

Formiga — Abrange tôdas as espécies dos himenópteros da fam. *Formicideos;* só poucas, as mais prejudiciais, merecem denominação especial por parte do povo e algumas têm nomes indígenas. Tôdas as formigas vivem em ninhos nos quais, além de indivíduos sexuados, há as obreiras, assexuadas, estas em geral ainda diferenciadas em castas com determinadas atribuições. Em certa época do ano surgem os machos e as fêmeas, ambos alados; depois do vôo nupcial, a fêmea desfaz-se das azas e dá início a um novo ninho, ao passo que o macho logo morre; as obreiras nunca têm azas. Não podemos aquí entrar em detalhes, pois que o estudo completo das for-

migas, sem mesmo falar em sua classificação, sua biologia apenas, atendendo também à inegável astúcia ou perspicácia das mesmas e, diríamos, quasi inteligência!, aliada a incríveis capacidades de orientação, faro, tenacidade e força, daria assunto para muitos capítulos. Devemos porém chamar atenção para enganos muito enraizados na opinião do povo. Quando se abre qualquer ninho de formiga, vê-se logo que a preocupação máxima dos habitantes é esconder os "ovos". Mas êsses fardos brancos e roliços, que as formigas carregam entre as mandíbulas, já não são mais ovos, que aliás são minúsculos; são os casulos, dentro dos quais se acha a ninfa, a qual já passou pela fase de larva e que agora esboça, ainda que imperfeitamente, a feição do indivíduo adulto.

Outro erro muito generalizado é o de supor o povo, que todas as formigas sejam nocivas — tal qual como sucede às cobras, que todas elas são tidas como venenosas, porque se parecem com as serpentes. Um exemplo típico: quando o dono do pomar percebe que muitas das suas árvores estão definhando, êle as examina em busca da praga, à qual possa atribuir o mal. Vê então que há muitas formigas que sobem e descem de alto a baixo: ei-lo convencido de que são elas as culpadas! No entanto as árvores estão definhando por uma razão muito diversa; há falta de alimento ou a terra está mal preparada ou há umidade demais e, assim enfraquecido, o vegetal é vítima dos pulgões e dos coccídeos, que de fato agravam o mal, sugando a seiva. Mas aquelas árvores morreriam com ou sem a presença dos insetos. E, como é de seu costume, as formigas procuram os pulgões para lamber-lhes as excreções e certamente peioram a situação, favorecendo a vida dos insetos-pragas, que são suas vacas leiteiras. Eliminem-se os piolhos vegetais e logo as formigas deixarão de visitar as árvores.

Diretamente nocivas às plantas são unicamente aquelas formigas que se ocupam em cortar os vegetais; e estas são apenas as da subfamília a que pertencem a saúva, as quem-quems e afins.

Formiga assucareira — Abrange esta denominação tôdas as formigas que invadem as casas em procura de alimento, não só assucarado, como ainda tôda sorte de outros comestíveis. Tais são: *Monomorium pharaonis*, fina, de corpo alongado e *Irydomirmex humilis*, que nos Estados Unidos chamam "Formiga argentina", quando de fato fomos nós que exportámos a praga para

os dois países; por nossa vez, querendo negar-lhe a pátria, cognominamo-la também "P a r a g u a i a" e "C i g a n a"; *Prenolepis fulva* (a "c u i a b a n a"), quando dá para invadir as casas, não fica a dever àquela, como praga incômoda; e ainda vários *Camponotus,* como *C. rufipes, cingulatus,* chamados "S a r á - S a r á", que também atacam as colméias.

Formiga de aza — Além de designar as formigas sexuadas, que voam na época da reprodução, essa denominação abrange, erroneamente, também os Termitídeos alados, aos quais cabe, em rigor, o nome de "A l e l u i a".

Formiga de bode — Na Baía designa-se assim a espécie *Dolichoderus attelaboides* que, como a "C a ç a r e - m a", indiretamente prejudica os cacaueiros.

(Formiga branca) — Vocábulo português (ou apenas tradução do inglês: *"white ant").* No Brasil alguns escritores empregam tal denominação por pedantismo, fingindo ignorar a denominação sinônima, genuinamente nossa, "C u p i m", que designa os *Termitídeos.*

Formiga chiadeira ou "O n c i n h a" — Designa os Himenópteros da fam. *Mutillideos.* Veja-se também "F o r - m i g a f e i t i c e i r a". Ainda que pelo aspeto geral da conformação do corpo muito se pareçam com as verdadeiras formigas, contudo delas diferem por vários carateres. Já pelo colorido variegado destacam-se muito daquelas, que sempre são de colorido sombrio e uniforme. As "C h i a d e i r a s" são vestidas quasi sempre de veludo preto ou de côres vivas, vermelho ou amarelo e em geral têm manchas redondas, de uma ou várias côres, sobre o abdômen; o desenho e o tamanho são bastante variáveis dentro da mesma espécie, o que muito dificulta a classificação. Os machos são alados e inermes; porém as fêmeas, sempre ápteras, têm um agulhão com o qual fazem "vêr estrelas" aos incautos. São chamadas "c h i a - d e i r a s" porque, quando se as segura, emitem um som sibilante. Não são sociais.

Formiga chiadeira

A biologia dêstes interessantes himenópteros muito pouco foi estudada, em nossa fauna. Certa vez encontrámos uma das espécies mais comuns, *Ephuta temperalis,* desenvolvendo-se como parasita nas células de barro de uma pequena abelha solitária, *Augochlora gramminea.* É

êste, aliás, o costume de todos os *Mutillideos*, que parasitam os ninhos de *Bombus* ("M a m a n g a b a s") e de tôda sorte de abelhas solitárias.

Formiga correição — Veja-se sob "C o r r e i ç ã o".

Formiga cortadeira — O mesmo que "S a ú v a".

Formiga de defunto — Veja "G i q u i t a i a".

Formiga doida — Na Amazônia, *Prenolepis longicornis* à qual coube tal nome por correr sem cessar de um lado para outro, sempre apressada e como doida. Entra nas habitações, mas não morde nem prejudica.

Formiga feiticeira — Em certas zonas do Sul de Minas, é êste o nome dos *Hymenopteros* da fam. *Mutillideos*, mais geralmente conhecidos por "O n c i n h a" ou "F o r m i g a c h i a d e i r a".

Formiga de fogo — Segundo Bates e outros autores, estas formigas na Amazônia tornam-se às vezes tão incômodas, que chegam a tomar conta de certas regiões, a ponto de expulsarem a população, como se deu no Xingú (Veiros) em 1850. As ferroadas são muito dolorosas e tudo elas atacam, homens e animais. Trata-se da mesma "L a v a p é s" do Sul *(Solenopsis geminata)*; veja esta. A mesma espécie, no entanto, no Pará, ao que se diz, presta algum serviço, atacando a "l a g a r t a r o s a d a".

Formiga de mandioca — Na Baía é o mesmo que "S a ú v a".

Formiga mineira — Faz parte do conjunto de espécies conhecidas, genericamente, por "Q u e m - q u e m" (veja esta); talvez designe em especial a *Acromyrmex subterranea*.

Formiga mole — Veja sob "C a ç a r e m a g r a n d e".

Formiga de novato — A seu respeito se encontra a seguinte informação em Severiano da Fonseca (Viagem, pag. 325), quando descreve o "Pau de novato" do Mato Grosso ou "Taxizeiro" do Pará, também chamado "Pau formigueiro". "E' notável por criar em seu âmago uma espécie de formiga, aquí chamada "N o v a t o", amarela, do tamanho da saúva e de dentada dolorosíssima. Vivem aí aos milhões e são o desespero dos viajantes inexperientes que, vendo as hastes do "pau novato", altas e direitas, vão imprudentemente cortá-las para zingas (varas de que se servem na navegação, para dar impulso às embarcações). Veja-se também sob "T a x u í".

Formiga de rabo — Na Baía, segundo Pe. J. Tavares, êste nome é dado à formiga *Neoponera villosa*, que vive principalmente nos gravatás; sua picada é muito dolorosa.

Formiga raspa — Denominam assim, na Baía, uma espécie próxima à "Q u e n q u e m", um tanto menor que a saúva, de côr avermelhada: *Acromyrmex landdolti*. O formigueiro é relativamente pequeno e abrange, quando muito meia dúzia de panelas, do tamanho de uma laranja. Sobre a entrada, as formigas acumulam um cone ou antes uma cratera de capim cortado; êste é o material que já serviu no interior das panelas, como meio de cultura dos cogumelos, de que unicamente se alimentam também êstes parentes das saúvas. À "R a s p a" cabe bem tal nome, pois que, estabelecida em numerosas colônias no pasto, aí seu serviço de raspagem do capim é tal, que não sobra alimento para o gado. Cada colônia explora apenas um raio de dois metros ao redor do olheiro, mas como os formigueiros às vezes são quasi contíguos, causam sério dano no pasto (Gregorio Bondar, Bol. Agricult. Baía, n.º 7, 1924).

Formiga de roça — Em Pernambuco, a "S a ú v a".

Formiga tapií — Espécie amazônica, semelhante à "T o c a n d i r a", porém um pouco menor e de côr negra, brilhante, não aveludada. Marcham em fila, de 10 em 20 e a sua picada também é muito dolorosa, mas não são tão agressivas como a famigerada tocandira.

Forneiro — O mesmo que "J o ã o d e b a r r o".

Forquilha — Verme *Nemathelminto (Syngamus trachealis)* que se aloja na traquéia das aves, principalmente das galinhas, produzindo a moléstia conhecida por "bocejo". O ovo do verme completa o ciclo evolutivo só quando é ingerido pelas aves. Perfurando o intestino do novo hospedeiro, a larva do *Syngamus* aloja-se no pulmão, para depois passar para a traquéia da ave. Uma vez localizado neste ponto, o verme atinge desenvolvimento completo, sendo que a fêmea mede 15 a 20 mms. e o macho apenas 2 a 6 mms.; só então adquirem a côr vermelha característica, à medida que sugam sangue (daí o nome "ver rouge" em francês) e depois passam a viver aos casais ligados definitivamente uns aos outros, isto é, o pequeno macho fixa-se ao terço anterior da fêmea muito maior, formando assim um Y ou a "foquilha" que lhe deu o nome.

Sintomas: as aves entristecem, não comem e tossem continuamente; é característico também o bocejar repetido da ave parasitada. Havendo só um casal de "forquilhas" na traquéia, a ave suporta o mal, que desaparece com a morte do verme; mas sendo muitos os parasitas da traquéia, de modo a dificultarem a respiração, sobrevem a morte por asfixia. Ao se perceber que a praga tende a generalizar-se, é preciso passar as galinhas para outro terreiro, não infectado por ovos do parasita.

Forreca — O mesmo que "P ã o d e g a l i n h a".

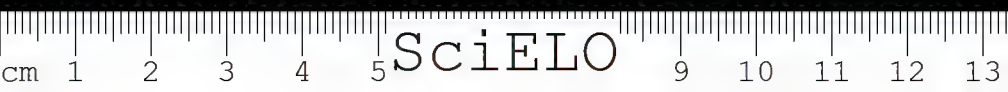
Fosforescência — ou "A r d e n t i a" ou, como se diz no Rio Grande do Sul, "A r d ê n c i a", é um fenômeno que só se observa na água do mar, em certas circunstâncias. O movimento brando das ondas ou dos remos provoca o reluzir fosforescente de miríades de partículas mínimas; cada ponto luminoso brilha durante uma fração de segundo apenas, mas com isto se repete sem cessar e em grande extensão, o efeito é geral e de uma delicadeza deslumbrante.

Determinam a fosforescência certas espécies de Protozoários de 0,5 a 1,5 mms. de diâmetro, entre os quais o mais citado é a *Noctiluca miliaris* da subclasse dos *Cystoflagellados*, mas também muitas outras espécies têm igual propriedade, notadamente as *Dinoflagellados (Pyrocystis, Pyrodinium*, etc.).

Como no plasma de todos êsses organismos há gotículas de óleos ou gorduras, atribue-se o fenômeno à oxidação dessas substâncias.

Certa noite, em pleno Atlântico, vimos o mar todo, de um extremo do horizonte ao outro, como que ardendo, pois as pequenas ondas não cessavam de provocar a reação luminosa, e na quilha do navio e em sua esteira a intensidade da fosforescência elevava-se ao máximo. Colhemos um balde de água e depois de filtrá-la através de um pano, obtivemos quasi uma colhér de sopa de *Noctilucas*. Habitualmente êsses protozoários permanecem em camadas mais profundas do oceano, mas em certas circunstâncias vêem à tona, determinando então a fosforescência, visível à noite; de dia às vezes o mar apresenta colorido avermelhado, devido à concentração daqueles organismos.

Frade — Veja-se sob "P a r ú d a P e d r a".

Frade — Em certas regiões denominam assim os "G r i l o s t o u p e i r a s".

Framingueta — Nome dado, no Est. do Rio de Janeiro, a um peixe do mar de qualidade ínfima, cujo peso médio é de 2 kilos (Provavelmente teremos registrado o nome pelo qual mais geralmente é conhecida esta espécie, restando assim fixar a respectiva identificação).

Franciscano — Designa, no Rio da Prata, o bôto *Stenodelphys blainvillei.*

Frango d'água — Várias espécies de aves da fam. *Rallídeos*, gêns. *Creciscus, Gallinula, Ionornis;* caracteriza-os bem a calosidade núa da testa, de côr vistosa; *Ionornis martinica,* que habita o Brasil, de S. Paulo para o Norte, é ave lindíssima, de cabeça, pescoço e peito azul-brilhante, dorso verde, ventre escuro e dorso inferior bem como coberteiras inferiores da cauda de côr branca; o bico é amarelo esverdeado na ponta, vermelho no meio e a testa violeta-azulada; tem os pés conformados como os das "Jaçanãs". *Gallinula galeata,* ao contrário, veste roupagem modesta, cinzento-escura, bruno esverdeada no dorso e branca no meio do abdômen; o bico é vermelho, com ponta amarela; as pernas são verdes, tendo porém uma faixa vermelha na tíbia. *Creciscus melanophaius* é espécie bem menor, pois mede só 18 cms. de comprimento; a côr é bruno-azeitonada em cima, com rêmiges e retrizes mais escuras; o lado inferior é branco, porém castanho nos lados e a barriga é preta com faixas brancas transversais; o bico e as pernas são bruno-esverdeados.

Frecheira — Abelha social, *Melipona* (Trigona) *timida,* de 3 a 3,5 mms. de comprimento, preta, com parte das pernas, antenas e abdômen mais ou menos avermelhados. Nidifica em pequenas cavidades de árvores, com entrada tubular de cêra. À semelhança de poucas outras espécies pequenas *(T. silvestri,* "Moça branca", "Lambe-olhos" e "Mirim preguiça") as células não formam favos, encontrando-se isoladas ou sobre pequenos pedúnculos. Estas abelhas pousam frequentemente sobre a pele suada, mas não incomodam tanto como a "Lambe-olhos". É espécie da Amazônia, Mato Grosso e Norte de Minas Gerais.

Friganídeos — Nome da família de insetos da ordem dos Tricópteros, cujas larvas aquáticas constróem os chamados "Grumixás", ou "Curubichás". (Veja êste). O inseto adulto assemelha-se às traças, e, como estas, tem as azas cobertas de escamas ou pêlos; as azas posteriores em muitas espécies dobram em forma de le-

que. As antenas são longas, filiformes; o aparelho bucal consta de uma tromba, o que reforça sua afinidade com os lepidópteros.

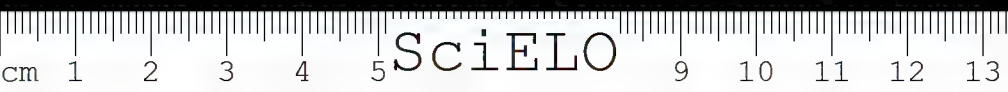
Fuá — Registrado por Beaurepaire Rohan como sinônimo de "U r u á" ou "A r u á". Sem dúvida, porém, são estas últimas as formas mais geralmente usadas pelo povo.

Fura-barriga — É, em Pernambuco, o nome dos pássaros da fam. *Galbulideos*, conhecidos em outros Estados por "C u i t e l ã o". Não sabemos se o nome se baseia em algum fato biológico interessante ou se apenas lembra que o longo bico da ave poderia furar a barriga do inimigo, caso fosse usado como arma.

Furão — *Grison vittatus* (que se assemelha à "marta" européia), de corpo baixo, alongado, medindo 55 cms. de corpo e mais 20 cms. de cauda; a côr geral é cinzento-amarelada, os pés e a cara são pretos e caracteriza-os bem a faixa amarelada que vai da testa, por cima dos olhos e das orelhas, ao ombro. Tem vasta distribuição por quasi toda a América do Sul; vive no mato ou antes nas capoeiras, dando caça a pequenos mamíferos e aves, aos quais chupa o sangue do pescoço e quando o pode, penetra nos galinheiros, o que equivale a hecatombes. Outra espécie do mesmo gênero, *G. allamandi*, é mais rara, um pouco maior e mais escura. O povo em geral confunde estas espécies com a "I r a r a".

Furriel — *Caryothraustes canadensis*, da fam. *Fringillideos*, do grupo dos "B i c u d o s". O colorido é verde-azeitona em cima, amarelo em baixo e com a região da cara preta, compreendendo os olhos e a garganta. O nome é amazônico. Desconhecemos o nome vulgar da subespécie *C. c. brasiliensis*, que se extende até o Rio de Janeiro.

———o———

G

Gafanhotão — Espécie que em certas regiões também constitue "P r a g a" (veja esta); gên. *Tropidacris.*

Gafanhoto — Abrange todos os insetos Ortópteros das fams. *Tettigoniideos* e *Acridiideos*. As espécies da primeira destas famílias caracterizam-se por terem azas anteriores mais largas, as antenas são muito longas e finas e a fêmea tem ovipositor longo e curvo, (só conhecemos a palavra "E s p e r a n ç a" designando particularmente tais espécies). Aos *Acridiideos* pertencem os gafanhotos propriamente ditos, com azas anteriores estreitas, antenas curtas e as fêmeas não têm ovipositor longo. Veja no seguinte sob "G a f a n h o t o d a p r a g a", a parte biológica, que é bem a típica para tôda a família.

Em nossa fauna há talvez um milheiro de espécies pertencentes a êste grupo, algumas ápteras, outras com aza curta, mas a maioria vôa bem, ainda que em geral gostem de utilizar as longas e fortes pernas trazeiras para saltar.

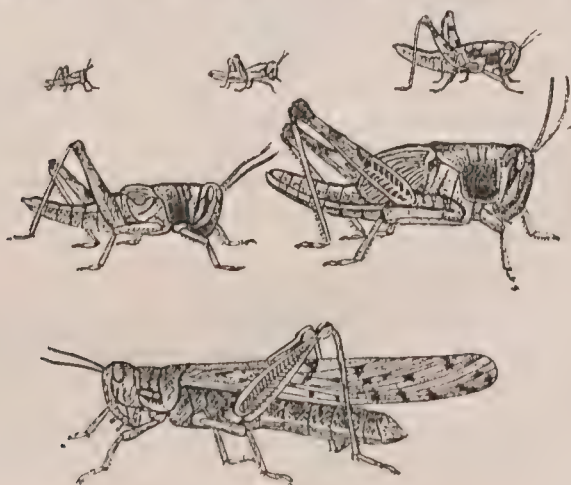
Nestas espécies os orgãos auditivos estão situados no segmento basal do abdômen, enquanto que nos demais ortópteros os tímpanos auditivos se localizam nas tíbias anteriores.

Há exemplares enormes, de corpo grosso e 15 cms. de comprimento e há também formas minúsculas e delicadas; em muitas espécies o 2.º par de azas mostra lindo colorido, variegado e vivo ou delicadamente matizado.

Há espécies que, sem formar grandes bandos, se tornam nocivas à lavoura, tais como *Tropidacris, Chromacris* (veja "S o l d a d o") e espécies sedentárias do gên. *Schistocerca.*

Pertence ainda a êste grupo a fam. *Proscopiideos,* que tem perfeitamente o aspeto do "B i c h o - p a u", mas as antenas são muito curtas; parece que pertencem pela maior parte a esta família, as espécies conhecidas no Nordeste por "M a n é - m a g r o".

Gafanhoto da praga — Nuvens de gafanhotos da espécie *Schistocerca paranensis,* de tempos em tempos, invadem os Estados meridionais do país, vindas do Chaco

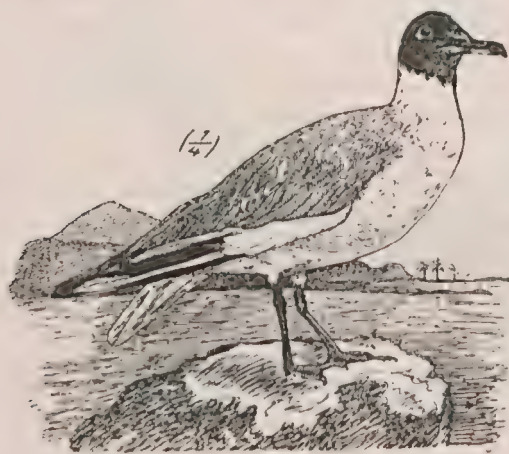
boliviano (e não diretamente da Argentina, como se costuma dizer). Os Estados do Brasil mais frequentemente assolados pela praga são o Rio Grande do Sul e Paraná e daí ela se extende às vezes até S. Paulo, Mato Grosso e também Minas Gerais. São conhecidos os estragos enormes que essas nuvens de milhões de indivíduos causam a tôda a lavoura e aos pastos; onde pousa a nuvem compacta, desaparecem as folhas e só restam os talos. As fêmeas, um pouco maiores que os machos, põem os ovos na terra, para o que enterram o ovipositor e no fundo do

Gafanhoto e sua metamorfose

canal que assim preparam, arrumam os ovos em forma de cacho, segregando também mucosidade. Conforme a temperatura, a incubação dura 30 a 40 dias. Nascem os "s a l t õ e s" com 7 a 9 mms. de comprimento; sua côr é cinzento-escura e ainda não têm azas; estas aparecem na terceira muda da pele, mas só na quinta e última as azas atingem todo desenvolvimento, permitindo o vôo. A ocasião mais propícia para extinguir os gafanhotos é quando êstes ainda são "s a l t õ e s". Abrem-se fóssos e por meio de barreiras, feitas com folhas metálicas, encaminha-se o bando para aí, onde é fácil enterrar os saltões; empregam-se "vassouras de fogo", aparelhos que projetam forte chama de petróleo sobre os mesmos, quando pastam no campo; há ainda aparelhos coletores ("carcaranha" dos argentinos), rôlos compressores, etc. Infelizmente a aplicação de culturas do bacilo da diarréia contagiosa do gafanhoto

não corresponde, na prática, aos resultados obtidos em laboratório. Êsse *Coccobacillus acridiorum*, estudado por d'Herelle, mata o gafanhoto em 6 a 7 horas e seria pois êste o modo ideal de exterminar a praga de vez. Porém, os ensáios práticos realizados na Rep. Argentina não têm sido favoráveis.

Há no Brasil outros gafanhotos do gênero *Tropidacris*, semelhantes, e que também causam algum dano; outra espécie vive sobre os coqueiros da Baía, porém não forma "nuvens", nem é migradora. Os gafanhotos que constituem igual praga nos Estados Unidos, na África e na Ásia pertencem a outros gêneros.

Gaipapa — É, na baixada do Rio de Janeiro e em Santa Catarina, segundo A. Neiva, o nome dado à fêmea dos "Gaturamos". São de colorido mais uniforme, esverdeado, sem os ornatos vivos dos machos.

Gaivota — Compreende as várias espécies de aves oceânicas (ou dos grandes rios) da fam. *Larideos*, gên. *Larus*. São seus companheiros e parentes da mesma fa-

Gaivota

mília, as espécies do gên. *Sterna*, mas distingue-os prontamente o feitio do bico e da cauda: esta é truncada no gên. *Larus* e o bico tem a ponta do maxilar superior curvada para baixo, ao passo que *Sterna*, os "Trinta-réis", têm cauda bifurcada e bico direito. *Larus maculipennis* é a nossa gaivota mais comum do Brasil meridional; no inverno o macho não tem a cabeça escura, como

no tempo da procreação; o bico e os pés são vermelhos. Mais para o Norte aparece *L. atricilla.* Será preciso lembrar que não há quadro do gênero dito "marinha", que se possa dizer completo, sem uma ou algumas gaivotas? E é no vôo, com as azas graciosamente curvadas, que elas melhor se apresentam, porque, pousadas, não têm os mesmos atrativos estéticos; nem se queira ouvir-lhes a voz, porque seus gritos são ásperos, estridentes, principalmente quando excitadas. São aves costeiras e é sabido que para o marujo elas são indício da proximidade de terra firme; quando se afastam da terra e vão para o mar aberto, não tardam a voltar. Não que a isto sejam obrigadas, para descansar do vôo prolongado, porque a qualquer momento, mesmo com mar revolto, podem pousar sobre as ondas, deixando-se embalar. Seu alimento consiste em tôda sorte de animais, vivos ou mortos e detritos. Acompanhando a esteira dos navios, sabem elas muito bem que sempre irão apanhando coisas que lhes possam ir ao bucho e se não fazem questão da qualidade, também estão dispostas a se adaptar à quantidade existente: havendo pouco, com pouco se contentam e havendo muito, também tão cedo não se fartam. Por um nada, brigam; mas quando querem, unem-se para afugentar outras aves que lhes venham fazer concurrência. Não raro são vistas também terra a dentro, acompanhando o curso dos grandes rios.

Gaivota — Em Minas, erradamente, dão êste nome aos "T a p e r u s s ú s". As verdadeiras gaivotas oceânicas sobem os grandes rios até Mato Grosso, mas não chegam até Minas.

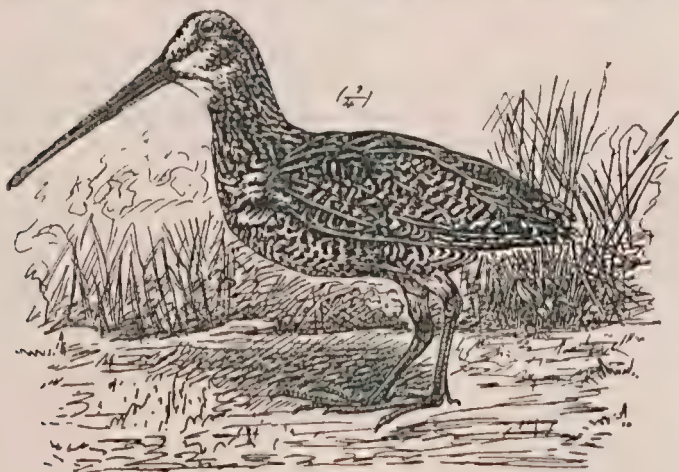
Gaivota rapineira — Aves da fam. *Stercorariideos,* gên. *Megalestris* e *Stercorarius.* São aves raras e do alto mar, principalmente das regiões frias, e por isto pouco conhecidas, mesmo no Sul do país. São um pouco maiores que o "G a i v o t ã o" e de côr escura. Não chegam a ser aves de rapina, no sentido próprio da palavra, contudo são temidas pelas outras aves do mar, porque, abusando de sua força, gostam de arrebatar as prezas das garras de quem teve o trabalho da caçada ou pescaria, realizando o que adverte o ditado de que "o bocado não é para quem o faz". Aliás é mal de família: veja-se neste sentido até onde chega a audácia e o pouco escrúpulo do "A l c a t r a z".

Gaivotão — O mesmo que "A l b a t r o z".

Galhuda — Peixe do mar da fam. *Carangideos, Trachinotus palometa,* semelhante à "P a l o m e t a", mas o corpo tem cinco barras denegridas verticais, equidistantes, sobre os flancos. Ao mesmo gênero pertence o "T i m b ó". Evidentemente os pescadores, conforme a região, compreendem a "G a l h u d a" sob o nome de "P a m p o", (veja êste), nome que parece antes ter acepção genérica. A. Neiva nos menciona, da Baía, um Pampo de "espinha mole" e outro de "espinha dura"; aquele é mais saboroso e seria assim a própria "G a l h u d a", o que porém não nos explica a significação daquele nome. Não deve ter relação com "P a m p o d e c a b e ç a m o l e", si êste é de fato sinônimo de "P i r a r o b a".

Galinha de bugre — No Norte de Mato Grosso, segundo Pe. Badariotti, é o nome de uma ave da mata. Talvez seja o "J a c a m i m".

Galinha do mato — O mesmo que "P i n t o d o m a t o".

Galinhola — Ave da fam. *Charadriideos, Gallinago gigantea,* semelhante às "N a r c e j a s", porém maior, me-

Galinhola

dindo quasi 50 cms. de comprimento; só o bico mede 13 cms. A côr geral é bruno-denegrida no lado dorsal, com grandes manchas e faixas transversais castanho-amareladas; a cabeça é amarela, com duas largas estrias pretas sobre o vértice, outra passa do bico ao olho e outra por baixo dêste. O lado ventral é alvacento, com largas fai-

xas escuras. E' ave do Brasil meridional e que ao Norte se extende até Mato Grosso e Minas e ao Sul até Buenos Aires.

Galo — Veja sob "Peixe-galo".

Galo bandeira — Veja sob "Aracanguira".

Galo de campina — Pássaros da fam. *Fringillideos*, do gênero *Paroaria*, e portanto congênere do "Cardeal" do Sul. Na Amazônia também é chamado "Tangará" (aliás diferente do verdadeiro "Dansarino"). Êsse, "Galo de campina" *(Paroaria gularis)* é um belo pássaro preto-azulado com lado ventral branco, garganta preta com tons vermelhos e cabeça vermelha-púrpura, a exceção de uma estria preta que passa sobre os olhos. No Nordeste, em cujas caatingas é muito frequente encontrá-lo aos bandos *(Paroaria larvata)* é, juntamente com o "Concriz", o mais belo ornamento vivo da região. Em Alagôas êste pássaro tem fama de cantor e há exemplares ensinados que realmente cantam bem, alcançando preço elevado. Lemos em Ant. Bezerra — "Viagem ao Norte do Ceará" — uma referência ao "Galo de campina", em que vem mencionada a interessante dansa do pássaro, que não pode ser o *Fringillideo* acima descrito; porém, como também se depreende da denominação amazônica, há um "Galo de campina" dansarino, cuja classificação zoológica ainda precisa ser autenticada. E' a seguinte a descrição da curiosa dansa observada por Antonio Bezerra: "Eram três, dos quais dois, os amantes, ostentavam suas habilidades, desdobravam a mimosa plumagem, tomavam atitudes estranhas, acompanhando êstes movimentos com a mais esplendida variabilidade de cantos, trinados magistralmente. Terminava um, o outro começava o veemente desafio. A princípio a fêmea parecia indiferente; mas depois deu a um a preferência, esvoaçando para êle com arroubos de enfeitiçada paixão".

Mais adequada é a explicação que o Sr. João L. Lima nos deu a respeito do comportamento dos machos, que assim fazem juz à denominação de "galos": "Na época do acasalamento, de Setembro a Dezembro, os machos brigam muito entre si e, valendo-se das unhas e do bico, maltratam-se mutuamente, até que o mais fraco se dê por vencido e fuja. Então o vencedor, subindo ao galho mais alto e levantando a linda crista, entoa seu hino, que é um

chiado compassado, de alguma forma comparável ao cantar do sabiá larangeira".

Há um pássaro, *Antilophia galeata*, da fam. *Piprideos*, que talvez possa ser dansarino, como seu parente próximo, o "T a n g a r á". E como pelo colorido e pelo penacho, talvez seja confundido com o "C a r d e a l", essa espécie, do gên. *Antilophia*, quem sabe venha a ser o "G a l o d e c a m p i n a", êsse dansarino ainda não identificado. São os seguintes os seus característicos: o macho tem uma bela crista na fronte, que é de viva côr vermelha, bem como o alto da cabeça, a nuca e a parte anterior do dorso; o resto do corpo é preto brilhante. A plumagem da fêmea é verde, pálida, mais clara no lado inferior.

Galo do mato — Na Amazônia é o mesmo que "T i c o - t i c o r e i".

Galo do Pará ou "G a l o d a s e r r a" — Pássaros amazônicos da fam. *Cotingideos*, de tamanho mais que meão, corpo reforçado, cauda curta e linda plumagem vermelho-laranja. Há duas espécies: *Rupicola rupicola* da Amazônia inferior, com azas e cauda pardas, marginadas de alaranjado pálido. *R. peruviana* é do Alto Amazonas e diferencia-se das outras por ter azas e cauda pretas. Distingue estas aves um curioso topete formado pelas plumas do alto da cabeça, como que penteadas dos lados para cima, de forma a terminarem em crista semicircular. As fêmeas são muito menos vistosas, pardas, apenas com alguns tons alaranjados. A bela cór das penas dos machos assemelha-se à de certos tucanos e daí a afirmação de alguns escritores, de que era com as peles dêste "G a l o d o P a r á" que se confecionava o manto de gala, usado pelos monarcas brasileiros e ao qual nos referimos ao descrever os tucanos. Não sabemos si esta questão histórica está definitivamente deslindada, porém, além de mencionar o fato, Brehm o corrobora, afirmando, com Schomburgk, que os índios eram obrigados a pagar certo tributo em peles destas aves.

Ainda que a averiguação feita ou por fazer neste sentido venha a roubar aos galos do Pará êste título de glória, resta-lhes, contudo, outra particularidade, que os notabiliza no mundo aviário e os torna êmulos dos "T a n g a r á s", tão justamente decantados. São dansarinos, também, os galos do Pará e a êles tanto Humboldt como os irmãos Schomburgk dedicaram belas páginas em suas famosas narrativas de viagens.

Infelizmente não temos, ao que nos conste, outras descrições, de escritores nossos, que tenham relatado o espetáculo, de acôrdo com observações próprias. Seria, no entanto, tema dos mais dignos de ser desenvolvido pelos poetas verdadeiramente apaixonados pelos segredos das nossas florestas. Embrenhando-se pela mata cerrada, talvez junto a um córrego, encontrará o artista, na clareira, um pequeno taboleiro de rocha, atapetado pelo musgo. Escondido em meio da folhagem, imitará os gritos quasi miados do galo da rocha e terá logo a resposta de várias dessas aves, que assim se consideram convidadas para o bailado. Aos poucos talvez vinte pássaros aí estão reunidos, os machos em seu traje de belíssima côr dourada. Um dêles dá inicio à função, voando para o meio do tablado. A princípio seus passos mesurados apenas chamam a atenção dos espectadores; depois os movimentos mais requebrados e pulinhos graciosos põem em evidência sua habilidade de dansarino, ao mesmo tempo que, desfraldando em leque sua plumagem, como um pequeno pavão côr de ouro, faz valer a beleza de seu adorno. Por fim, intimamente satisfeito, o mimoso artista dá por terminada sua exibição e, com um gritinho, vôa para o círculo dos espectadores, de onde outro macho vem, por sua vez, para o palco. E assim, sucessivamente, todos os artistas, um por um, passam a executar seu número do programa — e ao artista da palavra ou da aquarela, resta a grande dificuldade da escolha dos momentos mais pitorescos a serem reproduzidos e fixados na poesia ou na tela. O zoólogo, com sua fria preocupação de classificar os dados biológicos, interpreta a arte do "Galo do Pará" como uma manifestação comparável, em sua essência, à exibição do "tetraz" da serra, da Europa; porém quanto à feição peculiar do "programa" executado perante numerosa assistência, impõe-se o confronto com a dansa do "Tangará". Em última análise, o psicólogo, que definiu a origem das nossas dansas, quasi com as mesmas palavras explicará também estas manifestações de amor entre as aves.

Galo da serra — O mesmo que "Galo do Pará", ou talvez a espécie afim, *Rupicola peruviana*, já mencionada.

Gambá — No Brasil meridional ou "Mucura" (na Amazônia) ou "Sariguê", "Saruê" ou "Sarigueia" (na Baía), "Timbú" ou "Cassaco" (de Pernambuco ao Ceará). "Micurê" é a denominação

paraguaia e ao que parece também mato-grossense, nas regiões limítrofes. Tôdas estas denominações aplicam-se às 4 espécies muito semelhantes entre si do gên. *Didelphis,* os representantes americanos de maior porte da ordem do *Polyprotodontes,* sub-classe *Marsupiais.* O tipo mais geralmente conhecido dos marsupiais é o Cangurú australiano. (Êste porém, representa uma ordem estranha à nossa fauna, dos *Diprotodontes,* herbívoros, com dentição reduzida). Os gambás são, como já dissemos, mamíferos aplacentários, por não serem os embriões alimentados pela

Gambá

placenta e mursupiais, por ter a fêmea uma bolsa marsupial; esta porém atrofiou-se nas espécies menores ("Quicas" e "Jupatís"), de modo que, para sua boa caracterização zoológica, é preciso recorrer aos dados fornecidos pela dentição: os mursupiais têm 18 dentes incisivos, 10 superiores e 8 inferiores, ao passo que os outros mamíferos têm no máximo 12.

Dentro da bolsa marsupial acham-se as tetas, às quais se agarram os 10 ou 18 filhotes recém-nascidos e onde os embriões, larvas de pouco mais de um centímetro de comprimento, crescem e se desenvolvem até poderem suportar as condições variáveis do meio exterior. Ainda assim, depois de bem mais crescidos, os filhotes, em caso de perigo recolhem-se à bolsa e é interessante observar como alguns, mais curiosos, vem espiar à janela, querendo ver o que se passa aquí fora.

As quatro espécies brasileiras pouco diferem uma das outras. Seu porte é o de grandes gatos, com 70 a

90 cms. de comprimento, cabendo metade à cauda, que é preensil, com uma parte terminal núa e escamosa. O pêlo compõe-se de cerdas longas, pretas e brancas, mescladas, e entre estas há uma lanugem mais curta e clara. A espécie de mais vasta distribuição, do Norte do Rio Grande do Sul à Amazônia, é *Didelphis aurita*. A espécie do Rio Grande do Sul, *D. paraguayensis* tem cabeça e pescoço brancos, côm três listas escuras na cara; *D. marsupialis*, da Amazônia, é de côr amarelada; *D. albiventris* do Brasil central é semelhante à espécie riograndense, porém menor e tem orelhas maiores.

Na América do Norte as espécies congêneres, correspondentes, são conhecidas pelo nome "Opossum". À mesma família pertencem também vários gêneros, cujas espécies, porém, alcançam apenas as dimensões de um rato, as guaiquicas e os jupatís; veja-se também sob "Q u i c a d' á g u a".

Apezar de os gambás serem animais muito lerdos, pouco ágeis e francamente estúpidos, há muito que contar da biologia dêles e também o folclorista deve consagrar-lhe alguma atenção.

São animais de hábitos noturnos e sua alimentação consiste, conforme a oportunidade que se lhe oferece, em tôda sorte de frutos e de preferência em animais, desde vermes e larvas, até todo e qualquer vertebrado que possa subjugar. Trepa em árvores com muita segurança, pois sua cauda, com a porção terminal núa, enrola-se em redor dos galhos, talvez com igual firmeza como o fazem certos símios.

Por vários motivos o gambá é visto, por toda a parte, com franca antipatia. Como se não bastassem o simples aspeto desgracioso, com seus movimentos tardos e seu hábito de rosnar, mostrando os dentes, o gambá também nos aborrece o olfato, pois é suficiente irritá-lo, para que logo suas glândulas segreguem um cheiro bastante desagradável. Além disto todos lhe conhecem os hábitos sanguinários e quem tem galinheiro, sabe que os gambás dão grande prejuizo; matam pelo prazer de derramar sangue e quasi só com êste saciam a fome, quando o podem. Repletos, positivamente embriagados, deixam-se ficar no galinheiro e é natural que então se o mate não só com prazer, como com toda facilidade, a cacetadas.

Em nossa casa de campo um casal de gambás habituou-se a passar o dia no telhado e muitas noites, quando não saiam à caça, os bichos faziam um barulho infernal

no fôrro, a ponto de não acreditarmos que fossem "apenas" gambás. Para sair, utilizavam-se dos fios isolados da eletricidade, ligados à lâmpada do caramanchão. Vagarosamente o gambá marinhava pelos fios, utilizando-se também da cauda, à moda dos macacos; bastava, porém, assustá-lo, para que muito mais depressa chegasse à folhagem, onde rapidamente se ocultava. Vedada essa passagem, ainda assim souberam os bichos subir por um pegueiro e, após difícil manobra nos galhos flexíveis, alcançar o telhado.

Basta saber tirar, com a necessária cautela, as glândulas de secreção fétida, para poder aproveitar a carne do gambá, que aliás é tenra e saborosa como a da galinha. Há muita gente que tem tal prato em muita estima e podemos acrescentar que também nos Estados Unidos há quem compartilhe igual opinião com o conhecido ex-presidente e gourmand Taft, para quem um "opossum" era, como hoje dizemos, "um caso sério".

Não nos consta, porém, que o nosso gambá use de uma esperteza que o "opossum" norte-americano inventou para, à última hora, escapar ao caçador: vendo-se perdido, finge-se de morto e mesmo pancadas bem rijas não o demovem dessa simulação; basta, porém, que o não vigiem por um momento e rápido êle procurará escapulir. Tão conhecido é êsse fato nos Estados Unidos, que deu origem à locução: "*playing opossum*" (fingir de gambá morto).

Contudo, em uma interessante lenda dos nossos índios, o mesmo ardil é atribuido ao gambá da América do Sul. "A onça queria pegar o gambá e por isto ficou de tocaia no poço onde todos os animais vinham beber. De longe, o gambá viu a onça e fugiu, pensando como havia de beber.

Vinha uma mulher pelo caminho, com um pote de mel na cabeça. O gambá deitou-se no caminho e fingiu-se de morto. A mulher arredou-o e passou. Então o gambá correu pelo cerrado, saiu adiante no caminho e fingiu-se outra vez de morto. A mulher arredou-o também e passou. Mais adiante a mesma cousa. A mulher chegou e disse: Si eu tivesse apanhado os outros, já tinha três.

Pôs o pote de mel no chão, deitou o gambá no paneiro e voltou atrás para buscar os outros. Então o gambá lambusou-se de mel, rolou-se nas folhas sêcas e foi para o poço. A onça, depois de conversar com o exquisito

"amigo Folharada", permittiu-lhe que bebesse, sem perceber que era o seu desafeto que assim a iludia".

(E' preciso que a observação das nossas espécies confirme semelhante hábito de simulação, ao qual, na lenda, recorreu o gambá, para que possamos aceitar todo o enredo da história como etnicamente puro. Do contrário, si os dados biológicos não conferem, é evidente que houve apenas uma adaptação, muito menos interessante).

Muito conhecida é a locução popular: "bebado como um gambá" e a comparação baseia-se na fama que têm êsses bichos de gostarem extraordinariamente de cachaça; é voz corrente que basta apresentar-lhes um prato com aguardente, para que se embriaguem. Devemos confessar que, apezar das várias tentativas feitas, não nos foi possível verificar a exatidão desta afirmação popular, que também se encontra registrada, às vezes com certa reserva, em vários livros de zoologia.

Amadeu Amaral (Dialecto Caipira) registra a pega infantil popular: "Sabe de uma coisa?... Filho de gambá é raposa". Justifica-se o brinquedo, si lembrarmos que erroneamente, para muitos, "raposa" é sinônimo de gambá, da mesma forma como "corvo" é urubú.

Ganso côr de rosa ou "do Norte" — Na Amazônia é o mesmo que "Flamengo".

Ganso do mato — No Sul registrámos sob êste nome o "Marrecão" *(Alopochen jubatus)*, assim conhecido na Amazónia. No Album das Aves Amazônicas de Goeldi, Estampa 8, vê-se representada esta espécie, branca na metade anterior, vermelho-ferrugínea no dorso e na barriga, e com azas e cauda de côr preta, com brilho metálico azul. No Rio Grande do Sul o "Marrecão" é outro *(Metopiana peposaca)*. Gansos selvagens, propriamente ditos, não há no Brasil. Veja-se sob "Pato" e "Marrecas".

Gapororoca — Segundo nos informou o Dr. Barros Penteado, os caipiras pronunciam também dêste modo o nome de pequeno veado "Bororó".

Garaçapé — Peixe do mar, que poucas vezes figura na lista do pescado do Rio Grande do Norte (com 12 quilos ao todo, quando o total dos peixes montava, no mês, a 6.500 quilos).

Garajuba — Peixe do mar registrado com êste nome na lista do pescado do Rio Grande do Norte. (Veja "Guajuba"). Trata-se provavelmente de uma corrup-

tela ("C a r á - j u b a"?) designando espécie mais geralmente conhecida por outro nome. (Veja-se o caso análogo "G a r a ç a p é"). Talvez se trate do "G u a r a j u b a".

Garapau — O mesmo que "C a r a p a u".

Garapú — O mesmo que "G u a r a p ú".

Gararú — O mesmo que "G u a r a p ú".

Garassuma — Veja "G u a r a s s u m a" e "G u a r a ç a í m a".

Garaximbola — Peixe do mar do Rio Grande do Norte. Pela estatística da "Voz do Mar", nos meses de Janeiro e Fevereiro parece que é pouco abundante. A forma etimológica parece que deve ser procurada sob *caraximbola.*

Garça — Denominação genérica, que compreende várias aves da fam. *Ardeideos,* família esta que abrange também os "S o c ó s" (veja êstes) ; dêstes últimos as garças diferem por levarem vida diurna e por terem pescoço fino. Alimentam-se de batráquios e peixes, que pescam em águas rasas, razão pela qual seu habitat preferido são as lagôas, praias de rio e regiões pantanosas. Seu bico longo e aguçado raro erra a presa, quando a ave, num movimento rápido, estica o pescoço, que ela em geral mantem curvado em forma de S.

Nem tôdas as garças são brancas, como o fazem crer os poetas; há garças azuis ou morenas (veja estas), outras são brancas com cabeça preta. Alvíssima, sem uma única pena de outra côr, é a "G a r ç a b r a n c a m e n o r" *(Leucophoyx candidissima),* tão perseguida pelos homens, por ser a principal fornecedora de "aigrettes". Estas plumas, verdadeiras maravilhas pela delicadeza de sua estrutura, são ornatos da região dorsal, que as aves adquirem no tempo da procreação — e por isto os caçadores, que vão satisfazer as exigências crueis da moda feminina, devem abater as garças justamente no tempo em que estas criam os filhotes. Com menos crueldade, poderiam os caçadores de "aigrettes" procurar as penas caídas, que se encontram, até em certa abundância, nos "ninhais"; tais penas nem sempre, porém, conservam a frescura do ornato da ave viva, nem alcançam no mercado o valor das penas intactas.

Daí a razão de ser da carnificina desapiedada. Felizmente, os legisladores de quasi todos os países americanos, em que se encontram essas garças preciosas, es-

forçam-se por protegê-las contra o extermínio, ao qual os condenara a moda.

"Os Estados Unidos, onde ao mais claro espírito prático se alia o mais alevantado idealismo, estabeleceram ultimamente leis rigorosas, não só coibindo a destruição das aves no seu território, mas até a importação nelas de des-

Garça

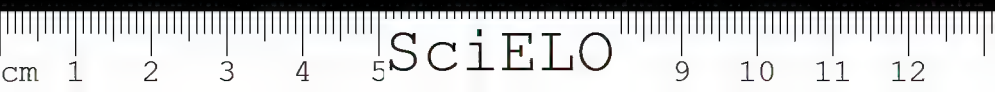
pojos animais, cuja aquisição importe na destruição bárbara de espécies inteiras. E as elegantes norte-americanas, "retour de Paris" viram arrancadas pelas mãos brutais dos empregados do fisco, as lindas "aigrettes", dos seus custosos chapéus. Aquí mesmo, no Pará, satisfazendo ao reclamo do sábio zoologista Dr. E. A. Goeldi, o congresso estadual votou há anos uma lei regulando a caça das garças e outras belas aves, que são a glória dos lagos e igarapés paraenses" (José Verissimo, prefácio do "Livrinho das Aves", R. v. Ihering).

A êste modo de ver, regulado pelo amor à natureza, tivemos de opôr outro, ditado por considerações de ordem econômica. Durante nossas excursões pelo Nordeste, fizemos indagações, referentes aos inimigos dos peixes e, entre êstes, sobresaem as garças. Na autópsia de uma delas verificámos que essa ave havia pescado pelo menos 150 peixinhos durante o dia. Outra cena nos demonstrou a intensidade do trabalho destruidor das garças nos poços do rio S. Francisco: talvez mais de uma centena de várias espécies de garças aí se banqueteava às 5 horas da manhã, bicando facilmente os peixes na água rasa. Belíssimo espetáculo, que porém, economicamente, significava a destruição, em massa, de peixes úteis.

Garça azul ou "G. morena" — *Florida caerulea*. E' ave de vasta distribuição por toda a América. Mede 50 cms. de comprimento. A plumagem é azul, em alguns pontos com tom mais vivo, em outros mais cinzento; na cabeça e no pescoço entremeiam-se plumas rôxas ou castanhas. Também o bico é azul, mas as pernas são pretas. A ave nova é inteiramente branca e só aos poucos, com as sucessivas mudas de penas, vem aparecendo manchas azuis, até que, ao completar o crescimento, atinja o colorido definitivo. Em criança, quando nos mostravam uma garça branca, explicando que era a chamada "Garça azul", parecia-nos incrível tal absurdo. E ainda hoje nos parece desarrazoado que a ave nova, de todo inexperiente, deva vestir roupagem que atraia imediatamente a atenção dos inimigos, quando justamente nessa idade lhe deveriam valer, com seu efeito protetor, as côres que melhor a dissimulassem entre a folhagem do ambiente. Dá vontade, até, de lembrar à Natureza as sábias leis, que os naturalistas a tanto custo interpretaram, do "colorido homócromo". Mas não será preciso tanto, para que a bela garça azul continue a proliferar; o melhor conselho que temos a dar, deve ser endereçado aos caçadores...

Garça branca grande — *Herodias egretta*, da fam. *Ardeideos*. Mede 82 cms. de comprimento. A côr é inteiramente branca, nívea; as pernas são pretas, o bico é amarelo. E' ave de toda a América, do Norte até a Patagônia. Também esta espécie, na Amazônia, é conhecida por "Garça real".

Garça branca pequena — *Leucophoy candidissima;* distingue-se da precedente pelo tamanho, pois mede ape-

nas 56 cms. de comprimento; as pernas são pretas, porém os pés são amarelos e da mesma forma o bico preto tem base amarela; características são as penas alongadas na nuca. No mais, compartilha com sua parenta o infortúnio de ser linda, a ponto de ir sendo exterminada pelos caçadores de "aigrettes". Referem os autores norte-americanos que em tempos idos, a um tiro de espingarda, nos "garceiros" da Flórida, levantava-se verdadeira nuvem destas lindas aves e as savanas, às vezes, "estavam brancas". Hoje em dia, nem para os jardins zoológicos se pode mais obter quantidade suficiente destas aves. Também entre nós, nas zonas mais povoadas, tem-se feito o possível para levar a destruição a tal ponto.

Garça real — *Pilherodius pileatus*, da fam. *Ardeideos*. O título de realeza foi dado a esta linda garça, por causa do aristocrático penacho de plumas alongadas da nuca. O colorido é todo alvo, com exceção da cabeça, que é preta em cima. O bico e a parte núa da cara são azuis; as pernas são cinzentas. Extende-se, em sua distribuição, da América Central até Santa Catarina.

Na Amazônia esta espécie é mais conhecida por "Garça de cabeça preta", pois lá o nome de "Garça real" cabe à garça branca, do gên. *Herodias*.

Gargaú — No Ceará diz-se assim por "Guarú-guarú".

Garoupa ou também "G. verdadeira" ou "G. creoula" — Peixe do mar da fam. *Serranideos*, gên. *Epinephelus*. Há diversas espécies, que se distinguem principalmente pelo colorido. A espécie dita "G. verdadeira" *(E. guaza)* e que atinge um metro de comprimento, é côr de chocolate, com diversas manchas irregulares verdes, esparsas pelos lados do corpo; além disto nota-se uma estria negra atrás dos maxilares; as nadadeiras são denegridas, orladas de branco. E' indiscutivelmente um dos melhores peixes, que o mercado oferece com certa abundância. Em Portugal o mesmo nome designa espécies afins.

Garoupa gato — ou simplesmente "Gato" na Baía; pertence a um gênero a parte entre os *Serranideos*, pois o ângulo do preopérculo forma um espinho curvo para a frente e a margem é denteada; uma só espécie: *Alphestes afer*, de côr rubra, com manchas pardas e pontilhado de vermelho; algumas máculas são oceladas; nadadei-

ras com zebruras irregulares. No Brasil meridional é espécie mais rara.

Garoupa S. Tomé — E' do mesmo gênero da precedente, *Epinephelus morio*, distinguindo-se por ser o 2.º acúleo da dorsal igual ou maior do que o 3.º (nas outras espécies é êle mais curto). E' côr de tijolo, ponteada de negro em baixo dos olhos; os exemplares grandes, de meio metro de comprimento, são mais escuros, com nadadeiras fimbriadas de negro azul. E' bastante comum e também muito apreciada.

Garrião ou "G a r r i a m" — Peixe da Baía. O. Monte registra como sendo "Peixe pequeno com as variedades "G. m a c a c o", todo preto, e "G. d e p a p o v e r m e l h o", tendo a parte entre a garganta e a barriga vermelha".

Garricha — Pronúncia mineira por "C a r r i ç a"; veja "C o r r u í r a"; "G a r r i ç o", é como se diz na Baía.

Gato — Veja sob "G a r o u p a g a t o".

Gato do mato ou "M a r a c a j á" — E' nome coletivo, que abrange as várias espécies menores do gêne-

Gato do mato

ro *Felis*, cujo comprimento total não exceda de 1 metro; tais são *F. wiedi*, cuja cauda iguala quasi a metade do comprimento total; *F. tigrina*, o menor dêles, do tamanho dos gatos domésticos; *F. geoffroyi*, pouco maior, com

manchas menores e mais numerosas. E' difícil a identificação destas espécies de gatos, todos êles pintados à maneira da onça. Habitam de preferência a mata, onde se alimentam de pequena caça; são inofensivos ao homem, mas defendem-se violentamente à moda dos outros gatos, quando encurralados.

Gato do mato grande — Veja "J a g u a t i r i c a".

Gato mourisco — Veja "J a g u a r u ñ d í".

Gato mourisco

Gato dos pampas — *Felis pajeros*, dos campos do Brasil meridional e dos pampas, de 60 cms. de corpo e mais 30 cms. de cauda. A côr é cinzento-amarela, com largas faixas ruivas, pouco distintas, que passam obliquamente do dorso aos flancos; a parte terminal da cauda mostra 5 ou 6 aneis escuros. Vive de preferência nos sapezais e lugares úmidos, caçando pequenos roedores e também aves, inclusive algumas domésticas.

Gaturamo — Passarinhos da fam. *Tanagrideos*. A terminologia vulgar não faz distinção exata entre "G a t u r a m o s" e "T i é s". Na Amazônia dão-lhes o no-

me de "T e m - t e m"; em Alagôas e Baía: "G u r i a - t ã". Trata-se do gên. *Euphonia*, que abrange 14 espécies brasileiras; é também um gaturamo a *Hypophaea chalybea*. São de bela côr azul escura, brilhante, às vezes com pequenos ornatos; o lado inferior, a partir da garganta, é amarelo vivo; as fêmeas são em geral de côr esverdeada, mais amarelada na barriga, mais escura no dorso. (Veja "G a i p a p a"). São muito apreciados como passarinhos de gaiola. Abundam junto das casas da roça que tenham pomar; laranjas, goiabas ou bananas picadas, é quasi certo que foram êles e as "S a í r a s" que saborearam. Mas por tão pouco não há quem os condene, mesmo porque todos lhes apreciam o colorido belíssimo e o canto suave. São como as rosas nos jardins: não lhes descobrimos utilidade e quando seus espinhos nos ferem, perdoamos o pequeno mal por amor à sua beleza.

Gaturamo verdadeiro — *Euphonia violacea*, azul, côr de aço no dorso e na cauda; as pontas das azas são côr de havana. O lado inferior é amarelo vivo e de igual côr é uma parte da fronte (o que na Amazônia lhe valeu o nome de "T e m t é m d e e s t r e l a").

Gaudério — ou "G o d é r o" na pronúncia pernambucana. Veja sob "C h o p i m". São, em geral, as aves que não querem se dar o trabalho de chocar seus ovos e por isto os põem nos ninhos de outras espécies, cujas fêmeas criam os filhos do parasita juntamente com a própria prole. São gaudérios o "S a c í" e outros *Cuculideos* e vários *Icterideos*, entre os quais o mais conhecido é *Molothrus bonariensis*. Como êste em São Paulo tem o nome de "C h o p i m", esta última denominação também já adquiriu igual sentido de gaudério ou vivedor, como a palavra vernácula.

Gavião belo — *Busarellus nigricollis*, bela ave de rapina, côr de ferrugem, de cabeça quasi branca e uma mancha preta na garganta; as pontas das azas e da cauda também são pretas. Igual nome tem ainda o gavião que registrámos sob "C a s a c o d e c o u r o", nome êste que aliás cabe também à presente espécie e certamente com maior razão, pois em quasi toda sua plumagem predomina a côr das vestes de couro, usadas pelos vaqueiros nordestinos.

Gavião caboclo ou "C a s a c o d e c o u r o" — E' o gavião *Heterospizias meridionalis*, de plumagem avermelhada, dorso pardo e cauda ornada com faixas brancas.

Gavião caipira — Veja-se sob "C a n c ã".

Gavião carijó ou "P e g a - p i n t o" ou "I n d a i é" — *(Rupornis magnirostris)*, cinzento no lado superior; a cauda é atravessada por três faixas pretas; a barriga avermelhada é listada de branco. E' o terror dos galinheiros.

Gavião pato — *Spizastur melanoleucus.* Tem um penacho curto, preto, bem destacado da cabeça branca; brancos são também o pescoço e o lado inferior; o dorso e as azas são escuros, bem como a cauda, que é atravessada por quatro faixas pretas.

Gavião pega macaco — Veja sob "H a r p i a" e "A p a c a n i m".

Gavião pega pinto — Veja-se "G a v i ã o c a r i j ó".

Gavião de penacho ou "G a v i ã o r e a l" — Veja sob "H a r p i a".

Gavião pombo — Nome das várias espécies do gênero *Leucopternis*, tôdas elas de fato um tanto semelhantes aos pombos, de plumagem côr de ardósia, peito claro e com desenhos de faixas brancas. Também tem êste nome o "S o v í" *(Ictinia plumbea)*.

Gavião-tesoura ou "T a p e m a" — *Elanoides forficatus*, cinzento, com cabeça e parte anterior do corpo branca e azas negras; as retrizes exteriores são muito longas e assim a cauda, durante o vôo, lembra, como o diz o nome, uma tesoura aberta. São aves muito úteis, porque dão caça aos içás, aos gafanhotos e a outros insetos que possam pegar no vôo.

Além disto, não é raro vê-los às voltas com pequenos lagartos e cobras (porém geralmente só das menores e inofensivas) e também esta preza o gavião tesoura devora no vôo. Este é sobremodo elegante e magistral e é lindo espetáculo que oferecem as evoluções de um pequeno bando dêstes gaviões.

E' verdade que tôdas as aves de rapina são exímias voadoras, mas esta espécie faz questão de aliar verdadeira arte ao exercício. Quasi sempre voam em esquadrilha, de uma dezena de indivíduos ou mais, cada um, porém, voltigeia a seu prazer, traçando círculos, parábolas ou espirais com a leveza, quasi, das andorinhas e como estas, de vez em quando baixam o vôo e, rente com o chão, comprazem-se em acompanhar as ondulações do campo, tão de perto que por pouco o tocam.

Gavião de uruá — Na Amazônia e em geral nos Estados do Nordeste, onde "uruá" é usado como sinônimo de "caramujo", o gavião conhecido no Sul por "C a r a m u j e i r o" é conhecido por gavião (comedor) de aruá.

Geréba — E' o urubú novo ou a espécie de cabeça vermelha. (Veja sob "U r u b ú c a ç a d o r"). Não deixaremos de registrar, por ser de fonte sempre tão segura, a nota de Barbosa Rodrigues (Poranduba, pag. 289) : "Espécie de gavião preto, que vive pelas margens dos rios".
Custa-nos atribuir tal identificação a um engano. De resto, no gavião amazônico *Ibicter ater*, (veja sob "C ã c ã", isto é, "C a r a c a r á p r e t o") de côr preta, com a parte basal da cauda branca, a pele núa da cabeça é encarnada; assim talvez "G e r é b a" seja aplicado a ambas as aves em questão.

Gericuá — Em suas coletâneas de Brasileirismos, a Academia Brasileira de Letras (Rev. XIII, 22) acolhe, baseada em Vasconcellos Galvão, tal denominação, atribuida a "uma das cobras mais citadas de Pernambuco". Nunca vimos, em registros modernos, nem sabemos o que possa ser em zoologia.

Gerupóca — O mesmo que "J u r u p ó c a".

Gervão — O Dr. Arthur Neiva ouviu chamarem assim, em Santa Catarina, uma lagarta que ataca a mandioca, fazendo estragos.

Gia — Na Amazônia e no Nordeste em geral, até a Baía, designa as rãs maiores (gên. *Leptodactylus* e outros). E' curioso que êste vocábulo da língua indígena tenha adquirido a significação de rã no sentido amplo, quando designava apenas um determinado grupo de espécies, ao passo que a forma "J u í" que significa propriamente *rã* em tupí, não entrou para o vocabulário brasileiro. O índio dizia: "J u i p o n g a", isto é, rã barulhenta, que tem voz forte; "J u i p e r e r e c a" veja "P e r e r e c a".

Gibão de couro — O mesmo que "C a s a c o d e c o u r o".

Gibóia — Veja "J i b ó i a".

Gijú — José Verissimo grafou também desta forma o nome do peixe, que no mesmo livro (Pesca na Amazônia) foi escrito com *J* inicial. Veja-se sob "J e j ú".

Gimbúia — Pronúncia regional paulista por "N i m b ú i a".

Giquitaia — Na Amazônia, segundo Barbosa Rodrigues, (Dic. Lucock, pag. 66), é o mesmo que "Formiga de defunto", formiguinha branca, muito mole, que dá em casa (o que aliás parece indicar Termitídeo). Segundo Chermont Miranda, porém, é "pequena formiga de dolorosa pica". Êsse mesmo autor lembra que tem igual nome a malagueta sêca e redùzida a pó. Confere, pois, melhor com a formiga, cuja picada arde como pimenta (ou talvez vice-versa). Portanto não podemos aceitar a identificação sugerida por Barb. Rodrigues, pois não há cupim (termitídeo) que morda.

Giribana ou "Xiripana" — Veja sob "Promombó".

Girino — Denominação erudita, mas bastante generalizada, que designa as formas larvais dos batráquios, aliás bem diferentes dos adultos, principalmente nas primeiras fases.

A princípio os girinos são ápodes, depois crescem-lhes as extremidades posteriores e mais tarde as anteriores; por fim começa o atrofiamento da cauda, até completo desaparecimento da mesma, com o que o batráquio adquiriu a feição dos adultos. Vivem na água, como peixes e alimentam-se de substâncias vegetais bem como de larvas e outros pequenos animais; mas a maioria das espécies enche o tubo digestivo com lôdo, do qual é extraida a substância orgânica aproveitável. Durante a fase inicial, sua respiração é branquial, para o que tem dois pares de ramos externos do aparelho respiratório, equivalentes às guelras dos peixes; quando êstes orgãos larvais desaparecem, a respiração passa a ser a normal, pulmonar.

O índio os denominava "guarús" confundindo-os, sob o mesmo nome, com os "Barrigudinhos"; de fato, enquanto novos e ápodes, realmente se parecem muito com os minúsculos peixinhos vivíparos que habitam as mesmas águas. O povo, tanto em Portugal como aquí, introduziu as denominações "Cabeçudo" ou "Cabeçote", o que condiz bem com o aspeto do corpo volumoso, ápode, que aparenta ser uma grande cabeça com uma cauda anexa; também em francês "têtard" tem igual etimologia.

Godero — Em Pernambuco é pronúncia mais usada do que "Gaudério".

Goete — Veja sob "Guete"; também se pronuncia "Gorete" e "Gorrete".

Goiá — O mesmo que "G u a i á".

Goiá-una — Veja "G u a i a ú n a".

Goiamú — O mesmo que "G u a i a m ú".

Goirana — Veja-se sob "B i c u d a" (peixe).

Golfinho — Denominação portuguesa, pouco usada entre nós e que corresponde ao vocábulo grego, latinizado, do nome genérico do *Cetaceo* odontoceto, *Delphinus delphis*. (Veja-se também sob "B ô t o"). Habita todo o Atlântico; seu tamanho pouco excede a 2 metros. A cabeça é pequena, o rostro longo e fino, o corpo roliço. O colorido é ardósia-escuro em cima, claro na metade inferior. Vivem em pequenos cardumes, alimentando-se de peixes menores; ao contrário dos bôtos, mais ligeiros, os golfinhos são vagarosos, tanto ao nadar como nos pulos, quando emergem espaçadamente, para respirar.

Gongôlo — Veja "P i o l h o d e c o b r a".

Gonguito — Pequeno bagre do mar, cuja carne é muito apreciada, porque lembra o gosto do camarão; com êles se preparam as melhores muquecas (Baía de Paratí).

Gordinho — Peixe do mar (Rio de Janeiro). Veja "P a r ú".

Goré — Nome de um caranguejo em Sergipe.

Gorgulho — São os besourinhos da fam. *Curculionideos;* distingue-se pela tromba relativamente comprida e muitas vezes curvada para baixo, formada pelo prolongamento da cabeça. Em particular designa os besourinhos que atacam o arroz, milho, feijão e outros cereais e portanto são "carunchos". *Calandra granaria*, *C. oryzae* são as espécies mais comuns, aliás cosmopolitas. O povo, porém, nem sempre faz distinção exata entre caruncho e gorgulho, extendendo esta denominação de acepção restrita (derivada do latim *curculio)*, a todos os besourinhos carunchadores.

Gorgulhos

Graçaim — Na Baía (Voz do Mar, n.º 78) é uma das variedades do "C a b e ç u d o", que por sua vez é uma das formas do Charéu.

Graçapé — Veja "G u a r a ç a p é".

Grachaim ou "G u a r a c h a i m" — *Canis brasiliensis,* semelhante ao "C a c h o r r o d o m a t o", porém um pouco maior, pois o corpo atinge 70 cms. de comprimento, além de 40 cms. que mede a cauda. A côr geral é cinzento-amarelada, com algum desenho preto no queixo; a ponta do beiço inferior e tôda a margem do superior são brancacentos, assim como a garganta e parte do pescoço. E' um tanto difícil distinguir esta espécie da "R a p o s a d o c a m p o" *(C. vetulus)* e, como esta, é animal dos campos; quanto à distribuição geográfica, pode-se dizer que o "G r a c h a i m" vem do Rio Grande do Sul até S. Paulo e dêste Estado para o Norte até o Pará é substituido pela "R a p o s a d o c a m p o". De dia, o Grachaim se esconde e dorme, saindo de noite para a caça e então ouve-se sua voz "Guô-a", principalmente no inverno, no tempo do cio. Chega-se às casas, tanto para roubar galinhas como para comer melões, etc. Além de pequenos mamíferos e aves, come também anfíbios e lagartos.

O povo raramente pronuncia a palavra na sua forma original, que é Guará (cão)-chaim (crespo).

Não se confunda esta espécie com o "G u a x i n i m" que, apezar de pertencer a outra família, é carnívoro um tanto semelhante.

No Rio Grande do Sul é também usada a denominação platina "Zorro", radical êste que também figura na denominação "zorrilho".

Gralha — São as diversas espécies de pássaros da fam. *Corvídeos.* Algumas têm plumagem de côres belíssimas, azul de vários matizes, com branco, preto e crême; pertencem ao gên. *Cyanocorax,* que abrange 8 espécies e *Uroleuca cyanoleuca,* a "G r a l h a d o c a m p o", de peito branco e cabeça e dorso negro-fuscos. Pela beleza do colorido, bem poderiam ser incluidas na lista das nossas aves ornamentais de viveiros; mas sua voz horrível ao nosso ver ao menos, as priva de tais honras.

Em todo caso, entre nós, as gralhas quasi não despertam interêsse e si o nome nos é corrente, é devido somente ao fato de ser muito popular na Europa a espécie correspondente da mesma família, ainda que seu renome não seja dos melhores, ao passo que das nossas espécies nada conta em desabono. (Veja estampa da pg. 742).

O Snr. Trajano Camargo relatou-nos ter observado várias vezes a grande gralha azul *(C. coerulea)* quando se esforçava por descascar pinhões; como não o consegue por meio de bicadas, a gralha bate a semente repetidas

vezes contra um pau, até amolecer ou esfrangalhar a casca. Desta fórma, porém, muitas vezes acontece que o pinhão, ainda intacto, lhe salta do bico e, caindo onde não

Gralha

mais possa ser achado, germina, tornando-se assim as gralhas os agentes naturais da difusão dos pinheiros.

No Nordeste brasileiro a denominação vulgar para estas espécies é "Cã-cã" ou "Piom-piom".

Grapira — O mesmo que "Alcatraz". Veja-se também "Carapirá".

Grauçá — Corruptéla de "Guarussá".

Graúna ou "Araúna", "Iraúna", e, em Alagôas e Pernambuco: "Arumará". Além dêstes, também "Pássaro preto", "Chico preto", "Melro", "Arranca-milho", "Rechenchão" — são nomes dados às vezes a várias outras espécies de *Icterideos* pretos (veja sob "Chopim"); porém de preferência o nome "Graúna" cabe a *Cassidix oryzivora*, cuja aza mede 18 cms., com 35 cms. de comprimento total; o colorido preto tem brilho violáceo e no macho as penas alongadas ao redor do pescoço formam uma espécie de coleira. O feitio geral é bem o dos "Japús" e tal parentesco é explorado pela "Graúna", que é um gaudério, como Goeldi observou. Em Mato Grosso, (segundo o Visc. Tau-

nay, Inocencia) "G r a ú n a" é sinônimo de "V i r a - b o s t a" *(Molothrus)*.

Graúna do bico branco — Veja sob "I r a ú n a".

Grilo — Abrange todas as espécies de *Orthopteros* da fam. *Grillideos*. As espécies que comumente se encontram ao redor das casas, escondidas na terra solta junto às pedras, pertencem ao gên. *Grillus*. O "G. t o u p e i - r a" ou "P a q u i n h a" ou "M a c a c o" ou "F r a - d e" vive, como o mamífero de que tira o nome, em buracos na terra (gên. *Grillotalpa)* e, de acôrdo com seu modo de viver, tem as patas anteriores alargadas em cavadeiras. Só o grilo macho canta, para atrair a companheira; o orgão estridulante está nas azas e consiste em uma lima de nervuras, que é friccionada contra um dente ou placa serrilhada. Em geral os grilos são prejudiciais às plantas, brôtos, sementeiras ou porque comem folhas e raizes; algumas espécies são carnívoras.

Grilo

Como o assinalou G. Bondar, na Baía, os cultivadores de cacau dão erroneamente o nome de "g r i l o" a várias espécies de *Tettigoniideos* (veja sob "G a f a n h o t o" e "E s p e r a n - ç a"), que se tornam nocivos às árvores, por depositarem seus ovos nos galhos. A fêmea, utilizando-se do seu ovipositor, serra, para tal fim, várias fendas, que lesam profundamente os tecidos e aí depõe até 200 ovos; isto determina a morte da parte distal do galho. (Veja estampa da pg. 398).

Grongo — Provavelmente é corruptéla de "G o n - g o l o".

Grumará — Veja-se sob "A r u m a r á".

Grumatã — No Rio Grande do Sul é o mesmo que "C o r u m b a t á".

Grumixá ou "C u r u b i x á" — E' o casulo das larvas de insetos da ordem dos *Trichopteros*, semelhantes a

pequenas mariposas, porém suas azas são revestidas de pêlos e não com escamas e as azas posteriores dobram-se em forma de leque, como nos ortópteros. Tais casulos, que encerram as larvas, encontram-se nas águas dos rios e têm feições típicas, peculiares às muitas espécies. Alguns são simples canudinhos, outros são perfeitos chifres em miniatura; os mais interessantes dêsses grumixás são os dos pequenos artistas que procuraram enfeitar o casulo com os recursos que o meio lhes proporciona: pedrinhas facetadas, malacachetas, conchinhas minúsculas, musgos, gravetos, etc.; outras espécies imitam caracois, semelhantes aos do gên. *Planorbis.*

Os índios acham muita graça nestes produtos artísticos das larvas e assim muitas peças da indumentária indígena são enfeitadas com tais casulos. Em nosso vocabulário geográfico há vários nomes de rios compostos com êste vocabulo: Curubixá, Curubixatiba, etc.

Guabirú — Por longo tempo não nos foi possível identificar a espécie de rato assim chamada no Nordeste (Pernambuco ao Ceará). Paulino Nogueira o mencionou, dizendo ser espécie maior que o "C a t i t a" e menor que o "P u n a r é" do mato. Certa vez, perambulando à noite com o distinto folclorista cearense, Dr. Leonardo Motta, pelas ruas desertas do centro da Paulicéia, nosso amigo nortista de repente apontou para a sargeta, dizendo: "Veja que grande guabirú" — Estava identificado o roedor; no Nordeste não se diz "ratazana" *(Mus decumanus)*. pois lá prevaleceu a denominação indígena, já registrada por Marcgrave com a seguinte definição: "*Rato de casa*" *lusitaniis, quem rattum vocamus.* Barbosa Rodrigues grafa a mesma palavra, ouvida dos índios da Amazônia como "U a u i r ú".

Guabirú-iú — Segundo Goeldi, é o rato do mato *Loncheres armatus* (veja-se "T o r ó").

Guacarí ou "A c a r í" — Peixes cascudos, fam. *Loricariideos,* do gên. *Plecostomus, Rhinelepis,* etc. Veja "C a s c u d o s". (Não confundir, porém, com "C a r í" que se refere a outro gênero).

Guacarí-guassú — Peixe cascudo, *Pseudacanthicus histrix,* certamente uma das mais curiosas espécies dêste grupo. Não é tanto pelas dimensões, aliás grandes (80 cms. de comprimento) que êle se impõe; são as nadadeiras peitorais muito longas que, pelo desusado e formidável revestimento de espinhos, dão ao peixe um aspeto ver-

dadeiramente terrível. Todo o bordo anterior do primeiro raio dessa nadadeira é densamente guarnecido de cerdas, as maiores das quais alcançam 1/3 do comprimento da nadadeira peitoral. A esta espécie da Amazônia correspondem, em águas do Paraná e afluentes, as do gên. *Pterygoplichthys*, principalmente *P. aculeatus*, pouco menor e quasi igualmente cerdoso.

Gauche ou "Japuíra", "Joncongo" ou "João congo" ou, em Sergipe: "João conquinho" — Pássaro da fam. *Icterideos*, *Cassicus haemorrhous*, de côr preta, com o dorso inferior escarlate e bico amarelo. O ninho é do mesmo tipo curioso como o do "Japú". No Pará é conhecido por "Japiim da mata". Vivem aos bandos e gostam de frequentar as lavouras e pomares, onde causam certo dano. Sua voz é um grito repetido, áspero e do qual o nome vulgar guache, é por certo a onomatopéia.

No Rio Grande do Sul (veja R. Callage) "guacho" tem quasi a significação de "gaudério", pois é também aplicado às aves que põem seus ovos nos ninhos de outras espécies; mas guacho tem também acepção mais ampla, como por exemplo quando aplicado a animais que foram criados com leite outro que não o da própria mãe. Certamente a base biológica da acepção é interessante.

Guachinim ou "Guacinim" — Denominação indígena ainda hoje frequentemente usada pelo povo, como sinônimo de "Mão pelado".

Guacucuia — Peixe do mar de Pernambuco (segundo Rod. Garcia: *Malthea longirostris*, que de fato pertence à sinonímia científica do "Peixe morcego"). Não sabemos si hoje em dia ainda é usada tal denominação: registrou-a primeiro Marcgrave, aplicando-a ao "Peixe morcego" *(Ogcocephalus)*.

Guaiá ou "Goiá" — Nome genérico dos caranguejos em geral, na língua tupí. Assim também foi conservado na linguagem dos praieiros e só os vocábulos compostos, como os abaixo mencionados, têm valor específico.

Guaiá das pedras — Denominação vulgar, de sentido amplo, pois abrange um maior número de Crustáceos

marinhos, da fam. *Concrideos,* comuns nas costas pedregosas, no interior das baías ou pequenas enseadas. Mencionaremos as espécies mais frequentemente encontradas: *Eriphia ganagra, Pilumnus aculeatus, Panopaeus herbsti* e *Menippe rumphi.*

Guaiamú ou "G o i a m ú" — Crustáceo marinho, *Decápode, Braquiuro,* da fam. *Gecarcinideos, Cardisoma quanhumi.* De corpo abrutalhado, atinge 9 por 11 cms. só a ca-

Guaiamú

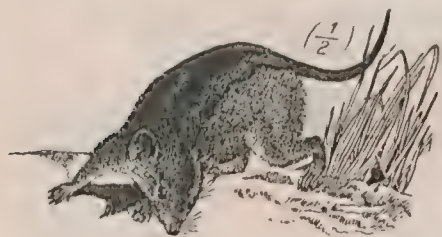
rapaça; o braço maior alcança 30 cms. No macho sempre uma das pinças é muito maior que a outra; a fêmea é conhecida por "P a t a - c h o c a". O colorido é azul intenso, apenas mais acinzentado na parte central do corpo e as pontas das extremidades são esbranquiçadas. Vivem de preferência nas praias do interior das baías e enseadas; quando a maré baixa, refugiam-se em buracos que escavam na areia ou no lôdo. (Veja-se a êste respeito a observação do Dr. Adolfo Lutz, sob "M o s q u i t o p ó l v o r a").

Guaiaúna — E' o maior dos carangueijos d'água doce de nossa fauna *(Trichodactylus)*; veja sob "C a r a n g u e i j o d o r i o".

Guaibica — Peixe do mar.

Guaibira — Peixe do mar da fam. *Carangideos, Oligoplites saurus.* As escamas são cobertas pela pele; a côr

é cinzenta em cima, prateada em baixo. Esta espécie vive tanto no Atlântico, do Rio de Janeiro para o Norte, como também no Oceano Pacífico. Veja-se também: "G u a r i - v i r a", "G u a j u v i r a" e "G u a r a v i r a", mas êste último designa peixe muito diferente.

Guainambé — A. E. Goeldi (Aves, II, pag. 341) registra esta variante de "A n a m b é", aplicando-a, porém, a uma espécie do gên. *Chasmorhynchus*, vizinha da "A r a p o n g a" ou "F e r r e i r o", nomes êstes que não foram registrados no Catálogo das Aves Amazônicas da Dra. Snethlage, certamente por não serem tais denominações usadas pelo povo nessa região. Contudo o gênero se extende do Rio Grande do Sul até Costa Rica e a ornitologia tem registrado na Amazônia a espécie *Ch. niveus*, que porém não figura na lista do fundador do Museu Goeldi, do Pará.

Guaiquica

Guaiquica — Veja "Q u i c a".

Guaiúba ou "G u a j u b a" — Segundo as informações que obtivemos do Ceará, é conhecido por êste nome um peixe de escamas, do mar, de côr vermelha (porém "juba" em tupí significa amarelo) com listas esverdeadas e do tamanho da "G a r o u p a". No Rio Grande do Norte a estatística da pesca registra em certos meses (Março) grande quantidade dêste peixe. Notámos que na mesma lista do pescado de um mês figuram conjuntamente, representando duas espécies distintas, a "G u a j u b a", (535 quilos) e a "G a r a j u b a" (100 quilos). O mesmo se verifica na estatística do Pará, com a diferença de pesar a Guarajuba 6 ½ quilos em média, ao passo que a Guajuba pesa 4 quilos. Contudo aguardamos melhores informações. Segundo Alb. de Vasconcellos seria sinônimo da espécie aquí mencionada sob "M u l a t a"; mas de acôrdo com nossos apontamentos, a "G u a i ú b a" em Recife é de bom sabor, o que A. Mir. Ribeiro nega com relação ao peixe *Ocyurus chrysurus* ou "M u l a t a", do Rio de Janeiro.

Guajú-guajú — Vimos esta denominação usada como sinônimo de "F o r m i g a c o r r e i ç ã o".

Guajuvira — Provavelmente o mesmo que "G u a r a v í r a" ou "G u a i b i r a".

Guandira — Veja "A n d i r a - g u a s s ú".

Guandú — Em seu livro sobre o Norte de Mato Grosso, o Pe. Badariotti dá êste nome a uma ave do campo, à qual também atribue o nome de "e m a p r e t a". Talvez seja denominação local da "A n h u m a" e corruptela de "N h a n d ú".

(Guanumbí) ou "G u a i n u m b í" — Denominação indígena dos beija-flores; parece que êsse nome em parte

Guanumbí da mata

alguma foi adotado pela população brasileira, ao contrário do aumentativo — veja o vocábulo seguinte.

Guanumbí-guassú — Veja "C u i t e l ã o ". A denominação indígena logrou foros de palavra brasileira, pois é do vocabulário dos caçadores.

Guará — (ou erradamente "l ô b o"). E' a maior das nossas espécies da fam. *Canideos, Canis jubatus,* que atinge 1^m,45 de comprimento, cabendo 45 cms. à cauda;

é desproporcionadamente alto, devido ao comprimento excessivo das pernas, muito finas. A côr é pardo-avermelhada, mais escura no dorso; o focinho e os pés são pretos; na garganta destaca-se uma mancha branca; a cauda é amarelada; na nuca os pêlos são longos e formam uma pequena juba. Vive nos campos e assim seu "habitat" extende-se desde a Argentina, por todo o nosso sertão, até o Norte do Brasil. E' animal arisco e covarde e por

Guará

isso as suas caçadas se limitam a pequenos animais e aves; alimenta-se também de vegetais (lembramos a *Solanacea* chamada "Fruta de lobo"), bananas, cana de assucar, etc. E' animal raro e no sertão quasi que só é conhecido pelo aspeto à distância. Visto assim de longe, seu corpo imita mais ou menos os contornos de um poldro novo. Foi o que nos contou um caçador que, devido ao tal engano, se aproximou despreocupadamente, intrigado apenas por não ver também a égua junto ao filho — e só quando o guará deitou a correr, percebeu o logro.

Si o verdadeiro lôbo europeu soubesse que aqui o confundem com esse seu parente degenerado! Mesmo a um cão, deve doer, quando o confundem com um covar-

de; e o lôbo verdadeiro, aliás de porte sensivelmente igual ao Guará, talvez apenas um pouco mais corpulento, é um animal afoito. Instigado pela fome ataca qualquer animal doméstico, mesmo o cavalo e o boi; reunidos em alcatéias, sua temeridade chega a ponto de não respeitar nem o próprio homem. E se nós aqui não invejamos a ferocidade dêsse animal, porque usurpar-lhe o nome, quando, além disso, temos em nosso vocabulário a denominação própria e bem divulgada — G u a r á".

Guará — Ave da fam. *Ibididcos, Eudocimus ruber.* (Tem sido também registrado sob êste nome o *Phoenicopterus*, aliás "F l a m e n g o"). E' belíssima a côr vermelho-carmin, que a reveste tôda inteira, à exceção apenas de uma pontinha preta das azas; mesmo as pernas e as partes núas da cabeça são vermelhas; exceptua-se apenas o bico, aliás um pouco curvo, de côr preta. Como ave dos trópicos, só se procria na Amazônia, Guianas e Antilhas. Outrora também na Flórida foi vista e caçada; hoje porém, lá já não existe mais. No Brasil o Guará extende suas migrações até o Est. de São Paulo e mesmo em Paranaguá foi êle caçado por Natterer; contudo não se demora no Sul e sempre volta para a Amazônia, onde é um dos elementos predominantes dos chamados "n i n h a i s". Quem não teve ainda oportunidade de admirar o efeito sobremodo artístico que a natureza alcança, enfeitando com tal ave rutilante a vegetação ribeirinha ou um taquaral, onde centenas ou milhares dêsses Guarás pousam, revoam, brigam e se aquietam, sempre enchendo o ar de reflexos carmins, contemple ao menos a estampa 10.ª do "Album de Aves Amazônicas" de Goeldi (obra infelizmente quasi esgotada), que reproduz em côres a fotografia de um "ninhal" de guarás, da ilha Marajó. Diz um bom autor de ornitologia que é êste um espetáculo que por si só vale uma viagem à ilha Marajó. Mas esta joia viva do grande quadro da natureza, não suporta o cativeiro e logo demonstra, no colorido da plumagem, a nostalgia do ambiente, para o qual foi criada; em pouco tempo a côr desmerece, perdendo o brilho e a intensidade. Veja-se o que sobre o mesmo assunto foi dito sob "F l a m e n g o".

(Guará) — Como se não bastasse o duplo emprêgo do radical "guará", para estabelecer certa confusão na nomenclatura zoológica, o índio designava ainda como "guára" os peixes marinhos que em sistemática são conhecidos como *Carangídeos*. A espécie tipo, o "g u a r á -

e t ê" poderíamos dizer, é o charéu, que Marcgrave descreve e figura sob o nome "Guara tereba". Além de outras espécies abaixo mencionadas, lembramos "G u a i b i r a" e "G u a j u v i r a".

(Guarabá) ou "G u a r a g u á" — Registrado como sendo o nome indígena do "P e i x e b o i"; contudo não pudemos obter melhores esclarecimentos, nem quanto à origem nem quanto à divulgação do vocábulo.

Guaraçapé — Assim registrou Alb. Vasconcellos (Peixes de Pernambuco) o nome do peixe do mar que também é pronunciado, segundo o mesmo informante, simplesmente "S a p é" e foi desta forma que também nós o anotámos.

(Guaracapema) — Assim foi impresso o nome que Marcgrave registrou em 1640 como "guaraçapema", para o peixe hoje conhecido por "D o u r a d o" do mar. Como, porém, durante a impressão do livro, na Holanda (1648), por falta do tipo correspondente, fosse substituido o ç por c, e como a palavra assim modificada não sôasse de todo mal, generalizou-se a transcrição nessa forma, quando de fato a pronúncia é "guaraçapema", ou, como o pronunciam hoje os pescadores, "G r a s s a p é".

Guaracava ou "G u r a c a v a" — Nome genérico de vários passarinhos da fam. *Tyrannideos*. Como no caso dos "C a g a - s e b o s" seus parentes, não é possível dizer ao certo qual o característico predominante dos passarinhos dêste nome. Pertencem ao gên. *Elaenia*, que abrange 15 espécies de colorido bruno com pálidos ornatos amarelados e barriga clara. São passarinhos utilíssimos, cujo trabalho consiste na destruição diária de um sem número de pequenos insetos. Tem nome especial a "M a r i a - j á - é - d i a", pertencente ao mesmo gênero.

Guaracema — ou as variantes "G u a r i c e m a", "G u r i c e m a", e "G u a r a s s u m a" (?) referem-se, no vocabulário herdado do índio, aos peixes para os quais prevaleceram as denominações portuguesas "C h a r é u" e "C h e r e l e t e". Também "G u a r a j u b a" (veja êste) pertence tanto pela etimologia como pela sistemática, ao mesmo grupo. E ainda "A r a c a n g u i r a" e "A r a c a r o b a" (êste, segundo a indicação *rob*, deve ser amargo) originalmente eram pronunciadas com *Gu* inicial. Também se diz "G a r a c e m a", "G a r a s s a p é".

Guarachaim — O mesmo que "G r a c h a i m".

Guaracimbora ou "A r a c i m b o r a" — Em Pernambuco e na Paraíba é uma espécie aliada ao "C h a r é u" do qual se distingue pelo feitio da 2.ª nadadeira dorsal e da anal, que ambas não formam lóbulos distintos, isto é, os respectivos primeiros raios são apenas pouco mais longos que os seguintes. *Caranx dentex (C. guara* Mir. Rib.), também chamado "C h a r é u b r a n c o".

Guaracorana — Veja "A r a c o r a n a".

(Guaraguá) — Veja "P e i x e - b o i".

Guaraípo — Pronúncia caipira por "G u a r u p ú".

Guarajuba ou "G u a r u b a" ou "T a n a j u b a" — Na Amazônia é o papagaio ou antes periquito *Conurus guarouba,* que difere das outras espécies congêneres por ser quasi inteiramente amarelo (como aliás o diz o nome indígena), com ligeiros reflexos avermelhados e com as rêmiges verdes, recobertas porém, até a metade, por penas amarelas, de modo que só a metade da aza mostra a côr verde, quando as penas estão na posição natural de repouso.

Guarajuba — Denominação indígena, ainda hoje em uso entre os praieiros nordestinos, aplicada a um dos peixes do grupo do "C h a r é u". "Guará" é o radical que designa os peixes da fam. *Carangideos* e o qualificativo "juba" (amarelo) restringe o nome a espécies dessa côr. Miranda Ribeiro indica a espécie *Xurel lata (Caranx latus),* aliás como "G u a r a m b a"; veja-se abaixo. Também Martius assim o determinou, indicando *Caranx fallax,* que é sinônimo de *X. lata.* Esta espécie difere do "C h a r é u" por não ser sinuoso o bordo das nadadeiras anal e 2.ª dorsal. A nós parece que "G u a r a j u b a" deve ter sido primitivamente o sinônimo indígena de "X e r e l e t e", o "guará amarelo", pois é semelhante ao "guará" por excelência o "charéu", porém, de colorido áureo tão pronunciado que também os cientistas o cognominaram "chrysos". O nome vulgar que hoje prevalece para esta espécie menor que o "charéu" é "C h e r e l e t e" (veja êste).

A sistemática dos peixes Carangídeos brasileiros ainda está muito mal conhecida e assim devemos aguardar a boa classificação das numerosas espécies, para então verificar a qual delas cabe o nome "G u a r a j u b a" ainda em uso.

(**Guaramba**) — Êste nome, registrado por A. Miranda Ribeiro em sua Monografia dos peixes (vol. XVII do Arch. do Museu Nacional) e posteriormente copiado por outros autores, deve ser eliminado dos vocabulários e substituido por "G u a r a j u b a". Aliás o meticuloso ictiólogo havia advertido que copiara tal nome de um rótulo de Rathbun (1875) no qual se lia "indistintamente o nome vulgar Guaramba"; certamente em vez de *m* estava escrito *iu* (por ju) e assim o colecionador estrangeiro, auxiliar de J. C. Branner, havia de fato ouvido o nome vulgar. Na espécie em questão, *Caranx latus* Mir. Rib., *nec* Agassiz, a fórmula (D.VIII + 27; A II + 23; Escudos 19 — de M. Rib.º) não confere com a de "*C. latus*" Agass. aliás *Xurel lata* — (D. VIII + I-21; A. II + I-17; Escudos 35).

Guarapú ou "G u a r a p a u" ou "G a r a p ú" — Designa no Norte do Brasil as espécies pequenas de veados do gên. *Mazama*. Na nomenclatura do caçador cearense, "G a r a p ú" designa o menor de todos os veados *(M. rufina)*, que pesa apenas 25 kls. e é mais escuro que o "V e a d o c a p o e i r o", cujo peso é de 60 kls. Êste vive nas serras e caça-se como os outros veados, porque sempre passa pelos mesmos lugares; por isto cada caçador fica junto de uma timbauba ou "comida". O Garapú, porém, corre pulando para todos os lados, "corre adoidado", e não tem destino certo. A "caçada de sombra" consiste em procurar o garapú no mato, onde passa o dia, em geral deitado. Pode-se chegar até 10 metros de distância, sem que o veado se assuste, contanto que seja contra o vento; com êste a favor, o animal percebe o caçador de longe e foge. A êste propósito nosso informante contou-nos ainda o seguinte: Para que na "caça de espera" o veado não desconfie da presença do caçador, que está trepado num girau, é preciso levar consigo uma lata suficientemente grande, para cuspir e urinar; por vezes a espera se prolonga por 2 ou 3 horas e bastaria cuspir ou molhar o chão, para que o veado de longe desconfiasse, tomando então outro rumo.

Afirmou-nos ainda o Sr. Manuel Pedro, aliás bom conhecedor da vida dos veados, que no Ceará tanto entre os garapús como entre os capoeiros há exemplares que conservam os chifres encourados a vida tôda; curioso é que êstes cruzam os rios nadando contra a correnteza, ao passo que os de chifre nú atravessam o rio descendo com as águas.

Infelizmente a melhor época para as caçadas é o inverno, pois só com o chão úmido se percebe o rasto, mas a êsse tempo os veadinhos ainda estão mamando. E' pois evidente o conflito entre as facilidades naturais e o espírito da lei de proteção à caça.

Alipio Miranda aproxima esta denominação de "C a r i a c ú" (o veado grande, de armação ramificada, da Guiana — *Odocoelus gymnotis);* isto, porém, de modo algum concorda com o confronto das espécies. Será mais razoável lembrar a semelhança do nome "G u a t a - p a r á", o que aliás tambem confere zoologicamente. Veja-se "G u a z ú".

Guarassú — E' o mesmo "C h e r e l e t e", quando velho.

Guarassuma — Peixe do mar (Rio de Janeiro) com cerca de 2 kilos de peso; no mercado é tido como qualidade média. Na lista do pescado de Alagôas figura, porém, com 9 kilos de peso médio (Garassuma). Veja-se "G u a r a c e m a". Em Recife é o equivalente indígena de Chicharro; verificamos que ambas as denominações são usadas pelos pescadores.

Guaratã — Veja sob "G u r i a t ã".

Guaraúna ou "C a r a ú n a" ou "C r a ú n a" — E' têrmo conhecido da Baía ao Ceará. Abrange várias espécies de aves, como por exemplo a da fam. *Ibidideos, Plegadis guarauna.* Pelo feitio é comparável ao "G u a r á" vermelho; o colorido, porém, é bruno com reflexos metálicos roxos e verdes. As penas da cabeça e do pescoço são orladas de branco. Sua distribuição extende-se da Patagônia à Florida. E' conhecido também por "T a p i c u r ú" e "C u r i c a c a"; veja-se porém sob êstes nomes, que abrangem várias espécies. "T a p i c u r ú" inclue a espécie *Harpiprion cayenensis,* conhecida por "C r a ú n a" na Baía, onde as outras denominações aqui registradas são desconhecidas.

Guaravira — No Maranhão designa um peixe do mar, semelhante ao "P e i x e e s p a d a". Também no Rio de Janeiro êsse nome é conhecido.

Guariba — O mesmo que "B u g í o".

Guariba de mão ruiva — *Allouata belzebul,* da Amazônia.

Guaricema — Veja "G u a r a c e m a".

Guarinhatã — Veja sob "G u r i a t ã".

Guaruba — Veja "G u a r a j u b a".

Guarú-guarú — "B a r r i g u d o", "B a r r i g a t i m - t i m" ou "B a r r i g u d i n h o"; na Baía: "B ó - b ó" e no Ceará: "G a r g a ú". Peixinhos de água doce, da fam. *Cyprinodontideos*, compreendendo umas 40 espécies, quasi todas minúsculas, pois raro excedem 4 cms. de comprimento, quando bem crescidas. Podemos até apontar entre êles o menor de todos os vertebrados, pois há um "g u a r ú" que não cresce mais de 2 ½ cms. (*). Entre os numerosos gêneros desta família, até há pouco chamada *Poecilideos*, mencionaremos *Heterandria*, ornado com vivas côres e *Poecilia*, o gênero mais abundante em todo litoral brasileiro; a espécie mais comum em S. Paulo é *Phalloptychus caudimaculatus* e várias outras têm, como esta, uma mancha ou antes um traço vertical preto no meio do corpo. A classificação torna-se bastante difícil, devido à grande uniformidade geral das espécies, que todas elas apresentam o mesmo feitio comum. Porém o exame, ao microscópio, da nadadeira anal do macho, transformada em longo orgão copulador, permite a identificação exata das espécies.

Guarú-guarú

Basta examinar qualquer córrego, mesmo dos menores, para encontrar um bom número dêles, geralmente constituindo pequenos bandos; qualquer caboclinho sabe como pegá-los, com uma peneira, passada rapidamente pela água. Como são os únicos vivíparos entre todos os nossos peixes da água doce, são êles também os que mais rapidamente proliferam; coube-lhes o nome de "b a r r i g u d i n h o s" porque a fêmea, quasi normalmente, traz um grande número de filhotes no ventre e não raro nascem 50 ou mesmo 90 peixinhos de uma vez, medindo então apenas 5 mms. Devemos mencionar, ainda, que durante algum tempo êstes peixinhos tiveram fama de serem úteis no combate às molestias transmitidas pelos mosquitos (febre amarela e maleita). Demonstrámos, porém, que os guarús, em seu regimen natural, só excepcionalmente se alimentam de larvas de *Culicideos*. Muito superiores a êstes e outros peixinhos, são os lambarís (ou

(*) Não será êste o menor dos vertebrados, si como afirma A. Miranda Ribeiro, o interessante batráquio *Brachycephalum ephippium*, de viva côr amarela e que habita as bromélias da mata virgem, de fato não cresce mais do que um centímetro e pouco.

"p i a b i n h a s" no Nordeste) e que prestam ótimo serviço como larvófagos.

Do ponto de vista dos amadores de aquários, aos "g u a r ú s" coube especial apreço, pois que resistem bem ao mau trato, não crescem muito, multiplicam-se facilmente e muitas espécies são deveras ornamentais; quanto a êste último requisito, merecem menção especial as da Amazônia e da América Central.

Guarundí ou "G u r u n d í" — Passarinhos da família *Tanagrideos, Tachyphonus coronatus* e outros semelhantes. A espécie mencionada, no sexo masculino, é preta, com vértice vermelho, ao passo que a fêmea é parda, com lado inferior amarelo. *T. cristatus* é semelhante, mas tem o dorso amarelo.

Guarundí azul — O mesmo que "A z u l ã o" *(Cyanocompsa cyanea)*.

Guarupú ou " G u a r a i p o " — Abelha social da fam. *Meliponideos, Melipona nigra*, de 8 a 9 mms. de comprimento, caracterizada pela pilosidade erecta, uniforme, do abdômen, tão densa como a do tórax; só a cabeça mostra fortes desenhos amarelos. Faz ninho em árvores ôcas, especialmente na base, de modo que muitas vezes se extende também pelas raizes. A porta do ninho consiste em um tubo de barro, enfeitado por cristas dispostas em sentido radial. O mel é apreciado e parece que é esta a espécie mais rendosa, pois já houve quem tirasse 15 litros de mel de um só ninho de guarupú.

Guarupú do miúdo — Veja "M a n d u r i m".

Guarussá — Também "G r a u s s á", crustáceos marinhos, do grupo dos "G u a i á s".

Guatapará — O mesmo que "V e a d o p a r d o".

Guatapí — O mesmo que "A t a p ú".

Guatinhuma — Pronúncia (ou grafia?) aberrante do nome dos "G u r i n h a t ã s", que são os mesmos "G a t u r a m o s" do Sul.

Guaxupé — Veja-se sob "I r a p o ã".

(Guazú) — "G u a z ú - p i t ã" e outros compostos, são nomes indígenas referentes aos veados. E' a forma mais próxima à pronúncia original guaraní; mas o povo pronuncia "S u a s s ú", como em tupí puro: "coóaçú".

Gudião — O mesmo que "B o d i ã o"; também em Portugal coexistem as duas modalidades dêste nome.

Gudunho — O mesmo que "P e i x e p o r c o".

Gueba — Peixe do mar.

Guebussú — Esta última espécie é identificada por A. Miranda Ribeiro com o "A g u l h ã o b a n d e i r a".

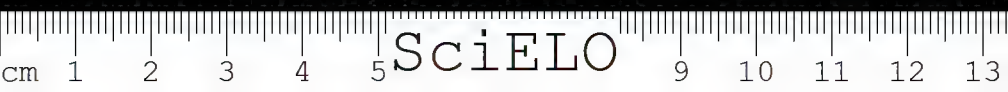
Guensa — ou "M a r i a G u e n s a", no Mato Grosso; o mesmo que "J a c u n d á".

Guete — Certa "P e s c a d a b r a n c a", assim conhecida no Rio de Janeiro, ou também "G o ê t e". Em outras localidades pronuncia-se "G o r e t e" e em Paranaguá: "G o r r e t e". Na estatística do pescado de Ponta Negra (Estado do Rio de Janeiro) vimos o "G o ê t e" identificado com "M a r i a m o l e" (veja esta Pescada). Porém Alipio M. Ribeiro reserva o nome à espécie *Archoscion petranus*, descrito recentemente por êste operoso ictiólogo patrício. Não temos documentação suficiente para afirmar que o nome "G u e t e" (ou suas variantes) se aplique, como parece, às várias espécies da subfam. *Otolithincos*, com exclusão dos gên. *Cynoscion* e *Eriscion* (que abrangem as verdadeiras "P e s c a d a s"). Assim seriam "G u e t e s" as "P e s c a d a s" cujas mandíbulas são providas de caninos laterais (gên. *Archocyon e Isopristhus)*, e talvez também as espécies de *Symphysoglyphus* e *Macrodon* (antigo *Sagenichthys)*, que também tem dentes caninos anteriores. Note-se que para estas espécies, providas de caninos, não conhecemos denominações vulgares, as quais, aliás, elas bem mereceriam, por se tratar de peixes valiosos e que diariamente figuram nas bancas do mercado.

Guigó — E' o nome de um macaquinho baiano, da fam. *Cebideos, Callicebus melanochir,* de corpo delgado e cauda muito longa, parecendo pois um saguí grande; o costado é castanho, o resto do corpo cinzento. Pertence ao mesmo gênero que os "J a p u s s á s" da Amazônia e o "S a u i m - g u a s s ú" da Paraíba. Contudo, observaremos que Varnhagen, em seu excelente "Manual do Caçador" de 1860, diz: "G u i g ó s" ou "b u g í o s r ú i v o s b a r b a d o s". Assim, ao menos naqueles tempos, a denominação tinha significação mais ampla do que hoje em dia.

Guirachué — Veja sob "C a r a c h u é".

(Guiramembi) ou "G u i r a m o m b u c ú" — Denominação indígena do curioso pássaro "P a v ã o d o M a t o".

Guirapurú — O mesmo que "U i r a p u r ú".

Guirussú — O mesmo que "Irussú" ou "Urussú". O radical indígena é *ira* = mel, ou abelha; porém da bôca de caipira melador, portanto autoridade competente, ouvimos pronunciar indiferentemente *irussú* e *guirussú*, designando a mesma espécie. Da mesma forma também dizem "Guirussú mineiro" — aliás puro pleonasmo — veja-se sob "Irussú".

Gurerí — No litoral de Iguape denominam assim a grande ostra das embocaduras dos rios, onde vive no lôdo, *(Ostrea brasiliana)*. "Rerí" é a denominação genérica das ostras na lingua geral.

Gurí — No Rio Grande do Sul designa os bagres novos (e daí também a acepção de rapazola, lá emprestada ao mesmo vocábulo). Porém o mesmo radical, no Norte, entra na composição de vocábulos como "Gurijuba", que se referem a peixes crescidos. "Urí" e "Uritinga" são apenas corruptelas, usadas na Amazônia e no Maranhão.

Guriatã — Em Pernambuco e na Baía, com as variantes "Curiantã", "Gurinhatã" e "Guarinhatã", designam-se os passarinhos que no Brasil meridional são chamados "Gaturamos". Algumas espécies de *Euphonia* são idênticas, no Norte e no Sul; outras apresentam ligeiras variantes de colorido. Não temos informações que permitam verificar si de fato, como Goeldi o diz, "Guaratã" (evidente corruptéla de "Guriatã") é aplicado também a *Coereba chloropyga*, a "Cambacica" ou "Mariquita" do Sul, pertencente à família dos pequenos "Saís", *Coerebideos*.

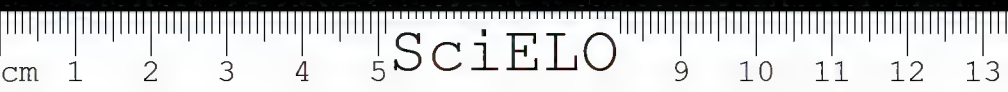
Guribú — No Maranhão, (segundo Wilson da Costa), designa um bagre marinho; à semelhança da etimologia de *guri-juba* (bagre amarelo), *guri-bú* aplica-se a um bagre de côr escura.

Guricema — Veja "Guaracema".

Gurijuba — Bagre do mar, do gên. *Tachysurus*, que tem sido identificado como *T. luniscutis*. Encontra-se nas costas do Brasil, de Norte a Sul, mas é na Amazônia que atinge maior valor econômico, bem como no Maranhão, onde o chamam "Cangatá". Por ocasião da desova entra nos rios, principalmente no Amazonas. Atinge um metro ou mesmo metro e meio de comprimento. (Há uma contradição que não sabemos explicar: *T. luniscutis* é espécie de colorido azulado em cima, alvadio inferiormen-

te; no entanto o peixe, ao qual coube o nome guri-*juba*, isto é, "amarelo", deveria ser, pelos menos em parte, desta côr). Conquanto a carne do "G u r i j u b a" seja de qualidade inferior, o mesmo concorre grandemente para a alimentação da população ribeirinha e da própria cidade do Pará. Além disto fornece a "grude" (subst. fem.), cola animal que, depois de sêca ao sol, constitue artigo de exportação. Note-se que o povo da Amazônia emprega (só neste caso, na acepção de íctiocola?) o vocábulo "grude" no feminino, usando aliás a forma erudita, quando no Sul do Brasil sempre se dá gênero masculino a êste substantivo.

A época da pesca da Gurijuba, diz J. Verissimo, é o verão amazônico, na última quadra do ano, sendo a "força da pesca" nos meses de Setembro e Outubro. Nas grandes canôas, chamadas vigilengas, talvez porque na ribeira da Vigia fossem de primeiro construidas, saem êles, canoeiros habilíssimos e ousados, ao alto mar. A vigilenga é a canôa mestiça, o resultado da combinação, para não dizer do cruzamento, entre o barco de pesca português e a igaritê, a canôa grande do indígena brasileiro. E' em geral pintada de escuro, roxo-terra, com as tintas do muruxí, de outros vegetais e o lôdo rico em materias corantes, com que os missionários primitivos, como nos informa o padre Antonio Vieira, tingiam as roupetas. A lotação é de 7 a 12 toneladas — quasi um navio. Armam-nas a hiate, com dois mastros com velas latinas ou de "azas de morcego", na sua tecnologia. Por temperamento nomades, levam a estas expedições, que duram uma semana ou mais, toda a família e além dos apetrechos da pesca e os peneiros de sal, com que hão de salgar o pescado, os baús e cestos com tudo quanto a família necessita. Desfraldadas as velas, em geral tintas também de muruxí, vermelho escuro, saem em direção dos "viveiros" ou pontos dêles já conhecidos, em que sabem mais abundantes as gurijubas.

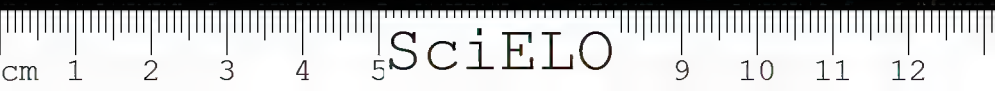
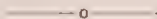
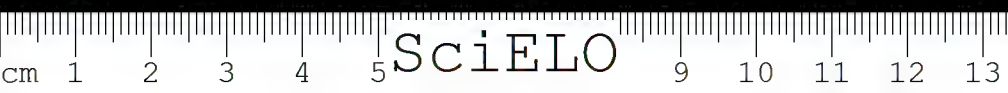
A pesca é feita com o espinhel. E' uma longa linha de 200 a 330 metros, da qual pendem, de metro em metro, outras linhas curtas de meio metro, os anzois. Chamam-lhes "anzois de tenda", por serem batidos nas suas forjas rudimentares e não fundidos, que não aguentariam o corpulento peixe. A linha fica estendida com uma extremidade no fundo do mar, segura por uma pedra; a outra ponta fica presa a uma grande boia de matutí, espécie de cortiça indígena ou substitue-a a volumosa cucurbitácea, o jamarú.

Preparada a linha, são os anzois iscados e colocados regularmente nas bordas da canôa, pendendo para fora, já na água, a linha principal e dando uma ou mais voltas à embarcação. Feito isto, os pescadores deitam ao fundo a extremidade amarrada à poita, ao mesmo tempo que são desfraldadas as velas ao vento e a vigilenga abre veloz a correr mar em fora. O pescador encarregado de lançar os anzois corre ao longo das bordas, rápido os desenganchando da beira e deitando-os ao mar, um a um, metodicamente, mas presto e ligeiro. A canôa, velas enfunadas, corre. E' preciso que na rapidez a acompanhe e exceda êle, sem o que se partiriam os anzois ou a corda. Às vezes, de súbito, um ai! doloroso corta o ar. Foi um daqueles anzois que pegou a mão que aceleradamente os ia levando da borda e lançando ao mar...

De manhã levantam ferro e vão a busca da boia, para "despescar" o espinhel, pesadíssimo agora, com a carga do peixe. As gurijubas que encontram presas nos anzois são mortas a cacete na borda da canôa. Chegado ao último anzol, si a pesca foi bôa, o "poço" da vigilenga está cheio. Começa então a faina de "beneficiar" o peixe.

Abrem-no pelo peito e retalham-lhe longitudinalmente as costas e assim o reduzem a bandas ou mantas, como as do pirarucú ou do bacalhau. Alí mesmo as salgam e secam, estendidas sobre a tolda e dependuradas de varas atravessadas entre os mastros, ao sol ardente.

Ao cabo de oito, dez e doze dias daquele rude e aspero labor, recolhem à casa, quando não seguem diretamente rumo da capital, onde venderão o pescado. (*Pesca na Amazonia*, José Verissimo).

Gurundí — O mesmo que "G u a r u n d í".

———o———

H

Harpia — Lineu serviu-se do nome dos monstros alados da mitologia para designar a mais bela espécie dos nossos "Gaviões de penacho", o "Gavião real" ou, na denominação indígena: "Uirussú" *(uira-guassú,* isto é ave máxima) ou "Cutucurim". Hoje a denominação "Harpia", aplicada à ave de rapina de nossa fauna, já adquiriu certa divulgação nas letras. Zoologicamente "Gavião de penacho" abrange as seguintes espécies: duas do gên. *Spizaetus* (mais conhecidas por "Gavião pega-macaco" ou "Apacanim"), providas de penacho pequeno; *Morphnus guianensis* é bem maior e rivaliza quasi com *Thrasaetus harpyia.* Esta é a espécie mais vistosa do grupo, pois alcança 2 metros de envergadura e pelo colorido distingue-se da precedente por ser mais cinzenta e por ter uma sorte de colarinho claro, como não tem *Morphnus,* que é todo êle mais denegrido.

Na Europa o mais belo tipo de águias é o do gênero *Aquila,* que figura nas armas heráldicas e seu representante norte americano é o "Bald Eagle" (águia calva — veja "Águia"), assim chamada por ter a cabeça inteiramente branca; também essa ave teve a honra de ser incluida no brazão de sua terra. Nós teríamos na "Harpia" o tipo de ave majestosa si, contrariando a índole da nação, quizéssemos gravar nas armas nacionais a figura de uma águia ou, digamos melhor, uma ave de rapina. Abstração feita, porém, dessa interpretação heráldica, mereceria a bela ave ser muito mais amplamente aproveitada como motivo de arte. Temos conhecimento de apenas um bom exemplo: o Dr. A. Neiva colocou a Harpia, em desenho ligeiramente estilizado, no "Ex libris" do Museu Nacional e, realmente foi feliz a escolha, pois assim conseguiu consubstanciar em um tipo genuinamente nosso, a beleza e a pujança de nossa fauna.

Também os índios, empolgados pela beleza e tamanho desta ave de rapina, tributam-lhe admiração e respeito bem merecidos. D'Orbigny e Tschudi, em suas viagens pelas regiões do Alto Amazonas, constataram o quanto é estimada a ave, tanto que, "um índio, que possue uma harpia viva, é personagem muito feliz". Duas

vezes por ano o rico proprietário arranca todas as penas das azas e da cauda do gavião e, depois de ter enfeitado suas flechas e preparado vistosos cocares com tais penas, permuta as demais em troca de coisas de valor: alimentos, utensílios, adôrnos. Também no Xingú e no Araguaia os índios frequentemente mantém harpias vivas; a carne,

Harpia

a banha e até o excremento passam por ser excelentes remédios.

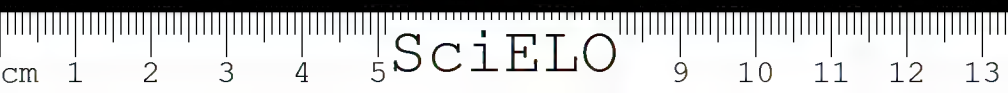
No Museu Paulista, durante muitos anos mantivémos viva uma harpia, acostumada à gaiola desde pequena. Postada, habitualmente, de costas para o visitante, nada lhe escapava, no entanto, à observação, pois a cabeça girava de tal forma sobre os ombros, que não raro descrevia três quartos de círculo. Si alguém lhe acenava com um pano vermelho, si um cão gania, ou quando o guarda se aproximava com uma galinha viva, imediatamente a bela ave armava o penacho em leque e, com demonstrações de viva excitação, tentava como que dominar a cena. Si lhe punham um simples peso de carne no viveiro, sem muita pressa vinha buscar o alimento; mas um animal vivo,

ainda que pequeno, excitava-lhe o instinto de rapina e, talvez com prazer indizível, preparava o bote certeiro. A mísera vítima morria no mesmo instante em que a atingiam as garras e o bico do algoz. Só depois de cuidadosamente preparada, depenada e limpa das vísceras, era a galinha devorada, com todos os ossos.

Em Goiaz relataram ao Dr. A. Neiva (Viagem científica) que êste valente gavião não se limita a matar e carregar, facilmente, animais do porte de filhotes de veado, bem como mutuns, seriemas e tatús; ataca também bezerrinhos novos e foi registrada mesmo uma investida do gavião de penacho contra um menino, o qual foi salvo apenas devido à intervenção de adultos.

Hudú — Ave amazônica, *Momotus paraensis,* aliás muito semelhante às outras congêneres, conhecidas por "J u r u v a s".

Humaitá — Parece que ainda subsiste esta forma primitiva do vocábulo, que evoca a pronúncia indígena ou "Mbaitaca", hoje pronunciada à brasileira: "B a i t a c a" ou "M a i t a c a" (veja êste vocábulo).

—o—

I

(Ibiboca) — Tanto Marcgrave como o P. Anchieta registram êste nome indígena, aplicado à "C o b r a c o r a l". Não sabemos, porém, si ainda hoje é têrmo usado pelo povo. A etimologia, atribuindo hábitos subterrâneos às corais, é acertada, pois essas cobras encontram-se de preferência nas perfurações do solo ou então nos cupins, onde procuram seu alimento predileto, os réptis vermiformes e os anfíbios também ápodes: "C o b r a c e g a" e "C o b r a d e d u a s c a b e ç a s". Tivemos ocasião de verificar que uma coral, *Micrurus lemniscatus*, de 95 cms. havia engolido, todo inteiro, um *Lepidosternon microcephalum* de 38 cms. de comprimento.

Ibijara — O mesmo que "C o b r a d e d u a s c a b e ç a s".

Ibijáu — Em Pernambuco, é o mesmo que "B a c u r á u".

Içá — E' a fêmea da "S a ú v a", a rainha do sauveiro, conhecida por "T a n a j u r a" no Norte do Brasil. Em certo tempo do ano, de Outubro a Dezembro, os içás virgens saem dos ninhos e, voando, encontram-se com os machos (veja sob "S a b i t ú s"), também alados. Depois, cada fêmea, tendo escolhido o local onde vai fundar o novo ninho, desfaz-se das azas, por auto-amputação e cava a primeira "panela", o início do futuro sauveiro. Enclausurando-se então para tôda a vida, fecha a porta de entrada e seu primeiro cuidado é iniciar o horto de cogumelos, de que única e exclusivamente se alimenta esta espécie de formigas.

Içá

A êste respeito o Prof. H. von Ihering fez a seguinte verificação, muito interessante porque documenta o alto gráu de previdência dêstes insetos. O içá tem o cuidado de

levar consigo, antes do vôo nupcial, uma partícula do fungo, como semente, guardando-a em um recanto especial da cavidade bucal. Os primeiros ovos que o içá põe, ao que parece, destinam-se a um fim todo especial — e certamente será êste um caso raro em toda série animal: a própria mãe os desmancha, espalhando a preciosa substância sobre o chão, para servir de meio de cultura aos cogumelos. De fato, o içá precisa cuidar com todo carinho da sementeira, pois nesta primeira fase êle não conta ainda com o auxílio da prole, que ao depois se encarregará dêstes trabalhos, trazendo continuamente vegetais frescos para as "panelas"; é sabido que toda a folhagem que as saúvas carregam para o ninho, tem unicamente a serventia de meio de cultura para o cogumelo, alimento de tôda a população do sauveiro.

Logo após começa a postura de ovos, dos quais, cêrca de mês e meio depois do início do ninho, provém as primeiras formigas operárias e com elas o sauveiro começa a funcionar, isto é, a depredar a vegetação circunvizinha e principalmente a lavoura.

Lembraremos, apenas de passagem, a "paçoca", preparada com os abdômens roliços dos içás; mas a verdadeira guerra a êstes disseminadores da praga máxima de nossas lavouras incumbe aos pássaros, que avidamente perseguem o gordo pitéu. Por isto o agricultor, para evitar futuras despesas avultadas com formicida, deve fazer o possível por ter numerosos bandos de pássaros em suas terras. Que prazer, para todo lavrador, vêr como o caçador plumado apanha o içá no ar, lhe saboreia a bola de ovos e solta o resto, que não lhe sabe, por ser apenas quitina. Assim mutilada, a formiga ainda tem vida por algum tempo e já vimos um içá nessas condições ocupado em cavar sua panela, quando, claro está, nada mais havia a temer dêsse seu esforço inútil. Seja mais uma vez lembrado o seguinte, como melhor recursos na roça, para exterminar os içás nessas poucas horas em que vôam. Nas escolas rurais, as crianças serão dispensadas pelo professor, no momento em que começarem a aparecer os içás, mas com a recomendação de catarem, na roça, quantas dessas formigas puderem encontrar. No dia seguinte, à vista do resultado obtido, serão conferidos prêmios aos colegiais mais ativos e assim, além do estímulo e do proveito direto, as crianças sempre mais se compenetrarão dessa necessidade absoluta de combatermos os içás, para impedir a formação de outros tantos sauveiros novos.

Icanga — Corruptela de "S a i c a n g a". (Veja-se "P e i x e - c a c h o r r o").

Iguana — Êste vocábulo, de origem indígena das Guianas, é antes têrmo erudito, pois o nosso povo diz "C a m a l e ã o" ou "S i n i m b ú".

Iguanara — Têrmo amazônico que, segundo informação, que aliás não vimos melhor confirmada, designa o "M ã o p e l a d a". Talvez sua etimologia se explique como jaguanara *(jaguar* — diversos carnívoros).

Imbucurú — No litoral paulista parece que é sinônimo de "C u r u r u á" ou "R a t o d e e s p i n h o".

Imerí — Vimos registrado como nome de abelha social, do Paraná e Mato Grosso; não sabemos a que espécie mais conhecida possa corresponder.

Imundícia — Emprestando acepção zoológica ao têrmo, o povo lhe dá significação equivalente a "s e v a n d i j a". Amadeu Amaral (em "Dialecto Caipira") o registra como: caça miúda; Chermont Miranda, na ilha Marajó, diz que os criadores designam assim, coletivamente, todos os insetos e ácaros que flagelam o gado.

Inajá ou "I n a j é" — Ave de rapina, do Brasil central; provavelmente é a mesma espécie mais geralmente conhecida por "I n d a i é".

Inambú — também "N a m b ú". Aves da fam. *Tinamideos*, gên. *Crypturus* (veja também "S u r u r i n a" assim como "M a c u c o", pois as espécies do gên. *Tinamus* na Amazônia também são "I n a m b ú s"). As 14 espécies brasileiras dêste gênero representam um tipo homogêneo quanto ao feitio, variando apenas de tamanho e um tanto no colorido. Algumas espécies são de côr uniforme, outras têm abundantes desenhos de linhas escuras no dorso e sobre as azas. A cauda ou falta ou é representada por penas tão curtas, que as coberteiras as escondem. Os dois sexos quasi que não se diferenciam. São aves que vivem no chão, alimentando-se de frutos e sementes; voam pouco. Os ovos são lisos e lustrosos, de côres verde-azulada ou branco-chocolate.

Conquanto, pelas suas dimensões menores, estas aves não proporcionem ao caçador tanta carne como os mutuns e jacús, a caça aos inambús é das mais apreciadas. E onde ainda haja matas, nas quais ao menos nos meses da procreação seja proibido perseguir as aves, é fácil aba-

ter pelo menos alguns inambús em uma manhã. Quem souber "piar" (ou com o pio apropriado ou simplesmente soprando no côncavo das mãos, de modo a produzir o som adequado), consegue atrair a caça, escondida no mato. Aproximando-se aos poucos e respondendo sempre ao suposto companheiro, a ave chega a pousar tão perto do caçador que êste às vezes fica sem saber como deve atirar. Cada espécie de inambú pia de modo diverso, porém todas elas emitem apenas assobios curtos, cheios e sonoros, repetidos no mesmo tom ou formando escala ascen-

Inambú

dente ou descendente. Os pios das duas espécies mais comuns no Sul, o "g u a s s ú" e o "c h ó r ó r ó", imitam-se bem assobiando e mantendo um pouco de saliva na ponta da língua encurvada, para assim emitir som trinado. A espécie maior assobia uma escala ascendente, a menor, ao contrário, desce a escala cromática e ambas apressam os intervalos e a duração das notas finais. Conquanto piem principalmente de manhã e à tardinha, também durante o dia se lhes ouve a voz. O "J a ó", que pertence ao mesmo gênero, emite apenas 4 notas, também apressadas no final. As crianças facilmente apanham os inambús, armando laços em lugares previamente cevados. Alguns grãos de milho conduzem a ave para o laço, armado um pouco à margem do trilho, para que fique ao abrigo dos transeuntes. Uma varinha flexível mantém distendido o fio, armado como uma ratoeira comum e basta a ave bicar o primeiro grão, para que o laço lhe aperte o pescoço. A

quem souber armar bem tais laços, raramente escapa a descuidosa avezinha.

O povo achou tão singular a falta de penas caudais nestas aves, que aproveitou o fato para um provérbio: "Inambú, de tanto fazer favor, ficou sem rabo"; assim o caipira confirma o conceito do ditado mais em voga na cidade: "Quem empresta, não melhora".

Inambú anhangá — ou "I. saracuíra".

Inambú chintã — Esta espécie ocorre da Baía para o Sul até a Argentina *(C. tataupa)*. Mede 25 cms. de comprimento. O colorido do dorso é bruno-castanho, a cabeça e o pescoço são cinzento-escuros, a garganta e o meio da barriga brancos, o resto do lado inferior cinzento; os lados da barriga e as coberteiras inferiores da cauda são pretas com largas orlas brancacentas. O bico é vermelho, as pernas são roxo-encarnadas. Esta espécie, aliás muito semelhante ao "I. chororó", habita só as matas.

Inambú chororó — *C. parvirostris*, tem a mesma distribuição geográfica do "I. chintã" e com êle se parece muito, sendo apenas um pouco menor e o colorido é um tanto mais pálido no lado dorsal; as pernas são francamente escarlates. Não é da mata, mas das capoeiras das regiões de campo. O pio do inambú chororó pode ser representado facilmente por meio de quatro notas iguais, cuja duração é, sucessivamente, mais apressada. São quatro pios sêcos, não trinados, sem sonoridade harmônica e que a ave faz ouvir de vez em quando, espaçadamente.

Inambú coá — O mesmo que "I. sujo".

Inambú-guassú — Do Rio Grande do Sul até Minas tem êste nome *Crypturus obsoletus;* na Amazônia, onde essa espécie não ocorre, tem igual nome o "Inhambú-toró", *Tinamus tao*, espécie que corresponde a *Tinamus solitarius* do Sul, conhecida aqui por "Macuco". *Crypturus obsoletus* é, como diz o nome indígena, a nossa maior espécie, medindo 30 cms. de comprimento. O colorido do lado dorsal é bruno-avermelhado; a cabeça e o pescoço são denegridos, a garganta cinzenta, o peito castanho escuro, a barriga amarelenta, com largas faixas pretas na parte posterior. E' ave da mata.

Inambú-i — O mesmo que "Codorna".

Inambú pixuna — O mesmo que "Inambú sujo".

Inambú relógio — Na Amazônia *Crypturus strigulosus*, assim chamado porque, tanto desta ave como da

"S u r u r i n a", o povo afirma que seu canto marca as horas. Difere do "I. s a r a c u i r a" por alguns caracteres sutís de colorido, como seja o tom menos avermelhado de todo o lado dorsal.

Inambú saracuíra ou "I. a n h a n g á" — E' espécie do Norte do Brasil (Baía à Amazônia) *Crypturus variegatus*, semelhante a *C. strigulosus* ("I. r e l ó g i o"). O lado dorsal, inclusive as azas, é como que escamado de preto, com as linhas divisórias amarelo-avermelhadas; o pescoço em cima é castanho vivo, a cabeça cinzenta; o lado inferior é mais cinzento e a garganta branca.

Inambú sujo ou "I. p i x u n a" ou "I. c o á" — E' uma espécie amazônica, *C. cinereus*, de côr cinzenta, uniforme.

Inambú-toró — O mesmo que "I n a m b ú - g u a s s ú".

Inchú e "I n c h u í" — Veja sob "E n c h ú".

Indaié — Na Amazônia e em Mato Grosso designa uma ave de rapina, que, segundo Goeldi, é a mesma espécie também conhecida por "G a v i ã o c a r i j ó". O autor de "Inocência" grafou "I n a j á", referindo-se a uma ave de rapina, que provavelmente é esta mesma espécie. Em guaraní puro designa os *Falconideos* em geral. Registrámos as duas pronúncias, pois também Barbosa Rodrigues grafa "I n a j é" (Amazônia) como se vê na lenda que transcrevemos sob "U r u b ú".

Inhabopê — (ou "E n a p o p é" como grafou Th. Sampaio). Alteração da palavra "I n h a m b ú - p ê", isto é, determinada espécie de inambú ou a "P e r d i z". De fato, segundo Spix, o nome indígena da perdiz seria "e n a p u p é", o que parece ser evidente cacografia da "i n h a m b ú - p é" ou peba (peva) ou na pronúncia sergipana: "I n a b u p é".

(Inhacurutú) — Parece ser a forma primitiva do nome das corujas; hoje pronuncia-se "J a c u r u t ú".

Inhatium — Empregado por Alb. Rangel significando mosquito. E' vocábulo tupí, com acepção lata de "P e r n i l o n g o". Confronte-se "J a t e u m", que é certamente corruptéla.

Inhaúma ou **Inhuma** — O mesmo que "A n h u m a". Diz-se também "I n h u m a - p o c a", por "A n h u m a - p o c a".

Insetos — A Entomologia estuda somente os insetos, com exclusão portanto dos outros grupos de Artrópodes, que são os Crustáceos, as Centopéias e os Aracnoides. Assim é errado dizer que uma aranha ou o escorpião é um inseto.

Nem será preciso aumentar, por essa forma, o número de espécies abrangidas neste conjunto. Shipley em 1910 computou em 450.000 o número das espécies conhecidas e recentemente Costa Lima (Insetos do Brasil, Vol. I) aceitou a contagem que atinge um total de 625.000 espécies. Atribuindo 1/10 dêsse total mundial à nossa fauna, caberia ao entomologista brasileiro encher um livro de 1.500 páginas do presente formato, para ter simplesmente enumerado, linha por linha, apenas os nomes de todas essas espécies!

Cingindo-nos às ordens estabelecidas na classe dos insetos, deveriamos enumerar 28 delas, pelo sistema mais simples do entomologista austríaco Handlirsch ou do americano Comstock, para não adotarmos o de Krausse e Wolff, que nos obrigaria a decorar 69 nomes de ordens de insetos.

Para uso escolar basta enumerar as seguintes 13 ordens, como o fizemos em nosso "Atlas da Fauna do Brasil", em 1917; mas é evidente que não bastam estas 24 divisões para diferenciar convenientemente os principais grupos.

Siphonapteros — "Pulgas".
Corrodencios — subdivididos em:
  Termitideos — "Cupins"
  Psocideos
  Mallophagideos — "Piolho de galinha"
  Pediculideos — "Piolhos".
Ephemeridos — "Efeméridas", "Siriruia".
Dipteros — "Moscas", "Mosquitos".
Lepidopteros — "Borboletas", "Mariposas", "Traças".
Trichopteros — "Curubixá".
Thysanopteros — "Queima".
Coleopteros — "Besouros".
Hymenopteros — "Abelhas", "Vespas", "Formigas".
Orthopteros — subdivididos em:
  Forficulideos — "Lacrainha".
  Blattideos — "Baratas".
  Mantideos — "Louva-Deus".

Phasmideos — "Bicho-pau".
Tettigoniideos — "Esperança".
Locustideos — "Gafanhotos".
Gryllideos — "Grilos".
Odonatos — "Libélulas".
Neuropteros
Rhynchotas — subdivididos em:
Hemipteros — "Percevejos".
Homopteros — "Cigarras".
Phythophthireos — "Piolhos dos vegetais" ou "Coccídeos".

Costa Lima, em sua obra "Insetos do Brasil", adotou sistema mais amplo, que abrange 30 ordens, para muitas das quais a nomenclatura popular não possue nome correspondente (e que por isto figuram entre parêntesis na lista seguinte); estão assinaladas com "x" as que abrangem milhares de espécies. Aquí suprimimos 2 dessas ordens, cujas poucas espécies não ocorrem no Brasil.

	Ordens	Denominação popular
1)	*Thysanura*	"Traça dos livros", "Lepisma".
2)	*(Collembola)*	
3)	*Ephemerida*	"Efemérida", "Siriruia".
4)	*Odonata*	"Libélulas", "Lavandeiras".
5)	*(Perlariae)*	
6)	*(Embiidina)*	
7)x	*Orthoptera*	"Gafanhoto", "Esperança", "Grilo", "Paquinha".
8)	*Phasmida*	"Bicho-pau".
9)	*Dermaptera*	"Lacrainha".
10)	*Blattariae*	"Barata".
11)	*Mantodea*	"Louva-Deus".
12)	*Isoptera*	"Cupins".
13)	*(Zoraptera)*	
14)	*(Corrodentia)*	
15)	*Mallophaga*	"Piolho de galinha"
16)	*Anoplura*	"Piolhos".
17)	*Thysanoptera*	(veja "Queima" — *Thryps*).
18)x	*Hemiptera*	"Percevejos".
19)x	*Homoptera*	"Cigarras".
20)	*(Neuroptera)*	
21)	*(Panorpatae)*	

	Ordens	Denominação popular
22)	*Trichoptera*	— "C u r u b i x á".
23)	*Lepidoptera*	— "B o r b o l e t a s", "M a r i p o s a s", "T r a ç a s".
24)x	*Diptera*	— "M o s c a s", "M o s q u i t o s".
25)	*Siphonaptera*	— "P u l g a s".
26)x	*Coleoptera*	— "B e s o u r o s".
27)	*(Strepsiptera)*	
28)x	*Hymenoptera*	— "A b e l h a s", "V e s p a s", "F o r m i g a s".

À vista do que ficou dito, compreende-se facilmente que não há entomologista capaz de dar a classificação, nem apenas o nome da respectiva família, de todos os insetos de uma região, por limitada que seja. Dos grupos que já tenha estudado, dará prontamente o nome do gênero e talvez da espécie; dos grupos restantes, sempre em maior número, dará apenas a ordem, talvez a família e com uma boa monografia (si por feliz acaso já existir!) fará o respectivo estudo. Tal monografia de que necessita, às vezes moderna e portanto fácil de manusear, ou então antiga e que assim não encerra os trabalhos recentes (que deverão ser procurados no *Zoological Record)*, pode ser em português (e bem limitado é o número destas!), em alemão, francês, inglês, italiano ou mesmo em latim, sueco, dinamarquês ou russo. Portanto o entomologista, além de profundos conhecimentos gerais de zoologia entomológica, deve também ser um poliglota, sem o que estará com as mãos amarradas.

E uma vez verificado o nome da espécie (ou si, após conscienciosa busca através de tôda a literatura indicada pelo *Zoological Record*, do ano da última monografia para cá, verificar que a espécie é nova, isto é, que não foi ainda descrita e portanto lhe cabe descrevê-la) então começará o trabalho mais interessante: o estudo da biologia do inseto em questão.

Antes de mais nada, leia o incipiente entomologista o paradigma que são os "Souvenirs Entomologiques" de J. H. Fabre e saberá o que tem a fazer — si para tanto lhe ajudarem a paciência e a habilidade, mas principalmente a indispensável pachorra e o tempo necessário que se "perde" durante as meticulosas investigações. Nem todos os amadores de tais estudos podem, por êste ou aquele motivo, fazer a rigorosa classificação de um inseto pouco comum. Não é desdouro recorrer, nestes casos, a um especialista, enviando-lhe alguns espécimens e pe-

dindo-lhe a determinação exata da espécie, e também a indicação da literatura já existente a respeito. Verificado que há questões ainda duvidosas a resolver com relação a particularidades interessantes da vida do inseto observado, com poucos recursos técnicos o amador pode iniciar seus trabalhos, bastando-lhe em geral um caderno para os apontamentos meticulosos e uma lente. Um aparelho fotográfico pode prestar ótimos serviços, mas é muito conveniente saber desenhar, para assim fixar as posições mais características, o aspecto exterior do ninho ou respectiva planta interna, enfim muitos detalhes que o gráfico explica melhor que uma descrição. Os apontamentos devem ser feitos com a preocupação de se registrar tudo quanto fôr observado; muitas vezes só mais tarde se consegue estabelecer o nexo entre êste e aquele fato e, tendo desprezado um dêles a princípio, nem sempre é possível recordar os dados exatos não anotados. Só mais tarde, ao se elaborar a descrição definitiva, pode-se suprimir o que evidentemente é inútil esmiuçar.

Apontamentos interessantes ou curiosos a respeito da vida dos insetos:

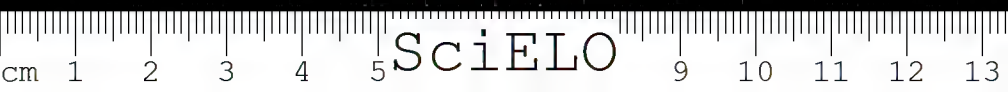
— Uma formiga, 4 ou 5 dias depois de decapitada, ainda dá sinais de vida, por meio de movimentos das extremidades.

— O peso do cérebro de um besouro corresponde a 1/3500 do seu peso total; na abelha essa proporção é de 1/174. (No homem o peso do cérebro corresponde a 1/40 do peso do corpo).

— A formiga saúva carrega, morro acima, morro a baixo, um grão de milho que corresponde a 20 vezes o peso do seu corpo; assim carregada, anda talvez meio quilômetro — o que, com relação ao homem, equivale a muitas e muitas léguas, si tomarmos em consideração o tamanho do pequeno carregador. Um homem, no entanto, consegue carregar, apenas a curta distância, quatro sacos de café — ou seja 4 vezes o peso do seu corpo; para uma marcha regular, uma carga igual à metade do seu próprio peso já é demasiada. Um elefante pode transportar 1.000 kilos (1/4 de seu peso), a pequena distância; em viagem deve se lhe carregar apenas 400 a 500 kilos (1/8 do seu peso).

— Quantos dias ou anos vivem os insetos? A fase larval pode desenrolar-se em 1 ou 2 semanas, como pode demorar 17 anos. No estado adulto também acontece o mesmo, conforme a espécie: 24 horas, si tanto, são o pra-

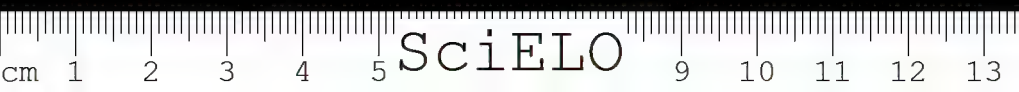
INSETOS

Borboleta
Lagarta
Lavandeira
Vespas
Moscas
Bezouro
Cupim
Esperança
Grilo
Cigarra
Saúvas
Serra-pau

zo de vida alada, concedido às Efeméridas e 8 a 10 anos a rainha de um formigueiro ou de um cupim preside aos destinos de sua prole, que cada dois ou três meses se renova e se substitue. Entre tais casos extremos há todas as graduações: há borboletas que vivem apenas alguns dias, outras espécies esfrangalham a linda roupagem, velha de alguns meses. O mosquito da febre amarela consegue viver 5 meses; a pulga 18 meses, sem alimento e em boas condições vive até 8 anos. Uma rainha de abelha do reino assiste 5 vezes à matança anual dos consortes, que no começo de cada inverno são eliminados... quando já não valem o mel que comem.

— E' muito variável o número de vezes que as larvas dos insetos mudam de roupa, que é o seu tegumento de quitina, antes de atingir o estado adulto. Daí por diante os insetos nunca mais trocam de roupagem, pelo contrário, só perdem o brilho ou as lindas escamas. Em geral as larvas das moscas mudam 3 vezes de quitina; as lagartas das borboletas e os saltões dos gafanhotos o fazem 4 ou 5 vezes; as larvas dos besouros 7 vezes; mas as das cigarras, que vivem durante vários anos debaixo da terra, chegam a mudar seu revestimento externo 20 e 30 vezes.

— As larvas das libélulas ou lavandeiras são aquáticas e respiram por meio de numerosas lamelas, que funcionam como as guelras dos peixes. O número dessas lamelas pode ser superior a 24.000 e o mais curioso é que elas se acham situadas na porção final do intestino, no reto. Fazendo penetrar água pelo anus, a larva respira. Além disso essa mesma água pode ser expelida bruscamente e então atua como força propulsora — é um meio de locomoção tão bom como qualquer outro, que lembra quasi o tipo dos navios a hélice.

— Muitos insetos resistem durante longo tempo à asfixia por submersão; há besouros estranhos à vida aquática que só morrem após 96 horas de imersão completa. O fato explica-se da seguinte forma: permanecendo imóvel, o inseto gasta pouco ar. Sua respiração se faz por meio dos tubos de Malpighi, que, com suas mais finas ramificações recobrem os orgãos a que devem fornecer o oxigênio. As respectivas aberturas externas se acham ao longo do abdômen; são os estigmas, providos de lábios; ao contrário dos outros animais, os insetos apenas forçam a expiração do ar, dando-se a inspiração pelo simples relaxamento dos músculos. Fechados os estigmas e fingindo-se de morto, o besouro continua por longo tempo a gas-

tar o ar contido nas múltiplas ramificações do sistema respiratório.

— Os dois grandes globos oculares dos insetos são facetados e a cada uma destas minúsculas lentes hexagonais corresponde uma célula da retina. Pois há insetos cujo globo ocular tem apenas algumas centenas de lentes hexagonais e outros há em que foram contados até 25.000 dêsses hexágonos. Apezar disto não é tanto pela vista, como pelo sentido do olfato, aliado a um sentido de orientação especial, que os insetos regulam sua vida.

— A rainha de um cupim tem o corpo todo transformado em um formidável novelo de ovários. O inseto, disforme quasi, nem se move e o alimento lhe é dado na bôca pelos operários, assim como a outros compete carregar os ovos postos pela rainha, para os diversos andares do cupim. Fossem assim as galinhas: cada segundo a rainha põe dois ovos e isto quasi sem interrupção, dia e noite. Por isso, o serviço também rende. Descansando apenas um pouco, em 24 horas são 30.000 ovos que ela põe. E o trabalho é contínuo, no verão e no inverno (e é de supor que nem domingos nem feriados haja no calendário dos cupins). Uma rainha dessas vive talvez 10 anos.

— A partenogênese (reprodução da espécie sem a presença do sexo masculino) é um fato vulgar em muitas espécies de insetos; muitas mariposas têm sido criadas de ovos não fecundados; entre os ortópteros *Phasmídeos* ("Bicho-pau"), às vezes num conjunto de mil espécimens, só se encontra um único macho e assim muitas vezes as gerações se sucedem sem que haja indivíduos masculinos. Nos pequenos himenópteros causadores de galhas, um naturalista durante 7 anos criou e examinou cuidadosamente 3.720 espécimens e nunca encontrou um único macho. Nos pulgões das roseiras *(Aphideos)*, nos climas frios, durante o verão, as várias gerações se sucedem partenogeneticamente e só pouco antes do inverno aparecem os machos. Veja-se a êste respeito a observação de Carlos Moreira, sob "Pulgões".

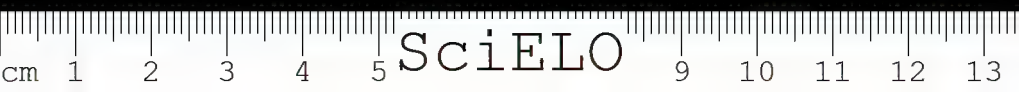
— Poucos são os insetos que nos servem de alimento. O mel das abelhas é aproveitado em todo o mundo. Os içás ainda hoje têm seus apreciadores. Os gafanhotos, nos tempos bíblicos formavam parte do cardápio de S. João e de outros ascetas e ainda hoje na África, os beduinos pobres gostam de gafanhotos torrados, depois de arrancadas as respectivas azas e pernas. As gordas lagartas das

mariposas (veja-se sob "B i c h o d a t a q u a r a") têm quem lhes gabe o ótimo sabor. Muito mais vezes, porém, somos nós que damos nosso sangue como alimento à enorme hoste dos insetos hematófagos. Diretamente úteis nos são apenas o bicho da seda, a cochonilha, a cantárida e bem poucos outros insetos mais.

Inseticidas — Quem quizer matar insetos para guardá-los, para estudo ou para enfeite ou coleção, fá-lo-á da seguinte forma: Prepara-se um vidro de bôca larga com boa rolha e, sobre algumas pedras de cianureto de potássio deitadas no fundo, despeja-se gesso em pasta. Sêco o gesso, o veneno ficará bem isolado, mas ainda assim o inseto preso no vidro morrerá quasi instantaneamente. Póde também preencher o mesmo fim um pouco de algodão embebido com éter.

Para os casos em que se trate de matar insetos contidos em mercadorias ou quaisquer objetos que possam ser levados a uma estufa, o melhor remédio é o bom sulfureto de carbono (formicida), despejado em pratos colocados juntamente com a mercadoria na estufa. A quantidade a empregar é de 400 cc. por metro cúbico e deverá atuar durante 24 a 48 horas. O gás não estraga coisa alguma, nem diminue a germinabilidade das sementes. Recomenda-se o máximo cuidado com fogo, pois é fácil darse uma explosão. Como estufa provisória serve qualquer caixa ou um ambiente sem frinchas (estas devem ser calafetadas ou coladas com tiras de papel grosso), de modo que o ambiente seja perfeitamente estanque e o gás não possa fugir.

Como inseticida líquido recomenda-se em primeiro lugar o petróleo ou a gazolina, sempre que possa ser aplicado sem prejuizo para a mercadoria. O líquido atua por contato, destruindo os estigmas ou orgãos respiratórios dos insetos, matando-os assim por asfixia. Veja-se também a fórmula indicada sob "C o c c í d e o s" e que, com ligeiras variantes, tem largo emprêgo no combate às pragas dos vegetais. O decocto de fumo em corda em muitos casos é de grande eficácia. O verde París, misturando com farinha de trigo e pulverizado, de madrugada, sobre as plantas orvalhadas, é eficaz e bem assim os demais arseniatos quando se trata de matar as lagartas que comem as folhas das plantas cultivadas.

O cianureto é por certo, ótimo inseticida para determinados casos (saúva), mas seu manejo é demasiado perigoso para as pessoas e principalmente para as crianças.

Ipecú — Na Amazônia é sinônimo de "P i c a - p a u".

Ipecú-mirim — Na Amazônia designa os pequenos pica-paus do gên. *Picumnus*.

Ipequí — O mesmo que "P i c a p a r r a".

(Ipopiara) — Assim era denominado, no litoral do Estado de S. Paulo, ao tempo do descobrimento, um "demonio do mar". Veja-se o que ficou dito a respeito da *Otaria*, sob "L o b o d o m a r".

Ipú — Espécie de abelha *(Meliponideos)* do chão, do interior do Estado de S. Paulo e que, segundo nos informou o dr. Barros Penteado, nidifica a 1 ou 1 ½ m. de profundidade; o mel é bom e caracteriza-se por ser de côr diferente nos vários potes, aliás pequenos. Talvez seja sinônimo de outra denominação já registrada.

Irá-mirim — No Rio Grande do Sul é uma espécie de abelha que vive em buracos no chão, fornecendo mel de ótima qualidade; segundo Romaguera só é conhecida da região das Missões.

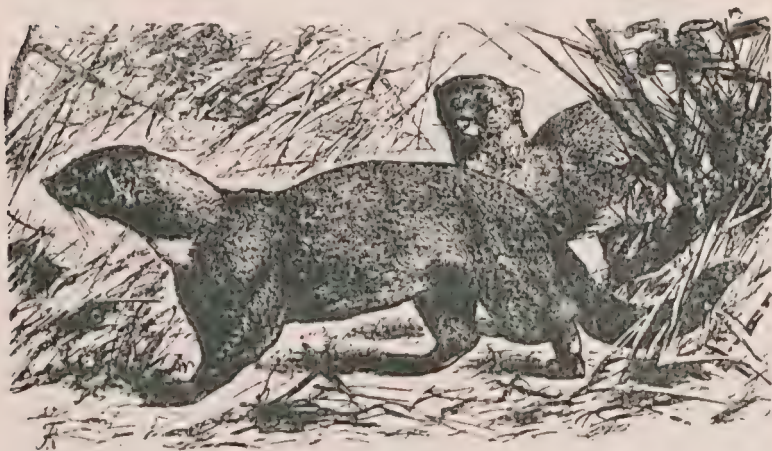
Irapuã ou "A r a p o ã" ou "A r a p u á" — Abelha social da fam. *Meliponideos*, *Trigona ruficrus*, de 6,5 a 7 mms. de comprimento, preta, reluzente, com colorido ocre escuro nas pernas; azas quasi pretas na metade basal, com reflexos violáceos e com a metade apical mais clara. O ninho é uma bola de meio metro de diâmetro, revestida exteriormente por algumas camadas de material fôlhado, quebradiço, que envolve não só o ninho propriamente dito (células e potes de mel), como ainda um anexo, às vezes considerável, constituido por uma massa compacta de barro e cera. Esta última parte do ninho não é habitada, pois nem há canais que a atravessem e assim parece que tem unicamente a função de dar peso ao ninho, para que êste não balance com o vento. E' uma das poucas espécies dos nossos Meliponídeos que fazem ninho dependurado nas árvores (veja também "I r a x i m") e não em cavidades. Parece que êste modo de fazer ninho livre coincide com um temperamento agressivo da respectiva abelha e, de fato, as irapuãs, percebendo que alguem lhes toca no ninho, precipitam-se em massa sobre o importuno e, ainda que não saibam ferir, em geral conseguem seu intento, usando o estratagema que caracteriza as abelhas "t o r c e - c a b e l o". O mel é pouco, de qualidade inferior e de gosto desagradável.

A irapuã torna-se útil, contribuindo para a boa polinização de algumas flores (bananeiras), mas no pomar.

apezar disto, é considerada daninha, porque, para aproveitar logo o pólen, abre os botões das laranjeiras muito antes do tempo, estragando assim a florada. E' uma das espécies mais comuns no Brasil.

À sinonímia científica desta espécie A. Ducke acrescentou várias sub-espécies, distinguidas principalmente pelo colorido das azas, mais ou menos enfumaçadas, amareladas ou hialinas. Segundo A. Miranda Ribeiro em Mato Grosso *T. ruficrus flavidipennis* tem o nome vulgar "G u a x u p é"; no entanto não há certeza si essa espécie corresponde àquela que, pelo mesmo nome é conhecido em Minas Gerais.

No Nordeste, à margem do rio S. Francisco, tivemos conhecimento de uma aplicação muito especial que os pescadores souberam dar ao ninho desta abelha. Triturando e cozinhando a parte compacta do ninho, a que acima aludimos, põem essa massa em cestos e lavam-na nas águas que querem tinguijar, para matar os peixes. Como o verificámos, êsse "T i n g u í d e a r a p u á" é um tóxico violento para os peixes, porém inofensivo aos mamíferos e à maioria dos seres inferiores.

Irara ou "P a p a - m e l" — *Tayra barbara*, de corpo baixo e longo (66 cms.) e cauda pouco mais curta

Irara

(compr. total 110 cms.). A côr geral é pardacenta, um pouco mais cinzenta na cabeça; no pescoço uma grande mancha amarelada caracteriza bem esta espécie. E' a

única do gênero em todo o Brasil e além disto extende-se ainda até o México. Vive nas matas e à noite sai à caça de pássaros e ovos e até mamíferos do tamanho da cutia não lhe escapam. Além disto é ávida por mel de pau (o que motivou sua denominação, tanto portuguesa como indígena). Sendo possível, procura chegar ao ninho das abelhas, entrando pelas raizes no ôco do pau; mas, si de outra forma não puder atingir a cavidade, mete os dentes na madeira e assim, arrancando lascas do tronco, muitas vezes consegue locupletar-se. No galinheiro é um sanguinário, que mata só para sugar o sangue das vítimas, às vezes bem numerosas.

Iratauá ou "A r a t a u á" — Na Amazônia designa vários pássaros da fam. *Icterideos*, do grupo dos "V i r a s", coloridos de preto e amarelo *(Agelaius, Gymnomystax)*.

Iraúna — Pronúncia amazônica por "G r a ú n a".

Iraúna de bico branco — Pássaro da mesma família da "G r a ú n a" e semelhante a esta, porém de bico branco *(Amblycercus solitarius)*. E' do Norte, de Pernambuco até a Amazônia e daí se extende para o Sul, Mato Grosso e Paraguai, sem ocorrer no litoral meridional.

Iraxim ou "I r a t i m" e ainda "E r a t í" — Abelhas sociais da fam. *Meliponideos*, que constroem ninhos de barro, não em cavidades, mas formando grande bola, presa entre os galhos das árvores ou entre bromeliáceas (caraguatá). São elas: *Trigona cupira* e *T. helleri*, aliás de classificação ainda duvidosa, como ficou dito sob "C u p i r a".

A determinação da espécie é difícil, pois há variações que A. Ducke considera sub-espécies de *Melipona pallida*. Esta, assim considerada, abrange diversos tipos de nidificação; além do acima descrito, há ninhos em cupins arbóreos, em árvores ôcas e ninhos subterrâneos ("M e l d e s a p o"). E' um dos muitos casos a decidir na sistemática dos *Meliponideos:* devemos empregar classificação unicamente morfológica ou amplamente biológica? O mesmo nome "I r a x i m" é atribuido a uma espécie tão característica que foi considerada pelo Dr. H. Friese como tipo de um sub-gênero, *Lestrimelitta limao*, em cujas obreiras as tíbias posteriores não têm nem vestígio de corbícula (expansão lateral, destinada ao transporte de pólen). O ninho desta *Melipona (Trigona) limao* é acomodado em ôcos de árvores e a entrada, muito volumosa, em forma

de tubo e enfeitada com protuberáncias, é feita de cera impura. A abelha cheira a limão, o que motivou sua denominação "L i m ã o" ou "L i m ã o c a n u d o" no Nordeste.

Irerê ou "M a r r e c a d o P a r á" ou "M a r r e c a a p a í" (na Amazónia), também "C h e g a e v i r a" — Espécie de vasta distribuição, não apenas na América do Sul, mas ainda na África *(Dendrocygna viduata)*. E' antes um pequeno ganso, pois seus tarsos são

Irerê

altos e reticulados. A parte anterior da cabeça é branca, bem como a garganta; segue-se, contrastando vivamente, uma grande zona preta que abrange também a parte superior do pescoço, ao passo que a parte inferior dêste é ruiva-castanha; as penas do dorso são brunas com orlas amareladas; as azas e a cauda são pretas; a barriga é preta no meio, amarela com desenho listrado, nos lados.

Por ora o irerê ainda é apenas ave muito frequente nos viveiros dos amadores; porém tudo faz crer que brevemente esta espécie passará a ter divulgação tal, que a possamos incluir na lista das aves domésticas. Seu grito, que é quasi um assobio, pronuncia as três sílabas que lhe deram o nome. O dr. E. A. Goeldi relata um caso que demonstra ser talvez relativamente fácil a domesticação completa desta marreca. "No interior do Estado do Rio de Janeiro encontrei em 1886 um bando de irerês mansos, gozando completa liberdade, da qual aliás se utilizavam

amplamente. Quando o tempo estava bom e sêco, ausentavam-se e durante algumas semanas não davam sinal de si; prolongando-se, porém, as chuvas, apresentavam-se regularmente diante da fazenda, anunciando sua chegada com enorme alarido e pedinchavam de comer. Também a outras pessôas ouvi referir casos mais ou menos semelhantes de irerês, que pareciam haver tocado as raias da domesticação". Goeldi compara-os, quanto à vigilância, aos gansos do Capitólio e de fato, arvoram-se em guardas da casa, denunciando pela insistente gritaria a aproximação de quem quer que seja.

Iriceca — Bagre marinho da Amazônia, que também sobe o curso dos rios. E' *Tachysurus nuchalis*, que se assemelha à espécie congênere "I r i t i n g a", diferindo por ter 21 raios na nadadeira anal (e não 18 a 19). Quanto à etimologia veja-se "G u r í".

Irina — Nome de vespa amazônica (Alberto Rangel: "Irinas e tapiús perseguem o homem"). Há uma espécie de vespa, do grupo das "V e s p a s t a t ú", cujo nome científico *(Synoeca irina)* talvez seja baseado nessa denominação tupí, o que aliás a diagnose original não menciona; como adjetivo, em latim, designa côr roxa, o que não condiz com o colorido desta espécie, única do gênero *Synoeca*, de côr amarelada, quando as demais são azuis, escuras.

Iritataca ou "M a r i t a t a c a" e "J a r i t a t a c a" — O mesmo que "C a n g a m b á".

Iritinga — Veja-se "U r i t i n g a".

Irrê — Veja "P a í A g o s t i n h o".

Irussú ou "U r u s s ú" e "G u i r u s s ú" — Abelha social da fam. *Meliponideos*, *Trigona subterranea* e *quadripunctata*, que faz ninho no chão, às vezes a 3 e 4 metros de profundidade. Têm igualmente ninho subterrâneo a "A b e l h a m u l a t a" e o "J a t a í d a t e r r a". Os nomes "I r u s s ú d o c h ã o" e "I r u s s ú m i n e i r a" soam ao entendido, por assim dizer, como pleonasmos.

Vários meladores paulistas e mineiros nos contaram que é preciso proceder com muita calma na excavação de um ninho desta espécie, porque, apressando-se muito, "cançando e ventoseando, não se pilha mais o mel, porque daí o ninho some"! Efetivamente, é preciso muita pachorra e resistência, para cavar a terra durante horas e horas, acompanhando o caminho tortuoso do canal, que facil-

mente se entope e assim desaparece. Por fim, como recompensa de tanto trabalho, colhe-se um ou apenas meio litro de mel. Mas, já o dissemos várias vezes, o caboclo é, como o índio, grande apreciador do "mel de pau" e dá o dia por bem empregado si, à custa de muito trabalho, consegue a lambarice. (Veja-se também, sob "U r u s - s ú", como sinônimo de "T u j u b a").

Isca — Substância esponjosa ou semelhante a feltro, feita por certas formigas (será a "t r a c u á"?), com que na Amazônia estancam o sangue de feridas (Bates, pag. 350). Serve para isca de fogo, como também o documenta Bates, I, cap. V, pag. 200 "uma substância semelhante a feltro, manufaturada por uma formiga *(Polyrhachis bispinosus)*".

Itã — Nome que na Amazônia e no Nordeste se dá às conchas dos moluscos bivalvos. J. Verissimo, Pesca, pag. 85, disse:... "colhéres feitas de conchas de mexilhões *itan* chamamos nós a estas conchas na Amazônia". Copiando o trecho supra, devemos contudo observar que não se trata dos "mexilhões", propriamente ditos, que são espécies marinhas, mas de moluscos d'água doce, pois o têrmo também é usado rio acima.

Assim o vemos confirmado por Theodoro Sampaio (S. Francisco e Chapada, pag. 51) o qual se refere a "Y t a n s" do Rio S. Francisco (Torrinha) "alguns dos quais alcançavam 12 e 18 cms. de comprimento por 9 cms. de largura, bastante espêssas, e com a bela aparência de madrepérola. Informaram-nos que as há maiores e tão grandes que bem podiam servir como bacia de rosto". Além de certo exagero quanto ao tamanho, devemos observar que o nome científico *(Mytilus)*, sugerido pelo mesmo autor, não confere, por se referir ás mesmas espécies marinhas conhecidas por "M e x i l h õ e s" e certamente se trata das magníficas conchas, *Glabaris* e *Castalia*.

Mas o material do rio S. Francisco, como o conhecemos de Jabotá a Belém, não tem aceitação nas fábricas de botões, por ser a casca muito fina. Apenas são utilizadas pela indústria caseira e assim vimos, até, fazerem a mão os pequenos botões de camisa, com trabalho insano e que só o comércio primitivo do sertão ainda pode vender, longe das cidades.

Itacurú ou "T a c u r ú" — No Rio Grande do Sul e em Mato Grosso, é o mesmo que "C u p i m" dos campos, isto é o monte de terra, duro como pedra (itá). Essa denominação, bem como a equivalente, em uso

na Amazônia (veja "I t a p e c u i m") não são conhecidas nos demais Estados, aliás com prejuizo para a clareza do falar, pois que não se sabe desde logo si "cupim" se refere ao inseto ou ao seu ninho.

Itapecuim ou "T a p e c u i m", na Amazônia — Veja-se sob "I t a c u r ú".

Itapema — O mesmo que "T a p e m a"; veja "G a-v i ã o - t e s o u r a".

Itapiranga — No litoral paulista são as conchas róseas da praia. Como o diz o nome indígena, são como que pedrinhas vermelhas (*ita*-pedra, *piranga*-vermelha) e não há quem não as tenha juntado com prazer, nos passeios pelas práias arenosas. Neste particular a Praia das Conchas, um pouco ao Sul de Itanhaem (Santos) é uma pequena maravilha, pois de começo a fim e em qualquer época do ano, esta praia sempre está de tal forma recoberta de "i t a p i r a n g a s", que o mosaico, marchetado na areia alva, não nos permite dar um passo e assentar o pé, sem quebrarmos logo uma porção das lindas conchas. O excursionista, encantado, a princípio regula seus passos pelas pequenas lacunas que, aquí e acolá, descobre no original tapete, pois receia destruir o formoso trabalho do mar; mas quem conhece a índole das marés neste recanto já famoso, sabe que todos os dias as vagas repassam a ornamentação, enterrando as conchas reduzidas a fragmentos e encrustando de leve novas itapirangas, perfeitas e resplendentes.

Itapú — ou "A t a p ú" como grafa o Contra-Almirante Camara a denominação dada na Baía ao "B u z i o".

Ituí — Denominação amazônica de vários peixes da fam. *Gymnotideos*. Veja-se sob "S a r a p ó".

Ituí cavalo — São as espécies de *Gymnotideos* do grupo conhecido por *ituís* (cauda não terminada em ponta, mas provida de nadadeiras), cuja cabeça é alongada, formando focinho: gênero *Sternarchus* e semelhantes. Em dois dêstes últimos, *Sternarchorhamphus* e *Sternarchorhynchus*, as proporções dêsses focinhos são tais, que sugerem desde logo a comparação com o "tamanduá-bandeira". Veja-se sob "P i r á - t a m a n d u á".

Iuiú — Em Goiaz é o nome que "C u i ú - c u i ú", (peixe).

o

J

Jabiretê — O mesmo que "R a i a l i x a".

Jabirú — Só com auxílio dos nomes científicos conseguiremos explicar a aplicação tão diversa que têm, no Norte e no Sul, os vários nomes das nossas maiores aves pernaltas da ordem *Ardeiformes*.

Mycteria mycteria: "J a b i r ú" no Sul; "T u i u i ú" na Amazônia.

Euxenura maguari: é a espécie que mais se assemelha à "C e g o n h a" da Europa; entre nós também assim é denominada e, além disto, é conhecida no Norte por "C a u a u ã"; no Sul "J a b i r ú - m o l e q u e".

Tantalus americanus: "P a s s a r ã o" ou "C a b e ç a d e p e d r a" na Amazônia; "T u i u i ú" no Sul.

Ardea socoi: "M a g o a r í" na Amazônia; "J o ã o G r a n d e" e "S o c o í" no Sul.

"M a g u a r í" ou "B a g u a r í" não tem acepção restrita e aplica-se, conforme a região, a qualquer das aves acima mencionadas. Referimo-nos, a seguir, ao "J a b i r ú" ou "J a b u r ú" do Sul, fam. *Ciconiideos, Mycteria mycteria* (outrora *M. americana*). E' pernalta de corpo robusto, com cêrca de 1^m,15 de altura; o bico, grosso na base e afilado na ponta, alcança 30 cms. de comprimento; o pescoço é nú, preto, destacando-se a parte inferior do papo, também nú, pela côr encarnada; a plumagem é branca, ainda que não muito alva; as pernas são pretas. Pe. J. Vicenzi em seu livro de viagem descreve a seguinte cena: "O camarada perseguiu a ave e esta, fatigada, vendo que não podia fugir, voltou-se contra o perseguidor, enfrentando cavalo e cavaleiro. O camarada atirou-lhe então o laço, com a esperança de a levar viva; mas era tal a resistência que oferecia, que foi preciso matá-la".

O ilustrado padre-naturalista N. Badariotti, em seu livro "Exploração do Norte de Mato Grosso, 1898", pag. 41, referindo-se à grande mortandade de peixes que anualmente se verifica nos rios Paraguai e Paraná, por ocasião do escoamento das águas das grandes planícies alagadiças, atribue ao jaburú papel saliente como saneador dessas regiões. De fato, um número prodigioso dessas aves acor-

re desde logo e consome incrível quantidade de peixes mortos, eliminando assim, prontamente, êsses corpos em putrefacção, que do contrário por longo tempo empestariam a atmosfera. Os bandos de *Mycteria* (lá conhecidos por tuiuiú) são tão numerosos, que as praias ficam

Jabirú *(Mycteria)*

cobertas em enorme extensão; ao aproximar-se uma embarcação levantam vôo, formando verdadeira nuvem. O ninho, construido sobre forquilhas de um grosso galho de árvore, é composto de ramagens entrelaçadas e de tal capacidade, que um homem poderia comodamente pousar sobre êle. O casal costuma ficar em pé sobre a beira do ninho, vigiando os dois ovos, do tamanho dos de ganso.

Jabirú-moleque ou "Baguarí", ou "Magoarí"; "Tabuiaiá" ou "Tapucajá"; "Cauauã" na Amazônia e "Cegonha" — Grande ave da fam. *Ci-*

coniideos, Euxenura maguari. Aproxima-se mais do tipo da cegonha européia do que o verdadeiro "J a b i r ú" e é um pouco menor e menos corpulento do que êste. A cabeça e o pescoço são providos de penas; só a região ao redor dos olhos e a garganta são nuas, de côr encarnada, como as pernas. A plumagem é branca, destacando-se as rêmiges e as retrizes, que são pretas. Ocorre em tôda a América do Sul. Chamamos atenção para a confusão que reina a respeito dos nomes vulgares desta espécie e do "J a b i r ú" (veja sob êste) em sua aplicação no Norte e no Sul do Brasil.

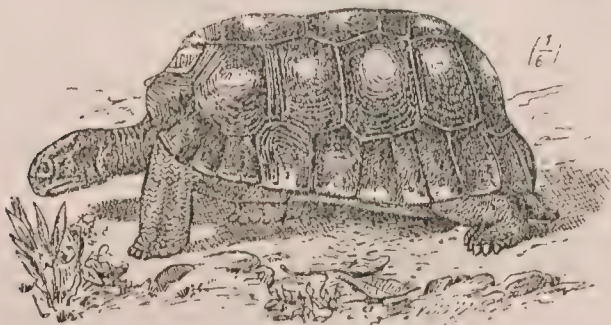
Jabotí — Réptil da ordem dos *Chelonios, Testudo tabulata.* A fêmea chama-se "J a b ó t a" e difere do macho por ser maior e mais avermelhada, seu escudo ventral é convexo e não côncavo, como o do macho. Chermont Miranda menciona ainda "C a r u m b é" como sendo uma variedade de jabotí, com escamas amarelas nos pés; mas êste é apenas o macho velho, de couraça dorsal muito arqueada.

O jabotí atinge excepcionalmente 70 cms. de comprimento; exemplares médios regulam medir apenas 30 ou 40 cms. O lado dorsal é preto, com um centro amarelo em cada escudo; desta côr também é a face ventral. E' habitante das matas do Espírito Santo à Amazônia e daí ao Paraguai. No tempo da sêca esconde-se entre a folhagem e o humus; ao tempo das chuvas passeia mais, alimentando-se de frutas caídas. A carne é excelente e principalmente o fígado é muito gabado pelos entendidos. O Dr. Silva Maia em 1850 menciona em seu relatório que viu no Maranhão várias embarcações descerem o Itapicurú, carregadas com milhares de cágados e jabotís, destinados ao mercado.

No folclore indígena cabe papel proeminente ao jabotí que, pela sua astúcia sempre tira melhor partido nas apostas que faz com os outros animais. Dizem que para tudo encontra solução; só receia que uma taperibazeira (árvore da Amazônia) lhe caia em cima do corpo. Que sejam outros troncos, não faz mal, pois êle esperará pacientemente até que a árvore apodreça, para depois continuar seu passeio interrompido; mas com a taperiba *(Spondeas lutea)* a coisa muda de figura, porque êsse tronco, quando cai, brota por todos os lados e assim o jabotí nunca mais se desvencilharia.

Apenas em resumo, mencionaremos algumas lendas, em que figura o jabotí, sempre esperto, sempre vencedor.

— Tanto o jabotí como o teiú queriam casar com a filha da onça. O jabotí, para fazer pouco do teiú, disse que êste nada valia e que até lhe servia como cavalo. Usando de muita manha, conseguiu no outro dia que o teiú o levasse montado nas costas e assim envergonhou o lagarto diante da filha da onça.

— Tendo o jacaré roubado a flauta do jabotí, êste, passados alguns dias, foi a um cortiço, engoliu muitas abelhas e foi para o lugar onde o jacaré costumava tomar sol. Escondeu-se nas folhas, deixando de fora só o rabo, todo besuntado de mel; de vez em quando soltava uma

Jabotí

abelha que saia voando: zum... O jacaré, vendo aquilo e supondo que aí havia mel, meteu o dedo, que o jabotí apertou com tôda força, até o jacaré lhe restituir a flauta.

— O veado desafiou o jabotí para uma corrida. O jabotí disse: "Espera um pouco; vou ver por onde hei de correr". Foi para a outra banda e postou todos os seus parentes, de distância em distância, à margem do rio. Depois começaram a corrida e cada vez que o veado perguntava pelo jabotí, um parente dêle respondia, sempre pela frente. O veado correu, correu, correu e sempre um jabotí respondia adeante. E o veado morreu, cansado de tanto correr.

— Um dia o caipora disse ao jabotí: "Vamos ver quem tem mais força!" e o jabotí aceitou. O caipora cortou um cipó, estendeu-o ao jabotí e disse: "Experimentemos; tu na água e eu em terra". O jabotí saltou na água, amarrou o cipó à cauda do pirarucú e voltou, escondido, para a terra. O caipora puxou a corda, mas o pirarucú, que tinha mais força, arrastou o caipora para a água.

Quando o caipora já estava cansado, disse: "Basta jabotí". Êste foi desatar a corda da cauda do pirarucú e voltou à terra.

"Tu estás bem cansado, jabotí?" — "Não! Não suei nada"!

Disse então o caipora: "Agora sei que tu és mais valente do que eu, jábotí. Vou-me embora".

Não sabemos si já foi tentada a explicação desta curiosa simpatia do índio pelo jabotí. O biólogo, de forma alguma pode concordar com tamanha argúcia emprestada ao quelônio, tarde e mal aquinhoado. O jabotí das lendas será talvez algum símbolo ou a encarnação de um espírito arguto das florestas.

Curioso é que em Mato Grosso esta espécie tenha a denominação vulgar "C á g a d o", ao contrário do que acontece no Brasil meridional.

No Tocantins, segundo Ign. Bapt. Moura distinguem o "j a b o t í - t u c u m ã", que tem pintas encarnadas no casco e na pele, do "j a b o t í - t i n g a" que as tem esbranquiçadas. Os zoólogos, porém, sustentam tratar-se de uma única espécie.

Jabotí aperema — Quelônio da Amazônia; *Nicoria punctulata*. O colorido geral é bruno escuro, a cabeça é preta e tem uma orla amarela e duas linhas vermelhas atrás dos olhos e duas manchas de igual côr no focinho; o peito é preto. A casca ou couraça atinge 20 cms. de comprimento. Ainda que não apareça no mercado em tal quantidade como a "M u s s u ã", é contudo procurado, por ser a carne igualmente apreciada. Veja também "P i t i ú", por vezes atribuido a esta espécie.

Jabotí-machado ou "J a b o t í j u r e m a" ou, no Solimões, "j a b o t í - p i r e m a". *Platemys platycephala*, pequeno cágado da Amazônia, que não ultrapassa 25 cms. de comprimento; a couraça dorsal é sulcada longitudinalmente; a côr é bruna, clara e nos lados nota-se uma grande mancha preta. Vive de preferência nos córregos.

Jabú — Na Baía, segundo Castelnau, designa várias espécies de peixes do mar, pertencentes ao antigo gên. *Serranus*, correspondente ao grupo das "g a r o u p a s". Também o Almirante Camara registra o mesmo nome para garoupas pequenas; mas ao que parece, só é usado na Baía.

Jacamacira — Denominação dada na língua indígena às aves mais geralmente conhecidas por "C u i t e-

l ã o". Essa palavra indígena deu origem aos nomes genéricos *Jacamaralcyon* e *Jacamerops*, da fam. *Galbulideos*.

Jacamim — Aves grandes da fam. *Psophiideos*, com o único gênero *Psophia*, pertencente à ordem dos *Gruiformes*, que abrange ainda o "C a r ã o", o "P a v ã o do "P a r á" e a "S e r i e m a". Todos os Jacamins habitam unicamente a Amazônia e o Mato Grosso, sendo a espécie mais conhecida *Ps. crepitans* de côr predominante preta com brilho metálico, que no dorso passa do brônzeo ao cinzento esbranquiçado. As outras, congêneres, são conhecidas por "j a c a m i m - c o p e t i n g a" de costas brancas, "j. c o p e j u b a" e "j. u n a". São aves da mata, que por vezes formam bandos até de 200 indivíduos. Seu grito, que deu origem à sua denominação alemã e inglesa "Trompeter" (corneteiro), começa por uma voz aguda e retumbante, seguida por um rumor surdo, sustentado durante quasi um minuto e que sôa como hú-hú-hú-hû, a última sílaba muito prolongada e como que ventríloqua. Domesticam-se facilmente, tornando-se muito amigos do dono; parece ser bem verdadeira a afirmação de que esta ave, sempre que vê uma galinha no chôco, faz o possível para tirá-la do ninho, afim de ela mesma tomar conta da ninhada.

Na literatura européia esta ave é conhecida pelo nome "agamí", que sem dúvida se filia ao mesmo vocábulo tupí, também grafado "J a c a m í".

Jaçanã — Ave da fam. *Parrideos*, *Parra jacana* (repare-se a grafia do nome específico, sem a cedilha, sinal êste que não existe em latim). Esta espécie, na Amazônia, é conhecida por "p i a s s ó c a" ou "j a p i a ç o c a"; lá são "a ç a n ã s" as espécies da mesma família, do gên. *Creciscus*, que no Sul do país são conhecidas por "f r a n g o s d'á g u a".

A jaçanã *(Parra)* é uma das aves mais comuns dos nossos açudes e brejos; com seus enormes dedos, alongados ainda por meio de unhas compridas e direitas, ela facilmente corre sobre a vegetação aquática, onde outros pedestres plumados afundariam. A côr geral é castanha, destacando-se as remiges da mão pelo colorido verde-claro; no encontro das azas salienta-se uma forte espora amarela. A cabeça, o pescoço e o lado inferior são pretos. O bico é amarelo e expande-se na fronte em uma sorte de escudo. Vivendo sempre nas regiões de brejo, aí também choca seus 4 ovos, de côr de barro, com numerosas linhas pretas, que se entrelaçam. Não lhes prepara ninho, nem

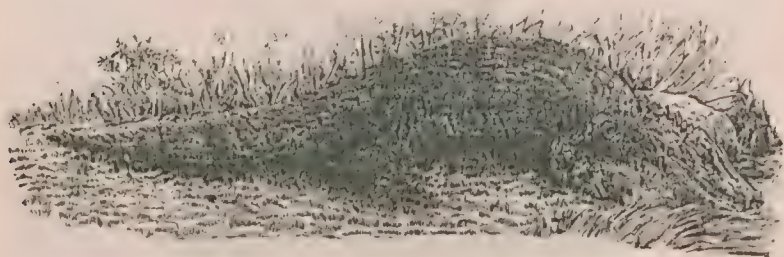
mesmo uma simples cama; ao céu aberto os deita sobre as plantas aquáticas, quasi em contato com a água. Parece incrível que uma ave assim relaxada e simplória consiga, da mesma forma como as mais cuidadosas e astutas, manter sua raça proliferando, apezar de todos os perigos, os perseguidores e as próprias enchentes, que de um momento a outro podem deitar a perder tais ninhadas.

Quem quizer se dar ao trabalho de perseguir esta ave no ambiente em que geralmente se encontra — à beira dos açudes, nos campos úmidos e à margem dos rios —

Jaçanã

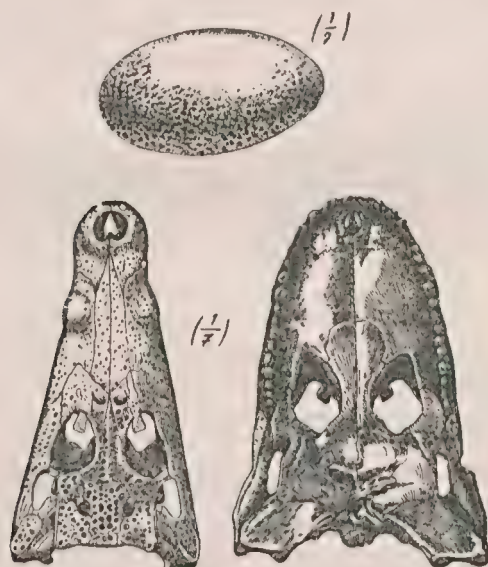
verificará que a jaçanã pouco vôa. Assustada, ela prefere correr para o meio das plantas aquáticas, onde facilmente se esconde; sendo, porém, obrigada a voar, fá-lo um tanto pesadamente, com esforço e logo adiante pousa outra vez. Em lugares apropriados à sua multiplicação, podem se encontrar bandos de centenas de jaçanãs, agrupados, porém de forma a se poder distinguir as várias famílias, chefiadas pelos respectivos progenitores.

Jacaré — E' o nome brasileiro, de origem tupí, dos répteis da ordem *Emydosaurios*, fam. *Crocodilideos*, a mesma que abrange também as espécies africanas, asiáticas e da América do Norte, conhecidas respectivamente por crocodilos, gavial e aligator. No Brasil ocorrem dois gêneros, que se distinguem da seguinte forma: *Caiman*, com crista caudal dupla nos 12 a 14 primeiros segmentos; *Jacaretinga* com crista caudal dupla nos 10 ou 11 primeiros segmentos. Os jacarés levam vida quasi puramente aquática;

em terra são desageitados, incapazes de aproveitar sua terrível força muscular, fugindo por isso à primeira ameaça. Na água, ao contrário, seu corpo abrutalhado torna-se ágil e não há quem no seu elemento lhes dispute a supremacia. A couraça torna-os quasi invulnerável e, como si não lhes bastassem os dentes, que são substituidos à medida que se gastam, tem ainda os pés munidos de garras formidáveis e sabem utilizar-se da cauda serrilhada para dar violentas chicotadas. Felizmente são entes raros em quasi a maior parte do nosso vasto território; só nos nossos dois sistemas fluviais máximos são mais abundantes e em certas lagôas aglomeram-se às vezes às centenas.

Jacaré

O que mais interessa o homem, é conhecer as dimensões e a ferocidade dos seus grandes rivais no domínio da terra. O jacaré-assú *(Caiman niger)* impõe-se pelo tamanho, pois é êle não apenas o maior dos nossos animais terrestres ou da água doce, como ainda o gigante entre os crocodilos do mundo. O próprio gavial da Índia fica um tanto aquém da medida máxima constatada por Bates na Amazônia, que diz ter visto um exemplar de jacaré-assú de 6 metros de comprimento. Outros autores admitem, porém, apenas $4^{m},50$ como tamanho máximo desta espécie. Não é, porém, sempre, elemento perigoso da nossa fauna, como seria, se quizesse atacar o homem em tôdas as emergências; uma vez ou outra o faz e prontamente vence na luta quem quer que seja. Seu estratagema máximo consiste em segurar o inimigo na água e depois, usando da cauda como hélice, girando em torno de si, deixa a vítima atordoada, que logo se desconjunta. Êste fato, observado em um jardim zoológico, por ocasião da luta entre dois aligatores, confirma a cena horrivelmente impressionante descrita por José Verissimo em seu livro: "Scenas da Vida Amazonica", pg. 134. Antes de têr-

mos a confirmação por parte do zoólogo — porque não dizê-lo? — duvidavamos da veracidade e mesmo da possibilidade de tal façanha.

"... Um dos jacarés que deslizava mais perto daí, apenas com os grandes olhos redondos fora d'água, mostrou todo o negro dorso e com as enormes fauces escancaradas, correu sobre êle. O infeliz, meio submerso, bracejou mais forte, raivoso por não se poder ter sobre o

Ovo e crâneos de duas espécies de jacarés

líquido e gritou: socorro! socorro! às canôas, que braços tapuios empurravam para a frente com a velocidade de flechas. Era tarde. O enorme réptil, grande de três braças, tinha já agarrado o rapaz por um dos braços e, fazendo-o girar como um molinete, arrancou-lh'o fora. O sangue espalhou-se rápido, tingindo um círculo vermelho ao redor do rapaz. À vista do sangue, as terríveis piranhas, pequenas, chatas, ferozes, de dentes apontados e cortantes como navalhas afiadas, acorreram vorazes e cairam gulozas, esfomeadas, sobre aquele corpo mutilado, disputando-o aos jacarés, com um encarniçamento medonho e cruento, pululando, saltando ao redor e por cima dêle aos milhares, si não aos milhões, fervilhando em cachões, onde as suas escamas punham cintilações de prata e o sangue laivos vermelhos.

Quando as canôas chegaram, o Antonio Bicudo estava dividido em mil pedaços pelos jacarés e piranhas, que fugiram à aproximação delas..."

Transcrevemos também o seguinte trecho de Severiano da Fonseca (Viagem, etc. pag. 180), autor muito verídico em se tratando de cenas por êle próprio presenciadas. "Enormes jacarés... sitiaram-nos em regra, apezar da guerra viva que lhes fizemos; vinham até a encostar-se ao bote donde os fazíamos fugir a pancadas de remos e tiros... E' inexata a asserção de serem tão lentos os seus movimentos em terra como fáceis na água: sua marcha é tão ágil e veloz no ataque como na fuga, vencendo muitas vezes o homem na carreira".

Os jacarés são ovíparos e uma só postura pode conter de 30 a 50 ovos oblongos e alvos; sobrepostos em camadas numa depressão na vargem, cobertos por folhagem e humus, aí se desenvolvem ao calor do sol e da fermentação dos vegetais. A mãe raro se afasta do ninho, que ela vigia e defende com furia, contra quem se aproxima. Também a cria nova é vigiada pela mãe e Schomburgk relata um episódio curioso a respeito. Tendo ouvido um miar estranho numa praia do rio, verificou tratar-se de uma ninhada de jacarézinhos de dois palmos de comprimento. Trepados sobre um tronco, quasi paralelo à superfície da água, porém um metro acima, fisgaram um dos bichinhos; imediatamente surgiu a mãe, roncando furiosa, procurando, aos pulos, alcançar os inimigos. Quando o naturalista voltou para a margem, a bicha desesperada até lá o acompanhou, porém não se animou a perseguí-lo em terra.

A julgar pelas observações meticulosas relativas ao crescimento da espécie norteamericana, também os nossos jacarés só aos 15 anos talvez alcancem dimensões mais avantajadas; aos 4 anos de idade o "aligator" apenas atinge 1 metro; em compensação, mesmo depois de bem velho, também êstes répteis, como todos os animais de sangue frio, ainda augmentam de tamanho, cada ano, alguns centímetros apenas.

Nas regiões dos grandes lagos da ilha Marajó organizam-se às vezes batidas, durante as quais são mortos centenas, e, como afirmam alguns escritores, milhares de jacarés.

As "maçãs de jacarés" que se encontram nos campos habitados por êstes répteis, às vezes chegam a pesar 3 quilos; são como que bolas de feltro e tem um odor especial.

Essas concreções esféricas são formadas no estômago, pela aglomeração dos pêlos das vítimas, principalmente de capivaras e quando a "maçã" atinge dimensões tais que se torna incômoda, ela é expelida.

"Jacarézada", diz o dr. Plinio Cavalcanti — (Conferência: Delmiro Gouveia, Soc. Nac. Agricult. Out., 1917), é iguaria preparada com carne de jacaré. Em certas zonas do rio S. Francisco, êsse delicioso quitute é prato tradicional, não só nas casas de família como nos hoteis, onde só depois de havê-lo comido com regalo, o viajante vem a saber o nome do que comeu por peixe.

Jacaré-assú — O nome refere-se em especial ao *Caiman niger* da Amazônia; mas é natural que qualquer outra espécie seja designada "a s s ú" (grande), desde que o exemplar em questão seja de dimensões acima do vulgar.

Jacaré corôa — *Jacaretinga trigonatus.* Parece que o nome pode ser alusivo à disposição um tanto concêntrica dos tubérculos do alto da cabeça. E' espécie amazônica, onde vive de preferência nos afluentes menores; raro atinge 2 metros de comprimento. Veja-se também:

Jacaré-curuá — Talvez seja a forma original, que pronunciada à brasileira, redundou na corruptela acima registrada: "J. c o r ô a".

Jacaré curucurú — E' mencionado por frei Prazeres (Poranduba Maranhense) como tendo comprimento de um homem; as outras espécies, enumeradas a seguir pelo cronista: "t e n t e r é" e "j a c a r é r a n a" são declarados menores. Ao zoólogo o autor não fornece dados suficientes para a boa identificação das espécies; mas o último é um lagarto, como registramos a seguir.

Jacaré de papo amarelo — *Caiman latirostris,* habita os rios da Prata e S. Francisco, assim como os rios intermediários da vertente do Atlântico. O outro jacaré comum no sul é *Jacaretinga palpebrosus.* Temos registrado ainda a denominação de "U r u r á u", porém sem saber a que espécie deva ser atribuida.

Jacarérana — Lagarto da fam. *Tejideos, Crocodilurus lacertinus,* da Amazônia, que pelos seus hábitos se parece algum tanto com os jacarés *(rana* em tupí = parecido). Atinge meio metro de comprimento, cabendo metade à cauda, que é achatada, quasi quadrada e provida de dupla serra. Vive à beira dos rios e faz sua tóca nas ribanceiras.

Jacaré-tinga — *Caiman sclerops*, da Amazônia, do Brasil central e do Paraguai. Jacaré menor, medindo apenas 2 a 2,5 metros de comprimento; é chamado "t i n - g a" porque o peito é branco. Esta espécie é a que mais vezes alguns caçadores consideram caça apreciável; realmente, a carne alva é boa e o melhor pedaço é o da cauda que, não raro, aparece à venda nos mercados de Belém.

Caçadores que não conhecem os hábitos desta espécie, ficam muito admirados quando em plena mata e às vezes a grande distância do rio, encontram êste jacaré vagando por terra.

Jacarôa — O povo, no Maranhão, segundo Raymundo Lopes, emprega êste feminino para designar o jacaré fêmea. (Torrão Maranhense, pg. 162).

Jacassú — Goeldi registra tal denominação, atribuindo-a à "p o m b a t r o c a z" *(Columba picazuro)*, o que porém não vimos confirmado por outro autores. Talvez seja apenas têrmo regional.

Jacú — Juntamente com os "M u t u n s", formam os jacús o conjunto da fam. *Cracideos* e por sua vez esta família e a dos "U r ú s" perfazem a representação sul-americana da ordem *Galliformes*. Mas os *Cracideos*, ao contrário das galinhas, são aves arborícolas. Confrontando os jacús com os mutuns, verifica-se nestes últimos muito maior desenvolvimento do corpo, que é volumoso, ao passo que os jacús são mais esguios. Contudo, pelo seu número de espécies e mesmo pela sua natural abundância, os jacús fornecem maior oportunidade aos caçadores e pode se dizer, que é esta, das aves da mata, a mais tipicamente venatória. Veja-se também sob "A r a c u ã" (gênero *Ortalis)*.

Os verdadeiros jacús (gên. *Penelope)* têm a garganta tôda desprovida de penas. Sob o nome de "J a c u t i n - g a" conhece-se a ave do gênero afim, *Cumana* ou *Pipile*, cujas penas da aza, as rêmiges, tem a barba interna muito recortada.

Transcrevemos a seguir a descrição que Goeldi nos faz (Aves, pag. 409), da vida dos Jacús: "São aves selváticas que, excetuada a época da incubação, vivem em bandos mais ou menos numerosos. Ainda não rompeu o dia e já os indivíduos de que se compõe o agrupamento estão alertas, depois de terem passado a noite sobre uma árvore, do meio da floresta. Espreguiçam-se, conversam baixinho, segredando em tom gorgolejante; e ao amanhe-

cer, mormente na estação fria, dirigem-se para os galhos em que primeiro bate o sol. Aí se aquecem, estendem as azas e gastam algum tempo em alisar as penas. Não tarda, porém, o desejo de almoçar e então vôam para onde sabem estar a mesa servida. Correm em busca de tôda sorte de árvores frutíferas, não desdenhando mesmo sementes ou bagas amargas e duras; o coquinho do palmito constitue sua alimentação predileta. Habilmente saltam de ramo em ramo, causando admiração a rapidez com que se esgueiram atravez da mais compacta folhagem, sem que a cauda longa lhes estorve os movimentos. Também descem frequentemente ao chão e nas picadas da mata virgem, cortadas por límpidos regatos, o caçador encontra frequentemente seus rastos. Ao meio dia interrompem sua atividade e, preparando-se para a sesta, escolhem sítios tranquilos e umbrosos. Uns pousam sobre caniços enclinados, balouçando-se rente ao solo; outros revolvem-se na terra ou na areia, exatamente como o fazem as galinhas e dêste modo deixam preguiçosamente passar as horas calidas. Ao declinar o dia, começa a preocupação do jantar. Ao escurecer empoleiram-se e a escolha do melhor pouso não se faz sem reiteradas rixas e altercações, gritos e cacarejos. Mesmo depois de noite fechada, os jacús ainda se conservam vigilantes durante algum tempo, devendo, quem aí quizer apanhá-los, levar em conta esta circunstância, para não voltar de mão vazias.

Cabeça de Jacú

Em regiões mais afastadas, que ainda não foram muito batidas pelos caçadores, os jacús são pouco tímidos e, voando apenas para um galho mais alto, não fogem à pontaria. Naturalmente os bandos que passaram pelo aprendizado, tornam-se bem mais desconfiados. As penas das azas, muito rijas, resistem a uma carga fraca de chumbo; mal feridas, essas aves, ainda que venham ao chão, estão perdidas para o caçador, pois com incrível rapidez e desenvoltura sabem procurar o mais intrincado da mata. Quando acometidas de súbito, um pânico mortal se apodera dos jacús e então suas tentativas de fuga, desordenadas e loucas, até provocam o riso. Meio pulando, meio voando e com grande algazarra, dispersam-se em tôdas as direções; ocultam-se por trás das moitas, nas copas das árvores e ainda continuam a mesma gritaria, durante quartos de hora depois de passado o pe-

rigo. Na precipitação da fuga, ou tomam caminho errado ou pretendem esconder-se entre ramos expostos, de modo que ao caçador calmo se oferece ocasião de dar vários tiros. Às vezes acontece que uma das aves, tolhida de susto, se acerca gritando do perseguidor, agachando-se, abrindo as azas, correndo para lá e para cá no mesmo ramo, manifestando, enfim, a mais estólida perplexidade. A mesma cousa se observa ao aproximar-se alguém do esconderijo, onde o jacú construiu seu ninho.

Levados para o viveiro, estas aves a princípio são extremamente tímidas ou então atiram-se à grade, que tentam atravessar e com isto se ferem e arrancam as penas. Com o tempo, porém, acostumam-se tão bem à nova vida, que poderiam estar soltas com a outra criação do terreiro, si não fosse seu gênio briguento. Nunca, porém, se acostumam a pousar como as galinhas e sua escolha recai sempre sobre o ponto mais alto que possam alcançar".

Diz Goeldi ainda que "genericamente falando, não se pode formar um juizo muito lisonjeiro acerca da inteligência dos jacús", e por nossa parte só podemos confirmar tal asserção. No Rio Grande do Sul havia em nosso quintal, apartados das galinhas, alguns casais de jacús e nós, crianças, gostavamos de levar a comida a essa criação. Certa vez, para variar a ração, carregámos uma grande panela de feijão cozido, a que já estavam acostumados. "Comam até não poderem mais", dissemos nós — e qual não foi nosso espanto ao vermos mais tarde, que um dos jacús estava com a cabeça mergulhada no feijão, morto e com o papo repleto!"

Jacú-caca — *Penelope jacucaca*, da Baía à Amazônia. E' espécie maior que o "J a c ú - p e b a", de côr mais carregada e tem as aurículas salpicadas de branco.

Jacú-guassú — *Penelope obscura*, do Brasil meridional. Mede 74 cms. de comprimento; o colorido do dorso posterior e da barriga é bruno avermelhado; o dorso, o peito e as coberteiras das azas têm as penas orladas de branco, porém as do pescoço são uniformes.

Jacú-peba — No Brasil meridional designa *Penelope superciliaris;* na Amazônia, *P. jacupeba*. As denominações "J a c u - p e m b a" ou "J a c u p e m a" — são apenas variantes do mesmo nome. Distingue-se esta espécie das outras do gênero por ter as coberteiras das azas orladas de castanho. As penas da cabeça, do pescoço e do pei-

to são orladas de cinzento claro. Sobre os olhos corre uma estria branca.

Jacutinga — A denominação abrange várias espécies da fam. *Cracideos*. Só uma é do Brasil meridional, *Cumana jacutinga;* outra ocorre em Mato Grosso, *C. nattereri* e duas na Amazônia, onde são conhecidas pelo nome "Cujubí" ou "Cujubim". A jacutinga do Brasil meridional tem a região entre o bico e os olhos azul, ao passo que a parte núa da garganta é vermelha, rubra. A plumagem é preta, com brilho azul; a cabeça em cima é branca e de igual côr são as orlas das penas do peito; brancas são também as barbas externas das coberteiras das azas.

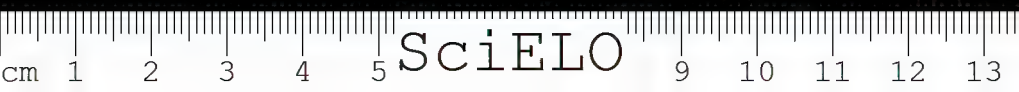
Jacuarú — Segundo Bates, na Amazônia é êste o nome do "Tejú". Veja-se "Jacuruarú". Nos boletins do Museu Goeldi a grafia adotada é "Jacruarú", porém vários outros autores grafam "Jacuarú".

Jacundá ou "Nhacundá" — e ainda "Joaninha" (veja esta) e "Michola" no Rio Grande do Sul, "Guensa" ou "Maria Guensa" no Mato Grosso, são peixes de escama, da água doce, da fam. *Cichlideos*, gênero *Crenicichla*. O corpo é alongado; bôca ampla, com lábios espessos, que formam uma prega no ângulo; mandíbula prognata; dorsal longa com 15 a 25 acúleos, porém sempre só há três dêles na anal. O desenho característico é sempre formado por manchas redondas, orladas de branco; além disto há outros desenhos de linhas e manchas. Os maiores exemplares atingem um palmo de comprimento e assim não têm propriamente valor econômico; são porém dos mais lindos entre nossos peixes d'água doce e por isso bem conhecidos dos amadores de aquários, também no extrangeiro. Muito outro valor econômico tem a espécie semelhante porém maior, o "tucunaré".

Jacurú ou "Jucurú" — Veja sob "João bobo".

Jacuruarú ou "Jacuarú" — Na Amazônia ou mais abreviadamente "Caruarú" no Maranhão, designa os grandes lacertílios da família *Tejideos*, cujo maior representante no Sul é conhecido por "Teiú". Goeldi classificou assim, no Pará, *Tupinambis nigropunctatus*, (grafando a palavra "Jacruarú").

Jacurutú — Provavelmente má grafia, assim reproduzida por alguns autores, por "Jucurutú. Há quem identifique êste nome de coruja como sinônimo de "mu-

r u c u t u t ú". Contudo, tomando ao pé da letra o trecho da lenda, relatada no original por Barbosa Rodrigues (Poranduba, pág. 109) "quando a panela começou a ferver, sairam morcegos, murukututús, yakurutús e outras aves noturnas..." os dois nomes evidentemente se referem a duas espécies distintas de corujas. Em nota a outra lenda (pág. 267) Barb. Rodr. identifica "jacurutú" com *Strix clamator* isto é, *Otus clamator*, a que nos referimos sob "M ô c h o o r e l h u d o".

Jacuruxí — Lacertílio amazônico, *Dracaena guyanensis* de 80 cms. de comprimento; de côr azeitona, exceto na cabeça, que é amarelo-avermelhada; as escamas dorsais são grosseiramente rugadas. Gosta de viver nas proximidades da água.

Jaguacinim ou "G u a x i n i m", o mesmo que "M ã o p e l a d o". (Aliás "Jaguacinim" ou por extenso, "jaguará-cinim" que deve ser a forma primitiva, etimológica).

(Jaguané) — Ayres Casal diz que é um "cão pequeno, refeito, com riscas"; é o mesmo que "j a g u a r é" ou "z o r r i l h o". Designa-se ainda hoje como jaguané o gado, cujo fio do lombo é branco (isto é, como o do zorrilho). Devemos pois contradizer o autor do "Dialecto Caipira", quando êste, à pág. 160, diz que o mesmo têrmo tupí (aliás traduzido por Th. Sampaio como "fétido de onça") provavelmente não tem relação alguma com o colorido. O *tertius comparationis*, uma facha branca sobre a espinha dorsal, é bastante característico.

(Jaguara-aíva) ou "J. p é v a" — Parece que tem apenas a acepção de "cachorra atôa", que não serve para a caça, conforme o dizer caipira. O índio emprega o mesmo radical para designar *Felis* e *Canis (guará* e *já-guára)*.

Jaguara-pinima — E' a *onça pintada*, denominação que aliás corresponde literalmente ao nome indígena *(jaguára*-felino, *pinima*-pintado, malhado).

Jaguaracambé ou, na pronúncia caipira "A r a c a m b é" — Há dúvidas a respeito da exata aplicação desta denominação usada no Brasil meridional. Generalizou-se entre os autores atribuí-la ao *Procyon cancrivorus*, o "M ã o p e l a d o" da nomenclatura luso-brasileira e assim seria puro sinônimo de "J a g u a r a c i n i m" ou "G u a x i n i m", como é conhecido em todo o Brasil. Parece-nos pois mais acertada a afirmação de outros, que conside-

ram "Jaguaracambé" como sinônimo sulino da denominação amazônica "J a n a u í" ou "J a n a u í r a" ou seja *Speothos*. (Veja sob "C a c h o r r o d o m a t o"). A respeito dêstes diz o autor das "Caças e Caçadas no Brasil" pág. 48: São peritos caçadores e exercem êsse mister em bandos; correm tenazmente em perseguição de pequenas caças: coelhos, coatís e até mesmo veados (vi um veado catingueiro perseguido por três dêsses cãezinhos). Quando atropelam a caça, têm como que um latido soluçado, que sai do fundo da garganta, aspirando fortemente e que os denuncia de longe. O proprio nome científico de uma dessas espécies *(Speothos venaticus)* alude a essa sua inclinação venatória.

(Jaguaré) — Nome guaraní do "z o r r i l h o". Registrámos também "j a g u a n é", palavra que nos parece ser da mesma origem.

Jaguaressá "J a g u a r i s s á" ou "J a g u a r u s s á" — Peixe do mar da fam. *Holocentrídeos*, o *Holocentrus ascencionis;* é um peixe lindo, de colorido variegado: o rubro do dorso vai-se esvaecendo para o róseo esbranquiçado em baixo; nos flancos há várias faixas amarelas e as nadadeiras são amarelo-verdoengas ou rubras.

Entre os caracteres anatômicos salientaremos que o preopérculo é provido de grandes acúleos e que uma série longitudinal de escamas é mais desenvolvida que as demais; Dorsal XI-15; Anal IV-10.

E' parecido com o "F o g u e i r a".

Jaguaretê — A onça verdadeira ou "O n ç a p i n t a d a".

(Jaguaritaca) ou "J a g u a r é c a c a", o mesmo que "C a n g a m b á". São vocábulos usados por Gabriel Soares (1587) que nos fornecem passagem etimológica às outras denominações, hoje mais correntes: "m a r i t a t a c a", "j a r i t a t a c a" ou simplesmente "T a t a c a" ou "T a c a c a". *Jarí* é contração de *jaguarí; jaguara* designa os felídeos; *i* é diminutivo; *tacaca:* mau cheiro (Veja-se sob "J a r i t a c a c a").

Jaguarundí ou "G a t o m o u r i s c o" — *Felis yaguarundi;* é um gato do corpo comprido (64 cms. de corpo e mais 34 cms. de cauda), de côr uniforme, pardo-cinzenta. Habita a América do Sul, das Guianas até o norte da Argentina, evitando porém os campos; na mata só raramente se encontra trepado em árvores. Vai à caça de noite ou de preferência à tardinha ou de madrugada.

Jaguatirica ou "G a t o d o m a t o g r a n d e" ou "M b r a c a j á" ou "M a r a c a j á", da Baía à Amazônia *(Chibiguassú,* é seu nome no Paraguai) — *Felis pardalis chibigouazou.* Atinge 85 cms. de comprimento, com mais 45 cms. de cauda e cêrca de 40 cms. de altura nos ombros. A côr é ruivo-amarelada, com numerosas manchas arredondadas, orladas de preto. As manchas pretas no meio do dorso são estreitas, alongadas e nos lados passam a ser estrias pardo-cinzentas, com orla preta e interrompidas de distância em distância. Na nuca há 5 ou 6 estrias pretas; na cabeça numerosas manchas pequenas; a metade

Jaguatirica

inferior do rosto é brancacenta, com duas estrias pretas, a partir dos olhos e também na garganta uma estria de igual côr passa de um lado a outro. A cauda tem manchas escuras e na ponta destacam-se 5 aneis. O lado inferior é branco com algumas manchas pretas. Êste desenho não é sempre o mesmo, variando nos espécimens de uma mesma zona.

Ocorre em todo o Brasil e quasi em tôda América meridional; mais para o norte é representada pela forma típica. Vive nas matas e banhados; nada bem e trepa em árvores, sem revelar, entretanto, a agilidade da onça parda. Suas presas são aves e mamíferos, chegando a subjugar pequenos veados.

Jagurécaca — Veja-se sob "J a g u a r i t a c a".

Jaleco — No Maranhão é o nome do "T a m a n d u á - m i r i m". A comparação com uma jaqueta, simulada pelo colorido, tem perfeito cabimento.

Jamanta — Raias que atingem proporções enormes, 5 metros transversalmente, de ponta a ponta e 3 mts. de comprido, exclusive a cauda. São raras as duas espécies aquí compreendidas e caracterizam-nas os dois palpos ou chifres que têm na cabeça (protuberâncias estas, que de fato são nadadeiras cefálicas, destacadas da nadadeira peitoral). *Mobula olfersi* tem bôca inferior e dentes nos dois maxilares; *Manta ehrenbergi* tem bôca anterior e só a mandíbula tem dentes. A biologia dêstes bichos monstruosos e raros, além de ser difícil de observar, logo provoca lendas e assim nem tudo que se conta a respeito, pode ser repetido em confiança. Há ilustrações que representam a jamanta como que voando, porém a verdade é apenas que ela persegue sua caça aos pulos, caindo de cada vez pesadamente e com grande ruido na água. Diz-se que tem movimentos rápidos e por certo para qualquer embarcação que não tenha dimensões de navio, é um perigo a aproximação dêsse monstro.

Janauaíra ou "J a n a u í", na Amazônia — Veja-se sob "C a c h o r r o d o m a t o" do gên. *Speothos*. Segundo Ignacio Bapt. Moura é também um ser fantástico, lendário, do Tocantins, muito temido, pois anda pela floresta em matilhas como os cães, embriagando as vítimas com forte catinga, para depois saciar sua voracidade.

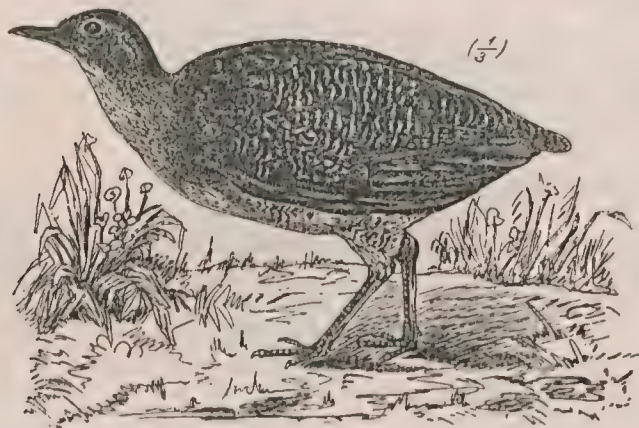
Jandaia — Periquito da família *Psittacideos, Conurus jandaya*, espécie característica do Nordeste do Brasil (Ceará a Pernambuco). Os espécimens novos têm plumagem muito mais verde do que os adultos; êstes são de côr amarela, com dorso verde; as azas têm algum colorido azul e a cauda é verde, tornando-se para o fim azul com extremidade denegrida. Há contudo espécies um tanto semelhantes de outras zonas, a favor das quais se usurpa o nome da ave que J. de Alencar tornou famosa. No oeste de S. Paulo designam como "J a n d a i a" o *Conurus aureus*, também conhecido por "P e r i q u i t o r e i".

Vivem em bandos de até 20 cabeças e, quando podem, invadem o milharal, onde causam grandes estragos. Seu grito é um *cri-cri-cri* claro e retumbante, com que a miudo se excitam mutuamente. No cativeiro dão-se muito bem, conservando sua alegre vivacidade nos movimentos e nas peraltagens. A pronúncia sulina é antes "N a n d a i a" ou "N h a n d a i a".

Jandaíra — Abelha social *Melipona interrupta*, assim chamada no Norte (Paraíba e Amazônia), cujo ninho aí frequentemente se vê instalado ao pé das casas, acomo-

dado em qualquer caixa. A abelha que mede 12 mms. de comprimento, é de côr preta, listrada de amarelo sobre o abdômen, à moda da mandassaia, com a qual se parece bastante. O mel é excelente.

Jandiá — Tanto J. Verissimo, como Chermont Miranda (loc. cit. pag. 73) grafam a palavra dêste modo, referindo-se a peixes amazônicos; outras variantes: "Jamdiá" e "Nhamdiá" conduzem facilmente à pronúncia do Sul, que é positivamente "j u n d i á".

Jaó ou "J u ó", também "Z a b e l ê" — *Crypturus noctivagus;* ave da fam. *Tinamideos*, do mesmo gêne-

Jaó

ro dos "I n a m b ú s". Habita esta espécie tôda a região da Baía ao Rio Grande do Sul, porém só as matas. Em tamanho regula com o "i n a m b ú - g u a s s ú". A cabeça e o dorso anterior são bruno-cinzentos, o dorso posterior e a cauda têm desenho de faxas transversais largas; as coberteiras das azas são pretas, com faxas amarelas; o peito é castanho, a barriga amarelada; a nuca e o pescoço posterior têm um tom avermelhado. Seu assobio compõe-se de 4 notas, as últimas emitidas mais apressadamente e moduladas, de forma a terem sugerido aos caçadores da Serra do Mar no Est. de São Paulo e também de Mato Grosso a interpretação pelas seguintes palavras "Eu sou Jaó".

Henrique Silva relata a respeito a seguinte lenda sertaneja (Goiaz?): No tempo em que todos os animais falavam, o Jaó e a Perdiz eram companheiros inseparáveis.

Um belo dia, porém, brigaram e o Jaó foi habitar os matos, ficando a perdiz nos campos. Hoje em dia, à tardinha, ouve-se as duas aves cantarem ao mesmo tempo, perguntando de dentro da mata o solitário Jaó, em voz plangente e separando distintamente as sílabas: "Vamos fazer as pazes?" Ao que a Perdiz, indignada, responde, lá dos campos: "Eu, nunca mais!" Acrescenta o conhecido caçador goiano: Exatíssima e perfeita onomatopéia!

Como se verifica, pelas duas interpretações, o canto do Jaó varia um tanto, conforme a região.

Japacanim (ou talvez "Casaco de couro") e "Sabiá-guassú" — Pássaros da fam. *Mimideos, Donacobius atricapillus,* do tamanho dos sabiás; a côr em cima é pardo-bruna, mais escura na cabeça, azas e cauda; as penas desta têm pontas brancas, menos as medianas e na aza vê-se um espelho branco; o lado ventral é amarelo claro. Gosta de viver nos juncais das margens alagadiças dos rios. Na Amazônia seu nome é "Batuquira". Às vezes sob esta mesma grafia figura o nome do gavião "Apacanim", que aliás em guaraní é pronunciado "*Yupacaní*".

(Japeuçá) ou "Japegoá" — Não sabemos si as duas formas são correntes ou si uma delas representa apenas uma falsa grafia, devida a algum lapso tipográfico. Derivam da denominação indígena do escorpião e ambas as modalidades, etimologicamente, são possíveis, pois Martius escreve *japewa* (de onde: *japeuá* ou *japegoá*), ao passo que Montoya grafou *yapeuçá.* Está ainda por averiguar, si o têrmo algures é de uso corrente e o mesmo vale para "Japuruçá".

Japiaçoca — Mais geralmente conhecido por "Piaçoca", conquanto aquele vocábulo pareça ser de fato a forma original. Veja-se sob "Jaçanã", que no Sul é o nome mais usado para a mesma ave.

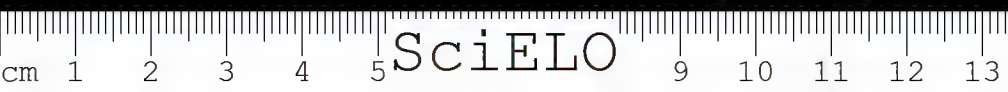
Japiim de costa vermelha — O mesmo que "Guache", também chamado "Japim da mata", na região amazônica.

Japim ou "Japiim", "Japí", "Japuí" ou "Chechéu" ou "Bom-é" — Pássaro da fam. *Icterideos, Cassicus cela,* preto com vivo colorido amarelo no dorso posterior, extendendo-se também sobre boa parte da cauda, cuja parte terminal, porém, é preta; de côr amarela também são as penas internas da base alar e o bico. O ninho é igual ao do "Japú", porém mais curto, com cêrca

de 30 cms. de comprimento. Quasi sempre encontram-se 10 ou 20 reunidos na mesma árvore e parece que escolhem de preferência a vizinhança de caixas de marimbondo, para aproveitar o respeito que estas incutem aos importunos. Este fato é tão notório, que já foi explicado pelos índios do Juruá na seguinte lenda, colhida por Barb. Rodrigues (Poranduba, pag. 202). "Dizem que antigamente os pássaros eram inimigos dos japiins e quando êstes iam passeiar ou quando iam buscar alimento, os outros vinham quebrar-lhes os ovos e matar-lhes os filhos. Então os japiins foram conversar com a vespa e pediram-lhe para ser madrinha dos filhos. A vespa disse-lhes: Vocês façam as casas perto da minha, para eu velar por meus afilhados. Depois disso, sempre os japiins fazem os ninhos perto das casás da comadre".

Relatou-nos o festejado escritor Viriato Correia: No Maranhão, a navegação fluvial determina frequentemente esta cena, que não deixa de ser perigosa: Velejando contra o vento, a embarcação cruza o rio obliquamente e assim, nas voltas sucessivas dos rios, nas engaitavas, os panos batem na vegetação das ribanceiras. Quando os tripulantes percebem os ninhos do japí, sabem também que serão atacados pelas cabas assanhadas, cujos ninhos sempre se encontram junto aos das aves — o "salve-se quem puder" termina às vezes com um banho involuntário.

Sua pátria é o Norte do Brasil, Baía, Goiaz e Amazônia. E' muito apreciado nos viveiros, porque tem o dom especial de imitar outros pássaros, assim como aprende a assobiar; mas é preciso suportar o cheiro desagradável que o caracteriza. J. Coutinho de Oliveira conta uma lenda muito bonita (Lendas Amazônicas, pag. 123), que explica porque êste pássaro arremeda os outros: "Quando Tupan estava triste, o japim cantava para alegrá-lo e Tupan, certa vez, mandou o japim à terra, para consolar os aflitos com seu canto. Então êle cantou e todas as aves emudeceram para o escutar; mas o japim começou a encher-se de soberba e por escárneo passou a arremedar os outros pássaros, de modo que êstes não cantavam mais. Mas Tupan, que aborrece a soberba, castigou o japim, não permitindo mais que êle voltasse à árvore que dá flores de estrelas, o céu, e fê-lo esquecer as belas melodias que êle, Tupan, lhe havia ensinado. Por isso, cada vez que o japim tenta recordar o seu canto, arremeda a voz das outras aves, que então o perseguem".

Japira — Veja sob "J a p u í r a".

Japú — Pássaro grande, da fam. *Icterideos, Ostinops decumanus,* de todo o Brasil e do Paraguai à América Central. Caracterizam-no bem o bico claro, algumas penas finas e longas que ornam a cabeça e o colorido que é o seguinte: a parte anterior do corpo é preta, o dorso castanho e as penas da cauda são amarelas, exceto as duas medianas, que são pretas. Muito singulares são os seus ninhos, em forma de bolsa fina e alongada, às vezes de um metro de comprimento, dependurados não raro em grande número na mesma árvore ou palmeira. Há quem os cace para aproveitar a carne, que dizem não ser ruim.

Japuíra — O mesmo que "G u a c h e"; "J a p i r a, registrado por Goeldi, provavelmente é apenas erro tipográfico.

Japujuba — Vários *Icterideos* do grupo *Cassicus,* desde que tenham colorido mais ou menos amarelo.

Japurá — Veja-se "J u p a r á".

(Japuruca) — Êste têrmo, registrado também por J. S. Costa Pereira, foi primeiro consignado por Marcgrave, que o ouviu em Pernambuco, como denominação indígena das "C e n t o p e i a s". E' evidente que, como em tantos outros casos análogos, em vez do *ç* da grafia original de Marcgrave, o tipógrafo holandês empregou o *c* sem cedilha. Desta forma a palavra deve ser pronunciada "J a p u r u s s á", o que evidencia sua afinidade com "J a p e ç o á", também aquí registrada; ambas as denominações indígenas, ao que parece, não sobreviveram.

Japuruchita — Na Amazônia designa-se assim, segundo nos informou o Snr. Ant. B. Amaral, "certos caracois de concha cônica, enrolada em espiral, com cêrca de 8 centímetros de diâmetro". Só o exame de espécimens autênticos permitirá sua classificação. Pode ser que se trate de alguns representantes maiores da fam. *Helicideos.* Mas os maiores espécimens do gênero *Solaropsis* atingem apenas 5 cms. de diâmetro. "J a p u r ú", em tupí, designa os vermes e as larvas (tapurú); a identificação dada por Th. Sampaio (Tupí na Geogr. Nac.), mencionando o gênero *Murex,* é evidentemente errônea, pois tais moluscos por sua vez são marinhos. Barbosa Rodrigues atribue a denominação indígena "J a p u r u c h i t a" a moluscos palúdicos e assim talvez tenha razão identificando-os com *Ampullaria* e caracois do gên. *Bulimus.* (Veja também sob "A r u á").

Japussá ou "U a p u s s á" — Macaquinhos da fam. *Cebideos*, gên. *Callicebus*, de corpo muito gracioso, quasi do tipo dos "S a g u í s" e, como êstes, também com cauda muito longa (o corpo mede 20 cms., a cauda 30 cms.). *C. molloch* ou *personatus* tem o dorso e o ventre avermelhados, os membros são rajados de cinzento; mãos e pés são mais claros. Como espécies congêneres veja-se sob: "G u i g ó" da Baía, e "S a u i m - g u a s s ú" mais ao Sul; em S. Paulo lhe corresponde o "S a á".

Japussá de coleira — *Callicebus torquatus*, da Amazônia, de pêlo bruno-preto, cabeça e extremidades mais

Japussá de coleira

escuras, porém mãos enluvadas de branco. O pêlo da cabeça, mais eriçado, torna esta muito volumosa. Linda é a coleira branca, alargada em guardanapo no peito.

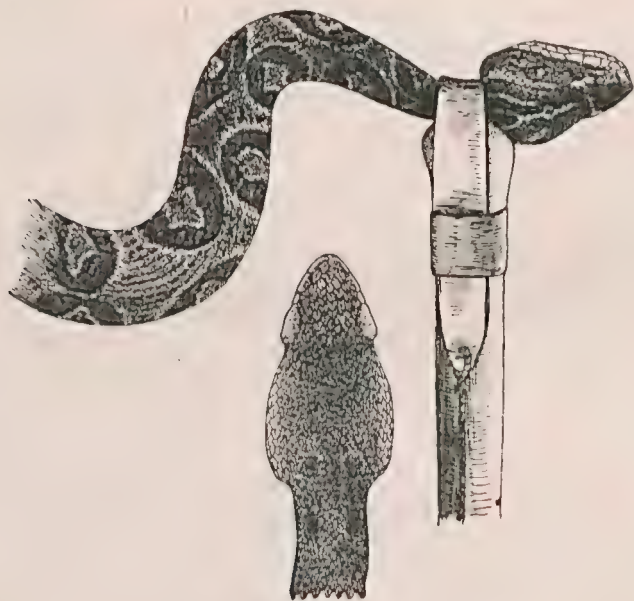
Jaquirana-bóia — Na Baía pronuncia-se assim por "J e q u i t i r a n a - b ó i a".

Jaraquí — Na Amazônia, ou "J e r e q u í" em Goiaz, designa vários peixes da fam. *Characideos*, subfam. *Prochilodineos*, gên. *Prochilodus*, ao qual também pertencem os "C o r u m b a t á s" do Brasil meridional; contudo êste último nome também é empregado na Amazônia: "C u r i m a t á".

Jararaca — A serpente à qual êste nome cabe em rigor, é *Bothrops jararaca;* contudo é aplicado também a duas outras formas aliadas *(B. atrox* e *B. jararacussu*, às quais aliás também se confere às vezes apenas a cate-

goria de sub-espécies) que o povo costuma distinguir como "J a r a r a c u s s ú". O caráter anatômico, seguro, para distinguir a jararaca dos outros Viperídeos, consiste

Jararaca

em verificar si a segunda escama labial superior forma a margem anterior da covinha oral; nas demais espécies há, neste ponto, interposição de outras escamas pequenas. A côr geral é variável: verde-oliva escura, parda ou mes-

Jararaca apanhada com o laço «Butantan»

mo amarelada. O desenho consiste em triângulos ou arços escuros, margeados de amarelo, com o vértice atingindo o fio das costas. A cabeça é irregularmente desenhada.

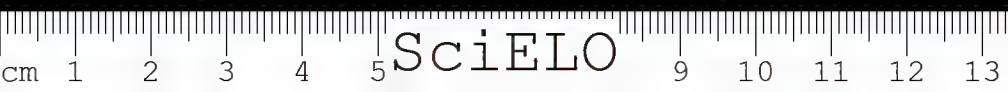
A dimensão máxima atingida por *B. jararaca* é de 1m,50. *B. atrox*, a "c a i s s a c a", distingue-se pelo tom pardo-avermelhado ou cinzento, de aspeto aveludado e a cabeça não tem desenho distinto. A forma *jararacussú* atinge 2m,20, de comprimento e o número de escamas subventrais é apenas de 170 a 176 (sendo de 195 a 200 nas formas precedentes) e o colorido geral é muito sombrio, destacando-se por isto mais francamente o desenho amarelo, em linhas mais oblíquas. Desta variedade o dr. Vital Brasil extraiu até 1,3 cc. de veneno, quando as outras espécies do gênero fornecem apenas 0,5 cc. Iguala assim em quantidade de veneno com a cascavel. Observam-se no homem os seguintes fenômenos, em consequência de um acidente grave: a princípio, dôres locais e, meia hora depois, náuseas, perturbação visual, sonolência e hemorragia pelo nariz e pelos ouvidos. Aplicando a êste tempo sôro antibotrópico ou anti-ofídico, a cura é rápida. Do contrário a morte sobrevem em espaço mais ou menos breve, conforme a quantidade de veneno injetado.

Jararaca do banhado — Veja "C o b r a n o v a".

Jararaca de barriga vermelha — Veja-se sob "J a r a r a q u i n h a d o c a m p o" do gên. *Liophis.*

Jararaca verde — Serpente da fam. *Viperideos, Bothrops bilineata,* que pelo colorido verde-claro (um pouco azulado), se distingue facilmente das suas congêneres; nos flancos corre uma linha amarela e sobre o dorso, irregularmente distribuidas, pequenas manchinhas de igual côr, com alguns pontos pretos. A barriga é clara, ligeiramente azulada e cada escama ventral tem um traço preto próximo à linha amarela do flanco. Atinge no máximo 1 metro de comprimento. Vive nas matas do Espírito Santo à Amazônia, de preferência perto da água. Trepa em árvores e como seu colorido se confunde com o da vegetação, é perigosíssimo encontrá-la assim, à altura da cabeça; felizmente é rara. Dão-lhe também os nomes de "S u r u r u c ú p a t i o b a", "p i n d o b a" e "C o b r a p a p a g a i o". No Tocantins, Ignacio Bapt. de Moura registrou o nome "P a r á a m b o i a" para esta espécie.

Jararacambeva — Em Minas Gerais, segundo Afranio do Amaral, é sinônimo de "B o i p e v a".

Jararacussú — Veja sob "J a r a r a c a". Na Baía o povo distingue um "J a r a r a c u s s ú c a b e ç a d e

patrona", denominação esta que não sabemos a que espécie atribuir.

Jararaquinha do campo — Cabe êste nome a várias espécies de cobrinhas da fam. *Colubrideos,* quando pelo colorido lembram vagamente as serpentes com que o povo as compara; em geral trata-se de *Liophis poecilogyrus* (de barriga vermelha) e outras congêneres e algumas do gên. *Rhadinaea.* São de todo inofensivas, pois não têm dentes que possam vulnerar e muito menos injetar veneno.

Jaritacaca ou "Jaritataca ou "Jaguaritaca" — O mesmo que "Cangambá". Note-se que em Pernambuco, como o registrou Rod. Garcia (Dic. Brasileirismos, Pernambuco) "tacaca" se conservou na linguagem comum com a significação: "transpiração fétida, mau-cheiro do corpo humano" e, evidentemente, a comparação é bastante expressiva...

Jataí ou "Jataí amarelo" — Abelha social da fam. *Melioponideos, Trigona jaty,* pequena de 3,75 a 4 mms., cabeça e tórax pretos, abdômen bruno com o primeiro segmento amarelo; pernas bruno-amareladas. Faz sua pequena colméia em árvores ôcas ou nos interstícios de pedras, em rochas ou nos muros; o tubo de entrada é como um dedo de luva, que as abelhas de noite fecham, juntando a cêra das paredes da entrada. Êste tubo, que às vezes tem meio palmo de comprimento, em geral é bifurcado e não raro termina em vários dedos. São abelhas muito tímidas e, sentindo-se ameaçadas, recolhem-se e custam a reaparecer. O mel é muito apreciado, porém pouco. "Sete portas" ou "Três portas" é a mesma espécie, referindo-se tais nomes às bifurcações da entrada.

As "meigas jataís" dos poetas não são de forma alguma tão fracas como seu corpinho franzino faria supor, nem sua índole é sempre pacífica. Conta a respeito o Pe. M. N. Martins dois casos bem interessantes: "Abrindo por acaso uma colméia da tal jataí, romperam-se umas cápsulas do delicioso mel, o que foi bastante para atrair uma ou duas abelhas do reino. Observaram-nas as jataí e, voando em roda, espreitaram o momento para darem boa paga às ladras e, tomando-as pelo seu lado fraco, as inutilizaram por completo. Este lado fraco das européias eram as azas, que as jataís prendiam e amarfalhavam, tornando-as assim inúteis para o vôo. Quando depois as *Apis* iam para voar, já não o podiam e ficaram assim, como um barco sem vela, à mercê das jataís, que

depois, já mais numerosas, oito contra uma, acabaram de inutilizar as duas européias e as outras, que ainda sobrevieram a roubar mel.

Relata ainda o mesmo observador um fato passado com a abelha urussú (aliás bem mais corpulenta que a jataí): "Tem a urussú sempre uma sentinela de guarda à porta. Vão as jataís e fazem-lhe negaça e ela avança, saindo um pouco fora do orifício para colher alguma. E' então que uma jataí vai por trás e se lhe pega a uma das azas; e o mesmo fazem outras e dão começo à refrega, que aumenta com a vinda de outras de dentro a secundar a primeira e das de fora que acodem à pilhagem. Duram dias, creio, estas lutas, dias seguidos, ficando de certo triunfantes as jataís".

Para não atribuir exagero ao autor acima citado, que tanto exalta a valentia das jataís, podemos admitir a hipótese de que a colméia das urussús estava fraca demais para se defender melhor.

Jataí mosquito ou "J. preto" — E' ainda, em São Paulo e no Rio de Janeiro, o nome de uma espécie de *Meliponideos, Trigona testaceicornis*, que no Ceará é conhecida pelo nome "Camuengo". Veja-se também "Abelha mosquito".

Jataí da terra — *Melipona (Trigona) lineata*, é espécie conhecida de todo o Brasil, não tendo porém maior importância como produtora de mel. Nidifica no solo e daí seu nome, mas constam também observações de ninhos em fendas e ôcos de pau.

Jateum — Teschauer, no Novo Vocab. Nac. registra esta denominação, explicando designar insetos dípteros, que perseguem a gente com seus ferrões. Não temos documentação nenhuma que permita a verificação zoológica. Veja também sob "Inhatium".

Jatí — Pronúncia antes nortista e abreviada por "Jataí".

Jatuarana — Peixe de escama do Amazonas, *Hemiodus (Anisitia) microcephalus*, do mesmo gênero do "Ubatí", de família afim aos corumbatás. O peixe de nome semelhante, "Jutubarana", diverge totalmente no feitio e no modo de viver, da espécie acima mencionada e o mesmo vale para o nome subsequente, "Jauarana", cuja etimologia aliás é clara.

Jaú — Peixe de couro *Nematognatha* da fam. *Pimelodídeos, Paulicea lütkeni.* E' difícil caracterizar esta espécie sem recorrer a dados anatômicos, de nomenclatura complicada. Torna-se, porém, inconfundível pelas proporções que alcança êste bagre de corpo abrutalhado, com quasi 2 metros de comprimento e mais de 100 quilos de peso. Habita os grandes rios das bacias do Paraná e

Jaú

do Amazonas. Os indivíduos novos, conhecidos por "jaú-poca" são amarelos e têm corpo recoberto de pequenas máculas violáceas, mas em se tornando adultos, tomam colorido uniforme escuro.

Sua pesca é feita à linha larga, como a dos outros grandes peixes, porém as proporções dos apetrechos devem corresponder ao vulto do enorme pescado. O anzol pode medir até 20 cms. com 8 cms. de largura entre a haste e a fisga; a linha deve ser grossa e o pescador dos mais robustos, pois é formidável a fôrça com que o jaú procura se defender. Tendo a ponta da linha amarrada na canôa, é certo o peixe arrastar a embarcação consigo por longo tempo, mesmo rio acima. Conseguindo êle, porém, entocar-se, é excusado lutar com o peixe, pois nin-

guém mais lhe deitará mão, antes de se entregar, extenuado, o que pode durar longas horas.

Como o fazem vários outros peixes, o jaú desova em pleno rio e por isto é natural que se perca a maior parte dos ovos, ou porque sejam comidos pelos lambarís ou porque a correnteza os arraste para lugares impróprios para o subsequente desenvolvimento.

Afim de ainda assim garantir a eficiente multiplicação (veja-se o que a respeito foi explicado sob "Cascudo"), o jaú procura contrabalançar essa falta de melhor precaução, com a elevação, ao máximo, do número de óvulos. De fato, fazendo a contagem, aliás em um exemplar de tamanho médio (70 quilos de peso total e cujos ovários pesavam 4 quilos), pudemos calcular em aproximadamente 3.640.000 o número de óvulos, o que, até agora, representa a quantidade máxima verificada em nossos peixes d'água doce.

Jauarana — Sinônimo da "Saranha", que é a mais desenvolvida das espécies de "Peixe cachorro" da Amazônia. Aliás o vocábulo indígena parece significar "ja(g)uarana", isto é, "pseudo-jaguar".

Jejá — Nome de uma formiga, registrado por Oscar Monte (Alm. Agric. Bras. 1926) como sendo *Camponotus abdominalis*, formiga açucareira (no Ceará?).

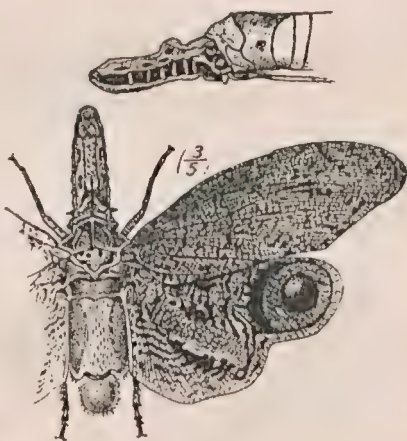
Jejú — E' o nome do peixe da fam. *Characideos*, subfam. *Erythrinineos*, *Hoplerythrinus unitaeniatus*, aliás muito parecido com a traíra comum, com a qual compartilha o modo de vida e a vasta distribuição consequente, do Prata à Guiana. Gosta mais das águas paradas e, durante as grandes chuvas, transporta-se facilmente de um rio para outro, aproveitando as zonas alagadas, que põem em comunicação as cabeceiras de duas vertentes. Veja-se "Traíra" e também sob "Morobá", espécie semelhante.

Jequitiranabóia ou "Jaquiranabóia" — Esta última é a pronúncia original indígena; várias corruptelas deturpam a palavra, omitindo ou transformando sílabas; além disto "Cobra do ar" ou "de aza", como se diz no Norte. São insetos *Homopteros* da fam. *Fulgorideos*, com várias espécies pertencentes ao gên. *Lanternaria*, as quais pouco diferem entre si. A cabeça enorme, entumecida, tem um tubérculo perto da base e que finge um grande par de olhos, quando êstes de fato se acham ao lado e junto dêles há um fio sobre um pequeno tubércu-

lo, o qual representa a antena. As azas são amarelo-sujas, pontilhadas de pardo e preto; a aza posterior tem um grande ocelo (olho de coruja). Mede ao todo 6 a 7 cms., com o dobro de envergadura. Quem quer que a veja pela primeira vez, deixa-se impressionar pela exquisita configuração, tão fora dos moldes dos insetos comuns. Ao povo fez tal impressão, que em todo o Brasil se tornou geral a crença de ser êsse um bicho venenosíssimo, que fulmina não só o homem e os animais, como também faz secar árvores, etc. De fato, porém, trata-se de um inseto incapaz de fazer mal a alguém — pela razão muito simples de não ter arma alguma com que possa ferir. Como se não bastassem essas lendas, também os primeiros naturalistas que examinaram êste inseto, lhe atribuiram propriedades luminosas, como bem o revelam os nomes científicos escolhidos. Parece que há um certo fundo de verdade nisto, conquanto geralmente seja negado; mas a tal fosforescência será puramente acidental e deverá provir de microorganismos vegetais, que às vezes se desenvolvem sobre o abdômen. Êste possue uns filamentos brancos (como aliás o tem, com muito maior desenvolvimento, outras espécies menores da mesma família) de substância mais ou menos parecida com flocos de amianto.

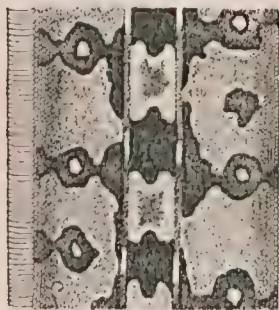
Jequitiranabóia

A espécie mais comum no Sul do Brasil é *Fulgora lanternaria*. Aos etimólogos lembramos que Marcgrave registra "I a q u i r a n a" como sendo o nome tupinambá das cigarras. (Confirma-o a pronúncia baiana: jaquiranabóia) e como desta forma o vocábulo corresponde a "pseudo-cigarra-cobra", o índio demonstrou que reconheceu a afinidade dêstes insetos com as cigarras; o acrescimo "b ó i a"-cobra, talvez corra por conta do temor que também ao selvícola inspirava o feio inseto.

Jeraquí — Em Goiaz é o mesmo que "J a r a q u í" na Amazônia.

Jeruva — O mesmo que "J u r u v a".

Jesus-meu-Deus — Em Sergipe (segundo Cleómenes Campos) é o nome onomatopaico de um pássaro, que talvez seja o mesmo "T i c o - t i c o" do Sul; pelo aspeto parece ser o mesmo e a entoação do canto é semelhante.

Jia — Ver "G i a".

Jibóia — *Constrictor constrictor*, pertencente à fam. *Boideos*. Atinge 3 e mesmo 5 metros de comprimento e portanto, na fauna brasileira, só a "S u c u r í" a ultrapassa em tamanho. E' de côr parda, com grandes manchas claras no dorso e duas linhas escuras, paralelas, unidas entre si por outras transversais (como degráus de escada). Habita só as regiões sêcas do sertão, onde caça mamíferos pequenos e grandes, até as dimensões da jaguatirica; não ataca o homem e mesmo quando provocada, não aceita a luta, procurando, ao contrário, fugir. Durante o dia quasi sempre dorme e ainda que se mova, nem por isso percebe logo a pessoa que se aproxima, tornando-se, portanto, fácil atacá-la a pauladas. Mesmo depois de ter apanhado alguma pancada, sempre só procura fugir. Na Amazônia parece que em algumas regiões o povo favorece à jibóia uma boa acomodação em casa, pois assim desaparecem os ratos da dispensa ou do armazem. E' ovípara e vivípara ao mesmo tempo; dentro do ovo a cobrinha (!) já atinge 50 cms. de comprimento. Habita a América do Sul, de S. Paulo para o Norte.

Pele de jibóia

As outras espécies da mesma família, dos gêneros *Boa* e *Epicrates*, um tanto semelhantes, atingem apenas 2 metros de comprimento e são conhecidas pelos nomes "C o b r a d e v e a d o" e "S a l a m a n t a".

Jibóia vermelha — Espécie da Amazônia, pertencente ao gên. *Epicrates*, no qual alguns escritores incluem a "S a l a m a n t a". A J. vermelha *(E. cenchris)* é realmente pardo-avermelhada, sendo que na cauda o vermelho quasi predomina; além disto, ornam-na várias séries de manchas redondas, sendo a mediana de côr clara, orlada de escuro, o que não se verifica nas demais; a ca-

beça mostra desenho de linhas. Em sua distribuição extende-se do Est. de S. Paulo à Amazônia e mais para o Norte.

Jiquitaia — Veja "G i q u i t a i a".

Joaninha — Besourinho da fam. *Coccinellideos*, semi-esféricos, de cores variegadas às vezes brilhantes. Ao contrário das "V a q u i n h a s", tão nocivas, êstes pequenos coleópteros pertencem ao reduzido número de besouros úteis. De fato, os *Coccinellideos*, tanto na forma adulta como enquanto larvas, perseguem os pulgões e os *Coccideos* livres, de que se alimentam. Tais são entre as espécies nacionais *Neda sanguinea*, de elitros côr de tijolo e tórax preto com desenho amarelo; *Azya luteipes*, azul metálico, com elitros revestidos de pêlos curtos, menos no centro de cada elitro, que tem uma área circular glabra; as pernas são amarelas. *Pentilia egenea*, verde negro com reflexos metálicos. Há uma espécie australiana, *Novius cardinalis*, vermelha, com cabeça negra; cada elitro tem duas manchas oblongas e a comissura dos mesmos bem como o seu bordo posterior são de côr negra. Esta "J o a n i n h a", que persegue especialmente o Coccídeo *Icerya purchasi* (uma das espécies mais nocivas), tem sido importada nos países em que existe o coccídeo; no Estado de S. Paulo e outros do Brasil também já foi introduzida, prestando ótimo serviço nos pomares.

Joaninha — Peixe de água doce, da fam. *Cichlideos*, *Crenicichla lacustris*. E' nome mais usado no Rio Grande do Sul. Veja "J a c u n d á".

Joaninha

João barbudo — Ave da fam. *Bucconideos*, *Malacoptila torquata*, da Baía e Santa Catarina. O feitio do corpo é bem o do seu parente "J o ã o b ô b o". A côr é bruna, com estrias longitudinais amarelas na cabeça e nas costas; sobre o peito destaca-se uma faixa branca, orlada de preto por baixo. Alcunharam-nos de "barbudo", mas todos os representantes desta família têm, como êste, numerosas cerdas fortes na base do bico.

João de barro — ou "Forneiro" ou "Oleiro" ou "Pedreiro", "Maria de barro" no Ceará e "Amassa barro" em Mato Grosso. Na Argentina igualmente é conhecido por "Hornero". Pássaros da fam. *Dendrocolaptideos*. A espécie *Furnarius rufus* encontra-se de Minas a Mato Grosso para o Sul. E' ave um pouco menor que o sabiá, porém muito mais delgada, toda ela côr de terra, com garganta branca e cauda avermelhada. Na Amazônia representa-o *F. tricolor*, semelhante, porém mais claro no lado inferior, com cabeça parda e uma grande sobrancelha branca.

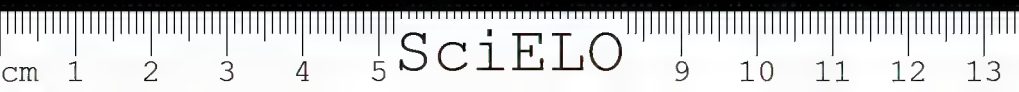
João de barro e seu ninho

O ninho consiste numa bola de barro com dois compartimentos, isto é uma ante-sala e a alcôva. E' uma obra sólida e muito bem acabada, mormente considerando que o pedreiro só pode trabalhar com o bico, ajudado pelos pés. Sobre o galho grosso de uma árvore isolada, um poste de telégrafo ou mesmo na cumieira de uma casa, o casal constróe a grande bola de barro, que mede mais de 30 cms. de comprimento na base, por metade apenas de largura; a altura do edifício alcança 25 cms. A entrada acha-se sempre na face comprida e permite ao pássaro entrar sem se abaixar. Uma parede divisória separa a antecâmara, menor, da alcôva maior; nesta está a cama, feita de hervas sêcas, cabelos e penas, e aí a fêmea choca, três vezes por ano, os 3 ou 4 ovos brancos de cada postura. No Rio Grande do Sul, acompanhando uma linha telegráfica, pode-se notar, às vezes, que um poste sim, outro não, tem um ninho de João de barro.

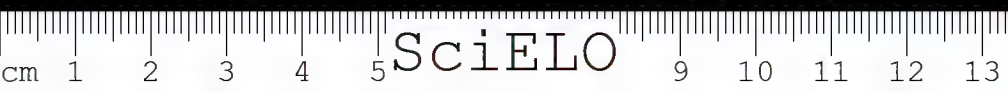
E', sem duvida, um dos elementos mais populares e bem vistos da nossa avifauna e também os índios gostavam dêste pássaro. Citamos, entre várias, a lenda dos Caxiuanás, que diz o seguinte: "Os Caxiuanás não possuiam casas e dormiam no chão, nem possuiam panelas e comiam só carne assada. Invejando êles a panela do João de barro, êste perguntou si êles queriam aprender a fazer panelas e casas. Então o pássaro lhes ensinou tudo isto e, daí por diante os Caxiuanás ficaram gostando do João de barro e não o matam".

E' ave alegre, que gosta de conviver com o homem, pois, não o incomodando, chega-se ao terreiro das fazendas e de preferência vai ficar perto do rêgo d'água, que atravessa o pomar. Saltitando pelo chão ou voando a curtos trechos de lá para cá, o casal passa o dia alegre, sem se preocupar muito com as pessôas que o observem, quietas, a poucos metros de distância. Divertem-se também gritando em curiosos duetos, que consistem naquela interessante forma de pergunta e resposta, tão característica para várias espécies de nossos pássaros: o macho emite um grito e a fêmea imediatamente lhe responde, a meio tom baixo e assim se sucedem, alternadamente, os dois sons, sempre iguais, porém com tal rapidez e precisão de ritmo, que causa admiração a quem saiba quanto custa, a nós homens, ensaiarmos tal exercício de música em andamento prestíssimo. Um músico profissional, que conosco observava tal brincadeira do casal de João de barro, admirou principalmente a exatidão com que entra a segunda voz, ao que parece, independentemente de qualquer aviso prévio por parte do primeiro executante. Os músicos da nossa raça precisam primeiro ser advertidos pela batuta do regente, ao passo que essas aves respondem como que automaticamente, no mesmo instante, ainda que estejam a certa distância uma da outra. Não é apenas o João de barro que realiza com tal perfeição essa brincadeira musical; vários outros passarinhos assim se divertem e também algumas aves aquáticas, do grupo dos frangos d'água, têm igual hábito.

João bôbo — também "Capitão do mato", "Chucurú" ou "Dormião" e, na Amazônia, "Macurú" ou "Jucurú" e "Rapazinho dos velhos". Aves da fam. *Bucconideos,* gên. *Bucco,* que compreende uma duzia de espécies. São avesitas relativa-

mente pequenas (20 cms. de comprimento), mas o corpo é grosso; a cabeça, volumosa, em geral se destaca do tronco, não pelo feitio do pescoço, mas por terem quasi todas essas espécies uma coleira de côr diferente. O bico é grosso com ponta do maxilar curvada para baixo. "João barbudo" e "Capitão de bigode" são alcunhas que se referem às cerdas numerosas e longas na base do bico. No Sul do Brasil a espécie mais conhecida é *B. chacuru*, de côr pardo-avermelhada no dorso, com faixas pretas transversais; as faces são pretas com manchas brancas; branco também é o lado ventral e a coleira. Nidifica na terra, para o que excava uma galeria de um metro ou mais de penetração, sempre à beira de um barranco e isto muito premeditadamente, de forma a evitar inundação pelas chuvas. A galeria termina em uma câmara, onde o pássaro choca seus ovos brancos sobre um colchão de folhagem.

A denominação desta ave na Amazônia deve ser qualquer coisa semelhante a "Jacurú" ou "Jucurú" ou "Chacurú" (como foi adotado na nomenclatura científica, para uma espécie de vasta distribuição: *Bucco chacuru)* ou "Sucurú" ou "Macurú", grafia esta introduzida por Goeldi (Album, Est. 26, fig. 1, porém com a ressalva: "Indios Tembés"). Marcgrave e Wied registram a denominação indígena do Nordeste "Tamatiá". Também nós registrámos aquí estas vozes indígenas, porém não temos documentação quanto ao seu uso por parte do nosso povo.

João congo ou "Joncongo" — O mesmo que "Guache". Em Sergipe: "João conquinho", segundo Cleómenes Campos.

João corta-pau — Aves da fam. *Caprimulgideos* (veja "Curiango") do gên. *Caprimulgus*, cujo grito parece pronunciar a frase que lhe dá o nome; ouve-se a primeira palavra pouco distintamente, as duas ou três outras seguindo-se rapidamente. O nome aplica-se em especial a *C. rufus*, de côr parda em cima, com delicadas faixas transversais; as penas do vértice e do dorso têm no centro uma mancha preta alongada. O lado inferior é amarelado, com linhas pretas. O macho distingue-se por ter grandes manchas brancas nas retrizes exteriores. A espécie, em sua distribuição por quasi toda a América do Sul, extende-se da Argentina ao Paraná.

João grande — ou "S o c ó" no Sul, ou "M a g u a r í" na Amazônia, é a grande garça da fam. *Ardeideos, Ardea socoi,* a maior das nossas espécies, pois mede 120 cms. de comprimento. A côr do dorso é cinzenta; a cabeça é preta no alto e de igual côr é o penacho da nuca; a cara, o pescoço e o lado ventral são brancos; uma linha de penas pretas percorre o meio do pescoço. De lindo efeito são as delicadas plumas que, à moda de "aigrettes" se sobrepõem à plumagem comum. O bico é amarelo, as pernas pretas. Apezar de não ter o feitio característico e só por ser pernalta grande, os letrados chamam esta ave de "cegonha", mas o povo sabe perfeitamente que "J o ã o g r a n d e" ou "S o c ó" é uma garça, pois basta reparar como traz o pescoço encolhido, ou antes curvado em S, o que as cegonhas não fazem. Só quando descobriu a preza — peixe, anfíbio ou réptil — rapidamente êle distende o longo pescoço, para fisgar o bocado com a ponta aguçada do bico.

João grande — No Rio de Janeiro dá-se êste nome também à grande ave oceânica, o "A l c a t r a z".

João pinto — O mesmo que "S o f r ê".

João pobre — Passarinho da fam. *Tyrannideos, Serpophaga,* de Minas ao Rio Grande do Sul; assemelha-se ao "A l e g r i n h o". E' de côr cinzenta, mais escura no lado dorsal; no vértice nota-se uma mancha branca. Vive de preferência à beira dos rios e é também junto à água que faz seu ninho, por baixo das pontes, nas ribanceiras excavadas, nos telheiros dos engenhos, etc. A construção prima, não pela boa contextura e acabamento, mas pelo cuidado com que o pássaro procura os materiais mais fôfos e macios. À moda de um balanço, o ninho, em forma de cadinho fundo, pende de duas fibras ou raizes e, entretecido com alguns fios, um punhado de musgo abriga um basto colchão de penas, onde são chocados os 3 ovinhos, brancos com ligeiro tom esverdeado.

João teneném — O mesmo que "P i c h o r o r é".

João torresmo — Veja sob "T o r r e s m o" e "P ã o d e g a l i n h a".

João velho — Pica-pau, *Celeus flavescens,* da Baía ao Rio Grande do Sul. E' um dos pica-paus mais interessantes pelo seu aspeto, que realmente dá razão à escolha do nome vulgar. A plumagem do corpo é preta, mas a cabeça é como de um velho encanecido, com longa cabe-

leira ou, diremos mais de acôrdo com a realidade, com penas amarelo-claras, formando um vistoso topete. As coberteiras da cauda são amarelas e de igual côr são as orlas das penas das azas e do dorso. O macho distingue-se por ter bochechas vermelhas. Também é conhecido por "Pica-pau de cabeça amarela".

Jucurú — Veja sob "João bôbo".

Jucurutú — Denominação amazônica do grande "Môcho orelhudo", *Bubo magellanicus*. Veja-se porém, também sob "Murucututú".

Judeu — Na Paraíba só se conhece hoje por êste nome o peixe marinho (que o índio designava como "tembetara"?) aquí registrado como "Papa-terra" ou "Betara".

Jundiá — ou na Amazônia "Jandiá"; a pronúncia original indígena é antes "Nhamdiá". E' difícil definir quais sejam os peixes de couro da família *Pimelodideos* compreendidos sob esta denominação; talvez todos, com exclusão dos tipos especializados e dos "Mandís". Em sentido restrito designa as espécies do gên. *Rhamdia* (nome êste que não é outra coisa sinão a pronúncia indígena, com a inicial errada) que abrange cêrca de 15 espécies; no Brasil meridional são mais comuns *R. sapo, hilari, quelen* e *sebae;* há porém espécies semelhantes aos mandís compreendidos no mesmo gênero *Rhamdia*. Anatomicamente pode-se dizer que os jundiás se distinguem pela fontanela curta ou fechada posteriormente e por não ter ela nenhuma constrição, ao passo que os mandís tem fontanella aberta até o processo occipital, tendo além disso uma constrição posterior aos olhos. Pelo aspeto do corpo, os jundiás são menos elegantes que os mandís, devido a ser mais volumosa a parte anterior e por ser a parte caudal menos delgada, com alguma semelhança, portanto, com os bagres (Veja êste e também sob "Chorolambre". Na Amazônia, porém, a significação primitiva do vocábulo foi mantida e assim abrange muitos outros peixes de couro, inclusive, ao que parece, formas do vulto do sorubim (veja-se o índice da "Pesca" de José Verissimo) e do jaú. A propósito dêste último narra Miranda Ribeiro que em Manáus lhe identificaram tal peixe como "Jundiá de lagôa". Na Amazônia a pronúncia corrente é "Jandiá".

Juó — Ave da fam. *Tinamideos,* do mesmo gênero que os "Inambús". Talvez seja a mesma palavra que "Jaó", pronunciada daquela forma no Brasil central, onde foi registrada para *Crypturus scolopax.*

Jupará "Jupurá" ou "Jurupará" — Não sabemos se "Japurá" também é usado ou si houve apenas um erro tipográfico inicial, depois copiado pelos autores subsequentes, que assim registram o vocábulo. Também é chamado "macaco de meia noite". E' parente próximo do "Mão pelado", portanto carnívoro da fam. *Procyonideos, Potos flavus* (antigamente *Cercoleptes caudivolvulos),* da Baía, Goiaz, Amazônia e daí para o Norte até o México. Mede 80 centímetros de comprimento, porém mais da metade cabe à cauda. A côr é amarelada, com uma faixa escura ao longo do espinhaço. Característica é a cauda longa, fina e além disso preensil, da qual se utilisa à moda dos macacos e daí o nome vulgar, que também alude aos hábitos noturnos do animal, aliás raro. Vive de frutos e vegetais em geral; talvez também aprecie ovos e passarinhos.

(Seja lembrado que na mitologia dos índios amazônicos figura um ente fantástico "Juruparí", do mesmo ciclo a que pertencem o caapora e talvez o sacípererê. Às vezes o juruparí é identificado com o satanaz, mas Barbosa Rodrigues, o emérito conhecedor das lendas indígenas, descreve-o como sendo apenas a personificação do pesadelo, que assusta durante o sono. Veja-se também a interpretação ao nosso ver errada, dada por Graça Aranha, em "Malazarte" pag. 33. Aquí o assinalámos apenas pela semelhança dos dois vocábulos).

Jupatí

Jupatí — Veja "Quica". Talvez sejá aplicado de preferência às espécies de tamanho imediatamente inferior ao "gambá", referindo-se portanto às espécies do gênero *Metachirus.*

Jurara — No Maranhão é o mesmo que "Mussuã". E' aliás o nome genérico, tupí, dos quelônios. Jurara-assú designa a "Tartaruga da Amazônia".

Juritaí — Veja abaixo, sob "Jurutau".

Jurití — O mesmo que "Jurutí".

Jurueba — O mesmo que "Papagaio do peito roxo".

Jurumim — Nome indígena do "Tamanduá bandeira".

Juruparà — O mesmo que "Juparà".

Jurupensem ou "Bôca de colhér" — O mesmo que "Jurupóca".

Jurupixuna — Macaco "de bôca preta"; veja sob "Macaco de cheiro".

Jurupoca ou "Gerupoca". — Peixes de couro da fam. *Pimelodideos*, do grupo do "Sorubim"; como se trata de vários gêneros semelhantes, de vasta distribuição, tanto do sistema amazônico como do platino, o vocábulo não tem significação específica. Ficam aquí compreendidos *Sorubim lima* e *Hemisorubim platyrhynchus*, assim como ainda outras espécies parecidas, das que atingem grandes dimensões, quando têm focinho muito alongado, chato, ou, como diz o nome vulgar, "bôca de colhér" ("Jurupensem").

Jururú — No Norte do Brasil designa um sapo não classificado em Pernambuco, citado pelo Dr. Ad. Lutz.

Jurutau ou "Jurutauí" — Na Amazônia pronuncia-se assim em vez de "Urutau" *(Nyctibius)*.

Jurutí ou "Jurití" — Ave da fam. *Peristerideos*, gên. *Leptotila*, que diferem das pombas chamadas "rôlas" por não terem manchas metálicas nas azas e além disto a primeira pena rêmige da mão é atenuada. São ainda "Jurutís", porém com o qualificativo "pirangas", isto é vermelhas, as espécies do gên. *Geotrygon*, as quais de fato se distinguem pelo lindo colorido roxo-purpúreo do pescoço posterior e do dorso. Em tamanho as jurutís são intermediárias entre as pombas e as rôlas. No Brasil meridional há duas jurutís: *Leptotila reichenbachi*, cujo colorido é o seguinte: dorso bruno avermelhado, frente e garganta alvacentas, vértice cinzento, pescoço e peito roxos, barriga branca; *L. ochroptera* dife-

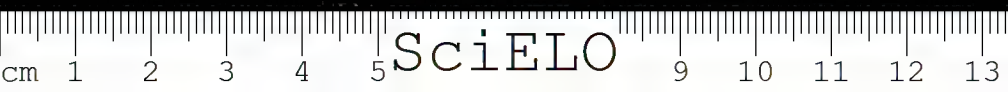
re da precedente por ter o dorso pardo-cinzento e a nuca e o pescoço posterior tem brilho metálico, verde furta-côr. Da Baía para o Norte há uma outra jurutí, *L. rufaxilla,* aliás pouco diferente.

Como o Benteví e a Araponga, a jurutí é também uma das aves mais características e conhecidas nas regiões onde ainda haja passaredo. De manhã cedo gosta de vagar pelos trilhos da capoeira, pois é aí que encontra seu almoço, ora uma semente, ora um inseto ou um verme. Sua voz é um ru-gu-gu-gu-hu melancólico, como que soprado e no entanto audível a grande distância. E' considerada boa caça, mas para surpreendê-la é preciso andar cauteloso à sua procura, pois em geral ela foge logo e só se ouve o bater das azas por entre as moitas.

(Jurutí pepena) — Na Amazônia designa uma pomba mística, encantada, que paraliza as suas vítimas (em tupí "p e p e n a" — aquele que faz quebrar). J. Verissimo, Cenas da Vida Amazônica, pág. 64 diz: "uma ave fantástica, que canta perto de vós e não a vedes, que está talvez à vossa cabeceira e a não sentis; ouvireis o pio lúgubre da ave, sem que possais jamais descobrí-la. Isto é para os índios objeto de grande terror, a ponto de não consentirem que se fale no Jurití-pepena com menosprêzo. Aqueles a quem êsse ente fabuloso acerta de escolher para vítima de seus malefícios, acaba paralítico".

Jurutí piranga "J. v e r m e l h a" ou "V e v u i a" — Do gên. *Geotrygon,* que difere de *Leptotila,* como já foi dito sob Jurutí, por não ter a primeira rêmige atenuada. *G. montana* é de todo o Brasil e estende-se também até o México; *G. violacea,* que só ocorre de S. Paulo para o Norte, lhe é semelhante, mas o lado ventral é mais branco e o colorido do dorso mais vivo.

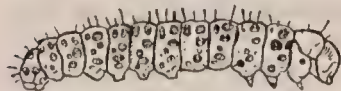
E' pomba que pouco vôa e constantemente se a vê catando seu alimento no chão, ao mesmo tempo que se distrai cantando, si assim se puder qualificar seu monótono ñ-ñ-ñ, inteiramente nasal e um tanto prolongado; só o macho muda um pouco de voz, quando arrula.

Juruva ou "T a q u a r a" ou "U d ú" (Hudu) — Aves da fam. *Momotideos,* do porte dos Anús, pouco conhecidas do povo, porque as quatro espécies compreendidas sob êste nome são habitantes da mata. O colorido é belo, verde em cima, castanho claro em baixo, a cabeça ornada de azul de vários matizes, preto e vermelho queimado. A cauda é longa e em algumas espécies as duas penas medianas que sobresaem tem um pequeno trecho sub-

L

Lacraia — O mesmo que "C e n t o p e i a"; veja "L a c r a u". Em Sergipe, porém, segundo afirmação do Sr. Cleómenes Campos, lacraia é sinônimo de "E s c o r - p i ã o", o que aliás concorda com a opinião do povo em várias outras regiões do país e a mesma confusão se repete nos verbetes seguintes.

Lacrainha — Devido, certamente, à confusão a que acima aludimos, êste diminutivo de lacraia designa os *Forficulideos* (veja "T e s o u r a"), que até certo ponto imitam os escorpiões e com os quais vagamente se parecem, mais do que com as lacraias (Centopeias).

Lacrau — E' propriamente sinônimo de "E s c o r - p i ã o"; o povo, porém, estabelecendo certa confusão, aplica às vezes também esta denominação às "C e n t o - p e i a s" (lacraias), devido à semelhança dos nomes e por serem ambos artrópodes venenosos. Aliás esta confusão da nomenclatura já nos veiu de Portugal, onde, (conforme o diz o prof. A. de Vasconcellos, "Museus Escolares" pág. 134) os escorpiões são denominados lacraus e também alacraus e alacraias. Veja-se também "L i - c r a n ç o".

Lagarta — Larvas dos lepidópteros, na fase subsequente ao ovo; comendo vorazmente, crescem, sofrendo sucessivas mudas da pele, ao todo 4 ou 6 vezes. Com exceção das "T r a ç a s", que se alimentam de substâncias de origem animal, tôdas as lagartas comem unicamente substâncias vegetais e assim causam dano, às vezes considerável, à agricultura. A regra é ter cada espécie predileção por uma determinada folha vegetal; há porém algumas mais ecléticas. Há lagartas que vivem no interior dos caules ("Lépidobrocas") e outras que se desenvolvem dentro dos frutos. Tendo atingido completo desenvolvimento, transformam-se em crisálida ou tecem casulos de fios de sêda, para passarem à fase de ninfa, da qual surgirá o lepidóptero adulto. (Veja estampa da pg. 398).

Lagarta

O corpo da lagarta é roliço, vermiforme, constituido pelos seguintes segmentos: cabe, 3 segmentos toracais provido de patas e 9 segmentos correspondentes ao abdômen, dos quais 4, os intermediários e o último, têm falsas patas; eis a forma normal:

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 (segmentos)
C- I- II- III- O- O- 1- 1- 1- 1- O- O- A- (pés)

Só a cabeça (C) e os segmentos assinalados por O não têm patas. Há porém numerosas exceções também nesse sentido. Nomes especiais de larvas são "Traça", "Mede-palmo", "Marandová", "Tatarona", "Curuquerê" e poucos mais.

Lagarta-aranha ou "Sauí" — No Rio Grande do Sul são assim chamadas as lagartas das mariposas da fam. *Cochlidiideos (Limacodideos)*, particularmente as do gên. *Phobetron*, devido ao seu feitio estranho, pela disposição dos pêlos reunidos em feixes, que simulam as pernas de aranhas cabeludas.

Lagarta de fogo — O Dr. A. Neiva registrou (Viagem Científica, pág. 113) esta denominação, aplicada às larvas e fêmeas ápteras de besouros fosforescentes. (Veja sob "Vagalume").

Como às vezes são encontradas sobre cupins, o cientista explica em parte pela presença delas a conhecida luminosidade daquelas habitações dos Termitídeos. (Veja sob "Cupim").

Lagarta de fogo — No Nordeste, Sergipe e Pernambuco, é o mesmo que "Tatorana".

Lagarta do milharal — Esporadicamente e às vezes em enorme quantidade, a lagarta da mariposinha da fam. *Noctuideos, Mocis repanda*, ataca várias gramíneas, a cana e principalmente o milho. A lagarta crescida atinge 40 mms. de comprimento e o corpo, cilíndrico e alongado, é percorrido em sentido longitudinal por várias linhas pardas ou pretas, sendo a faixa mediana a mais larga. Para metamorfosear, tece ligeiro casulo, meio oculto entre as dobras das folhas e a mariposa que surge, mede 40 mms. de envergadura; pousa com as azas juntadas obliquamente em forma de teto.

Para combater a praga em plantações maiores, às vezes convem gastar verde París. Si fôr possível, basta circunscrever a zona atacada, sulcando a terra com o arado, de modo a formar 3 ou 4 valetas paralelas e traçadas

de maneira que a parede vertical do sulco impeça as lagartas de avançar em direção ao milharal indene. De espaço em espaço cavam-se buracos mais fundos dentro do sulco, para que as lagartas caiam nessas armadilhas, onde serão esmagadas. Às vezes é preciso sacrificar algumas carreiras de milho, para impedir, por meio dos mencionados sulcos, que a praga avance.

Lagarta pêlo de veado — O mesmo que "Lagarta sussuarana". Veja sob "Tatorana".

Lagarta rosada ou "L. rósea" — E' nome introduzido recentemente na literatura da entomologia econômica e traduzido do inglês: "pink (boll) worm". E' a lagarta da pequena mariposa da fam. *Tincideos, Platydera grossypiella*, terrível praga dos algodoeiros, hoje cosmopolita. O mal causado é conhecido no Norte por "Seca" ou "Eclipse"; as maçãs são corroídas pela lagartinha e portanto a colheita baixa consideravelmente em quantidade e no valor.

A lagarta a princípio é branca; mais tarde torna-se branco-amarelada com manchas e pintas róseas ou côr de carne, sobre os aneis; a cabeça é parda, brilhante e um escudo sobre o primeiro anel do tórax, de côr um pouco mais clara que a cabeça, apresenta no meio uma linha clara longitudinal; atinge 10 a 12 mms. de comprimento. Para passar ao estado de crisálida, a lagarta sai do capulho e tece um casulo muito fino, fusiforme, branco, de 8 mms. de comprimento. Dêle emerge a mariposa, cuja envergadura é de 15 a 19 mms. As azas são de côr bronzeada clara, com pontas denegridas e da mesma côr são uma faixa antes da ponta e uma mancha arredondada no meio de cada aza. A única precaução, de que se pode valer o agricultor, é evitar as sementes doentes, isto é que contenham lagartas. Por isto é indispensável desinfetar tôdas as sementes, ou por meio de sulfureto de carbono ou pela aplicação de ar quente, a 60° durante 5 minutos.

Lagartinho — Qualquer lagarto pequeno, mas em especial a "Taraguira".

Lagartixa — Denominação que abrange diversas espécies de *Lacertileos*, de várias famílias, porém especialmente as da fam. *Iguanideos* (à qual também pertencem o grande "Camaleão" e os "Papa-ventos") bem como espécies menores da família de que entre outros faz parte o "Teiú".

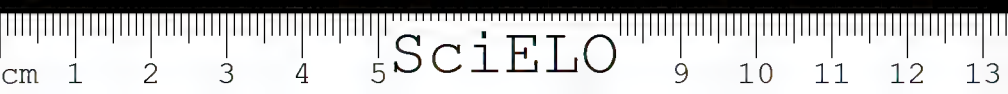
Não há caráter certo que os defina e parece que o têrmo é tomado geralmente na acepção de "l a g a r t o p e q u e n o". Há contudo uma lagartixa especial: a da fam. *Geckonideos, Hemidactylus mabuia,* que atinge no máximo 15 a 17 cms. de comprimento; a côr é terrosa, com numerosas faixas transversais, às vezes um tanto apagadas. E' muito comum e conhecida, principalmente nas regiões quentes do litoral e aí, à noite, vem passear pelas paredes das casas, à cata de insetos. Sua pátria é a África, de onde nos veiu nos navios negreiros.

Lagartixas (à direita a espécie importada da África e seu ovo)

Há, além desta, ainda algumas espécies indígenas da mesma família, caracterizadas por terem dedos dilatados e providos, em baixo, de lâminas transversais, dispositivo êste que lhes permite correr pelas pedreiras e subir pelas paredes. O ovo, minúsculo, é quasi redondo. No Pará essa lagartixa é conhecida pelo nome português "O s g a".

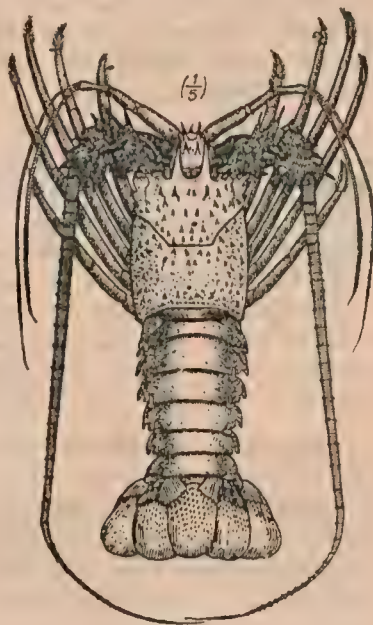
Lagarto — Compreende os répteis da ordem dos *Lacertilios,* talvez umas 120 ou 130 espécies; no Sul designa, em particular, os da fam. *Teiideos,* a que pertence o grande "lagarto comum" (veja "T e i ú").

Lagarto do mar — Peixe do mar, da fam. *Synodontideos, Synodus intermedius,* que, de acôrdo com o nome vulgar, tem efetivamente cabeça semelhante à de certos lagartos. Não tem valor econômico. Veja-se também sob "C a l a n g o" (peixe).

LAGARTO

(Lagarto salvador) — O Pe. Badariotti menciona sob êste nome uma espécie de lagarto vermelho, do Norte de Mato Grosso "maior que o lagarto comum, ou "t e i - j ú"; é animal corajoso, que às vezes avança para o viajante" (naturalmente só quando por êste molestado). Parece-nos que tal denominação seja apenas uma combinação lembrada pelo autor, que assim quiz vulgarizar o antigo nome genérico "*Salvator*", aliás sinônimo de *Tupinambis*, que abrange os grandes lagartos.

Lagosta — Crustáceos decápodes macruros, da fam. *Palinurideos; Panulirus argus* é o representante entre nós do lagostim europeu *(Palinurus vulgaris)*; além disso outras espécies da mesma família, como *Panulirus laevicauda*, ocorrem em nossa fauna, mas não têm tesouras nos 3 primeiros pares de patas, como as outras lagostas européias *(Homarus vulgaris* pertence à família *Astacideos* e à qual, em Portugal cabe o nome especifico "Lavagante", bem como *Nephrops*, lá denominado "L a g o s t i m"). As nossas lagostas pouco aparecem nos mercados do sul do país, quando é certo serem muito apreciadas e muito superiores às lagostas em conserva, que importamos em grande quantidade.

Lagosta

Ao sul só chegam até a ilha de São Sebastião, já não sendo mais pescadas em Santos. Em Pernambuco e na Paraíba há zonas em que a pesca da lagosta se faz em larga escala. Cada pescador dispõe de um grande número de cóvos, cestas pentagonais, chatas, de cêrca de 2 ms. de comprimento. Fundeadas no mar, são elas revistadas cada semana e é admirável como o pescador, sem muito procurar, acerta com o lugar onde as deixou, às vezes a algumas milhas da praia.

Quando as lagostas não podem ser levadas logo para o mercado, afim de melhor se conservarem são mergulhadas vivas em água fervente, com o que sua casca se torna vermelha.

A fêmea, ao desovar, cola os ovos aos pés abdominais, não só para ficarem os ovos assim melhor protegidos mas também porque o embrião atinge fase larval muito adiantada; assim a multiplicação dêste crustáceo é abundente, fato êste que muito favorece a pescaria. Tateando, embora, a indústria do enlatamento da lagosta vai se aperfeiçoando e também a exportação da lagosta fresca provavelmente em breve será iniciada em larga escala, fazendo tudo isto prever um grande desenvolvimento desta pescaria. De acôrdo com tal intensificação, a fiscalização da pesca deverá ser mais rigorosa, para impedir o empobrecimento.

Lagosta de água doce — Sob êste nome é levado ao mercado o grande "C a m a r ã o d e á g u a d o c e" (fam. *Palaemonideos) Bithynis jamaicensis*, que alcança 20 cms. de comprimento, só o corpo (exclusive a mão muito desenvolvida, que principalmente nos machos possue tenazes fortes e armadas de espinhos). O colorido do corpo é esverdeado, listrado de roxo. Figura no mercado com o falso nome de "l a g o s t a", quando efetivamente, e também no entender da cozinheira, é um legítimo "c a m a r ã o" grande. No Norte do país é o "P i t ú".

Lagosta gafanhoto — O mesmo que "T a m a r u t a c a".

Lagostim — Crustáceo Decápode macruro, marinho, da fam. *Scyllarideos*, *Scyllarus aequinoctialis*, semelhante à nossa lagosta, mas sem as antenas longas daquela. Em Pernambuco é conhecido por lagosta "s a p a t e i r a". Na Baía confunde-se, segundo A. Neiva, sob êste nome, a verdadeira lagosta *(Panulirus argus)*; no Rio de Janeiro "L a g o s t i m" às vezes é sinônimo de "l a g o s t a d'á g u a d o c e", aliás devido à confusão estabelecida pela nomenclatura de origem européia, referente ao *Astacus fluviatilis*, que não existe em nossa fauna e que vive na água doce. Veja-se também o que ficou dito acima, sob "L a g o s t a", quanto à confusão da nomenclatura européia, referente a espécies da fam. *Astacideos*, que não ocorrem em nossa fauna, com as espécies correspondentes sulamericanas.

(Lamantino) — E' a denominação européia dada ao nosso "P e i x e b o i". Alguns escritores tendem a dar-lhe curso entre nós, quando evidentemente não precisamos de tal neologismo — e muito menos com acepção errada. (Veja-se — Apostilas de Pe. Teschauer, 1923, baseado em outro autor, que confunde as várias espécies de animais distintos: Peixe boi, foca e lôbo marinho!).

Lambarí ou, no Nordeste, "P i a b a" — Abrange todos os pequenos peixes de escama d'água doce, da fam. *Characideos*, sub-fam. *Tetragonopterineos*, caracterizados pelos dentes incisivos serrilhados. (Veja estampa da pg. 582).

Trata-se de aproximadamente 150 espécies brasileiras, que os zoólogos antigamente reuniam quasi todos no

Lambarís

gênero *Tetragonopterus*, hoje sub-dividido em *Hemigrammus, Moenkhausia, Astyanax* e muitos outros.

A alimentação dos lambarís é mixta: vegetais delicados, insetos, larvas dêstes e mesmo algum peixinho miúdo lhes apetece. Em águas abertas, onde encontram alimento variado, não se pode atribuir-lhes maior eficiência na destruição das larvas dos mosquitos. Muito ao contrário, pôde o "Serviço da Febre Amarela" (Rockefeller) tirar grande proveito das "piabas" *(Astyanax)* no Nordeste, em se tratando de eliminar as larvas do mosquito domiciliar *Aedes aegypti*, que se criam nas "fôrmas" e outros depósitos caseiros. Não encontrando outro alimento, a piaba gulosamente devora tôdas as larvas de *Culicideos*, que se criam na água.

São em geral peixes de pequenas dimensões e por isso não têm valor no mercado; é mais a título de diversão que se os pesca. Basta uma linha, das de costura e um alfinete recurvado, para pegá-los e é rara a água de riacho ou açude em que não abundem. Algumas espécies têm desenho preto, muitas tem nadadeiras vermelhas ou

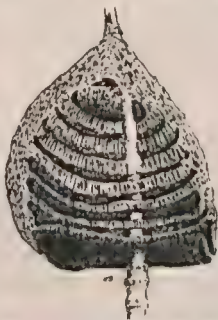
amarelas; daí os nomes vulgares: "Lambarí de rabo vermelho", "L. listrado", "Prata", "Sardinha", etc. com o que, porém, não é possível distinguir as numerosas espécies. Na Amazônia não são conhecidos por lambarís mas por "Matupirís" e em todo o Nordeste e no litoral até o Rio de Janeiro dá-se-lhes o nome de "piabas". "Lambarí piquira" ou simplesmente "Piquira" designa as espécies menores (São Paulo e Minas). O "Canivete", de 5 cms. de comprimento, não é lambarí verdadeiro. "Lambarí bocarra" é o mesmo que "Saguirú". "Tambiú" é o lambarí grande, de rabo amarelo.

Os lambarís proporcionam material muito interessante a quem quizer estudar a desova dos peixes. No tempo da procreação, os machos dos *Tetragonopterineos* têm a nadadeira anal áspera, porque se reveste de fileiras de finos espinhos, que mais tarde desaparecem. As fêmeas permanecem ovadas durante vários meses; a desova faz-se parceladamente. Querendo forçar a desova em dado momento, basta injetar no casal a hipófise de um peixe maior (por exemplo de uma traíra de 30 cms.). Prepara-se, triturando bem a hipófise e diluindo em 0,5 cm^3 de solução fisiológica; injeta-se metade em cada exemplar, na região dorsal. Mantidos em aquário, cinco horas após a injeção observa-se que o macho persegue a fêmea, a qual, por fim, expele um jato de óvulos, que o macho rega com o líquido fecundante. A evolução dos ovos pode ser acompanhada ao microscópio, quando se os mantém em pouca água numa placa de vidro; com temperatura de 24° C. os peixinhos nascem após 19 horas. E', como se vê, o material mais interessante e adequado que se possa imaginar, para a demonstração da evolução de vertebrados, em aulas de biologia.

Lambe-olhos — Na Amazônia e em Mato Grosso, ouvimos também o têrmo "lambe papo". São as menores abelhas sociais da fam. *Meliponideos,* principalmente *Trigona duckei,* cujo tamanho é comparável a uma cabeça de alfinete (1 mm. 75), sendo assim a menor de tôdas as abelhas do mundo. Têm o hábito de voar para a vista das pessoas, provocando forte irritação, porque, além do mal que faz como corpo extranho, ao que parece, ainda desprende uma secreção ácida.

Nidifica em troncos e as células de incubação são isoladas. (Veja-se sob "Frecheira"). Na Amazônia é esta minúscula abelha uma praga conhecida e frequen-

te, principalmente nas "várzeas", em certas épocas. Veja-se também sob "M i r i m".

Lamborina — No Sul de Minas Gerais é conhecida por êste nome uma grande vespa social. Pela descrição não pode deixar de ser a *Polybia dimidiata*, do porte das grandes vespas "C a b o c l o", mas com cabeça e tórax pretos e abdômen côr de telha. O ninho, pelo aspeto externo, confunde-se com o dos cupins arbóreos, mais ou menos cônicos e não raro atinge mais de 1 metro de altura. A "L a m b o r i n a" é de índole muito bravia e devido às suas dimensões, maiores que as da "C a s s u n u n g a", é temida tanto como esta, o que equivale dizer que ao redor de seu ninho, em largo círculo, se estabelece uma zona neutra, que todos respeitam.

Ninho de vespa: Lamborina

(Lapa) — Não foi adotada no Brasil esta denominação, usada em Portugal para designar os moluscos *Nudibranchios* e para os quais aquí não conhecemos nome vulgar equivalente.

Efetivamente estas lesmas marinhas poucas vezes aparecem em quantidade tal que impressionem o pescador (ao passo que em Portugal as espécies mais abundantes do gên. *Doris* são levadas para o mercado, porém as *Siphonaria*, conhecidas por "Lapa moira", por serem amargas, não são comestíveis).

Segundo H. v. Ihering foram até agora identificadas apenas cerca de 40 espécies brasileiras, mas, procedendo-se a melhores estudos oceanográficos, esta lista será grandemente aumentada, talvez para o dobro. Muitas dessas espécies atingem maiores dimensões, cêrca de 10 cms., e seu colorido não raro rivaliza com o das mais lindas medusas e outros seres marinhos de côres irisadas.

Algumas espécies podem, como o polvo, turvar a água com substância colorante, para assim escapar à perseguição.

Lapa — Em Santa Catarina dá-se o mesmo nome "L a p a" (veja supra) aos Gasterópodes cuja concha é uma simples tigelinha ou tampinha, quasi sempre com ápice acuminado *(Patella)* ou perfurado *(Fissurella)*. Es-

tas espécies são comestível e parece que também em Portugal se aplica igual nome às espécies correspondentes.

Lava-bunda — O mesmo que "L a v a n d e i r a", isto é as Libélulas, da ordem dos *Odonatos*. Assim são chamadas porque, ao voarem sobre a água, rente com a superfície, de vez em vez molham a extremidade do abdômen.

Lava-pés — Formiga da fam. *Myrmecideos, Solenopsis geminata*, também chamada "C a g a f o g o" ou "F o r m i g a d e f o g o", que ao redor do olheiro de seu ninho subterrâneo dispõe uma cratera de grumos de terra. Os nomes fazem alusão às suas ferroadas muito dolorosas; veja-se o que ficou dito sob "F o r m i g a d e f o g o". Trata-se, aliás, de uma espécie comum a tôdas as regiões tropicais e sub-tropicais, sendo curioso que em dadas circunstâncias se torne sumamente nociva, ao passo que em outras terras faça sentir muito menos sua ação. (Veja-se sob "F o r m i g a d e f o g o").

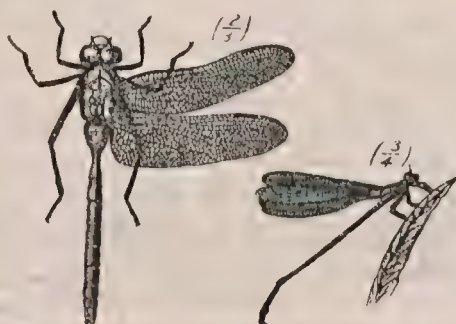
Lavadeira ou "L a v a n d e i r a" — Pássaros da fam. *Tyrannideos*, principalmente *Taenioptera irupero*

Lavadeira

(conhecida por "P o m b i n h a d a s A l m a s" no Sul), cinzento claro em cima, branco em baixo, aza mais escura com espelho branco, e *Fluvicola climazura*, um pouco menor, com uma lista preta em continuação ao bico, passando sobre os olhos e perdendo-se na nuca. Na Baía e em

outros Estados do Norte, principalmente esta última espécie é tão comum nas cidades como o "tico-tico" no Brasil meridional. O nome "Lavandeira" lhes vem do fato de preferirem a vizinhança dos rios, em cujas margens constroem seus ninhos, sobre arbustos. Têm ainda o mesmo nome vulgar *Arundinicola leucocephala*, cujo macho é preto e só a cabeça e a garganta são inteiramente brancas, pelo que no Sul seu nome é "Viuvinha"; a respectiva fêmea, porém, tem o colorido das outras "lavadeiras", isto é cinzento claro em cima e branco em baixo.

No Pará *Fluvicola albiventris* chama-se "Lavadeira de Nossa Senhora" e aí também cabe o mesmo nome à *Arundinicola leucocephala*. "Lavadeira grande" é *Taenioptera velata*, que é outra "Pombinha das Almas" do Sul.

Lavandeira — ou "Lava-bunda", "Pito", "Cavalo de cão", ou "Cavalinho de Judeu", "Calunga ou "Cambito". (A denominação portuguesa,

Libélulas

"Donzelo", não é usada no Brasil). Compreende tôdas as espécies de insetos da ordem *Odonatas*, fam. *Libellulideos*, também conhecidos em linguagem erudita por "Libélulas". (Ver estampa da pg. 398).

O abdômen é muito fino e longo, a cabeça grande, com olhos enormes e maxilares muito desenvolvidos; os dois pares de azas são hialinas, abundantemente reticuladas e às vezes com lindo colorido purpúreo, azul ou amarelo. Voam rápidas, caçando minúsculos insetos de que se alimentam; vivem quasi sempre junto ou sobre a água. Aí se criam suas larvas, puramente aquáticas, caracteri-

zadas por um curioso aparelho, a "mascara", que, dobrado sobre si mesmo, forma um longo queixo na parte inferior da cabeça. São vorazes e não deixam de ter sua utilidade, pois dão caça às larvas de mosquitos; além disto, por sua vez, fornecem alimento, apreciado pelos peixes insectívoros.

As larvas das espécies maiores tornam-se, porém, prejudiciais à multiplicação dos peixes, pois devoram os peixinhos recém-nascidos. Referimo-nos até aquí às formas maiores, cujas azas posteriores são maiores, mais largas que as anteriores; sua nervatura é reforçada e de fato desta forma tais libélulas são capazes de vôo muito rápido, ao que aliam grande agilidade e elegância no voltear — que o digam os colecionadores quanto custa apanhá-las com a redinha de caçar borboletas! Além disto caracteriza esta subordem o modo como pousam, com as quatro azas distendidas em plano horizontal. Estas libélulas constituem a subordem dos *Anisopteros.*

Na subordem dos *Zygopteros*, ao contrário, as quatro azas são dobradas para trás, acompanhando pois, a linha do abdômen; além disto os dois pares de azas são de igual feitio e tamanho e o colorido é em geral delicado e às vezes brilhante. As larvas desta subordem têm na extremidade do abdômen três folíolos ricamente vascularizados por traquéias, para a respiração aquática. Ao contrário, as larvas dos *Anisopteros*, de corpo e principalmente abdômen mais grosso, adotaram um modo de respirar muito curioso. A parte final do tubo digestivo, o reto, é dilatado e amplamente provido de traquéias; sugando água pelo anus e expelindo-a, alternadamente, o inseto consegue o mesmo efeito que o peixe com a respiração branquial. Mas, além disto, a larva aproveita o jato d'água, expelido com força, como energia propulsora e, de fato assim consegue boa natação... e além do mais, muito original.

Leão marinho — Veja sob "L o b o d o m a r".

(Lebre) — A verdadeira lebre européia é substituida entre nós pelo "T a p i t í" (veja êste).

Lecheguana ou "L i x i g u a n a". — No Rio Grande do Sul e talvez ainda mais para o Norte, designa uma vespa social (fam. *Vespideos, Nectarina lecheguana,* a mesma "S i s s u í r a" da Amazônia), de índole bravia e que constrói ninhos quasi esféricos, com favos também dispostos concentricamente, como si fossem esferas, sucessivamente maiores, abrangidas uma pelas outras. Em

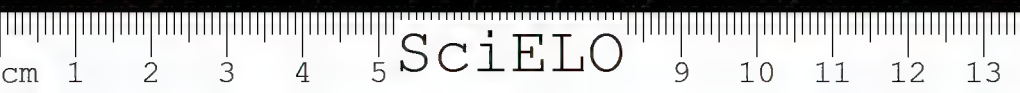
geral, principalmente durante os meses mais frios, há certa quantidade de mel acumulado nas células (aliás as mesmas nas quais se criarão depois as larvas, não havendo portanto diferença entre células de depósito e de criação, como é regra entre as abelhas).

Êste mel tem, contudo, fama de ser às vezes venenoso e o célebre naturalista Saint-Hilaire descreve a respeito uma curiosa cena: Tendo seus companheiros de excursão saboreado mel de lecheguana, foram todos acometidos de sintomas de envenenamento; o proprio Saint-Hilaire, que provára apenas duas colheradas e que logo usára de um vomitório, sofreu ataques de riso e de chôro. Os camaradas, porém, que haviam ingerido maior quantidade, ficaram como que possessos, correndo ou galopando pelo campo e despedaçando a roupa, até cairem por terra, estonteados e abatidos. Cremos, contudo, que só excepcionalmente o mel dessa vespa é assim venenoso, devido, provavelmente, à má proveniência, de determinadas flores de plantas tóxicas; confirmam o fato observações mais ou menos idênticas, referentes, porém, ao mel de várias outras vespas, que, contudo normalmente não produzem mel tóxico.

Nem a lecheguana goza mau conceito da parte do povo, tanto assim que o Pe. Teschauer registra em suas "Apostillas" (1914) uma curiosa locução riograndense, da qual se depreende que êsse mel é apreciado. A locução "tirar lecheguana" significa "passar uma noite com muito frio", o que o Pe. Teschauer interpreta como alusão à necessidade de se envolver em muita coberta, à semelhança da precaução que tomará quem irá se expôr às ferroadas da vespa.

Lecre — Provavelmente "Leque", o mesmo que "Papa mosca real", cuja cabeça é enfeitada por um leque vistoso.

Lêndea — E' o ovo do piolho, aderente à base do cabelo; a eclosão dá-se no 6.º dia e no 18.º o respectivo piolho atinge a fase adulta. Uma fêmea pode pôr 80 a 100 ovos durante sua vida. Tratamento: untar o couro cabeludo, à noite, com petróleo e azeite doce (partes iguais) e lavar de manhã com sabão e água morna. O mesmo têrmo aplica-se também aos ovos dos "percevejos da cama".

Lepisma — Nome científico, que tende a ter divulgação entre nós, para designar os insetos conhecidos por "Traças dos livros" (Veja êste).

Leque — O molusco marinho da fam. *Pectinideos*, *Pecten nodosus*, cuja concha, como diz o nome vulgar, tem mais ou menos a forma de um leque.

Lesma — Moluscos gasterópodes terrestres, da subordem *Pulmonados*, fam. *Vaginulideos* (antigo gên. *Veronicella)*, desprovidos de concha. Há em nossa fauna várias espécies de diversos gêneros. O corpo é alongado, nú, com um par de tentáculos retráteis, sobre os quais se acham os olhos. Confundem-se geralmente sob o mesmo nome os vermes *Platyhelminthos*, *Turbellarios* (ou *Planarias)* da fam. *Geoplanideos*, alguns realmente muito semelhantes àqueles moluscos, pelo aspeto geral; mas faltam-lhes os tentáculos. Há, entre êstes últimos, espécies de lindo colorido, chamaloteado ou em listras longitudinais, amarelas ou vermelhas; *Placocephalus kewensis*, com linha tripla sobre o dorso e cabeça semilunar é espécie importada, aliás cosmopolita.

Lesmas
(No alto Pulmonado e em baixo Turbelarios)

Lesma do coqueiro — E' em Pernambuco o mesmo que "B a r a t a s d o s c o q u e i r o s", isto é a forma larval dos coleópteros do gên. *Mecistomelas*.

Lesma do mar — Equinodermas da ordem *Holothuroides*, sem esqueleto, vermiformes, com simetria radial transtornada e com numerosos tentáculos ramificados ao redor da bôca. Vivem no fundo do mar, locomovendo-se à moda das lesmas.

Libélulas — O mesmo que "L a v a n d e i r a s".

(Liça) — Em Portugal é um dos vários sinônimos de "T a i n h a".

Licranço — E' o que no Brasil podemos considerar um nome sem dono. Em Portugal designa o lacertílio também chamado "C o b r a d e v i d r o", do gên. *Anguis*, aliás estranho à nossa fauna e impropriamente aplicam-

no igualmente às *Amphisbaenas*, conhecidas aquí por "C o b r a s d e d u a s c a b e ç a s". Além disto, em consequência a uma confusão de idéias ou de dois nomes parecidos, o lacrau, (escorpião) também é erradamente alcunhado licranço e daí o dito popular, em Portugal: "mordedura de licranço não tem hora nem descanço" (Prof. A. de Vasconcellos, "Museus Escolares" pag. 134) — ou em hespanhol: "Si te pica un *arraclan*, yá no comerás más pan". Imagine-se agora semelhante alhada zoológica transplantada para o Brasil, onde nem se quer existe o *Anguis*. Querendo de qualquer forma usar o nome, o descendente do português aplicou-o a outros lacertílios, em concorrência ao termo "lagartixa", mais generalizado. Nunca, porém, deve envolver a idéia de "bicho venenoso".

Limão ou "L i m ã o c a n u d o" — Nome de uma abelha social, *Melipona (Trigona) limão*, também conhecida por "I r a x i m". (Veja esta).

Limpa campo — Não podemos identificar ao certo as espécies de cobras a que se refere esta denominação. Tivemos informação pelas quais no Norte designa a "C o b r a n o v a" do Sul, isto é *Drymobius;* outros autores da Amazônia identificam-na com *Spilotus*, que no Sul é conhecida por "C a n i n a n a". Esta última denominação também é usada na Amazônia, aplicada, porém, a uma espécie diferente, ainda que afim, *Phrynonax sulphureus* (descrita por Dum. & Bibron como *"Spilotes poecilostoma")*.

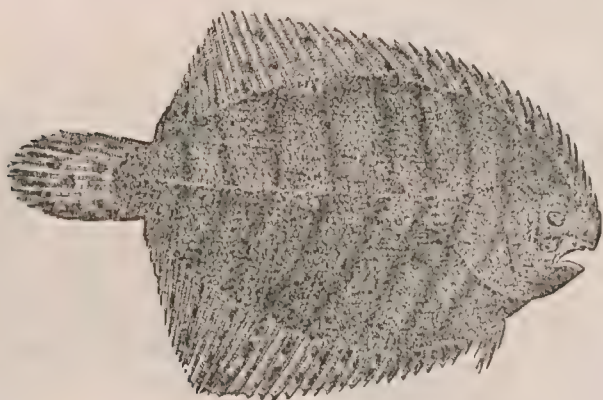
Afranio do Amaral identifica, porém, tanto "L i m p a c a m p o" como as seguintes (L. mato, L. pasto) com a "M u s s u r a n a" *(O. claelia)*, forçando talvez com razão a idéia da "limpeza", em que insistem os nomes vulgares e que lembram, agradecidos, os trabalhos benéficos da cobra devoradora de serpentes.

Limpa mato — Nome de outra cobra do Estado do Espírito Santo, cuja identificação zoológica ainda depende do confronto de espécimens autênticos. Pela mesma razão acima aludida, talvez seja sinônimo de "M u s s u r a n a".

Limpa pasto — A mesma observação como supra.

Linguado ou "A r a m a ç á" — Peixes do mar do grupo *Heterosomata*, ao qual também pertencem as "S o l h a s". Descrevemos aquí, em conjunto, o feitio característico dêstes dois grupos, porque a sub-divisão em *Pleuro-*

nectideos e *Soleideos* é difícil para alguns tipos intermediários. (Veja-se "S o l h a").

O corpo é achatado, de tal forma que antes parece uma fatia de peixe, com nadadeiras nos bordos; uma das faces, a inferior, não tem orgãos de sentido nem coloridos; a face superior é pigmentada e aí se acham os dois olhos e as duas narinas. Os peixes novos, no estado larval, são simétricos, podendo-se acompanhar, durante sua evolução, a torção que sofre o corpo, até atingir essa assimetria. Há no Brasil numerosas espécies, cêrca de 25,

Linguado

entre linguados e solhas, estas vulgarmente conhecidas, tambem por "Tapa" e todas elas muito apreciadas, como aliás o são em todo o mundo. O linguado que atinge maiores dimensões, até 1 metro, é *Paralichthys brasiliensis*. "C a t r a i o", no Rio Grande do Sul, designa talvez essa mesma espécie, pois é aplicado a um linguado que alcança 1 metro de comprimento, pesando até 12 quilos. (Veja estampa da pg. 182).

"R o d o v a l h o" é o nome usado em Portugal para certos *Pleuronectideos* (do gên. *Rhombus*, de contôrno quasi redondo) e raras vezes é empregado entre nós, aplicado às espécies semelhantes de nossa fauna.

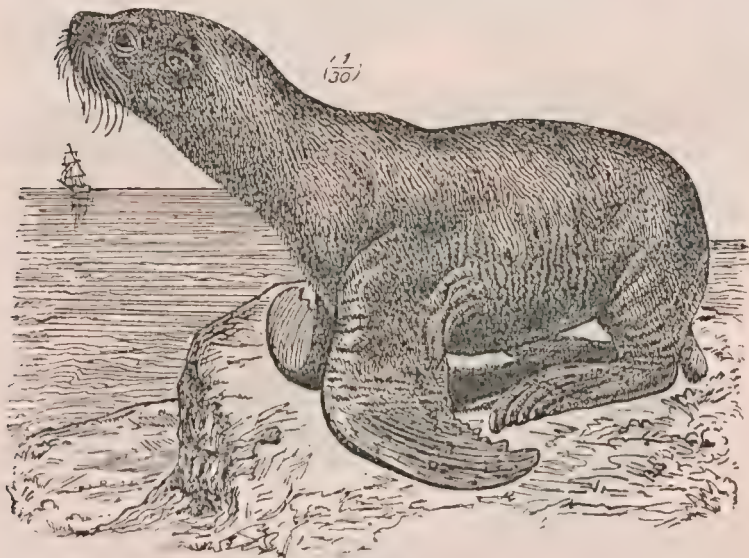
Linguado lixa — Veja sob "T a p a".

Linguarudo — Veja sob "P a v a c a r é".

Lixiguana — Veja sob "L e c h e g u a n a".

Loango — Veja sob "S o r u b i m".

(Lôbo) — Nome do Canídeo europeu *Canis lupus*, impropriamente dado no Brasil à nossa maior espécie do gên. *Canis*, o "G u a r á".

Lôbo do mar "L e ã o m a r i n h o" ou "U r s o d o m a r" — São os grandes mamíferos marinhos, carnívoros, *Pinnipedios*, cujos dois pares de extremidades se acham transformados em nadadeiras, como nas focas; estas últimas, porém, não têm orelhas, ao contrário das

Lôbo do mar

espécies de que aquí tratamos, providas de pequeno pavilhão. Pertencem estas à fam. *Otariídeos*, mas são apenas de arribação em nosso litoral, onde vem ter arrastados pelos pampeiros, trazidos de sua pátria, que são os mares polares. A Ilha dos Lôbos, em frente de Torres, no Rio Grande do Sul, teve êsse nome provavelmente por ser de vez em quando visitada por êsses mamíferos aquáticos. Só raramente chegam até Santos ou mesmo ao Rio de Janeiro, as duas espécies seguintes: o lôbo do mar maior, *Otaria byronia*, que atinge 3 metros e tem uma sorte de juba leonina, e o lôbo do mar menor, *Arctocephalus australis*, o qual, quando bem crescido, é apenas um pouco menor do que o precedente e de pele côr de prata fosca. O episódio narrado por Pero Magalhães Gandavo, re-

ferente à luta de um monstro desconhecido, "Y p o p i á- r a" dos indígenas, com um oficial da antiga metrópole, episódio que se passou em Santos, em princípios do século XVII, deve referir-se a *Otaria byronia*. A gravura antiga, que relembra êsse singular duelo, sem dúvida denota bastante fantasia do desenhista, mas ainda assim os traços mais característicos do animal foram respeitados.

(Longicórneos) — Sinônimo de *Cerambycideos*, família dos besouros, caracterizada pelas antenas muito longas. As espécies mais conhecidas são os "S e r r a- p a u s". A denominação, de origem erudita, só foi aceita pelos entomólogos.

Lontra — Carnívoro da fam. *Mustelideos*, *Lutra paranensis*, de 70 cms. de comprimento (e mais 30 cms. de

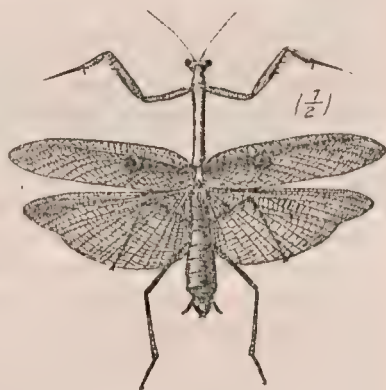
Lontra

cauda). A côr geral é pardo-cinzenta, um pouco amarelada em baixo. Vem à terra para comer e dormir, passando o resto do tempo nos rios, onde pesca e apanha aves aquáticas. Reunem-se às vezes em maior número e então gritam como gatos.

A lontra é bem menor que a outra espécie do mesmo gênero, a "A r i r a n h a" e tem hábitos noturnos; além disto sua distribuição limita-se ao Brasil meridional e daí para a Argentina. Mas nem sempre o povo sustenta tal discriminação das duas espécies e nas regiões em que só uma delas ocorre, o nome ariranha é substituido por lontra. Esta é aliás a denominação portuguesa da espécie européia, semelhante à nossa e apenas um pouco maior.

Lôro — Apelido dos papagaios domesticados: "Vem cá, meu Lôro". Mas não designa propriamente espécies

definidas, do mato. A palavra deve ser de origem asiática, pois há um grupo de papagaios da Índia, de cujo nome vulgar foi derivado o gênero *Lorius*, da nomenclatura científica. Provavelmente os Portugueses de lá o trouxeram, conservando seu nome indiano. No Brasil equivale apenas a um apelido, ao passo que na Rep. Argentina é o nome genérico dos *Psittacideos*.

Louva-Deus — Abrange todos os insetos *Orthopteros* da fam. *Mantideos*, muito bem caracterizados pelo primeiro par de patas, transformadas em armas de caça e munidas de grandes espinhos. No repouso, ou quando comem, juntam êsse par de patas, levantando-as dobradas, imitando assim a posição das mãos postas para a reza. E', no entanto, bem conhecida sua hipocrisia e a atitude beata mal disfarça os punhais que o "Louva-Deus" logo em seguida vai encravar nos insetos de que se alimenta. *Mantis religiosa* é a espécie típica da Europa; entre nós as espécies mais comuns são verdes e a aza superior tem uma mancha redonda, escura, com um sinal branco em forma de vírgula grossa; as azas posteriores dobram em leque e em geral são de outra côr (gên. *Stagmatoptera*). Há espécies que atingem 10 cms. de comprimento, ao passo que as menores apenas excedem de 1 centímetro.

Louva-Deus

Apezar de se alimentarem os "Louva-Deus" unicamente de insetos, não devemos exagerar sua importância econômica, pois que não há exemplo de uma só espécie que persiga de preferência os insectos-pragas. Muitas formas são exemplos admiráveis de mimetismo, imitando as azas, na forma e na côr, o aspeto de folhas verdes, carcomidas ou murchas e dilaceradas. Os ovos são postos em meio de uma espuma que, grudada aos galhos, endurece e tem sempre o mesmo feitio característico. Os pequenos insetos, quando saem dos ovos, já têm a feição geral dos adultos (metamorfose incompleta) faltando-lhes, porém, as azas e o corpo é ainda mais grotescamente disforme que o dos mais crescidos. Em certas regiões de Minas, o povo

conhece êstes insetos unicamente pelo nome de "B e n - d i t o"; em Pernambuco são denominados "P õ e m e s a".

Lufada — Método de pesca, usado em Mato Grosso e descrito por Virgilio Corrêa Filho em seu livro "Mato Grosso". Consiste, essencialmente no seguinte: A' noite a canôa, com um facho acêso na prôa, procura os lugares em que abundem os lambarís e piquiras. Sentindo-se os peixes perseguidos, impelidos para a margem e ao mesmo tempo encandeados pelo facho, ao menor choque voltam assustados em todos os sentidos e assim cáem na embarcação. A lufada, como nos reafirmou o autor do livro acima mencionado, só rende peixes miúdos, mas em tal quantidade, que permite seu aproveitamento para a provenção de ótimo azeite, muito mais apreciado do que o dos peixes grandes, colhidos na rêde.

Compara-se este método de pesca com o "Promombó", com o qual tem afinidade.

Lula — Pequenos moluscos ou propriamente polvos, da ordem dos *Cephalopodes*, sub-ordem *Decapodes*, fam. *Loliginideos* e outros, cujos olhos são cobertos por uma córnea quasi completamente fechada, restando aberto apenas um pequeno póro. "L u l a s" são propriamente as espécies comestíveis, desprovidas de bolsa de sepia, que caracteriza os demais Decápodes (veja "C a l a m a r" e também sob "C h ô c o").

M

Macacaiandú — E', na Amazônia, uma grande e bela aranha de abdômen preto, listrado de amarelo, arborícola, saltante e peçonhenta (segundo V. Chermont Miranda, pag. 117). "N h a n d ú" significa *aranha* em tupí.

Macaco — Peixinhos miúdos do mar, da fam. *Blennideos*, a qual compreende numerosas espécies (também conhecidas pelo mesmo nome em Portugal) que, porém, do ponto de vista da pescaria, não têm valor algum. O corpo subclaviforme, comprimido, lembra como que em miniatura o "D o u r a d o d o m a r". Dorsal longa, extendendo-se da cabeça à cauda e a ventral abrange a metade posterior do corpo; nos machos de várias espécies os dois primeiros raios se acham modificados em tubérculos cutâneos. Corpo escamoso ou nú, coberto de mucosidade. Algumas espécies são vivíparas; vivem em grande número nas regiões de rochedos e recifes. Marcgrave descreveu estes peixinhos, dando-lhes o nome indígena "P u n a r ú", que porém, nunca mais vimos empregado em escritos menos antigos.

Macaco — Em São Paulo e Rio de Janeiro designa o "G r i l o t o u p e i r a", *Gryllotalpa.*

Macaco — Palavra de origem asiática (em Malaca, Siam, Sumatra, etc., certa espécie de quadrumano tem o nome indígena Makaka) e, conhecida em Portugal, foi depois aplicada também às nossas espécies, sendo para nós sinônimo de *Simio platyrhino.* (Veja-se sob "S í m i o"). Em acepção mais restrita, designa a fam. *Cebideos* e, portanto, não abrange as espécies da fam. *Hapalideos* ("S a g u í s").

Não nos referiríamos ao provérbio, por demais conhecido: "Fulano é macaco velho, que não mete a mão em combuca", si Varnhagen em seu "Manual" não explicasse detidamente o curioso modo de caçar macacos, dizendo a propósito o provecto "Devoto de S. Huberto" que — "para semelhantes bichos preferimos o uso dos mundéus ou antes o mais divertido, das combucas de milho, a não ser contra alguns mais velhacos, e que se não

deixam apanhar por tais meios. O macaco, metendo a mão em certa vasilha de bocal estreito, e presa ao solo, cheia de milho, se deixa aí prender, quando, enchendo dentro a mão com milho e, engrossando esta, não pode sair pelo bocal em que coube vasia; de modo que o sôfrego macaco, não se lembrando de tornar a soltar o milho, para poder retirar a mão vasia, fica aí preso, até que chegam os que lhe armaram a ratoeira". Apezar da autoridade de quem assim nos conta a história, aliás conhecida em todo o Brasil, haverá ainda assim quem a ponha em dúvida. Contudo, verídica ou inventada, não é nova, pois dizem os compêndios que os malaios se servem do mesmo ardil para pegar os macacos da sua terra, quando invadem as plantações.

Encontrámos todavia uma citação (Pereira da Costa, Folclore Pernambucano) que atribue origem tupí ao anexim, baseado em Couto de Magalhães, de quem foi transcrito o texto em língua indígena. Não nos compete a crítica integral.

Frei Prazeres do Maranhão, divulga uma façanha engenhosa atribuida aos macacos e que temos ouvido repetir, sem sabermos si a fonte comum é unicamente a "Poranduba Maranhense", na qual relata o benemerente franciscano que: "Os macacos não gostam de molhar os pés; e por isso (segundo dizem alguns) passam os rios fazendo desde cima de uma arvore uma cadeia, cada um pegado ao rabo do outro e balançando-se, até o do fundo pegar em algum ramo de árvore da parte oposta, para então o primeiro se desagarrar". Apezar de bem imaginada, tal ginástica tem contudo o defeito de não corresponder à realidade e lembrar outra notícia, bem mais antiga e igualmente fantasiosa: "Quando não podem se arremessar de um salto de uma para outra árvore, o macaco maior, assim como uma espécie de guia do bando, vergando o galho, que segura com a cauda e com os pés, e segurando o outro com as mãos, faz de si para os outros uma espécie de ponte e lhes dá passagem e assim facilmente todos se dirigem de um lado para outro". A pedir meças — ainda que seja do Padre Anchieta. (Cartas, 1560).

Macaco adufeiro — Em Mato Grosso, é o mesmo que "M a c a c o d a n o i t e"; não sabemos que relação possa ter êsse macaquinho com o adufe ou pandeiro. (Sua exibição nas ruas das cidades, amestrado pelos ciganos?)

Macaco cabeludo — Em Mato Grosso é o mesmo que "P a r a u a c ú".

Macaco de cheiro ou "J u r u p i x u n a" ou "B ô c a P r e t a" na Amazônia — *Saimiris sciurea*, da fam. *Cebideos*, caracterizado pela mancha preta ao redor da bôca; o pêlo é amarelo-azeitonado; a cauda, muito longa, termina em ponta preta. Alimenta-se de frutos e insetos e vive em bandos numerosos, que às vezes invadem as plantações. E' um macaquinho que se domestica facilmente, tornando-se então muito meigo e gracioso. Além desta espécie mais conhecida, há ainda duas outras, também da Amazônia, pouco diferentes: *S. cassiquiarensis* e *S. boliviensis*.

Barbosa Rodrigues (Poranduba, pag. 206) registrou a seguinte lenda, muito conceituosa, que a respeito dêstes macaquinhos, também chamados "J u r u p i c h u n a s", lhe relataram os índios. Assim a resumiu Brandenburger (Lendas dos Índios): "Os macacos bôca-preta dormem amontoados nas folhas das palmeiras. Nas noites de trovoadas e grandes chuvas, os filhinhos choram e gritam de frio. O mesmo acontece às mães. Dizem então os pais: "Amanhã faremos a nossa casa". Outro responde: "Amanhã mesmo". Quando amanhece, dizem: "Vamos fazer a nossa casa"? Responde outro: "Vou comer um bocadinho, ainda". Outros concordam: "Nós também".

Vão-se todos e não se lembram mais de fazer a casa. Quando volta a chuva, que os surpreende dormindo, então se lembram e dizem: "Havemos de fazer a nossa casa".

Algum dia talvez a farão. Assim faz também muita gente.

Macaco da meia noite — O mesmo que "J u p a r á".

Macaco da noite — ou "M i r i q u i n a", "M a r i q u i n h a" ou "M a c a c o a d u f e i r o", em Mato Grosso. E' da fam. *Cebideos, Aotus azarae*, cuja côr varia entre pardo, bruno e avermelhado; na fronte nota-se uma mancha preta. O comprimento da cauda corresponde ao do corpo; o pêlo é macio e lanoso, de modo que as orelhas curtas quasi que ficam encobertas; a cara é semelhante à dos gatos, com olhos muito grandes, o que combina com seus hábitos noturnos.

De fato, só sáem do esconderijo à noite, em procura de alimento animal e vegetal, ouvindo-se então seus gritos "hu-hu". De manhã recolhem-se à folhagem mais espessa ou escondem-se em ôcos de pau, onde passam o dia. Também são da mesma região *Aotus trivirgatus*, que tem três linhas pretas sobre a cara, que é de côr mais clara e *A.*

vociferans, com círculo preto ao redor dos olhos. No Alto Amazonas dão-lhes o nome "E i á". Na Alemanha, Brehm manteve um dêsses macaquinhos longo tempo na gaiola, e assim observou-lhe os hábitos. De dia era tal sua sonolência, que absolutamente nada o interessava, nem animava; à noite, ao contrário, mostrava-se lépido e brincalhão. Pássaros que lhe punham ao alcance, êle agarrava com vivacidade e prontamente lhes sugava o miolo e depois os intestinos, apreciando muito menos a carne.

Macaco prego — São as espécies amazônicas do gênero *Cebus* (que no Sul chamamos "M i c o s"). A espécie mais comum no Pará é *Cebus apella;* sua côr varia de amarelo-palha ao ruivo e bruno. Amazonas acima predomina *C. macrocephalus.*

Vivem em bandos numerosos e são atrevidos, indo saquear as roças ou o cacau que está para secar. Seu grito é antes um assobio. Presos, familiarizam-se facilmente com as pessoas da casa, mas, soltos, são insuportáveis pela curiosidade e turbulência endiabrada... tal qual os nossos micos!

Macaguá ou "M a c a u á"— O mesmo que "A c a u ã".

Maçaroca — Nome dado na Paraíba e em outros Estados do Norte, a uma pretensa variedade de "S u s s u a r a n a". Da mesma forma como a de "lombo preto", designa os espécimens cujo colorido difere apenas ligeiramente da tonalidade típica e cujo pêlo é crespo.

Macassé — Peixe do mar, de 5.ª classe, em Recife, ainda não identificado.

Machado — O mesmo que "J a b o t í m a c h a d o".

Macucau — (Substantivo feminino, segundo J. Veríssimo). Ave da fam. *Tinamideos*, do mesmo gênero que os "I n a m b ú s". A espécie característica é *Crypturus adspersus*, do tamanho do "I n a m b ú g u a s s ú" e de colorido bruno-azeitonado em cima, cinzento no lado inferior, porém bruno-avermelhado mais para trás, inclusive as calças. Ocorre no Oeste do Estado de S. Paulo, Goiaz, parte de Minas e na Amazônia.

Macuco — Compreende 5 espécies de aves da fam. *Tinamideos*, gên. *Tinamus*. Na Amazônia, as aves deste gênero têm o mesmo nome "I n a m b ú", como as do gên. *Crypturus* no sul do país. No Brasil meridional só ocorre uma espécie, *T. solitarius*, de côr bruno-avermelhada em

cima e com faixas transversais pretas; a cabeça em cima é bruna com manchinhas mais claras; ao longo do pescoço nota-se, de cada lado, uma estria amarelada. O lado inferior é cinzento-amarelado, com algum desenho. Outra espécie, *T. serratus*, da Amazônia, tem a cabeça mais castanha e o lado inferior é branco-cinzento. *T. guttatus*, também amazônico, tem a cabeça tôda desenhada com tracinhos escuros; a garganta é branca e sobre as azas notam-se numerosas manchas claras. *T. tao* é bem diferente no colorido geral, pois no dorso predomina a côr cinzenta, quasi ardósia, toda riscada de linhas transversais pretas, tremidas e interrompidas; a região sub-ocular é escura e o lado inferior pardacento claro. Tôdas essas espécies são da Amazônia e do Mato Grosso e claro está que pelo seu vulto, superior ao das galinhas, representam uma das melhores caças da região. Os ovos são azuis, lustrosos, medindo até 70 por 48 mm. e a ninhada, aliás posta sem mais cuidado no chão, chega a ser de 14 ovos. O pio do macuco, quando está no chão, consta apenas de uma nota, prolongada; raras vezes êle varia, emitindo dois pios seguidos.

Porém quando empoleira, seu pio repete três vezes a mesma nota e depois dêste sinal a ave não desce mais e fica tão acomodada e despreocupada, que o caçador pode aproximar-se sem maiores cuidados. Alta hora da noite, às vezes, ouve-se ainda um pio isolado de macuco e dizem os caçadores que é em sonho que a ave assim trai seu pouso. (Em Portugal dá-se o nome de "Macuco" a um pássaro da família do "Melro").

Macurú — Na Amazônia é o mesmo que "J u c u r ú"; veja sob "J o ã o B ô b o".

Mãe de anhã — Peixe cascudo da fam. *Loricariideos*, *Kronichthys subterres*. O nome parece ser puramente local, da Ribeira de Iguape; "A n h ã" é a denominação de vários cascudos do gên. *Plecostomus*, cuja distinção específica é difícil.

Mãe - Joana — Veja sob "Á g u a v i v a".

Mãe da lua — Em Pernambuco é o mesmo que "U r u t a u".

Mãe de porco — O mesmo que "T a i a s s ú - g u i r a".

Mãe de saúva — O mesmo que "C o b r a d e d u a s c a b e ç a s".

Mãe de sol ou "O l h o d e s o l" — Besouro da fam. *Buprestideos, Euchroma gigantea,* de 7 cms. de comprimento e belíssimas côres metálicas, de cobre, com reflexos verdes e purpúreos. E', entre os besouros, uma das espécies mais citadas, como características da beleza de nossa fauna. Os índios também lhes dão grande apreço, pois os elitros, perfurados e enfiados sobre um cordel, constituem adôrno muito usado entre várias tribus. A larva desenvolve-se como broca de várias espécies de *Ficus,* paineira, etc.

Mãe de sol

Mãe de taóca — Nome dos pássaros da fam. *Formicariideos,* do gên. *Phlegopsis,* compreendendo várias espécies, tôdas elas amazônicas, de côr bruna, caracterizadas pela zona núa, de côr vermelha, ao redor dos olhos. Seu nome exprime sua associação às taócas (formigas de correição), cuja marcha acompanham, para assim caçar os insetos, espantados pelas colunas em marcha daquelas formigas carnívoras, quando não preferem comer as próprias taócas, como o relata um observador.

Mãe de taóca

Maguarí ou "B a g u a r í" — O mesmo que "J a b i r ú m o l e q u e" no Sul.

(Maipuré) — Veja sob "M a r i a n i n h a".

Maitaca — Veja "P a p a g a i o". Compreende as três espécies do gên. *Pionus,* que difere do gên. *Amazona* por ser um pouco menor e por ser a região núa ao redor dos olhos mais ampla e as sub-caudais de côr rubra. São geralmente citadas, como exemplo de palradores barulhentos. Diz-se também "B a i t a c a" e esta forma aproxima-se mais da dicção original indígena, que é *Mbae-*

táe (a). Veja-se também "H u m a i t á". A espécie do Sul do Brasil e que se extende ao Norte até a Baía, é *P. maximiliani*. Seu colorido é verde; a fronte, o vértice e os loros são denegridos; o pescoço anterior e o peito são azuis, o crisso e as coberteiras inferiores da cauda escarlates; as retrizes exteriores têm base mais escura. A espécie amazônica, *P. menstruus* é semelhante, mas tem a cabeça, o pescoço e o peito azuis.

Maiulira — No Pará designa os pequenos peixinhos conhecidos por "M u s s u r u n g o s" do Sul. Goeldi particularizou a espécie *Gobioides broussonneti*, que aliás também existe no Sul do país.

Malacara — Abelha social, da fam. *Meliponideos*, mencionada por E. Schenk no manual do "Apicultor Brasileiro" e a respeito da qual êsse autor riograndense diz o seguinte: "tem uma pinta branca, triangular ou em forma de coração, na testa; constrói células muito grandes, quasi do tamanho de um ovo de galinha". Não pudemos ainda identificar esta espécie, cuja denominação, evidentemente de origem platina, deve corresponder a outra, talvez já registrada aquí, sem que lhe conheçamos a sinonímia.

Mamaiacú — Pequeno "B a i a c ú" (veja êstes) do Amazônas, da fam. *Tetraodontideos, Colomesus psittacus*, pardo, com 6 faixas escuras transversais sobre o dorso; é a única espécie fluvial, do grupo. Etimologicamente não há propriamente diferença entre os dois nomes indígenas, visto como na língua geral a denominação genérica é "G u a m a i a c ú".

Mamangaba — Palavra de origem tupí, que Th. Sampaio interpreta como "v e s p a d e r o d e i o"; também "M a n g a n g a b a" ou "M a n g a n g á". Designa em especial as grandes abelhas sociais, fam. *Apideos*, do gên. *Bombus*, de 28 milímetros de comprimento, de corpo grosso e peludo. *B. carbonarius* é inteiramente preto; *B. cayennensis*, tem cintas amarelas. Fazem seu ninho escondido entre touceiras do campo. O arranjo interno dessas habitações é muito simples; há alguns potes em que é armazenado o mel, aliás pouco e de má qualidade.

Êsses potes não são outra cousa sinão casulos velhos, feitos pelas larvas durante a sua evolução. O fato mais curioso é o que se observa com relação ao início da criação das larvas. A fêmea depõe os ovos em uma bola, que é uma mistura de pólen e mel; assim as pequenas larvas, encontrando desde logo seu único alimento nas

próprias paredes do berço, se criam carcomendo a parede por dentro e as abelhas obreiras continuamente a engrossam por fora.

Com isto a bola inicial, pequena, vai crescendo e aos poucos tomando feições de abóbora moranga, com tantos gomos quantas forem as larvas, até que cada uma destas ocupe compartimento especial, que é a sua célula.

Quando não se alimentam mais, revestem o ambiente com fino tecido de seda e então passam ao estado de ninfa. Nunca encontrámos ninho com mais de 500 habitantes; há muitas rainhas na mesma colmeia e bem poucos machos. Êstes distinguem-se pelo maior comprimento das antenas e por não terem ferrão. A picada das mamangabas é, talvez, a mais vigorosa de entre as de todos os insetos e não há vestimenta (ou dois paletós um sobre o outro, como o experimentámos) que impeça o agulhão de injetar o veneno, que provoca dôr violenta mas relativamente passageira. O mesmo nome cabe ainda, por analogia, a várias outras abelhas corpulentas, de *Apideos* solitários, que não constituem sociedade regular, dividida em castas; apenas os machos e as fêmeas coabitam em maior número no mesmo lugar. Tais são as espécies do gên. *Xylocopa*, que fazem ninhos em paus podres ou moles, perfurados por elas em várias direções. Outra espécie do mesmo gênero, mais comodamente, enche um internódio de taquara com 8 a 10 compartimentos sobrepostos, cabendo a cada um seu ovo e o respectivo alimento, em quantidade suficiente para que a larva possa chegar até a maturação.

Mamangaba

O gên. *Centris* abrange outras abelhas solitárias, numerosas espécies, algumas do tamanho das mamangabas comuns, outras bem menores, em geral coloridas de amarelo ou vermelho preto, sobre fundo aveludado. Fazem ninho no chão, cada fêmea de per si, mas em grande número na mesma área restrita, o que evidentemente é um começo de vida social, ainda não aperfeiçoada pela constituição de castas. Cabe-lhes e também às fêmeas, a denominação "Z a n g ã o", porque simulando colmeias nunca armazenam mel.

E' interessante a expressão "M a m a n g á u a c á u a" (caba, vespa) registrada por Barbosa Rodrigues (Poranduba, pag. 309), o que revela claramente que "C a -

b a" tem acepção tão ampla, genérica, a ponto de abranger as mamangabas.

Isto, hoje, porém, não condiz mais com a significação brasileira dos dois vocábulos, pois o povo elevou ambos a igual categoria, de amplitude genérica.

Mama-reis — No Rio de Janeiro designam assim alguns peixinhos, cuja identificação ainda não pudemos obter. Talvez se trate de uma espécie afim ao "p e i x e - r e i".

Manaí ou "M a u a í" — Parece ser a forma original, indígena, do nome do "P e i x e b o i". Veja a seguir:

(Manatí) — E' como geralmente se vê escrito em línguas estrangeiras, sendo apenas corruptela daquela denominação indígena do "P e i x e b o i". (Veja supra). Também o antigo nome genérico *Manatus* (hoje substituido por *Trichechus)*, provém dessa origem.

Manda-lua — E' como "C h o r a - l u a" sinônimo de "U r u t a u".

Mandaguarí — Veja "T u b u n a".

Mandassaia — Abelha social da fam. *Meliponideos, Melipona anthidioides* (ou sub-espécie de *M. quadrifasciata)* de 10 a 11 mms. de comprimento, cabeça e tórax pretos, abdômen com faixas amarelas, interrompidas no meio em cada segmento; azas ferrugíneas. Nidifica em árvores ôcas, com buraco de entrada feito de barro, em forma de placa perfurada, com sulcos irradiando do centro. Os ninhos em geral são grandes e não raro contêm vários litros de mel, de sabor agradável, aromático; os potes medem 5 por 3 cms. e chegam a ter até 15 cc. de capacidade. E' uma das espécies mais apreciadas dos nossos caipiras. Êstes, quando conseguem pôr de lado a habitual displicência, herdada de seus antepassados, levam alguns cortiços para junto de casa, simulando uma quasi cultura regular, pouco rendosa nessa feição rudimentar, mas pelo menos mais racional do que o sistema usual, que consiste em derrubar a árvore e arrancar os potes de mel, sacrificando assim, de cada vez, uma colmeia. Esta,

Mandassaia

então, necessariamente se extingue, por ser a rainha incapaz de dar início a um novo ninho. Esta espécie, como várias outras do mesmo gênero, seria merecedora de melhor estudo por parte de apicultores bem orientados. Vimos em Amparo, em um estabelecimento apícola, como aliás também o demonstram os trabalhos realizados no Nordeste do Brasil com a "u r u s s ú", que é fácil obter boa produção de mel, a preço ínfimo, quando se lida inteligentemente com as abelhas da fam. *Meliponideos.*

Mandassaia do chão — A comparação com a verdadeira "M a n d a s s a i a", de fato procede, pois com ela muito se parece esta *Melipona santhilarii;* nota-se, porém, que só as 2 ou 3 primeiras faixas apicais, amarelas, dos tergitos abdominais são interrompidas no meio. Como o diz o nome vulgar, esta espécie nidifica em cavidades do solo; habita unicamente os campos, ao passo que a mandassaia verdadeira só é encontrada nas matas.

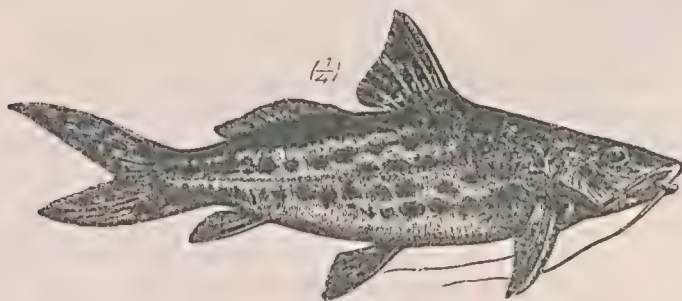
Mandibé — No Maranhão é o mesmo que "M a n d u b é".

Mandí — E' nome genérico, que abrange a maior parte das espécies pequenas e médias da fam. *Pimelodideos,* que tenham três ferrões rijos, aguçados e em geral serrilhados. Poucos são os nomes compostos que tenham valor específico ou que sejam aplicáveis a pequenos grupos, tais como os seguintes:

Mandí-chorão — Restringe-se às espécies do gênero *Pimelodella,* em geral de pequeno porte, até meio palmo de comprimento e que ao serem agarrados, fazem ouvir ruído característico, semelhante ao chôro, como o lembra o nome vulgar. Entre os entendidos êste peixinho só tem valor como isca ou quando aproveitado para fazer cús-cús. Apezar de pequeno, é porém temido, porque a ferroada que dá com o raio ósseo das nadadeiras peitorais e dorsal é muito doida e a ferida arruína frequentemente; a dôr aguda persiste durante horas. Foi com uma espécie dêste gênero, *Pimelodella lateristriga* que conseguimos, juntamente com o Dr. Pedro de Azevedo, realizar pela primeira vez em S. Paulo a fecundação artificial dos óvulos, depois de aplicada a injeção de hipófise. A evolução dos ovos realiza-se em algumas horas.

Mandí-guassú — *Pimelodus* do rio São Francisco, muito semelhante ao "M a n d í - j u b a", porém um tanto maior, pois atinge 4-5 kilos de peso; também sua ornamentação de pintas pretas é diferente, por serem as manchinhas bem menores e mais abundantes. A carne é um

tanto mais grosseira e, além disto, esta espécie não se recomenda à piscicultura, por ser êste mandí essencialmente carnívoro, como os sorubins.

Mandí-juba — ou "M a n d í - a m a r e l o", "M a n d i ú" ou "M a n d í - p i n t a d o" e no Rio Grande do Sul (nos rios em que não existe o grande sorubim pintado) simplesmente "P i n t a d o". E' o peixe de couro bem conhecido em quasi todo o Brasil, *Pimelodus clarias*, semelhante aos demais "mandís", porém caracterizado por várias séries de manchas escuras, arredondadas, sobre os flancos. Com semelhante desenho há apenas uma espé-

Mandí-juba

cie com que poderia ser confundido, o "m a n d í - g u a s s ú" do rio S. Francisco, cujo desenho de pintas é porém diferente. (Veja estampa da pg. 582).

O "M a n d í - j u b a" atinge, conforme as águas em que vive, 30, 40 e mesmo 50 cms. de comprimento, com peso que vai até 2 ½ kilos. A carne é bem saborosa, ainda que um pouco flácida; preparada como ensopado é, para muitos apreciadores, o mais saboroso dos peixes d'água doce, acompanhando êste prato o clássico pirão. As espinhas são poucas e o "gosto de lôdo", a que sempre aludem os detratores dos peixes da água doce, poucas vezes se faz sentir. E' isto devido à alimentação especial a que êste peixe dá preferência: come êle, quasi exclusivamente, as pequenas larvas de dípteros semelhantes a mosquitos, os *Chironomideos*.

Examinando o conteúdo estomacal dos mandís, temos encontrado aí até 500 destas larvas, catadas cuidadosamente, sem mistura de qualquer partícula de lôdo. Algumas vezes o mandí amplia seu regime, acrescentando larvas de libélulas e os exemplares bem crescidos pegam, uma vez por outra, algum peixinho miúdo. Sua pesca é

fácil, de anzol ou de espinhel, principalmente de noite; como se vê pelo gênero de alimentação, é peixe de fundo.

Esta espécie não existia no Nordeste, nas bacias hidrográficas compreendidas entre o rio S. Francisco e o Parnaíba. Ultimamente foi aí introduzida pela Comissão Técnica de Piscicultura do Nordeste, tendo sido transportados do rio S. Francisco para mais de 26.000 exemplares. Nos açudes dessa região o mandí encontra alimento abundante e assim em 6 meses exemplares de apenas 60 gramas de peso atingiram 600 gramas.

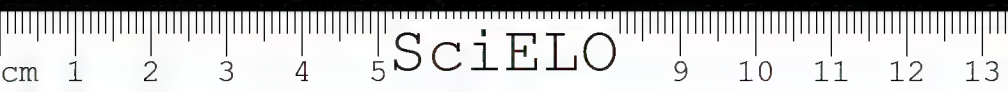
Tudo indica que o "M a n d í - j u b a" está destinado a desempenhar importante papel na incipiente piscicultura brasileira.

Mandorová — O mesmo que "M a r a n d o v á".

Mandubé, "M a n d u b í" ou "M a n d i b é" — Peixe de couro, cuja feição caraterística é dada pela posição muito anterior da dorsal, quasi na cabeça; além disso tem nadadeira anal longa, multiradiada (30 a 45 raios) e linha lateral em zig-zag. Tanto *Auchenipterus,* tipo da família, como *Pseudageneiosos* da família *Ageneiosideos,* atingem no máximo 30 cms. de comprimento e vivem nos dois grandes sistemas fluviais da Amazônia e do Paraguai. Alguns autores incluem sob êste nome o peixe ao qual, de fato, cabe a denominação "M a p a r á" e que zoologicamente é inconfundível. Veja-se também sob "P a l m i t o".

Mandurim, "M a n d u r í", "M o n d o r í" ou "G u a r u p ú d o m i ú d o" — Abelha social da fam. *Meliponideos, Melipona marginata,* de 6 a 7 mms. de comprimento, preta com penugem grizalha e abdômen com faixas amarelas, interrompidas no meio como na "M a n d a s s a i a", porém onduladas. Também quanto à nidificação parece-se muito com esta última; o mel é ótimo e a espécie tem sido cultivada por apicultores, que asseguram ser perfeitamente viável sua cultura racional e remuneradora.

Mané-magro (por "M a n u e l m a g r o") — Denominação nordestina dada aos insetos conhecidos por "B i c h o - p a u". Há a distinguir, como foi dito sob "Gafanhoto", duas famílias bem distintas: uma faz parte dos *Phasmideos* e êstes em geral têm antenas longas; outra, com antenas muito curtas, pertence ao mesmo grupo dos *Acridiideos* (gafanhotos) e constitue a fam. *Proscopiideos* e, ao que parece, são estas as espécies que se encontram em grande quantidade no sertão da Paraíba, Serra da Bor-

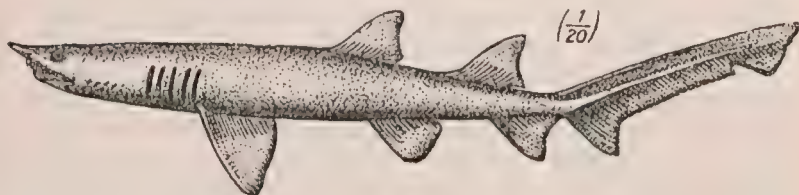
borema. Pousados nas extremidades dos galhos, alí permanecem imóveis e mal se defendem quando se os agarra.

Mangagá — Como o grafa João Ribeiro ou:

Mangangá — No Norte, o mesmo que "M a m a m g a b a" no Sul.

Mangangá ou "B e a t i n h a", "B e a t r i z" ou "N i n q u i m d a p e d r a" (Baía) — Peixes do mar da fam. *Scorpaenideos,* curiosos e principalmente feios. O corpo, que atinge 60 cms. de comprimento, é provido de apêndices da pele, de várias côres, com os quais o peixe procura imitar plantas marinhas, no meio das quais se esconde; pode mesmo mudar de côr, para assim melhor se adaptar ao meio (mimetismo).

"Os praieiros atribuem efeitos tóxicos aos ferimentos produzidos pelos acúleos do mangangá, dizendo que a dôr consequente dura 24 horas, sendo de violência extraordinária. E' um peixe de fundo e no Rio de Janeiro é considerado de fina qualidade. No aquário conserva-se pousado sobre a areia durante horas; quando se move, não se afasta muito do ponto de partida, pousando logo adiante, o que faz lembrar o vôo do bacurau". (Alipio M. Ribeiro).

Mangaroeira — Peixe da Baía.

Mangonga — Seláquio, *Odontaspis americanus;* passa por ser um cação manso, apezar de bem provido de dentes. Atinge $2^{m},50$ de comprimento e, enquanto novo, mostra bem as máculas redondas, escuras, sobre fundo pardo-cinéreo, e que nos indivíduos maiores se tornam indistintas; o lado ventral é claro.

Mangonga

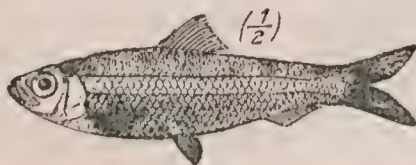
A carne é vendida em postas no mercado, mas, como a de outros cações, é de qualidade inferior.

Manguriú — Em Goiaz designa os peixes de couro conhecidos por "P a c a m o n" e outros nomes, no Brasil meridional.

Manhuara — Corruptela de "M a n i u a r a".

Manimbé — O mesmo que "T i c o - T i c o d o C a m p o".

Maniuara — Denominação indígena (e também cabocla em algumas regiões do Brasil) da "S a ú v a". Significa: comedora de mandioca, e corresponde portanto, perfeitamente, à denominação nortista: "F o r m i g a d e m a n d i o c a" ou "F o r m i g a d a r o ç a", porque roça, sem mais explicação, significa "plantação de mandioca", no Nordeste.

Manjuba — Segundo A. M. Ribeiro também se dá êsse nome, no Norte, aos peixes da mesma família do

Manjuba

"P e i x e r e i"; tal seria *Menidia brasiliensis*, de côr de prata, translúcida, com uma faixa sobre o meio do corpo. Vive juntamente com os *Stolephorus* nos bandos que frequentam as praias.

Manjuba ou "E n c h o v a" — O povo adotou, para os peixes da fam. *Clupeideos*, a mesma subdivisão como os ictiólogos. Pela sistemática há a distinguir duas sub-famílias: *Clupeineos*, que o povo reune todos como "S a r d i n h a s", e *Engraulineos* que pela nomenclatura vulgar são "M a n j u b a s". Estas diferem daquelas pela conformação da bôca, que é terminal nas sardinhas e a respectiva fenda só se extende até a região ocular, ao passo que as "manjubas" têm bôca inferior, com "focinho de porco" e a fenda bucal se extende muito para trás dos olhos. Caráter menos seguro oferece a faixa prateada ao longo do meio dos flancos e que nas sardinhas, quando existe, é menos evidente. O gênero mais típico de nossos mares é *Anchovia*, com talvez 10 espécies; *A. olida* é a manjuba mais comun do Brasil meridional (e corresponde à "alice" da indústria pesqueira italiana). *Lycengrau-*

lis grossidens pertence ao mesmo grupo, mas os pescadores preferem dar-lhe o nome de "s a r d i n h a p r a t a". Aliás também as outras manjubas o povo quer que sejam "s a r d i n h a s d e b ô c a t o r t a".

Entre nós ainda não se desenvolveu a indústria do enlatamento destas espécies, como já se faz com a sardinha; várias delas, porém podem fornecer bons típos de "enchovas" (como se faz na Europa com *Engraulis encrasicolus)*. Algumas espécies vivem na água dôce, no Amazonas, S. Francisco, rio Ribeira e no Prata.

A origem da palavra "m a n j u b a", algarviana, certamente está ligada a "manjúa, cousa de comer", (Beuteau). "E n c h o v a" é perfeito sinônimo, mas há outro peixe totalmente diferente, ao qual se dá o mesmo nome. Na Baía foi registrada a denominação "C h a n g o" talvez como sinônimo puramente regional de manjuba.

Manjubão ou "A r e n q u e" — Como denominação local em Recife, refere-se à maior espécie da manjuba, *(Anchovia)* que atinge 12 cms. ou pouco mais do comprimento; o dorso é azulado, a cauda amarela com orla preta. E' espécie marinha, mas há sempre quantidade desta manjuba na foz dos rios e a pesca de tarrafa é rendosa, principalmente de Novembro a Janeiro. Os pescadores distinguem ainda uma outra espécie, pelo nome "A r e n q u e r o l i ç o".

Manquiçapa — Espécie de macaco do gên. *Ateles;* (registrado por Goeldi, como sinônimo de "C o a t á b r a n c o", *Ateles variegatus)*. Veja-se sob "C o a t á".

Manuel de Abreu — Veja-se sob "A b r e u". Frei Prazeres, no Maranhão, consignou que "só esta faz mel semelhante ao europeu; o das outras é mais líquido".

Manuel-magro — Veja sob "M a n é - m a g r o".

Mão pelado ou "G u a x i n i m" ou "J a g u a c i n i m" — Carnívoro da fam. *Procyonideos, Procyon cancrivorus,* plantígrado como os ursos e os coatís. O corpo mede até 65 cms. e a cauda 40 cms.; o pêlo é curto e denso, arrepiado na nuca; a côr é cinzento-amarelada, salpicada de preto, por serem desta côr as pontas dos pêlos maiores. As pernas, principalmente nas extremidades, são pretas, bem como a face e as órbitas; aí esta côr destaca-se bem, devido às faixas brancas, no supercílio e focinho. A cauda é anelada, alternando o preto com o amarelado.

Habita todo o Brasil, mas só junto aos brejos, inclusive as regiões do mangue; graças a seu modo de andar plantígrado, assentando tôda a mão, consegue cami-

nhar sobre os lodaçais, onde ninguém o pode perseguir. Sabe também trepar em árvores. Alimenta-se de pequena caça e vegetais, apreciando muito a cana de assucar e tem especial predileção pelos caranguejos. Sua carne, por ser fétida, como também o couro, ninguém aproveita. E' temível inimigo dos criadores de galinha ou, mais positivamente, apaixonado amigo das aves domésticas, causando assim sérios e contínuos estragos.

Relatou-nos o sr. Aroaldo Azevedo que em Sergipe é conhecido o modo como êste curioso animal caça caran-

Mão pelado

gueijos no mangue. Fazendo penetrar a cauda no buraco em que mora o crustáceo, espera que êste morda com suas valentes tesouras, para então arrancar o caranguejo para fora, afim de saboreá-lo. Mas, sabendo de antemão que o beliscão que levará na cauda será doído, o mão-pelado, que assim é caçador e vítima ao mesmo tempo, espera ganindo e, agachado, se contorce como que pressentindo a dôr. Belo tema para devaneios filosóficos!

Merece reparo a etimologia dos dois nomes indígenas: jaguacinim (ou guaxinim, abreviadamente) e guarachaim (ou grachaim); *guará* são os carnívoros em geral. Vários autores, não atendendo bem às subtilezas nos nomes, às vezes truncados, confundiram assim o "m ã o - p e l a d o" com o "G r a c h a i m".

Mapará — Peixe de couro, Nematognata, único representante em nossa fauna de uma das famílias, os *Hypophthalmideos;* tipo assaz curioso e com caracteres in-

confundíveis. A cabeça é deprimida e imita mais ou menos o perfil dos robalos, porém, com a linha malar muito saliente; os olhos são laterais e situados sobre a articulação mandibular; a linha lateral emite raios colaterais, simétricos, para cima e para baixo, formando-se assim um desenho geométrico, como o não tem nenhum outro peixe. A única espécie, *Hypophthalmus edentatus*, é de tôda a Amazônia e do rio Paraná. Em Cametá, na foz do Tocantins, a pesca do mapará é muito rendosa. O cêrco é feito antes da vasante, por numerosas canôas que extendem as rêdes em conjunto e que depois são fechadas em círculo; assim apanham os pescadores imensa quantidade de peixe, entre os quais avulta o mapará.

Sua carne é bastante apreciada, conquanto não seja melhor que a de muitas outras dêste grupo de peixes de couro. Rivalidades locais, como as há entre muitas localidades, fizeram circular a suspeita de que o mapará dá lepra... quando o peixe é de Cametá! Grandes partidas de peixe salgado e sêco são exportadas dessa localidade para Belém e daí para outros portos do país.

Maquiné — ou por extenso: "Bicudo maquiné"; no Ceará é a mais famosa raça canora dos bicudos.

Maracá — Denominam assim, na Amazônia, o guizo ou chocalho da "Cascavel". E' a mesma palavra pela qual os indígenas designam o chocalho, feito, geralmente de um porongo, contendo sementes ou pedrinhas. Afranio do Amaral registra também "Maracabóia" (Brasil central).

Maracajá — No Norte e na Amazônia é o mesmo que "Gato do mato" e "Jaguatirica" no Brasil meridional.

Maracajá-mirim — E', na Amazônia, o "Gato do mato" *(Felis wiedi)*.

Maracajá-guassú — São as espécies de tamanho médio, maiores que os "gatos" do mato e menores que a "Sussuarana".

Maracanã — Designa as espécies de *Psittacideos* do tipo das araras, porém bem menores e de cauda menos longa, quando muito de comprimento igual ao resto do corpo: *Ara severa, maracana, nobilis*, de colorido predominante verde, com vivos ornatos vermelhos, amarelos ou azuis.

Maracanã-guassú — Refere-se em especial à *Ara severa*, de fato um pouco maior que as outras espécies de igual nome vulgar.

Maracuaim — Na Amazônia, Pará, é o nome do pequeno crustáceo, mais conhecido por "C h a m a - m a r é"; veja-se sob "T e s o u r a". E' o vocábulo que deu origem ao nome específico: *maracuani*, dado por Latreille, conjuntamente com o nome genérico *Uca*, aliás o "u s s a" do indígena.

Marandová — Certas lagartas de borboletas ou mariposas, em geral as de porte maior, gordas e inermes (as cabeludas ou cobertas de espinhos são "t a t o r a n a s"). Amadeu Amaral registra "M a n d o r o v á" como forma caipira; porém "M a r a n d o v á" é não só a forma indígena primitiva, como também mais generalizada no Sul do Brasil. Pe. Teschauer escreve "M a n d u r u v á".

Maranhão — Não sabemos até que ponto vai o nexo que une a origem desta denominação, aplicada à ave pernalta, mais geralmente conhecida por "F l a m e n g o", com o nome do grande Estado nortista e do *mar dulce*. João Ribeiro, o erudito filólogo, em seu livro "A Lingua Nacional" (pag. 211 a 230) discute largamente as várias e, em parte, bem curiosas etimologias aventadas. A essas paginas remetemos o leitor, sem contudo, a nosso ver, lhe ter encaminhado a curiosidade para a solução definitiva da questão.

(Em resumo: Mar? ah, não; — Marachão; — Uma adivinha popular: Que é o que é? Mil marinhinhos, mil maranhões; — Maranha; — Maranhaí). Da nossa parte lembraremos apenas que J. Ribeiro não aborda, infelizmente, a aplicação ornitológica do emaranhado vocábulo.

Maria de barro — O Sr. Fr. Dias da Rocha, no Ceará, registra assim o nome do pássaro, que no Sul chamamos "J o ã o d e b a r r o". Não sabemos si tal variante tem de fato, aplicação generalizada.

Maria branca — O mesmo que "P o m b i n h a s d a s A l m a s".

Maria cavaleira — Veja "P a i A g o s t i n h o".

Maria conga — E' em Sergipe, como nos informou o Sr. Cleómenes Campos "uma formiga enorme, negra, lusidia".

Maria farinha — Em Pernambuco designa "um pequeno carangueijo que dizem ser semelhante ao "C h a m a - m a r é" ou "E s p i a - m a r é". (Informação do Sr. E. Avila de Tigipió). Rodolpho Garcia, no Dic. Brasileirismos, diz que é um crustáceo bastante vulgar em Pernambuco, talvez *Ocypode albicans*, provavelmente *arenaria*. Porém

mais adequada nos parece a informação colhida pelo Dr. J. Gonçalves, segundo a qual "M a r i a f a r i n h a" designa a fêmea do "G u a i a m ú", referindo-se "farinha" à ova branca, como que pulverulenta. (O nome, aliás, está consagrado pela geografia nacional, aplicado a uma localidade ao norte de Recife.

Maria guensa ou "G u e n s a" — Em Mato Grosso, é o mesmo que "J a c u n d á".

Maria-já-é-dia ou na Baía, "M a r i a - é - d i a" — Nome onomatopaico do passarinho da fam. *Tyrannideos, Elaenea flavogastra*, aliás do grupo das "G u a r a c a v a s"; é bruno-cinzento no dorso, mais claro em baixo, com barriga amarelo-pálida. As penas da cabeça são estreitas e alongadas, formando topete. Pelo que os indígenas paraenses afirmaram, êsse nome é verdadeiramente onomatopaico para *Cyclorhis guyanensis*, pequena ave reforçada, da fam. *Vireonideos*, de dorso verde, ventre claro e cabeça pardacenta.

"E' um verdadeiro artista na construção do seu ninho e mesmo aos beija-flores não fica a dever neste sentido", diz Euler. Representa o conjunto uma linda tigelinha de 5 cms. de diâmetro e pouco menos de altura e, apezar de colocado sobre um ramo de árvore, às vezes bem perto das casas, nem assim é fácil descobrí-lo. E' que o passarinho enfeita as paredes externas de tal forma, com pequenos musgos e líquenes, que a mimosa construção não se diferencia da casca do galho, do qual parece ser apenas uma excrecência natural.

Maria judia — O. Monte (Alm. Agr. Bras. 1926) diz que é êste outro nome que dão, no Norte, ao "T i c o - t i c o".

Maria mole — Peixe do mar da fam. *Sciaenideos* (a que pertencem as "P e s c a d a s" e a "C o r v i n a"), *Nebris microps*. Distingue-se facilmente pelas dimensões muito pequenas dos olhos e por ter a parte superior da cabeça muito mole, pois o crâneo aí é cavernoso e coberto de escamas muito pequenas. O peixe é todo êle muito mole e, mesmo fresco, dá a impressão de estar deteriorado. Atinge quasi 2 palmos de comprimento. Há também uma "P e s c a d a" verdadeira que merece tal nome, porque se deteriora facilmente. E' ainda *Polyclemus brasiliensis*, aliás gênero afin à "C o r v i n a", é considerado "M a r i a m o l e"; distingue-se esta por ter 2 séries de barbilhões no queixo e um apêndice na sínfise; seu colorido consiste

em 3 faixas transversais escuras e, intercaladas, ha outras, menos definidas.

Maria mole — O mesmo que "S o c ó z i n h o".

Maria nagô — Denominação que se dá na Baía ao peixe do mar *Equetus lanceolatus*, da fam. *Sciaenideos*. A denominação vulgar compara o desenho do peixe à tatuagem usada pelos negros de raça nagô.

De fato, ornam o belo peixe várias faixas pretas, bem destacadas do fundo pardo-amarelado, por serem guarnecidas por orlas claras. A faixa maior começa no alto da nuca e passa obliquamente pelos flancos até a cauda; duas outras enfeitam a cabeça. A nadadeira dorsal no início é delgada e comprida; segue-se depois o prolongamento, baixo, que se extende até quasi à cauda. Diz Castelnau que o peixe não pode ser levado ao mercado, pois apodrece rapidamente.

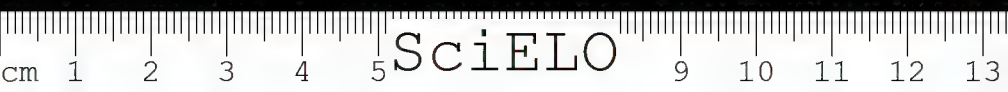
Maria preta — Passarinho da fam. *Tyrannideos*, do gên. *Knipolegus*, preto com ornatos brunos nas azas e na cauda; a espécie *K. comatus* tem um longo topete no vértice; em *K. nigerrimus* êsse topete é bem menor; ambas são do Brasil meridional.

Maria preta — Por "P á s s a r o p r e t o". Veja êste.

Maria rendeira — Em Sergipe: veja sob "R e n d e i r a".

Maria da Serra — Veja sob "S a r r o".

Maria da toca — Pequenos peixinhos da fam. *Gobiideos;* veja "M u s s u r u n g o".

Marianinha — Também conhecido na Amazônia por "P e r i q u i t o d'a n t a" (seg. E. A. Goeldi); contudo devemos acrescentar desde logo que êste último nome lhe cabe mal, pois que se trata de um *Psittacideo* da sub-fam. *Pionineos*, cujo corpo se compara melhor a um papagaio menor e não a um periquito. Ocorrem no Brasil só duas espécies do gên. *Pionites*, ambas da Amazônia: *Pionites leucogaster*, da Amazônia inferior, que é a "M a r i a n i n h a" legítima, de azas e dorso verdes, lado inferior branco, que passa ao amarelo no pescoço e no baixo ventre; o alto da cabeça até a nuca é ocráceo. Há uma sub-espécie, *P. leuc. xanthomerius*, da Amazônia superior, que difere da espécie típica por serem também amarelas as penas das coxas. Do mesmo gênero dessas "M a r i a n i n h a s" é *P. melanocephalus*; também do alto Amazônas e que difere principalmente por ter cabeça negra. A essa espécie Goeldi atribue o nome indígena "M a i p u r é".

Maribondo — Veja sob "M a r i m b o n d o".

Mariçoca — Veja sob "M o r i ç o c a".

Mariguí — ou "B a r i g u í" ou mais comumente "B i r i g u í".

Marimbá — Peixe do mar, *Diplodus argenteus*, da fam. *Sparideos* (à qual pertencem também o "P a r g o" e o "P e i x e p e n a"). O corpo é robusto, porém não atinge mais de meio metro de comprimento. Seu peso médio, no mercado, é de meio quilo. Caracteriza-o uma mancha preta na parte superior do pedúnculo caudal e uma faixa amarela na orla da nadadeira caudal; o colorido geral é prateado, cinéreo. No mercado tem cotação ínfima. E' o alimento predileto dos méros (seg. J. C. Travassos).

Marimbondo ou "M a r i b o n d o" — E' mais ou menos sinônimo de "V e s p a"; abrange assim todos os himenópteros maiores (exclusive abelhas, mamangabas e formigas), dotados de ferrão. A etimologia não é clara; mas no "Dicionário da Lingua Bunda" de frei Cannecatim, vespa é *Maribundu* ou *Aribundu*, etc. Outros preferem derivação do tupí. Em S. Paulo predomina a dicção marimbondo; no Sul e, ao que parece, no Norte, maribondo. Claro está que por isto não podemos taxar de errada a forma menos usual.

Marimbondo caçador — O mesmo que "V e s p a c a ç a d o r a" ou "V e s p ã o" (veja-se sob esta palavra). O caipira sabe que essas vespas são caçadoras eméritas e valentes, e daí a origem da "simpatia", que consiste no seguinte: êste grande himenóptero, torrado e reduzido a pó, é dado a cheirar aos cachorros, para assim lhes aguçar o faro e torná-los bons caçadores. (Informações do Dr. José Gonçalves, São Paulo).

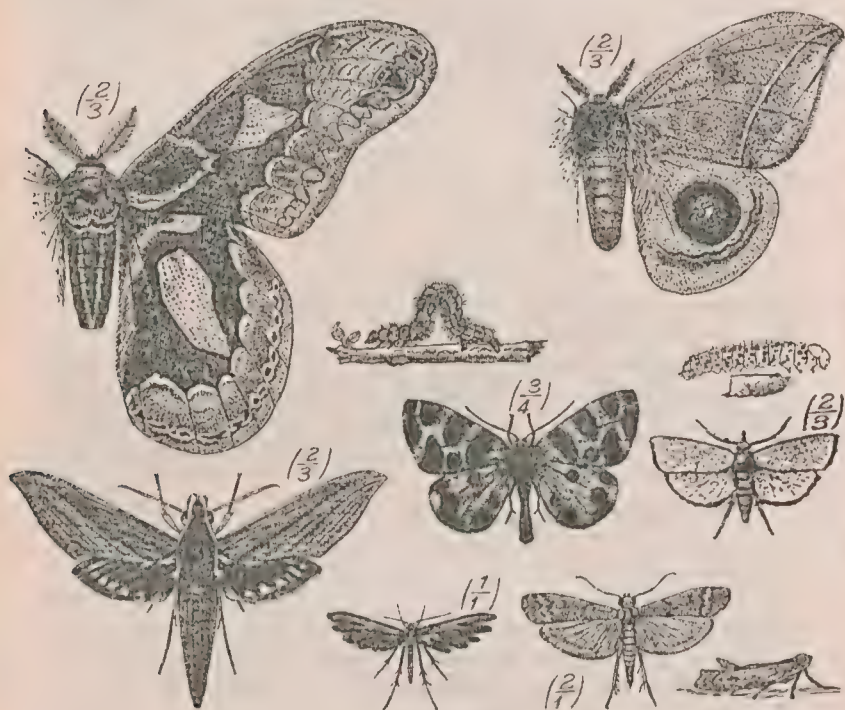
Marimbondo de chapéu — O mesmo que "B e i j ú c a b a".

Marimbondo mangangá — Veja "M a m a n g a b a".

Marinheiro — Veja-se sob "A r a t ú".

Mariposa — Designa os lepidópteros *Heteroceros*, geralmente noturnos ou crepusculares, cujas antenas são filiformes ou pectinadas, etc., porém nunca terminadas em pequena clava (como o são, unicamente, as antenas dos lepidópteros *Rhopaloceros*, isto é das verdadeiras "B o r b o l e t a s", diurnas).

"B r u x a s" são também os heteróceros maiores, ficando assim reservado o têrmo "m a r i p o s a", no sentido

mais restrito, para os heteróceros de tamanho médio e os minúsculos *Microlepidopteros*, que às vezes medem 4 mms. de envergadura; porém nem todos os chamados *Micros* (abreviatura generalizada entre os especialistas, por *Microlepidopteros* ou "m o t h s" dos ingleses, são assim microscópicos, havendo mesmo espécies de tamanho su-

Mariposas

perior ao da média das borboletas. O lepidóptero da "T r a ç a" é uma mariposa, bem como o do "B i c h o d a s e d a". Veja-se também sob "B r u x a ".

Um dos nossos melhores escritores, da Academia de Letras, ao salientar os méritos de um poeta, citou-lhe a poesia "A Borboleta", em que o mísero inseto acaba morrendo com as azas queimadas na vela. Certamente foi para não lhe diminuir o valor, que o crítico deixou de dizer, que a tal borboleta não podia deixar de ser mariposa, porque à meia-noite não há borboletas acordadas, nem para os poetas...

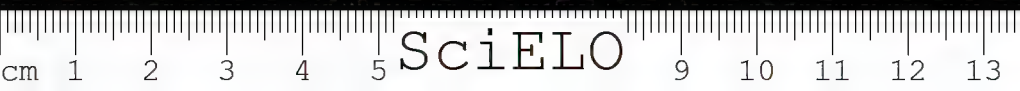
E' deslise igual ao de outro escritor, que enfeitou os prados com pirilampos, ao descrever a madrugada!

Para o zoólogo, o capítulo "Mariposas" (ou *Lepidopteros Heteroceros)* é um dos mais difíceis de tôda a entomologia. Basta dizer que do "Catalogue of Moth" do British Museum (Londres) o autor, Sir Hampson, publicou 15 grossos volumes e o infatigável cientista estava longe, ainda, de poder dar por concluida a enorme tarefa. Muito menos sabemos nós em quanto orça, mesmo aproximadamente apenas, o número das nossas espécies de mariposas! E não se diga que tal estudo é apenas uma inocente preocupação erudita de naturalista. Há, justamente entre os *Heteroceros*, uma infinidade de espécies que muito de perto interessam à entomologia econômica, por serem as suas lagartas as responsáveis por grandes danos causados à agricultura.

Em um catálogo dos insetos nocivos, Costa Lima registrou 493 espécies de lagartas de *Lepidopteros* que vivem nas plantas e mais da metade delas faz parte do presente grupo.

Daí a necessidade de conhecer-lhes a sistemática, afim de evitar a confusão de espécies, aparentemente iguais, porém de hábitos diversos; além disto o registro da sua distribuição geográfica e o estudo das particularidades biológicas de cada família, gênero e espécie, é igualmente tarefa da entomologia econômica, a qual, só depois de bem enfronhada nesses detalhes, poderá cuidar eficientemente da debelação da praga.

Mariposa-beija-flor — Uma grande superfamília das mariposas, os *Sphingideos*, tem feição muito característica e, realmente lembram tais espécies a conformação geral dos beija-flores: o corpo grosso, fusiforme, as azas delgadas, o vôo retilíneo, rápido e sussurrante e, às vezes, o próprio colorido verdolengo — tudo isto faz com que, numa observação pouco atenta, se confundam os dois seres. Além disto, o lepidóptero, ao sugar nas flores, desenrola e extende para a frente a longa tromba, que assim finge o bico da avesita.

A pouca luz do ocaso, hora em que começa a atividade dos *Sphingideos*, contribue para que a ilusão seja quasi completa. Não admira, pois, que até um naturalista dos mais provectos, como o foi Bates, tenha atirado a tais mariposas, supondo tratar-se de beija-flores, como êle próprio confessou. Assim se explica a convicção do povo, de que uma tal transformação de beija-flor em mariposa se opere realmente e parece que há lendas que o confirmam.

Simão de Vasconcellos, da Comp. de Jesus, em sua Crônica, l. 1, pag. 112, também nos assevera: "Esta avezinha, suposto que fomente seus ovos e dêles nasce, é coisa certa que é produzida muitas vezes de borboletas. Sou testemunha que vi com meus olhos uma delas, meio ave e meio borboleta, como ia se aperfeiçoando de baixo da folha de uma latada, até tomar vigor e voar".

Podemos quasi asseverar que a mariposa, a que se refere o bom cronista, é a *Pholus lambruscae*, cuja lagarta é praga da parreira, de cujas folhas se alimenta.

Mariposa do café — *Microlepidoptero* da fam. *Tineideos* (traças), *Leucoptera coffeella*, cujas larvas vivem no parênquima das folhas do cafeeiro, causando assim algum dano, que em certas circunstâncias pode assumir proporções maiores. As folhas ficam manchadas ("mancha de hierro" dos venezuelanos) e quando a larva está no tempo de se metamorfosear, ela tece um pequeno casulo recoberto por delicados fios de seda branca, em forma de um X largo, em geral na face inferior da folha. A mariposinha mede apenas 5 a 6 mms. com as azas distendidas; a côr é branco-azulada, com franjas de pêlo pardacento nas azas e um desenho preto na ponta destas. Há várias espécies de himenópteros parasitas, de apenas 1 mm. de comprimento, que perseguem suas larvas.

Mariquinhas ou "M a r i q u i n a" — Evidente deturpação da denominação indígena "M u r i q u i n a" ou "M b u r i q u í", "B u r i q u í", símio ao qual mais comumente o povo dá o nome de "M o n o" *(Eriodes arachnoides)*. Vimos porém a denominação "M a r i q u i n h a" atribuida também a certos saguís do Sul e ao "M a c a c o d a n o i t e" de Mato Grosso.

Mariquita — O mesmo que "C a m b a c i c a".

Mariquita — Peixe da fam. *Serranideos, Dules auriga* e também *Callidulus flaviventris*, semelhante àquele. O primeiro tem o 3.º acúleo dorsal prolongado em comprido filamento. São comuns, mas crescem apenas até pouco mais de um palmo.

Marisco — Tôda sorte de moluscos e outros invertebrados marinhos comestíveis, que os pescadores recolhem do mar ou das praias. Esta acepção ampla do têrmo faz, portanto, incluir também os crustáceos (caranguejos, lagostas, camarões), porém nunca os peixes, que por sua vez constitue o "pescado". Nesta acepção sulina, o "m a r i s c o" corresponde ao que o italiano abrange sob o nome "frutto di mare". No entanto diz J. Verissimo,

que o ribeirinho da Amazônia vai "mariscar", quando cuida de "pegar peixe" para a refeição.

Em sentido restrito, "M a r i s c o" é sinônimo de "M e x i l h ã o", que é o verdadeiro nome do bivalvo das pedras *(Mytilus)*.

Maritacaca — Em Pernambuco, ou abreviadamente "T a c a c a" e

Maritataca ou "J a r i t a t a c a" — E' o mesmo que "C a n g a m b á".

Marreca — Há umas 16 espécies de aves indígenas da fam. *Anatideos* às quais cabe êste nome. Tais são: "I r e r ê", "A n a n a í", "A s s o b i a d e i r a", "C a n c ã" e "P a t u r í"; as formas maiores são "M e r g u l h a d o r", "M a r r e c ã o" e "P a t o d o M a t o". Sob a designação específica "M a r r e c a" compreende-se geralmente *Nettiom brasiliense*, a que nos referimos sob "A n a n a í", por ser êste seu nome específico mais generalizado.

Qual a diferença entre as marrecas e os gansos? Não é fácil responder em poucas palavras.

Zoologicamente os gansos são *Anserineos* e as marrecas *Anatineos* e, no entanto o "I r e r ê", apezar de pertencer ao grupo dos gansos, no Sul do Brasil é denominado "M a r r e c a d o P a r á".

Cabe pois aquí uma explicação zoológica: Os *Anserineos* (ou gansos) têm pescoço comprido, a cauda tem 16 a 18 retrizes, o tarso é mais comprido do que o dedo médio, inclusive a unha; o bico, na base, é mais alto do que largo. Além disso, os sexos não diferem entre si pelo colorido, o macho auxilia a fêmea na criação dos filhos e, finalmente, são aves que não mergulham quando nadam. Os *Anatineos* (marrecos), ao contrário, têm pescoço não muito longo, a cauda consta de 14 a 16 penas, o tarso é mais curto do que o dedo médio; o bico, na base, é mais largo do que alto. Os machos distinguem-se pelo colorido mais rico, principalmente no periodo nupcial, tornando-se então as côres mais brilhantes; quasi todos os marrecos gostam de mergulhar. Os patos constituem uma sub-família intermediária, mais chegada à dos gansos, distinguindo-se pela cauda mais comprida e pela presença de uma verruga na fronte.

Há no Brasil, ao todo, umas 24 espécies da ordem *Anseriformes* e é bem curiosa a sua distribuição pelo país.

No Estado de S. Paulo ocorrem apenas 8 espécies, algumas das quais, como o "Pato Arminho" e o "Mergulhão", só acidentalmente extendem suas migrações até aquí. Na Amazônia, apezar da facilidade de vida, que lhes deveriam proporcionar as condições hidrográficas da região, também não se registram sinão umas 10 espécies. No Rio Grande do Sul, ao contrário, quasi tôdas as espécies brasileiras se encontram e, às vezes, em tal abundância, que os caçadores voltam não só com a maior variedade, como também carregados com tal quantidade, que é uso guardar a deliciosa carne em conserva ou passar as aves preparadas na gordura.

Couto de Magalhães descreve da seguinte forma o modo de "fazer os barrís de patos e marrecos" (isto é grandes caçadas, cujo rendimento é depois salgado e conservado em barrís) : "Há um certo tempo em que êstes palmípedes perdem as penas grandes das azas, de modo a não poderem voar e assim ficam "broncos", no dizer dos tapuios do Norte. Por esta ocasião os caçadores espreitam o lugar em que os grandes bandos de marrecos costumam pastar e, durante a noite, alí fazem um curral ou "caiçára" de talos verdes de coqueiro. Pela madrugada, ao virem as marrecas para a lagôa, os caçadores metem-se pela água a dentro, no lugar oposto ao pasto habitual e onde está a caiçara e vão-nas tangendo até que entram alí, onde fecham e matam aos centos".

Marreca apaí — Nome vulgar dado no Norte ao "Irerê".

Marreca do Pará — O mesmo que "Irerê"; aquela designação geográfica não tem fundamento, pois a espécie se extende não só por tôda a América do Sul e Central, como também existe na África tropical.

Marreca peba — *Dendrocygna fulva*, portanto do mesmo gênero que a "Irerê", da qual difere por não ter colorido branco, porém pardo na parte anterior da cabeça e da garganta. Ocorre em tôda a América, da Argentina ao Texas e também na África e na Índia.

Marreca toucinho — *Poecilonetta bahamensis;* caracteriza-se por ter cauda bastante longa; o colorido é bruno-cinzento no lado superior, escuro no alto da cabeça; o lado inferior é pardo-amarelado, com manchas ovaladas como gotas; a garganta é branca; a aza tem espelho verde, orlado de amarelo-avermelhado. Existe em todo o Brasil, de Norte a Sul.

Marrecão ou "G a n s o d o m a t o", no Sul — Ave da fam. *Anatideos, Alopochen jubatus.* E' do típo dos gansos; no encontro das azas há um tubérculo, que nos indivíduos mais velhos se transforma em esporão. A côr da cabeça, pescoço e peito é cinzenta; o dorso e a barriga são avermelhados; as azas e a cauda são pretas, com brilho verde metálico; o bico e as pernas são avermelhados. E' mais comum na Amazônia, mas às vezes também aparecem no litoral de S. Paulo.

Martelo — Em Pernambuco é êste o nome das larvas dos mosquitos; deu origem a esta comparação o aspeto geral das ninfas, cuja cabeça é muito volumosa, presa ao cabo do martelo, representado pelos segmentos abdominais.

Martim cachá — Nome onomatopaico ou "M. c a c h a ç a", deturpação do precedente ou ainda:

Martim grande — Nomes dados à espécie maior de "M a r t i m p e s c a d o r".

Martim perêrê — Veja-se sob "M a t i m p e r ê r ê".

Martim pescador ou "P i c a p e i x e" — Aves da ordem *Coraciiformes*, fam. *Alcedinideos*, com o único gênero *Ceryle*. Na Amazônia são conhecidos por "A r i r a m b a s". Há 5 espécies brasileiras; *C. torquata* distingue-se pelo tamanho (44 cms.) e pelo colorido ardósia; é o "M. c a c h á". A seguir, um tanto menor, com 33 cms., *C. amazona.* Duas outras, medindo ambas cêrca de 20 e poucos centímetros, *C. americana* e *C. inda,* diferem pouco entre si pelo colorido e, finalmente, o anão do grupo é *C. aenea,* com apenas 13 cms. O belo colorido pouco difere de uma espécie para outra; predomina a côr verde esmeralda, com traços e pontilhados brancos; no peito e no ventre há mistura de branco e verde e algum colorido vermelho ferrugíneo. O modo de vida de um é o de todos. Pousado sobre um galho curvado sobre o rio, o "Martim" vigia a superfície das águas e, descobrindo o que lhe pareça indício de peixe, prontamente se deixa cair, desaparecendo por alguns momentos de baixo d'água, a dar caça ao único alimento que lhe apetece. Naturalmente o "C a c h á", que é ave robusta, pode se haver com espécimens bem maiores do que os seus parentes mais franzinos. Entre nós nem vale a pena falar do pescado que vai para o seu bucho, em vez de se destinar ao nosso anzol. Mas na Europa, onde há espécies semelhantes e com os mesmos hábitos, os pescadores e principalmente os criadores de pei-

xes querem mal a esta ave e, no último caso, com boa razão. Os ninhos de todos êles são feitos nos barrancos dos rios, achando-se a câmara no fim de um canal mais ou menos comprido e que chega a medir até 2 metros, quando escavado pelo Martim grande.

O. Monte (Alm. Agr. Bras. 1926) refere a seguinte observação, que transcrevemos, podendo confirmá-la por observação própria: "Interessante é o ardil empregado

Martim pescador

por esta ave, com o fim de atrair o peixe. Um dia estive por muito tempo apreciando seu sistema engenhosíssimo. Pousada sobre um fio telegráfico, que passava sobre uma lagôa, a ave de vez em quando dava um mergulho e trazia no bico um peixinho. Para atrair o pescado, o "Martim pescador" fazia certa necessidade, que, caindo n'água, era logo motivo de ajuntamento, que então era aproveitado para a pescaria. E isto por várias vezes".

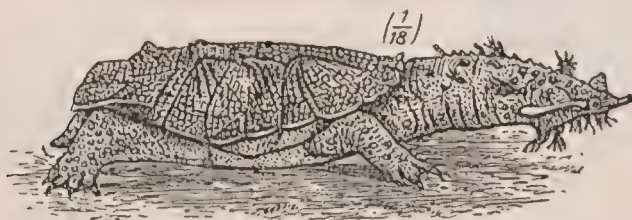
Maruim — ou "Meruim", também "Miruim" no Rio Grande do Sul; "Bembé" na Amazônia. Veja sob "Mosquito pólvora".

Massambé — Registrado pelo almirante Camara, designando na Baía uma espécie de sardinha, que, segundo informações do Dr. A. Neiva, é de tamanho médio, branca com dorso pouco escuro.

Massarico — Veja tambem "Batuíra". Aves da fam. *Charadriideos*. A especie *Marinella* (ou *Arenaria)*

interpres, a que também cabe êste nome, é cosmopolita e assim foi de Portugal que lhe veio o nome. Porém tanto lá, como aquí, o nome "m a s s a r i c o" designa várias outras aves de gêneros diversos, de modo que é impossível reconhecer, pela indicação dêste nome, de que espécie se trata. Podemos considerar "M a s s a r i c o" sinônimo português de "B a t u í r a", de origem tupí. Veja também "T a r a m b o l a" e "B i c o r a s t e i r o".

Massaricão — Aves da fam. *Charadriideos*, dos gên. *Himantopus* e *Numenius*. Ao primeiro dêstes gêneros cabe também o nome "P e r n i l o n g o". *Numenius borealis* caracteriza-se por ter bico curvado para baixo. O colorido do lado dorsal é bruno-escuro, tendo as penas orlas pálidas; o lado inferior é branco-amarelado, com manchas escuras angulares.

Matá-matá — (Subst. masc.) Réptil da ordem dos *Chelonios*, *Chelys fimbriata* da Amazônia. Atinge 50 cms.

Matá-matá

de comprimento. A couraça dorsal tem dois sulcos profundos e os escudos muito marcados e ásperos; a casca ventral é estreita e encanoada. O pescoço é comprido, muito rugado e, além disto, provido de várias franjas; a cabeça é achatada, triangular e termina em uma espécie de bico.

E' uma verdadeira caricatura de Quelônio, quando êstes, fazendo-lhes apenas justiça, já não primam pela beleza. Contudo, a carne do "M a t á - m a t á" é boa; Goeldi diz ter ela cheiro repugnante, mas isto se refere antes à casca do animal, porque vive de preferência nas águas estagnadas, nos lodaçais, onde se alimenta de peixinhos e sapos.

Matim perêrê ou "M a t i n t a - P e r ê r a" e "M a r t i m - t a - p e r ê" — Na Amazônia é o mesmo que "S a c í" no Sul. Dizem vários autores que o nome é onomatopaico: dois assobios e logo em seguida, em voz

mais cantada, as demais sílabas que lhe deram o nome. Outros dizem que a ave emite primeiro um assobio estridente, seguido, em voz cavernosa, dos dizeres silabados.

"Não são pássaros, não; são bruxas, que viram em matinta-perêra, para cumprirem seu fadário e portanto são duendes, capazes de todos os malefícios. Mas avistando o "Matinta-perêra", basta dizer-lhe — Vem buscar tabaco amanhã — e a pessoa, que à noite fôra bruxa, vem de fato buscar o prometido da véspera, no dia seguinte". (J. Coutinho Oliveira, Lendas Amazônicas).

Matirão — Na Amazônia é o nome da ave da fam. *Ardeideos, Nyctanassa violacea.* No Sul, para onde esta espécie também se extende até Santa Catarina, não lhe conhecemos nome especial. Assemelha-se à "Garça real", mas é de côr cinzenta, com manchas escuras no dorso. A cabeça é preta, com uma linha branca sobre o vértice e duas outras pela face; na nuca tem penas brancas, alongadas. O bico é preto, as pernas são amarelas.

Matraca — O mesmo que "Borralhara" *(Batara cinerea).*

Matrinchã — Na Amazônia, é o nome de vários peixes da fam. *Characideos*, sub-fam. *Bryconincos*, tais como *Brycon brevicaudus*, congêneres pois da "Piracanjuba" do Brasil meridional.

Matupirí — Na Amazônia designa um variado número de peixinhos, que correspondem aos "Lambarís" do Brasil meridional; poucas espécies são idênticas nas duas regiões.

(Maturaque) — Não sabemos si na Amazônia ainda está em uso êste nome, registrado por Martius para uma das espécies do grupo das traíras. José Verissimo não o menciona.

Mauaí — Assim grafa Barbosa Rodrigues o nome indígena do "Peixe boi" e parece-nos ser a forma mais etimológica. Não temos, porém, certeza e não podemos, sem mais ampla documentação, asseverar que é êste o radical do arraigado *Manatí* dos autores europeus (que também deu origem ao nome genérico *Manatus).*

Mauarí ou "Maguarí" — O mesmo que "João Grande" no Sul.

Mbaracajá — Pronúncia original de "Maracajá" e igualmente em uso; é o mesmo que "Jaguatirica".

Mbatará ou "Batará" — Veja-se sob "Borralhara" e "Choca".

(Mboi) — Vocábulo indígena (e por corruptela: Boi), que significa *cobra em geral;* mas é empregado só em palavras compostas, usualmente com supressão do *M* inicial.

Mboicininga ou "Boicininga" — Significa em tupí: a "cobra que faz ruido" isto é a "Cascavel".

Mburiquí — Veja sob "Buriquí", isto é "Môno".

Mede-léguas — Veja sob "Curiango".

Mede-palmos — Lagarta dos lepidópteros (mariposas) da fam. *Geometrideos.* E' muito característico o modo de andar dessas lagartas, modo êste determinado pelo número reduzido de patas. Têm elas apenas 3 pares na extremidade posterior, quando as lagartas normais têm, ao todo, 8 pares. Os "Mede-palmos", juntando as duas extremidades opostas, curvam o corpo em arco, e logo o distendem, adiantando a parte anterior; parecem, assim, medir o espaço aos palmos, ao que também o nome latino faz alusão. Várias espécies são nocivas à agricultura, como por exemplo o "Curuquerê" e a "Lagarta do milharal".

Mede-palmos e o inseto adulto

Medusa — Denominação erudita dos Celenterados que o povo conhece por "Água viva".

Meia pataca — O mesmo que "Alma de gato".

Meio chumbo — No Oeste do Estado de S. Paulo, é o mesmo que "Carrapatinho".

Meirinho — Pequenas aranhas da fam. *Salticideos,* do grupo das "aranhas vagabundas", que não fazem teias; em geral têm menos de um centímetro de comprimento, o corpo é grosso, quadrado na frente, de côr cinzenta, com algum desenho esbranquiçado. Em dias de sol ficam de vigia nos batentes das janelas, onde dão caça a pequenos insetos; muito ágeis, pulam sobre a vítima incauta, mesmo que seja do tamanho da mosca comum e, subjugando-a facilmente, levam-na para um esconderijo, afim de sugá-la. Uma destas espécies, a mais comum em S. Paulo e no Rio de Janeiro é *Menemerus bi-*

Meirinho

vittatus, que aliás também se encontra na África e na Ásia.

Mel de anta ou "T a p i e i r a" — Abelha social da fam. *Meliponideos*, provavelmente *Melipona flavipennis*, a maior das espécies brasileiras da família, com 13 mms. de comprimento e 5,5 mms. de largura no tórax.

Mel de cachorro — Denominação pejorativa, que cabe a várias abelhas sociais, cujo mel é ruim, ácido ou de mau aroma. Tem sido registrado, com segurança, como aplicado à "C u p i r a" e à *Melipona argentata*, também mencionada sob aquela rúbrica.

Mel de pau — Por fazerem quasi tôdas seu ninho ou colmeias em paus ôcos, são assim chamadas as espécies indígenas de abelhas que armazenam mel, tôdas elas pertencentes à fam. *Meliponideos*, gêns. *Melipona* e *Trigona* (ou segundo outros autores, êste último gênero é apenas um sub-gênero de *Melipona*, que compreende tôdas as espécies brasileiras). "Mel de pau" é o mel destas espécies, diferentes do "mel de abelha" (do reino). Mel (ou "mé" na pronúncia caipira) refere-se tanto ao produto como ao inseto, ao qual, mais explicitamente chamam "pai de mel"; as larvas são a "fi(li)ação". (Veja sob "A b e l h a s s o c i a i s i n d í g e n a s").

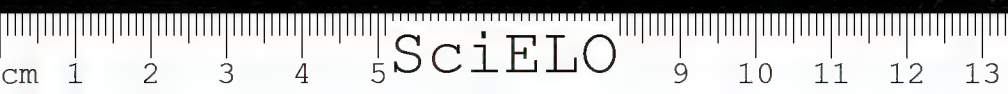
Meleta — ou "M e l e t e" ou "T a m a n d u á c o l e t e", no Norte é o mesmo que "T a m a n d u á m i r i m" no Sul, onde de fato é a menor espécie da família; no Norte, porém, há ainda outra bem menor ("T a m a n d u á - i") e lá portanto "m i r i m" seria ambíguo.

Melro — Em Portugal designa um pássaro canoro, famoso cantor como o nosso "S a b i á", aliás pertencente a mesma família. Por uma comparação muito pouco justificável, designa-se no Brasil como "M e l r o" a "G r a ú n a"; além disto também o "S o l d a d o" é conhecido por igual nome, bem como o "R e c h e n c h ã o".

Mercador — Em Recife dá-se êste nome ao peixe marinho lá também mais conhecido por "F r a d e".

Merequem — Goeldi e também Snethlage atribuem êste nome aos *Psittacideos: Conurus cactorum* (congênere da "J a n d a i a") e a diversos "T i r i b a s" (gên. *Pyrrhura*) sendo que êstes últimos são "M e r e n q u e n s d o i g a p ó".

Mergulhador — Veja sob "M a r r e c a".

Mergulhão — No Sul de Minas Gerais chamam assim os coleópteros aquáticos (*Hydrophilideos, Dytiscideos* e

Gyrinideos); de fato muitas espécies mergulham continuadamente e impressiona a agilidade com que evoluem, correndo sobre a água.

Com mais precisão o nome designa só as espécies de coleópteros das mesmas famílias que repetidamente mergulham durante longo tempo, passando mesmo a maior parte de sua vida debaixo da água. Como, entretanto, sua respiração é a comum, por meio dos estigmas, êstes besourinhos levam a necessária provisão de ar consigo; ao mergulharem, fazem-se envolver por uma bolha de ar, que lhes fornece o oxigênio e, exgotado êste, voltam à tona, para repetir a manobra.

As larvas de algumas espécies, de 3 a 4 cms. de comprimento, com possantes mandíbulas, são carnívoras e, nos tanques de piscicultura causam dano considerável.

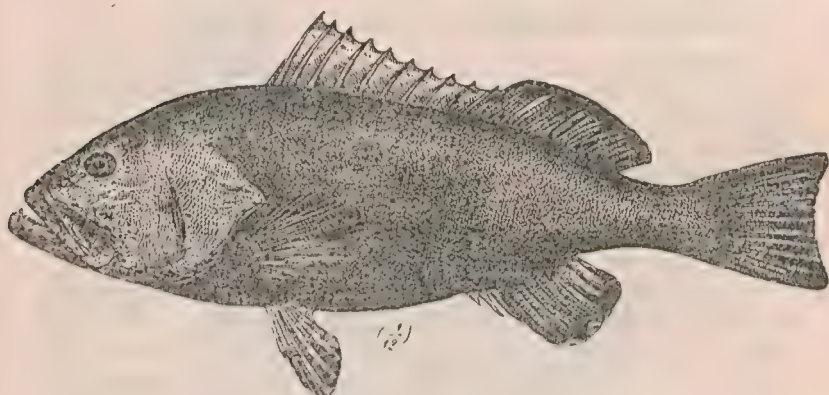
Mergulhão ou "A t o b á" — Ave da fam. *Sulideos, Sula leucogastra*. Além desta espécie, são assim denominadas outras aves que mergulham com perfeição, tais como *Aechmophorus Podilymbus* e *Podiceps*. Na Amazônia, onde o Atobá *(Sula)* não ocorre, só o "B i g u á" é conhecido por "M e r g u l h ã o". Mas de fato, quem com mais justa razão merece o título de mergulhador emérito, é o Atobá (ou "T o b á", como o povo já começa a abreviar o nome). Pode-se compará-lo a um ganso ou pato, de bico curvo na ponta e denteado nos bordos. O colorido é bruno, côr de café, com barriga branca; a garganta e os loros são nús, encarnados. Vive à beira-mar e, voando até regular distância da costa, espreita os peixes que sua vista descobre debaixo d'água. Havendo peixe à flor d'água, a ave vôa a pouca altura; si a caça, porém, nada a maior profundidade, o atobá eleva seu vôo a 20 ou 30 metros e dessa altura se precipita como uma flecha; no percurso aéreo êle ainda mantém as azas um pouco abertas, mas no momento de penetrar na água, êle as junta ao corpo. Durante alguns segundos a ave persegue o peixe e si foi feliz, vindo à tona, engole o bocado nadando, para depois alçar o vôo.

Parece que é a esta espécie que nos Abrolhos dão o nome de "P i l ô t o" e a seu respeito o Sr. J. Mesquita relata na "Voz do Mar" (N.º 31) o seguinte fato bastante curioso: "Existem nas ilhas de Abrolhos aves aquáticas relativamente grandes, semelhantes a patos domésticos, denominados "P i l ô t o s". Mais ou menos às 17 horas estas aves se recolhem à ilha Redonda, não mais voando; aí os pescadores atormentam-nas com a ponta de

uma vara, para obrigá-las a vomitar o peixe que comeram durante o dia. (Os pescadores certamente aprenderam tal ardil pela observação do hábito análogo a que nos referimos sob "A l c a t r a z"). Os peixes que ainda possam ser aproveitados, são cortados para isca; o resto, já meio digerido, é pisado com areia e assim êsse engôdo é lançado nos pesqueiros, tornando-se então admirável a abundância de peixe, a ponto de as linhas não lhes darem vasão".

Mergulhão caçador — Designam assim, bem como "P i c a - p a r r a", o interessante *Podilymbus podiceps*, de 30 cms. de comprimento e de colorido bruno-escuro em cima, cinzento no lado ventral, porém com a garganta preta. Distingue-se bem das outras espécies por ter uma cinta preta, como que amarrada ao redor do meio do bico. O caçador, ao aproximar-se do açude ou da lagôa e ao avistá-lo nadando ao largo, pensa poder matar um marrequinho, mas antes que o chumbo atinja o alvo, o esperto mergulhão afundou. Longo tempo o atirador desapontado espera pelo reaparecimento do bichinho, mas êste tão cedo não vem à tona ou, quando muito faz emergir o periscópio, para poder respirar e assim, qual submarino, despercebido se afasta. O Principe Wied afirma ter observado o ninho desta ave, asseverando ser flutuante. Não encontrámos a respeito melhores informações na literatura ornitológica brasileira, mas como a mesma espécie também vive nos Estados Unidos, podemos guiar-nos pelas observações lá registradas. De fato, o "M e r g u l h ã o - c a ç a d o r" só faz seu ninho no meio da vegetação aquática, tanto das lagôas como de pequenos rios. Juntando o necessário material ao redor de uma touceira de junco, acumula tanta tabôa quanta fôr necessária para que os bordos do ninho fiquem alguns dedos acima do nível da água. Sabe Deus como a ave, em tais circunstâncias, consegue manter a temperatura no gráu necessário para que os ovos não gorem. E não é só isto. Às vezes as ondas desprendem o ninho da touceira e então o berço flutua à mercê da correnteza e já foi visto uma mãe continuar a chocar, calmamente, os ovos, enquanto o ninho, transformado em bote, era arrastado para o rio caudaloso.

Mero — Peixe do mar, da fam. *Serranideos*, *Promicrops itaiara*. E' a espécie que atinge maiores dimensões entre tôdas desta família, pois chega a medir 2 ½ metros (ou 3^m,25, segundo Theodureto Souto), com um pêso máximo de 450 quilos (cf. Monografia de A. M. Ribeiro). O

colorido é oliváceo escuro, uniforme nos adultos, mas nos novos notam-se pontos negros na cabeça e 5 faixas sobre o corpo. Desovam na embocadura dos rios. São pescados à linha, sendo a melhor isca uma "raia santa", viva; também são pescados com o harpão e, enquanto "Me-

Mero

rotes", nos cóvos. A carne é das melhores; não podendo ser vendida fresca, vai salgada para o mercado, porém sem os ossos, porque na medula começa logo a decomposição. Em Portugal o mesmo nome designa a espécie européia correspondente. (Veja estampa da pg. 182).

Meruanha — O mesmo que "M u r u a - n h a ".

Meruim — O mesmo que "M a r u i m".

Meuá ou "M i u á" — Chamam assim no Maranhão o "B i g u á - t i n g a" do Brasil meridional e que na Amazônia é denominado "C a r a r á".

Mexilhão

Mexilhão — Nome português dos moluscos *Lamellibranchios* marinhos, da fam. *Mytilideos*, que são comestíveis; a mesma espécie européia, *Mytilus edulis*, também ocorre em nossas costas, mas sob forma de uma variedade, *M. edulis platensis*. Não é tão comum nem atinge as dimensões do "S u r u r ú" congênere, mas apenas 5,5 cms.; além disto tem impressões de 2 músculos adutores (no Sururú há só um sinal). Os envenenamentos, ocasiona-

dos por êstes moluscos, ainda não têm explicação que satisfaça bem. Talvez sejam devidos às condições locais, variáveis, da água que habitam, ou então correm por conta de uma toxina (talanina), que se desenvolve no próprio corpo dos moluscos, quando êstes se encontram na época da reprodução. Veja-se também sob "M a r i s c o".

Mexilhão das pedras — O mesmo que "S u r u r ú".

Michole ou "M i c h o l o" — Peixes do mar da fam. *Serranideos*, gên. *Diplectrum*. Diferem dos outros gêneros da família, por terem o alto da cabeça e o focinho nús; o canto do opérculo é armado de fortes acúleos. Também têm êste nome alguns peixes jugulares, gên. *Bathymaster*, com a nadadeira ventral situada quasi na garganta e o dorso guarnecido, quasi de princípio ao fim, pela respectiva nadadeira.

Em Porto Alegre dá-se o mesmo nome, "M i c h o l a", ao peixe d'água doce, da fam. *Cichlideos*, gên. *Crenicichla*, mais geralmente conhecido no Brasil meridional por "J o a n i n h a" ou mais para o Norte "J a c u n d á" ou "G u e n s a". Não há propriamente analogia, sinão apenas vaga semelhança e tanto bastou para determinar a adoção do mesmo nome para duas espécies totalmente diferentes.

Mico — Palavra, ao que parece, de origem caraíbe e que, levada para Portugal e Hespanha, de lá nos foi trazida, tendo se generalizada principalmente no Brasil meridional. Êste nome abrange, às vezes, como designação genérica, as espécies de símios de porte médio, em oposição ao "m a c a c o" (os maiores) e "s a g u í" (os menores). Em rigor, porém, aplica-se só às espécies do gên. *Cebus*, tais como "M i c o p r e t o", *C. cirrifer*, preto com cara brancacenta; *C. libidinosus*, o mais comum, amarelado, com boné preto; *C. robustus*, bruno-ruivo, mas com cabeça, extremidades e cauda pretas. As espécies congêneres da Amazônia são conhecidas por "M a c a c o p r e g o", nome que abrange tôdas as espécies do gênero, além disto "C a i a r a r a", "S a i t a u á" ou "S a i t a i á", etc. Caracteriza a todos êles o penteado da cabeça, que forma um topete à guiza de boné, de aba levantada. Vivem em geral em grandes bandos, não raro mesmo às centenas.

São as espécies dêste gênero que mais vezes vemos no cativeiro e amestrados; acostumam-se bem, tornam-se bastante dóceis e aceitam qualquer alimento adequado, frutas com predileção.

Os micos são o tipo perfeito do macaquinho irrequieto e travesso, capaz de tôda sorte de diabruras e molecagens; não fossem estas tão arraigadas em sua índole e seria muitíssimo divertido ter um mico solto em casa...

Mico

mas quem já o experimentou, não torna a fazê-lo, lembrando-se das cenas semelhantes às que determinaram a expressão: "macaco em casa de louça"!

Micuim — ou "Mucuim" no Norte do Brasil e "Bicho-colorado" no Sul (esta aliás é a sua denominação argentina). Acarinos da fam. *Trombidiideos*, conhecidos na literatura científica antiga por *Tetranychus molestissimus*, extremamente pequenos, de côr amarelo-avermelhada, que vivem nas capoeiras e sobre o capim, principalmente no tempo das primeiras chuvas. Provocam uma coceira terrível no homem e nos mamíferos e, como quasi sempre se acham reunidos aos milhares, é natural que geralmente um grande número dêles ataque a mesma vítima.

A forma adulta tem 4 pares de patas, a larva apenas 3 pares. O nome genérico *Leptus* é empregado para designar as formas larvais mal estudadas. A nossa espécie (talvez também sejam várias) ainda é mal conhecida e pode ser que tenha o mesmo modo de vida como a espécie japonesa, que transmite a febre fluvial; nessa espécie só as larvas são hematófagas, ao passo que os adultos sugam seiva vegetal. Às vezes o povo também designa por "M i - c u i m" a forma larval do "C a r r a p a t o e s t r e l a" ou "C a r r a p a t i n h o" *(Amblyomma cayennensis)*, confundindo as duas formas, por serem ambas quasi microscópicas e incômodas. (Não confundir com o mosquitinho de nome parecido, o "M i r u i m").

Micurê — O mesmo que "G a m b á".

Miguim — Nome riograndense do passarinho da fam. *Tyrannideos, Pyrocephalus rubinus.* E' curioso que nem em S. Paulo nem na Amazônia êste companheiro das "G u a r a c a v a s" pelo parentesco, e rival do "T i c o - t i c o r e i" pelo colorido, tenha merecido nome que se tornasse vulgarmente conhecido. O colorido é vermelho-carmim no lado inferior e no alto da cabeça; a garganta é branca; o dorso, as azas e a cauda são brunos. A fêmea é uniforme pardo-cinzenta. Como bem o mostram as côres vivas da plumagem, o "M i g u i m" é pássaro do sol e por isto foge do frio. De Maio a Outubro desaparece do Sul do Brasil, emigrando para a região tropical, onde não há inverno. Lembramo-nos com que prazer saudávamos no Rio Grande do Sul o reaparecimento dos primeiros "M i g u i n s", que nos anunciavam o têrmo final da estação dos minuanos e das geadas.

Mija-mija — Molusco *Lamellibranchio* marinho, da fam. *Cardiideos, Cardium muricatum,* comestível. A concha é quasi circular, com o ápice, onde se acha a dobradiça das duas valvas, um pouco saliente; não é muito abaulada e tôda ela sulcada de linhas, que partem do ápice e se vão alargando, gradativamente, para a periferia, cobrindo toda a superfície como raios de um leque. Quando a maré abandona o molusco na praia, êle procura descer para o mar e, andando, de vez em quando solta um pouco de água pelos orifícios sifonais, afim de refrescar a areia, costume êste que determinou o nome vulgar. Em Portugal é êste o "B e r b i g ã o".

(Milhafre) — Apezar de haver em nossa fauna várias espécies de falcões que correspondem áquelas que em

Portugal são conhecidas pelo nome de "Milhafre", esta denominação não logrou divulgação entre nós.

Mineira — isto é "F o r m i g a m i n e i r a"; veja esta.

Minhoca — Na acepção vulgar, esta denominação abrange tôda sorte de vermes terrestres ou aquáticos, compreendendo pois, em sistemática zoológica, os vermes *Oligochetas* e parte dos *Polychetas*. Os primeiros são terrestres ou da água doce, de corpo roliço, sem apêndices e apenas com finos espinhos inconspícuos; os *Polychetas* são marinhos e os segmentos do corpo têm parapódios ou sejam apêndices mais ou menos modificados, com fios longos ou curtos e a cabeça tem cirros ou tentáculos.

Os *Oligochetas* são todos hermafroditas; é geral a fecundação cruzada. No terço anterior do corpo um conjunto de 6 segmentos um pouco entumecidos forma o clitelo, que segrega mucilagem destinada a envolver os ovos.

No sentido mais restrito, a minhoca é uma das muitas espécies do primeiro grupo, particularmente da fam. *Lumbricideos*. Além das espécies indígenas há várias importadas, cosmopolitas, como a chamada "m i n h o c a l o u c a" *(Pheretima hawayana)*. Esta última é da fam. *Megascolecideos*, da qual há ainda outras espécies bem como da fam. *Glossoscolecideos*, à qual pertence o enorme "m i n h o c u s s ú" (veja êste).

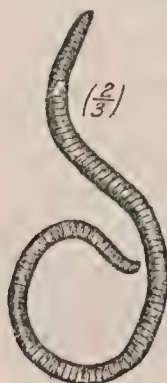
A diferenciação baseia-se na forma e no número dos espículos e portanto é impossível definir, resumidamente, algumas das muitas espécies.

Certas minhocas vivem somente na terra úmida ou gorda; poucas dão-se bem em terra sêca ou safara.

Foi Darwin quem pôs em evidência o valor das minhocas como beneficiadoras do solo; contou êle o número de exemplares que vivem num metro quadrado; verificou até que profundidade extendem seu trabalho e calculou, por fim, o volume de terra que êsses vermes revolvem. Chegou, assim, a conclusões interessantíssimas, que demonstram a utilidade das minhocas para a agricultura; elas não só arejam a terra, com o que se torna possível o trabalho dos germens aeróbios em camadas profundas, como também beneficiam diretamente o sub-solo, levando para lá detritos fertilizantes. Posteriormente, as observações de Darwin foram controladas por outros pesquizadores e assim podemos aceitar como bem comprovados, para certas espécies, os seguintes dados.

As minhocas são vermes de hábitos principalmente noturnos; preferem a úmidade e por isto mantêm-se à flor

da terra de noite e quando chove, escondendo-se nas camadas mais profundas no tempo da sêca.

Para se enterrar, a minhoca ou estira ou adelgaça o corpo, enfiando-se pelos interstícios e aproveitando a porosidade, ou então vai comendo a terra e esta vai-lhe passando pelo tubo digestivo; desta forma o verme não encontra obstáculo para seguir seu caminho. Conforme a qualidade do solo, foram contados de 300 a 700 minhocas por metro quadrado (e até 8.000, incluindo na contagem as espécies mínimas, de até 20 mms. de comprimento). Seu alimento consiste não só em substâncias orgânicas, que encontram misturadas à terra, como também levam folhas, sementes e outras substâncias vegetais para seus túneis e lá aproveitam o que podem dêsse material. Para esvasiar o tubo digestivo, vêm à superfície e é dêste modo, principalmente, que contribuem para o revolvimento do subsolo; num alqueire de terra as minhocas trazem anualmente de 20 a 40 toneladas de terra para a superfície.

Minhóca

Inúmeras pesquizas foram feitas, afim de verificar até onde vão as possibilidades de regeneração, que caracterizam os vermes Oligoquetas.

Corte-se uma minhoca em vários pedaços e todos êles se completarão, criando nova cabeça e nova cauda; corte-se vinte vezes as duas extremidades do mesmo exemplar e sempre elas brotarão de novo.

Ao contrário do que pensa muito hortelão mal informado, raros são os casos bem comprovados de malefícios iniciados pelos Oligoquetas; quasi sempre o ataque inicial às raizes das plantas é devido a outros seres e só secundariamente os vermes se associam à destruição dos tecidos lesados.

Universal é o emprêgo das minhocas como isca, na pesca; também como alimento para peixes de aquário é dos mais adequados.

Em piscicultura a família dos *Tubificideos* tem grande importância; são aquáticos, em geral pequenos, (30 a 40 mms.) finos, de côr vermelha e constroem pequenos cones de lama, na água, e, tendo a cabeça escondida no tubinho, deixam de fòra a parte posterior e com ela executam movimentos de pêndulo. Leonardo Motta registrou

como provérbio cearense: "Quem foi mordido por cobra, tem medo de minhoca" (Gato escaldado, de água fria tem medo).

Minhoca louca — A espécie importada *Pheretima hawayana,* hoje muito comum nas nossas hortas e jardins, fas jus àquele nome vulgar, porque salta como louca, quando se a desenterra ou incomoda.

Minhocussú ou "M i n h o c a g r a n d e — Verme *Oligocheta, Glossoscolex giganteus,* que vive nos brejos e atinge mais de um metro de comprimento; outra espécie do mesmo gênero, *G. wiegreeni,* também de dimensões avantajadas, prefere as matas.

Mira — ou por extenso "B a d e j o - m i r a; veja êste.

Miraguaia — Peixe do mar da fam. *Sciaenideos, Pogonias cromis,* da mesma família a que pertencem as "P e s c a d a s" e "C o r v i n a s"; cêrca de 20 barbeis guarnecem a mandíbula. Os indivíduos novos são prateados, com 4 faixas transversais e têm então o nome "B u r r i q u e t e" (no Rio Grande do Sul); os adultos, que atingem quasi 1 ½ metros de comprimento e 60-65 kilos de peso, são escuros (dalí o nome "P i r á - u n a" que também lhe dão, principalmente no Norte). Não temos certeza si o peso e a medida indicados foram de fato bem comprovados; Jordan e Evermann nos Estados Unidos citam como peso máximo 146 libras (63 kilos) e isto, em confronto com o "M e r o" parece ser pouco. Como todos os peixes desta família, o "M i r a g u a i a" emite sons bastante intensos, principalmente os machos, nos tempos da procreação. Habilita-os a essa produção de sons, comparados a rufos de tambores, a conformação especial da vesícula natatória, na qual o ar é compelido para diante e para trás o que faz vibrar a película em distensão.

Vivem no fundo do mar e também nas regiões do mangue e alimentam-se de tôda sorte de pequenos seres, como também de moluscos, cujas conchas facilmente quebram com seus dentes fortes. Diz-se que muitas vezes devastam as ostreiras.

No mercado são êstes grandes peixes retalhados em postas e sua carne, ainda que um tanto inferior em qualidade à das "P e s c a d a s", que pertencem à mesma família, é apreciada por não ter espinhas finas. O capitão de fragata A. R. Teixeira, em um interessante estudo sobre a salga do peixe no Rio Grande do Sul (Rev. Maritima Bras. Abril 1923) considera o Miraguaia um perfeito

sucedâneo do bacalhau importado; lastima, porém, o péssimo preparo que se lhe dá; das mantas, mal escamadas, não se eliminam as vértebras e, além disto, são mal sêcas (verdes). Tudo isto influe sobre o peso, que assim é de 3 quilos por manta, quando esta, preparada pelo processo do bacalhau, deveria pesar apenas 1 ½ quilo. Tal "esperteza" fraudulenta, além de tudo é inútil, pois, mal preparadas, alcançam apenas o preço de 3$000, quando as mesmas mantas, beneficiadas como deveriam ser, apezar da redução do peso, renderiam mais, valendo o bacalhau importado 3$500 por quilo. Os processos rotineiros dêsse preparo redundam na fácil deterioração da mercadoria, pelo que esta dificilmente alcança boa cotação nos mercados importadores dos outros Estados do país. A própria estatística da alfândega do Rio Grande o demonstra: em 1920 o pescado nacional, preparado, com 1.800.000 quilos de peso, orçou em 870 contos de réis (900 réis, o quilo), ao passo que no mesmo ano foram importados 240.000 quilos de bacalhau ao preço de 600 contos (a 2$500 réis o quilo).

Não pudemos verificar, ao certo, por que razão a estatística alfândegária mantém separadas duas rubricas, miraguaia e burriquete, quando se trata do mesmo peixe, assim denominado conforme a idade. Questão de tamanho das mantas? Para comprovar a abundância de miraguaias nas águas do Rio Grande do Sul, o Sr. R. Gliech registra o fato de que em Outubro de 1924, durante e depois de um forte temporal, em Tramandaí foram pescados cêrca de 10.000 exemplares dêste peixe.

Miriápode — Esta denominação, usada pelos letrados, não logrou vulgarização na nomenclatura popular. Abrange duas classes distintas de artrópodes: *Chilopodes*, com um só par de pernas em cada segmento, miriápodes êstes que são vulgarmente conhecidos por "Centopeias"; *Diplopodes*, com 2 pares de pernas em cada segmento e chamados pelo povo: "Piolho de cobras", "Gongolo" ou "Embuá". Há em nossa fauna cêrca de 50 espécies de *Chilopodes* e 210 de *Diplopodes*. Os antigos compêndios de zoologia reuniam em uma só clas-

Miriápodes
em cima: Chilópode
em baixo: Diplópode.

se os dois tipos compreendidos por esta denominação. Hoje, porém, está verificado que a analogia de formas é apenas aparente e que os *Chilopodes* têm muito maior afinidade com os insetos do que com os *Diplopodes*.

Mirim — Abrange várias espécies de abelhas sociais da fam. *Meliponideos*, gên. *Trigona* e, como o diz o nome tupí, as espécies pequenas ou mínimas, havendo delas de apenas 2 mms. de comprimento *(Trigona muelleri)*, no Brasil meridional. Menor ainda é a espécie do Norte, *Tr. duckei*, com 1,75 mms., lá conhecida por "L a m b e - o l h o s".

Mirim preguiça — Abelha social da fam. *Meliponideos, Trigona schrottkyi*, que mede 3 mms. de comprimento e é de côr parda, com pêlos brancacentos e azas hialinas. Nidifica em madeira podre, postes, batentes, etc. Os potes de mel têm apenas 5 a 6 mms. de diâmetro e todo o ninho é proporcionalmente pequeno.

De noite as abelhas fecham a entrada com cera, como aliás é costume das *Trigonas* menores; mas a presente espécie só muito tarde na manhã seguinte, às vezes depois das 10 horas, abre a porta, para recomeçar o trabalho e daí o seu renome de preguiçosa. Veja-se também sob "A b e l h a m i r i m".

Mirim rendeiro — O mesmo que "T u j u v i n h a".

Miriquina — Em Mato Grosso, é o mesmo que "M a c a c o d a n o i t e". Veja-se também "M a r i q u i n h a s", "M u r i q u í" e sob "M o n o".

Mirocaia — Veja-se sob "M u r u c a i a".

Miroró — ou também "M o r o r ó" e "T o r o r ó", bem como "M u t u c a p i n t a d a" são nomes dados na Baía às várias espécies de *Muraenideos*, cujo principal representante é o "C a r a m u r ú" (veja êste); há também larga variabilidade de colorido entre os exemplares da mesma espécie, de modo que a nomenclatura popular se torna de todo imprecisa. Na ilha de Itaparica diz-se também "M i r o r ó c a r a m u r ú".

A carne é pouco apreciada, pois que no mercado alcança apenas um terço do preço pelo qual são vendidos o camorim e a tainha (em Alagôas respectivamente 300 réis e 1$000 por kilo).

Theodoro Sampaio interpreta o nome (corruptela de "miroiró") como significando "o despresado, repudiado".

Miruim — O mesmo que "M a r u i m".

Miuá — Denominação maranhense e talvez nortista em geral, do "B i g u á - t i n g a". Veja sob "M e u á".

Mixila — No sul do Piauí, é o mesmo que "M e l e - t a" na Baía, isto é o "T a m a n d u á" comum.

Moça branca — Abelha social da fam. *Meliponideos*, *Trigona varia*, da Baía e Norte do Brasil. No Ceará a mesma espécie é conhecida por "A b r e u". Nidifica em paredes de taipa ou em árvores ôcas, com entrada pouco saliente. Nêstes ninhos não se encontra o habitual invólucro, nem as células formam favos; à semelhança do que foi dito sob "F r e c h e i r a", as células de incubação agrupam-se em cacho ou rosário.

Mocho — São aquelas corujas que têm região auricular grande, maior que o olho, e ouvido provido de opér-

Mocho orelhudo

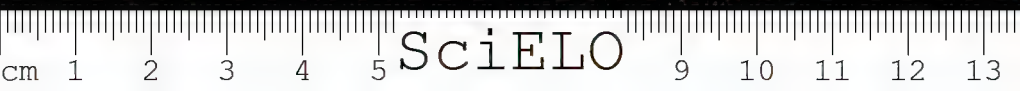
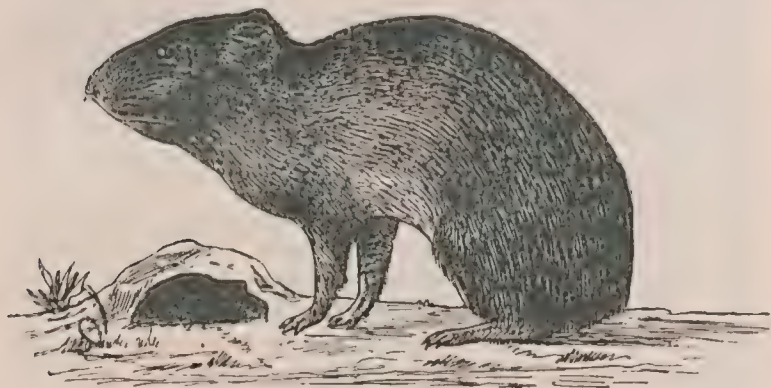
culo; uma grande corôa facial, de cada lado, abrange o olho no meio. Gêneros *Otus*, *Pulsatrix* e *Ciccaba*. Pouco se sabe ainda com relação à nossa fauna, das particularidades da vida destas aves noturnas, principalmente no que diz respeito à sua alimentação. Seria preciso registar, em longas séries, as análises do conteúdo estomacal, para se poder chegar a conclusões seguras, quanto ao papel que essas corujas desempenham na natureza.

Nos Estados Unidos os especialistas já realizaram tais investigações e de cada espécie foram examinadas algumas centenas de estômagos. Os resultados variam, de acôrdo com a índole da espécie em questão. Alguns mochos se alimentam, quasi exclusivamente, de ratos e assim são utilíssimos; outros acrescentam algum pássaro à lista de suas prezas, mas, como nêste caso muitas vezes se trata de pardal europeu, ainda assim o caçador noturno merece ser elogiado. Com tôda a imparcialidade os juizes estabeleceram, para cada espécie, qual seu "débito" (destruição de aves úteis). Pois só com relação a duas espécies evidenciou-se um "deficit" de utilidade; mas nem assim animaram-se os juizes a decretar sua destruição, limitando-se a aconselhar a restrição da espécie, onde ela prolifere em demasia. As outras espécies foram elevadas à categoria que as recomenda como sendo "de utilidade pública", mau grado a aversão do povo contra essas aves, tidas como agoureiras. Para combater êsse preconceito, o Ministério da Agricultura e as Sociedades protetoras das aves não pouparam esforços, tendentes a instruir os inimigos gratuitos dessas corujas, os quais, por ignorância, estavam sacrificando bons auxiliares seus.

Mocho mateiro — Coruja grande, *Pulsatrix perspicillata*, que na Amazônia é conhecida pelo nome "M u r u c u t u t ú". O lado superior é bruno, côr de café com salpicos e linhas indistintas nas azas e na cauda; o lado inferior é claro, porém com uma larga coleira escura sobre o peito; por cima dos olhos passa uma linha superciliar, branca.

Mocho orelhudo — Mocho grande, cuja cabeça é enfeitada com penas longas, que fingem pavilhão de orelha, *Otus clamator*. A ave pode mover essas suas pseudo-orelhas, de forma a levantá-las, o que lhe dá um curiosíssimo aspeto, ou então deita as penas para trás, principalmente quando enraivecida.

Mocó — Roedor da fam. *Caviideos*, *Kerodon rupestris*, semelhante à "P r e á", porém um pouco maior, de côr cinzenta, com mistura de pêlos pretos e amarelos.

Vive nas regiões pedregosas do interior do Brasil, e mora em tocas. No histórico da "moléstia de Chagas", transmitida pelos percevejos "barbeiros", cabe papel interessante ao mocó, pois foi nas tocas dêste roedor que o pesquizador encontrou, de início, reunidos o vetor e o

depositário natural do tripanozoma maléfico. No Nordeste, pobre em boa caça, o mocó é procurado pelos caçadores. Subindo montes pedregosos, com tôda cautela, chega-se a lugares em que há muitos mocós, mais ou menos a des-

Mocó

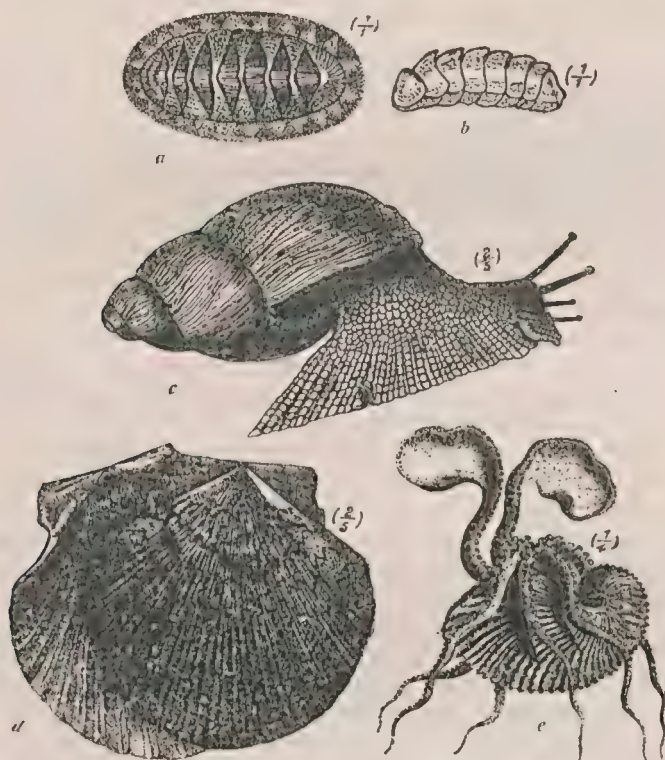
coberto; mas a qualquer rumor suspeito se escondem entre as frinchas. Um assobio fino, às vezes, consegue atraí-los. Sua carne é apreciada.

Mocotó — Denominação indígena de um sapo grande da Amazônia, (Dic. Ling. tupí de Gonçalves Dias e também Baena).

Mocura — No Maranhão é o mesmo que "M u c u r a".

Moleiro — Na Amazônia chamam assim uma das espécies de papagaio do gênero *Amazona*, também conhecida por "A j u r ú", *A. farinosa*. Extende sua distribuição até o Norte do Rio de Janeiro e, de resto, é frequente nos mercados como papagaio ensinado. Atinge 50 cms. de comprimento e seu colorido verde no dorso é como que polvilhado de cinzento claro ou quasi branco e daí seu apelido; o ventre é verde amarelado, a fronte bem amarela; só o encontro das azas é debruado de vermelho. Comem-no, apezar de ter carne dura; mas ninguém rejeitará o caldo, que é tido como muito superior ao de galinha.

Moleque — Nome que se dá na Baía à broca do bulbo da bananeira, larva do *Coleoptero* da fam. *Calandrideos*, *Cosmopolites sordidus;* e ainda às duas espécies do gên. *Metamasius*, também das bananeiras e *Rhynchophorus* do coqueiro (veja "A r a m a n d a i a").

Moluscos — Si fizermos abstração das poucas espécies de moluscos que nos são de certo valor econômico, podemos dizer que esta classe não merece, por parte do povo, outro interêsse sinão o que desperta a feição mais ou menos artística da concha calcárea — o que aliás não

Moluscos
a-b) *Amphineuro* (visto de cima e de lado), c) *Gasteropode* (caramujo), d) *Lamellibranchio* (bivalvo), e) *Cephalopodes*

corresponde, de forma alguma, ao elevado número ou à imensa variedade aquí compreendida. Dentre as várias espécies conhecidas, o maior número vive no mar; uma menor parte é fluvial e relativamente poucas são puramente terrestres.

Só os representantes de três, das cinco ordens que constituem a classe dos moluscos, têm nomes vulgares:

a) "C a r a m u j o s", "C a r a c o i s" e "L e s m a s" são representantes da ordem dos *Gasteropodes*,

animais que se caracterizam por terem 1 ou 2 pares de tentáculos retrácteis na cabeça.

b) "C o n c h a s" são os moluscos da ordem dos *Lamellibranchios*, cujo corpo, desprovido de cabeça e portanto também sem tentáculos, é envolvido por concha bivalva, com as duas metades unidas por meio de ligamento elástico e nesse ponto providas de sulcos e dentes, que se encaixam, formando a "charneira".

c) "P o l v o s" e outras formas semelhantes ("l u l a", "c a l a m a r", etc.) que têm 8 ou mais tentáculos na cabeça, constituem a ordem dos *Cephalopodes*.

Estas três ordens (e mais a dos *Scaphopodes*, conchas em forma de tubinho cônico aberto dos dois lados, espécies estas que não lograram nome vulgar) constituem a classe dos *Conchiferos*. A segunda classe dos *Amphineuros*, de corpo achatado ou vermiforme, revestido por cutícula que em geral tem espinhos, igualmente só compreende espécies marinhas, pouco aparentes e portanto desconhecidas do povo.

Moluscos comestíveis — Limitamo-nos a enumerar os nomes vulgares sob os quais, neste vocabulário se acham descritas as espécies em questão.

Ameijoa*, bacucú*, berbigão*, buzo, buzinho, *calamar*, calorim (= pavacaré), chave, gurirí (= ostra), lapa, leque, linguarudo (= pavacaré), marisco (nome genérico e também = mexilhão), *mexilhão*, mija-mija*, muçarate (= saguaritá), *ostra* (várias espécies), pata de cavalo, pavacaré, peguaba, periguarí, *polvo*, rosca, rosquinha, saguaritá, sarro de pito (= berbigão), sernambí*, sernambitinga*, *sururú*, tarioba, tampafoli, unha de velha.

Bem poucas destas espécies são apreciadas a ponto de motivarem pesca sistematizada; na lista sempre foram estas assinaladas pelo tipo grifado; as demais espécies são apenas aproveitadas, eventualmente, pelos praieiros, estando marcadas com * as mais procuradas.

Mombuca — Abelha social da fam. *Meliponideos*, *Trigona capitata*, de 8 mms. de comprimento, preta com penugem grisalha, abdômen bruno, com orlas amarelas nos respectivos segmentos. São abelhas mansas, que nem mesmo reagem ao se abrir seu ninho, o qual se acha em árvores ôcas e tem porta pequena e simples.

Mondéu — Os caçadores distinguem, por êste apelido, não só o "C o a t í" que anda isolado, desligado da vara, como também o porco "Q u e i x a d a", que anda só ou aos casais; afirmam, porém, alguns caçadores que

êste é então maior, mais preto e não mostra quasi vestígio de coleira branca.

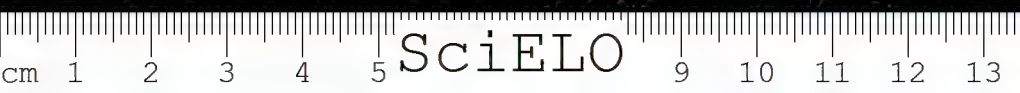
Mondorí — O mesmo que "M a n d u r i m".

Monge e "M o n o" — Designa-se também assim o pássaro mais conhecido por "B a r b u d i n h o", *Chiromacheris gutturosus.* Visam tais nomes pôr em destaque a "barba" que a ave parece ter, tal o colorido da garganta.

Mono — ou "B u r i q u í" ou "B a r b u d i n h o" ou "M u r i q u i n a" dos indígenas e daí, por corruptela: "M a r i q u i n h a", símio da fam. *Cebideos, Eriodes arachnoides.* E' o maior dos macacos da América, medindo 70 cms. de corpo, com outro tanto de cauda. Caracteriza-o a redução do polegar das mãos a um simples côto sem unha.

O pêlo é amarelo desbotado. Vive em bandos nas grandes matas de S. Paulo ao Espírito Santo. Goeldi (Mam. pag. 148) diz o seguinte a propósito da cauda preensil dêste símio. "O trecho nú e caloso da cauda lembra a superfície interna da mão da gente, compensação condigna do polegar atrofiado nas mãos dianteiras desta espécie. Pegue-se em um mono morto de fresco e far-se-á uma experiência de surpreender: a extremidade inferior da cauda prende-se automaticamente ao dedo que se encosta, de modo que pode ter-se seguro por êle o macaco morto, com seu peso que não é pequeno e levantá-lo.

Mono, primitivamente usado em Portugal para designar um símio africano, tem hoje no Brasil a significação zoológica restrita, que aquí explicamos.

Morcego — ou "G u a n d i r a" ou "A n d i r a" em tupí; "G u a n d i r u s s ú" são as espécies maiores. Denominação genérica que abrange todos os mamíferos da ordem *Chiropteros,* providos de uma membrana (patágio) que se extende, de cada lado, da extremidade anterior à posterior e com auxílio da qual voam. As espécies da nossa fauna pertencem tôdas ao grupo dos *Microchiropteros (Megachiropteros,* com exemplares de 1^m,50 de envergadura, ocorrem somente na região tropical do velho continente), subdividido em 4 famílias, duas das quais têm apêndice e pregas da pele no nariz: *Rhinolophideos* (cujo dedo médio tem duas falanges) e *Phyllostomatideos* (dedo médio com três falanges); as duas outras famílias não têm aqueles apêndices nasais: *Emballonurideos* (de cauda livre) e *Vespertilionideos* (de cauda longa). Há no Brasil cêrca de 100 espécies, as maiores das quais medem 15 cms. de corpo e 70 cms. de envergadura. *Vampyrus spectrum*

é o nome dêste "a n d i r a - g u a s s ú"; predominam, porém, os morcegos de tamanho médio, havendo além disto anões, cujo corpo é como o dos minúsculos ratinhos, mas ainda assim as azas, de ponta a ponta, medem 15 cms.

A côr geral não varia sinão do preto ao pardo e, quando muito, ao ruivo ou amarelado. E para que teriam êles ornatos de côres vivas, si de dia sua preocupação única é fugir da luz? Escondidos nas lapas e fendas das rochas, em árvores ôcas ou então sob os telhados das casas abandonadas, dormem "dependurados", isto é com as unhas dos pés encravadas nas saliências da parede e portanto com a cabeça virada para baixo e contra a parede. Só depois da noite fechada começam êles a agitar-se. São animais noturnos; no entanto, ao contrário da regra geral neste caso, seus olhos são pequenos.

Por ser verdadeiramente notável a destreza com que os morcegos, voando rapidamente no escuro, evitam todos os obstáculos, foram feitas experiências, afim de verificar qual o sentido mais aguçado dêstes animais. Com os olhos vendados por esparadrapo, ainda assim os morcegos, soltos num quarto cheio de obstáculos dependurados, esvoaçavam rapidamente, sem tocar nos fios distendidos e nas ramagens. E' graças a numerosos pêlos implantados sobre terminações nervosas, que os morcegos percebem a sua aproximação dos obstáculos e, voltigeando com extrema dextreza, evitam o embate.

Certas espécies são insectívoras e por isto, em seu vôo azafamado, andam a procura de insetos, que devoram aos milhares, pelo que devem ser arroladas entre os animais úteis; outras espécies são frugívoras e sua predileção pelas boas frutas dos pomares acarreta certo prejuizo. Só as espécies de um gênero, *Desmodus*, são hematófagas, principalmente *D. rufus;* alimentam-se do sangue não só dos cavalos, muares e porcos, como também das galinhas; ao próprio homem, quando podem, aplicam tais sangrias e a vítima adormecida não percebe o ataque, porque, segundo a explicação dada pelo povo, "o morcego abana a ferida com as azas enquanto suga". Mas nem assim se justifica o medo que se apodera das pessoas menos "calmas", quando à noite um morcego penetra numa sala; atraído simplesmente pela luz, êle não veio fazer mal algum e sua única preocupação é, desde logo, fugir.

Do ponto de vista utilitário é difícil afirmar, como conclusão final, si os morcegos nos são úteis ou nocivos, pois que se trata de um conjunto muito heterogêneo. E'

certo que muitas espécies são úteis, porque dão caça a inúmeros insetos; mas outras danificam as frutas do pomar

Morcegos
a) *Desmodus*, b) posição de repouso, c-d-e) *Myotis*, f) *Phyllostomatideo*

e a espécie hematófaga *(Desmodus rufus)* causa sério prejuizo à criação. E' bem recente a verificação feita de que

êstes morcegos são responsáveis pela disseminação da raiva bovina, inoculada por ocasião da sucção de sangue.

Como proteger umas e exterminar as outras espécies? Sem dúvida os lavradores prejudicados devem defender-se e, afinal, o pequeno proveito esperado dos morcegos insetívoros não é de tanta importância como as vezes tem sido apregoado. Havendo muitos morcegos daninhos, é preciso revistar as lócas, taperas e outros esconderijos das redondezas e dizimar ou afugentar os bandos.

Morcego — Peixe do mar, veja "P e i x e m o r c e g o".

Moreia — Peixes do mar, cujo corpo muito alongado, em forma de enguia, não têm outras nadadeiras a não ser a longa dorsal, que começa junto à cabeça, e a anal mais curta; ambas confluem na cauda, terminando esta em ponta. Pertence à ordem *Apodes*, fam. *Muraenideos* e a espécie mais comum *Gymnothorax moringa*, tem o corpo todo pontilhado de escuro. Come-se a carne, apezar de ser muito gordurosa. E' considerada de qualidade inferior, muito ao contrário das espécies correspondentes européias, de alto valor econômico. Outra moreia nossa, *Ophichthys gomesi*, da mesma família, tem nadadeiras peitorais. Veja-se também sob "C a r a m u r ú" e "E n g u i a". A espécie correspondente da água dôce ou salobra, é o "M u s s u m", pertencente, porém, a outra ordem.

Moreiatim — Na Baía designa o "P e i x e s a p o", veja êste.

Morerê — Peixe amazônico da fam. *Cichlideos*, *Symphysodon discus*, de corpo discoidal, quasi circular e muito comprimido; caracterizam esta espécie, aliás única do gênero, a dentição, limitada à parte anterior de cada maxila e o elevado número de raios nas nadadeiras Dorsal e Anal, cêrca de 40 em cada uma delas. O colorido consiste em linhas longitudinais ondeadas e 9 faixas verticais. Atinge apenas 17 cms. de comprimento.

Morganho — Designa em Portugal os mamíferos insetívoros da fam. *Sorrecideos*, também chamados "R a t o m u s g o" e "M u s a r a n h o". Tais espécies não ocorrem em nossa fauna. Mas no Maranhão e na Amazônia, não sabemos porque, vulgarizou-se êsse vocábulo, aplicado ao *Mus musculus*, o mesmo "C a m o n d o n g o" do Brasil meridional e que em Portugal é o "R a t o d a s c a s a s" ou "R a t i n h o".

Moriçoca ou "M u r i ç o ç a" — Designa no Nordeste os *Culicideos* em geral, sendo pois equivalente a "M o s-

q u i t o" ou "P e r n i l o n g o". Na Amazônia; porém, onde se pronuncia "M o r o ç o c a", a denominação se refere em especial aos transmissores do impaludismo (gên. *Anopheles)*, cujas larvas mantêm o corpo em posição horizontal na água, isto é, paralelamente ao nível e os adultos pousam com o corpo em direção oblíqua à superfície. Os principais vetores são *A. albitarsis, tarsimaculatus* e *argyritarsis*. Suas picadas são muito mais dolorosas que as dos outros mosquitos, "C a r a p a n ã s" como lá se diz. Atacam na hora do crepúsculo ou nos lugares sombrios, na mata ou dentro de casa, a qualquer hora. Já na Baía "M u r i ç o c a" é denominação genérica, que abrange também as "C a r a p a n ã s" da Amazônia. No Ceará e Rio Grande do Norte são conhecidos por "S o v e l a" e "P e r e r e c a" e os outros *Culicídeos* são muriçocas. No Brasil meridional não nos consta que haja denominação especial aplicada a êstes mosquitos ou pernilongos.

Morilhão — Denominação portuguesa, pouco usada entre nós, para designar os "P u l g õ e s" da fam. *Aphideos*.

Morobá — Espécie aliada à "T r a í r a", porém, menos frequente, *Erythrinus erythrinus;* veja-se sob "T r a í r a" a diferenciação destas duas e mais a terceira espécie "J e j ú", da mesma subfamília.

Morocututú — Veja sob "M u r u c u t u t ú".

Mororó — Peixe do mar, de Pernambuco e Alagôas, que vimos no mercado; não pudemos classificá-lo na ocasião.

Mororó — veja "M i r o r ó".

Morotó — E', segundo W. Belfort Mattos (tese Sarcófagas, 1919) no Norte, em alguns lugares a denominação dada às larvas das moscas da fam. *Sarcophagideos*. Veja "B i c h e i r a".

Morupeteca ou "M u r u p e t e c a" — E', na Amazônia, sinônimo de "F o r m i g a c o r r e i ç ã o".

Mosca — Nome genérico de todos os insetos da ordem dos *Dipteros Schizophoros*, mais ou menos semelhantes à "M o s c a c o m u m" das casas. Têm um só par de azas, seguido de um par de corpúsculos, os halteres ou balancins. As larvas vivem em substância orgânica, em putrefação ou não; são àpodes e transformam-se em pupas, das quais surgem os indivíduos adultos, que então se apresentam desde logo em seu tamanho definitivo. Portanto é

erro supor que uma mosca pequena possa crescer e assim atingir o tamanho de outra espécie mais conhecida. Há vários dípteros um tanto semelhantes à "m o s c a c o m u m", porém, um exame atento revela diferenças genéricas. Tal é *Stomoxys calcitrans* (veja "M u r u a n h a"), que pica os cavalos e às vezes também o homem; sua larva desenvolve-se no estrume. E' fácil diferenciar as duas espécies um tanto parecidas, bastando reconhecer a trom-

a) Mosca doméstica, b) mosca das frutas, c) varejeira e sua larva, d-e) moscardos, f) mosca das pombas
(Veja estampa da pag. 398)

ba lambedora da mosca comum e o estilete de *Stomoxys*. Esta pousa nas paredes com a cabeça para cima, ao passo que a mosca comum fica geralmente com a cabeça para baixo. Diversamente coloridas, mas tendo a feição geral, típica, dos dípteros esquizóforos, são as seguintes espécies nocivas: as causadoras de miíases, as "V a r e j e i r a s", o "B e r n e", o "B i c h o d a s f r u t a s" etc.

Mosca do bagaço — E', em Santa Catarina, o nome que se dá à mosca do gado ou dos estábulos, *Stomoxys calcitrans*. (Veja sob "M u r u a n h a") Esta denominação especial, colhida pelo Dr. A. Neiva, é a primeira de que temos notícia, com verdadeira afeição popular, aplicada a esta mosca importada há tanto tempo e tão comum e incômoda. Em Portugal é conhecida pelo nome "M o s c a d o g a d o".

Mosca comum das casas — *Musca domestica*, espécie cosmopolita.

A larva cria-se no cisco um tanto úmido e, especialmente, nas estrumeiras; muda de pele duas vezes e em 5 a 7 dias transforma-se em pupa, da qual, depois de igual número de dias, sai a mosca adulta. A fêmea põe de 120 a 170 ovos e em condições favoráveis, de alimentação, umidade e calor, poucos dêles se perdem. Seu nome não deveria ser "m o s c a d o m é s t i c a", porém, mosca do lixo, das estrumeiras, ou como dizem os hígienistas americanos: "mosca do tifo". Não é ela apenas incômoda e abjecta, mas verdadeiramente perigosa, como o provaram os estudos científicos. E' intuitivo que, de acôrdo com seu modo de viver, contribua largamente para a propagação de várias moléstias (tracoma, tuberculose, febre tifoide, etc.).

De fato, depois de se criar nos monturos, onde encontra seus primeiros repastos, vem para nossas casas e de tudo prova, quer seja na mesa, quer na escarradeira; e logo em seguida nos pousa no rosto e nas mucosas, tudo infectando com os micróbios de que vêm carregadas suas patas e a tromba.

A única luta eficaz contra êsse flagelo consiste em impedir que a mosca consiga depôr convenientemente seus ovos. Para tanto basta juntar o lixo e depositá-lo, bem como o estrume, em lugar abrigado, de forma que a mosca não possa ou não queira pousar sobre êste único criadouro de suas larvas.

A mosca nunca penetra espontaneamente em lugares sombrios e portanto basta que o depósito de lixo ou estrume seja construido de forma a manter sempre escuro o interior. Contudo, o estrume, antes de ser recolhido, já contém numerosos ovos; para matar estas larvas, basta espalhar sobre o monte, de vez em quando, ligeira camada de cal, o que aliás só contribue para melhorar a qualidade do adubo. A caça das moscas adultas, em casa pouco adianta, a não ser que se possa impedir a entrada de novas levas, ou por meio de telas colocadas nas janelas e portas, ou mantendo o ambiente pelo menos sombrio.

Quem mandar adubar seu jardim sem melhorés precauções, póde estar certo de que uma semana depois terá centuplicado o número habitual de moscas em casa.

E' preciso, pois, empregar sómente estrume bem curtido, no qual as larvas não se desenvolvem mais.

Mosca do mediterrâneo — Tradução do nome que a literatura estrangeira dá a *Ceratitis capitata*, uma das espécies de moscas cujas larvas são "B i c h o d e f r u t a". (Veja esta).

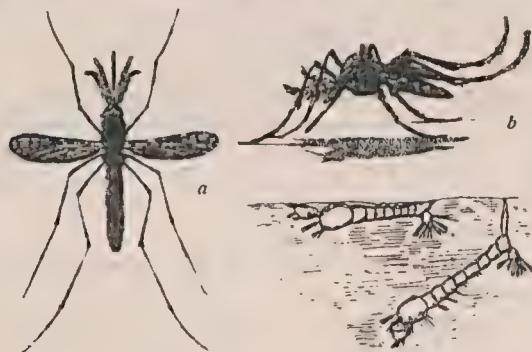
Mosca vareja — Veja sob "V a r e j e i r a".

Moscardo — Qualquer mosca de maiores dimensões. Sem dúvida a maior, mais volumosa de tôdas, é *Pantophthalmus pictus*, cujo corpo mede quasi 40 mms. de envergadura. Sua larva desenvolve-se no tronco de várias árvores indígenas e na casuarina, que aliás é a mais atacada; em um só tronco desta última foram constatadas 114 perfurações.

Mosquito — Êste têrmo, como diminutivo de "m o s c a", deveria designar os pequenos ou menores dípteros em geral. A palavra tomou, porém, a acepção especial, para abranger somente os dípteros *Nematoceros* (com antenas longas) hematófagos e em especial os *Culicideos*. Neste sentido é mais ou menos sinônimo de "P e r n i l o n g o" e muitas vezes diz-se também "M o s q u i t o p e r n i l o n g o"; a propósito podemos lembrar os têrmos "Mata-mosquito" (o encarregado da vigilância sanitária contra a febre amarela) e "Mosquiteiro" (o abrigo de gaze). No Rio Grande do Sul e na Amazônia o têrmo "pernilongo" é quasi desconhecido. Em todo o norte do Brasil prevalece a denominação "M u r i ç o c a" (Baía ao Ceará) para os *Culicideos* em geral ou "M o r o ç o c a" na Amazônia, onde porém especifica os *Anophelineos*. "C a r a p a n ã", têrmo puramente amazônico, designa também os *Culicideos* em geral, mas "C a r a p a n ã p i n i m a" distingue o transmissor da febre amarela *Aëdes aegypti)*. Além disto há regionalismos como "S o v e l a", "F i n c u d o" ou "F i n c ã o", "M o s q u i t o p r e g o".

A feição geral dos Culicídeos é típica e pouco varia em seus traços gerais; além disto caracterizam-nos bem as partes bucais, as antenas e as escamas de vários feitios, tanto sobre o corpo como nas azas, principalmente acompanhando as nervuras destas. Atinge a cêrca de 134 o número de espécies registradas em nossa fauna, abrangendo 7 sub-famílias e numerosos gêneros. Na impossibilidade, pois, de esboçar a sua classificação, limitamo-nos à enumeração de algumas espécies, das mais famigeradas e daremos um esbôço de sua biologia. *Aëdes aegypti* (outrora *Stegomyia fasciata)* da sub-fam. *Culicíneos*, o principal vetor brasileiro da febre amarela, não é espécie apenas americana, mas habita todos os continentes, 40° acima e abaixo do equador; distingue-se por ter tórax bruno com 2 linhas claras paralelas, medianas, ladeadas por outra, curvada em foice e pernas rajadas, isto é, os segmentos são pretos, com uma parte menor branca, na base das articulações. *Anopheles argyritarsis, albitarsis* e *tarsimacula-*

tus são os principais responsáveis pela veiculação do impaludismo; caracteriza-os o colorido das azas, muito manchadas de preto e branco; os tarsos das pernas posteriores são brancos, côr de neve. Somente as duas sub-famílias *Culicineos* e *Anophelineos* interessam o higienista, porque só os representantes destas desempenham papel de transmissores de moléstias.

Distinguem-se facilmente os machos, por terem antenas plumadas, ao passo que as das fêmeas são simples. Os machos em geral não sugam sangue e ainda que as vezes o tentem, não conseguem perfurar a pele. Alimentam-

Mosquitos e suas larvas
a) de Amophelineos, b) de Culicineos

se de sucos vegetais e poucos dias depois de terem copulado, morrem. As fêmeas necessitam de sangue para poderem depositar os ovos; sugam durante 1 a 3 minutos, conforme a região do corpo, mais ou menos irrigada. Algumas espécies são diurnas e não picam de noite, pelo menos nunca no escuro; contudo a *Stegomyia* é diurna antes da primeira postura, tornando-se depois noturna. Outras espécies *(Anophelineos)* são crepusculares e só procuram as vítimas durante a meia hora do escurecer.

Uma *Stegomyia* pode pôr até 150 ovos, em várias posturas; outras espécies põem até 250 ovos; uma fêmea de *Stegomyia* já foi conservada viva, em laboratório, durante 154 dias. O ciclo evolutivo pode ser completado em 11 a 18 dias; em condições favoráveis, o ovo pode resistir durante 6 a 8 mêses e depois evoluir. Em condições ótimas, podem originar-se numerosas gerações no espaço de um ano. O calor é essencial para a vida dos mosquitos; com temperatura baixa poucas espécies conseguem evoluir ou picar. Os *Anophelineos* preferem águas límpidas, *Stego-*

myia e outros *Culicineos* contentam-se com qualquer poça de água suja, mesmo em cacos de vidros, latas, etc. ou água salobra. Outras espécies desenvolvem-se só na mata, na pouca água que se acha acumulada entre as folhas de certas plantas. As larvas dos *Anophelineos* têm estigmas para a respiração ao longo do corpo e por isto, no repouso, conservam-se em posição horizontal na água, ao passo que os *Culicineos* têm como único orgão respiratório, um sifão na extremidade posterior e só êste toca a flor da água, permanecendo pois o corpo em posição oblíqua ou vertical, de cabeça para baixo. Têm movimentos muito rápidos e alimentam-se de detritos orgânicos e pequenos organismos e não raro são canibais. Depois da 3.ª muda da pele deixam de se nutrir e passam à fase de ninfa. A forma desta é a de um martelo (o que lhes valeu tal nome vulgar), isto é, a parte anterior é volumosa e os segmentos abdominais formam o cabo do martelo, mas sua posição habitual é encurvada. Em poucos dias dá-se a eclosão e os adultos, conforme a índole e as circunstâncias locais, permanecem na mesma área em que nasceram ou vencem pequenos trajetos, voando, principalmente ajudados pelo vento.

Não cabem aquí nem o estudo do modo como os mosquitos agem como vetores, nem dos meios práticos de que se deve lançar mão nas campanhas profiláticas. A ciência e a energia de Oswaldo Cruz e de seus auxiliares demonstraram, com o saneamento do Rio de Janeiro, que tais empreendimentos podem ser levados a feliz têrmo, desde que ao saber e à pertinacia não faltem os necessários recursos financeiros e legislativos. A base de todo o método de combate aos mosquitos é essencialmente o problema da eliminação absoluta de tôdas as águas estagnadas ou empoçadas, que possam convir ao desenvolvimento das larvas. Outras providências consistem na petrolização das águas ou utilização de verde París para matar as larvas; além disto há peixes miúdos que têm predileção pelas larvas de insetos. De resto, como defesa contra as picadas em regiões suspeitas, impõe-se o uso de mosquiteiros e, no caso do impaludismo, o quinino ou seus similares, com o que, sem prejuizo para o orgânismo, se mantém o sangue em condições impróprias para a multiplicação do micróbio da maleita.

Mencionaremos aquí ainda uma família de mosquitos, muito semelhantes aos hematófagos, mas que não picam e cujas azas não são providas de escamas; são os *Chironomideos*, que as vezes se acham aglomerados em grande

número entre o capim ou que pousam, aos milhares, nas paredes das casas, junto à água. As larvas dêstes mosquitos têm grande importância em piscicultura, pois que constituem alimento predileto de vários peixes úteis e de quasi todos os alevinos. Há, porém, um grupo de *Chironomideos* hematófagos; veja sob "Mosquito pólvora".

Mosquito — Impropriamente teve tal nome um *Hemiptero* da fam. *Tingitideos, Gargaphia torresi,* que no Rio Grande do Norte é praga do algodoeiro e também das folhas da batata doce e do milho.

Mosquito — Veja "Abelha mosquito", ou "Jataí mosquito".

Mosquito agulha — No Norte do Mato Grosso, segundo o Pde. Badariotti, é o nome de uma espécie muito molesta, provavelmente um *Anophelineo.*

Mosquito berne — Da mesma forma como se vê sob "Carapanã-ôra", (nome de origem tupí), também o povo brasileiro atribue a origem do berne a certas moscas de pernas compridas. "Mosquito berne" são os *Tipulideos* (conhecidos em Portugal por "Melgas", palavra esta que porém nunca vimos registrada nem usada por brasileiros). De fato, tais dípteros nada têm de ver com a transmissão do ovo do berne. São pernilongos que não picam e algumas espécies, de dimensões muito grandes (até 50 mms.), tornam-se interessantes porque, ao serem incomodadas em seu refúgio, levantam e abaixam rapidamente o corpo, firmando sobre os longos pés e, assim vibrando, imitam os movimentos de certas aranhas quando se lhes toca na teia.

Mosquitinho do mangue — Veja "Mosquito pólvora".

Mosquito palha — Em Minas (Theophilo Ottoni), designam assim o "Biriguí".

Mosquito pólvora — ou no litoral, "Mosquitinho do mangue" ou "Maruim", "Miruim" ou "Bembé" na Amazônia. Dípteros *Nematoceros* da fam. *Chironomideos,* subfam. *Ceratopogonineos,* principalmente do gên. *Culicoides.* Como o diz o nome vulgar, parecem grãos de pólvora, tanto pela dôr da picada, como pela côr e pelo tamanho, que varia de um pouco menos de 1 milímetro a pouco mais de 2 mms. A nervatura das azas é parca e fraca, distinguindo-se apenas claramente um ra-

mo costal (até a metade do bordo anterior) e dois ramos medianos, bifurcados; o colorido típico das azas em quasi todas as espécies consiste em campo opaco semeados de manchas hialinas. Os machos não chupam sangue. As fêmeas, ao contrário, atacam o homem, o gado vacum e cavalar, cães e mesmo aves e répteis, torturando-os por tal forma, que chegam a tornar certas paragens inabitáveis. Aparecem em grande número, principalmente ao escurecer e à noite e, dadas as suas dimensões, os mosquiteiros usuais não lhes vedam a passagem. Contudo qualquer fumaça, mesmo que não seja de pó da Persia, é eficaz. Não se lhes atribue transmissão de nenhuma moléstia (devido talvez à sua vida breve), mas a reação provocada pela picada é forte e persistente; com o tempo nosso organismo se adapta e a reação torna-se mais curta e menos intensa e há mesmo pessôas insensíveis aos "m i r u i n s".

Mosquito pólvora

Êstes mosquitinhos na posição de repouso conservam as azas superpostas paralelamente, mesmo ao sugarem; assim os *Ceratopogonineos* se distinguem facilmente de *Simulium* (Borrachudo) e *Phlebotomus* (Biriguí), os quais mantêm as azas levantadas. Com outros dípteros hematófagos não se confundem, devido às dimensões muito menores. Como sua tromba é muito curta, as fêmeas precisam encravá-la tôda até à base e ainda assim a sucção é difícil; é essa a razão porque é facil matar êsses mosquitos enquanto picam. Quando o podem, absorvem tal quantidade de sangue, que ficam com o abdômen enormemente distendido. Algumas espécies habitam o interior do país e, neste caso, suas larvas se criam nas águas das bromeliáceas e das taquaras. A maior parte, porém, das 18 espécies hematófagas, conhecidas no Brasil, encontrase no litoral, onde se criam nos mangues. Alí as larvas evoluem nas camadas superficiais do lôdo e é geralmente conhecida a periodicidade com que êstes mosquitinhos aparecem em certos dias, desaparecendo depois, às vezes por completo. Conforme as observações do Dr. A. Lutz, que estudou meticulosamente a biologia dêstes como de todos os outros dípteros hematófagos, o número de "M a r u i n s" aumenta poucos dias antes da lua cheia ou nova e, depois de alguns dias de quantidade máxima, come-

ça o declínio. O início da invasão coincide com as marés vasias, que parecem influenciar a eclosão. Uma espécie, *Culicoides reticulatus* cria-se unicamente nos buracos do guaiamú, situados na margem do mangue e que contêm água mais ou menos doce. Nesses mesmos buracos criam-se também dois pernilongos, *Culex corniger* e *taeniorhynchus.*

A espécie mais comum do nosso litoral, de S. Paulo à Baía, é *Culicoides maruim,* em cuja aza aparecem, pouco distintamente, 5 ou 6 manchas claras, que acompanham o bordo apical e posterior. Como já foi dito, conhecem-se até agora cêrca de 18 espécies de Ceratopogoníneos hematófagos brasileiros, quasi todos descritos pela primeira vez pelo Dr. A. Lutz. Há ainda um bom número de espécies semelhantes, que não atacam o homem e que, como foi verificado para algumas espécies, se alimentam do suco de animais menores (lagartas), diferenciando-se por ter sua tromba não 6 estiletes, porém, apenas 4 ou 2.

O Visc. de Taunay (Dias de guerra) diz a respeito dêste hematófagos o seguinte e que vale por uma explicação da origem da denominação vulgar: "A impressão do quasi microscópico "P ó l v o r a" é exatamente de um grão dessa substância, que de repente se incendiasse num ponto da epiderme".

Mosquito prego — Veja "M o s q u i t o".

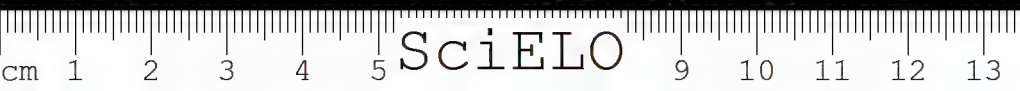
Motôro — Em Mato Grosso, ou "B o r ô". Raia fluvial, da fam. *Dasyatideos;* há várias espécies nos nossos maiores rios. O corpo é discoidal, com cauda muito longa e roliça, munida, na base, de um ou mais dardos serrilhados nos bordos e além disto coberta de espinhos.

Motuca — O mesmo que "M u t u c a".

Muçarete — E' o nome, dado na ilha de S. Sebastião, ao molusco mais conhecido por "S a g u a r i t á" e que aí se apresenta sob forma de uma subespécie, *Purpura haemastoma consul.* Löfgren aplica o mesmo nome a uma espécie do gên. *Trochus.*

Muciquí — E' a grafia que vimos em alguns autores, que provavelmente copiaram Gabriel Soares; mas os praieiros do Sul pronunciam "B u x i q u í" (veja-se êste); a forma original, indígena, é "M b u c i q u í".

Mucuim — Veja "M i c u i m".

Mucura — Denominação amazônica dos "G a m b á s".

Mucura chichí ou "M. chichita" — Na Amazônia é o mesmo que "Cuica".

Mucuripe — Em seu Boletim n.° 2 (1911) do Museu Rocha, o Snr. Fr. Dias da Rocha grafa "Mucuripé" (duas vezes, pag. 2 e 10) o nome do pássaro da fam. *Vireonideos, Cyclorhis cearensis*, cujo corpo reforçado e bico quasi abrutalhado, lembram talvez um meio têrmo entre sanhassos e *Tyrannideos* (bentevís). Várias outras espécies do mesmo gênero, (de colorido igualmente esverdeado, com lado ventral amarelado e com algum ornato castanho) ocorrem também no Brasil meridional; aquí, porém, não lhes conhecemos nome vulgar e também Goeldi só menciona os nomes científicos. Mucuripe é o nome do farol próximo de Fortaleza.

(Mugem) — No Brasil não logrou divulgação êste sinônimo português de "Tainha". E', contudo, o têrmo mais antigo e nobre, derivado do latim e que deu origem à denominação genérica *Mugil*. Veja-se também "Fataça".

Mulata — Peixe do mar da fam. *Lutjanideos, Ocyurus chrysurus*, semelhante às "Caranhas". Pardos em cima, róseos na barriga; uma faixa amarela se estende do focinho à cauda; esta e as outras nadadeiras são de côr amarela. Dizem que a carne é ruim, desagradável.

Mulata dá cá — Ave do tamanho do melro, preto com peito amarelo e que canta o seu nome. São apenas estas as informações que a respeito nos dá Frei Prazeres, na Porunduba Maranhense.

Mulato velho — No Rio Grande do Sul designam assim, no comércio, o bagre do mar, depois de sêco e salgado, preparado para a exportação, da mesma forma como a tainha e o bacalhau. São mais ou menos sinônimos: "Patureba" e "Caicó", denominações locais, nenhuma das quais logrou maior divulgação por todo país, aliás de acôrdo com a distribuição da mercadoria, que devido provavelmente à sua cotação inferior, não pode concorrer com o clássico bacalhau importado. O bagre sempre conserva certo gosto de óleo rançoso; as tainhas, porém, fornecem mercadoria melhor, que no entanto pouco aparece à venda, quando de fato a procura permitiria larga exploração dessa indústria. A própria carne sêca do pirarucú, tão apreciada, só raras vezes e a título de curiosidade apenas, é oferecida à venda no Sul do país.

Mulita — No Rio Grande do Sul e em Santa Catarina é o mesmo que "T a t u í r a" o tatú menor (do gênero *Muletia)*.

Mumbuca — Veja "M o m b u c a".

Muquirana — ou abreviadamente "Q u i r a n a" na Amazônia ou "M u c u r a n a" em Sergipe. Vocábulo tupí que significa "semelhante a micuim", isto é piolho ou "P i o l h o l a d r o" do português. Inseto muito semelhante ao "P i o l h o c o m u m"; é porém de côr branco-suja (e não cinzento) e maior, medindo o macho 3 mms. e a fêmea 3,3 mms.. Não vive no couro cabeludo, mas esconde-se na roupa, encontrando-se sobre a pele só por ocasião das sucções; também os ovos não se criam em geral aderentes ao cabelo, porém, igualmente são postos na roupa. A muquirana pode sugar outros animais, porém só se desenvolve quando consegue sugar sangue humano. A fêmea põe 200 a 300 ovos. Além do mal local que provoca, é transmissora do tifo exantemático e da febre recorrente. Experiências recentes demonstraram que êste piolho não difere especificamente do "piolho da cabeça" e, sendo apenas uma variedade ou raça, cabe-lhe, quando muito, a denominação trinominal: *Pediculus humanus corporis* De Geer.

Murganho — E' a forma européia, original, do vocábulo. Veja-se sob "M o r g a n h o", que é como se diz no Maranhão.

Muriçoca — Veja "M o r i ç o c a".

Muriquí — O mesmo que "M o n o", (compare-se também "M a r i q u i n a").

Muruanha ou "M u r i n h a n h a", "M e r u a n h a" e "B e r u a n h a", "B i r u a n h a" ou "B i r o n h a" — Conhecemos êste vocábulo como sendo mais usado no Norte do Brasil; no entanto refere-se a uma mosca cosmopolita e bastante frequente em todo o Brasil, a *Stomoxys calcitrans*, que no Sul porém não logrou denominação vulgar generalizada. (Veja-se "M o s c a d o b a g a ç o").

A designação "M o s c a d o s e s t á b u l o s" é usada só pelos escritores. (Veja-se também sob "M o s c a"). À primeira vista confunde-se perfeitamente com a mosca comum das casas — quanta gente não diz ter sido picada por esta!; para diferenciá-la, basta examinar-lhe o estilete, que lhe faculta sugar sangue, principalmente dos cavalos. Com êstes foi importada para o Brasil, onde

não existia antes da colonização. Neiva (Mem. Inst. Osw. Cruz, Vol. VIII, 3, pag. 111) não crê, por isto, que o nome indígena lhe tenha sido aplicado diretamente; pensa o ilustre autor da "Viagem Scientifica pelo Norte" que, a princípio, Muruanha (ou uma de suas variantes) designava apenas as pequenas Mutucas *(Chrysops)* e só posteriormente passou a abranger também a mosca importada. Não nos parece, no entanto, extranho que também os neologismos indígenas, e há vários exemplos disto, fossem, naqueles tempos do descobrimento, incorporados à nova lingua brasileira. Gabriel Soares (1587), depois de tratar de mutucas, diz: "Há outra casta de moscas a que os índios chamam *muruanja* que são mais miúdas que as de cima (mutucas) e azuladas; estas seguem sempre os cães e comem-lhes as orelhas: e se tocam em sangue ou chaga, logo lançam vareja". Descreve depois os "Merús, mosca grandes e azuladas que mordem", e das quais diz ainda que põem varejas nas orelhas e nas ventas. Finalmente diz que "também há outras, como as de cavalo, mas mais pequenas e muito negras que também mordem onde chegam". Como se vê, há, infelizmente, tanta contradição em tudo isto, que não é possível tirar conclusão segura do que nos informa o aliás bem intencionado autor quinhentista. Quanto à etimologia veja-se também sob "B e r u a n h a".

Murucaia ou "M u r u c a l h a" e "M i r u c a i a" — Nome que na Baía e em Alagôas parece corresponder à forma pernambucana "P i r u c a i a"; veja-se êste e "C a n g o á".

Murucututú ou "M o r u c u t u t ú" ou "J u c u r u t ú" ou "C o r u j a d o m a t o" — E' a grande coruja ou mocho de orelhas pretas, *Bubo magellanicus*, de côr amarelada, em cima, com salpicos e linhas escuras; a garganta é branca. No Pará o mesmo nome designa *Pulsatrix perspicilata*, que no Sul é conhecido por "M o c h o m a t e i r o". Quanto a seu modo de vida, veja-se sob "M o c h o". Observe-se, porém, que Barbosa Rodrigues, na lenda da "Origem de Izy" enumera Murucututú e Jacurutú como nomes de duas aves noturnas diversas. De fato, *Pulsatrix*, desprovido de orelhas, não se confunde com *Bubo*, que seria então o "J u c u r u t ú".

Muruim — O mesmo quee "M a r u i m".

Murupeteca — ou "M o r u p e t é c a" na Amazônia é sinônimo de formiga "C o r r e i ç ã o".

(Murutucú) — Usado por Alberto Rangel como denominação indígena referente a pica-paus ("... o murututú desiste de bicar o pau..." — Livro de Figuras). Em suas "Apostilhas" o Pe. Teschauer cita, como documentação, a diagnose de *Chloronerpes paraensis*, descrito pela Dra. Snethlage (Bol. Mus. Goeldi, Vol. V, 1909, aliás reprodução de um seu escrito publicado em alemão em 1907). Aí, porém, se verifica que Murutucú é a localidade, nas vizinhanças de Belém, onde fôra caçada a ave. "I p e c ú" é o nome genérico dos pica-paus na Amazônia.

Músico — O mesmo que "U i r a p u r ú", porém somente as espécies congêneres da "C o r r u í r a".

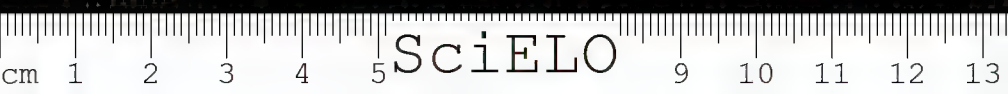
Mussuã — Réptil da ordem dos Quelônios, cágado da Amazônia, *Cinosternon scorpioides*, que atinge 25 a 30 cms. de comprimento, de pernas altas, com três cristas longitudinais sobre a couraça e com o bico de papagaio; a parte ventral é amarela. As fêmeas têm rabo mais longo que os machos. E' espécie odiada pelos pescadores, porque sabe roubar a isca do anzol, sem nunca se deixar pegar. Mas como êstes répteis são considerados fino petisco e vendidos por bom preço no mercado do Pará, inventou-se o seguinte modo de pegá-los em grande quantidade. Vivem, aos milhares, nos campos alagados pelas chuvas do inverno e quando a água escasseia, êles se aglomeram nos baixios, entre a canarana; a gramínea seca e então os sertanejos abrem valetas nos campos e lançam fogo ao capim. Os mussuãs refugiam-se todos nas valetas e aí são facilmente colhidos. Com um prego em braza perfura-se a couraça e assim a caça é vendida, às cambadas. Parece que "J u r a r á" do Maranhão é simplesmente sinônimo de "M u s s u ã", da Amazônia. Refere J. Verissimo (Pesca na Amazônia, pag. 87) que viu certa vez ser negociado todo um carregamento de um batelão, literalmente cheio de mussuãs e pitiús, tudo avaliado em três toneladas.

Mussum — Êste peixe anguiliforme d'água doce é, na América do Sul, o único representante da fam. *Synbranchideos*, da qual aliás só existem bem poucas outras na África e na Índia. Caracteriza-se pelo aspeto geral do corpo, sem escamas, semelhante ao das moreias, a respiração se fazendo por uma pequena fenda mediana da região gular; não possue nadadeiras pares, nem escamas, nem bexiga natatória. A única espécie americana, *Symbranchus marmoratus* encontra-se desde o México até a Rep. Argentina e também na África ocidental.

Vive tanto em açudes e outras águas paradas, como nos rios. Atinge quasi um metro de comprimento, mas quando muito 3 cms. de diâmetro. Só ocasionalmente é pegado com peneira ou rêde de malha fina e nunca em maior quantidade; por isto, e porque pouca gente o compraria, raras vezes é levado ao mercado. Nos açudes do Nordeste é êste o peixe que mais tempo resiste vivo, quando durante as sêcas, a água escasseia e evapora de todo. Então o mussum se enterra, cava longos canais e durante mêses permanece na terra sêca. Desenterrámos, assim, vários mussuns, que pareciam mortos, mas que, levados para o aquário, alí se reanimaram, vivendo ainda longo tempo sem serem alimentados. O nome indígena, mussum e do qual deriva o da conhecida cobra ofiófaga, a "mussurana", às vezes é substituido, no Brasil meridional por outro, "P i r a m b o i a", que de fato lhe caberia bem ("peixe cobra"), mas acarreta confusão com o famoso peixe que só êle em nossa fauna (Amazonas e Mato Grosso) tem respiração pulmonar *(Lepidosiren paradoxus)*.

Mussurana — Cobra da fam. *Colubrideos, Pseudoboa claelia*, de côr preta, com brilho cinzento irisado e lado ventral de côr variável, ou cinzenta ou amarelada ou ainda manchada; nos lados nota-se um leve tom bruno-róseo. Os indivíduos novos têm uma espécie de coleira avermelhada. Atingem até $2^{m},45$ de comprimento e são extremamente ágeis. Vivem nos lugares úmidos, perto da água e gostam de banhar-se. A "m u s s u r a n a" deve ao Dr. Vital Brasil a revelação de um dos seus hábitos biológicos e com isto adquiriu merecida fama de cobra ofiófaga, isto é, devoradora de cobras e principalmente das serpentes da fam. *Viperideos:* Jararacas, Urutús e Cascaveis. A luta das duas cobras é interessante e às vezes dura mais de uma hora. Em vão a serpente injeta seu veneno na atacante; esta é, naturalmente imune e continúa a estrangular a adversária, até poder finalmente começar a deglutição, a começar sempre pela cabeça. Foi presenciado um caso em que uma mussurana de 1 m. de comprimento subjugou uma jararaca de $1^{m},40$, mas, tendo engulido boa parte e não podendo fazer caber em si o resto, foi obrigada a regorgitar o almoço.

E' evidente que uma cobra tão útil deve ser protegida carinhosamente, pois o serviço que nos presta é inestimável. Alia a "M u s s u r a n a" ainda outra qualidade a esta sua atividade saneadora; é uma cobra de todo inofen-

siva. "Para demonstrá-lo aos meus, fiz um exemplar de dois metros brincar com minha filhinha, que o trouxe enrolado pelo corpo como um boá vivo. Momentos depois a mesma "M u s s u r a n a" ofereceu-nos o espetáculo empolgante a que os excursionistas, de passagem por São Paulo, assistem maravilhados no Instituto do Butantan e ao qual Roosevelt e Bertarelli consagraram páginas literárias, que glorificam a ação benfazeja dêste réptil".

A etimologia do nome indígena talvez seja: *mussum* (o conhecido peixe semelhante à enguia) — *rana* (semelhante), isto é "cobra semelhante ao mussum". Outra denominação indígena — "B o i r ú", dada à mesma cobra, diz claramente: *rú* (comer) *mboi* (cobra): a que come cobras. Também "L i m p a c a m p o" ou "L i m p a m a t o" (Veja êstes).

Durante algum tempo, na classificação das cobras confundia-se uma outra espécie, *Rhachidelus brazili* com a verdadeira mussurana. Essa espécie, de côr preta, alimenta-se porém, de aves e não de cobras. Veja-se sob "C o b r a p r e t a".

Mussurungo — São peixinhos do mar e da água doce, da fam. *Gobiideos*, gên. *Gobius* e outros, de nenhum valor econômico, porém curiosos e bastante conhecidos. Caracteriza-os a feição especial da nadadeira ventral, concrescida em uma só peça, com uma parte central que forma um disco ou ventosa, da qual o peixe se utiliza quando quer fixar-se às pedras. A nadadeira dorsal compõe-se de duas partes, a posterior das quais corresponde, em baixo, à nadadeira anal. Reveste-lhes o corpo uma mucilagem, que lhes valeu a denominação "B a b o s a". Vivem nas gretas e pequenas tocas das pedras (daí o nome "M a r i a d a t o c a"); também podem vir para a terra, onde se locomovem com certa facilidade, caçando pequenos crustáceos e insetos. Servem apenas para isca. Vários são os nomes pelos quais êstes são conhecidos nas diferentes regiões do país: "A m o r é" ou "A i m o r é", "A m b o r é", "E m b o r é" (veja êste) ou "A m o r e i a" e ainda "M a i u í r a", no Pará; em Pernambuco, segundo Rod. Garcia, parece que ainda subsiste a denominação "T a j a c i c a", já registrada por Marcgrave; também "C u n d u n d a". Mais para o Sul, além de "M u s s u r u n g o", ainda "B a b o s a" e a também já citada "M a r i a d a t o c a" e, como constatou A. M. Ribeiro, no Rio Pomba: "P e i x e - f l o r" ou "F l o r e t e". A denominação portuguesa "Caboz" ou "Alcaboz", dada às

espécies européias correspondentes, não é conhecida no Brasil.

Mutuca ou "M o t u c a" ou "B u t u c a" — Dípteros *Brachyceros* da fam. *Tabanideos*.

Trata-se de um conjunto de cêrca de 200 espécies brasileiras, cuja classificação só pode ser feita pelos especialistas, pois os dados para a diferenciação baseiam-se em minuciosos detalhes das nervuras das azas, etc. São moscas volumosas, de cabeça larga, com olhos enormes, em geral de belas côres (verde esmeralda e preto) ; a tromba é um estilete, que ás vezes atinge 2/3 do comprimento do corpo; o tórax e o abdômen são grossos, em algumas espécies unicolores, pardos ou pretos ou com variado desenho amarelo ambar. As azas têm recortes característicos junto à base interna e também são diversamente coloridas em muitas espécies; típico é o colorido dos olhos, com faixas verdes. O tamanho médio é de 15 mms., havendo no entanto espécies de apenas meio centímetro e outras de mais de 2 cms.

Mutucas

Só as fêmeas picam; os machos alimentam-se de sucos vegetais; êstes têm os grandes olhos contíguos no alto da cabeça, ao passo que nas fêmeas êles ficam separados por um intervalo. Quanto à classificação só podemos mencionar a sua sub-divisão em duas sub-famílias: *Tabanineos* (sem esporas nas tíbias posteriores e sem ocelos) e *Pangonineos* (com 2 esporas no ápice das tíbias posteriores e em geral com 3 ocelos entre os olhos).

E' sabido quanto as mutucas são incômodas ao gado, aos cavalos e também ao homem, pela constância com que perseguem a vítima escolhida. Seu vôo é tão silencioso, que não se ouve o voltigear do grande moscardo, quando procura lugar adequado para sugar. Pousa de mansinho e só quando seu estilete já se encravou na carne e começa a sucção, uma dôr aguda nos adverte bruscamente que estamos sendo picados. Os hábitos variam conforme a espécie de que se trata; muitas mutucas vivem só à beira da mata, outras em campo aberto; algumas picam só à tardinha, ao passo que em sua generalidade os *Tabanideos* gos-

tam do sol ardente. Algumas mutucas são suspeitas como possíveis transmissoras de moléstias do gado. Os ovos são depositados sobre plantas à beira da água.

Damos a seguir algumas denominações especiais, mas não se pode atribuir-lhes valor classificativo seguro. "Mutuca de boi" ou "Motucão" *(Tabanus aurora)*, "Mutuca verde" *(T. mexicanus*, que só ataca ao crepúsculo) "Mutuca de cavalo" *(T. modestus)*; "Mutuca rajada", "carijó" ou "maringá", de colorido variado, também conhecidas por "Muruanhas" no Norte. "Mutuca de natal" em Goiaz, designa a espécie *Chrysops costatus;* na Baía (Recôncavo) talvez esta mesma espécie ou outra afim tem o nome "Mutuca do oeste". "Mutuca mole" em Mato Grosso é *Dichelacera sp.* e que realmente é mais mole e fácil de matar. "Mutuca preta" é *Selasoma tibiale*, efetivamente de todo preta. Veja-se também sob "Cabo verde".

Mutuca — na pronúncia baiana ou "Mututuca", (veja êste).

Mutuca marijoana — E' preta, também nas azas, que tem pontinha branca; do tamanho da mosca doméstica; muito esperta, fugindo mesmo durante a sucção; a picada é muito doída. (Corumbá, Mato Grosso).

Mutuca maringá ou "Mutuca rajada e carijó" — São denominações registradas pelo Dr. A. Neiva na Baía e em Goiaz para as espécies do gên. *Chrysops*, que êsse cientista pensa possam ser os transmissores do "mal de cadeiras".

Mutum — Aves da fam. *Cracideos*, gên. *Crax* e que, juntamente com os "jacús", "aracuãs" e "cujubins" formam na América do Sul o principal conjunto da ordem *Galliformes* (a outra família dessa mesma ordem abrange apenas as poucas espécies de "Urús"). Pelo tamanho e vulto, os mutuns são, sem dúvida, os representantes mais importantes da família *Cracideos;* como seus parentes acima mencionados, levam vida arbórea e poucas vezes descem ao chão — aliás a conformação dos pés, com o dedo posterior articulado na mesma altura dos três dedos anteriores, indica tal modo de vida. Considerados como caça, os mutuns corpulentos e saborosos, de carne branca e portanto em tudo comparáveis ao perú doméstico, são na Amazônia do Sul a mais valiosa presa, de entre tôda a caça de pena. Vivem só na mata, em pequenos conjun-

tos de várias galinhas, chefiadas por um galo. Êste, tal qual como faz o galo doméstico, luta com seus rivais que lhe pretendem disputar a chefia. No cativeiro os mutuns acostumam-se bem e em muitos jardins públicos são mantidos soltos, como belo ornamento; a procreação, porém, tanto em galinheiros amplos como em viveiros menores,

Mutum

sempre é difícil, pois esta ave costuma nidificar no alto das árvores. Os ovos são brancos, medindo 90 x 60 mms. e raro excedem de 2 ou 3 na ninhada.

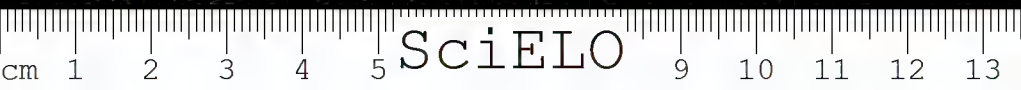
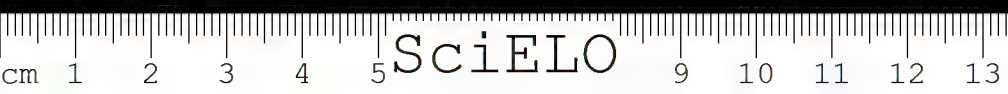
No Brasil meridional há duas espécies de mutuns: *Crax sclateri* e *C. blumenbachi*, ao passo que na Amazônia existem três outras espécies pouco diferentes. O macho distingue-se da fêmea por ser um pouco maior e ter a barriga branca, ao passo que nas fêmeas esta região é amarelada e além disto as penas longas e onduladas da crista são listadas transversalmente de branco, enquan-

to que no macho essa crista é da côr geral do dorso, isto é, preta com brilho verde.

Mutum cavalo — Ave da fam. *Cracideos, Mitu mitu,* da Amazônia e Mato Grosso. Difere dos mutuns do gên. *Crax* por não ter as penas da crista encrespadas; o colorido geral é preto e a barriga, tanto do macho como da fêmea é vermelha e a ponta da cauda branca. O nome científico baseia-se na pronúncia original da denominação indígena: *Mytu* (índios manaus), da qual aliás a forma brasileira, mutum, pouco difere.

Mutum pinima — Nome amazônico de *Crax fasciolata,* cuja cauda é listrada de branco.

Mututuca — Em Pernambuco, aplica-se a várias espécies de *Muraenideos* (veja-se sob "M i r o r ó" e "C a r a m u r ú"). Os pescadores distinguem: Mututuca branca, pintada, sangrador, etc. mas é sabido que a coloração dêstes peixes é muito variável e portanto não se trata, em todos êstes casos, de diferenças específicas.

———o———

N

Nambú — Veja "I n a m b ú".

Namorado — Peixe do mar da fam. *Malacanthideos, Pinguipes brasilianus*, de corpo alongado; bôca larga com lábios grandes e espessos, com caninos anteriores grandes e vômer e palatinos providos de grossos dentes cônicos. A nadadeira dorsal extende-se da nuca até o pedúnculo caudal, uniforme na largura, com 7 raios ósseos e 27 moles; também a nadadeira ventral é extensa, com 26 raios. O colorido é pardo-chocolate em cima, claro na parte inferior; várias faixas escuras oblíquas correm paralelas sobre os flancos; na base da caudal há uma mancha escura, redonda. Atinge 40 a 50 cms. de comprimento. Outra espécie semelhante, *Pseudopercis numida*, com preopérculo crenulado, lábios normais e corpo pintalgado de branco, cresce até um metro. São peixes de boa carne, abundantes no litoral do Norte do Brasil até o Rio de Janeiro, mas que não frequentam os mares do Sul. (Veja estampa da pg. 182).

Nandaia ou "N h a n d a i a" — E' a pronúncia original de que derivou "J a n d a i a", hoje mais generalizada.

Napupé ou "N h a m p u p é", em Sergipe — Veja-se sob "P e r d i z".

Narceja ou "B i c o r a s t e i r o" ou "A g a c h a d a" — Aves da fam. *Charadriideos, Gallinago delicata* e *G. paraguayae*. Na Amazônia esta última é conhecida por "s o v e l ã o", aliás nome de origem européia, pois em Portugal os Massaricos são chamados também "Sovelas". O colorido é bruno no lado dorsal, com manchas e estrias amareladas. A cabeça é preta, em cima com uma linha mediana e sobrancelhas amareladas; rêmiges escuras, uniformes, lado ventral claro. Veja-se também "G a l i n h o l a", nome da maior das três espécies do gênero. *G. delicata* pouco difere e habita o Brasil do Rio de Janeiro para o Norte, extendendo-se também até à América do Norte. A ninhada das "N a r c e j a s" encontra-se em meio do brejo, que é seu habitat predileto. Não lhe custa grande trabalho preparar a sim-

ples cama, onde choca os ovos; uma moita de capim é apenas esgravatada, algumas hastes são dobradas para os lados e aí, sem mais preparativos, deita dois ovos côr de couro, um tanto desenhados com manchas escuras, que formam garatujas mais complicadas, principalmente na corôa.

(Narinari) — Em tupí é a denominação da "R a i a p i n t a d a"; ao que parece não é mais empregada pelos pescadores.

Naufragado — Nome dado por nossos praieiros meridionais aos "P i n g u i n s", os quais, realmente, só chegam às nossas costas arrastados pelos temporais e, cansados, exaustos, despertam de fato a idéia que motivou a comparação.

Negaça — Pássaro amazônico do mesmo gênero das "S a í r a s", de colorido verde, tendo a parte central das penas da metade anterior do corpo, manchadas de preto e daí seu nome científico *Calospiza punctata.*

Negra mina — Denominação baiana da "C o r o c o r o c a", *Haemulon plumieri,* caracterizada pelas estrias azuis, longitudinais, na cabeça e no corpo; o colorido geral é bronzeado denegrido, destacando-se as orlas das escamas pela sua côr mais clara. A espécie ocorre em todo o litoral do Brasil.

Negra velha — Frei Prazeres menciona, na Poranduba Maranhense, tal nome como sinônimo de "b a g r a l h ã o", bagre grande, de couro muito duro; "junto dos esporões dos lados tem um orifício, por onde súa certo líquido fedorento". Não temos outros dados que facultem a identificação. Confronte-se a significação rio-grandense de "M u l a t o v e l h o".

Nei-nei — O mesmo que "B e n t e v í d e b i c o c h a t o", aliás nome onomatopáico, pois seu grito diz mais ou menos *Guei-guei.*

Neném de galinha — Em Pernambuco é sinônimo de "P i o l h o d e g a l i n h a", da mesma forma como "P e c h e l i n g u e" e "C a f i f e" em outros Estados do nordeste.

Os três vocábulos parecem ser puramente regionais. "N e n é m" no Ceará é usado no sentido de coisa de pouca importância; no caso de "n e n é m d e g a l i n h a" significa pois coizinha muito miúda. Veja-se sob "P i o l h o s d a s a v e s".

(Nhacundá) — Grafia que corresponde à pronúncia guaraní; o povo diz mais geralmente "J a c u n d á".

Nhambú ou "N a m b ú" — Veja "I n a m b ú".

(Nhandiá) — Veja "J u n d i á".

Nhandú — O mesmo que "E m a".

Nhandú — Em guaraní significa também aranha. Assim "N h a n d ú - a s s ú" é a maior das nossas aranhas, a "C a r a n g u e j e i r a". Tem a mesma etimologia o vocábulo "N h a n d u t í", que é o conhecido trabalho de agulha ou renda, comparável a uma teia de aranha.

Nimbuia — ou "G i m b u i a", forma esta menos usada, porém talvez mais etimológica. Batráquio do gên. *Leptodactylus* (veja-se sob "R ã"), *L. pentadactylus*, também conhecido pelo nome "R ã - p i m e n t a", devido à mucosidade que segrega pelas glândulas cutâneas do dorso e que provoca ardor nas mucosas. A "N i m b u i a" alcança proporções tais que é quasi comparável aos grandes sapos, de um palmo de comprimento.

Ninho de vespa — Veja-se sob "C a i x a d e m a r i m b o n d o".

Niquim — O emerito conhecedor dos peixes da Baía, Almirante Camara, designa como "rei dos cações" o "C a ç ã o n i q u i m", com 4 metros de comprimento. Evidentemente referia-se ao "A n i q u i m" — o que, portanto, destôa da acepção portuguesa.

Ninquim — ou "N i q u i m d e a r e i a" na Baía é o nome de um peixe venenoso, do gên. *Thalasophryne*. Uma das espécies dêste gênero adaptou-se completamente à vida na água doce, no Amazonas (rio Negro) e aí talvez tenha outro nome vulgar. O acúleo dorsal está em comunicação com uma glândula de veneno, a qual fornece o líquido que é injetado pelo ferrão, quando o pé descalço do pescador pisa em cima do peixe escondido na areia. Veja-se seu parentesco com o "P e i x e s a p o".

Parece-nos que neste conjunto de peixes exquisitos, que vivem enterrados na areia e que o povo teme porque ferem a planta do pé, devem estar envolvidos também os da fam. *Uranoscopideos*, de feitio e hábitos mais ou menos semelhantes aos precedentes. Mas *Astroscopus* e *Uranoscopus* (portanto "astrônomos", porque têm os olhos no alto da cabeça) não ferem os pés dos pescadores ou banhistas com espinhos; optaram por outra arma:

o choque elétrico. De várias espécies sabe-se que os orgãos elétricos estão situados no alto da cabeça, logo atrás dos olhos e os exemplares de bom tamanho (30 cms.) podem causar uma sensação bastante desagradável. No Brasil foram assinaladas, até agora, só 5 espécies desta família.

Ninquim da pedra — Nome dado na Baía ao "M a n g a n g á".

Noitibó — Nome dos *Caprimulgideos* de Portugal. E' usado no Norte do Brasil para designar certas aves noturnas de grito agoureiro. Deve pois ser considerado como sinônimo da denominação sulina "C u r i a n g o".

Novato ou "F o r m i g a d e N o v a t o" — Veja sob "T a c h í".

Nútria — Nome argentino ou hispano-americano da "a r i r a n h a" e também nas regiões limítrofes do Sul do Brasil essa denominação é conhecida, sem contudo substituir a palavra correspondente brasileira. Recentemente o "R a t ã o d o b a n h a d o" tornou-se conhecido sob o mesmo nome de Nútria (talvez aplicado, a princípio, apenas à pele, à qual assim o negociante procurava dar maior valor).

———o———

O

Obarana — Veja sob "U b a r a n a".

Obeba — Veja sob "O v e v a".

Oitenta e oito — Por êste nome muito adequado são conhecidas as lindas borboletas, de tamanho médio, que mostram, na face inferior da aza posterior, um curioso desenho que coincide quasi exatamente com a forma de dois algarismos: 88 ou 80. Pertencem ao grupo dos *Rhopaloceros*, família *Nymphalideos;* os dois gêneros a que cabe o nome, dado provavelmente pelos que gostam de colecionar borboletas, são *Catagramma* e *Calicore.* Em ambos a face superior das azas é azul com preto e o lado inferior vermelho.

Oitibó — No Ceará, corruptela de "N o i t i b ó".

Oleiro — Nome pouco usado do "J o ã o d e b a r r o".

Olhete — *Seriola carolinensis,* peixe semelhante ao "O l h o d e b o i", porém só atinge um metro de comprimento; as bochechas são cobertas com numerosas escamas, ao passo que o verdadeiro "O l h o d e b o i" aí tem apenas algumas escamas esparsas. Veja-se sob "A r a b a i a n a", sua denominação nordestina.

Olhete bacamarte — Em Ponta Negra, Est. do Rio de Janeiro dão êste nome a um peixe intermediário em peso, entre o "O l h e t e" e o "O l h o d e b o i". Poderá ser *Zonichthys rivolina.* Peso médio: 6 quilos. Difere êste último gênero do precedente por ser a cabeça mais alta que longa.

Olho de boi — Peixe do mar da fam. *Carangideos, Seriola lalandi.* Sua estrutura realiza o tipo perfeito do nadador veloz, pois o corpo é quasi fusiforme, as nadadeiras fortes estão bem colocadas e a cauda tem a função de hélice. No pedúnculo caudal vê-se a pequena crista lateral, que caracteriza os representantes desta família. Em cima o colorido é violáceo ou azulado metálico; uma faixa longitudinal amarelada aparece só nos indivíduos novos. E' a "A r a b a i a n a" da nomenclatura nordestina.

Vive em bandos de 10 ou mais indivíduos, atingindo os maiores exemplares 2 metros de comprimento. A carne

é muito apreciada; no mercado aparecem frequentemente espécimens com mais de 20 quilos de peso, sendo o máximo cêrca de 50 quilos. Veja-se a espécie congênere sob "Olhete".

Em Portugal esta mesma espécie é conhecida por "Anchova" (Veja "Enchova").

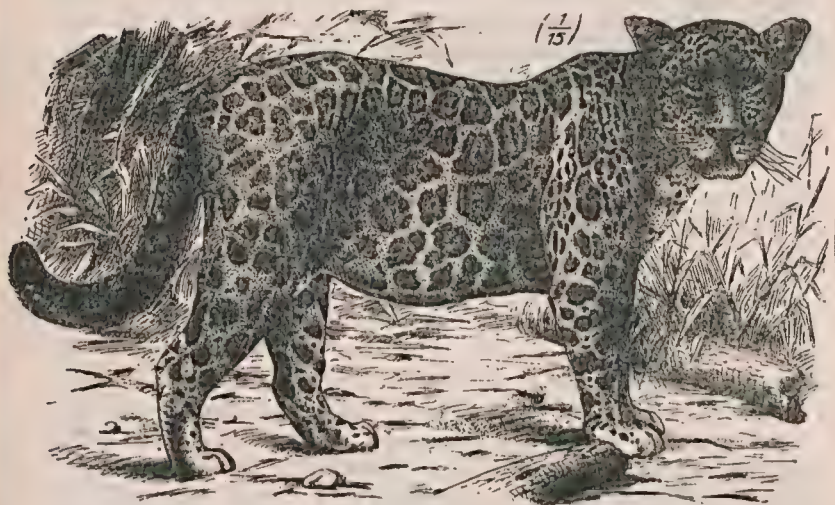
Olho de cão — Peixe do mar, *Priacanthus arenatus*, rubro com orlas escuras margeando as nadadeiras; ventrais negras. Parece que é esta a espécie conhecida ainda hoje por "Piranema" em Recife e à qual já Marcgrave se referiu sob êsse nome.

Olho de vidro — Registrámos em Olinda (Recife) êste nome, ao que parece equivalente a "Olho de cão" e portanto sinônimo de "Piranema". E' preciso notar que a substituição de "vidro" por "cão" tem o seguinte fundamento: "cão" é eufemismo por "diabo" (palavra que ao bom cristão nordestino deve repugnar); o essencial era apenas fazer alusão ao olho desmesuradamente grande do piranema.

Olho de sol — O mesmo que "Mãe de sol".

Onça ou "Onça pintada" ou "Jaguarete" — (Impropriamente o povo da cidade lhe dá o nome de "Tigre"). Carnívoro da fam. *Felideos, Felis onsa.* E' pouco menor que o seu parente asiático, o tigre, pois atinge 1^{m},20 de comprimento, sem a cauda, que mede 60 cms.; a altura é de 85 cms. A côr é amarelo-ruiva, com 5 séries de rosetas pretas nos lados; em parte estas rosetas têm no centro uma pequena mancha preta; outras são irregulares; nas extremidades e principalmente na cara são substituidas por manchas de vários tamanhos; a cauda tem aneis pretos e a ponta também é preta. Os caçadores distinguem ainda duas variantes: "Cangussú", que é um pouco menor, de cabeça mais grossa e as manchas do corpo são menores e mais numerosas; a "Onça preta" é de colorido escuro, quasi preto, onde dificilmente se destacam os contornos das rosetas. Estas variantes, contudo, o zoólogo não consegue fixar nem como subespécies.

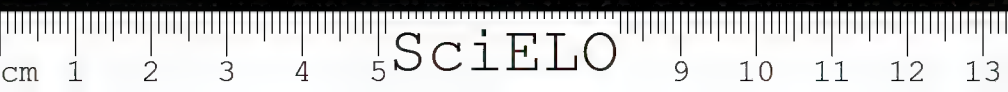
A onça tem todos os predicados para dominar, e de fato impera no sertão. Trepa em árvores com a mesma facilidade com que atravessa os maiores rios; não há quem a iguale nos saltos em altura e em distância e a tudo isto alia uma sagacidade e habilidade de emérita ca-

çadora. Em geral contenta-se com porcos do mato, capivaras ou veados; mas si esta caça é pouca e houver gado na região, os criadores pagam largo tributo. E' ao crepúsculo que a onça prefere sair à caça; depois de subjugada a vítima, ela a carrega para um esconderijo, suga-lhe o sangue e, sobrando alguma carne, guarda a carcaça para o dia seguinte. Empanturrada, vai dormir em lugar seguro, entre caraguatás ou no espêsso da capoeira. O touro é o único animal que ela respeita, mas, for-

Onça

çada à luta, ainda assim às vezes o vence. Também os porcos do mato, reunidos em vara, sabem resistir-lhe; por isto a onça espreita ocasiões oportunas em que possa surpreender os que estejam desgarrados. Quanto ao homem, a onça sabe que é perigoso medir forças com êle, e por isto são relativamente raros os acidentes, que não sejam os de pura temeridade. Claro está que o caçador, que tiver errado o tiro e fôr obrigado a esperar a fera a facão, na melhor das hipóteses sai gravemente ferido e dilacerado da refrega. (No sertão dá-se o nome de "resto de onça" a estas vítimas). Contam-se casos de onças que perderam o medo do homem e que daí por diante se aproveitam de tôdas as ocasiões para saborear novamente tal carne e, de preferência de gente de côr. Em compensação registraram-se casos autênticos de caçadores

que, sem maiores acidentes, mataram elevado número de onças só a facão ou com lança. Diz Varnhagem a respeito destas caçadas: "Si estais seguro de que o valor não vos há de faltar, posso-vos dar a segurança que no combate a fera cairá a vossos pés, quer por meio de tiro feito bem à queima-roupa, quer pela arma branca, si fordes munidos de uma faca e de uma forquilha; pois com a forquilha enchereis as guelas da fera quando vô-las abrir e depois de assim a terdes assegurada, lhe caireis com a faca entre as espáduas. Para melhor se defender, poderá o caçador de onça levar sempre consigo uma grande pele de carneiro, com lã crescida, a qual no momento do combate usará em forma de manto, com o que terá a segurança de que a onça, saltando de improviso às costas ou aos braços, não o destroçará".

Damos a seguir a descrição de uma caçada de onça, narrada pelo Comandante Pereira da Cunha (Viagens e Caçadas pag. 142).

"Com a máxima cautela, os dois zagaieiros à frente, o Nelson entre êles, eu e o Gomes logo atrás, o camarada puchando a retaguarda, penetrámos no acurizal. Um belo espetáculo oferecia-se aos olhos dos caçadores. A denodada cachorrada acuava um enorme macharrão que, entre sentado e de pé, com as costas protegidas por um acurí, a bôca escancarada, donde partiam urros de guerra, as presas ameaçadoras a descoberto, os braços abertos e as fortes garras saltadas, fazia frente aos valentes cães. O Nelson visou um pouco atrás do maxilar e um pouco acima, fazendo partir o tiro; o animal rolou por terra e a cachorrada avançou. Rápido, porém, uma nuvem de pocira levanta-se, os cães afastam-se e o macharrão, reerguendo-se, procura apanhar um dêles. Mas o nosso grupo também tinha avançado e a onça, deparando com êle, salta sobre um dos zagaieiros. A enorme força e o grande peso do animal enfurecido deveriam dominar o valente Coriango; êste homem já havia morto muitas onças como zagaieiro e sua grande prática de muito lhe valeu neste momento crítico; assim, com calma e perícia, recebeu o macharrão na ponta da zagaia e por tal forma que o derrubou por terra. O outro zagaieiro cravou, por seu turno, a zagaia no peito do animal. A cachorrada, assanhada, mordia raivosa o terrível inimigo, que ainda assim ferido e subjugado, apanhou um dos cães e quasi o mata; para salvá-lo o Gomes atirou na cabeça do macharrão, acabando de matá-lo".

O Jardim Zoológico de Nova York comprou certa vez uma onça fêmea, afim de que fizesse companhia a um belo espécimen paraguaio; durante alguns dias juntaram-se as duas jaulas, para que assim os dois prisioneiros, ainda apartados, fizessem camaradagem. Mas bastou a nova companheira penetrar no compartimento do "Lopez", para que êste lhe saltasse à nuca e com a primeira dentada lhe triturasse duas vértebras; a morte da pobre noiva foi instantânea, como se lhe talhassem o pescoço a machado.

Muitos caçadores afirmam que a onça imita o pio do macuco e com tal perfeição, que o caçador, enganado, se acerca da fera, atraido pelo pio com que esta lhe respondera. Outros caçadores, porém, o negam, nunca lhes tendo constado casos semelhantes, bem documentados. Frequentemente dá-se porém o inverso, pois é certo e aliás muito natural, que os felinos, bem como muitos outros carnívoros, procurem o macuco que ouviram piar e assim também acodem ao pio do caçador. Escondido no embaiá e piando macuco, não raro acontece ao caçador, quando embrenhado na mata em que haja onças, ser uma destas que se lhe apresenta ao tiro de... de chumbo fino! Característico é o estalido sêco e repetido com que a onça se trai, ao mover nervosamente as orelhas, que então produzem como que o som abafado de castanholas.

A área de distribuição desta espécie estende-se do Texas ao Norte da Patagônia. Depois de cento e poucos dias nascem os cachorros, nunca mais de três e que alcançam desenvolvimento completo no terceiro ano.

Onça parda ou "Onça vermelha" — O mesmo que "Sussuarana".

Oncinha — No Norte do Brasil é o mesmo que "Formiga chiadeira" no Sul.

Orelha de macaco — No Rio de Janeiro é o nome dos Antozoários (marinhos), da ordem dos *Alcyonarios*, fam. *Pennatulideos*, *Renilla reniformis*, que de fato têm a conformação de um rim chato, preso a um pequeno cabo. A côr é azulada ou chocolate, um pouco purpúrea. Delicadas estrelinhas, de 8 pontas, destacam-se apenas como pequenos pontos brancos; são êsses os componentes individuais da colônia, que no conjunto formam a "orelha".

Osga — Denominação desconhecida no Brasil meridional, mas no Pará e talvez em outros Estados do Nor-

te, designa o mesmo que "l a g a r t i x a" no Sul. E' têrmo usado em Portugal para as lagartixas da fam. *Geckonideos.*

Ostra — Moluscos *Lamellibranchios* da fam. *Ostreideos,* que em todo o mundo constituem fina iguaria. No Brasil há duas espécies principais, ambas comestíveis: *Ostrea parasitica,* à qual, conforme o lugar em que vive, dão os nomes "O s t r a s d o m a n g u e", "O. d a s p e d r a s", "O. d o f u n d o", mas que de fato não podem, ser separadas especificadamente, ainda que, como é natural, os ambientes diversos provoquem certa diferença no feitio e tamanho das conchas. A "O s t r a d o f u n d o" (ou "G u r e r í" em Iguape) é a maior, porém não a melhor; as mais saborosas são as "das pedras". No Norte do Brasil existe a espécie *Ostrea virginica,* que difere da precedente por ser o lugar da inserção dos músculos adutores de côr preto-violácea; esta mesma espécie ocorre também na América do Norte.

Ostra

Outra espécie menor, *O. spreta* tem o bordo interior da concha crenulado; *O. pulchana* extende-se de Sta. Catarina à Rep. Argentina.

Ouricana ou Uricana — O mesmo que "S u r u c u c ú d e p a t i o b a".

Ouriço-cacheiro — Roedor da fam. *Coendideos,* gên. *Coendu.* O nome indígena é "C u i m" no Brasil meridional e "C o a n d ú" no Nordeste. As nossas espécies não têm relação zoológica com as de igual nome da Europa, que são *Insectivoros* (ordem esta não representada em nossa fauna), nem deve o nosso "O u r i ç o" ser confundido com o "P o r c o e s p i n h o" europeu ou norte-americano, que pertence a outra família de roedores. A maior espécie da nossa fauna é o *Coendu villosus,* que atinge 60 cms. de comprimento. O pêlo normal é pardo-amarelado, mas escondem-no quasi completamente os numerosos espinhos, muito mais longos, côr de enxofre, da parte superior do corpo. Êsses espinhos são a defesa do animal,

de resto inofensivo e fleugmático. Vendo aproximar-se algum inimigo perigoso, não foge; eriça apenas os espinhos e espera pelos acontecimentos. O curioso é que a fama desta arma de defesa ainda não está tão divulgada entre os carnívoros como deveria ser; pois não é raro encontrar-se gatos do mato, cachorros ou aves de rapina com numerosos dêsses espinhos encravados na carne, sinal evidente de que, não tendo ouvido contar tais histórias, foram por experiência própria se convencer de que um mísero Cuim é inatacável. Mas a lenda de que o Ouriço "dardeja" suas setas sobre o inimigo não tem fundamen-

Ouriço-cacheiro

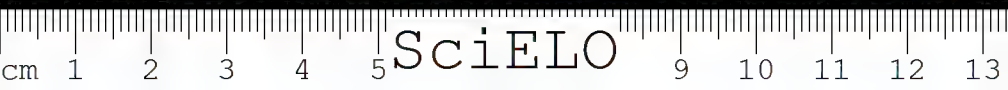
to. Conta-se, aliás, a mesma história com relação ao ouriço europeu. Entre nós já Gabriel Soares (em 1587) dizia: "Com os quais espinhos (o cuim) se defende de quem lhe quer fazer mal, sacudindo-os de si com muita fúria, com o que fere os outros animais". Há algumas outras espécies congêneres, menores, *C. prehensilis*, *C. melanurus*, etc. que todos têm o mesmo modo de vida: trepam em árvores, ainda que morosamente e alimentam-se de frutas e principalmente as goiabas e as bananas os fazem transferir a sua moradia para perto das plantações, onde dormem às horas quentes do meio dia, em uma espécie de ninho. (Veja-se "C o a n d ú").

Ouriço do mar — ou "Pindá" na nomenclatura indígena. (Veja êste). Abrange todos os *Echinodermas* da ordem *Echinoidea*, quando revestidos de espinhos maiores, de modo que possam ser comparados aos ouriços. Êsses espinhos às vezes são muito longos e fortes, mas há também *Echinoides* com revestimento muito frágil e assim gradualmente estabelece-se a passagem para as chamadas

"C o r r u p i o" ou B o l a c h a", discos chatos cobertos por espículos não pungentes.

Aos biólogos os ovos do ouriço do mar proporcionaram material muito adequado para interessantes estudos relativos às primeiras fases da embriogênese.

Oveva ou "O b e b a" — Peixe do mar, *Larimus breviceps*, da fam. *Sciaenideos* (veja "P e s c a d a"), porém de valor muito inferior. Caracteriza esta espécie o perfil da cabeça, com o focinho muito curto e bôca oblíqua. Atinge no máximo 22 cms. de comprimento; o colorido é claro, prateado, brunido e ornado por linhas ao longo das séries de escamas, no dorso e nos flancos.

---o---

P

Paca — Roedor da fam. *Caviideos, Coelogenis paca,* que atinge 70 cms. de comprimento; pelo feitio geral pouco difere de uma capivara nova ou então pode ser comparado a uma cotia, porém bem maior e tendo, como esta, a cabeça um pouco alongada. O colorido é que melhor a caracteriza; de côr geral bruno-amarelada, destacam-se ni-

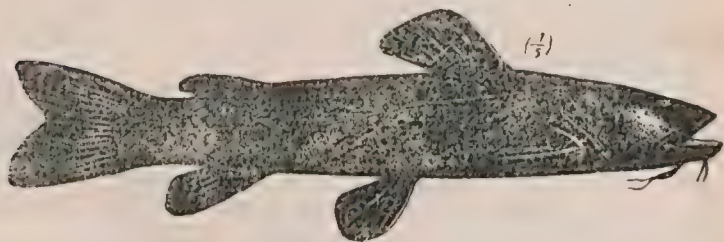
Paca

tidamente 5 séries longitudinais de malhas, um pouco alongadas, branco-amareladas. Vive de preferência nas capoeiras, dormindo de dia na toca, para sair à noite, em procura de tôda sorte de frutos e raizes, de que se alimenta. E' caça de primeira ordem, sendo a carne comparável à de leitão.

A caçada de paca é uma das mais apreciadas. Em noites de luar esperam-na junto às arvores frutíferas, ficando o caçador dissimulado no "mutá", um tanto elevado. De dia, diz Varnhagen em seu "Manual do Caçador", estas esperas também se podem fazer nas próprias tocas, uma vez conhecidas, quando se sabe que a paca não está dentro, pois perseguida pelos cães aí tem de vir a parar e, tapando tôdas as bôcas da toca, o caçador lhe atira enquanto ela a busca, no intento de procurar entrar. Si a paca se refugiou à toca e está dentro dela, a espera é feita nas bôcas da mesma toca, forçando-a a sair, já

com algum cachorrinho mais pequeno, que se mete dentro, já com o meter-lhe fumaça bastante dentro da toca, já com o auxílio de uma enxada. Enquanto se está nesta operação, é necessário guardar bem as bôcas tôdas, pois a paca costuma "espirrar" com força de dentro, quando menos se espera e algumas vezes escapa ao tiro. A persistência da paca dentro da toca é conhecida não só pelo ladrar dos cachorros, como pelo seu roncar de quando em quando. Às vezes a paca, em lugar de buscar a toca, busca algum rio visinho e neste mergulha ou passa ao lado oposto. Si a água está bem transparente, vê-se onde ela está; si está turva, esteja-se à espreita, para lhe atirar apenas ela volte em terra. A caça da paca, por meio de esperas nos aceiros ou caminhos, é a mais incerta e geralmente enfadonha. Além do que, a paca, perseguida, não é tão constante como o veado a seguir o caminho que conhece e vára às vezes por outros, si a isso a obrigam os cachorros. Em todo caso cumpre que o caçador, colocado em tocaia, esteja bem alerta, pois o animal "espirra" às vezes, sem se ouvir antes, quando atravessa terreno úmido; só quando deve atravessar capim um tanto ressequido, é que se ouve um pouco antes o restolhar dêle".

"Diga: Paca, tatú, cotia não" é uma locução muito conhecida, porém de significação e emprêgo não definidos. Originalmente, parece que circulou apenas como jogo de palavras, cuja graça está em serem repetidos os três nomes pelo interpelado, quando, ao contrario, se lhe pedira claramente a supressão da palavra cotia.

Pacamão — "Pacamã" ou "Pacumã", "Brecumbucú" e em Goiaz "Manguriú". Peixes de

Pacamão ou bagre sapo

couro da fam. *Pimelodideos*, gên. *Pseudopimelodus*. O caráter fundamental é dado pelo feitio abrutalhado da cabeça, chata, tão larga quanto comprida; o tronco também

é largo, e só para o fim se torna mais comprimido. O colorido é pardo, com nuvens escuras ou várias manchas grandes, cujos intervalos são pontilhados. Também êste peixe *(P. zungaro)* é "B a g r e", na acepção lata que o vocábulo tem no Est. de S. Paulo. No Norte do Brasil há algumas espécies semelhantes, pertencentes a gêneros afins *(Lophiosilurus, Cephalosilurus)* aos quais cabe igual nome vulgar. Em S. Paulo diz-se indiferentemente "B a - g r e s a p o" ou "P e i x e s a p o" e em algumas localidades usa-se só o equivalente guaraní ("P i r á - c u r u - r ú" ou antes a corruptela "P i a c o r u r ú"; veja êste).

Pacarana — Na Amazônia é um roedor, aliás bastante raro, do gên. *Dinomys*, um tanto semelhante à paca, e, como esta, também ornado de malhas brancas; tem porém rabo bastante longo. Interessante é que a transformação das unhas em cascos, caráter, aliás comum, à família dos *Caviideos* em geral, neste gênero está apenas esboçada; a pacarana tem todos os 5 dedos, ao passo que os demais *Caviideos* sofreram a redução do 5.º dedo.

Pacú — E' a denominação genérica que se aplica a todas as espécies de peixes da subfamília *Mylineos*, da fam. *Characideos*, ao todo cêrca de 30 espécies brasileiras. São semelhantes às "p i r a n h a s", de corpo ovalado, comprimido; mas diferem daquelas por terem dentição não carnívora, porém herbívora, isto é, os dentes são todos molares e em série dupla no maxilar superior; ao passo que as piranhas têm aí uma só série de dentes. De fato, o pacú se alimenta só de vegetais, principalmente dicotiledôneos, das margens. Há espécies que atingem grande desenvolvimento, até 20 quilos de peso. Sua carne é excelente e, por todos os motivos, é uma das espécies mais promissoras da piscicultura nacional.

Em Mato Grosso a reputação dêste peixe é tal que motivou o ditado cuiabano: "Quem comer a cabeça de pacú nunca mais sairá de Mato Grosso" (Felic. Galdino, Lendas matogrossenses, 1919). Segundo outra versão, a cabeça de pacú é uma espécie de Santo Antônio, casamenteiro das jovens cuiabanas. O rapaz forasteiro que comer a cabeça do pacú, casará pela certa com moça matogrossense. Uma das espécies chama-se "B a t u - q u e i r o".

Curioso é que várias espécies de pacú são vítimas de intenso parasitismo de vermes do gênero *Rondonia*,

que lhe enchem completamente o estômago; contudo, aparentemente, não lhe causam maior mal.

Pai Agostinho — Passarinho da fam. *Tyrannideos, Myiarchus ferox,* "G u a r a c a v a s", de larga distribuição por tôda a América do Sul. A côr é cinzento-azeitona, o peito cinzento e a barriga amarela. No Sul parece que lhe aplicam a denominação "I r r ê" e na Amazônia é conhecido por "M a r i a c a v a l e i r a".

Pai de mel — O caipira paulista designa assim os favos que contêm as larvas e ninfas das abelhas do mato *(Meliponideos).*

Pai Pedro ou "C o r o a d o" — Pássaro da fam. *Tanagrideos, Arremon silens.* Verde-azeitona no dorso, nuca cinzenta, cabeça preta com extenso supercílio branco; lado inferior branco, atravessado no peito por uma coleira. Extende-se da Amazônia até Espírito Santo e Minas. Em S. Paulo correspondem-lhe duas outras espécies congêneres e daí para o Sul vive *A. semitorquatus.*

Pairarí — O mesmo que "P o m b a d e b a n d o".

Palmito — Peixe de couro, *Auchenipterus nigripinnis,* dos mais apreciados em Mato Grosso, pelo fino sabor de sua carne. Caracterizam-no o pequeno desenvolvimento da cabeça, com grandes olhos laterais, a posição muito anterior da nadadeira dorsal, anal muito longa, com 37 raios e desenho em zig-zag da linha lateral, com ramos colaterais. Pertence ao mesmo gênero o "A n d u b é" amazônico.

Palometa — Em Sergipe é assim chamado um pequeno peixe de escama, do rio S. Francisco, que às vezes forma extensos cardumes. Atinge talvez 15 cms. de comprimento, o corpo é alongado, 3 cms. de altura e pelos flancos correm duas linhas paralelas, prateadas.

Palometa ou "P a l o m b e t a" ou "P a m p o" — Peixe do mar da fam. *Carangideos, Trachinotus carolinus.* Revestem-no escamas pequenas, quasi ocultas na pele; a linha lateral é sinuosa, sem ramo acessório anterior; a dorsal anterior tem um acúleo procumbente. A côr é azul em cima, branca em baixo. Veja-se também "G a l h u - d o" e "T a m b ó". São peixes de pouco valor; "P a m - p o" é o maior, com peso médio de 2 quilos. Mas há pescadores que aplicam o mesmo nome a um peixe chato, de pele, amarelo, semelhante ao "C h a r é u" e que vive iso-

lado nas praias do mar grosso, junto às arrebentações das ondas, onde espera os tatús, que são sua melhor isca; dizem que sua carne é quasi tão boa como a do robalo. Na Rep. Argentina designa-se como "Palometa" a *Parona signata*, desprovida de nadadeiras ventrais e que talvez seja o "T i b i r o" do Nordeste.

Característica para todos êles é o feitio romboidal e comprimido do corpo e como as nadadeiras dorsal e anal se alongam em linha oblíqua, seguindo a direção do perfil anterior, para depois sofrerem como que um recorte, resulta daí um contôrno que foi comparado com o de uma pomba no vôo; é o que exprime seu nome vulgar "P a l o m a" (isto é pomba, em hespanhol) ou "P a l o m e t a".

Há três espécies do gên. *Trachinotus* e como não lhes conhecemos os vários nomes vulgares, damos a seguir sua diferenciação: *T. palometa* tem 5 barras negras sobre os flancos (é a "G a l h u d a" do Sul e talvez corresponda à "A r a c a n g u i r a" do Nordeste). Os dois outros Pampos não têm êsse desenho, diferenciando-se por ter *T. falcatus* só até 20 raios na nadadeira anal (talvez o "A r a b e b é u" do Nordeste), ao passo que *T. carolinus* tem 2 raios ósseos e mais 26 ramosos na anal (esta é a "P a l o m e t a" do Sul).

Pampano — Peixe do mar, registrado na lista do pescado de Paranaguá, porém em pequena quantidade.

Pamplo ou "P a m p o" — Veja sob "P a l o m e t a; em Portugal as variantes "Pompo" e "Pombo" confirmam a comparação com a pomba.

Pampo de cabeça mole — Em Pernambuco, ao que parece, é assim chamada a "P a l o m e t a" *(Trachinotus carolinus)*. Alberto de Vasconcellos indica-lhe como sinônimo indigena: "Piraroba". Mas tanto o Almirante Alves Camara como o Dr. A. Neiva mencionam, da Baía: "P a m p o d e e s p i n h a m o l e" e "P a m p o d e e s p i n h a d u r a", acrescentando Neiva que o primeiro é mais saboroso.

Informou-nos, porém, o Dr. J. T. Nichols que tôda a família dos Carangídeos ainda está muito mal estudada; o catálogo norte-americano registra 43 espécies do Oceano Atlântico e (quasi outras tantas do Pacífico) ao passo que na Monografia de Miranda Ribeiro figuram apenas 25 espécies dessa mesma família e, pois, evidentemente, é preciso primeiro conhecer melhor a sistemática para depois interpretarmos corretamente a nomenclatura popular.

Panã-panã — E' a denominação genérica dos lepidópteros, em tupí; porém no Norte do Brasil designa em especial o bando de borboletas da fam. *Pieridcos* (gên. *Catopsilia* e *Eurema)*, por ocasião de suas migrações. Formando nuvens ou antes colunas intermináveis, talvez alguns milhões de borboletas, brancas ou amarelas, passam pelo rio em procura de outras paragens. Deve ser um espetáculo lindíssimo e incomparável. Gabriel Soares (1587) assim se refere ao "panamá" (como vem grafado na Rev. do Inst. Hist. Rio de Jan. T. 14) "as quais vêm às vezes de passagem no verão em tanta multidão, que cobrem o ar e põem logo todo um dia em passar por cima da cidade do Salvador à outra banda da Baía, que são nove ou dez léguas de passagem".

Goeldi descreve e ilustra êsse belíssimo espetáculo no Bol. III do Museu do Pará e Bates diz que viajou 80 milhas de sol a sol, no Amazonas e todo o dia fervilhava o ar de miríades destas borboletas *(Catopsilia)* que, em bandos de 3 a 8 milhas de largura, atravessavam o rio, voando tôdas na mesma direção (Norte a Sul).

Pão de galinha ou "Praga de besouro" — Nos Estados açucareiros do Norte é o nome das larvas de besouros que danificam a cana de açucar, causando sérios prejuizos.

Trata-se de duas espécies de coleópteros da fam. *Scarabeideos*, de corpo mais ou menos oval. O maior, de 22 mms. de comprimento por 12 mms. de largura, de côr castanho-avermelhada, é *Ligyrus bituberculatus;* o outro, menor, *L. humilis*, méde apenas 12 mms. de comprimento, por 5 de largura e é de côr negra, brilhante. As larvas, chamadas "Pão de galinha", atingem 50 mms. os da espécie maior e 20 mms. os da menor. Carlos Moreira, que estudou minuciosamente a biologia dêsses insetos, indica um período de cêrca de 20 mêses para o desenvolvimento das larvas. Quando bem crescidas, elas preparam uma cavidade na terra e aí passam pela fase de ninfa. Tanto as larvas como os adultos são nocivos, quer aos canaviais já formados, quer aos toletes plantados de novo; no primeiro caso vivem nas raizes das touceiras e, roendo-as, matam as canas; os toletes ou são carcomidos e perfurados, ou os brotos são tosados pouco abaixo da superfície do sólo. E' principalmente nas terras úmidas que mais se faz sentir o dano. Não havendo canaviais, os besouros vivem nas raizes de várias plantas silvestres; atacam também outras plantas cultivadas, hortaliças, tu-

bérculos, a parte enterrada das plantas de arroz, etc. C. Moreira aconselha os seguintes meios para combater a praga: inundar o canavial durante 48 horas; injeções de sulfureto de carbono (formicida) no solo plantado ou por plantar, gastando-se nisto cêrca de 32 gramas por metro quadrado; finalmente a caça aos insetos adultos que, por terem hábitos noturnos, são facilmente atraidos por meio de fachos, dispostos de tal forma, que um funil faça cair os besouros em um barril com líquido inseticida (um copo de querozene para meio de barril com água).

Veja-se também "T o r r e s m o", "F o r r e c a", "C o r ó" e "B i c h o G o r d o".

Papa-arroz — Veja "P a p a - c a p i m". Em especial *Sporophila superciliaris*, de côr verde-azeitonada em cima, brancacenta em baixo e com uma estria branca sobre os olhos e duas faixas amarelas na aza. Às vezes é confundido com o "P i c h o c h ó", não pelo aspeto, sinão pelo máu costume que ambos têm, de invadir as plantações de arroz, como se todo o trabalho do lavrador tivesse sido só em seu benefício. Também alguns *Icterideos*, como o "V i r a" e *Agelaius frontalis* são chamados "P a p a - a r r o z", na Amazônia.

Papa-assaí — Sinônimo de "U i r a t a t a". Assaí é a palmeira *Euterpe edulis*, de cujos frutos se prepara a beberagem muito usada no Pará e tão apreciada, que motivou a afirmação tradicional: "Quem vai ao Pará, parou — Quem bebeu assaí ficou".

Papa-boba — Na Ilha de Bom Jesus (Baía) designa pequenos peixes marinhos, cujos maiores exemplares não ultrapassam 20 cms. de comprimento (A. Neiva).

Papa-breu — No Maranhão designam assim as "B a - r a t i n h a s" *(Isopodes)*.

Papa-capim — Nome genérico, que compreende muitos passarinhos da fam. *Fringillideos*. Em particular as espécies do gên. *Sporophila*, ao qual também pertencem os "C a b o c l i n h o s", as "C o l e i r i n h a s" e a "P a - t a t i v a", (porém na Amazônia cabe o nome de "B i - c u d o" às espécies dêste gênero). São em geral, todos êles, bons cantores e além disso pouco exigentes quanto ao trato, pelo que são as primeiras vítimas dos "amigos dos passarinhos". (Cruel ironia: arvora-se em amigo dos pássaros quem, para demonstrar amizade, começa por privar o infeliz protegido do que mais êle preza: a liber-

dade!). E para satisfazer essa mania dos grandes, os pequenos, a molecada vadia, a título de "trabalho", passa o dia a perseguir os "P a p a - c a p i n s" com arapucas, nas quais aliás cáem facilmente, pois em geral revoam despreocupados, aos bandinhos, pelo campo sujo, entremeiado de capoeirinhas. Parece-nos que não há separação possível entre papa-arroz e papa-capim e devemos considerar tais nomes como quasi sinônimos ou pelo menos confluentes. Tôdas estas espécies alimentam-se principalmente das sementes de capim; papa-arroz serão talvez as espécies um pouco maiores *(S. superciliaris)*, capazes de engolir tais grãos, quando os "P a p a - c a p i n s" devem limitar seu cardápio às sementes muito menores.

Papa-capim de bico vermelho — Veja sob "C i - g a r r a".

Papa-defuntos — O mesmo que "T a t ú - a í v a".

Papa-formigas — Denominação genérica, que abrange muitas espécies de passarinhos da fam. *Formicariideos*, que em geral vivem nos bosques e nas matas e onde são utilíssimos, perseguindo tôda sorte de pequenos insetos e larvas nocivas às plantas. Veja "P a p a - t a ó c a".

Papa-isca — Peixe de couro da fam. *Pimelodideos*, *Pimelodus fur* e *Iheringichthys westermanni* ("P. - i s c a - a s s ú"), aliás verdadeiros " Ma n d í s", mas com focinho um pouco encurvado e bôca pequena, rodeada por lábios grossos, espessos, que lhe dão aspeto de sugadores, o que também explica a origem do nome vulgar.

Papa-lagarta — Veja sob "C h i n c o ã" *(Coccyzus)*.

Papa-mel — O mesmo que "I r a r a".

Papa-morcego — Peixe, veja sob "C a m o r i m".

Papa-mosca real — Pássaro da fam. *Tyrannideos*, *Onychorhynchus swainsoni* no Sul de (S. Paulo à Baía) e o *O. coronatus* na Amazônia. A plumagem do corpo é bem a comum dos outros passarinhos da família, pardo em cima, claro em baixo e cauda castanha.

Mas o que lhe valeu as honras de realeza é o lindo topete, vermelho com pontas pretas, disposto como um leque bem aberto e colocado transversalmente sobre a cabeça. A espécie amazônica lá é conhecida por "L e c r e", naturalmente corruptela de leque.

Papa-ovo — Cobra da fam. *Colubrideos*, aglifa, *Drymarchon corais*, afim à "P a p a - p i n t o" e a "C a -

n i n a n a", havendo muitas vezes confusão na aplicação dêstes nomes.

Papa-ovo — No Rio Grande do Sul chamam assim e também "P a p a - p i n t o", ao grande pássaro da fam. *Formicariideos, Thamnophilus leachi* e ainda a *Batara cinerea,* ambos conhecidos por "B o r r a l h a r a s". Diz-se que vão aos ninhos das aves menores e lá devoram os ovos ou mesmo os pintinhos menores.

Papa-pimenta ou talvez "C o m e p i m e n t a" — Na Baía, segundo nos informou o poeta Paulo Gonçalves, é um pássaro pequeno, que aprecia imenso a pimenta cumarí, apezar de lhe causar estas dôres horríveis ao expelir a ave os respectivos excrementos. Nesta ocasião o pássaro se contorce todo, eriça as penas e pia de fazer dó; fica mesmo como que atordoado, a ponto de se deixar apanhar facilmente com a mão, pelas crianças. Logo, porém, se restabelece e não tarda repetir a dose de pimenta — como se o sabor do pitéu compensasse amplamente o sofrimento subsequente. Supõem alguns filósofos que tal estupidez é peculiar ao bípede implume! Puro engano; também o "G u a x i n i m" nos faz companhia.

Papa pinto — Cobra da fam. *Colubrideos,* série aglifa, *Phrynonax sulfureus,* do feitio das cobras "c i p ó"; o colorido é amarelado ou oliváceo, às vezes avermelhado, com estrias oblíquas; lado ventral amarelado; cabeça clara com forte traço post-ocular. Êste colorido é um tanto variável, podendo a cobra com a idade, ficar muito mais escura. Atinge mais de 2 ½ metros de comprimento. O nome vulgar, bem como o da espécie do gênero afim, "P a - p a - o v o", condiz com o hábito destas cobras, que gostam de passarinhos e seus ovos. Há também confusão com certas "C a n i n a n a s", aliás do mesmo grupo e com afinidades nos hábitos. De resto são inteiramente inofensivas e, principalmente, medrosas.

Papa-sebo — E' como na Amazônia se diz, em vez de "C a g a - s e b o", geralmente usado no Sul.

Papa-taóca — Pássaros da fam. *Formicariideos* e, como em tupí "t a ó c a" significa formiga, a palavra híbrida é sinônima de "P a p a - f o r m i g a"; refere-se porém em especial à *Pyriglena leucoptera,* que é espécie de 19 cms. de comprimento, de colorido diferente nos dois sexos. O macho é preto, com uma mancha branca no meio do dorso e duas faixas de igual côr nas azas. A fê-

mea é parda em cima, mais cinzenta no lado ventral e a cauda é denegrida. Os olhos são de intensa côr vermelha. Estende-se de Santa Catarina até Minas e à Baía. Seu nome, bem expressivo, demonstra que o povo soube apreciar devidamente a utilidade dêsses pássaros, cuja ação benéfica aliás só observa quem percorre as matas, onde o "P a p a - t a ó c a" vive e trabalha. Relata um naturalista que durante longo tempo espreitou numerosos passarinhos desta espécie, reunidos ao redor de um bando de formigas, evidentemente alvoroçadas. Conhecia o naturalista os Papa-taócas como espantadiços e difíceis de atirar; pois nessa ocasião estavam êles tão preocupados com a caçada, que as sucessivas detonações da espingarda os não fizeram debandar. Examinando, depois o conteúdo estomacal, verificou que, além das muitas formigas, êsses pássaros haviam comido também gafanhotos e outros insétos.

Papa-terra — Peixe do mar da fam. *Sciaenideos. Menticirrhus americanus* (e também *Umbrina coroides,* esta com 2 acúleos anais e 9 estrias transversais); com um só barbilhão no mento. Sua cotação no mercado é bem inferior à das outras espécies da família a que pertence ("P e s c a d a s"). Veja-se, sob "B e t a r a", a explicação de seu nome indígena, aliás "T e m b e t a r a".

Papa-terra — Peixes da água doce, mais geralmente conhecidos por "A c a r á".

Papa-vento — O mesmo que "C a m a l e ã o".

Papagaio — Peixe de escama, do mar, da fam. *Labrideos, Bodianus rufus,* de aspéto muito curioso e, como o indica o nome vulgar, de colorido vivo: o macho é azul purpúreo, com cauda amarela; a fêmea, porém, é rubra; além disto tem vários ornatos pretos. Atinge cêrca de 60 cms. de comprimento. Também são designadas assim as espécies do gên. *Scarus.*

Papagaio — Na acepção mais ampla, corresponde ao que os amadores abrangem sob "B i c o s r e d o n d o s" e compreende pois tôdas as aves da fam. *Psittacideos,* a qual no Brasil é representada por cêrca de 75 espécies. Caracteriza-os a disposição dos dedos, os dois medianos dirigidos para a frente e o 1.º e o 4.º para trás. A mandíbula superior, arquiada, é móvel, articulada com o osso frontal e a face interna é sulcada transversalmente. Há, porém, a distinguir dois grupos: a subfam. *Conurineos,*

cujas espécies têm cauda longa, com as penas medianas maiores que as laterais ("A r a r a", "P e r i q u i t o s", "T i r i b a s", "C a t o r r a s" e "T u i n s") e a subfam. *Pionineos*, de cauda relativamente curta, composta de penas de tamanho mais ou menos igual e portanto formando arco e não degraus, quando aberta (compreende os "P a p a g a i o s" verdadeiros, "M a i t a c a s" e "S a b i a c i c a s"). Os "P. v e r d a d e i r o s" pertencem ao gên. *Amazona* e não é possível diferenciar aquí as 12

Papagaio

espécies que ocorrem no Brasil, algumas em área bastante restrita, outras com extensão por todo o país. Do Rio Grande do Sul só se conhecem 4 espécies; de S. Paulo 6 e outras tantas da Amazônia. Entre os "papagaios ensinados", o mais comum é *A. aestiva*, verde com penas orladas de preto, fronte azul clara, vértice, face e garganta de côr amarela e os encontros vermelhos. *A. amazonica* lhe é parecida, mas tem os encontros verdes e a mancha das azas é de um vermelho mais alaranjado. *A. farinosa* é inteiramente verde, com um tom mais cinzento e tôda ela como que polvilhada de farinha (e daí o nome que lhe dão: "M o l e i r o"). *A. vinacea* tem o peito roxo claro, com essas penas orladas de escuro; a fronte é escarlate e as penas da cabeça e do dorso são orladas de

preto; em S. Paulo chamam-no "J u r u e b a", no Rio Grande do Sul "P a p a g a i o d e p e i t o r o x o". *A. brasiliensis* tem cabeça vermelha, vértice mais roxo, face mais azulada, garganta roxa com orlas azuis nas penas; as rêmiges das mãos são preto-azuladas e as penas da cauda são de côr preta na base, seguida de vermelho e a ponta é verde-amarelada; é uma das espécies mais vistosas, porém pouco conhecida, extendendo-se do Rio Grande do Sul ao litoral de São Paulo.

Dá-se o nome de "P a p a g a i o s c o n t r a f e i t o s" (e ao que parece, na Amazônia o têrmo correspondente é "A r a t i n g a") aos exemplares em que o colorido natural, o verde principalmente, é substituido pelo amarelo. Nos papagaios mantidos em cativeiro parece que mais frequentemente aparece esta anomalia do colorido da plumagem, que talvez deva ser atribuida a distúrbios endocrínicos; dizem os amazonenses que basta dar a ave a banha vermelha do peixe "p i r a r a r a", para que boa parte das penas fique amarela.

Frequentemente comparam-se os papagaios aos macacos e ambos representam entre os seus pares os típos aos quais coube a maior soma de dotes que os habilitam a imitar — pelo menos sob alguns aspetos — o prototipo dos animais: o homem. Não se trata de verificar si êles alcançam a maior perfeição neste ou naquele mistér; mas o decisivo é a soma de habilitações para vencer em qualquer emergência na luta pela vida e além disto, que haja algumas sobras, que poderíamos considerar como o humor na vida e que lhes faculte realizar alguma coisa a mais além do estritamente necessário e indispensável. Não vem ao caso levar avante a comparação dos dois amigos e imitadores do homem; limitemo-nos à enumeração das capacidades dos papagaios.

Como voadores êles realizam amplamente o que precisam, pois facilmente vencem grandes distâncias; como ginastas, graças à facilidade com que se utilizam dos pés e do bico, rivalizam com qualquer dos mais destros arborícolas. Além disto o bico é um instrumento útil para a trituração do alimento, para os trabalhos de carpintaria e também representa uma arma respeitável. Quanto aos dotes intelectuais, não têm êles que se queixar, pois, mais do que qualquer ave, os papagaios tiram ensinamentos das lições, tanto na vida livre como no cativeiro. Nada diremos dessa sua habilitação, tão especial, de imitarem a fala dos homens, pois êsse é mais um daqueles tra-

ços que motivaram seu confronto com o macaco — puro arremedo do não compreendido. Quanto ao que poderemos chamar "dotes do coração", também lhes sobejam feições características: afeição, dedicação, mas também ódio e rancor. A vivacidade alterna com a apatia; revelam boa dose de orgulho e daí muitas vezes tiram o estímulo para empreendimento fora do seu alcance normal. Não se pode concluir dizendo que sejam os papagaios o grupo de aves o mais bem aquinhoado de todos, quanto aos dótes úteis para a vitória na luta pela vida; mas pouco lhes falta para tanto.

Finalmente devemos mencionar um fator essencial: a resistência do organismo contra a decrepitude. Há vários exemplos comprovados de papagaios macróbios. Tornou-se clássica a citação de um dêles, de um espécimen amestrado por uma tribu indígena, à qual sobreviveu, pelo que bem mais tarde foi encontrado falando a língua dessa nação extinta. Nós mesmos tivemos ocasião de ouvir a conversa de um papagaio, que fôra amansado e ensinado pela tataravó da senhora que o herdara.

A tudo isto aliam os papagaios belo aspeto — abstração feita dos pés e dos respectivos movimentos durante a marcha, que são simplesmente grotescos! — Sua plumagem, de um verde alegre, ornada quasi sempre bizarramente de vermelho, azul e amarelo, em vários matizes, não só completa os característicos dessas aves inconfundíveis, típicas das faunas tropicais, como contribue em boa parte para que os homens testemunhem aos papagaios, de um modo muito humano (diríamos melhor... deshumano) sua amizade: caçando-os e roubando-lhes a liberdade!

Papagaio de peito roxo — E' uma das espécies mais distintas do gênero e também seu nome específico *(Amazona vinacea)* refere-se ao colorido vermelho, côr de vinho do lado inferior, em parte aliás de aspéto escamoso. A fronte é vermelha, o lado dorsal quasi todo verde, com exceção da nuca, que é azulada. Tem esta espécie ainda os nomes: "J u r u e b a" e "P a p a g a i o c a b o c l o".

Papílio — A título de exceção, registrámos êste nome genérico das grandes e vistosas borboletas *Rhopaloceras*, tão conhecidas em literatura, graças ao romance do Visc. de Taunay, "Inocencia", cujo personagem, Dr. Meyer, chrismou *Papilio innocenciae* uma espécie ima-

ginária. O gênero *Papilio* ocorre também em outros continentes (Europa, Ásia); é difícil caracterizar completamente o gênero e as numerosas espécies apresentam colorido variado: preto com desenhos brancos ou amarelos ou com ambas estas côres e ainda acrescidas às vezes de vermelho; em outras predomina o amarelo e outras são quasi inteiramente brancas; a margem posterior do segundo par de azas é sempre recortada, denteada e quasi sempre uma destas pontas é estirada em "rabinho" longo. As lagartas são lisas ou cobertas de tubérculos carnudos e do 1.º segmento atrás da cabeça ela pode fazer sair um par de tentáculos retrácteis, em forma de Y e, quando irritada, exala forte odor desagradável. As lagartas, conforme a espécie, alimentam-se de *Aristolochias* e de laranjeiras e outras espécies de *Citrus*.

Não tecem casulo de seda; a crisálida é pois "nua", fixada à base com a extremidade posterior e ao redor do meio do corpo passa um fio, como um cinturão frouxo. Êste é também o modo como encrisalidam outros lepidópteros diurnos, mas nas conhecidas "borboletas amarelas", há um só espinho ou tubérculo na região cefálica da crisálida, ao passo, que no gênero *Papilio* há dois. Na grande famìlia dos *Nymphalideos* (p. exemplo o "O i t e n t a e o i t o", veja êste) a crisálida fixa-se de modo diferente.

Papista — E' um bagre pequeno, do mar, que abunda de uma maneira extraordinária nos portos e costas do Ceará ao Pará. São vorazes e comem quaisquer restos de cosinha, pão, etc., que sobrenadem. Pescam-se os "P a p i s t a s" com a mão, bastando mergulhar um pedaço de pão ou bolacha, de bordo com a mão esquerda, antepondo a mão direita, aberta, para depois segurar com esta o peixe que vem comer a isca. Quem nos contou êste original sistema de pescaria, viu encher diversas canôas em menos de uma hora, no porto da Amarração (Piauí), onde chamam isto "Bater papista". Tão curioso nos pareceu o fato que, apezar do crédito que nos merecia o primeiro informante, tratamos de obter a confirmação do fato; hoje podemos afirmar ser essa pescaria muito conhecida e usada no Norte.

Paquinha — Veja sob "G r i l o" *(Gryllotalpa)*.

Paraambóia — No Tocantins é êste o nome da "J a r a r a c a v e r d e".

Paracutaca — No Rio Madeira é o mesmo que "C a u i c h í".

Paraguaia — O mesmo que "F o r m i g a a s s u c a r e i r a" *(Iridomyrmex humilis)*; segundo outros, é a "C u i a b a n a".

Paraguassú — Em Mato Grosso é o mesmo que "P a r a u a c ú" (seg. A. M. Ribeiro).

Parambejú — Peixe do mar, registrado na lista oficial do pescado de Paranaguá, que não conseguimos ainda identificar. Note-se que o verdadeiro "B e i j ú p i r á" do Norte, no Atlântico meridional não chega até Santos.

Pararí — O mesmo que "P o m b a d e b a n d o".

Paratí — Espécies do gênero das "t a i n h a s" (veja esta) e também " C u r i m ã ", *Mugil brasiliensis* e *M. trichodon*. No Norte, onde não se conhece o nome "P a r a t í", os espécimens pequenos ou novos são chamados "S a ú n a s". O "P a r a t í" não tem ao longo de cada série de escamas, as listas pretas que caracterizam as tainhas. Veja-se também sob "P r a t i q u e r a".

Paratí barbado ou "P. d e b a r b a" — Veja sob "B a r b a d o"; dêsde já, porém, convém salientar, que o peixe em questão tem apenas vaga semelhança e nenhuma afinidade natural com os *Mugilideos*.

Paratibú — Veja "P r a t i b ú".

Paratiguera — Assim pronuncia-se na Amazônia, evidentemente bem de acôrdo com a etimologia, o nome do pequeno *Mugilideo* que lá mesmo e no Nordeste foi alterado para "P r a t i q u e i r a" (veja êste).

Parauacú — Símio da fam. *Cebideos, Pithecia monachus*, da Amazônia e Mato Grosso. Atinge 50 cms. de altura e tem uma roupagem de pêlo tão denso, hirsuto e crespo, como se fosse habitante das regiões polares; só a cara e as mãos ficam a descoberto e nestes pontos a côr é clara; o resto do corpo é pardo mesclado. A cauda, muito longa, também é grossa, devido aos pêlos longos. Na testa o penteado forma uma espécie de pastinha, que se prolonga para trás, em vasta cabeleira. Em Mato Grosso chamam-no "M a c a c o c a b e l u d o", ou "P a r a g u a s s ú", o que parece ser apenas má pronúncia do nome amazônico.

Parauá-í — Denominação amazônica de "M a i t a - c a" *Pionus menstruus.* Também se pronuncia "P a r a - g u á - í" e P a r a c u á - í".

Parauamboja — Registrado no Pará, designando provavelmente um peixe (V. Chermont pag. 13).

Pardal — Apezar de sermos inimigos declarados desta ave estrangeira *(Passer domesticus,* da fam. *Fringillideos* e originário da Europa), devemos agora incluí-la no ról da nossa fauna, pois em vários pontos do país já se acha o pardal aclimado, de forma a não mais podermos nutrir a esperança de um dia vê-lo desaparecer. Na Capital Federal, ultimamente também em S. Paulo e Santos e em várias localidades mineiras e riograndenses, o "indesejável" pássaro adquiriu cidadania, como aliás já anteriormente o fizera na Argentina e há muito mais tempo nos Estados Unidos e na Austrália. Quando tivemos notícia de terem sido importados e soltos, intencionalmente, alguns casais de pardais no Rio de Janeiro, clamamos contra tal erro do prefeito Passos (veja-se em nosso livro "Contos... de um Naturalista"), porém o mal estava feito e, por termos dito a verdade, só lucrámos o que em geral lucra quem desagrada a outros, dizendo-lhes a verdade. Agora só nos resta aceitar, conformados, o que é irremediável e mais tarde, quando o pardal "puzer as manguinhas de fora", teremos de recorrer aos mesmos processos de que hoje se lança mão nos países em que o atrevido passarinho já assumiu as proporções de verdadeiro flagelo.

Em resumo, suas credenciais, tôdas negativas, são as seguintes: não é pássaro insetívoro, que possa prestar serviços na horta ou no pomar, catando pragas; nem por defastio procura, de vez em quando, saborear um inseto, de modo que é um insulto, também sob êste ponto de vista, comparar o pardal com o nosso bom "T i c o - t i c o". Só lhe sabem os cereais cultivados, catando-os de preferência na cidade, na rua ou nos celeiros e depósitos. Mas não é êste seu peior feitio, pois não serão essas migalhas que farão maior falta à nação. Há uma razão mais séria que justifica a geral antipatia, que em tôda parte os verdadeiros amigos das aves nutrem contra o pardal, antipatia que chega a ser rancor, como o que ditou a Hornaday as seguintes palavras, ao ter o provecto naturalista de tratar dessa ave, em sua bela História Natural: "Deixai-me molhar a pena em ácido corro-

sivo; ferve-me o sangue ao pensar que devo escrever seu nome"! E' que o pardal, além de tantos outros defeitos, tem o de ser excessivamente briguento e egoista. Onde êle domina, não admite que outros pássaros do seu tamanho vivam sua vidinha pacata e principalmente útil. Sem cessar, êle atormenta aqueles seus pretensos rivais e, para eliminá-los de vez, lança mão de recursos baixos, próprios só de um pássaro desalmado ou capaz de perversas judiarias e portanto "judeu", como o alcunharam em Portugal. Indo aos ninhos dos outros pássaros, joga ao chão os ovos ou mata os pintainhos e toma posse da casa alheia. Por esta forma em breve elimina da região o passaredo alegre, bem agradecido, que até então nos pagava com ótimos serviços a simples tolerância com que em geral costumamos manifestar-lhes nossa simpatia.

Ao menos sirva-nos agora de lição esta infeliz importação do pardal: não é assim, sem mais nem menos, que se deve intervir no que está estabelecido pela Natureza — defendamo-nos contra as pragas existentes, mas não queiramos corrigir atabalhoadamente o que vai indo seu bom caminho natural.

Enfim, como nosso papel aquí é registrar e descrever as espécies da fauna existentes no Brasil e da mesma forma como já demos o perfil das pulgas, da mosca doméstica, dos ratos caseiros e de outras sevandijas (ou "Imundície" como mais brasileiramente se diz) daremos a seguir os traços característicos do *Passer domesticus:* E' do feitio e do tamanho do nosso Tico-Tico, porém o corpo é mais esguio, a cauda é um pouco mais curta e o bico, também menor, é mais grosso e mais bruscamente aguçado. A côr geral é bruno-parda, com tons ferrugíneos; no macho uma grande mancha preta, em forma de guardanapo, arredondado, extende-se da garganta ao peito; as azas são malhadas de preto e duas listas brancas atravessam as coberteiras das azas. A fêmea é um tanto mais castanho-ferrugínea.

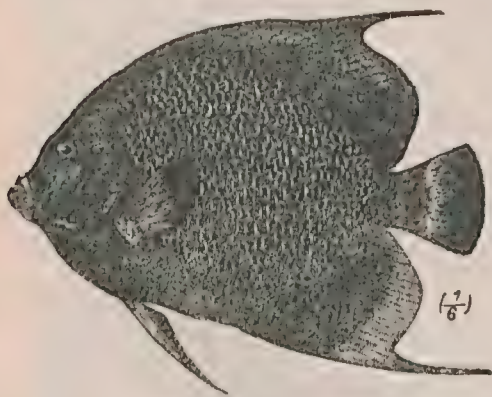
Parelheira — No Rio Grande do Sul é o nome das cobras da fam. *Colubrideos*, do feitio das "Corre-campo", "Limpa-campo" ou "Cipó", gên. *Philodryas*, muito ágeis e que deslisam rapidamente sobre o chão (daí a sua comparação com um parelheiro, que é o cavalo de corrida). São cobras de pouco mais de um metro de comprimento, de côr uniforme, esverdeada ou castanha ou, em outras espécies, com algum desenho. Ali-

mentam-se principalmente de batráquios; de resto são tímidas e só assustam a gente... porque fogem muito ligeiras!

Pargo — Peixe do mar da fam. *Sparideos, Pagrus pagrus;* têm dentes cônicos nos intermaxilares e em forma de molares mais atrás. A côr é vermelha, com reflexos dourados e pontos azuis esparsos, formando séries irregulares; as nadadeiras são amareladas, tanto a dorsal como a anal e, quando deitadas, ocultam-se num encaixe. A mesma espécie ocorre também em Portugal, onde tem igual nome. Seu peso, em média, é de ½ quilo ou pouco mais.

Parece que sob o mesmo nome são compreendidas, no Nordeste, várias espécies da fam. *Lutjanideos* (veja-se "C a r a n h a" e "V e r m e l h o") o que evidentemente causa confusão, aliás de acôrdo com o que também se verifica nas Antilhas, onde as espécies correspondentes têm os mesmos nomes.

Parnaguaiú — Peixe do mar, do qual às vezes aparece regular quantidade no mercado do Rio de Janeiro.

Parú — Como explicámos sob "E n x a d a", há três peixes marinhos que às vezes são confundidos sob o nome de "p a r ú". A presente espécie, da fam. *Stromateideos, Peprilus paru* não tem nadadeiras ventrais, estando estas representadas por dois acúleos pequenos. O colorido na parte dorsal é escuro, azulado, o da parte ventral branco prateado; a nadadeira caudal é amarela, a anal branca. Segundo Alipio M. Ribeiro é denominado também "G o r d i n h o". Tem certa semelhança com os "P a m p o s".

Parú da pedra

Parú da pedra (no Sul) ou "P a r ú b e i j a m o ç a" (no Nordeste) — Peixe marinho, *Pomacanthus arcuatus.* Veja-se sob "E n x a d a" a diferenciação destas duas espécies e do "P a r ú" verdadeiro. A presente espécie torna-se inconfundível pe-

la vistosa ornamentação de quasi todas as escamas, cuja margem, destacando-se do colorido geral negro é colorida de amarelo em meia lua; além disto os exemplares jovens são enfeitados com faixas arqueadas. Também lhe dão o nome de "F r a d e". E' parente próximo do lindo peixe "B o r b o l e t a".

Parumbeba — Veja sob "P e r a m b e b a".

Passarão — Na Amazônia é o mesmo que "T u i u i ú" do Sul *(Tantalus americanus)*.

Pássaro — Veja sob "A v e s" a definição e a aplicação exata dêstes dois vocábulos.

Pássaro de fandango — Denominação local do "T a n g a r á".

Pássaro preto — Conforme a região do Brasil, designa ou o "V i r a" ou o "C h o p i m" (Veja-se sob êstes).

Pata — *Selachio, Reniceps tiburo,* congênere do "P e i x e m a r t e l o", com o qual tem muita semelhança geral, porém o feitio da cabeça não se parece tanto com um martelo e o contorno anterior da expansão frontal não é truncado, mas semicircular. Também não atinge tão grandes dimensões como aquela espécie.

Pata-choca — Na Baía (Recôncavo) tem êste nome a fêmea do "G u a i a m ú", que é mais clara que o macho.

Pataca — Nome de um peixe do mar, registrado em Outubro na lista do pescado do Ceará.

Patão ou "M e r g u l h a d o r" — Ave da fam. *Anatideos, Merganser octosetaceus,* do Brasil meridional. E' um tipo aberrante de marreca, grande, com bico muito mais estreito e provido na margem de dentes ponteagudos, dirigidos para trás. A côr é bruno-cinzenta em cima, branca com faixas pretas transversais em baixo; a cabeça é preta com brilho verde e tem um penacho na nuca; as azas são ornadas com uma malha branca. Como o diz o outro nome que lhe dão, mergulha bem, tanto assim que se alimenta quasi só de peixes, o que aliás dá à sua carne o sabor característico dos ictiófagos.

Pataquera — O general Couto de Magalhães identifica sob êste nome o peixe figurado por Spix sob *Pristignathus martii* (Nota a lápis no exemplar da biblioteca do Sr. Luiz de Campos Serra, Valinhos).

Patativa — Passarinho da fam. *Fringillideos,* do gên. *Sporophila,* isto é do grupo dos "P a p a - c a p i n s". "P a t a t i v a d o N o r t e" ou "d a P a r a í b a", é *Sp. plumbea,* de côr cinzenta, com cauda e azas pretas, estas últimas ornadas de espelho branco. E' cantor de gaiola, muito apreciado, que ocorre também no Oeste do Est. de S. Paulo e Paraná, Minas Gerais e Mato Grosso.

Patinho d'água — O mesmo que "P i c a p a r r a".

Patioba — ou "S u r u c u c ú - p a t i o b a" isto é a "J a r a r a c a v e r d e".

Pato arminho — E' o verdadeiro "C i s n e" nacional, da fam. *Anatideos, Cygnus melanocoryphus,* do Brasil meridional; vindo dêsde a Patagônia, extende-se para o norte até o Est. de S. Paulo. Atinge um metro de comprimento; é todo branco, com exceção da cabeça e do pescoço, que são pretos; um tubérculo no bico e as partes núas são de côr vermelha; o bico é escuro, mas tem ponta amarela.

Hoje é espécie bastante rara, quando antigamente era muito mais frequente no Rio Grande do Sul. Não será o fato de se tratar de patrício nosso, que nos fará silenciar as belezas desta ave. Tem sido levado para a Europa e lá, nos lagos dos grandes parques, entre os verdadeiros cisnes, êle sobresai pelo colorido original da plumagem, apezar de sua estatura um pouco menor. No entanto, quanto é raro ser essa ave aproveitada entre nós, como ornamento dos grandes jardins públicos! E' lastimável esta falta de entusiasmo pelo que é nosso; a imitação do bom gosto europeu obriga-nos a apreciarmos e admirarmos, como legítimo, só o *Cygnus olor,* importado. (Veja-se também a "C a p o r o r o c a").

Sobre a biologia destas duas espécies brasileiras informa o Dr. H. von Ihering: Como sucede com outros palmípedes, as duas espécies nacionais, por ocasião da muda das penas, também perdem todas as rêmiges ao mesmo tempo, de modo que durante êste periodo não podem voar. (Ou como diz o caçador nortista, com relação às marrecas, "estão brancas"). Dantes, quando os cisnes eram muito mais numerosos, vinham frequentemente da Lagôa dos Patos pelo rio S. Lourenço acima e então, nestas ocasiões da muda, eram por vezes apanhados de canôa, pelos moradores. Quando vôa, o "C a p o r o r o c a" produz com as azas um sussurro especial e é curioso observar que ao voarem juntos, êste zunido é cadenciado,

pois tôdas as aves do bando executam os movimentos das azas ao mesmo tempo.

Pato do mato — Temos no Brasil duas espécies indígenas destas aves da fam. *Anatideos*. *Cairina moschata* é o típo ancestral do "p a t o" domesticado e cujo colorido original é bruno-denegrido, com reflexos metálicos, verde e roxo no dorso; as coberteiras exteriores das azas são brancas. Lembramo-nos ainda de um episódio de nossa infância, no Rio Grande do Sul (Camaquam), em que um dêstes "P a t o s d o m a t o" foi heroi e vítima ao mesmo tempo. Atraida pelas outras aves do galinheiro, uma *Cairina* selvagem, durante longo tempo considerou-se "semi-interna", isto é passava o dia com seus parentes domesticados, mas à noite fugia para o mato. Pouco a pouco habituou-se ao ambiente e finalmente pudemos deitar-lhe a mão, sem maior violência, cortar-lhe a aza e assim passá-la para a classe dos "internos". Na Alemanha dão-lhe o nome de "m a r r e c a d a T u r q u i a", assim como o inglês dá erroneamente tal origem (turkey) ao "p e r ú" domesticado, quando ambos são de origem puramente americana.

A outra espécie de "P a t o d o m a t o" é *Sarkidiornis sylvicola (S. carunculata)*, um pouco maior, de côr branca na parte anterior, salpicada de preto na garganta e na cabeça; o dorso, as azas e a cauda são pretos com brilho metálico. O macho adulto distingue-se por ter, em vez de crista, uma enorme carúncula em forma de bolha. E' caça excelente, que às vezes se apresenta em bandos na Amazônia, mas é muito arisca.

Patureba — Registrado nas "Apostilas" (1914) do Pe. Teschauer: "Nome dado ao bagre salgado de Laguna (Rio de Janeiro)". Veja-se também sob "M u l a t o v e l h o".

Patureba — Nos Estados do Norte designa-se assim o produto do cruzamento do pato com a marreca, híbrido êste que é estéril.

Paturí ou "C a n c ã — Ave da fam. *Anatideos*, *Nomonyx dominicus*, também chamado "M a r r e q u i n h a", (veja "M a r r e c a") pois mede apenas 38 cms. de comprimento. A cauda é muito característica, formada por penas estreitas e rijas e com coberteiras muito curtas. O colorido é castanho, mas a cabeça é preta e de igual côr são algumas manchas nas costas e as

azas têm uma zona branca nas coberteiras. O bico é azulado com ponta preta. E' espécie de vasta distribuição por tôda a América do Sul.

Pavacaré ou "B e t ú" — Molusco Gasterópode prosobrânquio da fam. *Olivideos*, *Olivancillaria auricularia* e *brasiliana*, que os pescadores comem e também empregam como isca. No litoral de Iguape também é conhecido por "L i n g u a r u d o" e "C a l o r i m".

Pavão do mato — Pássaro grande da fam. *Cotingideos*, *Cephalopterus ornatus*, da Amazônia e Mato Grosso. Seu colorido é preto e caracteriza-o um enorme topete recurvado para a frente e um como que berlóque de plumas longas no pescoço. Vimos também registrado o nome "T o r o p i c h í" para esta curiosa ave, a qual porém nada tem o que justifique sua comparação com um pavão. Os índios deram-lhe os nomes: "G u i r a m e m b í" e "G u i r a - m o m b u c ú".

Pavão do Pará ou "P a v ã o p a p a - m o s c a" — Ave do Mato Grosso, Goiaz e Amazônia, *Eurypygahelius*, colocado em família especial, que revela afinidades com a dos "Jacamins" e do "Carão" e portanto pertencente à ordem dos *Gruiformes*. Pelo aspecto lembra vagamente o feitio das Garças e das Saracuras, com as quais, no entanto, não tem parentesco. Goeldi diz bem que sua descrição minuciosa, principalmente do colorido, requer várias páginas de texto. O lado dorsal é cinzento pálido, tirante ao azul e atravessado por linhas variadas, brancas e pretas; o pescoço é bruno-avermelhado, a cauda é atravessada por fitas pretas, as azas têm manchas brancas e, quando abertas, mostram belas manchas ferrugíneas em forma de "olhos", como os têm certas mariposas, nas azas. Seria mais justo comparar essa bela ave, não a um pavão, mas a uma gigantesca borboleta. Vive de preferência à beira d'água; faz seu ninho de barro sobre um galho grosso, a pouca altura do chão. O vôo é macio e silencioso como o das aves noturnas. A voz é melancólica, como um fü-fü-fü de flauta. Gosta de caçar insetos e, fixando as moscas, como que para hipnotizá-las, avança cautelosamente, para depois bicá-las subitamente. O belo pavão do Pará habitua-se facilmente ao cativeiro e pode mesmo ser mantido solto em casa.

Porém a razão pela qual o "P a v ã o z i n h o" se torna sobremodo interessante ao tapuio, só a compreende quem sabe o que é o "M o c ó", o precioso talisman,

que só esta ave pode fornecer. Quem possue um Mocó, será tão feliz como quem trás comsigo um "uirapurú" ou a raiz do "arapassú"!

"Mas o que é o mocó"? — perguntou o então tenente G. Loreti ao tapuio.

— A gente mata um pavãozinho numa sexta-feira, enterra-o numa encruzilhada e espera até a meia noite da sexta-feira do outro ano. Então se desenterra os ossos, já desencarnados, que se joga num igapó; todos os ossos descem com a correnteza, menos um, que sobe. Êsse ossinho é mocó. Dá sorte à gente e tudo que se quer, por meio dêle se obtém. (A Voz do Mar, 1922, N.º 5).

Pavó — Grande pássaro da fam. *Cotingideos, Pyroderus scutatus,* do Brasil meridional, habitante das grandes matas. A plumagem é inteiramente preta, só a garganta e parte do peito anterior são escarlates. Imita-se sua voz, soprando com força em uma garrafa vasia; cognominam-no o ventríloquo da mata.

Pé de pau — Nome genérico das várias espécies de *Meliponideos,* tais como o "Mel de cachorro" e outras, que fazem ninho de preferência na base dos troncos carcomidos, e não no alto; muitas vezes os ninhos extendem-se também pelas raizes, quando estas são ôcas.

Peba — No Ceará e, ao que parece, também em outros Estados do Norte, designa o tatú, cujo nome completo aliás, é "tatú-péba", tambem conhecido por "tatú de rabo mole" ou "aíva". Assim diz-se no Ceará "pegar um péba" (como no Rio Grande do Sul se diz "plantar uma figueira"), por — "cair do cavalo".

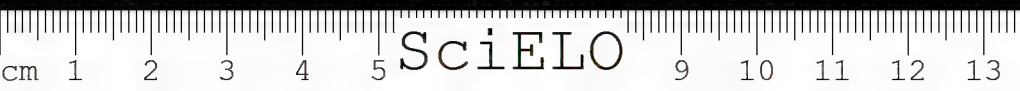
Pechelingue — Veja-se sob "Neném de galinha".

Pedreiro — Na Amazônia dá-se êste nome ao "João de barro".

(Pêga) — Pássaro da fauna européia da mesma família do corvo e da gralha *(Corvideos).* Muito impróprio é pois o emprêgo de igual nome, entre nós para designar espécies da fam. *Icterideos* mais conhecidas por "Encontro" ou "Soldado" (gên. *Xanthornus).*

Pega-pinto — Veja "Gavião carijó".

Pegador ou "Rêmora" ou "Peixe-piolho" — Peixes do mar da fam. *Echneideos, (Echneis naucrates* e *Remora),* além de outras que facilmente se ca-

racterizam por terem na cabeça um disco elíptico (aliás uma transformação da nadadeira dorsal), provido de numerosas lâminas transversais, serrilhadas. Com o auxílio dêste aparelho, o peixe adere fortemente mesmo às superfícies lisas e assim êle se faz transportar comodamente pelos mares, agarrando-se aos tubarões ou aos navios, como os marujos o constatam frequentemente. E tão grande é sua força de adesão, que em se tratando de exemplares grandes, de 1 metro de comprimento, um homem robusto não consegue arrancá-lo da base a que se fixou.

Pegador

Dão-lhe também o nome de "P e i x e p i o l h o". Em Portugal é também conhecido por "A g a r r a d o r"; "R ê m o r a" é do português clássico.

Por vários motivos devemos aquí relembrar a antiquíssima lenda da "remora". Acreditavam os navegantes latinos e também os portugueses, que êste peixe, apegando-se ao casco do navio, lhe atrazava a viagem e é esta a significação de seu nome latino. E' por isto que o autor do Dicionário da Língua Portuguesa, Moraes, define a palavra "Rêmora": s. f. "peixe que dizem faz deter a embarcação que vai velejada ou aviada, apegando-se-lhe à popa". Autores há que confundem êste peixe com o "p i l ô t o", devido talvez à semelhança de seu outro nome, "R o m e i r o" com o da presente espécie.

Peguaba ou "P e g u i r a" — Molusco lamelibrânquio, marinho da fam. *Donacideos*, *Donax rugosa*, da areia das praias; é comestível. Caracteriza esta concha a chanfradura de um dos bordos, de modo a tornar o contôrno triangular.

Peitica — Na Amazônia é o nome do pássaro da fam. *Tyrannideos*, *Empidonomus varius*, que aliás também se extende até o Rio Grande do Sul; seu feitio é o dos pequenos "B e n t e v í s", de côr pardacenta em cima, com as penas das azas orladas de branco; na cabeça, que é um pouco mais escura, além de um grande traço superciliar, branco, sobre cada olho, há no vértice a mancha

amarela, um pouco escondida, também característica dos bentevís; o lado inferior é branco amarelado, com ligeiro sombreado pardo no peito.

Não sabemos porque êste pássaro tem tal nome na Amazônia, quando de Pernambuco ao Ceará "P e i t i c a" é sinônimo de "S a c í". No Nordeste a palavra "Peitica" chegou a tomar o significado de pessoa importuna, de insistência incômoda, compáravel portanto à ave que repete dia e noite as mesmas sílabas (veja-se "S a c í). Explicam bem o emprêgo da palavra neste sentido, os seguintes versos do trovador cearense Leonardo Motta (Cantadores, pag. 20):

"A muié, assim que casa, tudo pede e tudo qué:
Qué a carne e a farinha, qué o doce e o café.
Eu tou muito acostumado com *peitica* de muié".

Peito rocho — Veja "P a p a g a i o d e p e i t o r o x o" e "P a p a g a i o".

Peixes — Basta mencionar os seguintes algarismos, para que o leigo em ictiologia se convença de que é impossível fazer uma enumeração resumida desta fauna variadíssima. De acôrdo com a classificação de D. S. Jordan (1923), àquele tempo haviam sido reconhecidas 638 famílias de peixes, agrupadas em 68 ordens. Ésse conjunto se distribue por cêrca de 7.500 gêneros e o número de espécies pode ser orçado em mais ou menos 15 mil.

Mencionaremos, para confronto, que a Lista dos Peixes da América do Norte e da América Central de Jordan, Evermann & Clark, 1930, enumera 4.139 espécies daquela fauna, inclusive as de água doce. Por um lado há a considerar que aí figuram as faunas dos dois oceanos, Atlântico e Pacífico, mas por outro lado, indubitavelmente, a fauna sul-americana é mais rica que a da América septentrional. Por tais motivos julgamos não ser exagerado calcular em 2.000 as espécies marinhas e, inclusive as de água doce, em 3.700 total geral dos peixes da nossa fauna. (Veja estampa da pg. 182).

Devemos ainda assinalar que mesmo a fauna costeira está por ora muito mal estudada e é pouquíssimo o que se conhece dos segredos que encerram as grandes profundidades do mar. Estas interessam apenas ao cientista, mas os peixes litorâneos desempenham papel importantíssimo, pois a pesca maritima representa uma fortuna imensa e verdadeiramente inesgotável. Ainda assim estas últimas

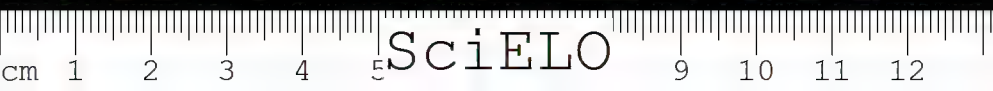
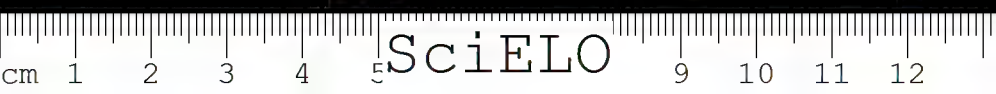
palavras estão sujeitas a restrições. Os peixes d'água doce, por vários modos estão na dependência da atuação do homem, que em poucos anos pode reduzir a quasi nada a piscosidade de um rio (impedindo a multiplicação, quer pela pesca excessiva, quer pelas barragens das usinas e pela conspurcação das águas com despejos das cidades e das fábricas, etc. etc.) Outro tanto não se dá tão facilmente com relação à fauna marinha; mas ainda assim a pesca destruidora e o envenenamento das águas da fós dos rios, onde muitíssimas espécies vem desovar, podem rapidamente fazer baixar a atual riqueza, mesmo do pescado de alto mar.

E' pois neste sentido que se torna necessário o estudo da biologia dos peixes marinhos, para que, na base dêsses conhecimentos, sejam elaboradas as boas leis de proteção da pesca.

Peixes d'água doce — Pela contagem mais ampla, isto é, tomando em consideração tôda e qualquer espécie de peixe capaz de viver longo tempo na água doce, podemos dizer que há em nossa fauna cerca de 1.543 espécies em tal conjunto.

Em sentido mais restrito, devemos fazer abstração daquelas espécies que, vivendo no mar, só acidentalmente procuram a água dos rios, como por exemplo os robalos, que aí vem desovar ou certos seláquios, emborés, manjubas, etc. que também podem viver nesses dois ambientes; neste caso deverão ser descontadas quasi 60 espécies daquele total.

Tal contagem, baseada em nosso fichário provisório, está longe de exprimir, ainda que aproximadamente, a realidade, como já se o conseguiu para a Europa e os Estados Unidos e calculamos que estudos ulteriores elevarão aquele primeiro total a mais ou menos 1.700 espécies.

E' evidente que seria descabido esboçar aquí o quadro completo desta sistemática, aliás complicada e às vezes de definição difícil, mesmo com auxílio dos dados anatômicos completos. Entretanto, muito por alto, podemos fornecer as seguintes indicações. O maior contingente de espécies fica abrangido pela família *Characideos*, que aliás é essencialmente sul-americana (peixes de escama, sem raios pungentes nas nadadeiras e em geral, atrás da grande nadadeira dorsal há uma pequena nadadeira adiposa, desprovida de raios).

Cascudo Dourado Lambarís Curimatã Piabanha Piranhas Mandí

Os principais nomes vulgares aquí compreendidos são os seguintes:

Aracú
Birú
Canivete
Caranha
Charuto
Chimboré
Corumbatá
Dourado
Ferreirinha
Grumatá
Jaraquí
Jejú
Jutubarana
Lambarí
Matrinchã
Matupirí
Marobá
Pacú
Peixe-cachorro
Peixe-cigarra
Piaba
Piabanha
Piaiúva
Piapara
Piáu
Pirá-andira
Piracanjuba
Pirambeba
Piranha
Pirapitinga
Pirapucú
Piraputanga
Piratapioca
Saguirú
Saicanga
Saranha
Solteira
Tabarana
Taguara
Taiabucú
Tambicú
Tanchina
Traíra
Veuá
Voga.

O total de espécies dêste grupo, arroladas em nosso fichário, é de 634.

Seguem-se com quasi outras tantas espécies (605) os chamados *Nematognathos*, que abrangem os "Cascudos" (cêrca de 258 espécies) e os verdadeiros peixes de couro (347 espécies) ou sejam: bagres, mandís, burevas, sorubins, o jaú e tantos outros, todos êles providos de 2 ou em geral 3 pares de bigodes, mais ou menos longos.

Mencionaremos a seguir a fam. *Cichlideos*, os "Acarás", com 115 espécies e os "Guarús", ordem *Cyprinodontes*, com 59 espécies; além disto só tem maior número de espécies a fam. *Gymnotideos* (tuviras, sarapós, ituís) com 27, além do "poraquê" muito semelhante.

De resto deverão ser mencionadas as várias famílias isoladas, em geral representadas por só uma espécie e das quais algumas são representantes de grupos hoje quasi extintos. Tais são a "pirambóia" *(Lepidosirenideos)*, o "pirarucú" *(Arapaimideos)* e "aruanã" (*Osteoglossideos*) e a bem dizer também o pira-caá *(Polycentrideos)* e o "mussum" *(Synbranchideos)*.

Mencionaremos agora os grupos de peixes tipicamente marinhos, dos quais alguns se adaptaram definitivamente à água doce; são êles os seguintes: várias "pescadas" da fam. *Sciaenideos* vivem unicamente em água doce (veja "Sofia") e bem assim algumas espécies da fam. *Atherinideos*, à qual pertence o "peixe rei". Várias raias

e linguados ou melhor "aramassás" *(Heterosomata)* bem como "agulhas" *(Belonideos)*; algumas sardinhas e manjubas *(Clupeideos)* vivem permanentemente nos grandes rios; da mesma forma um baiacú (veja "M a m a i a c ú"). Vivem no mar, mas procuram a água doce ou salobra para desovar: os robalos, tainhas, os bagres do mar *(Ariineos)* e talvez algumas outras espécies, cuja biologia ainda não foi estudada.

Peixe agulha — Veja sob "A g u l h a".

Peixe anjo — Veja "P e i x e m o r c e g o".

Peixe-boi — ou na língua indígena "G u a r a b á", "I u a r a n á" ou "G u a r a g u á" e "M a n a í" ("M a n a t í"?). São os mamíferos da ordem *Sirenios*, fam. *Manatideos*. Há uma só espécie *Trichechus manatus* (outrora *Manatus inunguis)* no Brasil, e que hoje já é bastante rara nas costas do Norte e no Amazonas. Nos tempos do descobrimento existia também no litoral de Espírito Santo, como o documentou o Padre Anchieta em suas célebres "Cartas". São animais disformes, um tanto semelhantes às fócas, com cabeça de bezerro, olhos pequenos, corpo quasi fusiforme, terminado em cauda achatada, com margem posterior oval, como um leque. Não têm extremidades posteriores e as anteriores acham-se inteiramente transformadas em nadadeiras chatas, com os 5 dedos unidos por membrana. A pele é lisa, côr de ardósia e sob o couro muito grosso acumula-se espessa camada de toucinho. Atingem 2 e mesmo 3 metros de comprimento e os exemplares grandes podem pesar até 2.000 quilos. O crâneo distingue-se por ter unicamente dentes molares, em número de 6 a 8 em cada ramo maxilar; à medida que os anteriores se gastam e cáem, nascem outros atrás e êstes vão sucessivamente tomando o lugar dos primeiros. As fêmeas têm duas têtas peitorais muito desenvolvidas.

Vivem nos rios e nas lagôas, em cujas margens pastam a "canarana", que é uma gramínea alta. Muito perseguidos como têm sido, tornaram-se extremamente cautelosos e como têm os sentidos, faro, ouvido e vista, muito aguçados, é assaz difícil a sua "pesca". Perseguidos, mergulham por longo tempo; como mamíferos que são, precisam renovar o ar dos pulmões, o que fazem com gran-

de cautela, deixando vêr apenas as ventas, quando temem a presença do homem. O instrumento usado para a pesca é o harpão; o animal, sentindo-se ferido, foge para as águas profundas e o pescador solta a linha, à cuja ponta vai amarrada uma bóia. O peixe-boi tem vida dura e só após longo trabalho a presa se entrega, exausta.

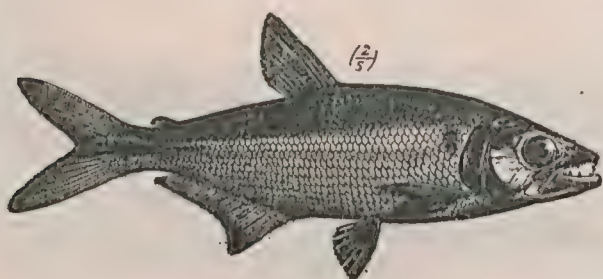
Aproveita-se a carne e o azeite; dêste podem-se extrair 200 a 250 quilos de um só animal; a carne vai para o mercado, sêca ou preparada. Chamam "mixira", a um

Peixe-boi pastando na canarana

processo especial de conservação: "Depois de moqueada, sujeitam-na a uma cocção na banha dêle extraida e, arrefecida, guardam-na afogada na mesma banha em pótes de barro ou em latas". (J. Verissimo, Pesca). Nos anos de 1880 a 90 chegavam ao porto de Belém até mil quilos de mixira; nos últimos anos essas entradas decresceram enormemente, pois o peixe-boi vai sendo exterminado e em breve tempo deixará de existir na Amazônia, como já desapareceu de outras regiões que outrora habitava.

A ordem dos *Sirenios* compreende, além da espécie brasileira, só mais três outras, uma das quais, congênere, é da costa atlântica africana; outro gênero é do Oceano Índico e outro habitava o Estreito de Behring; êste último atingia 8 metros de comprimento e foi exterminado pelo homem no século passado.

Peixe cachorro — ou "S a i c a n g a" ("I c a n g a"); veja-se também "P i r a p u c ú". A denominação refere-

se a várias espécies de peixes de escama, da água doce, da fam. *Characideos*, subfam. *Hydrocyonineos*, com dentes caninos muito desenvolvidos *(Acestrorhamphus hepsetus* é a espécie mais comum no Sul, e ainda os gên. *Hydroscyon* e *Xyphorhamphus)*. Há uma espécie amazônica, cujos caninos são tão grandes, que não cabem na bôca e por isto foi preciso o peixe arranjar uma perfuração especial de cada lado do maxilar superior, por onde pudessem passar as pontas, quando a bôca está fechada *(Hydrolycus scomberoides, Rhaphiodon vulpinus,* conhe-

Peixe cachorro

cido por "S a r a n h a" na Amazônia). Talvez "Tambicú" ou "T a i a b u c ú" sejam sinônimos de "P e i x e c a c h o r r o". Veja-se sob "C i g a r r a" a descrição referênte ao crustáceo que habitualmente se encontra na bôca do "p e i x e c a c h o r r o", agarrado à língua dêste.

Peixe cadela — Denominação local da Cachoeira de Emas no Mogí-Guassú que os pirangueiros dão ao peixe-cachorro, *Acestrorhamphus hepsetus.*

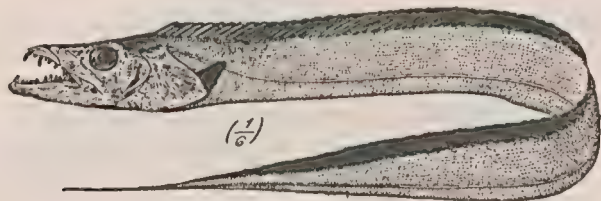
Peixe cana — Peixe muito saboroso do Amazonas, que abunda nas cachoeiras. Não conhecemos sua classificação, por falta de melhores informações.

Peixe congo — Nome de um peixe do mar, que vimos uma só vez registrado na lista do pescado do Ceará e isto mesmo só com 8 kls. ao todo (não sabemos quantos peixes) nos meses de Setembro e Outubro.

Peixe elétrico — O mesmo que "P o r a q u ê".

Peixe de enxurrada — Veja "P i r á - c u r u - r u c a".

Peixe espada — Veja "S a r a p ó".

Peixe espada — E' do mar, da fam. *Trichiurideos*, *Trichiurus lepturus*. Como o diz o nome, o corpo representa uma perfeita espada, de côr prateada. Tem dentes enormes, os dois maiores situados na ponta da mandíbula; dorsal inteiriça, extendendo-se da cabeça à cauda e com

Peixe espada

130 raios; anal representada por uma série de acúleos ósseos. Carnívoro como é, sua carne tem sabor delicado, mas só são apreciados os exemplares grandes, que chegam a medir metro e meio de comprimento.

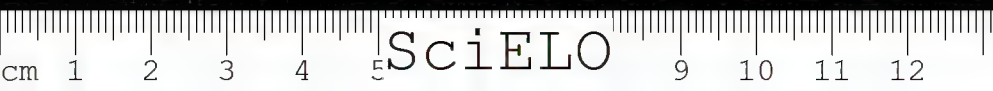
Peixe-flor — Veja-se sob "M u s s u r u n g o".

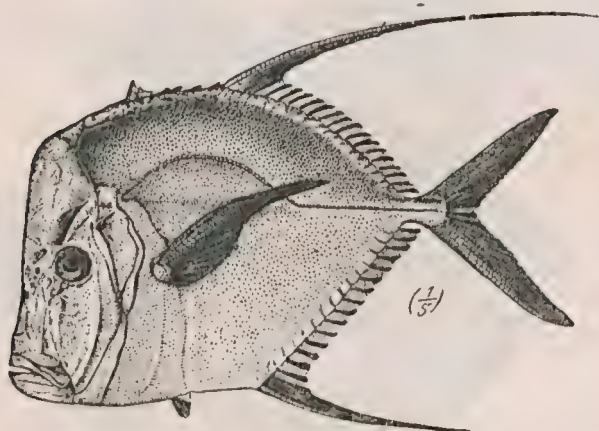
Peixe folha — ou na língua indígena "P i r a - c a á", aliás tradução literal. E' típo de todo singular entre os peixes d'água doce da nossa fauna (fam. *Polycentrideos*, com uma só espécie amazônica, *Monocirrhus polyacanthus*). A comparação com uma folha de 10 cms. de comprimento cabe-lhe perfeitamente; o focinho alongado, com o perfil côncavo da cabeça, representa o pedúnculo, o restante do corpo, que é muito comprimido, imita uma folha elítica. E o peixe, como que consciente de que, pelo mimetismo, pode passar despercebido em meio da vegetação, habituou-se a encostar o focinho (como se fôra o pedúnculo) a uma haste ou ramo submerso, de modo que efetivamente imita bastante bem uma folha presa à planta. Essa posição o peixe conserva por longo tempo, de tal forma que nos aquários acontece a visitantes desprevenidos, acharem que no compartimento do "Peixe folha" há muita vegetação mas nenhum peixe. Confessemos que nós mesmos, ao pararmos deante de um dos tanques do

belo aquário do Museu Goeldi em Belém, a princípio fomos assim iludidos, porque no momento não havia peixes nadando livremente. Logo após um dêles se "desprendeu" da haste e atravessou o ambiente, aliás bem desageitadamente. E' por todos os motivos uma das espécies mais apreciadas e procuradas pelos amadores de aquários, mas é bastante rara.

Peixe frade — O mesmo que "F r a d e"; veja sob "P a r ú d e p e d r a".

Peixe frito — Alguns autores dão êste nome como sinônimo de "S a c í"; trata-se, no entanto, de ave semelhante, da mesma família, porém de genêro diverso, *Dromoccocyx phasianellus*, bem maior que o "S a c í" medindo 37 cms. de comprimento. O colorido é bruno-cinzento em cima, amarelado no peito e o resto do lado ventral é branco; a cabeça é castanha, inclusive o topete. A cauda comprida tem penas largas e moles. O "P e i x e - f r i t o" é, como o "S a c í", um "g a u d é r i o", pois costuma não se preocupar com a construção do ninho, nem choca os ovos; prefere abusar da paciência e simplicidade das outras aves, que não percebem o embuste e cuidam dos enteados com todo carinho, enquanto o mestre "P e i x e - f r i t o" cuida de si, pensando, talvez, que já não faz pouco.

Peixe galo — Peixe do mar, da fam. *Carangideos*, *Selene vomer;* o perfil da cabeça é quasi vertical, a altura do corpo é pouco inferior ao comprimento e em espessura é como uma táboa, tão comprimido. Atinge 45 cms. de comprimento; os espécimens maiores são de boa carne; os menores não vêm ao mercado, mas, apanhados na rêde, não podendo fugir pelas malhas, devido à altura do corpo, são sacrificados inutilmente. E' esta espécie, aliás a mais comum, a que geralmente cabe o nome "G a l o". Há ainda outras, mais ou menos semelhantes, com igual denominação: *Vomer setapinnis*, tem 13 escudos ao longo da linha lateral sobre o pedúnculo da cauda. Outro peixe ainda, pertencente a uma ordem diferente, *Zenopsis conchifer* merece o apelido "G a l o", por ser também de corpo comprimido e alto; sua cabeça tem porém, o feitio menos anormal e caracteriza-se por ser a bôca um rasgo quasi vertical, de cima para baixo. Atinge 50 cms. de

comprimento e parece ser peixe de fundo e talvez a êle se refira uma das denominações nordestinas: "G a l o d o a l t o" e "G. d a c o s t a".

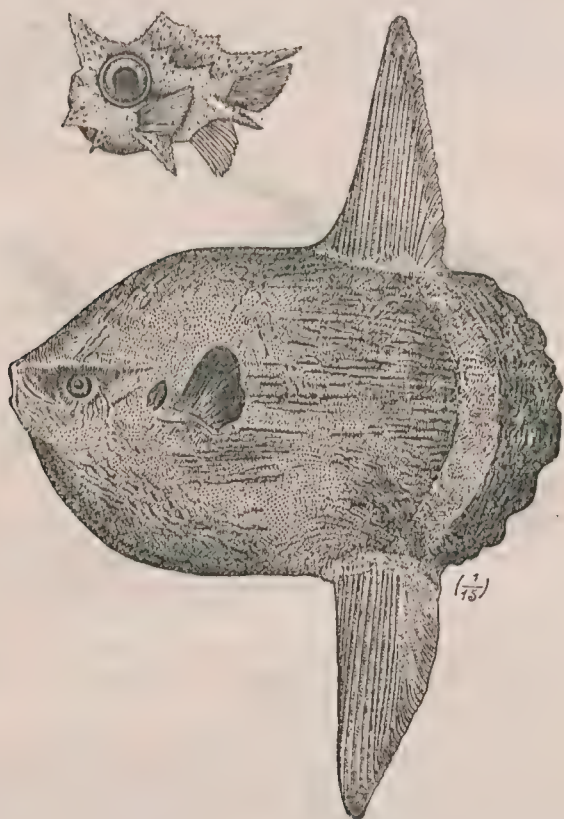
E' conhecido por "G a l o b a n d e i r a" ou "G a - l o p l u m a", a espécie que os indígenas denominaram

Peixe galo

"A r a c a n g u i r a" e que mereceu os nomes brasileiros por ter as nadadeiras estiradas em longos fios, principalmente durante a fase juvenil.

Peixe gato — Parece ser sinônimo de "C a m b e v a", pequeno peixe de couro da fam. *Trichomycterideos*, gên. *Trichomycterus*. Distingue-se dos outros gêneros da família, por ter barbilhões nasais, além dos usuais junto às comissuras maxilares. O nome "P e i x e g a t o" é devido provavelmente aos acículos pungentes, curtos e fortes, que êstes peixes têm no opérculo e preopérculo e que arranham como unhas de gato.

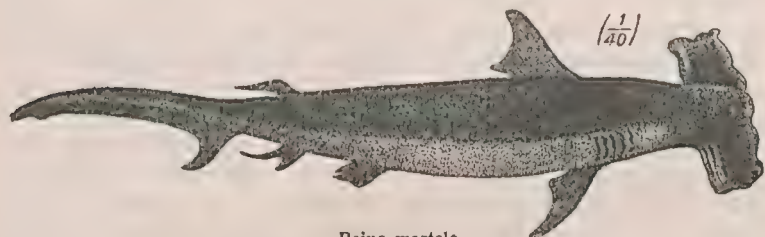
Peixe lenha — Veja-se sob "P i r a p e u a n a".

Peixe lua ou "P e i x e r o d a" — Curioso peixe marinho da fam. *Molideos*, *Mola mola*, cujo corpo todo parece reduzir-se a uma formidável cabeça, com grandes nadadeiras; espécimens velhos atingem 2 ½ metros de altura, com um peso de 900 quilos. Durante a fase larval a conformação do corpo é mais ou menos a normal dos pei-

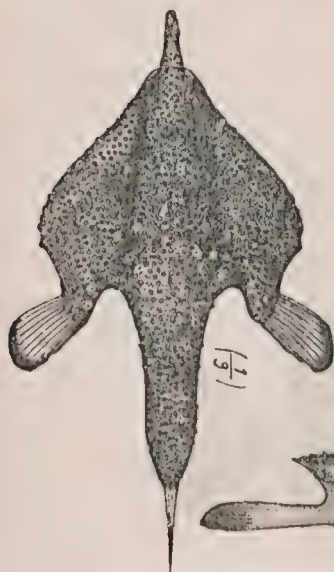
xes e só com a idade se opera a transformação em "roda". São sempre raros em todos os mares tropi-

Peixe lua e sua forma larval

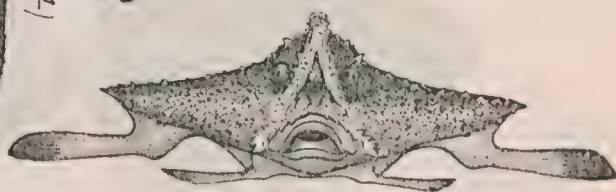
cais. Há uma espécie menor, mais alongada *(Ranzania truncata)*.

Peixe martelo ou "C o r n u d a" — *Selachio, Sphyrna zygaena*. O corpo dêste cação é como o dos outros de igual porte, isto é, de 3 a 5 ms. de comprimento. Só o pescoço e a cabeça sofreram tais modificações que, destacados, ninguém os atribuiria a um peixe; formam um perfeito martelo e em cada uma das faces do malho estão os olhos. O monstro, contudo, não alia ferocidade à fealdade e seu alimento consiste principalmente em crustáceos e peixes do fundo. Com mais um pouco de exquisitice e

de fantasia, êste "martelo" transforma-se em "C h a p é u a r m a d o", que é outra espécie da mesma família, *(Platysqualus tudes)*, a qual difere por descrever o bordo anterior do martelo um arco, o que lhe dá feitio algo seme-

Peixe martelo

lhante aos antigos chapéus de almirante; é, porém, animal muito menor. Finalmente lembramos ainda a "P a t a" *(Reniceps tiburo)*, igualmente curiosa e pertencente ao mesmo grupo de seláquios.

Peixes do mato — Na Amazônia costuma-se reunir sob esta denominação todos aqueles peixes que vivem nos alagadiços cobertos de vegetação alta, nos regos, nas cabeceiras dos igarapés atoladiços e nos igapós ou nos baxios, durante a cheia. Preponderam neste conjunto: traíras, jejús, jandiás, tamboatás, etc.

Peixe moela — O mesmo que "P i r a n a m b ú".

Peixe morcego — Peixe do mar, da fam. *Ogcocephalideos,*

Peixe morcego

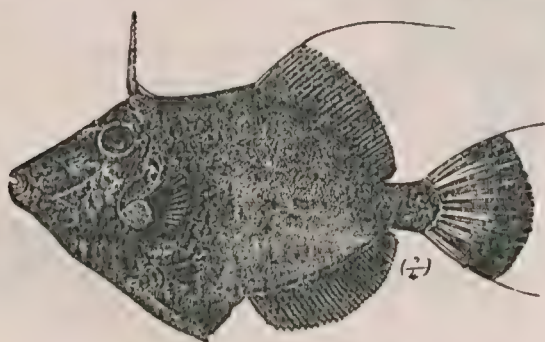
cuja parte anterior do corpo se assemelha a um sapo, terminado por uma cauda achatada; curiosa é a trans-

formação das nadadeiras inferiores, que passaram a funcionar como pernas e, de fato, o peixe se locomove no fundo do mar à moda dos quadrúpedes. E' semelhante ao "D i a b o m a r i n h o". Ouvimos dar o nome de "P e i x e a n j o" a esta mesma espécie.

Peixe pedra — No Maranhão designa-se assim, conforme informação do Sr. Wilson da Costa, um peixe do mar semelhante ao "P a r ú", porém de côr clara e ornado com várias faixas escuras, transversais. Seu nome lhe provém do feitio peculiar das pedrinhas que tem na cabeça (ou sejam os otolitos, concreções calcáreas que fazem parte do ouvido interno). Acrescenta ainda nosso informante que é êste talvez o mais estimado e saboroso dos peixes marinhos do Maranhão. Sob o mesmo nome "P e i x e p e d r a", Goeldi figura no Bol. Mus. Pará Vol. II, pg. 471, um (outro?) peixe paraense, da fam. *Haemulideos, Boridia grossidens* (veja-se a Monografia de A. Miranda Ribeiro, Arch. Mus. Nac. Vol. XVII), do grupo da "C o r o c o r o c a".

Peixe pena — Peixes do mar, da fam. *Sparideos*, gên. *Calamus*. Tanto o nome científico como o vulgar referem-se ao feitio curioso do osso, sobre o qual se move o 2.º acúleo da nadadeira anal; o mesmo tem, de fato, a forma de uma pena de escrever. O colorido é cinzento ou pardacento, com 7 faixas transversais.

Peixe piolho — O mesmo que "P e g a d o r".

Peixe porco ou "C a n g u r r o" aliás "C a n g u l o" — Peixes do mar, da ordem *Plectognathos;* fams.

Peixe porco

Monacanthideos e *Balistideos*. Na Baía parece que "E s f a l f a d o" é o nome de um peixe dêste grupo. Também

"G u d u n h o". O corpo é muito comprido, alto, irregularmente oval e, o que caracteriza bem estas espécies, com um grande espinho erecto atrás da cabeça; o corpo é recoberto por acículos tão densos e finos, que ao tato dão a sensação de ser a pele aveludada ou granulosa. *Monacanthus hispidus* é comestível e dizem ser saboroso. As espécies da fam. *Balistídeos* têm escamas em linhas paralelas. Porém êstes peixes, ao que se diz, em certas ocasiões determinam envenenamentos.

Peixe porco — Em Mato Grosso e no alto Amazonas é o mesmo que "B ô t o".

Peixe rei — Já em Portugal êste nome foi dado a várias espécies de peixes do mar, da fam. *Atherinídeos*, das quais a mais notória no Sul do Brasil e nas repúblicas platinas é *Odonthestes bonariensis*. A nadadeira dorsal é dividida em duas partes, a anterior com 4 a 5 raios, a posterior com 9 raios moles; nadadeira anal com 16 a 20 raios; o queixo é pouco avançado. O colorido é branco com uma faixa prateada nos flancos. Atinge 35 cms. de comprimento; é do Atlântico meridional. Uma espécie afim do Brasil meridional, crismada *Pseudothyrina iheringi* por A. Miranda Ribeiro, é também conhecida por "P e i x e r e i". Também no Nordeste brasileiro há espécies da mesma família, às quais cabe o mesmo nome vulgar. Parece que no Rio de Janeiro se conhece por "M a m a r e i s" êstes representantes dos *Atherinídeos*. No Rio da Prata a espécie inicialmente citada adaptou-se tanto à agua salobra como à doce; é o "p e j e r r e y" dos argentinos e, pelas facilidades que oferece à piscicultura racional e intensiva, está sendo explorada economicamente, com grande proveito. Sua carne é a mais cotada no mercado e como se trata de espécie que se alimenta de microcrustáceos e moluscos, sua criação em águas ricas independe de arraçoamento. Caso seja possível a aclimatação desta forma portenha no Brasil, ela virá desempenhar papel importante em nossa piscicultura.

Peixe roda — O mesmo que "P e i x e l u a".

Peixe sapo — Peixes do mar, da fam. *Batrachoidídeos*, cuja forma tem algum tanto do feitio dos sapos e lembra também os bagres d'água doce do gên. *Pseudopimelodus*, mais conhecido por "B a g r e s a p o", (veja "P a c a m ã o"). Outras espécies do gên. *Thalassophryne* têm pele núa, sem escamas; a nadadeira dorsal tem alguns acúleos canaliculados, em comunicação com sacos muco-

sos, e também o opérculo é provido de igual defesa. O peixe vive oculto na lama e por isso torna-se perigoso a quem, andando descalço, pisar sobre êsses acúleos, que determinam ferimentos de mau caráter quasi sempre acompanhados de infecção; há espécies marinhas e outras da água doce (Amazonas, Tabatinga e Xingú). Na Baía seu nome é "M o r e i a t i m", (como registrou A. M. Ribeiro) ou "N i q u i m" (veja êste), afirmando-nos o Dr. A. Neiva ser esta última denominação a mais correntia na Baía. Merece reparo o curioso erro de classificação que cometem os pescadores, em cuja nomenclatura êstes peixes são considerados como sendo "b a c a l h a u s". De resto apenas são notórios como tipos curiosos; na banca de peixe dos mercados não aparecem, pois ninguem os compraria e assim fazem companhia ao "P e i x e m o r c e g o" e ao "D i a b o m a r i n h o", com os quais aliás são aparentados.

Peixe serra — Pertence ao grupo das raias, mas, representando um tipo de transição, o feitio geral do corpo é ainda o dos cações. Porém o que distingue êstes peixes é a "serra", isto é, uma espécie de bico ou rostro chato, muito comprido, perfazendo uma quarta parte do comprimento total; nos bordos êste rostro é munido de fortes acúleos, cujo número varía segundo a espécie: até 20 em *Pristis perroteti* e *P. pristis*, e de 24 a 30 em *P. pectinatus*. Os maiores exemplares podem atingir 7 ½ metros de comprimento. Naturalmente tal monstro incute respeito a qualquer inimigo; atacado, êle limita-se a passar a "serra" no agressor e é quanto basta para por fora de combate quem quer que seja. Mas só em último caso a serra lhe serve de arma; parece que normalmente ela funciona ape-

A serra e o embrião do peixe serra

nas como uma espécie de pá, com que o animal revolve o fundo do mar, em procura de moluscos e outra bicharia de que se alimenta. E' em suma, muito menos guerreiro que o "E s p a d a r t e", com o qual às vezes o confundem. (Veja-se ainda sob "S e r r a" que designa peixe muito diverso).

Peixe voador — Peixes do mar, que têm a faculdade do vôo mais ou menos desenvolvido. Trata-se de dois tipos bastante diversos. Um dêles *(Cephalacanthus volitans)* é conhecido também por "C o i ó" (veja êste). Porém a verdadeira "V o a d e i r a" ou "T a i n h o t a" é a espécie mais típica; pertence à fam. *Exocoetideos*, gên. *Cypsilurus*. O feitio do corpo é mais ou menos o da tainha, mas a cabeça é antes de sardinha; caracteriza-o, porém, o grande desenvolvimento das nadadeiras peitorais, que formam um grande leque quando abertas e também as ventrais funcionam como azas menores. Damos a seguir a descrição do vôo, como expõe A. Miranda Ribeiro: "São grandemente sociáveis, deixando-se ver voando fora d'água, à passagem dos navios, sucedendo frequentemente cairem à bordo. O vôo dêsses animais é contudo imperfeito e consiste apenas no vôo planado, de direção quasi sempre retilínea; o peixe lança-se fora d'água com os movimentos bruscos da nadadeira caudal; assim que transpõe o meio líquido, distende as nadadeiras peitorais e ventrais e as conserva abertas. O peixe paira a alguns metros sobre a água; com a velocidade adquirida, desloca-se em curva alongada, para mais adiante cair n'água e logo em seguida repetir o vôo. Dado o impulso inicial no ar, o voador não se move mais, deslocando-se perfeitamente como um pequeno aeroplano. A distância assim transposta no ar varía, podendo alcançar até 200 metros".

Reproduzimos, em resumo, um trecho da conferência do Sr. Domingos Barros, em que foi narrado o modo pelo qual no Rio Grande do Norte são apanhadas essas "tainhotas".

"Quando aparece o bando dos voadores, o jangadeiro esmaga intestinos de peixes nos bordos da embarcação. Mal os voadores sentem o cheiro, saltam das águas e, sustidos por suas longas barbatanas, precipitam-se para a jangada, como mariposas para a luz. Os pescadores limitam-se a apanhá-los e a encher sacos e samburás. Ocasiões há de tamanha abundância, que o barco ameaça sossobrar sob a carga incessante que lhe chove do mar".

Veja-se também informações semelhantes, narradas sob "T a i n h a"; em todo caso é preciso não confundir esta com a "T a i n h o t a", que ambas rendem pesca abundante, mas o "p e i x e v o a d o r" tem muito pouca carne e portanto seu valor é ínfimo.

Veja-se o que dizemos sob o sinônimo indígena "P i r a b é b e".

Pelicano — Parecerá estranho mencionarmos o nome desta ave no ról da fauna brasileira. Justifica-se, porém, tal inclusão, devido a um exemplar de *Pelecanus fuscus*, obtido há tempos pelo Museu Goeldi em Itaituba (rio Tapajóz) no Estado do Pará. De fato, parece tratar-se apenas de um caso esporádico de arribação, pois a verdadeira pátria desta espécie é a região compreendida entre a América Central e Florida. Como é geralmente sabido, caracteriza esta grande ave a formidável bolsa membranosa que ela tem na base do bico, um verdadeiro saco de borracha, em que êsse pescador infatigável faz caber até 10 tainhas (paratís), de mais de um palmo de comprimento. Assim carregado, o pelicano volta da longa excursão e, regorgitando os bocados, tenta saciar a fome de seus enormes pintos sempre famintos. Os americanos gostam de reproduzir as fotografias de um certo recanto da ilha dos Pelicanos, na Florida, onde mais de 2.000 dessas aves passam vida regalada e despreocupada (pois o governo, para proteger essas aves, tomou providências tão enérgicas que de 1903 para cá aí só morrem os pelicanos macróbios). Em nossa fauna, porém, o pelicano representa, na região amazônica, a mesma aparição curiosa e tresmalhada como o "P i n g u i m" no litoral do Sul.

Peludo — No Rio Grande do Sul diz-se assim, correntemente, por "T a t ú p e l u d o" (veja êste), da mesma forma como no Norte (Ceará) se diz "P e v a" (por "T a t ú - p e v a"). "Tirar um peludo" (isto é arrancá-lo da toca, puxandô-o pelo rabo) é coisa bem difícil e daí o emprego da locução, referindo-se a trabalhos análogos, penosos, como seja por exemplo, desatolar uma carroça enterrada até o eixo num pantanal.

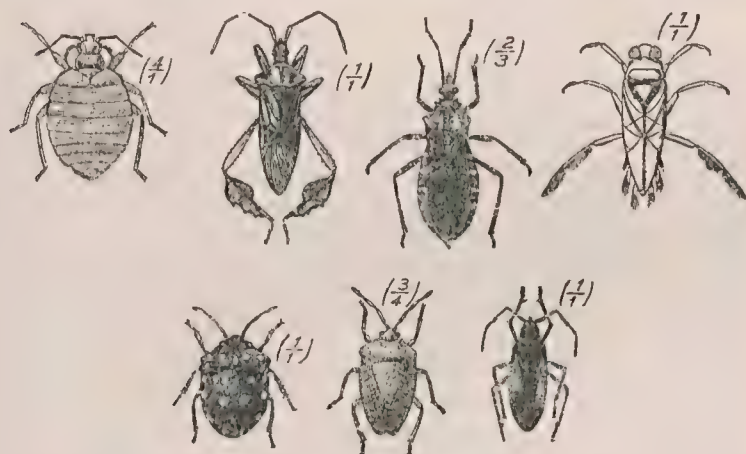
Pema — Veja "C a m u r i p e m a".

Penambí — Segundo Amadeu Amaral é, em dialeto caipira, "borboleta em geral ou certa espécie de borboleta". Deve ter a mesma origem que "P a n á - p a n á".

Pepéua — Na Amazônia é uma cobra não venenosa, que, pelo seu temperamento agressivo, o povo tem em conta de serpente perigosíssima; atinge 2,50 a 3 m. de comprimento. Quando irritada, entumesce o pescoço e achata o corpo. Encontra-se só nas proximidades dos brejos e zonas alagadas. Trata-se pois da mesma cobra que no Sul é conhecida por "B o i p e v a". Na ilha de Marajó "P e p é u a" refere-se em especial a *Cyclagra gigas*, afim à "B o i p e v a" *(Xenodon merremi)*.

Pequí — ou por extenso "I p e q u í"; veja sob "P i c a p a r a".

Perambeba ou "P a r u m b e b a" — Peixe do mar, (Rio de Janeiro, Espírito Santo, que alcança 80 cms. de comprimento. Não tivemos ainda ocasião de identificá-lo. O nome sôa à semelhança de "pirambeba", peixe d'água doce muito diverso. O radical "parú" parece indicar parentesco com as "E n x a d a s".

Percevejos — Na acepção lata do têrmo, compreende todos os insetos *Hemipteros*, isto é, que têm partes bucais

Percevejos (Hemipteros)

sugantes, em forma de estilete dobrado por baixo do tórax e cujas azas anteriores têm só um triângulo basal córneo, ao passo que a parte restante da aza é membranosa. Subdividem-se em *Hydrocores* (que vivem nas superfícies das águas quietas; distinguem-se por terem antenas tão curtas que ficam escondidas debaixo da cabeça; exemplo: a chamada "B a r a t a d' á g u a") e *Geocores* (de vida terrestre e com antenas mais ou menos longas, compostas de

4 ou 5 artículos). Citaremos apenas algumas das famílias aquí compreendidas. Têm antenas com 4 segmentos: fam. *Reduviideos,* cuja tromba se compõe de 3 segmentos ("barbeiros"), fam. *Cimicideos* ("percevejos da cama"), fam. *Pyrrhocorideos,* com tromba de 4 segmentos. As antenas têm 5 segmentos nas seguintes famílias: *Pentatomideos,* cujos ombros formam pontas muito salientes, como no vulgar "percevejo verde", de cheiro tão repugnante e *Scutellerideos,* de dorso convexo, imitando besouros.

Zoologicamente os percevejos são de classificação difícil; mas do ponto de vista prático o povo diferencia dois grupos e reconhece apenas duas categorias: espécies apenas repugnantes, mal cheirosas e percevejos positivamente nocivos. Examinando, porém, sem preconceito, uma coleção ampla dêstes insetos, verifica-se que há espécies interessantíssimas de Hemípteros. Alguns se distinguem pelas formas bizarras, outros têm côres belíssimas e entrando em detalhes biológicos, há fatos interessantíssimos a observar.

Percevejo das camas — *Cimex lectularius.* E' sempre áptero e só possue um minúsculo rudimento de aza; mede 4 a 5 mms. de comprimento por 3 de largura; a côr é bruno-ferrugínea; o abdômen é chato antes da sucção e torna-se roliço quando cheio. Esta é a espécie mais conhecida; nos trópicos, também no Brasil, há outra espécie, *C. hemipterus,* pouco diferente. A evolução dêstes percevejos é mais ou menos rápida, conforme a quantidade de alimento que podem obter; nas melhores condições, em 7 semanas pode o ovo atingir à fase adulta, mas em geral a evolução completa só se realiza em 10 semanas. Os ovos, cinzento-claros, são postos em maços em lugares escondidos e evoluem em 8 dias. O percevejo alimenta-se de preferência de sangue humano, mas também lhe serve o de outros mamíferos, de aves e mesmo de répteis; além disto é capaz de jejuar longo tempo. Em três minutos êle faz uma refeição completa, depois da qual se esconde. A picada a princípio é indolôr, mas logo provoca prurigem e reação mais ou menos forte, segundo a susceptibilidade individual.

Felizmente o percevejo não é, como poderia ser, fator importante na transmissão de moléstias. Está provado, apenas, que em certas condições transmite a febre recurrente, cosmopolita; experimentalmente obtiveram-se resultados positivos, quanto a outras moléstias, o que porém na

prática não teve confirmação. Com exceção das fumegações tóxicas em aposentos hermeticamente fechados, não há remédio de efeito imediato para a extinção desta praga, tão generalizada nos hoteis, tanto das pequenas como das grandes cidades.

Nas casas particulares geralmente penetra ou trazido na mobilia da criadagem ou escondido na roupa que vem da lavadeira. Nos primeiros dias a invasão ainda é relativamente fácil de dominar; mas é preciso desde logo a máxima energia. Quando a praga conseguiu firmar-se, às vezes é preciso sacrificar certos móveis nos quais o expurgo é impossível. Petróleo ou gazolina ainda são os melhores inseticidas para êstes casos, porque não estragam a mobília. O recurso radical é sujeitar todo o quarto a um tratamento com sulfureto de carbono, desde que seja possível fechá-lo hermeticamente, assim como tomar tôdas as precauções afim de evitar explosões. Modernamente usa-se para o mesmo fim Cloropicrina, na proporção de 10 gramas por metro cúbico, obtendo-se resultado completo em 4 horas; o sulfureto deve atuar pelo menos durante 36 horas.

Percevejo das camas

Percevejo do comércio — E' a denominação dada pelos habitantes do sertão da Baía e do Piauí ao *Cimex lectularius*, porque êste não existe nas regiões pouco povoadas do Brasil e assim aqueles nossos patrícios só travam relações com tal inseto, quando vão ao "Comércio", isto é, às povoações maiores.

Percevejo gaudério — E' em Goiaz o mesmo que "B a r b e i r o".

Percevejo das plantas — Não cabe aquí a caracterização das várias famílias de *Hemipteros* que abrangem numerosas espécies conhecidas como "percevejos" nocivos às plantas cultivadas. Há *Pentatomideos* parasitas do fumo e do arroz ("P u l g ã o" ou "P u l g a d'a n t a"); *Coreideos (Corecoris fuscus*, do tomateiro); *Pyrrhocorideos (Dysdercus ruficollis* que ataca os capulhos do algodoeiro); *Lygaeideos* também prejudiciais ao algodão; *Capsideos* etc.

(Perceves) — Têrmo português pouco usado entre nós; são os crustáceos *Cirripedes* da fam. *Lepadideos*, aos

quais já nos referimos sob "C r a c a s", das quais, contudo, diferem sensivelmente.

Perdiz — Em nossa fauna é a ave da fam. *Tinamideos, Rhinchotus rufescens.* Nada tem de ver, além da vaga semelhança, com a perdiz européia, que pertence à fam. *Phasianideos*, da qual não há representante entre nós. A perdiz brasileira habita só as regiões de campo e não existe pois na Amazônia; daí para o Sul extende-se até à Argentina. Tem o porte de um frango, assemelhando-se, porém, ao "M a c u c o", com plumagem bem mais clara. O colorido vermelho é matizado por amarelo-ferrugíneo; as penas dorsais são listadas de preto, o cocuruto é raiado de escuro, a garganta brancacenta. Sua ninhada, escondida na touceira, compõe-se de 6 a 9 ovos, que são do tamanho dos da galinha, porém cinzento-escuros ou côr de chocolate.

Em resumo, Henrique Silva diz o seguinte com relação à caça da perdiz: Durante os meses de Agosto e Setembro, isto é na época do cio, as perdizes piam, pela manhã e à tarde; fora dêste tempo raro se lhes ouve o cântico monótono e plangente. Sem o cão perdigueiro é quasi impossível ao homem descobrir esta ave, cujo colorido se confunde com a macega. Mas o perdigueiro amestrado, dando no rasto da caça, avisa o seu senhor, como que a pedir-lhe que esteja atento e a um sinal, avança cautelosamente na pista, até avistar a perdiz amoitada. Novamente o cão dá aviso, estacando, com uma das mãos encurvadas e abanando a cauda, ou, como se diz na linguagem dos caçadores, êle "amarra" a caça. À voz do caçador, o perdigueiro avança bruscamente, de um salto e diante dêle a ave se levanta num vôo pesado e ruidoso e quasi a prumo; tendo atingido certa altura, a perdiz "encastela", isto é libra-se no ar, ântes de seguir para diante. E' esta a melhor ocasião de atirar. Mas nem sempre as perdizes encastelam, imitando então, neste particular, as codornas, aliás bem mais difíceis de acertar.

Beaurepaire Rhoan registra o têrmo "mbaiá", que designa o seguinte modo de iludir e caçar as perdizes: O caçador envolve-se em palmas verdes, imitando assim os coqueiros, abundantes nos campos do Sul; as perdizes acodem pressurosas aos pios imitativos, sem desconfiar da presença do homem. Êste traz estendida uma vara, de cuja extremidade pende um laço, que o caçador passa pelo pescoço da ave e desta sorte a apanha viva. Sistema

análago, de caça de mbaiá, aliás aprendido do indígena, também é usado, segundo Henrique Silva, pelos caçadores de veado.

O nome tupí da perdiz tem sido registrado como "e n a p o p ê"; parece, porém, que a verdadeira grafia deverá ser "i n h a m b ú-p ê" ou, de modo mais fonético, "n h a m b u p ê", ou, como se diz em Sergipe: "Napupé".

Perereca — Batráquios da fam. *Hylideos.* São providos de ventosas nos dedos, com o auxílio das quais aderem a qualquer superfície lisa; por isto sobem facilmente pelas paredes e troncos de árvores. São animais muito úteis ao redor das casas, porque dão caça aos insetos. No telhado da cosinha de nossa casa de campo moravam alguns dêstes "sapinhos" (como o povo teima em chamá-los, erradamente) e por certo foi devido a êles que as baratas não conseguiram proliferar; autopsiando um dêles, verificámos que, de fato eram aqueles insetos o seu alimento. A voz das "P e r e r e c a s" é áspera e diz mais ou menos as sílabas de seu nome, que elas repetem principalmente antes das chuvas, quando o tempo está encoberto, com luz semelhante à crepuscular, que é a que mais lhes agrada, pois seus hábitos são noturnos ou crepusculares.

Perereca

Tão variadas formas abrange o gênero *Hyla*, que só êle, com cêrca de 60 espécies descritas, perfaz um terço de tôda a fauna dos batráquios do Brasil. Computando também os gêneros *Hylella e Phylomedusa*, pertencentes à mesma fam. *Hylideos*, registramos 70 espécies, contra um total de 185 de todos os Anfíbios ecaudados de nossa fauna.

Muito engenhoso é o modo como certas espécies dêste grupo garantem a evolução dos ovos. H. von Ihering observou que a pequena *Phyllomedusa iheringi* junta algumas folhas de um ramo que esteja pendendo sôbre uma água empoçada e nessa cápsula improvisada deposita os ovos, envolvidos em esperma. Terminada a evolução intraovular os pequenos girinos ainda permanecem

algum tempo em meio do esperma gelatinoso, mas logo depois, tendo necessidade de se alimentar, deixam-se cair e assim passam a viver na água como é a regra geral para as larvas dos batráquios.

Posteriormente foi verificado que também as demais espécies dêste gênero de "Pererecas" adota êste sistema de proteção para suas posturas.

O verbo "pererecar" (pular, movimentar-se agitado), muito do nosso falar, não só caipira, como familiar, foi registrado por Amadeu Amaral no "Dialecto Caipira" como sendo derivado do verbo da lingua geral "perêreg", que significa o bater das azas das aves.

Diz Amadeu Amaral: "O valor atual do verbo pode compreender perfeitamente essa noção, desde que se lhe junte a idéia de movimento ancioso e repetido, como o da ave que se agita para escapar. Seria esta a compreensão do vocábulo indígena?" Cremos, porém, derivar-se tal verbo muito mais simplesmente, da mesma palavra onomatopaica, já integrada em nosso vocabulário, na sua acepção de substantivo aplicado aos pequenos batráquios, como acima ficou definido. O sentido "saltitar, debater-se" fica bem abrangido pela comparação com o bichinho, que salta lesto e foge aos pulinhos, subindo pelas árvores.

Na Baía os pequenos batráquios arborícolas são denominados "Rãs" (veja sob "Gia") e lá a palavra "Perereca" é usada somente com a significação de cavalo pequeno ou ruim (*piquira*, de S. Paulo ou *petiço* do Rio Grande do Sul). De Pernambuco para o Norte, os pequenos batráquios de que aquí tratamos são conhecidos por "Caçotes". Veja-se também sob "Ferreiro".

Perereca — No Ceará e no Rio Grande do Norte designa os mosquitos *Anophelineos* (veja-se sob "Moriçoca").

Perigoarí — Veja sob "Pregoarí".

Periguarí — Veja sob "Pregoarí".

Periquito — A palavra designa todo um grupo de aves da fam. *Psittacideos*, subfam. *Conurineos* (veja-se esta subfamília sob "Papagaios") e talvez possa-se dizer que abrange tôdas as formas dêsse grupo, quando menores que o "Maracanã" e maiores que os "Tuins". Compreende pois, os gêneros *Conurus* (a que pertencem a "Jandaia" e o "Periquito-rei"), *Pyrrhura* ("Catorra", "Catorrita"), *Psittacula* e *Brotogeris* (com exclusão das espécies menores, que são

"T u i n s"). Ainda na subfam. *Pioníncos* vamos encontrar um gênero, *Urochroma*, que o povo considera "P e r i q u i t o".

No Rio Grande do Sul, onde não ocorrem as espécies que em São Paulo são "T u i n s", o nome de "P e r i q u i t o" cabe só ao gên. *Pyrrhura*, o qual em S. Paulo abrange os "T i r i b a s". Parece que essa nomenclatura popular deve ser entendida, regionalmente, da seguinte forma: "P e r i q u i t o" do Sul (sinônimo de "T i r i b a" de S. Paulo para o Norte), designa espécies com o escamado característico, proveniente das orlas escuras que têm as pontas das penas da cabeça ou do peito. "P e r i q u i t o", de S. Paulo para o Norte, abrange vários *Psittacideos* de corpo delgado, cauda em geral comprida e de colorido verde predominante.

Periquito

No cativeiro os periquitos são em geral apenas um elemento decorativo dos viveiros e sobretudo contribuem com seus gritos alegres, para a animação geral. Quasi sempre são pouco aptos para o aprendizado e raros são os casos de sucesso tal que sua língua se desembarace, a ponto de conseguirem falar. O naturalista Lavaillant registrou, porém, o caso de um *Conurus* ter conseguido recitar claramente e sem erro, todo o "Padre Nosso" em holandês. Também Bates teve ocasião de domesticar um periquito do mesmo gênero, ou antes, tendo-o apanhado do meio do bando e entregue a uma mestiça tapuia, esta, ao cabo de dois dias, o devolveu perfeitamente manso e daí por diante facilmente aprendeu a falar.

Periquito d'anta — Veja sob "M a r i a n i n h a".

Peririquá — Veja sob "P i r i r i g u á" e "A n ú b r a n c o".

Pernaguaiú — (peixe?) Segundo J. C. Travassos serve de isca para pescar "C a v a l a s".

Pernilongo — O mesmo que "M o s q u i t o", no sentido restrito de *Culicideo*. "P e r n i l o n g o r a j a d o", *Aedes aegypti (Stegomyia fasciata)* é o transmissor da febre amarela. No Norte é o "C a r a p a n ã".

Pernilongo — Espécie de "M a s s a r i c o", também conhecido por "M a s s a r i c ã o". De fato é ave grande, graças principalmente ao comprimento das pernas núas, côr de laranja. A côr geral é preta; a cabeça e o lado inferior são brancos, bem como uma faixa do pescoço ao dorso. Esta é a espécie meridional, *Himantopus melanurus;* na Amazônia substitue-a *H. mexicanus*, de cabeça preta, exceto a fronte.

Peruinho do campo — No Norte é o mesmo que "C a m i n h e i r o".

Pescada — Esta denominação também usada em Portugal abrange vários gêneros de peixes marinhos (e em parte também fluviais) da fam. *Sciaenideos*, a qual pertencem igualmente a "C o r v i n a", "P a p a - t e r r a",

Pescada

"C a n g o á", "O v e v a" e outros. Porém as "p e s c a d a s v e r d a d e i r a s" constituem subfamília à parte, caracterizada pela presença de dentes caninos nos intermaxilares. As denominações específicas usadas pelos pescadores não são bastante constantes para que possam ser aplicadas rigorosamente. Assim "P e s c a d a b r a n c a" designa não só várias espécies do gên. *Cynoscion*, como também *Eriscion virescen*, que atinge 90 cms. de comprimento e é mais conhecida por "P e s c a d a d o r e i n o"; *C. leiarchus* tem iguais nomes e ainda "C a m b u c ú" e "P e r n a d e m o ç a", mas não excede 50 cms. Veja-se também sob "G u ê t e". A "P e s c a d a a m a r e l a" *(C. acoupa)* com leve tom dessa côr no lado

inferior, cresce até 1m,25, pesando então quasi 20 quilos. As espécies dêste gênero não tem dentes caninos laterais na mandíbula (ao contrário do "G u ê t e"). Um outro grupo de pescadas possue grandes dentes caninos na mandíbula *(Synphysoglyphus* e *Macrodon ancylodon,* esta com os caninos muito desenvolvidos e lanceolados). Em Pernambuco os pescadores distinguem: "P e s c a d a j u r u a p a r a" e "C u a c a" (avô de pescada). Várias espécies desta família, pertencentes a diversos gêneros, adaptaram-se à água doce, habitando hoje os grandes rios Amazonas, S. Francisco, Doce e Prata. À algumas delas couberam outros nomes: "S o f i a", "C o r v i n a" (veja estas); são tôdas de carne ótima, com poucas espinhas e, apesar de sua adaptação à água doce, conservam o sabor do peixe do mar. Sua alimentação, em geral, consiste em insetos aquáticos e suas larvas. Há razões para supôr que tais espécies possam vir a ser incorporadas às espécies mais úteis e vendáveis da piscicultura nacional.

Pescada ticupá — Registrada com tal nome na lista oficial do pescado do Rio Grande do Norte, juntamente com a Pescada branca, pelo que supomos designar aquela a "P e s c a d a a m a r e l a", mormente como seu nome científico é *Cynoscion acoupa,* evidentemente deturpado.

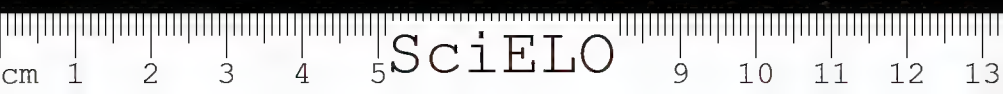
Pescadinha do reino — Além da Pescada *Eriscion virescens* (P. branca), também conhecida por êste nome, é assim chamado um peixe do mar, da fam. *Merluciideos,* à qual pertencem espécies européias muito apreciadas. Apezar de sua tal qual semelhança geral com as verdadeiras "pescadas", estas espécies divergem muito daquelas pelos seus caracteres anatômicos. Não são frequentes nos mercados.

Petimbuaba — Nome indígena do peixe Agulha, mais conhecido por "T r o m b e t a". Não temos certeza si a denominação indígena ainda é usada.

(Peto) — Em Portugal é sinônimo de "P i c a - p a u". No Brasil é palavra pouco conhecida e que o povo não adotou.

Peva — O caçador diz assim, às vezes, abreviadamente, por "T a t ú - p e v a".

Pia-cobra — Passarinho da fam. *Mniothiltideos, Geothypis aequinoctialis,* de côr verde-azeitona no dorso, amarela no lado ventral e cabeça cinzenta, tendo o macho uma larga estria preta, que se extende do bico à região auri-

cular, abrangendo os olhos. Não sabemos porque razão êste passarinho, pouco maior que um tico-tico, poude merecer tal nome.

Pia-corurú — Corruptela pela qual na Cachoeira de Mogí-guassú é conhecido o "P i r a c u r u r ú" (denominação que aliás traduz literalmente "P e i x e s a p o"). Curioso é notar que os pescadores de Mogí-guassú desconhecem a denominação "P e i x e s a p o", quando em Pirassununga ninguém designa o mesmo peixe pelo nome equivalente em guaraní. Veja sob "P a c a m ã o".

Piaba — Veja sob "P i a v a".

Piabanha — Peixe de escama de água doce, da fam. *Characideos, Megalobrycon piabanha,* ou "P i a b a n h a v e r m e l h a", assim chamada por ter dorso plúmbeo com o centro das escamas avermelhado; o abdômen é prateado; uma placa umeral, escura, nem sempre é bem evidente. As nadadeiras dorsal e caudal são escuras; as peitorais e ventrais são brancas na base, amareladas na extremidade. Exemplares bem desenvolvidos atingem 3 palmos de comprimento e constituem então ótimo pescado, pelo fino sabor da carne; mas é preciso ser pescador habituado a manejar a linha, para resistir ao primeiro arranco violento do peixe. Esta piabanha é típica do rio Paraíba; há ainda várias outras espécies do mesmo gênero em outras bacias hidrográficas do país. Outras espécies da mesma subfamília *Bryconineos,* são as "P i r a c a n j u b a s" e "M a t r i c h ã s". (Veja estampa da pg. 582).

Piabussú — Êste têrmo é empregado em São Paulo para designar uma espécie congênere das "P i a v a s" *(Leporinus)* que atinge maiores dimensões que estas. Como os "P i á u s" do Nordeste, tem 6 dentes em cada maxila ao contrário da "P i a b a" de S. Paulo que tem 8.

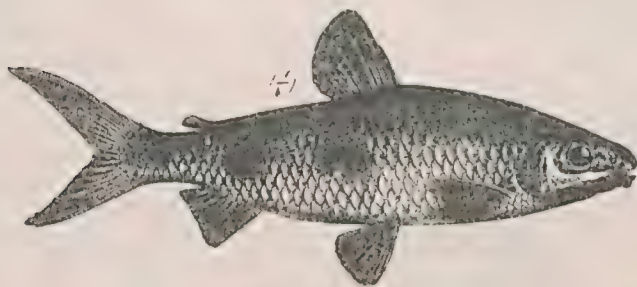
No Ceará, "P i a b u s s ú" designa as espécies do gênero *Curimatus,* lá também, como em todo o Brasil, conhecidas por "S a g u i r ú" (veja êste). Naturalmente o nordestino fez confusão destas espécies com as do gênero *Astyanax* e outras afins, lá chamadas de "P i a b a s" e que são denominadas pelos sulistas por "L a m b a r í s" (veja êstes); assim "P i a b u s s ú" seria uma "Piaba" grande *(ussú).*

Piaçoca — ou "J a p i a ç o c a" (e esta parece ser a dicção original). Na Amazônia, principalmente, é nome mais usado que no Sul, para designar a "J a ç a n ã".

Piapara — Nome dado na Cachoeira de Emas (S. Paulo) a uma espécie de *Characideos*, da subfamília *Anostomatineos*, que alcança boas dimensões, sendo por êste motivo e ainda por seu regimem alimentar vegetariano e pelo delicado sabor de sua carne, uma das espécies mais indicadas para a piscicultura sulina.

Piapé — Denominação que em Piracicaba, Est. S. Paulo, os pescadores dão aos Hemípteros de máo cheiro; em geral êsses insetos são abrangidos, sem nome mais preciso, sob a designação de "percevejo fedido do mato". Trata-se em especial da fam. *Pentatomideos.*

Piáu — No Brasil central, no Nordeste e na Amazônia, designa os peixes maiores do gên. *Leporinus,* aos quais no Brasil meridional cabe a denominação "P i a v a". Na Amazônia é mais correntio o sinônimo "A r a c ú".

Piava — No Sul, ou "P i á u" no Nordeste (Piáua, que seria a pronúncia intermediária, parece não ser cor-

Piava ou piáu

rente hoje em dia) ou "A r a c ú" na Amazônia são os peixes dágua doce, da fam. *Characideos*, subfam. *Anostomatineos* (a que também pertencem os "C h i m b o r é s" e as "F e r r e i r i n h a s"), caracterizados pela presença de nadadeira adiposa e cujos dentes quasi sempre têm feitio de incisivos com bordo cortante liso, porém excavados atrás; possuem duas narinas de cada lado, bem separadas entre si. As "P i a v a s" (gên. *Leporinus)* são as espécies mais apreciadas dêste grupo, devido ao bom tamanho que atingem (50 cms.). *L. copelandi* tem duas manchas escuras arredondadas no flanco, uma abaixo da dorsal, outra entre esta e a base da cauda. São peixes de bôca pequena, mas os anzois destinados à sua pesca, por serem pequenos, não podem deixar de ser resistentes, pois não só as piavas têm muita força como a feição dos dentes

também contribue para que possam partir facilmente os anzois fracos. Além disso sabem usar de outros estratagemas, como seja procurar enroscos, com o que conseguem desapontar muitas vezes o pescador menos experimentado. O mesmo gênero *Leporinus* abrange mais cêrca de 35 espécies brasileiras, em geral semelhantes à precedente. Na Amazônia o "A r a c ú" mais comum é *Schizodon fasciatus*. No Nordeste as espécies correspondentes são chamadas "P i á u s", sendo preciso ter em mente que "piava" aí designa sempre os pequenos "lambarís" do Sul, como ficou explicado sob êste último verbete.

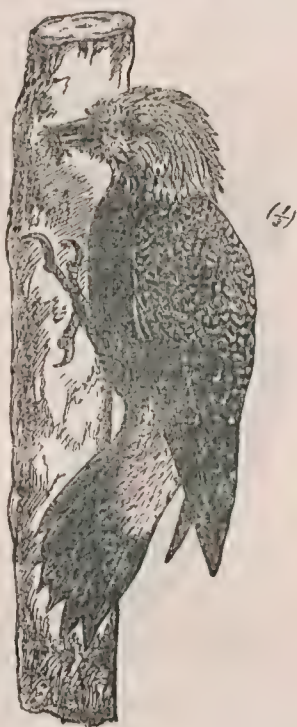
Piavuna — Espécie de piava, de côr mais escura, aliás várias, segundo a localidade.

Pica-pau — Aves trepadeiras da fam. *Picideos*, também chamados "I p e c ú" ou "M u r u t u c ú" na Amazônia. (E' curioso que entre nós, em parte alguma, se introduziu o vocábulo "P e t o", usado em Portugal para designar as espécies européias desta família, aliás muito semelhantes às nossas). Trata-se, ao todo, de umas 65 espécies brasileiras, bastante homogêneas no aspeto geral, discrepando apenas as 15 espécies que são de porte muito menor e por isto conhecidas por "P i c a - p a u a n ã o", (veja-se abaixo). Além destas são poucas as outras espécies que merecem nomes especiais, devido a qualquer particularidade de seu colorido ou modo de vida. Veja-se "C h ã - c h ã". O feitio geral, muito característico, destas aves, é bem conhecido. O bico, forte, direito e pontudo, é ótima ferramenta, que habilita o pica-pau a ser o "carapina das matas". Com pancadas ligeiras êle perscruta primeiro a árvore, a fim de descobrir os pontos carunchados e só depois lhe ouvimos as marteladas sonoras, repetidas, com que arranca lascas, para pôr a descoberto as larvas e os besouros que constituem seu alimento. Outro utensílio que os pica-paus sabem usar no trabalho com grande perícia, é a língua, muito longa, córnea e no entanto extremamente flexível e revestida, na ponta, com farpas aguçadas. Acompanhando as sinuosidades dos canais excavados pelas larvas na madeira, a língua fisga o bocado e rapidamente o leva ao esôfago. A posição característica desta ave é bem conhecida: com dois dedos dirigidos para diante e dois para trás, as unhas encravadas na casca do tronco vertical, o corpo levantado e com as pernas rijas da cauda firmadas à guiza de escoras, o pica-páu sobe ou para, à sua vontade, nos troncos verticais, como si para êle houvesse uma exceção na lei do

equilíbrio. Tão habituado está a esta ginástica, que raramente pousa sôbre galhos horizontais e também no chão seu andar é desageitado. O vôo é pesado, mas ainda assim curioso; com um arranco, ao rápido abater das azas, avança em curva ascendente, para logo depois, ao fechar as azas, continuar o vôo em curva descendente. Percebe-se o esfôrço que faz e nesta linha sinuosa que descreve, em geral não tenta ir longe. A maior parte das nossas espécies vive na mata e aí nos presta ótimos serviços, pois sem sua interferência, os inúmeros insetos carunchadores se multiplicariam sem que ninguém lhes limitasse o número. Felizmente não há quem não lhes reconheça a utilidade e (como sua carne não tem sabor especial e suas penas não "estão em moda") ninguém atira aos pica-paus. Em Minas dão-lhe o nome de "Benedito".

Pica-pau

Não descreveremos o colorido das muitas espécies, que só o especialista saberá distinguir. Em geral a côr predominante é o preto, enfeitado com branco, vermelho ou amarelo, ou então a côr fundamental é amarelo-esverdeada, com desenhos das várias côres acima mencionadas. Geralmente o macho é fácil de reconhecer, por ter mais enfeites vermelhos na cabeça.

Por ocasião da revolução de 1893, no Rio Grande do Sul, os rebeldes designavam os legalistas pela alcunha "Pica-pau". Certa vez o Sr. Sebastião Wolf, cuja habilidade como taxidermista-amador era bem conhecida, acedeu ao pedido de um amigo, para que lhe empalhasse um "Quero-quero" (alcunha do partido revolucionário) em atitude de luta com um pica-pau, sendo que êste deveria "estar por baixo", apanhando. Executada a encomenda, foi a peça exibida publicamente, para grande gáudio dos partidários do "Quero-quero". Porém a polícia irritou-se e intimou o autor, sob graves ameaças, a

nunca mais preparar quadro análogo — a não ser que o pica-pau figurasse como vencedor.

João Ribeiro estudou, na coletânea "Língua Nacional", pag. 149, a frase cearense: Tem pena de pica-pau (que significa: ser homem de muita sorte) e conclui verificando a origem européia da lenda, que atribue poderes mágicos à pena ou à folha do pica-pau. Veja-se, a respeito, também a lenda do "A r a p a s s ú".

Pica-pau anão — Compreende as várias espécies do gên. *Picumnus*, semelhantes aos demais pica-paus, porém muito pequenos, menores que um tico-tico e a cauda não tem as penas rijas, das quais as outras espécies se utilizam como esteios. Seu ninho, em tudo parecido, ao das demais espécies da família, é naturalmente minúsculo também. Basta dizer que o buraco de entrada mede só 3 cms. de diâmetro e a cavidade tem apenas 15 cms. de fundo. Euler assistiu a um dos primeiros passeios que um casal dêstes pica-paus realizava pela mata, em companhia dos filhotes, ainda de todo inexperientes. Cada um dos pais dava lições a um dos filhos. Quando o velho descobria um verme debaixo da casca de uma árvore, chamava o filho e em presença dêste bicava a madeira, até fazer aparecer o alimento procurado. Então cedia o lugar ao discípulo e êste concluia a extração do verme ou da lagarta, saboreava o bocado e assim se adestrava no ofício.

Pica-páu anão

Pica-pau branco — *Leuconerpes candidus*, pica-pau grande que difere, tanto na côr como nos hábitos, das demais espécies da família. Contrastam com a côr branca geral, as penas pretas da cauda e da aza, que aliás têm faixas brancas; são pretos ainda, o dorso e uma linha ao lado do pescoço; a barriga em parte é amarela. Habita o Brasil, da Baía para o Sul, vivendo em pequenos bandos nos descampados. Visita as plantações e mesmo os jardins das casas da roça, tendo sido visto até empoleirado em telhados, simplicidade esta de que nenhum outro pica-pau é capaz. Também com tais hábitos deixou de ser "Cara-

pina" e assim não busca seu alimento nos troncos das árvores, mas come marimbondos e outros insetos alados e já foi visto bicando laranjas.

Pica-pau de cabeça amarela — Apezar de haver várias espécies da família com cabeça amarela, êste nome cabe em especial ao *Celeus flavescens*, cuja cabeça é ornada por um topete de penas longas, amareladas. Também é conhecido por "J o ã o V e l h o".

Pica-pau de campo — O mesmo que "C h ã - c h ã".

Pica-pau vermelho — Na Amazônia chamam assim aos "A r a p a s s ú s". A comparação com os pica-paus tem boa razão de ser, pois seu modo de viver é semelhante; porém "vermelho" neste caso significa antes castanho-avermelhado, que é a côr predominante dêstes pássaros, da fam. *Dendrocolaptideos.*

Pica-peixe — E' o nome português da espécie européia correspondente ao nosso "M a r t i m - p e s c a d o r". Como porém José Verissimo tenha usado êste têrmo na "Pesca na Amazonia", pag. 22, supomos que lá também se empregue tal sinônimo de "A r i r a m b a"; êste em todo caso, na Amazônia, é o têrmo mais corrente.

Picaço — Em Minas Gerais, designa o "C a r r a p a t o e s t r e l a", aliás também aí conhecido por êste último nome.

Picaparra ou "P a t i n h o d ' á g u a" — Ave da fam. *Heliornitideos, Heliornis fulica,* aliás conhecida na Amazônia por "I p e q u í" ou "P e q u í". E' uma das mais lindas aves aquáticas. O colorido geral é pardo-azeitona no dorso, branco-amarelado em baixo; a cabeça e o pescoço são pretos, com reflexos azuis: por cima dos olhos há uma estria branca; a face é avermelhada e a mandíbula superior bem vermelha, ao passo que a inferior é amarela e desta côr são os pés, porém com faixas pretas. Vive à margem dos rios e, quando assustada, em último caso mergulha e consegue ficar tempo relativamente longo debaixo d'água, sem contudo poder rivalizar, nesta arte, com os grandes profissionais, como o verdadeiro "M e r g u l h ã o" *(Podiceps).* A mãe é extremamente carinhosa para com seus filhotes, que a acompanham muito cedo nas excursões, muito antes de terem emplumado, como os pintos da galinha. Por isto, nos primeiros dias são carregados debaixo das azas; o principe Wied relata que em Dezembro matou um macho sob cuja

aza encontrou um pinto ainda implume, que se agarrava com o bico para não cair.

Picassú — A pomba grande; veja sob "P o m b a s" e "P o m b a l e g i t i m a".

Pichichica — G. Bondar registra tal nome como designando, na Baía, uma formiga do gên. *Wasmannia* (fam. *Myrmecideos)*; é tida, juntamente como outras espécies, como sendo de certo modo nociva ao cacaueiro (veja-se "C a ç a r e m a").

Pichochó — Há várias espécies de *Fringillideos* com êste nome, que em geral é mais ou menos sinônimo de "P a p a - a r r o z". Tais são *Sporophila superciliaris* (verde-azeitona em cima, esbranquiçado em baixo, supercílio branco e duas faixas amarelas sobre a aza); *Haplospiza unicolor* (o macho é mais ou menos uniforme cinzento-escuro, a fêmea esverdeada); ambas as espécies são pragas dos arrozais, formando às vezes bandos numerosos que é preciso combater.

Pichororé — ou "T u r u c u é", "C u r u t i é", "B e n t e r e r ê", "J o ã o t e n e n é m" e provavelmente ainda outros nomes de pronúncia semelhante. São variantes onomatopaicas, copiadas da voz dos passarinhos da fam. *Dendrocolaptideos*, gên. *Synallaxis*, que habitam tanto a mata como as capoeiras e sébes, onde ativamente procuram tôda sorte de insetos. O colorido predominante é castanho-claro, com aza e cauda mais escura; alguns têm mancha escura na garganta ou no peito. Também lhe são semelhantes as espécies do gênero *Cranioleuca (Siptorins)*, o qual se distingue por ter 12 penas caudais e não 10, como o gênero precedente. Os ninhos de vários dêles são curiosos "castelos de ramos sêcos", amontoados enormes de gravetos e galhos, que no entanto, apezar de não estarem amarrados, nem levarem argamassa, formam um todo bastante sólido e resistente. Os maiores dêsses ninhos atingem 60 cms. de comprimento, por um pouco menos de largo e os maiores "caibros" empregados, medem 40 cms. Para transportar material tão pesado, o pássaro é obrigado a descansar muitas vezes em caminho, afim de tomar fôlego. No centro dessa grande "fogueira de S. João" é que se acha o ninho propriamente dito, numa tigela feita de talos macios e folhas sêcas e atapetada com paina. Um corredor ou mais exatamente, um tubo de entrada, prolongado em túnel, abrangido também pela grande construção, conduz para cima (na espécie *S. cinamomea)* ou

para frente (em *S. albescens* e outras). Da mesma forma as várias espécies diferem quanto aos enfeites empregados e que consistem em musgo, peles de cobra, felpas de côr, etc.

Pichunchú — O mesmo que "P o r a q u ê".

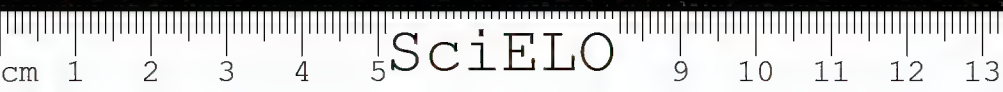
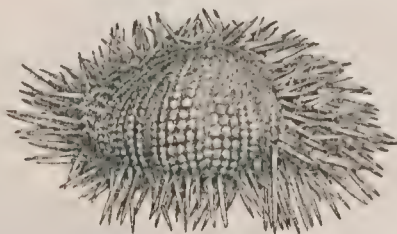
Picuçaroba — O mesmo que "P o m b a a m a r g o s a"; *rob* em tupí significa amargo.

(Picuí) — Em tupí, designa as pombas em geral. Daí *Picuí-assu-roba* ("P i c u ç a r o b a"); *Picuí-assú* ou abreviadamente "P i c a s s ú" que é a "P o m b a l e g í t i m a"; *Picuí-peba* é a "R ô l a a z u l", *Claravis pretiosa*, etc. O simples radical, com acepção genérica parece-nos que não é mais usado.

Pilôto — Peixe da fam. *Carangídeos, Naucrates ductor;* caracterizam-no as faixas negras ao redor do corpo. E' muito conhecida a história dêste peixe, amigo íntimo dos grandes tubarões. Faz questão de acompanhar por tôda parte o seláquio, que por sua vez não lhe causa mal algum. O forte protege o fraco contra outros inimigos e, em compensação, o pilôto mostra-lhe o caminho para os bons bocados que encontra no mar; sua honestidade, pelo que se diz, vai a tal ponto que, estando mais distante, volta em busca do voraz companheiro, para lhe mostrar boa caça que achou. Mas a observação do zoólogo não confirmou tão belo exemplo da feliz convivência do fraco com o forte. Éste, si a fome a tanto o obriga, devora o indefeso amigo, o qual, por sua vez apenas acompanha o tubarão porque do banquete dêste sempre lhe sobra alguma migalha. Por esta mesma razão o "P i l ô t o" também acompanha os navios, às vezes durante vários dias, para aproveitar as sobras da cosinha.

Em português clássico seu nome é "R o m e i r o" e Morais, em seu Dicionário da Língua Portuguesa diz textualmente: "Peixinho que anda diante da baleia (!) e se nutre do comer que lhe fica entre os dentes"! Apenas dois lapsos e certo exagêro; neste sentido veja-se também a referência à "R ê m o r a", sob "P e g a d o r".

Pimenta — Veja-se sob "P o t ó".

Pincha-cisco ou "V i r a - f o l h a" — Passarinhos da fam. *Dendrocolaptídeos*, gên. *Sclerurus*, que, como o diz o nome, vivem no mato à cata de insetos escondidos no humus. Mede 19 cms. de comprimento e o colorido é bruno, mais avermelhado em baixo, e a garganta é esbranquiçada *(Scl. scansor)*.

Pindá ou "O u r i ç o d o m a r" — Equinodermos, *Echinoides* regulares, cujo corpo se acha revestido por uma casca calcárea hemisférica, tôda ela coberta de numerosos espinhos, longos e agudos. Normalmente são habitantes das águas mais profundas do mar, mas êste, quando revôlto, atira grande número de pindás à praia, que então, escondidos na areia, constituem uma surpreza bem desagradável para as plantas dos pés dos banhistas. Realmente, em certas praias é tal o número de pindás, que se torna impossível assentar o pé descalço sobre a areia molhada, sem logo se "estrepar". E' no caso, aliás, o sentido exato da palavra indígena *pindá*, que também significa "anzol".

Pindá

Os Equinoides regulares (quanto aos "Irregulares" veja-se "C o r r u p i o") têm em geral feitio de meia laranja, mais achatada ou acuminada, conforme a espécie; a abertura bucal acha-se na face inferior e é provida de aparelho masticatório forte e um tanto complicado; do polo superior irradiam meridianos que, em número de 5 ou múltiplos de 5, formam zonas alternadamente correspondentes à implantação dos espinhos e às aberturas pelas quais os animais emitem seus orgãos de locomoção. Êstes são pequenos tubinhos, que funcionam como ventosas e que, fixados a um apoio sólido, arrastam o corpo nessa direção, aliás com o auxílio também dos espinhos; êstes são móveis e naturalmente, além desta função, proporcionam ótima defeza. Em geral, porém, o que se encontra na praia é a carcaça já desprovida dos espinhos, os quais facilmente se destacam depois da morte do animal; vê-se então todo o desenho geométrico, no qual os tubérculos de implantação dos espinhos alternam com os póros dispostos em linhas correspondentes aos meridianos. *Toxopneustes variegatus* é a espécie mais comum.

Pindá preto — Com os caracteres supra, *Echinometra subangularis,* de côr preta; escava buracos nas pedras e é comestível.

Pindá-una — ou "P i n á - u n a" na Baía, o mesmo que "P i n d á p r e t o".

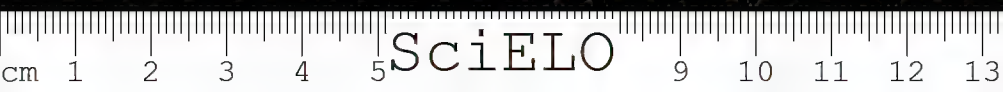
Pindoba ou "P a t i o b a" — Veja sob "J a r a r a c a v e r d e".

Pinéu — Conforme informação do Dr. A. Neiva, na Baía é um passarinho preto que dá primeiro um pulo para o ar, e quando pousa novamente sobre o galho, canta sua interjeição dissilábica e dá novo salto. Deve ser a mesma espécie conhecida no Sul por "T i s i o" *(Volatinia jacarini).*

Pinguim ou "N a u f r a g a d o s" — Aves marinhas das regiões frias, da fam. *Spheniscideos,* que nos mares brasileiros são exclusivamente aves de arribação, trazidas pelos vendavais da Patagônia, e que por isto em geral só nos chegam como "N a u f r a g a d o s" e apenas com vida para poucos dias. A única espécie desta região antártica é *Spheniscus magellanicus.* E' conhecida a feição característica destas aves, cujo feitio peculiar lhes advem da colocação muito traseira das pernas (e daí o porte muito erecto) e do atrofiamento das azas, que não lhes permitem o vôo. São cobertas com curiosas penas chatas, em forma de escamas, e assim podem as azas funcionar como remos; de fato são só elas e não os pés que remam e tão bem, que não há ave que nade ou mergulhe com tanta perfeição como o pinguim.

Há anos em que arribam até milhares de pinguins em determinados pontos das nossas praias (Rio Grande do Sul, Paranaguá, Iguape, Santos e mesmo no Espírito Santo, como já o atestara o Pde. Anchieta em suas "Cartas"); mas chegam tão exaustos que é fácil pegá-los e raros são os que ainda sobrevivem algum tempo. Contudo convém registrar que em meados de 1915 um bando de talvez 200 dessas aves arribou à baía do Rio de Janeiro e aí permaneceu durante um mês, sendo facilmente quasi tôdas vitimadas pelos pescadores.

Pinicapau — No Ceará e em outros Estados do Nordeste é denominação mais usada do que pica-pau.

Pintada — Isto é "O n ç a p i n t a d a", em oposição à "O n ç a p a r d a", não pintada, unicolor, a "S u s s u a r a n a".

Pintado — Veja-se "S o r u b i m". No Rio Grande do Sul, onde o Sorubim não ocorre, êste nome cabe ao peixe muito menor *Pimelodus clarias* que de S. Paulo para o Norte é incluido, simplesmente, no número dos "M a n d í s" ou especificamente "M a n d í p i n t a d o", "M a n d i ú" ou "M a n d i j u b a", devido ao reflexo amarelado.

Pintassilgo — Nome português de um pequeno canário europêu, *Fringilla spinus.* E' no Brasil, o passarinho da fam. *Fringillideos, Spinus ictericus,* que aliás ocorre só da Baía para o Sul. E' verde-azeitona em cima, a cabeça, garganta, cauda e azas são pretas, estas com espelhos amarelos e base da cauda e lado inferior também amarelos. Muito estimado como passarinho de gaiola, seu cruzamento com o canário do reino dá um híbrido ainda mais apreciado pelos amadores (veja sob "A r l e q u i m").

Pintassilgo — Na Amazônia, onde não ocorre o verdadeiro "P i n t a s s i l g o", do Brasil meridional, foi dado igual nome a um passarinho bem diverso, *Nemosia guira,* da fam. *Tanagrideos* e que portanto é antes um "S a í". Contudo seu colorido lembra vagamente o do Pintassilgo do Sul. O dorso, as azas e a cauda são verde-oliva, a base da cauda é amarela, bem como o peito; a zona da garganta, incluindo os olhos, é bruna, extendendo-se, acima desta mancha, uma linha superciliar amarela, que se liga à mesma côr do peito; o ventre é branco.

Pinto do mato ou "G a l i n h a d o m a t o" — Diversas espécies de passarinhos da fam. *Formicariideos,* especialmente do gên. *Formicarius.* A comparação sugerida pelo nome vulgar tem sua razão de ser, porque vivem ciscando as folhas sêcas, na procura de insetos; quando assustados, disparam correndo e piando fortemente. São avesitas de 17 cms. de comprimento, de corpo cheio, cauda curta e com uma região núa atrás dos olhos. O colorido é pardo-bruno com cabeça castanha e parte inferior do pescoço preta.

Piolhinhos dos ninhos — Não são piolhos, mas ácaros, *Lyponyssus bursa* Berlese. E' comum nas regiões tropicais. Ataca galinhas e pássaros e o homem também é atacado severamente. Encontra-se frequentemente sobre as galinhas ou passeando nos ninhos e pelas paredes, a qualquer hora do dia.

Frequentemente realiza mudas e posturas sobre o hospedeiro ou nas frestas. No hospedeiro os ovos são depositados na plumagem, a que aderem por meio de subs-

tâncias pegajosas. No meio ambiente o ovo dá larva em 3 dias, e esta muda a pele antes de alimentar-se, em 17 horas e só depois suga sangue da ave. A ninfa do primeiro estado muda em 2-3 dias.

. **Piolhos** — Esta denominação deveria caber unicamente aos insetos da ordem *Anoplura*, de corpo achatado, hematófagos e sempre ápteros; é pois impropriamente, apenas por terem modo de vida comparável, que se diz "Piolho vegetal" (Coccídeos). Ainda assim, no sentido restrito da palavra, "Piolho" abrange as duas famílias: *Mallophagideos* (veja "Piolho de galinha") e *Pediculideos*. Êstes últimos têm partes bucais sugantes e cabeça ovoide ou alongada; são todos ectoparasitas de mamíferos. Ao homem são peculiares 3 formas: o "Piolho comum", *Pediculus humanus*, a "Muquirana" e o "Chato".

Além disto *Pediculus mjöbergi* parasita macacos e micos.

Piolho

São ainda piolhos legítimos, porém desprovidos de olhos, as espécies da fam. *Haematopinideos*, que parasitam o boi *(Haematopinus eurysternus)*, o cavallo *(H. asini)*, o cão *(Linognathus setosus)*. Não se deve confundir êstes piolhos hematófagos com os *Mallophagos*, alguns dos quais também vivem sobre mamíferos, ainda que a maioria das espécies viva sobre aves (veja sob "Piolho de galinha").

Piolho das aves ou "Piolho de galinha", ou "Nem-nem" no Nordeste — Sob esta denominação o povo confunde vários artrópodes que zoologicamente nada têm em comum. Assim por exemplo dá-se êsse nome aos pequenos ácaros que aquí mencionámos sob "Piolhinho dos ninhos", bem como às larvas dos "Carrapatos das galinhas" *(Argas)*. De fato porém, a denominação "Piolho de galinha" deve ser reservado aos insetos da ordem dos *Mallophagos*, ectoparasitas que atacam a epiderme e as penas das aves, sem se fixar nem sugar sangue.

Vivem das escamas epidérmicas e dos detritos das penas e muitas vezes acarretam prejuizos às aves pela irritação continuada que produzem.

Evoluem normalmente sobre o hospedeiro; os ovos são postos nas penas, tanto na base e ao longo do canhão, como na barbela e estão sempre colados ao substracto. As

ninfas se parecem muito com os adultos, salvo no tamanho e no desenvolvimento do aparelho genital.

Encontram-se sobre galinhas, galinha de angola, perú, pombo, pato, pássaros, aves de rapina, etc.

Como tratamento aconselha-se pulverização ou banhos com fluoreto de sódio, êstes últimos mais recomendáveis, por serem mais práticos e econômicos. Emprega-se ainda o sulfato de nicotina, aplicado como pintura nos poleiros.

A sistemática é difícil, pois abrange 7 famílias com numerosas espécies. À mesma ordem dos *Mallophagos* pertencem muitas espécies que porém parasitam somente mamíferos; êstes constituem família a parte, *Trichodectideos*, com espécies peculiares ao boi, ao cavalo, à cabra, ao cão, ao gato, etc., todos do gênero *Trichodectes*, além de outros.

Piolho de cobra — Denominação mais generalizada no Brasil meridional, para designar os miriápodes que têm 2 pares de pernas em cada segmento, isto é os *Chilognathos* em geral e que perfazem a maior parte dos *Diplopodes* (Veja-se sob "Centopeia").

Do Rio de Janeiro para o Norte êstes artrópodes são conhecidos por "Gongolos" e especialmente na Baía, como "Caramugís". No Nordeste, na Amazônia e também em Mato Grosso seu nome é o da língua geral, "Emboá" ou "Amboá" (e é esta a forma guaraní). Zoologicamente os "Piolho de cobra" formam a classe dos *Diplopodes*, relativamente próxima da dos insetos (como se verifica pelo fato de terem os primeiros segmentos apenas um par de pernas). As duas famílias principais da nossa fauna são os *Polydesmideos*, de corpo em geral mais achatado, com apenas até 20 segmentos e *Julideos*, de corpo cilíndrico e até 35 segmentos. E' preciso verificar si a variada nomenclatura popular pretende talvez definir êstes dois grupos, aliás bem distintos.

A sistemática completa abrange cêrca de 70 famílias, com cêrca de 250 espécies assinaladas no Brasil. E' pois impossível entrar em detalhes de classificação. Têm em geral corpo cilíndrico, de igual grossura de começo a fim; o número de segmentos varia, de onze no minímo, podendo elevar-se a 75.

Espécies grandes podem atingir 15 cms. de comprimento e todos êles se caracterizam pela curiosa atitude que assumem quando inquietados, enrolando-se em forma de espiral. São vegetarianos, alimentando-se de folhas e

raizes e por isto há espécies que se tornam nocivas à agricultura; contudo, no Brasil não se têm manifestado como pragas dignas de nota.

Severiano da Fonseca em sua "Viagem ao redor do Brasil" diz que os piolhos de cobra aparecem aos milhares em Mato Grosso, invadindo as barracas e os leitos do viajante, pelo que se tornam excessivamente incômodos; mas não se lhes atribue outro mal a não ser tal aborrecimento.

Piolho ladro — Denominação portuguesa do "C h a t o". E' pouco usado no Brasil.

Piolho de onça — Na Amazônia é o mesmo que "o n c i n h a" (Himenópteros da fam. *Mutillideos).* Veja sob "F o r m i g a c h i a d e i r a".

Piolho dos vegetais — Não se trata de insetos pertencentes ao grupo dos "piolhos" propriamente ditos; são os "Coccídeos" (veja êstes) que, efetivamente, pelo seu modo de vida, representam o papel de piolhos das plantas.

Piom-piom — Veja sob "Q u e m - q u e m" e sob "G r a l h a".

Pipira — Na Amazônia e no Maranhão é sinônimo dos "T i é s" e "S a n h a s s o s" do Sul.

Pipoca — O mesmo que "C a n g i c a", isto é o *Cysticerco* da "S o l i t á r i a".

Piquira — No Est. de S. Paulo designa várias das espécies menores de "L a m b a r í s"; em algumas localidades, porém, denominam assim a espécie um tanto diversa, porém igualmente da fam. *Characídeos,* a que já nos referimos sob "C a n i v e t e" *(Characidium fasciatum).* A palavra é a mesma da língua tupí "p i q u í".

Piquirão — Peixe de escama da fam. *Characideos, Bryconops alburnus,* da Amazônia. Em S. Paulo, rio Mogí-guassú é o *Aphyocharax difficilis,* que só atinge 7 cms. de comprimento.

Pira — Nome dado no sertão da Baía, Pernambuco e Piauí à "S a r n a" humana, escabiose devida ao parasita da pele, acarino *Sarcoptes scabiei.*

Pirá — Em tupí significa: peixe, em geral. Veja-se também "A c a r á", aplicado somente a peixes de escama. No rio S. Francisco, "p i r á", no sentido restrito, é o mesmo que "p i r á - t a m a n d u á".

Pirá — Na Paraíba e em Pernambuco êste nome (que aliás em tupí equivale a "peixe" em geral) cabe a uma espécie marinha, *Malacanthus plumieri*, de feitio geral mais ou menos comparável ao dos *Labrideos* ("B o - d i ã o"); mas ao contrário dêstes, a nadadeira anal não apresenta acúleos pungentes e seus raios moles bem como os da dorsal são muito numerosos, cêrca de 50; a caudal, muito recortada, tem os raios exteriores alongados. O colorido é vivo, oliváceo e azul.

E' frequente, mas de pouco valor. Veja também sob "B o m - n o m e".

Pirá-andira — Segundo o General Couto de Magalhães também êste nome vulgar designa a espécie figurada por Spix sob *Cynodon vulpinus*, cujo nome científico hoje é *Rhapiodon vulpinus* e ao qual nos referimos sob "S a - r a n h a".

Pirá-bandeira — Na Amazônia parece ser sinônimo de "B a g r e b a n d e i r a".

Pirá-bijú — Denominação nordestina que é uma simples inversão do nome "B i j ú - p i r á" mais generalizado em outras zonas do litoral brasileiro.

Pirá-caá — Peixe d'água doce, o mesmo que "P e i x e - f o l h a".

Pirá-cururú — Veja sob "P i a c u r u r ú" e "P e i - x e s a p o".

Pirá-cururuca — Assim como há uma piracema fluvial, diz J. Verissimo (Pesca, pag. 124), há por assim dizer uma espécie de piracema terrestre, chamada "P i r á - c u r u r u c a". Quando em virtude de chuvas abundantes se estabelece uma comunicação de um lago para outro ou entre dois igarapés paralelos, saem por ela os peixes em bandos numerosos, barulhentos. Chamam-lhes "P e i x e s d e e n x u r r a d a", e os habitantes visinhos apanham-nos com paneiros e com a mão. "Pirá-cururuca", quer dizer barulho, ruido forte de peixes.

Pirá-pucú — Peixe da mesma família da "A g u l h a" *(Belonideos), Potamorhaphis guianensis,* de pouco mais de um palmo de comprimento; é da água doce, dos rios da Amazônia, e em Manáus aparece aos cardumes à superfície das águas. Trata-se porém, de espécie recentemente adaptada à água doce, pois que tôda a família, a que pertence, é tipicamente marinha. Sob "P i r a p u c ú" veja-se referência a outro peixe completamente diverso.

Pirá-tamanduá ou simplesmente "P i r á" — Peixe de couro da água doce, da fam. *Pimelodideos, Conorhynchos conirostris,* uma espécie de bagre do rio São Francisco, que atinge 80 cms. ou mais de comprimento. O nome indígena foi bem lembrado, pois o focinho dêste peixe é bem o de um tamanduá bandeira, não tão longo, mas cônico e bastante curvado para baixo na ponta; a bôca redonda e pequena, fica assim virada para baixo e os poucos dentes que tem, caem com a idade. Seu alimento consiste principalmente em pequenos moluscos, vermes ou minúsculos microcrustáceos, *Ostracoides;* admira como um peixe tamanho se contente com caça tão pequena. Com o corpo quasi na vertical, a cabeça enfiada no lôdo, onde busca o alimento e parte do corpo emergindo da água, o pirá se entretem de tal forma nessa faina, que o pescador pode facilmente cercá-lo com a rêde. A carne é boa, mas o povo diz que é "quente", ou na expressão nordestina "reimosa".

Pirá-tamanduá — Igualmente bem cabe êste nome ao curioso peixe da fam. *Gymnotideos,* afim, pois, aos "S a r a p ó s"; é o *Sternarchoramphus tamandua,* da Amazônia. Como se vê, também o cientista, ao escolher o nome específico, quiz lembrar a curiosa semelhança da cabeça dêsse peixe com a do tamanduá bandeira e de fato o feitio geral é por assim dizer o mesmo e o focinho encurvado até parece ser mais longo ainda, porque não há intumescência correspondente à caixa craneana; os olhos são minúsculos e as nadadeiras peitorais fingem orelhas. Goeldi registrou uma espécie afim, de focinho menos longo, sob o nome "I t u í c a v a l o" e como o tamanduá bandeira também é chamado "t a m a n d u á c a v a l o", talvez a origem daquela denominação se explique por aí.

Pirá-tapioca — Peixe de escama da Amazônia *(Anacyrtus myersii?)*.

Piraaca — Sob êste nome Miranda Ribeiro registra o "C a n g u l o" ou "P e i x e p o r c o", *Monacanthus ciliatus*.

(Pirabebe) — Não sabemos si ainda hoje, em Pernambuco, como nos tempos de Marcgrave, se conhece por tal nome o "P e i x e v o a d o r".

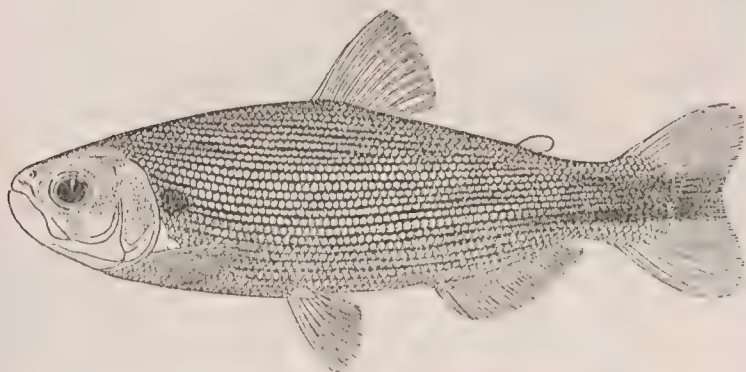
Piraba — Na Amazônia, segundo Goeldi, é o nome do peixe *Chalcinus auritus*.

Piracaá ou "P e i x e f o l h a p i r a c á" — Peixe do mar de Itaparica; o tamanho mínimo admitido para o mercado é de 30 cms.

Piracambucú — Sinônimo de "S o r u b i m" do Amazonas *(Pseudoplatystoma fasciatum)* que difere pelo processo occipital lanceolado do sorubim do S. Francisco e Prata *(P. coruscans)*, no qual o mesmo processo é truncado. Note-se porém, que José Verissimo, no curso inferior do Amazonas, só emprega a denominação "S o r u b i m". Veja também "P i r a m b u c ú".

Piracanjuba — Peixe da água doce da fam. *Characideos*, subfam. *Bryconineos*, do gênero *Brycon;* nos grandes rios do Est. de S. Paulo a espécie típica é *Brycon lundi;* há outras espécies congêneres, semelhantes, que no rio São Francisco e na Amazônia são conhecidos sob o nome de "M a t r i n c h ã". A piracanjuba é o rival do dourado; não atinge as dimensões e o peso dêste, mas pelo sabor da sua carne, muitos pescadores lhe dão preferência. E' preciso ser pescador hábil para não só engodar como também arrancar das águas uma grande piracanjuba, de 10 quilos de peso, pois a violência e a tenacidade com que o peixe se defende antes de se entregar, são verdadeiramente notáveis. Na cachoeira de Emas, (Pirassununga-S. Paulo) tivemos ocasião de confrontar a habilidade com que os vários peixes sabem vencer a queda d'água; muitas espécies formam mal o pulo e assim "rodam" repetidas vezes; também o possante dourado não poucas vezes é arrebatado pela voragem, quando, ao tocar a água, depois do salto, não cai em posição adequada. Nunca, po-

rém, vimos uma piracanjuba "rodar", nem ela faz questão de pular muito alto; caindo na meia encosta da água que se precipita, ela aplica os recursos extremos de sua incrível agilidade e fôrça e com tôda elegância nada pelo declive acima.

A carne da piracanjuba é rósea-salmão, bem como o esqueleto, particularidade esta a qual certamente alude a denominação indígena ("pirá"-peixe, "cang"-ossos, "juba"-amarelos — e não "peixe de cabeça" (acanga)

Piracanjuba de Mato Grosso

"amarela", o que não corresponde à realidade). A piracanjuba só excepcionalmente é carnívora; há ocasiões em que certos frutos e coquinhos são sua melhor isca; encontrámos também várias vezes boa porção de fragmentos de outros vegetais em seu tubo digestivo. Talvez os estudos em andamento, relativos à valorização dos peixes nacionais, venham a demonstrar as possibilidades de ser esta ótima espécie utilizada pela piscicultura. Os pescadores distinguem uma variedade "a r r e p i a d a" (talvez os exemplares velhos, de escamas grosseiras).

Piracanjuvira — Talvez seja a mesma "P i r a c a n j u b a a r r e p i a d a".

Piracatinga — Na Amazônia designa um mandí *(Pimelodus pati)*, que também ocorre no rio Paraná. Caracteriza-se esta espécie, entre os outros mandís, por ter olhos muito pequenos e os acúleos das nadadeiras dorsal e peitorais são desprovidos de denticulação retrosa. O desenho colorido consiste em máculas escuras ao longo dos flan-

cos e num traço escuro em frente dos olhos. Dizem que a carne conserva forte catinga si o pescador não tiver o cuidado de sangrar o peixe enquanto vivo, cortando parte da cauda.

Piracirica — Peixe do mar (Pernambuco).

Piragica — Peixe do mar, da fam. *Sparideos, Kyphosus incisor*, de feitio original pela saliência da bôca e elevação da fronte. Dorsal continua, com entalhe entre os raios pungentes (XI) e os ramosos (14). O colorido é prateado, uniforme, apenas denegrido na região frontal, bem como nas nadadeiras. Cresce até um metro de comprimento; é herbívoro e muito apreciado por causa da carne saborosa. Além desta definição de Alipio M. Ribeiro, ainda o almirante A. Camara menciona outro peixe ao qual, na Baía, também cabe o nome "P i r a g i c a": E' peixe parecido com a "G a r o u p a", de costas pardas e barriga de um vermelho róseo, cheio de pintas brancas em todo corpo. Vive em fundos de pedra.

Seria interessante verificar si a espécie acima mencionada tem igual facilidade de mudar de colorido como outra congênere, *K. sectatrix*, que também é das nossas águas. Em exemplares desta última, mantidos em aquário, foi observado que em pouco tempo o peixe, que se apresentava ornamentado com numerosas linhas longitudinais, passava a ter o corpo todo coberto de manchas redondas, brancas.

Piraguaxiara — Segundo Amadeu Amaral (Dial. Caipira) é uma espécie de peixe do Tieté.

Piraíba ou "P i r a t i n g a" e, enquanto novo, "F i l h o t e" — Peixe de couro, *Nematognatha*, da fam. *Pimelodideos, Brachyplatystoma filamentosum*, da Amazônia, de corpo volumoso, pois atinge 3 mts. de comprimento e 1^{m},40 de circunferência. O focinho é achatado; as barbas são curtas nos adultos, porém correspondem ao triplo do comprimento do corpo nos jovens, enquanto medem apenas um palmo. A côr é bronzeada, mais clara inferiormente. Dá enormes saltos fora d'água, mostrando todo o corpo, envolto num lençol líquido e sumindo-se com estrondo, formando largos círculos ondeados. Pesca-se êsse peixe com linha forte, amarrada à canôa, que por sua vez está "poitada" (ancorada com pedra pesada). Engolido o anzol, a piraíba sai em desabrida carreira, puxando a canôa consigo, até cansar. Pescando de terra, é preciso amarrar a linha, pois nem mesmo vaqueiros, afeitos a

aguentar reses, resistem à piraíba adulta. Mas a carne dêstes grandes peixes é desprezada; só os "Filhotes" são procurados e vendidos em postas. Além de fornecer "grude de peixe", que é artigo de exportação, concorre com o pirarucú para o mercado de peixe sêco ou salgado. (Ecerto de J. Verissimo, Pesca).

Pirajaguara — E', segundo Goeldi, o nome do bôto da Amazônia, mais conhecido por "T u c u x í". Também Severiano da Fonseca (Viagem) emprega aquele vocábulo; porém não sabemos si o bôto se extende pelos afluentes do Amazonas acima até Mato Grosso, onde Severiano registrou o têrmo.

(Pirajuba) ou "P i r a j ú" ou, na Baía "P i r a g í" — Nome indígena do "D o u r a d o" *(Salminus)*; não nos consta que ainda seja usado.

Pirambeba — Designam assim, no Nordeste, os peixes da sub-fam. *Serrassalmineos*, inofensivos ao homem, conquanto bastante semelhantes às piranhas verdadeiras. São em geral de dimensões apenas medianas, não atingindo um palmo de comprimento; a cabeça é mais alongada, o corpo mais comprimido e quasi sempre pintalgado, com côres mais vivas.

Pirambóia "P i r a r u c ú - b ó i a", "T a r i í r a - b ó i a" ou "T r a i r a b ó i a" (erroneamente também "C a r a m u r ú") — Êste peixe, da ordem dos *Dipneos*, é a única espécie americana dêstes curiosos tipos que constituem teoricamente a passagem do grupo "peixe" para o grupo "anfíbio". Nos indivíduos novos reconhecem-se perfeitamente os quatro pares de brânquias externas, as quais com a idade se atrofiam, passando a função respiratória a ser exercida pelos pulmões. Ao mesmo grupo pertencem *Ceratodes*, gênero australiano e *Protopterus*, africano. Na Amazônia, Mato Grosso e no rio Paraguai vive a "P i r a m b ó i a" *(Lepidosiren paradoxus)* que atinge cêrca de 1 m. de comprimento. O corpo é lanceolado, parecendo-se pois com o "Caramurú" (com o qual às vezes é confundido). O indígena comparou êstes peixes a uma cobra, o que pelo simples aspeto geral não é de todo descabido. A cabeça é achatada e os dentes são como os da traíra; o corpo é comprimido, principalmente na cauda. Junto à abertura branquial e no terço posterior acham-se os dois pares de extremidades rudimentares, representadas apenas por apêndices vermi-

formes. A nadadeira dorsal começa no meio do corpo, a ventral atrás das extremidades posteriores, juntando-se àquela na ponta da cauda. A linha lateral é completa, sendo tríplice e ondulada na cabeça. O que o naturalista encontra de mais curioso nestes peixes é o modo de respirar, que se efetua pela bôca, e para êste fim a "P i r a m b ó i a", de tempo em tempo vem à tona. Vive habitualmente nos paués e alimenta-se de moluscos ("a r u á s") e pequenos organismos; no tempo das sêcas fura um túnel que termina em uma cavidade e a entrada acha-se

Piramboia

provida de um opérculo ou porta. Para a procreação fazem outra sorte de ninho, onde o macho permanece vigiando os ovos até a eclosão. (Veja também "M u s s u m").

Pirambú — Peixe do mar (Pernambuco e Alagôas); parece tratar-se de espécie do grupo das "B i g u a r a s". Na lista oficial é de 5.ª classe.

(Pirambucú)— Registrado como denominação amazônica do "S o r u b i m", *Pseudoplatystoma fasciatum*. Assim os autores modernos o copiaram de Kner; A. Miranda Ribeiro sugere a forma Piracambucú, mas esta caberá antes à "P e s c a d a c a m b u c ú" (assim mesmo veja-se "P i r a c a m b u c ú"). J. Verissimo só conheceu a denominação Surubim. Assim julgamos não dever incluir definitivamente êste vocábulo em nosso registro.

Pirametara — Denominação indígena dos peixes *Mullideos*, conhecidos por "S a l m o n e t e".

Pirametara — Em Pernambuco, segundo A. de Vasconcellos ainda hoje é usada esta denominação, registra-

da já por Marcgrave (1648) para um "S a l m o n e t e". A espécie figurada por Marcgrave é *Upeneus maculatus*, de côr sanguínea com 4 manchas mais escuras ao longo do corpo. A explicação etimológica: "Peixe (provido de) tembetá" cabe bem aos Salmonetes, pois que têm barbilhões mentais, comparáveis ao ornato do beiço, usado pelos índios.

Piramombó — Veja sob "P r o m o m b ó".

Piramutaba ou "P i r a m u t a u a" — Peixe de couro da fam. *Pimelodideos, Brachyplatystoma vaillanti*, do grupo dos "S o r u b i n s"; é muito conhecido e pescado na Amazônia, apezar de ser mais ou menos da categoria da "P i r a í b a", porém um pouco menor; sua gordura é enjoativa. Exemplares bem desenvolvidos atingem $1^{m},20$ de comprimento.

Piranambú ou "P e i x e m o e l a" — Peixe de couro da fam. *Pimelodideos, Pinirampus pinirampu;* os naturalistas, apezar de terem deturpado à vontade o vocábulo, tinham em mente o nome vulgar, em que o indígena comparou o peixe ao "I n a m b ú", não sabemos por que razão. "B a r b a d o" é, segundo alguns autores, seu nome vulgar em Mato Grosso; contudo tem apenas os 6 barbilhões como todos os outros mandís ou bagres, a cujo grupo pertence. E' das águas do Amazonas e do Paraguai. Distingue-se dos bagres e mandís por ter a placa predorsal grande, cordiforme.

Piranema — Denominação nordestina de um peixe do mar que na lista oficial é considerado de 5.ª classe, mas que os pescadores têm em conta de ótima qualidade (2.ª classe). Si a denominação hodierna designa a mesma espécie descrita por Marcgrave, trata-se de *Priacanthus arenatus*, caracterizado por olhos muito grandes, bôca larga, fundida quasi verticalmente; Dorsal longa em X + 13 raios, Anal — III + 14; Caudal truncada. Colorido avermelhado no dorso, passando para o branco no ventre; atinge 35 cms. de comprimento. A etimologia mais simplista: "peixe fétido" (Tastevin) não foi autorisada por Marcgrave *("boni est sapori")* nem adotada por Martius; também hoje em dia, de acôrdo com nossa observação supra, não é admissível. Miranda Ribeiro, em sua Monografia dá a *Priacanthus* o nome vulgar de "Olho de cão" (veja êste e também "O l h o d e v i d r o").

Piranha — Denominação paraense, talvez puramente local, do pássaro "T e s o u r a".

Piranha — Veja também "R o d o l e i r a" e "C h u p i t a". Peixes de escama, da água doce, da fam. *Characideos*, subfam. *Serrassalmineos*, afim aos "P a c ú s" (veja-se sob êstes a diferenciação dos dois tipos). São várias as espécies dos dois gêneros *Pygocentrus* e *Serrassalmus*, compreendidas sob essa denominação vulgar. No entanto, do ponto de vista prático, há a distinguir dois grupos de "P i r a n h a s". Há espécies que habitam vários rios, grandes e pequenos e também açudes do Est. de S. Paulo, das quais ninguem fala mal, a não ser com relação às numerosas espinhas, que dificultam um pouco o saborear de sua carne, que não é má; são "P i r a m b e b a s" na classificação do nordestino. Mas há um outro grupo da mesma família, à frente do qual citaremos a espécie conhecida por vários nomes: "P i r a n h a p r e t a" ou "v e r m e l h a" ou "c a c h o r r a", *Pygocentrus piraya*, que atinge 35 cms. de comprimento e que aliás é propriamente uma "P i r a n h a a m a r e l a", que varia de côres e *Serrassalmus brandti* ou "P i r a n h a b r a n c a"; igual nome têm ainda as espécies *Serrassalmus rhombeus* e *S. serrulatus*; "P i r a n h a m a p a r á" é *Ser. denticulatus*. (Veja estampa da pg. 582).

Quanto à ferocidade da piranha e ao trabalho sangrente de seus dentes, que parecem tenazes e navalhas ao mesmo tempo, são bem expressivas as numerosas descrições que se encontram nas narrativas de Humbold, Bates, Schomburg, Martius, e tantos outros naturalistas, que relataram suas aventuras nos rios infestados pelos terríveis peixes carnívoros. Humbold admirava a incrível quantidade de piranhas que, aos milhares, surgiam repentinamente das águas claras, quando junto à canôa fazia pingar sangue de qualquer caça; e si deixava cair também algum pedacinho de carne, era de se ver como tôdas disputavam o bocado, turbilhonando na água como um enxame de insetos no ar.

Não admira, pois, que em tais rios seja impossível refrescar o corpo pelo banho, mesmo nas praias rasas. As próprias aves aquáticas aí não podem nadar, sem risco de terem as pernas amputadas. Os cães, para poderem beber, sem serem acometidos pelas piranhas empregam, segundo consta, o seguinte estratagema: primeiro agitam a água e fazem grande alarido em determinado ponto, afim de que para aí acorram tôdas as piranhas e, em seguida, vão ligeiro dessendentar-se além. Cavalos ou bois que atravessem tais rios, ainda que sejam êstes de poucos me-

tros de largura, muitas vezes chegam à margem oposta de tal forma lanhados e ensanguentados, que não podem prosseguir viagem.

Dedos cortados por piranhas são documentos vulgares da ferocidade dessa praga, da qual Castelnau diz: "A piranha é o animal mais temido pela população (Araguaia, Tocantins, etc.). Os habitantes dessas regiões, quer sejam índios, quer da nossa raça, estão familiarizados com o perigo; a caçada de onça é um divertimento, o combate ao jacaré um simples passatempo, o encontro com serpentes venenosas é acontecimento diário e o hábito de arrostar perigos torna êsses homens inconcientemente destemidos.

Piranha

Mas falai-lhes nas piranhas e vereis que seu rosto se contrai exprimindo horror". Depois de relatar os muitos acidentes que testemunhou e o perigo constante a que está exposto o viajante nos rios povoados por piranhas, termina: "Toujours les Piranhas. Ah! elles seules, les piranhas, feraient fuir ces régions". E o intrépido naturalista, que a tantos perigos se expôs, ao percorrer zonas desconhecidas da América do Sul, confessa que teme as piranhas e os mosquitos.

Relembremos ainda o trecho das "Scenas" de J. Veríssimo, em que o artista esboça o quadro horrível da ferocidade dêsses peixes (veja-se sob "J a c a r é"). Alipio Miranda Ribeiro relata o seguinte: "Os criadores de Mato Grosso têm grandes prejuizos com as piranhas; conhecí um que se lamentava de, só num ano, haver perdido 1.200 vacas que haviam tido o ubre mutilado ao entrarem nos lagos onde existiam êsses peixes vorazes. Quando a água do lago se reduz pelas sêcas prolongadas, as piranhas se entre-devoram".

Todo êste mal causado pelas piranhas, não é pois compensado pela carne que o peixe oferece a quem não queira pescar alimento melhor. A carne, como já foi dito, não é má, porém as espinhas são muitas e finas. A pesca, ao em vez, é facílima e abundante; basta atirar ao rio uma isca rija amarrada a um barbante, para logo arrancar com ela a piranha da água; uma vez atraídos os peixes, qualquer pano forte, vermelho ou ensanguentado, serve como isca e anzol ao mesmo tempo. Ultimamente as piranhas invadiram as águas do "Pantanal" de Mato Grosso, o que, para a criação significa um grave contratempo. Como porém sua pesca, além de ser muito rendosa, é facílima, houve quem se lembrasse de explorar industrialmente esta praga, extraindo o azeite das inúmeras piranhas, cuja quantidade, talvez nem mesmo dessa forma será possível reduzir. Mas a indústria fracassou, por ser demasiado irregular o rendimento das pescarias.

Como exemplo da facilidade com que em certas ocasiões se retiram da água, mencionaremos o seguinte fato, que nos foi relatado: "Tendo sido mergulhado um couro de boi no rio, em breve eram tantas as piranhas agarradas ao couro, que as forças de um homem não bastavam para suspendê-lo, de tão pesado que ficara".

Fatos curiosos, porém, observam-se quanto a sua distribuição geográfica, em zonas restritas do mesmo rio. A mesma espécie, abaixo e acima da cachoeira de Paulo Afonso, é abundante e bravia a juzante, a ponto de motivar o nome da localidade, Piranhas, ao passo que em Jatobá com dificuldade obtivemos alguns exemplares para nossa coleção. Outro exemplo: em Cametá, na foz do Tocantins, não encontrámos nem uma só piranha e os habitantes nos asseguraram que elas nunca aparecem aí; no entanto, seguindo de lancha algumas horas rio acima, ao atracarmos, a gente do porto logo nos preveniu que seria perigoso pôr o pé descalço na água. Sem dúvida, pois ao jogarmos alguns nacos de carne ao rio, imediatamente tudo em redor fervilhou de piranhas.

Seja mencionada ainda a seguinte observação desconcertante. Como necessitássemos, para nossos trabalhos de várias piranhas vivas, promovemos uma pescaria em uma pequena lagôa, que estava quasi secando. Como armadilha puzemos um cabrito morto e em pouco estavam presas cêrca de 50 piranhas, que logo descarnaram o engôdo. Mas na mesma lagôa entraram vinte homens e com água pela cintura tarrafeavam; outros puxavam grandes rêdes, sem se preocupar com as feras aquáticas. Em água

raza, sim, tomam a seguinte precaução: amarram talas de carnaúba em volta das pernas e si por acaso a perneira improvisada se desfaz, logo o homem volta à terra enxuta, para recompôr a ligadura; mas os pés como sempre, descalços!

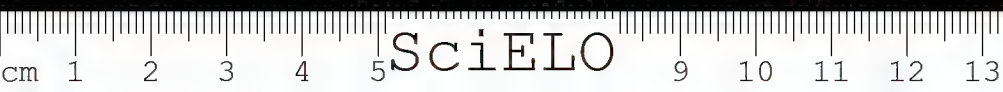
Quanto segredo a desvendar em tôrno de tamanha praga!

Pirapema — Denominação amazonense do "C a m a r u p i m" (peixe do mar); aí também foi referida a aplicação de nome semelhante a um grande peixe da água doce, da mesma família que o Sorubim. Já advertimos sob "C a m a r u p i m" que Marcgrave registra um peixe diferente, com o nome "P i r a p e m a".

Pirapeuáua — Peixe de couro *Nematognatha*, da fam. *Pimelodideos, Platystomatichthys sturio*, da Amazônia, do tipo dos sorubins, porém de feitio todo especial, quanto à conformação da cabeça. Esta tem um prolongamento rostral muito desenvolvido, de comprimento igual à largura da cabeça; a face inferior dêsse rostro chato é tôda ela revestida de dentes viliformes. Nos exemplares novos, de 30 cms., os barbilhões maxilares são enormes, de comprimento quasi duplo do corpo e sua base é óssea. O dorso é pardo-avermelhado, o lado inferior, prateado; pelos flancos há várias manchas negras. E' peixe amazônico, ao qual parece também caber o nome "P e i x e l e n h a". Muito acertada é a comparação que estabelece o nome específico com o esturjão, com que se parece algum tanto no aspeto geral.

Pirapitinga — Peixe de escama de água doce, da fam. *Characideos, Chalceus opalinus;* no Sul designa também um peixe do grupo da "P i r a c a n j u b a" e da "M a t r i n c h ã", ao passo que na Amazônia o mesmo nome se refere a um "P a c ú".

Pirapucú — *Xiphostoma cuvieri*, peixe da água doce, da Amazônia, da fam. *Characideos*, pertencente à mesma sub-familia do "P e i x e c a c h o r r o". Compare-se o nome vulgar usado no Sul para espécies semelhantes: "T a i a b u c ú". Veja "P i r á - p u c ú", um *Belonideo* amazônico, adaptado à vida em água doce.

Piraputanga — Peixe d'água doce, dos afluentes do Prata em Mato Grosso, onde o têm na conta de um dos melhores peixes. Certamente será o mesmo vocábulo guaraní que nas repúblicas platinas é hoje pronunciado "pirapitá" ou seja "peixe vermelho". Trata-se de *Brycon*

orbignyanus, congênere da "P i r a c a n j u b a" e das "M a t r i n c h ã s".

(Pirara) — Vimos o nome dêste peixe amazônico citado uma só vez no trabalho do major J. Martins da Silva Coutinho, transcrito pelo Dr. Goeldi, em sua monografia dos Quelônios do Brasil (Bol. Mus. Goeldi, Vol. IV, pag. 741). E' enumerado juntamente com as piranhas, como peixe voraz que persegue as tartaruguinhas novas. (Pode tratar-se também de um simples truncamento de sílabas, pelo povo ou... pelo tipógrafo).

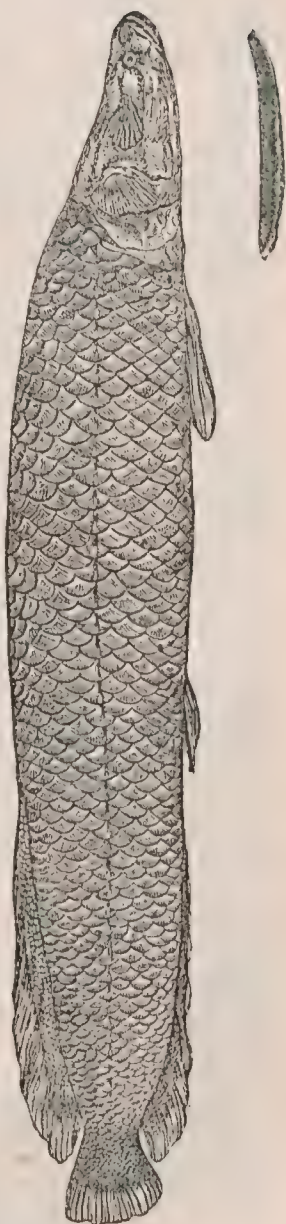
Pirarara — Peixe de couro da fam. *Pimelodideos, Phractocephalus hemilopterus,* de corpo grosso, e que atinge 1^{m},30 de comprimento; a cabeça em cima é profundamente alveolada, imitando favos de mel. A côr é chocolate no lado superior, amarela no lado inferior; o ventre é branco; a cabeça e a nuca são pretas; os lábios, os barbilhões e em boa parte as nadadeiras de viva côr rubra, com raios denegridos. Cabe-lhe, portanto relativamente bem a comparação com as araras vermelhas. Também a carne é amarela; veja-se sob "P a p a g a i o s c o n t r a f e i t o s" o que se diz de sua utilização.

Piraroba — Peixe do mar registrado com quantidade igual ao pescado de robalos no mercado de Alagôas. Mas o nome indica que o peixe tem sabor amargo ("r o b" em tupí). Parece ser sinônimo de "P a m p o d e c a b e ç a m o l e".

Pirarucú ou "A n a t o" — Os filhotes são também chamados "B o d é c o s". Peixe de escama da água doce, *Arapaima gigas,* família *Arapaimídeos.* Atinge pouco mais de 2 metros de comprimento e seu peso bruto não raro alcança 100 quilos. A cabeça é alongada, achatada, mas relativamente muito pequena; as nadadeiras Dorsal e Anal acham-se inteiramente deslocadas para trás, junto à Caudal; também esta é muito pequena em proporção ao corpo. A língua compreende uma porção óssea de 20 cms. de comprimento por 4 cms. de largura, tôda ela recoberta de pontas rijas. As escamas são grandes, redondas e fortes. A côr é escura no dorso; da metade para trás as escamas têm orlas vermelhas e na região caudal predomina a côr vermelha do "u r u c ú" que assim deu o nome a êste peixe *(pirá-urucú).* Antes de passarmos à descrição da pesca e do aproveitamento dêste gigante das águas amazônicas, diremos ainda que a língua, devido à sua estrutura óssea, tem na Amazônia largo emprêgo como ralo

ou grossa, para reduzir a pó variadas drogas e condimentos; as escamas, depois de sêcas, servem de lixa aos pescadores e também aos profissionais de tôrno e carpintaria.

Sôbre a biologia, bem como sôbre o modo de pescar o pirarucú, ninguém melhor do que J. Verissimo (A pesca na Amazônia) até hoje nos informou. — "Do hábito do pirarucú de vir de quando em quando à superfície tiram os pescadores ensejo para a pesca a harpão, a mais frutuosa que lhe fazem".

Que vem o peixe fazer ao lume d'água? Respirar? Não é um cetáceo que disso precise. Não se sentindo acossado pelos pescadores, o seu boiar é suave. Mas se teme a perseguição e a inexplicável necessidade o força a vir à tona, êle irrompe com a cabeça, o corpo, a cauda, tudo a um tempo, água fora, rápido, instantâneo, levantando barulhosamente uma grossa coluna d'água. E' êste o momento de harpoá-lo. No sulco da sua fugaz passagem, ficam grandes bolhas de ar, produzidas talvez pelos haustos fortes. Estes sinais guiam a pontaria e o harpão, arremeçado a tôda fôrça, vai apanhá-lo certeiro lá no fundo. O agudo "bico" de ferro engastado na haste, penetra-lhe no corpo, e alí fica seguro pelos dois ganchos laterais. A haste solta-se e achando-se ligada à corda por um laço em argola da extremidade superior, escorrega presa àquela, indo ao fundo entre o peixe e o harpão. Corre o pirarucú levando-o cravado em si. O pescador vai-lhe ora soltando ora colhendo a corda, de modo a trazê-lo já fatigado a beira da canôa. Si o sente por demais

Pirarucú e o osso da língua

volumoso e forte, solta a côrda com a bóia presa à extremidade. Pode fugir o peixe, onde quer que vá o denunciará a bóia. Finalmente, conseguindo levantar-lhe a cabeça fora d'água, dá-lhe rijas pancadas com o cacete curto, grosso e pesado, que faz parte dos seus apetrechos de pesca, acabando-o assim. Em sítio abundante de pirarucús, pode a pescaria render oito, dez ou mesmo doze em uma manhã. Por outros processos ainda, pegam os pescadores o pirarucú. Nos lagos rasos, onde se acolheu o volumoso peixe, vão gapuiá-lo, escurraçando-o para a saída, onde o espera o parí. Gapuiar é pescar um pouco ao acaso, lançando o harpão ou a frecha à aventura. Para os pescadores reunidos em maior número, é rendoso "bater o lago", onde é mais o lôdo que a água. Avançam em linha, metidos na água até os joelhos e sondando o terreno. Percebendo o peixe, cravam-lhe a fisga, mas frequentemente em vez de um pirarucú é um jacaré o animal tocado ou ferido, ou alguma sucurijú, que pincha dalí raivoso, fugindo ou atirando-se aos pescadores. Pescam ainda a linha ou põem o espinhel à noite.

Conforme o volume do peixe é êle desdobrado em duas "bandas" ou dividido em mais "postas", isto é tiras de 15 a 30 cms. de largura, em forma de uma folha comum, truncada. Depois de salgada, vai a carne a secar, pendida em varas. O tapuio chama-lhe "piraém", peixe sêco. Ao comércio mandam o "pacote", amarrado com embira ou cipó e de pêso determinado. Um bom peixe rende no máximo 40 kls. de carne vendável".

O sr. Herndel, num relatório sobre o rio Araguaia (1921), diz que um pirarucú de 2 m. de comprimento, pesa aproximadamente 70 kls., rendendo, depois de sêco, 16 kls. de carne ou, de acôrdo com P. le Cointe, até 20 quilos. As partes mais apreciadas para serem comidas frescas, ou "frescais", como se diz, são a rabada e a ventrecha, geralmente gorda e realmente saborosa, depois de assada sobre brasas vivas e apenas condimentada com sal, limão e pimenta. A cabeça quasi sempre a comem moqueada.

A estatística do desembarque de pirarucú no porto de Belém, dos vinte anos a esta parte, tem oscilado entre 1½ a quasi 2 milhões de quilos anualmente.

Sempre de novo tenta-se dar ao pirarucú o lugar de "bacalhau brasileiro". Mas já agora a exploração mais intensiva dessa pesca tem feito com que se torne menos abundante o grande peixe e, sem a necessária pro-

teção, o grande comércio tenderá a fazer dessa espécie uma raridade.

Pirarucú-bóia — O mesmo que "P i r a m b ó i a".

Piratinga — O mesmo que "P i r a í b a".

Pirauaca — Peixe de couro do grupo dos "S o r u b i n s", da Amazônia, *Sorubimichthys planiceps*, caracterizado por ter a cabeça muito achatada, deprimida, de forma a ficarem os olhos na parte superior; os barbilhões têm a parte basal ossificada e além disto encurvada. Sob "P i r a a c a" Alipio M. Ribeiro registra um "P e i x e - p o r c o" (*Monacanthus ciliatus*), marinho.

Piraúna — Sinônimo de "M i r a g u a i a", pelo menos no Norte do Brasil, onde êste último têrmo parece ser desconhecido, da mesma forma como no Rio Grande do Sul os pescadores desconhecem a denominação "P i r a ú n a". No Rio de Janeiro, porém, são correntes os dois vocábulos, mas "P i r a ú n a" é aplicado à uma espécie muito diferente, porém da mesma família, *Petrometopon cruentatus*. Êste peixe é todo êle de intensa côr vermelha, rubro, com fino pontilhado branco (ou propriamente azulado em fresco), espalhado por todo o corpo; as nadadeiras inferiores, inclusive o ápice do lóbulo inferior da caudal, têm mancha marginal escura. "P i r a ú n a", é o nome que lhe cabe do Espírito Santo ao Ceará (Marcgrave registrou "c a r a ú n a", o que aliás é apenas uma variante) mas "una" significa preto, ou em sentido mais vago, escuro; insistimos com os caboclos praieiros, mas êles sustentavam: "Êste peixe encarnado é a piraúna". A uma outra espécie denominam "P i r a ú n a d o t a x a í" em Recife. Veja-se também sob "C a r a ú n a".

Pirazumbí — Nome pernambucano (Recife) de um peixe do mar da fam. *Haemulideos, Anisotremus bicolor*, que assim nos foi assinalado pelos pescadores de Olinda; talvez lhe corresponda outro nome mais conhecido em outras zonas. E' congênere do "S a r g o d e b e i ç o", do qua difere por ter menor número de escamas na linha lateral (46 e não 52). O desenho característico consiste em 4 estrias longitudinais sobre os flancos.

Pirilampo — Sinônimo, aliás forma erudita ou poetica, de "V a g a l u m e".

Piririguá ou "P e r i r i g u á" — Na Amazônia é o mesmo que "A n ú b r a n c o".

Piroculú — Nome dado em Mato Grosso pelos Parecís ao macaco *Pithecia albinasa* (congênere do "C u x i ú" e do "P a r a u a c ú") que mede 30 cms. de corpo e outro tanto de cauda; o pêlo é longo e abundante por todo o corpo e também na cauda; a basta cabeleira da cabeça é bipartida e uma grande barba completa o ar grotesco dêste parente do "C u x i ú". A côr é tôda negra, uniforme e só um triângulo branco na cara, dos lábios ao meio dos olhos, faz ressaltar o nariz. Extende-se também ao Estado do Pará.

Pirucaia — Em Recife designa-se assim talvez várias espécies de peixes marinhos da fam. *Sciaenideos*, ao que parece em especial as dos gêneros *Stellifer* e *Bairdiella*, que no Sul têm o nome de "C a n g o á"; mas também nos foram mostradas pescadas ainda juvenís como tendo êsse nome. Na Baía os primeiros peixes acima mencionados são conhecidos por "M i r u c a i a", evidentemente a mesma palavra, alterada e assim também a registrou Gabriel Soares. Na Paraíba é conhecida por "Q u i n d u n d é".

Pitangoá — O mesmo que "B e m - t e - v i d e b i c o c h a t o". O mesmo radical indígena serviu para a formação do nome genérico do "Benteví" *(Pitangus)*.

Pitauá — Certamente corruptela do anterior, porém na Amazônia parece designar principalmente o Bem-te-vi comum. Vê-se pois, também neste caso, que não é possível atribuir valor classificativo específico a tais vocábulos, cuja significação exata varia de uma região para outra.

Pitigaia — No Maranhão é um camarão pequeno, do mar.

Pitinga — Segundo Paulino Nogueira, é, no Ceará, uma espécie de camarão pequeno, branco, que serve de isca aos pescadores e daí, por extensão, tal denominação cabe a qualquer "peixinho" que não sirva sinão para tal fim. Pode ser corruptela de "P o t i t i n g a", como também pode haver ligação com o vocábulo "P i t i g a i a".

Pititinga — Na Baía talvez o mesmo que "M a n j u b a".

Pitiú — Assim são designadas na Amazônia várias espécies de *Chelonios*, tais como *Podocnemis sextuberculata* e também *Nicoria punctulata* (veja-se "J a b o t í a p e r e m a") e ainda *Podocnemis lewyana* (veja "A r a p u s s á"). Parece ser nome coletivo, aplicado às espécies que têm mau cheiro *(pitiú)*, o que aliás varia conforme as circunstâncias.

Pito — No Sul de Minas Gerais o povo da roça dá êste nome às "Lavandeiras" ou "Libélulas".

Pitú — E' o grande camarão d'água doce, *Bithynis jamaiscensis*, já mencionado sob "Camarão d'água doce". Vive nas águas próximas do litoral, desde o Brasil meridional até a América Central e encontra-se também no litoral atlântico da Africa. Atinge grandes dimensões, medindo só o corpo quasi um palmo de comprimento ou o dobro, si fôr incluido também o grande braço provido de poderosa pinça.

O corpo tem muita carne, saborosa como a dos melhores camarões; mas o Pitú não vive em cardumes e assim sua pesca é pouco rendosa. Já se tem pensado em organizar a criação em larga escala desta espécie e, caso seja possível, do ponto de vista biológico e também econômico, seria êste um acréscimo deveras interessante aos trabalhos da aquicultura.

Etimologicamente ainda não ficou bem assentado si as palavras "pitú" e "potí" (camarão em geral) têm outras afinidades sinão o aparente anagrama.

Pium — No Norte do Brasil é o mesmo que "Borrachudo", especialmente *Simulium amazonicum*.

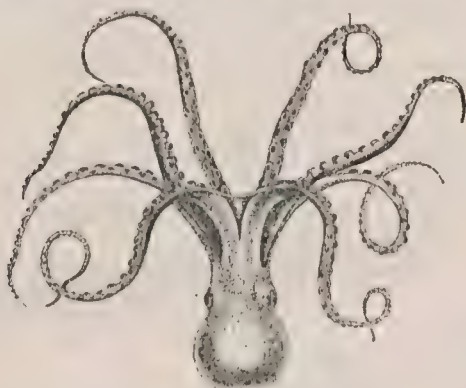
Pixundú — Apelido amazônico do "Poraquê". Também "Pixundé".

Podador — Besouro da fam. *Curculionideos* (gorgulho), *Chaleodermus bondari*, ultimamente apontado como praga do algodoeiro, que "poda" as pontas dos galhos da *Malvacea*, para aí desovar. E' evidente que tais estragos, em se alastrando, podem determinar prejuizos avultados. Por enquanto só na Baía o Sr. G. Bondar assinalou *C. bondari*, de côr preta com reflexos dourados e que mede 3,6 mms. de comprimento, no algodão; outras espécies congêneres atacam o cacaueiro e a vagem do feijão *(C. angulicollis)*.

Põe-mesa — Registrado por R. Garcia, como sinônimo de "Louva-Deus" em Pernambuco e usado também em Sergipe.

Polia ou "Polilha" — O besourinho cosmopolita, *Dermestes lardarius*, e principalmente sua larva, que se cria em várias substâncias orgânicas, de preferência em couros e toucinho, onde faz estragos consideráveis quando prolifera muito. A forma vernácula, "Polilha", no Brasil quasi não é usada. Veja-se também "Punilha".

Polícia inglesa — ou "R o u x i n o l d o c a m p o"; na Amazônia: "P u c h a - v e r ã o". E' na Amazônia o pássaro da fam. *Icterideos, Leistes militaris*, de côr bruna, mas ornado de vermelho carmim na garganta, em boa parte do peito e no encontro das azas. A espécie congênere, que também se extende até o Rio Grande do Sul, *L. superciliaris*, é bruno-denegrida em cima, vermelho-escarlate em baixo e nos encontros, e tem uma estria superciliar branca. A fêmea é bruna em cima, com manchas pretas.

Polvo — Moluscos marinhos da ordem *Cephalopodes* (veja-se "M o l u s c o s"). Algumas espécies atingem

Polvo

grandes dimensões; mas em nossos mares não ocorrem as tão faladas espécies gigantescas, que efetivamente atingem 18 metros de envergadura *(Architeuthis* do Atlântico). Outra particularidade muito conhecida é a produção da sépia, uma tinta da qual êstes animais se servem para turvar a água, quando querem fugir do inimigo que os persegue. Essa tinta tão apreciada, é produzida pela espécie *Sepia officinalis*, que também fornece a siba. Em nossos mares é comum a "L u l a" ou "C a l a m a r" que é comestível (veja-se êste) ; pertence à sub-ordem dos *Decapodes*, porque, além dos 8 braços, tem mais dois tentáculos mais longos. (Veja-se também sob "C h ô c o"). De entre os *Octopodes* (só com 8 braços) mencionaremos o polvo comum *Polypus tehuelchus*, comestível e que é levado ao mercado tanto fresco como sêco. *Argonauta tuberculata*, é a única espécie da nossa fauna provida de concha externa, de paredes muito finas; o macho é menor e não tem

concha. De acôrdo com a catalogação feita pelo Prof. von Ihering (trabalho ainda não publicado), ocorrem em nossos mares cêrca de 30 espécies de Cefalópodes.

Na Baía pescam-se os polvos pelo mesmo processo como o "C a r a m u r ú", com o "b i c h e i r o".

Pólvora — Mais conhecido por "M o s q u i t o p ó l v o r a".

Pombas — No sentido amplo compreende as aves da ordem *Columbiformes*, tanto da fam. *Columbideos*, (pombas propriamente ditas) como da fam. *Peristerideos* ("J u r u t í", "R ô l a s", "F o g o - a p a g o u", "P o m b a d e b a n d o", etc.). As pombas propriamente ditas, ou "legítimas" (porque se assemelham à espécie doméstica) pertencem ao gên. *Columba*, representado no Brasil apenas por 5 espécies. Distinguem-se das demais da fam. *Peristerideos*, por terem tarso mais curto que estas, que o têm longo, isto é, igual ao comprimento do dedo médio. Entre estas últimas, representadas por 17 espécies de tamanho médio ou pequeno, acham-se as formas mais interessantes, de belo colorido, variado e brilhante. Contudo nossa fauna neste sentido é pobre, paupérrima mesmo, em comparação com a riqueza das ilhas Molucas, por exemplo, onde êste grupo atinge o máximo desenvolvimento.

Pomba amargosa — ou por corruptela "P i c u ç a r o b a" que é a pronúncia original indígena ou "C a ç u í r o v a", ou "S a r o b a" ou "C a ç a r o b a" ou na Amazônia, "P o m b a d e S a n t a C r u z" — *Columba plumbea* é a nossa maior pomba (35 cms.) de côr bruna, um pouco vinácea, mais escura nas azas e na cauda e mais avermelhada na cabeça; há uma pequena zona clara debaixo do bico; êste é preto, os pés são vermelhos. A carne é de fato amarga; dizem alguns autores que isto provém das frutas amargas que a pomba come, mas a carne tem o mesmo gosto o ano todo. Em sua monografia das Aves, pag. 375, Goeldi infelizmente aplicou mal o nome indígena "P i c u ç a r o b a" (que significa literalmente: pomba amarga), atribuindo-o à *C. rufina*, que é a "P o m b a l e g í t i m a"; daí provieram várias citações erradas.

A voz da "P o m b a a m a r g o s a" é exatamente "g ú - g u j u ú", mais soprado que assobiado e pouco intenso, porém ainda assim audível a boa distância. E' fácil de imitar e a ave deixa-se iludir pelo caçador, que porém sabe não valer a pena atirar, pois sua carne amarga é intragável.

Pomba do ar — Denominação um tanto vaga, mas quasi sempre usada como sinônimo de "Pomba legítima".

Pomba de arribação ou "Ribação" — O mesmo que "Pomba de bando".

Pomba de bando — "De arribação", ou "Ribação", "Rabaçã", "Pomba do sertão", "Avoante", "Cardigueira", ou na língua indígena "Pairarí", "Bairarí" e outras variantes. E' pomba rôla, da fam. *Peristerideos*, *Zenaida auriculata* e, como se depreende dos muitos nomes que tem, é ave famosa. Mede de 22 a 25 cms. de comprimento. O colorido dorsal é pardo, o lado ventral claro, um tanto vináceo, o alto da cabeça cinzento; notam-se ainda duas manchas pretas junto aos olhos e um pouco abaixo, bem como algumas pintas de igual côr sobre as azas; os pés são vermelhos, o bico preto. Rod. Theophilo descreve o espetáculo de um "pombal" cearense, que teve ocasião de apreciar e com razão o compara a alguma maravilha ou conto das Mil e uma noites: "Imagine-se uma área de floresta, tendo de expansão algumas dezenas de quilômetros, invadida subitamente por alguns milhões de pombas, que não se sabe de onde vieram e ter-se-á o começo do estupendo fato. A nuvem escura começou por um ponto negro no horizonte; quando ela pairou sobre a floresta, houve um eclipse quasi total. Baixou à terra e milhões e milhões de pombas pousaram no solo. Para os pobres sertanejos, que convalesciam de uma fome de muitos mêses, chegavam as avoantes como aos hebreus o maná do deserto. O pombal traria a uma boa parte da população sertaneja, do sul do Estado, uma certa abastança. Assim, logo que apareceu o pombal, a população dos arredores deslocou-se em demanda dêle; as casas fechavam-se e seguia a família inteira em busca das avoantes; numa área de 50 léguas não ficou gente nas moradas. Mais de mil criaturas de tôdas as idades se arranchavam à sombra da floresta e se preparavam para a matança das pombas. O ar vibrava em borborinho surdo, mas contínuo; milhões de aves cobriam o solo e por onde as rôlas passavam, ia ficando o solo coberto de ovos. O pombal havia atraído matadores de tôdas as castas; gatos do mato, raposas, cassacos *(Didelphys)*, matavam, mas matavam de um modo incrível. Os cassacos não comiam as aves, apenas lhes bebiam o sangue, iam degolando, sempre, embora o estômago repleto não pudesse receber mais uma gota. Duas vezes por

dia, pela manhã e à tarde, nas bebidas das pombas, é que o morticínio era maior. Nas fontes, em que as rôlas costumavam beber, os caçadores se emboscavam e, completamente disfarçados, matavam enquanto tinham forças no braço; no fim de duas horas, mais ou menos, o caçador estava exausto, porém havia morto de duas a três mil aves. A caçada era conduzida para o rancho e aí entregue às mulheres, que se encarregavam do seu preparo; êste consiste em depenar as rôlas, tirar-lhes as vísceras e cabeça e depois salgar o corpo. Para se avaliar tão assombrosa quantidade das pombas, basta dizer que uma rôla sêca pesa de 40 a 60 gr., podendo um cavalo carregar de 2.000 a 2.500. Dezenas de cargas saiam todos os dias destinadas a diversas cidades do sertão e sobretudo a Fortaleza".

Em 23 de Abril, estando em Campina Grande, Estado da Paraíba, tivemos notícia de que não muito distante, as pombas estavam pondo ovos.

Pomba de bando

À medida que nos aproximávamos do local indicado, aumentava o número de pombas que voavam. Era meio dia e, explicou nosso guia, é essa a hora em que a arribação começa a procurar a bebida. Penetrando então na mata, logo aos primeiros passos sentimo-nos em pleno contato com o bando. Qualquer ruido afugentava centenas de pombas e pelo chão viam-se os ovos, agrupados de dois em dois ou às vezes também em número de três, mas tão à mostra, tão evidentes, realçadas pela sua alvura, em contraste com o colorido da terra, que antes parecia terem sido tirados do ninho e espalhados pelo chão. De fato, não se dará o nome de ninho a tão desalinhado arranjo, preparado sem cuidado algum para a postura. No máximo uma tenue camada de gravetos finos e palhinhas forram o chão, sem formarem, contudo, depressão agazalhadora. Muitas vezes, o material é escasso demais e não raro falta de todo.

Estão os ovos quasi sempre um tanto abrigados pela folhagem recurvada e espinhenta da bromeliácea, conhecida por "macambira", que de fato constitue boa defesa; mas também as pombas não desdenham o "caroá", outra bromeliácea, esta, porém desprovida de espinhos; finalmente muitas das aves deitam os ovos em qualquer sítio,

longe das bromélias, aliás abundantes. Há trechos na mata em que sobre um metro quadrado de chão se veem 6 ou 7 ninhadas, às vezes distanciadas apenas uns 30 ou 40 cms. uma da outra. Si à primeira inspeção rápida, logo foram visto 6 ninhos, digamos, sobre área restrita, é duvidoso que pela busca meticulosa se vá encontrar mais algum, oculto entre a vegetação.

As aves, ao pressentirem rumores de passos, levantam vôo, indo pousar no arvoredo a uns 20 ou 50 metros de distância. Fazendo-se barulho intenso ou disparando tiro, tôdas as pombas em derredor esvoaçam espavoridas, a um tempo só; e o bater das azas ressôa forte, como palmas prolongadas, que só aos poucos abrandam, para depois formarem como que o éco mais abafado. Tendo girado pelos ares por algum tempo, aos poucos as pombas se aquietam e voltam a pousar sobre o arvoredo. Passado mais algum tempo, estão as fêmeas novamente agachadas sobre os ninhos. Não pudemos verificar si também os machos tomam parte no chôco, como aliás acontece em muitas espécies desta família. As quatro aves, mortas a tiro sobre o ninho, eram fêmeas.

Registrámos, a seguir, alguns dados relativos ao peso das aves e dos ovos.

As pombas pesam de 115 a 130 grs.; preparadas, meio sécas ao sol, 10 pesam 562 grs., variando os extremos de 51 a 59 grs. Os ovos divergem bastante em tamanho. Como dimensões médias registrámos 30 mms. por 23 e o pêso médio é de 7,5 grs.

O alimento, contido no papo, constava de sementes de 3 ou 4 espécies de gramíneas e dicotilédones; às vezes também havia, de mistura, pequenos caracois. No intestino grosso era frequente um pequeno verme Nematoide.

No dia 18 de Maio voltámos novamente à zona dos pombais. Fomos desta vez a outro sítio, também pouco distante de S. Antônio e aí encontrámos os filhotes das pombas em várias idades. Havia desde recém-ecloidos até os que em breve estariam voando, êsses, com a plumagem semelhante à dos adultos e de movimentos tão rápidos, como se fossem preás ou répteis a correr entre o carrascal.

Abrimos o papo e a moela de uma série de várias idades e verificámos que nos mais jovens o alimento consistia em grãos perfeitamente descascados e bem triturados, e quanto mais crescidos eram os pintainhos, tanto menos perfeita era a trituração; já nos adultos os grãos estavam quasi inteiros. O alimento é pois idêntico nos

jovens e nos adultos, inclusive alguns pequenos caracois e fragmentos de miriápodes.

Não se pode comparar a *Zenaida* com a "pomba migradora" dos Estados Unidos *(Ectopistes)*, hoje exterminada. Esta voava em nuvens muito mais compactas, a crer nas minuciosas descrições de Audubon e de Wilson, que avaliaram em respectivamente 1.115 milhões e 2 bilhões os componentes das centenas de bandos que durante algumas horas lhes passavam à vista. Além disto as pombas migratórias viviam talvez constantemente assim reunidas e não apenas durante o tempo da postura, como as avoantes. Finalmente o que mais diferencia aquelas bombas legítimas das nossas rôlas, ecologicamente, é que estas nidificam diretamente sobre o chão, ao passo que aquelas constroem ninhos sobre as árvores mais altas, estando pois os ovos mais ao abrigo dos perseguidores, o homem inclusive.

Por tudo isso nos parece que, a continuar a caça de extermínio, como agora a praticam os sertanejos nordestinos, não tardará o deplorável resultado do completo desaparecimento de um capital valioso, do qual o homem deveria apenas fruir os juros, isto é, abater uma percentagem correspondente à multiplicação anual. A legislação especial que o caso requer, deverá tomar em consideração que ao sertanejo deva caber, por razões de equidade, um *quantum* compatível com a proteção dêsse valioso recurso para sua alimentação. Deverá ser estabelecido um regime de caça, que permita equilibrar os dois interêsses antagônicos, com garantias suficientes para impedir o extermínio das pombas de arribação.

Pomba do cabo ou "Feixe fradinho" — Aves marinhas da fam. *Puffinideos*, gêneros *Daption* e *Prion;* poder-se-ia dizer que representam um meio têrmo entre gaivotas e pombas. São espécies raras e, ao que parece, de arribação, trazidas dos mares do Sul pelos vendavais.

Pomba cascavel — O mesmo que "Fogo apagou" (rôla).

(Pomba curulina) — Sob esta denominação menciona frei Prazeres, na "Poranduba Maranhense" uma "pomba do chão que dá muitos assobios continuados, subindo sempre de ponto em cada um". Como nesse parágrafo, referente a "Pombas", frei Prazeres confunde estas com os inambús, parece que "curulina" deva ser antes

atribuido aos *Crypturus* e neste caso será apenas corruptela de "S u r u r i n a".

Pomba galega — O mesmo que "P o m b a l e g í t i m a". Provavelmente tem aplicação aquele apelido à explicação dada pelo Prof. Augusto Nobre (Porto): é uso generalizado em Portugal, reconhecer como "galego" o colorido sombrio ou modesto, sendo ao contrário "francês" o mais vivo ou variegado.

Pomba legítima ou "P i c a s s ú" ou, na Amazônia, "P o m b a g a l e g a" — *Columba rufina.* E' semelhante à "P o m b a a m a r g o s a", porém a côr cinzenta é mais clara, com tom vermelho quasi roxo na cabeça, no peito e dorso anterior. E' caça da mais apreciadas e às vezes encontram-se bandos numerosos, que se reunem nos pousos, dispersando-se pela manhã. Goeldi relata ter observado, na ilha de Marajó, bandos de milhares dessas pombas, que, empoleiradas nas tabócas, faziam vergar as hastes dêsse bambú. Veja-se também "P o m b a d o a r".

Pomba pedrês — Veja sob "P o m b a t r o c a z".

Pomba de Santa Cruz — O mesmo que "P o m b a a m a r g o s a".

Pomba do sertão — O mesmo que "P o m b a d e b a n d o".

Pomba trocaz — ou "t r o c a l" (aliás "torcaz", do português clássico ou "torquaz" como diz o povo). Designa duas espécies de pombas: *Columba picazuro,* também chamada "J a c a s s ú" (registrada por Goeldi) e "A z a b r a n c a", cujo dorso é quasi todo levemente "escamado", isto é as orlas das penas são brancas; é a única espécie que tem branco nas azas; o bico é plúmbeo. *Columba speciosa* é muito mais "pedrês", tôda ela revestida de malhas, com furta-côr, exceto na cabeça; a aza é bruno-avermelhada; o bico é vermelho com ponta branca. Na Amazônia, esta é a espécie que mais se caça e os bandos, quando estão sobre as fruteiras, não se assustam muito com os tiros, fugindo por momentos, mas em breve estão de volta.

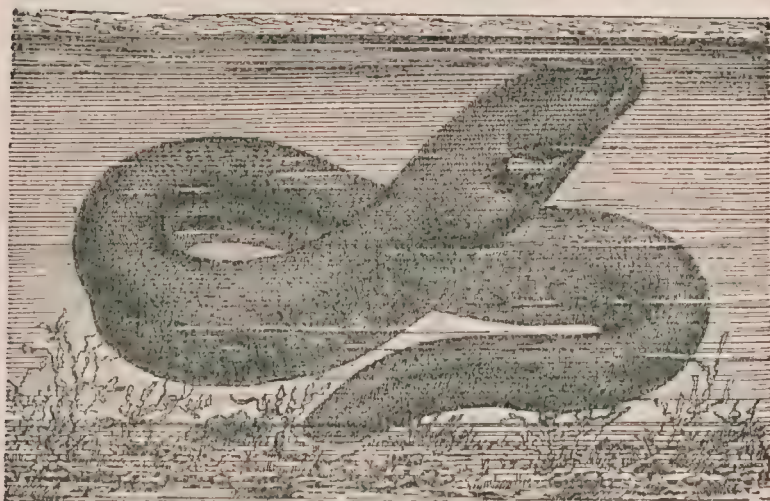
Pombinha das almas ou "M a r i a B r a n c a" — Passarinhos da fam. *Tyrannideos, Taenioptera nengeta,* de tamanho dos sabiás, de côr cinzenta, aza e cauda preta, garganta branca. Outras espécies são menores e mais claras, como *T. velata,* que aliás é a "L a v a n d e i r a" no Nordeste.

Pombo anambé — O mesmo que "A n a m b é p i t i ú".

Ponon — No Norte (Maranhão) é o mesmo que "Á g u a - v i v a".

Poraquê ou "P e i x e e l é t r i c o", e ainda "P u r a q u ê" e "P i x u n d ú" ou "P i x u n d é" e "T r e m e - t r e m e" — *Electrophorus electricus*. Pertence ao mesmo grupo de peixes que a "T u v i r a" e o "S a r a p ó" ou "P e i x e e s p a d a" (Ordem *Gymnoti)*; foi porém classificado em outra família, a dos *Electrophorideos*, por não ter escamas e ser provido de orgãos elétricos (como em nossa fauna ainda os tem o "N i q u i m" e a "R a i a e l é t r i c a" e na África o gên. *Malapterurus)*. A cabeça do "P o r a q u ê" é muito deprimida; a abertura anal acha-se situada logo atrás da garganta; numerosos poros cobrem a cabeça e a parte anterior do corpo; o colorido é mais ou menos uniforme, pardo avermelhado em cima, mais escuro do que em baixo.

Os orgãos elétricos acham-se situados na parte inferior da metade posterior do corpo, portanto acima da longa nadadeira anal. A descarga elétrica é produzida por músculos especiais, que perderam sua antiga contratibilidade, mas adquiriram muito maior capacidade de produção elétrica, a qual aliás existe, ainda que em proporção muito mais fraca, em qualquer músculo normal. O eletricista compara êste orgão a uma bateria com os elementos ligados em série e, como o peixe dispõe de 6.000 a 8.000 plaquinhas, nos grandes exemplares, que podem atingir 2m. de comprimento, as descargas são muito mais violentas do que em qualquer dos outros peixes dotados de igual propriedade; a intensidade da primeira descarga do peixe elétrico africano, mais forte que a da raia elétrica, é de 200 volts, ao passo que o "P o r a q u ê" pode produzir 300 volts. Ninguém tentará descrever o "P o r a q u ê" em seu meio natural, sem rememorar as clássicas páginas de Humboldt, em que vêm pintadas ao vivo, as cenas da pescaria que êste célebre naturalista presenciou na Guiana: "Tratava-se de apanhar numerosos peixes elétricos de um charco. A tropa de cavalos e mulas chegou; os índios haviam lhes feito uma espécie de batida e, apertando-os por todos os lados, forçaram-nos a entrar no charco. Só imperfeitamente pintarei o espetáculo interessante que nos ofereceu a luta das enguias contra os cavalos. Os índios, munidos de varas, colocam-se em redor da lagôa e impedem que os animais ganhem a praia. As enguias, aturdidas pelo barulho dos cavalos,

se defendem com a descarga reiterada de suas baterias elétricas. Durante muito tempo elas parecem levar a melhor sobre os cavalos; por tôda parte via-se que êstes, aturdidos pela frequência e força dos choques elétricos, desapareciam debaixo da água. Alguns cavalos se reergueram e ganharam a margem; exaustos de fadiga e com os membros entorpecidos pela força das comoções elétricas, êles se estendem no chão, a fio comprido... Após

Poraquê peixe elétrico e esquema, com o órgão em preto

tal início, eu receiava que esta caçada acabaria tragicamente; mas os índios nos asseguraram que a pesca estaria terminada dentro em pouco, e que só é de temer o primeiro embate do Poraquê. As enguias, após certo tempo, assemelham-se a baterias descarregadas; seus movimentos musculares são ainda vivos, mas os choques não têm a força inicial. Após um quarto de hora os cavalos pareciam menos aterrorizados e não caiam mais; também as enguias nadam a meio corpo fora da água e fogem dos animais.

Finalmente pudemos apoderar-nos dos poraquês, mas como ninguém quizesse se resolver a desprendê-los das

cordas do harpão, foi necessário que nós mesmos nos dispuzéssemos a receber os primeiros choques, que aliás não eram muito brandos. Si por acaso se recebe uma descarga antes que o peixe esteja ferido ou fatigado, êste choque é tão doloroso, que se concebe facilmente não haver exagero na referência dos índios, quando asseveram que as pessoas que nadam, se afogam ao serem atacadas por uma dessas enguias, principalmente si atingidas na perna ou no braço. Sucede frequentemente que, apanhando jacarés novos, de quasi um metro de comprimento e pequenos peixes, juntamente com poraquês na mesma rêde, os peixes morrem todos e os crocodilos são retirados em agonia".

O prof. Eigenmann, emérito ictiólogo, que viajou demoradamente por paragens análogas da Venezuela, assim anotou o trecho supra (em "Memoirs of the Carnegie Museum, Vol. V, pag. 45, Nota): "Pensa-se que êste é o processo usual para pescar os peixes elétricos — mas duvido que jamais tenha sido empregado, a não ser em presença de Humboldt".

Em Goiaz, H. Silva afirma existirem nos afluentes do Amazonas duas espécies de "T r e m e - t r e m e", uma escura, avermelhada, maior, outra amarela dourada, com a extremidade da cauda sanguínea e que no máximo atinge 60 cms. Mas Humboldt também se refere aos poraquês como "enguias amareladas". Diz ainda H. Silva que êstes peixes costumam respirar à moda da "P i r a m b ó i a" e que habitam não só os remansos de água lodosa, como também as bordas das cachoeiras e locais empedrados.

Em sua representação gráfica da lenda do tesouro da Yara, segundo o folclore amazônico, o pintor Teodoro Braga, figura o poraquê como guarda e defensor dêsse tesouro. A idéia, baseada na lenda tradicional, é verdadeiramente feliz, pois melhor do que ninguém de tôda a fauna do grande rio, êsse Cerbero dotado de forças misteriosas, montará guarda e defenderá as preciosidades ocultas no fundo do rio-mar.

Porco-espinho — Êste nome designa propriamente um pequeno roedor europeu, da fam. *Hystricideos*, que não ocorre na América. Pela tal qual semelhança, êsse mesmo nome foi dado aquí também, ao nosso roedor vulgarmente conhecido por "O u r i ç o - c a c h e i r o".

Porcos do mato — Compreende os representantes indígenas dos Ungulados Artiodactilos, não ruminantes, da fam. *Suideos*. As nossas duas espécies indígenas diferem

do porco doméstico, não só pela feição geral, notadamente por terem pernas mais delgadas, cauda mais curta e cerdas mais longas e mais rijas, como também por terem 2 incisivos superiores em vez de 3 e apenas 6 molares ao todo, quando o porco doméstico tem 7; finalmente caracteriza o nosso gênero *Dicotyles* uma glândula aberta na região dorsal.

Quanto à descrição das duas espécies veja-se sob "Caitetú" e "Queixada". Não sabemos a qual dos dois cabe a denominação "Canela ruiva" usada pelos caçadores. Veja-se também sob "Mondéu". O mo-

Caitetú ou Catêto

do de vida das duas espécie é mais ou menos o mesmo. Reunidos em varas, de muitas dezenas de indivíduos, às vezes até mais de cem, habitam de preferência a mata e, ora de dia, ora de noite, a percorrem em procura de alimento, que consiste em frutos, raizes e talos suculentos, mas não raro, quando o podem, acrescentam pequenos animais à dieta. Nadam perfeitamente e assim não trepidam em atravessar rios largos. Na mata não conhecem obstáculos, pois nem o cipoal, nem o taquarí os detêm, tão pouco como os grotões ou as pedreiras da serra.

E' caça muito apreciada, conquanto a carne não se pareça com a do porco doméstico, da qual difere também por não ter toucinho. Surpreendido pela vara, basta que o caçador se coloque sobre um ponto um pouco mais elevado, para não ser atacado, pois nenhuma das duas espécies sabe trepar, nem mesmo num tronco caído. Sem tal precaução, é não apenas perigoso, mas pura temeridade, enfrentar êstes porcos. São animais irascíveis, que ata-

cam com valentia, batendo constantemente os dentes, o que produz um ruído característico. Além disto se ouve às vezes, uma espécie de "latido", que é sinal de máxima irritação. O caçador acoçado, ficará por longo tempo sitiado no seu refúgio, si em vez de disparar a espingarda, não puder assustá-los com um pouco de palha em chamas, o que os dispersa rapidamente.

Não há quem lhes resista à investida furiosa e em massa; a própria onça não se atreve a combatê-los e si às vezes consegue vitimar um porco, é porque o pôde sur-

Porco do mato: Queixada

preender desgarrado da vara. Isto motivou o provérbio mineiro, muito expressivo, explanado por João Ribeiro: "Caitetú fora da manada, cai no papo da onça".

E' conhecida a lenda indígena, segundo a qual o "Caipóra", o padroeiro da caça, vem montado sobre o último porco da vara. Ai! do imprudente caçador que destrói esta riqueza da floresta e, não se contentando com a caça suficiente para o sustento, mata também o último porco da vara: o gênio da floresta lhe aplicará cruelmente o merecido castigo. Admirem os organizadores das "grandes batidas" esta sábia compreensão da "lei de caça", imaginada pelo índio para seu próprio uso e proveito.

Porquinho da índia — O mesmo que "C o b a i a"; veja-se também sob "P r e á".

Porutí — O andorinhão ou taperussú da fam. *Cypselídeos*, *Claudia squamata,* cujo colorido difere das outras espécies da família, mais ou menos semelhantes, por ser preto-azulado, com tôdas as penas margeadas de branco; a parte inferior do corpo é branca, com sombreado preto; a cauda é profundamente recortada.

(Poterí-assú) — e "P o t e r í - p é u a" como se vê grafado na Porunduba Maranhense de Frei Prazeres (Rev. Inst. Hist. Bras., Tomo LIV, P. I, pag. 177) certamente é erro de copista, pois logo abaixo lê-se "P a t u r í", que é a verdadeira denominação das marrecas. Em uma nota final, pag. 280 do mesmo volume, encontra-se a declaração do Dr. C. A. Marques, de que o manuscrito entregue ao Inst. Histórico fôra copiado do original, que depois desapareceu. E não são poucos os erros manifestos de letras trocadas. Insistimos neste detalhe, porque as interessantes e valiosas anotações do benemérito frade têm sido copiadas e difundidas sem a devida cautela, evidentemente necessária.

Potí — Veja-se "C a m a r ã o" da água doce.

Potimirim — ou "P o t i t i n g a" ou, como se diz no Ceará, "P i t i n g a". Parece que tais nomes correspondem na nomenclatura vulgar à diferenciação zoológica das espécies dos gêneros *Leander e Palaemon*. Êste último compreende as várias espécies maiores da água doce ("P o t í"), cujo segundo par de patas, no macho adulto, é bem mais comprido e forte que o primeiro; em *Leander* tal diferença é mínima e são êstes os "P o t i m i r i n s", pois de fato alcançam apenas 3 cms. de comprimento, ou "P o t i t i n g a s", isto é de côr clara. Não têm importância econômica e, quando muito, são apanhados na peneira, para enfeitarem o cuscús.

Potitinga — Veja-se, acima, sob "P o t i m i r i m".

Potiúna — Camarão da água doce (veja-se êste), *Bithynis potiuna*. Foi estudado por Fritz Müller em Sta. Catarina. O nome indígena diz tratar-se das espécies de colorido escuro.

Potó — ou "T r e p a M o l e q u e" ou "P o t ó - p i m e n t a", na Amazônia, Nordeste do Brasil até a Baía e também Goiaz. São certos besourinhos da fam. *Staphilinideos*, principalmente *Paederus columbinus* e outras espécies do gênero e também *Epicauta*. Veja-se sob "C a n t á r i d a s". Como tôdas as espécies da família, êstes besourinhos de corpo alongado têm azas muito mais curtas que o abdômen, cujos segmentos posteriores ficam a descoberto; o tamanho pouco excede de meio centímetro e o colorido em geral é metálico, brilhante. Êstes insetos segregam um líquido vesicante, a cuja ação sobre a pele aludem os nomes populares: "P i m e n t a" e "F o g o s e l v a g e m"; são mais frequentes nos milha-

rais, e por ocasião da colheita os acidentes são bastante comuns. Na Baía, dizem que o Potó dá também no feijão e na batata, de Junho a Setembro. Veja-se a respeito o primeiro estudo publicado pelo prof. Pirajá da Silva e A. Neiva, (Viagem Científica, pag. 112).

"A secreção cáustica que destila, torna temível o potó" diz Raymundo Moraes (Na Planície Amazônica, pag. 160). Atraido pelos focos de luz elétrica dos navios, cai a bordo aos milhares. Seu contato com a epiderme humana abre sulcos de queimaduras, longos de dois a três centímetros e de rebordos purulentos. Pela manhã, passageiros e tripulantes aparecem marcados na face, pescoço, mãos, por um golpe semelhante a gilvaz. Foi o potó".

Na Paraíba também verificámos acidentes, causados pelos potós, durante um mês ou dois; depois a praga desapareceu ou antes êsses insetos se tornaram raros.

Potó

A ecologia dos potós ainda não foi estudada convenientemente; há muitas espécies, semelhantes umas às outras e podem algumas não ser causticantes. Por outro lado, parece que só em determinada época o potó dispõe de veneno.

Praga — Segundo V. Chermont Miranda, no Pará êste têrmo designa coletivamente todos os dípteros sugadores de sangue: "Morossoca", "Carapanã", "Borrachudo", "Maruin", etc.

Praga do besouro — Veja sob "P ã o d e g a l i n h a".

Praga de gafanhoto — Veja "G a f a n h o t o d a p r a g a".

Praguarí — Veja "P r e g o a r í".

Pratibú — Na Baía designa assim uma variante (?) de tainha ou paratí, de corpo mais alongado; é de qualidade inferior, daí: *Paratybú*.

Pratiquera ou "P r a t i q u e i r a" (veja-se ainda "P a r a t i g u e r a" — E' na foz do Amazonas e no Nordeste, o nome da espécie menor de *Mugil* e que no Sul do Brasil corresponde ao "P a r a t í", *Mugil curema*. Veja-se sob "T a i n h a".

Preá — Roedor da fam. *Caviideos, Cavia aperea*, que atinge 25 a 30 cms. de comprimento; a côr é uniforme, cinzento-bruna, tirante ao vermelho. Vive na borda da mata, de preferência nas baixadas úmidas; de madrugada e à noitinha o bandinho de 6 a 15 indivíduos vai ao pasto, em procura de capim delicado e não raro causa dano nas hortas e no arrozal novo. São muito tímidos e, afugentados, procuram esconderijo, para onde correm aos pulinhos, soltando pequenos gritos ou guinchos, que mais se parecem com sons de flauta d'água. No Brasil meridional pouca gente come a carne de preá; no Nordeste, porém, segundo nos referiu o Dr. Leonardo Motta, não há tal prevenção e, apezar de ser essa espécie bem menor que o "M o c ó", o preá alcança maior preço no mercado, pois sua carne é considerada mais nobre. Nas feiras nordestinas é frequente ver-se esta minúscula caça preparada como pequena manta, de carne sêca ao sol; provamos e repetimos!

Não sabemos por que razão no Ceará denominam "preá — o indivíduo que toma parte nos divertimentos, nada dispendendo nos mesmos". (Leonardo Motta, "Cantadores").

Em Sergipe, conforme informação do Sr. Aroaldo Azevedo dá-se o nome de "B e n g o" a esta espécie.

Os naturalistas distinguem mais duas espécies pouco diferentes. Trata-se aliás de um parente muito próximo da "C o b a i a" ou "P o r q u i n h o d a Í n d i a", que por isto também já foi, por alguns naturalistas, considerado descendente direto da nossa espécie indígena. Hoje parece assentado que a cobaia se filia diretamente a uma espécie de preá do Perú *(Cavia cutleri)* e já em tempos dos incas lá existia a forma domesticada. Como é sabido, a cobaia presta inestimáveis serviços nos laboratórios de biologia, principalmente para o estudo de substâncias tóxicas e de micróbios patogênicos, na dosagem das respectivas vacinas, etc..

Preá da Índia — E' a correção que em Sergipe se fez na denominação, duplamente errada, do "P o r q u i n h o d a Í n d i a". (Informação do Sr. Aroaldo Azevedo).

Prebixim — O mesmo que "T i e t i n g a".

Pregoarí ou "P e r i g u a r í" ou "P r a g u a r í" — Moluscos prosobrânquios marinhos da fam. *Strombideos, Strombus pugilis*, comestível. O grande caramujo de 14

cms. de comprimento, com os numerosos tubérculos na espiral que forma o cone superior e larga aba da abertura ou "bôca", de linda tonalidade coralina, constitue não só enfeite de cantoneira, muito em uso no litoral, como também serve de "buzio" (veja-se êste têrmo). Há ainda outras espécies igualmente interessantes, porém menores, e às quais também cabe igual nome.

Preguiça — Em certas zonas sêcas do Nordeste do Brasil, êste nome é aplicado aos "Camaleões", pelo fato de também permanecerem longo tempo imóveis, como seus xarás mamíferos, que aliás não existem nessa região, onde também não há imbaúbas.

Preguiça ou "Aí" e "Aig" na nomenclatura indígena — Nome genérico, que compreende as diversas espécies de mamíferos *Desdentados* da fam. *Bradypodideos*. Parece estranho caber o nome de "Desdentado" a êstes animais e também aos tatús, que não são de fato destituidos de dentes, como os tamanduas o são. Trata-se, porém, de dentes que têm estrutura tôda especial e cujo crescimento difere muito do que se observa nos demais mamíferos. Assim, não têm nem esmalte nem raiz propriamente dita; além do que não há substituição da dentição. As preguiças têm 5 molares superiores e 4 inferiores; são animais herbívoros, que passam quasi tôda a vida sobre as árvores, de preferência sobre imbaúbas *(Cecropia)*, cujas folhas novas e brôtos mais apreciam. Contudo não é exclusivamente dêste vegetal que se alimentam e no cativeiro aceitam folhas de figueira brava e outras. De resto, pouco há de interessante a dizer dêstes animais, cujo nome lhes cabe perfeitamente, pois seus movimentos são lentos em extremo e, assim como o corpo, também o espírito parece dominado de incoercível fleugma. Anatomicamente o fato se explica, pois a massa encefálica carece de circunvoluções. Preso aos galhos da árvore, aí passa o animal o seu dia, contentado-se com pouquíssimo alimento. Mas tal força tem nas garras, que é quasi impossível arrancá-lo de seu pouso; é excusado aplicar violência e crueldade, pois é muito pouco sensível à dor.

São ao todo 4 as espécies brasileiras, três do gênero *Bradypus*, sendo *B. tridactylus* o mais comum no Brasil meridional. O pêlo sêco e áspero como palha, é cinzento, com algumas manchas dispersas, de côr mais clara, como

os supercílios; o macho tem na nuca uma malha avermelhada, côr de laranja, atravessada por uma linha preta. Devido a êsse sinal, é conhecido por "Aí de bentinho". "Preguiça real" é *Choloepus didactlylus*, da Amazônia, que só tem 2 dedos na mão, em vez de 3; a côr é um tanto variável, cinzenta, mas quasi preta na cabeça.

Preguiça

Barbosa Rodrigues relata que pôs à prova a grande agilidade da "Preguiça de bentinho", quando obrigada a nadar. Tão rápidos são seus movimentos na água, como lentos em terra; admirado por vê-la tão desembaraçadamente atravessar o rio, o naturalista obrigou a mesma preguiça a repetir o exercício e novamente observou a facilidade com que rompia a água, para em seguida

subir muito lentamente por uma árvore. Procurando a copa da árvore, queria o animal completar a fuga — mas como se explica a diversidade dos movimentos, rápidos na água, pausados no seu elemento próprio? Procuremos acompanhar o raciocínio compatível com a massa encefálica lisa. Na água, o perigo ameaçava constantemente; na árvore, movendo-se como de costume, seria preciso o animal ter em mente, lembrar-se, que havia perigo próximo e tal raciocínio seria um esfôrço demasiado; o animal, logo que pôde, voltou à pasmaceira mental e física!

Do ponto de vista zoológico é muito interessante a grande variedade de parasitos que se abriga entre os pêlos dêste animal: além de 2 espécies de carrapatos (e entre êstes um dos maiores *Ixodideos* conhecidos, pois atinge 18 mms. de comprimento), também encontram-se uma barata e três espécies de microlepidópteros (traças) e Goeldi menciona mesmo uma alga que aí vegeta. Em compensação as pulgas não a aborrecem; pelo menos até agora os naturalistas ainda não assinalaram nenhum dêstes parasitos neste hospedeiro.

À chuvinha miuda, ou garôa, o povo do Norte se refere como sendo "chuva de preguiça" e Barbosa Rodrigues liga a expressão a uma lenda indígena do "Camaleão e a Preguiça": Os dois bichos brigaram, pedindo então o lagarto sinimbú a seu tupã que fizesse cair uma chuva bem fina, pois só esta consegue molhar todo o pêlo das preguiças.

Prejereba ou "Brejereba" — Peixe do mar da fam. *Lobotideos, Lobotes surinamensis*, cosmopolita e muito comum nos mercados, atingindo os maiores espécimens 70 cms.. A cabeça é pequena, deprimida na fronte. Não tem dentes palatinos nem vomerinos, a nadadeira dorsal é entalhada, com a parte espinhosa maior do que a ramosa; aquela, quando deitada, encaixa-se em um sulco dorsal. A côr é prateada, algo denegrida e, enquanto novo, tem estrias longitudinais na cabeça e zebruras mais ou menos irregulares pelo corpo. E' peixe do fundo, geralmente pescado a espinhel; às vezes porém vem à tona, para boiar à sombra de algum pau flutuante.

Primituma — Parece ser sinônimo de "Carapicú" (Vimos assim citado por F. Villar).

Procotó — Na Baía tem êste nome o "Barbeiro" (*Triatoma*), particularmente as espécies menores.

Promombó — E' êste um originalíssimo sistema de pesca, usado principalmente nos rios piscosos e que consiste, essencialmente, em encandear os peixes de escama e depois assustá-los para que pulem sobressaltados e venham a cair na canôa.

Como tivemos ocasião de verificar, em repetidas pescarias no rio Piracicaba, guiados por um velho e afamado especialista em "P r o m o m b ó", êste requer várias precauções, para que se torne verdadeiramente rendoso. No meio da canôa ou sobre um dos bordos, arma-se um tabique de pano ou esteira, estendida da prôa à popa e com mais ou menos um metro de altura; no bordo oposto fixa-se uma tocha. Assim armada, a embarcação deslisa rio abaixo, acompanhando de perto uma das margens, de sorte que o tabique esteja do lado oposto. A noite deve ser escura e os pescadores evitam todo e qualquer rumor. De repente, uma forte pancada de remo, dada no bordo da canôa, quebra o silêncio da noite e então os peixes, já atraidos e fascinados pela luz, saltam assustados em direção ao facho. E' um espetáculo curiosíssimo e como que maravilhoso. A cada pancada de promombó, dada de espaço em espaço, uma chusma de peixes invade a canôa: os lambarís e tambicús apenas conseguem vencer a altura do bordo, ao passo que ferreiras, chimborés, piavas e corumbatás saltam em curva larga e passariam por cima da embarcação, si os não detivesse o tabique. Batendo contra êste, vêm a cair no meio da canôa e aí, por longo tempo se debatem, na ânsia da asfixia. Si o rio é piscoso e a noite favorável, a cada pancada acodem dezenas de peixes; a canôa deslisa, arrastada apenas pela correnteza. e si o trecho do rio é dos melhores, o pescador entendido ralenta ainda a marcha, deitando mão à ramagem. Mais adiante, ao contrário, algumas remadas fazem vencer mais de pressa os trechos impróprios à pescaria. "Bata aquí", indicávamos às vezes; "Não dá nada", era a resposta e, si insistíamos, saltavam apenas alguns lambarís, a confirmar a prática do velho pescador. Três horas de rodada haviam bastado para encher literalmente a canôa. Só os peixes de escama *(Characideos)* e todos êles, dos menores aos maiores, obedecem assim ao promombó; os de couro e os cascudos, como peixes de fundo que são, não saltam. Predominavam, em grande maioria, os corumbatás, menos apreciados e por isto pouco lucrativos.

Alguns dourados enriqueciam o pescado; mas êstes fôra preciso atordoar imediatamente com forte pancada na cabeça, pois do contrário, com vigoroso salto, logo armado do fundo da canôa, teriam tornado à água. Muitos outros dourados e os maiores dêles, haviam pulado também, ao promombó; tal era, porém, o impulso que levavam, que o tabique deveria ter o duplo de altura para detê-los; não poucos ainda, logo ao primeiro embate, voltavam ao rio.

O processo empregado não é sempre o mesmo, variando de acôrdo com o peixe a obter e o aperfeiçoamento do ardil, nas diferentes regiões em que é praticado. Em sua "Pesca na Amazônia" (pag. 108) José Verissimo descreve um sistema de pesca a que os pescadores de lá dão o nome de "X e r i p a n a" e que é essencialmente um promombó muito rudimentar e aplicado apenas por ocasião da passagem dos cardumes em migração. "Em certos lugares colocam canôas atravessando a passagem da piracema e com outras ou mesmo por água, quando dá pé, vão com frondes de palmeiras tocando o peixe pelo fundo e fazendo-o saltar. Fustigado, salta êle em bandos, enchendo as embarcações. A esta pesca chamam de "Xeripana", ou "Giribana", nome que dão à fronde da palmeira para êste fim aproveitada...".

Henrique Silva descreve não só o processo usual da pesca nos rios, como a aplicação muito semelhante que os pescadores de tainha adotaram na Baía, e que denominam "T r o m o m b ó", aliás evidente corruptela. Outra grafia é a que se encontra em Virgilio Varzea (Santa Catarina, 1, Ilha): "P r e b e m b ó" ou "P r i b e m b ó" e o autor descreve a pescaria, como a praticam os pescadores dos pequenos rios da ilha. Não menciona a armação especial que serve de anteparo e o peixe salta "quando assustado pelo remo, que mergulha com uma pancada estrídula". O prof. Otoniel Motta, em "Choças e Selvas", grafa a mesma palavra: "P i r a m o m b ó", (cujo radical inicial, portanto, seria alusivo ao peixe) e a uma consulta nossa, reafirmou tê-la ouvido assim da bôca de pescadores; nós só ouvimos pronunciar "P r o m o m b ó", em Piracicaba e nessa grafia também se encontra nos escritos de Edm. Krug (Paranapanema) e no Dicionario de Th. Sampaio (Geografia Nacional), cuja explicação etimológica, contudo, nos parece forçada.

Promotor — Em Goiaz (talvez como têrmo puramente local) designa os *Simuliideos* ("Borrachudos").

Protozoários — Nome de origem erudita, mas já empregado em sentido vulgar, para designar os animais microscópicos, cujo corpo é constituido por uma única célula. Em oposição a "Protozoários" há o têrmo "Metazoários", não conhecido vulgarmente e que designa todos os demais animais constituidos de mais de uma célula. Ainda são da nomenclatura popular os têrmos micróbio, gérmen, bacilo e bactéria, aplicando-se a Protozoários ou a vegetais unicelulares, especialmente aos patogênicos.

Muitos "Protozoários" têm vida livre, vivendo nas águas ou na terra; alguns vivem em outros organismos sem prejudicá-los; outros ainda são parasitos, causando várias doenças

Protozoários de vida livre e, em cima, parasitos do homem

à espécie humana e a animais, tais como, entre outros, os causadores das disenterias, do impaludismo, da doença do sono, das lichmanioses, do mal de cadeiras, etc.

Puã — Crustáceo, *Callinectes sapidus,* do grupo dos "S i r í s". Informou-nos o Dr. A. Neiva que em Macaé (R. de Janeiro) o têrmo é empregado como sinônimo de pinça (quelícero) dos crustáceos. De fato, é palavra puramente tupí, significando dedo.

Puá — As referências encontradas não nos autorizam a decidir si um pequeno mamífero "de pêlo negro", assim designado no Norte do Brasil, é um Marsupial ou um Roedor, comparável ao "S a u i á".

Pucassú — Pronúncia sergipana do nome indígena da "p o m b a g r a n d e" (picuí-assú), mais geralmente dita "P i c a s s ú".

Pulga — Compreende um grande número de espécies de insetos da ordem dos *Aphanipteros* (ou seja *Siphonapteros),* que pela sua evolução zoológica, representam Dipteros profundamente modificados, não só pela perda das azas, como na estrutura geral. As partes bucais funcionam como agulha de sucção; as pernas são muito longas e facultam pulos a grandes alturas (45 cms.). E' extraordinária a fôrça dêstes insetos, que conseguem mover pesos cem vezes superiores ao do seu próprio corpo.

Pulga do homem (em cima)
Pulga do cão (em baixo)

No Brasil foram registradas mais de 20 espécies. *Pulex irritans,* é a pulga comum, geralmente conhecida como parasita do homem, mas que também pode viver sobre outros mamíferos. Além desta e do "B i c h o d e p é" são encontradas sobre o homem: *Ctenocephalus canis* (do cão) e *Ct. felis* (do gato), que se diferenciam de *Pulex* por uma linha de cerdas no bordo inferior da cabeça e outra no protórax; e ainda *Xenopsylla cheopis* e *brasiliensis* (dos ratos) que se caracterizam pelas cerdas que formam um V no bordo posterior da cabeça. São estas últimas espé-

cies que transmitem a peste bubônica, dos ratos ao homem e, estando infeccionadas, podem propagar o mal ainda mês e meio depois de terem abandonado o hospedeiro doente. As espécies acima mencionadas são cosmopolitas; nos mamíferos indígenas encontram-se espécies de outros gêneros, como por exemplo nos tatús, gambás, roedores, etc.

O desenvolvimento das pulgas depende da temperatura do ambiente, sendo que 3 semanas é o tempo mínimo, necessário para que o ovo se transforme em adulto; mas em regra a evolução dura 4 semanas ou mais. A fêmea põe 10 a 15 ovos de cada vez; em breve nasce a larva, que se alimenta dos detritos orgânicos que encontra no cisco e na poeira. A fase ninfal passa-se dentro do casulo tecido pela larva. O adulto, logo que o possa, suga sangue e uma refeição completa basta-lhe, normalmente, para 48 horas; mas suporta o jejum durante longo tempo, tendo alguns cientistas mantido pulgas vivas, sem lhes dar alimento, durante 14 e mesmo 19 meses. Parece estar documentado que êstes insetos podem atingir até 8 anos de idade.

Não é difícil eliminar essa praga das casas; basta a completa limpeza dos aposentos e, sendo possível calafetar as frestas do assoalho; lavagem e petróleo; naftalina. Com uma lamparina, colocada em uma bacia com água, em que sobrenade uma leve camada de óleo ou petróleo, pega-se um grande número de pulgas em uma noite.

Pulga d'anta — No Maranhão é conhecido por êste nome o pequeno *Hemíptero*, percevejo da fam. *Cimicideos*, *Mormidea poecila*, de 7 mms. de comprimento, muito nocivo aos arrozais, sendo mesmo considerado um dos inimigos mais prejudiciais dessa lavoura; suga os grãos do arroz na espiga ainda em desenvolvimento. E' conhecido por "chupador", "chupão" e "pulgão". Em Minas, atacando os arrozais, é conhecido por "Tamajuá".

Pulgão da macieira — Denominado também em literatura entomológica "Pulgão lanígero" ou "Carmim" é *Eriosoma lanigerum*, um *Aphideo*, que vive sobre macieiras, pereiras e ameixeiras; as formas adultas recobrem-se de uma sorte de lã branca e as partes atacadas da planta sofrem deformações, mostrando excrescências doentias e também as raizes são atacadas. E' praga das mais prejudiciais do pomar e seu extermínio torna-se muito difícil, porque os insecticidas aplicados não conseguem atingir os espécimens escondidos nas anfractuosi-

dades da casca, muito deformada pelas intumescências, como que cancerosas, provocadas pela própria praga. O melhor recurso ainda parece ser a caiação do tronco, precedida de uma intervenção cirúrgica, que facilite a penetração da cal nas frinchas das nodosidades. Também o chão, ao redor da árvore, deve ser borrifado com cal.

Pulgões — (Veja também "Morilhão"). No sentido amplo da palavra ficam compreendidos, sob esta denominação, todos os *Homopteros* da subordem *Phytophtireos*, isto é não só os "pulgões das roseiras", tão comuns e também outras espécies semelhantes, que parasitam várias plantas cultivadas, todos pertencentes à fam. *Aleurodideos* como ainda, em parte, à fam. *Coccideos*, cujas fêmeas, sempre ápteras e com o corpo deformado pela carapaça são conhecidas nos escritos de entomologia econômica por "Piolhos vegetais". Caracterizam a maior parte dos pulgões *(Aphideos)*, dois tubos relativamente longos no lado dorsal do antepenúltimo segmento abdominal; êstes tubos segregam substância adocicada, um mel, que as formigas vêm lamber. E' por isto que geralmente se encontram os *Aphideos* rodeados por formigas.

Os pulgões reproduzem-se partenogeneticamente, isto é sem o concurso dos sexos, dando os insetos à luz larvas ou jovens pulgões; nos climas frios, ao aproximar-se o inverno, começam a nascer machos e fêmeas; então a fêmea põe o ovo do inverno. Segundo observações de Carlos Moreira, no Rio de Janeiro, a reprodução de *Aphis* é sempre agâmica e vivípara, pois o nosso clima dispensa o recurso do ovo do inverno. Observou o mesmo naturalista que *Aphis nerii*, quando começa a procrear, dá à luz 4 a 5 pulgões por dia; em 15 dias sua prole é de 60 pulgões, começando êstes 10 dias depois a procrear. Assim uma colônia inicial de 3 *Aphis*, no vigéssimo dia constaria de mais ou menos 1.600 indivíduos, si todos vingassem. Há gerações ápteras e outras aladas, incumbindo a estas últimas procurar outras plantas, para assim disseminar a espécie. Cada uma destas tem predileção por um determinado vegetal e assim o *Aphis (Microsiphum) rosae* é parasito das roseiras; *Brevicoryne brassicae* das couves; *Toxoptera aurantiae* das laranjeiras; *Aphis gossypii* do algodoeiro, etc.; são tôdas espécies importadas. Sob

Pulgão da roseira

"C o c c í d e o s" indicamos a melhor fórmula de sabão e petróleo com que se matam êsses parasitos das plantas. E' poderoso insecticida também o extrato do fumo. Corta-se 250 grs. de fumo em corda em pedaços e deixa-se de infusão durante 24 horas em 2 litros de água. Por evaporação em banho-maria reduz-se o líquido a 1 litro; 1½ quilos de sabão são dissolvidos em 2 litros de água a ferver; por fim dilue-se tudo em 100 litros d'água e pulveriza-se sobre as plantas, sem perigo de prejudicar a estas. Além do mal que os pulgões e os coccídeos causam diretamente aos vegetais, sugando-lhes a seiva, provocam também a formação do "fumo negro" *(Fumagina)* sobre as folhas, pois o cogumelo encontra excelente meio de cultura na substância assucarada que os insetos excretam. O "fumo" e as formigas desaparecerão, desde que se extingam os parasitas.

Punaré — Rato do mato não identificado. Paulino Nogueira diz que no Ceará é um rato grande, do tamanho do preá, mas com rabo grande, cabeludo, amarelado; é considerado caça melhor que o preá. (Note-se que no Ceará o preá é considerado boa carne, quando no Sul do Brasil quasi ninguem o come). Também o Dr. Leonardo Motta nos descreveu o "P u n a r é" de igual modo e tivemos a impressão de poder se tratar de uma espécie do gên. *Ctenomys*, rato mais corpulento e ao qual nos referimos sob "C u r u r ú".

(Punarú) — Não sabemos si tal nome indígena, registrado por Marcgrave em Pernambuco, ainda posteriormente foi aplicado por brasileiros, para designar os pequenos peixinhos "M a c a c o s" da fam. *Blennideos*.

Punilha — Evidentemente é corruptela de "P o l i l h a"; mas no Pará, segundo V. Chermont de Miranda, abrange tanto os cupins como os carunchos, tendo pois a significação ampla de "inseto que carcome".

Purrutum — No Est. de S. Paulo, em dialeto caipira, é um curiango grande (Wald. Silveira).

Puxa-verão — Outra denominação amazônica do pássaro *Icterideo*, mais conhecido por "P o l í c i a i n g l e s a".

o

Q

Quandú — Veja sob "C o a n d ú".

Quatí — Veja sob "C o a t í".

Quatro olhos — O Pe. Antonio Vieira, sob êste nome, que lhe ensinaram os portugueses, refere-se ao peixe que aquí registramos sob "T r a l h o t o".

Queima — Assim é conhecido o mal, causado por alguns insetos, a várias plantas cultivadas e principalmente ao cacaueiro, cabendo maior culpa aos pequenos *Thysanopteros* (cujo gênero mais conhecido é o *Thrips)*. Na "Q u e i m a" do cacaueiro foi assinalado *Selenothrips rubrocinctus.* Outras espécies da mesma família causam prejuizos à floração e ao desenvolvimento do fruto ou provocam pseudogalhas. São insetos de metamorfose incompleta e de poucos milímetros de comprimento; as partes bucais são sugantes; algumas espécies são ápteras, porém a maioria tem dois pares de azas iguais, estreitas e longamente ciliadas. Caracteriza-os principalmente a extremidade dos tarsos biarticulados e providos de ventosas.

Queima

Queixada — Veja "P o r c o s d o m a t o". E' a espécie maior, *Tayassu albirostris,* também chamada "T a i a s s ú". Atinge 1m,10 de comprimento e a côr geral é bruno-cinzenta; caracteriza-o a faixa branca, que de cada lado da bôca se extende para trás ao longo da queixada (daí o nome).

Queixada ruiva ou "T i r i r i c a" — Veja sob esta rubrica.

Quem-quem — Denominação genérica de origem tupí que designa as formigas da subfam. *Myrmecineos,*

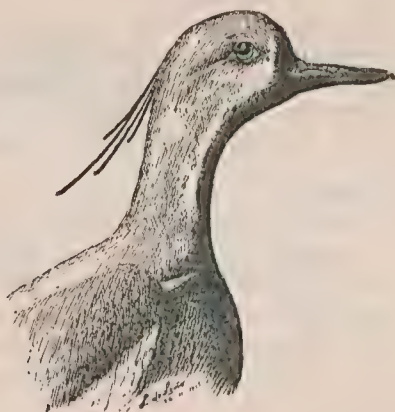
Acromyrmex nigra, nigrosetosa e *octospinosa*, que vivem como as saúvas, mas cujos ninhos se restringem a uma única panela e assim nunca alcançam maior desenvolvimento. Só por êste motivo não constituem praga tão prejudicial como o gên. *Atta,* das "S a ú v a s"; contudo também depredam as plantações a pequeno raio de seus ninhos, carregando para aí fragmentos de vegetais e sobre êstes criam os cogumelos, de que unicamente se alimentam. A entrada do ninho caracteriza-se para cada espécie, pelo arranjo peculiar, em forma de cordões ou crateras de grumos de terra, provenientes das excavações, com abundante mistura de pedaços de hastes de capim. Em geral é fácil exterminar o formigueiro, despejando alguns litros d'água fervendo no olheiro. Certa espécie dêste gênero, *Acromyrmex subterranea* é mais difícil de combater, pois o ninho subterrâneo só comunica com o exterior por meio de longos canais, às vezes com mais de 10 metros de extensão. E' a esta espécie que cabe particularmente o nome de "F o r m i g a m i n e i r a".

Quem-quem — Nome onomatopaico, que os sertanejos da Baía ao Ceará dão à "G r a l h a", *Cyanocorax cyanopogon*, caracterizada pela malha de côr azul marinho escura, acima e abaixo dos olhos e com barba de igual côr na raiz da mandíbula. Trata-se, porém, evidentemente de uma alteração do mesmo nome onomatopaico "C ã - c ã" e "P i o m - p i o m".

Registra O. Monte (Alm. Bras. 1926) que no Norte gostam de manter esta ave domésticada em casa, para que aí cace as baratas e aranhas. Conta o mesmo engenheiro ter assistido a uma cena curiosa: dez ou doze dessas gralhas, reunidas sobre uma oiticica, faziam grande barulheira e alternadamente voavam rapidamente para o chão, para de relance, bicar uma jararaca, o que aliás, como informaram os naturais da região, é hábito conhecido dessa ave.

Quem-te-vestiu — O "Vocabulario de Ruy Barbosa" de João Lêdo, registra assim o nome de uma ave tagarela e como no texto original vem citado conjuntamente com o Bem-te-vi, aquele nome não deverá referir-se a êste pássaro, cuja voz seria a que melhor se prestaria para a interpretação onomatopaica do curioso "Q u e m - t e - v e s t i u".

Resta classificar a ave a que aludiu o grande orador baiano, para então se verificar qual o sinônimo vulgar mais conhecido com que deve ser identificada.

Quero-quero no Sul ou "T é u - t é u" ou "T e r é m - t e r é m" (no Norte) e "E s p a n t a - b o i a d a" — Ave da fam. *Charadriideos, Belonopterus cayennensis.* Êste elegante e empertigado habitante das grandes campinas úmidas e dos espraiados dos rios e das lagôas, caracteriza-se bem por ter algumas penas longas na região posterior da cabeça e um esporão encarnado no encontro das azas. O colorido geral é cinzento-claro, com ornatos pretos na cabeça, peito, aza e cauda; as coberteiras menores da aza são verde-metálicas, as maiores e a barriga são brancas;

Quero-quero

o bico e as pernas destacam-se pela côr vermelha. Sua voz diz claramente as duas sílabas que lhe valeram as denominações onomatopaicas, gritadas com timbre quasi metálico.

Em criança gostávamos de procurar-lhes os ninhos, simples panela rasa, esgravatada em lugar sêco, no meio dos brejos — às vezes para roubar os ovos, aliás gostosos, mas sempre com o fito de nos divertir à custa da ave-mãe. Era uma variante do conhecido brinquedo infantil: "está-frio — está quente". Si, sem o sabermos, nos aproximávamos do ninho, logo o "Q u e r o - q u e r o" voava para mais longe e gritava desesperadamente volteando ao redor de um ponto qualquer, como si lá estivesse o ninho; si nos afastávamos do lugar onde estávamos e portanto também do ninho, logo abrandava a fúria do parceiro. Às vezes já tínhamos avistado o ninho, mas continuávamos o brinquedo. Quando porém, queríamos deitar mão aos

ovos, sabíamos que era preciso fazê-lo com cautela, porque certa vez a avesita nos agrediu, no desespero de querer defender a ninhada e tivemos a prova de que os esporões da aza são armas respeitáveis.

As capivaras tiram bom proveito da convivência com o "Quero-quero"; pastando no campo, elas prestam atenção aos gritos da ave e quando, pela entoação característica, percebem que o clamor denuncia a aproximação do caçador, prontamente os grandes roedores se refugiam na água. Relatou-nos o Dr. Sergio Meira Filho que em seu aviário várias vezes tirou a prova de que esta ave prescruta a terra, batendo com o pé; quando percebe o que lhe pareça suspeito, insiste na auscultação, tateando fortemente ora com um, ora com outro pé. Finalmente, convencida de ter achado o que procurava, escava a terra e infalivelmente o bico arranca de lá uma minhoca. Como explicar tal agudez de sentido e como interpretar essa auscultação?

São aves briguentas, que provocam rixas com quaisquer de outra espécie, habitantes das mesmas campinas; a própria ema é atacada, às vezes por um casal apenas, mas com tal insistência e petulante violência, que a grande ave, disposta a princípio a não ligar-lhe importância e procurando afugentá-los com movimentos bruscos da cabeça e das azas, por fim se vê obrigada a correr quasi meia légua, para livrar-se dos importunos atormentadores.

"Quero-quero" era a alcunha dos rebeldes riograndenses, de 1893; veja-se sob "Pica-pau", que eram os contrários, legalistas.

O. Monte (Alm. Bras. 1926) relata que no Norte o matuto, na sua gíria, diz que "tem sono de "Téu-téu" quem acorda facilmente, com qualquer rumor".

Quiara — Não sabemos si esta denominação, dada à "Cuica d'água" tem de fato certa generalização ou si é apenas da gíria de limitado número de caçadores.

Quica — ou como deve ser grafado, "Cuica" ou "Guaiquica" (talvez seja esta a forma original; nunca porém se diz "Guaiquica d'água" e sempre "Cuica d'água"), e ainda "Chichica" e "Jupatí". Compreende os Marsupiais menores da fam. *Didelphyideos*, numerosas espécies pertencentes aos gêneros *Metachirus*, *Marmosa* e *Peramys*, sendo êstes últimos apenas do tamanho de ratinhos (veja-se também "Catita"), enquanto que os outros podem ser comparados a ratazanas, com o feitio geral dos "Gambás", que são seus parentes mais

próximos. Pela dentição é fácil distinguir êstes marsupiais dos outros mamíferos (veja-se o que foi dito com referência à dentição dos "G a m b á s") ; a bolsa marsupial acha-se apenas esboçada em algumas espécies e falta de todo nas menores, do gên. *Peramys.* O colorido varia do bruno escuro ao cinzento; algumas Guaiquicas são mais enfeitadas com listas escuras ao longo do dorso. Os olhos muito grandes e salientes, vivos e meigos, dão expressão característica a êstes bichinhos tímidos, que habitam de preferência a mata ou a capoeira. No entanto as espécies maiores fazem jús à denominação de "R a p o s i-

Guaiquica

n h a s", pois vivem da caça de passarinhos e sua valentia vai a ponto de atacarem aves do porte de galinhas. Quem nos descreveu uma destas lutas, viu a Guaiquica lançar-se sobre a ave e aferrar-se a ela, de modo que a vítima, apesar de todos os esforços, não conseguiu livrar-se e sucumbiu; só então o terrível bichinho largou a preza e dispunha-se a devorá-la (ou sugar-lhe apenas o sangue) quando foi morto.

São animais de hábitos noturnos, que passam o dia recolhidos no ninho, construído de palhas entrelaçadas, formando bola do tamanho de um côco, escondida nas touceiras, a pequena altura.

Como em tantos outros casos da grafia de nomes indígenas, a forma definitiva ainda não está assentada; havíamos preferido — Qu — porque a pronúncia usual é antes a de *quid* e *quin*quenal e não, como em "cúia", com as duas primeiras letras separadas da vogal seguinte.

Quica d'água ou na Amazônia "Chichica d'água" — Marsupial da fam. *Didelphyideos, Chironectes minimus,* que tem membranas natatórias nas patas traseiras; o corpo mede cerca de 15 cms. e a cauda outro tanto. O pêlo é cinzento, ornado com grandes manchas pretas, que formam duas grandes placas no dorso e se extendem pelas extremidades e sobre a maior parte da cabeça. Foi registrada também a denominação "Quiara" para esta espécie.

Quica

Como o ratão d'água e como a capivara, também esta espécie adaptou-se perfeitamente à vida anfíbia, nadando muito bem e alimentando-se de peixinhos e insetos aquáticos e caranguejos; mora em buracos das margens, onde dorme e se refugia.

(Quija) — Denominação registrada, nas Apostilas do Pe. Teschauer, como sinônimo de "Ratão do banhado"; cremos, porém, ser têrmo paraguaio, não vulgarizado no Brasil.

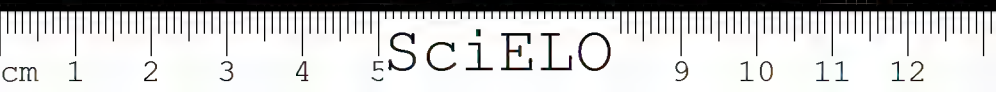
Quilim — Em Sergipe, por "Tuim".

Quirana — Na Amazônia, segundo V. Chermont Miranda, é mesmo que "Lêndea"; evidentemente, representa o vocábulo "Muquirana", truncado.

Quindunde — Denominação que parece ser apenas regional, da Paraíba, dada aos pequenos peixes do gênero *Stellifer,* conhecidos em Pernambuco por "Pirucaia" ou "Mirocaia" na Baía.

Quirí-quirí — Nome onomatopaico da pequena ave de rapina da fam. *Falconideos, Tinnunculus sparverius cinnamominus*, de côr castanha em cima, cabeça e coberteiras das azas azul-cinzenta, com três faixas pretas ao lado da cabeça e outra subapical na cauda; o lado inferior é branco com manchas pretas. Aliás é apenas uma subespécie do "Francelho" da Europa.

Quasi que não lhe cabe o nome de ave de rapina; seu porte é antes o de um pássaro e seu alimento também não condiz muito com o dos gaviões. Examinando o conteudo do estômago de 320 dessas aves, um naturalista americano verificou que 2|3 se haviam alimentado só de insetos, principalmente gafanhotos e também besouros, grilos, lagartas, etc.; os restantes haviam comido alguns ratos e bem poucos passarinhos. O Sr. A. Hempel observou, certa vez, um bom número destas aves a catarem lagartas que praguejavam um alfafal. E' pois uma ave útil e, dada a natural simplicidade com que se aproxima das habitações, deve ser tratada sempre como amigo benvindo. Gosta até de fazer seu ninho nos telhados; nos Estados Unidos, onde é benquisto, segue o arado, para catar bichinhos nos sulcos abertos. Curioso é seu vôo quando espreita a caça ou vai pousar: fica "peneirando" no ar, sacudindo as azas, permanecendo, porém no mesmo lugar, ginástica aérea que poucas aves, além dos beija-flores, conseguem realizar.

Quirirú — Na Amazônia, é o mesmo que "Anú Branco".

—o—

R

Rã — Batráquios de tamanho médio ou dos menores, em especial da fam. *Leptodactylideos;* mas o povo não deixa de designar como rã, qualquer "sapinho" isto é batráquio menor, inclusive as "rélas" como se diz em

Rãs

Portugal, isto é "P e r e r e c a s" da fam. *Hylideos.* Veja-se sob "S a p o" a classificação dos batráquios e a verdadeira denominação dos representantes das diversas famílias.

A verdadeira "rã", comestível e que na Europa é considerada finíssima iguaria, pertence ao gên. *Rana;* a ela corresponde, no Brasil, sob êste ponto de vista culinário, o *Leptodactylus ocellatus*, que se encontra à venda no

mercado e que é caçado nos brejos e junto aos córregos, de noite. O sistema mais "aperfeiçoado" em uso, é o seguinte: munido de uma lanterna-projetor, ilumina-se o caminho e a rã, atingida pelo facho de luz, fica como que "encandeada"; êste momento o caçador aproveita para bater-lhe nas costas com a palmatória de cabo muito longo, encravando-lhe assim nas carnes as numerosas pontas de pregos que guarnecem o cruel aparelho. Em noite favorável, facilmente são apanhadas assim até cento e tantas rãs, em poucas horas. Vencendo a repugnância, que a princípio inspira êsse manjar, verifica-se que têm razão os gastrônomos, quando gabam a delicadeza das "perninhas de rã".

Zoologicamente, também temos no Brasil espécies que correspondem à verdadeira rã européia, do gên. *Rana*, que porém só ocorrem na Amazônia. Outra espécie de *Leptodactylus*, de quasi um palmo de comprimento, é *L. pentadactylus*, conhecida pelo nome indígena "Nimbuia".

Rã-pimenta — Veja-se "Nimbuia".

Rabeca — Peixe de couro da água doce, *Nematognatha* da fam. *Bunocephalideos*, *Platystacus cotylephorus* da Amazônia, de corpo romboide e cauda fina e longa. Curioso é que a fêmea guarda os ovos grudados ou antes encaixados em alvéolos que se formam na face abdominal e aí êles permanecem até a eclosão dos peixinhos, como aliás também o fazem certos "Cascudos".

Rabilonga — O mesmo que "Alma de gato".

Rabo de couro — No sertão do Nordeste do Brasil é o mesmo que "Ratazana".

Rabo de palha ou "Rabo de escrivão" — O mesmo que "Alma de gato".

Rabo de palha — Ave oceânica do grupo do "Biguá" e do "Alcatraz", (Ordem *Pelicaniformes) Phaeton aethereus;* mede 40 cms. de corpo e mais 60 cms. de cauda. A côr predominante é branca, com ligeiros tons róseos; no dorso há ondulações pretas e de igual côr são as barbas externas das rêmiges e uma linha que vai do olho ao bico; este é coralino. Habita todos os mares tropicais.

Rabo de tesoura — Em algumas zonas da Baía tal nome é dado às "Centopeias". Supúnhamos que o nome se aplicasse aos *Forficulideos* ("Tesouras"),

mas o nosso prezado informante, o inspetor agrícola L. Diogenes Caldas, a nosso pedido certificou-nos novamente tratar-se, de fato, de centopeias.

Rabo-torto — V. Chermont Miranda, no "Glossário Paraense" e Frei Prazeres do Maranhão identificam esta denominação com o "E s c o r p i ã o".

Raia ou mais à brasileira: "A r r a i a" — Peixes marinhos que, juntamente com os tubarões, constituem a subclasse dos *Selachios*. São *Hypotremados*, porque as aberturas branquiais, em número de 5 formam uma

Raia d'agua doce

série de fendas na face inferior do corpo achatado. Como os tubarões, têm esqueleto cartilaginoso e sua carne é às vezes, como a daqueles, vendida a preço inferior nos mercados. Contudo alguns gastrônomos afirmam que a carne das grandes expansões laterais, das nadadeiras, é ótima e por isto na Inglaterra a pesca das raias é remuneradora. Algumas espécies adaptaram-se à água doce dos grandes rios e em nossa fauna foram constatadas cêrca de 30 espécies. Lembraremos, além dos nomes abaixo, o "P e i x e - s e r r a", a gigantesca "J a m a n t a", a "V i o l a" e a "T i c o n h a". De tôdas a maior parece ser uma espécie do Atlântico septentrional, do grupo da "J a m a n t a"; um exemplar apanhado perto de Nova York

pesava cêrca de 5.000 kls. e duas juntas de boi, 2 cavalos e 22 homens reunidos só conseguiram a muito custo arrastar o monstro para terra.

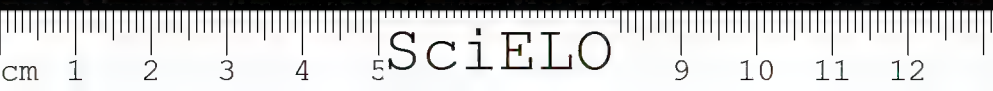
Há espécies ovovivíparas, cujos filhotes já nascem perfeitamente desenvolvidos; outras são ovíparas, sendo muito característico o feitio dos ovos, de casca córnea, em geral quadrangular, com "gavinhas" nas quatro pontas (veja-se a figura).

Raia amarela — Sob êste nome T. Gliesch menciona ("Fauna de Torres") uma raia do Rio Grande do Sul, atribuindo-lhe o nome científico *Dasyatis say*, pelo que será congênere das raias "lixa" e "prego". Relata o mesmo autor o seguinte fato, que transcrevemos, ainda que seja para pedir confirmação de tão excepcional afeição que os machos, no caso relatado, revelaram para com as fêmeas. "Contaram-nos os pescadores que, certa ocasião, quando haviam pegado duas fêmeas desta espécie nos espinheis, um grande número de machos as cercava e, tiradas completamente para fora da água, na praia, os machos vieram atrás. Contaram-se quatorze machos que aí, voluntariamente, perderam a vida, além dos exemplares que ainda permaneciam na água".

Raia-chita — *Raja castelnaui*, que como a "Raia santa", tem o feitio típico das raias, de corpo romboidal na parte anterior, com focinho mais ou menos acuminado e com pedúnculo caudal alongado, provido de duas nadadeiras dorsais; sobre o meio do corpo corre uma linha longitudinal, de acúleos, mais ou menos extensa. A raia-santa é pardo amarelada; a raia-chita, como o lembra o nome, tem o corpo todo pontilhado de preto.

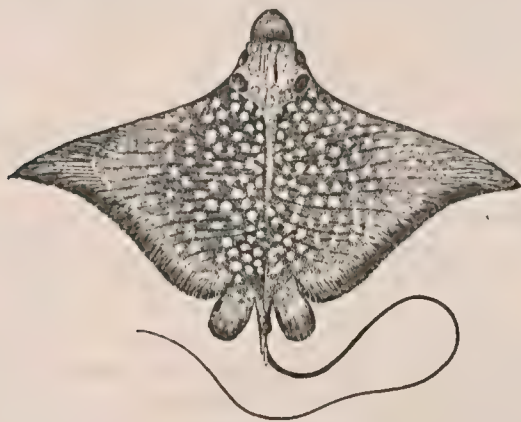
Raia-cocal — Segundo informação do major Henrique Silva, em Goiaz é êsse o nome da raia *Ellipesurus orbignyi*, do Araguaia; outras espécies congêneres em Mato Grosso são conhecidas pelos nomes "Motôro" ou "Borô".

Raia elétrica — O mesmo que "Treme-treme".

Raia-licha ou "Jabebiretê" ou "Jabiretê" (no Norte do Brasil) — O corpo é do feitio de um papagaio de papel, sendo que a maior largura excede um pouco o comprimento; a cauda, provida de dardos farpados, é longa, cilíndrica ou quasi filiforme e na espécie *Dasyatis guttatus* corresponde a três vezes o comprimento do dorso. Os exemplares jovens têm a pele lisa; nos adultos, porém, ela se torna áspera e em alguns pontos é comparável à

licha. E' bastante comum nas águas do Rio de Janeiro. Pertencem ao mesmo gênero a "A i e r e b a" e a "R a i a - p r e g o".

Raia manteiga — O mesmo que "B o r b o l e t a".

Raia mijona — Espécie de tamanho médio, na Baía.

Raia pintada ou "N a r i n a r i" — *Stoasodon narinari.* Raia de tamanho médio, de corpo mais ou menos em paralelogramo, com bico saliente e duas abas ao lado da cauda; esta é um chicote fino e comprido, duas ou três

Raia pintada

vezes mais longo que o corpo e acha-se provida de dardos na base. O colorido é ardósia-escuro em cima, com grandes máculas redondas bem mais claras e do tamanho dos olhos; o lado ventral é branco. E' aliás espécie circuntropical e os maiores espécimens observados atingem 2 metros de envergadura.

Raia pintada — O mesmo que "M o t ô r o".

Raia prego — *Dayatis hastata.* E' bastante semelhante à "R a i a l i c h a", porém, a cauda é proporcionalmente menor, correspondendo apenas ao dobro do comprimento do corpo. O nome vulgar lhe foi dado por terem feição de prego, as numerosas placas ósseas, aguçadas, que cobrem a cauda. O ferrão da base é serrilhado como uma ponta de flecha.

Raia santa — *Raja agassizii;* veja-se sob: "R a i a - c h i t a".

Raia sapo — *Actobatus freminvillei.* Corpo em forma de losango, com as pontas das azas muito alongadas; a cauda filiforme, de comprimento igual a duas vezes o corpo, é provida de forte aguilhão serrilhado. Outra espécie semelhante, *Act. aquila* ocorre tanto aquí como no Mediterrâneo, onde foram capturados exemplares de 300 kls. de peso.

Rapazinho dos velhos — Na Amazônia êste nome compreende várias espécies de aves pequenas, da fam. *Bucconideos* (gênero *Bucco);* lá ainda lhes cabe a denominação indígena "M a c u r ú" ou "J u c u r ú". No Sul são conhecidos por "J o ã o B o b o" (veja êste).

(Rapelho) — Denominação portuguesa, mas não usada no Brasil, designando as "L a c r a i n h a s" ou "T e s o u r a s" (veja esta).

Raposa — (Carnívoro europeu, *Vulpes vulpes).* Entre nós, impropriamente, usa-se o mesmo nome para designar dois tipos de mamíferos bem diversos: as várias espécies menores do gên. *Canis* (veja-se "G r a c h a i m" e "R a p o s a d o c a m p o") e o "G a m b á". A tal qual parecença das nossas espécies com a raposa européia justifica, até certo ponto, a confusão dos nomes; mas o gambá e a raposa, zoologicamente tão diversos, só têm em comum a predileção de ambos pelas galinhas! Talvez o povo tenha ainda outros argumentos, que comprovem o parentesco dos dois animais, tanto que: "Filho de gambá é raposa" (pêga infantil e popular, citada por Amadeu Amaral sob "G a m b a", no livro "Dialeto Caipira"). Mas sabemos também da bôca do povo que "carangueijo peixe é, porque nada na maré". Pobre zoologia!

As modistas empregam largamente o têrmo "rénard", e portanto em português aquí também se diz "raposa escura" e "raposa azul"; só não apregoam: "raposa nacional" e muito menos "G r a c h a i m", cuja pele aliás, ultimamente, tem sido vendida em larga escala, como artigo de moda inferior; realmente o pêlo é áspero e pouco vistoso.

Raposa do campo — *Canideo, Canis vetulus;* assemelha-se bastante ao "G u a r a c h a i m", mas é um pouco menor, medindo o corpo 60 cms. e a cauda 35 a 40 cms.;

além disto a cabeça tem feitio diverso, devido a ser o focinho muito mais curto. O colorido é um tanto variável, mas predomina o seguinte: cinzento no lado superior, com mistura de amarelo, branco e preto; a cabeça é mais clara, principalmente na garganta, mas o mento é preto; o lado inferior, isto é o peito, a barriga e a parte interna das extremidades são cinzento-amarelados ou quasi ocre; a cauda também é amarelada, à exceção da ponta, que é preta; além disto caracteriza a espécie uma mancha preta na base da cauda. Não lhe cabe o nome "C a c h o r r o d o m a t o" no sentido restrito da palavra, porque vive nos campos; habita o Brasil central, isto é a zona não florestada ao sul do Amazônia até o sul de Minas e oeste de S. Paulo; daí para o Sul é substituido por outras espécies (veja "G u a r a c h a i m").

Rasga mortalha — Na Amazônia é o mesmo que "S u i n d a r a". Não sabemos explicar a origem da palavra, mas é claro que envolve idéia de mau agouro; os benefícios que nos prestam as corujas, e muito em especial a "S u i n d a r a", infelizmente são recompensados com preconceitos de todo infundados.

Ratão do banhado — Roedor do grupo dos *Histricomorphos*, fam. *Octodontideos*, *Myocastor coypus*. O corpo tem feitio de um enorme rato, mas pelas dimensões é quasi uma cotia, de pernas baixas e rabo de rato, quasi do comprimento do corpo, sendo que mede 45 a 55 cms. A côr nas costas é castanha, no ventre antes cinzenta; a ponta do nariz, os lábios e os longos pêlos dos bigodes são brancos; a orelha é pequena. Entre os dedos dos pés traseiros desenvolve-se forte membrana natatória, como nos gansos, o que indica a sua completa adaptação à vida aquática. E, de fato, o nosso ratão da água representa em nossa fauna o tipo do castor. Vive nas águas quietas dos rios e principalmente nos banhados em que abundem plantas aquáticas. No Brasil habita só os Estados do Sul, extendendo-se daí para a Argentina, onde lhe coube também o nome "N ú t r i a" denominação pela qual é conhecida principalmente a "l o n t r a" e, mais por esperteza comercial do que propriamente por analogia, também se vende sob igual nome a pele do ratão, que tem certo valor no comércio de artigos de modas. Antigamente a exportação dessas peles, obtidas nas repúblicas do Sul, atingia, se-

gundo Goeldi, a 3 milhões por ano. No Paraguai seu nome é "Quija", denominação esta que o Pe. Teschauer registra em suas Apostilas; por nossa parte, porém, nunca o ouvimos no Rio Grande do Sul e assim será têrmo usado só na fronteira.

Ultimamente se tem feito propaganda em favor da criação intensiva da nútria, para utilização da pele. E' coisa viável, conforme a região; mas no grande comércio

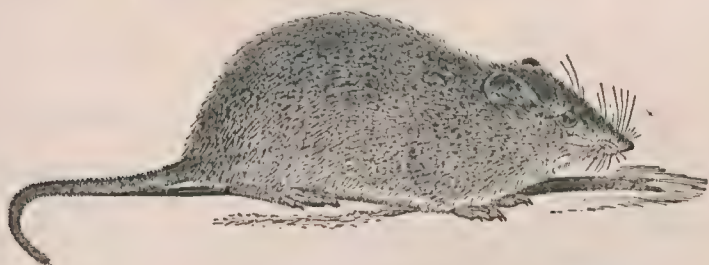
Ratão do banhado

de peles a cotação dêste artigo será sempre baixa e portanto pouco remuneradora a criação do bicho, cuja carne não é aproveitada.

Ratazana — ou "Rato rabo de couro" no Nordeste do Brasil, "Guabirú" no Ceará. Refere-se ao maior dos ratos caseiros, *Mus norvegicus* (antigamente *M. decumanus);* veja-se a diferenciação das várias espécies afins sob "Ratos caseiros". A ratazana é de origem asiática e foi mais ou menos no primeiro quartel do século XVIII que esta espécie invadiu a Europa, de onde se espalhou por todo o mundo, levada pelos navios. Nos Estados Unidos já foi assinalada em 1735, mas ainda um século depois não se havia afastado muito da região costeira. No Brasil o grande rato procedeu da mesma forma e, segundo testemunha o Dr. A. Neiva (Viagem científica), só há alguns decênios invadiu as habitações da região central da país, ocasionando as depredações costumeiras.

Rato — Na acepção ampla, abrange tôdas as espécies de roedores do grupo dos *Myomorphos*. As espécies importadas ("R a t o s c a s e i r o s") distinguem-se facilmente das indígenas por terem seus dentes molares três saliências, separadas entre si por sulcos transversais, regulares, ao passo que nos ratos do Novo Mundo (subfam. *Sygmodontineos)* os molares são sulcados obliqua-

Rato de casa

mente e em zig-zag (ou "sigma" grego). Ainda não foi possível organizar a lista completa dessas espécies da

Rato do mato

nossa fauna e que certamente ultrapassam uma centena. Veja-se também "R a t o d e e s p i n h o".

Rato boiadeiro — No centro de Goiaz é um rato indígena *Trichomys apereoides* que, aos poucos vai tomando hábitos de rato caseiro; também já foi assinalado com a mesma tendência de intruso, no Piauí.

Ratos caseiros — São três as espécies de ratos caseiros que se aclimataram no Brasil, como aliás em todo o mundo, constituindo praga não só daninha como, em certos casos, perigosa para a saúde pública. Está comprovado que qualquer destas espécies está sugeita à peste

bubônica, que em seguida é levada ao homem por intermédio das pulgas.

Mus norvegicus é a "R a t a z a n a"; seu corpo mede 20 cms. ou pouco mais e a cauda é sempre 1 ou 2 cms. mais curta que essa dimensão e contam-se no máximo 220 aneis na mesma; o colorido é bruno-avermelhado em cima, mais claro no lado inferior.

Mus rattus atinge no máximo 16 cms. de comprimento e a cauda é um pouco mais longa (19 cms.) e contamse nela 250 ou mais aneis; o colorido é uniforme bruno, quasi preto. Uma subespécie, *M. rattus alexandrinus* tem o lado ventral claro, branco-amarelado.

Rato caseiro

Mus musculus, o "C a m o n d o n g o", mede até 18 cms. ao todo, cabendo justamente a metade tanto ao corpo como à cauda; o colorido é uniforme, ardósia escuro.

Há porém um maior número de espécies indígenas que às vezes se acercam das habitações, principalmente na roça, onde também invadem os paiois.

A. Neiva assinala os seguintes nomes, "C a t i t a", "P u n a r é", "T u c u n a r é" e "R a t o b o i a d e i r o" para as espécies de ratos indígenas que aos poucos vão tomando hábitos caseiros na zona percorrida pelo ilustre cientista em sua viagem pela Baía e Goiaz. Na Paraíba chamam "R a t o S ã o J o s é" a uma espécie de tamanho médio, de côr clara, que se multiplica no paiol de milho. Não podemos dar a diferenciação de tôdas estas espécies que atingem uma centena ou mais, mas basta verificar o feitio característico dos dentes molares, como assinalámos linhas acima, para facilmente se poder distinguir os ratos indígenas das três espécies importadas.

Resta-nos dizer ainda alguma coisa com relação à extinção desta praga, que por tôda parte devemos com-

bater não só por motivos de higiene, como também em defesa de nossos haveres. Há monografias volumosas sobre a "Desratização". Transcrevemos apenas um parágrafo das "Conclusões" de uma delas e o leitor estará informado: "Não há método ideal para a destruição dos ratos. Na luta do homem *versus* rato qualquer estratagema serve, desde que mate; o mais importante é que sejam usados persistentemente pelo interessado e por seus visinhos". Gatos bons, rateiros, há bem poucos e sempre preferimos os pequenos cães de raça "foxterrier"; venenos eficazes há alguns (estriquinina, arsênico, fósforo, e drogas preparadas), mas o perigo que envolve a aquisição e a disseminação de drogas tão violentas nos seus efeitos, impede às vezes seu emprêgo em larga escala; mais aconselháveis são as várias armadilhas, geralmente conhecidas. Aplicados, simultaneamente, todos êstes meios, rapidamente o número de ratos decresce; é preciso, então dificultar-lhes a proliferação, arrumando constantemente os lugares onde possam permanecer quietos (porões, dispensas, palheiros, depositos de caixas, etc.) e assim, ainda que não se atinja a extinção completa, em todo caso evitam-se os grandes prejuizos. Várias vezes a bateriologia anunciou ter descoberto o gérmen que conseguiria levar a epidemia negra a tôda a família dos ratos. O *Bacillus typhi murium*, de Loeffler e o *Bacillo de Neumann*, durante algum tempo, foram empregados, em larga escala e um dêles, o de Neumann, parecia reunir todos os requisitos, mas... a prática não confirmou os resultados obtidos nos laboratórios, onde, em ambiente artificial, se verificava uma eficácia absoluta, de 100 por cento. A dificuldade bacteriológica está em se conseguir manter a alta virulência dos gérmens, quando êstes tendem justamente para um enfraquecimento tal, que os torna inofensivos ao organismo do rato.

Rato catita — Veja "C a t i t a".

Rato coró — O mesmo que "T o r ó" ou "R a t o d e e s p i n h o".

Rato de espinho — Conhecido também pelos nomes "S a u i á", "T o r ó", ou "C o r ó" e "C u r u á". Trata-se de roedores do feitio de ratos, porém pertencentes ao grupo dos *Hystricomorphos* e portanto mais chegados ao ouriço-cacheiro. Citamos êste em especial, para lembrar a afinidade que se manifesta na abundância de pêlos rijos ou cerdas. Os ratos de espinho pertencem à fam. *Echimyideos*, porém nem tôdas as espécies desta família têm

as tais cerdas. Os gêneros mais característicos são: *Echimys* e *Loncheres*. As espécies dêste último gênero são aborícolas, ao passo que os outros ratos de espinho preferem vida subterrânea e têm hábitos noturnos. O nome "T o r ó" é onomatopaico e a esta voz ligam-se lendas indígenas. No litoral paulista chamam-no "I m b u - c u r ú".

Rato rabo de couro — ou simplesmente "R a b o d e c o u r o". Denominação nortista da "R a t a z a n a".

Rato São José — Assim conhecido na Paraíba; veja sob "R a t o s c a s e i r o s".

Rato da taquara — Várias espécies de ratos do mato (e entre êstes principalmente o *Hesperomys flavescens*, no Rio Grande do Sul) que se multiplicam extraordinaria-

Rato do mato

mente durante o tempo da frutificação da taquara, a qual aliás só se repete cada 13 ou 20 anos. À abundância de alimento, representado pela semente da taquara e que se assemelha à do arroz, corresponde uma proliferação espantosa dos ratos. Não tarda porém o tempo das vacas magras... e todo aquele exército de roedores procura então alimentar-se à custa dos haveres acumulados nas fazendas. Em levas numerosíssimas, invadem as plantações e as tulhas, constituindo praga temporária apenas, mas que acarreta prejuizos avultados aos lavradores. E' parasito dêstes ratos o curioso coleóptero *Platysillus* (da família dos *Silphideos)*.

Realejo — Passarinho da fam. *Troglodytideos*, *Leucolepia musica* da Amazônia, pertence ao mesmo gênero do "U i r a p u r ú" do Alto Purús (o "M ú s i c o") e assemelha-se bastante à "C o r r u í r a". Seu canto é curiosíssimo: começa como o cantarolar alegre de uma criança,

depois passa a imitar o flautim, assobiando uma melodia suave; uma pausa — espera-se ancioso pela continuação da ária — mas, desenganando de todo o auditório, o passarinho termina com uns sons arrevezados, que Bates compara às últimas notas de um realejo sem fôlego.

Rêmora — Têrmo erudito, em vez do qual o povo prefere usar a denominação "P e g a d o r".

Renchenchão — ou regionalmente também "G r a ú n a", "M e l r o", ou "V i r a - b o s t a" (veja êstes). Pássaro grande, de 35 cms. de comprimento, da fam. *Icterideos, Cassidix oryzivora,* de plumagem preta com brilho azul, caracterizando-se o macho por ter penas alongadas na nuca. Prefere as árvores da borda do campo, onde vive em pequenos conjuntos de 4 a 6 aves.

Também é gaudério ou parasita, como outras espécies da mesma família, pois introduz seus ovos nas ninhadas do "J a p ú", do "C h e c h é u" e do "G u a c h e", isto é de outros *Icterideos* que constroem as conhecidas bolsas pendentes.

Rendeira, "M a r i a R e n d e i r a" ou "B i l r e i r a" — Passarinhos da Amazônia, pertencentes à fam. *Piprideos;* na linguagem indígena corresponde-lhes quasi como sinônimo, "U i r a p u r ú" (veja-se sob esta palavra, o que ficou dito com relação às espécies de colorido brilhante). Citaremos, de acôrdo com Goeldi: *Chiroxiphia pareola, Pipra* e *Chiromachaeris,* todos da fam. *Piprideos.* No Sul do país correspondem-lhes o "B a r b u d i n h o" e o "T a n g a r á".

Devemos acrescentar que em nosso Catálogo das Aves (H. e R. von Ihering, pag. 258) a denominação "R e n d e i r a", dada a *Arundinicola leucocephala,* nos parece, hoje, não estar bem documentada.

Ao nosso distinto amigo, o poeta Cleómenes Campos devemos a seguinte informação, que explica a origem das denominações, "R e n d e i r a" e "B i l r e i r a", dadas a êstes pássaros, no Nordeste do Brasil.

E' conhecida a habilidade com que as senhoras nortistas confeccionam as chamadas rendas de bilro; manejando rapidamente os fuzos, êstes se entrechocam e assim fazem ouvir estalidos sêcos, sucessivos; as rendeiras mais peritas conseguem movimentar os bilros tão repetidamen-

te que êstes se chocam várias vezes, quasi ao mesmo tempo, pelo que a melhor rendeira dá "pancada e meia". E' esta também a onomatopeia do estalido (tá-tatatatá) que o pássaro em questão faz ouvir, quando entretido em uma dansa, que o Sr. Cleómenes Campos observou em Sergipe. Junto a um tanque, na abóbada do arvoredo, reune-se um grupo de 10 a 15 "Maria Rendeiras" e enquanto uns sobem, outros descem e todos êles acompanham êstes saltos com estalidos, que correspondem perfeitamente às pancadas dos bilros.

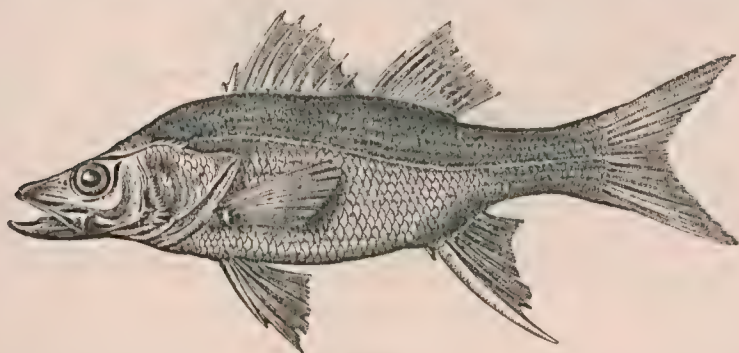
Ribaçã — Na Paraíba do Norte é esta a abreviação mais usada por "Pomba de arribação". Rodolpho Garcia registra, além disto, como formas penambucanas: "Rabaçã" e "Rebaçã", o que mostra, claramente, que a palavra é simples mutilação de (ar)-ribaçã-(o).

Ripina — Goeldi menciona êste nome para o gavião *Harpagus bidentatus*, de côr cinzenta, garganta branca e lado inferior vermelho ferrugíneo. O nome específico refere-se aos dois recortes, em forma de grandes dentes, que o bico tem na margem do maxilar superior. E' espécie do Norte; no Sul corresponde-lhe *H. diodon* (a mesma significação do nome específico em grego), cujo lado inferior é brancacento e só as pernas são avermelhadas. Não lhe conhecemos nome vulgar sulino.

(Roaz) — E' o nome europeu do cetáceo *Delphinideo, Tursiops*. Quando aplicado a espécie da nossa fauna, deve designar os "golfinhos".

Robafo — ou "Rubafo", em Mato Grosso, é o mesmo que "Traíra". Nas Apostilas do Pe. Teschauer (1914) lê-se "Rubago", provavelmente apenas erro tipográfico.

Robalo — Peixe do mar da fam. *Centropomideos*, gên. *Centropomus*. A espécie mais comum nos nossos mercados onde, com justa razão, é apregoado como de "primeiríssima", é *C. undecimalis*, que atinge um metro e pouco de comprimento (1^m,20), pesando até 15 quilos. Há mais umas quatro espécies do mesmo gênero, cuja distinção é difícil, baseada na contagem do número de raios da anal e das escamas da linha lateral. No Norte do Brasil, da Baía para cima, são conhecidos por "Camorim" e "Camuripeba". Não sabemos porque razão na esta-

tística do pescado de Maceió (Voz do Mar, Fevereiro 1927) figuram conjuntamente, na mesma lista: Camorim-assú... 14.495; — Robalo... 3.873; talvez êste último seja o "camorim robardo" da Paraíba. Para desovar, sobem os rios em procura de remansos ou lagôas, nos meses de inverno. A. Miranda Ribeiro encontrou-o em Cataguazes, em Minas e no rio Pomba, afluente do Paraíba. Procria nos meses de Maio a Julho, nas águas mortas dos lagos em comunicação com os rios. Relata o mesmo naturalista do Museu Nacional que viu dinamitarem

Robalo

um poço do rio Macaé, no que resultou ficar todo o remanso, numa superfície de mil metros quadrados, inteiramente branco de filhotes de robalo.

Em Portugal o mesmo têrmo refere-se a um peixe, porém de família diferente (gên. *Labrax).*

Rodovalho — Veja sob "L i n g u a d o".

Rodoleira — No Norte designam assim às "P i r a n h a s" escuras, pretas ou azuladas. Também têm igual nome, ou "R o d e l e i r o" os carrapatos, que os sergipanos pronunciam "R o d o l ê g o" (Cleómenes Campos).

Rôla — Pombas da fam. *Peristerideos,* a qual inclue também as "J u r u t í s"; diferem dos pombos verdadeiros por terem tarsos mais longos e pés maiores e mais fortes. As rôlas, propriamente ditas, distinguem-se por terem belas manchas metálicas nas azas. *Claravis pretiosa* é a "r ô l a a z u l", de colorido cinzento-azulado, com fronte e garganta esbranquiçada; mede 21 cms. de comprimento. A fêmea é bruna, com uropígio avermelhado e as manchas das coberteiras são castanhas e não roxo-escuras como no macho.

Pertencem ao mesmo gênero a "P a i r a r í" ou "P o m b a d e b a n d o".

Rôla — No Norte do Brasil foi registrada esta denominação (Dr. Costa Lima) para a praga do algodoeiro, mais conhecida por "B r o c a d a r a i z".

Rolinha — Várias espécies de rôlas pequenas do gên. *Columbigallina* (antigamente *Chamaepelia*). *C. talpacoti* tem vasta distribuição por tôda a América do Sul; mede

Rolinha

16 cms. de comprimento e o colorido é roxo-avermelhado; a cabeça é azul-cinzenta; as grandes coberteiras das azas têm manchas subapicais roxo-escuras. *C. passarina griseola*, no Norte, é mais pardacenta com lado ventral como que escamado.

Por tôda a parte, nos sítios e nas fazendas, as rolinhas gostam de associar-se ao trabalho do homem. Isoladas ou em pequenos bandos, percorrem os trilhos e as beiradas das roças e plantações. Quando ainda não foram muito perseguidas pelos caçadores, são confiantes e apenas procuram fugir apressando o passo ou escondendo-se nas moitas; mas por tôda a parte essa avezinha corpulenta e carnuda é apetecida, principalmente cosida no arroz. Sua voz é — gu-hú, gu-hú, repetido por longo tempo.

Roncador — Peixe do mar pertencente à fam. *Haemulídeos*, como as "C o r c o r o c a s", mas o "Roncador", *Conodon nobilis*, não tem a cavidade bucal colorida de vermelho, nem as nadadeiras dorsal e anal são providas de muitas escamas como naquelas; o preopérculo é fortemente aculeado; bôca pequena, com uma ordem de dentes cônicos maiores, isolados. A côr é amarelada, tendo

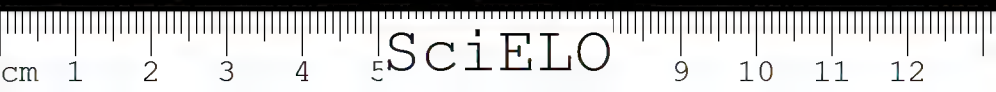
8 faixas triangulares verticais sobre o corpo. Atinge um palmo de comprimento. Seu nome indígena é "C o - r ó", pelo qual é conhecido no Nordeste.

Rôsca — Denominação dada a certas lagartas de mariposas da fam. *Noctuideos.* Passam o dia enterradas junto às plantas de que se alimentam e à noite saem para cortar as mudas, de hortaliças principalmente. O nome lhes vem do fato de se enrolarem como rôscas, quando se lhes toca ou aproxima um fóco de luz. O melhor meio de combater a praga é catar as lagartas de noite, munido de uma lanterna; em geral não são muito numerosas.

Rosquinha — Molusco *Prosobranchio,* da fam. *Trochideos, Tegula viridula,* que vive nas pedras. E' comestível. Em S. Catarina seu nome é "C ú d e g a l i n h a".

Rouxinol — Em Portugal é pássaro da família do "tordo" e do "melro". No Norte do Brasil designa um *Icterideo;* veja-se "S o f r ê".

Rouxinol do campo — O mesmo que "P o l í c i a i n g l e s a".

Rubafo — Veja-se sob "R o b a f o".

———o———

S

Saá ou "S a u á" — Símio dos Estados de São Paulo e Minas Gerais, que corresponde aos "J a p u s s á s" do Norte. E' o *Callicebus nigrifrons*, de pêlo longo, amarelo-rúivo, com extremidades pretas, bem como a fronte; o vértice porém é brancacento. Reunidos em bandos, fazem grande gritaria no mato, com voz muito mais forte do que seria de esperar de um animalzinho relativamente franzino. Um dêles começa a gritaria: á-á-á... e logo outros o secundam, desencontradamente e apressando o compasso; assim repetem sempre a mesma nota umas 20 vezes, terminando com um "finale prestissimo". Em falta de melhor tema, a caipirada mineira, rodeando a fogueira, às vezes imita êsse concerto... desencontrado e com tal perfeição que seria digna de melhor inspiração.

Sabão — Veja "B a d e j o s a b ã o".

Sabiá — As várias espécies de pássaros dêste nome, da fam. *Turdideos*, são, sem dúvida, os cantores (talvez diríamos melhor flautistas) mais apreciados da nossa fauna. Nem os amadores de viveiros, nem os poetas dispensam seu concurso lírico. Ainda sob êste ponto de vista devemos nos regosijar que o seu nome mais difundido seja êsse, o sulista e não o amazônico: "C a r a c h u é", que certamente não caberia bem nas boas rimas. Mencionaremos ainda que Fr. Dias da Rocha, do Ceará, escreve: a Sabiá vermelha, Sabiá branca etc.; e também Rod. Garcia afirma que o nome é do gênero feminino em Pernambuco e nos Estados vizinhos.

Os sabiás constroem seus ninhos com muito cuidado e bastante habilidade. O todo é uma simples tigela, que assenta sobre base sólida de uma forquilha adequada, em meio da folhagem de arbustos ou de laranjeiras. Como alicerce, o pássaro coloca vários travessões de ramos flexíveis, ligados por um concreto de barro. Nas paredes laterais, também barreadas, emprega raizes disfarçadas por musgo verde, formando êste o revestimento exterior; o interior é acolchoado com fibras de raizes finas e macias. Aí põe 4 ovos verdoengos, manchados e salpicados de vermelho-ferrugem. As ninhadas encontram-se de Setembro a Fevereiro.

Das 14 espécies brasileiras têm nome próprio as adiante mencionadas. Tanto em Santa Catarina como na região de Iguape do Est. de S. Paulo, anualmente, os sabiás descem a serra, quando o rigor do inverno os obriga a procurar clima mais ameno. Migrando em bandos, às vezes consideráveis e que seguem todos o mesmo trilho, pela mata, a população local aproveita a ocasião, para também aquí fazer a mesma caçada, contra a qual na Europa os legisladores durante tanto tempo se insurgiram inutilmente. À semelhança dos métodos empregados

Sabiá

outrora na Alemanha e talvez ainda hoje na Itália e na Hespanha, as míseras aves canoras são cercadas e apanhadas por meio de longas rêdes estendidas entre as árvores e nas quais se emaranham, principalmente de manhã e então são prontamente trucidadas por quem está de vigia.

O Dr. A. Neiva, que nos relatou minuciosamente os detalhes desta caçada, como é praticada na Ilha Comprida, teve ocasião de verificar quanto é amplo o comércio desta caça; os pássaros, depois de salgados, são negociados aos milhares, mesmo em Cananéa e Iguape.

Sabiá branco — *Turdus amaurochalinus*, de côr cinzento-azeitonada em cima, cinzenta no lado ventral, com garganta branca, estriada de bruno. Sua distribuição estende-se da Rep. Argentina até a Baía e o Maranhão.

Sabiá do campo — E' o nome da espécie mais conhecida por "S a b i á - p o c a".

Sabiá cica — Veja "P a p a g a i o s". *Triclaria cyanogaster*, de Santa Catarina ao Espírito Santo. Mede 28 cms. de comprimento. A côr é verde-clara, uniforme, só o macho tendo a barriga azul-roxa. As penas caudais têm ponta azul, porém as exteriores são inteiramente dessa côr, bem como a margem anterior das primeiras rêmiges da mão. O bico é amarelo. Sua voz não é a comum dos *Psittacideos*, mas é um assobio, semelhante aos dos pássaros canoros. No mato suas modulações lembram quasi as do sabiá, ainda que emitidas com menos arte e mais aspereza; no viveiro, porém, tenta imitar todos os outros companheiros, inclusive o canário.

Sabiá cocá — Talvez esta pronúncia sergipana corresponda à forma "S a b i á g o n g á" de Pernambuco.

Sabiá coleira — *Turdus albicollis*. A barriga é branca no meio, de côr castanha nos lados. Na garganta destaca-se, como "coleira", uma grande mancha semilunar, branca. Extende-se do Rio Grande do Sul até Minas.

Sabiá gongá — E' mencionado no Dic. Brasil. Pernambucano de Rod. Garcia, mas sem descrição que permita classificar a espécie. Nunca vimos o têrmo em outros autores.

Sabiá guassú — Veja "J a p a c a n i m".

Sabiá da lapa — *Turdus croptopezus*. Encontra-se só do Rio de Janeiro para o Norte, até a Baía e também no Perú. Pouco difere do "S a b i á b r a n c o".

Sabiá laranjeira ou "S a b i á p i r a n g a" — *Turdus rufiventris*. Distingue-se facilmente das espécies congêneres, por ter o peito e a barriga de côr vermelho-ferrugem. E' a espécie de maior renome e também a mais comum, mesmo perto das casas da roça ou nos subúrbios, desde que haja arvoredo. Reputam-no muitos como o nosso melhor cantor; outros põem-no em plano igual ao "S a b i á - u n a".

Sabiá piranga — O mesmo que "S a b i á l a r a n j e i r a".

Sabiá poca ou "S a b i á d o c a m p o" — E', como o "S a b i á d a p r a i a", um sabiá de cauda longa, da fam. *Mimideos*. Várias sub-espécies regionais representam a espécie típica, *Mimus saturninus*, em todo o Brasil. O colorido é bruno-cinzento nas costas; caracterizam-no ainda uma sobrancelha branca e as penas externas da cauda têm ponta branca. Não é propriamente um cantor,

mas, como o diz muito bem o indígena, no nome que lhe deu, apenas faz barulho *(póca)*. Vive de preferência nos campos ou na capoeira rala.

Sabiá da praia ou "S a b i á d a r e s t i n g a" — Não é propriamente um sabiá, mas pertence à fam. *Mimideos (Mimus lividus)*. A côr é cinzento-plúmbea nas costas, branca em baixo. Os exemplares novos são manchados no peito e mesmo depois de crescidos conservam ainda algum tempo essas manchas pardas. Habitam o litoral, do Rio de Janeiro ao Pará. São raros os bons cantores, que "soltem" a voz; êstes porém alcançam preço elevado entre os amadores.

Sabiá da restinga — O mesmo que "S a b i á d a p r a i a".

Sabiá-una — Pertence a fam. *Turdideos*, mas difere genericamente dos outros sabiás: *Platycichla flavipes*, aliás a única espécie brasileira do gênero. A côr geral é cinzenta, porém a cabeça, as azas e a cauda são pretas. As pernas e o bico são amarelos. Vive só nas matas do Rio Grande do Sul à Baía; em S. Paulo não se extende para o oeste da Capital. E' questão de gosto, decidir si o seu canto agrada mais que o do "l a r a n j e i r a". A nós, pessoalmente, impôs-se tal afirmativa, tendo ouvido um bando dêles, nas matas da Ribeira (subida da serra); mas quiz nos parecer que lá sua voz era excepcionalmente melodiosa.

Sabujá — Rato silvestre do Maranhão (segundo Frei Prazeres).

Sabitú — Mais usado no Norte do Brasil, por "I ç á - b i t ú". Veja sob "V i t ú".

Saburá — Na Amazônia é o mesmo que "S a m o r á" no Brasil meridional.

Saburú — Veja "S a g u i r ú".

Sacaíbóia — Na Amazônia êste nome indígena designa as mesmas espécies lá também chamadas "C o b r a s c i p ó".

Saca-saia — Denominação sob a qual Raimundo de Morais (Na Planície Amazônica) descreve longamente a formiga "C o r r e i ç ã o". Não sabemos si o têrmo tem divulgação geográfica apenas local ou si é de tôda a Amazônia. Explica o mesmo autor que as mulheres são obrigadas a tirar, a sacar a saia, quando as formigas lhes sobem pelas pernas — daí a curiosa denominação.

Sací — ou "Sem-fim", "Tempo quente", "Crispim", "Fem-fem" ou, na Amazônia, "Matinta-perera", ou "Sêde-sêde" ou "Sêco-fico", na Baía. Tôdas essas denominações são variantes onomatopáicas do assobio ou grito da ave da fam. *Cuculideos (Tapera naevia).* Sua côr é pardo-amarelada, com numerosas manchas escuras nas coberteiras das azas; a barriga é branca; o topete é mais avermelhado-bruno, com manchas claras e escuras; também a sobrancelha e a garganta são brancas. A voz do macho corresponde às notas mi-fa, esta última um pouco mais acentuada; parece antes uma exclamação tristonha do que um assobio e, após ligeira pausa, a ave repete sempre as mesmas notas, *ad infinitum* ou, positivamente, a qualquer hora do dia e durante a noite tôda, no tempo da procreação. A pronúncia é clara e diz, de fato, *sa-cí* ou *sem fim* ou em outras regiões, mais para o Norte *cris-pim* ou *fem-fem;* não sabemos se *matinta-perera* é também onomatopáico, na Amazônia.

Sací

Advertimos que é preciso levar em conta a confusão que há muito reina na literatura zoológica-popular entre esta espécie e *Dromoccoyx phasianellus,* o "Peixe frito" do Sul e cuja voz é: *Sacíjaterê,* o que corresponde a *Matin-taperê,* que é o nome desta ave.

Na opinião do povo, o Sací tem pacto com o "Coisa ruim"; e a prova é fácil de tirar. Vá um caçador acercar-se do sací, que esteja cantando escondido na capoeira. Guiado pela voz, êle se aproxima da árvore onde, indubitavelmente, deve estar pousada a ave. Mas, em lá chegando, percebe que se enganara e que o sací de fato se acha além, em outra árvore; lá também a não encontrará e, sempre errando, não conseguirá aproximar-se do sací. Aí está o começo da meada: o sací tem artes que só o "Corupira" ou "Caipora" lhe pode ter ensinado.

Várias lendas de origem indígena e cabocla ligavam-se, talvez a princípio, à própria ave, para depois o Sací ser considerado duende com encarnação própria. Consubstanciou-se assim em um negrinho, que tem apenas uma perna, fuma cachimbo e usa chapeuzinho vermelho. O sací — moleque endiabrado — já mereceu estudos especiais do ponto de vista folclorístico e basta mencionar Barbosa Rodrigues (An. Bibl. Nacional, 1890, vol. XIV) ou o concurso organizado pelo jornal — "Estado de S. Paulo" (veja-se Revista do Brasil, Novembro 1917).

Acrescentaremos aquí apenas um traço biológico, que, êste sim, é uma verdadeira molecagem do sací-ave. Para evitar os trabalhos que dão o chocar dos ovos e a criação dos filhotes, o Sací divide sua postura pelos ninhos de vários passarinhos, principalmente dos canários da terra e do "João Tenenem" *(Synallaxis spixi)*, passarinho êste que faz uma construção enorme, de quasi meio metro de diâmetro. Aproveitando a ausência do verdadeiro dono da casa, o sací introduz sorrateiramente um ou dois ovos seus, que aliás são inteiramente brancos e só um pouco maiores que os do senhorio (24 por 17 mms. contra 20 por 15 mms.).

Não se sabe como a grande ave consegue pôr o ovo no fundo dêsse ninho, cuja porta é demasiado estreita, para lhe permitir entrada direta. Também na Rep. Argentina foi observado êsse mesmo hábito gaudério do sací, mas lá, igualmente, ainda não foi verificado qual o estratagema que lhe facilita a proeza. O povo, ao que parece, ignora êste hábito parasitário do sací, ao passo que conhece muito bem o costume idêntico do "Chopim".

Sacuritá ou "Saguaritá" — Molusco *Prosobranchio* marinho, da fam. *Purpurideos (Purpura haemastoma)*, cuja carne é comestível e usada também como isca de espinhel. Há uma variedade maior, *Purpura haemastoma consul*, que na ilha de S. Sebastião tem o nome "Muçarate". Produz um líquido corante, que os praieiros às vezes aproveitam para tingir tecidos, como aliás na antiguidade os romanos e gregos também o faziam. As pequenas glândulas de púrpura acham-se abrigadas no manto e é preciso quebrar a concha e abrir o tecido envolvente, para extrair o líquido, aliás amarelo. Só depois de exposto à luz, o tecido, desenhado ou tingido com maior ou menor quantidade dessa secreção, toma a côr violeta tirante ao vermelho ou ao azul.

Para os romanos e gregos não havia côr mais nobre que a púrpura obtida dessa concha e com ela tingiam suas vestes mais preciosas; somente os abastados podiam usá-la, dado o preço elevado dessa substância corante. (Uma libra custava mil denários). Segundo a moda, variavam as cambiantes da côr, ora mais clara, avermelhada, ora violeta quasi roxa. Acrescentando a secreção de uma outra concha *(Murex)*, obtinham colorido mais ametista. A indústria dessa tinturaria fez com que se formassem verdadeiros "casqueiros", montes de conchas das duas espécies usadas, como ainda recentemente foram encontrados por ocasião de excavações em Roma. No Brasil não nos consta que o emprêgo dêsse corante tenha alcançado maior divulgação.

Saguá — Peixe do mar (Paranaguá), que às vezes aparece em quantidade regular no mercado.

Saguí — "S a g u i n" ou "S a u i m" e no Nordeste "S o i m" e na Amazônia "C h a u i m". Sob êstes nomes são abrangidas tôdas as espécies de símios da fam. *Hapalídeos* (veja-se a caracterização dêstes sob "S í m i o s"), a qual compreende os dois gêneros *Hapale* e *Mystax*, tendo as espécies do gên. *Hapale* cabeleira longa e, o que sobretudo as caracteriza, um tufo de pêlos longos, em forma de pincel, nas orelhas. Trata-se ao todo de cêrca de 25 espécies brasileiras, entre as quais o menor de todos os símios, *H. pygmaea* do alto Amazonas, cujo corpo mede 16 cms., exclusive a cauda de igual comprimento. O corpo dêsses miquinhos em geral parece mais volumoso do que é de fato, devido a ser o pêlo longo e denso; a cauda é sempre desproporcionadamente longa e, em algumas espécies, equivale a duas vezes o comprimento do corpo.

Suas formas são graciosas; o pêlo é macio e sedoso; o colorido, em geral bruno ou preto, quasi sempre salpicado de branco, em algumas espécies é variegado, devido a ornatos vermelhos ou brancos, muito característicos, formando estrela na testa ou bigodes alvos. Não damos aquí a classificação do que denominam "S a g u í d e b i g o d e s", "S a g u í p r e t o", "S a g u í b r a n c o", porque são apelidos locais, que variam muito e podem ser aplicados a diversas espécies.

O saguí, que mais frequentemente aparece à venda nos mercados, é a espécie baiana, *Callithrix (Hapale) jachus*, cujo pêlo tem mescla de preto, branco e ferrugíneo, do que resulta, em conjunto, um colorido geral bruno-

sujo; a cauda é anelada; o pincel das orelhas é alvo e de igual côr é uma estrela no meio da testa. Outra espécie, do Rio de Janeiro e Minas Gerais, *H. penicillatus* é todo êle bem mais escuro e o próprio pincel auricular é bruno, quasi preto.

O saguí de S. Paulo, *H. auritus*, é quasi preto, tem costas bruno-amareladas, pincel branco e cauda parda-

Saguís

centa com aneis pretos; a malha da testa é branco-amarelada. O maior número de espécies encontra-se na Amazônia, ao passo que no sul do Brasil há só bem poucas, coincidindo seu limite meridional mais ou menos com o da região tropical.

O gênero *Mystax* caracteriza-se por ser o canino inferior mais longo.

O "S a g u í p i r a n g a" *(Leontocebus rosalia)* tem uma sorte de juba, que envolve o pescoço e também parte dos ombros. (Veja a seguir).

Sendo tão grande o número de saguís que constantemente é exportado, principalmente da Baía, de onde raramente parte um transatlântico que não leve alguns ou muitos dêstes bichinhos, é evidente que os caçadores devem ter inventado um processo fácil de apanhá-los vivos, mormente como em geral são vendidos, em primeira mão, por bem pouco dinheiro. De fato, como nô-lo relatou o Dr. A. Neiva, no Recôncavo da Baía a caçada por meio do "munzuá", é fácil e rendosa. Consiste a armadilha em uma espécie de côvo, colocado a pouca altura na mata, preso a estacas e tendo no fundo algum engôdo, principalmente frutas. A princípio os saguís examinam apenas a armadilha por fora; depois são os mais novos que entram e por último também os mais velhos se deixam tentar. Quando, por fim, o "munzuá" está cheio, aparece o caçador, para levar os prisioneiros; assiste-se então a uma cena enternecedora: os saguís que ainda não haviam entrado no côvo, acompanham, quasi de perto, pela mata, seus infelizes companheiros, cuja desdita lastimam, assobiando e guinchando aflitos.

Já o príncipe Wied mencionara tal modo de apanhar êsses pequenos símios e Brehm não tem razão quando põe em dúvida a veracidade do fato.

Em francês o nome dos saguís é "Uistité", que aliás parece ser puramente onomatopáico, o que não exclue sua possível origem americana, da Guiana talvez.

Saguí piranga ou "S a g u í a m a r e l o" — E' do gênero *Leontocebus* (caracterizado acima), *L. rosalia*. Como o dizem os nomes vulgares, o colorido é amarelo, avermelhado, tendo mesmo um tom alaranjado mais escuro na cabeça e no corpo anterior; além disso ornam a cabeça algumas mechas escuras; a juba é bem caracterizada e o animalzinho, quando irritado, levanta-a como si quizesse atemorizar o importuno. Habita as matas da zona litoral do Rio de Janeiro até o sul da Baía; no mercado de bichos vivos, na Europa, é um dos favoritos entre os símios menores. Buffon atribuiu a esta espécie o nome vulgar "Marikina", o que porém não confere com o que anotamos sob "M i r i q u i n a".

Saguirú ou "S a g u i r a" ou "S a b u r ú" no Nordeste e "P i a b u s s ú". Abrange diversos peixinhos da água doce, do gênero *Curimatus*, bastante semelhantes aos lambarís e como êstes pertencentes à mesma família, *Characideos*, porém de outra subfamília, *Curimatineos*. Distingue-os, desde logo, a completa ausência de dentes,

o que os obriga a se alimentarem de lôdo; são portanto, como seus parentes mais próximos, os "C o r u m b a t á s", pescado de ínfima qualidade, porque sua carne adquire o sabor da vasa. Em Minas Gerais são conhecidos por "L a m b a r í b o c a r r a". Às vezes, porém, rivalizam quasi com os lambarís, em quantidade e assim têm valor econômico, como farto alimento dos peixes carnívoros maiores.

Cabe aquí uma advertência a quem atender à formação do nome genérico dêstes peixes. Evidentemente a palavra *Curimatus* é a latinização do nome indígena "curimatã", confusão a que o velho zoólogo Oken foi levado por alguma troca de rótulos. Isto, porém, não invalida o nome em sistemática; apenas impressiona mal a nós outros, que conhecemos a origem do vocábulo, sem que contudo tal nos autorize a desrespeitar as regras da nomenclatura.

Saí — São numerosos os passarinhos da nossa avifauna a que cabe êsse nome por assim dizer genérico:

Saí

além do feitio geral das espécies da fam. *Coerebideos* (cabeça pequena com bico longo, fino, terminado em ponta aguçada e algum tanto encurvada para baixo) o caráter essencial é seu colorido brilhante, ainda que nem sempre variegado.

Os gêneros *Dacnis* e *Cyanerpes* da mencionada família, são os mais legítimos representantes dos "Saís". *Dacnis cayana* é o "S a í a z u l", porém só o macho é dessa côr, azul-clara e a fronte e a garganta são pretas; a fêmea, porém é verde.

Ateleodacnis speciosa, pertence à fam. *Mniotiltideos*, porém, de feitio muito semelhante à espécie precedente; é azul, com o traseiro castanho. Ambos têm vasta distribuição pelo Brasil. Um saí da Amazônia *(Dacnis angelica)* é esverdeado, com lado ventral branco-isabel e encontro das azas ligeiramente amarelo. Heterogêneos, pois, quanto ao colorido, os Saís têm no entanto uma particularidade que lhes é comum: todos êles sabem descobrir, antes do dono do pomar, quais as frutas saborosas que já amadureceram! Neste particular porém as "S a í r a s" nada lhes ficam a dever.

Saí-assú — Na Amazônia, segundo Goedi (Album de Aves Amaz.) têm êste nome os pássaros conhecidos no Sul por "S a n h a s s ú".

Saíarara — Veja sob "C a í a r a r a".

Saicanga — O mesmo que "P e i x e - c a c h o r r o".

Saijé — Veja "S a i p é".

Saipé — Segundo Alvares Rubião é em Minas Gerais o nome de uma variedade de "D o u r a d o" ou da "T a b a r a n a". Sem dúvida, porém, designa apenas uma fase menos desenvolvida daquelas espécies. E' têrmo usado também em Goiaz. A grafia "S a i j é", que só vimos no *Livro de Pesca* de Henrique Silva, poderá talvez correr por conta de lapso tipográfico. Mas também O. Monte (Alm. Agr. Bras. 1926) escreve "S a i j é", dizendo ser uma "Pirajuba, quando de um amarelo desmaiado, com linhas escuras, horizontais". Ouvimos o mesmo têrmo saipé, também no rio Sorocaba (talvez, porém, de importação mineira).

Saíra — Passarinho da fam. *Tanagrideos*, do gên. *Calospiza*. Representando um meio têrmo entre os "G a t u r a m o s" e os "S a n h a s s o s", excedem em muito a todos pela beleza das côres. Há em nossa fauna cêrca de 25 espécies de "S a í r a s", quasi tôdas elas de colorido variegado. Assim a "S a í r a v e r d e" (*Calospiza thoraxica)* cujo dorso é desta côr, tem no entanto a fronte e a garganta pretas, o pescoço anterior é amarelo e o lado ventral amarelo esverdeado. A "S a í r a a m a r e l a"

(Cal. flava) tem de fato o lado dorsal amarelo, porém as azas são verdes e a garganta e o peito são pretos. Na "Saíra militar" *(C. festiva)* as côres são ainda mais variadas; predomina o verde, porém o vértice e a garganta são azuis, a fronte e o dorso pretos e a nuca é vermelha. Finalmente a "Saíra de sete côres" *(Cal. tricolor)* é realmente um pano de amostra das mais variadas nuances: a cabeça verde, o dorso preto na parte anterior e côr de laranja para trás, passando depois ao verde; dessa côr é a barriga, ao passo que o peito é azul. Na Amazônia, em vez desta espécie, ocorre outra igualmente chamada "Sete côres" *(Cal. yeni)* semelhante à precedente, porém com o dorso posterior vermelho escarlate.

Vimos certa vez uma coleção viva, quasi completa, das espécies brasileiras de Saíras. Dificilmente se poderá imaginar quadro mais lindo; nem mesmo uma coleção de beija-flores vivos, si fosse possível organizá-la, cremos nós, impressionaria tanto. Há qualquer coisa de muito atraente no vôo e no modo como as Saíras sabem exibir suas côres. Em plena natureza tivemos impressão análoga em um pomar da Raiz da Serra (Cubatão), onde coexistem 5 espécies. Mas neste caso uma consideração de ordem econômica turva a satisfação estética: são daninhos êstes pássaros tão lindos. Em vez de comerem cada um as frutas que lhes bastem para saciar a fome, as saíras estragam quantidade muito superior às suas necessidades, bicando, irrequietos, ora aquí, ora acolá e assim os prejuizos causados às vezes são avultados. Em tais casos, naturalmente, o agricultor se vê obrigado a defender sua lavoura. Aliás são bem poucas as aves nocivas como estas.

Saitauá — Espécie de mico da Amazônia, *Cebus flavus*, que vive em grandes magotes. E' um mico, ou como se diz na Amazônia, um "macaco prego", de côr mais clara.

Sajú — Parece designar várias espécies de símios menores. Não temos documentação zoológica para a identificação, porém o nome, várias vezes encontrado na literatura regional, permite facilmente a seguinte explicação etimológica: *Saá-jú*, isto é, símio amarelo.

Salamanta — Por êste nome é conhecida, no Norte (Alagôas e Amazônia) uma cobra que o povo teme como perigosíssima. Assim Aff. Brandão, em "Viçosa de Alagôas", pag. 191, diz que a Salamanta é uma cobra seme-

lhante à jibóia, com que é confundida, mas com veneno que rivaliza com o da cascavel. Outros escritores servem-se do vocábulo quando querem enumerar uma série de animais peçonhentos. A própria etimologia parece indicar confusão com a salamandra (anfíbio europeu inofensivo, mas de má reputação entre o povo). Ao etimólogo lembramos que Moraes registra a forma "Salamântiga", que estabelece fácil transição. Há quem escreva também "S a l a m a n t r a".

J. Fl. Gomes identificou a Salamanta dos Nortistas com *Epicrates cenchris* (veja sob "J i b ó i a v e r m e l h a") e assim também o confirmou Afr. Amaral, ao passo que A. Neiva a identifica com *Xenodon merremi* (veja "B o i p e v a"). Provavelmente ambos têm razão, por se tratar de nome cuja acepção é ampla, mal definida. Mas as duas interpretações referem-se a cobras destituidas de veneno.

Salema — Peixes do mar, da mesma família *Haemulídeos* a que também pertencem as "C o r c o r o c a s", mas estas têm vivo colorido vermelho na cavidade bucal e os raios da nadadeira anal são em número de 8, ao passo que nas "salemas" a bôca não tem aquele colorido, e a nadadeira anal tem 11 raios, sendo os 3 primeiros mais longos e fortes. Seu nome científico é *Anisotremus virginicus;* cresce até 30 cms. e além de duas faixas negras verticais entre o olho e a dorsal, há 7 ou 8 listas amarelas longitudinais sobre fundo azulado. E' de tôda a costa atlântica, bastante frequente, mas pouco apreciado. Em Portugal o mesmo nome designa várias espécies.

Ao mesmo gênero pertence o "S a r g o d e b e i ç o".

Salema feiticeira — Veja-se sob "C a s t a n h e t a".

Salmonete — Peixe do mar da fam. *Mullídeos;* em Portugal espécies congêneres têm o mesmo nome. Atinge apenas 15 ou 20 cms. de comprimento; o colorido é róseo ou coralino.

No Brasil o salmonete, *Mullus surmuletus,* desempenha papel insignificante no mercado; por ser peixe do fundo, é antes raro. Na Europa, principalmente no apogeu dos romanos, *Mullus,* era tido em alta conta e fazia-se questão capital de conservar-lhe a linda côr róseo-purpúrea, para que realçasse entre as iguarias do banquete.

Em Pernambuco os pescadores distinguem o Salmonete "do alto" (isto é do alto mar), com barba, do "Salmonete de côroa" (águas rasas) sem barba. De fato, caracteriza a fam. *Mullideos* a presença de um par de barbilhões mentais, carnudos, mais ou menos desenvolvidos; no gênero *Mulloides* êsses barbilhões são curtos e daí a alcunha "sem barba". Veja-se também a denominação indígena "P i r a m e t a r a".

Como documentação bastante curiosa e que ultrapassa o exemplo que à pag. 11 havíamos citado a propósito do estropeamento a que estão sugeitos os vocábulos da zoologia popular, lembraremos que o Conde F. de Castelnau registrou o nome dêste peixe como "S e r n a m b u l e t a"; nós mesmos ainda pudemos ouvir "S a r a m o n e t e", da bôca de praieiros pernambucanos.

Salta-martim — Designa especialmente os Coleópteros da fam. *Elaterideos*, besouros que, estando deitados de costa e não podendo virar o corpo de modo mais simples, o fazem da seguinte forma: dobram a cabeça para trás, para formar ângulo obtuso com o resto do corpo, e por um movimento brusco, comparável ao efeito de uma mola, entesam o corpo, do que resulta saltar o besouro a uma altura às vezes considerável. Auxilia além disto a manobra a ponta acuminada do protórax, que se encaixa no mesotórax. Muitos *Elaterideos* são vagalumes, cuja fosforescência se acha localizada em duas intumescencias do protórax. As lagartas de algumas espécies são carnívoras, caçando insetos menores; outras estragam as raizes de gramíneas e tornam-se nocivas à agricultura.

Salta-martim

Saltão — Em geral o povo designa assim a maior parte das larvas de insetos, quando ápodes e brancas. Mas a origem do nome provém daquelas larvas de moscas que efetivamente dão saltos; os saltões por excelência são as larvas da mosca cosmopólita, *Piophila casei*, que se desenvolve no queijo. Na Baía o povo designa pelo mesmo nome as larvas dos pernilongos.

Igual nome cabe também às formas jovens dos gafanhotos, isto é enquanto são ápteras e só se locomovem saltando.

Saltão da praia — Pequenos crustáceos da ordem dos *Amphipodes*, cujo representante mais conhecido é a espécie que habita as praias marítimas; mede apenas 1 centímetro de comprimento, o corpo é branco e o 1.º par de pernas tem uma dilatação que funciona como pá, quando o saltão quer se enterrar na areia; é difícil de pegar, porque salta muito rápido. Outras espécies vivem sobre plantas aquáticas.

Saltão da praia

Samanguaiá — Assim grafou A. Miranda Ribeiro e talvez em sua forma mais etimológica, o nome do molusco que registrámos sob "S i m a g u a i á", como o ouvimos dos praieiros de Santos e S. Sebastião. O radical inicial talvez derive de "sambá" ou seja "concha" em geral.

(Sambá) — Marisco em tupí (veja X. Marques: Praieiros); igualmente "Tambá". Explica a origem da palavra "Sambaquí", isto é os grandes depósitos de conchas à beira-mar, também chamados "Ostreiras". Confronte-se também "T a m p a f o l i s", nome de um molusco, em que provavelmente "tampá" é corruptela de "sambá" (concha). Outro exemplo da substituição da vogal inicial *(T por S)* temos em "T a p u s s ú" e também "S a p i n h a g u á" pode estar ligado ao mesmo radical.

Samba-caçote — Registrado por R. Garcia como "pequeno peixe do rio", em Pernambuco. Como "C a ç o t e" designa os sapos pequenos ou talvez os cabeçudos ou girinos.

Sambetara — Veja sob "B e t a r a".

Sambichuca — Veja sob "S a m i x u n g a" ou seja, corruptela de "S a n g u e s u g a".

Samborá — Assim Th. Sampaio grafa, na forma tupí, o mesmo vocábulo que em S. Paulo os caipiras pronunciam claramente "S a m ó r a"; veja-se também "S a - b u r á".

Sambuio — Peixe do mar da Baía que segundo Alm. Camara é peixe bem largo, de forma elítica; o corpo é branco, listado de amarelo e as costas são escuras. Vive na lama. Cresce até 25 cms. Em Itaparica, onde é conhecido por "S a m b u l h o", só o admitem ao mercado com o tamanho mínimo de 15 cms.

Segundo outras informações é o nome indígena equivalente à denominação "P e i x e F r a d e" (veja sob "P a r ú d a p e d r a").

Samixunga — Em Minas Gerais é o mesmo que "S a n g u e - s u g a"; também no Rio Grande do Sul a corruptela "S a m i s s u g a" ou "C h a m i c h u n g a" é mais corrente do que a dicção vernácula. Em S. Paulo: "S a m b i c h u c a".

Samóra — Na Amazônia a pronúncia é "S a b u r á" e em tupí puro: "S a m b o r á" (ou também *teborá* ou *heborá* em guaraní). E' a mistura de polem com mel, que as abelhas indígenas *(Meliponideos)* armazenam em potes especiais. Antes que a rainha ponha o ovo na célula, as obreiras aí colocam certa quantidade dessa samóra, que será a ração suficiente para que a larva se alimente até transformar-se em ninfa. Em estando a célula provida de samóra e ovo, as obreiras fecham-na com a tampa de cera, que só o inseto desenvolvido irá abrir, quando, depois de ter completado tôda a metamorfose, tiver de abandonar a célula em que se criou.

Sanã — ou "A ç a n ã", por "J a ç a n ã".

Sangue de boi — O mesmo que "T i é - s a n g u e" ou "T i é - f o g o".

Sangue-suga — ou "C h a m i c h u n g a", corruptela muito generalizada no Rio Grande do Sul, ou "S a m i x u n g a" em Minas Gerais. São vermes *Annelidos*, compreendendo tôda a ordem dos *Hirudineos*, que se caracterizam da seguinte forma: corpo achatado, sem cerdas, com segmentação externa representada por numerosos aneis; acha-se provido de ventosas tanto na bôca como na extremidade posterior. Utilizando-se dessas ventosas para a locomoção, as sangue-sugas caminham lentamente pelo mesmo sistema dos "M e d e - p a l m o s". Subdividem-se em duas famílias principais: *Gnathobdellideos*, cuja bôca é provida de três lâminas maxilares, serrilhadas nos bordos, com as quais o verme faz incisões na pele da vítima, para poder sugar o sangue; *Glossosiphoniideos*, providos de tromba retrátil. Só poucas espécies da nossa fauna são ectoparasitos temporários dos mamíferos e mais vertebrados aquáticos; há muitas que se alimentam apenas de moluscos, vermes e larvas e outras nem mesmo vivem na água, porém entre a folhagem úmida das matas. Mas, certamente são as espécies

hematófagas que mais interessam ao homem, porque, nas regiões onde abundam, constituem verdadeiro flagelo para a criação. A sangue-suga vulgarmente conhecida por "bichas" *(Hirudo medicinalis)* é européia e não existe em nossa fauna. E' famosa a gigantesca espécie amazônica *Haementeria ghilianii*, que atinge 19 cms. de comprimento por 10 cms. de largura (Goeldi); outras espécies do mesmo gênero, muito menores, são frequentes nas águas paradas, lagôas e charcos do Sul do Brasil e sugam o sangue do homem e de outros vertebrados.

Sangue-suga

No Rio Grande do Sul há pastagens em que, devido à abundância de chamichungas, como lá diz o povo, a cavalhada não prospera, ao passo que o gado vacum aí mesmo se apresenta bem nutrido, por não ser atacado pelas sangue-sugas.

Sanhá — Na Baía designa várias espécies de pássaros da fam. *Tanagrideos*. E' curioso não ter êste têrmo se conservado em outros Estados, onde hoje só se usa o aumentativo "Sanhá-assú" ou, por contração "Sanhasso".

Sanharão ou "Sanharó" — Abelha social da fam. *Meliponideos, Trigona silvestriana* Vach, de 9 a 11 mms. de comprimento, uniformemente preta, reluzente e azas em geral muito retintas. Pelo aspeto geral pouco difere, pois, da "Irapoã", que porém, é bem menor. E' abelha notoriamente agressiva, que nidifica em troncos ôcos; o nome não presta, porque o "Sanharão" é "sujo", isto é frequenta também matéria orgânica em decomposição.

Sanhasso — ou "Sanhassú" ou, como se diz na Amazônia: "Saí-assú" ou "Assanhasso" em Sergipe. São as várias espécies de passarinhos da fam. *Tanagrideos*, do gênero *Tanagra*. Representam, pelo feitio e tamanho, um meio têrmo entre as pequenas "Saíras" e os grandes "Tiés". O colorido do corpo é mais ou menos uniforme, variável segundo a espécie; é nas azas que aparecem os enfeites de outras côres.

Assim *Tanagra cyanoptera* é azul-cinzenta, mais esverdeada em cima; os encontros das azas são azul-claros. O "S a n h a s s o d e e n c o n t r o" *(T. ornata)* é verde em cima, com a cabeça e o peito azuis; nos encontros destaca-se uma mancha amarela. O "S a n h a s s o d o s c o q u e i r o s" é verde-cinzento com vértice verde-claro e uma faixa brancacenta nas azas; o dorso e a cauda são pardo-escuros. Esta espécie, *T. palmarum*, encontra-se, de fato, frequentemente sobre palmeiras.

Sanhasso de fogo — Verifica-se por êste nome que a significação dos vocábulos "S a n h a s s o" e "S a í r a" não têm delimitação certa. A presente espécie *(Pyranga saira)* pelo colorido seria antes uma saíra, como aliás parece ser denominada na Baía. O macho é de linda côr vermelho-cochonilha; a fêmea é verde-azeitonada no dorso, amarela no lado ventral. (Não confundir com o "T i é - s a n g u e" ou "T i é - f o g o").

Sanhasso frade — Veja sob "A z u l ã o".

Sanhoá — Peixe do mar do Rio Grande do Norte. Deve ser espécie bem conhecida, pois em certos meses figura na estatística do pescado como contribuindo com quantidade igual à da pescada e da cavala. Talvez seja sinônimo da "C a í c a n h a", *Genyatremus luteus.*

Santola — Crustáceo decápode braquiuro, da fam. *Pericerideos*, gênero *Mithrax;* atinge grandes dimensões (até meio metro, com os braços abertos); é comestível. O corpo é todo recoberto de numerosos tubérculos, que lhe dão aspeto característico. *M. hispidus* é a espécie mais comum. O vocábulo, muito provavelmente nos vem do nome português "Centola", que designa o *Cancer pagurus*, extranho à nossa fauna e que em Portugal é tão apreciado como a lagosta. Não há, porém maior semelhança entre êsse caranguejo e as nossas "S a n t o l a s", a não ser os caracteres comuns a todos os crustáceos.

Sapé — Em Pernambuco esta denominação abrange evidentemente dois peixes muito diversos.

A palavra "S a p é" representa a contração de "G r a s s a p é", isto é "G u a r a ç a p é", ou seja "G u a r a ç a p e m a" como registrámos e corresponde à denominação que o índio dava ao "D o u r a d o" do mar.

Mas por "Sapé" são conhecidos, hoje em Recife as várias espécies do fam. *Serranideos* (veja "P i r a ú n a" e "M a r i q u i t a"). Os pescadores distinguem 3 qualidades: "Sapé encarnado", "pintado" e "preto"; mas

afirmam também que longe da costa êsses peixes são mais encarnados, ao passo que no litoral e nas águas de dentro são pretos. São considerados peixes de 5.ª classe.

Sapinhaguá — E', segundo L. Travassos, em Angra dos Reis um molusco comestível (talvez semelhante ao berbigão). O povo emprega o verbo "sambucar" quando se refere ao trabalho de ferver o sapinhaguá e tirar o molusco da casca.

Sapipoca — No município de Mogí-Guassú (S. Paulo) é êste o nome dado ao "M a n d í b r a n c o".

Sapo — Na linguagem popular, êste vocábulo adquiriu extensão zoológica mais ou menos equivalente a de

Sapo

Batráquio em geral. Convém-lhe, porém, de fato a acepção mais restrita, designando os batráquios que têm por tipo o gênero *Bufo*. O francês, o alemão e o inglês, não confundem "*Crapaud*", *Kröte*" e "*Toad*", com "*Grenouille*", "*Frosch*" ou "*Frog*". Em Portugal, igualmente, o povo distingue corretamente os "S a p o s" das "R ã s" e além disto lá se usa correntemente "Réla" ou "Raineta", para designar as espécies arborícolas. Êstes dois últimos vocábulos não foram incorporados à linguagem brasileira; usamos porém seu equivalente de origem indígena, "P e r e r e c a", que, no Brasil meridional pelo menos, é muito usado. Devemos, pois, empregar: "S a p o" para designar os batráquios desdentados, terrícolas, das famílias *Bufonideos* e *Pipideos;* (correspondem-lhe as denominações indígenas "X u é" na Amazônia e "C u r u r ú" no Nordeste); "Rã" deve designar as espécies que têm

seu refúgio costumeiro na água (fam. *Ranideos, Engystomideos* e *Cystignathideos* e que são "G i a s" para os nortistas. (Veja-se também sob "C u r u r ú"). Finalmente, os batráquios arborícolas e que facilmente se distinguem pela dilatação da ponta dos dedos em forma de ventosa, pertencentes às famílias *Hylideos* e *Dendrobatideos,* devem ser designados pela denominação própria: "P e r e r e c a" no Brasil meridional ou "C a ç o t e" no Nordeste, ou usando os vocábulos portugueses: "Réla" ou "Raineta". Na acepção restrita, zoologicamente exata, "S a p o" designa apenas os batráquios da fam. *Bufonideos,* representada em nossa fauna somente pelo gênero *Bufo,* que por sua vez abrange várias espécies, das quais porém a mais comum em todo o Brasil é *Bufo marinus.*

Evolução do girino

Seu corpo abrutalhado pode atingir 22 cms. de comprimento, sem contar as patas grossas, relativamente grandes. Os indivíduos adultos são de colorido escuro e as verrugas que cobrem o corpo do macho, são guarnecidas de pontas córneas. Enquanto novos, seu colorido é bastante variado; numerosas manchas maiores e menores, umas simétricas, outras irregularmente espalhadas pelo corpo, bem como faixas transversais sobre as pernas, caracterizam a espécie. Como anfíbio, no verdadeiro sentido da palavra, vive tão bem em terra como na água. Nesta a fêmea deposita seus longos cordões de albumina, que chegam a conter muitos milhares de ovos, ou segundo A. Miranda Ribeiro, 32.000 aproximadamente, atingindo os cordões ovíferos oito metros de comprimento.

Em terra, conforme a ocasião, o sapo refugia-se em lugares sombrios ou, atraido pela chuva, vem para os descampados e à noite cuida ativamente da sua caçada. Ou porque o fascine a iluminação ou por saber que esta atrai numerosos insetos, o sapo gosta de frequentar as

ruas das pequenas vilas e cidades. Seu modo de locomoção é de preferência o pulo ou então a marcha, como que gatinhando.

Vejamos agora o que o povo diz dos sapos e qual é, de fato, seu papel na natureza. A prevenção do povo contra todos os batráquios não tem propriamente razão de ser. Os dois argumentos invocados são êstes: a fealdade e o receio que inspira seu veneno. De fato, os grandes sapos do gênero *Bufo* possuem numerosas glândulas de veneno, que encerram líquido espêsso, leitoso, veneno extremamente ativo. Quasi todos os representantes da escala zoológica são sensíveis a êste tóxico e o próprio sapo sucumbe a uma dose 300 vezes menor à quantidade de veneno que êle próprio fornece. Contudo é preciso explicar que o sapo, por si só, é incapaz de se utilizar dêsse veneno terrível como arma de ataque e isto pela razão muito simples de não poder êle, em condições comuns, lançar a distância o seu veneno. Êste apenas surge dos póros, quando for exercida certa pressão sobre as parótidas; então o líquido pode ser projetado até quasi meio metro de distância. Assim o veneno é um elemento de defesa que só se torna útil quando o sapo fôr mordido pelo inimigo.

À vista disto e como os batráquios não nos atacam, nem procuram fazer-nos mal, êsse líquido, causticante apenas para a pele, nem mesmo impede que seguremos os sapos com a mão. Compreende-se que os sapos adquirissem essa defesa em compensação dos dentes que se atrofiaram. Aliás nenhum batráquio procura aplicar seus dentes (quando os tem) a não ser para abocanhar vermes, insetos e larvas, de que todos se alimentam. Devido à boa compreensão dêste seu papel de perseguidor dos inúmeros pequenos malfeitores das hortas, o batráquio já começa a gozar de boa fama entre a gente sensata, que não se deixa influir por crendices e que procura observar os fatos. Por isso, hoje em dia, os hortelões europeus já procuram aumentar-lhes o número, em vez de matá-los. E como os hábitos dos sapos são por assim dizer estritamente noturnos, podemos aproveitar os benefícios de seu trabalho, sem que nos assustem; durante o dia é raríssimo surgirem dos seus esconderijos e nisto fazem bem porque si nos aparecem inesperadamente, atravessando aos pulos nosso caminho, em verdade justificam a antipatia gratuita que sua fealdade inspirou.

Sapo cunauarú — Veja "C u n a u a r ú".

Sapo cururú — No Norte o povo emprega correntemente êste como que pleonasmo; mas veja-se o que ficou dito sob "Cururú".

Sapopema — Peixe de escama da água doce da fam. *Characideos, Gasteropelecus sternicla (stellatus)*, da Amazônia. E' um lambarí curiosíssimo, cujo peito, muito comprido e grotescamente arqueado, dá feição muito característica a êste peixe, que além disto tem nadadeiras peitorais muito longas. Sapopema, em sua significação mais geralmente conhecida em todo o país, designa as raizes da figueira brava ou da gameleira, quando emergem do solo, como paredes, a mais de um metro de altura às vezes, e apenas com meio palmo de espessura. Motivou o confronto com tais raizes o feitio do excêntrico lambarí, de corpo excessivamente comprimido.

Sapoquara — Na região de Iguape, segundo informações do Dr. A. Neiva, designa um lacertílio.

Saporema — Ouvimos êste têrmo da bôca de caipiras da Ribeira de Iguape. Denominavam êles assim a fosforescência que se nota na raiz da mandioca e às vezes também na da batata doce e que certamente deve ser atribuida a algum verme ou microorganismo (talvez bactérias ou fungos?) que provoca o apodrecimento ou se desenvolve em tal meio. Todavia pode ser que se trate de larvas fosforescentes de besouros. Esperamos obter melhores informações a respeito.

Sapuruna — Peixe do mar, conhecido por êste nome em Pernambuco. E' do grupo das "Corcorocas" e, como estas, tem a cavidade bucal vermelha, sendo o palatino róseo, no fundo. Parece que se trata de *Bathystoma rimator*, caracterizado por uma lista amarela longitudinal que, atravessando o olho, se extende pelo flanco, ladeada, acima, por outra lista mais fina; uma mancha preta na base da caudal. Alcança apenas 20 cms. de comprimento. Os pescadores distinguem 2 qualidades: a "branca" e a "do alto", ambas cotadas como sendo de 5.ª classe.

Saracura — Várias espécies de aves da fam. *Rallideos*, dos gêneros *Limnopardalus* e *Aramides*. A êste último gênero, que se distingue do precedente por ter tarso mais comprido do que o dedo médio pertence *A. cajanea*, de côr bruno-azeitona no dorso, cinzenta no pescoço e na cabeça; o peito e as rêmiges são de côr castanha; a bar-

riga e a cauda são pretas; o bico é verde-amarelado. Seu canto, quasi plangente, diz claramente: "três pote — um côco — um côco". Outra espécie congênere é *A. saracura*, a "Saracura do brejo", com lado ventral cinzento e garganta branca; a nuca, o pescoço posterior e o dorso superior são pardo-avermelhados. (Veja-se também sob "Saracura de praia" e "Saracú-assú"). Do outro gênero, *Limnopardalus*, de tarso mais

Saracura

curto, há também duas espécies, aliás um pouco menores (26 e 30 cms. de comprimento). *L. rytirhynchus* é bruno-azeitona em cima, tendo o lado inferior cinzento; o bico é verde com base azul em cima, vermelha em baixo. *L. nigricans*, difere por não ter côr vermelha no bico e a garganta ser branca.

Comum a tôdas estas espécies e como que característico das Saracuras é o colorido vermelho-rubro das pernas. Vivem sempre perto da água ou no meio do

brejo. Assim *Lim. nigricans* constroi seu ninho no meio do junco, rodeado pela água; à margem dos córregos, em meio da vegetação densa, vive *A. saracura*, que é menos aquática e nidifica sobre arbustos em lugar enxuto.

No Ceará e em Alagôas a mesma denominação "S a r a c u r a" sofreu deturpações como "S e r i c o r a", "S o r i c o r i a", ou, com escreveu Euclydes da Cunha: "C e r i c ó i a". As Saracuras são aves de gênio alegre e folgazão. Basta que se julguem ao abrigo de surprezas desagradáveis, para que logo deem expansão ao seu temperamento. Espreitando cautelosamente, uma primeira ave sonda a região e, parecendo-lhe tudo calmo, dá sinal às companheiras, que logo se aproximam e, cantando ou correndo, buscam o que comer. Vários autores têm relatado cenas que podem ser interpretadas como dansas. "Enquanto uma ou duas cantam, diz Goeldi, outras correm para um e outro lado, como que desempenhando certo papel que lhes cabe como figurantes; outras ainda, como muitas vezes observei, fazem ouvir sons rosnados, o que dá a impressão de lhes caber a função de baixos da orquestra".

Em nota explicativa da "Cantiga da saracura", diz Barbosa Rodrigues (Poranduba, pag. 333): "Nos dias festivos, pelos sítios, enquanto os convivas jantam, anda uma mulher em roda da mesa, beliscando o melhor dos pratos, furtando aquí e alí, corrida por todos, mas comendo o melhor. Então canta: "Pe impui pe rembaua, Saracura uira". E' a cantiga da Saracura e assim alegra a mesa, evitando todos que de seus pratos ela tire o melhor pedaço".

Saracura da praia ou do mangue — *Aramides mangle*, do Rio de Janeiro à Baía. O colorido do lado anterior é vermelho-ferruginoso, cinzento azulado na nuca e as azas são estriadas transversalmente de preto e branco.

Saracurassú — *Aramides ypacaha*, distingue-se das espécies congêneres não só pela côr vermelho-ferrugínea do ventre, como pelo seu porte maior, comparável ao de uma pequena galinha. Vive nos brejos de Minas e daí se extende até o Paraguai e Argentina.

Saracutinga — e também "T r a c u t i n g a". Corresponde no Sul à "T o c a n d i r a" do Norte.

Sarangongo — Informou-nos o sr. Aroaldo Azevedo que em Sergipe chamam assim à "S e r i e m a".

Saranha ou "J a u a r a n a" ou "P i r á - a n d i - r a" — São nomes amazônicos da curiosíssima espécie do "P e i x e c a c h o r r o", cujos grandes dentes anteriores do maxilar inferior atingiram tal comprimento (35 mms.) que, para o peixe poder feçhar a bôca, foi preciso perfurar o maxilar superior e ainda assim as pontas das dentuças emergem um bom pedaço *(Rhaphiodon vulpinus)*. De acôrdo com tal dentadura feroz, a denominação indígena "J a u a r a n a" lembra os felinos pelo radical Ja-(g)-uar.

Saranha

Sarapó — Peixes da água doce, da fam. *Gymnotideos*, de corpo muito alongado, comparável a uma faca de ponta, porque a cauda termina em fio. Faltam as nadadeiras dorsal e ventral; em compensação a nadadeira anal é muito longa, começando logo atrás da cabeça e como a abertura anal sempre fica situada à frente dessa nadadeira, aquela abertura teve de localizar-se na garganta ou mesmo entre os maxilares. *Giton fasciatus*, uma das espécies mais comuns, caracteriza-se pelo desenho de faixas irregulares, oblíquas. Raramente ultrapassa um palmo de comprimento. Veja-se também "P e i x e e s - p a d a", "T u v i r a", "I t u í" e "B r a g a d o", que pertencem à mesma família, bem como o "P e i x e e l é t r i - c o" ou "P o r a q u ê".

Sarapó

Sarara — No Pará designa um "pequeno Crustáceo Decápode, abundante nos rios de água salobra". (Cherm. Miranda).

Sarará — Registrado assim no Ceará por Paulino Nogueira, com uma descrição que identifica êste vocábulo como "S a r á - s a r á" (formiga alada).

Sararaú — No Est. do Pará (Cametá) é o nome de uma formiga, que o Pe. Borgmeier classificou como *Camponotus renggeri*, portanto congênere da "S a r a r á" ou "S a r á - s a r á"; não sabemos si o acréscimo da partícula *ú* (preto, em tupí?) representa uma designação específica ou simples variante de pronúncia.

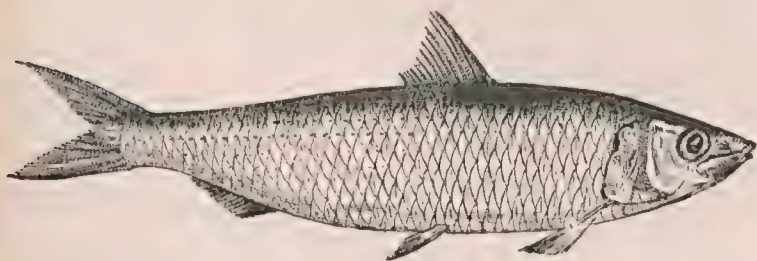
Sará-sará — Formigas do gênero *Camponotus;* a espécie mais comum é *C. rufipes*, de côr castanho-escura, pernas ruivo-amareladas. O corpo é provido de finos pêlos ruivos. As obreiras menores medem 5 a 6 mms., as maiores 10 e a fêmea, 13 mms., esta com azas transparentes, ruivo-amareladas. O ninho, construido no campo, forma um cône de 50 por 70 cms. e por fora consiste em folhas e pedacinhos de pau, pouco consolidados; no centro o material tem a consistência de pasta de papel, formando galerias meândricas, quasi concêntricas.

A muitas outras espécies do mesmo gênero cabe igualmente o nome "S a r á - s a r á". São principalmente os "ovos" (aliás casulos) dos ninhos grandes destas formigas, que os amadores de pássaros engaiolados mandam coligir, para assim obedecer ao ensinamento dos livros europeus, que mandam dar "ovos" de *Formica rufa* aos passarinhos cativos.

O povo às vezes confunde sob o mesmo nome "S a r á - s a r á" as formas aladas (machos e fêmeas) de cupins, cujo legítimo nome, aliás é "S i r i r í" ou "S i r i r u i a" e "A l e l u i a".

Sará-sará amarelo — Formiga do mesmo gênero da precedente, *Camponotus cingulatus*, que ataca as abelhas do reino, devastando e matando-as no cortiço, para locupletar-se com o mel.

Sarda — Peixe do mar da fam. *Scombrideos, Sarda sarda*, de corpo bicônico, de pedúnculo caudal deprimido, com carena elevada. No lado dorsal sua côr é azul de aço, passando gradativamente para o branco na parte inferior; 6 faixas longitudinais negras atravessam o corpo; as nadadeiras são denegridas. Atinge 50 cms. de comprimento; é peixe raro, que lembra outra espécie mais comum, o "B o n i t o". Na Amazônia também tem êsse nome *Pellona flavipinnis*, a "S a r d i n h a g r a n d e", que se adapta também à água doce.

Sardinha — Denominação genérica dos peixes do mar da fam. *Clupeideos;* esta também abrange o "arenque", aliás exótico, as "anxovas", a "savelha" e as "manjubas" (veja êstes nomes). Em Portugal a sardinha verdadeira, que constitue a base da grande pesca e indústria de conservas, é a *Sardina pilchardus,* que porém não ocorre no Atlântico meridional. No Brasil corresponde-lhe uma espécie semelhante, *Sardinella aurita* que, segundo uma versão muito difundida, fôra trazida para o Brasil por D. João VI, o que porém não teria sido necessário, pois tal sardinha se encontra em todos os mares. (Veja estampa da pg. 182).

Sardinha

As sardinhas propriamente ditas têm bôca terminal e a fenda bucal extende-se apenas até a região ocular (subfam. *Clupeineos),* ao passo que a subfamília *Engraulineos* abrange as formas semelhantes, cuja bôca é inferior, com o maxilar superior terminado em "focinho de porco" e a fenda bucal se extende muito para trás do olho. Esta última subfamília abrange as "anchovas" e "manjubas", mas também cabe a algumas das espécies aquí compreendidas sob o nome de "sardinha bôca torta" (gênero *Anchovia)* e "sardinha prata" *(Lycengraulis).* Há várias espécies que se adaptaram perfeitamente à água doce de rios e lagos do Brasil. Como o têm demonstrado, ultimamente, vários produtos nacionais, a sardinha pode vir a ser, também no Brasil, a base de uma grande indústria, desde que o preparo seja acurado. A matéria prima é boa e a pesca em certas zonas é rendosa, como seja nos arredores do Rio de Janeiro, em Angra dos Reis, etc. Não deve, porém, ser tolerada a mistura das boas espécies do gên. *Sardinella* com as de qualidade inferior, como sejam a "Sardinha larga" e a "Savelha".

Em todos os mares a pesca da sardinha é rendosíssima e só o bacalhau lhe equivale em quantidade e valor. Na fauna brasileira foram até agora assinaladas quasi 40 espécies (contra 80 nos dois oceanos dos Estados Unidos). Certamente o estudo acurado das possibilidades dessa indústria em nosso país melhorará sensivelmente o pouco que por enquanto se tem conseguido neste sentido.

Sardinha d'água doce — Há várias espécies de verdadeiras sardinhas (fam. *Clupeideos)* que vivem na água doce, principalmente no Amazonas — ao todo 5 espécies, entre as quais *Clupea amazonica* e *Pristigaster cayanus* (veja sob "A p a p á"), subindo esta última até o rio Juruá. Há também algumas espécies de outras famílias, as quais, pela tal qual semelhança com as sardinhas, coube indevidamente igual nome. Tôdas elas, porém, não têm importância econômica.

Sardinha cascuda — Em Santos é a *Sardinella macrophtalma,* que difere da "sardinha legítima" *(S. aurita)* por não ter os dois últimos raios da nadadeira anal mais longos que os raios precedentes, como o tem a legítima.

Sardinha de gato ou "S a r g o" — (Pará, Maranhão). Designa talvez as espécies que têm o ventre serrilhado; dêste grupo é também *Opisthonema oglinum,* chamada "S a r d i n h a b a n d e i r a" por ter o último raio da dorsal muito longo, sendo pois "bandeirada" como certos bagres. A mesma espécie é conhecida em Santos também pelo nome "C a í ç a r a" e sardinha "l a r g a" ou "l a g e".

E' de qualidade inferior e nos Estados Unidos êste "hairy-back" é excluido do mercado como a savelha, servindo ambos somente para adubo, depois de extraido o óleo.

Sargento — Veja "B a g r e - s a c í".

Sargo — Peixe do mar, da família das sardinhas, *Opisthonema oglinum;* veja-se acima, sob "S a r d i n h a d e g a t o".

Sargo — Como em Portugal, também aquí designa vários peixes do grupo dos *Sparideos* (que também inclue o "P a r g o") tais como *Diplodus* (veja sob "M a r i m b á") que também na Rep. Argentina é conhecido por "sargo". Além disto *Archosargus* que é "S a r g o d e d e n t e", caracterizado por um acúleo antroso na base do 1.° raio da nadadeira dorsal; o colorido é oliváceo plúm-

beo, com 7 barras negras transversais *(A. probatocephalus);* alcança 10 kls. de peso. E' congênere a "C a n h a - n h a" (veja esta).

Sargo de beiço — Peixe do mar da fam. *Haemulideos, Anisotremus surinamensis,* ao qual coube o apelido vulgar, por ter de fato lábios muito espessos; atinge meio metro de comprimento. Outras espécies do mesmo gênero são a "S a l e m a" e o "P i r a z u m b í".

Sariema — Em Sergipe, ou "S a r i a m a"; veja-se sob "S e r i e m a".

Sariguê ou "S a r i g u ê i a" ou "S a r u ê" — No Norte é denominação mais usada para designar o grande Marsupial, conhecido no Sul por "G a m b á" (veja êste).

Saroê — O mesmo que "S a r n ê" e "S a r i g u ê".

Saripoca — Pronúncia já muito em voga, por "A r a - ç a r i p o c a" e muitos caçadores até ignoram a forma primitiva, que significa "araçarí barulhento".

Sarna — Nome da doença causada por *Acarinos* de pequeno porte, todos da fam. *Sarcoptideos,* às vezes invisíveis a olho nú; vivem sobre a pele de mamíferos e aves, e também em perfurações subcutâneas, determinando dermatoses, geralmente graves e que podem causar a morte do hospedeiro quando não tratadas.

Acariano da sarna

No homem a sarna comum é causada pelo *Sarcoptes scabiei* de 0,5 mms. de comprimento; só as fêmeas desempenham papel patogênico, insinuando-se sob a epiderme, ao passo que os machos não penetram na pele. Espécies semelhantes vivem em vários animais domésticos, além de outras as do gên. *Psoroptes;* nas aves domésticas ocorrem muitas espécies, algumas das quais vivem sobre as penas, outras determinam processos descamativos e algumas penetram na traquéia, no tecido conjuntivo e mesmo no fígado e no coração. Nos sertões do Nordeste é conhecido por "P i r a".

Sarnambí — Veja "S e r n a m b í".

Saroba — Abreviação de "C a ç a r o b a", por "P i - c u ç a r o b a", isto é "P o m b a a m a r g o s a".

Sarro ou "M a r i a d a S e r r a" — Pequenos peixes cascudos da fam. *Callichthyideos*, gên. *Corydoras* e outros. As 15 espécies assemelham-se bastante ao "T a m b o a - t á", do qual diferem por ser a cabeça comprimida e não achatada como nestes últimos; de resto caracteriza-os o mesmo revestimento de placas estreitas em duas filas embricadas. Alcançam no máximo 10 cms. de comprimento e não têm valor econômico. Vivem nos pequenos rios de águas claras, onde haja fundo arenoso; andam aos pares e enquanto juvenís, aos cardumes, e facilmente se deixam apanhar, mesmo à mão. Na monografia das espécies desta família, publicada por M. D. Ellis, 1913, figuram também os nomes vulgares "S o p r a s e r r a" e "C a s c a d u r a" (com êste último nome foi designado um novo gênero, baseado em espécimens colhidos em Uruguaiana) — o texto de Ellis contudo não é bem claro quanto à região ("parts of South America") em que tal denominação é usada pelo povo.

Sassupemba — Peixe do mar, da Baía (Voz do Mar N.º 75) que se pesca, como a sioba, no fundo.

Sarro de pito — Na região de Iguape designam assim o molusco comestível geralmente conhecido por "B e r - b i g ã o".

Saruê ou "S a r o é" — No Norte do Brasil é outra pronúncia por "S a r i g u ê", isto é "G a m b á" do Sul.

Sauá — O mesmo que "S a á".

(Saúdes) — Nome português de inseto ortóptero da fam. *Tettigoniideos* que não logrou aceitação no falar brasileiro; veja "E s p e r a n ç a".

Sauí — No Estado do Rio de Janeiro dá-se também êste nome às "T a t o r a n a s", mas especialmente à "L a g a r t a a r a n h a" *(Phobetron hipparchia)*.

Sauim — veja "S a g u í".

Sauim-guassú — O mesmo que "G u i g ó".

Sauiá — Pequeno roedor da fam. *Echimyideos* (veja "R a t o s d e e s p i n h o"), gênero *Proechimys*, de 25 a 35 cms. de comprimento, de pêlo curto, grosso e de côr bruna. Parece que depois de certa idade a cauda longa se desprende, pelo que há sauiás com e sem rabo. Vivem em galerias subterrâneas, às vezes extensas.

Alguns autores aplicaram mal êste nome, confundindo esta espécie com o preá (o que aliás transparece

no próprio nome científico desta última: *Cavia* grafado em latim com *C* não cedilhado).

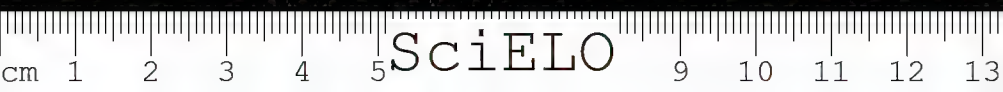
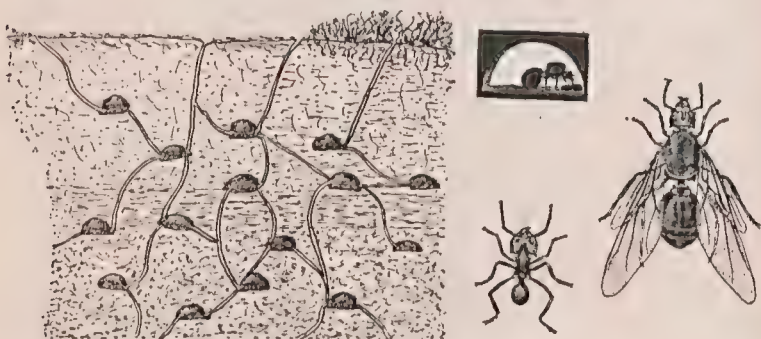
Compare-se também "T o r ó", rato de espinho da mesma família, porém maior.

Saúna — Peixe do mar da fam. *Mugilideos* (veja "T a i n h a"); designa as espécies menores, do gên. *Querimana*. Em Itaparica os pescadores distinguem a "S a ú - n a p a r a t í" da "S a ú n a a z e i t e i r a".

Saúna — No Ceará (segundo Paulino Nogueira) designa um pássaro pintado de branco e preto, que canta como galinha chóca. Não pudemos identificar a espécie; talvez sejam os *Formicariideos* dos gên. *Pyriglena* ou *Grallaria*.

(Sauní) — Êste vocábulo, coligido por Goeldi como sendo da língua dos índios Tembés e designando o "T a n g u r ú - p a r á", não pode ainda figurar na lista dos brasileirismos, pois não sabemos si de fato entrou para o vocabulário empregado pelo povo.

Saurá — Segundo Goeldi (Album Aves Amaz.) é sinônimo de "U i r a - t a t á", pássaro amazônico.

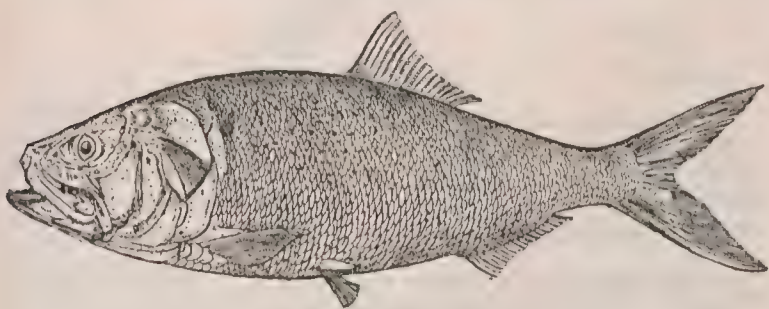
Saúva — Formiga da fam. *Attideos*, em especial *Atta sexdens*. Além dos indivíduos sexuados, alados ou "T a - n a j u r a s" (a fêmea: "I ç a" e o macho "I ç a t i t ú", "s a b i t ú" ou ainda mais abreviadamente "b i t ú" ou "v i t ú") há a casta das obreiras, asexuadas, das quais há várias categorias: as pequenas que cuidam dos arranjos internos no ninho; as médias ou carregadeiras, às quais incumbe o serviço de cortar os vegetais em pedacinhos e levá-los para casa; as grandes ou soldados têm a seu cargo a defesa do ninho. Êste, o "saúveiro", consiste em número variável de "panelas" ou câmaras, do tamanho de uma cabeça humana; o feitio da panela é plano em baixo, abobadado na parte superior. Nos ninhos novos as poucas panelas existentes acham-se a pouca profundidade; em ninhos velhos há centenas de panelas e as que foram construidas por último estão às vezes a 10 metros abaixo do nível da entrada. Numerosos canais ligam essas câmaras entre si; os que conduzem à superfície são os "olheiros", rodeados por montículos de terra solta, que as formigas, durante seus trabalhos de escavação, trazem para fora, conseguindo ao mesmo tempo por êste meio, garantir o ninho contra as enxurradas. As saúvas alimentam-se unicamente das bolinhas ou "pileus" (kohlrabi) produzidos por uma determinada espécie de

fungo (do tipo do môfo), que estas formigas cultivam. E' para formar canteiros adequados ao desenvolvimento dos micélios de fungo, que as saúvas trazem de fora, continuamente, novas folhas, sementes ou outras substâncias vegetais. Não há por assim dizer, planta cultivada que as saúvas não ataquem. E a invasão de uma plantação por esta praga significa seu aniquilamento, tal a devastação causada; em zona assolada pela saúva, sem a extinção desta é inútil plantar. Apenas a nuvem de gafanhotos é comparável, em seus efeitos, a esta praga; o gafanhoto aparece esporadicamente, mas a saúva tra-

Sauveiro, içá e saúva

balha continuadamente, mesmo à noite, quando durante o dia se sente muito molestada. O combate à saúva é um dos problemas mais sérios da nossa agricultura; apesar de muito estudado, ainda não ficou resolvido qual o melhor método a adotar. Há inúmeras drogas, inúmeras máquinas extintoras, que os industriais apregoam como "infalíveis"; mas o fato é que o lavrador, depois de muitas experiências e muitos gastos, não raro volta ao sistema mais primitivo, que aliás é seguro quando bem aplicado. Na véspera limpa-se a superfície do ninho, a enxada, de forma a pôr a descoberto os olheiros. Durante a noite as formigas desobstroem-nos novamente, de modo que é fácil reconhecê-los e fechá-los bem, socando a terra; conforme o tamanho do ninho, deixam-se abertos alguns dêsses olheiros, sempre os maiores ou "olheiros mestres" e por êles despeja-se bastante água (duas ou três latas, das de querosene) e, passado algum tempo, deita-se mais um pouco de água e logo a seguir ¼ ou ½ litro de "Formicida" (bisulfureto de carbono) em cada

olheiro; alguns minutos após deita-se fogo, afim de provocar a explosão e, quando o gás não pegar mais fogo, fecham-se também êstes olheiros, evitando desperdício de gases. O camarada que souber aplicar bem o formicida, garante assim a extinção do formigueiro. Falhando o primeiro ataque, torna-se bem mais difícil dominar o sauveiro "espantado" . Talvez, cientificamente, não seja necessário deitar fogo ao sulfureto; contudo na prática, a fumaça, indicadora de olheiros abertos, é de grande utilidade. Muito cuidado exigem os dois perigos: a inflamabilidade do sulfureto e as falsificações. Também o cianureto é empregado em larga escala. Outro meio de combate que não deve ser descurado é a perseguição dos "içás", quando na primavera estas fêmeas surgem dos ninhos, para fundar novas colónias. (Veja-se sob "I ç á s").

Sinônimos: "M a n i u a r a", "F o r m i g a d e m a n d i o c a", "d e r o ç a", "c o r t a d e i r a" e na literatura antiga "Rey do Brasil" como a cognominou Macgrave, já em 1648. (Veja estampa da pg. 398).

Savacú — Nome pelo qual no Araguaia também é conhecida a ave pernalta "A r a p a p á". Atribuido também aos "S o c ó s" na Baía.

Savelha — Peixe do mar da fam. *Clupeideos*. Em Portugal designa uma espécie do mesmo gênero da sar-

Savelha

dinha (*Clupea alosa*, que atinge 60 cms. de comprimento) ao passo que a nossa Savelha, *Brevoortia tyrannus*, mede só 30 cms., no máximo. Da mesma forma como nos Estados Unidos, também aquí não se dá apreço a êste peixe, devido às muitíssimas espinhas que tem. Tal porém é a quantidade em que pode ser apanhado, que na América do Norte serve para a fabricação de azeite, ao passo que

no Rio Grande do Sul (S. José do Norte), conforme relatou H. von Ihering em 1897, era aproveitado, como talvez ainda o seja, para a adubação das terras em que se cultiva a cebola.

Sebastião — Denominação provavelmente local, na Amazônia, do "Bacurau" *(Podager nacunda)*, mais geralmente conhecido no Norte por "Tabaco-bom", o que igualmente é uma onomatopéia.

Sebastião — Seláquio, *Cynias canis*, cação de um a dois metros de comprimento; tem dentes pavimentosos. Vive em todo o oceano Atlântico e no Mediterrâneo.

Sêca ou "Eclipse" — Nos Estados algodoeiros do Norte do Brasil é êste o nome dado à moléstia que muito prejudica a colheita e devida à "Lagarta rosada" (talvez porém sob o mesmo nome sejam confundidas outras pragas, de origem criptogâmica).

Sêco-fico — Segundo informação do Prof. Pirajá da Silva, chamam assim na Baía, ao "Sací".

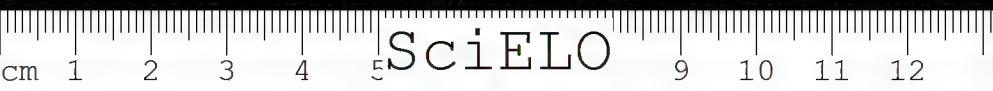
Sêde-sêde — Como "Sêco-fico", é na Baía, um dos nomes dados ao "Sací".

Seguilhote — Na Baía designa o filhote de baleia, de mais de 6 meses, ainda mamão.

Sem-fim — E' o mesmo que "Sací".

Senembí — Alteração de "Sinimbú".

Senhor de engenho — Peixe do mar da fam. *Serranídeos, Acanthistius brasilianus* da família das "Garoupas", mas com 12 a 13 acúleos na dorsal. Atinge só 35 cms. de comprimento; o colorido é amarelado, com estrias transversais azuis.

Serelepe — ou "Caxinguelê", "Cachinche", "Coatiaipê" ou em Pernambuco "Coatimirim" e na Amazônia: "Coatipurú" ou "Agutipurú"; o nome português "Esquilo" não é usado pelo povo brasileiro. São os roedores da fam. *Sciurídeos* do gênero *Sciurus* (aliás o mesmo que o da Europa, onde porém as respectivas espécies são maiores e têm um pincel de pêlos longos nas orelhas). Caracteriza-os a cauda longa, peluda, mais comprida que o corpo. São essencialmente arborícolas e muito ágeis e espertos, sobem ou descem pelos troncos das árvores e pulam de um galho a outro com a

mesma facilidade como os "S a g u í s". E' graças às unhas aguçadas que se fixam nos paus roliços.

Examinando os colmos da taquara do mato, encontram-se nestes, frequentemente, pequenos furos quadrangulares, abertos como que a canivete, com bordos talhados obliquamente; parece que são vestígios de serelepes que aí procuraram não só a água contida nos entre-nós, como também algum inseto, cujo ruído não escapou ao ouvido atento do roedor. Ainda está por averiguar si,

Serelepe

de fato assim o Caxinguelê extrai da taquara a lagarta roliça da mariposa, à qual nos referimos sob "B i c h o d a t a q u a r a".

E' força confessar que em nossa fauna aos serelepes cabe papel muito menos evidente do que na Europa ou nos Estados Unidos. Lá é raro andar alguém pela mata e seja êste "alguém" um ente supercivilizado, ao qual os "espetáculos triviais da natureza", não conseguem mais prender a atenção — é raro o passeio em qualquer bosque que não proporcione um encontro com um esquilo, aliás bichinho pouco esquivo e mesmo curioso ou quasi amigo dos homens. Em nossas matas são antes raros tais encontros e por isto pouco se sabe ainda de sua vida íntima. A espécie mais comum do Brasil meridional é

Sciurus aestuans, de côr pardo-bruna, finamente salpicada de ocre. Das 12 espécies brasileiras sem dúvida as amazônicas são as mais interessantes, pelo colorido ruivo ou vermelho e com barriga branca, como *Sciurus langsdorffi*, do Brasil central.

As amas, na Amazônia, o invocam para que faça dormir as crianças, pois é êle o mais dorminhoco de todos os quadrúpedes da fauna amazônica (J. Verissimo, Cenas da Vida Amaz., pag. 62) e também Baena cita a frase das mães: "Acutipurú, empresta-me teu sono, para minha criança também dormir".

A Dra. E. Snethlage pôs em dúvida a sonolência dêsse roedor; porém o folc-lore firmou seu julgamento, e será preciso conhecermos melhor a biologia dessas espécies, para podermos compreender a observação do matuto.

Também Barbosa Rodrigues (Poranduba, pag. 288) registra igual cantiga dos Parentins; mais adiante, porém, repete uma versão semelhante, "de todo vale do Amazonas", em que para o mesmo fim é invocado o "Jacurutú". Êste, sendo coruja, só se deveria prestar para embalar a criança de dia. O mesmo autor cita ainda como animais que emprestam sono, os "Murucututús" (môcho) e os "Ducucús" (cuja significação não esclarece).

Sericora ou "Sericóia" — O mesmo que "Saracura".

Sericorí — E' no Norte uma "Sericora" (Saracura) pequena, muito provavelmente *Limnopardalus maculatus*, que faz seu ninho no meio do banhado, a meio metro acima do nível da água.

Seriema — Ave pernalta, do tipo todo especial, *Microdactylus cristatus* (antigo gênero *Cariama)*, de 90 cms. de comprimento. A côr é cinzento-suja, com fino e denso desenho de riscas escuras por todo o corpo, excepto na barriga, que é clara. Na base do bico, numerosas penas filiformes, erectas, formam um pincel ralo. O bico e as pernas são de côr vermelha; uma zona auricular, núa, é azulada. Vive nos grandes campos do interior, do sertão do Nordeste ao Rio Grande do Sul e Paraguai. E' muito arisca e, quando perseguida, poucas vezes vôa, mas corre tão ligeira, que só um bom cavalo a alcança. À noite pousa sobre árvores não muito altas e é também sobre estas que constroi seu ninho, feito de ramos sêcos e guarnecido de barro e esterco de gado. Alimenta-se de insetos,

principalmente gafanhotos, bem como de cobras e lagartos. Há quem goste de ter seriemas vivas no cercado, onde aliás aceita qualquer alimento; mas seu grito estridente torna esta ave mais importuna do que atraente. Não sabemos si vem ao caso lembrar a vaga semelhança

Seriema

desta ave com a ema e também a das duas denominações. Talvez a forma original da palavra indígena seja "S a - r i a m a" como aliás se pronuncia no Nordeste e assim Macgrave grafou *Cariama,* com omissão da cedilha na letra maiúscula. Veja-se também "S a r a n g a n g o".

Serigado — No Nordeste ou mais propriamente, de Pernambuco ao Rio Gr. do Norte, a denominação "B a d e - j o" não se generalizou, tendo prevalecido o nome "S e r i - g a d o", também com acepção ampla, abrangendo vários gêneros. Note-se porém que a uma das espécies coube o nome "S e r i g a d o b a d e j o"; além destas, "S e r i g a d o

s a b ã o" (que é o mesmo "B a d e j o s a b ã o" do Sul), "S e r i g a d o t a p o ã" (talvez "B a d e j o f o g o" do Sul), "B a d e j o p r e t o" e outros.

Sernambí — *Mollusco Lamellibranchio* marinho da fam. *Mactracideos*, cujo nome científico foi substituido várias vezes; assim chamava-se *Azara labiata*, *Mesodesma mactroides* e hoje parece que prevalece *Corbula mactroides*. Ocorre no Brasil, além da forma típica, que é propriamente da Argentina e Rio Grande do Sul, mais uma subespécie, *Corbula mactroides prisca*, que se estende de Santa Catarina ao Rio de Janeiro. E' comestível; também o conservam sêco, salgado ou preparado no fumeiro. Vive nas praias, enterrado na areia, até 20 cms. de profundidade. E' êste bivalvo um dos moluscos que em grande escala contribuiu para a formação dos "sambaquís" e isto em todo o litoral do Brasil, desde o Rio Grande do Sul até à Amazônia. Como o assinala Chermont de Miranda em seu "Glossário", a cal extraida dos grandes amontoados de moluscos (e que no litoral paulista são chamados "ostreiras") lá é conhecido por "cal de sernambí". Porém Paulino Nogueira explica que no Ceará "sernambí" designa hoje qualquer concha de molusco marinho, podendo ser considerado sinônimo de "itã".

Sernambiguara — Peixe do mar, *Trachinotus falcatus*, congênere do "P a m p o" e da "G a l h u d a". Dêste último difere, principalmente, por ter o corpo uniformemente colorido (e não atravessado por faixas escuras); o dorso é azulado, o lado ventral prateado e as nadadeiras são azuladas, com orla clara. A denominação indígena diz ser êste peixe "comedor de moluscos", porém sua dentadura é fraca, como a de todos os representantes da mesma família, *Carangideos*. No Rio Grande do Sul conhecem esta espécie por "T a m b ó".

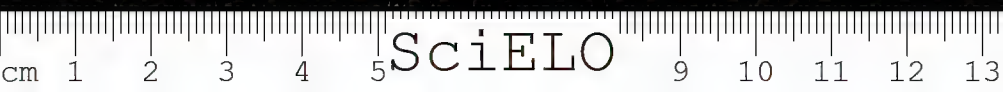
Sernambitinga — Segundo informações do Dr. A. Neiva, os praieiros da Baía distinguem por êste nome um marisco congênere do sernambí, porém menor, e em geral mais comum; o curioso é que tal sernambí nem sempre se caracteriza pela côr branca, como o nome faria supor. Talvez seja a mesma espécie registrada sob o nome "A m e i j o a b r a n c a", que lhe dão em Santa Catarina.

Serpentes — Costuma-se diferenciar, sob êste nome, as cobras peçonhentas, que em nossa fauna se acham re-

presentadas pelas fam. *Viperideos* e *Micrurideos*, caracterizadas por terem grandes dentuças, ôcas, com que injetam o veneno produzido pela grande glândula alongada, que acompanha o bordo superior do maxilar. Além disto, as espécies da 1.ª destas famílias, ("Cascavel", "Surucucú", "Jararacas" e outras) distinguem-se das demais da nossa fauna por terem cabeça, em cima, revestida não por escudos regulares e simétricos, mas por um grande número de pequenas escamas. (Apenas a jibóia e a sucurí, entre os nossos ofídios não venenosos, compartilham também êste último caráter; diferenciam-se porém, pela falta da "cova loral" que existe em todos os *Viperideos*, sob forma de depressão profunda, entre a narina e o olho).

Quanto aos *Micrurideos*, família esta que abrange as cobras corais verdadeiras, já dissemos sob "Cobra coral" como se distinguem estas serpentes das cobras inofensivas, também vermelhas, as corais falsas.

Foi calculado em 5.000 o número de casos mortais por ofidismo que anualmente se verificam no Brasil e os últimos dados oficiais acusam no Est. de São Paulo 100 a 120 óbitos causados por animais peçonhentos ou seja mais ou menos 1 por mil da mortalidade geral, no mesmo Estado.

Serra — Nome genérico de vários peixes da fam. *Scombrideos*, nos quais as pínulas que representam a 2.ª dorsal e a nadadeira anal sugerem de fato dentes de serra, como nas "Cavalas". A "Serra", especificamente, da mesma família *Scombrideos* e de vasta distribuição pelo oceano Atlântico é *Sarda sarda*. A linha lateral termina no pedúnculo, numa carena, e na extremidade desta há duas outras, na base dos lobos caudais. O colorido do lado dorsal é azul de aço que, para o lado inferior, passa ao branco prateado; ornam o corpo 6 faixas logintudinais negras, paralelas. Raro ultrapassam 60 cms. de comprimento, pesando em geral, 600 a 800 gramas, excepcionalmente mais de um quilo. Do Rio de Janeiro para o Norte contribuem, numericamente para o mercado em quantidade quasi igual como a cavala. Na estatística do pescado do Rio de Janeiro esta espécie chega a figurar com 3.600 quilos em um mês. Veja-se também sob "Peixe serra", nome de uma espécie bem diversa.

Serra garoupa — Veja "C a ç ã o d o f u n d o".

Serra-serra — O mesmo que "T i s i o".

Serra-pau — Compreende várias espécies de besouros da fam. *Cerambycideos* (veja "L o n g i c ó r n e o s") que cortam galhos de árvores, às vezes da grossura de um pulso. E' a fêmea, sempre um tanto maior que o macho, que faz a incisão circular, que ela vai aprofundando até quebrar-se o galho. Agarrado a êste, o besouro cai também, mas assim tem a certeza de que acompanhou o mesmo vegetal que preparara para a postura dos ovos. Dêstes nascem as larvas que, então se alimentam da seiva ainda existente. A maior espécie dos nossos serra-paus é o *Acrocinus longimanus* (veja sob "A r l e q u i m"). Outras espécies um tanto semelhantes, porém menores, pertencem ao gên. *Oncideres* e são responsáveis por muitos prejuizos causados pelo mesmo processo nos pomares. (Veja estampa da pg. 398).

Serra-pau

Sete barbas — Peixe de couro da Amazônia.

Sete portas — Veja sob "J a t a í" e "T u b u n a".

Siba — Em linguagem comum, designa a substância calcárea que se encontra nos polvos da fam. *Sepiideos* (extranhos à nossa fauna); a "S i b a" representa no corpo do molusco o último rudimento da concha atrofiada. E' importada para ser vendida aos criadores de passarinhos (canários), pois é a substância preferida por êstes quando seu organismo necessita de alimento calcáreo.

Sicurí — Segundo Paulino Nogueira, designa no Ceará uma espécie de tubarão, sendo que o de "galha preta" é o mais temível. Não nos foi possível identificá-lo, sendo provavelmente sinônimo de alguma das espécies aquí mencionadas sob outros nomes. Também em Recife é conhecida tal denominação; Gabriel Soares grafa "S o c o r í".

Sililuia — Pronúncia caipira no Est. de S. Paulo por "A l e l u i a" ou "S i r i r u i a".

Símios — Denominação coletiva dos mamíferos da ordem dos *Primatos*, compreendendo duas secções: A) *Catarrhinos*, cujo septo nasal é fino e que têm, como o homem, apenas 2 dentes premolares em cada ramo maxilar (na escala zoológica são êstes animais da fauna atual cuja estrutura anatômica mais se assemelha à do homem; habitam somente o Velho Mundo: chipanzé, orangotango, gorila, etc.) e B) *Platyrhinos*, cujo septo internasal é largo; as aberturas nasais são dirigidas para o lado; os dentes premolares são em número de 3; pertencem a esta sub-divisão todos os símios americanos, agrupados por sua vez em duas famílias: a) *Hapalideos*, com polegar não oponível e com unhas em forma de garras; são de pequenas dimensões (saguís); b) *Cebideos*, maiores, com polegar oponível e unhas chatas (micos, macacos, bugios, etc.).

Simongoiá — Molusco comestível, que vimos classificado como *Crytogramma flexuosa* e portanto congênere do "B e r b i g ã o" ou talvez sinônimo dêste. Registramos também a grafia "S a m a n g u a i á". (Al. Mir. Ribeiro).

Sinimbú ou "S e n e m b í" — Em Mato Grosso e Goiaz ainda hoje é empregado como sinônimo de "C a m a l e ã o". Em tempos de Macgrave também em Pernambuco essa denominação era usual. Barbosa Rodrigues, ao relatar uma lenda no original tupí, grafa o nome dêsse lacertílio: "Caenemue".

Sioba — Veja sob "C i o b a".

Sirí — Crustáceos marinhos, *Decapodes Brachyuros*, da fam. *Portunideos*. E' denominação genérica, mas os pescadores distinguem várias espécies, como adiante mencionamos. São, todos êles, crustáceos comestíveis; porém pouco há o que comer e, além disso, tendo decidida predileção pela carniça, que encontram atirada à praia, sua casca mesmo depois de fervida, guarda o mau cheiro de tal alimento. A título de diversão é, contudo, bem interessante sua pesca. Armadas de um barbante, a cuja extremidade estejam amarrados a isca de carne e um peso, as crianças conseguem logo tirar o sirí de entre as pedras, pois de tal modo fica o mesmo entretido com a

isca, à qual se agarra, que nem percebe que está sendo puxado para fora. Mas nem sempre a manobra é executada com a devida cautela e presteza, e, por isso, muitas vezes o sirí deixa-se cair antes de atingir a margem. Depois de voltar para seu esconderijo, é bem mais difícil pegá-lo, porque, apesar de atirar-se sempre de novo à isca, larga dela, ressabiado, logo no começo da viagem aérea.

Sirí

Os pescadores, quando querem impedir aos sirís que fujam, tolhem seus movimentos, cravando-lhes a unha de um lado na base da pinça do lado oposto.

Como nos relatou o Dr. A. Neiva, o povo na Baía, interpreta o desenho da carapaça do sirí como representando a imagem de uma mulher que, de acôrdo com uma lenda, fôra transformada nesse crustáceo. (A mesma interpretação nosso informante encontrou também no folclore japonês).

Sirí da areia — Vide "S i r í - c h i t a".

Sirí-assú — *Callinectes exasperatus;* é a maior espécie dêste gênero, podendo atingir quasi um palmo de comprimento transversal.

Sirí baú — No Rio de Janeiro dá-se êste nome a *Hepatus princeps*, aquí também registrado sob o nome "B a ú".

Sirí-candeia — Pertence, como os demais sirís, à fam. *Portunideos*, diferindo porém genericamente — *Achelous spinimanus.* O colorido é avermelhado e as pinças são bem mais longas que nos outros sirís, especialmente confrontadas com as do "S i r í - g o i a", de resto semelhante.

Sirí-chita — *Neptunus cribarius*, também chamado "S i r í - c h i n g a" no litoral de S. Paulo, ou "S i r í d a a r e i a"; caracteriza-o a densa ornamentação de manchas redondas, brancas, sobre fundo avermelhado, chocolate.

Sirí-goia — *Cronius ruber*, que se assemelha ao "S i - r í - c a n d e i a", porém as pinças são bem menores e o

colorido é vermelho. Goia deve ser corruptela de "guaiá", denominação genérica dos caranguejos em tupí.

Sirí do mangue — Na Baía é assim denominado um sirí maior, de côr azulada e bastante comum.

Sirí-mirim — *Callinectes danai;* é a menor das sete espécies compreendidas neste gênero; o colorido é verde-azulado.

Sirí mole — Na Baía designa-se assim a qualquer sirí que acaba de passar pela muda de casca. São muito procurados, não só como alimento, mas também para isca. Acham-se facilmente, porque, não tendo extremidades calcificadas não conseguem excavar a areia para se esconder. Seja dito que no Brasil, em geral, o sirí mole quasi que não é levado ao mercado, ao passo que nos Estados Unidos é principalmente nesta fase que mais o apreciam.

Sirí-patola — No Nordeste designa a espécie que tem "pata" mais grossa de um lado que de outro (Veja "T e s o u r a").

Sirí-puã ou "P u ã" — Na Baía de Guanabara é êste o nome dado à espécie *Callinectes sapidus.*

Sirirí — Veja-se sob "S u i r i r í", pronúncia mais onomatopáica e também mais usual.

Siriruia — Veja-se sob "E f e m é r i d a s" e também "A l e l u i a".

Sirrador — O mesmo que "T i s i o".

Sissuíra — Na Amazônia é o mesmo que "E n x ú"; em especial a vespa *Nectarinia lecheguana.*

Socó — Comprende várias espécies de aves da fam. *Ardeideos,* semelhantes às "G a r ç a s", porém com pescoço grosso e de plumagem fundamental amarela-ferrugínea, ornada de fitas e listrões de côr bruna, que as torna malhadas. Os socós preferem movimentar-se à noite, passando o dia mais retraidos e escondidos entre a folhagem. Não é fácil descobrí-los aí, quando, em meio adequado, seu colorido protetor os dissimula, graças à plumagem malhada, que alcança o mesmo efeito de luz e sombra como a roupagem dos tipos clássicos dessa categoria de mimetismo, como sejam o da onça e do tigre. As espécies do gên. *Tigrisoma,* de côr ardósia ou quasi preta no lado dorsal e de resto brancas, evidenciam, contudo, o mesmo colorido protetor, malhado, na sua fase juvenil. Veja-se "J o ã o G r a n d e".

Socó de bico largo — No Sul do Piauí é o mesmo que "A r a p a p á".

Socó-boi — *Botaurus pinnatus*, da mesma família do "S o c ó", mede 65 a 70 cms. de comprimento e o colorido amarelo-ferrugíneo tem numerosas manchas e faixas transversais. Outras espécies, também conhecidas por "T a i a s s ú", na Amazônia, pertencem ao gênero *Tigrisoma* e são cinzentas no lado dorsal. Na Amazônia parece que aos indivíduos novos, cujo colorido ainda é bruno-avermelhado, dão o nome de "T a q u i r í s".

A voz destas aves é vagamente comparável ao bramido do boi; daí seu nome vulgar. Em todo caso é um ruido bem singular, que o macho emite quando quer demonstrar seu afeto à companheira. Observando uma espécie congênere, européia, verificou um ornitólogo que a ave produz os curiosos sons roucos, mergulhando o bico na água e soprando e gargarejando, se esforça por dar às modulações lúgubres a intensidade que possa suprir a falta de poesia. Não nos consta que observação correspondente tenha sido registrada pàra as nossas espécies.

Socó-estudante — O mesmo que "S o c ó z i n h o".

Socoí ou "S o c ó - m i r i m" — *Butorides virescens*, semelhante ao "s o c o z i n h o", porém habita só a Amazônia, extendendo-se daí para o Norte. A plumagem é cinzento-ardósia, ornada de margens claras nas azas. A cabeça e o penacho da nuca são pretos. com brilho verde; o lado ventral é branco, com pescoço anterior castanho. Veja "J o ã o G r a n d e".

Socózinho — ou "M a r i a m o l e" no litoral setentrional, ou "S o c ó - e s t u d a n t e" no Rio de Janeiro. Pernalta da fam. *Ardeideos, Butorides striata.* Espécie relativamente pequena, medindo 35 a 45 cms. de comprimento; é de côr cinzento-clara na barriga, cinzento-azul em cima; a cabeça é preta, bem como as plumas alongadas da nuca; as azas têm lustro metálico com orlas amareladas nas coberturas exteriores. A garganta e o pescoço são brancos, êste com manchas pretas. Ocorre da Argentina à Venezuela.

Sofia — Denominação dada no rio S. Francisco a uma "pescada" ou "corvina" que, do ponto de vista da piscicultura é um dos peixes mais interessantes da nossa fauna. Mencionaremos em especial *Pachyurus francisci*, mas há várias outras espécies dêste gênero e de outros (veja-se sob "C o r v i n a d' á g u a d o c e) mais ou menos equivalentes. Como há muita gente que

pelo sabor prefere o peixe do mar ao da água doce, a "Sofia" (como na Rep. Argentina o pejerrey) resolve esta dificuldade da piscicultura. Tratando-se de peixes de origem marinha que só recentemente adaptaram seu modo de viver à água doce, sua carne conserva aquele sabor característico. Atinge 80 cms. de comprimento e cêrca de 5 kls. de peso.

Quanto à facilidade com que se multiplica, basta dizer que levamos poucos casais para um açude das cercanias de Fortaleza (Ceará) e ano e meio depois havia abundância delas. Seu regime alimentar também é favorável à criação, pois prefere larvas de insetos, principalmente de libélulas, além de outros pequenos seres e só eventualmente come peixinhos. Temos a convicção de que uma boa escolha entre as várias espécies dêste grupo proporcionará à piscicultura nacional e talvez mundial, um dos mais apreciáveis peixes para a criação em águas confinadas e quem sabe convenha mesmo ampliar sua difusão, para multiplicação natural em muitos dos rios nos quais, hoje são poucos os peixes de primeira qualidade.

Sofrê ou "Corrupião" e "Concriz" ou "João pinto" — Pássaro da fam. *Icterideos, Xanthornus (Icterus) jamacai.* O colorido geral, preto, alterna com vermelho alaranjado na nuca, no dorso e na barriga; a aza tem espelho branco. E' da Amazônia e de todo o Norte do Brasil até Minas. Por causa de sua voz agradável e sonora, é muito apreciado pelos amadores de viveiros, tornando-se em geral muito manso. José de Alencar, poeticamente, alterou-lhe o nome, explicando-o como "Soffrer". No entanto é êle a nota mais alegre do sertão ressêco e só os "Galos de campina" conseguem efeito análogo, com seu colorido vivo.

Sofrê

Soim — Pronúncia cearense por "Saguí" (símio); às vezes chega-se a entreouvir "Sonhim".

Soldado — Peixe d'água doce do Ceará; é o mesmo que "T a m b o a t á".

Soldado — Peixe do mar, *Holacanthus tricolor*, da mesma família *Chaetodontideos* a que pertencem o "P a r ú d a s p e d r a s" e a "B o r b o l e t a"; o corpo é ovalado, comprimido e alguns raios das nadadeiras dorsal, anal e caudal prolongados. O colorido é vivo, contrastando o amarelo-cromo da cabeça, nuca e parte do corpo com o preto intenso de outras zonas; as nadadeiras são amarelas fimbriadas de rubro.

Soldado ou "S o l d a d i n h o" — Na Baía e também em Minas Gerais é o nome de certos gafanhotos na fase de saltão, cuja côr preta, com debruados vivos e vermelhos, é comparável à farda militar. Alimentam-se principalmente de coirana *(Solanacea* do gên. *Cestrum)*.

Soldado ou "M e l r o" — Pássaro da fam. *Icterideos, Cassicus chrysopterus*, de côr preta com dorso inferior e encontros amarelos; o bico é branco. E' mais comum no Brasil meridional, mas extende-se também até a Baía. Há outros pássaros da mesma família conhecidos pelo nome de "S o l d a d o s"; mas a espécie à qual nos referimos aquí é companheira do "J a p i m" e como êste, tem o bico alargado na base e na fronte. Coube-lhe o nome de "M e l r o", porque seu canto, aliás bem interessante, consiste muitas vezes na imitação das melodias de outros companheiros de viveiro e o mesmo se diz do melro europeu. Veja-se sob "J a p i m" e também sob "T a n g u r ú - p a r á" como os índios em suas lendas se referem à capacidade de imitação dêstes pássaros.

Seu ninho é uma bolsa típica (como a fazem também as outras espécies da família), tecida de barba de pau, previamente descascada e por isso preta como crina de cavalo. A bolsa mede em geral mais de meio metro e há ninhos que alcançam até um metro e pouco de comprimento; a entrada consiste numa fenda na parte superior. O ovo é esbranquiçado, com numerosos salpicos bruno-avermelhados.

Soldado de bico preto — Vide "E n c o n t r o".

Sôlha — Peixes do mar da ordem *Heterosomata*, como os "L i n g u a d o s", com os quais se parecem. Pertencem, porém, a uma outra família, dos *Soleideos* e, de um modo geral, pode-se dizer que estas espécies diferem dos linguados por terem bôca pequena, desprovida de dentes ou êstes são apenas rudimentares; os olhos são

pequenos, quasi contíguos. São as "Sôlhas" que mais frequentemente sobem os grandes rios, chegando mesmo até Goiaz. São peixes muito apreciados pelo fino sabor da carne, pelo que facilmente se lhes perdôa o aspeto pouco simpático da fisionomia repelente, de cara torta e repuxada.

Solteira — Peixe do mar da fam. *Carangideos*, *Scombroides occindentalis*. Na Baía dão o nome de "C a v a c o" às solteiras grandes. Segundo Castelnau, na Baía, a "S o l t e i r a" seria o *Caranx chrysus* (veja "C h e r e l e t e"). O mesmo nome cabe a certos peixes da água doce, da fam. *Characideos* subfam. *Anostomatineos;* no Brasil meridional e central, *Leporellus* e *Leporinodus*, atingindo êste maiores dimensões, até 40 cms. de comprimento. O corpo é antes esguio, prateado, com interessante desenho preto e amarelo na cauda e na nadadeira dorsal. No mercado não tem cotação, porque sua carne se corrompe facilmente; é porém ótima isca para peixes grandes. São seus parentes próximos a "T à g u a r a" ou "T i m b o r é" ou "C h i m b o r é".

Sororoca — Peixe do mar, da fam. *Scombrideos*, *Scomberomorus maculatus*, do mesmo gênero que as "C a v a l a s"; tem o feitio destas, mas é menor e caracterizam-no 3 ou 4 séries longitudinais de máculas douradas sôbre os lados do corpo; seu peso médio é de 2 kls. Aparece em grandes cardumes e por ser peixe muito vendável, faz-se a pesca da sororoca com rêdes especiais, de manejo difícil.

Sorubim ou "S o r u b í" ou "S u r u b i m". — Peixes de couro da fam. *Pimelodideos*, do gênero *Pseudoplatystoma*. A espécie típica, do sistema hidrográfico do Prata, mas que ocorre também no sistema amazônico e no S. Francisco, é *P. corruscans*, cujo processo occipital é truncado no ápice; a côr geral é pardacenta e todo o corpo é maculado de preto, bem como as nadadeiras. Alcança 3,30 ms. de comprimento, ultrapassando, portanto, o pirarucú em tamanho. Enquanto novo é de côr amarela e a princípio não tem o pontilhado característico.

Cabe ainda a êste peixe o nome "P i n t a d o" (no Brasil meridional). Mais para o Norte chamam-no de "L o a n g o", "J u r u p o c a", "C a p a r a r í", "P i r a c a j a r a" e "C a ç o n e t e". Mas algumas destas denominações cabem também à outra espécie congênere, *Ps. fasciatum*, cujo processo occipital é lanceolado e o desenho consiste em certo número de grossas riscas pretas, trans-

versais, algumas mais compridas, que chegam até à parte ventral e outras, curtas, não atingem a linha lateral; em outros espécimens o desenho é diferente, consistindo em faixas brancas e malhas escuras nos flancos. Encontra-se somente nas águas do sistema amazônico e parece não atingir às grandes dimensões da espécie precedente. Dão-lhe também o nome "S o r u b i m", ou, como registramos, "P i r a m b u c ú".

A pesca dêstes gigantescos *Pimelodideos* deve ser feita com anzol grande, encastoado em linha de sondar; mas, apesar de seu tamanho, êstes peixes deixam-se dominar mais facilmente do que seria de esperar.

Sorubim

O engenheiro Agenor A. Miranda publicou no "Imparcial" da Baía (13-1-924) um estudo minucioso sobre o rendimento da pesca do surubim (cremos ser *P. corruscans)*, nas grandes lagôas que margeiam o rio S. Francisco. As lagôas mais piscosas, de grandes dimensões e que medem 25 a 36 klms. de comprimento por 100 a 400 metros de largura, rendem anualmente de 100 mil a 600 mil peixes para a salga. Para êste total o sorubim contribue com talvez ¾ partes. Calcula-se em média, que 20 dêstes peixes fornecem 1 arroba de mantas sêcas. Uma rêde, nos 5 meses de pescaria favorável, pode render até mil arrobas. Nas margens baianas do S. Francisco há para mais de 80 lagôas, cujas dimensões permitem um rendimento anual de mais de 5 mil surubins, e assim, baseado em meticulosa estatística, o Snr. A. Miranda avalia em 3½ milhões o número dêsses peixes que vão anualmente à salga. Esta constitue naturalmente a base de uma indústria rendosa, pois a arroba é vendida a 20 e mesmo 30$000 (como sucedeu em 1923). E' fácil calcular a importância de tal pescaria e si ela, baseando o cálculo no preço de 20$000 por arroba, rende apenas 3.500 contos anuais, ao desperdício e à rotina cabem a culpa. Não se

prepara grude de peixe (ictiocola) e é fácil imaginar quão primitivos serão todos os processos empregados nessa indústria, que no entanto poderia, com algum cuidado, ser levada a muito melhor desenvolvimento.

O Dr. A. Lutz, em sua "Viagem pelo rio S. Francisco" assim se exprime a respeito: "O surubim aquí é sempre o melhor peixe, tanto pelo gosto como pela ausência de espinhas dentro da carne. Bem conservado, poderia ser exportado a maior distância, rivalizando com os melhores peixes importados. Seria oportuno que as autoridades estudassem o assunto, facilitando o melhor desenvolvimento dessa indústria". Companhias de pesca têm transportado o sorubim do rio São Francisco para o Rio de Janeiro, via Pirapora-Belo Horizonte e há apreciadores que o preferem a muitos outros peixes de qualidade.

Sovela — Na região sertaneja da Baía ao Piauí designam-se assim os *Culicideos Anophelineos*, em oposição aos outros mosquitos que são "M u r i ç o c a s" (confronte-se, porém, a significação amazônica dêste último vocábulo).

Soví ou "G a v i ã o p o m b a" — *Ictinia plumbea.* E' bem menor que os outros "gaviões-pombas", (do gên. *Leucopternis).* O colorido é cinzento uniforme; as azas e a cauda são pretas; as retrizes têm 3 faixas transversais brancas, mais visíveis no lado inferior. No lado interno das azas nota-se um belo colorido castanho vivo. O bico tem um recorte em forma de dente.

Não é nada arisco; errando-se o tiro, muitas vezes a ave torna a pousar no mesmo lugar. O Dr. Goeldi queixa-se até de um "soví" lhe ter roubado aves mal feridas. Quando há queimadas, bandos de 6 a 8 dêsses gaviões cruzam as nuvens de fumaça, caçando gafanhotos e outros insetos que procuram escapar às chamas e provavelmente nessa ocasião facilmente surpreenderão outras vítimas.

Soví — Ave da fam. *Tinamideos, Crypturus soui,* portanto do mesmo gênero dos "I n a m b ú s". Extende-se do Rio de Janeiro e Minas até a Amazônia. Veja-se também os nomes "T u r i r í" e "S u r u r i n a".

Suassú — Vide "G u a z ú".

Suassú-apará — Veja sob "V e a d o g a l h e i r o". "S u a s s ú" ou propriamente "Coó-assú", que significa a caça (comida) grande e "apará", isto é, curvo, refere-se à galhada, que nesta espécie não é retilínea como nas outras.

Suassú-pita — O mesmo que "V e a d o p a r d o".

Sucurú — Veja sob "J o ã o B o b o".

Sucurí ou "S u c u r í j u b a" no Norte, "S u c u r i ú" e "S u c u r i j ú" na Amazônia ou "B o i u s s ú" — *Eunectes murinus* da fam. *Boideos*. E' a maior das serpentes do mundo, pois só tem como rival em tamanho *Python reticulatus* das ilhas Sumatra e Bornéus, que atinge 10 metros de comprimento. O maior espécimem autenticado da Sucurí, guardado no museu de Londres, mede

Sucurí

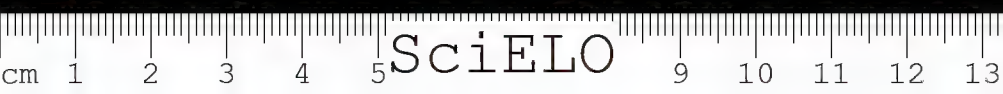
29 pés (8^m,70). Temos notícia exata a respeito de uma sucurí de 11^m,28 de comprimento. (Infelizmente foi apenas contado por "caçador", que os maiores exemplares atingem 12 ou 15 metros). Peles com 8 ms. de comprimento não são raras e então medem 75 cms. de largura. O colorido é pardo-azeitona, com uma série dupla de grandes manchas pretas. A cabeça é revestida por numerosas escamas pequenas, como nas "serpentes venenosas" (veja-se estas) e não como nas cobras comuns, que têm os escudos simétricos.

A sucurí não é venenosa, mas, utilizando-se da incrível fôrça muscular, mata qualquer preza que consiga enroscar; arroxando os laços e as voltas com que enleia o corpo da vítima, quebra-lhe os ossos e assim, ao mesmo tempo mata e prepara o bocado para a deglutição. Alimenta-se principalmente de peixes, aves aquáticas e grandes mamíferos, que frequentam as águas onde ela própria passa a maior parte da vida; capivaras, antas, bem como veados e outros animais que surpreende nos bebedouros. Vive só nas matas que margeiam os grandes rios; não existe no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, nem no litoral paulista; mas do interior dêste Estado ela se extende para o norte até o Orenoco.

Ao homem acostumado às grandes caçadas, a sucurí, mesmo sendo de porte avantajado, não atemoriza. Um tiro certeiro na cabeça ou na espinha põe o monstro logo fora de combate. Há casos verídicos de lutas em que, errada a pontaria, a sucurí conseguiu enroscar-se no caçador, porém os companheiros o salvaram prontamente. Em geral ela não ataca sinão crianças; Bates conta dois casos em que os pais acudiram em tempo para livrar os filhos de estrangulamento. No tempo da procreação ouve-se-lhe um bramido bastante intenso; contudo a descrição que a respeito fez o general Couto de Magalhães, é certamente exagerada. No cativeiro, nos primeiros tempos não aceita alimento algum e um espécimem persistiu nesta teima durante 19 mêses, sem com isto ter emagrecido!!

Bastante generalizada, apezar de tão pouco verosímel, é a fábula que explica como a sucurí consegue deglutir um boi — a serpente devora o corpo e deixa apodrecer o crâneo com os chifres, que lhe ficam atravessados entre os maxilares! O maior animal que, segundo observação bem documentada, foi encontrado na barriga da sucurí, era um suassuapara, veado do tamanho de uma novilha, como o documentou o Gen. Couto de Magalhães. Medindo a maior circunferência dessa sucurí, o mesmo autor indica 7 palmos, o que atribue a estar o corpo muito distendido pelos gases provenientes da putrefação do animal contido no estômago. A cabeça dêsse exemplar não era, entretanto, maior do que a mão de um homem e assim a deglutição da preza só se realiza graças à enorme distensibilidade dos tecidos, à qual os ossos, que se desarticulam, não opõem embaraço.

Apenas a título de curiosidade, para documentar o "exagêro" a que muitas vezes se deixam arrastar os es-

critores, quando se referem aos répteis avantajados, transcrevemos um trecho das famosas "Cartas" do Padre Anchieta; e será quasi inútil prevenirmos o leitor contra o desfecho arqui-sereno: "As Sucuriúbas engolem, como disse, alguns animais grandes, que os índios chamam Tapiara (anta); e como o estômago os não possa digerir, ficam estendidas no chão, como se estivessem mortas, não se podendo mover, até que o ventre apodreça juntamente com o alimento; então as aves de rapina lhes dilaceram o ventre e o devoram, ao mesmo tempo que o seu repasto; depois, informe e semi-devorada, a serpente começa a se reformar, crescem-lhe as carnes, estende-se-lhe a pele, volta à sua antiga forma"!

Suinara — Pronúncia amazônica por "S u i n d a r a". Há ainda as alterações: "S u i n d á" e "S u i n á".

Suindara — E' a grande coruja da fam. *Strigideos, Strix flammea perlata*, aliás uma subespécie da "coruja das torres", da Europa, e é chamada na Amazônia de "R a s g a m o r t a l h a". O corpo mede 35 cms. A côr é cinzenta e amarela nas costas, com salpicos brancos e pretos; a grande região ocular, branca, é margeada por uma linha escura; o lado ventral é branco, salpicado de preto. Vive nas regiões de campo, gostando de refugiar-se nas torres das igrejas, onde também nidifica. Sua voz às vezes simila uma gargalhada sarcástica, ou então ouve-se-lhe um sonoro "psssxt" proibitivo — e de uma ou outra forma não raro assusta quem já estava entrevendo fantasmas no escuro. Não há dúvida que tais sustos, de que a suindara involuntariamente foi a causa, são pagos sob forma de antipatia — quando, ao contrário, de entre as corujas, muito especialmente esta, merece apenas louvores. Não há quem a exceda na arte de caçar ratos e são êstes seus bocados prediletos.

Como tôdas as corujas, ela devora a preza sem deixar resto e portanto também os ossos e os pêlos vão para o estômago: aí realiza-se um trabalho completo de extração das substâncias nutritivas e, o que for de todo inaproveitável, é regorgitado sob forma de uma bola compacta, de detritos sólidos. O naturalista, quando quer indagar qual o cardápio de uma determinada coruja, limita-se a coligir, no pouso habitual, as bolas regorgitadas e com alguma paciência, examinando os ossos e dentes aí contidos, classifica, uma por uma, as espécies, dias antes vitimadas pela coruja. Procedendo desta forma, um zoólogo norte-americano analisou 200 destas bolas e a identi-

ficação dos 454 crâneos nelas contidos, demonstrou que pertenciam 453 a pequenos roedores (ratos caseiros e do mato) e um único crâneo de pássaro que havia em todo êste conjunto... era de pardal, ou seja de sevandija também!

Suirirí ou "S i r i r í" ou "T i r i r í" (nomes onomatopáicos) — Designam várias espécies de pássaros da fam. *Tyrannideos*, um tanto semelhantes aos "Bentevís"; tais são *Sisopygis icterophrys*, verde-azeitonado em cima, com azas e cauda escuras, amarelo em baixo e com sobrancelhas também amarelas; *Machetornis rixosa*, igual ao precedente no colorido, distinguindo-se porém pelo vértice vermelho-escarlate. Parecido com êste é o "Sirirí" muito conhecido, *Tyrannus melancholicus*, cujo bico, porém, é mais largo, como o dos "Bentevís". Como êstes seus parentes, um ativo caçador de insetos daninhos, principalmente de içás e basta-lhe êste título de recomendação, para que deva ser inscrito na lista dos nossos pássaros mais úteis.

Supí — Pássaro da fam. *Tyrannideos*, *Mionectes oleaginus*, do grupo das "G u a r a c a v a s". E' verde-azeitona em cima e côr de canela no lado inferior. A essa espécie amazônica corresponde no Sul *M. rufiventris*, semelhante, porém com azas e cauda pretas, margeadas de amarelo.

Suruanã — Tartaruga do mar, *Chelone mydas*, espécie que aliás habita todos os mares tropicais. Parece, porém, que só na Amazônia ou no Norte do Brasil lhe dão aquele nome; ocorre também no litoral paulista e daí para o Sul até o Rio da Prata, mas aquí não lhe conhecemos nome vulgar especial. A couraça atinge mais de um metro de comprimento.

Aplica-se também, em parte, a esta espécie o que fica dito sob "T a r t a r u g a d a A m a z ô n i a", com relação ao aproveitamento da carne e dos ovos. E', porém, menos frequente e não penetra na água doce sinão até a ilha Marajó. Pertence ao mesmo gênero que a "T a r t a r u g a v e r d a d e i r a" ou "d e p e n t e". *(Ch. imbricata)*; veja "T a r t a r u g a".

Surucuá — Aves da fam. *Trogonideos*, cujos pés têm dois dedos (1.º e 2.º) voltados para trás e os dois outros para a frente; o bico é curto e largo, provido de cerdas nos ângulos da bôca; a plumagem é fôfa e macia e em geral de cores belíssimas. O macho caracteriza-se pelo

brilho metálico, verde ou azul, da cabeça, dorso e peito; a barriga é, conforme as espécies, amarela ou escarlate; na fêmea o colorido metálico é substituido por simples plumagem pardacenta. Habitam só as grandes matas e sua simplicidade ou, diremos com mais propriedade, sua estupidez, poderia substituir entre as aves o paradigma proverbial eleito pelo homem entre os quadrúpedes! Horas e horas fica o surucuá sentado no mesmo galho e parece impossível que consiga mitigar a fome a custa de insetos, pois quando êstes lhe passam por perto, êle, muito pachorrento, apenas os acompanha com a vista; por isto também se contenta, às vezes, com figuinhos e outras frutinhas.

Para caçá-lo basta imitar-lhe a voz, um "hu-hu" repetido, em tom de assobio, e logo, tanto o macho como a fêmea se aproximam. Tendo-se a necessária paciência, consegue-se fazê-los chegar à distância de varadas, para estonteá-los. Sua carne é apreciada pelos caçadores; mas o naturalista detesta o trabalho que dá a preparação dessa ave, cuja pele é tão delicada, que nem o mais hábil taxidermista pode descarná-la sem rompê-la várias vezes; é, juntamente com o pica-pau, a pedra de toque do ofício.

O gênero *Trogon* compreende 8 espécies brasileiras, espalhadas por todo o país. Há ainda uma espécie, do gên. *Pharomacrus*, amazônica, que ultrapassa os demais surucuás em beleza, a ponto de ser uma das aves mais lindas do mundo. A espécie mais conhecida desta família é a da América Central e do México, aí denominada "Quetzal". Pela beleza das plumas, tanto das azas como da cauda, seria esta espécie quasi comparável às "aves do paraizo"; e si o arranjo da plumagem não é tão elegante nem tão delicado como naquelas, os surucuás levam vantagem no colorido cintilante, que chega a rivalizar em brilho e fulgor com os dos beija-flores. A nidificação dos surucuás ainda não foi bem estudada; entretanto parece certo que excavam buracos nos cupins arbóreos e nessas galerias põem 2 a 4 ovos, inteiramente brancos.

Surucucú — E' a mais temível das nossas serpentes; fam. *Viperideos*, *Lachesis mutus*. Distingue-se facilmente das outras espécies do mesmo gênero (jararaca, urutú, etc.) por ter a cauda terminada em espinho e as últimas escamas serem arrepiadas; as da cabeça são arredondadas; as escamas do corpo em geral não têm a simples crista mediana, mas formam uma protuberância acuminada ou, como o lembra a denominação nortista: "S u -

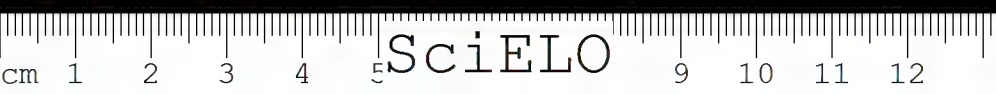
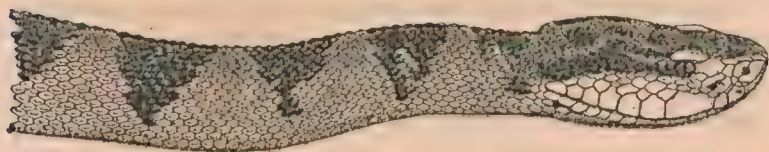
PÁSSAROS

Uirapurú
(músico)

Surucuá

Tangará

Gralha

Uirapurú

rucucú pico de jaca". O colorido é amarelo-sujo, sôbre o qual se destacam grandes manchas pretas, medianas, romboédricas ou em losango, com prolongamentos triangulares sôbre os flancos. Atinge dimensões maiores que qualquer das outras serpentes da nossa fauna, isto é, até 3 metros de comprimento. Aliando à sua fôrça extraordinária uma peçonha de efeito violentíssimo, armazenada em grande quantidade nas enormes glândulas, a surucucú de fato faz jús ao renome que conquistou em todo o Brasil. Não existe nos Estados meridionais; têm sido assinaladas na baixada do Est. do Rio de Janeiro e daí para o Norte extende-se até a América Central;

Surucucú

felizmente, porém, é rara. Os índios amazônicos apreciam sua carne como ótimo petisco, que aliás Paul le Cointe confirmou após experiência própria.

Surucucú de fogo — Nada sabemos de positivo acêrca desta espécie. Apenas Frei Prazeres, na Poranduba Maranhense relata a lenda de que esta cobra avermelhada "persegue de noite quem leva fogo e atira-se a êste para o apagar". Afranio do Amaral identifica a "Surucucú de fogo" com a surucucú comum, *Lachesis mutus*.

Surucucú do pantanal — Veja sob "Boipevussú".

Surucucú patioba — O mesmo que "Jararaca verde" e assim chamada por gostar essa cobra de se esconder entre a folhagem da palmeira, também chamada pindoba, no Norte, congênere da indaiá. Daí seu outro nome: "Surucucú de pindoba".

Surucucú-rana — Na Amazônia dão às vezes êste nome às "Jararacas"; esta última denominação porém, lá se usa igualmente.

Surucucú-tinga ou "Surucutinga" — Parece que não há dúvida ser êste nome perfeito sinônimo de "Surucucú". No entanto, si ambos se referem a *La-*

chesis mutus, porque o qualificativo "tinga" (branco)? De fato, *L. mutus* é das nossas serpentes a mais clara. Seria então, primitivamente, surucucú uma denominação coletiva? Ou, ainda, êste têrmo, que a princípio possuia apenas valor específico, teve sua significação ampliada pelos colonizadores e daí, tomado na acepção genérica (serpente perigosa), a necessidade de diferenciar as várias surucucús: S. tinga, S. patioba, S. tapete, S. pico de jaca. Como se vê a formação híbrida dos dois últimos nomes citados, corrobora tal explicação.

Surubim — Veja sob "S o r u b i m".

Sururina — Ave amazônica da mesma família dos "I n a m b ú s", *Crypturus soui*, de côr bruno-amarelada, quasi unicolor, mais clara no lado ventral e com garganta alva. Também é denominado por "T u r u r ú" ou "T u r i r í" na Baía e seu canto, diz o povo, marca as horas. (Veja-se "I n a m b ú r e l ó g i o").

Sururú — Molusco *Lamellibranchio* marinho da fam. *Mytilideos*, *Mytilus perna*. E' comestível, como a espécie congênere *M. edulis* (veja "M e x i l h ã o" e "M e x i l h ã o d a s p e d r a s"). A concha compõe-se de duas valvas simétricas, de forma oval-alongada, mais pontuda na parte anterior, arredondada atrás; é revestida por fora por epiderme pardo-avermelhada e a face interna é branca, nacarada; atinge 8 cms. de comprimento. O sururú fixa-se às pedras sujeitas à maré, por meio de numerosos fios, segregados por uma glândula especial. Encontra-se à venda nos mercados principalmente no litoral nordestino; a carne é amarela.

Segundo Wilson da Costa há a distinguir no Norte (Maranhão) o "S u r u r ú d e c o r ô a", das corôas de areia, onde vive em "mantas" ou camadas extensas; nestas circunstâncias não atinge maiores dimensões. Além dêste há o "S u r u r ú d e p u n h o", que vive no tijuco do mangue, onde deixa pequenos orifícios à flor do mangue, para respirar.

Afamado é o sururú das alagôas de Maceió. O ano todo os pescadores peneiram o fundo da grande lagôa, para catar os moluscos, cuja multiplicação aí deve ser enorme. No mercado se vende o sururú já fervido e tirado da casca. E' impressionante a quantidade negociada e o tema bem mereceria ser estudado do ponto de vista biológico, para que fossem estabelecidas boas normas, visando a salvaguarda desta riqueza, que, sem dúvida, a exploração demasiada e outros desatinos tendem a exterminar.

Sururú de Alagôas — E' afamado êste sururú e por isto todo viajante, curioso por conhecer as coisas típicas de nosso país, pede logo à primeira refeição que faça em Maceió, que lhe sirvam êste prato, tão falado. Por dever de ofício e não para desfazer a fama do petisco, precisamos dizer que, sem sair do Rio de Janeiro ou de Santos pode-se comprar o mesmo molusco, devendo-se porém neste caso encomendá-lo sob o nome de "B a c u c ú", que é como a mesma espécie, *Modiolus guyanensis*, é conhecida no Brasil meridional.

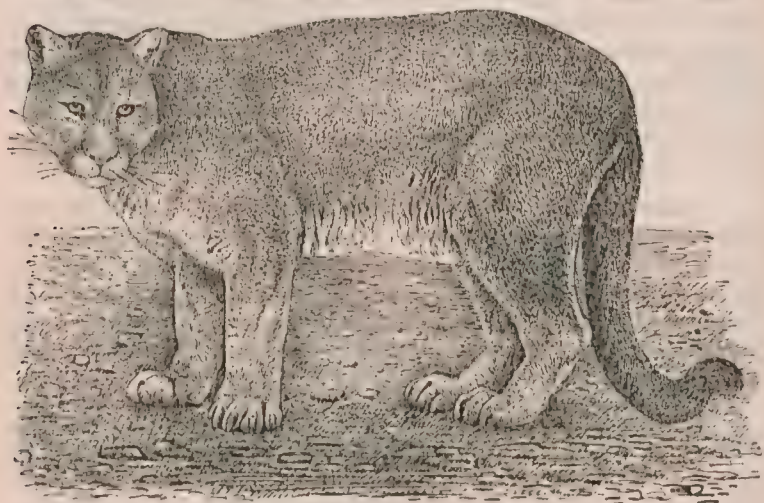
Esta espécie pouco difere do mexilhão comum *(Mytilus)*, mas é fácil verificar que nesta última as linhas cocêntricas de crescimento, têm como centro aproximadamente o ápice anterior da concha, ao passo que em *Modiolus* êsse centro se acha deslocado um tanto para trás; além disto a face interna do mexilhão é quasi branca, ao passo que no "sururú de Alagôas" ela é azul ou esverdeada.

Suassuapara — ou "S u s s u a p a r a", que é a pronúncia corrente nos Gerais baianos e no Norte de Goiaz, designa o "V e a d o g a l h e i r o" na língua tupí-guaraní. Não sabemos si para o verbete seguinte também deve ser registrada a variante "suassuarana"; lembraremos, porém, que no Nordeste há o nome patronímico "Suassuna".

Sussuarana — São as mesmas lagartas urticantes, geralmente conhecidas por "T a t o r a n a s". Não há, ao que diz Th. Sampaio, comparação com o felino dêsse nome, mas, alteração de *taturana* em *sassurana*.

Sussuarana ou "O n ç a p a r d a" — A denominação "p u m a", generalizada na Europa, parece ser de origem hispano-americana. E' um felino, *Felis concolor*, pouco inferior em tamanho à onça pintada, pois atinge 1m,20 de corpo, além de 65 cms. de cauda; a altura regula 60 a 65 cms.: O corpo é, porém, mais delgado, a cabeça menor e as pernas são mais alongadas. E' um dos poucos felinos unicolores, como o "G a t o m o u r i s c o" e a "E i r a". O pêlo, em geral curto, mas um tanto alongado na barriga, é amarelo-vermelho queimado, mais escuro no dorso, amarelo-claro na parte ventral; o peito, a garganta, o lado interno das extremidades são brancacentos, bem como algumas regiões da cara; diante dos olhos nota-se uma mancha escura. Os filhotes, nascem pintados, com numerosas manchas escuras no dorso e algumas linhas pretas no pescoço e anéis escuros na cauda.

Habita toda a América, do Canadá à Patagônia, com variantes subespecíficas nesses dois pontos extremos. Prefere as matas e só frequenta os campos, quando aí encontra macega alta ou capões, que lhe sirvam de refúgio durante o dia.

Caça de noite e, menos atrevida que a onça pintada, não ataca o gado e muito menos o homem, do qual sempre foge. Mas extremamente ágil, caça também no arvoredo, onde às vezes consegue alcançar os macacos, franqueando, como êstes, distâncias de 5 metros. Rengger diz que viu 18 ovelhas mortas numa noite pela sussuara-

Sussuarana

na, a qual no dia seguinte foi morta em um capão pouco distante. O estômago estava repleto de sangue, a carne, em tais ocasiões de fartura, ela despreza. Êsse gôso excessivo de sangue lhe produz uma espécie de embriaguez, o que aliás também se verifica com relação a vários outros carnívoros sanguinários. Afirmam no Paraguai que a onça parda é capaz de matar até 50 ovelhas em uma só noite.

Alguns caçadores, baseando-se em sutís diferenças no tom do colorido, distinguem variedades a que dão nomes como "de lombo preto", "ruiva", "Maçaroca" (esta última talvez com pêlo crespo). Sussuarana é nome tupí, "Iaguapita", guaraní. Na Europa vulgarizou-se a denominação "Cuaguar", além de "Puma", já acima mencionada.

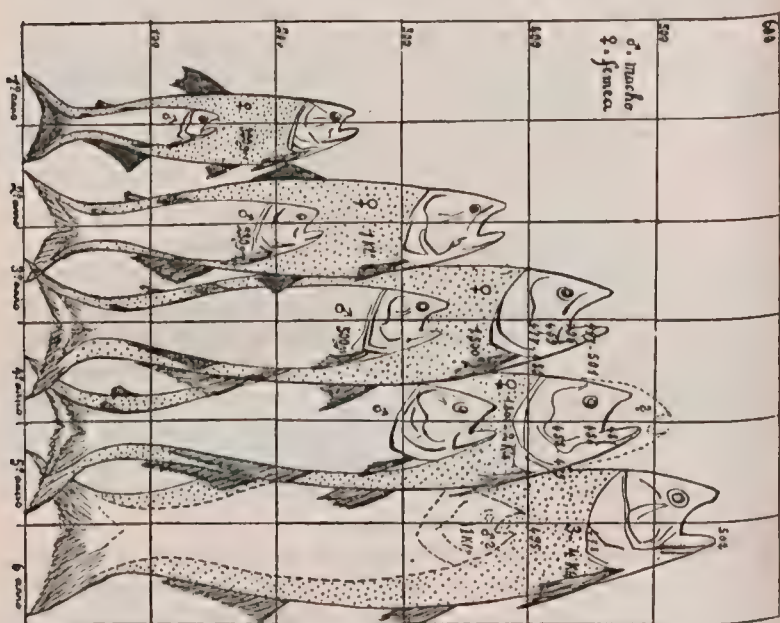
T

Tabaco-bom — Espécie de "B a c u r a u" (fam. *Caprimulgideos, Podager nacunda)*, também conhecido por "S e b a s t i ã o". Ambos os nomes são onomatopéias nortistas, bem como "T i o n - t i o n". No Sul a mesma ave é denominada "C o r u c ã o". Caracterizam esta espécie o colorido pardo, manchado de preto e amarelo, uma faixa regular branca em forma de meia lua e o ventre branco, bem como uma faixa de igual côr que atravessa a aza. Começa a voar logo ao pôr do sol e às vezes também aparece de dia, quando chove.

Tabarana — Peixe de escama da água doce, da família *Characideos, Salminus hilarii*, semelhante ao "D o u r a d o", porém menor; raro se pescam exemplares de mais de dois palmos de comprimento. Seu colorido, quanto ao desenho de linhas pretas longitudinais, sôbre o meio das séries de escamas, é idêntico ao do dourado, porém em vez dos tons áureos, orna a tabarana um lindo matiz violeta-avermelhado ou mesmo positivamente vermelho, sôbre fundo quasi branco-prateado e nas abas da cauda um vermelho rubro (em vez de amarelo-ouro) margeia a faixa central preta da nadadeira.

A pesca da tabarana muito se parece com a do dourado; o peixe é violento e selvagem no pegar a isca; abocanha e logo procura o fundo; sentindo-se fisgado, vem à tona, salta e tenta desvencilhar-se do anzol, o que não raro consegue. Mas há as tabaranas "civilizadas", dos rios muito pescados; estas são cautelosas e para pescá-las é preciso lançar mão do seguinte ardil: a isca deve ser um lambarí vivo, que se contorça no anzol. ("A Pesca", Fausto Lex).

Quando os pequenos rios transbordam ao tempo da desova, a tabarana é um dos melhores rendimentos da "piracema". À noite o peixe vem desovar no capim alagado e então corta-se-lhe a retirada por meio de rêdes e tapumes, armados nos escoadouros. A colheita às vezes é fantástica, pois que centenas e mesmo milhares de peixes

são assim capturados em riachos nos quais horas antes não havia peixe. Para conservá-los de modo a não perder a carne o seu fino sabor, costumam os pescadores passar os peixes preparados, na gordura, e guardá-los em potes de barro; assim, ainda meses depois, podem ser servidos como se fossem frescos. Para esta espécie, como para o dourado foi estudada a relação: "comprimento — pêso — idade", tomando-se por base o número de anéis correspondentes aos anos de idade, visíveis nas escamas. Desta forma foi traçado o diagrama que aquí reproduzimos.

Tabarana
(Comprimento em milímetros)

Seja mencionado ainda, que esta espécie do gênero *Salminus* se encontra principalmente nas cabeceiras dos rios, muito à montante do ponto terminal da subida do dourado; mas as duas espécies também cohabitam as mesmas águas no rio largo. Há quem considere, por esta e outras razões, a tabarana como simples forma vicariante do dourado.

Em alguns rios do Nordeste encontra-se a "J u t u b a r a n a", que corresponde exatamente à forma acima

descrita e o próprio nome é evidentemente o mesmo, pois também no Sul há quem pronuncie "T u b a r a n a". Veja também "S a i p é".

Tabuiaiá ou "T a b u j a j á" — No Brasil central esta denominação parece ser mais usada que "J a b i r ú - m o l e q u e" ou "B a g u a r í" *(Ardea socoi)*.

Tachã ou "C h a á" ou "A n h ú - p o c a" — Ave grande, da fam. *Palamedeideos, Chauna cristata.* E' se-

Tachan

melhante à "A n h u m a", porém não tem "chifre" como esta; penas alongadas ornam a nuca e no meio do pescoço há uma zona núa em forma de colarinho, de côr vermelha como as pernas e como a região núa ao redor dos olhos. O colorido geral é cinzento; a garganta e a parte do pescoço superior à zona núa, são brancas. Os encontros das azas têm fortes esporões córneos.

No Rio Grande do Sul é frequente, como também na Argentina; no Estado de S. Paulo só ocorre no Oeste, extendendo-se daí e pelo Mato Grosso até a Amazônia. Vive aos casais nas lagôas e nos banhados. Sua voz forte pronuncia as duas sílabas de seu nome; ouve-se principalmente pouco depois de escurecer e de madrugada; por isso o povo diz que o "tachã" marca as horas de dormir e de levantar e quem lhe não obedece, não é bom trabalhador. Para nidificar, o tachã escolhe, em meio dos pantanais, os lugares de mais difícil acesso e aí cons-

trói sôbre as touceiras de plantas aquáticas. Juntando tôda sorte de varetas e sarmentos, a ave prepara uma como que pequena ilha artificial, tão ampla e sólida, que até o pêso de um homem não a faz afundar. O interior do ninho porém não é muito cuidado.

A denominação de "tachã" é riograndense, onomatopáica e com o *ch* pronunciado como em alemão portanto não como *taxã*, mas quasi *ta(rr)ã*. O sinônimo "A n h u m a - p o c a" ou "A n h ú - p o c a" é matogrossense; na Rep. Argentina seu nome é "T a j á".

Tachí, "F o r m i g a d e n o v a t o" ou "N o v a t o" — Nome amazônico de certas formigas (gên. *Pseudomyrna)*, que se alojam nas cavidades especiais que encontram nos pedúnculos das folhas de certas árvores, as quais por isso são conhecidas por "tachizeiros" (Leguminosa, *Pterocarpus ancylocalyx*, de flor amarela e a Poligonacea, *Tripalis surinamensis*, o "tachí-preto"). E' perigoso encostar-se ou bater em tais árvores, sempre cobertas de formigas, pois estas prontamente se deixam cair sôbre o imprudente, e à fôrça de picadas doloridas, o obrigam a despir-se. Esmagadas, estas formigas desprendem um forte odor acre, desagradável.

As árvores em que se encontram as tachís, os tachizeiros (além das supramencionadas, ainda as *Caesalpinaceas, Tachygalia macrostachis* e congêneres e *Clerolobium goeldianum)* são também chamados "Pau de novato", porque só os inexperientes, os novatos na Amazônia, ingenuamente tentam aproveitar as varas direitas do tachizeiro. E' aliás uma das brincadeiras com que "os da terra" se divertem à custa dos recem-chegados, fazendo com que êstes bulam com os tachís.

Tachuré — Denominação indígena de vários passarinhos da fam. *Tyrannideos* e especialmente do gên. *Euscarthmus*, que o brasileiro denominou "C a g a s e b o". O nome indígena encerra o radical "*tachy*", isto é, formiga, e de fato trata-se de valentes destruidores dêsse inseto. Não sabemos si em qualquer região do país êsse nome ainda hoje faz parte do vocabulário brasileiro. Registraram-no o Principe de Wied e Burmeister e é baseado nestes autores que os colecionadores de brasileirismos citam o vocábulo.

Tacibura — Assinalado por Forel, como sendo o nome de uma formiga da Amazônia, a qual provavelmente lhe fôra enviada por Goeldi, para fins de classificação.

Tacipitanga — Formiga da Amazônia provavelmente vermelha (*"pitanga"*, em guaraní).

Tacuaré ou "T a m a c u a r é" — Na Amazônia é uma lacertílio do gên. *Enyalius*, lagartixa verde, manchada de bruno, com crista dorsal mal aparente, de 25 a 30 cms. de comprimento. Alberto Rangel escreve "T a m a n - q u a r é" e diz que "se espicha ao sol sôbre as folhas da "Vitória régia".

Igual nome têm diversas árvores amazônicas da fam. *Guttiferas*, gên. *Caraipa*, cuja resina é muito cheirosa e segundo Th. Sampaio, designa ainda almiscar ou amavios. Essa árvore seria pois a *Caraipa paraensis*, de cujas sementes se extrai um óleo curativo contra herpes e sarnas. Barbosa Rodrigues (Poranduba, pg. 150), diz porém, que é do próprio corpo do lacertílio que os índios se utilizam para a composição de filtros amorosos e de unguentos para amaciar a pele do rosto.

Em uma lenda do Rio Negro o "Tamacuaré" figura como não temendo o fim do mundo, porque pegando fogo na terra, êle se salvaria ou subindo nas árvores ou sumindo na terra, ou pulando no rio; e depois quando tudo ardesse, êle exclamaria: "Chá mamú"! (Eu morro!). De fato êste latertílio, mais destro que outras espécies, foge ao perseguidor por qualquer dêsses modos.

Taçuíra — Em linguagem caipira designa certa casta de formigas (Amad. Amaral). Derivado do radical tupí "*tachy*" ou "*taxí*" — formigas em geral.

(Tacuité) — Frei Prazeres, na "Poranduba Maranhense" menciona essa denominação, aplicada a um porco do mato. Sua definição é, porém, bastante confusa; depois de mencionar o "Q u e i x a d a" e o porco "Verdadeiro", acrescenta que "estas duas castas denominam-se "tacuités". A seguir ainda descreve o "c a i t e t ú" ou "t a i t e t ú", que, portanto, não é "t a c u i t é". De fato, porém, só há duas espécies de porcos do mato em nossa fauna.

Tacurú ou "I t a c u r ú" (veja "C u p i m") — O Pe. Teschauer registra "t a c u r í s" como sendo o plural usado no Rio Grande do Sul. A palavra é puramente tupí e Montoya, sob "Curú", diz: "Ytácurú, las piedras que pone debajo de las ollas, ó los bodoques de barro que hacen para esto".

Taguara — Peixe de escama, da água doce, da fam. *Characideos*, do gên. *Leporellus* e portanto afim ao

"C h i m b o r é". Os pescadores de Pirassununga não guardam êste peixe, porque se deteriora logo (como o "P e i x e c i g a r r a") e portanto não serve para o mercado, mas é isca excelente para dourado. O "C a m p i n e i r o " do Sul de Minas é peixe semelhante, pelo menos congênere, si não idêntico.

Taiabucú — Etimologicamente será o mesmo que "Tambicú"? Veja "P e i x e c a c h o r r o" e "P i r a p u c ú".

Taibú — E' como "T i m b ú", uma das várias denominações indígenas do "G a m b á"; talvez sejam as duas primeiras apenas formas correlatas do mesmo vocábulo.

Tainha — Peixes do mar, da fam. *Mugilideos*, que tanto no litoral de todo o Brasil como nos Estados Unidos e na Europa (aí representado por outras espécies do mesmo gênero), têm grande importância econômica, não tanto pela qualidade, que é inferior, mas pela quantidade em que é pescado. A espécie maior é *Mugil platanus*, que atinge 90 cms. e mesmo 1 metro de comprimento, com 4 a 5 e até 7 quilos de pêso. *M. cephalus* e *M. lisa* são menores. Há a distinguir ainda o "P a r a t í", e a "S a ú n a", que diferem da "T a i n h a v e r d a d e i r a" por terem as nadadeiras dorsal e anal espessamente cobertas de escamas e por não terem estrias pretas ao longo do corpo como aquelas. Da Baía para o Norte dá-se o nome de "c u r i m ã" à tainha do Sul e lá a denominação "t a i n h a" designa os "p a r a t í s" do Sul. Em Santos os cardumes ou "mantas" de tainhas chegam em tempo certo (fins do inverno) para desovar, fornecendo então as apreciadas "ovas de tainha". Informou-nos o Sr. Benedito Calixto: "Sobem pelo Rio Branco (Santos) durante 15 dias, depois esperam pelo vento noroeste, para sairem outra vez; isto até 29 de Junho (São Pedro); depois não sobem mais. Até essa data "corre peixe na costa". No Monganguá, há 50 anos, estabeleciam-se, nesse tempo, grandes indústrias para a salga da tainha; havia então fartura de peixe durante muitos meses e a exportação era avultada. Hoje tudo isto acabou, por falta de regularidade".

As tainhas criam-se na água doce e vivem durante algum tempo na água salobra das embocaduras; depois vão ao mar, mas são "t a p i a r a s" isto é, ainda não se purificaram em alto mar e a carne ainda é ruim, pelo que os conhecedores as desprezam. Diz-se também "C u r u m ã - a r a" ou "C u r u m ã - a í v a" (ruim) designando as

tainhas novas, ruins de gosto. As mais apreciadas são as "tainhas viajadas", isto é, as que já fizeram estágio prolongado em alto mar, em água pura; a estas também dão os pescadores o nome de "tainha nova" (isto é, a que chegou há pouco, após longa viagem). Parece que exteriormente esta se distingue por ter costado mais azul que as não viajadas.

No Pará, diz J. Verissimo, a pesca da tainha se faz primeiro de Junho a Agosto, com lanços de rêde e depois,

Tainha

em Setembro e Outubro, nos currais e cambôas, que se estendem por tôda a região submarítima. A êsse tempo animam-se aquelas longuíssimas praias arenosas, pois acodem a elas não só os pescadores, que de parceria colhem o peixe, como ainda os negociantes ambulantes e gente de tôda a espécie. Há festas em algumas barracas mais opulentas, danças e ladainhas repetidas, pretexto a outras festas. Paralelamente à praia, estendem extensos parís, esteiras de talas fortes, que se alongam, às vezes, por cem a cento e cincoenta metros e cujas extremidades sobem pela praia até que fiquem fora do alcance das mais altas marés. A maré, recobrindo durante o fluxo estas cêrcas, deixa-as cheias de pescado e na baixa-mar fazem os pescadores a "despesca" dos currais, que ficam total ou parcialmente sêcos ou apenas com pouca água, facilitando a colheita do peixe em cêstos, à mão ou com tarrafas. Nesta colheita tomam parte todos os das feitorias, homens, mulheres e crianças. São por milhões, às vezes, as tainhas, além de outros peixes, que ficam nas cêrcas. Quando os pescadores prevêm que não podem aproveitar todo o peixe, têm em geral o cuidado de abrir o cercado, afim de poupar a morte inútil do pescado.

A tainha vai para o comércio salgada ou moqueada; sob esta última forma é que principalmente aparece nos

mercados da capital. Para moquearem quantidades consideráveis delas, abrem grandes covas, fundas de dez palmos, na praia arenosa e, limpas das entranhas as tainhas, sem lhes tirarem as escamas, as empilham regularmente nas covas, recobrindo-as de areia. Sôbre a cova repleta fazem uma grande "coivara" ou montão de lenha e acendem a gigantesca fogueira, que alimentam durante vinte e quatro e mais horas. Aquela sucessão de fogueiras pelas longas praias fazem à costa uma singular iluminação, como se a beirada ardesse em um vasto incêndio. Ao cabo do tempo julgado conveniente, abrem os pescadores as covas e retiram moqueadas as tainhas.

Para se avaliar a importância que em certos anos assume esta pescaria, destacamos os seguintes dados estatísticos: "Na Ilha Grande, em Julho de 1922, em uma das praias e de uma só vez, foram apanhadas 11.700 tainhas e em Marambaia, em uma semana, a pesca rendeu 35 ou talvez quasi 40 mil tainhas". (A Voz do Mar).

Por nos ter parecido por demais imaginoso, havíamos posto de margem o seguinte trecho da "Relação sumária das coisas do Maranhão", narradas por Simão E. da Silveira, nos primeiros tempos da colonização, quando no extremo Norte nem haviam sido importados os cavalos. Depois de enumerar os principais peixes da região, acrescenta que "há infinidade de fataças e mugens em tanta cópia, que saltam de noite nas canôas, de maneira que lhes vem fugindo e lançando o peixe ao mar, por se não irem ao fundo". (Revista do Instituto Hist. do Ceará, XIX, 1905, pg. 149).

Ultimamente, porém, ao lermos um escrito do Sr. M. Pereira Andrade, presidente da Confederação dos Pescadores do Pará, convencemo-nos de que o velho capitão não exagerara tanto quanto supúnhamos. Ao descrever o método de pesca usado no Pará, denominado *saltear*, diz o Sr. Andrade: "Consiste essa pescaria em colocar as canôas ou montarias umas ao par das outras e em elevar uma luz a certa altura; isto assusta as tainhas, que se projetam fora d'água e caem nas canôas em tal quantidade, que elas se tornam exíguas e sem capacidade para recebê-las" (Voz do Mar, N. 24). Baseando-nos nesta informação, podemos acolher também, ainda que com certa reserva, esta outra narrativa de Manuel Guedes Aranha, o qual em 1865, relatando cenas do rio Tocantins, no Maranhão (Rev. Inst. Hist. Rio, T. 46, pg. 12) diz que "passando qualquer canôa de noite acendendo luz, é tal a nuvem de tainhas que a cerca e acompanha saltando,

que do muito que se enganam no salto e caem dentro da canôa, é necessário retirar dela com brevidade apagando a luz, para não meter a canôa no fundo...".

Ainda que nem sempre seja tamanha a atração exercida pela luz, contudo se presta à seguinte pescaria, descrita pelo Sr. J. Mesquita (Voz do Mar, N.º 31): "Na ilha Itaparica pesca-se a tainha por meio de fachos. Um homem vai beirando a praia, com um facho erguido; acompanha-o o pescador munido de "bicheiro" (uma vara com um gancho na ponta) e com êste fisga ou "bicheira" os peixes que vêm a tona, encadeados pela luz".

Outro processo usado na Baía, conforme o narra o Ct. Alm. Camara, é o da "angareira" ou "engalheira" como também é denominada, segundo nos afirmou o Dr. A. Neiva, que igualmente nos descreveu o mesmo processo. Consiste esta pesca em dar cêrco ao cardume, extendendo-se cautelosamente as rêdes em redor e unindo as pontas, para que o peixe não possa fugir. Logo as tainhas reconhecem estarem presas e então procuram salvar-se pulando por cima da rêde. Já nesta ocasião as várias canôas que tomam parte na pescaria estão postadas à beira da rêde e com as angareiras armadas. Consistem estas em pequenas rêdes com as cabeceiras cosidas em varas leves e os pescadores mantêm a rêde erguida por meio de escoras, que seguram com os pés no fundo da canôa. Contra estas rêdes, que assim completam o cêrco, à boa altura acima do nível da água, vêm bater as tainhas quando saltam na sua ância de querer fugir e assim caem no fundo da canôa.

Por fim devemos mencionar que a tainha constitue a principal renda dos "viveiros" de Pernambuco e da Paraíba, onde êste peixe nas boas instalações rende até 500 quilos por hetare sem despeza de arraçoamento. Em Recife são colhidas anualmente, 25.000 quilos dêste peixe em 240 viveiros mantidos nos arredores da cidade.

Tainhota — O mesmo que "Peixe voador" (veja êste) do gên. *Exocoetus*.

Taipeira — Denominação às vezes aplicada á abelha mais conhecida por "Mandurim".

Taitetú — Na Amazônia, é a pronúncia de "Caitetú ou "Cateto".

Taijacica — Designa em Pernambuco, como o registrou Rod. Garcia (Dic. Brasileirismos), os pequenos peixes da fam. *Gobiideos*, conhecidos no Sul por "Mussu-

rungo", "Maria da Toca" e "Amoré". Aliás, uma das espécies foi denominada *Chonophorus tajacica*, porque já Macgrave em 1648 aludira ao mesmo nome indígena.

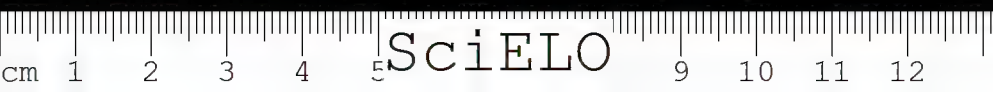
Tajipucú — Ouvimos também esta pronúncia, por "Taiabucú".

Talha-mar ou "Corta-mar" e também "Bico-rasteiro". — Ave da fam. *Laridcos*, *Rynchops nigra*. O bico longo, comprimido, com maxilar inferior muito mais comprido que o superior, caracterizam bem esta ave aquática, cuja côr geral é preta ou bruno-escura, salvo na fronte e no lado inferior, que é branco, bem como as orlas das penas da aza. O bico, de resto preto, é côr de laranja na base. Como o diz o nome vulgar, esta ave corta a água com o bico, voando rente à superfície das águas calmas; e por êste curioso sistema de pesca consegue realmente apanhar muita coisa comestível; contudo, às vezes, também mergulha um pouco, para alcançar a presa que lhe foge.

Tamajuá — Nome que em Minas Gerais se dá ao percevejo que ataca os arrozais; veja-se sob "Pulgão d'anta".

Tamanduá — Denominação genérica, que abrange as várias espécies da fam. *Myrmecophagideos*. São apenas êstes os representantes dos "Desdentados" que efetivamente não têm dentes. Vivem todos quasi unicamente de formigas e cupins e por isto são utilíssimos; infelizmente, porém, o povo não lhes agradece o serviço que prestam e por se tratar de animais vagarosos e quasi indefesos, têm sido muito perseguidos e em boa parte exterminados. Veja-se sob "Desdentados" a parte geral e a seguir os nomes das três espécies que ocorrem em nossa fauna.

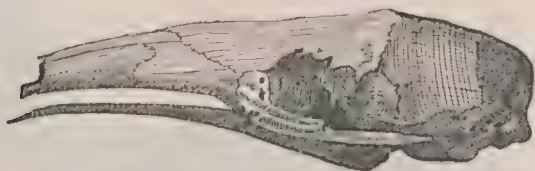
Tamanduá-assú ou "Tamanduá-bandeira" ou "Tamanduá-cavalo" ou "Iurumí" — *Myrmecophaga jubata*. E' a maior e a mais característica das nossas três espécies. As dimensões do corpo são as seguintes: a cabeça mede 26 cms.; o pescoço e o corpo 94 e a cauda quasi outro tanto. Esta última, uma enorme bandeira de longos pêlos, serve-lhe de coberta, quando de noite se aninha, encolhido, para dormir e o corpo desa-

parece todo debaixo dêsse como que montão de palha escura. O colorido é cinzento carregado; uma zona quasi preta, orlada por lista branca estreita, extende-se do pescoço e do peito, obliquamente, para as costas; um desenho preto, em forma de meia lua, orna os pés. Êstes são providos de longas garras (4 nas mãos, 5 nos pés) e para o ofício a que se destinam, isto é, abrir formigueiros e os duríssimos cupins, êsses utensílios prestam-se admiravelmente; mas por tal forma lhe dificultam a marcha, que

Tamanduá-bandeira

o animal se habituou a andar acalcanhado, pisando com as mãos torcidas, para que dêste modo, as unhas, viradas para dentro, não toquem o chão e assim não se gastem. A colheita das formigas, êle as faz com a língua, estirada uns 30 ou 40 centímetros (portanto quasi dois palmos!) e estando ela bem carregada, recolhe-a rapidamente, saboreia quem a mordia e a enfia de novo para dentro do ninho, em busca de mais alimento.

Dizíamos serem os tamandúas indefesos; mas a história bem conhecida do abraço com que êste animal saudou o ilhéu, "recem-chegado da terra", tem seu fundo de verdade; erecto sôbre as patas traseiras, o tamandúa espera o inimigo e é fácil imaginar que a mesma fôrça que lhe permite destruir os cupins, também pode, pelo menos,

magoar bastante o adversário imprudente que se deixar apanhar. Mas sua índole é antes timorata; foge do homem, porém, tão lentamente, que a passo se acompanha o seu galope!

Habita tôda a zona do campo do Brasil, evitando as matas; não sabe trepar em árvores. Infelizmente os "caçadores de sabiás e tico-ticos" também diante dêste animal útil e indefeso não sabem conter sua fúria destruidora. A carne ninguém aproveita e a pele é um troféu inglório e feio. Não tardará o dia em que apenas nos

Craneo de Tamanduá-bandeira

jardins zoológicos se poderá admirar êsse tipo curioso, genuino representante da fauna autóctone da América do Sul.

Tamanduá-mirim ou "Jaleco", "Melete", "Mixila" ou "Tamanduá-colete", no Norte — *Tamandua tetradactyla;* é uma miniatura da espécie grande, porém desprovido de "bandeira"; ao contrário, a cauda é uma simples corda, porém útil, por ser preensil como a dos gambás. Caracteriza seu colorido o "colete" que lhe veste o pescoço e a parte superior do dorso, onde termina em ponta; pelo colorido amarelo pálido, destaca-se nitidamente do pêlo escuro do resto do corpo; também a ponta da cauda é clara. O comprimento do corpo é de 60 cms. além de 35 cms. de cauda.

Esta espécie habita as matas e sobe em árvores, não só para se refugiar de algum inimigo, como também para procurar alimento e, ao que dizem, vai aos ninhos das aves, para roubar-lhes os ovos. Sua pequena estatura não lhe impede de ser valente.

Hensel, autor dos mais fidedignos, narra o seguinte: "Um tamanduá-mirim fôra atacado por dois cães; pon-

do-se em guarda, isto é, sentado sôbre os trazeiros, abriu as mãos e tratou de segurar os atacantes. Em breve tinha-os ambos seguros, um pelo focinho, outro pelos lábios e, abrindo os braços, assim os manteve prisioneiros, com fôrça extraordinária, apesar dos dois cães se estorcerem violentamente". De resto é, como seu parente maior, de todo inofensivo e além de útil, como insaciável persegui-

Tamanduá-mirim

dor das formigas e dos cupins, cujas construções sabe igualmente abrir com suas garras possantes.

Tamanduá-í — *Cyclope didactylus*, é o anão da família, pois seu corpo alcança apenas 25 cms. e outro tanto mede a cauda, que também é preensil; tem apenas duas garras na mão, semelhante às da "Preguiça" e 4 nos pés. O pêlo é denso, de brilho sedoso e de côr amarelo-ruivo. Vive nas matas amazônicas, trepado nas árvores, principalmente nas embaúbas, onde dá caça às formigas e aos cupins.

Tamaquaré — Veja "Tacuaré".

Tamarutaca ou "T a m b a r u t a c a" ou "T a m b u r u t a c a" ou "L a g a r t a g a f a n h o t o" — Crustáceos *Stomatopodes* da fam. *Squillideos;* compreendem 4 espécies do gên. *Squilla* e outros. Assemelham-se à lagosta, mas diferem dela por terem 3 segmentos toráxicos livres. O Dicionário de Moraes registra "Tamarú", abreviação que não encontrámos em outros autores, mas que sem dúvida é o radical ao qual foi acrescido o qualificativo "taca", isto é, "o que faz barulho". Isto confere com os hábitos das espécies em questão, pois que elas, como outros crustáceos, fazem ouvir estalidos, semelhantes ao bater espaçado de castanholas. Em Portugal as espécies equivalentes do gênero *Calianassa* são conhecidas por "R a l o".

Tamarutaca

(Tamarí) ou "T a m a r i n h o s" — E' no "Sul do império" (segundo Barbosa Rodrigues) o nome dos "S a g u í s", também conhecidos por "M a r i q u i n h a s" (deturpação da denominação indígena "M u r i q u i n a s"). Não nos consta que ainda hoje tal denominação esteja em voga; contudo, baseado em autores antigos, os naturalistas alemães conservam "Tamarin" como apelido vulgar dos "s a g u í s".

Tamatí — No Rio de Janeiro é conhecido por êste nome uma concha bivalva de um molusco *Lamellibranchio* do gên. *Cardium,* de valvas espessas, cordiformes, rugosas radialmente para o bordo livre: *C. muricatum* (Alipio M. Ribeiro). E' o mesmo vocábulo indígena *tamatiá,* o qual como *tambá,* se aplica genericamente aos moluscos bivalvos.

Tamatiá — E' corrente também esta denominação, como sinônimo de "A r a p a p á". E' curiosa a semelhança do radical dêsse nome e de "T a m a t i ã o", quando as duas aves, tão diversas, nada têm que as aproxime zoologicamente. Quando muito poder-se-á invocar o fato de terem ambas bicos de dimensões invulgares, mas só no arapapá êle é comparável, no feitio, ao das conchas tambá.

Tamatião — No Ceará e outros Estados do Norte designa as aves do gên. *Bucco,* que na Amazônia são "R a p a z i n h o s d e v e l h o" e no Sul do Brasil

"J o ã o" ou "C a p i t ã o d o M a t o", "J o ã o B o - b o" ou "J u c u r ú". Aliás uma das espécies têm o nome científico *Bucco tamatia*, que representa cópia latina do nome vulgar.

Tambaquí — Na Amazônia têm êsse nome várias espécies de peixes de escamas da fam. *Characideos*, subfam. *Mylineos*, a qual também compreende os "Pacús". Em especial designa o *Colossum bidens*, que nos afluentes do Rio da Prata é representado por *C. orbignyanum*. Atinge 50 a 60 cms. de comprimento. Quando gordo (Julho a Setembro) não só é mais saboroso, como também rende muito mais óleo ou "manteiga de tambaquí", utilisada na cozinha e também para fins de iluminação. Pescam-no em enorme quantidade, pelo que boa parte dêsse pescado vai para o mercado depois de sêco ou moqueado. Chega sua abundância a ser tal, que quasi fica sem preço e os pescadores que chegam com as canôas abarrotadas dêles a Manaus, depois de os venderem a vil preço, distribuem o resto pelos presos da cadeia pública.

Diz ainda José Verissimo, no extenso capítulo consagrado a êste peixe, em sua preciosa "Pesca na Amazônia": "Fresco, o tambaquí é delicioso, principalmente a parte carnuda do tórax. Assado pelo processo índigena, sôbre o fogo vivo de uma fogueira ou nas grades de um muquem ou ainda metido na racha de um pau, pendido sôbre o fogo, merece e muito êsse peixe o renome gastronômico que tem na região. Alimenta-se êle das frutas de diversas árvores e arbustos que crescem pelas beiradas e frutificam pela enchente. Chamam-nas genericamente "frutas de tambaquí". Desprendendo-se maduras dos galhos, caem as frutinhas, produzindo som característico e a êste acode o peixe e com voracidade atira-se a elas e engole-as. Dêste seu hábito aproveitaram-se os indígenas para apanhá-lo, com uma bola pequena, atada à linha de um caniço, com a qual batem a água, imitando a queda da fruta e o fazem com tanta perícia que, batendo sucessivamente repetidas vezes, dir-se-ia tôda uma porção delas que uma a uma se desprenderam ao mesmo tempo. Previamente outro caniço, com anzol êste, foi preparado. Iscado com a propria fruta que por aí cai, é posto nágua e com a "gaponga" — nome do caniço com a bola — produz o pescador ao redor do anzol iscado, o som característico da queda da fruta. Ao gostoso pasto vem sôfrego o tambaquí, cujo dorso escuro aparece na transparência d'água, e rápido, atirando-se à fruta que traiçoeiramente esconde

o anzol, traga-os ambos, guloso. Agarra o pescador rápido o caniço que pusera no chão e suspende a bela presa.

Por tal maneira enche o tambaquí certos vagos que neles, de vazante, o pescam em quantidades notáveis, atirando aquí e acolá, ao acaso, o harpão ou a fisga. A êste modo de pescá-lo chamam "gaivotear", porque imita a gaivota atirando-se do alto, o bico feito, sôbre os peixinhos de que faz presa. Realizam em geral esta pesca, com a maior parte das outras, pela manhã e juntam-se, às vezes, muitos pescadores para assim "baterem" o lago. Remam então em canôas com fôrça, agitando propositalmente as águas, para que se não recolha o peixe tranquilo, no fundo, antes se mova de um lado para outro.

Sucede às vezes harpoarem em lugar de um tambaquí outros peixes, algum pequeno piracurú, tucunaré ou pirapitinga ou mesmo algum jacaré, provocando grandes risadas de mofa, gritarias, chufas de parte a parte lançadas, quando em vez do peixe procurado ou outro que o valha, traz a potente arma na ponta algum peixinho à toa. Em a montaria de um dos pescadores, presenciei uma pesca num pequeno lago de cêrca de 200 metros de maior diâmetro. Ao cabo de uma hora tinham os vários pescadores gaivoteado ao todo sessenta e tantos tambaquís, além dos menores e outros peixes".

Tambicú — No Sul do Brasil, é o mesmo que "Peixe cachorro".

Tambiú — Espécie de lambarí de 12 cms. de comprimento, com a nadadeira caudal côr de ouro velho. Assim também Alvares Rubião o define em seu interessante livro sôbre "Peixes e Pescarias em Minas Gerais". Veja-se, porém, "Tambicú" sob "Peixe cachorro" e note-se que há várias espécies que representam transições e, além disto, a deturpação da pronúncia também aquí dificulta ou impossibilita qualquer discriminação mais precisa das múltiplas espécies que se encontram nas várias regiões do país.

Tambó — No Rio Grande do Sul é êste o nome do peixe conhecido mais para o Norte por "Sernambiguara".

Tamboatá — ou, na pronúncia amazônica, "Tamuatá". Peixes cascudos da água doce, da fam. *Callichthyideos*, diversa da dos "Cascudos" comuns, porque em vez de ser, como nestes, o corpo revestido por numerosas plaquinhas ósseas, dispostas como escamas, o Tam-

boatá tem apenas duas séries de placas estreitas, verticais e imbricadas, cobrindo uma destas séries a metade superior e a outra a metade inferior do corpo. E' muito conhecida a notável particularidade dêstes peixinhos, que, si assim o pretendem, podem mudar de águas, fazendo longo percurso por terra, graças aos fachos papilosos do tubo digestivo, ricamente vascularizados e que lhes permitem uma sorte de respiração. Êste fato tem sido observado especialmente com relação a um dos representantes maiores e mais comuns da família, *Callichthys callichtys* (20 cms. de comprimento).

Um caçador nos trouxe, certa vez, cêrca de 15 exemplares dêstes peixinhos, relatando-nos, ainda visivelmente emocionado pelo seu curioso achado, que saíra com seu cão à caça de perdizes e que o perdigueiro, latindo insistentemente, chamara sua atenção para essa exquisitíssima caça, refugiada à sombra de uma touceira. Não querendo que seu achado fosse posto em dúvida, o caçador, antes de recolher os peixes, fôra chamar testemunhas, para que estas, por não serem "caçadores" (!), pudessem melhor do que êle próprio, assegurar a veracidade do caso — aliás já bem conhecido entre os zoólogos. Estavam os tamboatás a talvez meio quilômetro da água mais próxima, de onde haviam partido em busca de melhores águas. Segundo Paulino Nogueira, o nome dêstes peixes no Ceará é "Soldado". Outro peixe dotado de igual faculdade, é o "Cuiú-cuiú", também chamado "Carí" ou "Abotoado". Espécies semelhantes, da mesma família, são os "Sarros" ou "Maria da Serra", porém muitos menores e dos quais não consta que abandonem a água.

A notável faculdade dêste peixe, de se locomover tão bem em terra como na água, motivou a aplicação do nome em sentido figurado, às pessoas diplomáticas, que vivem bem com todos e daí o provérbio, provavelmente riograndense, citado pelo Pe. Teschauer (Apostilas, 1914): "Tamboatá não emperra; — Anda na água e em terra".

Não é peixe que se recomende pela qualidade da carne; mas ainda assim em Belém do Pará figura em regular ou mesmo grande quantidade no mercado.

Tamburupará — Veja sob "Tangurupará".

Tamburutaca — Veja sob "Tamarutaca".

Tampafoli — Não sabemos si é esta a pronúncia mais corrente do nome dado a um molusco *Lamellibran-*

chio marinho da fam. *Pholadideos, Barnea costata* comestível. Confronte-se com "S a m b á".

Tamuatá — Pronúncia amazônica de "T a m b o a t á".

Tanajuba — Veja "G u a r a j u b a".

Tanajura — De S. Paulo para o Norte (não sabemos, porém, si também na Amazônia) o povo emprega correntemente êste vocábulo em lugar de "I ç á". Sob a mesma denominação parece que às vezes ficam abrangidos também o "b i t ú" (desta forma o Barão de Capanema empregou o têrmo, ao apresentar o ingrediente formicida de seu nome (1877) : "As tanajuras, formigas de azas de ambos os sexos, que saem das trevas para o ar..."). Carlos Moreira define "tanajura" como sendo a fêmea quando, depois do vôo nupcial, amputou as azas. Theodoro Sampaio explica a palavra aplicada à "formiga grande, cheia de ovos" (Vejam-se porém, as explicações de Içá, Içaúba e Saúva, no "Tupí na Geogr. Nacional", discordantes do emprêgo atual dessas palavras: Içá é a fêmea gorda e Th. Sampaio interpreta o vocábulo como: formigas que marcham em cordão — isto é, as obreiras; Içaúba e Saúva o mesmo autor explica como sendo a formiga mestra, quando hoje empregamos essas palavras justamente no sentido inverso).

Ao que pudemos apurar, "Tanajura" é sinônimo nortista de "Içá"; Içá-bitú (Sabitú ou Bitú) e içá que não é comestível (o macho) e Içá-uba (Saúba ou Saúva) são as obreiras.

Tananá — Inseto ortóptero da fam. *Tettigoniideos,* que alcançou merecido renome na Amazônia. E' parente próximo das conhecidas "E s p e r a n ç a s", gafanhotos verdes, de antenas muito finas e longas, todos êles conhecidos como "músicos". A espécie em questão, o "Tananá" foi classificado como *Thliboscelus cameliifolia* (citado por Bates como *Chlorocoelus tanana);* o macho produz um som fortíssimo, friccionando a base de uma das azas, provida de aresta, contra a do lado oposto, onde se acha uma sorte de lima; as azas são convexas e formam assim uma caixa de ressonância, que aumenta a intensidade do som. Êste pode ser grafado mais ou menos como tá-ná-ná... Segundo Bates é êste de todos os insetos o que faz mais barulho e como estridulador vence, pois, galhardamente, todas as gaitas das cigarras as mais barulhentas. Isto não impede que também os tananás tenham seus admiradores. Como se fossem pássaros canóros, os apreciadores os mantêm presos em gaiolas, com a vantagem de lhes

poderem ouvir a melodia a quasi meia legua de distância. Mas ninguém se atreve a navegar no Amazonas levando um tananá a bordo, porque seria certo um naufrágio.

P. le Cointe, em seu livro "Amazonie" reproduz à pg. 216 a figura de um dêstes ortópteros e à pg. 372 diz acharem-se as azas juxtapostas sobre o corpo em forma de um pequeno balão ovoide, verde claro e que o som produzido por tão curioso aparelho se parece com o do tambor, rufado com uma só mão.

Nos Estados Unidos várias espécies da mesma família gozam de muita popularidade e, de acôrdo com as três ou quatro notas da sua gaitinha, coube-lhes o nome "*katydid*". Trepados no alto de uma árvore, os machos organizam concertos que devem encantar as esposas e como estas, por falta de igual aparelhamento nas azas não podem responder, vão elas agradecer ao músico a maravilhosa serenata, retribuindo-a com carícias.

Tanchina — Peixe de escama da fam. *Characideos*, da mesma subfam. *Anostomatineos* a que pertencem as "Ferreirinhas", sendo porém maiores que estas e sem colorido vermelho nas nadadeiras.

Tandujú — Segundo R. Gliesch, no Rio Grande do Sul os pescadores dão êste nome ao peixe do gên. *Uranoscopus*, do grupo dos "Peixes-sapo" *(Thalassophrynideos)* e dos quais se distingue por não ter os lábios lisos, inteiriços como êstes, mas franjados. *Uranoscopus sexpinosus* mede cêrca de 45 cms. de comprimento; a cabeça é larga e achatada e a bôca é dirigida para cima, por ter o maxilar inferior quasi a prumo. Seu modo de atrair e surpreender suas vítimas é semelhante ao do "Diabo marinho". Enterrado na areia, cuja côr, aliás, o peixe copiou, aí espera por espécies menores e, para atraí-las, de vez em quando extende a língua, ou antes um tentáculo protráctil com que esta é provida. Os movimentos vermiformes do dragão semioculto na areia, fazem com que se aproximem os peixes que andam a procura de alimento, e, assim engodados, são abocanhados pelo "Tandujú". (Observámos que foi só na interessante publicação de R. Gliesch — A Fauna de Torres — em "Egatea" e "Voz do Mar", que vimos registrado êsse nome). O mesmo autor assinala que os pescadores denominam êsse peixe, erradamente, "Bacalhau da praia", como aliás também o notamos com relação a outros peixes desta ordem (veja sob "Peixe sapo").

Tangará ou "D a n s a d o r" — Passarinho da fam. *Piprideos, Chiroxiphia caudata,* do tamanho do Tico-tico, porém de corpo mais entroncado. Veja sob "R e n d e i r a" as espécies amazônicas afins e "G a l o d e c a m p i n a".

A côr predominante do macho é azul, com cabeça escarlate; a fronte, o pescoço, as azas e a cauda são pretos. Duas penas caudais são bem mais longas que as outras e de côr azul. A fêmea e os machos juvenís são verdes.

Todos os caçadores que tiveram ocasião de observar êstes passarinhos na mata, durante os bailados que executam, descrevem, encantados, a delicadeza e a graça dêste espetáculo. Goeldi assim o descreve:

"Os machos fazem ouvir sinais de chamada, breves *tiú-tiú* e logo vários comparsas se reunem, pousados sôbre a ramagem. Um dos tangarás inicia a dansa com um *tra-tra* típico, voando ao mesmo tempo e descrevendo peque-

Tangará

na curva. Ainda não chegou a pousar e já um outro figurante emite o mesmo *trá-trá,* voa do mesmo geito e também se acomoda. A mesma manobra é executada, sucessivamente por todos os passarinhos durante um quarto de hora ou meia hora, sem interrupção. Afinal um dos tangarás emite um sibilo agudo, muito áspero e que significa estar terminada a dansa. Repetem-na, porém ainda várias vezes em lugares diversos da mata. Tanto quanto pude verificar, pareceu-me que só os machos dansam".

A dansa de uma outra espécie de *Tanagrideo* nos foi descrita pelo nosso prezado amigo Dr. J. Barbosa de Barros. Apesar de se tratar de um episódio de caçada a que o emérito cirurgião assistiu há muitos anos, nas matas

de Jaguarí, perto de Campinas, Est. de S. Paulo, o mimoso espetáculo de tal modo o impressionou, que tôdas as fases da cena encantadora lhe ficaram para sempre gravadas na memória. (Veja estampa da pg. 742).

Não nos é possível identificar a espécie de *Tanagrideo* a que se refere a descrição do Dr. Barbosa de Barros e que, pelo colorido geral lembraria vagamente alguma espécie semelhante ao Tico-tico; os dois sexos não se diferenciavam pela côr, tendo porém os machos um pequeno topete, que eriçavam em momentos de maior excitação.

Ao perscrutarem a mata densa, o companheiro do Dr. Barros fê-lo parar, avisando-o que ouvira tangarás. Aproximando-se cautelosamente, viram uma dúzia de passarinhos postados em fila sôbre um cipó, que se extendia de uma árvore a outra; mais para o lado estava um outro figurante isolado e pouco além uma fêmea. Mas ao estálido de um graveto, o parceiro isolado deu um gritinho mais estridente e todos os outros imediatamente se quedaram quietos. Não percebendo perigo, daí a pouco o mesmo "contra-regras" deu novo sinal e logo recomeçou a dansa. Os passarinhos enfileirados, aos pulinhos, moviam-se lentamente da direita para a esquerda, acompanhando os movimentos com suave pipilar. Tendo o dansarino da esquerda chegado a uma bifurcação ou nó do cipó, êste figurante voou para a fêmea, os dois bicos simularam um beijo, com todo mimo oferecido e recebido e logo o dansarino voltava para o cipó, colocando-se à direita, como último na fila. Os demais figurante haviam continuado seus movimentos pulados e assim logo o pássaro da extrema esquerda chegara ao mesmo ponto já assinalado do cipó e daí voava para a fêmea, para igualmente continuar a dansa no seu todo ou nos detalhes, e assim nos parece que os "tangarás" não se restringem propriamente a um "bailado clássico", porém, conforme a fantasia das diversas tribus, umas adotaram o minueto, outras a valsa ou o tango...

Tangurú-pará, "T a m b u r ú p a r á" ou "T a m u r u p a r á" e talvez "S a u n í" (veja êste) — Nome amazônico das aves do mesmo grupo dos "J a c u r ú s", fam. *Bucconideos*, gênero *Monasa*, em geral cinzentos, côr de rato, com bico vermelho e alguns enfeites brancos na fronte e nas azas. (Não confundir com "B i c o p i m e n t a"). No Tocantins chamam-no "B i c o d e b r a z a". De acôrdo com a crença do povo, é ave encantada, pelo que traz infelicidade atirá-la, podendo a espingarda rebentar.

Diz a seu respeito Barbosa Rodrigues (Poranduba, pag. 201): "Quando os japins, em bando, atravessam o espaço, ouvindo o Tamuruparà cantar, abatem o vôo e caem todos com medo dêle, como mais de uma vez ví". Os índios da Amazônia explicam o fato pela seguinte lenda, colhida pelo mesmo autor: "Os japins caçôam muito dos outros, principalmente de mim, disse o tucano; êles, também arremedam teu canto, tamuruparà. — Quando eu os ouvir, tucano, arremedar meu canto, matá-los-ei. — O tamuruparà ouviu depois os japins arremedá-lo. Matou o avô dêles. Depois disse aos filhos: Olhem para êste meu bico. Isto é sangue do avô de vocês". — Por isso, diz ainda hoje o povo, os Japins, que arremedam o canto de todos os pássaros, não imitam a voz do tamuruparà".

Tanoeiro — Alipio M. Ribeiro registra esta denominação para a espécie mais vulgar das pererecas do Brasil meridional, *Hyla faber*. Contudo tem emprêgo mais generalizado o nome "F e r r e i r o".

Taóca — Da Baía para o Norte e na Amazônia é o sinônimo de formiga "C o r r e i ç ã o" que aliás é nome mais usado que aquele.

Taôca ou "T a u ô c a" — Peixe do mar da fam. *Ostracionideos*, gên. *Lactophrys*. Lembra mais ou menos a feição dos "b a i a c ú s"; mas o que o caracteriza é a couraça formada por placas ósseas, em mosaico, com os respectivos contôrnos salientes. Atinge 30 a 40 cms. de comprimento. E' tido como "peixe venenoso" e de fato o é, pelo menos em certas épocas do ano.

Tapa ou "L i n g u a d o l i x a" — Peixes do mar da fam. *Soleideos* (veja L i n g u a d o"), com o gênero principal *Achirus*, em geral ornado com desenho de faixas transversais. Algumas espécies frequentam temporariamente os rios, outras (gên. *Achiropsis*) vivem sempre em água doce, em Goiaz e no Alto Amazonas. Diz o itiólogo Alipio M. Ribeiro terem-lhe referido em Sepetiba que não poucas vezes produzem êstes peixes a morte dos porcos aí creados, os quais, encontrando os "T a p a s" na lama da praia, pelas marés baixas, engolem-nas, sendo então asfixiados, porque o peixe, escapulindo-se, adere ao faringe, obturando-o e impedindo a respiração do animal que os pretendera comer.

Tapa-guela — Espécie de vespa social, grande, amarela com desenho escuro, que o povo teme como uma das

mais perigosas (como aliás o exprime o nome vulgar, paulista). Não temos base para a classificação nem mesmo do gênero.

Tapecuim ou "I t a p e c u i m" — Veja "C u p i m".

Tapema ou "T a p e n a" — O mesmo que "G a v i ã o t e s o u r a".

Taperá — Compreende as andorinhas maiores, do gên. *Progne*; há em nossa fauna três espécies, a maior das quais, *P. purpurea* é inteiramente azul; é mais frequente no Brasil septentrional, mas chega também ao Sul, até São Paulo. As duas outras espécies, *Pr. tapera* e *Pr. chalybea domestica*, são brancas em boa parte do lado ventral;

Taperá

distinguem-se por ser a primeira delas bruna em cima, ao passo que a segunda tem o dorso azul-escuro. Esta última nidifica de preferência nas cornijas dos grandes edifícios e tornou célebre a "Casa das Andorinhas" de Campinas. (Veja-se "A n d o r i n h a s").

Taperussú — Veja "A n d o r i n h õ e s".

Tapiaí — Nome indígena de uma formiga da Amazônia ("T a p í ou T a c h í" parecem ser formas equivalentes). Barbosa Rodrigues diz que é uma espécie semelhante à "T o c a n d i r a", porém menor.

Tapiara — Veja "T a i n h a". "Tapiara" é o peixe que ainda não viajou em alto mar.

Tapicurú — Em S. Paulo várias espécies de aves pernaltas da fam. *Ibidideos* têm êste nome. Assim parece ser sinônimo de "C u r i c a c a" *(Plegadis guarauna)*, do "C o r ó - c o r ó" *(Phimosus nudifrons)*. Designa também *Harpiprion cayenensis*, a "G r a ú n a" do Norte, espécie

maior que o "C a r ã o", de côr bruno-escura, com brilho metálico; as regiões nuas ao redor dos olhos e da garganta são verdes, como o bico e as pernas. Outro "T a p i c u r ú" é o *Theristicus caudatus*, de côr pardo-cinzenta nas costas e nas azas, com pescoço branco-amarelado, peito e vértice castanho-escuro. O bico é preto na base, verde na ponta; êste mede 17 cms. e a aza 40 cms.

Tapieira — Denominação indígena de uma grande abelha melífera; a denominação indígena facilmente permite reconhecer, pela etimologia (*tapir*-anta, *ei* ou *eir*-mel), que se trata da mesma espécie conhecida por "M e l d e a n t a".

Tapiocaba — "Vespa pequena muito peçonhenta", segundo Beaurepaire Rhoan. Veja-se, porém, sob "T a p i ú". De fato deverá designar as maiores vespas sociais; o adjetivo "pequena", empregado pelo autor acima citado, provavelmente não terá rigor zoológico.

Tapipitinga — Formiga onívora, cuja classificação desconhecemos.

Tapir — Denominação indígena da "A n t a". O curioso é que êste vocábulo não logrou vulgarização entre nós, sendo apenas usado pelos escritores como forma erudita — quando nós empregamos de preferência "A n t a", denominação dada pelos primeiros caçadores portugueses a êste animal, que lhes pareceu idêntico a um *Cervideo* africano dêsse nome.

(Tapiranga) — Esta denominação, registrada por Teschauer (Apostilas, 1923), como sinônimo de "T i é - f o g o" ou "T i é - s a n g u e" (*Rhamphocoelus brasiliensis*), parece ser apenas corruptela, se não cacografia, de "T i é - p i r a n g a". Terá mais cabimento como equivalente a "I t a p i r a n a" (veja êste).

Tapiretê — No Pará ainda hoje é assim que o tapuio designa a anta. Vicente Ch. Miranda explica bem a origem do emprêgo dêsse qualificativo *êtê*, isto é, o verdadeiro. "*Tapir*" ou melhor "*Tapira*", antes da descoberta do Brasil, designava unicamente a anta; tendo o índio dado o mesmo nome, o do maior quadrupede que conhecia, ao bovino importado, foi forçado a usar o sufixo *eté*, isto é: o verdadeiro, para diferençar o animal indígena do importado. O mesmo aconteceu com *jauára* (onça), nome que deram ao cão, ficando o felino conhecido por *jauára-êtê*.

Tapirú — Segundo A. Neiva em certas regiões da Baía e outras do Nordeste, pronuncia-se assim o nome indígena das larvas "T a p u r ú".

Tapissuá — Abelha social da fam. *Meliponideos, Trigona tubiba*, de 5,5 mms. de comprimento, de côr bruno-escura e azas enfumaçadas nas pontas. Nidifica em troncos ôcos; irrita-se facilmente, mas morde pouco. A entrada do ninho é uma simples abertura pequena, rodeada por cera misturada com barro. No Piauí esta mesma espécie é conhecida pela denominação "T u b í", e no Est. do Rio de Janeiro por "T u b i b a".

Tapití — E' a denominação tupí do nosso roedor da fam. *Leporideos, Sylvilagus minensis.* O caipira paulista, ainda que raramente, usa a denominação "C a n d i m b a", mais generalizada em Mato Grosso. As denominações européias "coelho" e "lebre" são impróprias, pois a nossa espécie é diversa daquelas; quando muito poderíamos comparar a nossa espécie ao "coelho" *(Lepus cuniculus)*, por terem ambos orelhas curtas.

Tapití

Atinge apenas 35 cms. de comprimento; o colorido geral é amarelo-pardo, levemente chamaloteado com pêlos pretos. Vive nos campos sujos, nas roças abandonadas e na beira da mata, na qual porém não penetra. Não escava galerias como o coelho europeu; passa o dia escondido nas touceiras e sai à noitinha em procura de vegetais tenros. Às vezes também invade as plantações, mas como nunca prolifera muito, não chega a causar dano considerável. Por ser assim escasso e também por não ser a carne muito apreciada, não constitue caça verdadeira.

Tapiú — Nome de várias vespas sociais grandes, cuja picada é muito temida. Em Minas ouvimos designar assim a grande *Polybia dimidiata*, de 2 cms. de comprimento, com cabeça e tôrax negros e abdômen vermelho; seu ninho, mais ou menos semelhante a um cupim arbóreo, alcança grandes dimensões. Também é têrmo empregado na Amazônia. (Veja-se sob "I r i n a"). Diz-se igualmente "T a p i u c a b a".

Tapiúa — Formiga, da qual Frei Prazeres do Maranhão diz o seguinte: "E' anegrada e maior que a "formiga de fogo"; faz a sua habitação de terra sobre as árvores dos lugares úmidos e afugenta dela tôdas as outras; e por isso alguns a põem nas laranjeiras e outras árvores, para que delas afugentem a saúba".

Tapí — Veja sob "F o r m i g a t a p í".

Tapucajá — Nome dado no Brasil central à grande ave *Euxenura maguari*, o "J a b i r ú m o l e q u e" do Sul e "C a u a u ã" do Norte do Brasil. A pronúncia mais corrente parecer ser "T a b u i a i á".

Tapurú — Denominação indígena, de acepção muito ampla e variável conforme a região. Assim designa ovos ou larvas das moscas "V a r e j e i r a s" ou "T a p i r ú" na Baía. Segundo Paulino Nogueira, no Ceará, também designa as larvas brancas que se criam na manipueira (mandioca venenosa posta de molho) e por esta razão o tapurú também é venenoso. Hoje, no Ceará, o nome tapurú aplica-se a qualquer larva branca, venenosa ou não. Na Amazônia a acepção é outra, pois tapurú são as lagartas cabeludas em geral e em especial as urticantes. (Veja-se Chermont de Miranda).

O mesmo nome "Tapurú" cabe a uma árvore de borracha do Amazonas central e superior, também conhecida no baixo Amazonas, por Murupita ou Curupita e Seringana e que fornece boa quantidade de borracha entrefina. A essa *Euphorbiacea*, *Sapium aucuparium*, segundo Bonnechaux, citado por Huber, coube a denominação "tapurú" porque ela é habitada por uma multidão de brocas, isto é o mesmo cupim *Coptotermes marabitanus* que ataca as *Heveas*.

Tapussú — (provavelmente corruptela de *tampá* ou *sambá*, concha e *ussú*, grande. Denominação indígena dos moluscos *Gasteropodes* da fam. *Ampullariideos*, caramujos da água doce (veja "A r u á"), dos quais alguns atingem grandes dimensões. (Veja "S a m b á").

Taquara — O mesmo que "J u r u v a".

Taquarinha — Ortópteros da fam. *Phasmideos;* veja sob "B i c h o p a u".

Taquirí — E' o nome que na Amazônia se dá aos exemplares ainda jovens, de plumagem avermelhada e que em adulto são "T a i s s ú" ou seja o "S o c ó b o i" do Brasil meridional, gên. *Tigrisoma.*

Tara — Ave da fam. *Ibidideos, Cercibis oxycerca,* de côr bruna carregada, com brilho azul, côr de aço; a cauda é alongada e pontuda. Habita a Amazônia e daí para o Norte.

Taracuá — Veja sob "T r a c u á".

Taraguira ou também "C a l a n g o" e "L a g a r t i n h o" — Lagarto bastante vulgar da fam. *Iguanideos, Tropidurus torquatus,* brancacento, com uma meia lua preta dos ombros ao peito; em baixo é côr de tijolo. Atinge 25 cms. de comprimento, mas muitas vezes tem a cauda mutilada; esta, porém, regenera-se facilmente. Vive de preferência nos lugares arenosos ou sôbre as pedras; trepa com muita facilidade em rochas ou troncos e, ao perceber algum perigo, esconde-se rapidamente em alguma fenda. Alimenta-se de vermes e outra bicharia miuda.

E' também uma "taraguira" o pequeno lagarto de 20-30 cms., do gên. *Cnemidophorus* e que difere do "t e j ú" por ter 5 dedos nas patas posteriores e não 4 como *Teius.* Há duas espécies: *C. lemniscatus,* da Amazônia, com mais de 14 poros femorais e *C. ocellifer* do Nordeste, com menos de 14 poros femorais.

Taraguira-peva — Veja "T r u í r a - p e v a".

Taraíra ou "T a r i í r a" — O mesmo que "T r a í r a".

Tarambola — E' nome de aves de Portugal (fam. *Charadriideos),* usado mais no Norte que no Sul do Brasil; designa vários "M a s s a r i c o s" ou "B a t u í r a s", talvez de preferência as espécies de *Aegialitis.*

Tarangalho — Peixe de corpo fino e alongado, *Hyporhamphus unifaciatus* e *Hemirhamphus brasiliensis;* têm as nadadeiras dorsal e anal muito posteriores, quasi junto à cauda; o maxilar inferior é muito alongado, ficando assim a bôca, aliás pequena, na parte superior da cabeça, muito aquém da ponta.

Tarapema — Denominação indígena, na Amazônia, de certas formigas "que têm espinhos nas costas" (Barb. Rodrigues).

Tarapitinga ou "T r a p i t i n g a" — Peixe de escama, da água doce, da fam. *Characideos.* Ainda não classificamos exemplares autenticados; cremos, porém, que é da subfam. *Bryconineos,* como a "M a t r i n c h ã".

Tarioba — Molusco lamelibrânquio marinho da fam. *Donacideos, Ephigenia brasilensis,* comestível. Segundo informação do prof. Lauro Travassos, em Angra dos Reis essa denominação é dada também aos moluscos bivalvos da água doce *(Unionideos).*

Tariota — No Maranhão diz-se assim por "T r a - l h ô t o".

Tartaruga — Na acepção justa, esta denominação cabe somente aos *Chelonios* marinhos; as espécies da água doce ou terrestres são "C á g a d o s". Além de outros caracteres anatômicos, que diferenciam as várias famílias, note-se a conformação das extremidades, transformadas em verdadeiras nadadeiras ou remos nas tartarugas, essencialmente aquáticas e que pouco andam em terra, enquanto que os cágados têm pés providos de unhas, com membranas natatórias entre os dedos. Também o modo como os quelônios escondem a cabeça é diverso: o "M u s - s u ã" curva o pescoço em S e assim o retraí; sem curvá-lo, retraem-no as grandes tartarugas marinhas, a "T a r - t a r u g a d a A m a z ô n i a", a "T r a c a j á", o "J a - b o t í" e o "P i t i ú". Os verdadeiros "cágados" da fam. *Chelyideos,* dobram o pescoço lateralmente, curvando-o de modo a ficar a cabeça escondida de baixo da margem do escudo; são êles: o "M a t á m a t á" e as várias espécies dos gêneros *Hydromedusa* (2 espécies), *Rhinemys, Hydraspis* (5 esp.) e *Platemys* (3 esp.) às quais não coube nome vulgar especial. (Veja-se sob "C á g a d o s").

Tartaruga da Amazônia — ou em língua indígena, "J u r a r a - a s s ú" e "A r a ú"; parece que "A i i u s - s á" ou "A i a s s á" designa os indivíduos novos; "C a - p i t a r í" é o macho. *Podocnemis expansa.* Abunda principalmente no Amazonas e seus tributários, mas é encontradiça também na Baía. Atinge 90 cms. e às vezes mesmo 1 metro de comprimento, por 60 cms. de largura; a côr em cima é uniforme preto-cinzenta, no lado ventral é amarela, manchada de escuro. Sendo, como é, abundante e a carne de ótimo sabor, constitue uma das caças

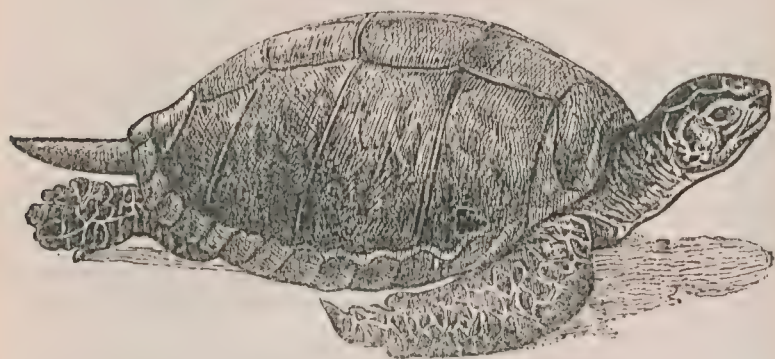
mais procuradas das regiões onde se encontram e são variados os pratos que com ela se preparam. Os espécimens menores, de 25 a 40 cms. são os mais apreciados.

Resumimos a seguir, o extenso capítulo da "Pesca na Amazônia" de José Verissimo: "A tartaruga é verdadeiramente o gado da Amazônia. Ela e o piracurú são os principais elementos da alimentação de suas populações. Conservados em currais são a provisão. De vários modos a preparam cosida, ensopada ou assada, e é um dos melhores, picada a carne e servindo de assadeira o próprio peito da tartaruga, assada no forno. Do fígado e carnes gordurosas do peito, com um pouco de farinha d'água, fazem o guizado chamado "paxicá". São os seus ovos utilizados como alimento geralmente apreciado e na fabricação da chamada "manteiga" de tartaruga. Essa manteiga lhes serve para combustível de suas lâmpadas e para condimento de suas panelas. Os ovos da tartaruga são brancos, perfeitamente esféricos, do mesmo volume dos da galinha, recobertos de uma película mole. Crús, desfazem-nos em um prato, mexem-os bem, quasi sempre com farinha; dos cozidos só é aproveitável a gema, ligeiramente farinácea, insípida, porque a clara gelatinosa, não cozinha.

Pescam, caçam e capturam a tartaruga de mui variados modos: com flecha (sararaca), harpão (itapuá), de caniço, com a rede de pescar e finalmente nas praias chamadas "de viração". Êste último modo de capturar os quelônios pratica-se nos meses de Outubro e Novembro, quando procuram os areais onde põem seus ovos. Cada tartaruga enterra cêrca de 100 a 150 ovos, dos quais, mais ou menos um mês depois, nascerão, sem outros cuidados sinão o do calor do sol, os filhotes, que logo procuram a água. Por ocasião da postura, as tartarugas, em multidões consideráveis sobem as praias; antes, porém, uma, a "mãe das tartarugas", segundo a crença indígena, como que destacada para esclarecimento, sonda a região. Durante a desova ficam então tôdas de tal forma entretidas, que os pescadores, que estavam de emboscada, podem surpreendê-las, virando-as de costas uma após outra, porque assim não conseguem mais fugir e começam então os trabalhos de aproveitamento da formidável caçada "de viração". A colheita dos ovos nos "taboleiros" (areais onde foi verificada a postura) foi igualmente muito rendosa em outros tempos.

Os dados seguintes dão uma idéia da quantidade de ovos colhidos por essa ocasião: para produzir 1 quilo de

"manteiga" são precisos 275 ovos e há informações que no século XVIII a exportação dêste produto atingiu, só no Amazonas, 8.168 quilos em um ano. Em 1893 a produção exportada de tôda a região foi apenas de 11.500 kls. Claro está que também esta riqueza natural vai sendo rapidamente exterminada, como já o dizia J. Verissimo em sua "Pesca na Amazônia". Relativamente às outras espécies dêste gênero, que aliás pouco diferem desta, veja-se sob "T r a c a j á".

Tartaruga do mar — Ocorrem em todo o nosso litoral 3 espécies de tartarugas, sendo duas do gênero *Chelone* e *Talassochelys caretta*. Esta última é de feitio mais

Tartaruga do mar

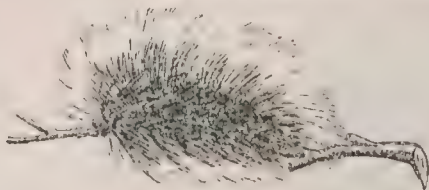
abrutalhado, com cabeça grossa e casca muito espêssa. *Chelone mydas* (veja "S u r u a n á") rivaliza com ela em tamanho (um metro, só o escudo) e pêso, que pode exceder a 200 quilos. Não há quem não conheça, ao menos de nome, a "sopa de tartaruga", que os restaurantes oferecem como prato todo especial. A carne merece, pelo menos em certas condições, ser qualificada como "boa", pois tem sucedido a gente entendida não ter notado diferença no sabor, quando servida como si fosse carne de vaca comum. A nós, porém, pareceu por demais fibrosa. Afirmam alguns que a carne da *Chelone mydas* é mais saborosa. No verão as tartarugas procuram as praias arenosas para enterrar suas ninhadas, contendo cada uma destas de 100 a 200 ovos. Os filhotes nascem apenas com 6 cms. de comprimento e logo que emergem da areia, encaminham-se para as ondas.

A couraça destas espécies não tem valor comercial, ao contrário da "Tartaruga de pente", *Chelone imbricata* que, só ela, fornece a verdadeira "tartaruga". Esta última espécie é, aliás, rara nos mares septentrionais do Brasil, até a Baía; nunca atinge as grandes dimensões das duas precedentes e distingue-se pelo feitio do bico, fortemente denteado no maxilar superior. Também a disposição das escamas é outra, em forma de telhas. Exemplares bem grandes fornecem 4 quilos de material aproveitável. Mas hoje em dia já é muito raro encontrar-se exemplares cujos escudos meçam 75 cms. de comprimento. Por tôda a parte a perseguem com afinco, para o aproveitamento da "tartaruga legítima".

Em dias de sol e mar calmo as tartarugas saem do mar para ficarem deitadas sôbre as pedras. Daí o nome da "Baía das Tartarugas" um pouco ao Norte de Guarujá-Santos). Mas, em percebendo qualquer perigo, tôdas a um tempo saltam ao mar, com muito mais agilidade do que se imaginaria fosse capaz um animal tão vagaroso em terra.

Tataíra — Em guaraní: *tata*-fogo, *ira*-abelha. O mesmo que "Caga-fogo".

Tatêtu — O mesmo que "Caitetú".

Tatorana ou "Taturana" ou "Lagarta de fogo" ou ainda "Sussuarana" — *Tataurã* signi-

Tatorana

fica verme de fogo ou, melhor: *tata*-fogo, *rana*-que parece ser. Compreende as lagartas de mariposas, de corpo abundantemente revestido com finíssimos pêlos ou antes cerdas canaliculadas, cujas pontas agudíssimas, ao menor contato com a pele, injetam um veneno violentíssimo. Essa "queimadura" assume, às vezes, caráter mais grave; além da dôr intensa, que se irradia da mão até as axilas, podem sobrevir, ainda, outros sintomas de intoxicação, como sejam saliva sanguínea, hematúria, etc. Não se conhece ainda lenitivo eficaz; em geral, a dôr cede

gradativamente, no espaço de algumas horas (ou após 36 horas, como o verificamos pessoalmente, quando nos sujeitamos a uma experiência "completa").

Há dois tipos bem diferentes de mariposas que dão origem a lagartas urticantes: *Bombycideos* (sensu lato), e, especialmente, *Saturnideos* (muitas dessas lagartas têm espinhos em forma de pinheirinhos, isto é, com ramificações em corimbo); e as da fam. *Megalopygideos*, cujas lagartas são propriamente "cabeludas", isto é, têm denso revestimento de pêlos longos, finíssimos, e do meio dos quais surgem as verdadeiras agulhas injetoras de veneno. Veja-se também "C h a p é u a r m a d o", "A m b i r a" e "S a u í".

Tatú — Esta denominação abrange tôdas as espécies dos *Desdentados* (veja êstes) da fam. *Dasypodideos*. Há em nossa fauna cêrca de 24 espécies, cujos tipos principais o povo distingue como se vê abaixo. As espécies atuais pouco diferem, quanto ao feitio, dos gigantescos *Glyptodontes* fosseis, da era terciária e, realmente, envolvidos em sua couraça, os tatús bem parecem miniaturas daqueles tipos antidiluvianos.

A cabeça é revestida por placas especiais; a grande couraça, que cobre o corpo em cima e pelos lados, compõe-se de pequenas placas juxtapostas em mosáico, com um número variável de faixas articuladas no meio do corpo; a barriga é nua ou só tem pequenas placas isoladas. Os dedos terminam em garras fortes e às vezes enormes. Todos êles cavam galerias designadas, na linguagem comum, por "buracos de tatú", onde passam o dia, refugiados e também em procura de algum alimento, sob forma de vermes e larvas. Mas é à noite que o tatú vaga pelos campos, remexendo formigueiros e cupins, que constituem sua caça predileta. Daí a sua manifesta utilidade. Às vezes, cafeeiros de algum talhão são atacados por larvas de certas espécies de cigarras (vejam-se estas), as quais o tatú descobre antes que o fazendeiro, o qual só se certifica do que se trata, quando vê que o tatú já andou trabalhando junto às raizes, à cata dos insetos. Infelizmente os tatús, em vez de serem estimulados nestes seus trabalhos úteis, são perseguidos pelo homem, por causa da carne que é realmente muito saborosa, principalmente quando bem preparada e assada na própria casca. (Veja-se, porém, "T a t ú a í v a").

A caça ao tatú só se pratica em belas noites de luar. De dia, às vezes descobre-se algum tatú fora da toca e com o auxílio dos cães, consegue-se deitar-lhes a mão; mas é

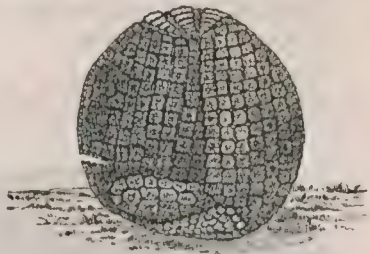
preciso muito cuidado com as garras, com as quais o tatú se defende energicamente. Quem for inexperiente, poderá tentar desentocá-lo, abrindo a galeria, à enxada; mas é trabalho perdido, pois o bichinho continua a cavar o túnel com tal afã e dextreza, que seu perseguidor desiste afinal do assado.

Conforme a espécie, os tatús têm 4 a 6 filhotes em cada ninhada; esta sempre consta de indivíduos todos êles do mesmo sexo, o que aliás o povo sabe como se verifica da seguinte quadrinha riograndense: "O tatú mais a mulita, — E' lei da sua creação; — Sendo macho não pode ter irmã — Quando fêmea, não pode ter irmão".

Tatú-aíva — Nome tupí, que significa "tatú ruim", que não se come. E' portanto uma denominação genérica, que abrange tôdas aquelas espécies que se alimentam de carniça. Tais são o "Tatú de rabo mole" e o "Tatú peludo". Também são chamados "Papa defunto", porque comem carniça e mesmo nos cemitérios desenterram os defuntos.

Tatú-apara — O mesmo que "Tatú-bola".

Tatú-assú — O mesmo que "Tatú canastra".

Tatú bola ou "Tatú apara" — *Tolypeutes tricinctus*, cuja couraça tem apenas 3 ou 4 cintas. Seu nome vulgar lhe foi dado porque, em ocasião de perigo, se encolhe todo em sua couraça, que se encurva, tomando perfeito aspeto de bola: os escudos da cabeça fecham o interstício que ficaria aberto na frente, e assim o animalzinho torna-se perfeitamente invulnerável aos dentes dos cães. Os outros tatús também se encolhem, mas não ficam tão bem embolados; tal defesa de certo coube a esta espécie porque suas unhas menores não lhe permitem o estratagema da rápida escavação de túneis. Vive só nas regiões dos grandes campos, do Nordeste do Brasil para o sul, e, extendendo-se pelo oeste dos Estados meridionais, alcança a Argentina.

Tatú bola

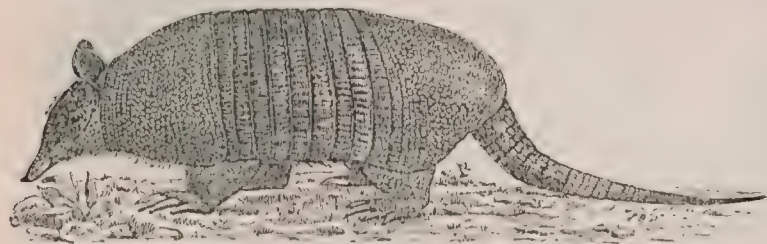
Tatú canastra ou "Tatú assú" — *Priodontes giganteus*. E' a maior de tôdas as espécies existentes, pois

seu corpo mede 85 cms. além de quasi meio metro de cauda. Tem 11 a 13 cintas móveis na parte mediana do corpo e os dentes são em número de 24 ou 26 em cada ramo maxilar, quando os outros tatús têm apenas 6 ou 8. A garra média da mão é enorme, medindo até 15 cms. de comprimento e constitue um dos adôrnos preferidos pelos, indios. Vive no Brasil central, mas já vai se tornando raro e será um dos primeiros animais que desaparecerão da lista da nossa fauna. Sua carne, ao que dizem alguns caçadores, é boa. Costuma andar em pequenos bandos, nas orlas da mata; mas só circula à noite.

Ao Dr. A. Neiva foi relatado por um sertanejo de Goiaz o seguinte episódio, curioso e ao mesmo tempo instrutivo: Acompanhando o rasto de um tatú-canastra, X e um seu amigo deram com o animal amoitado e em posição tal, que logo o mais gaiato dos dois se lembrou de cavalgar a caça, como se faz com os bezerros. Mal, porém, sentiu o pêso do homem no seu dorso, o tatú virou-se rapidamente de costas e com as garras formidáveis lanhou as carnes do incauto folgazão; não tivesse o homem conseguido salvar-se logo da desastrosa situação, teriam as unhas do bicho estraçalhado o suposto agressor.

E' evidente que é êsse o estratagema de que se serve o tatú-canastra quando um grande carnívoro o ataca e a própria onça, provavelmente, poucas vezes conseguirá triunfar nessa luta "à unha".

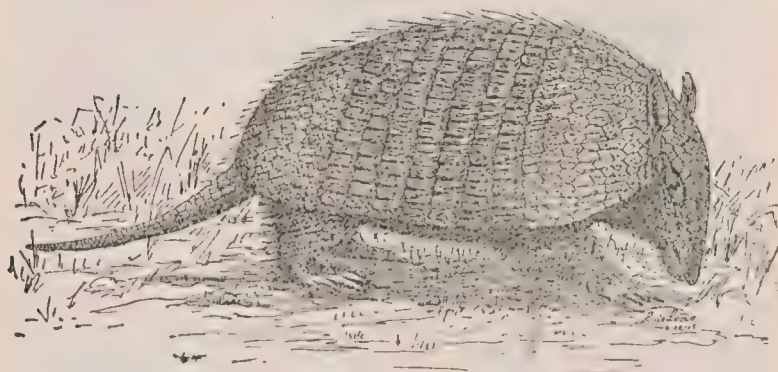
Tatú d'água — No Rio de Janeiro, é o mesmo que "Tatuíra" (Crustáceo).

Tatúetê — Significa em tupí "tatú verdadeiro"; também é conhecido por "tatú-galinha" ou "tatú-

Tatúetê

veado". *Dasypus novemcinctus.* O focinho é pontuado; tem 4 dedos na mão (em vez de 5) e 7 a 9 cintas

móveis no meio da couraça. Como indicam os nomes vulgares, é esta a especie mais saborosa, pois sua carne realmente se compara à da galinha. Ao mesmo gênero pertence *D. hybridus*, espécie menor, com apenas 6-7 cintas; é a popular "Mulita" do Sul do Brasil e da região platina.

Tatú peva ou "Tatú peba" — Na Baía e no Nordeste, o mesmo que "Tatú peludo".

Tatú peludo ou "Tatú peva" — *Euphractus sexcinctus*, caracteriza-se por ter os escudos da couraça

Tatú peludo

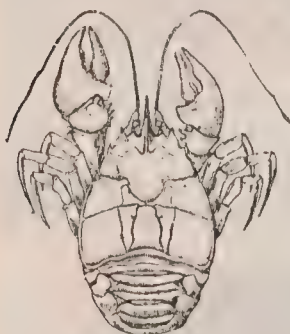
guarnecidos de pêlos ou cerdas na margem posterior. E' também "tatú aíva".

Tatú de rabo mole ou "Tatúxima" — *Cabassous unicinctus;* pode ser considerado parente menor do "Tatú canastra" e, como êste, tem unhas muito grandes; atinge 45 cms. de corpo; o rabo é efetivamente mole, isto é as pequenas placas não cobrem inteiramente a pele. Não goza de boa fama, cabendo-lhe o qualificativo "aíva".

Tatúxima — Parece ser sinônimo de "Tatú de rabo mole".

Tatucaba — Na Amazônia é o mesmo que "Cabatatú" no Sul.

Tatú-í ou "Tatuíra". Pequeno *Crustaceo Decápode Anomuro* da fam. *Hippideos;* o cefalotórax é alon-

gado, semi-cilíndrico, com abdômen dobrado por baixo *Hippa emerita* vive na areia das praias do mar, excavando canais como os tatús; as crianças gostam de juntá-los e na cosinha dos pobres encontra bom aproveitamento. Na água doce corresponde-lhe *Aeglaea laevis* (fam. *Galatheideos*), de corpo mais achatado; pode-se compará-lo a um camarão largo e chato, com parte abdominal dobrada por baixo do corpo.

Tatú-í

Tatuíra — ou "M u l i t a", como se diz no Rio Grande do Sul, por influência argentina. E' a menor das nossas espécies; *Muletia hybridum*. Assemelha-se bastante ao "T a t ú - ê t ê", mas tem apenas 6 ou 7 cintas móveis.

Tatuquira — Na Amazônia chamam assim o mosquitinho conhecido no Sul por "B i r i g u í". Em especial *Phlebotomus squamiventris*, que se diferencia por ter muitas escamas entre os pêlos do abdômen, ao passo que as outras espécies dêste gênero não têm tais escamas. Segundo observação do Dr. A. Lutz êste hematófago gosta de se abrigar nos buracos de tatú, particularidade que motivou seu nome tupí. Até agora foi assinalado no Pará e no Norte de Mato Grosso.

Tatuzinho — O mesmo que "B a r a t i n h a" *(Isopodes)* e em especial aqueles que dobram ou quasi que embolam o corpo, à moda dos tatú, quando assustados. Gêneros principais: *Armadillo* e *Sphaeroma*.

Tauatú pintado — Gavião grande do gên. *Astur*, branco, castanho-escuro no dorso, malhado de preto no lado ventral e com amplo colorido castanho na garganta, lados da cabeça e parte superior do peito; a parte mediana da garganta, porém, é branca.

Tauôca — Veja sob "T a ô c a".

(Tavão) — Em todo o Brasil esta denominação portuguesa é totalmente desconhecida pelo povo, que só emprega a palavra correspondente, de origem tupí, "M u t u c a". Da mesma forma como a denominação hespanhola, tábano, tavão deriva do latim clássico *tabanus* e é êste também o nome do principal gênero da fam. *Tabanideos*.

(Taxí) — Grafia adotada por Alberto Rangel e outros, por "T a c h í".

Taiassú — E' a denominação tupí do porco "Q u e i - x a d a". Barbosa Rodrigues chamou atenção dos etimólogos para o fato de serem idênticas as silábas iniciais dos nomes dos dois porcos: Tai-assú e Tai-tetú. Ao porco doméstico coube o neologismo: "*tanha-assú-aiá*".

Taiassú — O mesmo que "S o c ó - b o i". Compare-se também "A r a t a í - a s s ú", aliás ave da mesma família, porém inconfundível. Não sabemos si os caçadores sempre aplicam bem êstes dois nomes; chamamos, porém, atenção para a facilidade com que o povo comumente suprime a partícula inicial "*ara*" (ave) e foi êste truncamento que deu origem ao vocábulo "*tayassú*" (socó), tornando-o assim homônimo daquele que designa o porco do mato.

Taiassú-uíra ou "T a i a s s ú - g u i r a" — Ave da fam. *Cuculideos, Neomorphnus geoffroyi,* cuja distribuição se extende do Rio de Janeiro à Amazônia. Pelo feitio lembra bem o "A n ú b r a n c o", porém o corpo, um tanto maior, é todo como que escamado na metade anterior e o alto da cabeça ostenta um pequeno penacho escuro. O colorido geral é bruno, quasi avermelhado na parte posterior e no rabo.

Há vários pontos a deslindar, com relação aos nomes vulgares desta ave. Na Amazônia dá-se-lhe também o nome "M ã e d e p o r c o". Será coincidência apenas. ou referência a um certo "que" da sua biologia, ou ainda simples tradução do nome indígena: (*tayassú*, como vimos acima, significa porco e também "Socó-boi"; porém é difícil encontrar motivo para a comparação entre êstes três bichos tão diferentes).

Parece-nos necessário ainda o seguinte reparo. Registramos o nome "A r a c u ã o" para esta ave, quando tal denominação deve caber às aves da fam. *Cracideos* do gên. *Ortalis*. Contudo relembramos que o nome "A c a - n a t i c" citado por Goeldi (Album) para *Neomorphnus*, pode muito bem ser simples erro tipográfico (*n* por *u* e *c* final por *e*: "Acauatié", isto é: Acauã-pássaro. Assim temos quatro bichos, ou sejam três aves e um mamífero, envolvidos nesta trama etimológica, para a qual certamente deverá ser encontrada explicação condizente com a ecologia, pois o índio baseava a escolha dos nomes em fatos ou analogias bem observadas.

Teia de aranha — O Pe. J. Vicenzi, em seu livro "Paraiso Verde", "Viagem a Mato Grosso", descreve à pag. 228 uma teia de aranha observada no percurso de Poconé a Caceres. Sua conformação era perfeitamente de uma meia rêde, medindo 7 a 8 metros de ponta a ponta e 4 a 5 metros de alto, toda ela alvíssima e bojuda, pois que envolvia um arbusto; o tecido era tão encorpado como uma fazenda. Uma fotografia ilustra essa gigantesca rêde, armada provavelmente por uma colônia de aranhas, as quais, porém, o autor não descreve nem menciona. Veja também "B a b a d e b o i". Muitas outras espécies armam teias características ou curiosas. O índio dá-lhes o nome de "N h a n d u t í".

Teiú — "T i ú", "T e j ú" ou "L a g a r t o" simplesmente ou, por ser o maior dos nossos lacertílios, "T e i ú -

Teiú

g u a s s ú" *(Tupinambis teguixin)* da fam. *Tejideos.* (A esta mesma família pertence também o "J a c u r u a r ú").

Atinge quasi 2 metros de comprimento, inclusive a cauda, a qual corresponde a 2|3 do comprimento total. A carne, bem preparada, parece com a da galinha e por isto o teiú sofre perseguição, aliás injusta, pois é animal útil, que se alimenta de larvas, vermes, insetos, etc.. Contudo,

no galinheiro causa algum prejuizo, porque chupa os ovos que puder encontrar, quasi sempre sem quebrar a casca, na qual fazem apenas um pequeno furo; também não desdenha algum pinto. Mas tais roubos não são frequentes, nem avultados.

E' tímido, mas sabe se defender contra os cães. "Os lagartos muitas vezes acuam, e travam com o perdigueiro um combate digno de ver-se, pois atacam com a bôca e logo depois se voltam e dão chicotadas com a cauda, e assim sucessivamente, até que sucumbam ou que intervenha o caçador, com qualquer pau." (Varnhagen, Manual do Caçador). Assistimos várias vezes a tais lutas e era de ser ver como o bicho crescia para seu contendor, arqueando o dorso e estufando o corpo. Na corrida o lagarto leva a cauda alçada, para que não arraste; muitas vezes falta-lhe a ponta mais fina, quebrada talvez ao utilizá-la como chicote.

Por todo o Brasil é crença popular de que o lagarto frequentemente luta com serpentes, atacando-as a chicotadas; quando, porém, se sente ferido pelas dentuças de veneno, êle corre para o mato à procura do contra-veneno, que conhece — a "herva de lagarto", ou segundo a versão baiana, a "batata de teiú". Tão certo está o vulgo de que assim é, que no Ceará se diz "morder a batata", com a significação de tomar bebida alcoólica, pois também o alcool é contra-veneno eficaz, na opinião do povo.

Tejú — Pronúncia cearense por "Teiú" ou "Tijuassú".

Tejubinha — No Ceará, segundo Paulino Nogueira, é um lagarto verde, pintado, do tamanho de um camaleão pequeno e que vive nos campos. Trata-se de *Ameiva surinamensis*, também conhecida por "Tijubinha".

Tempo-quente — No Estado do Rio de Janeiro chamam também assim o "Sací".

Tem-tem — Na Amazônia abrange diversas espécies de "Gaturamos" (gên. *Euphonia)* e outros passarinhos pequenos da fam. *Tanagrídeos.* O "Tem-tem verdadeiro" ou "de estrela" no Pará é *Euphonia violacea*, que também no sul é o "Gaturamo verdadeiro".

Tem-tem — Ave de rapina, da fam. *Falconideos, Micrastur semitorquatus*, de 50 cms. de comprimento; o lado dorsal é denegrido; a face, uma coleira no pescoço e o lado

ventral são brancos; uma faixa escura passa do alto da cabeça ao ouvido. As azas são relativamente curtas. Vive em todo o Brasil, extendendo-se também até o México.

Tentenzinho ou "C o l e i r i n h a" e na Amazônia: "C a u r é" — *Falco albigularis.* E', como o "Q u i r í - q u i r í", um anão do grupo das aves de rapina a que pertence. O colorido é denegrido, com numerosas manchinhas e traços brancos; a cabeça é tôda preta e logo abaixo uma larga coleira branca destaca-se tanto, que motivou uma das denominações vulgares; as pernas e parte da barriga são de viva côr vermelho ferrugínea. Muito ao contrario do pacato "Quiri-quiri", êste pequeno valentão atira-se a tôda sorte de passarinhos e como não há, em sua fé de ofício, nenhum feito meritório a registrar, até é bom que o caçador exercite sua pontaria quando o pilhar de geito. E' o que também os norte americanos recomendam, ao traçarem a biografia de duas espécies do mesmo gênero *Falco*, da sua fauna. Uma delas aliás, *Falco peregrinus*, também ocorre no Brasil; é um pouco maior que o "Cauré" e a barriga é branca, listrada e manchada de preto (sem vermelho).

Mesmo aos nossos desafetos devemos fazer justiça e por isto, considerando imparcialmente o modo de vida do Cauré, devemos reconhecer que lhe cabe o título de valentão, apesar de sua pequena estatura. Já o disse Barbosa Rodrigues (Muyrakitan, I pg. 221): "Este pequenino e atrevido rapace, fendendo os ares, atira-se às maiores aves, agarra-se a elas em lugar em que não possa ser ofendido, geralmente sob as azas e começa a devorá-las mesmo no vôo, até que, exaustas ou mortas, caiam para servir-lhe de pasto".

A êsse seu gênio atrevido aliam uma tal destreza no vôo, que com bastante resultado se comprazem em perseguir as mais ágeis caças aladas, as pombas e as andorinhas. E como explicou Goeldi o "Cauré" também persegue frequentemente os não menos velozes "A n d o r i - n h õ e s" *(Panyptila cayenensis)*, cuja história muito interessante, já relatámos sob aquele nome vulgar. Os andorinhões, assim perseguidos, refugiam-se logo em seu ninho e por isto pode-se ver, às vezes, o pequeno gavião montando guarda diante da sólida construção, esperando poder ainda assim, mais cedo ou mais tarde, deitar garras à preza. O povo, não compreendendo a verdadeira situação, assentou de atribuir tais ninhos ao "Cauré". Tal, pelo menos, foi a explicação aventada por Goeldi, quando êste

naturalista verificou que ninhos de andorinhões eram apregoados ao mercado como sendo "ninhos de Caurés".

E para que comprariam os negros e tapuios êsses ninhos, retalhados em pedacinhos de alguns centímetros quadrados? Sem muito regatear, a negra velha compra o precioso talismã, pois sem duvida assim lhe advirão a furtuna e a felicidade tão desejadas. Outros têm mais fé nos uirapurús; ela prefere o "ninho do Cauré": — é simples questão de palpite!

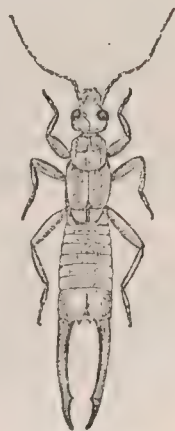
Teque-teque — Pássaro da fam. *Tyrannideos, Todirostrum poliocephalum,* do grupo dos "C a g a - s e b o s". Seu colorido é o seguinte: verde azeitonado em cima, amarelo no lado inferior, vértice escuro e uma mancha amarela de cada lado da fronte. Na Amazônia correspondem-lhe os "F e r r e i r i n h o s".

Terauíra — Grafado desta forma na "Poranduba Maranhense", é certamente de corruptela de "t a r a g u i r a" (Veja-se ainda "T r o í r a" ou "T r u í r a - p e v a", como aliás o acrescenta o próprio frei Prazeres).

Terê — Denominação dada em Santos (S. Paulo) ao pássaro da fam. *Tanagrideos, Chlorophonia chlorocapila,* aliado aos "Gaturamos", porém de côr verde clara e com uma fita azul na nuca, bem destacada. Habita todo o Brasil, com exceção da Amazônia.

Tesoura — E' êste o nome pelo qual são mais geralmente conhecidos os pequenos *Dermapteros* da fam. *Forficulideos,* que em Portugal têm ainda os nomes "B i c h a c a d e l a" ou "Rapelho".

Dá-se-lhe, ainda que erroneamente, a mesma denominação "L a c r a i a" que cabe às "C e n t o p e i a s" e com as quais nada têm em comum. Mais admissível é o diminutivo "L a c r a i n h a" (veja esta).

"Perce-oreille", "Ohrwurme" e "Earwig", do francês, alemão e inglês são nomes que envolvem a idéia do perigo, todo imaginário porém arraigado, de que os *Forficulideos* gostam de introduzir-se no ouvido do homem e furar o tímpano; além disso em qualquer circunstância são tidos em conta de

Tesoura

bichinhos perigosos, que mordem muito... Ninguém ainda foi ferido pelo pequeno valentão — mas basta reparar no seu feitio e ver como em atitude ameaçadora, levanta sua tenaz do último segmento abdominal, dois ganchos que se abrem e fecham como tesouras ou alicate! A acusação baseia-se unicamente neste aspeto ("escorpionesco", poderíamos dizer); de fato, porém, os Foriculídeos são de todo inofensivos. Vivem êles em lugares sombrios e aí se alimentam de substância vegetal em decomposição, ou então algumas espécies dão caça a bichinhos menores.

Tesoura — Crustáceo marinho, *Decápode Braquiuro* da fam. *Ocypodideos, Uca maracoani*, congênere do "Chama-maré"; a espécie de que aquí tratamos é porém, muito maior e ambos os dedos da tenaz são grandes e achatados, de modo a aparentarem um bico de pato. O nome científico desta espécie lembra a denominação indígena, pela qual ainda hoje é conhecida no Pará: — "Maracuaím". Veja-se também "Sirí-patola".

Tesoura — O mesmo que "Alcatraz".

Tesoura ou "Tesoureiro" — Pássaro da fam. *Tyrannideos, Muscivora tyrannus*, de côr cinzenta nas costas, branca na lado ventral; a cabeça é preta, com mancha amarela. Muito características são as duas longas retrizes exteriores da cauda, que durante o vôo abrem em forma de tesoura. Não é apenas elegante, decorativo e interessantíssimo, mas, como o "Bem-te-vi", o "Suirirí" e algumas outras espécies da família, é um dos mais entusiasmados entre os beneméritos perseguidores de içás, quando êstes se elevam nos ares para o vôo nupcial. Durante o inverno foge do Sul do Brasil, extendendo sua migração para o Norte até o México. Seu ninho é frequentemente visitado pelo "Vira", o gaudério que lhe confia os ovos para assim eximir-se à trabalheira de criar os pintainhos.

Tesoura do campo — Pássaro da fam. *Tyrannideos, Gubernetes yetapa*, que também tem como a espécie precedente, as penas externas da cauda muito longas. A côr é cinzenta, as azas e a cauda são pretas e a garganta é branca, com orla castanha.

Tesoureiro — Vide "Tesoura".

Teúba — O mesmo que "Tujuba".

Téu-téu — De S. Paulo para o Norte, êste nome é talvez mais usado que "Quero-quero", denominação antes sulina da ave *Belonopterus cayennensis*. Na Amazônia "Téu-téu da savana" refere-se a uma espécie afim, *Oedichnemus bistriatus*, ave desprovida de penacho, um verdadeiro "massarico", de corpo empertigado e pernas compridas. A plumagem é bruna no lado dorsal, com penas margeadas de claro; caracteriza-o um grande supercílio branco e o lado ventral é claro, um pouco colorido no peito.

Tibiro — Peixe do mar do Rio Grande do Norte. Nome colhido na lista do pescado do mês de janeiro, onde figura apenas com 12 quilos. Na lista do pescado de Belém é admitido somente com dimensões superiores a 20 cms.. Em Alagôas é vendido ao preço de 400 rs. o quilo, quando a tainha vale 1$000. No Pará parece que se pronúncia "Timbiro" e como sinônimo vimos empregar "Pratinira".

Ticonha — Raia, *Rhinoptera jussieui*, de contôrno em forma de losango com diâmetro transversal quasi duplo do longitudinal, exclusive a cauda, que forma um fio ou chicote, duas a três vezes mais comprido que o corpo; na base da cauda, atrás da nadadeira, acha-se o grande acúleo; o focinho é entalhado na linha mediana.

Ticopá — Nome registrado por A. de Miranda Ribeiro, para o peixe do mar da fam. *Haemulideos, Pomadasys crocro*, afim às "Corcorocas". E' plúmbeo em cima, branco prateado na parte inferior; 3 a 4 estrias longitudinais ornam os flancos; uma faixa preta na nadadeira anal; acima da linha lateral vêm-se 4 a 5 linhas longitudinais indistintas, formadas pelo colorido escuro do centro das escamas. Atinge 40 cms. de comprimento; sua carne é tão delicada que se desfaz após a cocção, como se estivesse corrompida; não é saborosa. E' do Norte do Brasil, extendendo-se ao Sul até o Est. do Rio de Janeiro.

Tico-tico — Passarinho da fam. *Fringillideos, Brachyspiza capensis*, de ampla distribuição por tôda a América do Sul, da Patagônia à América Central e mesmo até o México. E' excusado dar a sua descrição, pois quem no Brasil não conhece o "Tico-tico"? Representa entre nós o papel do pardal da Europa (*Passer domesticus*), mas apenas no que diz respeito à quasi ingênua confiança com que se aproxima de nossas habitações, não só na roça, como também nas cidades. Quanto à índole, porém, difere radi-

calmente do pardal. Êste, hoje, em dia, vê-se perseguido por todos que lhe conhecem o gênio máu e os danos de que é capaz; o tico-tico, ao contrário, quanto mais lhe estudamos a biologia, tanto mais se torna credor da nossa proteção.

O Dr. Franco da Rocha, em seu opúsculo "Ornitologia", fez o elogio do tico-tico (pg. 61 in fine). Nós, em um pequeno estudo ("Contos... de um Naturalista", 1924) demonstrámos, à mão dos algarismos colhidos ao examinarmos o conteúdo estomacal de uma série dêsses passarinhos, que êle não é simples granívoro, como se costuma afirmar; mas nas suas refeições dá preferência, até, à substância animal (besouros, formigas, larvas, etc.). Em cada três espécimens sobre quatro, verificámos tal predomínio. Cada estômago continha em média 20 insetos, e calculando, de acôrdo com outras observações, que isto repre-

Tico-tico

senta a sexta parte da ração diária, cada tico-tico destrói por dia 120 insetos. Devemos, portanto, registrar também êsse pássaro na lista dos que nos são positivamente úteis.

Da minuciosa descrição da vida dêste nosso amiguinho, que o Dr. Franco da Rocha nos dá no livrinho acima citado, transcrevemos, abreviadamente, os seguintes trechos: "O tico-tico raramente anda só, quasi sempre se encontra o casal ou um grupinho de três ou quatro, a saltitar pelo chão, pelas sebes, pelos arbustos do jardim. Não gosta do mato deserto; é companheiro do homem. Onde quer que se erija uma habitação humana, êle aparece logo a ciscar pelos arredores, sempre com a voz curta a fazer ouvir a sílaba sêca — tic... tic-tic, que lhe deu o nome onomatopaico. O canto breve e simples do tico-tico não é lá para que se gabe. Entretanto, para os amadores de interpretações fantasiosas, o que êle canta pela

manhã e à tarde é o seguinte: "*minha vida é assim... assim... assim...*" e, às vezes, alta noite, também ouve-se-lhe êste cantar. O tico-tico é de uma confiança ilimitada, ingênua; não suspeita jamais da perfídia humana, embora viva sempre junto do homem. Quando se arma um alçapão, perto de casa ou qualquer outra armadilha, é infalivelmente êle o primeiro que cai preso.

Faz seu ninho com cuidado, construido, exteriormente, de finas raizes e palhinhas e por dentro bem forrado de crinas de animais, muito bem colocadas e ageitadas pelo movimento de rotação que o pássaro faz com seu próprio corpo dentro do ninho. Constrói em arbustos de pequena altura, de um a dois metros quando muito, e até no chão, no meio de touças de capim ou de qualquer folhagem tufosa. Não pude contar com perfeita exatidão os dias de incubação dos ovos, mas creio que, aproximadamente, são doze dias. Os filhotes se dispersam do ninho, já emplumados, no fim de 14 a 15 dias. Assim tôda a evolução até a saida do ninho se faz dentro de um mês. O tico-tico é briguento; gosta de fazer rôlo no tempo da procriação. Já os temos visto a rolarem pelo chão, engalfinhados e cegos de raiva, ao ponto de permitirem a aproximação do observador a meio metro de distância da arena, coisa impossível fora dessa situação.

O tico-tico é a vítima preferida pelo celebre "chopim" (*Molothrus bonariensis*). Logo que o ninho fica pronto e já contém ovos, lá entra a senhora chopim sorrateiramente, aproveitando-se da ausência do dono e põe o seu ovo no meio dos outros. "Dizem que lança fora um dos ovos do tico-tico, para deixar o seu no lugar".

A distribuição geográfica desta espécie extende-se de fato por quasi toda a América do Sul, porém só nos Estados meridionais o tico-tico é verdadeiramente popular. Na Amazônia os zoólogos também o registraram, porém seu nome vulgar aí não figura nos respectivos catálogos (Goeldi, Snethlage), nem a espécie foi considerada bastante característica da região, para figurar no "Album das Aves Amazônicas". Os cantadores (trovadores) do Ceará mencionam listas extensas das aves da região, porém o tico-tico aí não figura (Leonardo Motta, "Os Cantadores"). Na Baía e em Pernambuco são as "Lavandeiras" que desempenham o papel de vagabundos das ruas, que no Sul cabe ao alegre tico-tico. Veja-se "Jesus meu Deus" que talvez seja denominação local, sergipana, do "Tico-tico".

Tico-tico do birí ou "C a c h i m b ó" — Passarinho da fam. *Dendrocolaptideos, Paleocryptes melanops*, pertencente ao grupo do "B e n t e r e r ê", de côr parda em cima, com manchas pretas nas costas e no vértice; as azas e a cauda são escuras, com manchas côr de canela; o lado inferior é brancacento. Habita o Brasil meridional e prefere os banhados.

Tico-tico do campo — Pássaro da fam. *Fringillideos, Myospiza manimbe*, cuja semelhança com o tico-tico comum aliás é bastante vaga. A côr é pardo-cinzenta, com frisos amarelos no lado superior e os ornatos claros nos loros e encontros são da mesma côr. Vive nos campos entre touceiras. Seu nome específico refere-se à denominação indígena "M a n i m b é", cuja acepção, entre o povo, é uma tanto imprecisa. Na Amazônia é conhecido por "C a - n á r i o p a r d o".

Tico-tico rei — Pássaro da mesma família dos precedentes, *Cryphospingus cuculatus*. Nenhuma semelhança tem êle com o "tico-tico" comum, a não ser o feitio típico da família. A plumagem do corpo é vermelho-sombria, mais clara na barriga; as azas e a cauda são pretas. A insígnia real, que valeu ao macho a denominação popular, consiste em um topete de penas alongadas, de viva côr escarlate. Habita de preferência as baixadas úmidas e as margens dos rios. Na Amazônia dão-lhe nomes de difícil interpretação: "V i n t e e u m p i n t a d o" e "G a l o d o m a t o".

Ticura — O mesmo que "T u c u r a".

Tié — E' uma denominação de acepção bastante ampla, pois abrange um grande número de pássaros da fam. *Tanagrideos*. Na Amazônia a denominação correspondente é "P i p i r a". Vários "T i é s" têm nome especial, como:

Tié-sangue — ou "S a n g u e d e b o i", que são sinônimos de:

Tié-fogo — *Rhamphocoelus brasilius*, de resplendente côr vermelho-cochonilha, contrastando as azas, pernas e a cauda pelo colorido preto. A fêmea é bruna, com dorso vermelho-pardo. Na Amazônia a espécie correspondente, *R. carbo* é conhecida simplesmente por "P i p i r a". Veja também "T a p i r a n g a".

Tié-galo — *Tachyphonus cristatus*, da mesma família dos precedentes; preto, com vértice e topete vermelho-cochonilha; o dorso inferior é amarelo. A fêmea é pardo-amarelada.

Tiétinga ou "A n i c a v a r a" e "P r e b i x i m" — Pássaro da fam. *Tanagrideos, Cissopis major*. A cauda é longa, medindo assim o pássaro ao todo 28 cms. A parte anterior do corpo é negra, os encontros e o resto do corpo são brancos, bem como a ponta da cauda. As penas negras do pescoço terminam em ponta azul ferrete. Vive de preferência nas matas junto à água, formando pequenos bandos; seu vôo é curto. Habita a região compreendida entre a Baía e Santa Catarina.

Tié de topete — *Trichotraupis melanops;* verde em cima, amarelo no lado ventral; a fronte, as azas e a cauda são pretas. O macho distingue-se da fêmea por ter vértice e topete amarelos. Segundo Burmeister este "tié" especializou-se em catar saúvas nos carreiros desta praga, pelo que o pássaro nos deve merecer especial estima.

(Tigre) — Denominação impropriamente dada, às vezes, à nossa "O n ç a p i n t a d a". Na acepção própria designa a grande espécie asiatica *Felis tigris*.

Tijubina — Citado por Rod. Theophilo (Sêcas do Ceará) pag. 217: "As cobras, os tejuassús, os sapos, as *tijubinas* se incorporavam aos carniceiros e iam se fartando de ovos" (das pombas avoantes). Paulino Nogueira escreve "Tejubina" (veja-se aí); é palavra composta, cujo primeiro radical "teiú" — significa lagarto, valendo o sufixo por um diminutivo.

Timbiro — Veja-se "T i b i r o".

Timboré — O mesmo que "C h i m b o r é".

Timbú — Sinônimo de "G a m b á", usado no Ceará. Marcgrave sob "*Sarigoye*" regista "*Tambejo*", como também o fez Theodoro Sampaio, acrescentando êste ainda "*Taibú*", veja-se os demais sinônimos sob "G a m b á".

Timbucú ou "T i m u c ú" — Ainda usado no Rio Grande do Sul, é a forma original tupí de "T a m b i c ú" (Peixe cachorro).

Timicuí — No "Vocab. Omissões" de A. Taunay esta voz foi registrada como sendo: "Pequeno carrapato do sul da Baía; informa Dr. Paschoal Camelyer". A palavra parece encerrar o radical "*micuim*".

Timucú — O mesmo que "T i m b u c ú".

Tinguassú — O mesmo que "A l m a d e g a t o".

Tintureira — *Selachio, Galeocerdo maculatus,* tubarão ferocíssimo, que atinge 10 metros de comprimento.
A feição do corpo é típica da família; os dentes são serrilhados e curvos como garras e em séries múltiplas que se substituem à medida do desgaste. O lado superior do corpo e cinzento, o inferior alvo; nos lados há uma serie de manchas escuras transversais.

Tintureira

E' animal ovovivíparo, nascendo de cada vez até 60 filhotes; ainda assim, felizmente, é antes raro. Talvez "C a ç ã o j a g u a r a" seja sinônimo desta espécie, em Pernambuco. Em Portugal esta espécie não ocorre e lá o nome "T i n t u r e i r a" cabe ao nosso "S e r r a - g a r o u p a".

Tintureiro das pedras — Em Torres, na conhecida praia de banhos do Rio Grande do Sul, os pescadores dão tal nome a uma lesma do mar, propriamente moluscos *Opistobranchios,* cuja concha ou casca quasi sempre é muito atrofiada e envolvida pelo corpo, ou falta de todo. O corpo da lesma, quando esta pasta sobre as algas, é volumoso e entumecido com muita água; ao redor ondulam membranas, que fingem de nadadeira ou nas espécies menos pesadas, servem efetivamente para a natação; nota-se na cabeça um par de chifres, as antenas. Porém ao sentir-se ameaçado, o pequeno tintureiro murcha o corpo e turva a água com uma sorte de anilina vermelha, que não só desnorteia o inimigo, como também, pelas suas propriedades químicas o afugenta. Já os antigos romanos conheciam os *Aplysiídeos* e parece que aproveitavam sua substância corante para tingir tecidos.

Tiom-tiom — O mesmo que "T a b a c o - b o m".

Tipio — Passarinho, *Sicalis arvensis*, do mesmo gênero do "C a n á r i o d a t e r r a", porém menor e o lado inferior das azas é branco cinzento, ao passo que no canário essas penas são amarelas. A denominação vulgar é riograndense; em S. Paulo é espécie menos frequente.

Tirambóia — Corruptela cearense por "J e q u i t i r a n a b ó i a".

Tira-vira — Peixes do mar das famílias *Percophideos* e *Synodontideos*. *Percophis brasiliensis* é um peixe de forma subcilíndrica, de 60 cms. de comprimento; bôca superoanterior, com mandíbula prognata; nadadeira dorsal dupla, composta de 8 acúleos e uma parte ramosa longa (30 raios), oposta à anal, que é igualmente longa (39 raios). Vimos também grafado "T i r a - v i d a" (Rio de Janeiro, Bol. de Pesca, Voz do Mar, n.º 39, pg. 104 e 107).

Tiriba ou "T i r i v a" — Designa os papagaios do gênero *Pyrrhura*, de tamanho médio, cauda longa, de colorido geral verde, com mistura de outras côres, mas caracterizados principalmente pelo desenho em escamas ou ondulado no peito superior. Do Estado de S. Paulo para o Sul êste têrmo não é usado, pois no Rio Grande do Sul a única espécie do gên. *Pyrrhura* que aí ocorre é conhecida simplesmente por "P e r i q u i t o".

Tirirí — O mesmo que "S u i r i r í".

Tiririca — O cônego Fr. Bernardino de Souza, em suas interessantes "Lembranças e Curiosidades do Vale do Amazonas" (Pará, 1873) aplica tal denominação a um porco de dimensões intermediárias entre as duas unicas espécies indígenas. Também Henrique Silva menciona a "T i r i r i c a" ou "Q u e i x a d a r u i v a" de Goiaz, que considera caracterizada por ser mais ruiva, andar em bandos numerosíssimos e por ser muito valente e provocadora. Deve ser a mesma "Q u e i x a d a" *(Tayassu albirostris)*, à qual coube aquele nome na gíria local dos caçadores, sem haver contudo caracteres suficientes para a separação em subespécie.

Tisio ou "S e r r a - s e r r a", "S i r r a d o r" ou "A l f a i a t e" ou "P i n é u". — E' um passarinho da fam. *Fringillideos*, *Volatinia jacarini*, do feitio dos "P a p a - c a p i n s", porém de côr preta, com brilho azul-metálico. Quando canta as duas notas sibiladas, que lhe valeram o nome "t i s i o", invariavelmente também se alça, voando na vertical alguns palmos acima do galho em que está

pousado, para depois, descendo a prumo, voltar ao mesmo logar, e assim se diverte durante longo tempo. E' evidente que o povo deve achar engraçado tão ingênuo divertimento, o que aliás se manifesta na multiplicidade de nomes que couberam ao passarinho.

Tobá — Usado na Baía por "A t o b á". Assim deu origem ao nome de uma povoação da ilha dos Frades.

Tocandira ou "T o c a n g u i r a" ou "T u c a n d i r a" — Nome de uma das formigas mais notáveis de nossa fauna. Quem conhece alguma coisa da etnografia dos índios do Brasil sabe que pela "prova da tocandira", aqueles selvícolas revelam o máximo de estoicismo com relação à dôr física. No entanto a parte puramente zoológica referente ao inseto em questão só ultimamente ficou bem esclarecida. Os autores antigos e até recentemente Roquette Pinto, em sua disserção (1915), referiam-se sempre a *Dinoponera grandis*, quando relatavam cenas da Tocandira. Generalizou-se esta classificação, porque a todos parecia natural que devesse esta formiga ser também de tamanho máximo. De fato aquelé nome científico é sinônimo de *Dinoponera gingantea* var. *mutica*, famigerada formiga efetivamente gigantesca pois atinge 30 mms. de comprimento. Esta porém não é a "Tocandira", visto como é de índole antes pacata, não atacando as pessoas; seu ninho é um monte de terra de 1m. de diâmetro e 30 cms. de altura. E' de vasta distribuição por todo o Brasil, inclusive os estados sulinos e Rep. Argentina (Missões).

A verdadeira "Tocandira", *Paraponera clavata* Fabr. atinge apenas 22 mms. de comprimento e caracteriza-se por ter um tubérculo no protórax e no pendúnculo do 1.° segmento abdominal. O ninho, que pode conter até 500 formigas operárias é subterrâneo. E' muito agressiva e é encontrada também não raro sobre árvores. Habita somente a Amazônia e o Brasil Central.

A esta espécie se referem muitas informações sobre a picadá, extremamente dolorosa. A dôr profunda, inicial, ainda se intensifica durante as horas subsequentes, determinando calafrios e às vezes vômitos. Só ao cabo de um ou dois dias os sintomas cedem aos poucos. E' bem de ver que mesmo homens os mais valentes são subjugados por dôr cruciante inflingida pela picada desta formiga terrível. No entanto são verídicas as informações sobre a "Fes-

ta da Tocandira", da qual vários cientistas nos deram notícia como fazendo parte do ritual que precede a emancipação dos adolescentes de várias tribus indígenas.

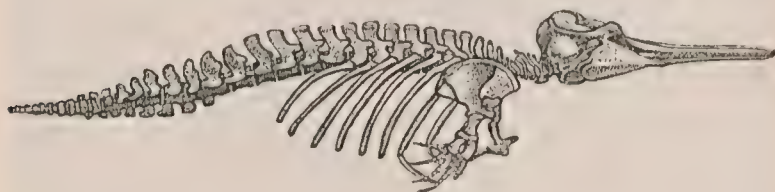
Resumimos a narrativa de Martius (Viagens, III pg. 1320) : Êstes índios selecionam seus guerreiros submetendo-os às picadas das tocandiras. A primeira prova realizava-se quando as crianças tinham 8 a 9 anos; algumas Tocandiras eram colocados em uma espécie de luva ou manga e nesta os rapazes enfiavam o braço e para que as formigas não fugissem a manga era atada nas duas extremidades. Durante o martírio a que assim era submetida, os índios dansavam em redor para encorajar a vítima e só quando esta, extenuada pela dôr, caia desfalecida, retiravam as tocandiras e o braço entumecido era pensado com suco de mandioca. Apenas o paciente recobrava as forças, entregavam-lhe um arco que devia distender. Esta sombria cerimônia era habitualmente repetida até os 14 anos e só quando os candidatos à emancipação resistiam impassíveis à dor poderiam se casar.

Toca-viola — O Dr. E. Ronna registrou esta denominação como correspondente a *Cerambycideos*, família de coleópteros caracterizada pelas enormes dimensões das antenas. Não sabemos qual a difusão do têrmo, alusivo provavelmente ao chiado característico que êstes besouros fazem ouvir, quando se os segura. Veja-se também "V i s i t a", nome de idêntica origem, igualmente aplicado a certos *Cerambycideos.*

Tona — No Maranhão designa "um inambú grande, azul cinério"; parece que deve ser o "I n a m b ú - g u a s s ú" da Amazônia (ao qual no Sul corresponde o "M a c u c o"), portanto *Tinamus tao*, de côr ardósia no dorso, com numerosíssimas riscas tranversais pretas e lado inferior mais avermelhado. Parece que o próprio nome científico, *tao*, se origina da denominação indígena correspondente talvez corruptela de "*tona*".

Toninha — Veja-se a classificação dos *Cetaceos Odontocetos*, sob "B ô t o". Em Portugal a denominação "toninha", cabe à espécie do gên. *Phocaena*, do qual aliás também há representantes no Atlântico meridional. Mas entre nós êste vocábulo designa geralmente *Stenodelphis blainvillei*, de rostro longo, com 53 dentes em cada ramo ma-

xilar; seu tamanho raro excede 1 metro. Caracteriza-o bem a faixa dorsal clara. Vive no litoral, entrando também na Lagôa dos Patos e no Rio da Prata, onde é denominado "Franciscano".

Alipio M. Ribeiro considera a palavra *toninha* como sinônimo de atúm (o conhecido peixe de 3 metros de comprimento, estranho à nossa fauna e que entre nós só é consumido em conserva). Em Portugal segundo o "Catálogo dos Vertebrados de Portugal" do Dr. A. Seabra, o atúm não tem outro nome vulgar, nem os Mamíferos Ce-

Esqueleto de Toninha

táceos (gêneros *Phocaena* e *Delphis*, conhecidos por "Boto" e "Golfinho"), são confundidos com o "Atúm". Êste último vocábulo pode ter dado origem ao diminutivo "Toninha", aplicado ao cetáceo, que de fáto é bem menor que o peixe atúm.

Torce-cabelo ou "Enrola cabelo" — E' uma denominação genérica que cabe àquelas abelhas sociais, *Meliponideos* do gên. *Trigona* que na falta de melhores armas, agridem quem lhes mexe no ninho, enrolando-se nos cabelos e penetrando no ouvido e nos olhos. Desta forma, porém, conseguem apenas aborrecer, pois raramente chegam a vulnerar levemente a pele, que beliscam com os maxilares. Pertencem a esta categoria: "Irapoã", "Sanharão", "Iraxim", "Tujumirim", etc.

Embora pouco airosa para nós mesmos, a seguinte cena demonstrará quanto são valentes as tais "Torce-cabelo". Queríamos examinar um ninho de "Sanharão", abrigado em uma cavidade de alvenaria. Sabíamos que as abelhas iriam nos agredir, mas estávamos certos, também, que não seríamos maltratados, propriamente; bastaria que resistíssemos à petulância dos defensores. Embuçamonos com muitos panos, puzemos algodão nos ouvidos e começamos a destruir a parede de tijolo. Inumeras abelhas aferraram-se aos panos e tudo zumbia em redor de

nós; alguns dos atacantes conseguiram chegar-se ao rosto, outros, pela nuca atingiram o pescoço e os cabelos. Nenhuma sensação de dôr, mas uma indizivel irritação. Resistimos e estávamos quasi atingindo o âmago do ninho, cuja estrutura nos interessava muito conhecer. O número de abelhas que zumbia, agarradas ao embuço, ao chapéu e às vestes, parecia-nos redobrar a cada momento. Bem poucas estavam emaranhadas nos cabelos e só uma dezena delas nos beliscava de leve. Mas o mal-estar, devido à irritação, que parecia atingir diretamente os nervos, chegou ao auge. De repente, sem saber o que estávamos fazendo, percebemos que as pernas nos levavam para longe, a bom correr. O biólogo fôra vencido pelas abelhas inermes, mas que o próprio caipira respeita, porque também não lhes sabe resistir.

(Toré) — Veja-se "T o r ó". Barbosa Rodrigues diz que "Yapurutús são torés finos de Yupatis (*Iriartea setigera* Mart.) que dão sinal para a festa" (do Yurupary). Toré é pois tomado na acepção de instrumento de música, feito da cauda de um pequeno animal, cujo nome científico dá a entender tratar-se de um rato de espinho (toró e não de um Jupatí, que não é "setígero", como o poderão ser considerados os "ratos de espinho").

Toró, "R a t o c o r ó" ou "G u a b i r ú - i ú" — Na Amazônia e no Mato Grosso designa o grande rato de espinho da fam. *Echimydeos, Loncheres armatus.* E' êste o maior representante da família, à qual também pertencem os "S a u i á s". O toró tem cauda muito comprida e vive trepado nas árvores, como os serelepes e aí também faz seu ninho. O nome é onomatopaico, pois de noite êle grita, bem alto, "toró". Martius diz que os índios preparam buzinas de alarme da pele do rabo dêste rato, (da mesma forma como o fazem com a cauda do tatú-canastra, ao qual Th. Sampaio também atribue o mesmo nome, o que aliás contestamos, pelo menos na forma exclusiva como o fez o ilustre autor do "Tupy na Geographia Nacional"). Portanto a referência de Barbosa Rodrigues, acima citada sob "Toré" provavelmente deverá ser englobada a êste verbete.

Toropichí — Denominação indígena do curioso "P a v ã o d o m a t o" da Amazônia.

Tororó — Veja-se sob "M i r o r ó".

Torresmo ou "J o ã o t o r r e s m o" — São denominações dadas em Minas Gerais às larvas brancas com cabeça parda, dos besouros *Podalgus* e *Dyscinetus*, que devastam os arrozais.

Diz o Dr. Costa Lima que êstes nomes também cabem em Minas a outras larvas de *Scarabeideos*. Veja-se também "P ã o d e g a l i n h a".

Toupeirinha — Veja sob "G r i l o t o u p e i r a".

Tovaca — Pássaro da fam. *Formicariideos*, gên. *Chamaeza*, que habita as matas, onde corre rápido pelo chão. Seu colorido é bruno avermelhado no lado superior, a garganta é branca e o lado abdominal malhado de preto, branco e amarelado. Sua voz, bastante intensa, é uma escala cromática, que o pássaro executa percorrendo três oitavas sem interrupção, das notas graves às agudas. E' conhecida também por "E s p a n t a p o r c o".

Tovacussú — Pássaro semelhante ao precedente, porém maior, do gên. *Grallaria*.

Traça — Lepidóptero do grupo dos *Microlepidopteros*, especialmente os da fam. *Tineidos*. Propriamente, a denominação deveria caber somente às larvas dêsses insetos, quando corróem substâncias animais, tais como lã, peles, plumas, couros, etc., causando prejuizo nos vestuários, reposteiros, etc.. As duas espécies, que mais se destacam neste sentido são *Tinea pelionella* e *Trichophaga tapeziella*, ambas importadas e cosmopolitas.

Traça

Outras espécies de traças procriam-se na farinha, *Tinea granella*, no milho e em outros cereais. As traças desenvolvem-se tanto melhor, quanto mais abrigado estiver o material de que se alimentam. Por isto convém expôr ao sol as peças atacadas e também afugentar os insetos adultos, pulverizando cânfora e naftalina nos armários. Só se consegue destruir radicalmente as traças, pondo as peças atacadas em um recipiente hermeticamente fechado, onde permaneçam durante 48 horas sob a ação de vapores de formicida (veja-se sob "*Insecticidas*"). No sentido mais amplo, qualquer inseto que corrói livros e outros objetos, também é considerado traça (com exclusão, porém, dos que perfuram as peças que portanto são "carunchos" e "brocas").

Traça dos livros — Impropriamente costuma-se designar assim a um Artrópode quasi inseto, da ordem dos *Thysanuros, Lepisma saccharina*, espécie cosmopolita, de corpo alongado, recoberto por uma substância pulverulenta, prateada; tem três pares de pernas, antenas muito compridas e o abdômen termina em três fios muito finos, sendo o mediano o mais longo. Vive só em lugares sombrios e úmidos e causa estragos nas bibliotécas, roendo as lombadas.

Traça dos livros

Traçanga — No Ceará designa uma formiga preta, maior que a "T r a c u á". Não é daninha, mas a mordida é muito dolorida. Como acrescenta o informante, quando assanhada, faz barulho no ninho. Outras informações, também do Ceará, referidas sob o nome "C r a ú ç a n g a", que evidentemente é corruptela, descrevem esta formiga de modo um tanto diverso; certamente a mesma denominação abrange várias espécies diferentes, algumas das quais talvez referentes ao gên. *Camponotus*. Evidentemente traçanga encerra o radical *taci* ou *tahi* (traí), isto é formiga, na língua geral.

Tracajá — (Subst. masc.). Tartaruga da água doce, *Podocnemis cayennensis*, do mesmo gênero que a "T a r t a r u g a d a A m a z ô n i a", porém menor, pois atinge no máximo 50 cms. de comprimento. A couraça dorsal é mais abaulada, com um recorte em forma de Y na parte anterior e a côr é bruno-avermelhada; a cabeça tem algumas manchas côr de laranja. E' da mesma região amazônica em que vive a espécie maior, porém encontra-se também nos pequenos rios; não costuma passar muito tempo fora da água, contudo é vista, às vezes, pousando na margem, sobre troncos caidos, tomando sol. Tanto a carne como os ovos são ainda mais apreciados que os da espécie maior, por terem sabor mais delicado. Os ovos são ovais e não esféricos e em cada ninhada encontram-se apenas 30 ou 40, motivo pela qual o Tracajá também é menos abundante. Isto, acrescido ao seu maior valor comercial, mais prontamente ainda determinará o breve extermínio da espécie. No Araguaia o Sr. C. Herndel verificou que esta espécie põe apenas 12 a 16 ovos.

E' preciso considerar que ainda não foi definitivamente estabelecida a diferença das várias espécies do gên.

Podocnemis, ao todo 6 na fauna amazônica e que pouco diferem entre si; *P. expansa* (veja "T a r t. d a A m a z ô n i a"), bem como 2 outras têm duas barbelas no mento: *P. cayennensis*, um dos "tracajás" que ao contrário de *P. expansa*, tem crista vertebral bem distinta e carapaça abaulada e *P. levyana*, que compartilha os dois caracteres: ausência de crista vertebral e carapaça abaulada; esta parece ser a "a r a p u s s á". Além disto há na Amazônia mais 3 espécies congêneres, estas com 1 só barbela e *sextuberculata* e *dumeriliana*, do Amazonas superior, sendo a última a "C a b e ç u d a" (veja esta).

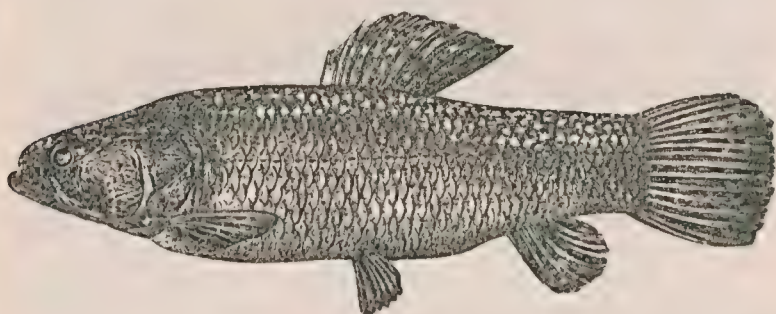
Tracuá ou "T a r a c u á" — Formiga da Amazônia, *Camponotus femuratus*, que vive em cupins abandonados, formando colônias muito numerosas. Não pica, mas morde; quando esmagada, desprende um cheiro forte e desagradável. Sobre os ninhos de "T r a c u á" crescem certas plantas epífitas que lhes são especiais. Severiano da Fonseca (pg. 354) menciona a "tracuá", dizendo, porém, que seu ninho, feito de casca de paruiarí, serve de isca para fogo. (Veja-se também sob "I s c a" em Barb. Rodrigues "Dic. Luccock" pg. 667). Provavelmente há várias espécies, de hábitos diversos, confundidas sob êste nome. Paulino Nogueira diz que ela faz os mesmos estragos como os cupins (?) e que se aninha nas raizes de bromélias e orquídeas; menciona também a isca, esponjosa.

Tracutinga — O mesmo que "S a r a c u t i n g a".

Traíra ou "T a r i í r a" ou "T a r a í r a" — Peixe de escama da água doce, da fam. *Characideos*, subfam. *Erythrinineos*, que se distingue facilmente das outras subfamílias por não terem estas espécies a nadadeira adiposa (entre a nadadeira dorsal e a cauda). A verdadeira "Traíra", a mais comum em todo o Brasil, é *Hoplias malabaricus*. Há ainda duas espécies semelhantes: na Amazônia e no Nordeste o "J e j ú" *(Hoplerythrinus unitaeniatus)* e no Rio de Janeiro o "M o r o b á". As duas últimas espécies não alcançam as grandes dimensões como a "Traíra"; encontram-se como esta em quasi tôdas as bacias hidrográficas cisandinas da América do Sul, mas em geral são menos abundantes. A traíra e o jejú parecem-se pelo colorido, mais ou menos irregular, com uma faixa escura sobre os flancos; mas a traíra tem grandes caninos na porção anterior do maxilar, ao passo que o jejú não os tem,

caráter êste que é compartilhado pelo morobá, que além disto se distingue pela nadadeira dorsal angular (e que é arredondada nas duas espécies precedentes) ; o morobá não tem faixa preta no flanco, mas duas manchas redondas, uma abaixo da Dorsal, outra na base da Caudal.

A traíra alcança 60 cms. de comprimento no máximo e 3 quilos de pêso; vive nas águas de pouca correnteza, em açudes e nas poças dos brejos.

E' sabido que, ao se pôr a sêco um açude, a traíra se enterra no lodo e aí pode permanecer durante longo tempo; desta forma torna-se difícil eliminá-la dos reservatórios em que se pretenda criar outros peixes.

Traíra

De acôrdo com o feitio característico dos dentes aguçados e bastante longos que lhe guarnecem ambos os maxilares, êste peixe é essencialmente carnívoro. Desde que atinja 15 cms. de comprimento, só se alimenta de peixes, geralmente de lambarís, acarás, saguirús, isto é, bocados pequenos; às vezes, porém, não respeita nem seus próprios irmãos e assim foi verificado que um exemplar de 30 cms. de comprimento é capaz de ingerir uma traírinha de 15 cms., que só encurvada lhe cabe no estômago. Mas a traíra é preguiçosa, não gosta de se esforçar muito nem perseguir suas vítimas, que prefere pegar de surpreza e assim não pode ser taxada de gulosa. Amplas estatísticas demonstraram que a traíra só se alimenta cada 48 horas e portanto não se trata de um peixe tão malfazejo como é costume pintá-lo e muito menos será capaz de praticar tais desmandos nos tanques de criação como lhe tem sido atribuidos, a ponto de frustar os esforços da piscicultura.

Ademais acresce um outro fator, que até agora não havia sido tomado em consideração: as traírinhas de me-

nos de 15 cms. de comprimento não comem peixinhos, mas são quasi exclusivamente entomófagas.

De início, na fase de alevinos, também esta espécie só se alimenta de "plâncton" (microfauna aquática); a seguir, quando o organismo requer bocados maiores, só lhe apetecem insetos e suas larvas. Desta forma o piscicultor não é prejudicado com a presença de traírinhas nos tanques de criação.

Por outro lado, a multiplicação da traíra é muito eficiente. A fêmea dispõe apenas de 20 ou 30 mil óvulos, o que é relativamente pouco, em confronto com as centenas de milhares ou os milhões de óvulos de que dispõem outras espécies; mas como a desova se faz em lugares abrigados nas águas paradas e como, além disto, a princípio a mãe e nos dias subsequentes o pai montam guarda, defendendo os ovos, assim a evolução de quasi toda a ninhada fica garantida e uma grande porcentagem desta tem a evolução por assim dizer assegurada. Durante o desenvolvimento do ovo observa-se ao microscópio, uma curiosa rotação do vitelo, fato raro que só em poucas espécies brasileiras foi assinalado.

A evolução do embrião é relativamente demorada, pois requer 48 horas, ao passo que nas outras espécies brasileiras ela se faz em metade dêsse tempo ou mesmo em 12 horas, no lambarí.

Tais contagens nos parecem, no entanto, maravilhosas, quando comparadas com o que se passa nos climas frios do hemisfério septentrional, onde a evolução dos ovos dos peixes requer, pelo menos, uma semana ou mesmo 2 a 3 meses.

A larvinha da traíra, já ao cabo de um dia, nada rapidamente e pouco depois começa a caçar os microorganismos de que se alimenta. E' principalmente na fase de "sovela" que êste peixe viaja, procurando disseminar-se por tôdas as águas e é isto que contribue para a ampla disseminação da espécie. Seu habitat se extende da Rep. Argentina à América Central.

A carne da traíra é de sabor excelente, mas em geral é pouco apreciada, por ser inçada de espinhas finas e rijas, que frequentemente ferem a bôca. Não obstante, por todo o Brasil, principalmente onde não há abundância de outros peixes maiores, a pesca da traíra é um passatempo muito popular e por vezes contribue com avultada quantidade para o abastecimento do mercado. Neste particular

oferece a vantagem de se conservar viva por longo tempo, fora da água.

Apezar de não ser a traíra peixe apreciado, ainda assim muitas vezes ela enche as bancas do mercado; assim o verificámos no Nordeste, onde ela é o segundo peixe, depois da curimatã e em Porto Alegre, onde atinge grandes dimensões; também nas represas da "Light & Power Co." (S. Paulo) a traíra, juntamente com o bagre, constituem pesca remuneradora. Finalmente deve ser lembrado que nas fazendas, onde haja tanques ou açudes ou nos banhados ou outras águas paradas, a traíra é pescada com certa facilidade, para o gasto caseiro.

Em suma, a traíra não obstante seus máus predicados, é um peixe popular, com algum valor econômico para a população rural; é difícil, sinão impossivel eliminá-la, para em seu lugar introduzir espécies melhores. Para a piscicultura, não constitue ela porém o impecilho máximo, como muitas vezes se diz.

Na pesca da traíra é preciso ter em conta que êste peixe "pega de raiva", como diz o caipira; abocanha violentamente e por isto deve-se arrancá-la no mesmo instante em que ferra o anzol.

No Ceará, "pegar traíra" significa cochilar, piscar com sono.

Traírabóia — ou "T a r i í r a b ó i a". O mesmo que "P i r a m b ó i a".

Traírão — Nos grandes rios (Ribeira de Iguape) os pescadores dão valor todo especial ao traírão, que vive na água corrente, pelo sabor da carne, o tem em tão boa conta como o dourado e a piracanjuba. A. Miranda Ribeiro deu categoria específica ao traírão do rio Ribeira, *Hoplias lacerdae*, por ter 47 escamas na linha lateral, quando essa contagem, na traíra comum varia só de 38 a 42 escamas.

Traítinga — O mesmo que "T a r a p i t i n g a".

Tralhoto, "T r a l h o t e" ou "T a r i o t a" e ainda "Q u a t r o - o l h o s" — Peixe de escama da água doce da fam. *Cyprinodontideos, Anableps tetrophtalmus*, da Amazônia, extremamente curioso pela conformação dos olhos, de tal modo salientes, que metade do diâmetro do globo ocular se eleva acima do plano da cabeça. Êste dispositivo e outro ainda, relativo à conformação da lente, tendem ambos ao seguinte resultado, aliás muito prático para o peixe. Estacionando à flor d'água, de forma a só emergir o globo ocular, êle vê o que se passa, tanto dentro como fora d'água.

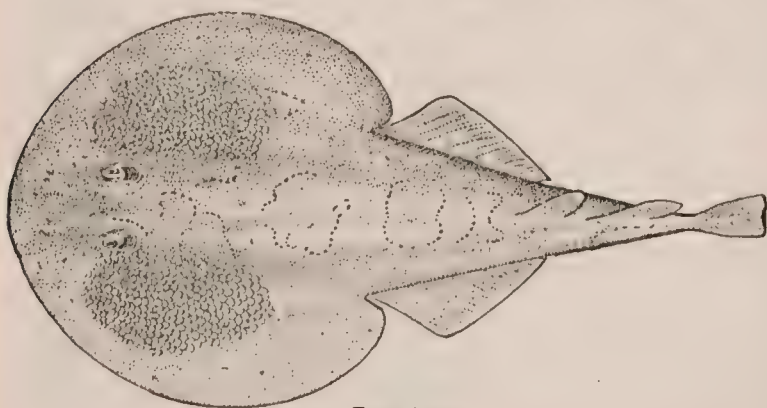
Vive à margem dos realengos e igarapés, onde não haja correnteza forte; são vistos às vezes reunidos em grande número, imóveis ou nadando, também com o nariz e os olhos de fora, salpicando o espelho das águas com pontos escuros; perseguidos, pulam duas ou três vezes para diante e continuam a nadar. Seu porte máximo é de 25 cms. de comprimento, porém não são comestíveis.

Seja lembrado que êste peixe conquanto faça parte da família dos *Cyprinodontideos*, não é vivíparo, como os "G u a r ú s", que preponderam nesse conjunto. Além dos *Anableps* são ovíparos também os pequenos *Rivulus*, dos quais há múltiplas espécies em todo o litoral brasileiro.

O padre Antonio Vieira, que se refere a êste mesmo peixe sob o nome de "Q u a t r o o l h o s", sugeriu as seguintes reflexões, dedicadas, porém, mais a nós homens: "Navegando daquí para o Pará, vi correr pela tona da água, de quando em quando, aos saltos, um cardume de peixinhos, que não conhecia; quiz averiguar ocularmente a razão do nome "Q u a t r o o l h o s" e achei que verdadeiramente têm quatro olhos, em tudo cabais e perfeitos...

Tantos instrumentos de vista a um bichinho do mar, nas praias daquelas mesmas terras vastíssimas, onde permite Deus que estejam vivendo, em cegueira, tantos milhares de gente há tantos séculos!"

Treme-treme — Em Goiaz, onde não ocorre a "R a i a e l é t r i c a", dá-se tal nome ao "P o r a q u ê".

Treme-treme — Raia, *Narcine brasilensis*, de 50 cms. de comprimento; a parte anterior do corpo é um disco um

Treme-treme

tanto ovalado, ao qual se insere uma parte caudal, mais longa, triangular. O colorido, mais evidente nos exemplares menores, consiste em faixas transversais, um tanto irregulares, sobre fundo oliváceo.

O nome vulgar liga-se à faculdade que tem êste peixe de emitir descargas elétricas. O aparelho correspondente, localizado entre a cabeça e a base das nadadeiras peitorais, compõe-se de uma série de prismas hexagonais, dispostos verticalmente. Quanto ao funcionamento e às descargas elétricas, veja-se o que ficou dito sob "Peixe elétrico" ou "Poraquê".

Treme-treme — *Orthoptero* da fam. *Phasmideos;* veja sob "Bicho pau".

Trepa-moleque — O mesmo que "Potó".

Três-portas — Veja "Jataí".

Três potes — Nôme onomatopaico da ave que canta "Três-pote, três-pote, um côco, um côco". E' *Aramides cajanea*, a que já nos referimos sob "Saracura". Parece que, de fato, como o afirma o povo, estas aves presagiam chuva quando cantam muito.

Trisqueira — Nome dado no Pará ao cação *Carcharias porosus*, congênere da "Serra-garoupa" e do "Marracho".

Trinca-ferro — Diversas espécies de pássaros da fam. *Fringillideos*, do gên. *Saltator*, do feitio do "Avinhado", porém com cauda mais longa; o colorido é verde-azeitona em cima, mais claro em baixo e com algumas estrias pretas que ornam a cabeça. *Saltator atricolis*, com pescoço anterior preto, tem bico ainda mais forte que as outras espécies dêste gênero.

Trinta réis — A denominação abrange várias espécies de aves da fam. *Larideos*, do gên. *Sterna* (ao todo 11 espécies brasileiras). Em Portugal são conhecidas por "Gaivinas", o que bem exprime seu parentesco com as gaivotas. Distingue-as, porém, desde logo, o feitio do bico, curvo na ponta nestas últimas, que vivem da carniça que encontram no mar; o bico direito, aguçado, dos "Trinta-reis", indica que seu ofício é a pesca. Vivem à beira-mar ou sóbem os grandes rios e, voando a certa altura sobre a água, espiam o peixe, sobre o qual logo se precipitam e, si for preciso, mergulham um pouco, para alcançar a presa. Reunem-se, às vezes, em pequenos ban-

dos, mas não admitem outra companhia; aves de outra espécie que estejam pescando nos mesmos lugares, elas afugentam a bicadas. Há espécies maiores, de 40 a 50 cms. *(St. maxima, eurygnatha,* e *hirundinacea)*, outras são menores e uma delas *(St. superciliaris)* mede apenas 22 cms., por ser a cauda muito curta. O colorido é branco ou alternado com cinzento claro e várias espécies têm ornatos pretos na cabeça. O bico e as pernas são vermelhos ou amarelos.

Triste pia — Pássaro da fam. *Icterideos, Dolichonyx oryzivorus* do tamanho do "C h o p i m" *(Molothrus)*. Curioso é que o macho se dá o luxo de usar duas vestimentas, uma no verão e outra no inverno. Antes de criar os filhos, sua plumagem é vistosa: a cabeça negra, nuca amarelada, dorso e encontros brancos, coxas pardas; no inverno passa a vestir roupagem igual à da fêmea, isto é bruno-amarelada, mais clara no lado inferior.

E' ave de arribação, que assim visita quasi tôda a América, de Norte a Sul; contudo no Brasil só foi assinalada na Amazônia e em Mato Grosso, prosseguindo ainda para o Sul até a Argentina septentrional. Nos Estados Unidos é conhecido pelos nomes "*Bobolink*" com referência ao seu cantar, que de fato é melodioso e "*Ricebird*", isto é "p a p a - a r r o z", lhe chamam com azedume quando dá prejuizo ao lavrador.

Triste vida — Denominação local, no Pará, do "B e n - t e v í c o m u m" *(Pitangus sulphuratus)*.

Trocal — Veja "P o m b a t r o c a z".

Troíra — O mesmo que "T r u í r a - p e v a".

Trombeta — Peixe do mar, da fam. *Fistulariideos*, curiosíssimo; parece antes cobra ou melhor um pedaço de pau com uma abertura bucal na ponta; muito para trás da cabeça acham-se os dois grandes olhos, seguidos da nadadeira peitoral e na outra extremidade do corpo está a dorsal, por cima da anal, pouco antes da caudal, que termina em filamento. *Fistularia tabacaria* cresce até 2 metros. O colorido é pardacento com manchas azuis nos flancos. Foi denominado "P e t i m b u a b a" na língua indígena, palavra esta que lembra igualmente o feitio de cachimbo. Há uma variedade de côr rubra *(F. rubra)*.

Tropeiro ou "V i r u s s ú" — Pássaro da fam. *Cotingideos, Lathria virussu*, que pelo colorido se assemelha aos

sabiás de barriga avermelhada; mas pela forma do bico, percebe-se o seu parentesco com as outras espécies da família ("arapongas"). O assobio é como o dos tropeiros quando, para acalmar o gado, repetem, bem forte, a mesma nota, com intervalos cada vez mais breves. E' do Brasil meridional, correspondendo-lhe na Amazônia o "C r i c r i ó".

Trovoada — Nome de um passarinho da fam. *Formicariideos, Formicivora ferruginea,* do grupo dos "P a - p a f o r m i g a s". A côr geral é castanha, mas a cabeça, as azas e a cauda são pretas; no meio do dorso há uma zona de plumas brancas; as penas das coberturas das azas e as retrizes têm pontas brancas; à guiza de sobrancelhas corre uma lista branca sobre os olhos.

O nome vulgar, dado a êste passarinho da mata, lhe provém do seu curioso hábito de emitir sons que de certo modo imitam trovões ou pequenas explosões, mas de tal intensidade, como não seria de esperar de um passarinho pouco maior que um tico-tico.

Truíra-peva ou "T r o í r a" — Corruptela de "T a r a g u i r a - p e v a". Designa em Pernambuco um lacertílio curioso, do Norte do Brasil, da fam. *Iguanideos, Hoplocercus spinosus.* O corpo, relativamente curto, tem cabeça muito volumosa, mas a cauda é singularmente atrofiada, representando apenas um côto de rabo, muito grosso, terminado em ponta aguçada e todo êle revestido de numerosos espinhos. E' natural que o bichinho, apezar de inofensivo, pela sua fealdade não goze de boa reputação entre o povo.

Tubarana — Pronúncia mineira de "T a b a r a n a".

Tubarão — Vocábulo de ampla acepção, que abrange as espécies de *Selachios Pleurotremados* (esqueleto cartilaginoso e com aberturas branquiais laterais e não no lado inferior). Veja-se também sob "C a ç ã o", que hoje em dia vai tomando a acepção de tubarão inofensivo. As espécies aquí compreendidas, com denominação própria são: "T i n t u r e i r a", "F o c i n h u d o", "T r i a q u e i - r a", "S e r r a - G a r o p a", "M a r r a c h o" e "A n e - q u i m". A êste último, porém, cabe em especial o nome "tubarão". A espécie *Phincodon typicus* que talvez ocorra no Brasil alcança 19 a 20 metros com 20 toneladas.

Tubí — Nome que, segundo Ducke, designa no Piauí a abelha social a fam. *Melipodineos,* gên. *Trigona,* identica à "T a p i s s u á".

Tubiba — Abelha social da fam. *Meliponideos,* à qual também na nomenclatura científica coube o nome *Trigona tubiba.* Essa denominação indígena conservou-se em uso, entre o povo da roça no Estado do Rio de Janeiro, ao passo que de S. Paulo para o Sul, até o Rio Grande, a mesma espécie é conhecida por "T a p i s s u á"; sob êste nome referimo-nos à sua ecologia.

Tubuna — Abelha social indígena, *Trigona postica,* talvez idêntica à "M a n d a g u a r í". E' preta com abdômen bruno; as azas enfumaçadas têm nervuras mais claras. Mede 6 mms. de comprimento. Nidifica em árvores ôcas e a entrada, muito característica, consiste em um enorme tubo irregular, preto, de 15 cms. ou mais de comprimento por 7 de diâmetro. O mel não presta, porque as abelhas visitam tôda sorte de matérias em decomposição. Contudo, Ducke afirma ser esta abelha, às vezes, criada nos quintais das casas, no Pará. São abelhas agressivas.

A sinonímia dos nomes vulgares é complicada, o que aliás se explica, tendo em conta a variabilidade da côr dos insetos e do feitio do tubo de entrada. "S e t e - p o r t a s", por exemplo, é outro nome dado a esta mesma espécie (e também à "J a t a í"), como alusão à curiosa arquitetura da porta de entrada. Também os cientistas claudicaram bastante, antes de ficar estabelecida a sinonímia completa desta espécie, que também já foi conhecida por *Tr. bipunctata, ochroticha* e *iheringi.*

Tucano — Esta denominação abrange várias espécies maiores de aves da fam. *Rhamphastideos,* à qual também pertencem os "A r a ç a r í s", que em geral são menores. Os verdadeiros tucanos são os do gên. *Rhamphastos,* de bico muito grande, com ventas escondidas; a plumagem é preta com papo branco, amarelo ou vermelho. "T u c a n o - a s s ú" e a espécie maior, *Rh. toco,* pois mede 55 cms., cabendo 16 cms. só ao bico; é a única do gênero cujas coberteiras superiores da cauda são brancas e de igual côr também é a garganta. Coberteiras superiores amarelas, tem *Rh. osculans* cuja garganta é amarela, ao passo que esta é branca em *R. cuvieri;* as coberteiras são encarnadas nas duas espécies seguintes: *Rh. ariel,* (cuja garganta é tôda alaranjada e o bico preto tem base amarelada), e *Rh.*

dicolorus (que também tem pescoço anterior amarelo, porém o bico é verde com base preta). Esta última é a espécie mais comum no Brasil meridional, onde, além desta, só ocorrem *Rh. toco* e *ariel;* as seis espécies restantes são do Norte, principalmente da Amazônia.

São aves da mata, que se alimentam não só de frutas como também de animais vivos que possam pegar, tais como passarinhos e ratos; no cativeiro preferem a carne a qualquer outro alimento. Muito curioso é o modo como (certas espécies?) invariavelmente ingerem qualquér bocado: pegando-o primeiro com a ponta do bico, jogam-no para o ar, a um palmo de altura e depois, com tôda a segurança, o aparam com o bico aberto, de modo que o ali-

Tucano

mento lhes vá cair diretamente na garganta. Êste singular modo de proceder tem sido posto em dúvida, talvez pela razão de nem tôdas as espécies assim o fazerem; contudo para várias delas é a regra. Não sabemos porque motivo o nome alemão destas aves é "*Pfefferfresser*", isto é comedor de pimenta. Certamente todos os tucanos gostam de frutas, e de preferência as mais doces.

Na mata estas aves voam menos do que pulam: aos saltos, os pequenos bandos passam-se de um galho a outro e assim percorrem o alto da mata, tudo esquadrinhando apanhando aquí uma fruta, ou um bago, alí um bichinho. Sua agilidade manifesta-se, porém, só entre a ramagem,

pois no chão seus pés são desageitados e seus pulinhos bastante desgraciosos. Verdadeiramente cômica é a posição em que se ageitam de noite para dormir; enfiam a cabeça debaixo da aza e dobram a cauda inteiramente para a frente, de modo a ficar deitada sobre as costas!

Alguns caçadores prezam o tucano como excelente caça, pois dizem que, apezar da cór vermelha da banha, a carne é muito saborosa; outros, porém, afirmam o contrário. Além disto a linda plumagem fornece belíssimos troféus; já os índios sempre deram especial preferência às suas penas para enfeites de sua indumentária e mesmo na nossa corte, durante o reinado de D. Pedro II, tornou-se famoso o manto imperial, todo êle confeccionado com penas amarelas do tucano; nos grandes cerimoniais da corte êsse manto fazia parte dos trajes de gala do monarca e, portanto, correspondia aos mantos de arminho da tradição europeia.

Tucano-bóia — Designa no Ceará certa cobra, tida como venenosa, o que porém, ao que nos consta, não foi ainda comprovada pela classificação, que por ora ainda é duvidosa.

Tuco-tuco — No Sul do país (Rio Grande, Sul do Mato Grosso e na Argentina) é êste o nome do roedor conhecido mais para o Norte por "C u r u r ú".

A espécie sulina, *Ctenomys torquatus*, encontra-se mais frequentemente na região arenosa do "estreito", entre a lagôa dos Patos e o litoral e aí ela escava longos túneis horizontais, a pouca profundidade, acompanhando as raizes da vegetação de que se alimenta. Ouve-se distintamente a voz do roedor oculto, pronunciando as sílabas que deram origem a seu nome popular. Não raro acontece abater a terra, quando o cavalo pisa sobre a tênue cobertura da galeria, o que tem motivado acidentes; por êste motivo o tuco-tuco é malquisto pelos gauchos.

Tucunaré — Talvez seja o mesmo que "P u n a r é", rato do mato.

Tucunaré — Peixe de escama da água doce, da fam. *Cichlideos*, *Cichla ocellaris* e *C. temensis*. O feitio geral é semelhante ao dos "J a c u n d á s", porém é mais robusto e atinge grandes dimensões, até meio metro de comprimento. O colorido é bruno esverdeado e nos flancos notam-se faixas triangulares, que têm as respectivas bases no alto do dorso e as pontas alcançam o meio do corpo;

há uma grande mancha redonda, ocelar, na base da cauda, além de outras pelo corpo.

E' peixe muito estimado como pescado de ótima qualidade. Diz J. Verissimo: "Na pesca do Tucunaré, um dos melhores, si não o melhor peixe da Amazônia, principalmente feita em Agosto e Setembro, empregam o "pindá-uauáca" e o "pindá-siririca". Êste é o caniço comum, cujo anzol recobriram de penas encarnadas. Usam-no correndo-o ao de leve à flor d'água, de modo a dar ao tucunaré a ilusão dos peixinhos daquela côr, dos quais gosta. Corre êle à superfície, atira-se ao suposto peixinho e faz-se fisgar pelo anzol oculto sob as penas. O pindá-uauáca é o mesmo anzol asim preparado e atado à longa linha de pesca. Soltam-no pela pôpa da canôa e correndo esta com velocidade, entra o anzol a saltar pela água exatamente como fazem os pequenos peixes, enganando assim não só o tucunaré mas ainda outros peixes que daqueles fazem preza. São êstes anzois a forma indígena da "mosca" dos pescadores europeus".

Tomando em consideração apenas o ótimo sabôr da carne do Tucunaré, êste tem sido lembrado, frequentemente como espécie indicada para a piscicultura. E' preciso considerar, porém, que se trata de uma espécie essencialmente carnívora e que, portanto, uma alimentação nos tanques se tornaria muito dispendiosa. Fizemos numerosas autópsias e verificamos que o tucunaré só se alimenta de peixes. E certo que também gosta do "A v i ú", o minúsculo camarão d'água doce, mas êste pitéu só é abundante em certas localidades e durante poucos mêses. Os peixes mais designados para a piscicultura são os vegetarianos ou os insetívoros.

Barbosa Rodrigues parece considerar Tucunaré como tendo acepção mais ampla que a genérica, pois enumera várias espécies: Tucunaré pitanga, T. uassú, pinima, etc., quando de fato há só duas espécies do gên. *Cichla: C. ocellaris* e *C. temensis*, esta última conhecida por "Tucunarétinga", pouco diferente da primeira.

Tucura — Na Amazônia, ou pelo menos na ilha Marajó, o povo designa por êste nome certa espécie de gafanhoto. Aliás o vocábulo é puramente tupí e na Argentina é de emprêgo correntio, para designar gafanhotos semelhantes aos da "praga" (lá denominados "langosta"), mas que não formam nuvens. Não encontrámos explicação... zoológica para a significação do dizer amazônico: "fazer

tucura", que, segundo V. Chermont de Miranda, no seu Glossário, quer dizer "dar beijos". Em outras regiões pronuncia-se "Ticura".

Tucurunda — Gabriel Soares diz que corresponde às "Saudes" de Portugal (aliás grafado "Sandes"). Cremos tratar-se do ortóptero que aquí no Sul chamamos "Esperança", o que aliás a etimologia parece confirmar.

Tucuxí — Nome indígena do *Cetaceo* amazônico, *Sotalia tucuxi*, que difere da outra espécie, também do Amazonas, o "Bôto branco" por ser todo êle escuro em cima, pardo-violáceo no lado ventral; além disto não alcança as mesmas dimensões, pois só temos notícia de espécimens de metro e meio de comprimento ou pouco mais.

Assim como a crendice popular atribue muitos malefícios ao "Bôto", o povo acredita que o "Tucuxí" é bastante amigo do homem, a quem socorre e livra do perigo, travando luta com a "*Uyara*". "Pirajagoara" é outra denominação indígena do "tucuxí".

O sr. C. Herndel caçou no rio Araguaia um dêstes bôtos, de 2 metros de comprimento, pesando aproximadamente 60 kls. Castelnau atribue apenas 37½ quilos a um exemplar de 1^m,10. O focinho comprido é provido de 124 dentes ou sejam mais ou menos 30 dentes em cada maxilar. Envolve o corpo espêssa camada de gordura, a qual rende cerca de 12 garrafas de óleo. Convém mencionar que sua caça só reverte em proteção aos peixes, dos quais se alimenta em larga escala; diz a êste propósito o sr. C. Herndel: "Encontrámos o estômago dêste cetáceo tão cheio de peixes e todos tão bem acondicionados, que o comparei a uma lata cheia de sardinhas".

Tuim — ou "Quilim" em Sergipe e também, no Sul, os nomes, pouco airosos: "Cú cosido" e "Bate-cú". São as várias espécies do gên. *Psittacula*, (veja sob "Papagaios"), de pequenas dimensões, verdes, com ornamentos azuis e cauda muito curta. Vivem aos bandos e sempre que pousam, os casais logo se juntam, de modo que sempre ficam agrupados de dois em dois. São muito apreciados no cativeiro — não por que aprendam a falar, mas sim por ser interessantíssimo observar sua vidinha de conjuges amorosos e dedicados. Várias vezes tem-se constatado que ao morrer um dêles, fica o sobrevivente tão acabrunhado, que pouco depois entristece, definha e morre também. Na espécie do Sul, *Ps. passerina*, só o macho tem

ornatos azuis nas azas e no uropígio; a espécie amazônica, *Ps. guyanensis*, difere por faltar ao macho o ornato azul no dorso posterior.

No mercado sempre figuram em grande número e a pouco preço. De fato é um bichinho fácil de pegar por um sistema, que os índios aliás já praticavam, conforme o narrou o Pe. Simão de Vasconcellos, na Crônica de São Vicente. Basta expor um tuim como chamariz e em breve ao redor dêle, se agrupa todo o bando, uma centena ou mais, às vezes. Escondido entre a folhagem, o caçador trabalha com uma vara comprida, provida de uma alça de crina e passando esta pela cabeça das vítimas sucessivas, pode apanhar o bando todo. À vista desta facilidade e por se tratar de uma espécie muito comum, sua exportação para a Europa faz-se em larga escala, de modo a ser lá também o tuim um dos "bico-redondos" mais vulgares.

Tuim

Tuinim — de "cabeça vermelha" ou "Rei dos Tuinins", denominação matogrossense do "Jaburú"; faltam-nos dados para interpretar o sentido.

Tuipara — Periquito da Amazônia, *Brotogeris tuipara*, de côr oliva, com fronte e alto da cabeça azulados e algum colorido amarelo e azul na aza e na cauda.

Tuiuiú ou "Cabeça de pedra", "Cabeça sêca" ou, na Amazônia, "Passarão" — Grande ave da fam. *Ciconiideos*, *Tantalus americanus*, com mais de 80 cms. de altura e muito característica pela feição da cabeça, que é núa bem como uma parte do pescoço; o bico é muito largo na base, comprido, curvado para baixo e cilíndrico na ponta. A plumagem é branca, as penas grandes das azas e da cauda são pretas; as partes núas da cabeça são cinzento-escuras. E' ave de tôda a América, exceto das regiões mais frias. Gabam-lhe a índole pacífica, de modo que convive bem com muitas outras aves aquáticas bem menores, que por isto não a temem e até, pelo contrário, procuram sua companhia. Na Amazônia, como já vimos, seu nome é diferente do que lhe damos no Sul e

"T u i u i ú" na Amazônia e em Mato Grosso designa o "J a b i r ú" do Sul (*Mycteria americana*).

Tujú-mirim — Abelha social da fam. *Meliponideos, Trigona dorsalis,* de côr vermelho-amarelada. Nidifica em árvores ôcas e, encontrando espaço suficiente, aumenta suas instalações a ponto de medir o ninho mais de um metro de comprimento por 20 cms. de largura. A colônia torna-se, então, muito populosa, tendo sido avaliado em 70 a 80 mil o número de abelhas de um só cortiço. A porta de entrada é um grande funil de cera e, de acôrdo com êste dispositivo (entrada larga), as abelhas são bravias, das chamadas "torce cabelo". O mel é abundante e dos mais apreciados.

Tujuba ou "T e ú b a" — Abelha social da fam. *Meliponideos, Melipona rufiventris,* (aliás considerada apenas subespécie de *M. scutellaris,* por Ducke). O colorido é preto com abundante desenho amarelo-ruivo; corpo coberto de longos pêlos ferrugíneos. Nidífica em cavidades de árvores. Os potes de mél não são grandes (4 a 5 cms.), mas ainda asim há ninhos que rendem até 2 litros de mel, muito doce, mas nem sempre aromáticos. As abelhas são mansas e acostumam-se facilmente a uma nova moradia, em caixa regular que se lhes apronte perto de casa.

Tujuvinha ou "M i r i m r e n d e i r o" — *Trigona molesta,* de 4 a 5 mms. de comprimento, preta com pêlos grisalhos e azas enfumaçadas no ápice, que A. Ducke considera subespécie de *Tr. mosquito* ("a b e l h a m o s q u i t o"). Os ninhos em geral são pequenos e o mel, pouco abundante, é dos mais aromáticos.

Tunga — Nome indígena do "B i c h o d e p é".

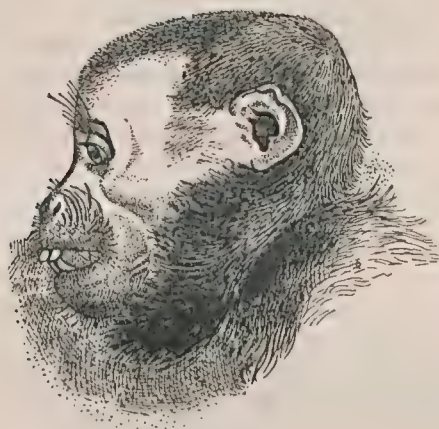
Turirí ou "T u r u r í" — O mesmo que "S u r u r i n a".

Turú — Vimos em Alex. Rodrigues Ferreira, na memória sobre madeiras para embarcações: "As madeiras pesadas são atacadas pelo *turú*". Talvez a denominação se aplique aos moluscos do gên. *Teredo* ou ao "C a r u n c h o d o m a r" (crustáceo Isópode, *Limnoria terebrans).*

Turucué — O mesmo que "P i c h o r o r é".

Tuvira — Peixe da mesma família do "S a r a p ó" (veja êste). Em S. Paulo designa especialmente *Eigenmannia virescens,* que representa o tipo menos aberrante da família.

U

Uacarí — Símio da Amazônia, *Brachyurus rubicundus.* Caracteriza-o a cauda muito curta, de apenas meio palmo de comprimento; além disto, pela feição da cabeça, fisionomia da cara rubicunda e barbada nos lados (á moda do "passa-piolho" dos antigos), é o mais original de to-

Uacarí

dos os macacos sulamericanos. Vive em pequenos bandos nas matas ribeirinhas. Não se habitua à vida cativa e logo morre, pelo que são raríssimos os exemplares conservados vivos durante algum tempo nos jardins zoológicos.

Uacarí — O mesmo que "Guacarí".

Uacauã — O mesmo que "Acauã".

Uaiapussá ou "Uapussá" — O mesmo que "Japussá".

Uatapú — Veja-se sob "Atapú".

Uauá — Denominação regional, na Baía, dos pirilampos ou "Vagalumes"; é aliás forma puramente

tupí; Montoya, em guaraní grafa *mua*. O frequentativo, em tupí, refere-se ao piscar repetido da luz.

Ubarana ou "O b a r a n a" — Sob êste nome são conhecidos dois peixes do mar, aliás inconfundíveis, conquanto pertençam ambos à ordem dos *Isospondylos*, com afinidades com as sardinhas. Um dêles a, "U b a r a n a d o N o r t e", e que será o "F o c i n h o d e r a t o" da nomenclatura pernambucana, deverá ser *Albula vulpes*, de focinho cônico, bôca inferior e Anal com III + 6 raios; o colorido é branco-prateado, com dorso escuro. Esta espécie atinge no máximo 40 cms. de comprimento; a ela se referiu Marcgrave sob o nome de "Ubarana" acrescentando que "assada é de bom sabor, mas cosida não é cômoda de comer, devido às numerosas espinhas".

A outra espécie, *Elops saurus*, se aproxima mais do feitio das sardinhas, principalmente pelo entalhe da bôca e a nadadeira Anal tem VI + 13 raios; o colorido também é prateado, mas com algumas tintas amarelas. Esta espécie atinge quasi 1 metro de comprimento, mas sua carne é de qualidade inferior e muito inçada de espinhas.

Têm êstes peixes alguma semelhança com as voadoras "T a i n h o t a s" e com estas compartilha o hábito de aparecer em cardumes e ainda a triste sina de ser muito perseguido pelos grandes peixes carnívoros. Viajando em alto mar, assiste-se, às vezes, a êste espetáculo e é de se ver como as "Ubaranas" fogem reunidas em esquadrilha, nadando rente com o nível da água e pulando, às vezes, assustadamente; por fim, esgotada a resistência, os mais fracos são vitimados. Os pescadores não deixam de aproveitar a carne, ainda que não seja ela de melhor categoria.

Em Itaparica os pescadores distinguem a "Ubarana comum" (que deve ser *Elops saurus*), da "Ubarana mirim" (certamente *Albula vulpes*, que, como vimos acima, não atinge maiores dimensões). Veja-se também sob "B o m n o m e".

Entra na sinonímia dêstes peixes também a denominação "R o b a l o d a p e d r a", mas é dificil dizer o que motivou esta comparação, para a qual não vemos fundamento zoológico.

A ordem a que pertencem êstes peixes é das mais primitivas entre os peixes ósseos e as duas espécies aquí tratadas demonstram pela evolução de suas larvas, mais ou menos semelhantes às da enguia, que a metamorfose é do tipo primitivo; é o que se verifica também com o "C a m a r u p i m", pertencente à mesma ordem.

Ubarí — Denominação amazônica de um peixe da água doce, da fam. *Characideos* e que Goeldi classificou como *Hemiodus notatus*.

Ubeba ou "O v e v a" — Peixe do mar da fam. *Sciaenideos*, *Larimus breviceps* e espécies congêneres; a bôca é oblíqua e às vezes quasi vertical (lembrando a fisionomia dos cachorros "carlingdogs"). Às vezes são pescados em enorme quantidade nas rêdes, mas não alcançam cotação no mercado, quando há variedade de pescado.

Ubijara ou "I b i j a r a" — Veja-se "C o b r a s d e d u a s c a b e ç a s".

Uçá — Crustáceo marinho, *Decapode Brachyuro*, *Oedipleura cordata*, grande carangueijo do mangue, inferior em porte ao "G u a i a m ú", mas ainda assim respeitável e de fato respeitado, pois suas tenazes (e a de um dos lados sempre é um pouco maior) conseguem ferir de modo a tirar sangue. Cavam os seus esconderijos no lôdo e é em tôrno dessas suas tocas que passam o dia. O colorido é azulado ou esverdeado escuro em cima, brancacento nos lados; as pernas avermelhadas são muito peludas. No Sul raras vezes êste carangueijo é levado ao mercado, apezar de ser bastante carnudo nos braços principalmente e bem saboroso. No litoral nordestino, porém, ainda hoje é grande a quantidade de uçás vendidos pela rua ou nas feiras; amarrados em fieiras, têm também as pinças presas, para que não maltratem quem os transporta em résteas penduradas nas duas extremidades de um páu.

Transcrevemos o seguinte trecho da narrativa de Gabriel Soares, na suposição de se tratar dessa mesma espécie: Êsses uçás são infinitos e faz espanto a quem atenta por isso, e é não haver quem visse nunca carangueijo desta casta quando são pequenos, que todos aparecem e saem da cova de lama, onde fazem a sua morada, do tamanho que hão de ser; das quais covas os tiram os índios mariscadores com o braço nú; e como tiram as fêmeas fora, as tornam logo a largar, para que não acabem e façam criação. Êstes carangueijos têm as pernas grandes e duas bôcas (tenazes) muito maiores, com que mordem muito e as quais têm tanto que comer como as das lagostas; e o que se delas come e o mais do carangueijo é muito gostoso. E não há morador nas fazendas da Baía que não mande cada dia um índio a mariscar dêstes carangueijos; e de cada engenho vão quatro ou cinco dêstes mariscadores com os quais dão

de comer a tôda e gente do serviço; e não há índio dêstes que não tome (pegue) cada dia 300 e 400 caranguejos, que trazem vivos em um cesto cerrado, feito de vergas delgadas, a que os índios chamam samurá (hoje se diz "samburá"); e recolhem em cada samurá dêstes um cento pouco mais ou menos". Gabriel Soares, Tratado descritivo do Brasil, 1587).

Hoje, por certo, a "civilisação" já diminuiu consideravelmente o número dos tão úteis "uçás", mas naqueles tempos, apezar de que a isso não o obrigava lei escrita, o índio "largava as fêmeas para que não acabassem e fizessem criação".

Sempre o dissemos: o índio, apezar de viver, em boa parte, do rendimento da pesca e da caça, não destruia essa riqueza natural, ao contrário do homem civilizado que, na ganância do seu comércio ou por "esporte" apenas, tudo extermina.

Aplica-se também à esta espécie o que dissemos sob "Guaiamú" a respeito do "Andar ao atá".

Udú — Denominação amazônica das aves conhecidas no Sul por "Juruvas". Na literatura ornitológica estrangeira, o nome é sempre grafado "Hudú".

Uiara — Denominação indígena do "Bôto branco" na Amazônia.

(Uíra) — Significa pássaro ou ave em tupí; a pronúncia não é bem esta, porém um meio têrmo entre *huira* e *guira;* vejam-se os compostos dêstes, bem como *ara.*

Uirachué — Pronúncia indígena, primitiva, de "Carachué", os sabiás da Amazônia.

Uirapassú — O mesmo que "Arapassú". J. Coutinho de Oliveira relata uma interessante lenda que resumimos sob "Arapassú"; mas em nota, baseado, talvez, em Barbosa Rodrigues, diz ser o uirapassú um picapau de cabeça vermelha. *Ara* ou *uira* ou *guira* são apenas variantes do mesmo vocábulo e "arapassú", em todo o Brasil designa *Dendrocolaptideos,* com hábitos de certo modo semelhantes aos dos picapaus; êstes últimos têm na Amazônia o nome indígena "ipecú".

Uirapurú "Arapurú" ou "Guirapurú" — Passarinhos da Amazônia, muito conhecidos sob esta denominação, pois varias lendas e superstições, aliás bastante generalizadas, prendem-se ao uirapurú. Assim o caçador faz questão de levar em sua patrona uma pele sêca dêste

pássaro, para lhe servir de "mascote". Por isso: "ter um uirapurú", significa ter sorte. Diz J. Verissimo (Cenas amaz., pg. 62) "que o uirapurú é considerado como eficaz talismã para acarretar venturas a quem o possue. Não há muitos anos, rara era a taberna do interior que não tinha um dêstes pássaros enterrado à entrada ou suspenso dos umbrais das portas". Cumpre notar que a maior parte dêstes taberneiros eram europeus, portugueses. A procura dêste pássaro é grande, principalmente porque é difícil apanhá-lo vivo, como é mais estimado, e o sr. Couto de Magalhães refere que comprou um uirapurú morto, aquí no Pará, por 30$000.

Qual é, porém, zoologicamente, o verdadeiro uirapurú? Designa tal nome várias espécies de *Piprideos*, dos gên. *Pipra* e *Chiroxiphia*, mais ou menos do feitio dos "Tangará" (veja também "Rendeira") e de lindíssima plumagem, em parte preta, o que dá ainda maior realce ao vermelho escarlate ou amarelo intenso da cabeça e do peito; *Pipra opalizans* e *caelestipileatus* são nomes que demonstram quanto sua beleza empolgou os zoólogos ao crismarem tais espécies; são verdadeiras joias de penas refulgentes. Mas outros autores afirmam que o verdadeiro "Uirapurú", aquele que traz sorte é um passarinho de roupagem simples, todo êle semelhante às "corruíras". Tivemos em mão um exemplar autêntico de uirapurú do Alto Amazonas e identificamo-lo como *Leucolepia modulator* (outros designam a espécie afim *L. musica)*. Alberto Rangel também assim define o uirapurú. Parece-nos que o mesmo nome muda de acepção conforme a região amazônica em que é empregado: no Pará são os *Piprideos* e no Alto Amazonas as espécies do gên. *Leucolepia*. (Vejam-se também "Realejo" e "Músico", que designa *Leucolepia musica)*. O poeta Humberto de Campos, ao compor o soneto "Yrapurú", referiu-se unicamente às faculdades musicais dêsse pássaro, o "Orfeu do seringal tranquilo". Aludindo pois à *Leucolepia musica*, mais conhecida pelos nomes "Realejo" ou "Músico", o literato aplicou a êsse pássaro a denominação "Uirapurú" em sua acepção mais ampla, genérica, que abrange, de fato, um variado número de espécies heterogêneas.

A feição característica do "Uirapurú" do nosso folclore é, porém, a de ser "mascote" ou "porte-bonheur", francesismos êstes para os quais nossa língua não tem perfeito equivalente generalizado e que justamente o vocábulo

indígena está nas melhores condições de substituir — a exemplo de como o fez o povo amazônico. A êste propósito deve ser lembrado o perfeito antonimo: "caipora", também do folclore indígena e que logrou ampla divulgação em todo o Brasil. (Veja estampa da pg. 742).

Uiratata — Nome de dois lindos pássaros amazônicos da fam. *Cotingideos*, do gên. *Phaenicocercus*. A denominação indígena, que significa "pássaro de fogo", é bem expressiva, pois o colorido é quasi rubro; só as azas são pardas, bem como a garganta, na espécie do baixo Amazonas: *Ph. carnifex;* em *Ph. nigricollis*, do alto Amazonas, êsse colorido é mais preto. As fêmeas têm dorso oliváceo. Goeldi menciona ainda os seguintes sinônimos: "Papa-assaí", Araciuíra" e "Saurá", além de "Anambé", que na Amazônia é a denominação genérica dos pássaros desta família.

Uirussú — Veja-se sob "Harpia".

Unha de velha — Molusco Lamelibrânquio marinho, fam. *Solenideos, Tagelus gibbus* e *Solen tehuelchum.*

Unicorne ou "Unicórneo" — Denominação nortista da "Anhuma".

Untanha — Batráquio grande da fam. *Cystignathideos*, gên. *Ceratophrys*, caracterizado não só pelas grandes

Untanha

dimensões do corpo (até um palmo de comprimento), como pelos longos ornatos acuminados que tem sobre os olhos. Daí a denominação vulgar "Sapo de chifre" e talvez a aplicação, às mesmas espécies, do nome "sapo-boi". Vive na mata e, principalmente antes da chuva

ou à noite, faz ouvir sua voz possante, um bramido rouco, que mais uma vez justifica a comparação com o boi e que intimida muita gente nervosa.

Cer. ornata, dorsata e *boei* são as espécies do Brasil meridional; *C. cornuta* é do Norte. São carnívoros, que devoram pintos e camondongos, os quais digerem integralmente, isto é, até os ossos se desfazem; depois de ter devorado uma presa grande, a untanha passa uma semana sem tomar novo alimento. Gosta de ficar enterrada no chão úmido; girando sobre si mesmo, o batraquio afunda o corpo, deixando descoberto apenas parte da cabeça.

Experiências feitas por vários modos pelos Drs. Vital Brasil e Vellard, demonstraram que as untanhas não possuem nenhuma secreção venenosa e a mordida dos seus dentes bastante desenvolvidos não acarreta nenhuma outra consequência, a não ser o ferimento.

Ura — Denominação indígena do "B e r n e". E' empregado correntemente pela população do interior do Paraná (zona do Iguassú, nas regiões que delimitam com a Argentina e o Paraguai) e da mesma forma no Pará e na Amazônia.

Urí — E' como se pronuncia no Norte (Maranhão), em vez de "G u r í" como se diz no Sul, designando os bagres marinhos (sub. fam. *Ariineos)*. Assim também se diz "U r i t i n g a", gurí-branco). Êste último é um bagre marinho do Norte do Brasil, *Tachysurus proops*, semelhante à "I r i c é c a", (veja êste), vocábulo êste que sempre ouvimos pronunciado dêste modo, quando certamente também encerra o mesmo radical.

Uribaco — Segundo a definição de Rod. Garcia, parece designar, em Pernambuco, um peixe do gênero *Haemulon*, portanto afim às "C o r o r o c a s". Lembraremos, porém, que mais ao Norte (Ceará-Maranhão) "Urí", isto é "Gurí", designa sómente peixes de couro.

Uritinga — Veja "I r i t i n g a".

Urso do mar — O mesmo que "L o b o d o m a r".

Urtiga do mar — Vários *Celenterados*, cujo contato provoca ardor da pele, comparável ao que produzem as plantas urticantes. Principalmente as espécies do gên. *Physalia*. Vejam-se "Á g u a v i v a" e "C a r a v e l a".

Urú ou "C a p o e i r a" — Ave da fam. *Odontophorideos*, que representa na América do Sul a ordem dos *Galliformes*, à qual pertence também a fam. *Cracideos* (Mutúm, Jacú, etc.). Destas últimas espécies os urús diferem

por terem o dedo posterior inserido muito mais alto que os outros três dedos. Além disto, a cauda é muito curta. A espécie meridional, *Odontophorus capueira* é pardo-bruna no lado dorsal, mesclado com ferrugíneo-claro, que borda as penas das azas, além de manchas pretas, brancas e traços ondulados, transversais, no dorso; o lado ventral é mais uniforme, pardacento. A espécie amazônica, *O. guayannensis* é mais avermelhada. Caracteriza ambos a larga zona nua, vermelha, ao redor dos olhos. O macho tem um pequeno topete.

E' a melhor das nossas caças de pena. Vive na mata em pequenos bandos, no chão e nas árvores, alimentando-

Urú

do-se de frutas e insetos. O ninho é feito no chão e contém 10 a 15 ovos brancos. Durante os meses de inverno, o urú macho mantém-se tão quieto, que parece até haver emigrado. Porém, logo que cesse o frio, ouve-se sua voz na mata, a chamar pela companheira. Seu pio diz mais ou menos gu-ghi-gu-ghi, em tom de ocarina, com acentuação mais forte na segunda nota e, repetindo muitas vezes o dissílabo, gradualmente baixa o tom, ao concluir. E' facil imitar-lhe a voz por meio de um pio, cuja extremidade aberta se obtura e abre, alternadamente, com o dedo. Por mais distante que esteja o urú, ao ouvir o pio, êle logo se aproxima, na suposição de encontrar algum rival, que tenha invadido seus dominios. Deve ser interessante assistir à luta de dois galos urús e já houve quem no-la relatasse, porém gostaríamos ouvir descrição mais precisa.

A vida dos urús, aliás bastante sociaveis, parece-se com a das galinhas quando percorrem a mata; esgravatam o chão e remechem entre as folhas em procura de insetos e vermes; logo após, porém, voam para a copa das árvores, onde procuram frutos e bagos. No viveiro acostumam-se em breve e sua índole pacífica permite mantê-los em maior número e em companhia de outras aves. Os urús piam de modo diverso, conforme a significação de seu apêlo. Quando a intenção do macho é procurar sua companheira, seu pio consiste num assobio tremido, prolongado, a princípio sustentado na mesma nota e que depois baixa em escala cromática, para terminar com um sibilo rápido, que desce bruscamente de uma nota aguda a uma grave. Ao se aproximar da fêmea, o galo como que arrulha de continuo, *brrr-brrr*, excitado, com plumagem e topete armados e vencendo com estrépito os pequenos obstáculos ou tranqueiras do mato. E' naturalmente pela imitação destas vozes que o caçador mais facilmente consegue atrair o macho, pois êste perde, então, todos os hábitos de prudente observador e, preocupado unicamente com o pretenso rival, se aproxima ligeiro, oferecendo alvo fácil. Bem diversa é a voz dos urús quando mutuamente se convidam pelo "toque de reunir". O pio sonoro e prolongado consiste na repetição sempre igual a um dos assobios; êstes consistem o primeiro em uma nota lisa, redonda, ao passo que a segunda forma um grupeto (guu-guhiú... guu-guhiú...).

Urú-mutúm — Ave amazônica da mesma família dos "M u t ú n s", *Nothocrax urumutum.*

Tem as dimensões de uma boa galinha, com topete de penas longas e estreitas. A cabeça, parte da nuca, peito e abdômen são amarelo-ferrugíneos; as costas, as azas e duas penas medianas da cauda de igual côr, porém onduladas de pardo escuro. Uma zona núa ao redor dos olhos, é amarela, com estria roxa em cima dos olhos.

Uruá — O mesmo que "A r u á".

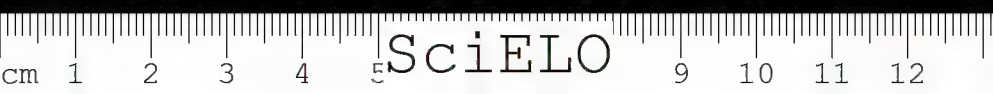
Urubaiana — Em Pernambuco assim se pronuncia, por "A r a b a i a n a".

Urubú — (ou impropriamente "C o r v o", veja êste). Ave de rapina da fam. *Cathartideos, Catharista atratus brasiliensis* de plumagem preta; a cabeça é núa, preta; as hastes das rêmiges das mãos são brancas, bem como a ponta da aza. Vive em bandos que, circulando no ar, procuram a carniça, de que unicamente se alimentam, reunin-

do-se, então, às dezenas, para em pouco tempo descarnarem uma rez. São tão conhecidos entre nós os hábitos desta ave, que não precisaremos detalhá-los.

Ultimamente tem sido controvertida a questão de se saber se o urubú é realmente "saneador dos campos", porque rapidamente faz desaparecer os cadáveres das rezes; ou si esta ação benéfica é acompanhada de um mal maior, qual seja a disseminação do carbúnculo, cujos germens, resistentes a tudo, são espalhados, juntamente com as dejeções, nos campos indenes. Faltam ainda estudos concludentes, mas a prudência nos aconselha a não dispensarmos, levianamente, a colaboração dêste agente natural, lá onde as providências sanitárias do homem ainda são nulas — como por exemplo nos grandes campos de criação. Nas cidades, certamente, o urubú não deverá ser tolerado; mas nem é preciso matar ou afugentá-lo; basta que não haja materia animal em decomposição, exposta, para que a ave se afaste espontaneamente, por não encontrar alimento que lhe convenha.

Não deixaremos de recordar a proteção que esta ave goza da parte do povo; lembramo-nos que em nossa infância, no Rio Grande do Sul, os camaradas nos ensinavam que traz desgraça matar um urubú, e J. Verissimo confirma: "Na Amazônia é crença geral de que a espingarda com que se matou um urubú, fica inutilizada". (Scenas, pag. 62).

Urubú caçador — "Urubú campeiro", de "cabeça amarela", de "cabeça vermelha" "gameleira", "Ministro", "Peba", "Perútinga", e ainda "Camiranga" e "Gereba". São denominações que em parte cabem às duas espécies de urubús do gên. *Cathartes,* as quais diferem do urubú comum não só por terem cabeça colorida, como também por ser a cauda arredondada e não truncada. *Cathartes urubutinga* tem cabeça côr de laranja, ao passo que *Cathartes aura* a tem vermelha; em tamanho estas duas espécies pouco diferem entre si e do "Urubú rei", sendo porém um tanto maiores que o urubú comum. O nome "Urubútinga" cabe à espécie de igual nome científico, na qual o colorido branco se restringe às rêmiges das mãos. Os demais nomes vulgares é-nos, por enquanto, impossível discriminar, ao certo, a qual dos dois urubús de cabeça colorida se referem. "Camiranga" é alteração de "*piranga*" - vermelho. De resto os traços biológicos das duas espécies parece que são sensivelmente iguais. Ambas distinguem-se

do urubú comum por não viverem como êste em bandos, porém aos casais e que vôam magistralmente, librando-se em vôo planado durante longo tempo

A espécie de cabeça vermelha é bem mais frequente que a de cabeça amarela, que parece ser mais do Norte do país, ao passo que aquela é só das regiões de campo e daí lhe provém o nome de "urubú campeiro". Goeldi explica que o nome "Urubú ministro", dado a *Cath. aura*, lhe provém do fato de só êste se entender com o "urubú-rei", o qual, como se verá abaixo, enxota da carniça seu parente negro para poder banquetear-se sozinho; porém a título de "ministro", o "rei" admite a companhia do urubú de cabeça vermelha. O título de "Caçador" lhe cabe pelo fato d'êstes urubús não se alimentarem unicamente da carniça, mas também de répteis, que sabem apanhar voando rentę ao chão.

Uma interessante lenda indígena explica como o urubú ficou com a cabeça depenada. Uma moça saiu a procurar um marido; queria ir à casa do gavião inajé, mas errando o caminho foi primeiro à casa do gambá, e depois à do urubú. Fugindo, chegou finalmente à casa do gavião, com quem se casou. No dia seguinte, o urubú entrou pela casa à dentro a procura da moça e brigou com o inajé. Êste quebrou-lhe a cabeça e o urubú fugiu. Em casa, sua mãe aquentou água para lavar a ferida da cabeça. Mas a água ficou quente demais, de modo que depenou a cabeça. E' desde então que os urubús têm a cabeça depenada." (Lendas, C. Brandenburger). Em não poucos provérbios e locuções do povo, o urubú figura como prototipo de vagabundo, ao que de fato seus hábitos descansados dão razão. "Passo de urubú malandro" — "Estar escovando urubú". Além disso, significando o máximo de pouca sorte: "Quando urubú anda caipora, o de baixo suja no de cima" e "urubú que está de azar, até na lage se atóla".

Urubú rei — *Gypagus papa*. E' um pouco maior que os outros urubús e distingue-se pelo colorido, que é o seguinte: a cabeça e a parte núa do pescoço de côr vermelha, em parte amarelo-laranja; no pescoço começa a plumagem cinzenta, que forma um colar; o dorso e o lado ventral são branco-amarelados. O bico é amarelo sujo; as verrugas e a crista são vermelhas.

Como os precedentes, também não vive em bandos e é "rei", porque os outros urubús lhe respeitam a força. Quando êle comparece ao banquete dos seus parentes uni-

colores, êstes se afastam respeitosos e, timidamente empoleirados, aguardam sua vez, isto é, quando o rei, locupletado, se retira. Só então, o bando volta à carniça. Apezar de ter sido posto, às vezes, em dúvida, é bem assim que o fato se observa; contudo nunca vimos o urubú-rei fazer sentir sua superioridade pela fôrça.

Urubú-rei

Urubuzinho — Veja sob "A n d o r i n h a d o m a t o".

Ururau — Em Mato Grosso é o mesmo que "J a c a r é d e p a p o a m a r e l o". Vimos também grafado "U r u r á".

Urussú — O mesmo que "I r u s s ú". No Norte parece que também é sinônimo de "T u j u v a".

Urutau — ou "U r u t a g u a" ou, na pronúncia amazônica, "J u r u t á u" ou "J u r u t a u í" ou "J u r i t a í" (êste último nome designa provavelmente uma determinada espécie menor) e ainda "M ã e d a L u a" e M a n d a - l u a". Abrange diversas aves da fam. *Caprimulgideos*, gên. *Nyctibius*. Diferem estas aves dos "C u r i a n g o s" por não terem, como êstes, o "pente" na unha do dedo médio. O urutáu maior, *N. aethereus*, mede 50 cms., cabendo 30 à cauda e o colorido predominante é pardo-avermelhado; um pouco menor é *N. griseus*, (40 cms.) no qual prevalece a côr cinzenta. O canto destas aves noturnas, entre melancólico e fúnebre, é considerado poético, por uns, agoureiro por outros; sem dúvida impressiona fortemente quando, alta noite, ressôa sonoro na mata. Não pudemos investigar ao certo si foi o canto desta ave que ouvimos entre uma e duas horas da madrugada, à

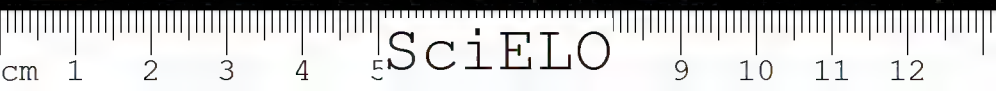
beira do rio Piracicaba; quatro notas espaçadas, decrescentes, talvez: Dó-Sol-Mibemol-Dó, tão harmônicas na afinação e no volume, que imitavam perfeitamente um oböe; jamais êsses sons nos passarão da memória, relembrando a mais impressionante voz noturna que nos foi dado ouvir em plena natureza.

Com as penas do urutáu, em algumas regiões da Amazônia, costumam varrer o chão sob a rêde da noiva, a fim de preservar a futura esposa das seduções e faltas. (J. Verissimo, Cenas, pg. 62). E' êste o resto da crença de outrora. Antigamente matavam uma destas aves e tiravam-lhe a pele, que, sêca, ao sol, servia para nela assentarem as filhas, justamente nos primeiros dias do início da puberdade. Parece que esta posição era guardada por três dias, durante os quais as matronas da família vinham saudar a moça, como apta para ser mãe, aconselhando-a a ser honesta; ao fim do curioso tríduo a donzela saia "curada", isto é, invulnerável à tentação das paixões deshonestas.

Urutú — ou "C r u z e i r o"; veja-se também "C o a t i a r a". Compreende duas espécies de serpentes da fam. *Viperideos*: *Bothrops alternatus* e *B. neuwiedi.* O desenho característico do corpo consiste na repetição de um ornamento em forma de ferradura, muito achatada, com a abertura voltada para a parte caudal; êste desenho compõe-se de quatro elementos curvos (e às vezes mal confluentes); em *B. neuwiedi* as duas manchas inferiores conservam-se sempre destacadas. Da mesma forma o desenho da cabeça nesta última espécie consiste apenas em quatro ou seis manchas isoladas, simétricas, e uma anterior, semilunar, ao passo que *B. alternatus* tem uma "cruz" na cabeça (daí o nome "Cruzeiro"), mas êsse desenho compara-se talvez melhor à uma âncora, com os dois ramos arqueados para trás. Apezar de ser fácil a diferenciação das duas espécies, o povo frequentemente as con-

Urutú

funde. Há ainda uma terceira forma a "Coatiarinha" *(B. itapetiningae,)* aparentada com *B. neuwiedi*, porém de colorido geral avermelhado, com desenho pouco característico no corpo e que se filia ao padrão da urutú, mal acabado e irregular; o desenho da cabeça é o mesmo da *B. neuwiedi*. A coatiara alcança 1m,40 de comprimento; *B. neuwiedi* não chega a 1 m. e *B. itapetiningae* mede apenas dois palmos. O veneno da urutú é violentíssimo e o povo costuma dizer que esta cobra, "quando não mata, aleija". E' muito irritadiça e quando enfurecida, achata o corpo como a "boipeva" e desfere botes a torto e a direito. O sôro a empregar é o anti-botrópico, polivalente.

———c———

V

Vaca marinha — O mesmo que "P e i x e - b o i.

Vacú ou "B a c ú" — Peixes *Nematognatos*, da fam. *Doradideos*, caracterizado pelas placas ósseas dispostas ao longo da linha lateral e sobre as quais há uma ou mais séries de grandes espinhos largos e achatados, do formato dos da roseira. O resto do corpo tem a pele núa ou nos exemplares grandes do gên. *Doras*, com 1 metro de comprimento, ela chega a ficar inteiramente coberta por placas ósseas. Em algumas regiões são conhecidos pelos nomes: "A b o t o a d o" e "C u i ú - c u i ú", ou no rio S. Francisco, "B o z ó". Como os "T a m b o a t á s", andam por terra, quando pretendem mudar de águas e assim, às vezes são encontradas em grande quantidade locomovendo-se vagarosamente pela estrada.

No catálogo dos peixes brasileiros registrámos cêrca de 50 espécies desta família; do ponto de vista econômico só poucas têm valor no mercado.

Vagalume — Denominação vulgar, equivalente a "P i r i l a m p o". Não sabemos se "*uauá*" na Baía tem significação mais restrita. Entre os besouros alados há duas categorias de vagalumes: os da fam. *Malacodermideos* têm os focos luminosos no lado inferior dos últimos segmentos abdominais; o corpo em geral é achatado e a cabeça (protórax inclusive) tem abas largas; os elitros não são muitos duros. Na fam. *Elaterideos* (veja-se "S a l t a - m a r t i m"), os pontos fosforescentes são dois "olhos" localizados no protórax (e portanto não se trata dos verdadeiros orgãos visuais, que se acham na cabeça). Além disto há muitas larvas ("L a g a r - t a s d e f o g o") e ainda coleópteros ápteros, dotados de igual propriedade, e devemos mencionar, entre êstes últimos, os do gên. *Pengodes*, também chamados "b o n d e e l e t r i c o", cuja fêmea, sempre áptera, parece um lindo trenzinho, iluminado com lâmpadas verdes e com farol

Vagalume

vermelho em cada extremidade. São estas, certamente, as criaturas mais interessantes, no que concerne à fosforencia.

Ainda não foi explicado, suficientemente, como funcionam as células adiposas que promovem o fenômeno luminoso, provavelmente sob a influência de numerosas traquéias ramificadas que atravessam êsse tecido. Na Europa também há algumas poucas espécies de pirilampos, cuja fosforecencia, porém, nunca atinge efeito luminoso igual ao que se verifica nas espécies tropicais; o europeu admira principalmente a intensidade do brilho dos pequenos focos e os escritores citam, maravilhados, o fato de se poder ler à noite, servindo-se da luz dêsses besourinhos, presos num copo.

Vagalume

Voltando de uma viagem à Europa e enquanto o último trem da "Inglesa" nos transportava de Santos a S. Paulo, contávamos a um amigo quais as cenas e as belezas que mais nos impressionaram no velho mundo. Já era noite fechada quando atravessámos a extensa várzea entre Pilar e S. Bernardo. Vimos então aquela planície rebrilhar no matiz suave de míriades de vagalumes e tal era a magnificência do espetáculo, que uma comparação com um ceu estrelado ainda lhe deprimiria a beleza. Certamente não havia um palmo quadrado em tôda aquela várzea imensa, em que não fulgisse pelo menos uma dessas pequenas estrelas errantes. Correndo célere, o trem vencia quilômetros e o espetáculo maravilhoso não diminuia na sua beleza e intensidade. —"Aí tens, amigo, o mais deslumbrante espetáculo que vi, em tôda minha longa viagem; nenhum quadro mais belo, nem artifício humano, nem fenômeno mais empolgante e mais encantador me foi dado contemplar — foi preciso voltar ao Brasil, para ver tão sublime maravilha".

Vamos embora — Abelha social da fam. *Meliponideos*. A espécie parece que ainda não foi identificada; mas o melador entendido sabe que si êle, depois de ter saboreado o mel desta espécie, dissér ao companheiro: "vamos embora", ambos estão desgraçados, pois não encontrarão o caminho para casa e embrenhando-se no mato, aí ficarão para sempre. Várias vezes e com pequenas variantes apenas, ouvimos esta narrativa da bôca de caipiras paulistas e mineiros. Dizem alguns que o mel é tóxico, o que explicaria a origem da prevenção contra esta espécie.

Vampiro — Denominação erudita, que abrange os morcegos sugadores de sangue. (Veja-se sob "M o r c e - g o"). *Desmodus rufus* é a principal espécie responsável pelos prejuizos causados na criação; além da sangria que ocasiona êsse morcego, êle também veicula o germen da "raiva bovina".

Vanaquia — Goeldi registra êste nome amazônico para o belo papagaio "A n a ç ã". (*Deroptyus accipitrinus*).

Vapuassú ou "V a t a p ú" — Molusco Gasterópode marinho, cujo caramujo é usado pelos índios como buzina. (Talvez o mesmo que "B ú z i o", do gên. *Strombus*).

Vaqueiro — Denominação (talvez local) de um grande besouro da fam. *Cerambycideos, Hypocephalus armatus,* do norte de Minas Gerais e da Baía. Pela forma esquisita lembra a feição dos ortópteros chamados "P a q u i - n h a s". Durante algum tempo os colecionadores europeus procuravam, inutilmente, obter maior número de espécimens dessa grande "carocha", para seus museus. Bastou porém, espalhar-se a fama de que alguns dêsses besouros haviam sido pagos a bom preço, para que logo fossem trazidos do sertão em tal quantidade, que fez com que o preço da "mercadoria" baixasse rapidamente. E hoje novamente, é bastante difícil obtê-los, particularmente as fêmeas, sempre raras. A denominação "C a r o c h a" parece datar dequele tempo da coleta e provavelmente foi rebuscado nos dicionários portugueses, pelos colecionadores do Norte da Europa.

Vaquinha — O povo abrange sob esta denominação vários *Coleopteros* fitófagos que se alimentam de folhas, tanto na forma larval como em adulto. Em Portugal são conhecidos por "Pedronhos". Pertencem êles particularmente à fam. *Chrysomelideos,* besourinhos de forma elítica ou quasi oval e abaulada, tórax truncado na frente e com uma reentrância, à qual se adapta a cabeça. As antenas são filiformes, às vezes um pouco mais grossas na parte apical. O colorido em geral é vivo e às vezes brilhante, metálico. Vivem sobre várias plantas, cujas folhas rendilham com pequenos buracos, respeitando apenas as nervuras. O gênero mais típico dêste grupo, como fitó-

fago daninho é *Diabrotica*, de meio centímetro de comprimento, verde com várias manchas amareladas, dispostas simetricamente sobre os dois elitros; *D. speciosa* ataca folhas de abóboras e melancias. À mesma família dos *Chrysomelideos* pertencem alguns dos besourinhos verdes com que os joalheiros confeccionam colares e broches. Por analogia biológica, também outros besourinhos vão sendo cognominados "vaquinhas", apezar de pertencerem a famílias diversas. Tais são várias espécies da fam. *Alticideos*, (veja-se sob "V o a d o r") e de um grupo bem diverso, *Macrodactylus suturalis*, da série dos *Lamellicorneos, Melolontideos*, que ataca os vinhedos, as roseiras e flores de laranjeiras. *Epicauta atomara (Meloideo)* é cinzento, com numerosos pontinhos pretos nos elitros; causam grande dano nos batatais, devorando as folhas. Esta última espécie e análogas, já são contudo, propriamente "B u r r i n h o s". (Veja êste).

Vaquinha

Vareja ou "V a r e j e i r a" — Abrange as várias moscas que deitam seus ovos nas feridas, na carne, no xarque, etc. Trata-se de variado número de espécies, cujas larvas o índio denominava "T a p u r ú". Pertence, aliás, a duas famílias: *Muscideos*, são *Composomyia macellaria* (8 a 10 mms., tórax azul ou verde metálico, com três linhas longitudinais escuras; azas transparentes, incolores); várias *Lucilia, Synthesiomyia brasiliana*, algumas *Calliphoras;* da família *Sarcophagideos* haverá seguramente umas 30 ou 40 espécies, cujo colorido típico é azul-cinzento ou pérola, com três faixas largas, longitudinais sobre o tórax e o abdômen como que quadriculado em xadrez por estas mesmas côres. As azas são um pouco enfumaçadas. Em algumas espécies o colorido do tórax é ocráceo, com linhas douradas. As fêmeas desta última família são vivíparas, isto é as larvas, postas sobre a carne, movimentam-se desde os primeiros momentos; a dos *Muscideos* ou procedem da mesma forma, ou a larva nasce de novo poucas horas depois. A "bicheira" dos animais tem seu início

Vareja

sempre em alguma ferida (umbigo dos recém-nascidos) e si não fôr tratada convenientemente, transforma-se em enorme chaga, que em geral vitima os bezerros. Tratamento: aplicação de mercúrio ("sublimado") ou creolina.

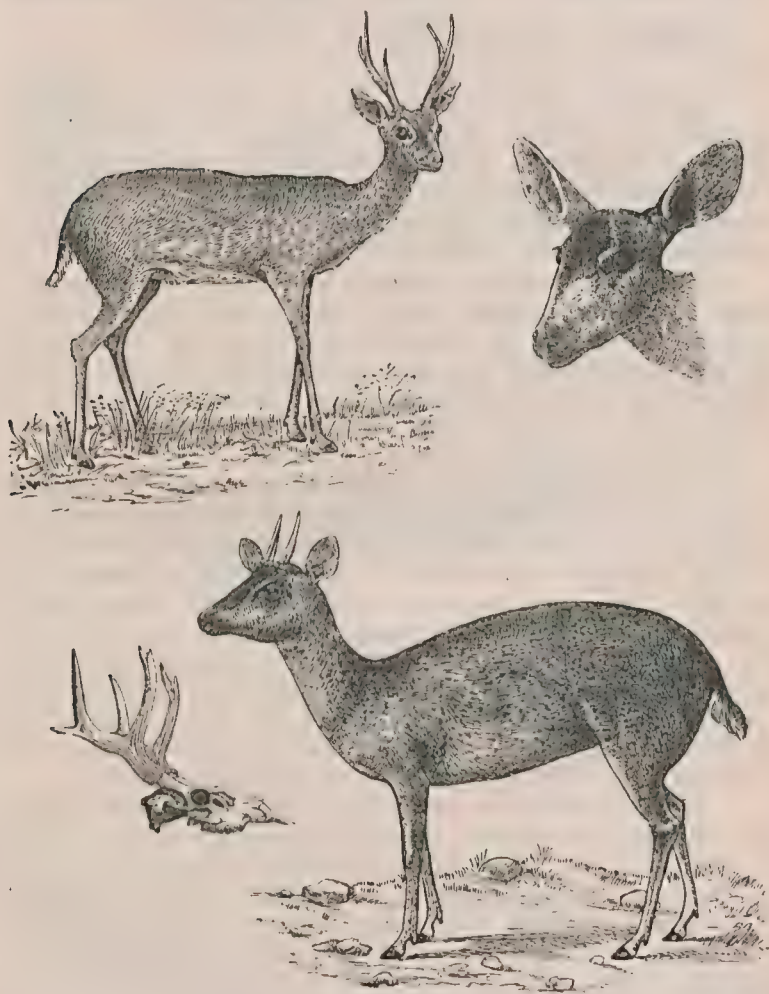
Vatapú — Na Amazônia é o mesmo que "Vapuassú".

Veados — São êstes os únicos representantes de Ungulados ruminantes na fauna brasileira; as nossas 7 espécies pertencem à fam. *Cervideos*, diferenciando-se em dois grupos: espécies com galhadas desenvolvidas ("galheiro" e "campeiro") e espécies cuja armação é simples ("Veado pardo", "Vira e Bororó").

Em tupí os veados em geral têm o nome de "çu-assú", isto é: muita comida, muita carne, caça grande. Passou-se a escrever o nome com *s* inicial; mas Marcgrave o havia escrito com *ç*, o que o tipógrafo holandês reproduziu com *C* não cedilhado. Apegando-se a esta grafia, tida como a original, ainda hoje há escritores que assim repetem, mau grado o péssimo efeito...

Sobre a caçada dos veados em geral diz Varnhagen (aliás sob o pseudônimo de "Devoto de S. Humberto" em seu Manual do Caçador, 1860) o que a seguir resumimos: "Para levantar e perseguir os veados, têm os nossos caçadores uns cães que chamam "Veadeiros" e que o são mais pela educação que receberam, que pela pureza da raça, que em todo caso se aproxima da dos sabujos europeus. Não seria possível a um homem, quer a pé, quer a cavalo, seguir a carreira do veado; pelo que a sua caçada é feita sempre colocando-se os caçadores nas tucaias ou ciladas, onde é sabido que o veado costuma passar".

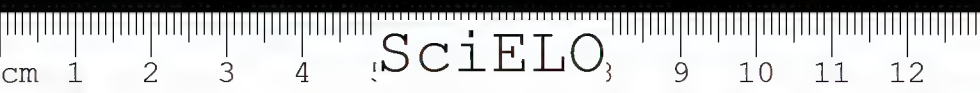
E' tão constante o veado em passar, quando perseguido, só pelos lugares que já conhece, que sobre isso se conta o caso seguinte: "Era nossa primeira imperatriz, D. Leopoldina, muito afeiçoada a caçar e não deixava de atirar bem. Falando com seu veador Tedim a respeito da caça do veado, êste se ofereceu a preparar-lhe uma caçada, em que o veado lhe havia de passar pela barraca a dentro. Efetivamente, nas visinhanças de Jacarépaguá mandou armar uma barraca no sítio que era justamente a única saida que tinha certo veado que alí havia, quando perseguido pelos cães dos lados opostos. Armou-se no meio da barraca a competente mesa para se almoçar e a título de se buscar melhor ventilação, deixou-se aberto o fundo da barraca, oposto à entrada. Estava S. M. acabando de al-

moçar, quando os latidos da cachorrada mui perto deram sinal do veado; e mal tomava a augusta arquiduqueza a espingarda, quando viu com surpreza o veado entrar-lhe

Veados

pela barraca e saltando por cima da mesa e quebrando copos e pratos, varar pelo fundo da mesma barraca, onde logo adiante veio cair morto pelo tiro que lhe dirigiu a filha dos cézares".

A caça dos veados é enfadonha quando se reduz simplesmente à espera nas tucaias. Quando há rios perto, é mais certa e divertida, visto que o veado, perseguido pelos cães, se refugia na água e aí se lhe atira bem, ou se o laça, ou, finalmente, se o apanha com a rêde. Em regiões pouco frequentadas pelos caçadores, os veados principalmente o campeiro, nem sempre fogem do homem ao avistá-lo e até o espreitam, curiosos, quando êste se aproxima, trazendo estendido um pano vermelho. Procurando reconhecer a estranha côr viva, podem mesmo vir-lhe ao encontro. Aproveitando-se desta curiosidade do veado campeiro, o caçador sulista veste o ponche às avessas, de maneira a aparecer o forro da baeta encarnada, como o relata H. Silva em "Caças e Caçadas no Brasil", ou ainda, conforme o mesmo autor, disfarça-se em *embaiá*, processo de caça usado pelos índios e ao qual também nos referimos ao tratar da caça às perdizes. Consiste o "embaiá" em envolver-se o caçador em folhas de palmeira e assim se aproxima dos veados, de sotavento (ou "poitavento" ou cortando o vento, como também se diz, na linguagem técnica). Naturalmente o caçador só pode avançar lentamente, quando a caça se distrai, olhando para outra direção.

Mais uma vez o diremos: o índio, que se alimentava em boa parte dos animais que caçava e apezar de fazer da caça uma profissão, ou por isto mesmo, não exterminava essa riqueza da mata. Satisfazia apenas sua fome; mas respeitava a caça e mesmo em suas lendas pregava êste respeito às leis naturais. O porco do mato era protegido pelo Caipora. Do veado contam os tupinambás a seguinte lenda, que encerra a mesma moral: "Um índio perseguiu uma veada, acompanhada de seu filhinho, que ainda mamava. Conseguindo agarrar o filhote, escondeu-se por detrás de uma árvore e fê-lo gritar. Atraida pelos gritos de agonia do filho, a mãe chegou-se a poucos passos de distância do índio e êste flechou-lhe. Satisfeito, o caçador foi apanhar a presa, e só então reconheceu que havia sido vítima de uma ilusão do Anhangá. A caça que êle havia perseguido, não era uma veada, mas sua propria mãe, que jazia morta no chão, varada pela flecha".

Veado bororó ou "Camocica" ou "Veado caracú" ou "Foboca" — (ou como escreveu Martius, em guaraní "*Nhamby pororóca*"). *Mazama rufina*, conhecido por "Mão curta" no Rio Grande do Sul. Os chifres, simples pontas diretas, medem quando muito 6 cms. Pela

sua estatura, que é de 73 cms. de comprimento por 45 de altura, é a menor das nossas espécies de veados. O colorido é vermelho queimado, com extremidades mais escuras e lado ventral mais ocrácio; a cauda tem ponta branca. Até agora só foi assinalado com todo o rigor no Estado de S. Paulo (Piracicaba); além disso é conhecido na Venezuela e no Equador. Uma outra espécie, *Mazama rondoni*, intermediária no tamanho entre o "Bororó" e o "Virá" é de côr sepiácea, com abdômen mais vermelho-amarelado. Em Mato Grosso chamam-no "Veado negro", na Amazônia "Veado roxo"; os paraenses conhecem-no por "Fobóca" e no Piauí e no Ceará designam a esta espécie e às outras do mesmo gênero (*Mazama*) "Guarapú" (veja-se aí). Vive nas matas, como o veado pardo, do qual mais se aproxima zoologicamente.

Veado branco — O mesmo que "Veado campeiro".

Veado campeiro ou "Veado branco" — *Hippocamelus* (ou *Dorcelaphus*) *bezoareticus;* tem armação ramificada, que atinge no máximo três pontas no terceiro ano, com 25 cms. de comprimento. Os exemplares maiores medem $1^m,45$ de comprimento e 80 cms. de altura. O colorido é bruno-avermelhado e os olhos são rodeados por um anel branco; também são brancos a barriga e o lado interno das extremidades. Prefere os descampados sêcos e não entra nas matas; quasi sempre constitue pequenas manadas, de uma dezena de indivíduos.

Veado caracú ou "Camocica" — Designa o menor dos nossos veados e é pois o mesmo que "Veado bororó".

Veado catingueiro — O mesmo que "Veado virá".

Veado galheiro "Suassuapara" ou "Cervo" — *Hippocamelus* (ou *Dorcelaphus*) *dichotomus.*

E' a maior espécie de veado da América do Sul, pois mede 2 metros de comprimento e $1^m,30$ de altura. A galhada atinge quasi 50 cms. de comprimento, chegando, então a contar 29 pontos. A princípio a armação é simples; cada ano o animal perde a armação (entre Dezembro e Agosto) e, ao renascer, aparece com mais uma ponta. O pêlo é castanho claro, uniforme; os pés são escuros, bem como a bôca; em torno dos olhos há um anel branco e de

igual côr é a garganta e o baixo-ventre. Passa a maior parte do dia na mata ou entre moitas, preferindo sair ao pasto depois do sol posto. Gosta das regiões entrecortadas por rios ou banhados e pântanos.

Henrique Silva descreve assim a índole do "Cervo": "E' o único veado que acua e então é de temer pelo perigo das suas formidáveis hastes ramosas e ponteagudas. Com elas em riste, frecha sobre o inimigo e não raro se tem visto ser destripada a barriga do animal de montaria do caçador ou destroçar êle uma matilha inteira. Vem na "fumaça do tiro", como dizem os caçadores. E' de vê-lo, como, de cabeça erecta, sacode a galhada e bate nervosamente no chão, ao avistar o homem, de quem nos primeiros instantes não se arreceia muito, nem procura fugir, como os outros veados, que são tímidos como as gazelas. Quando corre no mato e nos banhados de hervas trançadas, leva a armação inclinada às costas, com o fim de não enroscar. Nos campos e nos cerrados de macega alta corre com a cabeça levantada, as narinas abertas e arfantes, sendo então de admirar a agilidade com que transpõe os obstáculos, a patadas fortes, estrepitosas, que se ouvem a distância.

Veado galheiro do norte — *Cariacus* (ou *Odocoelus*) *gymnotis*, é outra espécie que tem galhada desenvolvida à semelhança do cervo, mas cujas ramificações têm as pontas viradas para a frente. Cabem-lhe as seguintes denominações vulgares: "Cariacú", Suguassuapara" ou "Suassuapara" e "Veado dos mangues". Em território brasileiro habita apenas a região ao norte do Rio Amazonas e daí se extende até os Andes e o Panamá. Deve regular em tamanho com o veado campeiro. Aliás, é espécie ainda muito pouco conhecida dos zoológos.

Veado mateiro — O mesmo que "Veado pardo".

Veado pardo ou "Veado mateiro" ou "Suassupita" ou "Guataparà" — *Mazama americana*. A armação é singela e alcança no máximo 12 cms. de comprimento. As medidas do animal bem desenvolvido são: do focinho à cauda 1m,40, altura 90 cms. O colorido é castanho-ferrugíneo, sendo apenas a garganta mais clara; a cauda tem pêlos brancos em baixo. Os beiços são pretos, com mancha maior no labio inferior. Vive nas florestas e também prefere pastar de madrugada e à noitinha; dorme de dia, no mais denso da mata.

Veado virá ou "C a t i n g u e i r o" — *Mazama simplicicornis*, de armação simples, de 9 a 12 cms.; a estatura é pouco menor que a do "veado pardo" e o colorido é uniforme, pardo escuro. Vive nos campos e quando muito nas caatingas, evitando sempre a mata; pasta também de dia, pelo que é visto frequentemente nas planícies, principalmente em dias chuvosos.

Diz Henrique Silva a seu respeito: "Muito velhacos, remontadores, logram os cães, indo e retrocedendo pela mesma carreira que levam de princípio, no intuito de iludir seus perseguidores, o que muitas vezes conseguem".

Vedeta da praia — E' mais ou menos sinônimo de "B a t u í r a" e "M a s s a r i c o". São estas aves, de fato, verdadeiras guardas avançadas que, permanecendo em geral na praia, aí exercem sua vigilância. Qualquer fato estranho, que as desassocegue, é motivo para grande alarido e reboliço entre o bando, às vezes muito numeroso; assim também outra caça, que esteja na visinhança se alarma e foge. Pelo mesmo motivo, também, o "Q u e r o - q u e r o" mereceria epíteto semelhante.

(Veiera) — No dialeto caipira, por "abelheira", designa o mesmo que "m é" (mel), quando aplicado ao cortiço. Amadeu Amaral explica o vocábulo como "casa" de "abelhas indígenas"; parece-nos, porém, que o têrmo se aplica antes à abelha do reino (européia), em oposição ao "m e l d e p a u", das abelhas indígenas.

Velhinha, "V e l h o", ou "R e n d e i r o" — Passarinho da fam. *Tyrannideos*, *Arundinicola leucocephala*, do tamanho do "tico-tico"; o macho, foi considerado muito "velho", por ter a cabeça inteiramente alva, a se destacar do resto da plumagem, que é tôda preta. A fêmea é cinzenta, porém a fronte, a garganta e a parte anterior do pescoço são brancos e a cauda é preta. No Norte é uma das "l a v a n d e i r a s", outra espécie semelhante foi denominada "V i u v i n h a".

Vem-vem — E' no norte do Brasil o nome de vários "G a t u r a m o s" (*Euphonia violacea* e *chlorotica*) e que na Amazônia são chamados "T e m - t e m".

Vermelho — Peixes do mar do típo da fam. *Spárideos* e famílias visinhas ("C a r a n h a", "S i o b a", "C o r o - r o c a", etc.) abrangendo as espécies de colorido vermelho mais ou menos vivo. Para melhor clareza, os pescadores dizem: "V e r m e l h o c a r a n h a" e "V e r m e l h o s i o b a". Veja-se também "C a r a p i t a n g a". O nome

refere-se particularmente a *Neomaenis aya*, de côr vermelho-rósea, mais pálida em baixo e com linhas longitudinais azuis nas séries das escamas e *N. analis*, semelhante, porém com dorso verdolengo e faixas transversais indistintas nos jovens. Característica é, para estas espécies e outras aliadas, uma mancha redonda, preta, no meio do corpo. A carne dêstes peixes fortes e vorazes, é bastante apreciada, ainda que não possa competir, em qualidade, com a dos "peixes finos".

Há uma interessante lenda, pela qual o povo do Nordeste explica porque êstes peixes têm aquela mancha negra, a que acima aludimos. "Certa vez Nosso Senhor, assistindo à pescaria de São Pedro, examinou os peixes que havia na rêde e, achando muito bonito o "Vermelho", quiz segurá-lo, para o ver melhor. O peixe, porém, não deixou se pegar e debateu-se como sempre, procurando fugir. Por isto, como castigo, por ter contrariado Nosso Senhor, ficou para sempre marcado com duas manchas negras, justamente no lugar em que o apertaram os dois dedos de Jesus. Esta lenda é, aliás, apenas uma variante da que no Mediterrâneo motivou o apelido "S. Pedro", dado a um peixe galo — *Zeus faber*, caracterizado igualmente pela grande nódoa no flanco. (Diz em resumo a tradição que, certa vez, foram cobrar um imposto a São Pedro e o pobre pescador, em vez de puxar o dinheiro do bolso, onde aliás não o tinha, enfiou a mão no mar, agarrou com dois dedos um peixe e da bôca dêste sacou a moeda de que precisava; e o peixe ficou para sempre marcado).

Vermelho do cafeeiro ou "Cochonilha" — *Coccideo* da subfam. *Asterolecaniineos*, *Cerococcus parahybensis*, de curioso aspeto, pois que se parece mais com uma pequena semente, do tipo do carrapicho, todo revestido de pequenos espinhos. Anos atrás foi posto em evidência, por ter sido reconhecido como associado à moléstia que tem exterminado os cafeeiros de várias zonas do Nordeste. Não se sabe ainda qual o papel que desempenha o "Vermelho" e si de fato lhe cabe culpa na disseminação da moléstia; sem dúvida, porém, merece estudo acurado, que por ora foi apenas posto em discussão.

Vespa — E' a denominação genérica de todos aqueles *Hymenopteros* que não são nem abelhas nem formigas. Abrange, assim, um grande número de espécies e no dimi-

nutivo (vespinha), tôda sorte de espécies miúdas e mesmo quasi microscópicas, de apenas 1 mm. de comprimento

Vespas

(e estas são tôdas parasitas de outros insetos e criam-se em "galhas"). *Vespideos*, propriamente, são as espécies que, na posição de repouso dobram as azas longitudinalmente, como os panos de um leque. Há numerosas vespas solitárias, que constroem ninhos mais ou menos artísticos, de barro (fam. *Eumenideos*); as vespas sociais ("C a b a s" e "M a r i m b o n d o s") moram em vespeiros ("caixas de marimbondos"), cuja construção obedece à mesma regularidade no arranjo das células, como se observa nos favos das abelhas. Veja-se também sob "E i x ú" e "C a b a". O nome genérico *Vespa* designa espécies do velho continente, extranhas à nossa fauna. (Veja estampa da pg. 398).

Vespas parasitas

Vespa caçadora — Designa as mesmas espécies também conhecidas por "V e s p ã o".

Vespa-tatú — O mesmo que "C a b a - t a t ú".

Vespa de Uganda — Pequeno himenóptero parasito, quasi microscópico, pois mede apenas 2 mms. de comprimento. *Prorops nasuta* é originário da África de onde foi trazido para o Brasil por Adolpho Hempel, entomologista do Instituto Biológico de São Paulo, para que em nossos cafezais prestasse os mesmos serviços que na África lhe eram atribuidos como parasita da "B r o c a d o c a f é". De fato a vespinha aclimatou-se muito bem no Est. de São Paulo e está prestando relevantes serviços na debelação da praga. O parasita penetra no grão perfurado pela broca e não só coloca um ovo sobre cada larva de *Stephanoderes* que encontra, como também ela mesma se alimenta dessas larvas.

Vespão — Abrange as espécies maiores de *Himenopteros* das fam. *Pompilideos* e *Scoliideos*, que vivem caçando outros insetos que êles, em vez de matar, paralisam, para que êsse alimento, destinado às larvas, se conserve fresco, ao mesmo tempo que imóvel. Claro está que uma picada de semelhantes espécies, que atingem 60 mms. de comprimento, é das mais doloridas e daí seu nome "M a t a - c a v a l o"; também é conhecido pelo nome "C a b a - c a ç a d e i r a", "V e s p a c a ç a d o r a" e "M a r i m b o n d o c a ç a d o r".

Vespeira — Ninho de vespas ou, como mais geralmente diz o povo: "c a i x a d e m a r i m b o n d o s" (veja êste).

Vevuia — Segundo Valdomiro Silveira, o caipira paulista dá êste nome à "J u r i t í p i r a n g a", que difere das outras juritís, por ter o lado ventral amarelado.

Víbora — (A *vipera*, dos latinos, abrange as varias espécies de cobras venenosas do gênero de igual nome, único da fam. *Viperideos*, que ocorre na Europa). Em sentido mais amplo, também aquí é aplicado a qualquer espécie venenosa da ordem dos *Ophidios*. Às vezes o povo designa erroneamente como víboras alguns lacertíleos, evidentemente inofensivos, dos gên. *Anolis* e *Norops* que aparentam franco parentesco com os Camaleões ou então o vocábulo é deturpado sob a forma de "B r i b a", correntia no Nordeste e neste caso designa várias lagartixas. Apezar de absolutamente inofensivos e quasi incapazes de morder, tais lacertílios são tidos, pelo povo, em conta de venenosíssimos. Na Baía, como nô-lo relatou o Dr. A. Neiva, temem principalmente uma espécie pequena, que vive

habitualmente em meio das bromeliáceas ("gravatá"). Quando alguém é mordido por êsse bicho terrível, é preciso que essa pessoa corra, o mais depressa que puder, a beber água; — si o conseguir, antes que a víbora faça o mesmo, esta morre, mas si o bicho alcançar primeiro a água, a morte da pessoa é inevitável!".

Vinte um pintado — E', na Amazonia, o nome do "T i c o - t i c o r e i".

Viola — Denominação riograndense dos peixes cascudos do gên. *Loricaria*, conhecidos em S. Paulo por "C a s c u d o e s p a d a".

Viola — Raia, *Rhinobatis percellens* (com focinho longo) e *Rh. brevirostris* (com focinho curto). O feitio do corpo realmente sugere a comparação. A parte anterior isto é o tronco, forma um losângulo arredondado e a cauda representa o braço da viola. Suas dimensões raro ultrapassam 1 metro.

Vira — ou por extenso "V i r a - b o s t a" é, na acepção paulista o *Aaptus chopi*. (Veja-se sob "C h o p i m" quais as outras aves também apelidadas "V i r a" em outras regiões). E' fácil descrevê-lo: o colorido é inteiramente preto, de um tom um pouco azulado; caracterizam-no apenas o feitio das penas do lado da cabeça e da nuca que são alongadas e terminam em ponta. São aves dos campos entrecortados de capoeira; de preferência procuram o bambusal das fazendas e aí, reunidos em grande número, divertem-se, pela manhã e à tarde, fazendo ouvir seu canto um tanto melancólico, mas às vezes variado e que consiste, fundamentalmente, em uma nota piada, a que logo respondem muitos ou mesmo todos do bando e em tons variados. Seria bem interessante, mas... não é em vão que lhe couberam nomes nefandos, como "P a p a - a r r o z" ou "A r r a n c a m i l h o". E como tais nomes correspondem aos seus hábitos, não se pode levar a mal ao lavrador, a perseguição, a tiros de espingarda, com que êste procura afugentar o bando negro.

Como já vimos, no Rio Grande do Sul cabe o nome "V i r a" aos pássaros pretos conhecidos em S. Paulo por "C h o p i m". E' uma confusão lastimável, aborrecida, mas irremediável, pois o povo não aceita lições de dicionaristas... Além da espécie que se extende por todo o Brasil, ocorrem no Rio Gr. do Sul mais duas espécies do mesmo gênero *Molothrus*, sendo que *M. brevirostris* difere da espécie comum apenas por ter a parte das coberteiras

da aza de côr castanha. *M. badius* também denominado "A z a d e t e l h a", é de côr cinzento-escura, as azas são castanhas, a cauda é denegrida e o bico preto; aparece também em Minas Gerais, onde foi registrado sob a denominação local "C a r i c h o" (?) e em Sergipe, disse-nos o Sr. Cleómenes Campos acresce o nome popular: "B r i ó".

Virá — Veja "V e a d o - v i r á".

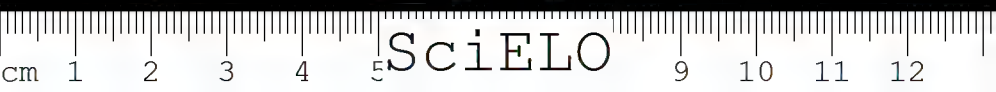
Virussú — Veja-se sob "T r o p e i r o".

Visita — Denominação onomatopaica dada em São Paulo e no Rio Grande do Sul a certos besouros da fam. *Cerambycideos*, que fazem ouvir um chiado agudo, ainda que tênue, várias vezes, e repetido, quando se os prende ou incomoda (ouve-se distintamente: *visit' - visit' - visit'*). Naturalmente o povo, achando graça nesses insetos, às vezes bem bonitos, deu interpretação simpática a tais sílabas: o besourinho é de bom agouro, pois anuncia visita agradável.

Vitú — Abreviação de "S a b i t ú", isto é "I ç a - b i t ú", içá que não se come, a forma alada menor isto é o macho da saúva. Também é conhecido por "E s c u m a - n a", no dialeto caipira de S. Paulo. Veja-se sob "Içá".

Viúva ou "V i u v i n h a" — São os passarinhos da fam. *Tyrannideos*, de côr preta, com algum ornato branco bem destacado. (Veja-se também "V e l h i n h a"). Um dêles é *Copurus colonus*, de colorido semelhante ao da "Velhinha", porém a cauda tem as penas médias muito compridas e torcidas em forma de púa e a ponta alongada Não sabe ou não gosta de construir ninho próprio, pelo que se adapta ao que encontra pronto e abandonado; mas sua escolha, em geral, recai sobre a pequena cavidade de troncos de árvores, de que se utilizou pouco ántes o minúsculo "pica-pau anão" *(Picummus)*. E, nesse ambiente restrito, como se arruma a "Viuvinha", com suas enormes penas caudais? Exquisita predileção!!

Tem ainda igual nome vulgar outro pássaro da mesma família, *Lichenops perspicillata*, cujo macho é inteiramente preto, com espelho branco no meio das azas, ao passo que a fêmea é parda, com ornato ruivo; neste caso portanto (e será certamente exceção única !) só o macho tem direito ao nome "viúva". Veja também "L a v a - d e i r a".

Voador — Na Amazônia é um peixe de escama da água doce, da fam. *Characideos*, *Gasteropelecus stellatus*,

Z

Zabelê — Da Baía para o Norte chamam assim o "J a ó".

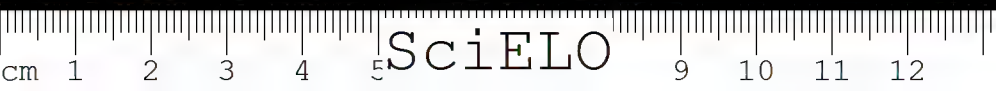
Zangão — Denominação portuguesa do macho da abelha do reino. Como é sabido, os zangões não trabalham e vivem do mel coligido pelas obreiras. Ao se aproximar o tempo das colheitas abundantes, no inverno, os zangões são eliminados, mortos a picadas pelas obreiras. A mesma denominação é aplicada também às abelhas solitárias, porque nunca armazenam mel em seus ninhos. Ouvimos designar assim as espécies maiores do gênero *Xilocopa, Euglosa* e *Centris*, que de fato gostam de viver congregadas, sem contudo terem os característicos essenciais de insetos sociais (diferenciação em castas assexuadas). A denominação "Zangão", neste caso especial coube assim a abelhas fêmeas, pelo fato de não produzirem mel. Veja-se o que sob "A b e l h a s" foi dito a respeito do gênero *Xylocopa*.

Zé-pregos — E', segundo Henrique Silva, em Goiaz, a alcunha dos machos das tartarugas "T r a c a j á s". A mesma denominação parece ser aplicada na Amazônia aos machos das tartarugas de viração.

(Zorro) — Veja sob "G r a c h a i m".

Zorrilho — No Rio Grande do Sul é só êste o nome que se dá ao pequeno carnívoro da fam. *Mustellideos*, do mesmo gênero a que pertence o "C a n g a m b á". A espécie riograndense, *Conepatus suffocans*, é um pouco menor que o cangambá; a côr é antes pardacenta, o desenho branco da frente é menor, quasi triangular. De resto os hábitos nesta região são os mesmos como os já referidos sob aquela rúbrica. E' evidente que a denominação sulista é de origem hispano-americana; "Zorro" em espanhol significa — raposa. Veja também "J a g u a n é".

(Zunga) — Nas apostilas (1914) do Pe. Teschauer figura, juntamente com "Zanga", como sinônimo de "B i c h o d e p é"; o autor não nos dá, porém, certeza do emprêgo correntio, entre brasileiros, dessa variante (?) da denominação indígena "tunga", aplicada ao inseto que também científicamente hoje se chama *Tunga penetrans* (outrora *Sarcopsilla*). Contudo é preciso verificar si não ocorreu apenas uma troca da letra inicial, quando o autor, de fato pretendia registrar "Tunga".

o

GLOSSÁRIO DOS NOMES GENÉRICOS E ESPECÍFICOS

A

Aaptus chopi	Chopim, Vira
Abudefduf marginatus	Castanheta
Acanthistius brasilianus	Senhor do engenho
Acanthoscuria sternalis	Caranguejeira
Acanthurus bahianus, A. hepatus	Barbeiros
Acara	Acarás
Achiropsis	Aramaçás, Tapas
Achirus	Aramaçás, Tapas
Acrocinus longimanus	Arlequim, Serra-pau
Acromyrmex landdolti	Formiga raspa
A. nigra, A. nigrosetosa, A. octospinosa	Quem-quem
A. subterranea	Formiga mineira, Quem-quem
Acestrorhamphus hepsetus	Peixe cachorro
Acetes americanus	Aviú
Achelous spinimanus	Sirí-candeia
Aechmophorus sps	Mergulhão
Aedes aegypti	Pernilongo, Mosquito
Aegialitis collaris	Batuíra
Aegialitis sps	Tarambolas
Aeglaea laevis	veja Tatuí
Aetobatus aquila, A. freminvillei	Raia sapo
Agelaius	Iratauás
A. frontalis	Papa-arroz
Ageronia	Borboletas
Ajaja ajaja	Colhereiro
Alabama argilacea	Curuquerê
(Alauda)	Cotovias
Albula vulpes	Ubarana
Alectris crinitus	Aracanguira
Allouata	Bugios
A. belzebul	Guariba de mão ruiva
A. caraya	Carajá
Alopochen jubatus	Ganso do mato, Marrecão
Alphestes afer	Garoupa gato
Alurnus	Barata dos coqueiros
Amazona	Papagaios
Amazona sp	Curica
A. aestiva, A. amazonica, A. brasiliensis	Papagaios
A. farinosa	Moleiro
Amazona sps	Ajurús
A. vinacea	Papagaio de peito roxo
Amblycerus solitarius	Iraúna de bico branco, Chopim
Amblyomma cayennense	Carrapato
A. longirostre	C. de passarinho
Ameiva	Amejuas

A. surinamensis	Tejubinha
Ampelion cuculatus, A. melanocephalus	Corocochó
Amphisbaena	Cobras de dua cabeças
Amplipalpa guerini	Voador
Ampularia	Aruá, veja Japuruchita
Anableps tetrophthalmus	Tralhôto
Anacyrtus myersi	Pira-tapioca
Anastrepha fratercula, A. serpentina	Bichos das frutas
Ancistrus	Barbadinhos
Anchovia	Manjubas, Arenques
A. olida	Manjuba
Anchovia sp	Manjubão
Anchovia sps	Bôca torta, veja Sardinha
Andigena bailloni	Araçarí-banana
Anemonia	Anêmonas
(Anguis)	Licranço
(Anguis fragilis)	Cobra de vidro
(Anguila anguila, A. rostrata)	Enguias
Anisotremus bicolor	Pirazumbí
A. surinamensis	Sargo de beiço
A. virginicus	Salema
Anodorhynchus	Araras
A. hyacintinus	Arara azul
Anolis	Víbora
Anomalocardia brasiliana	Berbigão
Anopheles	Mosquitos, Moriçocas
A. albimanus	Mosquito
A. albitarsis, A. argyritarsis, A. tarsimaculatus	Mosquitos, Moriçocas
Anostomus	Chimborés, Campineiros
Anostomus sps	Vogas
(Anorthura troglodytes)	Carriça
Anthus	Caminheiros
Antilophia galeata	Galo de campina
Aotus azarae, A. trivirgatus, A. vociferans	Macacos da noite
A. difficilis	Piquirão
Aphyocharax	Avarís
Aphis nerii, A. (Microsiphum) rosae, A. gossypii	Pulgões
Apiomerus	Barbeiros
Apis mellifica	Abelha do reino, veja Abelhas
Apoica pallida	Beijú-caba
(Aquilla)	Águias, veja Harpia
Ara	Araras
A. ararauna	Canindé
A. chloroptera, A. macau	Arara-canga
A. maracana, A. nobilis	Maracanã
A. severa	Maracanã-guassú
Araeocerus fasciculatus	Caruncho do café
Aramides mangle	Saracura da praia
A. cajanea	Três potes, Saracura
A. saracura	Saracura
A. ypacaha	Saracurassú

Aramus scolopaceus	Carão
Arapaima gigas	Pirarucú
Aratus pisoni	Aratú
Architeuthis	Polvos
Archoscyon petranus	Guêtes
Archosargus, A. probatocephalus .	Sargos
Arctocephalus australis	Lobo do mar
Ardea socoi	João grande, veja Jabirú
Arenaria interpres	Massarico
Argas	Piolho das aves
A. persicus	Carrapato das galinhas
Argonauta tuberculata	Polvo
Argulus sps	Carrapatos dos peixes
Argyope argentata	Aranha
Armadillo	Tatuzinhos
Arremon semitorquatus, A. silens	Pai-Pedro
Arundinicola leucocephala	Lavadeira, veja Velhinha e Rendeira
(Astacus fluviatilis)	Lagostim
Astronotus	Acarás
Astronotus ocellatus	Apaiarí
Astroscopus	Niquins
Astur sp.	Tauatú pintado
Astyanax	Lambarís
Ateleodacnis speciosa	Saí
Ateles marginatus, A. paniscus, A. variegatus	Coatás
Ateles sps	Manquiçapas
Atractus sps	Cobras corais falsas
Atta sexdens	Saúva
Attacus	Bichos da seda
Attila cinerens	Capitão de saíra
Auchenipterus	Mandubés
A. nigripinnis	Palmito
Azara labiata	Sernambí
Azochis gripsalis	Broca
Azteca chartifex spiriti	Caçarema
Azya luteipes	Joaninha

B

Bacilus	Bicho-pau
Bacteridium	Bicho-pau
Bairdiella	Pirucaias
B. ronchus	Bororó
Bairdiella sps	Cangoás
Balaena australis	Baleia
Balaenoptera	Baleias
Balanus tintinabulum	Craca
Balistes, B. vetula	Cangulos
Barnea costata	Tampafoli
Bartramia longicauda	Batuíra do campo
Baryphthengus ruficapillus . . .	Juruva
Batara cinerea	Papa ovo, Matraca
Bathymaster	Micholes
Bathystoma rimator	Sapuruna

Belone . . . Agulhas
Belonopterus cayenensis . . . Quero-quero
Belostoma . . . Barata d'água, Bota-mesa
Bembex . . . Cazuzas
Bithynis . . . Camarões de água doce
B. jamaicensis . . . Lagosta de água doce
B. potiuna . . . Potiúna
Boa sps . . . Cobras de veado
B. canina, B. hortulana . . . Ararambóia
Blatta orientalis . . . Barata
Blatella germanica . . . Barata
Blechroscelis . . . Aranhas
Bodianus rufus . . . Papagaio
Bodianus sps . . . Baúnas
Bombyx mori . . . Bicho da seda
Bombus carbonarius, B. cayenensis Mangangabas
Boophilus microplus . . . Carrapto do boi
Boridia grossidens . . . Peixe-boi
Botaurus pinatus . . . Socó-boi
Bothrops . . . Coatiáras, Urutús, veja Cobras venenosas
B. alternatus, B. itapetiningae, B. neuwiedi . . . Urutús
B. atrox, B. jararaca, B. jararacussu . . . Jararacas
B. coatiara . . . Coatiara
B. bilineata . . . Jararaca verde
Brachycephalum ephippium . . . veja Guarú-guarú
Brachygalbula . . . Cuitelões
Brachyplatystoma filamentosum . Piraíba
B. flavicans . . . Dourada
B. vaillanti . . . Piramutaba
Brachyspiza capensis . . . Tico-tico
Brachyurus rubicundus . . . Uacarí
Bradypus tridactylus . . . Preguiça
Brevicoryne brassicae . . . Pulgão
Brevoortia tyranus . . . Savelha
Brotogeris . . . Periquitos
B. tuipara . . . Tuipara
Bruchus chinensis, B. obtectus, B. 4-maculatus . . . Carunchos
B. obsoletus, B. pisorum, B. rufimanus . . . Carneiros
Brycon brevicaudus . . . Matrinchã
B. lundi . . . Piracanjuba
B. orbygnianus . . . Piraputanga
Bryconops alburnus . . . Piquirão
Bubo magelanicus . . . Jucurutú, Murucututú
Bucco . . . Capitão do mato, Tamatião
B. chacuru . . . João bobo
B tamatia . . . Tamatião
Bufo, B. marinus . . . Sapos
Bulimus . . . Caramujos do mato, veja Jupuruchita

C

Cardisoma guanhumi	Guiamú
Cardium muricatum	Mija-mija, Tamatí
Cariacus gymnotis	Veado galheiro do Norte
Cariama sp.	Seriema
Caprimulgus ocellatus	Curiango
C. rufus	João corta-pau
Carinetta fasciculata	Cigarra do cafesal
Caryothraustes canadensis, C. c. brasiliensis	Furriel
Cassicus cela	Chechéu, Japim
C. chrysopterus	Soldado
C. haemorrhous	Guache
Cassicus sps	Jupujubas
Cassidix oryzivora	Graúna, Chopim
Catagramma	Oitenta e oito, Borboletas
Castalia	Itãs
Catharista atratus brasiliensis . .	Urubú
Cathartes aura, C. urubutinga .	Urubú caçador
Catopsilia	Panã-panã
Cavia aperea	Preá
C. cobaya	Cobaia
(C. cutleri)	veja Preá
Cebus	Micos
Cebus cirrifer, C. libidinosus, C. robustos	Micos
C. albifrons, C. capucinus	Caiarara
C. apella, C. macrocephalus . . .	Macaco prego
C. flavus	Saitauá
Celeus flavescens	João velho
Centris	Abelhas solitárias
Centropomus, C. undecimalis . . .	Robalos
Cephalacanthus volitans	Coió
Cephalopholis fulvus ruber	Caraúna
Cephalopterus ornatus	Pavão do mato
Cephalosilurus	Pacamão
Ceratitis capitata	Bicho de fruta, Mosca do Mediterrâneo
(Ceratodes)	veja Pirambóia
Ceratophrys boci, C. cornuta, C. dorsata, C. ornata	Untanha
Cercibis oxycerca	Tara
Cercoleptes caudivolvulus	Jupará
Cerococcus parahybensis	Vermelho do cafeeiro
Ceryle americana, C. amazona, C. aenea, C. inda, C. torquata .	Martim pescador
Cetopsis	Candirús
Chaetodipterus faber	Enxada
Chaetodon striatus	Carapiassaba, veja Borboleta
Chaetura	Andorinhões
C. zonaria	Chabó
Chalceus opalinus	Pirapitinga
Chalcinus auritus	Piraba
Chalcodermus angulicollis, C. bondari	Podador
Chamaepelia	Rolinhas
Chamaeza sp	Tovaca
Chamaleon	Camaleão

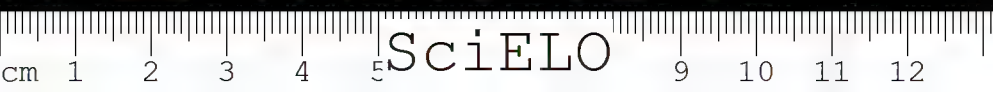
Chasmorhynchus niveus	Guainambé, Araponga
C. nudicolis	Araponga
Characidium fasciatum	Canivete, Piquira
(Charadrius)	Tarambolas, Batuíras
Chatergus sps	veja Caixa de marimbondo
Chauna cristata	Tachã
Chelidoptera tenebrosa	Andorinha do mato
Chelone	Tartarugas do mar
C. imbricata	Tartaruga do mar
C. fimbriata	Matá-matá
C. mydas	Suruanã, veja Tartaruga do mar
Chilomycterus	Baiacús de espinho
Chione pectorina	Berbigão, veja Sarro de pito
Chiromacheris gutturosus	Barbudinho
Chiromacheris sps	Rendeiras
C. manacus	Rendeira
Chironectes minimus	Quica d'água
Chiroxiphia caudata	Tangará
C. pareola	Rendeira
Chiroxiphia sps	Uirapurús
Chlorocoelus tanana	Tananá
Chloroscombrus chrysurus	Juva
Chloronerpis paraensis	Murucutú
Chlorophonia chlorocapila	Terê
Chlorosoma nattereri	Cobra corre campo
Choloepus didactylus	Preguiça
(Chondrostoma)	Bogas
Chonophorus tajacica	Emboré, Taijacica
Chromacris	Gafanhotos
Chrysops costatus	Mutuca
Chrysops sps	Mutuca marimbá, Muruanha
(Cicada)	Cigarras
(C. septemdecim)	Cigarra
Ciccaba	Mochos
Cichla ocellaris, C. temensis	Tucunarés
Cichlasoma	Acarás
(Ciconia ciconia)	Cegonha
Cimex hemipterus	Percevejo das camas
C. lectualarius	Percevejo das camas, Percevejo do comércio
Cinosternon scorpioides	Mussuã
Cissopis major	Tietinga
Claravis pretiosa	Picuí, Rôla
Claudia squamata	Porutí
Clupea amazonica	Sardinhas de água doce
(Clupea alosa)	Savelha
(C. harengus)	Arenque
Clypearia apicipennis	Caba camaleão
Cnemidophorus lemniscatus, C. ocellifer	Taraguira
(Cobitis)	Bagres
(Coccus cacti)	Cochonilha
Coccyzus melacoryphus	Chincoã
Codakia	Ameijas

Coelogenis paca . . . . Paca
Coendu melanurus, C. prehensilis,
C. villosus . . . . Ouriço cacheiro
Coereba chloropyga . . . . Cambacica
Colaptes campestris . . . . Chanchã
Colomesus psittacus . . . . Mamaiacú
Colossum bidens, C. orbignyanus . Tambaquís
Columba . . . . Pombas
C. picazuro . . . . Pomba trocaz
C. plumbea . . . . Pomba amargosa
C. rufina . . . . Pomba legítima
C. speciosa . . . . Pomba trocaz
Columbigallina . . . . Rolinhas
C. passarina griscola . . . . . . Rolinha
C. talpacoti . . . . Rolinha
Composomyia macellaria . . . . Vareja
Conepatus chilensis . . . . Cangambá
C. suffocans . . . . Zorrilho
Conodon nobilis . . . . Roncador
Conorhynchos conirostris . . . . Pirá-tamanduá
Constrictor constrictor . . . . . Jibóia
Conurus . . . . Piriquitos
C. aureus . . . . Jandaia
C. aurius . . . . Jandaia
C. cactorum . . . . Merequém
C. guarouba . . . . Guarajuba
C. jandaya . . . . Jandaia
C. leucophthalmus . . . . Araguaí
Coptotermes vastator . . . . . . Cupim
C. marabitanus . . . . veja Tapurú
Copurus colonus . . . . Viúva
(Coralium rubrum) . . . . Coral
Corallus . . . . Ararambóias
Corbula mactroides, C. m. prisca . Sernambí
Corecoris fuscus . . . . Percevejo das plantas
Corydoras sps . . . . Sarro
Coryphaena hippurus . . . . . . Dourado
(Corvus corax) . . . . Corvo
Coscoroba coscoroba . . . . . . Capororoca
Cosmopolites sordidus . . . . . . Moleque
Cotinga . . . . Anambés
Cotinga sp . . . . Anambé
Cranioleuca . . . . Pichororé
Crax . . . . Mutuns
C. fasciolata . . . . Mutum pinima
C. blumenbachi, C. sclateri . . . Mutuns
Creagrutus . . . . Avarís
Creciscus . . . . Frangos d'água, Jaçanã
Creciscus melanophaius . . . . . Frango d'água
Crenicichla lacustris . . . . . . Joaninha
Crenicichla sps . . . . Michole, Jacundá
Crocodilurus lacertinus . . . . . Jacarerana
Cronius ruber . . . . Sirí-goia
Crotalus . . . . Cobras venenosas
Crotalus terrificus . . . . Cascavel
Crotophaga ani . . . . Anú, Chopim
C. major . . . . Anú-guassú

Cryphospingus cuculatus	Tico-tico rei
Cryptogramma flexuosa	Berbigão, Simongoiá
Cryptotomus sp.	Batata
Crypturus	Macucos, Inambú
C. adspersus	Macucau
C. cinereus	Inambú sujo
C. noctivagus	Jaó
C. obsoletus	Inambú-guassú
C. parvirostris	Inambú chororó
C. scolopax	Juó
C. soui	Soví, Sururina
C. strigulosus	Inambú relogio
C. tataupa	Inambú chitã
C. variegatus	Inambú saracuíra
Ctenocephalus canis, C. felis	Pulgas
Ctenomys brasiliensis	Cururú
Ctenomys sps	Punarés
Ctenomys torquatus	Tuco-tuco
Ctenus nigriventer	Aranha
Culex corniger, C. taeniorhynchus	Pernilongos
Culicoides maruim	Mosquito pólvora
Culicoides reticulatus	Mosquito pólvora
Culicoides sp	Bembé
Cumana cujubi, C. cumanensis	Cujubí
C. jacutinga, C. nattereri	Jacutinga
C. sps	Jacús
Curimatus	Saguirús
Cyanerpes	Saís
Cyanocompsa cyanea	Azulão
Cyanocorax	Gralhas
C. coerulea	Gralha
C. cyanopogon	Quem-quem
Cyclagras gigas	Boipevassú, Pepéua
Cyclope didactylus	Tamanduá-í
Cyclorhis cearensis	Mucuripe
C. guianensis	Maria-já-é-dia
(Cygnus olor)	Cisne, veja Pato arminho
Cygnus melanocoryphus	Pato arminho
Cynias canis	Sebastião
Cynodon vulpinus	Saranha, Pirá-andira
Cynoscion	Pescadas
C. acoupa	Pescada, Pescada ticupá
C. leiarchus	Pescada
Cynoscion sp	Chancarona
Cypraea exanthema	Chave
Cypseloides	Andorinhões
Cypsilurus	Peixes voadores

D

Dacnis, D. cayana, D. angelica	Saís
Daption	Pombas do cabo
Dasyatis hastata	Raia prego
D. guttatus	Raia lixa
D. orbicularis	Aiereba
D. say	Raia amarela
Dasyprocta acouchy	Cutiaiá

D. aguti, D. azarae	Cutia
Dasypus hibridus	Mulita
Dasypus novemcinctus	Tatuetê
Decapterus, D. punctatus	Chicharros
Delphinus delphis	Golfinho
Delphis	Toninhas
Demodex	Cravos
Dendrocygna fulva	Marreca peba
D. viduata	Irerê, Assobiadeira
Dermatobia cyaniventris, D. hominis	Berne
Dermestes lardarius	Polia
Deroptyus accipitrinus	Anacã, Vanaquia
Desmodus	Morcegos
D. rufus	Morcego, Vampiro
Diabrotica, D. speciosa	Vaquinhas
Diapterus	Caratingas
Dichelacera sp	Mutuca
Dictyra	Aranhas
Dicotyles	Porcos do mato
Didelphis aurita, D. albiventris, D. marsupialis, D. paraguayensis	Gambás
Dinomys sp	Pacarana
Dinoponera gigantea mutica, D. grandis	Tocandira
Diodon, D. hystrix	Baiacús de espinho
Diomedea melanophrys	Albatroz
Diplectrum	Micholes
Diplodus	Pargo, Sargo
D. argenteus	Marimbá
Divaricella	Ameijas
Dolichoderus attelaboides	Formiga de bode
D. bidens	Caçarema grande
Dolichonyx oryzivorus	Triste pia
Dolops	Carrapatos de peixes
Donacobius atricapillus	Japacamim, Casaco de couro
Donax rugosa	Peguaba
Doras	Vacús
(D. crocodili)	Cuiú-cuiú
D. marmoratus	Cuiú-cuiú
Dorcelaphus bezoarcticus	Veado campeiro
D. dichotomus	Veado galheiro
(Doris)	Lapa
Dormitator	Emborés
Dosinia concentrica	Ameijôa branca
Dracaena guyanensis	Jacuruxí
Dromoccocyx phasianellus	Peixe frito, Sací
Drymarchon corais	Papa-ovo
Drymobius	Limpa-campo
D. bifossatus	Cobra nova
D. carinatus	Cobra cipó, Cutimbóia
Dules auriga	Mariquita
Dyscinctus	Torresmos
Dysdercus ruficollis	Percevejo das plantas

E

Echidna	Caramurús
Echimys	Ratos de espinho
Echinometra subangularis	Pindá preto
Echneis naucrates	Pegador
Eciton	Correição
(Ectopistes)	veja Pomba do bando
Eigenmannia virescens	Tuvira
Elaenéa	Guaracavas
E. flavogastra	Maria-já-é-dia
Elanoides forficatus	Gavião tesoura
Elapomorphus tricolor	Cobra coral falsa
Elaps	Cobras venenosas, Cobras corais
Electrophorus electricus	Poraquê
Eleotris	Emborés
Ellipesurus orbignyi	Raia cocal
Elops saurus	Ubarana
Empidonomus varius	Peitica
Encope emarginata	Corrupio do mar
(Engraulis encrassicolus)	Manjuba
Enyalius	Camaleão comum
Enyalius sps	Tacuarés
Epicrates cenchris	Jibóia vermelha, Salamanta
Epicrates sps	Salamantas
Epinephelus guaza, E. sps	Garoupas
E. morio	Garoupa de São Tomé
Ephigenia brasiliensis	Tarioba
Ephuta temporalis	Formiga chiadeira
Epicauta	Potós, Vaquinha
E. atomaria	Vaquinha
E. adspersa	Cantárida
Equetus lanceolatus	Maria nagô
Equidens	Acará-assú
Eriodes arachnoides	Mono
Eriosoma lanigerun	Carmim, Pulgão da macieira
Eriphia ganagra	Guaiá das pedras
Eriscion virescens	Pescada, Pescadinha do reino
Erodryas sp	Birú
Erythrinus erythrinus	Morobá
Erythrolampus	Cobras corais falsas
Euchroma gigantea	Mãe de sol
Eucinostomus gula, E. pseudogula	Carapicú
Eudocimus ruber	Guará, veja Flamengo
Eugerres brasilianus, E. plumieri	Carapeba listada
Eugerres sps	Caratingas
Euglossa	Abelha, Zangão
E. coerulescens, E. elegans, E. ignita, E. pulchra, E. purpurata, E. smaragdina, E. violacea	Abelhas
Eunectes murinus	Sucurí
Euphonia chlorotica	Vem-vem
E. pectoralis	Alcaide
Euphonia sps	Gaturamos, Guriatãs
E. violacea	Gaturamo, Vem-vem

Euphractus sexcinctus	Tatú peludo
Eupomacentrus	Castanhetas
Eurema	Panã-panã
Eurypelma	Caranguejeiras
Eurypygahelius	Pavão do Pará
Euscarthmus sps	Caga-sebo, Tachurés
(Euspongia officinalis)	Esponja
Euthynnus alletteratus	Bonito
Euxenura maguari	Jabirú, Tapucajá, veja Cegonha
Exocoetus	Tainhotas

F

Falco albigularis, F. peregrinus .	Tentenzinho
Felis concolor	Sussuarana
F. eira	Eira
F. geoffrroyi	Gato do mato
F. onsa	Onça
F. pajeros	Gato dos pampas
F. pardalis chibigouazou	Jaguatirica
(F. tigris)	Tigre
F. tigrina, F. wiedi	Gato do mato
F. yaguarundi	Jaguarundí
Fellichthys	Bagres, Bagre bandeira
F. bagre	Bagre sarí
F. marinus	Bagre mandim
Fiducina pullata	Cigarra do cafezal
Fissurella	Lapas
Fistularia rubra, F. tabacaria . .	Trombetas
Florida coerulea	Garça azul
Fluvicola albiventris, F. climazura	Lavadeira
(Formica rufa)	veja Sará-sará
Formicarius	Pintos do mato
Formicivora ferruginea	Trovoada
Franciscororas marmoratus . . .	Bozó
Fregata aquilla	Alcatraz
(Fringilla canariensis)	Canário do reino
(F. spinus)	Pintassilgo
Fulgora lanternaria	Jequitiranabóia
Fulica armillata	Carqueja
Furnarius rufus, F. tricolor . . .	João de barro

G

(Gadus callarias, G. morrhua) .	Bacalhau
Galbula	Cuitelões
Galeocerdo maculatus	Tintureira
Gallinago delicata	Narceja
G. gigantea	Galinhola
G. paraguayae	Bico rasteiro, Narcega
Gallinula, G. galeata	Frangos d'água
Gargaphia torresi	Mosquito
Garupa niveata, G. nigrita	Cherne
Gasterocercodes gossypii	Broca da raiz do algodoeiro
Gasteropelecus stellatus	Voador, Sapopema

Gasteropelecus sternicla	Sapopema
(Gasterophilus sps)	Berro
Gelasimus maracoani	Ciecié
Genidens	Bagres
G. genidens	Bagre urutú
Genyatremus luteus	Caicanha, Sanhoá
Geophagus	Acarás, Acará-assú
G. brasiliensis	Acará, Acará de topete
Geothypis aequinoctialis	Pia-cobra
Geotrygon	Jurutís
G. montana, G. violacea	Jurutís piranga
Germo alalonga	Alvacora
Germo sps	Atúm
Gerris sps	Carapeba listada
Ginglymostoma cirratum	Cação lixa
Giton fasciatus	Sarapó
Glabaris	Itãs
Glanidium albescens	Bureva
Glanidium sps	Anduiá, Chorão
Glaucidium brasilianum, G. sps .	Caborés
G. pumilum	Caborés do sol
Glossoscolex giganteus, G. wiegreeni	Minhocussú
Gobius	Mussurungos
Gobioides broussoneti	Maiulira
Goniopsis	Aratús
G. cruentata	Aratú, Anajá
Gordius aquaticus	Cobra de cabelo
Grallaria sps	Tovacussú, Saúnas
Grammostola	Caranguejeiras
Grapsus	Aratús
Grillotalpa	Paquinhas, Macaco
Grillus	Grilo
Grisson allamandi	Furão
Grisson vittatus	Cachorro aô
Gubernatrix cristata	Cardeal amarelo
Gubernetes yetapa	Tesoura do campo
Guira guira	Anú branco
Gymnoderus foetidus	Anambé-pitiú
Gymnomystax	Iratauás
Gymnotharax funebris, G. moringa, G. ocellatus, G. vicinus . .	Caramurú
Gypagus papa	Urubú-rei
(Gyps)	Abutres

H

Hadrostomus	Caneleira
Haematopinus asini, H. eurysternus	Piolhos
Haematopus palliatus	Baiagú
Haemulon plumieri	Negra mina, Corcoroca mulata
Haementeria ghilianii	Sangue-suga
Haemulon sps	Capiúnas, Carapós, Corcorocas, Uribacos
Hapale, H. auritus, H. penicilatus, H. pigmaea	Saguís

Haplospiza unicolor	Pichochó
Harpagus bidendatus, H. diodon .	Ripina
Harpiprion cayennensis	Tapicurú, veja Guaraúna
Harttia kronei	Bituva
Helicops	Cobras d'água
Heliornis fulica	Picaparra
Helix similaris	Caracol
Helodromas solitarius	Bico rasteiro
Hemicetopsis	Candirús
Hemidactylus mabuia	Largatixa
Hemidoras	Cuiú-cuiús
Hemiodus notatus	Ubarí
H. (Anisitsia) microcephalus . .	Jatuarana
Hemirhamphus brasiliensis . . .	Agulha, Tarangalho
Hemisorubim platyrhynchus . . .	Jurupoca
Hemmigramus	Lambarís
Hepatus princeps	Baú
Herodias egretta	Garça real, Garça branca grande, Acará
Herpetodryas	Cobras cipó
Herpetotheres cachinnans	Acauã
Hesperomys flavescens	Rato da taquara
Heterandria	Guarú-guarú
Heteropoda venatoria	Aranha
Heterospizias meridionalis	Gavião caboclo
Himantopus melanurus, H. mexicanus	Massaricão
Himantopus sps	Pernilongo
Hippa emerita	Tatuí
Hippocamelus bezoarcticus, H. dichotomus	Veados galheiros
Hippocampus punctulatus	Cavalo marinho
(Hirudo officinalis)	Sangue-suga
Hirundinea bellicosa	Birro
Holacanthus tricolor	Soldado
Holocentrus ascencionis	Jaguaressá
(Homarus vulgaris)	Lagosta
Homoeoma	Caranguejeiras
Hoplerythrinus unitaeniatus . . .	Jejú
Hoplias lacerdae	Traírão
H. malabaricus	Traíra
Hoplocercus spinosus	Truíra-peva
Hydraspis	Cágados
Hydrochoerus capibara, H. hydrochoerus	Capivaras
Hydrolycus scomberoides	Peixe cachorro
Hydromedusa	Cágados
Hydropsalis, H. climacocercus, H. torquatus	Curiango tesoura
Hydroscion	Peixe cachorro
Hyla	Pererecas
H. faber	Ferreiro, Tanoeiro
H. langsdorffi	Ferreiro
Hylella	Pererecas
Hypocephalus armatus	Vaqueiro
(Hypoderma bovis)	Berro
Hypoedaleus guttatus	Chocão

Hypopaea chalybea	Gaturamo
Hypophthalmus edentatus	Mapará
Hyporhamphus unifasciatus	Tarangalho
Hypothenemus hampei	Broca do café

I

Ibycter acter	Gereba
I. americanus	Caracará preto, veja Caracaraí
Icerya purchasi	Coccideo, veja Joaninha
Ictinia plumbea	Gavião-pombo
Iguana tuberculata	Camaleão
Iheringichthys westermanni	Papa-isca
Ilisha castelneana, I. altamazonica	Apapás
Inia geoffroyensis	Bôto branco
Ionornis, I. martinica	Frangos d'água
Iridomyrmex humilis	Formiga assucareira
Isistius brasiliensis	veja Cação bagre
Isometrus maculatus	Escorpião
Isopristhus	Guêtes
Istiophorus americanus	Agulhão

J

Jacamaralcyon sps	Cuitelões
Jacamerops sps	Cuitelões
Jacaretinga	Jacarés
J. palpebrosus	Ururáu
J. trigonatus	Jacaré corôa
Jadopleura	Anambés

K

Kerodon supestris	Mocó
Knipolegus comatus, K. nigerrimus	Maria preta
Kronichthys subterres	Mãe de anhã
Kyphosus incisor, K. sectatrix	Piragicas

L

Lachesis	Cobras venenosas
L. atrox	Jararaca, veja Caiçaca
L. mutus	Surucucú, Surucucú de fogo, Surucucú-tinga
Lactophrys	Taôca
Lagocephalus laevigatus	Baiacú-ará
Lagothrix infumata, L. lagotricha	Barrigudos
Lanternaria	Jequitiranabóias
Larimus breviceps	Ubeba
Larus, L. maculipennis, L. atricilla	Gaivotas
Lasiodora curtior	Caranguejeira
Lathria cinerea	Cricrió
L. virussu	Tropeiro
Leander sp	Potimirim

Leistes militaris, L. superciliaris .	Polícia inglesa
Legatus albicollis	Benteví pequeno
Leontocebus rosalia	Saguí piranga
Lepas anatifera	Craca
Lepidoselaga crassipes, L. lepidota	Cabo verde
Lepidosiren paradoxus	Pirambóia
Lepidosternon	Cobras de duas cabeças
L. microcephalum	veja Ibiboca
Lepisma saccharina	Traça dos livros
Leporellus sps	Taguara, Solteiras
Leporellus timbore	Chimboré
Leporinodus sps	Solteiras
Leporinus, L. copelandi	Piavas
Leptodactylus	Gias
L. ocellatus	Rã
L. pentadactylus	Nimbuia, Rã
Leptus	Micuins
Leptopodia sagittaria	Aranha do mar
Leptotila, L. ochroptera, L. reichenbachi, L. rufaxilla . . .	Jurutís
(Lepus cuniculus)	veja Tapití
Lestrimellita limao	Iraxim
Lethocerus	Barta d'água
Leucoptera cofeella	Mariposa do café
Leucolepia modulator	Uirapurú
L. musica	Realejo
Leuconerpes candidus	Pica-pau branco, veja Birro
Leucopternis	Gavião pombo
Lichenops perspicillata	Viúva
Ligyrus bituberculatus, L. humilis	Pão de galinha
Limnaea	Catasol
Limnoria terebrans	Turú
Limnopardalus, L. nigricans, L. rythirhynchus	Saracuras
Linognathus setosus	Piolho
Liophis	Parelheiras
L. miliaris	Cobra d'água
L. poecilogyrus	Jararaquinha do campo
Lobotes surinamensis	Prejereba
Loligo brasiliensis	Calamar
Loliguncula brevis	Calamar
Loncheres armatus	Cururú-xoré, Guabirú-iú
Loncheres sps	Curuás, Ratos de espinho
Lophiosilurus	Pacamão
Lophius piscatorius	Diabo marinho
Loricaria sp	Viola
(Lorius)	Lôro
Lucilia	Varejas
Lucina brasiliensis, L. jamaicensis, L. cryptella	Ameijas
Luciopimelodus platanus	Fidalgo
Lutra paranensis	Lontra
Lycengraulis	Sardinhas
Lycengraulis grossidens	Manjuba
Lycosa raptoria	Aranha
Lyponissus bursa	Piolhinho dos ninhos
Lystrophis dorbignyi	Boi-peva
(Lyta vesicatoria)	Cantárida

M

Macrodon	Guêtes
M. ancylodon	Pescada
Machetornis rixosa	Suirirí
Macrodactylus suturalis	Vaquinha
Macrophora accentifer	Arlequim
Macropsalis, M. creagra	Curiango tesoura
Malacanthus plumieri	Bom-nome
Malacoptila torquata	João barbudo
(Malapterurus)	veja Poraquê
Malthea longirostris	Guacucuia
Manacus sps	Atangarás
Manatus inunguis	Peixe boi
(Mantis religiosa)	Louva Deus
Manta ehrenbergi	Jamanta
(Manus)	veja Desdentados
Marinella interpres	Massarico
Marmosa	Quicas
Mazama	Veados
M. americana	Veado pardo
M. nana	Camocica
M. rondoni	Foboca
M. rufina	Guarapú, Bororó
M. simplicicornis	Veado virá
Mazama sps	Guarapús
Mecistomela, M. corallinus, M. marginatus	Bartas dos coqueiros
Megachile	Abelhas
Megalestris	Gaivotas rapineiras
Megalobrycon piabanha	Piabanha
Megalopyge sps	Tatoranas
Megaptera	Baleias
Megarhynchus pitangua	Benteví de bico chato
Melanerpes flavifrons	Benedito
Melipona	Abelhas sociais indígenas
Melipona anthidioides	Mandassaia
M. argentata	Mel de cachorro, Cupira
M. flavipennis	Tapieira
M. interrupta	Jandaíra
M. kohli	Cupira
M. (Trigona) limao	Iraxim
M. (Trigona) lineata	Jataí da terra
M. marginata	Mandurim
M. nigra	Guarupú
M. pallida	Cupira, Iraxim
M. pallida cupira, M. p. helleri	Cupira
M. pulviventris	Cupira
M. quadrifasciata	Mandurí
M. rufiventris	Tujuba
M. rufricus flavidipennis	Guaxupé
M. santhilarii	Mandassaia do chão
M. scutellaris	Tujuba
M. (Trigona) testaceicornis	Camuengo
M. (Trigona) timida	Frecheira
M. (Trigona) varia	Abreu
Melita testudinea	Corrupio do mar
Menidia brasiliensis	Manjuba

Menemerus bivittatus	Meirinho
Menippe rumphi	Guiá das pedras
Menticirrhus americanus	Betara
Merganser octosetaceus	Patão
Mesodesma mactroides	Sernambí
Metachirus sps	Quicas
Metachirus	Jupatís
Metamasius sp	Moleque
Metopiana peposaca	Ganso do mato
Micrastur semitorquatus	Tem-tem
Microdactylus cristatus	Seriema
Microlepidogaster	Cascudos
Micropogon, M. opercularis, M. undulatus	Corvinas
Micrurus, M. corallinus, M. frontalis, M. lemniscatus	Cobras corais, veja Ibiboca
Milvago chimachima	Caracaraí
M. chimango	Caracaraí
Mimus lividus	Sabiá da praia
M. saturninus	Sabiá poca, Calhandra
Mionectes oleaginus, M. rufiventris	Supí
Mischocytarus ater	Capuxú
Mischocytarus sps	Caboclo
Mithrax, M. hispidus	Santola
Mitu mitu	Mutum cavalo
Mobula olfersi	Jamanta
Mocis repanda	Lagarta do milharal
Modiolus guianensis, M. tulipa . .	Bacucú, Sururú de Alagôas
Moenkhausia	Lambarís
Moharra rhombea	Carapeba
Mola mola	Peixe lua
Molothrus badius	Vira, Aza de telha
M. bonariensis	Chopim
M. bonariensis atronitens	Azulão
M. brevirostris	Vira
Momotus	Juruvas
M. paraensis	Hudú
Monacanthus ciliatus	Cangulo
M. hispidus	Peixe porco
Monalonium xanthophylolum . .	Chupança do cacau
Monasa	Tangurú-pará
Monedula	Cazuza
Monocirrhus polyacanthus	Peixe-folha
Monomorium pharaonis	Formiga assucareira
Mormidea poecilia	Pulga d'anta
Morpho	Borboletas
Morpho sps	Capitão do mato
Morphnus guianensis	Harpia
Mugil	Tainhas
M. brasiliensis	Paratí
M. cephalus	Tainha
M. curema	Paratí
M. lisa, M. platanus	Tainha
M. trichodon	Paratí
Muletia	Mulita
M. hybridum	Tatuíra
Mulloides	Salmonete

Mullus surmuletus	Salmonete
Muraena	Caramurús
Murex	Japuruchita
Mus decumanus	Ratazana
M. musculus	Camondongo
M. norvegicus	Ratazana
M. rattus, M. rattus alexandrinus	Rato caseiro
Musca domestica	Mosca comum das casas
Muscivora tyrannus	Tesoura
Mussa hartti	Cachimbo
Mycetes	Bugios
Mycteria americana, M. mycteria	Jabirú, Tuiuiú
Mydaca pici	Berro
Myelobia	Bichos da taquara
Myiarchus ferox	Pai-Agostinho
Myiobius fasciculatus	Caga-sebo
Myiopsita monachus	Catorra
Myiozetetes similis	Bentevizinho
Myletes bidens	Pacú, Curupetê
Myocastor coypus	Ratão do banhado
Myospiza manimbe	Tico-tico do campo
Myotis	Morcegos
Myripristis jacobus	Fogueira
Myrmeocophaga jubata	Tamanduá-assú
Mystax	Saguís
Mytilus	Itãs, Mariscos
(M. edulis), M. edulis platensis .	Mexilhões
M. perna	Sururú

N

Narcine brasiliensis	Treme-treme
Nasua narica	Coatí
Naucrates ductor	Pilôto
Nebris microps	Maria mole
Nectarina lecheguana	Lecheguana, Sissuíra
Neda sanguinea	Joaninha
Nemosia guira	Pintassilgo
Neomaenis analis	Vermelho
N. aya	Cherne vermelho, Vermelho
N. jocu	Dentão, Cioba
Neomaenis sps	Cioquiras, Enchó, Caranhas Vermelhos, veja Carapitanga
N. synagris	Cioba
Neomorphnus geoffroyi	Taiassú-uíra
Neoponera villosa	Formiga de rabo
Nephila cruentata	Aranha
(Nephrops)	Lagosta
Neptunus cribarius	Sirí-chita
Nettion brasiliensis	Ananaí
N. flavirostre	Assobiadeira
Nicoria punctulata	Jabotí aperema
Noctiluca miliaris	Fosforescência
Nomonyx dominicus	Paturí
Norops	Víbora
Nothocrax urumutum	Urú-mutum

Nothura buraquira	Codorna buraqueira
N. maculosa	Codorna
N. minor	Codorna mineira
(Novius cardinalis)	Joaninha
Numenius borealis	Massaricão
Nyctanassa violacea	Matirão
Nyctibius, N. aethereus, N. griseus	Uratáus, veja Bacuráu
Nyctidromus albicollis	Bacuráu

O

Oceanites oceanica	Alma de mestre
Ocypode albicans	Maria farinha
O. arenaria	Espia maré, Maria farinha
Ocyurus chrysurus	Mulata, veja Guaiúba
Odocoelus gymnotis	Veado galheiro do Norte
Odontaspis americanus	Mangonga
Odonthestes bonariensis	Peixe-rei
Odontophorus capueira, O. guyannensis	Urú
Oedichnemus bistriatus	Téu-téu
Oedipleura cordata	Uçá
Ogcocephalus sp	Peixe morcego, Guacucuia
Oiketicos kirbyi	Bicho de cesto
Olivancillaria auricularia, O. brasiliana	Pavacaré
Olygoplites saurus	Guaíbira
Ommastrephes bartrami	Calamar
Oncideres	Serra-pau
Oniscus	veja Tatuzinho
Onychorhynchus coronatus, O. swainsoni	Papa mosca real
Ophichthys gomesi	Moreia
Ophiodes claelia, O. striatus . . .	Cobra de vidro
Ophryoessa	Camaleões comuns
Opisthocomus cristatus	Cigana
Opisthonema oglimum	Sardinha de gato, Sargo
Ornithodorus rostratus, O. talage	Carrapato do chão
Ortalis, O. squamata	Aracuã
Orthopristis	Corcoroca
(Orycteropus)	veja Desdentados
Oryzoborus angolensis	Avinhado
O. crassirostris, O. maximiliani .	Bicudos
Oryzomys leucogaster	Cujara
Osteoglossum bicirrhosum	Aruanã
Ostinops decumanus	Japú
Ostrea brasiliana	Gurerí
O. parasitica, O. pulchana, O. spreta, O. virginica	Ostras
Otaria byronia	Lobo do mar
Otocinclus	Cascudos
Otocrania	Bichos pau
Otus clamator	Mocho orelhudo
Oxydoras	Cuiú-cuiús
Oxyrhamphus flammiceps	Chibante, Araponguinha
Oxystila phlogera	Caramujo do café

P

Pachymerus nucleorum	Bicho de côco
Pachypops	Pescadas d'água doce
Pachyrhamphus	Caneleira
Pachyurus	Pescadas d'água doce
P. francisci	Sofia
Paederus columbinus	Potó
Pagrus pagrus	Pargo
Palaemon jamaicensis	Cutipaca
Palaemon sps	Potí-mirim
(P. serratus)	Camarão
Palamedea cornuta	Anhuma
Paleocryptes melanops	Tico-tico do birí
Palinurus argus, (P. vulgaris), P. laevicauda	Lagostas
Paludina	Aruás
Pandion halietus carolinensis	Aguia pescadora
Panopaeus herbsti	Guaiá das pedras
Pantophthalmus pictus	Moscardo
Panyptila	Andorinhões
P. cayenensis	Tentenzinho
Papilio	Borboletas, Papílios
Parachartergus apicalis	Caba-mutuca
Paralichthys brasiliensis	Linguado
Paraponera clavata	Tocandira
Paratractus chrysos	Cherelete
Pareiodon pusilus, P. microps	Candirús
Parepinephelus acutirostris	Badejete
Parmula batesi	Cauichí
Paroaria	Cardeal
P. gularis, P. larvata	Galos de campina, veja Acapitã
P. capitata	Cardeal, veja Acapitã
(Parona signata)	Palometa
Parra jacana	Jaçanã
Passer domesticus	Pardal
Patella	Lapas
Paulicea lütkeni	Jaú
Pecten nodosus	Leque
Pediculus humanus corporis	Muquirana
P. humanus, P. mjöbergi	Piolhos
Pelecanus fuscus	Pelicano
Pellona flavipinnis	Sarda
Penaeus brasiliensis, P. setiferus	Camarões
P. (Xiphopenaeus) kroyeri	Camarão
Penelope	Jacús
P. jacucaca	Jacú-caca
P. obscura	Jacú-guassú
P. superciliaris, P. jacupeba	Jacú-peba
Pengodes	Vagalumes
Pentilia egenea	Joaninha
Peprilus paru	Parú
Pepsis	Cavalo de cão
Peramys sps	Quicas
Percophis brasiliensis	Tira-vira
Periplaneta americana	Barata

Periporphyrus erythromelas . . .	Bicudo encarnado
Peristedion	Cabrinhas
Petrometopon cruentatus	Piraúna
Phacoides pectinatus	Ameija
Phanaeus lancifer	Escaravelho
Phaenicocercus carnifex, P. nigricollis	Uiratata
Phaeomyias murina	Bagageiro
Phaeton aethereus	Rabo de palha
Phaetornis	Beija-flores
Phaetusa magnirostris	Andorinha do mato
Phalloptychus caudimaculatus . .	Guarú-guarú
Pharomacrus	Surucuás
Phasma	Bichos-pau
Pheretima hawayana	Minhoca louca
Phibalosoma	Bichos-pau
Philodryas	Parelheiras, Cobras cipó
Phimosus nudifrons	Coró-coró
Phineodon typicus	Tubarão
Phlebotomus, P. intermedius . . .	Biriguís
P. squamiventris	Tatuquira
Phlegopsis	Mãe de taóca
Phobetron	Lagarta-aranha
P. hiparchia	Sauí
Phocaena sp	Toninha
Phoenicopterus, P. chilensis, P. ruber	Flamengos
Pholus lambruscae	Mariposa beija-flor
Phractocephalus hemilopterus . .	Pirarara
Phrynonax sulphureus	Papa pinto, Limpa-campo
Phthirius pubis	Chato
(Phycis sp)	Abrote
Phyllomyias sps	Cagassebinhos
Phyllostoma hastatum, P. spectrum	Andira-guassú
Phylloxera vastatrix, P. vitifoliae	Filóxeras
Phylomedusa, P. iheringii	Pererecas
Physalia	Urtigas do mar
P. caravela	Caravela
Physeter macrocephalus	Cachalote
Piaya cayana	Alma de caboclo
Picolaptes	Arapassús
Picumnus	Pica-pau anão, Ipecú-mirim
Pieris	Borboletas
Pilherodius pileatus	Garça real
Pilumnus aculeatus	Guaiá das pedras
Pimelodella	Mandí-chorão
P. lateristriga	Mandí-chorão, Ceguinho
Pimelodus clarias	Mandí-juba
P. fur	Papa isca
P. pati	Piracatinga
Pimelodus sps	Mandí-guassú
Pinguipes brasilianus	Namorado
Piniranpus pinirampu	Piranambú
Pinotus	Escaravelhos
Pionites leucogaster, P. l. xanthomerius, P. melanocephalus . .	Marianinha
Pionopsitta barrabandi	Curica

Pionopsitta pileata . . . Cuiú-cuiú
Pionus . . . Maitacas
P. maximiliani . . . Maitaca
P. menstruus . . . Parauaí
Piophila casei . . . Saltão
Pipa americana . . . Cururú
Pipile . . . Jacús
Pipra sps . . . Tangarás
P. opalizans, P. caelestipileatus . Uirapurús
Pisorhina . . . Corujas
Pitangus sps . . . Benteví carrapateiro
P. sulphuratus . . . Benteví
Pithecia albinasa . . . Pirolucú
P. chiropotes, P. satanas . . . Cuxiú
P. monachus . . . Parauacú
Pitylus fuliginosus . . . Bico pimenta
Placocephalus kewensis . . . veja Lesma
Plagioscion . . . Pescadas d'água doce
Planaria . . . veja Lesma
Planorbis, P. centimetralis, P. olivaceus . . . Corondó
Platemys . . . Cágados
P. platycephala . . . Jabotí-machado
Platycichla flavipes . . . Sabiá-una
Platydera gossypiella . . . Lagarta rosada
Platysqualus tudes . . . Chapéu armado
Platystacus cotylephorus . . . Rabeca
Platystomatichthys sturio . . . Pirapeuáua
Plecostomus . . . Anhás, Cascudos
Plegadis guarauna . . . Guaraúna
Plotus anhinga . . . Biguá-tinga
Podager nacunda . . . Tabaco-bom, Sebastião
Podalia . . . Tatoranas
Podalgus . . . Torresmos
Podiceps sps . . . Mergulhão
Podilymbus sps . . . Mergulhão
P. podiceps . . . Mergulhão caçador
Podocnemis . . . Aiassás, Tracajás
P. cayenensis . . . Tracajá
P. dumeriliana . . . Cabeçuda
P. expansa . . . Capitarí
P. lewyanna . . . Arapussá
P. sextuberculata . . . Aiassá
Podocnemis sps . . . Capinimas
Poecilia . . . Guarú-guarús
Poecilonetta bahamensis . . . Marreca toucinho
Pogonias cromis . . . Miraguaia
Polistes canadensis . . . Caba-piranga
Polistes sps . . . Cavapitas
Polydactylus virginicus . . . Barbudo
Pomacanthus arcuatus . . . Parú da pedra
Pomadasys crocro . . . Ticopás
Pomatomus saltatrix . . . Enchova
Polyborus tharus . . . Carancho
(Polybius) . . . Carraça
Polychrus . . . Camaleões
Polypus tehuelchus . . . Polvo

Polybia dimidiata	Tapiú, Lamborina
P. scutellaris	Camoatim
P. sedula	Caba-mirim
P. sylveirae	Enchú
P. vicina	Cassununga
Polyclemus brasiliensis	Maria mole
(Portunus)	Carraça
Potamorhaphis guianensis	Pirapucú
Potos flavus	Jupará
Polyrhachis bispinosus	veja Isca
Prenolepis fulva	Formiga assucareira
P. longicornis	Formiga doida
Priacanthus arenatus	Olho de cão
Priodontes giganteus	Tatú canastra
Prion	Pombas do cabo
Prionotus	Cabrinhas
Pristigaster cayanus	Sardinha de água doce
P. martii	Apapá
Pristignathus martii	Pataquera
Pristis perroteti, P. pristis, P. pectinatus	Peixe serra
Prochilodus	Corumbatás, Bacús, Jaraquís
Procyon cancrivorus	Mão pelado, Jaguaracambé
Proechimys	Sauiás
Progne chalybea domestica	Andorinha
P. purpurea, P. tapera	Taperá
Promicrops itaiara	Mero
Prorops nasuta	Vespa de Uganda
(Protopterus)	veja Pirambóia
Pseudacanthicus hystrix	Guacarí-guassú
Pseudageneiosus	Mandubés
Pseudauchenipterus nodosus . . .	Carataí
Pseudoboa	veja Cobra Preta
P. cloelia	Mussurana
P. trigemina	Cobra coral falsa
Pseudomyrna	Tachí
Pseudopercis numida	Namorado
Pseudopimelodus zungaro	Pacamão
Pseudoplatystoma, P. corruscans, P. fasciatum	Sorubins
Pseudostegophilus scarificator . .	veja Candirú
Pseudoseisura cristata	Casaco de couro
Pseudothyrina iheringii	Peixe-rei
Psittacula	Piriquitos, Tuins
P. guyanensis, P. passerina . . .	Tuins
Psophia crepitans, P. sps	Jacamins
Psoroptes	Sarna
Pterodoras granulosus	Abotoado
Pteroglossus, P. beauharnaisi . .	Araçarís
Pteronura brasiliensis	Ariranha
Pterophyllum scalare	Acará-bandeira
Pteroplatea altavela, P. micrura .	Borboleta
Pterygoplichthys aculeatus . . .	Guacarí-guassú
Ptilochloris squamata	Chibante
Pulex irritans	Pulga
Pulsatrix	Mochos

Pulsatrix perspicillata . . . . . Mocho mateiro, veja Murucututú
Purpura haemastoma . . . . Sacuritá
P. haemastoma consul . . . . Muçarete
Putorius frenatus paraensis . . . Doninha
Pygidium sps . . . . Anduiás
Pygocentrus, P. piraya . . . . . Piranhas, veja Chupita
Pyranga sayra . . . . Sanhasso de fogo
Pyriglena . . . . Saúnas, Papa-taócas
Pyriglena leucoptera . . . . . . Papa-taóca
Pyrocephalus rubinus . . . . . . Miguim
Pyrocystis . . . . veja Fosforescência
Pyroderus scutatus . . . . Pavó
Pyrodinium . . . . veja Fosforescência
Pyrrhura . . . . Periquitos, Merequéns
(Python reticulatus) . . . . . . veja Sucurí

Q

Querimana . . . . Saúna
Querula purpurata . . . . Anambé
Quesada sodalia . . . . Cigarra do cafesal

R

Rachycentron canadus . . . . . . Bijú-pirá
Raja agassizii . . . . Raia santa
R. castelnaui . . . . Raia-chita
(Rana) . . . . Rã
Ranzania truncata . . . . Peixe-lua
Remora . . . . Pegador
Reniceps tiburo . . . . Pata
Renilla reniformis . . . . Cogumelo do mar
Rhachidelus brasili . . . . Cobra preta
Rhadinea . . . . Cobras lisas
Rhamdia . . . . Bagres d'água doce, veja Xué
R. sapo, R. hilari, R. quelen, R. sebae . . . . Jundiás
R. lateristriga, R. vittata . . . . Chorolambre
Rhamphastos ariel, R. cuvieri, R. dicolorus, R. osculans, toco . Tucanos
Rhamphocoelus brasiliensis . . . Tié-fogo
Rhaphiodon vulpinus . . . . . . Saranha
Rhea americana, (R. darwini) . . Ema
Rhinchotus rufescens . . . . . . Perdiz
Rhinelepis . . . . Guacarís
Rhinemys . . . . veja Tartaruga
Rhinobatis brevirostris, R. percellens . . . . Viola
Rhinocricus . . . . Caramují
Rhinoptera jussieui . . . . Ticonha
Rhipicephalus, R. sanguineus . . Carrapato vermelho do chão
Rhizostoma . . . . Água-viva
Rhodnius . . . . Barbeiros
Rhomboplites aurorubens . . . . Carapitanga
(Rhombus) . . . . veja Linguado

Rhopalurus	Escorpião
Rhynchocyclus	veja Caixa de marimbondo
Rhynchophorus	veja Moleque
R. palmarum	Aramandaia
Rhyncops nigra	Talha mar
Rivulus	veja Tralhoto
Rondonia	veja Pacú
Rosthramus hamatus, R. sociabilis	Caramujeiro
Rothschildia sps	veja Bicho da seda
Rupicola peruviana, R. rupicola	Galo da serra
Rupornis magnirostris	Gavião carijó
Rypticus saponaceus	Badejo sabão

S

Sagenichthys	Guêtes
Saimiris boliviensis, S. cassiquiariensis, S. sciurea	Macaco de cheiro
Salangana	Andorinhões
Salema rhomboidalis	Caranha
Salminus hilarii	Tabarana
S. maxillosus, S. brevidens	Dourado
Saltator	Trinca-ferros
S. atricollis	Trinca-ferro
S. similis	Bom-dia-seu-Chico
Salvator	veja Lagarto salvador
Sarcoptes scabiei	Sarna, Pirá
Sarcopsilla	Bicho do pé
Sarda sarda	Sarda, Serra
(Sardina pilchardus)	Sardinha
Sardinella aurita	Sardinha
S. macrophthalma	Sardinha cascuda
Sarkidiornis carunculata, S. sylvicola	Pato do mato
Scardafella squamosa	Fofo-apagou
Scarus	Papagaios
Schistocerca	Gafanhotos
S. paranensis	Gafanhotos da praga
Schizodon fasciatus	Aracús
Schizodon sp	Campineiro
Schystosoma mansoni	veja Corondó
Sciurus, S. aestuans, S. langsdorffi	Serelepes
Sclerurus, S. scansor	Pincha cisco
Scolopendra, S. morsitans	Centopéias
Scomber colias	Cavala do reino
Scomberomorus cavala	Cavala do reino
S. maculatus	Sororoca
S. regalis	Cavala branca
Scombroides occidentalis	Solteira
Scutigera	Centopéias
Scyllarus aequinoctialis	Lagostim
Selasoma tibiale	Mutuca
Seleme vomer	Peixe galo
Selenidera	Araçarí-poca
Selenothrips rubrocinctus	Queima
(Sepia officinalis)	Calamar
Seriola carolinensis	Olhete

Seriola lalandi	Arabaiana
Seriola sp	Enchó
Serpophaga sp	João pobre
S. subcristata	Alegrinho
Serranus sps	Baúnas, Jabús
Serrassalmus, S. brandti, S. denticulatus, S. rhombeus, S. serrulatus	Piranhas
Sesarma	Aratús
Sicalis arvensis	Tipio
S. flaveola, S. pelzelni	Canários da terra
(Silurus)	Bagres de água doce
Simulium	Borrachudos
S. amazonicum	Piúm
S. exiguum, S. perflavum, S. pertinax, S. venustum	Borrachudos
(Siphonaria)	Lapa
Siphonops	Cobra cega
Siphostoma	Cavalo marinho
Siptorins	Pichororé
Sisopygis icterophrys	Suirirí
Solaropsis	Japuruchita
Solen tehuelchum	Unha de velha
Solenopsis geminata	Lapa-pés
Sorubim lima	Jurupoca
Sorubimichthys planiceps	Pirauaca
Sotalia tucuxi	Tucuxí
Speotito canicularia grallaria . .	Coruja do campo
Speothos sps	Janauaíra
S. venaticus, S. wingei	Cachorro do mato
Sphaeroma	Tatuzinho
Spheniscus magellanicus	Pinguim
Spheroides spengleri, S. testudineus	Baiacú-pinima
Sphyraena barracuda	Bicuda, Bicuda de corso
S. picudilla	Bicuda
Sphyrna zygaena	Peixe martelo
Spilotes pulatus	Caninana
S. poecilostoma	Limpa-campo
Spilotus	Limpa-campo
Spiniger domesticus	Barbeiro
Spinus ictericus	Pintassilgo
Spizaetus	Gavião pega-macaco, veja Harpia
S. ornatus, S. tyrannus	Apacamim
Spizastur melanoleucus	Gavião pato
Sporophila coerulescens	Coleirinha
S. leucoptera hypoleuca	Cigarra
S. lineola	Coleirinha
S. melanocephala, S. m. ochrascens	Coleirinha do brejo
S. nigroaurantia	Caboclinho
S. plumbea	Patativa
S. pileata	Coleirinha do brejo
Sporophila sps	Papa-capins
S. superciliaris	Papa-arroz
Squalus blainvillei	Cação bagre
Squatina squatina	Cação anjo

Squila sps	Tamarutacas
Stagmatoptera	Louva Deus
Stegomyia aegypti	Carapanã-pinima
S. fasciata	Pernilongo
Stegophilus, S. intermedius, S. insidiosus	Candirús
Stellifer sps	Cangoás, Pirucaias, Quidunde
Stelopolybia vulgaris	Caba de peixe
Steno brasiliensis	Bôto
Stenodelphys blainvillei	Toninha, Franciscano
Stephanophorus lencocephalus	Sanhasso, Azulão
Stoasodon narinari	Raia pintada
Stolephorus	veja Manjuba
Stomoxys	veja Berne
S. calcitrans	Mosca, Mosca do bagaço
Stephanoderes coffeae	Broca do café
Stercorarius	Gaivota rapineira
Sterna, S. eurygnatha, S. hirundinacea, S. maxima, S. superciliaris	Trinta-réis
Sternarchorhamphus tamandua	Pirá-tamanduá
Sternarchorhynchus	Pirá-tamanduá
Sternarchus	Ituís
Stoasodon narinari	Raia pintada
Strix clamator	veja Jacurutú
S. flammea perlata	Suindara
Strombus	Bugios
S. pugilis	Pregoarí
Strophocheilus	Caramujos do mato
(Struthio camelus)	Avestruz
Sula leucogastra	Mergulhão
Sylvilagus minensis	Tapití
Symphysodon discus	Morerê
Synallaxis, S. albescens, S. cinnamonea	Pichororés
Synbranchus marmoratus	Mussum
Syngamus trachealis	Forquilha
Synodus intermedius	Lagarto do mar
Synphysoglyphus	Pescada
Synoeca cyanea	Caba-tatú
S. irina	Irina
Synthesiomyia brasiliana	Vareja

T

Tabanus aurora, T. mexicanus, T. modestus	Mutucas
Tachyphonus coronatus	Guarundí
T. cristatus	Guarundí, Tié-galo
Tachysurus	Bagres, Gurí, Urí
T. barbus	Bagre
T. grandicassis	Bagre beiçudo
T. luniscutis	Bagre caiacoco, Gurijuba
T. nuchalis	Iriceca
T. parkesi	Bagre ariassú
T. proops	Urí
T. spixii	Bagre amarelo

Taenia saginata, T. solium	Solitárias
Taenioptera irupero, T. velata	Lavadeiras
Taenioptera nengeta	Pombinha das almas
Tagelus gibbus	Unha de velha
Talassochelys caretta	Tartaruga do mar
Talaus sps	Carrapatos dos peixes
Tamandua tetradactyla	Tamanduá-mirim
Tanagra, T. cyanoptera, T. ornata, T. palmarum	Sanhasso
Tantalus americanus	Tuiú-tuiú, Jabirú, Tuiuiú
Taoniscus nanus	Codorna buraqueira
Tapera naevia	Sací
Tapirus americanus	Anta
Tarpon atlanticus	Camarupim
Tayassu albirostris	Queixada, Tiririca
T. tayassu	Caitetú
Tayra barbara	Irara
Tegula viridula	Rosquinha
Teredo	Turú
Testudo tabulata	Jabotí
Tetragonopterus	Lambarís
Tetranychus molestissimus	Micuim
Thalassophryne	Peixes sapo, Niquins
Thamnophilus sps	Batará, Papa-ovo, Borralhara, Choca
T. cinerea	Borralhara
T. leachi	Brujarara, Papa-ovo
Theridium	Aranha
Theristicus caudatus	Curicaca, Tapicurú
Thliboscelus cameliifolia	Tananá
Thomisius	Aranha, veja Baba de boi
Thrasaetus harpyia	Harpia
Thrips	Queima
Thriothorus genibarbis	Vôvô
(Thunnus thynus)	Atum
Tigrisoma	Socó-boi
Tijuca nigra	Assobiador
Tinamus	Inambús, Macuco
T. guttatus, T. serratus, T. solitarius	Macucos
T. tao	Inambú-guassú, Macuco
Tinea granella	Caruncho, Traça
T. pelionella	Traça
Tinnunculus sparverius cinnamominus	Quirí-quirí
Tityra	Anambés, Araponguinhas
Todirostrum	Ferreirinhas
T. poliocephalum	Teque-teque
Tolypeutes tricinctus	Tatú bola
Tomaspis	Cigarrinhas
Topaza pella	Beija-flor
Toxopneustes variegatus	Pindá
Toxoptera aurantiae	Pulgão
Trachinotus carolinus	Pampo de cabeça mole
T. falcatus	Sernambiguara, Arabebéu
T. palometa	Galhuda
Trachurus trachurus	Chicharro

Trachycorystes galeatus	Anujá
T. striatulus	Cangatí
Trachycorystes sp	Cumbaca
Trachyderes thoraxicus	Broca
Thriothorus genibarbis	Vôvô
Triatoma	Procotós, Borrachudos
T. infestans, T. megistus, T. sordida, T. rubrofasciata	Barbeiros
Trichecus manatus	Peixe boi
Trichiurus lepturus	Peixe espada
Trichodactylus	Guaiaúna
Trichodectes	Piolho das aves
Trichomycterus brasiliensis . . .	Cambeva
Trichomycterus sp	Peixe gato
Trichomys apereoides	Rato boiadeiro
Trichotraupis melanops	Tié de topete
Triclaria cyanogaster	Sabiá cica
Trichophaga tapeziella	Traça
Trigona	Abelhas sociais indígenas
T. bipunctata	Tubuna
T. cagafogo	Caga-fogo
T. capitata	Mombuca
T. clavipes	Vorá
T. cupira	Iraxim
T. dorsalis	Tujú-mirim
T. duckei	Lambe-olhos, Mirim
T. heideri	Aramá
T. helleri	Iraxim
T. iheringi	Tubuna
T. jaty	Jataí
T. lineata	Jataí da terra
T. minima	Abelha-mirim
T. molesta	Tujuvinha
T. mosquito	Abelha mosquito
T. muelleri	Mirim
T. ochrotica	Tubuna
T. postica	Tubuna
T. quadripunctata	Abelha mulata, Irussú
T. rufricus	Irapuã
T. rufricus flavidipennis	Guaxupé
T. schrottkyi	Mirim-preguiça
T. silvestriana	Sanharão
T. silvestris	Moça branca
Trigona sp	Bijuí, Tubí
Trigona sps	Bôca de sapo, Torce-cabelos, Mirins
T. subterranea	Irussú
T. testaceicornis	Jataí mosquito
T. tubiba	Tapissuá
T. varia	Moça branca
Tripanosoma cruzi	veja Barbeiro
T. equinum	veja Capivara
Trisotropis bonaci, T. microlepis .	Badejo
Trochus sp	Muçarete
Troglodytes musculus	Corruíra
Trogon	Surucuás
Tropidacris	Gafanhoto

Tropidurus torquatus . . . . Taraguira
Tryophilus . . . . Corruirassús
Tubella reticulata . . . . Cauichí
Tunga coecata . . . . Bicho do pé
T. penetrans . . . . Bicho do pé, Zunga
T. travassosi . . . . veja Bicho do pé
Tupinambis . . . . veja Lagarto salvador
T. nigropunctatus . . . . Jacuruarú
T. teguixim . . . . Teiú
Turdus albicollis . . . . Sabiá coleira
T. amaurochalinus . . . . Sabiá branco
T. croptopegus . . . . Sabiá da lapa
T. fumigatus . . . . Carachué, Carachué da capoeira
T. gymnophthalmus, T. phaepygus Carachué
T. rufiventris . . . . Sabiá laranjeira
(Tursiops) . . . . Roaz
Tylosurus . . . . Agulhas
T. raphidoma . . . . Agulhão
Tylosurus sp . . . . Agulhão de vela
Typhlobagrus kronei . . . . Ceguinho
Tyrannus melancholicus . . . . . . Suirirí
Tytius bahiensis . . . . Escorpião

U

Uca cordata . . . . Carangueijo
Uca maracoani . . . . Maracuaim, Tesoura
Uca vocator . . . . Chamà-maré
Umbrina coroides . . . . Papa-terra
Upeneus maculatus . . . . Pirametara
Uranoscopus . . . . Niquins, Tandujús
U. sexpinosus . . . . Tandujú
Urochroma . . . . Periquitos
Uroleuca cyanoleuca . . . . Gralha
Urophycis sp . . . . Abrote
Urubitinga urubitinga . . . . . . Cancã

V

Vaginulus . . . . Lesmas
Vampirus spectrum . . . . Morcego
Vandellia . . . . Candirús
V. cirrhosa . . . . Candirú, Candirú de cavalo
V. plazai . . . . Candirú de cavalo
Veronicella . . . . Lesmas
Vireo chivi . . . . Juruviara
Volatinia jacarini . . . . Tísio
Voluta . . . . Atapús
Vomer setapinnis . . . . Peixe galo
(Vulpes vulpes) . . . . Raposa
(Vultur) . . . . Abutres

W

Wasmania sps . . . . Pichichicas

X

Z

o———

ÍNDICE DAS FAMÍLIAS E SUB-FAMÍLIAS CITADAS NO TEXTO

A

B

C

D

E

F

G

H

I

J

L

M

N

O

P

R

S

T

U

V

X

RELAÇÃO DE NOMES VULGARES ORGANIZADA POR CLASSES

MAMMÍFEROS

Acutipurú; Agutí; Agutipurú; (Aí); (Aig); Andira; Andiraguassú; Anta; Aracambé; Ariranha; Assoprador; Baleia; Barbado; Barrigudo; Batuvira; Bengo; Bôca d'água; Bôca preta; Bororó; Bôto; Bôto branco; Brôco; Bugio; Buriquí; Cabeludo; Cachalote; Cacharréu; Cachinche; Cachinguí; Cachorro-aô; Cachorro do mato; Caiarara; Caitetú; Caldeirão; Calunga; Camocica; Camondongo; Candimba; Canela ruiva; Cangambá; Cangussú; Cangarana; Caparos; Caparú; Capelão; Capijuba; Capincho; Capivara; Carajá; (Caridagueres); Cassaco; Cateto; Catingueiro; Catita; Caxinguelê; Cervo; Chauim; Chichica; Coandú; Coatá; Coatí; Coatímondéu; Coatí de vara; Coatiaipê; Coatipurú; Coelho do mato; Colete; Cuandú; Cuatí; Cuí; Cuiara; Cuica; Cujara; Curuá; Cururú; Cururú-xoré; Cururuá; Cutia; Cutia de rabo; Cutiaiá; Cuxiú; Desdentados; Doninha; Ei-ã; Eira; Esquilo; Foboca; Franciscano; Furão; Gambá; Gapororoca; Garapú; Gararú; Gato do mato; Gato do mato grande; Gato mourisco; Gato dos pampas; Golfinho; Grachaim; Guabirú; Guabirú-iú; Guachinim; Guaiquica; Guandira; Guará; (Guarabá); Guarachaim; (Guaraguá); Guaraípo; Guarapú; Guariba; Guariba de mão ruiva; Guatapará; (Guazú); Guigó; Iguanara; Imbucurú; (Ipopiara); Irara; Iritataca; Jaguacinim; (Jaguané); (Jaguara-aíva); Jaguara-pinima; Jaguaracambé; (Jaguaré); Jaguaretê; (Jaguarítaca); Jaguarundí; Jaguatirica; Jaguaretaca; Jaleco; Janauaíra; Japurá; Japussá; Japussá de coleira; Jaritacaca; Jupará; Jupatí; Jurumim; Jurupará; Jurupixuma; (Lamantino); Leão marinho; (Lebre); (Lôbo); Lôbo do mar; Lontra; Macaco; Macaco adufeiro; Macaco cabeludo; Macaco de cheiro; Macaco da meia noite; Macaco da noite; Macaco prego; Maçaroca; Manaí; (Manatí); Manquiçapa; Mão pelado; Maracajá; Maracajá-mirim; Maracajá-guassú; Mariquinhas; Maritacaca; Maritataca; Manaí; Mbaracajá; Mburiquí; Meleta; Mico; Micurê; Miriquina; Mixila; Mocó; Mocura; Mondéu; Monge; Mono; Morcego; Morganho; Mucura; Mucura chichí; Mulita; Murganho; Muriquí; Nútria; Onça; Onça parda; Ouriço cacheiro; Paca; Pacarana; Papa-defuntos; Papa-mel; Paraguassú; Parauacú; Peba; Peixe-boi; Peludo; Peva; Pintada; Pirajaguara; Piroculú; Porco-espinho; Porcos do mato; Porquinho da Índia; Preá; Preá da Índia; Preguiça; Puá; Punaré; Quandú; Quatí; Queixada; Queixada ruiva; Quiara; Quica; Quica d'água; (Quija); Rabo de couro; Raposa; Raposa do campo; Ratão do banhado; Ratazana; Ratos; Rato boiadeiro; Rato caseiro; Rato catita; Rato coró; Rato de espinho; Rato rabo de couro; Rato São José; Rato da taquara; (Roaz); Saá; Sabujá; Saguí; Saguí piranga; Saiarara; Saitauá; Sagú; Sariguê; Saroê; Saná; Sauim; Sauim-guassú; Sauiá; Seguilhote; Serelepe; Simios; Soim; Suassú; Suassú-apará; Suassú-pita; Suassuapara; Sussuarana; (Tacuité); Taiabú; Taitetú; Tamanduá; Tamanduá-assú; Tamanduá-mirim; Tamanduá-í; (Tamarí); Tapir; Tapiretê; Tapití; Tatêtu; Tatú; Tatú-aíva;

Tatú-apara; Tatú-assú; Tatú bola; Tatú canastra; Tatú d'água; Tatuetê; Tatú peva; Tatú peludo; Tatú de rabo mole; Tatuxima; Taiassú; (Tigre); Timbú; Tiririca; Toninha; Toré; Toró; Tuco-tuco; Tucunaré; Tucuxí; Uacarí; Uaiapussá; Uiara; Urso do mar; Vaca marinha; Vampiro; Veado; Veado bororó; Veado branco; Veado campeiro; Veado caracú; Veado catingueiro; Veado galheiro; Veado galheiro do norte; Veado mateiro; Veado pardo; Veado virá; Virá; (Zorro); Zorrilho.

AVES

(Abutre); Acaé; Açanã; (Acanatic); (Acapitan); Acará; Acauã; Acuráua; Agachada; (Águia); Águia pescadora; Ajurú; Albatroz; Alcaide; Alcatraz; Alegrinho; Alfaiate; Alincorne; Alma de caboclo; Alma de gato; Alma de mestre; Amassa-barro; Anacã; Anambé; Anambé-pitiú; Ananaí; Andorinhas; Andorinhas do mar; Andorinhas do mato; Andorinhões; Anhinga; Anhuma; Anhuma-poca; (Anicavara); Anú; Anú branco; Anú coroca; Anú guassú; Apacamim; (Apitan); Araçarí; Araçarí-banana; Araçarí-poca; Araci-uíra; Aracuã; Araguaí; Araneuã; Arapapá; Arapassú; Arapassú de bico curvo; Araponga; Araponguinha; Arapurú; Arara; Arara-azul; Arara-canga; Arataia; Aratinga; Araúna; Arerê; Aribú; Ariramba; Ariramba da mata virgem; Arlequim; Arranca-milho; Arumará; Assanhasso; Assobiadeira; Assobiador; Atangará; Atobá; (Avestruz); Avinhado; Avoante; Aza branca; Aza de telha; Azulão; Bacacú; Bacurau; Bacurau-tesoura; Bagageiro; Baguarí; Baiagú; Bairarí; Baitaca; Barbudinho; Batará; Bate-cú; Batuíra; Batuíra do campo; Batuíra do mar grosso; Batuquira; Bauá; Beija-flor; Beija-flor do mato virgem; Bejaguí; Bentevi; Benedito; Bentererê; Bentevi de bico chato; Bentevi-gamela; Bentevi pequeno; Bentevizinho; Bico de braza; Bico pimenta; Bico rasteiro; Bico redondo; Bicudo; Bicudo encarnado; Biguá; Biguá-tinga; Bilreira; Birro; Bom-dia-seu-chico; Bom-é; Borralhara; Brejal; Brió; Brugelo; Brujarara; (Bujuí); Buraqueira; Cabeça de pedra; Cabeça sêca; Caboclinho; Caboré; Caboré do campo; Caboré do sol; Caçaroba; Cachimbó; Caçuirova; Cagasebo; Cagassebinho; Calhandra; Cambacica; Cambaxirra; Cametau; Caminheiro; Camiranga; Camoatim; Canário do Ceará; Canário pardo; Canário do reino; Canário da terra; Cancã; Caneleira; Cangica; Canindé; Capitão do mato; Capitão de saíra; Capoeira; Capororoca; Capote; Caracará; Caracará preto; Caracaraí; Carachué; Carachué da capoeira; Caramujeiro; Carancho; Carão; Carapina; Carapinhé; Carapirá; Cararú; Carará-pirá; Cardeal; Cardeal amarelo; Cardigueira; Cariaponga; (Caricho); Carqueja; Carrapateiro; Carriça; Casaco de couro; Catorra; Catorrita; Cauã; Cauauã; Cauintã; Cauré; Cavadeira; (Cegonha); Cericóia; Chabó; Chaiá; Chanchã; Chechéu; Chega e vira; Chibante; Chico preto; Chimango; Chincoã; Choca; Chocão; Chopim; Chora lua; Choró-choró; Churí; Cigana; Cigarra; Cisne; Cocar; Codorna; Codorna buraqueira; Codorna mineira; Coleirinha; Coleirinha do brejo; Colhereiro; Colibrí; Concriz; Coró-coró; Corocochó; Corricho; Corruíra; Corruirassú; Corrupião; Cortamar; Coruja; Coruja-do-campo; Coruja-de-igreja; (Corvo); Cotinga; Cotovia; Craúna; Cricrió; Crispim; Cú-cosido; Cuitelão; Cuitelo; Cuiú-cuiú; Cujubí; Curiango; Curiango tezoura; Curiavo; Curica; Curicaca; Curió; Curutié; Cutipuruí; Cutucurim; Dansador; Dormião; Ema;

Encontro; Espanta-boiada; Espanta-porco; Feixe-fradinho; Fem-fem; Ferreirinho; Ferreiro; Flamengo; Fogo-apagou; Forneiro; Frango d'água; Fura barriga; Furriel; Gaipapa; Gaivota; Gaivota rapineira; Gaivotão; Galinha de bugre; Galinha do mato; Galinhola; Galo de campina; Galo do mato; Galo do Pará; Galo da serra; Ganso côr de rosa; Ganso do mato; Garça; Garça azul; Garça branca grande; Garça branca pequena; Garça real; Garricha; Gaturamo; Gaturamo verdadeiro; Gaudério; Gavião belo; Gavião caboclo; Gavião caipira; Gavião carijó; Gavião pato; Gavião pega macaco; Gavião pega pinto; Gavião de penacho; Gavião pombo; Gavião-tesoura; Gavião de uruá; Gereba; Godero; Gibão de couro; Gralha; Grapira; Graúna; Graúna do bico branco; Grumará; Guache; Guainambé; Guandú; (Guanumbí); Guanumbíguassú; Guará; Guaracava; Guarajuba; Guaratã; Guaraúna; Guarinhatã; Guarundí; Guarundí-azul; Guatinhuma; Guirachaué; (Guiramembí); Guirapurú; Guriatã; Gurundí; Harpia; Hudú; Humaiatá; Ibijau; Inajá; Inambú; Inambú anhangá; Inambú chintã; Inambú chororó; Inambú coá; Inambú-guassú; Inambú-i; Inambú pixuna; Inambú relógio; Inambú saracuíra; Inambú sujo; Inambú-toró; Indaié; Inhabopê; (Inhacurutú); Inhaúma; Ipecú; Ipecú-mirim; Ipequí; Iratauá; Iraúna; Iraúna de bico branco; Irerê; Irrê; Itapema; Jabirú; Jabirú-moleque; Jacamacira; Jacamim; Jaçanã; Jacassú; Jacú; Jacú-caca; Jacú-guassú; Jacú-peba; Jacú-tinga; Jacurú; Jacurutú; Jandaia; Jaó; Japacanim; Japiaçoca; Japiim de costa vermelha; Japim; Japira; Japú; Japuíra; Japujuba; Jeruva; Jesus-meu-Deus; João barbudo; João de barro; João bôbo; João congo; João corta-pau; João grande; João pinto; João pobre; João tenenêm; João velho; Jucurú; Jucurutú; Jaó; Juritaí; Jurití; Jurneba; Jurutau; Jurutí; (Jurutí pepena); Jurutí piranga; Juruva; Juruviara; Lavadeira; Lecre; Lôro; Macaguá; Macucau; Macuco; Macurú; Mãe da lua; Mãe de porco; Mãe de taóca; Maguarí; (Maipuré); Maitaca; Manda-lua; Manimbé; Maquiné; Maracanã; Maracanã-guassú; Maranhão; Maria de barro; Maria branca; Maria cavaleira; Maria-já-é-dia; Maria judia; Maria mole; Maria preta; Maria rendeira; Marianinha; Mariquita; Marreca; Marrêca apaí; Marreca do Pará; Marreca peba; Marreca toucinho; Marrecão; Martim cachá; Martim grande; Martim perêrê; Martim pescador; Massarico; Massaricão; Matim perêrê; Matirão; Matraca; Manarí; Mbatara; Mede-léguas; Meia pataca; Melro; Merequem; Mergulhador; Mergulhão; Mergulhão caçador; Meuá; Miguim; (Milhafre); Miuá; Mocho; Mocho mateiro; Mocho orelhudo; Moleiro; Morocututú; Mucuripe; Mulata da cá; Murucututú; Murutucú; Músico; Mutum; Mutum cavalo; Mutum pinima; Nambú; Nandaia; Napupê; Narceja; Naufragado; Negaça; Nei-nei; Nhambú; Nhandú; Noitibó; Oitibó; Pai Agostinho; Pai Pedro; Papa-arroz; Papa-assaí; Papa-capim; Papa-capim de bico vermelho; Papa-formigas; Papa-lagarta; Papa-mosca real; Papa-ovo; Papa-pimenta; Papa-sebo; Papa-taóca; Papagaio; Papagaio de peito roxo; Pararí; Parauá-í; Pardal; Passarão; Pássaro; Passaro de fandango; Pássaro preto; Patrão; Patativa; Patinho d'água; Pato arminho; Pato do mato; Patureba; Paturí; Pavão do mato; Pavão do Pará; Pavó; Pedreiro; (Pêga); Pega pinto; Peitica; Peito roxo; Pelicano; Pequí; Perdiz; Periquito; Periquito d'anta; Periquiquá; Pernilongo; Peruinho do campo; (Peto); Pia-cobra; Piaçoca; Pica-pau; Pica-pau anão; Pica-pau branco; Pica-pau de cabeça amarela; Pica-pau do campo; Pica-peixe; Picaparra; Picassú; Pichochó; Pichororé; Picuçaroba; (Picuí); Pincha-cisco; Pinéu;

Pinguim; Pinicapau; Pintassilgo; Pinto do mato; Piom-piom; Pipira; Piranha; Piririguá; Pitangoá; Pitauá; Polícia inglesa; Pombas; Pombas amargosas; Pombas do ar; Pombas de arribação; Pombas de bando; Pombas do cabo; Pomba cascavel; (Pomba curulina); Pomba galega; Pomba legítima; Pomba pedrês; Pomba Santa Cruz; Pomba do sertão; Pomba trocaz; Pombinha das almas; Pombo anambé; Porutí; (Poterí-assú); Prebixim; Pucassú; Puxaverão; Quem-quem; Quem-te-vestiu; Quero-quero; Quilim; Quiríquirí; Quirirú; Rabilonga; Rabo de palha; Rapazinho dos velhos; Rasga mortalha; Realejo; Renchenchão; Rendeira; Ribaçã; Ripina; Rôla; Rolinha; Rouxinol; Rouxinol do campo; Sabiá; Sabiá branco; Sabiá do campo; Sabiá cica; Sabiá cocá; Sabiá coleira; Sabiá gongá; Sabiá guamú; Sabiá da lapa; Sabiá laranjeira; Sabiá piranga; Sabiá poca; Sabiá da praia; Sabiá da restinga; Sabiá-una; Sací; Saí; Saí-assú; Saíra; Sanã; Sangue de boi; Sanhá; Sanhasso; Sanhasso de fogo; Sanhasso frade; Saracura; Saracura da praia; Saracurassú; Sarangongo; Sariema; Saripoca; Saroba; Saúna; (Sauní); Saurá; Savacú; Sebastião; Sêco-fico; Sêde-sêde; Semfim; Sericora; Sericorí; Seriema; Serra-serra; Sirirí; Sirrador; Socó; Socó-boi; Socó de bico largo; Socó estudante; Socói; Socozinho; Sofrê; Soldado; Soldado do bico preto; Soví; Sucurú; Suinara; Suindara; Suirirí; Supí; Surucuá; Sururina; Tabaco-bom; Tabuiaiá; Tachã; Tachuré; Talha-mar; Tamatiá; Tamatião; Tamburupará; Tangará; Tangurú-pará; Tapema; Taperá; Taperussú; Tapicurú; Tapieira; Tapiranga; Tapucajá; Taquara; Taquirí; Tara; Tarambola; Tauatú pintado; Taiassú; Taiassúuira; Tempo-quente; Tem-tem; Tentenzinho; Teque-teque; Terê; Tesoura; Tesoura do campo; Téu-téu; Tico-tico; Tico-tico do birí; Tico-tico do campo; Tico-tico rei; Tié; Tié-sangue; Tié-fogo; Tiégalo; Tiétinga; Tiétinga de topete; Tinguassú; Tiom-tiom; Tipio; Tiriba; Tirirí; Tisio; Tobá; Tona; Toropichí; Tovaca; Tovacussú; Três potes; Trinca-ferro; Trinta réis; Triste pia; Triste vida; Trocal; Tropeiro; Trovoada; Tucano; Tucano-bóia; Tuim; Tuinim; Tuipara; Turirí; Turucué; Tuiuiú; Uacauã; Udú; (Uíra); Uirachué; Uirapassú; Uirapurú; Uiratata; Uirussú; Unicorne; Urú; Urú-mutum; Urubú; Urubú-caçador; Urubú-rei; Urubuzinho; Urutau; Vanaquia; Vedeta da praia; Velhinha; Vem-vem; Vevuia; Vinte-um pintado; Vira; Virussú; Viúva; Vôvô; Xexéu; Xexé-bauá; Xurí; Zabelê.

RÉPTEIS

Acutimbóia; Aiassá; Aiussá; Amêjua; Aperema; Arapussá; Ararambóia; Araú; Aruá; Arurá; Bacoral; Birú; Boicininga; Boicoatiara; Boicorá; (Boiobí); Boi-peva; Boipevassú; Boiquira; Boirú; Boiúna; Boiussú; Cabeça torta; Cabeçuda; Cágado; Caiçaca; Calango; Camaleão; Cangapara; Caninana; Capinima; Capitão do mato; Capitarí; (Carapopeba); Caruarú; Carumbé; Cascavel; Chupa-ovo; Coatiara; Cobra; Cobra d'água; Cobra do ar; Cobra de 2 cabeças; Cobra chupa-ovo; Cobra cipó; Cobra coral; Cobra corre-campo; Cobra corredeira; Cobra lisa; Cobra nova; Cobra papagaio; Cobra preta; Cobra-rainha; Cobra S. João; Cobra-tapete; Cobra de veado; Cobra de vidro; Coral; Corre-campo; Corredeira; Cruzeiro; Cururú-bóia; Cutimbóia; Dormideira; Gericuá; Gibóia; Ibiboca; Ibijara; Iguana; Jabotí; Jabotí aperema; Jabotí machado; Jacaré; Jacaré-assú; Jacaré corôa; Jacaré-curuá; Jacaré

curucurú; Jacaré de papo amarelo; Jacarérana; Jacaré-tinga; Jacarôa; Jacuarú; Jacuruarú; Jacuruxí; Jararaca; Jararaca do banhado; Jararaca de barriga vermelha; Jararaca verde; Jararacambeva; Jararacussú; Jararaquinha do campo; Jibóia; Jibóia vermelha; Jurara; Lagartinho; Lagartixa; Lagarto; Lagarto salvador; Licranço; Limpa campo; Limpa mato; Limpa pasto; Machado; Mãe de saúva; Maracá; Matá-matá; Mboi; Mboicininga; Mussuã; Mussurana; Osga; Ouricana; Papa-ovo; Papa-pinto; Papa-vento; Paraambóia; Parelheira; Patioba; Pepéua; Pindoba; Pitiú; Preguiça; Sacaibóia; Salamanta; Sapoquara; Senembí; Serpentes; Sinimbú; Sucurí; Suruanã; Surucucú; Surucucú do pantanal; Surucucú-rana; Surucucú-tinga; Tacuaré; Tamacuaré; Taraguira; Taraguira-peva; Tartaruga; Tartaruga da Amazônia; Tartaruga do mar; Teiú; Tejú; Tejubinha; Terauíra; Tijubina; Tracajá; Troíra; Truíra-peva; Ubijara; Ururau; Urutú; Víbora; Zé-pregos.

AMPHÍBIOS

Arú; Batráquios; Bugiguara; Cabeçote; Caçote; Cobra cega; Cunauarú; Curucucica; Cururú; Ferreiro; Gia; Gimbúia; Girino; Jururú; Mocotó; Nimbuia; Perereca; Rã; Rã-pimenta; Sapo; Sapo cunauarú; Sapo cururú; Tanoeiro; Untanha; Xué.

PEIXES

Abiquara; Abotoado; Acará-assú; Acará bandeira; Acará-peva; Acará-topete; Acarí; Agarrador; Agua-fria; Agulha; Agulhão; Agulhão bandeira; Agulhão trombeta; Agulhão de vela; Aiereba; Aimoré; Albacora; Alecrim; Alvacora; Alvacora lageira; Amboré; Amor de mulato; Anato; Anchova; Andubé; Anduiá; Anequim; Anhá; Anicauera; Aniquim; Anjo; Anojado; Anujá; Apaiarí; Apapá; Apiarí; Arabaiana; Arabebéu; Aracanguira; Aracaroba; Aracimbora; Aracorana; Aracú; Aramaçá; Araripirá; Araruá; Aratubaia; Aravarí; Areiacó; (Arenque); Ariassú; Ariocó; Arraia; Aruaná; (Atum); Avarí; Babosa; (Bacalhau); Bacú; Badejete; Badejo; Badejo-fogo; Badejo-sabão; Bagre; Bagre amarelo; Bagre ariassú; Bagre bandeira; Bagre beiçudo; Bagre caiacôco; Bagre mandim; Bagre sapo; Bagre sarí; Bagre urutú; Baiacú; Baiacú de água doce; Baiacú-ará; Baiacú de espinho; Baiacú feiticeiro; Baiacú-guima; Baiacú-mirim; Baiacú-pinima; Bandeira; Bararuá; Barbadinho; Barbado; Barbeiro; Barbudo; Barriga tim-tim; Barrigudinho; Batata; Batuqueiro; Baúna; Beijopirá; Betara; Bicuda; Bicuda de corso; Bijú-pirá; Biquara; Birú; Bituva; Bóbó; Bôca de colhér; Bôca mole; Bôca torta; Bocarra; Bodeco; Bodião; (Bodó); (Boga); Boi-de-guará; Bom-nome; Bonito; Borboleta; Borô; Bororó; Botoado; Bozó; Bragado; Branquinho; Brecumbucú; Brejereba; Brota; Buara; Budião; Bureva; Burriquete; Cabeça de côco; Cabeça de ferro; Cabeçudo; Caborge; Cabrinha; Cação; Cação anjo; Cação bagre; Cação do fundo; Cação-lixa; Cação panã; Cação perú; Cachorrinho; Caiacôco; Caiacú; Caicanha; Caiçara; Caico; Calafate; Calango; Camarupim; Cambeva; Camboatá; Cambuba; Cambucú; Camorim; Campineiro; Camuripí; Camuripeba; Camuripema; Candirú; Candirú de cavalo; Canganguá; Cangatã; Cangatí; Cangoá; Cangoropeba; Canguira; Cangulo; Cangurupí; Canivete; Canjurupí; Caparari;

Campineiro; Capiúna; Cará; Carainha; Caramurú; Caranha; Carapá; Carapau; Carapeba; Carapeba listada; Carapiassabá; Cárapicú; Carapitanga; Carapó; Carataí; Caratinga; Carauassú; Caraúna; Carcanha; (Cardóza); Carí; Carimbamba; Cascudo; Castanheta; Castanhola; Catita; Catraio; Cavaco; Cavala branca; Cavala do reino; Cavala verdadeira; Cavalo marinho; Ceguinho; Chancarona; Changó; Chapéu armado; Charéu; Charol; Charuto; Cherelete; Cherne; Cherne vermelho; Chibante; Chicharro; Chimburé; Chimburetinga; Chiova; Chorão; Choró; Chorolambre; Choupa; Chumberga; Chupita; Cioba; Cioquira; Coió; Comboeiro; Comedia; Coratí; Corcoroca; Corcoroca-mulata; Corimbatá; Cornuda; Coró; Corocoroca; Corró; Corumbatá; Corumbeba; Corvina; Corvina d'água doce; Crumatá; Cruvina; Cuiú-cuiú; Cumbaca; Cundunda; Curimã; Curimaí; Curimatã; Curuaca; Curupetê; Cururuca; Dentão; Diabo marinho; Dirirí; Dorminhoco; Dourada; Dourado; Embetara; Emboré; Enchó; Enchova; Enguia; Enxada; Ervacora; Escrivão; Esfalfado; Espada; Espadarte; Esqualo; Fataça; Fava; Ferreirinha; Fidalgo; Filhote; Florete; Fogueira; Folha de mangue; Frade; Framingueta; Galhuda; Galo; Galo bandeira; Garaçapé; Garapuba; Garapau; Garassuma; Garaximbola; Gargaú; Garoupa; Garoupa gato; Garoupa São Tomé; Garrião; Gato; Gerupoca; Gijú; Goete; Goirana; Gonquito; Gordinho; Graçaim; Graçapé; Grumatã; Guacarí; Guacarí-guassú; Guacucuia; Guaibica; Guaibira; Guaiúba; Guajuvira; (Guará); Guaraçapé; Guaracema; Guaracimbora; Guaracorana; Guarajuba; Guaramba; Guarassú; Guarassuma; Guaravira; Guaricema; Guaruba; Guarú-guarú; Gudião; Gudunho; Gueba; Guebussú; Guensa; Guete; Gurí; Guribú; Guricema; Gurijuba; Icanga; Iricca; Iritinga; Ituí; Ituí cavalo; Iuiú; Jabiretê; Jabú; Jacundá; Jaguaressá; Jamanta; Jandiá; Jaraquí; Jatuarana; Jaú; Janarana; Jejú; Jeraquí; Joaninha; Judeu; Jundiá; Jurupensem; Jurupoca; Jutubarana; Juva; Lagarto do mar; Lambarí; (Liça); Linguado; Linguado-lixa; Loango; Macaco; Macassé; Mãe de anhã; Maiulira; Mamaiacú; Mamarreis; Mandibé; Mandí; Mandí-chorão; Mandí-guassú; Mandí-juba; Mandubé; Mangangá; Mangarocira; Mangonga; Manguriú; Manjuba; Manjubão; Mapará; Maria guensa; Maria mole; Maria nagô; Maria da Serra; Maria da toca; Marimbá; Mariquita; Massambé; Matrinchã; Matupirí; (Maturaque); Mercador; Mero; Michole; Mira; Miraguaia; Mirocaia; Miroró; Morcego; Moreia; Moreiatim; Morerê; Morobá; Mororó; Motôro; (Mugem); Mulata; Mulato velho; Murucaia; Mussum; Mussurungo; Mututuca; (Narinari); Negra mina; Negra velha; Namorado; Nhacundá; (Nhandiá); Niquim; Niquim de pedra; Obarana; Obeba; Olhete; Olhete bacamarte; Olho de boi; Olho de cão; Olho de vidro; Oveva; Pacamão; Pacú; Palmito; Palometa; Pampano; Pamplo; Pampo de cabeça mole; Papa-boba; Papa-isca; Papa-morcego; Papa-terra; Papagaio; Papista; Parambejú; Paratí; Paratí barbado; Paratibú; Paratiguera; Parauamboja; Pargo; Parnaguaiú; Parú; Parú da pedra; Parumbeba; Pata; Pataca; Pataquera; Patureba; Pegador; Peixes; Peixe agulha; Peixe anjo; Peixe cachorro; Peixe cadela; Peixe cana; Peixe congo; Peixe de enxurrada; Peixe espada; Peixe-flor; Peixe folha; Peixe frade; Peixe frito; Peixe galo; Peixe gato; Peixe lenha; Peixe lua; Peixe martelo; Peixe do mato; Peixe moela; Peixe morcego; Peixe pedra; Peixe pena; Peixe piolho; Peixe porco; Peixe rei; Peixe roda; Peixe sapo; Peixe serra; Peixe voador; Pema; Perambeba; Pernaguaiú; Pescada; Pescada ticupá; Pescadinha do

reino; Petimbuaba; Piá-cururú; Piaba; Piabanha; Piabussú; Piapara; Piáu; Piava; Piavuna; Pichunchú; Pilôto; Pintado; Piquira; Piquirão; Pirá; Pirá-andira; Pirá-bandeira; Pirá-bijú; Pirá-caá; Pirá-cururú; Pirá-cururuca; Pirá-pucú; Pirá-tamanduá; Pirá-tapioca; Piraaca; (Pirabebe); Piraba; Piracaá; Piracambucú; Piracanjuba; Piracanjuvira; Piracatinga; Piraciririca; Piragica; Piraguaxiara; Piraíba; (Pirajuba); Pirajuba; Pirambeba; Pirambóia; Pirambú; (Pirambucú); Pirametara; Piramutaba; Piranambú; Piranema; Piranha; Pirapema; Pirapeuáua; Pirapitinga; Pirapucú; Piraputanga; (Pirara); Pirarara; Piraroba; Piraracú; Pirarucúbóia; Piratinga; Pirauaca; Piraúna; Pirazumbí; Pirucaia; Pititinga; Pixundú; Poraquê; Pratibú; Pratiquera; Prejereba; Primituma; (Punarú); Quatro-olhos; Quidunde; Rabeca; Raia; Raia-amarela; Raia-chita; Raia-cocal; Raia elétrica; Raia-licha; Raia manteiga; Raia migona; Raia pintada; Raia prego; Raia santa; Raia sapo; Rêmora; Robafo; Robalo; Rodovalho; Rodoleira; Roncador; Rubafo; Sabão; Saburú; Saguá; Saguirú; Saicanga; Saijé; Saipé; Salema; Salema feiticeira; Salmonete; Samba-caçote; Sambetara; Sambuio; Sanhoá; Sapé; Sapipoca; Sapopema; Sapuruna; Saranha; Sarapó; Sarda; Sardinha; Sardinha d'água doce; Sardinha cascuda; Sardinha gato; Sargento; Sargo; Sargo de beiço; Sarro; Sassupemba; Saúna; Savelha; Sebastião; Senhor do engenho; Serigado; Sernambiguara; Serra; Serra-garoupa; Sete-barbas; Sicurí; Sioba; Sofia; Sôlha; Solteira; Sororoca; Sorubim; Surubim; Tabarana; Taguara; Taiabucú; Tainha; Tainhota; Taijacica; Tapipucú; Tambaquí; Tambicú; Tambiú; Tambó; Tamboatá; Tamatá; Tanajuba; Tanchina; Tandujú; Taôca; Tapa; Tapiara; Taraíra; Tarangalho; Tarapitinga; Tariota; Tauôca; Tibiro; Ticonha; Timbiro; Timboré; Timbucú; Timucú; Tintureira; Tiravira; Tororó; Traíra; Trairabóia; Traírão; Traitinga; Tralhoto; Treme-treme; Trisqueira; Trombeta; Tubarana; Tubarão; Tucunaré; Tuvira; Uacarí; Ubarana; Ubarí; Ubeba; Urí; Uribaco; Urubaiana; Vacú; Vermelho; Viola; Voador; (Voga); Vovó; Xangó; Xira; Xuê.

ECHINODERMOS

Bolacha; Corrupio do mar; Estrela do mar; Pindá; Pindá-preto; Pindá-una.

MOLLUSCOS

Amêija; Amêijoa; Amêijoa branca; Apeguava; Aruá; Aruá do mato; Atapú; Bacucú; Baquiquí; Berbigão; Betú; Búzio; Calamar; Calorim; Capiranga; Caracol; Caramujo; Caramujo do café; Caramujo do mato; Catasol; Chave; Chôco; Combé; Concha; Corondó; Cú de galinha; Cumbé; Fuá; Guatapí; Gurerí; Itã; Itapiranga; Itapú; Japuruchita; Lapa; Leque; Lesma; Linguarudo; Lula; Marisco; Mexilhão; Mexilhão das pedras; Mija-mija; Moluscos; Muçarete; Ostra; Pavacaré; Peguaba; Perigoarí; Periguarí; Polvo; Praguarí; Pregoarí; Rosquinha; Sacuritá; Samanguaiá; (Sambá); Sapinhaguá; Sarnambí; Sarro de pito; Sernambí; Sernambitinga; Siba; Simongoiá; Sururú; Sururú de Alagôas; Tamatí; Tampafoli; Tapussú; Tarioba; Tintureiro das pedras; Uatapú; Unha de velha; Uruá; Vapuassú; Vatapú.

INSECTOS

Abelha; Abelha de cachorro; Abelha mirim; Abelha mosquito; Abelha mulata; Abelha do reino; Abelhas sociais indígenas; Abreu; Aleluia; Amanassaia; Ambira; Apiacá; Aramá; Aramandaia; Arapuá; Arlequim; Barata; Barata d'água; Barata de coqueiros; Barata do mato; Barbeiro; Barra-fogo; Beatinha; Beijú-caba; Bembé; Bendito; Bererê; Berne; Berro; Beruanha; Bezouro; Bezouro d'água; Bicha cadela; Bicheira; Bicho de cesto; Bicho de côco; Bicho colorado; Bicho de frutas; Bicho gordo; Bicho de parede; Bicho-pau; Bicho do pé; Bicho da seda; Bicho da taquara; Bijuí; Bijurí; Biriguí; Bironha; Birú; Bôca de barro; Bôca de sapo; Bôca torta; Bojuí; Borá; Borá-boi; Borboleta; Borboleta do bando; Borrachudo; Bota-mesa; Broca; Broca do café; Broca da raiz do algodoeiro; Bruxa; Bruxa-beija-flor; Burrico; Burrinho; Butuca; Caba; Caba caçadeira; Caba camaleão; Caba cega; Caba de ladrão; Caba mirim; Caba mutuca; Caba de peixe; Caba piranga; Caba tatú; Cabatã; Cabeça de prego; Cabeçote; Caboclo; Cabo-verde; Cabucú; Caçarema; Caçarema grande; Cacheta; Cachorro da areia; Cafife; Caga-fogo; Caixa de morimbondo; Cambito; Camuengo; (Camutanga); Canguaxí; Cantárida; Canudo; Capuxú; Carapanã; Carapanã-ôra; Carapanã-pinima; Carmim; Carneiro; Carocha; Caruara; Caruncho; Caruncho do café; Cascudo; Cassununga; Catingueiro; Catuquim; Caturra; Cavalinho de judeu; Cavalo de cão; Cavapita; Cazuza; Chato; Chupador; Chupança; Chupança do cacau; Cigana; Cigarra; Cigarra do cafezal; Cigarrinhas; Cipó-sêco; Coccideos; Cochonilha; Coró; Correição; Cortadeira; Cotunga; Craúçanga; Cuiabana; Cupim; Cupira; Curubixá; Curuquerê; Cuxuíra; (Donzelo); Eclipse; Efemérida; Enchú; Enchú da beira do telhado; Enchuí; Enrola-cabelo; Eratí; Escaravelho; Escumana; Esperança; Filoxera; Fincão; Fogo selvagem; Formiga; Formiga assucareira; Formiga de aza; Formiga de bode; (Formiga branca); Formiga chiadeira; Formiga correição; Formiga cortadeira; Formiga de defunto; Formiga doida; Formiga feiticeira; Formiga de fogo; Formiga de mandioca; Formiga mineira; Formiga mole; Formiga de novato; Formiga de rabo; Formiga raspa; Formiga de roça; Formiga tapii; Forreca; Frade; Frecheira; Frigamídeos; Gafanhotão; Gafanhoto; Gafanhoto da praga; Gervão; Giquitaia; Gorgulho; Grilo; Grumixá; Guajúguajú; Guarupú; Guarupú do miúdo; Guaxupé; Guirussú; Içá; Imerí; Inchú; Inhatium; Insetos; Ipú; Irá-mirim; Irapuã; Iraxim; Irina; Irussú; Jandaíra; Jequirana-bóia; Jataí; Jataí-mosquito; Jataí da terra; Jateum; Jatí; Jejá; Jequitiranabóia; Joaninha; João torresmo; Lacrainha; Lagarta; Lagarta-aranha; Lagarta de fogo; Lagarta do milharal; Lagarta pêlo de veado; Lagarta rosada; Lambe olhos; Lamborina; Lava bunda; Lava-pés; Lavandeira; Lecheguana; Lendea; Lepisma; Lesma do coqueiro; Libélulas; Limão; (Lorigicórneos); Louva-Deus; Macaco; Mãe de sol; Malacara; Mamangaba; Mandaguarí; Mandassaia; Mandassáia do chão; Mandorová; Mandurim; Mané-magro; Mangagá; Mangangá; Manhuara; Maniuara; Manuel de Abreu; Manuel-magro; Marandová; Maria conga; Maribondo; Mariçoca; Mariguí; Marimbondo; Marimbondo-caçador; Marimbondo de chapéu; Marimbondo mangangá; Mariposa; Mariposa-beija-flor; Mariposa do café; Maruim; Medepalmos; Mel de anta; Mel de cachorro; Mel de pau; Mergulhão; Meruanha; Meruim; Mineira; Mirim; Mirim preguiça; Mirim rendeira; Miruim; Moça branca; Moleque; Mombuca; Mondorí;

Moriçoca; Morilhão; Morotó; Morupeteca; Mosca; Mosca do bagaço; Mosca do mediterrâneo; Mosca vareja; Moscardo; Mosquito; Mosquito agulha; Mosquito berne; Mosquito do mangue; Mosquito palha; Mosquito pólvora; Mosquito prego; Motuca; Micuim; Mumbuca; Muquirana; Muriçoca; Muruanha; Muruim; Murupeteca; Mutuca; Mutuca marijoana; Mutuca maringá; Neném de galinha; Novato; Oitenta e oito; Olho de sol; Oncinha; Pai de mel; Panã-panã; Pão de galinha; Papílio; Paquinha; Paraguaia; Pé de pau; Pechelingue; Penambí; Percevejo; Percevejo das camas; Percevejo do comércio; Percevejo gaudério; Percevejo das plantas; Perereca; Pernilongo; Piapé; Pichichica; Pimenta; Piolhinho dos ninhos; Piolho; Piolho das aves; Piolho ladro; Piolho de onça; Piolho dos vegetais; Pirilampo; Pito; Piúm; Podador; Põe-mesa; Polia; Pólvora; Potó; Praga; Praga do besouro; Praga de gafanhoto; Procotó; Promotor; Pulga; Pulga d'anta; Pulgão da macieira; Pulgões; Punilha; Queima; Quem-quem; Quirana; (Rapelho); Rôla; Rôsca; Sabitú; Saburá; Saca-saia; Salta-martim; Saltão; Samborá; Samóra; Sanharão; Saracutinga; Sarará; Sararaú; Sará-sará; Sará-sará amarelo; (Saúdes); Sauí; Saúva; Sêca; Serra-pau; Sete-portas; Sililuia; Siriruia; Sissuíra; Soldado; Sovela; Sussuarana; Tachí; Tacibura; Tacipitanga; Tacuíra; Tacurú; Taipeira; Tamajuá; Tanagura; Tananá; Taóca; Tapa-guela; Tapecuim; Tapiaí; Tapiocaba; Tapitinga; Tapirú; Tapissuá; Tapiú; Tapiúa; Tapí; Tapurú; Taquarinha; Taracuá; Tarapema; Tataíra; Tatorana; Tatucaba; Tatuquira; Tavão; (Taxí); Tesoura; Teúba; Ticura; Tirambóia; Tocandira; Toca-viola; Torce-cabelo; Torresmo; Toupeirinha; Traça; Traça dos livros; Traçanga; Tracuá; Tracutinga; Treme-treme; Trepa-moleque; Três portas; Tubí; Tubiba; Tubuna; Tucura; Tucurunda; Tujuba; Tujuvinha; Tujú-mirim; Uauá; Ura; Urussú; Vagalume; Vamos-embora; Vaqueiro; Vaquinha; Vareja; Veiera; Vermelho do cafeeiro; Vespa; Vespa caçadora; Vespa-tatú; Vespa de Uganda; Vespão; Visita; Vitú; Voador; Vorá; Zangão.

MYRIAPODES

Amboá; Bicho de ouvido; Caramugí; Centopéia; Embuá; Gongólo; Grongo; (Japuruca); Jacraia; Lacrau; Miriápodes; Piolho de cobra; Rabo de tezoura.

ARACHNOIDES

Ácaro; Aranha; Baba de boi; Carangonço; Caranguejeira; Carraça; Carrapato; Carrapato do boi; Carrapato do chão; Carrapato-estrela; Carrapato das galinhas; Carrapato do passarinho; Carrapato pólvora; Carrapato vermelho do chão; Cravo; Escorpião; Japeuçá; Macacaiandú; Meio chumbo; Meirinho; Micuim; Nhandú; Ricaço; Pira; Rabo-torto; Sarna; Timicuí.

CRUSTACEOS

Anajá; Aranha do mar; Aratanha; Aratú; Aviú; Baratinha; Baú; Bicho de conta; Camarão; Camarão d'água doce; Candeia; Caraca; Carangueijo; Caranguejo do rio; (Carraça); Carrapato do peixe; Chama-maré; Ciecié; Cigarra; Craca; Cutipaca; Espia-maré;

Goiá; Goiá-una; Goiamú; Goré; Grauçá; Guaiá; Guaiá das pedras; Guaiamú; Guaiaúna; Guarussá; Lagosta; Lagosta de água doce; Lagosta gafanhoto; Lagostim; Maracuaim; Maria farinha; Marinheiro; Pata-choca; (Perceves); Papa-breu; Pitigaia; Pitinga; Pitú; Potí; Potimirim; Potitinga; Potiúna; Puã; Saltão da práia; Santola; Sarara; Sirí; Sirí da areia; Sirí-açú; Sirí baú; Sirí-candeia; Sirí-chita; Sirí-goia; Sirí do mangue; Sirí-mirim; Sirí mole; Sirí-patola; Sirí-puá; Tamarutaca; Tamburutaca; Tatuí; Tatuzinho; Tesoura; Turú; Uçá.

VERMES

Bichos; Cangica; Chamichunga; Cobra de cabelo; Combé; Forquilha; Minhoca; Minhoca louca; Minhocaussú; Pipoca; Sambichuca; Samixunga; Sangue-suga; Tunga; (Zunga).

CELENTÉREOS

Água-viva; Alforreca; Anêmona; Cachimbo; Cansanção; Caravela; Chora-vinagre; Cogumelo do mar; Coral; Flor das pedras; Mãe-Joana; Medusa; Orelha de macaco; Ponon; Urtiga do mar.

SPONGIÁRIOS

Cauichí; Esponja; Paracutaca.

PROTOZOÁRIOS

Ardentia; Buxiquí; Fosforescência; Muciquí; Protozoários.

—o—